

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

EVERTON DE OLIVEIRA MARALDI

***Metamorfoses do espírito: usos e sentidos das
crenças e experiências paranormais na construção
da identidade de médiuns espíritas***

**São Paulo
2011**

EVERTON DE OLIVEIRA MARALDI

***Metamorfoses do espírito: usos e sentidos das
crenças e experiências paranormais na construção
da identidade de médiuns espíritas***

**Dissertação apresentada ao Instituto
de Psicologia da Universidade de São
Paulo como parte dos requisitos para
obtenção do grau de Mestre em
Psicologia.**

**Área de concentração:
Psicologia Social**

**Orientador:
Prof. Dr. Wellington Zangari**

**São Paulo
2011**

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Maraldi, Everton de Oliveira.

Metamorfoses do espírito: usos e sentidos das crenças e experiências paranormais na construção da identidade de médiuns espíritas / Everton de Oliveira Maraldi; orientador Wellington Zangari. – São Paulo, 2011.

454 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Identidade 2. Espiritismo 3. Paranormais 4. Psicologia social
I. Título.

BF698



Universidade de São Paulo

Janus

RELATÓRIO DE DEFESA

Aluno: 47134 - 6680696 - 1 / Página 1 de 1

Relatório de defesa pública da Dissertação do(a) Senhor(a) Everton de Oliveira Maraldi no Programa: Psicologia Social, do(a) Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Aos 27 dias do mês de janeiro de 2011, no(a) realizou-se a Defesa da Dissertação do(a) Senhor(a) Everton de Oliveira Maraldi, apresentada para a obtenção do título de Mestre intitulada:

"Metamorfoses do espírito: usos e sentidos das crenças e experiências paranormais na construção da identidade de médium espíritos"

Após declarada aberta a sessão, o(a) Sr(a) Presidente passa a palavra ao candidato para exposição e a seguir aos examinadores para as devidas arguições que se desenvolvem nos termos regimentais. Em seguida, a Comissão Julgadora proclama o resultado:

Nome dos Participantes da Banca	Função	Sigla da CPG	Resultado
Wellington Zangari	Presidente	IP - USP	<i>Aprovado</i>
Geraldo José de Paiva	Titular	IP - USP	<i>Aprovado</i>
Fátima Regina Machado	Titular	PUC-SP - Exterio	<i>Aprovado</i>

Resultado Final: Aprovado

Parecer da Comissão Julgadora *

A comissão julgadora considerou o trabalho do candidato nível e a qualidade de sua apresentação em forma de livro e artigos.

Eu, Wellington Zangari, lavrei a presente ata, que assino juntamente com os(as) Senhores(as), São Paulo, aos 27 dias do mês de janeiro de 2011.

Geraldo José de Paiva

Fátima Regina Machado

Wellington Zangari
Presidente da Comissão Julgadora

* Obs: Se o candidato for reprovado por algum dos membros, o preenchimento do parecer é obrigatório.

A defesa foi homologada pela Comissão de Pós-Graduação em 31.01.2011 e, portanto, o(a) aluno(a) faz jus ao título de Mestre em Ciências obtido no Programa Psicologia Social.

Presidente da Comissão de Pós-Graduação



*A Alaercio Benedito Maraldi, meu pai
(in memoriam)*

*A Maria de Fátima Fernandes, com amor e gratidão,
por sua compreensão, carinho, presença e incansável apoio
ao longo do período de elaboração deste trabalho.*

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Wellington Zangari, orientador e amigo, pela imensa acolhida e encorajamento, e pela ajuda providencial durante toda a realização deste trabalho.

A Profa. Dra. Fátima Regina Machado, pelo apoio e pelo interesse e gentileza em contribuir e opinar.

Aos Profs. Drs. Geraldo José de Paiva e Antonio da Costa Ciampa pelos importantes comentários e sugestões feitos no Exame de Qualificação desta dissertação.

Ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Brasil) pela bolsa concedida para a realização da pesquisa de mestrado.

Às secretárias do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Nalva e Cecília, pela disponibilidade e atenção.

A todos os queridos amigos do Inter Psi USP, com quem tenho a honra e a alegria de compartilhar os desafios da pesquisa em Psicologia Anomalística.

Ao Prof. Dr. Carlos Alvarado, pelas importantes sugestões de pesquisa e pelo envio de material relevante ao estudo.

A todos os onze participantes desta pesquisa, sou imensamente grato pela gentileza, paciência e espírito de ajuda. Sem a sua colaboração, este trabalho não seria possível.

Aos dirigentes das duas casas espíritas, Centro Espírita Paschoal Tróvelle e Centro Espírita Ismael, pela receptividade e auxílio prestados.

Ao meu grande amigo Gustavo Henrique da Purificação, o “Barcamor”, pela indicação dos centros espíritas.

Ao colega Vitor Moura, pela gentil troca de informações e material para a pesquisa.

A minha família: minha mãezinha Denise, Henrique, Fabio, Renato e Josi. A todos agradeço pelo incentivo e pelo enorme carinho.

E, finalmente, a Maria de Fátima Fernandes, meu amor, a quem sou especialmente grato pela presença iluminada em minha vida, pelo carinho, paciência e pela enorme colaboração em diversos momentos desta dissertação.

RESUMO

Este estudo investiga os usos e sentidos das crenças e experiências paranormais na construção da identidade de médiuns espíritas por meio de pesquisa qualitativa História de vida (entrevista), aliada à coleta de material etnográfico / observacional. O estudo teve como bases o modelo proposto por Ciampa (1987) para o estudo da identidade e as categorias de análise desenvolvidas em um estudo exploratório prévio realizado pelo autor (Maraldi, 2008). Os dados para a pesquisa foram coletados de (11) sujeitos, acima de 18 anos, que têm significativa relação pessoal e grupal com crenças e práticas mediúnicas semanais em dois centros espíritas da cidade de São Paulo. A partir da análise do material coletado chegou-se a três usos fundamentais da mediunidade na formação da identidade: 1) a mediunidade como projeto de vida; 2) a mediunidade como ocultação e revelação e 3) a mediunidade como ideologia. Foram explorados ainda aspectos fenomenológicos como o início das manifestações mediúnicas, tipos de experiência, estado de consciência durante as atividades no centro e conteúdo das experiências. Defende-se um modelo de retroalimentação (feedback) para as relações entre crença e experiência. São levantadas interpretações sobre aspectos afetivos e inconscientes envolvidos nos relatos, bem como sobre o papel do grupo na construção das experiências. Destaca-se a importância do estudo das experiências anômalas para o campo da Psicologia Social e para uma compreensão mais alargada das transformações identitárias.

Palavras-chave: identidade, espiritismo, paranormais, psicologia social.

ABSTRACT

This study investigates the uses and meanings of paranormal beliefs and experiences in the construction of spiritist mediums identity by means of qualitative research approach *life history* (interview), in addition to the collection of ethnographic material. The study was based on the model proposed by Ciampa (1987) and considered the categories of analysis developed in a previous exploratory study conducted by the author (Maraldi, 2008), using the same theoretical framework. Data for the study were collected from (11) subjects, aged over 18, who have significant relationship with practices involving elements of paranormal belief, such as mediumship, in two spiritist centers of Sao Paulo. From the analysis of the collected material was reached three fundamental uses of mediumship in the formation of identity: 1) mediumship as a life project, 2) mediumship as a way to veil or unveil identity and 3) mediumship as ideology. Besides these categories, were explored phenomenological aspects such as: the beginning of mediumship, the types of experience, state of consciousness during the activity and content of experiences. The author advocates a model of feedback for the relationship between belief and experience and raise interpretations concerning affective and unconscious aspects involved in the mediums reports, as well as on the group's influence in the construction of experiences. The author concludes pointing out possible limitations of the research, its future developments and the importance of such matters to the field of social psychology.

Keywords: identity, spiritism, paranormal, social psychology.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Estrutura geral da dissertação	43
Quadro 2 – Os tipos de sintomas psicológicos e seus níveis de profundidade	124
Quadro 3 – Alguns dos principais dados dos participantes	204
Quadro 4 – Principais tipos de mediunidade relatados pelos participantes	227
Quadros 5 e 6 – Tempo de atividade dos participantes nos centros espíritas	230
Quadro 7 – Adesões religiosas anteriores (ou complementares) ao Espiritismo	300
Quadro 8 – Padrões de relacionamento dos médiuns com as figuras parentais	307
Quadro 9 – Temáticas relacionadas à morte e os respectivos sentimentos suscitados nos participantes	339
Quadro 10 – Postura do cômputo quanto à adesão religiosa dos participantes	393

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Formas de automatismo total, da mais rudimentar a mais complexa.....	123
Figura 2 – Os diferentes âmbitos de análise abrangidos na avaliação dos dados.....	216
Figura 3 – Pinturas mediúnicas.....	240
Figura 4 – Retrato mediúnico de uma das freiras que acompanhariam I.Z.....	243
Figura 5 – “Atmosfera” das sessões espíritas.....	255
Figura 6 – Desenho de I.Z retratando uma visão que teve pela manhã.....	259
Figuras 7, 8, 9 e 10 – Desenhos automáticos de I.Z.....	269
Figuras 11 e 12 – Exemplos de desenhos automáticos.....	270
Figuras 13 e 14 – Desenhos mediúnicos de V.....	270
Figura 15 – Philip.....	270
Figura 15b – Etapas gerais da psicogênese dos espíritos.....	280
Figura 16 – Dimensões (ou níveis) de análise dos dados.....	285
Figura 17 – Modalidades e perspectivas temporais da resignificação.....	325
Figura 18 – Modelo explicativo preliminar das relações entre auto-estima/autoconceito, fenômenos dissociativos e crença paranormal na pintura mediúnica.....	351
Figuras 19 e 20 – Trabalhos “não mediúnicos” de I.Z.....	353
Figuras 21 e 22 – Desenhos mediúnicos de I.Z.....	354
Figuras 23 e 24 – Desenhos mediúnicos de I.Z.....	355
Figura 25 – O “útero” de I.Z.....	356
Figuras 26 e 27 – Notas musicais.....	357
Figuras 28 e 29 – Damas antigas.....	359
Figura 30 – Desenho mediúnico de S.....	368
Figuras 31 e 32 – Exemplos de formas circulares nos desenhos de S.....	368
Figura 33 – Desenho mediúnico de S. com sobreposição de formas circulares e quadriláteras.....	370
Figura 34 – A “borboleta”.....	371
Figura 35 – A dimensão vertical e horizontal da identidade na sessão mediúnica	372

SUMÁRIO

Apresentação	12
Histórico pessoal do problema	13
Definição do campo e do objeto de estudo	18
Questão da pesquisa e justificativa.....	30
Objetivos da pesquisa	42
Estrutura geral da dissertação	43
 Parte Um – Revisão da Literatura	 46
1 Uma Introdução Crítica à Psicologia das Crenças Paranormais	47
1.1 Aspectos sócio-culturais da crença paranormal	51
1.2 Variáveis cognitivas e funções psicodinâmicas da crença paranormal	62
1.2.1 <i>Testes e medidas de inteligência</i>	63
1.2.2 <i>Psicopatologia</i>	66
1.2.3 <i>Atribuição de causalidade</i>	71
1.2.4 <i>Fatores emocionais e processos inconscientes</i>	73
1.2.5 <i>Educação científica</i>	76
1.2.6 <i>Traumas de infância</i>	80
1.3 Conclusão	82
 2 Mediunidade: Perspectivas Sócio-históricas e Religiosas	 86
2.1 O advento do Espiritualismo moderno e do Espiritismo	89
2.2 A trajetória inicial do Espiritismo no Brasil	98
2.3 A mediunidade segundo o Espiritismo	105
 3 Mediunidade e Psicologia	 116
3.1 Os pioneiros da pesquisa sobre a mediunidade	120
3.1.1 <i>Pierre Janet</i>	121
3.1.2 <i>Frederic Myers</i>	128
3.1.3 <i>William James</i>	133
3.1.4 <i>Théodore Flournoy</i>	137
3.1.5 <i>Carl Jung</i>	146
3.2 Perspectivas atuais: do intrapsíquico ao psicossocial	152
3.3 Conclusão	162
 Parte Dois – Referencial Teórico e Método	 163
4 Identidade	164
4.1 Ciampa: a identidade como metamorfose	171
4.2 Habermas: socialização e desenvolvimento identitário	181
4.3 Identidade religiosa: contribuições da Psicologia da Religião	191
4.3.1 <i>Sundén: uma teoria dos papéis religiosos</i>	193
4.4 Conclusão	197

5 Método	198
5.1 Descrição dos participantes e critérios de recrutamento	199
5.2 Coleta de dados	203
5.3 Material	207
5.4 Considerações éticas	208
5.5 Centro Espírita Ismael: histórico e principais atividades	209
5.6 Centro Espírita Paschoal Tróvelle: histórico e principais atividades	212
5.7 Procedimentos de análise dos dados	214
Parte três – Resultados, Análises e Conclusão	219
6 Aspectos fenomenológicos das Experiências Mediúnicas	220
6.1 A “descoberta” da mediunidade	221
6.2 O desenvolvimento mediúnico	230
6.3 A sessão espírita	246
6.4 A psicogênese dos espíritos	265
6.5 Conclusão	282
7 A Mediunidade como Projeto de Vida	284
7.1 A conversão ao Espiritismo	297
7.2 A função mítica	313
7.3 A grande ausência	334
8 A Mediunidade como Ocultação e Revelação	342
8.1 A segunda escola	346
8.2 O “pronto atendimento”	360
8.3 Os mecanismos de reposição institucional	371
8.4 Conclusão	384
9 A Mediunidade como Ideologia	385
9.1 A memória da perseguição	386
9.2 O padre, o preto velho e o pastor	395
9.3 Um psicólogo no centro espírita	405
10 Conclusão	419
Referências	430
Apêndices (CD-ROM)	454

Apresentação

Histórico Pessoal do Problema

O que se espera de uma dissertação de mestrado? Essa é uma das perguntas que me fiz anteriormente e durante o processo de confecção destas páginas. Muitas são as respostas imagináveis a essa indagação, cada qual com seus erros e acertos. Talvez se diga, por exemplo, que uma boa dissertação pressupõe exposição lógica e reflexiva coerentes, pelas quais se consiga avaliar o nível de argumentação, interpretação e julgamento pessoal do autor sobre determinado tema de seu interesse e investigação. Espera-se de mim, provavelmente, que eu seja capaz de me colocar como sujeito crítico, de pensar e avaliar, tanto quanto possível, o próprio curso de meu raciocínio enquanto me dedico à atividade científica de elaborar um projeto de pesquisa e colocá-lo em prática. Eu poderia fazê-lo ponderando cada passo cuidadosamente, ou poderia, quiçá, negligenciar aspectos importantes desse processo; daí a enorme relevância atribuída ao papel do orientador no direcionamento da pesquisa, na diminuição de possíveis expectativas infundadas do orientando, no estímulo às suas boas propostas e intervenções.

Todavia, mesmo tendo em vista tais requisitos, encontro-me suficientemente acautelado quanto ao fato de que produzir conhecimento científico não é atividade que se possa aprender e amadurecer tão rapidamente ou de forma tão certa e inequívoca quanto nos quer convencer a visão mágica dos filmes de ficção científica, ou da mídia, de uma maneira geral. Há pesquisadores que passam sua vida inteira realizando estudos científicos, perscrutando os meandros e dificuldades que envolvem, não raras vezes, o trabalho de pesquisa acadêmica, e os quais chegam à sua velhice, certos de que ainda há muito mais a ser conquistado e aprendido. Suas certezas talvez sejam poucas e suas convicções menores do que quando se iniciaram nessa trajetória. Mas estão, certamente, mais atentos quanto aos eventuais obstáculos que caracterizam esse tipo de trabalho, além de mais aptos a julgar seu próprio percurso argumentativo na medida em que desenvolvem uma compreensão mais acurada do fazer científico, em que diminuem a ‘onipotência’ costumeira aos iniciantes – ainda um tanto desorientados quanto aos limites entre o possível e o inatingível – e na medida também em que reconhecem – provavelmente mais do que antes – o quanto a ciência representa, em última instância, um empreendimento humano, e não uma verdade transcendente que se nos impõe de modo absoluto.

Trata-se de um empreendimento humano de espantosas proporções, diga-se de passagem, mas não menos fadado aos equívocos de nossa própria espécie, às ilusões e limitações de

nosso pensamento (ainda que este se apresente, por vezes, de uma magnitude impressionante) e às condições sociais, econômicas e políticas em que nos encontramos imersos, sempre passíveis de afetar ideologicamente o conhecimento tal como formalizado em termos científicos (sem considerar ainda, evidentemente, as condições específicas de vida de um dado cientista; as constantes intromissões do sujeito ‘psicanalítico’ sobre o sujeito epistemológico). O fazer científico deve envolver uma consideração cuidadosa de cada um desses elementos, mas nunca estamos totalmente isentos de suas influências, sobretudo, quando damos ainda os primeiros passos. Dito isso, quase é desnecessário afirmar que me encontro, até o presente momento, entre os ‘iniciantes’, e considero esta dissertação um exercício aos meus primeiros vôos, o qual, não obstante, devo assumir com comprometimento e dedicação, na difícil tarefa acadêmico-científica de conciliar criatividade e disciplina, teoria e prática. Espero ser relativamente bem sucedido nas linhas que se seguem.

Mas antes de dar prosseguimento, eu não poderia deixar de esclarecer minhas razões quanto à escolha que fiz de um tema ao mesmo tempo tão controverso e curioso quanto o das experiências paranormais, tema periférico, eu diria, em relação aos assuntos convencionalmente aceitos dentro da Psicologia. Se desejo tornar claro o meu raciocínio, preciso viabilizar as condições para o entendimento daqueles fatores pessoais que desencadearam minha escolha por esse e não outro assunto, o porquê de ele ser tão significativo para mim, não só enquanto objeto de investigação, mas a mim como pessoa. Caso contrário, haveria uma lacuna significativa em meus argumentos, um pensamento incompleto, truncado. Se outrora defendi que a ciência é um empreendimento humano, social e, portanto, intersubjetivo, sinto ser meu dever compartilhar com os demais, ainda que sinteticamente, algumas das minhas razões humanas para o estudo do paranormal.

Começo dizendo que nasci em uma família espírita. Hoje, nem todos os meus familiares próximos pertencem a tal religião e eu mesmo já não frequento centros espíritas como o fazia anos atrás, na condição de um adepto dessa doutrina religiosa. Todavia, trata-se de uma informação importante em relação ao meu interesse pelo paranormal, pois desde muito cedo fui educado segundo os valores espíritas e cristãos, acreditando numa vida após a morte e na comunicabilidade entre vivos e mortos. Outro dado importante: minha própria mãe atua como médium, aproximadamente desde a época em que nasci. Sua influência na minha escolha por esse tema é fundamental, pois me lembro de acompanhá-la, ainda bem pequenino, em suas atividades e visitas a centros espíritas. Eu a vi muitas vezes ‘incorporando’ espíritos e ensinando o “Evangelho segundo o Espiritismo” de Allan Kardec. Contribuí por quatro anos, na minha adolescência, como palestrante,

em um centro espírita por ela fundado (hoje fechado). Tive, enfim, por alguns anos, um considerável engajamento no movimento espírita; estudei e ensinei a doutrina em que fui educado, embora não fosse médium e embora jamais tenha passado por uma experiência que considerasse como prova irrefutável, ainda que pessoal, das crenças que havia adotado.

Na infância, meu interesse pelo Espiritismo era diminuto; as questões religiosas e filosóficas que viriam a me entusiasmar na adolescência ainda eram pouco importantes para mim e em quase nada me inquietavam. Mas um acontecimento arrasador iria finalmente despertar minha atenção para essas questões, de modo mais pronunciado. Em 1997, meu pai veio a falecer em decorrência de um câncer fulminante. Tal fato abalou não apenas a mim, como a todos em minha família, surpreendidos pela morte inesperada de alguém a quem amávamos e a quem considerávamos o esteio de nossa família. Com o seu falecimento, tivemos de nos reorganizar completamente, tanto em termos materiais quanto emocionalmente. Um acontecimento de tais proporções acaba por mobilizar, sem dúvida, uma série de reflexões e questionamentos sobre o sentido da vida e da morte. O sentimento de esperança, de reencontrar um dia aqueles que já se foram – tantas vezes apregoado pelo Espiritismo – serviu-nos, de qualquer maneira, como um eficaz consolo naquele momento tão difícil. Não penso que essa tenha sido a única causa ou força motriz por detrás de todo o meu interesse posterior em temas paranormais, mas certamente houve, em decorrência disso, um incremento e uma motivação a mais para a elucidação desses temas.

O meu grande entusiasmo pelo paranormal emergiu realmente por volta dos 15 anos. Na escola, eu definitivamente não era um aluno muito dedicado aos estudos. Não encontrava em nada daquilo que estudava um sentido maior, um sentimento de realização. Curiosamente, alcançaria esse sentimento ao ler com mais atenção aqueles velhos livros espíritas que mantínhamos em casa e para os quais eu não havia dado a devida consideração antes. Ao mesmo tempo, passei a visualizar a intrínseca relação que tais assuntos possuíam com a filosofia e a ciência, e foi só então que o meu interesse propriamente dito pelos estudos despertara. Descobri que certas questões existenciais, anteriormente nebulosas e intrigantes para mim, poderiam ser estudadas de modo mais rigoroso, pelas suas implicações filosóficas; que elas poderiam ser debatidas num nível mais complexo e abstrato, e me senti fascinado, enfim, por aquela experiência. Eu ainda não conhecia suficientemente bem o que era ciência ou fazer científico – a não ser pela visão mágica da já citada ficção-científica – mas de tudo que havia estudado, eu estava convicto agora de que gostaria de me dedicar mais assiduamente à compreensão de temas como o sentido da vida e da morte, a possível

existência de faculdades ou dons desconhecidos no ser humano, dentre outros assuntos gerais e abstratos que precocemente passaram a me preocupar o raciocínio.

Em 2004, adentrei a faculdade de Psicologia. Fui levado por essa escolha, primeiramente, pela leiga acepção que nutria da Psicologia como ciência da alma, tendo logo associado tal concepção às minhas próprias crenças religiosas. Inicialmente interessado em seguir o caminho da Música – arte a que me dedico desde os 13 anos de idade – dela desisti como via principal de sobrevivência pelo receio de não me firmar profissionalmente. Por outro lado, sentia que na arte não encontraria totalmente as respostas para as perguntas intelectuais que começavam a me estimular. Impulsionado pela família para uma escolha que fosse não apenas intelectual ou afetivamente interessante, mas também minimamente rentável, decidi pela Psicologia ao invés de Filosofia – que considerava, naquela época, área pouca vantajosa frente aos meus anseios de independência financeira. E creio ter feito a escolha acertada ao me formar como psicólogo (ao menos intelectual e afetivamente...).

Durante a graduação, não encontrei a receptividade esperada com relação aos temas de meu interesse. A maior parte de meus professores tinha tais assuntos religiosos e paranormais como pseudocientíficos e até mesmo prejudiciais ao correto exercício da profissão de psicólogo. Quase todos temiam que uma coisa fosse misturada inadvertidamente à outra, e não sem alguma razão. Nesse meio tempo, contudo, fui refinando a concepção que fazia de minhas próprias crenças; tornei-me, por influência dos estudos psicológicos, muito mais crítico frente ao Espiritismo. A mudança se processou lenta e gradualmente; quando me dei conta, os antigos referenciais religiosos já não bastavam para explicar a gama variada de experiências pessoais que havia tido em centros espíritas, observando diferentes médiuns. Via agora que muitos daqueles fenômenos sugeriam outras possibilidades explicativas, as quais me pareceram bem mais razoáveis. Do interesse inicialmente religioso e filosófico, saltei então para uma abordagem científica, menos atrelada a um comprometimento com as crenças em que fui educado. A despeito de boa parte dos espíritas acreditarem que suas crenças são altamente científicas, vejo agora que tal afirmação é um tanto mais parcial do que eu gostaria de admitir inicialmente.

Num primeiro momento, essa copérnica reviravolta em meu modo de pensar e me relacionar com o mundo, e em minha própria identidade como espírita e religioso, suscitou-me medo e desorientação. Pude aos poucos vencer tais sentimentos, conforme re-elaborava os fragmentos da antiga visão de mundo religiosa na qual me constituí enquanto pessoa até a adolescência, e conforme adquiria um senso maior de liberdade e entusiasmo para criar e buscar

meu próprio caminho de relacionamento com a vida, ao invés de permanecer vinculado, doravante, a perspectivas filosóficas ou religiosas previamente disponíveis. A doutrina espírita havia sido para mim como uma fórmula da qual me utilizara para acessar e resolver uma série de problemas pessoais e conceituais com os quais tive de lidar na passagem da adolescência para a vida adulta. Se, por um lado, já não detinha agora o conforto das respostas estabelecidas, sentia-me apto, por outro, a me aventurar numa busca por novas possibilidades de ser e de agir. Como num processo fluido de *metamorfose* – do qual falaremos com frequência no decorrer deste trabalho – já não me sentia obrigatoriamente arraigado a uma visão de mundo específica. A Ciência, para mim, não se apresentara como alternativa a um sistema metafísico que deveria ser abraçado tal como antes, senão como um eficaz instrumento auxiliar de navegação nesse desafiante e tortuoso processo de desbravamento da vida, seja num nível profissional ou pessoal.

Em 2006, conheci por intermédio de uma amiga da graduação o Inter Psi – Grupo de Estudos em Semiótica, Interconectividade e Consciência da PUC-SP (agora com sede na USP e com novo nome). Soube, inicialmente, que lá se pesquisavam experiências “Psi” ou parapsicológicas, e fui muito bem recebido, desde o primeiro momento, pelo professor Wellington e sua esposa Fátima, coordenadores do grupo, bem como pelos demais integrantes. Logo verifiquei que a “parapsicologia” a que se dedicavam não era aquela tantas vezes vinculada ao charlatanismo ou à difusão de práticas e crenças religiosas, esotéricas ou ocultistas. Havia finalmente encontrado um local em que essas experiências estavam sendo estudadas de modo sério e científico. A participação nas reuniões do grupo me abriu novas perspectivas, e me senti seguro para prosseguir com meu intuito de investigar, agora sustentado em bases mais rigorosas, as experiências que há tanto tempo me haviam intrigado e interessado. Após a realização de um estudo exploratório para a minha monografia de conclusão de curso em Psicologia (Maraldi, 2008) fui encorajado pelo professor Wellington e pelos demais colegas do Inter Psi a tentar o mestrado na USP e aqui estou.

Minha atual postura diante das experiências paranormais é bem distinta daquela a que me dediquei da infância até a adolescência. Sou hoje um buscador, e não tenho respostas prontas e acabadas sobre esse tipo de fenômenos como tinha anos atrás. Recomecei do ponto de partida, e estou refazendo meu caminho pela via da ciência. Permaneceram, certamente, a curiosidade e a paixão pelo tema ao mesmo tempo controverso e instigante da paranormalidade, e suas muitas implicações para a vida humana. Hoje, guardo o sonho de seguir uma carreira acadêmica que integre tanto o trabalho docente como a pesquisa científica e a prática clínica – sonho do qual faz

parte esta dissertação, e por meio da qual pretendo assumir em breve, se bem sucedido, o papel de mestre.

Minha trajetória de vida, inicialmente despreocupada e descomprometida com questões de ordem existencial (infância); num segundo momento, religiosamente engajada (adolescência) e hoje, com um enfoque acadêmico-científico (vida adulta), prevenir-me-á (assim espero) – pela própria pluralidade de caminhos que segui e aos quais fui submetido – dos extremismos ideológicos tão comuns nesta área de investigação, em que uns pendem facilmente, ora para o ceticismo pseudocientífico e dogmático, ora para a aceitação acrítica e irrestrita das crenças paranormais. Não obstante, sou extremamente grato a tudo que aprendi e passei na condição de espírita. Sem o entusiasmo que as questões espirituais me suscitaram no passado (e ainda suscitam hoje, de certa forma) eu talvez não estivesse agora escrevendo estas linhas. Eu poderia certamente dizer, parafraseando uma citação de Jean Piaget, que “[a religião] tem a sua razão de ser e deve-se mesmo reconhecer que todo homem que não passou por ela é incuravelmente incompleto¹”.

Definição do campo e do objeto de estudo

O tema desta pesquisa tem como base nossa inserção no Laboratório de Psicologia Anomalística e Processos Psicossociais da USP – o Inter Psi – voltado à investigação científica de experiências alegadamente paranormais a partir de um referencial interdisciplinar. O Inter Psi tem como uma de suas principais propostas o estudo dos fatores psicológicos e sociais envolvidos na assunção de determinadas crenças e experiências ditas paranormais ou anômalas, proposta essa convergente com nossos próprios objetivos nesta dissertação. O presente trabalho também se fundamenta em um estudo exploratório realizado pelo autor para o seu trabalho de conclusão de curso em Psicologia (Maraldi, 2008), no qual se investigou elementos das histórias de vida e do comportamento religioso de duas médiuns espíritas, visando à compreensão dos usos e sentidos das crenças e experiências paranormais na formação da identidade psicossocial. Destarte, a presente investigação não constitui empresa isolada, mas se insere num esforço mais amplo do autor em pesquisar o fenômeno da mediunidade por uma perspectiva individual e sócio-histórica, fruto de sua formação como psicólogo social, e de seu interesse pelos aspectos psicológicos de certas

¹ Na frase original, Piaget (1969/1978, p. 68) refere-se à filosofia ao invés da religião.

experiências religiosas ou supostamente paranormais. Tal interesse tem sido convertido, ao longo dos últimos anos, em artigos, trabalhos em parceria e participações em eventos científicos sobre o tema (Fernandes & Maraldi, 2010; Maraldi, 2009a, 2009b, 2010a, 2010b, 2010c, 2010d; Maraldi, Machado & Zangari, 2010; Zangari & Maraldi, 2009a, 2009b; Zangari, Maraldi & Machado, 2010).

Antes de tudo, cumpre enfatizar que a investigação científica das crenças paranormais não é inócua ou irrelevante. Reportem-se ou não a uma possível realidade supranormal ou metafísica, as vivências paranormais constituem manifestações psicológicas, individuais e coletivas que, no decorrer dos séculos, tornaram-se centrais, em muitos aspectos, à cultura e à sociedade. Tais crenças não são resultado, portanto, de meras preferências ou valores abstratos; elas tendem a constituir práticas específicas largamente adotadas pela população, como a astrologia, as curas espirituais e a comunicação com os mortos, e parecem influenciar de modo significativo a vida das pessoas, sua identidade e seu comportamento, sobretudo, aquelas que vivenciam experiências nomeadas como paranormais ou adotam alguma prática dessa natureza. É o que esperamos demonstrar, doravante, mais detalhadamente.

Nesta introdução, será apresentada uma revisão geral do campo extremamente diverso da Psicologia das crenças paranormais, sendo explicitada a maneira pela qual o presente estudo se insere nesse contexto e, mais particularmente, no campo das pesquisas psicológicas sobre as experiências mediúnicas, em suas relações com a Psicologia Social e com o problema da formação psicossocial da identidade. Em seguida, serão mencionados os objetivos e as justificativas que embasaram e possibilitaram a realização deste trabalho, bem como um esboço geral da estrutura da dissertação, revisando-se os temas a serem abordados em cada capítulo.

Ao longo da história, todas as principais tradições culturais do mundo têm relatado experiências envolvendo algum tipo de fenômeno considerado paranormal, como telepatia, clarividência, premonição ou mediunidade. A autenticidade desses eventos, contudo, permanece ainda um assunto bastante controverso nos meios científicos e acadêmicos. Em geral, considera-se que os fenômenos paranormais, se verídicos, são atualmente inexplicáveis pela ciência, podendo violar certos limites cientificamente demarcados à percepção humana. A possibilidade desses eventos realmente existirem não constitui, entretanto, um mero palpite ou opinião arbitrária; ela se fundamenta, até certo ponto, em evidências experimentais e nas muitas experiências paranormais relatadas pelo grande público (Irwin, 2003; Radin, 2008).

A Parapsicologia – ou Pesquisa Psi –, disciplina voltada à investigação científica das hipóteses em torno da existência de processos paranormais tem coletado, no decorrer dos anos,

informação relevante e substancial atinente a essas experiências (Machado & Zangari, 2007; Irwin, 2003; Radin, 2008). Não obstante, restam controvérsias quanto ao fato de a Parapsicologia constituir um ramo verdadeiramente científico. Os parapsicólogos ainda buscam uma teoria diretriz, capaz de explicar suficientemente as evidências obtidas em suas pesquisas experimentais, ao passo em que alguns críticos reclamam da falta de resultados consistentes a favor da existência de certos fenômenos paranormais (Irwin, 2003). No Brasil e outros países, o termo ‘Parapsicologia’ tem sido frequentemente associado ao charlatanismo e à difusão de práticas pseudocientíficas, dado seu uso inadvertido por parte de pessoas ligadas a atividades religiosas ou esotéricas que se auto-intitulam parapsicólogos com o intuito de promover suas crenças, sem recorrer, entretanto, a critérios cientificamente validados (Zangari & Machado, 2001; Zangari, 2007).

Mas independentemente do andamento dessas discussões e da própria investigação ontológica relativa às origens ou ao *objeto* de tais alegações (Zangari, 2003), o estudo das funções psicológicas e sociais das crenças e experiências relacionadas a fenômenos supostamente paranormais representa, em si mesmo, um esforço legítimo por parte de qualquer estudioso da Psicologia ou das demais ciências sociais. A popularidade de algumas dessas idéias, e a sua enorme importância para certos grupos religiosos e/ou tradições esotéricas parece sugerir que elas servem a funções sócio-culturais significativas, podendo descortinar uma importante faceta do dinamismo psíquico e cultural. Como diria Tobacyk (1995, p. 44), o estudo *psicológico* dessas crenças e experiências...

...não é uma área incidental, pseudocientífica e superficial da investigação científica. As crenças sobre o paranormal constituem a essência dos grandes sistemas de crença que dirigem atividades humanas individuais e coletivas – frequentemente através das gerações [...] A questão mais importante concernente ao estudo das crenças e experiências paranormais não deveria ser [exclusivamente] “estas crenças e experiências refletem processos verídicos?”, mas sim “o que as crenças e experiências paranormais revelam sobre a condição humana?”²

Conquanto tais crenças e experiências tenham sido desde sempre relatadas, as pesquisas de opinião pública revelam um aumento cada vez maior na incidência de alegações envolvendo fenômenos paranormais. Nos Estados Unidos, o interesse pela paranormalidade cresce em larga escala, e se constitui hoje como um importante aspecto do imaginário norte-americano, visível em seriados de televisão, filmes e livros *best-sellers* que abordam temas como mediunidade, detetives

² É importante salientar, todavia, que embora o presente estudo não tenha se comprometido com a verificação da existência de processos anômalos / paranormais, tal fato não nos impediu de efetuar, eventualmente, uma abordagem compreensiva das possíveis causas psicossociais e psicodinâmicas associadas, quer às experiências relatadas pelos participantes da investigação, quer aos fenômenos observados diretamente no transcorrer das sessões espíritas. Sob esse aspecto, pode-se dizer que nossa ênfase foi mais propriamente ‘psicológica’ do que ‘parapsicológica’.

psíquicos, *Poltergeists*, vida após a morte, vida extraterrestre etc. Estima-se, com base em pesquisas de opinião pública, que mais de 70% da população estadunidense adota algum tipo de crença paranormal (Moore, 2005). A situação norte-americana, contudo, não difere substancialmente da Grã-bretanha que já conta com cerca de 60 % da população acolhendo diversas crenças paranormais (Abc science online, 2006). Algo parecido se pode dizer de crenças específicas como a crença na mediunidade. Segundo uma pesquisa de opinião norte-americana, mais de 30% da população afirmou acreditar na existência de habilidades mediúnicas genuínas (Newport & Strausberg, 2001). Lewgoy (2008) também aponta, nesse sentido, a grande expansão recente do Espiritismo kardecista em território estadunidense. Em outro estudo, constatou-se que aproximadamente 10% dos britânicos visitam médiuns regularmente, quer em busca de mensagens de familiares ou amigos falecidos, quer para obter algum tipo de aconselhamento quanto a questões de sua vida pessoal³ (Roe, 1998a).

Parte do interesse generalizado por assuntos dessa natureza remonta à década de 1960, época da chamada revolução cultural. Tal década foi marcada, mormente, pela emergência da contracultura, do movimento hippie e de tendências que culminariam pouco depois no movimento da *New Age*, tendo representado um período de contestação ao *establishment* e de grande curiosidade frente às experiências místicas e ao uso de psicodélicos, sendo ainda caracterizado pela venda maciça de livros relacionados à Parapsicologia (Lewis, 2002).

A proliferação ostensiva das crenças paranormais, não só na Europa e nos Estados Unidos, mas aparentemente em todo o mundo, têm intrigado estudiosos da Psicologia e da Sociologia, levando-os a buscarem, dentro de uma perspectiva científica, os motivos psicológicos e psicossociais do envolvimento com o paranormal. Crenças tais como a existência de vida extraterrestre, premonições, limpeza de aura etc. bem como as experiências peculiares que quase sempre as acompanham - experiências fora-do-corpo, regressão a vidas passadas e abdução por alienígenas, para citar apenas alguns exemplos – têm sido objeto de estudo por parte de diferentes disciplinas como a *Psicologia anomalística*, que é a área da psicologia concernente ao estudo e à compreensão de experiências anômalas em termos do conhecimento psicológico e fisiológico já estabelecido (Cardena, Lynn & Krippner, 2001; Zusne & Jones, 1989), e que compreende, como ramificação sua, o campo da *Psicologia das crenças paranormais*, dedicado especialmente à

³ Uma exceção aos resultados apresentados é a revisão de Boy (2002) sobre pesquisas de opinião na França, mostrando que, a despeito do nível elevado de crença da população francesa nesses fenômenos, os dados não sustentaram necessariamente um aumento ou progressão entre 1982 e 2002. É provável também que existam diferenças importantes dependendo do tipo de crença. Stevenson (2003) mostrou que, apesar da expansão da crença européia na reencarnação ao longo da segunda metade do século XX, os reencarnacionistas ainda são em pequeno número.

elucidação das crenças que defendem a existência do paranormal e que subsidiam a ocorrência de várias experiências anômalas (Irwin, 1993, 2003; Marks, 1988).

Diversos centros de pesquisa localizados em importantes universidades ao redor do mundo têm devotado suas investigações à compreensão de tais assuntos, como por exemplo:

- o *Anomalistic Psychology Research Unit*, na Universidade de Londres: <http://www.goldsmiths.ac.uk/apru/aims.php>;

- o *Institute for Frontier Areas of Psychology and Mental Health*, na Universidade de Friburgo: <http://www.igpp.de/english/welcome.htm>;

- o *Centre for the Study of Psychological Anomalous Processes*, na Universidade de Northampton: <http://www2.northampton.ac.uk/portal/page/portal/SocialSciences/sshome/psychology-homepage/research#csapp>;

- a *Koestler Chair Unit*, no departamento de Psicologia da Universidade de Edimburgo: <http://www.koestler-parapsychology.psy.ed.ac.uk/>, dentre outras instituições.

Vários autores têm se reportado, até agora, a diversos tipos de crenças e experiências paranormais sem, todavia, fornecer uma descrição detalhada e precisa das mesmas (Lawrence, 1995). Há pesquisadores que rejeitam o uso do termo ‘paranormal’, ainda que o corpo de experiências e alegações por eles investigado possa ser definido como tal. E as definições disponíveis sobre o que é ou não é paranormal, sobre o que deve ou não adentrar tal categoria de fenômenos constitui ainda hoje motivo de acirrado debate. Por outro lado, os termos sugeridos em substituição ao termo paranormal pouco diferem deste se considerados do ponto de vista de seu significado mais amplo. Os termos ‘supranormal’, ‘transpessoal’ ou ‘anômalo’, por exemplo, são empregados por seus usuários de maneira muito semelhante à definição que se dá para eventos paranormais. Ainda assim, nenhum dos três termos citados atingiu tanta popularidade e se disseminou tão rapidamente pela linguagem comum quanto a palavra ‘paranormal’ – e talvez por essa mesma razão tenha sido tantas vezes substituída em muitos estudos científicos, que procuravam refugiar-se de eventuais conotações pejorativas atribuídas ao termo, visto quase sempre como expressão imediata de charlatanismo e pseudociência.

A definição clássica, adotada pelos parapsicólogos, refere-se apenas aos fenômenos que concernem à própria investigação parapsicológica: a chamada percepção extra-sensorial – ou ESP, do inglês *Extra-Sensory Perception*, que inclui a telepatia, a precognição e a clarividência – e a psicocinese – ou PK, do inglês *psychokinesis* – que engloba fenômenos de efeitos físicos gerados pela ação direta da mente sobre o meio, recorrendo-se a supostas capacidades ou poderes

paranormais. Os parapsicólogos tendem a incluir ainda as curas espirituais, as experiências fora-do-corpo, as experiências de quase-morte e demais experiências relacionadas à crença na sobrevivência da alma após a morte (Zangari, 2007). Contudo, a participação de investigadores não-parapsicólogos em pesquisas sobre crenças paranormais – como psicólogos e sociólogos – parece ter sido responsável por uma extensão significativa do conceito de crença paranormal⁴. Na visão desses pesquisadores, o termo *paranormalidade* não se restringe aos processos parapsicológicos, mas se expande para todas as principais formas de crença religiosa, místico-esotérica e supersticiosa inaceitáveis de um ponto de vista científico (Irwin, 2003). Um dos argumentos levantados a favor dessa expansão conceitual é o de que pelo menos alguns dos principais processos psicossociais subjacentes ao endosso dessas diferentes formas de crença seriam, basicamente, os mesmos (Goode, 2000; Irwin, 2003; Northcote, 2007).

De fato, tanto religiosos quanto não-religiosos que acreditam no paranormal podem vir a compartilhar determinadas crenças como a vida após a morte, as curas espirituais e a capacidade de alguns indivíduos em prever o futuro, muito embora a interpretação dada a esses fenômenos varie conforme o posicionamento do indivíduo (Flannely et al., 2006; Goode, 2000). Na Bíblia, por exemplo, são numerosos os relatos de eventos paranormais, como sonhos premonitórios, visões proféticas e curas cientificamente inexplicáveis (Sparks, 2001). Estudos mostram igualmente que, tanto as crenças paranormais quanto as crenças religiosas serviriam para reduzir a ansiedade em relação à morte (Persinger & Makarec, 1990; Tobacyk, 1983a). Por sua vez, parece ser mais fácil a alguns religiosos acreditarem em fenômenos paranormais do que alguém que não pertença a uma religião (Orenstein, 2002), conquanto tal afirmativa não seja sempre generalizável.

Malgrado essas correlações, vários autores defendem uma incompatibilidade entre determinadas crenças paranormais e religiosas. Emmons e Sobal (1981b), assim como Persinger e Makarec (1990) aventam a hipótese de que a crença paranormal funcionaria como uma substituta da crença religiosa; isto é, o interesse por assuntos paranormais cresceria à medida que a assunção das crenças religiosas diminui. Argumenta-se que o vazio deixado pelo declínio de instituições religiosas tradicionais, que costumavam pautar os valores e as crenças adotadas culturalmente, pode

⁴ Talvez pareça confuso o emprego do termo “não-parapsicólogo” no contexto da frase, visto que o campo da Parapsicologia é ainda tido, por muitos, como uma ramificação exclusiva da Psicologia. Embora não se questione aqui a evidente e intrincada relação entre essas duas áreas do conhecimento, deve-se salientar também que a Parapsicologia tem sido desde o início um campo eminentemente interdisciplinar, para o qual contribuem não apenas psicólogos, mas igualmente físicos, biólogos, antropólogos etc. Nesse sentido, portanto, a designação de “não-parapsicólogo” deve ser entendida aqui como se referindo 1) a pesquisadores não familiarizados com as pesquisas que investigam a existência de possíveis fenômenos paranormais (e que, geralmente, não realizam estudos nessa área), ou 2) a pesquisadores que, conquanto familiarizados com o campo, preferem se restringir a uma abordagem das variáveis psicológicas e sociológicas das crenças e experiências supostamente associadas a esse tipo de fenômenos, sem adentrar as discussões relativas à ocorrência de processos efetivamente paranormais por trás dessas alegações.

ter sido parcialmente preenchido por formas alternativas de crença. Ainda em relação à incompatibilidade entre crenças religiosas e paranormais, Sparks (2001) argumenta que muitas das crenças paranormais não são endossadas por religiosos, sendo até totalmente rejeitadas, sobretudo, aquelas que contrariam dogmas já estabelecidos – como a crença na cartomancia ou na reencarnação, condenadas por católicos fundamentalistas. Sparks também assinala o fato de o objeto de muitas crenças religiosas não ser passível de verificação empírica, resultando sua adesão muito mais de uma questão de fé, enquanto certos fenômenos supostamente paranormais têm sido testados em laboratório – como a percepção extra-sensorial ou a psicocinese, em experimentos de Parapsicologia.

Markovsky e Thye (2001) também salientaram a importância de se diferenciar alegações vagas (ou evidência anedótica) de supostos eventos paranormais das pesquisas sérias no campo das anomalias científicas. Como nos lembra o sociólogo Erich Goode (2000, p. 137), há uma considerável distância entre os resultados obtidos por meio de experimentos rigorosos conduzidos no contexto da Parapsicologia e da Psicologia Anomalística e a imagem que popularmente se faz das alegações de eventos paranormais:

Muitas pessoas imaginam gurus levitando, clarividentes telepáticos infalíveis, espiritualistas que podem derreter cânceres com um toque de mão, mentes que podem entortar uma arma laser. A assertiva dos parapsicólogos de obterem resultados experimentais que fogem da chance estatística não é o que o público tem em mente quando poderes psíquicos são discutidos ou retratados. O campo da Parapsicologia ocupa um território em algum lugar entre o estereótipo público e o ideal científico.

Apesar de muitos autores terem criticado a amplitude terminológica estabelecida para o conceito de crença paranormal, ou mesmo terem encontrado diferenças relevantes entre as crenças religiosas e paranormais – além de estudos sugerindo a ausência, algumas vezes, de uma conexão empírica direta entre elas⁵ – as duas categorias de crença têm se influenciado mutuamente, e sua relação permanece uma área fecunda para investigações, o que parece justificar a inclusão de certas idéias religiosas na categoria mais ampla das crenças paranormais (Irwin, 2003; Tobacyk, 1995). Essa inter-relação constatada pelas pesquisas entre crenças paranormais e religiosas mostra-se particularmente visível no caso das experiências mediúnicas – estudadas nesta dissertação – as quais poderiam efetivamente encaixar-se tanto numa como noutra das duas categorias de crença mencionadas. O Espiritismo é um exemplo de doutrina religiosa que sintetiza, em seu bojo,

⁵ Na pesquisa de Mears e Ellison (2000) sobre consumo de produtos *New Age* em uma amostra de texanos, nos Estados Unidos, constatou-se, por exemplo, que fatores de adesão religiosa individual ou comunitária nenhuma interferência exerciam, estatisticamente, no consumo (significativo) desses produtos por parte dos respondentes.

elementos de variadas crenças e sistemas filosóficos, paranormais e religiosos (Hess, 1991). Nas palavras de Goode (2000, p. 4):

Ao longo das últimas décadas, vários sistemas de crença paranormal tornaram-se alternativas, substitutos, ou mesmo suplementos para religiões mais convencionais. Recentemente, algumas crenças paranormais foram incorporadas ou mescladas com religiões tradicionais e vice-versa.

Ademais, é de se ressaltar que boa parte dos estudos nesse campo pressupõe uma ligação entre crença paranormal e religiosa não apenas em âmbito conceitual, mas na construção e utilização de seus próprios instrumentos metodológicos. Sendo que a maioria das pesquisas sobre crença paranormal até agora é de natureza quantitativa, utilizando-se para tanto de inventários com itens estatisticamente discrimináveis, outra perspectiva adotada consiste em se definir tais crenças tomando por base os itens que constituem a escala aplicada (Irwin, 1993). Dentre os instrumentos de avaliação das crenças paranormais, o mais comumente empregado é, sem dúvida, a Escala de Crença Paranormal (ou PBS - *Paranormal Belief Scale*), desenvolvida por Tobacyk e Milford (1983) – e revisada posteriormente por Tobacyk (2004). A PBS possui sete subescalas que incluem: a crença em *Psi / processos anômalos* (telepatia, clarividência etc.), a crença na *feitiçaria, superstição, espiritualismo, premonição* e a crença em *formas extraordinárias de vida* (ex: criaturas criptozoológicas). Os autores incluem também as *crenças religiosas tradicionais*, como uma categoria específica de crença paranormal, referindo-se, mormente, àquelas de origem judaico-cristã.

Até este ponto temos nos referido prioritariamente a *crenças*, sem nos preocuparmos com a diferenciação proposta por alguns autores entre *crença, experiência e fenômeno*, elementos os quais, embora profundamente imbricados, não seriam plenamente redutíveis um ao outro, ao menos conceitualmente. Ao longo da nossa explanação, temos nos utilizado vez ou outra desses conceitos sem lhes fornecer, entretanto, uma descrição mais minuciosa. Veremos, doravante, que a diferenciação entre eles tende a se mostrar, em alguns casos, mais nebulosa do que se poderia imaginar de início. Tomaremos como base a definição adotada por Berenbaum, Kerns e Raghavan (2000, p. 27):

Nós definimos *experiências* como algo mais amplo do que meras percepções sensoriais. Elas [experiências] podem ou não incluir percepções sensoriais, ainda que todas as percepções sensoriais registradas pela consciência sejam experiências. Experiências referem-se à “vivência” efetiva de eventos ou fenômenos e envolvem a soma total do mundo fenomenológico de um indivíduo. *Crenças* são a informação cognitiva que um indivíduo adota sobre a existência de um fenômeno. Um indivíduo pode adotar crenças peculiares, mas nunca ter experiências peculiares. Por outro lado, um indivíduo pode ter uma experiência peculiar, mas não endossar nenhuma crença peculiar.

Embora bastante útil e objetiva, a distinção entre crença e experiência estabelecida pelos autores mencionados peca, entretanto, em dois aspectos: 1) no não esclarecimento do que vem a ser exatamente “informação cognitiva” quando se referem às crenças; e 2) na desconsideração simplificadora daquelas ocasiões empíricas em que as fronteiras entre esses três construtos (crença, experiência e fenômeno) não são tão claras ou definidas. No primeiro caso, precisamos saber se os autores entendem o conceito de cognição no sentido mais amplo de uma apreensão do mundo e da realidade, não apenas perceptiva ou intelectual, mas também emocional, intuitiva etc., ou se o entendem num sentido estritamente perceptivo-intelectual – isto é, no que concerne ao estudo de certas funções mentais geralmente associadas ao processamento da informação, como atenção, memória, raciocínio, atribuição de causalidade etc. A maior parte dos estudos revisados tende a adotar esta última interpretação (French e Wilson, 2007), o que parece ser o caso também dos três autores supracitados, conquanto não negligenciem o fato de as crenças paranormais envolverem, em sua composição, mais do que somente funções cognitivas (cf. Capítulo Um, Funções Cognitivas e Psicodinâmicas da Crença Paranormal). Quanto ao segundo aspecto, é imperioso lembrar que a diferenciação entre *crença*, *experiência* e *fenômeno* nem sempre é tão evidente ou fácil de averiguar. Berenbaum, Kerns e Raghavan (2000) recorrem ao critério de que, quando se trata de uma *experiência*, ao invés de uma simples percepção sensorial, o indivíduo lhe atribui um sentido, um significado. Do contrário, a percepção não teria para ele grande importância e poderia até mesmo ser ignorada. O conceito de *crença*, por seu turno, implicaria a aceitação da veracidade daquela *experiência* – exemplo: ouvir a voz (alucinação auditiva) de uma pessoa falecida e então aceitar que se trata realmente daquela pessoa se comunicando mediunicamente. A experiência, no entanto, pode também continuar tendo um significado para o experimentador, mas não necessariamente levá-lo a atribuir-lhe alguma veracidade – como num *setting* terapêutico, em que a alucinação seria discutida relevantemente, mas tendo sua autenticidade posta em suspenso.

Sem contestarmos a classificação acima e sua imensa utilidade, acreditamos que ela parece, em grande parte, subestimar a indistinção que permeia certos casos quando os observamos mais de perto, na prática, assim como narrados pelos crentes. Consideremos as chamadas experiências mediúnicas, relatadas pelos participantes desta pesquisa. O termo “mediunidade”, por si só, tende a evocar a imagem de um indivíduo que, na sua atividade, acredita servir de intermediário para que supostas entidades espirituais (“desencarnadas”) se comuniquem com outras pessoas (“encarnadas”) – tomando de empréstimo aqui a própria terminologia religiosa espírita. A “mediunidade”, portanto, é uma experiência que depende fundamentalmente das crenças e práticas

grupais que a subjazem; primeiramente, a crença numa vida após a morte; em segundo, a crença na (e a prática da) comunicabilidade entre vivos e mortos; em terceiro, a crença de que a personalidade humana é essencialmente espiritual e não meramente a expressão de processos neurofisiológicos, e assim por diante. Caso tais crenças não fossem pressupostas, a experiência provavelmente não seria designada nem percebida como mediúnica – ou talvez nem mesmo ocorresse. Parece haver como que uma interdependência entre crença e experiência, em que cada qual condiciona – e até certo ponto produz – a outra, mutuamente. Desse modo, a *crença* acerca dos *fenômenos* vivenciados – isto é, dos efetivos processos causadores de uma dada experiência – torna-se tão atada a estes últimos que dificulta sua discriminação posterior, embora com muito esforço seja possível abstraí-los e verificar se eles se explicam inteiramente pelas interpretações que foram inicialmente atribuídas. Um bom exemplo psicológico disso é que aquilo que poderíamos designar, clinicamente, como uma percepção sem objeto, não constituiria propriamente, nesse contexto religioso, uma experiência alucinatória, mas antes uma experiência mediúnica. Não há como ser diferente, uma vez que é com base em sistemas sócio-culturais de referência que, enquanto seres sociais, não apenas interpretamos nossas vivências e os fenômenos que nos cercam como também construímos, intersubjetivamente, a realidade que compartilhamos (Berger & Luckmann, 1996/2003). A própria palavra com que essa experiência é designada (mediunidade) já pressupõe em si mesma o conjunto de crenças acima enumerado, o que nos indica um enraizamento na linguagem. Por sua vez, ao crerem na mediunidade e exercitarem essa atividade, os “médiums” – enquanto indivíduos que encarnam um dado papel social que igualmente pressupõe a crença na (e a prática da) “mediunidade” – aceitam a veracidade do *fenômeno* mediúnico. Essas pessoas tendem a assumir uma forte simetria ou ‘colagem’ entre suas crenças, experiências e os fenômenos vivenciados, de tal modo que, na maior parte das vezes, a discriminação entre os três elementos se esvanece ou se torna praticamente desnecessária. Como nos lembra Goode (2000) e Northcote (2007) os proponentes de crenças paranormais geralmente não gostam de enxergar suas idéias como *crenças*, mas como representações ou descrições verbais / conceituais de fenômenos autênticos. Esses indivíduos afirmam realmente vivenciar uma *realidade* paranormal, o que implica uma correspondência praticamente exata entre aquilo que pensam e sentem sobre o fenômeno e o fenômeno em si. Cientificamente, contudo, e fazendo uso da abstração, podemos nos questionar se tais fenômenos são de ordem paranormal ou outra. Conquanto esta não seja nossa preocupação central neste trabalho, acabamos por retornar assim ao complexo problema inicial de definir quais tipos de fenômenos poderiam ser classificados como paranormais – quer existam ou não.

Segundo Tobacyk (1995, p.28) o *fenômeno* paranormal é definido comumente de acordo com três critérios:

[...] (a) é inexplicável em termos da ciência atual; (b) a explicação é possível somente com amplas revisões dos limites básicos dos princípios da ciência; e / ou (c) é incompatível com o quadro de referência perceptivo, crenças e expectativas sobre a realidade.

Para os fins deste trabalho, adotamos a definição de Tobacyk (1995) acima explicitada, ao menos como definição funcional, sendo uma das mais utilizadas em outros estudos. Contudo, gostaríamos de enfatizar nossa própria perspectiva a respeito da definição adotada, aproximando-a de uma postura mais afeita à da Psicologia Social, por entendermos que, ao contrariarem “o quadro de referência perceptivo”, tais crenças, experiências – e, talvez, fenômenos – opõem-se, na verdade, à visão de mundo vigente em nossa sociedade ocidental contemporânea, não se devendo entender com a citação acima, portanto, que tenha sido – ou que seja assim – em todos os lugares e todas as épocas. O conceito de ‘normal’, em última instância, refere-se ao que é convencionado desse modo por uma dada sociedade em um dado momento histórico. O conceito de ‘paranormal’ não pode ser entendido como se possuísse qualidades intrínsecas e substantivas independentemente de sua história e do contexto sócio-cultural em que as idéias ao seu respeito se desenvolveram. A própria fluidez e imprecisão com que o termo é muitas vezes utilizado, seja na linguagem corrente ou em contextos acadêmicos, denunciam já seu caráter arbitrário e socialmente formatado, o que, sem dúvida, torna ainda mais importante sua discussão num trabalho de natureza psicossocial.

No mais das vezes, é como categoria subversiva, contrária à norma difundida, que a noção de paranormal irá se apresentar – seja no tocante a certas visões de mundo religiosas tradicionais, seja no tocante a concepções científicas da realidade, questão essa que exploraremos melhor no capítulo um, ao falarmos sobre os aspectos sócio-culturais da crença paranormal. Goode (2000) recorda-nos que o prefixo ‘para’, cujo uso remonta à antiguidade grega, significaria algo como “próximo a” ou “além de”. Num sentido propriamente epistemológico, a definição de um objeto como contendo algo da paranormalidade tende a cumprir sempre uma função claramente provisória e datada, uma referência ao que é ainda anômalo ou inexplicável, e que, não obstante, pode se tornar, um dia, fenômeno conhecido e ‘normal’. Na expressão de Northcote (2007, p. 12):

O que as pessoas comumente chamam de “paranormal” é intrinsecamente uma categoria ontológica ocidental. A substância do termo repousa em seu contraste com aquilo que é designado como “normal”. É preciso ter em mente que fenômenos designados como ‘paranormais’ são objetos ou propriedades que *parecem* ser contrários a fenômenos normais ou estabelecidos. Para Kant, “fenômeno” refere-se à concepção que se tem do objeto, não ao objeto “em si mesmo”. Este é um útil insight a ser aplicado em nossa própria concepção de fenômeno paranormal. Que os objetos paranormais possam não ser intrinsecamente incomuns ou estranhos – se tais objetos ao menos existem em uma forma semelhante ao que se alega a respeito deles – é algo que muitos proponentes das idéias paranormais estão

entusiasmados demais para conceber. O termo “paranormal” é meramente um conceito relativo.

A relatividade do termo, porém, não nega sua utilização ou importância científicas; é no próprio debate conceitual que a cerca que encontraremos sua maior relevância – visto ser prenhe de possibilidades reflexivas, tanto numa dimensão epistemológica quanto psicossocial. Manter a terminologia vigente torna-se assim uma forma de crítica interna, um modo de perscrutar as vicissitudes e circunstâncias de sua formação e manutenção, visando, se possível, a uma reelaboração futura da mesma. De qualquer modo, é no interior das relações e representações sociais que encontraremos material fértil para a compreensão dos processos que permitiram e permitem a perpetuação da paranormalidade como definição possível de todo um conjunto de crenças, experiências (e, quiçá, fenômenos) que já não se encaixam adequadamente nas estruturas e paradigmas sócio-culturais vigentes.

Além do que, o conceito de paranormalidade não constitui uma variável unitária, mas antes um domínio multidimensional. O debate em torno dos tipos de crença a serem consideradas ou não paranormais deve ser constantemente reacendido, e as definições propostas, cada vez mais refinadas⁶. Cumpre ressaltar, nesse sentido, que nem todas as crenças paranormais são universalmente aceitas. O construto ‘crença paranormal’ modifica-se de cultura para cultura – sobretudo, terminologicamente – sendo imprescindível, em seu estudo, a consideração de variantes sócio-históricas e culturais. A aparente universalização de algumas dessas crenças pode estar refletindo, em parte, um efeito da crescente globalização, que diminui cada vez mais a distância entre diferentes culturas e estimula a proliferação de atitudes, práticas e crenças para além do seu contexto de origem (Goode, 2000; Irwin, 2003).

Deve-se observar que, mesmo considerando a existência de elementos trans-culturais e individuais subjacentes aos relatos de experiências anômalas, os quais permitiriam e subsidiariam a emergência de certas formas de crença paranormal (Laubach, 2004; Locke & Kelly, 1985; McClenon, 2000), ou as pesquisas mais recentes no campo da psicologia cognitiva da religião, que defendem a tese da ‘naturalidade’ (*Naturalness*) das crenças religiosas (Boyer, 1994), e propõem estudá-las como resultantes, em parte, de processos cognitivos básicos (Pyysiäinen, 2003), o conteúdo particular dessas crenças, sua posterior utilização, institucionalização e o modo como repercutem psíquica e socialmente parecem determinados, em última instância, pela cultura

⁶ É aconselhável, aliás, que no estado atual da pesquisa científica em torno das crenças paranormais não se exclua precipitadamente determinadas categorias de crença que são consideradas por muitos pesquisadores como integrando o conjunto das crenças paranormais, ainda que outros possam defender uma categorização diferenciada (Irwin, 1993; 2003).

(Bourguignon, 2004; Goode, 2000; Hughes, 1991; Markovsky & Thye, 2001; Northcote, 2007; Tart, 2000). Ao contrário de negarmos a dialética existente entre a dimensão transcultural dessas crenças e suas correspondentes formatações individuais e culturais, limitamo-nos, por ora, a avaliar sua faceta psicossocial, sem, todavia, negligenciarmos sua complexidade enquanto fenômeno ao mesmo tempo particular e universal.

Questão da pesquisa e justificativa

Em determinados países, a categoria ‘paranormal’ tende a se restringir a formas específicas de crença ou fenômenos supostamente inexplicáveis, enquanto em outras localidades é geralmente indistinguível de crenças místicas, religiosas ou folclóricas, observando-se, assim, forte sincretismo em sua composição. Um exemplo deste último aspecto é o Brasil, país em que as crenças religiosas e paranormais costumam gozar de ampla repercussão em termos nacionais⁷.

Apesar disso, tanto a Psicologia quanto a Sociologia das crenças paranormais são praticamente desconhecidas no meio científico e acadêmico brasileiro, sendo escassa a bibliografia geral acerca do tema (Carvalho, 1994; Machado, 2009; Vasconcelos & Trócoli, 2004; Zangari & Machado, 1996). Todavia, a relevância social desse tipo de pesquisa em nosso país é indubitável. O Brasil constitui uma nação predominantemente religiosa e religiosamente diversa, marcada historicamente pela tolerância ao sincretismo e à mobilidade entre diferentes credos. Além disso, a crença no paranormal é perceptível na grande popularidade conquistada por telenovelas baseadas em temas paranormais e na expansão crescente do mercado de livros relacionados à auto-ajuda e espiritualidade (Almeida, 2004; Carvalho, 1994; Stoll, 2002; 2004; Zangari, 2003).

Numa das poucas pesquisas sobre crença paranormal com estudantes universitários brasileiros, Zangari e Machado (1996) informaram que 89,5% dos respondentes haviam relatado ter passado por algum tipo de experiência parapsicológica. Numa ampliação posterior dessa pesquisa, em estudo de Machado (2009) com uma amostra de 306 respondentes entre 18 a 66 anos

⁷ Um episódio curioso e exemplificativo pode ser encontrado em reportagem da Revista Veja (Rogar, 2009) que retrata o convênio estabelecido pelos governos do Rio de Janeiro e de São Paulo com a fundação de uma médium, cuja entidade espiritual (intitulada ‘Cacique Cobra Coral’), alega ser capaz de intervir sobre os fenômenos climáticos, interferindo na ocorrência de chuvas e tragédias ambientais. Segundo a reportagem, as prefeituras estariam “[...] plenamente satisfeitas com os resultados” (p.96).

provenientes dos mais variados contextos, constatou-se que 82,7% dos participantes alegaram ter vivenciado pelo menos uma experiência anômala extra-sensório-motora.

Noutra pesquisa, ligada às crenças religiosas e realizada entre 2004 e 2005 pelo IBGE, verificou-se que um terço da população brasileira acredita que Deus criou o mundo na sua forma atual. Para 89% dos entrevistados, o criacionismo deve ser ensinado nas escolas, e para 75%, o criacionismo deve inclusive substituir a teoria da evolução no currículo escolar (IBGE, 2007). Considerando-se a pouca informação científica disponível no Brasil sobre o atual estado de aceitação das crenças e experiências paranormais, os resultados advindos das pesquisas de opinião pública englobando aspectos da religiosidade são as únicas fontes restantes sobre essas crenças, além de poucos estudos específicos. De qualquer modo, a grande influência exercida pelas idéias religiosas e por temas paranormais, parece indicar que a busca pela transcendência e pela paranormalidade cumpre um importante papel em nossa sociedade, papel esse que, embora tenha se alargado em nossos dias, revela-se um traço histórico da mais alta importância à cultura brasileira, merecedor, portanto, de investigação científica.

Dentre as diferentes formas de experiência paranormal cultuadas no Brasil, destaca-se a da *mediunidade*, presente não só em religiões como a Umbanda e o Espiritismo, mas em diversas outras expressões do imaginário nacional, como a figura do curandeiro – uma definição mais precisa de mediunidade poderá ser encontrada no capítulo dois. Várias pesquisas de cunho antropológico têm sido realizadas em contextos mediúnicos – sobretudo, na Umbanda. Porém, as avaliações psicológicas da mediunidade permanecem escassas, apontando a necessidade de mais estudos (cf. capítulo 3 para uma revisão da literatura). Sabe-se que o estudo da mediunidade foi de grande importância entre o final do século XIX e início do século XX para uma compreensão dos estados dissociativos e casos de múltipla personalidade, fenômenos possivelmente relevantes ao conceito de identidade, mas cuja contribuição tem sido pouco investigada nesse sentido. Como demonstrou Zangari (2003), o fenômeno da mediunidade pode iluminar significativamente a compreensão de como se forma a identidade psicossocial e de como esta pode ser influenciada por crenças e experiências ditas paranormais. Assim sendo, a presente investigação esteve voltada para uma elucidação das experiências mediúnicas em sua relação com a construção da identidade de médiuns espíritas.

Durante o período de revisão bibliográfica referente à preparação da monografia de conclusão de curso anteriormente citada (Maraldi, 2008), pudemos constatar que algumas das causas normalmente atribuídas à assunção das idéias paranormais – como baixo nível educacional

ou sócio-econômico – não são suficientes para uma explicação adequada da dinâmica dessas crenças, denotando assim uma maior complexidade por trás de seu funcionamento. Os primeiros estudos nesse sentido renderam visões que eram, em suma, bastante desfavoráveis aos proponentes do paranormal, enfatizando deficiências na educação, na inteligência e na personalidade desses indivíduos, as quais nem sempre foram confirmadas pelas pesquisas ulteriores (Irwin, 1993, 2003; Northcote, 2007). Experiências dissociativas e consideradas paranormais – incluindo experiências mediúnicas – são freqüentes não só em populações clínicas, mas na população geral, e não estão necessariamente associadas a uma maior presença de transtorno mental, como defendiam estudos iniciais a respeito (Almeida, 2004; Moreira-Almeida & Koss-Chioino, 2009; Moreira-Almeida, Lotufo neto & Greyson, 2007; Krippner & Powers, 1997; Negro, 1999; Ross & Joshi, 1992; Ross, Joshi & Currie, 1990).

Apesar de viabilizarem a compreensão de diversas variáveis isoladas, como extroversão, tendência à fantasia, criatividade, lugar de controle externo, bem-estar subjetivo, estilo de pensamento intuitivo etc. (Aarnio & Lindeman, 2005; Goode, 2000; Gow, Lang & Chant, 2006; Grof-Marnat & Pegden, 1998; Kennedy, 2005; Thalbourne & Delin, 1994; Tobacyk, Nagot e Miller, 1988, dentre outros), tais estudos nem sempre consideram a influência do contexto histórico e social mais amplo no qual se inserem os participantes pesquisados e, principalmente, a relação entre tais crenças e a história de vida dos sujeitos: os significados atribuídos por cada um deles à suas experiências, os valores, atitudes e representações subjetivas que acompanham suas crenças etc. Assim, apesar de promoverem um detalhamento exaustivo das possíveis funções psíquicas associadas a essas crenças, tais pesquisas não foram capazes ainda de relacionar, teórica e empiricamente, as variáveis encontradas à formação do indivíduo como um todo, incluindo-se aqui os processos de socialização ou a construção psicossocial da identidade. Isso se deve, em parte, a uma limitação metodológica, envolvendo o emprego quase exclusivo de pesquisas quantitativas, baseadas em inventários que abrangem os resultados de toda uma amostra, excluindo com isso aspectos individuais e biográficos (Northcote, 2007). Na maioria das pesquisas norte-americanas, os sujeitos pesquisados são, em geral, estudantes universitários. Isso, no entanto, tem levantado críticas a essas pesquisas pelo fato de se restringirem a uma parcela específica da população (Rice, 2003).

Por outro lado, o que se depreende de tais estudos, de um modo geral, é que parecem ter reforçado, em muitos aspectos, uma concepção reducionista em que o paranormal foi reduzido à categoria de ‘patológico’ e de ‘inferior’ – tanto num sentido emocional quanto intelectual – ao serem postulados elementos que estariam contidos, de maneira invariável e estigmatizante, naqueles

que acreditam na paranormalidade. Embora a investigação em torno da existência ou inexistência do paranormal tenha sido conduzida por uma gama variada de pesquisadores, cada qual munido de diferentes atitudes frente à questão da paranormalidade, o estudo da psicologia por trás dessas crenças foi vigorosamente enfatizado por investigadores que negavam de forma dogmática a existência desses fenômenos, e os relacionavam quase sempre à psicopatologia. Para a grande maioria deles, as crenças paranormais são falsas; eles promovem pesquisas nessa área não tanto porque desejam investigar cientificamente a possibilidade de existência do paranormal ou porque queiram compreender melhor os fatores subjacentes à assunção da paranormalidade, mas porque acreditam que tais crenças têm consequências psicológicas e sociais altamente indesejáveis. Seu objetivo, claramente assumido, é o de desencorajar a propagação e difusão dessas crenças (Alcock, 1981; Dawkins, 2007; Kurtz, 1996; Markovsky & Thye, 2001; Randi, 1992; Singer & Benassi, 1981).

Todavia, enquanto o grupo dos “céticos” tende a juntar esforços para demonstrar o argumento de que as crenças paranormais são inverossímeis e que os indivíduos que adotam tais crenças são psicologicamente problemáticos, o grupo dos parapsicólogos tende a proclamar que há algo errado no repúdio e na descrença frente ao paranormal, e defende a idéia de que os investigadores ‘céticos’, assim como outras pessoas, apresentariam, na verdade, um medo instintivo relacionado a experiências anômalas, por se tratar de eventos aparentemente incontroláveis ou absurdos para a mentalidade exclusivamente racional e materialista (Eisenbud, 1972; Leshan, 1994; Tart, 1984). Excluindo-se os excessos de tais abordagens, as pesquisas parecem realmente sustentar reivindicações provenientes dos dois grupos (Kennedy, 1981, 2005; Eisenstein, 2005; Irwin, 1993, 2003; cf. também capítulo um). De qualquer modo, devemos estar conscientes de que “as explicações propostas para as crenças paranormais tendem a refletir as atitudes da pessoa [ou do grupo] que está propondo essa explicação” (Kennedy, 2005, p. 263).

Exemplos disso foram bem sumariados nos estudos de Alvarado (1991) e Machado (2007). Os autores apresentam circunstâncias nas quais as investigações parapsicológicas teriam sido utilizadas para corroborar sistemas de crença religiosa – como é o caso do padre jesuíta Oscar González Quevedo. Outro exemplo ao qual recorre Machado é o do engenheiro brasileiro Hernani Guimarães Andrade, que empregou conceitos científicos no intuito de sustentar certas idéias espíritas. Além de ‘enviesarem’ a interpretação dos dados, as opiniões partidárias de pesquisadores ‘céticos’ ou religiosos podem ajudar a construir uma visão errônea, porque tendenciosa e parcialmente verdadeira, dos que acreditam no paranormal ou alegam vivenciar experiências desse

tipo. Independentemente das evidências obtidas em favor de algumas das idéias propaladas por esses pesquisadores, tal posicionamento unidimensional afetou a maneira de conduzir muitas investigações, inserindo a tendência de procurar características psicológicas exclusivamente positivas ou negativas nos indivíduos que acreditam no paranormal. Nos casos de investigações ‘céticas’, Irwin (2003, p. 287) explica que:

Embora os resultados dos estudos individuais conduzidos nesta perspectiva poderiam ser bem válidos, há um perigo concomitante de introduzir alguma tendência na descrição do crente no paranormal. Certamente é importante saber se os crentes no paranormal tenderem a ser crédulos ou dogmáticos, mas coletivamente estas informações podem estar enganando se potenciais características psicológicas positivas dos crentes (por exemplo, empatia) são negligenciadas pelos investigadores⁸.

Isso não significa que não se possam levantar argumentos ou investigações científicas acerca dos possíveis malefícios ou conseqüências sociais e individuais da adoção dessas crenças, senão que tais investigações deveriam ser levadas a cabo sem um excessivo comprometimento ideológico, o qual viesse a prejudicar posteriormente uma correta avaliação dos resultados desses estudos. O que se percebe é que o discurso foi restringido aos interesses particulares de determinados grupos – incluindo-se também religiosos contrários ou favoráveis a determinadas crenças paranormais, cujas abordagens tendenciosas se mostraram igualmente danosas ao avanço e aceitação dessas pesquisas por parte da comunidade científica mais ampla – e, dessa forma, a Psicologia das crenças paranormais tornou-se um campo envolto por propostas normalizadoras e adaptacionistas, que visam restituir a ‘saúde mental’ e o ‘bom-senso’ àqueles que os teriam perdido. Essas pesquisas continuam a reproduzir, em muitos sentidos, a trajetória de marginalidade, as ‘políticas da verdade’ e os mecanismos ideológicos e estratégicos subjacentes à história das crenças e experiências paranormais no mundo ocidental, como bem salientou Northcote (2007). Além disso, tendem a separar o social do individual, enxergando-os como ‘causas’ isoladas e concorrentes entre si, e não como partes de uma relação dialética.

As conseqüências de ordem metodológica são igualmente perniciosas. Sem dúvida alguma, as pesquisas quantitativas – com base em escalas, inventários, pesquisas de opinião pública, estudos epidemiológicos, experimentais etc. – além de geralmente mais econômicas, são

⁸ Há, contudo, algumas exceções ao argumento de Irwin. Na pesquisa de Watt e Wiseman (2002) sobre a influência do experimentador na eventual conformação ou distorção dos dados de estudos sobre inteligência e crença paranormal, os autores – um auto-proclamado cético e uma simpatizante da existência de fenômenos paranormais – obtiveram resultados que mostraram efeito inverso ao esperado por Irwin: Richard Wiseman encontrou pouca evidência de uma relação negativa entre crença paranormal e inteligência, enquanto Caroline Watt chegou a resultados fortemente significativos nesse sentido. Deve-se assinalar, por outro lado, em favor de Irwin, que uma consideração mais atenta e aprofundada de possíveis fatores contextuais nesses experimentos está ainda para ser mais bem explorada nas investigações sobre crenças e experiências paranormais. Cf. capítulo um.

fundamentais para se mapear o campo e facilitar procedimentos de comparação, replicação e testagem de hipóteses ou resultados. Não obstante, quando usados unilateralmente, sem a devida articulação das associações entre variáveis e as condições sociais e históricas, os dados estatísticos e quantitativos podem se tornar presas de vieses interpretativos e contribuir com a construção de concepções que instigam a segregação e exclusão social das pessoas (Fernandes, 2005; Patto, 1997). Jurberg (2000, p. 128) menciona como exemplo, nas pesquisas psicossociais quantitativas, a ocorrência de generalizações e analogias indevidas que tendem a sustentar a proliferação de estereótipos grupais a partir de associações que indicariam, na sua origem, muito mais uma co-ocorrência do que necessariamente uma relação de causa e efeito: “Infundáveis pesquisas de levantamento, cujo objetivo seria simplesmente determinar o nível de ocorrência de determinadas características, dentro da amostra da população estudada, acabavam por transformar correlações estatísticas em causalidades”. Faz-se urgente, destarte, uma maior diversificação dos recursos metodológicos, ancorada em uma visão mais ampla de indivíduo e de sociedade.

Foi em função das razões elencadas acima que se preferiu pautar o presente estudo numa metodologia mais qualitativa, biográfica e etnográfica, que procurasse se aprofundar na história de vida e nas práticas sociais desempenhadas pelos participantes, ao invés da pesquisa com escalas, inventários etc., mais próxima de uma perspectiva psicométrica, como a realizada, particularmente, em território estadunidense. Não negamos aqui, entretanto, a relevância de tais estudos, mas ao revisá-los, apontamos para suas eventuais limitações interpretativas e metodológicas, de modo a pensar novas possibilidades de desenvolvimento e aperfeiçoamento no campo da Psicologia das crenças paranormais (cf. o primeiro capítulo da dissertação). O presente trabalho apoiou-se, por sua vez, numa abordagem de base psicossocial, visto entendermos não ser suficiente o estudo do ser humano desvinculado de sua dimensão sócio-histórica. Sob essa perspectiva, o homem é visto não apenas como produto, mas também como produtor, tanto de sua história pessoal quanto da história de sua sociedade (Lane & Codo, 1994). Para Ciampa (1987, 1994) o indivíduo concretiza a realidade do grupo, ainda que potencialmente; suas particularidades reproduzem as particularidades universais. Assim, a identidade grupal e a identidade individual não estão separadas, mas unidas em um contexto dentro do qual se constroem e tomam forma. Trata-se, contudo, de uma relação dialética, e não unilateral. A identidade se constrói, em parte, como aceitação das determinações coletivas, e em parte, como negação delas. A identidade individual é, pois, a História personificada, a encarnação de um momento da História humana.

Sendo a identidade um fenômeno ao mesmo tempo individual e sócio-histórico, devemos nos questionar se as concepções estabelecidas em torno daqueles que acreditam em fenômenos paranormais ou vivenciam experiências ditas ‘anômalas’, não caracterizariam muito mais um reflexo de construções baseadas em interesses grupais e ideológicos específicos – quer dos detratores, quer dos proponentes dessas crenças – do que um conjunto de características inerentes a esses indivíduos. Isso nos leva a considerar a dialética entre o natural e o social, questão que se encontra na base do próprio conceito de identidade e, mais ainda, da própria história da Psicologia Social -- questões sobre as quais falaremos mais extensamente no capítulo quatro desta dissertação. Ciampa (1987, 1994) refere-se a duas possibilidades de compreensão da identidade: uma representacional (como *produto*, como *dado*), e outra processual ou constitutiva (como *dar-se*, como *produção*, isto é, como o próprio processo de *metamorfose*, de mudança, de desenvolvimento). Quando se enfatiza apenas o aspecto representacional, um determinado conjunto de características tomadas como definidoras do indivíduo, de uma suposta essência ou substância individual, tem-se aquilo que o autor chama de *identidade-mito*. Em outras palavras, efetua-se uma categorização dos indivíduos que nunca se altera, que é sempre a mesma, sustentada ideologicamente. A possibilidade de mudança, de metamorfose, implica na possibilidade de desenvolvimento; ao se estagnar esse processo, cria-se uma condição alienante, tanto para o indivíduo quanto para sua sociedade. Para Ciampa, portanto, a identidade deve ser entendida primordialmente como o processo de metamorfose, processo de articulação do igual e do diferente, da unidade e da diversidade, opostos numa relação complementar e dialética.

A metamorfose, quando verdadeiramente emancipatória e não escamoteadora, significa desenvolvimento rumo a uma maior autonomia, a uma condição mais humana e menos opressora, só alcançada mediante um *projeto de vida*. A construção de um bom projeto identitário é um processo que pode ser favorecido (ou não) pelas condições sociais e institucionais vigentes ou pelas crises adaptativas enfrentadas pelo indivíduo ao longo de sua trajetória. Portanto, estudar a identidade implica investigar o seu *modo de produção dominante*, as maneiras pelas quais forma-se uma dada identidade, na constante assunção, retomada e criação de personagens e papéis. Para isso, devemos partir do modelo representacional, mas não como meio de perpetuá-lo, e sim como recurso para o entendimento dos interesses que subjazem às categorizações que o legitimam. É desse pressuposto básico que pretendemos seguir para analisar a construção da identidade dos médiuns espíritas. Nosso intuito é o de estabelecer assim um caminho intermédio e forjar uma análise menos

comprometida com adesões de ordem ideológica e doutrinária, mas não menos devotada a uma elucidação crítica dessas crenças e experiências.

O termo Identidade tem sido considerado sinônimo de Personalidade. O conceito de Personalidade, no entanto, tende a enfatizar bem mais os aspectos individuais e biológicos envolvidos na formação do Eu, do que sua faceta cultural e social. Já o termo Identidade é usado com frequência na Psicologia Social para se indicar o caráter psicossocial do Eu, em oposição a perspectivas naturalizadas. Tal separação, contudo, tem sido vista por muitos como arbitrária e injustificável, visto que a identidade pessoal e a identidade social são, na verdade, aspectos cruciais de um mesmo fenômeno. Como diria Paiva (2007, p. 80): “A aproximação ao tópico da identidade se faz melhor conjugando psicologia social e psicologia da personalidade, a necessária inserção da pessoa no grupo e a singularidade de cada indivíduo com sua história.” A esse respeito, Scheibe (1995) também defende que a identidade seja compreendida sob duas dimensões: uma vertical (individual) e outra horizontal (social); do contrário, corre-se sempre o risco de reducionismo, seja numa esfera biologizante, intrapsíquica ou social. A primeira tem como cerne de suas reflexões a vida interior do indivíduo, seu desenvolvimento moral, cognitivo, emocional, a significação de suas experiências, sua subjetividade e psicodinâmica. A segunda tem como princípio as relações sociais, o estudo da linguagem, dos gestos, das lutas pelo poder, das configurações políticas, econômicas e institucionais que condicionam o comportamento de indivíduos e grupos. Não vemos essas perspectivas como antagônicas, mas como complementares, na medida em que, juntas, permitem uma visão mais ampla de indivíduo, quer em sua rota progressiva ou regressiva vertical, quer em suas mútuas interações horizontais.

Dentre as variáveis que podem incidir sobre a construção da identidade, encontra-se o sistema de crenças adotado por um indivíduo, sistema esse que é estimulado por grupos de pertencimento e outros condicionantes sócio-culturais e políticos (Del prete & Del prete, 2003). As crenças e experiências paranormais / religiosas são determinadas não apenas pelo seu conteúdo, mas pela execução de determinadas práticas que as caracterizam ou mesmo as estimulam. Tais práticas são conduzidas, em geral, por pessoas que dominam o conhecimento necessário à sua realização – ou que estão em vias de desenvolvê-lo. Para a astrologia, tem-se o astrólogo, para a mediunidade, tem-se o médium, e assim por diante. Tais práticas sócio-culturais parecem desempenhar um importante papel na vida das pessoas, já que são encaradas como auxiliares na solução de impasses e problemas cotidianos (Roe, 1998a).

A assunção dos *papéis religiosos*, como nos mostra Sundén (capítulo 4) tende a moldar e a orientar a percepção e o comportamento, de modo a que diferentes eventos sejam interpretados segundo o *quadro de referência* estabelecido. Nesse processo, o indivíduo assume para si as crenças e práticas religiosas, com elas se identifica e, desse modo, transforma sua vida numa expressão particularizada da fé que abraçou. Os espíritas, por exemplo, entendem o ser humano como dotado, basicamente, de três elementos: um espírito, um *perispírito* e um corpo físico. O primeiro, imortal, sobreviveria à morte do corpo, seguindo adiante, em seu caminho de evolução espiritual, por sucessivas reencarnações, numa pluralidade de existências, até finalmente atingir o estágio de espírito puro. O segundo elemento, intermediário entre o corpo e o espírito, servi-los-ia como instrumento de ligação, sobrevivendo também à degradação corpórea, conquanto, segundo os espíritas, sofra modificações ao longo do tempo, de um estado mais denso para outros mais sutis, passando assim por sucessivas fases de depuração que seguiriam o próprio desenvolvimento reencarnatório do espírito. O terceiro e último elemento constitutivo do ser humano na concepção espiritista, o corpo, é visto tão somente como veículo transitório de permanência, embora seja grandemente valorizado por oferecer ao espírito a oportunidade da reencarnação na Terra, planeta de provas e expiações, onde, segundo tal filosofia, seria possível aprender e evoluir, tanto moral quanto intelectualmente. Ora, as pessoas a quem entrevistamos se identificam e se reconhecem como indivíduos a partir desta classificação metafísica: vêem-se como espíritos imortais, temporariamente conectados a um organismo biológico; incorporaram as concepções espíritas de maneira a ajustarem sua autopercepção em função delas.

Todavia, não nos basta permanecer nesse nível explicativo. Seguindo a proposta de Ciampa (1987), entendemos que a pesquisa sobre identidade deve buscar o desvelamento do que é velado, isto é, trazer à tona os processos (ou modos) de construção da identidade situados além dos aspectos puramente descritivos. Nosso interesse esteve voltado assim para uma compreensão das transformações identitárias, dos processos de mudança e desenvolvimento psicossociais por trás dessas crenças, e não para sua existência concreta ou suas implicações religiosas. Que se esclareça, portanto, que quando nos referimos a ‘espírito’, remetemos tão somente a uma crença religiosa ou, melhor ainda, a uma noção particular de identidade, cujas representações psicológicas e sociais pretendemos investigar.

Seguindo tal linha de raciocínio, quais seriam os usos e sentidos, psicodinâmicos e sociais, das crenças e experiências paranormais na construção da identidade de indivíduos que conduzem práticas envolvendo elementos dessas crenças, como mediunidade, curas espirituais etc.?

A escolha de indivíduos pertencentes a um dado grupo religioso (o espírita) nos foi interessante, sobretudo, pela possibilidade de se verificar o papel das crenças e práticas doutrinárias e institucionais no processo de formação identitária, ao invés de fazê-lo recorrendo a pessoas cuja relação com essas crenças fosse meramente ocasional ou da ordem da curiosidade. Por sua vez, a escolha de participantes espíritas veio de encontro com o conhecimento que temos desse grupo a partir de pesquisas anteriores, e da própria familiaridade pessoal do pesquisador com práticas e crenças espíritas, o que incluiu ainda uma maior facilidade de acesso e contato com os integrantes da pesquisa. Para investigar o problema referido, utilizamo-nos de uma abordagem de pesquisa qualitativa, sustentada, basicamente, em três frentes:

- 1) análise de relatos das histórias de vida dos participantes, buscando averiguar diferentes aspectos de sua formação identitária, bem como os valores e representações subjetivos atrelados a suas crenças e experiências paranormais;

- 2) observação etnográfica de reuniões mediúnicas e outras sessões espíritas, buscando melhor acessar a dimensão social e grupal dessas crenças e experiências, bem como sua interação com a dimensão individual investigada no item 1;

- 3) análise de material complementar fornecido pelos médiuns participantes, sob a forma, por exemplo, de pinturas ou desenhos mediúnicos e psicografias (mais informações acerca dos procedimentos de recrutamento dos colaboradores, coleta e análise dos dados poderão ser encontradas no capítulo 5 sobre “Método”).

Para efetuar a análise e discussão do material proveniente das três frentes de investigação, fundamentamo-nos teoricamente (capítulo 4) em trabalhos que versam sobre a construção da identidade psicossocial e da identidade religiosa, a partir das contribuições de Antonio da Costa Ciampa (1987, 1994), autor da Psicologia Social brasileira conhecido pela sua proposta de teorização em torno do tema da identidade; o filósofo Jürgen Habermas (1990), cujo trabalho nos interessa especialmente pelas investigações que empreendeu no contexto das formações da identidade em suas relações com a psicologia do desenvolvimento moral e cognitivo; e Hjalmar Sundén, renomado representante da Psicologia da Religião devotado ao estudo dos papéis religiosos. Habermas ser-nos-á importante ainda como ponto de partida para discussões que pretendemos realizar, a partir dos resultados da pesquisa, acerca do papel mais amplo das crenças e experiências paranormais na cultura (cf. capítulo 4 e capítulo 9, “Mediunidade como Ideologia”). Buscou-se complementar esse referencial com as contribuições dos autores revisados no capítulo 3, os quais abordam a psicodinâmica da mediunidade.

Os estudos psicossociais da identidade têm já uma longa tradição na Psicologia, na Filosofia e na Sociologia (Bauman, 2005, 2007; Goffman, 1959/1990; 1963/1986; Mead, 1934/1967; Sarbin, 1954; Scheibe, 1995, entre outros) cujas contribuições não pretendemos negligenciar no presente trabalho, muito embora venham a ser citadas perifericamente ao longo da dissertação, em decorrência da natural limitação e impossibilidade de se abarcar todas essas perspectivas numa única pesquisa. A escolha por um enfoque brasileiro do conceito de identidade encontra guarida também na necessidade apontada por alguns psicólogos sociais (Campos & Guareschi et al, 2000) de que se valorizem as contribuições de pesquisas psicossociais latino-americanas, em prol da construção de teorias e modelos mais próximos à nossa realidade social, ao invés de se persistir na aplicação desarticulada de teorias emprestadas de outros contextos⁹. Tal preocupação não advém exclusivamente da tentativa de fomentar uma identidade cultural e científica brasileira ou latino-americana, mas do próprio reconhecimento epistemológico de que, sendo os fenômenos de estudo da psicologia social fenômenos inerentemente sociais, eles são condicionados, portanto, pelo seu contexto mais amplo de ocorrência, devendo ser compreendidos e elucidados com referência às suas condições empíricas particulares. Isto se mostra particularmente evidente no caso das práticas espíritas que, como veremos no capítulo 2, ganharam conotações específicas em nosso país, muitas vezes diversas daquelas que caracterizaram a emergência do Espiritismo na França.

No trabalho de conclusão de curso que serviu de base para a presente dissertação (Maraldi, 2008) verificou-se que os usos e sentidos das crenças e experiências paranormais na construção da identidade das médiuns investigadas eram extremamente variados, envolvendo não apenas determinadas funções psicodinâmicas, como também diversos sentidos psicossociais, os quais podem ser resumidos aqui em três categorias básicas, ou três usos fundamentais:

a) a mediunidade como projeto de vida: a identidade mediúnica tende a organizar as experiências emocionais do indivíduo ao fornecer-lhe um *projeto de vida* antes inconcebível ou inexplorado. Trata-se da função de *ressignificação* da mediunidade, a busca por um significado humano, emocional e espiritual capaz de transcender, simbolicamente, as condições biológicas e sociais a que estão condicionados esses indivíduos. Esse processo parece estar a serviço não só de

⁹ Ainda nesse sentido, refletindo sobre o futuro da Psicologia Anomalística no Brasil e na América Latina, Zangari (2009, p. 107) assinala a importância de se abrirem mais largamente as portas do meio acadêmico, em nossos países, para esse tipo de investigações, de modo a viabilizar mais autonomia frente aos centros de pesquisa internacionais, nivelando nossa produção com a de outros países pioneiros nesse campo – tidos, em geral, como exemplos de nações desenvolvidas: “É momento de respeitarmos nossa identidade cultural e reconhecermos nossas possibilidades. É momento de, efetivamente, valorizarmos nossas possibilidades e, estrategicamente, construirmos o futuro que desejamos para o nosso campo”.

certas funções psicodinâmicas – como, por exemplo, a diminuição da angústia e da ansiedade decorrentes da exposição a emoções conflituosas – mas também do preenchimento de eventuais lacunas entre discursos, necessidades e experiências incoerentes ao longo da história de vida dos médiuns. As crenças paranormais não necessariamente funcionam como empecilhos ao alcance de uma identidade pós-convencional ou *identidade do eu*. É possível que tais crenças, e a maneira de enxergá-las e atuá-las desenvolvam-se *com* o indivíduo, não permanecendo irremediavelmente como a expressão de uma condição ‘imatura’, ‘primitiva’ ou ‘patológica’;

b) a mediunidade como *ocultação e revelação identitárias*: a identidade mediúnica, no contexto das sessões e práticas espíritas, possibilita o ensaio – ou exercício – em ambiente controlado, de funções psíquicas associadas a determinados papéis reprimidos ou pouco desenvolvidos pelos médiuns (desenvolvimento de capacidades latentes e pouco afloradas ou estimuladas, em função de adversidades pessoais, sociais etc., como a pintura e a redação, por exemplo). Permite ainda a expressão de emoções difusas, diretamente relacionadas às suas biografias, auxiliando tais indivíduos a lidarem com seu mundo subjetivo, sem que tenham de assumir total responsabilidade pessoal (ou consciente) pelos conteúdos que emergem durante as sessões. O centro espírita parece fornecer assim um espaço ‘terapêutico’ de acolhimento e continência de papéis reprimidos ou inaceitáveis, ao transmitir a simbologia e o treinamento prático necessários para se lidar com esses conteúdos, sem que haja medo ou receio, tendendo a interpretar sua emergência, nesse contexto, como manifestação de espíritos. Esse processo, no entanto, envolve também certos riscos. O centro espírita pode estar a serviço, algumas vezes, não tanto do desenvolvimento individual de seus membros, como da sua própria manutenção ou reposição identitária – isto é, da manutenção da ideologia espírita – podendo dificultar, em alguns momentos, um desenvolvimento que se proponha ir além das condições institucionalmente idealizadas, recaindo, destarte, na mera reposição do papel social de espírita;

c) e a mediunidade como *ideologia* – a história individual dos participantes tende a reproduzir, a partir da assunção do papel de médium, a história da própria ideologia espírita e, num nível ainda mais amplo, a história das crenças mediúnicas em geral. Parece haver, desse modo, uma fusão de buscas pessoais com questões coletivas ainda não totalmente superadas, tornando-se as lutas individuais por reconhecimento social e significado na vida, lutas também ideológicas, isto é, expressões da própria história das crenças mediúnicas, história de marginalidade e exclusão.

O estudo citado foi exploratório e levantou diversos questionamentos a partir da análise dos dois casos. Nossa pretensão com o presente trabalho é a de aprofundar as hipóteses levantadas

naquela ocasião, recorrendo, para tanto, a um número maior de participantes. Pode-se encontrar um resumo mais detalhado da pesquisa exploratória em algumas publicações do autor e de outros pesquisadores (Maraldi, 2009a, 2009b; Maraldi, Machado & Zangari, 2010) – cf. também no apêndice A desta dissertação um exemplar do capítulo seis da monografia mencionada, onde os resultados e análises desfechadas encontram-se disponíveis para averiguação.

Objetivos da pesquisa

Com fundamento nos argumentos levantados ao longo dos tópicos anteriores, a pesquisa teve como objetivos pretendidos:

Objetivo geral – Investigar os usos e sentidos das crenças e experiências paranormais na construção da identidade de pessoas maiores de 18 anos, pertencentes à religião espírita que mantenham semanalmente uma ou mais práticas envolvendo elementos de crença paranormal, como mediunidade e experiências correlatas: psicografia, pintura mediúnica, curas espirituais, experiências fora do corpo etc.

Objetivos específicos – Compreender a importância da dimensão sócio-histórica e sócio-cultural no processo de construção da identidade dos participantes;

Relacionar a função desempenhada pelas crenças e experiências paranormais, bem como por práticas dessa natureza, ao longo da história desses participantes;

Identificar os sentidos psicológicos e sociais envolvidos na experiência paranormal / mediúnica;

Investigar e sistematizar a influência de condicionantes psicológicos e psicossociais na assunção e manutenção das crenças paranormais relatadas pelos sujeitos;

Relacionar a compreensão acerca das crenças e experiências paranormais dos participantes, com o contexto social mais amplo em que estão inseridos e sua participação nesse contexto e no contexto intersubjetivo de formação e manutenção de suas crenças e práticas grupais;

Considerar uma possível ampliação / revisão do referencial teórico adotado, tendo por base os dados obtidos, caso se evidenciem limitações teóricas significativas.

Estrutura geral da dissertação

De modo a oferecer uma idéia geral de como se propôs estruturar a presente dissertação, construiu-se o seguinte quadro (1, abaixo), contendo as partes ou seções da monografia e seus respectivos capítulos, bem como um resumo dos assuntos abordados em cada um.

Parte um – Revisão da Literatura		
Capítulo um	<i>Uma Introdução Crítica à Psicologia das Crenças Paranormais</i>	Este primeiro capítulo estabelece uma revisão crítica dos estudos em psicologia das crenças paranormais, tratando das principais hipóteses desenvolvidas na tentativa de explicar o funcionamento e a dinâmica dessas crenças. Aborda os aspectos sócio-culturais da crença paranormal, as variáveis cognitivas e funções psicodinâmicas envolvidas na assunção dessas crenças, bem como pesquisas recentes que propõem elucidar as origens psicológicas de experiências anômalas.
Capítulo dois	<i>Mediunidade: perspectivas sócio-históricas e religiosas</i>	Neste capítulo é traçado um panorama histórico geral das práticas espiritualistas e mediúnicas, com ênfase no contexto brasileiro. Aborda-se também a interpretação religiosa espírita do fenômeno da mediunidade, abarcando, desse modo, tanto uma perspectiva ética quantoêmica acerca de tais experiências.
Capítulo três	<i>Mediunidade e Psicologia</i>	Aqui é encontrado um resumo da literatura sobre os estudos psicológicos da mediunidade, desde os pesquisadores pioneiros, até perspectivas mais recentes dentro de um enfoque psicossocial. Revê ainda os achados de estudos clínicos, à luz dos dados atuais sobre a psicopatologia dessas experiências. Revisa as contribuições de autores como Pierre Janet, Frederic Myers, William James, Théodore Flournoy e Carl Jung a respeito da mediunidade.
Parte dois – Referencial Teórico e Método		
Capítulo quatro	<i>A identidade como metamorfose</i>	Neste capítulo é apresentado com mais detalhes o referencial teórico no qual se fundamenta a presente investigação. Revisam-se os conceitos de identidade e metamorfose na obra de Ciampa, bem como algumas das contribuições de Habermas relacionando identidade psicossocial, psicologia do desenvolvimento e desenvolvimento cultural. Efetua-se ainda uma breve revisão do modelo de Hjalmar Sundén sobre a formação dos papéis religiosos.

Capítulo cinco	<i>Método</i>	Este capítulo é inteiramente dedicado a uma explicitação detalhada dos procedimentos de recrutamento dos participantes, coleta e análise de dados da pesquisa, bem como dos pressupostos metodológicos que embasaram a condução do presente estudo. Fornece, por sua vez, uma descrição geral das instituições espíritas que aceitaram colaborar conosco, de como foi realizado o contato com as mesmas e com os colaboradores individuais, dentre outros procedimentos metodológicos adotados, desde a formulação inicial do projeto de pesquisa até sua aplicação propriamente dita.
Parte três – Resultados, Análises e Conclusão		
Capítulo seis	<i>Aspectos fenomenológicos das experiências mediúnicas</i>	Aqui são retratados, em termos descritivos, diferentes aspectos da fenomenologia das experiências mediúnicas, assim como narradas pelos participantes e observadas em reuniões mediúnicas. Levanta-se um possível modelo explicativo para as relações entre crença, experiência e fenômeno no contexto das sessões espíritas. Tópicos abordados: 1) a “descoberta” da mediunidade; 2) o desenvolvimento mediúnico; 3) a sessão espírita e 4) a psicogênese dos espíritos.
Capítulo sete	<i>A mediunidade como projeto de vida</i>	A partir deste capítulo são apresentadas as principais categorias desenvolvidas na análise dos dados empíricos. A mediunidade é estudada aqui como fator de ressignificação da história de vida, mediante categorias paranormais / religiosas com as quais os participantes reconstroem suas narrativas biográficas, dando-lhes novos sentidos. Abordam-se os processos de conversão ao Espiritismo e suas repercussões nos valores, atitudes e visão de mundo dos participantes.
Capítulo oito	<i>A mediunidade como ocultação e revelação</i>	Partindo-se da noção de que a identidade ora é revelada, ora ocultada, em função de uma série de mecanismos nos quais se alternam processos tanto conscientes quanto inconscientes, a mediunidade é explorada, neste capítulo, como um instrumento grupal e individual de expressão de conteúdos e habilidades latentes. Por meio das práticas mediúnicas, os participantes são incitados a desenvolverem potenciais antes pouco aprofundados e estimulados socialmente (como o desenho e a escrita), ou a manifestarem

		conflitos psíquicos e emoções difusas em um contexto onde estes são aceitos e elaborados segundo a simbologia e a prática espíritas. Esse processo parece envolver não apenas benefícios, como também certos riscos, detalhados ao longo do capítulo.
Capítulo nove	<i>A mediunidade como ideologia</i>	A última categoria de análise do estudo apresenta aqueles momentos do discurso dos participantes em que se observa a defesa do papel de espírita, fusionada à defesa e manutenção de suas próprias identidades pessoais. A história individual dos participantes tende a reconstituir a história da própria ideologia espírita e, num nível ainda mais amplo, a história das crenças mediúnicas em geral, o que os incita à proteção de suas crenças, como meio de salvaguardar suas próprias identidades. Conflitos históricos entre Espiritismo e Catolicismo, Espiritismo e Psiquiatria, Espiritismo e Ciência, apresentam-se como categorias recorrentes no discurso dos médiuns, bem como na relação transferencial com a figura do pesquisador / psicólogo.
Conclusão	<i>Conclusão</i>	Para finalizar o trabalho, procedeu-se com uma revisão da literatura, à luz dos dados obtidos, salientando possíveis limitações metodológicas e interpretativas do estudo.
Referências		
Apêndices		
(disponíveis no CD-ROM que acompanha esta dissertação)		
Apêndice A	<i>Exemplar do capítulo de análise de Maraldi (2008)</i>	Para melhor orientar o leitor quanto às categorias de análise abordadas neste trabalho, incluiu-se como apêndice um exemplar do capítulo de análise do estudo exploratório realizado pelo autor em 2008, o qual serviu de base para a elaboração desta dissertação. Assim pode ter o leitor uma compreensão mais clara sobre como as categorias emergiram no contexto daquela investigação e quais modificações e complementações se deram em relação ao modelo de hipóteses original.
Apêndice B	<i>Transcrições das entrevistas</i>	Transcrições das entrevistas com os participantes do presente estudo.
Apêndice C	<i>Relatórios de observação</i>	Relatórios contendo notas de campo, descrições das sessões mediúnicas e das experiências e comportamentos registrados <i>in loco</i> .

Parte um –

Revisão da literatura

1 Uma Introdução Crítica à Psicologia das Crenças Paranormais

Eu questiono a razão de tantas coisas desconcertantes e vitais para a psicologia serem colocadas fora de sua salvaguarda e descritas na linguagem da psicopatologia e da parapsicologia. [...] Porque a psicopatologia caracteriza toda a psicologia, o seu modo de considerar aquilo que é ao mesmo tempo o mais difícil de compreender e o mais desagradável de viver.

- James Hillman (1984, p. 112)

[...] a mais clara separação deve ser introduzida sem cessar entre o que provém da improvisação pessoal, da verdade de escola, ou de tudo que está centrado sobre o eu ou um grupo restrito, e os domínios nos quais é possível um acordo dos espíritos, independentemente das crenças metafísicas ou das ideologias. De onde a regra essencial de jamais colocar as questões senão em termos tais que a verificação e o acordo sejam possíveis, uma verdade só existindo enquanto tal apenas a partir do momento em que foi controlada (e não simplesmente aceita) por outros pesquisadores.

- Jean Piaget (1969/1978, p. 77).

Na introdução do presente trabalho, discutimos alguns dos argumentos e justificativas a favor da pesquisa sobre crenças paranormais e apresentamos os dados de pesquisas populacionais sobre essas crenças, a fim de chamar a atenção do leitor para a relevância psicossocial do tema. O debate concernente às muitas definições encontradas para o vasto domínio da crença paranormal foi igualmente retratado. Mas há outro debate a ser mencionado, relativo às muitas aproximações teóricas formuladas no intuito de explicar adequadamente os motivos psicológicos e sociais envolvidos no endosso das crenças paranormais. Cada uma das várias hipóteses proponentes refere-se a aspectos muito específicos da crença no paranormal, conduzindo a grupos de correlatos bastante distintos, como veremos a seguir. Por outro lado, tal como visto anteriormente, a pesquisa sobre essas crenças esbarra no desafio de enfrentar certas divergências ideológicas entre os pesquisadores, as quais, na maioria das vezes, encontram-se pautadas nos interesses de grupos rivais, como o grupo dos 'céticos', o grupo dos parapsicólogos e o grupo dos proponentes religiosos.

Longe de posicionar-se contrária ou favoravelmente às crenças paranormais, a investigação científica pode contribuir em muito para um maior entendimento das diferentes disposições adotadas pelas pessoas frente à paranormalidade, ou mesmo para uma compreensão mais efetiva das origens de tais experiências, sem que haja a necessidade de um envolvimento obrigatório com uma posição ideológica ou outra. Compreender os usos e sentidos psicossociais da crença ou descrença no paranormal constitui o ponto de partida para elucidarmos as razões que levaram tais crenças a desempenharem um papel sócio-cultural tão relevante em diferentes grupos,

no decorrer dos tempos, bem como a razão de mobilizarem nas pessoas disposições e atitudes, por vezes, tão radicais¹⁰. Ao longo desta dissertação, veremos que o estudo dessas crenças e experiências toca em aspectos fundamentais da Psicologia e da Sociologia, podendo contribuir em muito com o conhecimento produzido nesses campos.

Vários fatores podem incidir na forma com que uma determinada pessoa adota e mantém essas crenças. Dentre esses fatores, podemos citar a forte influência exercida pela socialização dentro da família e de grupos de amigos (Markovsky & Thye, 2001; Mears & Ellison, 2000), o poder sugestivo de informações veiculadas por meio da mídia (Mousseau, 2003) e a persuasão formal por parte de instituições como igrejas, ou mesmo cultos e seitas (Zusne & Jones, 1989). Tais crenças poderiam ser consideradas ainda como a única forma inteligível de abordar experiências anômalas pelas quais uma pessoa tenha passado (Laubach, 2004; Maher, 1992; McClenon, 2000), ou poderiam desenvolver-se como parte de sua filosofia pessoal ou de uma visão de mundo metafísica compartilhada com um grupo religioso ou doutrina filosófica (Goode, 2000; Irwin, 2003; Northcote, 2007; Zusne & Jones, 1989).

As pesquisas sobre crenças paranormais abrangem uma enorme variedade de características individuais e coletivas, indo desde os índices de marginalidade social, aos correlatos cognitivos, psicodinâmicos e até neurológicos dessas crenças. Não nos será possível efetuar, no espaço destinado a este capítulo, uma revisão exaustiva de todas as principais referências nesse campo. Assim, serão abordados somente aqueles aspectos mais relevantes para o fornecimento de alguns subsídios teóricos às pesquisas em contexto brasileiro. Embora os estudos aqui relacionados acabem privilegiando uma visão psicométrica e individualista, em que a dimensão psicossocial das crenças paranormais é deixada de lado – ou então colocada como hipótese à parte, desvinculada dos aspectos individuais – consideramos importante levantar os achados dessas pesquisas, de modo a fundamentar nossa própria discussão, esta sim, dentro de um enfoque psicossocial e, portanto, dialético.

Dentre as lacunas que observamos nos estudos sobre crenças paranormais – algumas delas já apontadas na revisão feita introdutoriamente – encontram-se ainda: 1) a prevalência de pesquisas norte-americanas, com a consequente escassez de investigações nos demais contextos

¹⁰ Deveria ser dito que o estudo da crença paranormal envolve igualmente o estudo da descrença nesse tipo de fenômenos. Poucas pesquisas foram realizadas até o momento nesse tocante; alguns exemplos incluem Kennedy (1981, 2005); Leiter (2002, 2004), Russel e Jones (1980), Tart (1984), Wilkinson & Coleman (2010). Há também, na literatura, casos interessantes de colaboração e diálogo entre céticos e proponentes do paranormal, como em Hyman e Honorton (1986) e Schiltz, Wiseman, Watt e Radin (2006).

culturais e 2) uma diminuta referência a autores pioneiros da Psicologia e suas possíveis contribuições acerca das crenças e experiências paranormais.

Como tais investigações se inserem num esforço de validação e generalização de dados quantitativos e psicométricos, elas advogam para si o intuito de fornecer resultados mais confiáveis e objetivos do que as especulações empreendidas por muitos pioneiros da Psicologia – dentre os quais poderíamos citar aqui Sigmund Freud, Carl Jung, William James, Théodore Flournoy, George Mead e outros¹¹. Trata-se, até certo ponto, de uma proposta cientificamente válida, pois que sustentada num princípio de validação empírica e replicação de estudos. Todavia, como salientou Farr (1996) sobre a história da Psicologia Social Moderna, a postura lacônica de muitos historiadores quanto ao papel desses e de outros representantes pioneiros da Psicologia, tende a criar uma espécie de vácuo entre o passado e o presente, assimilando o primeiro ao último – a assim chamada falácia ‘Whig’ – como se as pesquisas atuais constituíssem uma espécie de marco divisório, que separa meras especulações filosóficas, de verdadeiras pesquisas científicas. Cria-se assim uma Psicologia Social sem raízes, ou uma cujas raízes são unilateralmente desvalorizadas. Para Farr (1996), este posicionamento parece advir de uma interpretação positivista de ciência e alerta: “Já foi dito que aqueles que ignoram a história estão condenados a repetir seus erros” (p. 14). Ainda a esse respeito, Scheibe (1995) enfatiza a importância de se retomar as contribuições de autores como James, Mead, Baldwin e outros para uma maior compreensão do tema da identidade, considerando a atualidade e utilidade de muitas de suas idéias filosóficas frente a pesquisas empíricas mais recentes. Ao longo deste capítulo e da própria dissertação, procurar-se-á, dentro do possível, relacionar os trabalhos desses pioneiros com as informações provenientes das pesquisas no campo dos estudos psicológicos sobre crenças e experiências paranormais.

A seguir, serão analisadas as muitas explicações desenvolvidas sobre as crenças paranormais, bem como o estado atual de aceitação dessas diferentes hipóteses. Para tanto, serão comentados os resultados de várias pesquisas já realizadas e as opiniões de diferentes autores concernentes a cada assunto. Em alguns momentos, observar-se-á que a relação entre as hipóteses descritas é deveras aproximada, de modo que a distinção entre as mesmas se dá bem mais por conveniência e facilitação das pesquisas do que por uma suposta separação existente entre essas explicações. As hipóteses levantadas se complementam e alguns de seus aspectos particulares parecem perdurar ao longo de todas as outras.

¹¹ Há, contudo, exceções a esse respeito, como, por exemplo, nos trabalhos de Michael Thalbourne, da University of London, ou Marty Laubach, da Marshall University.

Um bom exemplo disso é a distinção estabelecida por alguns autores entre *crença* e *atitude*. O termo *crença* foi definido por Fishbein e Ajzen (1975) como a representação cognitiva de uma proposição que é independente de associações emocionais; o conceito de *atitude* envolveria, por sua vez, todo um conjunto de componentes afetivos (ou emocionais), cognitivos e comportamentais, sendo o componente cognitivo representado como crença. Atualmente, a distinção entre crença e atitude tem sido menos rigorosa. Hoje é bastante aceita a idéia de que as crenças também carregam um importante componente afetivo/emocional, e de que cognição e emoção não constituem processos irreversivelmente separados (Damásio, 1996). Mas em geral, muitas das definições disponíveis tendem ainda a associar a crença a um ou outro processo, excluindo os demais. Reber (1995), por exemplo, define a crença como aceitação emocional de alguma proposição, afirmação ou doutrina. Outros pesquisadores, no entanto, limitam-se quase exclusivamente ao estudo dos componentes intelectuais da crença, apontando eventuais vieses cognitivos e déficits nas habilidades de raciocínio dos crentes, e negligenciado o papel fundamental do desenvolvimento afetivo na formação dessas idéias. Malgrado o exclusivismo que empregam, podemos afirmar, sem risco de erro, que as crenças paranormais teriam de envolver pelo menos três componentes de modo a serem designadas como tais:

- a) Um componente intelectual (ex: ‘a reencarnação existe e funciona segundo determinadas leis espirituais’);
- b) Um componente afetivo/emocional (ex: ‘eu me sinto mais seguro e feliz em saber que minha existência não acaba nesta vida; poderei reencarnar novamente numa próxima e rever tudo o que fiz de equivocado’);
- c) Um possível componente comportamental (ex: ‘durante esta reencarnação, procuro agir de maneira a progredir espiritualmente, com melhores expectativas para a próxima reencarnação’).

Dentre as aproximações teóricas vigentes sobre a crença paranormal, classificadas por Irwin (1993, 2003), encontramos:

- 1) a *Hipótese de marginalidade social*;
- 2) a *Hipótese da visão de mundo*;
- 3) a *Hipótese de déficit cognitivo* e
- 4) a *Hipótese das funções psicodinâmicas*

Ao abordarmos os aspectos sócio-culturais da crença paranormal, tentaremos abarcar explicações da primeira e da segunda hipótese. No tópico sobre as variáveis cognitivas e funções psicodinâmicas dessas crenças, abordaremos, respectivamente, a terceira e a quarta hipóteses.

1.1 Aspectos sócio-culturais da crença paranormal

Considerando-se os resultados advindos das pesquisas de opinião pública, pode parecer contraditório que a paranormalidade seja admitida por alguns como socialmente marginalizada. Contudo, essa foi uma das primeiras hipóteses sócio-culturais sugeridas para explicar o fenômeno das crenças paranormais. Tal hipótese está relacionada, basicamente, à idéia de que, dentre as pessoas que constituem a sociedade, as mais suscetíveis a adotarem tais crenças são justamente aquelas que fazem parte de grupos menos favorecidos, quais sejam, o grupo das pessoas com baixo nível educacional ou sócio-econômico, pessoas desempregadas, indivíduos que sofrem preconceito racial, idosos, mulheres, enfim, todos aqueles que carregam “características ou papéis inferiores em relação aos valores sociais dominantes” (Irwin, 2003, p. 288).

Especula-se que a alienação social e cultural vivida por esses grupos, aliada à perda de controle sobre as situações da vida, encorajaria seus membros a apelarem para crenças mágicas e supersticiosas como forma de compensarem seu status social. Tais crenças serviriam para justificar as condições de vida desses grupos, oferecendo às suas dificuldades e revezes um significado ou explicação paranormal que não seria imprescindível, caso não integrassem o grupo dos marginalizados. As crenças paranormais serviriam ainda para produzir, mesmo que ilusoriamente, situações favoráveis e desejadas, apacando a ansiedade decorrente de privações constantes. Assim, alguém poderia adotar a crença na vida após a morte considerando as possíveis recompensas que teria após sua existência de sofrimentos, ou quem sabe, recorrer a algum ritual mágico ou procedimento paranormal como recurso para obter aquilo que deseja e que de outro modo não lhe seria possível (Emmons & Sobal, 1981; Lewis, 1977; Owen, 1989; Stark & Bainbridge, 1996). Os feitiços e mandingas tão comuns nos ritos sincréticos afro-brasileiros, servem de ótimo exemplo.

Essa hipótese não nasceu das pesquisas sobre crenças paranormais; ao remontarmos às suas origens históricas, veremos que ela também foi vigorosamente defendida por filósofos e cientistas sociais como meio de explicar o papel – em grande parte, visto como pernicioso –

desempenhado pelas religiões. Karl Marx e Friedrich Engels (1933/1980) salientaram a função da ideologia religiosa como instrumento de alienação das massas e justificação dos interesses das classes dominantes. Friedrich Nietzsche (2005) considerará a tradição cristã uma doutrina de homens fracos, os quais reforçariam e legitimariam sua situação de oprimidos recorrendo a conceitos espirituais e metafísicos. Mas embora tenha sido defendida anteriormente, a hipótese de marginalidade social não foi suficientemente testada; ela permaneceu bem mais enquanto uma opinião sustentada por certas autoridades científicas e filosóficas diante do problema da função social das religiões, do que enquanto resultado de pesquisas empíricas (Almeida, 2004; Northcote, 2007; Hinnels, 1991). A investigação sobre as crenças paranormais poderia ajudar a preencher essa lacuna.

Na visão dos pesquisadores, os índices que melhor se ajustam à hipótese de marginalidade social são os correlatos demográficos, que envolvem *idade, gênero, estado sócio-econômico, etnia, estado matrimonial*, dentre outros. Os investigadores procuram, basicamente, relacionar cada um desses índices ao endosso das crenças paranormais, verificando quais relações podem ser estabelecidas. Quanto à idade, por exemplo, investiga-se a prevalência dessas crenças em diferentes etapas da vida, sendo prevista uma maior concentração na velhice, ao se pressupor a marginalização sofrida atualmente pelos idosos. No que se refere ao estado sócio-econômico, estuda-se a prevalência desse tipo de crenças nas classes economicamente desfavorecidas, e assim por diante.

Considerando-se a evidência disponível e a metodologia proposta, a hipótese de marginalidade social tem se mostrado insustentável quando abordada isoladamente. Em geral, os dados apresentados falham ao tentar estabelecer um padrão de correlações significativo entre os indicadores de marginalidade social e as várias dimensões da crença paranormal (Irwin, 2003; 1993). Conquanto algumas das evidências obtidas sejam relevantes – como a de que o endosso da maioria das crenças paranormais é geralmente bem mais acentuado nas mulheres do que nos homens (Blackmore, 1994, 1997; Kennedy, 2003, 2005; Rice, 2003; Tobacyk & Milford, 1983) – é difícil saber até que ponto esses resultados refletem alguma relação efetiva com a hipótese de marginalidade social ou se estão ligados a outros fatores psicológicos e sócio-culturais, como certas diferenças de gênero construídas socialmente, mas não necessariamente alicerçadas em indicadores de marginalidade – ex: papéis masculinos / femininos estereotipados. Machado (2009) sugere a esse respeito, a partir dos dados de sua pesquisa, que as mulheres apresentariam uma maior abertura para

relatarem e compartilhem suas experiências paranormais, ao contrário dos homens, comumente mais reticentes.

Talvez uma exceção a essa tendência geral quanto à hipótese de marginalidade seja o estudo de Mears e Ellison (2000) sobre o consumo de produtos *New Age* (livros, revistas, vídeos etc.) em uma amostra de texanos, nos Estados Unidos. Além das variáveis sócio-demográficas já mencionadas, os autores se propuseram a investigar também variáveis como a ideologia política dos participantes; seu local de residência; fatores religiosos individuais, como o tipo de afiliação religiosa, o grau de participação em atividades religiosas, se os mesmos adotavam ou não crenças *New Age* e como essa medida poderia relacionar-se à adesão religiosa dos participantes; se as redes sociais em que estavam inseridos envolviam número considerável de outras pessoas aderentes às crenças *New Age*, e por fim, o próprio contexto comunitário religioso. A pesquisa foi conduzida por telefone, com procedimento de discagem randômica. A amostra utilizada foi de 911 residentes em Texas, sendo o consumo de produtos *New Age* a variável dependente; 22% dos participantes afirmaram ter adquirido materiais *New Age* durante o ano precedente ao levantamento, o que foi interpretado pelos pesquisadores como um dado bastante interessante, frente ao caráter relativamente conservador do estado de Texas. O suporte para a assunção de determinadas crenças paranormais (como a ‘comunicação com os mortos’ e ‘vidas passadas’), também foi significativo – considerando-se que a maioria dos respondentes afirmou provir de derivações do Protestantismo ou do Catolicismo. Mas o mais interessante, no que tange à hipótese de marginalidade, foram os achados de que: a) pessoas desempregadas ou afastadas por invalidez ou doença, bem como indivíduos que não atingiram a universidade, revelaram-se mais propensas a adquirir produtos *New Age*, assim como aquelas com ideologias mais liberais; b) similarmente, os mais saudáveis e bem educados não se mostraram mais propensos a comprar materiais *New Age*; c) as mulheres, neste caso, não apresentaram maior predisposição que os homens ao consumo desses produtos; d) pessoas que nunca se casaram, denotaram maior consumo; e) hispânicos e norte-americanos de ascendência africana, mostraram-se mais propensos à compra de materiais *New Age*, do que brancos e não-hispânicos; f) pessoas na faixa etária dos vinte anos consumiram mais do que os indivíduos na faixa dos 40 aos 50 anos ou mais; g) por fim, os residentes urbanos não se mostraram mais predispostos do que residentes rurais ou suburbanos ao consumo desses produtos.

Malgrado tenha sustentado empiricamente algumas das principais premissas da hipótese de marginalidade, o estudo de Mears e Ellison (2000) contestou relevantemente outras predições, como a de que mulheres deveriam adotar maior número de crenças paranormais do que homens, ou

de que idosos, por serem particularmente mais marginalizados do que outras faixas etárias, deveriam então acreditar mais na paranormalidade. Nesse sentido, apesar de significativa, essa pesquisa se insere no mesmo contexto de outras investigações, em que os resultados se apresentaram, coletivamente, um tanto contraditórios, não formando um sentido de unidade e convergência que confirmasse mais amplamente a hipótese levantada. Além do que, o estudo apresenta outras limitações, algumas delas observadas pelos próprios autores: a) seus resultados só podem ser generalizados para os residentes em Texas; b) a definição do que é uma crença *New Age*, ou quais tipos de crença poderiam adentrar essa ampla categoria, não foi suficientemente explicitada aos participantes quando perguntados sobre o quanto haviam consumido de tais produtos, levando-os a basearem suas respostas em critérios imprecisos; c) a variável dependente talvez não reflita tão adequadamente o nível de adesão às crenças *New Age* por parte dos respondentes, e os resultados poderiam ser distintos, se o período abarcado pela pesquisa fosse maior – se ao invés do ano anterior ao levantamento, fossem considerados os dois ou três últimos anos, por exemplo. De qualquer maneira, trata-se de uma pesquisa cuidadosa e bem elaborada em termos metodológicos, com uma amostra elevada de participantes, constituindo assim um possível modelo para outras investigações quantitativas dispostas a avaliarem a hipótese de marginalidade.

Os autores têm defendido que a correlação demográfica é a melhor maneira de se averiguar a hipótese de marginalidade social (Irwin, 2003; Mears & Ellison, 2000). Porém, talvez fosse interessante recorrer igualmente a procedimentos qualitativos, que considerassem a realidade social em sua dimensão ideológica e interpretativa e não somente descritiva (Northcote, 2007). Estudos sensíveis a essa abordagem parecem ter lançado luz sobre algumas das funções sociais dessas crenças¹² (Bourguignon, 2004; Hess, 1990, 1991; Lewis, 1977; Owen, 1989; Zingrone, 1994, cf. igualmente capítulo três da dissertação).

É ocioso dizer que, dentre as várias pessoas que cotidianamente adotam a crença no paranormal, muitas delas são bem sucedidas em suas vidas e não se encaixam em nenhum dos grupos marginalizados acima descritos. É de se notar, aliás, o fato de pesquisas terem demonstrado que a adoção de algumas dessas crenças parece estar mais associada a um nível sócio-econômico e

¹² Mears e Ellison (2000) criticam os estudos de base qualitativa, sob o argumento de que seus dados seriam demasiadamente ‘impressionistas’, e por isso, imprecisos. Trata-se da velha discussão sobre a importância do qualitativo e do quantitativo nas ciências humanas. Consideramos, não obstante, que as duas formas de investigação são relevantes e necessárias, cada qual com seus ganhos e perdas – Cf. capítulo cinco “Método”. Caso tenhamos enfatizado, em um momento ou outro de nosso discurso, a utilização de procedimentos de ordem qualitativa, isso se deu não meramente por convenção ou preferência, mas principalmente pelo reconhecimento de uma lacuna a esse respeito, existente hoje em boa parte das pesquisas sobre a psicologia das crenças paranormais. A diversidade metodológica é muito mais benéfica do que prejudicial ao campo.

sócio-educacional elevado (Rice, 2003) – como é o caso, por exemplo, dos espíritas brasileiros (Almeida, 2004). Quais as razões dessas pessoas para acreditarem no paranormal? Certamente não se trata apenas de justificativa para a condição de marginalizados. A partir de pesquisas de opinião conduzidas na França, Boy & Michelat (1986) e Boy (2002) constataram, por exemplo, que a crença em fenômenos paranormais era encontrada em praticamente todas as camadas sociais, apesar de certas categorias de crença terem se distribuído mais em torno de determinadas classes do que em torno de outras: as camadas médias e altas acreditavam em diferentes fenômenos; já a crença na astrologia se concentrava mais nas camadas médias e populares. Ao contrário do esperado pela hipótese de marginalidade, os jovens adotaram mais crenças paranormais e as classes populares (agricultores, trabalhadores qualificados, técnicos) apresentaram mais respostas de não-crença.

É possível que a questão gire em torno não apenas da discriminação social vivida por determinados grupos, mas dos argumentos empregados pelas pessoas no sentido de justificarem seu preconceito contra grupos sociais menos favorecidos. Numa interessante pesquisa sobre a crença na astrologia, Dambrun (2004) constatou que as pessoas podem vir a se utilizar de conceitos astrológicos para ‘explicar’ o preconceito vivenciado por grupos marginalizados, atribuindo a estes a culpabilidade por sua própria condição ou ‘destino’, naturalizando assim o processo discriminatório e a perpetuação da desigualdade.

Alguns autores acreditam também que a marginalidade das crenças paranormais não deriva exatamente de sua impopularidade, mas do fato dessas crenças – apesar de *populares* – não constituírem um discurso *dominante* em nossa sociedade, assim como o discurso científico e tecnológico (Kennedy, 2004; Northcote, 2007). Muitas dessas crenças e práticas não foram ainda plenamente institucionalizadas e permanecem no nível que Berger e Luckmann (2003) definem como ‘subuniversos sociais e simbólicos’, em constante competição com as cosmovisões dominantes – as terapias alternativas *versus* a medicina convencional alopática; a astrologia *versus* a astronomia; os métodos de adivinhação (cartomancia, tarô etc.) *versus* a psicologia, para citar apenas alguns exemplos. Hansen (2001) sugere que as crenças paranormais tendem a ser desacreditadas conforme as sociedades evoluem rumo a uma maior complexidade, racionalidade e hierarquização burocrática. Nesse sentido, elas ainda são consideradas por muitos estudiosos como um tópico...

...não-convencional, inaceitável, excêntrico, fora de padrão, ou não completamente respeitável em muitos círculos sociais tradicionais ou do *mainstream*, o que revela sua importância para o estudo do comportamento desviante (Goode, 2000, p. 4)

As sociedades prescrevem o que é normal e o que é anormal no campo da experiência (Berger & Luckmann, 1966/2003; Laing, 1967/1974; Miskolci, 2003). Em outras épocas e lugares, as alucinações, experiências fora do corpo, e demais formas de experiências paranormais, foram consideradas parte integrante da vida das pessoas, sendo esperadas e até mesmo estimuladas¹³. Hoje, a confissão pública de tais experiências tende a colocar seus ‘experimentadores’ no lugar da alienação mental. De fato, um grande número de pessoas afirma experimentar alucinações visuais e auditivas de cunho aparentemente paranormal, e os seus depoimentos têm sido compilados há anos pelos parapsicólogos e por diversas pesquisas de opinião pública, mas boa parte dos que as vivenciam, mesmo considerando seu aspecto convincente, desconfiam de sua autenticidade (Rhine, 1966; Ross & Joshi, 1992). Aliás, não estar totalmente convencido da realidade dessas visões constitui evidência positiva à saúde no diagnóstico de doenças mentais (Almeida, 2004). Desse modo, a relativa marginalidade dessas crenças parece estar relacionada bem mais à sua inconsistência frente à nossa ciência, medicina e tecnologia, do que apenas à discriminação vivenciada por grupos específicos da sociedade, como os pobres, as mulheres ou os idosos. Isso não significa, por outro lado, que tais grupos jamais se utilizariam de práticas religiosas ou paranormais como um recurso para o enfrentamento de dificuldades associadas ao seu status social, visto que as evidências a esse respeito efetivamente existem. Mas embora possível e até recorrente em alguns casos, essa talvez não seja a única função psicossocial disponível para essas crenças. E o seu uso talvez esconda processos sócio-históricos mais amplos.

Em sua perspectiva histórica da paranormalidade, Northcote (2007) vai mais longe ao revelar como determinadas crenças – dentre elas, a magia – têm sofrido a discriminação de instituições dominantes na sociedade ocidental desde a antiguidade. O autor apresenta a disputa ideológica em torno da paranormalidade como questão de ordem política e discursiva, na qual são colocadas em jogo as fronteiras entre o saber legítimo e ilegítimo no seio da sociedade ocidental. Baseado em algumas das idéias de Michel Foucault, Northcote reconhece no debate descrito os mesmos processos que subjazem a construção e disseminação do conhecimento em nosso contexto sócio-histórico, porém, de forma incrivelmente única, uma vez que os fundamentos de verdades estabelecidas são fortemente contestados e debatidos nessa arena, onde o exercício de poderes é levado a uma condição extrema. Os discursos (ou meta-narrativas) determinam como a realidade

¹³ Cardena, Lynn & Kippner (2000), Hughes (1991), Locke & Kelly (1985), Tart (2000) e outros lembram também que os estados alterados de consciência e as chamadas ‘experiências anômalas’ são vivenciados em praticamente todos os tipos de sociedade, independentemente do nível de complexidade e organização sócio-econômica ou sócio-política por elas apresentado.

funciona, servindo para legitimar certas interpretações dos eventos e situações da vida, interpretações que são admitidas como qualidades intrínsecas ao mundo, e não como discursivas em si mesmas.

Tais discursos, construídos sócio-historicamente, revelam a trajetória de luta que caracteriza o percurso das crenças paranormais ao longo do tempo. Northcote salienta que, já na Grécia antiga, explicações e práticas originadas de crenças ‘ocultas’ – como o autor as define – eram admitidas como fraudulentas ou equivocadas por pensadores como Hipócrates e Platão, tendo a magia se tornado uma categoria pouco respeitável desde então. Na idade média, tais manifestações foram sendo gradativamente associadas à intervenção do demônio e ao pecado, o que culminou, mais tarde, na famosa caça às bruxas, durante a santa inquisição. Contudo, no período renascentista, as crenças paranormais adquirem novo fôlego, perceptível no interesse crescente pelo ocultismo. É nessa época que se observa uma drástica mudança na maneira dos pensadores conceberem o papel da imaginação. Esta última é alçada à condição de elevada importância, reconhecida agora como expressão de forças latentes da natureza, como o lugar em que os mundos, subjetivo e objetivo, se encontram. Essa forma superior da Imaginação – concebida pelo alquimista Paracelso (1493-1541) como um macrocosmo ou “alma do mundo” – seria o protótipo da imaginação humana. Por meio dela é que se poderiam desvendar os mistérios e as leis da natureza, desde que se recorresse à magia – distinguida, entretanto, da “magia diabólica”, própria da bruxaria e da feitiçaria, referindo-se, destarte, à “magia natural” da alquimia, da astrologia e demais ciências ocultas. A Imaginação era considerada assim uma área racional, investigativa, enquanto a magia popular ou “baixa magia” não passaria de um conjunto de crenças adotado pela população menos educada, tendenciosa a fantasiar criaturas míticas e irreais. A Renascença assistiu, dessa maneira, a uma ousada combinação entre ciência e misticismo, a qual veio a influenciar visões científicas emergentes nesse período, bem como grandes intelectuais, dentre eles Johannes Kepler (1571-1630) e Isaac Newton (1643-1727).

Entretanto, com o surgimento das idéias iluministas por volta do século XVII, o ceticismo, antes restrito às práticas da “baixa magia”, atinge igualmente a visão dos renascentistas sobre o papel da Imaginação. Se a natureza era interpretada pelos alquimistas em termos simbólicos, de forma a se encontrar as leis ocultas por trás dos fenômenos observáveis, com o Iluminismo ela passa a ser estudada literalmente, regida agora por leis mecânicas objetivas, passíveis de experimentação. A ênfase na observação empírica recrudescer o materialismo. Foi também nessa época que se passou a diferenciar mais nitidamente a imaginação (“aqui dentro”) dos

princípios que regem o mundo exterior (“lá fora”). Aos poucos, as crenças paranormais vão sendo admitidas como irracionais, movidas por paixões interiores descontroladas e por uma imaginação exacerbada, sendo acusadas de prejudicar e inviabilizar o desenvolvimento social e científico. Com isso, as visões e experiências místicas, cada vez mais retidas em sua peculiaridade e subjetividade, passam a constituir um sinal de alienação mental, assumindo o lugar de um “Outro irracional”. A marginalização da paranormalidade se estende até a reforma protestante, que considerará tais crenças obstáculos à autodisciplina cristã, pela tentação que provocariam em seguir os desígnios demoníacos, levando à perdição.

O interesse pelo paranormal ressurgirá apenas entre os séculos XVIII / XIX com a emergência do Romantismo, do Magnetismo Animal, do Espiritualismo moderno e dos grupos esotéricos na Europa e nos Estados Unidos (como o exemplo da Teosofia). Nesse meio tempo, surge a Pesquisa Psíquica, precursora da Parapsicologia – Cf. também capítulos dois e três da dissertação. O século XX contou com o movimento da contracultura, que impulsionou o interesse pelos alucinógenos e por práticas e experiências não convencionais; a expansão do interesse pelos óvnis e o movimento da nova era ou *New Age*.

A partir dessa revisão histórica, Northcote (2007) acredita que o debate paranormal representaria uma luta entre discursos já estabelecidos e legitimados pela sociedade e vários outros discursos emergentes, que surgem como resultado de uma decadência – ou crise – dos discursos dominantes em preencher as necessidades culturais vigentes. As idéias paranormais insurgiriam, dessa forma, como tentativas de superação do ‘vácuo’ entre velhos e novos discursos. Northcote cita como exemplo o advento da Pesquisa Psíquica – precursora da Parapsicologia moderna – que procurava reconciliar o interesse pessoal de alguns pesquisadores por temas religiosos (como a vida após a morte) com o seu comprometimento em sustentar uma metodologia científica, sequiosa de provas objetivas. Outro exemplo é o da Renascença, na qual a imaginação é libertada dos limites impostos pela igreja, adquirindo status investigativo frente à natureza, mas sem abandonar o misticismo e a religiosidade. Ao combaterem e marginalizarem tais práticas e crenças, os discursos reinantes e seus respectivos defensores buscariam preservar assim, numa estratégia de autodefesa, sua própria legitimidade.

Sob esse aspecto, é possível dizer que a crença paranormal constitui uma visão de mundo específica, isto é, uma tentativa de conferir sentido à realidade tanto quanto a ciência, mas partindo de uma perspectiva predominantemente metafísica e espiritual, como já haviam apontado Zusne e Jones (1989). Esta hipótese parece mais promissora do que a hipótese inicial sobre

marginalidade, na medida em que reconhece a importância de outros fatores culturais, como a socialização e a formação da identidade. Para Goode (2000), as crenças paranormais estão fundamentadas numa ontologia e epistemologia próprias, fornecedoras de uma série de elementos práticos e conceituais que permitem aos indivíduos explicarem as diferentes situações da vida – traumas, crises, infortúnios ou vitórias – bem como lidar com tais situações. Quando constituem aspecto central na vida de um indivíduo, as crenças e experiências paranormais parecem contribuir na integração e formação da identidade desde a infância, ao oferecem parâmetros que servem de norteadores no processo de tomada de decisões significativas – os tipos de investimento emocional e os grandes comprometimentos da vida de uma pessoa, por exemplo. Nessa perspectiva, os conflitos entre grupos rivais seriam elementos secundários, mas bastante significativos também na formação da identidade – seja no caso de um defensor ou opositor do paranormal. Assim, a ‘identidade paranormal’ pode ser concebida, em parte, como um fenômeno psicossocial construído dentro de um determinado grupo, em oposição a ideologias e valores distintos daquele grupo (Hess, 1991; Maraldi, 2008; Northcote, 2007; Zangari, 2003).

Os estudos iniciais sobre a relação entre identidade e crença paranormal baseavam-se numa concepção tradicional da psicologia do desenvolvimento em que a identidade era vista como aquisição específica do jovem, elemento o qual se consolida a partir da crise da adolescência, mantendo-se, assim que alcançado, como relativamente estável ao longo da vida, em que pesem certas circunstâncias adversas ou desvios de rota na trajetória biográfica do indivíduo (Tobacyk, 1985; Fitzpatrick; Shook, 1994). Uma crítica que poderia ser feita a esses estudos é a de que acabaram por pesquisar muito mais os fatores psicológicos que mobilizam as pessoas jovens ou os adultos jovens a adotarem certas crenças paranormais, do que necessariamente a relação entre tais crenças e o conceito abrangente de identidade empregado em boa parte dos estudos psicossociais. A presente investigação insere-se justamente num esforço de ampliação dessa compreensão mais estreita de identidade associada até agora ao estudo dessas crenças. Para uma discussão mais pormenorizada sobre identidade na Psicologia Social, ver Scheibe (1995), ou a revisão mais breve, atualizada e concisa de Paiva (2007). Cf. ainda o capítulo quatro desta dissertação.

Apesar das pesquisas sobre crença paranormal ainda não incluírem de forma ostensiva o estudo da identidade psicossocial, certas investigações parecem lançar luz sobre alguns dos aspectos possivelmente associados aos processos de construção identitária. O trabalho de Laubach (2004) constitui aqui um bom exemplo das poucas pesquisas sobre crenças paranormais em que se verifica uma autêntica unificação, tanto de hipóteses psicodinâmicas e psicossociais, quanto de

procedimentos qualitativos e quantitativos. O autor propõe como cerne de suas idéias o conceito de “*psychism*” – para o qual, entretanto, não encontramos uma satisfatória tradução no português, muito embora os termos “psiquismo” e “psíquico” constituíssem suas melhores opções. Segundo Laubach (2004) os fenômenos de *psychism* podem ser entendidos como intrusões de objetos psíquicos, os mais variados, na corrente principal da consciência – pensamentos espontâneos, emoções, sensações ou impulsos. Conceito semelhante já havia sido proposto por Flournoy (1910/2007) sob o nome de *cryptopsychism* – cf. capítulo 3. Dependendo da maior ou menor espontaneidade com que as experiências associadas a esses fenômenos ocorrem, o indivíduo pode se mostrar indeciso quanto à sua real origem – se elas proviriam dele mesmo, ou, ao contrário, de fora – e apresentar-se inclinado a interpretá-las segundo determinadas crenças pessoais ou coletivas – como, por exemplo, a de que essas vivências resultariam de uma aptidão mediúnica. O autor acredita que, quanto maior for a intensidade e frequência dessas experiências, tanto mais as crenças formuladas tenderão para sua própria auto-confirmação. E quanto mais as experiências vivenciadas se distanciarem significativamente dos sistemas de crença socialmente instituídos, mais as crenças pessoais se sobreporão frente às crenças institucionais, conduzindo assim a uma religiosidade individual. Fundamentado nos resultados convergentes de duas pesquisas, uma psicométrica e outra etnográfica, Laubach (2004, p. 240) defende a controversa hipótese de que: “[...] contrariamente à concepção popular, as experiências espirituais não são consequência da identidade religiosa ou de conformidade [às crenças grupais], mas antes conduzem à religião privatizada”.

As intrusões psíquicas a que se refere o autor estariam na base de muitas das explicações psicológicas sobre experiências religiosas e estados alterados de consciência, como a idéia bastante difundida nos meios psicanalíticos de que tais vivências resultariam da eventual irrupção de conteúdos inconscientes ou de sua projeção psíquica no meio externo – para mais detalhes a esse respeito. Mas não são fenômenos cuja fonte seria unicamente individual. Laubach (2004) sugere que as experiências paranormais sejam compreendidas com base nos componentes de 1) socialização; 2) consciência – no sentido de *awareness*; 3) interpretação e 4) resposta. Enquanto as explicações psicodinâmicas tendem a enfatizar os mecanismos pelos quais certos objetos psíquicos estranhos irrompem na consciência, as explicações sociológicas se limitam geralmente à descrição dos processos de socialização, interpretação e resposta que se seguem a tais experiências, confundindo o fato de *ter* uma experiência, com o posterior *relato* da mesma. Laubach explica que os fenômenos de *psychism*, base das experiências paranormais e espirituais, representariam, algumas vezes, ocorrências relativamente normais – como *déja vu*; ouvir uma voz chamando

quando não há ninguém por perto; leves ou bruscas alterações de humor sem um motivo explícito etc. – mas que são frequentemente ignoradas em função das exigências de sobrevivência e adaptação nas sociedades modernas, as quais reduziriam e desviariam o foco de atenção dos indivíduos quando expostos a esse tipo de intrusões e experiências interiores. Não obstante, pelo fato desses objetos ou conteúdos psíquicos serem muitas vezes percebidos como contendo igual valor de realidade que outros objetos empiricamente derivados, eles tendem a se impor ao indivíduo. Na procura de explicações, o experimentador invariavelmente recorrerá a algum sistema de crença instituído, podendo tráfegar por diferentes redes sociais, desde coletividades ortodoxas a subgrupos esotéricos. Quanto mais frágil for o seu comprometimento com essas redes, e quanto mais aumentarem as discrepâncias entre as experiências / crenças pessoais vivenciadas e a competência dos sistemas sociais em agregá-las ao seu repertório doutrinário e ritual, tanto mais o indivíduo afirmará seu ponto de vista, sua autonomia de pensamento e as crenças subjetivamente formuladas, recaindo na religiosidade individual, idiossincrática¹⁴.

Se assim fosse, no entanto, não pareceria óbvio que os sistemas religiosos temessem a estimulação desse tipo de experiências, ao invés de ostentá-las? Laubach (2004) contra-argumenta que as religiões e outros grupos de crença paranormal (seitas esotéricas, cultos etc.), utilizam-se das experiências de *psychism* em seu favor, ao recorrerem a mecanismos de controle ideológico que condicionam sua ocorrência e o modo de interpretá-las, acessá-las e reproduzi-las, salvaguardando-se da adesão a possíveis interpretações heréticas e contrastantes. Todavia, quando por algum motivo os vínculos que interligam o indivíduo à comunidade se arrefecem, os processos subjacentes às vivências de *psychism* se tornam então perceptíveis e podem ser criticamente avaliados e direcionados.

O autor sugere, a esse respeito, que os estudos etnográficos, centrados como estão no grupo e nas interações indivíduo-grupo, tendem a se equivocar quanto à ligação causal entre esses variados elementos, imaginando que a origem das experiências paranormais seria externa e culturalmente mediada, quando na verdade derivaria da emergência de conteúdos intrapsíquicos que só depois adquiririam uma particular roupagem doutrinária. Conquanto essa relação de causa e

¹⁴ Outra possível consequência dessa quebra nos vínculos comunitários, não considerada por Laubach (2004) em seu artigo, seria o comportamento ‘desviante’. Se as crenças pessoais se tornarem demasiadamente idiossincráticas, levando o indivíduo a perder contato com os referenciais coletivos, ele pode adoecer ou apresentar um comportamento que seja tido socialmente como patológico, em razão de sua excessiva singularidade. Nesse caso, como poderíamos diferenciar ‘autonomia’ frente ao grupo de ‘desajustamento’ em relação ao grupo? Com tal pergunta, estamos tentando visualizar os desenvolvimentos futuros da hipótese de *psychism* e as questões que de um modo ou de outro se colocarão em seu caminho. Retornamos assim à complexa definição do que afinal seria normal, anormal ou paranormal, e suas muitas implicações psicossociais.

efeito, praticamente unidirecional, seja questionável¹⁵, ainda assim o estudo de Laubach representa uma importante abordagem psicossocial das crenças e experiências paranormais que muito pode contribuir para a compreensão das relações indivíduo-grupo e de processos de formação identitária. Lamentavelmente, nem todas as pesquisas psicodinâmicas nesse campo de investigação seguem perspectiva semelhante. A seguir, revisaremos algumas das mais relevantes e suas principais contribuições.

1.2 Variáveis cognitivas e funções psicodinâmicas da crença paranormal

Além dos fatores sócio-culturais, as crenças paranormais desempenham uma série de funções psicodinâmicas. A essas funções, somam-se certas variáveis cognitivas, que indicam os estilos de pensamento específicos por trás da assunção de muitas das idéias paranormais. De antemão, Nothcote (2007) salienta a necessidade de uma maior cautela nos estudos psicológicos, ao levantar a possibilidade de que certas causas atribuídas aos interesses dos crentes sirvam à finalidade de desmoralizá-los. De fato, muitos dos estudos envolvendo aspectos cognitivos e psicodinâmicos dessas crenças sofreram vieses que culminaram numa série de hipóteses

¹⁵ Talvez um dos fenômenos mais resistentes à hipótese de *psychism* seja a sugestão. Diversos estudos demonstram que, a par das experiências idiossincráticas descritas por Laubach, muitas outras teriam sido construídas grupalmente. Sabe-se, por exemplo, que indivíduos hipnotizados ou em estado de transe podem apresentar comportamentos e emoções criadas artificialmente, isto é, sugestionadas (Facioli, 2006). Wiseman, Greening e Smith (2003), Wiseman e Greening (2005), Markovsky e Thye (2001), dentre outros, apresentam experimentos nos quais diferentes formas de sugestão grupal determinaram a ocorrência de experiências alegadamente paranormais. Em nosso próprio estudo, como se verá mais adiante, verificamos a corroboração de ambos os princípios: tanto experiências que pareciam provir do indivíduo e que foram posteriormente (ou imediatamente) interpretadas por este ou pelo grupo espírita como sendo de origem espiritual / paranormal, quanto experiências que teriam sido induzidas por sugestão. Em alguns casos ainda, não foi possível diferenciar o que era sugestão do que era puramente idiossincrático. Esses achados parecem sustentar para nós uma interdependência entre crença, experiência e fenômeno, tal como sugerida na apresentação deste trabalho. A hipótese de interdependência / multicausalidade se apresenta como uma explicação mais adequada à complexidade dessas crenças e experiências, e tende a superar certas associações simplistas ou reducionistas bastante comuns nesse campo de investigação, como defenderam igualmente Wiseman e Watt (2006). Na pesquisa de Patry e Pelletier (2001), por exemplo, os autores concluem afirmando que o fato de a maioria dos participantes da amostra – formada no total por 398 estudantes canadenses -- não ter vivenciado experiências de UFO demonstrava a origem social de suas crenças – parecendo negligenciar, com esse argumento, que experiências também podem ser influenciadas ou construídas socialmente. Berenbaum, Kerns e Raghavan (2000) também nos lembram que certas experiências anômalas podem primeiramente ocorrer sem que o indivíduo tenha qualquer explicação razoável ou crença formada a respeito. Mas seria mesmo o conteúdo específico dessa experiência completamente isento de alguma conexão com crenças e percepções prévias do indivíduo? Num exemplo ainda mais extremo Persinger, Tiller e Koren (2000) foram capazes de reproduzir experimentalmente, por meio de capacetes revestidos de bobinas magnéticas que levemente estimulavam os lobos temporais do cérebro, experiências paranormais semelhantes àquelas relatadas espontaneamente pela população. Contudo, numa replicação individual do experimento com o militante ateu Richard Dawkins, nenhuma experiência foi relatada. Este exemplo simples talvez indique o igual papel da crença na subsequente formação dessas experiências. Cf. o modelo de Sundén no capítulo quatro.

desfavoráveis aos crentes, sendo enfatizados distúrbios cognitivos e intelectuais, ou dificuldades de cunho emocional (Irwin, 1993; 2003).

Boa parte dos investigadores ‘céticos’ sustenta a idéia de que os indivíduos que acreditam em eventos paranormais seriam pessoas irracionais, ilógicas e exageradamente crédulas. Segundo tal perspectiva, essas pessoas apresentariam pouca inteligência e um funcionamento cognitivo abaixo da média, estando suscetíveis, portanto, a adotar crenças absurdas, contra as quais elas seriam incapazes de argumentar criticamente¹⁶ (Alcock, 1981; Kurtz, 1996; Randi, 1992; Singer; Benassi, 1981). Embora pesquisas tenham demonstrado uma relação negativa entre crença no paranormal e medidas de inteligência, não foi possível determinar, em alguns casos, se os resultados obtidos derivavam de uma possível deficiência cognitiva dos crentes ou de falhas metodológicas e outros fatores não considerados nesses estudos (Irwin, 1993, 2003; Roe, 1998b; Smith; Foster; Stovin, 1998). Como veremos a seguir, as pesquisas em torno dessa hipótese – também chamada de *hipótese de déficit cognitivo* – sustentam-na apenas parcialmente e apontam em direção a fatores psicológicos mais amplos, incluindo variadas motivações psicodinâmicas.

1.2.1 Testes e medidas de inteligência

O meio mais comum de testar a hipótese de déficit cognitivo consistiu em se avaliar a *inteligência* dos que acreditam em eventos paranormais, em comparação com aqueles que não acreditam. Isto se deu, por exemplo, por meio de testes e medidas de Q.I. Curiosamente, poucos estudos foram realizados nesse sentido e os resultados disponíveis são contraditórios. Dentre essas pesquisas, boa parte sugere uma relação negativa entre crença paranormal, inteligência e raciocínio crítico, oferecendo suporte para a hipótese de déficit cognitivo (Alcock e Otis, 1988, Killen, Wildman e Wildman, 1974; Roig, Bridges, Renner e Jackson, 1998; Thalbourne e Nofi, 1997; Wierzbicki, 1985).

Contudo, há exceções nesse tocante. Jones, Russel e Nickel (1977) evidenciaram uma correlação positiva entre inteligência e crença paranormal, enquanto McGarry e Newberry (1981) e

¹⁶ Os argumentos levantados por esses autores incluem afirmações de que as crenças paranormais conduziram a uma interpretação errônea de eventos ‘normais’ como sendo paranormais, incentivando assim a ausência de reflexão; ou de que as pessoas que nelas acreditam poderiam ser fraudulentamente enganadas por charlatões em decorrência de sua credulidade; ou que os crentes poderiam se tornar destrutivamente viciados na paranormalidade, sendo marginalizados socialmente por adotarem crenças absurdas, dentre outras alegações.

Rice (2003) encontraram resultados que sugerem a ligação de algumas das crenças paranormais a um nível de inteligência e educação elevadas. Tam e Shia (2004) verificaram uma relação negativa entre educação, habilidades cognitivas e crença paranormal apenas para a categoria de fé religiosa, e não para outros domínios da crença paranormal. Similarmente, Kirby (2008) encontrou uma correlação positiva entre baixas demonstrações de pensamento crítico e elevados níveis de religiosidade extrínseca. Por seu turno, Irwin (1991), assim como Roe (1999) e Royalty (1995) não encontraram evidência alguma de relacionamento entre crença / experiência paranormal e inteligência. Hergovitch e Arendasy (2005) também não obtiveram correlação estatística entre pensamento crítico e crença paranormal, embora indivíduos proponentes de crenças religiosas tradicionais e espiritualidade *New Age* tenham apresentado uma menor habilidade de raciocínio se comparados aos demais integrantes da amostra. Esse resultado parece interessante se pensarmos que as duas categorias de crença citadas são geralmente mais populares nos Estados Unidos e em países da Europa – mais ostensivamente divulgadas na mídia, em livros de auto-ajuda etc. – do que outras formas de crença paranormal – como, por exemplo, a crença em determinadas criaturas criptozoológicas – o que parece sugerir a intervenção de variáveis psicossociais tais como o apelo dos meios de comunicação a essas crenças, frequentemente como recurso para o entretenimento, e a grande exposição da população mais ampla a esse tipo de divulgação (Mousseau, 2003). Segundo Roe (1999), não parece haver sustentação para o argumento de que a maioria dos crentes é inferior em habilidades de raciocínio crítico. Os resultados elencados desafiam assim a validade geral da hipótese de déficit cognitivo, e colocam em dúvida uma forçosa ligação negativa entre inteligência e crenças paranormais¹⁷.

No que tange à relação entre tais crenças e habilidades de raciocínio específicas, algumas pesquisas têm demonstrado, no entanto, um pior desempenho dos crentes em testes de raciocínio silogístico (French e Wilson, 2007). Os experimentos consistem basicamente em apresentar aos participantes uma série de proposições, algumas delas de conteúdo paranormal e as demais neutras. O silogismo pode ser descrito como um argumento fundamentado em duas

¹⁷ Cabe destacar aqui a crítica social de alguns autores à utilização de testes de inteligência em pesquisa e diagnóstico (Moysés e Collares 1997; Patto, 1997; Schwarcs, 1997; Leopoldo e Silva, 1997). Todos destacam o fato dessas técnicas auxiliarem, por vezes, na perpetuação de preconceitos e estereótipos, quando empregadas inadequadamente, sem uma consideração do contexto de aplicação, das relações de classe e status entre pesquisador e pesquisado, a história de vida do indivíduo e as situações traumáticas ou de exclusão a que foi exposto, o acesso (ou não) a certas condições e privilégios sociais e educacionais, sua compreensão do teste e da proposta da pesquisa, o *rapport* estabelecido etc. A maior parte das pesquisas de inteligência sobre crenças paranormais simplesmente olvida essas questões, ou as toma como precauções técnicas que o leitor deveria pressupor como previamente tomadas pelo pesquisador / especialista. Tais efeitos contextuais têm sido seriamente considerados, não obstante, por alguns investigadores desse campo (Markovsky & Thye, 2001; Roig, Bridges, Renner e Jackson, 1998; Smith, Foster e Stovin, 1998; Watt e Wiseman, 2002).

proposições, tomadas como premissas, das quais se segue uma terceira, como conclusão das anteriores. Mas existem silogismos, chamados silogismos condicionais, que pela sua própria estrutura não permitem uma conclusão óbvia. Para se demonstrar sua lógica é necessário que determinadas condições sejam suficientemente estabelecidas. No caso abaixo, de conteúdo paranormal, temos:

Se o governo quer esconder a existência dos óvnis então irá negar evidências favoráveis a esse respeito.

O governo nega essas evidências.

Então o governo quer realmente esconder a existência de visitas alienígenas a Terra (French & Wilson, (2007).

Nesse modelo, a conclusão não confirma necessariamente as premissas, dado que o governo poderia negar a existência dos óvnis por outras razões que não a de esconder sua existência – essas evidências talvez não existam ou não tenham sido compiladas por algum órgão governamental. Contudo, as pesquisas mostram que os crentes frequentemente assumem tais silogismos como válidos (Roberts & Seager 1999; Smith, Foster & Stovin, 1998; Watt & Wiseman 2002; Wierzbicki, 1985). Uma exceção é Irwin (1990) que não encontrara correlação entre crença paranormal e raciocínio silogístico.

Um dado curioso é o de que esses erros geralmente se dão com silogismos de conteúdo paranormal e não com silogismos neutros (Wierzbicki, 1985; Merla-Ramos, 2000), o que nos parece sugerir que, ao invés de necessariamente apresentarem um déficit generalizado em sua capacidade de raciocínio silogístico, os crentes denotam, quando diante de questões que envolvem suas crenças, uma maior dificuldade em colocá-las de lado para pensar de modo correto e relativamente imparcial. Tomam precipitadamente como certa uma conclusão que só é válida caso as condições para tanto tenham sido devidamente estabelecidas.

Estudos apontam também que a adoção das crenças paranormais pode estar associada a uma dificuldade em lidar com conceitos quantitativos e da ordem da probabilidade (French, 1992; Musch; Ehrenberg, 2002; Wiseman; Watt, 2006). Thalbourne (2006) observou que algumas pessoas tendem a não considerar a ocorrência de um determinado evento por meio de acaso ou coincidência, admitindo logo uma explicação paranormal que dê conta do mesmo. Citemos um exemplo: se o indivíduo julga como muito poucas as chances de ocorrer, por mera sorte, uma ligação telefônica de alguém em quem está pensando, ele pode se mostrar rapidamente inclinado a explicar a coincidência como resultado de uma transmissão telepática, ou quiçá uma premonição que o

alertara antecipadamente acerca daquela ligação. Seria essa conclusão, tomada assim de sobressalto, o sintoma de uma falha mais ampla na capacidade de pensar em termos de probabilidade?

Numa amostra de 6238 britânicos, Blackmore (1997) não constatou diferenças quanto à lógica probabilística entre os que acreditavam no paranormal (59%) e o restante; na verdade, ambos os grupos se saíram muito bem. De qualquer forma, alguns autores acreditam que ao invés de negligenciarem a probabilidade para explicar eventos cotidianos, os crentes no paranormal seriam simplesmente mais aptos a perceberem padrões em sequências ao acaso. Isso explicaria a razão do interesse em horóscopos e outras técnicas de adivinhação – Tarô, I-Ching etc. Nelas, o que está em jogo não é tanto a probabilidade matemática de ocorrência para um determinado evento, mas as correspondências significativas encontradas pelo indivíduo entre os dados supostamente adivinhados e sua história de vida (Franz, 1980; Wiseman & Smith, 2002). Na pesquisa de Gianotti et al. (2001), os autores verificaram que, numa tarefa de associação de palavras, os crentes obtiveram resultados mais originais que os descrentes quando expostos a estímulos não correlacionados semanticamente. Os autores explicaram esses resultados em termos de uma possível criatividade verbal, sugestionabilidade a inferências infundadas e um critério mais frouxo de resposta para ruído semântico (caos) por parte dos crentes.

1.2.2 Psicopatologia

A controvérsia relativa à interpretação das chamadas coincidências não é recente dentro da Psicologia. Freud (1901/1987) acreditava que todos os processos mentais possuem uma causa psicológica a ser desvendada: nada em nossa mente acontece por acaso, daí a ação de processos inconscientes nos sonhos, nos atos falhos, sintomas etc. Por outro lado, ele se opunha à idéia de uma relação causal entre os eventos intrapsíquicos e os de natureza externa – o que ele enxergava como mera superstição: “Creio no acaso (real) externo, sem dúvida, mas não em casualidades (psíquicas) internas” (Freud, 1901/1987, p. 253)¹⁸. Para Freud, o supersticioso projetaria no mundo a causalidade percebida por ele entre seus próprios eventos intrapsíquicos, considerando-a,

¹⁸ Jung (1950/2004) contestava parcialmente tal idéia. Em seu trabalho sobre a *Sincronicidade: um princípio de conexões acausais*, o autor se baseou nos achados da Física Quântica, da moderna Parapsicologia e de seu próprio sistema de Psicologia Analítica para defender a existências de certas ‘coincidências significativas’, não explicáveis como resultado de mero acaso ou de processos de validação subjetiva.

erroneamente, como originária do ambiente externo, ao interpretá-la como ação de espíritos ou forças mágicas, num processo semelhante à paranóia – em que certas características inconscientes e ameaçadoras ao próprio indivíduo são projetadas em outras pessoas, vindo a assumir, imaginariamente, a posição de perseguidoras suas. Freud (1927/1978) entendia ainda que as crenças mágicas e religiosas teriam se originado da necessidade humana de tornar tolerável seu desamparo e debilidade frente às forças da natureza, tendo sido criadas a partir de lembranças do desamparo infantil individual e da infância da raça humana. O controle psicológico sobre o ambiente, mediante o antropomorfismo, precederia e subsidiaria uma posterior dominação física. A atribuição de caracteres humanos à natureza torná-la-ia um tanto mais previsível, diminuindo a ansiedade proveniente do acaso e da incerteza que caracterizam os processos naturais.

Freud (1927/1978) associava também esse processo à ambivalência peculiar contida no relacionamento da criança com a figura paterna, ao mesmo tempo de identificação e temor. Aos poderes e deuses superiores do imaginário religioso, seriam emprestadas características pertencentes à figura do pai. Suas idéias sobre religião estavam assim intrinsecamente relacionadas a uma teoria do surgimento da civilização, expressa no mito da horda primitiva, explorado com detalhes em *Totem e Tabu* (Freud, 1913/1996), livro no qual sugere que a religião, a moralidade e o senso social se formaram com base no complexo paterno e no sentimento de culpa subsequente, originados do parricídio original, tema mítico que é reproduzido, enquanto herança filogenética, em cada indivíduo nascido, constituindo uma parcela inconsciente de sua estrutura super-egóica. Nesse sentido, Freud (1927/1978) definirá as crenças religiosas como ilusões sustentadas em fortes e prementes desejos da humanidade, ilusões neuróticas que, tal como ocorre no caso do desenvolvimento infantil individual, são superadas conforme se atingem estágios psicológicos mais maduros. Em sua perspectiva desenvolvimentista e psicopatológica, ele comparou a religião a uma neurose obsessiva universal, isto é, uma etapa a ser superada na história humana.

A associação estabelecida por Freud entre crença paranormal e psicopatologia é ainda controversa diante das pesquisas que revelam uma ligação positiva entre tais crenças, experiências e vários indicadores de saúde mental, desde bem-estar subjetivo a enfrentamento (coping), criatividade e qualidade de vida (Almeida, 2004; Flannely et al, 2006; Kennedy & Kanthamani, 1995a; Kennedy, Kanthamani & Palmer, 1994; Panzini, 2007 Rogers et al., 2006), ao lado de outros estudos os quais relacionam a crença no paranormal aos transtornos dissociativos (Ferracuti, Sacco & Lazzari, 1996; Irwin, 1994; Scharfetter, 1998), aos afetos negativos, desencadeadores de mal-estar (Machado, 2009) ou a uma tendência para escapar da realidade e viver num mundo criado

imaginariamente (Smith & Karmin, 2002). Não obstante, a proposta psicanalítica de explicar a crença paranormal como uma projeção de aspectos inconscientes do indivíduo ou da coletividade constitui uma abordagem explicativa satisfatória em muitos casos, e espera por mais estudos. O conceito de *psychism* proposto por Laubach (2004) encontra aqui uma de suas melhores fundamentações.

Outro importante pensador das crenças paranormais e religiosas como projeções de processos psíquicos foi Carl Jung. Uma revisão mais detalhada de algumas de suas idéias a respeito da mediunidade pode ser encontrada no capítulo três desta dissertação. Basta recordar, por ora, as amplas investigações de Jung (1944/1990) acerca da alquimia e de sua significação psicológica; seus estudos sobre psicologia da religião (Jung, 1940/1980); e um de seus últimos trabalhos, versando sobre os relatos de visões de óvnis e abduções por alienígenas, e sobre as variadas formas da crença moderna nos extraterrestres (Jung, 1958/2007). Em resumo, Jung interpreta as experiências de óvnis como um produto espontâneo de certas formações arcaicas da personalidade – ou ‘substratos do inconsciente’ – que tendem a se expressar instintivamente, na consciência, sob a forma de visões, narrativas, ou mesmo vivências aparicionais e de abdução completas. Tais vivências simbólicas seriam combinadas, na consciência, às representações culturais, que as amoldam de acordo com crenças e expectativas condizentes a um dado momento histórico – que, por sua vez, reproduzem ou acompanham determinadas transformações da psique coletiva e individual, havendo assim forte homologia, na perspectiva junguiana, entre as estruturas de desenvolvimento individual e social, numa abordagem que ele define como simbólico-histórica. Jung (1958/2007) abordará o interesse crescente pelos óvnis como uma manifestação arquetípica do Self (ou totalidade psíquica). Esse arquétipo, em sua função inconsciente e instintiva, aspiraria à totalidade e à superação da dissociação que, segundo Jung, caracteriza muito do sofrimento e do mal-estar na contemporaneidade. Ao forçar um caminho de expressão, o arquétipo irrompe a barreira entre consciente e inconsciente, conduzindo, por meio da projeção, a uma conscientização do conflito reprimido, mediante imagens que, pelas suas formas circulares e seu dinamismo, representariam a própria busca da psique coletiva por crescimento. O autor relaciona algumas das circunstâncias ideais para esse tipo de ocorrência:

Hoje, como nunca, por razões tecnológicas, dedica-se ao espaço aéreo e à esfera celeste uma atenção fora do comum. Isto é especialmente válido para o piloto, cujo campo de visão, por um lado, é dominado pelo complicado painel de comando, e por outro, pelo imenso vazio do espaço cósmico. Seu consciente está concentrado de forma unilateral em detalhes que exigem atenta observação; por outro lado, seu inconsciente força a encher o vazio interminável do espaço. [...] Uma situação desta espécie representa uma condição ideal para fenômenos psíquicos espontâneos, como é sabido por qualquer pessoa que já

tenha ficado à mercê da solidão, do silêncio e do vazio do deserto, do mar, das montanhas, e da selva¹⁹.

A compreensão de Jung sobre as crenças e experiências paranormais – tomando como referencial de nossa discussão aqui o seu estudo psicológico a respeito dos óvnis – difere substancialmente da de Freud, no fato de que enquanto este último tende a relacionar o conjunto das crenças discutidas a processos de natureza infantil e patológica, aquele reconhece nelas uma tentativa da psique em restabelecer equilíbrio e buscar desenvolvimento, *individuação*²⁰. Assim, o pensamento de Jung parece aproximá-lo daqueles estudos mencionados anteriormente, em que se sugere a possibilidade de as crenças paranormais servirem a propósitos construtivos e saudáveis – bem-estar subjetivo, enfrentamento, diminuição de ansiedade etc. É de se observar, aliás, que o padrão mais provável por trás da controvérsia instaurada a respeito dos eventuais benefícios ou malefícios psicológicos dessas crenças seja um que contemple o fato de elas serem, como qualquer outra expressão psíquica humana, capazes de se deslocarem de um extremo a outro. Não sendo inerentemente patológicas ou saudáveis, nem por isso deixam de ser afetadas por processos de ordem psicopatológica que, antes de constituírem sua principal causa, são um efeito de como certas doenças por elas se manifestam e a elas deformam. O mesmo poderia ser dito da sexualidade, da afetividade, da moralidade, e assim por diante. É claro, no entanto, que essa relação se caracteriza, representativamente, muito mais por uma oposição dialética, ou mesmo um *continuum*, do que por um seguimento linear. Há estudos recentes que parecem refletir esse caminho intermédio.

De acordo com Sharps, Matthews e Asten (2006), os sintomas de determinadas psicopatologias – como depressão ou transtorno de déficit de atenção e hiperatividade – podem ser encontrados na população geral, sob a forma de tendências impulsivas, estresse e tendências depressivas. Os autores verificaram, em uma amostra de estudantes universitários, que as pessoas que possuem esses sintomas apresentaram maiores níveis de crença no paranormal. Houve correlação estatística, nesse sentido, entre tendências depressivas e crenças em fantasmas, e entre sintomas de TDAH para crença em criaturas *criptozoológicas* – monstro do lago ness, pé grande

¹⁹ Jung (1958/2007) chega a se referir ainda, em outro momento de sua obra, à força das sugestões coletivas na determinação dessas visões e experiências. Ele explora também uma série de outras associações psicossociais com o fenômeno dos óvnis.

²⁰ É importante assinalar, contudo, que Freud (1927/1978) também apresentara, em ocasiões específicas, alguns indícios de associação positiva entre crença religiosa e saúde mental. Considere-se, por exemplo, este seu comentário após explorar certas comparações entre religião e neurose obsessiva: “E harmoniza-se bem com isso o fato de os crentes devotos serem em alto grau salvaguardados do risco de certas enfermidades neuróticas; sua aceitação da neurose universal poupa-lhes o trabalho de elaborar uma neurose pessoal” (p.118). Por seu turno, ele próprio veio a reconhecer que seu exame psicológico das questões religiosas era limitado: “Meu trabalho constitui um bom exemplo do isolamento estrito da contribuição específica que o exame psicanalítico pode efetuar quanto à solução do problema da religião” (p.102).

etc. Esses achados foram explicados considerando o ganho psicológico do depressivo em imaginar uma vida após a morte na qual suas atribulações cotidianas não existissem. A correlação com sintomas de TDAH foi explicada, em termos evolucionistas, como um resquício do período em que os seres humanos precisavam caçar e colher alimentos em contato direto com a natureza, momento em que foram necessários elevados níveis de alerta e predisposição à fuga ou ataque. Resquícios atávicos dessas tendências teriam se perpetuado até nossos dias, mas aplicados ao contexto civilizatório, resultariam em efeitos secundários tais como a estimulação de crenças em criaturas desconhecidas e possivelmente perigosas. Essas crenças seriam mais intensas em indivíduos com predisposições pessoais específicas aos sintomas descritos. Vale ressaltar ainda alguns aspectos da metodologia empregada pelos autores. Foi utilizado um amplo questionário, envolvendo perguntas variadas aos respondentes, muitas das quais nenhuma relação tinham com crenças paranormais. Segundo os autores, o intuito era não demonstrar que a pesquisa tivesse relação com essas crenças, o que poderia afetar de algum modo as respostas dos participantes. Trata-se de procedimento raramente visto antes em pesquisas sobre crenças paranormais. A pesquisa de Sharps, Matthews e Asten (2006) parece indicar que essas crenças estariam a serviço de determinados propósitos evolutivos, embora seu uso num contexto civilizado possa desencadear, por vezes, repercussões indesejadas.

Outra investigação que parece corroborar a proposta de um *continuum* citada anteriormente é a de Goulding (2003) sobre bem-estar subjetivo associado a esquizotipia e experiências paranormais – no caso, experiências fora do corpo. O modelo utilizado pelo autor abarca os sintomas de esquizotipia, porém, sem os considerar indícios necessários de uma doença mental grave, como a esquizofrenia, embora também não negue uma distinção entre populações clínicas e não-clínicas, como se não houvesse, em última instância, critérios ou meios de distingui-las. O modelo recorrido assume que a esquizotipia representaria uma série de traços distribuídos em um *continuum*, sendo alguns desses traços variações saudáveis, e outros, predisposições à psicose. Apesar das contradições nos resultados, foi possível corroborar a noção de uma ‘esquizotipia saudável’ para os relatos de experiências fora do corpo.

Schofield and Claridge (2007), por seu turno, encontraram que os crentes com uma elevada desorganização cognitiva apresentaram experiências relacionadas à esquizotipia mais negativas e estressantes, ao passo em que os crentes detentores de maior organização cognitiva relataram experiências de esquizotipia positivas e prazerosas. Os autores acreditam que os resultados se devem ao fato de que crentes cognitivamente mais organizados teriam por base uma

estrutura de crenças mais firme e estabelecida para lidar com essas experiências. Interessantemente, Wilkinson & Coleman (2010) verificaram que a adoção de um forte sistema de crença atéia pode ser tão benéfica quanto a assunção de um forte sistema de crença religiosa, sugerindo assim que o mais fundamental seria possuir um sólido sistema de crenças, e não o *tipo* de crença.

1.2.3 Atribuição de causalidade

As idéias de Freud, Jung e outros psicanalistas, também encontram respaldo nas pesquisas sobre o processo de *atribuição de causalidade* e sua relação com a crença no paranormal. Vimos, com Freud e Jung, que as pessoas tendem a atribuir aos objetos ou indivíduos com os quais se relacionam, determinadas peculiaridades psicológicas que não os correspondem exatamente, mas antes, a certos conteúdos e processos inconscientes ou reprimidos. Todavia, ao exercerem a projeção, estão certamente tentando encontrar uma explicação para seus comportamentos e sintomas, conquanto falhem quase involuntariamente em sua tarefa de rastreamento, em decorrência das defesas e mecanismos psíquicos dos quais se utilizam. Ao projetarmos no meio externo uma característica própria que, não obstante, desconhecemos em nós mesmos, atribuímos-lhe uma causa, uma origem externa, que se solidifica numa racionalização mais ou menos convincente.

De forma semelhante, a teoria da atribuição pressupõe, de um modo geral, que todo ser humano é motivado a descobrir as causas dos eventos e acontecimentos, de forma a compreender seu ambiente e a si mesmo. Com efeito, as relações que estabelecemos entre nós e o meio que nos circunda, determina em grande parte o nosso comportamento. Todos nós estamos igualmente inclinados à atribuição de determinadas causas para as situações da vida; causas que nos ajudam a conferir ordem e significado às coisas, ou mesmo controle e previsibilidade. Destarte, o conceito de atribuição pode ser importante ao tentarmos entender como as pessoas se utilizam das crenças paranormais para explicar as circunstâncias vivenciadas ao longo de sua vida. Como vimos anteriormente, os crentes parecem de fato apresentar uma tendência maior à construção de certos eventos e experiências como sendo paranormais, mesmo que isso venha a contrariar, por vezes, a lógica probabilística (Thalbourne, 2006) ou certos valores éticos e democráticos (Dambrun, 2004).

Na verdade, conferir significado ao mundo é quase o mesmo que manipular e exercer poder sobre ele, o que aproxima o conceito de atribuição do conceito de *lugar de controle*

(Kennedy, 2005). A causalidade e o controle atribuídos aos acontecimentos podem derivar da consideração de forças pessoais ou serem admitidos como provenientes de forças externas à pessoa. Muitos dos aspectos da crença paranormal estão associados a um lugar de controle *externo* (Tobacyk, Nagot & Miller, 1988; Grof-Marnat & Pegden, 1998). Conseqüentemente, as pessoas que acreditam no paranormal tendem a *atribuir* maior relevância à influência de fatores ambientais em suas vidas – como instituições sociais, indivíduos poderosos, forças mágicas, seres sobrenaturais etc. – do que às suas próprias características de personalidade. Em contrapartida, indivíduos descrentes quanto à existência do paranormal apresentaram um estilo de atribuição mais próximo do lugar de controle *interno*, manifestando a crença de que possuem maior controle sobre os eventos de sua vida (Irwin, 1993).

Dudley e Whisnand (2000) verificaram que os crentes estudados em sua amostra atribuíram mais a si próprios as causas de situações problemáticas, supervalorizando a influência de fatores externos na determinação de eventos positivos, o que revelaria certa distorção em seu auto-conceito. Em um estudo com 350 participantes da Turquia, Dag (1999) enfatiza o papel das crenças paranormais como um sistema de personalidade que ofereceria sensação ilusória de controle sobre os eventos cotidianos, em razão da própria insuficiência de controle psicológico interno. De modo parecido, o estudo de Watt, Watson e Wilson (2007) constatou uma correlação negativa entre crença paranormal e controle psicológico na infância, consistente com a hipótese de que, para algumas pessoas, essas crenças poderiam emergir como um mecanismo compensatório de *coping* contra ansiedade, derivado da insuficiência de experiências de controle emocional quando crianças. Ainda nessa perspectiva, Maher (1992), bem como Lange & Houran (1998) sugerem que a assunção das crenças paranormais parece advir de uma incapacidade para encontrar explicações científicas ou convencionais que dêem conta de experiências consideradas anômalas e incompreensíveis – como ilusões e alucinações, por exemplo.

Mas as pesquisas também evidenciaram resultados contraditórios com esses estudos. Tendo por base pesquisas demonstrativas do quanto o medo de situações ambíguas pode dificultar a capacidade individual de solução de problemas e impedir a realização de atividades cotidianas, Lange e Houran (2000) verificaram que as crenças paranormais, quando utilizadas para explicar as causas desses eventos, podem tanto aumentar quanto diminuir o medo e a ansiedade, dependendo de fatores individuais como a tolerância à ambigüidade. Num estudo exploratório conduzido pelo autor deste trabalho (Maraldi, 2008), verificou-se que as duas médiuns espíritas estudadas, embora conhecessem relativamente bem algumas das explicações médicas e científicas para alguns dos

sintomas físicos e mentais que apresentavam, preferiam, não obstante, atribuir-lhes uma causa espiritual. Observou-se também que tal escolha era bastante apaziguadora de um ponto de vista emocional, ao contrário da explicação médica, e fornecedora de um sistema interpretativo mais amplo e coerente com suas aspirações pessoais e seu projeto de vida.

Os dados concernentes ao processo de atribuição parecem fornecer algum respaldo à hipótese de déficit cognitivo. Entretanto, esses resultados não são conclusivos, e não permitem atestar ainda uma correlação inequívoca entre a variável de atribuição e a hipótese mais ampla. Uma crítica a ser feita é a de que o relacionamento entre crença paranormal e estilos de atribuição / lugar de controle pode ser mais complexo do que essas pesquisas sugerem. Talvez, os crentes não preencham necessariamente uma ou outra categoria particular de atribuição e lugar de controle; mas essas categorias é que lhes possibilitariam formas de relacionamento diferenciadas com a crença no paranormal. É o caso, por exemplo, de indivíduos *extrovertidos* e *introvertidos*, nos quais a assunção de determinadas crenças tende a variar conforme o tipo psicológico (Kennedy, 2005). Porventura, indivíduos que apresentassem um lugar de controle interno poderiam se mostrar mais inclinados a crenças de caráter megalômano ou onipotente, acreditando-se capazes de feitos normalmente inconcebíveis a outras pessoas. Trata-se apenas de uma simples conjectura, mas que, a despeito disso, talvez se revelasse verdadeira. É oportuno lembrar que tais categorias não são estanques, e não permitem, portanto, uma definição rígida, podendo apresentar-se diferentemente conforme o tipo de crença paranormal, ou sofrer alterações ao longo da trajetória de vida, seja em decorrência de crises evolutivas pessoais ou por força de influências familiares, sociais etc. De qualquer modo, a hipótese da atribuição de causalidade parece fundamental na compreensão das crenças paranormais e a ela estão associadas diversas funções psicodinâmicas que lhe são complementares.

1.2.4 Fatores emocionais e processos inconscientes

Algumas pesquisas sugerem que as crenças e experiências paranormais estão profundamente associadas a necessidades emocionais e se originam bem mais de associações e experiências intuitivas do que de conclusões racionalmente fundamentadas (Aarnio & Lindeman, 2005; Epstein, 1994; Vasconcelos & Trócoli, 2004). Em alguns casos, as experiências paranormais

podem gerar efeitos emocionais duradouros na história de um indivíduo, o que denota seu caráter, por vezes, transformador (Kennedy, 2004). Estudos também sugeriram que por detrás dessas crenças estaria uma antiga busca por significado e sentido na vida, independentemente de sua eficácia na manipulação do meio ambiente externo. Enquanto a ciência e a tecnologia são capazes de promover um controle extremamente eficaz sobre o mundo, não são tão boas em oferecer uma significação valorativa / emocional que preencha a busca existencial por enfrentamento e compreensão dos diferentes eventos da vida cotidiana, ao passo em que esse tem sido o propósito da maioria das crenças e sistemas religiosos e paranormais ao longo do tempo (Kennedy, 2005).

Epstein (1994) postula a existência de duas formas antagônicas de pensamento: o racional e o experiencial. Enquanto o primeiro é analítico, consciente, mais demorado e destituído de emoções, o segundo funcionaria num sistema pré-consciente, rápido, automático, holístico e associado aos afetos e às emoções. Numa das únicas pesquisas brasileiras sobre crenças paranormais, Vasconcelos e Trócoli (2004) descobriram que as pessoas com maiores índices de crença paranormal preferem utilizar-se do pensamento experiencial ao invés do racional. Aarnio e Lindeman (2005) confirmaram esse resultado. Pelo fato de se basearem quase exclusivamente em sua intuição e emoção, tais indivíduos costumam atribuir uma importância afetiva maior a eventos que são tidos normalmente como casuais ou acidentais. Na visão de Thalbourne, Dunbar e Delin (1995) o estilo experiencial seria um dos fatores envolvidos na intolerância à ambigüidade, isto é, na tendência a efetuar interpretações precipitadas, ancoradas somente na intuição e nos afetos, como meio de controlar psicologicamente situações ambíguas. Hipótese semelhante foi igualmente levantada no modelo de Irwin (1993). Wolfradt et al (1999), por sua vez, parecem ter encontrado diferentes modos de ativação desses estilos de pensamento: 1) racional – altamente racional e pouco intuitivo; 2) intuitivo – altamente intuitivo e pouco racional; 3) complementar – altamente racional e altamente intuitivo; e 4) pobre – pouco racional e pouco intuitivo. Numa amostra de 374 estudantes universitários da Alemanha e da Áustria, os autores identificaram uma correlação positiva entre o estilo de pensamento complementar e uma significativa incidência de relatos de experiências anômalas.

Nessa mesma linha de raciocínio, em que processos inconscientes e emocionais são tomados como representativos de mecanismos psíquicos facilitadores da ocorrência de experiências paranormais, Thalbourne (2000) sustenta uma hipótese assaz importante nesse campo. O autor se refere a um fenômeno o qual designa de ‘transliminaridade’ (*transliminality*), uma tendência para que conteúdos de natureza psicológica atavessem (*trans*) a fronteira ou limite (*limen*) entre

processos conscientes e inconscientes. Podemos citar como exemplo disso a chamada percepção subliminar. Imaginemos a seguinte situação: uma pessoa que, tendo cotidianamente seguido o mesmo caminho para o seu trabalho, resolve, certo dia, alterar seu trajeto; logo depois, vem a ser informada de que, naquele mesmo trecho e em horário aproximado ao de costume, ocorrera um grave deslizamento de terra. É possível que sua repentina mudança de trajeto se devesse à ação de processos subliminares, isto é, fatores perceptivos atuantes na periferia da consciência que, sem o conhecimento dela, possibilitaram o registro de pequenas alterações no solo e outros estímulos diminutos, mas significativos, que já assinalavam com antecedência a iminente possibilidade de um desastre como o descrito. Pessoas como a deste exemplo fictício parecem apresentar, segundo Thalbourne, uma maior permeabilidade à passagem de conteúdos perceptivos da consciência para o inconsciente. Ao invés de se perderem, essas informações permanecem disponíveis num nível subliminar da mente, podendo emergir sob diversas formas na consciência – alucinações, mudanças repentinas de humor ou de estado mental, supostas premonições etc. De fato, o autor verificou uma forte correlação positiva entre crença paranormal e transliminaridade, dando algum suporte também para o modelo de estilos de Epstein.

A distinção defendida por Epstein (1994) entre o pensamento experiencial e o racional, assemelha-se muito à diferenciação proposta por Piaget (1975) entre o simbolismo primário (consciente) e o secundário (inconsciente) na criança, e mesmo aos seus conceitos de inconsciente cognitivo e inconsciente afetivo (Piaget, 1978). As crenças paranormais caberiam perfeitamente no modelo piagetiano, se o comparássemos às concepções de Epstein. A esse respeito, é interessante notar que a questão da diferenciação entre as duas formas de pensamento não foi totalmente respondida por Piaget (1975). Ele chegou a sugerir que a distinção entre o simbolismo primário (consciente) e o simbolismo secundário (inconsciente) é, em muitos casos, quase imperceptível, havendo toda sorte de manifestações intermediárias entre os dois tipos de simbolismo. Ele também defendeu a idéia de que não existem processos mentais totalmente inconscientes ou conscientes, e que a separação estipulada seria apenas uma questão de gradação, assim como não existiriam processos afetivos e cognitivos plenamente distinguíveis um do outro, pois haveria sempre alguma forma de interação ocorrendo.

Se pudermos relacionar as crenças e experiências paranormais ao simbolismo secundário piagetiano, então poderemos dizer, igualmente, que elas guardam muitas das propriedades do jogo, da atividade criadora. De fato, as pesquisas sugeriram que a crença paranormal está vinculada a um estilo cognitivo de fantasiar (Gow, Lang & Chant, 2006; Powers,

1991), aproximando-se de fatores como criatividade e imaginação. As investigações mostram que os crentes apresentaram, num todo, características próprias de indivíduos criativos e os artistas demonstraram relatar, em geral, mais crenças e experiências paranormais (Gianotti et al, 2001; Irwin, 1994a; Kennedy & Kanthamani, 1995b; Thalbourne & Delin, 1994).

Os resultados dessas pesquisas não parecem sustentar a hipótese de que os indivíduos que defendem a existência do paranormal seriam pessoas menos inteligentes que as demais, e sim, que tais crenças e experiências desempenham funções psicodinâmicas e cognitivas específicas na vida de um indivíduo. Elas também não têm justificado a idéia de que estes dois aspectos da vida mental, razão e emoção, possam ser compreendidos isoladamente, como elementos irreconciliáveis. As pesquisas têm revelado que os dois podem funcionar de maneira complementar e que o fato de um indivíduo gozar de um alto nível intelectual, não o livra da possibilidade de adotar certas crenças paranormais ou mesmo vivenciar experiências desse tipo.

1.2.5 Educação científica

Um bom exemplo disso é encontrado nos estudos sobre o papel da educação na diminuição das crenças paranormais. Pesquisas sugerem que a informação científica serve apenas parcialmente como antídoto à aceitação da paranormalidade (Askevis-Leherpeux, 1990; Boy, 2002; Boy & Michelat, 1986; Broch, 2000; Farha & Steward, 2006; Goode, 2002). Inicialmente, a hipótese levantada foi a de que os crentes no paranormal apresentariam um índice de realização educacional mais pobre, quando comparados com aqueles que não possuem tais crenças. Singer & Benassi (1981) chegaram inclusive a propor que a prevalência de crença paranormal na população estadunidense fosse rigorosamente usada como medida para avaliar o grau de inadequação do programa norte-americano de educação científica.

Em concordância com a hipótese, verificou-se uma correlação negativa entre a média das notas obtidas por estudantes universitários e a assunção de várias crenças paranormais (Messer & Griggs, 1989; Musch & Ehrenberg, 2002). Inversamente, Tobacyk, Miller e Jones (1984) descobriram uma correlação positiva entre a média das notas, a crença em fenômenos parapsicológicos e as crenças religiosas tradicionais de estudantes colegiais. Muitas críticas têm sido apontadas quanto ao emprego da variável de realização educacional para medir a hipótese de

déficit cognitivo. É difícil saber até que ponto os resultados disponíveis não estão sendo confundidos com outras variáveis como idade, estado sócio-econômico, nível de desenvolvimento do sujeito, vocações particulares etc. (Irwin, 2003). Ademais, deveria ser salientado que a média das notas de um estudante colegial não reflete invariavelmente a sua capacidade intelectual ou cognitiva geral e que, em muitos casos, problemas emocionais e de aprendizagem podem estar ocultando uma potencial aptidão para atividades intelectuais. Sabe-se ainda, em concordância com esse argumento, que crianças superdotadas nem sempre apresentam boas médias escolares. Tais fatores tornam ainda mais complexo o estudo das relações entre crença paranormal e realização educacional. É preciso desenvolver estudos que possibilitem um mais confiável controle dessas variáveis.

Ainda no que tange à medida de *educação científica*, os pesquisadores sugeriram que fosse averiguada a influência do ensino universitário na assunção e manutenção das crenças paranormais, sendo esperado que uma exposição mais prolongada e acentuada aos conteúdos científicos pudesse reduzir o número de crenças paranormais. Novamente, os dados obtidos são contraditórios e dão margem a numerosas ressalvas. Em seus estudos, Miller (1987) demonstrara uma forte correlação negativa entre crença paranormal e educação científica. Para ele, quanto menor o nível educacional dos respondentes, maior a probabilidade de aceitação das crenças paranormais. Em apoio a essa visão, algumas pesquisas concluíram que os estudantes universitários parecem apresentar menos crenças paranormais do que os estudantes colegiais, evidenciando uma possível influência do ensino universitário na diminuição dessas crenças (Aarnio & Lindeman, 2005; Fitzpatrick & Shook, 1994; Peltzer, 2003; Tobacyk, Miller & Jones, 1984). Todavia, Broch (2000) e Boy & Michelat (1986) relataram que as pesquisas de opinião pública na França, ao contrário do que se esperava, indicaram uma correlação positiva entre crença paranormal e educação. Farha e Steward (2006) avaliaram as respostas de 439 estudantes universitários norte-americanos e concluíram, surpreendentemente, que conforme se passaram os anos na universidade, muitos estudantes se tornaram, na realidade, menos céticos, adotando mais crenças paranormais – cf. também Askevis-Leherpeux (1990) para pesquisas na França e outros países. Esses resultados vão, negavelmente, na contramão da hipótese inicial levantada.

Goode (2002) obtivera resultados que evidenciam uma diferenciação no modo com que cada uma das dimensões da crença paranormal é afetada por processos educacionais. Ele afirma que praticamente todas as pesquisas de opinião pública têm denotado uma correlação negativa entre educação e formas variadas de crença religiosa tradicional. Assim, conforme as pessoas adentram o ensino superior, elas se tornam mais relutantes em aceitar o criacionismo, a existência do céu e do

inferno, e a de anjos e demônios como entidades reais. Contudo, o mesmo não se dá em relação a outras dimensões da crença paranormal, que permanecem relativamente incólumes, ainda que as pessoas continuem adquirindo cada vez mais informação científica. O autor chega a sugerir que a capacidade humana de pensamento é suficientemente abrangente para permitir que se admitam crenças contraditórias entre si, sem que haja nisso qualquer problema, possibilitando, destarte, que a aceitação do paranormal conviva pacificamente ao lado de conceitos científicos (Goode, 2000, 2002). Uma explicação também possível para esses achados é que a assunção dessas crenças esteja sendo influenciada por variáveis culturais. O material a que se refere Goode (2002) provém majoritariamente dos Estados Unidos. Há alguns anos, uma árdua batalha tem sido travada em terras estadunidenses para combater a disseminação do criacionismo, de modo a prevalecer o ensino evolucionista nas escolas (Dawkins, 2007). Os resultados trazidos por Goode talvez reflitam um pouco desse processo sócio-cultural mais amplo de secularização e conflito com sistemas de crença religiosa tradicionais.

De todo modo, boa parte dos que professam crenças paranormais – entre eles, vários estudantes universitários norte-americanos – não rejeita o avanço tecnológico e científico, mas é favorável ao mesmo (Rice, 2003). Tendo constatado resultados semelhantes na França, Boy & Michelat (1986, p. 185) concluem que “é preciso abandonar um modelo linear de acordo com o qual a proximidade ao racionalismo ou ao modo de pensamento científico seguiria lado a lado com a elevação do nível de estudos”.

As pesquisas relataram ainda diferenças no que concerne ao índice de crença paranormal verificado entre as disciplinas científicas. Otis & Alcock (1982), Bhushan & Bhushan (1987), Morier & Keeports (1994), dentre outros, encontraram que os estudantes de ciências naturais apresentam uma crença mais baixa no paranormal do que aqueles que fazem parte das ciências humanas. Essa diferença foi tomada pelos pesquisadores como decorrente do estilo de pensamento empregado em cada uma das respectivas áreas; as habilidades de raciocínio crítico e o pensamento racional como um todo, seriam mais utilizados nas ciências naturais do que nas ciências humanas e nas artes. Aarnio & Lindeman (2005) não encontraram respaldo para essa visão, tendo evidenciado que o raciocínio analítico não necessariamente mediava a escolha pelas disciplinas – embora a prevalência de pensamento intuitivo tenha sido maior nos crentes – e admitiram outra hipótese: a diferença observada entre as disciplinas seria na verdade um reflexo das próprias escolhas dos estudantes; os mais céticos frente ao paranormal, estariam inclinados a adentrar o ensino superior como estudantes de ciências naturais. No entanto, resta saber se os

resultados obtidos quanto à diferenciação nos índices de crença paranormal entre disciplinas científicas estão refletindo unicamente uma posição pessoal desses estudantes diante da paranormalidade ou se estão escondendo um processo de aculturação que desencoraja o reconhecimento e admissão dessas crenças por parte dos respondentes (Irwin, 2003). Alguém que estudasse biologia, por exemplo, talvez se negasse a confessar sua fé no criacionismo, a qual pareceria contraditória com o curso que elegera. Assim, de acordo com a hipótese, ainda que os estudantes de ciências naturais acreditassem no paranormal tanto quanto os estudantes de ciências humanas, eles prefeririam omitir seu posicionamento. Aarnio e Lindeman (2005) chegam a mencionar pesquisas em que os resultados contradiziam essa diferenciação pressuposta entre as disciplinas, mostrando como os estudantes de ciências naturais pareciam adotar, algumas vezes, considerável número de crenças paranormais.

Os investigadores têm defendido que a educação científica serviria como meio de banir as crenças paranormais, simplesmente pelo fato de apresentar informações que contrariam o status ontológico dessas crenças. Talvez um dos mais entusiasmados e esforçados defensores dessa idéia tenha sido o cientista Carl Sagan (1995/2006) que em seu livro “O mundo assombrado pelos demônios” exorta a importância e a força do pensamento científico, em franco contraste com “analfabetismo científico” e as pseudociências. Contudo, as evidências a respeito têm mostrado que a derrocada dessas crenças parece possível apenas quando o programa educacional utilizado houver sido desenvolvido no intuito de atingir diretamente sua legitimidade. O aprendizado geral oferecido em colégios e universidades tem sido por si só ineficiente quanto a esse propósito, mas cursos especialmente elaborados por investigadores “céticos” para ridicularizar as crenças paranormais, demonstraram uma diminuição eficaz no número de várias dessas crenças (Tobacyk, 1983b; Wesp & Montgomery, 1998), da mesma forma com que, inversamente, cursos de parapsicologia experimental influenciaram o reconhecimento da paranormalidade (Irwin, 1994; Morier & Keeports, 1994). A doutrinação por parte de seitas esotéricas é também um fator crucial na admissão de muitas crenças paranormais, e no estímulo à vivência de práticas ou experiências confirmadoras da existência do paranormal (Zusne & Jones, 1989). Mas o emprego ostensivo de processos educacionais no aumento ou diminuição dessas crenças é ainda um assunto delicado e controverso do ponto de vista ético e democrático, pois tende a suscitar discussões quanto ao dogmatismo e sectarismo envolvidos. Cursos direcionados exclusivamente em defesa das crenças paranormais ou em franca oposição a estas são, em geral, tendenciosos, e chegam às vezes a incluir

técnicas de persuasão que muito se assemelham a um processo de “lavagem cerebral” (Goode, 2000; Northcote, 2007).

1.2.6 Traumas de infância

Antes de finalizarmos a presente revisão, gostaríamos de abordar uma última questão concernente à hipótese de déficit cognitivo, bastante associada ao campo da psicopatologia, embora não limitada ao mesmo. Vários pesquisadores sugeriram que as crenças e experiências paranormais estariam relacionadas a transtornos dissociativos e traumas de infância. As investigações parecem ter confirmado, em grande parte, uma ligação significativa entre experiências paranormais e *estados* dissociativos (Glicksohn, 1990; Makasovsky & Irwin, 1999; Wolfradt, 1997). Pekala et al. (1995) verificaram que a dissociação seria, inclusive, a variável mais importante na predição dessas experiências.

Mas tal relacionamento é ainda objeto de controvérsias. O fenômeno da dissociação é interessante à hipótese de déficit cognitivo, sobretudo, pelo fato de acompanhar eventuais alterações na maneira com que o indivíduo enxerga a si mesmo e ao mundo, havendo desconexão entre sistemas cognitivos e funções habitualmente integradas à consciência, as quais podem vir a funcionar autonomamente. Essas alterações, contudo, nem sempre são admitidas pelo contexto social e cultural como representativas de algum distúrbio psicológico, e são muitas vezes consideradas salutareis por certos grupos religiosos²¹. Por ora, cumpre lembrar que experiências dissociativas e consideradas paranormais não estão necessariamente associadas a algum tipo de transtorno mental, o que, nesse sentido, contraria a hipótese de déficit cognitivo. Muitas pesquisas sugerem, inclusive, a existência de um *continuum* entre o que seria a dissociação patológica e a dissociação não-patológica, sendo as crenças e experiências paranormais cabíveis em ambas as definições, conforme as circunstâncias envolvidas.

Ainda em relação aos estados dissociativos, estudos encontraram evidências de que os crentes, bem como indivíduos que vivenciam experiências nomeadas como paranormais são mais propensos à fantasia e à absorção; esta última corresponde a uma tendência geral para focalizar boa parte da atenção consciente naquilo que está sendo imaginado, em detrimento de outros aspectos da

²¹ Um exemplo de fenômeno dissociativo cuja relação com processos patológicos tem sido contestada por alguns estudos clínicos atuais é a mediunidade. Para uma revisão sobre o tema, cf. o capítulo três desta dissertação.

realidade (Gow, Lang & Chant, 2006; Irwin, 1994; Powers, 1991). Alguns desses indivíduos, por sua vez, apresentaram também maior susceptibilidade hipnótica (Atkinson, 1994; Lynn & Rhue, 1988; Pekala et. al., 1995) e se revelaram mais auto-reflexivos e mais inclinados a devotarem seu tempo em prol de experiências subjetivas (Glicksohn, 1990). A propensão à fantasia e à absorção, aliada a vivência de estados dissociativos, é considerada por muitos pesquisadores como estando possivelmente relacionada a experiências de abuso sexual e outros traumas durante a infância; é provável assim que experiências desse tipo sejam um fator individual considerável na assunção de muitas crenças paranormais. Nos casos de traumatismo grave em que são geradas falhas de memória, seguidas da construção de memórias falsas ou imaginárias, as crenças paranormais poderiam desempenhar um papel significativo na elaboração dessas fantasias, de maneira a se ocultar a lembrança original do trauma vivenciado (Irwin, 1994, 2003; Perkins & Allen, 2006).

Powers (1991) sugeriu a existência de uma ligação entre amnésia, tendência à fantasia, traumas psicológicos e alegações de abdução por alienígenas acompanhadas de relatos de abuso sexual. Porém, é necessário um número maior de pesquisas até que se possa sustentar melhor essa hipótese²². Deve-se ressaltar que ela só se aplica a casos específicos, não podendo ser generalizada para *todos* os casos de crença paranormal; do contrário, seríamos obrigados a concluir que *todos* os crentes necessariamente vivenciaram traumas sexuais na infância ou que traumas dessa natureza estão obrigatoriamente vinculados à assunção dessas crenças. De qualquer forma, tais pesquisas tendem a confirmar as hipóteses de Kennedy (2005), Northcote (2007), Maraldi (2008) entre outros, para os quais a aceitação das crenças paranormais pode servir como recurso para preencher lacunas entre discursos, necessidades e experiências incoerentes e traumáticas da vida de um indivíduo, dando sentido à sua existência.

²² A relação entre crença paranormal e possíveis falhas de memória tem conduzido a explicações um tanto precipitadas a favor da hipótese de déficit cognitivo. Wilson e French (2004) e Wiseman, Greening e Smith (2003) verificaram, em seus experimentos, que os crentes no paranormal tendem a se esquecer de momentos cruciais após assistirem as performances de indivíduos auto-intitulados ‘psíquicos’ ou paranormais. Enquanto conversam sobre a apresentação, os crentes acabam por sugestionar uns aos outros quanto à percepção que obtiveram de certas passagens, e são mutuamente levados a acreditarem na veracidade do fenômeno, ainda que, na realidade, tudo não tenha passado de uma armação criada experimentalmente. Esses resultados não implicam necessariamente que os crentes apresentam mais falhas de memória do que aqueles que não acreditam no paranormal, ou que são, por exemplo, mais ingênuos; esses dados indicam, possivelmente, o elevado poder de sugestão do grupo, há muito conhecido dentro da psicologia social. Ademais, as falhas ou esquecimentos descritos poderiam ser eventualmente ativados como forma de preservar o *status* de suas crenças, funcionando como um mecanismo de defesa que diminui a ansiedade decorrente de um confronto com elementos que as contrariem. Tais falhas talvez não constituam o *efeito* de algum déficit cognitivo de maior amplitude, mas antes, certas modificações perceptuais e cognitivas induzidas pela própria crença no paranormal e outros fatores psicológicos e contextuais relacionados, como a necessidade de controle sobre eventos ambíguos (Lange & Houran, 2000). A esse respeito, os proponentes do paranormal contra-argumentariam, e com razão, que tais processos defensivos estão também presentes na rejeição insistente que os céticos dogmáticos fazem de evidências significativas acerca da existência do paranormal. Como bem reconheceu Kennedy (2005) esses dados podem ser de interesse aos parapsicólogos, no intuito de aperfeiçoar suas pesquisas, procurando diminuir assim a influência de potenciais vieses.

McClenon (2004) levanta uma ampla e promissora teoria para as relações entre crença paranormal, experiência anômala e dissociação, sustentada em diversas contribuições da Psicologia Social, da Genética e da Psicologia Evolucionista. Denominada *Ritual Healing Theory*, ela concebe que as habilidades dissociativas e as experiências anômalas possuem uma mesma base fisiológica. Argumenta-se que os primeiros homínídeos teriam desenvolvido capacidades dissociativas para lidar com traumas (coping), a partir de rituais terapêuticos que induziriam esses estados. Os indivíduos com melhores capacidades de enfrentamento obtiveram, por conseguinte, maiores vantagens adaptativas, e McClenon cita o caso dos xamãs, geralmente destacados em suas comunidades. Tal processo evolutivo teria aumentado a frequência de genes relacionados à dissociação, o que expandiria, por sua vez, a prevalência das experiências anômalas e das crenças paranormais a elas associadas. Segundo esse modelo, os genótipos da dissociação e da hipnose teriam continuado a moldar, até hoje, os fundamentos fisiológicos da experiência anômala, da religião e do ritual terapêutico.

A proposta de McClenon constitui um complexo projeto de pesquisa que interliga diferentes áreas do conhecimento sob um mesmo prisma, e apesar de alguns dos dados que revisamos sustentarem esse modelo, não sabemos ao certo se ele se manterá em investigações futuras. Na nossa investigação com os médiuns espíritas, constatamos que os eventos traumáticos desempenham um importante papel nas experiências e crenças dos participantes (ou vice-versa), e que as práticas espíritas podem exercer, muitas vezes, funções terapêuticas. No entanto, o modelo de McClenon necessitará, para sua confirmação, dos dados provenientes de diversas frentes de pesquisa, abarcando áreas diversificadas do conhecimento, como a Antropologia, a Psicologia da Religião, a Psicologia Anomalística, a História etc.

1.3 Conclusão

As evidências compiladas e discutidas anteriormente dão pouca guarida à hipótese de déficit cognitivo, embora tenham elucidado aspectos da cognição e da psicodinâmica possivelmente relacionados às crenças paranormais. Uma crítica recorrente a essa hipótese é a de que ela parece referir-se muito mais a uma polêmica iniciada por investigadores “céticos”, no intuito de ridicularizar e inferiorizar os proponentes do paranormal, do que a uma teoria empiricamente

confirmada (Radin, 2008; Kennedy, 2003, 2005). A gama de resultados obtida parece emaranhar-se em outras variáveis, de natureza sócio-cultural e psicodinâmica, e a idéia de que todos os crentes seriam pessoas menos inteligentes ou com menos educação científica foi questionada diante de evidências contrárias e variações significativas na maneira com que cada uma das dimensões da crença paranormal relaciona-se aos fatores estudados. Nesse sentido, talvez fosse mais interessante averiguar simplesmente os aspectos cognitivos associados ao envolvimento com a paranormalidade, sem um comprometimento com qualquer hipótese específica que privilegiasse a verificação de características positivas ou negativas desses indivíduos, como é o caso da hipótese de déficit.

Se a relação existente entre essas crenças / experiências e a psicopatologia parece inequívoca a uma boa parte dos psicólogos, seu potencial explicativo acerca de outros campos da mesma ciência poucas vezes é admitido e explorado com profundidade. Estes são assuntos cuja relevância teórica a Psicologia tem frequentemente negligenciado ao tentar explicar a formação da identidade, os processos cognitivos e emocionais, bem como outros temas de importância. Conquanto lancem luz sobre uma série de questões psicológicas, os estudos sobre crenças e experiências paranormais raramente são citados durante a graduação de um psicólogo e, em geral, não vigoram em muitos manuais básicos de Psicologia. Sob esse aspecto, é possível que parte da associação unilateral e irreversível estabelecida entre experiências semelhantes às descritas e certos quadros de natureza patológica, resulte muito mais da nossa atual incapacidade em compreender efetivamente tais manifestações, do que de sua compreensão mais ampla.

A explicação de que as crenças e experiências paranormais seriam o resultado de processos exclusivamente fantasiosos ou mesmo patológicos, levanta outros sérios dilemas: e se algumas dessas experiências vierem a ser consideradas, no futuro, processos verídicos? Qual atitude deveria ser tomada pelos profissionais de saúde mental? Como poderíamos diferenciar processos psicopatológicos de processos paranormais verídicos? Seria possível utilizar-se dos mesmos recursos terapêuticos empregados em outras situações clínicas ou teríamos de desenvolver novas abordagens para auxiliar pessoas que possuem dificuldades com relação a experiências desse tipo? Estas são apenas algumas das indagações que uma série de pesquisadores tem feito a respeito do tema²³. A título de exemplo, o episódio a seguir, relatado pela parapsicóloga Louisa Rhine (1966, p.

²³ Não só os psicólogos contemporâneos como alguns dos pioneiros da Psicologia e da Psiquiatria preocupavam-se com a autenticidade dos fenômenos paranormais, como Carl Jung, William James, Pierre Janet e o próprio Sigmund Freud em obras como 'Psicanálise e Telepatia' (1941[1921]/1976) e 'Sonhos e Telepatia' (1922/1976). Para uma revisão da literatura freudiana a respeito, ver Corbetta (2006). Para uma revisão dos outros autores, conferir Almeida e Lotufo Neto (2004), Alvarado, Machado, Zingrone e Zangari (2007) e o capítulo três desta dissertação.

156 e 157) ilustra algumas das dificuldades que o diagnóstico diferencial dessas experiências envolveria, caso viessem a ser cientificamente confirmadas:

Durante a guerra, uma senhora que tinha estado algumas vezes entregue aos cuidados de um médico devido à tendência à ansiedade e excitação nervosa, acordou uma noite gritando histericamente: “Jack morreu, Jack morreu”. Disse tê-lo visto cair em um avião incendiado. O filho dela, Jack, estava servindo no exército americano no Pacífico. Como o marido não pôde acalmá-la, chamou o médico. Este aplicou-lhe sedativos e mandou-a para o hospital. Nem o marido nem o médico encararam seriamente a idéia que Jack estivesse em um desastre de avião, visto como não pertencia à Força Aérea. Receberam, contudo, uma comunicação dias depois que o rapaz se encontrava em um avião que caíra incendiado. Morrera aproximadamente no momento em que a mãe tivera a experiência. Como o marido e o médico sabiam da tendência dela à ansiedade e excitação, consideraram-lhe a convicção como pura ilusão e, portanto, patológica. Mas, na realidade, o comportamento dela era a reação perfeitamente natural da mãe que tomara conhecimento há pouco de notícias terríveis e angustiosas e delas se convencera. Conforme o próprio médico reconheceu depois, a impossibilidade de convencê-los da verdade somente aumentou-lhe a aflição, diminuindo a possibilidade de controle próprio. Ele ficou, de fato, realmente preocupado, compreendendo a dificuldade de evitar diagnóstico errôneo em casos futuros.

É plenamente possível, dirá talvez o leitor, que o caso acima, como tantos outros, deva-se tão somente a uma esplêndida coincidência. Não obstante, como dissemos anteriormente, a Parapsicologia tem coletado evidências experimentais significativas a favor da percepção extra-sensorial e da psicocinese, mesmo em condições acima do acaso e nem sempre explicáveis como resultantes de falhas metodológicas ou estatísticas (Radin, 2008). Todavia, isso não significa que os dados dessas pesquisas são conclusivos acerca da natureza dos processos investigados, muito menos suficientes para o desenvolvimento de técnicas terapêuticas. É importante salientar que as evidências favoráveis à existência de processos paranormais são ainda muito limitadas; e boa parte das alegações a respeito pode ser explicada com base no conhecimento científico disponível atualmente. Preocupados em como lidar com as alegações de eventos paranormais num contexto clínico, psicólogos e psiquiatras têm realizado estudos em que propõem várias possibilidades de intervenção fundamentadas nas práticas já reconhecidas dentro da psicologia. A postura adotada por esses profissionais e pesquisadores tem variado desde a orientação e o aconselhamento, ao atendimento clínico prolongado (Pallú, 2009; Parra et al, 2006; Belz-Merk et al, 2007). Mas os recursos empregados por determinadas abordagens, sobretudo, aquelas relacionadas à chamada Psicologia transpessoal (Grof, 2000; Tabone, 2003) permanecem controversos, pois tendem a tomar como fato comprovado a existência do paranormal e nem sempre recorrem a métodos cientificamente validados.

Os estudos clínicos não resolveram muitos dos dilemas abordados anteriormente, embora tenham descortinado possíveis soluções. A abordagem clínica das crenças e experiências paranormais terá de esperar a realização de um número maior de pesquisas, que ajudem a elucidar

os fatores efetivamente envolvidos quando da ocorrência de processos anômalos. Nada disso impede, entretanto, a compreensão dos fatores psicodinâmicos e psicossociais associados a essas experiências (Zangari, 2003). Tais experiências estão inegavelmente relacionadas a crenças, atitudes, emoções, processos cognitivos e diversos fatores sócio-culturais, e mesmo que pesquisas futuras confirmem a realidade de alguns desses fenômenos, sua associação inegável com diferentes variáveis psicológicas e psicossociais continuará garantindo a realização de estudos como o presente.

2 Mediunidade: Perspectivas Sócio-Históricas e Religiosas

Médium, em boa sinonímia, segundo cremos, quer dizer “meio”. Médium, em razão disso, dentro de nossas fileiras, significa intermediário, medianeiro, intérprete. Médiuns, por isso, existiram em todos os tempos. Na antiguidade remota, eram adivinhos e pitonisas que, freqüentemente, pagavam com a vida o conhecimento inabitual de que se faziam portadores. Na idade medieval, eram santos e santas, quando se afinavam à craveira religiosa da época, ou, então, feiticeiros e bruxas, recomendados à fogueira ou à forca, quando se não ajustavam aos preconceitos do tempo em que nasceram. Hoje, possuímo-los em todos os tons, em dilatadas expressões polimórficas.

- Chico Xavier (1987, p. 157).

Neste capítulo, abordaremos um pouco da história dos fenômenos mediúnicos. Veremos também como a mediunidade é definida pelo Espiritismo e algumas das dificuldades enfrentadas pelos espíritas brasileiros no período que vai do final do século XIX ao início do século XX, em vista da enorme perseguição aos cultos mediúnicos por parte das autoridades médicas e policiais da época. Com isso, pretendemos levantar os principais elementos envolvidos na história do Espiritismo e das práticas mediúnicas em geral, os quais ainda hoje reverberam nos meios espíritas, com efeitos significativos na construção da identidade dos médiuns deste estudo.

Tal análise histórica não poderia negligenciar uma revisão geral da bibliografia psicológica sobre mediunidade, de modo a fornecer uma compreensão dos estudos que têm buscado, da mesma forma que o presente, a elucidação dos fatores psicodinâmicos e psicossociais envolvidos nessas experiências. A revisão sobre mediunidade e Psicologia pode ser encontrada no próximo capítulo. Por ora, ater-nos-emos aos aspectos sócio-históricos e religiosos do percurso seguido pelas práticas mediúnicas, com ênfase em sua trajetória brasileira. Assim sendo, nossa proposta foi a de abarcar a mediunidade sob dois aspectos distintos, porém, complementares: o científico – ou psicossocial – e o religioso – ou espírita. Na sociologia e na antropologia, tal abordagem é a mesma que diferencia uma perspectiva de estudo *ética* – ou externa – de uma perspectiva *êmica* – ou interna (Goode, 2000; Northcote, 2007).

A mediunidade pode ser definida como uma forma de comunicação paranormal considerada como proveniente de uma fonte que existiria numa dimensão além da realidade física conhecida, fonte esta não advinda da mente normal – ou consciente – do médium (Klimo, 1998). Outras definições são possíveis, mas encontram-se atreladas, em geral, a hipóteses pré-determinadas acerca do fenômeno mediúnico. A definição esposada, no entanto, não se propõe a delimitar as

origens da mediunidade, mas simplesmente a sua representação mais ampla para as pessoas que afirmam vivenciá-la ou que nela crêem.

Pode-se considerar a definição que adotamos como consistente também em relação à maioria dos casos, visto que a mediunidade, apesar de suas múltiplas acepções e modalidades – variáveis conforme o contexto social e grupal em que está inserida – depende da suposta capacidade de um indivíduo em se comunicar com seres ou forças desconhecidas – quer sejam os espíritos dos mortos, quer outras formas de entidades sobrenaturais – ou mesmo de permitir que tais forças ou seres se comuniquem por seu intermédio e forneçam informações que, de outra maneira, não poderiam ser obtidas – como, por exemplo, a suposta mensagem psicografada de um ente falecido.

É nosso dever ressaltar, contudo, que a definição supracitada carrega também limitações, e nem sempre abarca adequadamente algumas das possíveis formas de intermediação com o mundo espiritual. Nas sessões de mediunidade de cura e pintura mediúnica, por exemplo, os médiuns servem menos como veículos comunicativos do que como instrumentos de uma alegada *ação* de origem paranormal. Nesses casos, o termo ‘comunicação’ já não se aplica inteiramente, senão em sentido muito amplo, havendo substituição da ênfase no conteúdo para uma ênfase no sentido geral da atividade mediúnica – ex: “comunicar” às pessoas, por meio da concessão de certos poderes ao médium (curativos ou outros), a existência de vida após a morte. Entretanto, de modo a evitar ambiguidades, seria mais correto afirmar, expandindo a definição proposta por Klimo, que a mediunidade não apenas implica uma *comunicação* como também, por vezes, a *ação* de um suposto agente paranormal pela intermediação de um indivíduo comumente designado médium.

Cabe assinalar aqui, por razões conceituais, o atravessamento da mediunidade com outras experiências paranormais semelhantes, a exemplo do xamanismo. Para alguns autores, esta última prática, no entanto, difere da mediunidade pela sua intrínseca diversidade fenomenológica, envolvendo não apenas o papel de mediação entre vivos e mortos, mas igualmente variadas experiências de viagem xamânica, cura xamânica, crise de iniciação, elementos de dança, música e outros rituais xamanísticos (Krippner, 2000). É bem verdade que muitos médiuns brasileiros praticam atividades similares, como nas giras umbandistas, nas sessões espíritas de mediunidade de cura, de pintura mediúnica e nas experiências fora do corpo – “desdobramento” – relatadas por médiuns espíritas. Mas ao passo em que alguns médiuns costumam se “especializar” em uma ou mais dessas atividades, com ênfase na comunicabilidade entre “encarnados” e “desencarnados”, os xamãs tendem a ser inerentemente polivalentes em seu desempenho ritualístico. E adicionalmente ao eventual papel de intermediação aos espíritos, eles seriam também ativos exploradores do mundo

espiritual (Krippner, 2000). Como lembra Walsh (1997) a ‘possessão por espíritos’ ocorre em apenas alguns xamãs e é somente um dos muitos papéis por eles exercidos. Também não consta que um xamã, conquanto enraizado em certas tradições, siga uma determinada doutrina ou religião previamente institucionalizada, como é o caso do Espiritismo.

Outro conceito de importância para a nossa discussão é o termo *channeling* (canalização), empregado nos Estados Unidos em alusão aos canalizadores (“*channelers*”) ou mesmo aos chamados psíquicos (“*psychics*”). Esses indivíduos podem ser apropriadamente descritos como médiuns, pois também serviriam, em diversas ocasiões, como intermediários aos espíritos dos mortos, mas seriam, além disso, ‘paranormais’ supostamente dotados de faculdades telepáticas, clarividentes ou outras. Alguns dos médiuns do nosso estudo chegaram também a relatar experiências de telepatia ou precognição, tal como fazem muitos *psychics*, mas seu discurso tende a enfatizar mais a intervenção dos espíritos nessas experiências do que possíveis habilidades provenientes do indivíduo. Por sua vez, as fontes de inspiração dos canalizadores não se limitam aos espíritos desencarnados – como em geral se dá no Espiritismo – mas abarcam ainda, segundo sua crença, um ‘eu maior ou mais profundo’, uma parte espiritualmente mais desenvolvida da personalidade (Hughes, 1991; Klimo, 1998), bem como, em certos casos, anjos e outras entidades sobrenaturais.

Muitos são os pontos de contato entre essas três formas de experiência religiosa / paranormal – mediunidade, xamanismo e canalização – e há quem veja nelas – a despeito dos condicionamentos sociais e conceituais a que estão sujeitas – a expressão de uma disposição básica do ser humano, em qualquer lugar do mundo, para estabelecer ou buscar contato com alguma forma de realidade espiritual (Gauld, 1982/1995), ou mesmo para produzir e dramatizar símbolos e narrativas (Krippner, 2000).

Geralmente, acredita-se que mediunidade tende a ser despertada durante um estado de consciência alterada, um estado de transe, ou qualquer outra descrição de estado mental que implique certa inconsciência por parte do médium. No meio espírita, em contrapartida, tal conceituação foi drasticamente expandida, não estando limitada aos estados inconscientes. Para o Espiritismo, a mediunidade estaria presente em praticamente qualquer atividade humana, desde a elaboração de um texto científico ou literário a uma produção artística, incluindo-se aí também ocorrências menores, como vagas sensações físicas ou mesmo estados emocionais passageiros de irritabilidade, tristeza, alegria súbita, pensamentos obsessivos, momentos de inspiração ou genialidade etc. Em todos esses fenômenos, rotineiros ou excepcionais, os espíritas reconhecem

uma potencial intervenção dos espíritos, não havendo, muitas vezes, uma delimitação clara entre aquilo que se pode tomar como advindo do próprio indivíduo e aquilo que lhe é estranho. Para os espíritas, a redação deste texto, por exemplo, pode muito bem ter resultado de uma combinação entre o esforço mental proveniente daquele que o redigiu, e o auxílio do *mundo espiritual*, sob a forma de inspiração ou mediunidade intuitiva (Kardec, 1861/2001). Como veremos em relação aos médiuns deste estudo, a mediunidade tornou-se para o Espiritismo muito mais que um fenômeno significativo do ponto de vista doutrinário e religioso; ela se tornou a própria maneira espírita de enxergar o mundo e de se relacionar consigo próprio, com as pessoas e com as diferentes situações da vida.

A mensagem psicografada pelo médium Chico Xavier, logo no início deste capítulo, nos dá uma boa demonstração de como os espíritas interpretam o fenômeno mediúnico – estendendo-o à condição de uma faculdade humana universal, presente mesmo em outros contextos religiosos – ao mesmo tempo em que parece corroborar, sob determinado aspecto, a conceituação que adotamos, apresentando uma perspectiva claramente sócio-histórica das manifestações mediúnicas, a qual resume, de maneira poética, a difícil caminhada trilhada pela prática da mediunidade em busca de reconhecimento social, como veremos melhor no decorrer de nossa explanação.

2.1 O advento do Espiritualismo Moderno e do Espiritismo

A despeito do fato de a mediunidade ter recebido uma abordagem científica apenas entre o final do século XIX e início do século XX, ganhando notoriedade e um enorme interesse público pela Europa e pelos Estados Unidos, ela foi precedida por uma tradição de comunicação com os mortos que remonta à antiguidade, e pode ser vista em obras milenares como o Livro dos Mortos do Antigo Egito e o Livro Tibetano dos Mortos. Posteriormente, a base para as formas modernas de expressão da mediunidade foram complementadas por uma variedade de estados de transe, visões e outros fenômenos provenientes tanto dos meios religiosos quanto de diversas crenças populares (Alvarado, 2005). Para Almeida (2004), as vivências mediúnicas e as comunicações paranormais estariam nas raízes greco-romanas, judaicas e cristãs da sociedade

ocidental, como na figura das pitonisas gregas e no *daimon* de Sócrates, ou em diversas passagens bíblicas em que se relata o recebimento de mensagens dos anjos ou de profetas.

O interesse mais recente pela mediunidade despontará com a propagação do Espiritualismo Moderno entre os séculos XVIII e XIX, contexto marcado pela ascensão do conhecimento científico enquanto sustentáculo do desenvolvimento industrial e social – ancorado nos ideais do Positivismo – e pela estruturação de um estado laico, no interior do qual as crenças religiosas desempenharão um papel político e de referencial simbólico bem menos significativo que outrora (Ortiz, 2001). Por essa época, o racionalismo apregoado pelas bandeiras iluministas já havia infundido em certos núcleos e círculos sociais, notadamente os círculos filosóficos e acadêmicos, uma concepção estritamente cientificista da realidade que pouco se coadunava com as tradicionais noções judaico-cristãs. Mas a contestação de certos cânones religiosos constituía, no entanto, apenas parte de um processo sócio-histórico mais amplo. Segundo o sociólogo Zygmunt Bauman (2005, p. 79):

A mente moderna não era necessariamente atéia. A guerra contra Deus, a busca frenética da prova de que “Deus não existe” ou “morreu”, foi deixada para os radicais. O que a mente moderna fez, contudo, foi tornar Deus irrelevante para os assuntos humanos na Terra. [...] A estratégia moderna consiste em fatiar os grandes temas que transcendem o poder do homem em tarefas menores que os seres humanos podem manejar (por exemplo, a substituição da luta inglória contra a morte *inevitável* pelo tratamento eficaz de muitas doenças evitáveis e curáveis). Os “grandes temas” não foram resolvidos, mas suspensos, postos de lado, removidos da ordem do dia. Não bem esquecidos, mas raramente lembrados.

Tal estreitamento da primazia ideológica e política anteriormente conferida ao pensamento religioso não se deu, contudo, sem que se observassem lacunas. Parecia agora, para alguns, que a religião teria de adotar critérios mais próximos ao racionalismo e cientificismo da época, de modo a sustentar tais doutrinas como a da alma e sua imortalidade (Rogo, 1986). Malgrado boa parte do meio científico e acadêmico estivesse disposta a seguir em frente com uma explicação materialista de mundo, menos atrelada às questões de natureza religiosa, o mesmo não se deu necessariamente no que diz respeito às massas (Northcote, 2007).

Foi em meio a tais circunstâncias que a opinião pública teve sua atenção voltada para um conjunto de fenômenos que rapidamente se popularizara, na promessa de revelar novos métodos terapêuticos para a cura de variadas doenças: o chamado ‘mesmerismo’, termo esse derivado do nome de seu fundador, Franz Anton Mesmer (1734-1815). Mesmer era médico alemão, e alguns anos antes da Revolução Francesa, tendo se instalado em Paris, ele se interessou por certas ocorrências que ficaram conhecidas depois como ‘transes mesméricos’, ‘clarividência mesmérica’, dentre outras. Concebia-se que tais fenômenos podiam ser produzidos durante estados

‘sonambúlicos’ e que estes, como logo se descobriu, seriam facilmente provocados em certos indivíduos. Estavam firmadas as bases para o moderno hipnotismo, visto que a ampla fenomenologia mesmérica englobava muitas daquelas ocorrências associadas à histeria e ao sonambulismo que viriam mais tarde interessar aos médicos psiquiatras, de Charcot a Freud (Alvarado, Machado, Zingrone e Zangari, 2007; Ellemberger, 1970; Figueiredo, 2007; Lyra, 1985).

As práticas do mesmerismo emprestaram ao espiritualismo emergente várias de suas características, favorecendo especialmente a aceitação de diversas formas de crença paranormal como clarividência (lucidez), sugestão à distância, independência da alma em relação ao corpo etc. Faz-se importante mencionar também que algumas das principais crenças e práticas espíritas, como a de um ‘fluido universal’ a preencher todo o espaço cósmico; a conceituação de um fluido vital ou ‘magnetismo animal’ presente nos seres vivos, diretamente responsável pela manutenção do equilíbrio fisiológico e passível de manipulação, restituição e redistribuição – conceito do qual adveio, mais tarde, a prática dos ‘passes espíritas’, da ‘fluidoterapia’ e da mediunidade de cura nos centros espíritas em geral – também receberiam do mesmerismo significativas influências²⁴ (Figueiredo, 2007).

O mesmerismo mostrou-se, durante algum tempo, uma interessante alternativa popular aos métodos convencionais da medicina corrente, que incluíam a sangria, purgações, e outras práticas dolorosas e quase sempre ineficazes. Os seguidores de Mesmer – ‘magnetizadores’ – afirmavam curar várias doenças recorrendo apenas ao transe mesmérico e à ‘magnetização terapêutica’ – ou imposição de mãos – sobre o doente: bronquite, paralisias, úlceras, dentre outras. Também era comum, por parte dos magnetizadores, o emprego de certos recursos e instrumentos, a fim de supostamente concentrar e propagar maior quantidade de fluido magnético, como a tina – ou *baquet* –, a varinha de metal, água e garrafas previamente ‘magnetizadas’, e até mesmo árvores, em torno das quais permaneciam os pacientes, visando um mais amplo aproveitamento do magnetismo animal nelas concentrado (Figueiredo, 2007). Entretanto, tais práticas foram mal acolhidas pelos médicos e cientistas da época, os quais protestavam veementemente, por meio de artigos e publicações em jornais, contra a eficácia dos tratamentos mesméricos e contra seus principais postulados, considerados pseudocientíficos (Alvarado, Biondi & Kramer, 2006; Lyra, 1985).

²⁴ Figueiredo (2007, p. 32) ressalta, entretanto, que Mesmer não era necessariamente ‘fluidista’: “O fluido vital ou magnetismo animal, seria, segundo Mesmer, um estado particular de vibração [...] do fluido universal”. Mesmer acreditava numa influência ‘magnética’ dos astros sobre a fisiologia humana. Figueiredo salienta ainda que “[...] o fluidismo foi obra de alguns magnetizadores da segunda geração, durante o século 19 [mesma época da emergência do Espiritismo]. Para criar esta teoria, os magnetizadores fluidistas basearam-se nas descrições feitas pelos sonâmbulos, que enxergavam, pela lucidez sonambúlica, um fluido sendo emanado das mãos dos magnetizadores quando aplicavam passes em seus pacientes” [grifo nosso].

Parece-nos hoje que Mesmer, no seu pioneirismo, recorrera a uma nova força na natureza, bem como a todo um sistema de explicação vitalista para solucionar fenômenos psicológicos e psicossomáticos que caberiam mais adequadamente no campo da sugestão, do hipnotismo e da transferência psicanalítica. Sob esse aspecto, ele foi um importante precursor da psiquiatria dinâmica (Ellemburger, 1970).

Mas o interesse pelo paranormal não estava circunscrito às práticas do mesmerismo e rapidamente encontrou adeptos num pequeno movimento que em poucos anos se expandira pelos Estados Unidos e, posteriormente, pela Europa: o assim denominado Espiritualismo Moderno, cujas raízes remontam a 1848, data em que estranhos fenômenos físicos foram relatados por uma família metodista, moradora de uma casa em Hydesville, Nova York. Na época, o povoado de Hydesville contava apenas com algumas casas de madeira do tipo mais simples. Foi para uma dessas cabanas que a família Fox, composta por cinco pessoas – John D. Fox, sua esposa e as filhas Leah, Margaret e Katherine – mudaram-se em 11 de dezembro de 1847. Um ano após a mudança, para o desassossego dos ocupantes da casa, “fenômenos” insólitos e perturbadores passaram a acometer a família. Segundo consta, era possível ouvir, por toda a casa, ruídos e batidas estranhas, vibradas no forro da sala, no assoalho, nas paredes e nos móveis, para os quais não se encontrava uma explicação satisfatória. Por outro lado, os fenômenos, agora constantes, pareciam estreitamente vinculados às duas irmãs, Margaret – de 15 anos – e Katherine – com 12 anos, pois ocorriam sempre em sua presença. Como as pancadas e demais sons ouvidos pela família denotavam, por vezes, o caráter de uma manifestação inteligente, as duas irmãs tentaram estabelecer contato com o suposto autor das batidas – ou *raps* – criando uma espécie de alfabeto rudimentar, baseado na quantidade de sons emitidos. Eis alguns trechos do relato de Mrs. Fox sobre a noite em que se deu a primeira ‘comunicação’:

Na noite de sexta-feira, 31 de março de 1848, resolvemos ir para a cama um pouco mais cedo e não nos deixamos perturbar pelos barulhos: íamos ter uma noite de repouso. [...] A coisa começou como de costume. Eu o distinguia de quaisquer outros ruídos jamais ouvidos. As meninas, que dormiam em outra cama no quarto, ouviram as batidas e procuraram fazer ruídos semelhantes, estalando os dedos. Minha filha menor, Kate, disse, batendo palmas: “Senhor Pé rachado, faça o que eu faço”. Imediatamente seguiu-se o som, com o mesmo número de palmadas. Quando ela parou, o som logo parou. Então Margaret disse brincando: “Agora faça exatamente como eu. Conte um, dois, três, quatro” e bateu palmas. Então os ruídos se produziram como antes. [...] pensei em fazer um teste de que ninguém seria capaz de responder. Pedi que fossem indicadas as idades de meus filhos, sucessivamente. Instantaneamente foi dada a exata idade de cada um, fazendo uma pausa de um para o outro, a fim de os separar até o sétimo, depois do que se fez uma pausa maior e três batidas mais fortes foram dadas, correspondendo à idade do menor, que havia morrido. Então perguntei: “É um ser humano que me responde tão corretamente?” Não houve resposta. Perguntei: “É um Espírito? Se fôr dê duas batidas.” Duas batidas foram ouvidas assim que fiz o pedido. Então eu disse: “Se foi um Espírito assassinado dê duas batidas”. [...] Pelo mesmo processo verifiquei que fôra um homem que o assassinara nesta casa e os

seus despojos enterrados na adega; que a sua família era constituída de espôsa e cinco filhos, dois rapazes e três meninas, todos vivos ao tempo de sua morte, mas que depois a espôsa morrerá. (Doyle, 1960).

Os boatos sobre os acontecimentos na casa da família Fox logo se espalharam. Por serem metodistas e estarem envolvidos em manifestações de ordem heterodoxa, foram expulsos da igreja local e resolveram mudar para a cidade de Rochester. Contudo, os barulhos teriam continuado por toda a nova residência. A família passou a efetuar sessões mediúnicas regulares, nas quais tentavam estabelecer comunicação com os espíritos dos mortos, e onde eram relatados eventos de cunho paranormal como, por exemplo, móveis que supostamente rodopiavam e faziam outros movimentos sozinhos, sem a intervenção humana. Tais ocorrências, objeto de grande atração na época, foram frequentemente reproduzidas em diversas sessões públicas e ficaram conhecidas como fenômenos das “mesas girantes” ou “mesas falantes” (Doyle, 1960).

Embora caracterizado por muitas controvérsias – incluindo, mais tarde, a confissão das irmãs de que os fenômenos seriam fraudulentos, fato este seguido, depois, pela retirada de tais declarações, desmentindo-se tudo o que foi dito inicialmente – o caso da família Fox é geralmente considerado o marco referencial tanto do Espiritualismo moderno quanto da própria doutrina espírita²⁵ (Alvarado, Machado, Zingrone e Zangari, 2007). Foi por meio do estudo de tais experiências e de outras formas de mediunidade – como a psicografia – que o pedagogo francês Hippolyte Léon Denizard Rivail – inicialmente cético a respeito – convenceu-se da realidade dos fenômenos mediúnicos, tornando-se o fundador – ou “codificador”, como os espíritas preferem dizer – do Espiritismo. Rivail teria recebido dos espíritos – e particularmente de uma entidade auto-intitulada “espírito da verdade” – a incumbência de organizar e propagar os ensinamentos do mundo espiritual. Passou a assumir o pseudônimo de Allan Kardec – nome que teria supostamente pertencido a Rivail numa vida anterior –, a fim de desvincular seu trabalho precedente, como

²⁵ Deve-se ressaltar aqui a diferenciação entre os termos Espiritualismo e Espiritismo, pois não se referem exatamente às mesmas coisas. Na terminologia espírita, o termo Espiritualismo tem significado mais amplo, e diz respeito a uma convicção contrária ao Materialismo, segundo a qual existiria no ser humano e no universo uma dimensão transcendente à matéria. Nesse sentido, segundo Kardec (1860/1999), todos os religiosos seriam espiritualistas, embora nem todos sejam espíritas. Já o termo Espiritismo, que pode ser considerado uma vertente particular do Espiritualismo, refere-se, mais precisamente, à doutrina organizada por Kardec, cujas características diferem parcialmente ainda de certas ramificações do movimento mais amplo do Espiritualismo Moderno. Os espíritas, por exemplo, acreditam na reencarnação, o que não é o caso de muitos espiritualistas anglo-saxões. De acordo com Buescher (2005) o termo Espiritualismo só começou a ser empregado de forma ostensiva por volta da metade do século XIX de modo a designar o interesse de certas pessoas ou grupos em se comunicarem com os mortos e deles obterem ensinamentos e evidências de sua sobrevivência após a morte. Muitas foram as filosofias e sistemas heterogêneos desenvolvidos proximamente (ou durante) o século XIX que serviram de base ao Espiritualismo emergente ou que nele se inspiraram para a formulação de suas idéias – como foi o caso, tempos antes, da filosofia mística de Emanuel Swedenborg (1688-1772) e, mais tarde, da cosmologia evolucionária do clarividente norte-americano Andrew Jackson Davis (1826-1910) –, centrados em diferentes líderes e diferentes convicções sobre o mundo espiritual e sobre a comunicabilidade entre vivos e mortos, sendo o Espiritismo uma das muitas tentativas de sistematização das crenças e práticas mediúnicas desse período.

pedagogo, da função que veio a ocupar como doutrinador, tendo publicado assim diversos livros acerca do Espiritismo, sendo os principais:

- *O livro dos espíritos* (1º ed. 1857; 2º ed. 1860)
- *O que é o Espiritismo* (1859)
- *O livro dos médiuns – ou guia dos médiuns e dos doutrinadores* (1861).
- *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1863)
- *O céu e o inferno – ou a justiça divina segundo o Espiritismo* (1865)
- *A Gênese -- ou os milagres e as predições segundo o Espiritismo* (1868).

Os espíritas tendem a ver sua doutrina não apenas como religião, mas também como filosofia e como ciência. O aspecto religioso estaria associado às implicações de ordem moral e espiritual advindas dos preceitos e ensinamentos dos “espíritos superiores”, ao passo em que o aspecto filosófico decorreria de questões existenciais levantadas pelo Espiritismo, sugerindo toda sorte de reflexões metafísicas sobre o sentido da vida, o destino do espírito após sua morte física, a vida no mundo espiritual, a pluralidade das existências etc. Já o aspecto científico fará alusão à investigação experimental das manifestações que caracterizam a fenomenologia espírita – o transe mediúnico, os casos aparentes de manifestações físicas etc.²⁶ Há uma tendência evidente, sobretudo nas obras de Kardec, em se designar os dois últimos aspectos (o filosófico e o científico) como sendo os elementos centrais de definição da doutrina, ao passo em que o aspecto religioso e moral é interpretado como uma derivação dos demais (Kardec, 1859/1992, 1860/1999). Segundo essa concepção, a doutrina espírita teria como meta fornecer às religiões as evidências racionais de que necessitariam para demonstrar suas crenças objetivamente:

É certo que a religião nos ensina tudo: também manda que creiamos, mas há um grande número de pessoas que crêem senão o que se lhes prova. Uma afirmação apenas, não lhes basta. O Espiritismo prova, põe diante dos olhos o que a religião ensina teoricamente. E essas provas de onde provém? Da manifestação dos espíritos. (Kardec, 1859/1992, p. 76)

Kardec sugere, nessa frase, que o Espiritismo seria como a dimensão científica das religiões. Mas, paralelamente, ele também veio a defender uma continuidade histórica entre a doutrina espírita e as profecias bíblicas, tendo afirmado, a partir das mensagens espirituais que compilou, que o Espiritismo seria a terceira grande revelação da lei de Deus, após os dez mandamentos de Moisés (primeira revelação) e o evangelho de Jesus (segunda revelação). A

²⁶ O aspecto experimental do Espiritismo acabou sendo conduzido depois pela chamada Pesquisa Psíquica e, mais tarde, pela moderna Parapsicologia. Vários fenômenos espíritas foram também assimilados pela psiquiatria entre o final do século XIX e começo do século passado, servindo de ponte para a formulação do conceito de inconsciente na Psicanálise, bem como outros conceitos da psicologia e da psicopatologia: dissociação, estados alterados de consciência, personalidades secundárias etc. (Alvarado, Machado, Zingrone e Zangari, 2007; Ellemberger, 1970).

aliança entre ciência e religião proposta pelo Espiritismo constituiria indício, segundo ele, de que o Espiritismo seria o próprio Espírito da Verdade, o consolador outrora prometido por Jesus, como contido em João XIV: 15 a 17; 26 (Kardec, 1863/2000). Kardec chegou ainda a sustentar que as raízes filosóficas do Espiritismo remontavam a Sócrates e Platão, a partir da leitura reencarnacionista que empreendera do pensamento desses autores em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (Kardec, 1863/2000).

O que ocorre, entretanto, é que principalmente no Brasil, o Espiritismo tem revelado, desde a sua chegada na segunda metade do século XIX, uma faceta bem mais religiosa do que propriamente filosófica ou científica. Muitos antropólogos e historiadores afirmam ser o aspecto religioso o elemento definidor da doutrina espírita no Brasil (Aubrée e Laplantine, 1990; Cavalcanti, 2006; Giumbelli, 1997). Os espíritas brasileiros herdaram muito da preocupação kardecista frente às questões éticas e religiosas, e costumam ver com maus olhos qualquer empreendimento científico ou filosófico que não envolva também uma reflexão de ordem moral e espiritual: “Na terapêutica espírita, como nas investigações científicas da mediunidade, a exigência da moral é de importância básica” (Pires, 1988, p. 44).

Uma das principais características do Espiritismo brasileiro, segundo os pesquisadores, é o seu sincretismo, sua apropriação de idéias católicas e, mais recentemente, de certos elementos da *New Age* e outras formas contemporâneas de crença paranormal (Aubrée e Laplantine, 1990; Hess, 1991). De acordo com Camargo (1961, p. 8) citado por Stoll (2002, p. 365):

Tanto a doutrina, como especialmente a prática espírita, ganharam no Brasil novo alento, desenvolvendo conotações e ênfases especiais que as adaptaram à realidade brasileira. A história dessa adaptação é um aspecto [...] da constituição de uma religião original entre nós.

Em relação ao movimento espírita francês, o Espiritismo brasileiro é de caráter pronunciadamente pessoal – em sentido inverso ao da objetividade e impessoalidade francesas – e encontra nas mães e nas mulheres as figuras centrais da mediação familiar, desempenhando significativo papel no desenrolar das sessões²⁷. A ênfase kardequiana na elucidação e ordenamento das mensagens dos espíritos, especialmente quanto à informação nelas contida e independentemente do médium que as tenha ‘transmitido’, parece também ter sido parcialmente deslocada, no Brasil, para uma ênfase na própria personalidade e carisma dos médiuns, como atesta a enorme popularidade de Chico Xavier e outras eminentes figuras do nosso movimento espírita. A despeito

²⁷ A grande frequência de mulheres médiuns, ao longo da história, tem sido verificada não apenas no Brasil (Bueno, 2009) como em diversas outras culturas (Bourguignon, 2004; Denis, 1911/2008; Gauld, 1982/1995). Para uma discussão das possíveis razões psicossociais disso, cf. o próximo capítulo.

da grande importância histórica da psicografia no Espiritismo francês, a quantidade de médiuns escritores de lastro é substancialmente menor. A literatura espírita francesa se circunscreve ao trabalho de pesquisadores e grupos de estudos sobre paranormalidade, não havendo tantos médiuns romancistas como no Brasil (Aubrée e Laplantine, 1990).

Para Stoll (2004), a obra de Chico Xavier constituiria exemplo marcante da forte vinculação entre as idéias espíritas e o Catolicismo presente na cultura popular²⁸, enquanto o trabalho realizado por médiuns como Waldo Vieira e Antonio Gasparetto seria representativo das propostas de sincretismo, respectivamente, com a Parapsicologia e com a visão de mundo *New Age*, aspectos que caracterizam muito do discurso espírita atual (Stoll, 2002). Lewgoy (2008) assinala ainda as distinções entre a obra de Chico e outro importante médium brasileiro dos últimos tempos, Divaldo Pereira Franco. Ao contrário de Chico, cujas obras inserir-se-iam num esforço de “abrasileiramento” do Espiritismo Francês, bastante influenciado pelo verde-amarelismo da década de 1930²⁹, o trabalho de Divaldo como palestrante e missionário espírita, amplamente reconhecido dentro e fora do país, expressaria uma vontade de expansão internacional do movimento, tal como desenvolvida recentemente pela FEB – Federação Espírita Brasileira. Se comparadas às de Chico, suas obras carregam um estilo mais psicologizante, recorrendo, por vezes, às idéias de autores da Psicologia e da Psiquiatria e “[...] aproximando-se discretamente de uma influência da Nova Era, por sua substituição de uma ênfase cristã dolorista, ainda presente em Chico, pela busca do *bem-estar*, da *auto-estima*, e da *felicidade* como valores emergentes no Espiritismo” (Lewgoy, 2008, p. 91).

Mesmo nos seus primórdios, na França, o Espiritismo gerou várias discussões em torno da sua definição como ciência, em vista da enorme controvérsia acerca da autenticidade paranormal das manifestações mediúnicas – cf. o próximo capítulo para uma revisão dos pensadores pioneiros no estudo científico da mediunidade. Kardec (1860/1999) chegou a sugerir certa distinção entre o que ele denominava de “ciência material”, voltada ao estudo da realidade tangível, e a “ciência espírita” dedicada à elucidação da vida no mundo espiritual. De acordo com suas palavras: “O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal” (Kardec, 1859/1992, p. 8). Mas embora Kardec houvesse definido

²⁸ Para Stoll (2004) a influência fundamental do Catolicismo na dimensão religiosa do Espiritismo brasileiro é, por vezes, olvidada. Segundo a autora, “no contexto das disputas e negociações com o catolicismo é que se forja a inserção do Espiritismo no campo religioso brasileiro, definindo-se a partir desta relação o seu *ethos* marcadamente católico, sinal diacrítico que define o seu perfil em oposição ao modelo ‘científico’ tido como ‘versão original’, vinda da França.” (p. 184). Os espíritas tendem a enxergar na aproximação com o Catolicismo um impedimento ao avanço de sua doutrina. Sobre esse aspecto, são notórias as obras de Pires (1980, 1988).

²⁹Cf., por exemplo, seu livro *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho* (Xavier, 2008).

a doutrina espírita como de natureza científica e filosófica, já em sua época as reuniões mediúnicas eram embaladas por preces religiosas cristãs e por um profundo sentimento de devoção religiosa, como ele mesmo recomendara que fossem de modo a precaverem-se da influência indesejada de espíritos ‘inferiores’ (Kardec, 1863/2000, 1890/1998). No final de o *Evangelho segundo o Espiritismo*, encontram-se vários exemplos de preces espíritas.

Lewgoy (2006) também nos lembra, em favor do caráter eminentemente religioso das práticas espíritas brasileiras, que:

O disciplinamento da prática mediúnica, por exemplo, é objeto de um saber prático sistematizado [...] No entanto, o centro espírita não é um laboratório parapsicológico e muito do que é usado como referência tem forte relação com a autoridade religiosa das obras de autores e médiuns consagrados, como o espírito André Luiz.

Lewgoy (2008, p. 87) defende também, ainda no que tange às importantes relações sincréticas do Espiritismo com o Catolicismo, que “a valorização da caridade, o atendimento assistencialista aos pobres, a ênfase numa ‘religiosidade interior’ acima de ‘rituais vazios’ e a implantação de alguns cultos familiares”, como a comum prática espírita do evangelho no lar, teriam aparentemente derivado de possíveis trocas sincréticas com uma igreja católica fortemente romanizada no século XIX, muito embora alguns desses valores – como o apelo à caridade – já estivessem presentes na proposta original de Kardec. “O espiritismo consagrou-se naquele momento como uma doutrina da caridade e da assistência aos pobres (tradicional bandeira católica), sobretudo através da prescrição mediúnica de receitas homeopáticas a uma população praticamente destituída de assistência médica” (Lewgoy, 2008, p. 87).

Afora a recorrente preocupação posterior do Espiritismo brasileiro em fomentar uma religiosidade sensível às necessidades das populações carentes, deve-se recordar que sua instalação no Brasil, ainda durante a vigência do Império, ocorreu proximamente à de tantos outros modismos importados da Europa, particularmente da França, tida pelas elites brasileiras da época como uma nação hegemônica e de referência ao pensamento de intelectuais brasileiros, sobretudo abolicionistas e republicanos (Aubrée e Laplantine, 1990). Nesse sentido, Hess (1991, p. 34) considera que, de um ponto de vista sociológico, a unificação entre ciência e religião, particularmente no Espiritismo brasileiro, teria atuado como tentativa de integração da razão e do sentimento, dos valores morais e religiosos com o pensamento científico, expressão de...

...divisões ideológicas que correspondem à divisão social entre os espíritas evangélicos e os intelectuais, e entre o misticismo das massas e as elites intelectuais. [...] [O Espiritismo brasileiro busca assim] uma mediação entre o pensamento da elite, representado aqui pela ciência e pela cabeça, e o pensamento popular, representado aqui pela religião e pelo coração [grifo nosso].

Idéia semelhante foi proposta pelo psicólogo Mackenzie (1987) acerca do movimento espiritualista norte-americano, que assim como o Romantismo e a chamada Pesquisa Psíquica, teria emergido, na opinião do autor, a partir do senso de alienação da experiência e do sentimento humano frente a uma cosmovisão eminentemente cientificista. Todos esses três movimentos teriam igualmente contrariado a excessiva objetividade e neutralidade experimentais, em favor de uma subjetividade e espiritualidade revigoradas, primogênitos de um protesto que se instalara e se ampliara no seio da própria sociedade ocidental, em oposição a alguns de seus principais valores racionalistas.

2.2 A trajetória inicial do Espiritismo no Brasil

Mas o sincretismo esposado pela doutrina espírita entre ciência e religião, encontrou no Brasil outras funções sociais não menos significativas. Na verdade, como apontam autores tais como Giumbelli (1997; 2003) e Hess (1991), a apropriação de conceitos científicos foi fundamental para os espíritas no período que vai do final do século XIX ao início do século XX, quando as práticas mediúnicas em geral – incluindo aquelas de matriz africana, disseminadas por grupos mediúnicos afro-brasileiros – sofreram marcadas retaliações por parte das autoridades médicas e governamentais. Ao escorar-se no “aspecto científico” da doutrina, os espíritas pretendiam assim legitimar suas práticas perante o Estado e a sociedade mais ampla. Dessa tentativa participaram diversos intelectuais espíritas, incluindo Adolfo Bezerra de Menezes (1831-1900) médico e político da época, uma das mais importantes figuras do Espiritismo no Brasil (Acquarone, 1999).

Nesse período, o termo Espiritismo não era utilizado apenas como referência ao grupo dos seguidores da doutrina ‘codificada’ por Allan Kardec – apesar dos recorrentes protestos desses últimos frente à ambiguidade e imprecisão com que o termo era constantemente empregado. A palavra Espiritismo foi, durante muito tempo, usada de forma genérica, para expressar “qualquer idéia ou prática que recorra à noção de ‘espíritos’ e da sua intervenção no mundo cotidiano” (Giumbelli, 1997, p. 32), não se estabelecendo, portanto, uma diferenciação precisa quanto ao modo particular com que os espíritas abordam a relação entre os mundos material e espiritual. Tal distinção, contudo, pouco importava para os médicos psiquiatras da época, cuja maioria fortemente insurgiu contra as práticas mediúnicas, fossem elas espíritas, umbandistas ou de candomblé –

principalmente as de cunho terapêutico, como os “passes magnéticos”, as “sessões de desobsessão” e outras não tão comuns hoje, qual o “receituário mediúnico”, a “doação de remédios homeopáticos” etc. – e cujas investidas contrárias ao Espiritismo acabaram resultando em inquéritos policiais e processos criminais, até chegar à dura repressão legal da doutrina e de práticas semelhantes – ligadas ao que se convencionou chamar de “curandeirismo”³⁰ (Puttini, 2008) – com a decretação, em 1890, do primeiro código penal republicano, em que o Espiritismo foi incluído entre os crimes contra a saúde pública. Mais tarde, durante o governo de Getúlio Vargas, vários centros espíritas serão fechados. A classe médica teve um importante papel nesse processo, na medida em que tomava o Espiritismo por objeto de estudo...

...seja para deslegitimá-lo como forma de “charlatanismo” ou “curandeirismo”, seja para analisá-lo enquanto conjunto de doutrinas e práticas com certas implicações para seus adeptos e para o conjunto da sociedade. [...] especialmente no período entre 1890 e 1940, o espiritismo torna-se alvo de preocupação para muitos médicos, que a partir de várias instituições e utilizando-se de vários meios vão formular teorias e acusações para explicá-lo e deslegitimá-lo. Neste período – e mesmo um pouco antes e um pouco depois dele – os argumentos médicos poderão ser encontrados em teses das faculdades de medicina, em debates nas suas entidades profissionais, em laudos médico-legais, em denúncias de funcionários sanitários; assumirão às vezes a forma de “campanhas contra o espiritismo” e serão constantemente encaminhados a autoridades policiais e governamentais; criarão polêmicas com aqueles que assumem sua identidade de espíritas, entre os quais se incluem muitos médicos; finalmente, serão defendidos, reapropriados e reinterpretados por criminalistas, advogados, juízes, jornalistas, padres e pastores interessados pela mesma questão. (Giumbelli, 1997, p. 33 e 34)

Almeida (2007, p. 3) acredita que esse processo se deu, em grande parte, em função de uma disputa estratégica de poder entre diferentes formas de conhecimento – especialmente entre o conhecimento psiquiátrico e o Espiritismo –, visando à garantia de um espaço cultural, científico e institucional dentro da sociedade brasileira. Nas palavras da autora:

Estes dois atores sociais estavam ligados às classes urbanas intelectualizadas e defendiam diferentes visões e abordagens terapêuticas relacionadas à questão da mente e da loucura. Ambos disputavam um mesmo espaço no campo científico, cultural, social e institucional, buscando a afirmação da própria legitimidade. Este conflito se manifestou através de constantes embates entre psiquiatras e espíritas.

Pode-se dizer desse modo, que a história do Espiritismo no Brasil, mais especificamente em seus primórdios, foi predominantemente marcada pela hostilidade às crenças e experiências mediúnicas, fato este que, em si mesmo, não constituiu novidade, visto ter correspondido à reprodução e subsequente vulgarização de visões emergentes da psiquiatria européia e norte-americana daquele período, baseadas nos ideais positivistas, que se opunham frontalmente a

³⁰ A prática do curandeirismo causou uma enorme polêmica nesse período e em décadas posteriores, em decorrência das supostas cirurgias realizadas mediunicamente, algumas delas sem anestesia ou outros procedimentos médicos convencionais, por médiuns como José Pedro de Freitas, o famoso Arigó (Hess, 1991).

qualquer visão de mundo religiosa ou metafísica³¹ (Moreira-Almeida, Almeida e Lotufo Neto, 2005). Se houve uma contribuição ‘original’ dos críticos brasileiros do Espiritismo, essa parece ter sido a de levar ao extremo a associação entre experiências mediúnicas e processos psicopatológicos tantas vezes sugerida por autores como Pierre Janet (1859-1947) e outros grandes da psiquiatria no final do século XIX – cf. o próximo capítulo para mais detalhes. Mas os médicos brasileiros tampouco chegaram a admitir a natureza religiosa da doutrina. A concepção do Espiritismo como religião, atualmente proliferada nos círculos acadêmicos, representou considerável avanço do ponto de vista social, uma enorme conquista diante da condição prévia de forte marginalização pela qual o movimento espírita passara. Em outras palavras, foi quando se descobriu no Espiritismo, em suas práticas e sua visão de mundo, um objeto de estudo social – e não exclusivamente médico ou psicopatológico – que se pôde reconhecer na doutrina uma classe de fenômenos a ser compreendida e aceita, e não meramente combatida. Segundo Giumbelli (1997, p. 34 e 35):

Hoje parece evidente [nos meios acadêmicos] que se deva considerar o espiritismo uma "religião" como qualquer outra. Há algum tempo, contudo, ele foi diagnosticado como uma doença e perseguido como um crime; e, antes mesmo disso, negado por ser uma heresia. Mas é importante deixar claro que não se trata de um trajeto evolutivo, nem no sentido mais banal de algo necessário e teleológico, nem no sentido da depuração progressiva em um certo conjunto de fenômenos de todos os obstáculos epistemológicos que impediam uma apreciação mais adequada ou condizente com sua natureza. Trata-se, ao contrário, de mostrar como categorias distintas produziram realidades específicas, e que na utilização de tais categorias são igualmente definidas a natureza dos fundamentos legítimos de um discurso e os sujeitos competentes de sua enunciação. Assim, para que o "espiritismo" pudesse ser qualificado como uma religião, foi necessário que suas práticas e suas doutrinas tivessem se tornado equivalentes – vale dizer, designadas por um mesmo conceito – a de outras religiões e também que os cientistas sociais fossem reconhecidos como os intelectuais mais capacitados para a sua observação.

Esse reconhecimento da mediunidade como fenômeno cultural e psicossocial foi em grande parte possível devido ao trabalho pioneiro de antropólogos e sociólogos, tais com Herskovits (1967) e Bastide (1960/1989), cujas análises enfatizaram o caráter grupal e institucional das práticas de transe – em oposição à sua mera desconsideração como ‘desviantes’ – e sua importância como potencial recurso compensatório frente a experiências de desigualdade sócio-econômica e racial.

A resolução do conflito entre Espiritismo e Psiquiatria só se deu, enfim, com o alcance de uma maior inserção e legitimação social desses dois grupos, em seus respectivos campos

³¹ Muitos dos valores positivistas, como progresso, ordem e racionalidade, não poderiam ser diretamente empregados contra o Espiritismo, já que a influência desses ideais sobre a doutrina foi grande e é facilmente percebida nas obras de Allan Kardec. Como assinalaram Moreira-Almeida, Almeida e Lotufo Neto (2005) os intelectuais brasileiros criticavam o Espiritismo de forma genérica, mas denotavam pouco conhecimento específico de sua filosofia doutrinária. A esse respeito, Lewgoy (2008, p. 85-85) também nos lembra que: “Como se depreende do Livro dos Espíritos, muito da sua figura tem a ver com a austeridade burguesa da época; e seu ideal de ciência experimental, aplicado à religião, é profundamente marcado pelo positivismo”.

epistemológicos: o primeiro, dentro do campo religioso; o segundo, no meio médico-acadêmico. Não obstante, tal processo de reconhecimento da doutrina espírita não se deu repentinamente nem foi resultado de uma evolução necessária no mundo das idéias, como lembra Giumbelli. A campanha médica contra as manifestações espíritas teve seu desenvolvimento demarcado por três períodos distintos, fortemente condicionados pelo seu contexto sócio-cultural.

a) *A mediunidade como charlatanismo*

Nas últimas décadas do século XIX, ocasião em que a classe médica dirige seus esforços rumo a um projeto de medicalização da sociedade, as manifestações mediúnicas serão abordadas, sobretudo, do ponto de vista médico e legal, como práticas de charlatanismo. Nessa época, os médicos começaram a participar cada vez mais ativamente das várias questões sociais, tornando-se “um misto de cientistas sociais, planejadores urbanos e analistas de instituições” (Giumbelli, 1997, p. 36). Eles passaram a representar assim muito mais que profissionais de saúde; eram vistos, na verdade, como intelectuais prontos a opinar sobre os mais variados assuntos. Infiltravam-se, desse modo, nas questões de ordem política e cultural. Apoiados no aparelho estatal, os médicos tinham como seu principal inimigo o charlatão, isto é, todo aquele que exercesse ilegalmente e de forma lucrativa a prática da medicina. Dentre os charlatães, foram logo encaixados os médiuns, os curandeiros e todos os demais indivíduos que alegavam conduzir práticas curativas, não sancionadas pela medicina. A prática mediúnica passa a ser vista então como algo próximo da criminalidade. Questões religiosas se misturam ao debate, e muitos médicos católicos definem o Espiritismo como contrário à “boa religião”. A oposição que marca este período é entre a medicina e sua ampla função social, e o saber não totalmente institucionalizado das práticas mediúnicas.

b) *A mediunidade como psicopatologia*

Nas primeiras décadas do século XX, o Espiritismo será abordado do ponto de vista fisiológico e patológico, tornando-se mais claramente objeto de estudo da psicologia e da psiquiatria. Estas duas disciplinas não se achavam ainda totalmente separadas, mas a tendência, nesse período, foi justamente a de um delineamento progressivo de suas distinções, corroborada com a criação de diversos laboratórios de psicologia dentro das próprias instituições psiquiátricas, particularmente nas instituições asilares e em seus correlatos (Antunes, 2003). Foi também nessa época que o movimento higienista ganhou força, reafirmando a função social da medicina salientada anteriormente. A noção de “higiene mental” ampliava o poder de ação da medicina para além da prática institucional do médico, num processo que visava não só a melhoria da saúde física, mas a concepção da saúde como interligada às questões sociais e baseada em propostas coletivas.

Todavia, como destacam os historiadores, tais propostas estavam muitas vezes calcadas em valores racistas e de cunho eugenista. Segundo Antunes (2003, p. 23):

O pensamento psiquiátrico brasileiro da época tinha como principal característica o ecletismo, que conjugava o alienismo clássico, especialmente de Pinel e Tuke, com o organicismo, em particular numa de suas vertentes, a teoria da degenerescência, fortemente calcada na concepção da determinação hereditária da loucura. A teoria da degenerescência propunha ações que extrapolavam os muros asilares, propondo a higienização e disciplinarização da sociedade. Considerava ainda a existência de uma hierarquia racial, estando no ápice a raça ariana e na base a raça negra; muitos teóricos acreditavam ser os negros mais propensos à degeneração por sua inferioridade biológica. No Brasil, essas duas correntes juntavam-se numa só experiência, em que a exclusão do “louco” deveria ser compartilhada com a prevenção “social” da loucura

É nesse contexto que se observará uma tendência à ‘psicopatologização’ da mediunidade. Ao invés de charlatão, o médium é visto agora como indivíduo facilmente sugestionável, como ‘histérico’. As teses e livros de intelectuais brasileiros como Francisco Franco da Rocha (1864-1933) e Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906), reduziam a mediunidade à condição de ‘práticas de natureza primitiva’. Para Puttini (2008), Rodrigues teria sido o representante mais eminente do pensamento médico a defender o estado de transe como moléstia mental. Do lugar ativo de charlatão, o médium passa a ocupar o posto passivo de doente. Contudo, nem todos os psiquiatras da época reconheciam na mediunidade um fenômeno patológico – como Francisco Fajardo (1864-1906), que inclusive julgava as sessões mediúnicas capazes de movimentar forças psíquicas dotadas de propriedades terapêuticas. Mas ainda assim, no discurso desses médicos, a mediunidade permanecerá rebaixada ao prisma das manifestações fisiológicas e psicológicas ‘perigosas’, quando nas mãos de aproveitadores e charlatães. Por ser sugestionável, o médium está fadado a ser enganado, a servir de objeto da criminalidade. O Espiritismo se torna, assim, uma ameaça social, e a essa concepção somam-se visões racistas e biologizantes como as do já citado Nina Rodrigues, frente aos adeptos dos candomblés baianos, em que a “predisposição” à histeria e à “loucura espírita” seria maior nos negros, raciocínio marcado por uma arbitrária identificação entre mestiçagem, culto religioso e barbárie. Tais concepções, tidas como científicas, vieram a ser igualmente abraçadas por juristas e políticos da época. Como afirma Giumbelli (1997, p. 42 e 43):

Características biológicas e padrões de comportamento e de moralidade apareceriam, com isso, cada vez mais associados em torno de condutas socialmente consideradas desviantes. [...] [Volta-se] a atenção sobre as desigualdades humanas e a produção de uma “ciência da diferença” dedicada a relacionar necessária e permanentemente o social ao biológico, com a ajuda de postulados biodeterministas e evolucionistas. [grifo nosso].

c) *A mediunidade como loucura e crime*

Nas décadas seguintes, o posicionamento das autoridades médicas e policiais atingirá um patamar verdadeiramente radical. Nenhuma mudança significativa, em termos das concepções empregadas anteriormente, será observada, senão o próprio recrudescimento de tais concepções. A mediunidade receberá desta vez uma definição dupla: será ao mesmo tempo crime e loucura.

Os ‘diagnósticos’ utilizados só fazem piorar: “espíritopatia”, “mediunopathia”, “mediunomania”, “débeis psíquicos”, termos os quais, antes de constituírem entidades nosológicas específicas, representavam uma série de manifestações espíritas consideradas, do ponto de vista médico, como alucinatórias, delirantes etc. (Almeida, 2007; Moreira-Almeida, Almeida e Lotufo Neto, 2005). Se antes a mediunidade era simplesmente a expressão de “predisposições psíquicas” à histeria e outras doenças mentais, as quais assumiam um colorido espírita quando interpretadas segundo o contexto de ocorrência religioso, agora ela também é vista como um possível “fator desencadeador” da doença mental. Mas a esse quadro, somam-se também novos elementos. A perspectiva médica, defendida por psiquiatras com Leonídio Ribeiro (1893-1976) e Murilo de Campos, estende-se para os outros componentes do centro espírita, abarcando os demais participantes da sessão: os visitantes, a assistência espiritual e o(a) dirigente do centro. Ambos concorrem para a susceptibilidade do médium, em meio à música, às exortações verbais etc. Os participantes da sessão, por sua vez, são definidos segundo critérios estigmatizantes: “pessoas analfabetas”, “ignorantes”, de “inteligência rebaixada”, que se deixariam levar facilmente pelas suas crenças. É nesse quadro múltiplo, envolto por estereótipos e reducionismos discrepantes, que o Espiritismo se viu conformatado pela medicina da época e sua ampla força social e legal, à condição duplamente alienante de loucura e criminalidade:

Percebemos que, nas soluções propostas para reduzir os perigos do "espiritismo", articulavam-se, nos argumentos médicos, discursos distintos. [...] O "médium" personificava o estágio final de uma doença que em sua evolução comprometia a capacidade crítica e as forças volitivas do indivíduo, estando a inteligibilidade de seus atos sujeita a regras que só a Psiquiatria poderia desvendar. O diretor do "centro" personificava o explorador, um "magnetizador de sonâmbulas" que, por astúcia ou por ignorância, transgredia leis e, por isso, merecia os rigores do Código Penal. Aos indivíduos da assistência, prisioneiros de sua ignorância e incultura, nada mais indicado do que o esclarecimento e o encaminhamento para a verdadeira e eficaz medicina. Desse modo, ao estar associado ao mesmo tempo a um "fator de alienação mental" e a uma "indústria organizada para explorar a credulidade pública", o "espiritismo" podia ser enquadrado ora como doença, ora como crime. (Giumbelli, 1997, p. 49 e 50)

Nos anos que se seguiram – e mais especificamente a partir dos anos 30 – vários espíritas reunirão esforços para defender a doutrina e rebater as críticas médicas. Como forma de proteger-se da intervenção das autoridades, o Espiritismo passa a realçar ainda mais a distinção

existente entre as práticas kardecistas e as demais religiões mediúnicas. Começa a surgir, gradativamente, a noção de “baixo espiritismo”, ancorada numa perspectiva moralizadora das práticas de mediunidade, dentro da qual as sessões de macumba, o candomblé e diversas outras expressões religiosas de matriz africana foram enquadradas como “inferiores” ou mesmo formas “falsas” de Espiritismo, concepções reforçadas não apenas por jornalistas e magistrados, mas igualmente pelo movimento espírita kardecista, cada vez mais disposto a se separar das práticas populares de expressão da mediunidade, na tentativa de demonstrar sua vinculação com um pensamento científico (Giumbelli, 2003). As práticas de cura espírita foram perdendo assim, pouco a pouco, o caráter popular que o curandeirismo, os receituários mediúnicos e as cirurgias pouco convencionais de Arigó e outros lhe conferiam. Vários médicos espíritas, muitos deles representantes da AMESP – Associação Médico Espírita de São Paulo – passaram a buscar uma possibilidade de unificação da ciência e da espiritualidade, reunindo interesses diversos, como as pesquisas parapsicológicas e práticas ligadas à medicina alternativa possivelmente consistentes com os postulados espíritas. Segundo Hess (1991), os intelectuais do Espiritismo pretendiam atingir, dessa maneira, um espaço para a sua doutrina nas discussões científicas, ao mesmo tempo em que visavam propor alternativas às práticas mediúnicas mais populares, resolvendo com isso uma antiga pendenga histórica. Por meio de grupos de estudo, cursos de extensão sobre espiritualidade e ciência e outras propostas similares, as Associações Médicas Espíritas continuam estrategicamente buscando uma inserção no meio acadêmico, apontando para uma “[...] renovação da vontade de institucionalização da medicina espírita [...] agora encarada como uma especialidade dentro da Medicina, situada no campo das medicinas alternativas” (Lewgoy, 2006, p. 164).

Hoje, o movimento espírita se fortaleceu institucionalmente e os conflitos iniciais arrefeceram. Há inclusive um interesse crescente, embora diminuto ainda, no diálogo com a Umbanda, visível em obras espíritas que abordam democraticamente, e segundo a mesma tendência sincrética anteriormente mencionada, tais formas de manifestação mediúnica (Pinheiro, 2004; 2006). A popularidade da doutrina também aumentou muito. As pesquisas de opinião pública revelam que muitos católicos, bem como outros religiosos, dizem acreditar na reencarnação e na vida após a morte tanto quanto os espíritas. É o chamado fenômeno de ‘dupla pertença’ em que alguém se declara integrante de uma determinada religião, mas é passível de adotar crenças advindas de outros contextos religiosos, mais ou menos contraditórias com a fé que diz abraçar. Os livros espíritas tornaram-se um verdadeiro fenômeno editorial, e são lidos por pessoas de todas as crenças, “o que indica que a difusão dos preceitos doutrinários espíritas extrapola de longe suas

fronteiras institucionais” (Stoll, 2004, p. 182). O Espiritismo brasileiro teria se transformado assim de uma minoria perseguida em alternativa religiosa nacionalmente aceita e difundida, além de internacionalmente hegemônica, servindo de modelo para outras nações latino-americanas, ou mesmo para o movimento espírita francês (Lewgoy, 2008).

Os dados referenciados parecem demonstrar o quanto a situação de marginalidade sofrida inicialmente pelos espíritas diminuiu. Sua doutrina já não se mostra susceptível hoje a provocar uma resistência social de tão grandes proporções quanto a que foi vítima no passado. Mas o nosso estudo com os médiuns mostrou-nos que vários dos aspectos formadores da trajetória inicial do Espiritismo no Brasil ainda se encontram vivos e influentes no imaginário dessas pessoas e na construção de sua identidade psicossocial, como outros autores semelhantemente apontaram (Lewgoy, 2004; Stoll, 2004). Apesar de já não se mostrarem tão evidentes, tal qual no início do século XX, tais incidentes parecem ter perdurado e se mantido enquanto determinantes históricos da forma como os médiuns enxergam a si próprios, bem como da sua relação frente a ideologias distintas da cosmovisão espírita.

2.3 A mediunidade segundo o Espiritismo

A doutrina espírita é, sem dúvida, demasiadamente ampla para ser abordada em poucas linhas. Contudo, em face dos objetivos mais restritos deste trabalho, de cunho psicossocial, damos, por este momento, livres da obrigação de considerar o Espiritismo em seus pormenores. O texto a seguir possui tão somente o caráter de uma introdução breve ao assunto. Tomaremos como base as obras *O livro dos espíritos* e *O livro dos médiuns* de Kardec (1860/1999, 1861/2001), tendo em vista que, para os espíritas em geral, as obras kardequianas representariam fonte última de autoridade em discussões doutrinárias (Cavalcanti, 1983). Alguns dos pontos levantados neste tópico também serão retomados e expandidos quando da análise das entrevistas, ao longo da parte três desta dissertação. Nossa intenção agora é a de explicitar alguns dos conceitos espíritas básicos que aparecerão vez ou outra ao leitor no decorrer dos capítulos subsequentes, bem como no próprio relato dos participantes entrevistados.

Para o espiritismo, a mediunidade representa uma faculdade humana e, portanto, estaria presente em qualquer pessoa. Tal faculdade não constitui, na visão da doutrina, um dom específico

de certos indivíduos, mas poderia apresentar-se em alguns de forma mais *ostensiva* – frequentemente, desde tenra idade – sendo então a esses que os espíritas normalmente designam como médiuns.

Toda pessoa que sente a influência dos espíritos, em qualquer grau de intensidade, é médium. Essa faculdade é inerente ao homem. Por isso mesmo não constitui privilégio e são raras as pessoas que não a possuem pelo menos em estado rudimentar. Usualmente, porém, essa qualificação se aplica somente aos que possuem uma faculdade mediúnica bem caracterizada, que se traduz por efeitos patentes de certa intensidade, o que depende de uma organização mais ou menos sensitiva. Deve-se notar ainda que essa faculdade não se revela em todos da mesma maneira. Os médiuns têm, geralmente, aptidão especial para esta ou aquela ordem de fenômenos, o que os divide em tantas variedades quantas são as espécies de manifestações. (Kardec, 1861/2001, p. 139).

Tanto no espiritismo quanto em outros contextos religiosos em que a crença na mediunidade está presente – na Umbanda, por exemplo – a concepção que se tem a respeito do médium é sempre a de alguém capaz de mediar o intercâmbio com forças ou seres imperceptíveis, pertencentes a um mundo que é comumente invisível para as pessoas em geral. No caso do Espiritismo, tal comunicação é vista como possível graças à ação de seres espirituais – que seriam, segundo a doutrina, os próprios seres humanos desencarnados, isto é, despojados de seu corpo físico – e que habitariam uma dimensão subjacente à realidade física, após a dissolução do corpo. Embora não se considere tais seres como dotados de um corpo físico, entende-se que os espíritos preservam, durante a vida espiritual, aquilo que a doutrina espírita chama de *Perispírito* – assim chamado por analogia com o perisperma das sementes – noção semelhante, embora não necessariamente idêntica ao conceito de *corpo astral* em certas tradições esotéricas (Bendit & Bendit, 1977). O perispírito é definido como um corpo fluídico ou envoltório ‘semi-material’, imperceptível aos sentidos humanos, o qual, durante a encarnação do espírito na Terra, serviria de intermediário entre ele e o corpo físico, e em torno deste último criaria uma atmosfera invisível, mais ou menos ampliável pela força da vontade e do pensamento. De acordo com a doutrina, por ser o perispírito de uma natureza bastante maleável, o mesmo poderia revestir-se da forma que fosse desejada. Por outro lado, a sua natureza mais etérea ou mais ‘grosseira’, ‘pesada’, dependeria sempre da evolução moral e intelectual alcançada. Entende-se que quanto mais evoluído for o espírito, mais o seu perispírito lhe será moldável e manipulável (Kardec, 1860/1999). Conceitos como o de perispírito parecem reforçar o fato de que nenhuma faceta do Espiritismo está plenamente livre de uma perspectiva moralizadora. Toda a visão de mundo espírita, embora ancorada em certas noções metafísicas, procura sempre retirar delas suas premissas de ordem moral, como já havia observado Cavalcanti (1983, 2006) e como os próprios espíritas reconhecem (Kardec, 1860/1999; Pires, 1988).

Para o Espiritismo, existiriam muitas maneiras diferentes de se comunicar com o mundo espiritual, sendo possível resumi-las em duas categorias básicas de manifestações mediúnicas: as de natureza *física* e as de natureza *sensitiva ou impressionável*. As primeiras, como no caso das irmãs Fox, caracterizar-se-iam por sons e batidas inexplicáveis, movimentação paranormal de objetos e também pelos chamados fenômenos de *materialização*³². Os médiuns de efeitos físicos podem ser divididos em dois tipos: os médiuns *facultativos* – aqueles que têm consciência de seu poder e produzem os fenômenos pela ação da vontade -- e os médiuns *involuntários*, que os realizariam sem disso ter conhecimento. Já as formas de mediunidade sensitiva englobam:

a) a *psicografia*, própria dos médiuns escreventes. É das formas de mediunidade sensitiva a que mais se popularizou no Brasil, por meio dos romances mediúnicos. É considerada também por Kardec (1861/2001, p. 154): “[...] a mais simples, a mais cômoda e, sobretudo, a mais completa” forma de comunicação mediúnica. A psicografia possuiria várias vertentes:

- a dos *médiuns mecânicos*, que não possuem consciência alguma do que estão escrevendo durante o estado de transe;

- a dos *médiuns intuitivos* – que receberiam a comunicação dos espíritos por meio do pensamento e, em seguida, transmitiriam-na por meio da escrita;

- a dos *médiuns semi-mecânicos*, que têm consciência do fenômeno, mas não o controlam;

- a dos *médiuns inspirados*, os quais, seja num estado de êxtase ou em seu estado normal, escrevem comunicações que lhes teriam sido inspiradas pelos espíritos. Pode ser descrita como uma variação da mediunidade intuitiva, mas é bem menos intensa que a primeira, sendo também mais espontânea;

- e a dos *médiuns de pressentimentos*, forma ainda mais vaga de intuição, geralmente associada à percepção, no presente, de possíveis acontecimentos futuros.

b) as *visões e audições* dos chamados médiuns videntes e audientes. Consiste, segundo os espíritas, respectivamente, nas capacidades de ver e ouvir os espíritos, tal como se apresentam aos médiuns;

c) a *psicofonia*, própria dos médiuns falantes. Esse tipo de mediunidade é muitas vezes considerado sinônimo de ‘incorporação’. Para os espíritas, tratar-se-ia, no entanto, da comunicação dos espíritos por meio das cordas vocais do médium, e não da posse temporária, por parte de um

³² Os fenômenos de materialização se definem pela suposta aparição física e momentânea de espíritos “desencarnados”, condição em que seria possível não só ver como tocar tais aparições. A literatura espírita está repleta de alegações desse cunho e Kardec (1861/2001) oferece alguns exemplos e explicações a respeito.

espírito, do corpo de uma pessoa encarnada, fato este considerado improvável para o Espiritismo. Contudo, além das cordas vocais, o espírito poderia manipular outras partes do corpo do médium, dando então o sentido de uma ‘incorporação’ ou *passividade*, como alguns médiuns descrevem;

d) o *sonambulismo*, admitido pela doutrina espírita como uma forma de mediunidade, pela possibilidade de se receber comunicações mediúnicas durante o estado sonambúlico;

e) as *curas espirituais*, próprias dos médiuns curadores. Não se trata aqui das práticas de curandeirismo de médiuns como Arigó, citadas antes, mas da suposta influência ‘magnética’ – no sentido do ‘magnetismo animal’ de Mesmer – por parte do médium em relação à pessoa que busca ser curada. A base de tais curas estaria no mecanismo dos passes e da fluidoterapia, tão comuns nos centros espíritas, e a respeito dos quais se acredita que alguns indivíduos seriam mais bem dotados do que outros. O passe espírita diferiria do magnetismo terapêutico, tal como praticado por Mesmer, no fato de resultar muito mais de uma fé dirigida à cura e à caridade, do que da correta aplicação de uma técnica particular. Por sua vez, na mediunidade de cura, “[...] o operador recebe o auxílio do magnetismo espiritual, emanado dos espíritos moralmente elevados” (Figueiredo, 2007, p. 106).

Esses são os tipos de mediunidade referenciados por Kardec (1860/2001). Para o Espiritismo, há também outras formas de expressão, como a chamada *psicopictografia*, ou pintura mediúnica. O movimento espírita tende ainda a nomear muitas outras situações cotidianas ou excepcionais como sendo manifestações mediúnicas. Nesse sentido, cabe aqui uma distinção importante entre *animismo* e *mediunidade*. Esta última só estaria presente nos casos em que se considera a intervenção efetiva dos espíritos. Porém, haveria circunstâncias, segundo os espíritas, em que as comunicações são influenciadas por aspectos da própria personalidade ou inconsciente do médium. Tais casos, o Espiritismo define como manifestações anímicas, isto é, provenientes da *alma* do médium (Bozzano, 1938/1982). Fenômenos paranormais como telepatia, dupla vista (premonição), experiências fora-do-corpo (desbodramento), psicometria (segurar um objeto pertencente a alguém e descrever aquela pessoa etc.) seriam também provocados pelo espírito do médium – o qual operaria, nesses casos, numa condição de maior desprendimento ou emancipação frente às limitações do corpo físico – malgrado sua ocorrência seja por vezes complementada pela intervenção ou auxílio dos espíritos. O mesmo se poderia dizer de contatos com os espíritos durante sonhos – frequentemente relatados pelos médiuns desta pesquisa. A doutrina divide assim aqueles eventos paranormais que proviriam do médium (ou de seu próprio espírito) e aqueles supostamente originados de uma influência direta do mundo espiritual, conquanto as duas categorias se apresentem, por vezes, mescladas.

Os espíritas advogam certa distinção entre *mediunismo* e mediunidade. O mediunismo refere-se a manifestações mediúnicas que se dão em outros contextos religiosos e que por isso não seguem os mesmos valores espíritas e cristãos. A prática mediúnica, na concepção do Espiritismo, deve ter por base uma proposta evangelizadora. Os espíritas não reservam a ocorrência de fenômenos mediúnicos apenas para si, mas acreditam que o Espiritismo, ao descortinar as leis do mundo espiritual e fornecer os métodos de averiguação das comunicações, propiciaria os recursos necessários e adequados para se proceder com segurança no exercício da mediunidade (Peralva, 1992). A distinção entre mediunismo e mediunidade é praticamente a mesma estipulada por Kardec (1861/2001) entre o *mediunato*, ou a missão providencial dos médiuns, e a *mediunidade* enquanto uma capacidade humana irrestrita de comunicação com o mundo espiritual. Embora o Espiritismo não defenda explicitamente a idéia de um “dom” mediúnico, a mediunidade ostensiva é vista como uma tarefa para a qual determinadas pessoas estariam ‘predestinadas’, no sentido de cumprir alguma ‘missão’ na Terra ou resolver ‘débitos’ oriundos de vidas passadas, de acordo com a chamada lei de ação e reação.³³ Acredita-se que alguém poderia escolher, dessa forma, reencarnar neste mundo com vistas a cumprir uma tarefa mediúnica específica, ou ter desenvolvido tal aptidão em existências anteriores (Xavier e Vieira, 2004).

A doutrina espírita entende que a ação dos espíritos sobre o mundo material é constante. Na verdade, os espíritas não acreditam numa nítida separação entre a realidade material e a espiritual. As duas se encontrariam firmemente jungidas, ainda que a profunda interconexão entre ambas se mostre imperceptível frente à invisibilidade da última – denominada algumas vezes de “mundo normal primitivo”. Os espíritos seriam capazes de intervir nos diversos eventos da vida, inspirando-nos pensamentos e sentimentos benéficos ou malfazejos, atuando em grandes atividades coletivas e movimentos sociais, ou até mesmo contribuindo na ocorrência de determinados eventos naturais, como furacões, chuvas intensas etc. Acredita-se que os espíritos estariam por trás ainda de diversas manifestações patológicas, como episódios de convulsão, crise epiléptica, surtos psicóticos, e outras ocorrências semelhantes. O Espiritismo também destaca a presença dos chamados ‘anjos de guarda’ ou espíritos protetores (mentores), que acompanhariam e auxiliariam a outros espíritos durante uma determinada encarnação.

³³ A lei de ação e reação explica que, para cada ação executada, existe uma reação proporcional. Do ponto de vista da moral espírita, diz-se que uma boa ação tende a gerar bons frutos, enquanto as más ações gerariam, a longo prazo, resultados negativos, que poderiam desvantajosamente estender-se para futuras reencarnações (Xavier e Vieira, 2004). Trata-se de um conceito semelhante à noção oriental de *Karma* (Hess, 1991).

Nas páginas de *O livro dos espíritos*, os seguidores da doutrina acreditam encontrar um autêntico diálogo de Kardec (1860/1999, p. 180 e 181) com os ‘espíritos superiores’, por meio de variados médiuns psicógrafos. Em um desses trechos, a intervenção das entidades espirituais no mundo corporal é esclarecida nos seguintes termos:

457. Os espíritos podem conhecer nossos mais secretos pensamentos?
– Frequentemente conhecem o que gostaríeis de esconder de vós mesmos. Nem atos nem pensamentos lhes podem ser ocultados.
[...]
459. Os espíritos influem sobre nossos pensamentos e ações?
– A esse respeito, sua influência é maior do que podeis imaginar. Muitas vezes são eles que vos dirigem.
460. Temos pensamentos próprios e outros que são sugeridos?
– Vossa alma é um espírito que pensa; não ignorais que muitos pensamentos vos ocorrem às vezes ao mesmo tempo sobre um mesmo assunto e frequentemente bastante contrários uns aos outros; pois bem, nesses pensamentos há sempre os vossos e os nossos. Isso vos coloca na incerteza, porque, então, tendes duas idéias que se combatem.
461. Como distinguir os pensamentos próprios daqueles que são sugeridos?
– Quando um pensamento é sugerido, é como uma voz falando. Os pensamentos próprios são em geral os do primeiro momento. Além de tudo, não há para vós um grande interesse nessa distinção e muitas vezes é útil não sabê-lo: o homem age mais livremente. Se decidir pelo bem, o faz voluntariamente; se tomar o seu caminho, há nisso apenas maior responsabilidade.

Sendo os espíritos, de acordo com essa filosofia, as almas desencarnadas dos próprios homens e mulheres que habitaram a Terra, eles não seriam necessariamente mais evoluídos do que a média dos encarnados. Alguns podem ser bastante evoluídos do ponto de vista intelectual e não o serem no aspecto moral ou vice-versa. Os espíritos guardariam consigo também muitos dos gostos, hábitos e trejeitos que adquiriram em suas diversas reencarnações – como o fumo, a jogatina, a drogadição, tendências humorísticas, depressivas etc. – e, dessa maneira, são tão variados os seus tipos quanto o são os tipos de pessoas encarnadas. Depreende-se disso que o seu conhecimento sobre as coisas da vida é, muitas vezes, tão deficitário quanto o nosso, e ser-lhes-iam ainda muitos os mistérios intransponíveis (Kardec, 1860/1999).

Para o Espiritismo, as dimensões do céu e do inferno não existem objetivamente – o mundo espiritual envolveria e interpenetraria o espaço cósmico como um todo – e os espíritos são encarados numa perspectiva evolucionista, segundo a qual progrediriam moral e intelectualmente – esta seria sua meta essencial (evolução) e é nisto que consistiria a pluralidade das existências: na busca por aperfeiçoamento espiritual mediante o acúmulo de experiências reencarnatórias – passando gradativamente de um planeta para outro, de um orbe menos evoluído para outro mais evoluído espiritualmente (Kardec, 1860/1999). Assim, em concordância com a pluralidade das existências ou reencarnações defendida pelo Espiritismo, fala-se também na pluralidade e evolução dos mundos: os espíritas acreditam na existência de vida em outros planetas, embora nem sempre

perceptível aos sentidos humanos ou aos instrumentos tecnológicos disponíveis, face à natureza mais ou menos ‘etérea’ da existência corporal em outros orbes³⁴. O céu e o inferno católicos são substituídos, dessa forma, por uma multiplicidade de dimensões espirituais e interplanetárias³⁵.

Como vimos, a mediunidade é enxergada pelos espíritas como um fenômeno inerente a qualquer pessoa, e nesse sentido, não há nenhuma condição específica para o exercício da mediunidade, desde que o indivíduo se dedique ao seu aperfeiçoamento ou apresente desde cedo uma maior predisposição para as manifestações ostensivas. Uma demonstração disso é encontrada nos cursos de educação mediúnica conduzidos em diversos centros espíritas, dos quais se pode participar livremente, desde que se tenha alcançado um nível de conhecimento básico a respeito da doutrina. Contudo, é dada ênfase considerável à postura moral do médium. Um exemplo dessa assertiva é o fato de que, no Espiritismo, a mediunidade deve ser praticada sem visar fins lucrativos, pois isso garantiria a idoneidade do médium, seu devotamento às causas doutrinárias e a qualidade das comunicações mediúnicas recebidas:

Como tudo pode servir de exploração, nada de estranho que se quisessem também explorar os espíritos. [...] O desinteresse, pelo contrário, é a melhor resposta que podemos dar aos que só vêem nos fatos o produto de habilidades, porque não há charlatanismo desinteressado (Kardec, 1861/2001, p. 295).

A conduta do médium, mais que a de qualquer outro espírita, deve ser rigorosamente pautada nos valores cristãos, já que o médium atrairia para si aqueles espíritos que mais lhe correspondem os pensamentos e tendências. “Mediunidade é sintonia e filtragem. Cada espírito vive entre as forças com as quais combina, transmitindo-as segundo as concepções que lhe caracterizam o modo de ser.” (Gregório, 2007). “A eficácia da terapia espírita depende da inteireza moral do médium que lhe serve de instrumento. Esse é um problema de relações humanas no plano das sintonias espirituais³⁶” (Pires, 1988, p. 43). Acredita-se que quanto mais elevado moralmente for o médium, mais evoluídos serão os espíritos que se manifestarão por seu intermédio.

³⁴ Talvez uma exceção à impossibilidade de acesso tecnológico ao mundo espiritual seja a crença e a prática da *transcomunicação instrumental*, preconizada por alguns espíritas como recurso para a suposta obtenção de mensagens de espíritos mediante a manipulação de aparelhos eletrônicos, como gravadores, computadores, etc. (Braga, 2006; Nunes, 1998; Rinaldi, 2000).

³⁵ Determinados temas desenvolvidos posteriormente na obra de Chico Xavier parecem aludir, entretanto, a uma revisitação de idéias católicas, como a noção de “Umbral” – semelhante, embora não necessariamente idêntica à de inferno – e as chamadas “colônias espirituais”, em que os espíritos permaneceriam realizando diversas atividades após a morte e se preparando para futuras reencarnações, num estado intermediário entre esta vida e a outra – também parecida com a noção de purgatório (Cavalcanti, 2006). Em sua obra *O céu e o inferno*, Kardec menciona a própria Terra como sendo uma espécie de purgatório. Para uma interpretação sociológica do mundo espiritual na obra de Chico Xavier, cf. Hess (1991).

³⁶ O termo “sintonia espiritual” expressa uma tendência comum nas metáforas espíritas, em comparar eventos físicos – como a comunicação via rádio – a eventos de natureza espiritual – a comunicação mediúnica. No discurso dos médiuns deste estudo, também foi possível perceber essa tendência, como, por exemplo, no conceito de ‘energia’. Dois autores

E aqui chegamos ao problema da obsessão, ameaça constante ao exercício correto da mediunidade. Segundo Kardec (1861/2001, p. 216), o fenômeno da obsessão consistiria no...

[...] domínio que alguns Espíritos podem adquirir sobre certas pessoas. São sempre os Espíritos inferiores que procuram dominar, pois os bons não exercem nenhum constrangimento. Os bons aconselham, combatem a influência dos maus, e se não os escutam preferem retirar-se. Os maus, pelo contrário, agarram-se aos que conseguem prender. Se chegam a dominar alguém, identificam-se com o Espírito da vítima e a conduzem como se faz com uma criança.

A obsessão pode apresentar-se sob três graus distintos: *a obsessão simples, a fascinação e a subjugação*. Na *obsessão simples*, o médium possuiria consciência de estar sendo obsedado, o que se dá pelo intrometimento do espírito malfazejo nas comunicações recebidas, prejudicando a pureza e veracidade destas, bem como pela tenacidade do ‘obsessor’ em lhe prejudicar a tarefa mediúnica. Esse tipo de obsessão pode ocorrer mesmo com os melhores médiuns, e pode ser facilmente eliminada, pois “é apenas desagradável e só tem o inconveniente de dificultar as comunicações com os espíritos sérios ou com os de nossa afeição” (Kardec, 1861/2001, p. 216). Na *fascinação*, as conseqüências são de ordem mais grave, já que o Espírito malfazejo consegue agora iludir o médium, tornando-o incapaz de julgar criticamente as comunicações recebidas. Para alcançar a confiança do médium, o espírito inferior se utilizaria de diversas artimanhas, como o uso de belas palavras, linguagem empolada e comunicações de aparente elevação espiritual. A influência do obsessor pode “[...] levá-lo a aceitar as doutrinas mais absurdas e as teorias mais falsas, como sendo as únicas expressões da verdade” (Kardec, 1861/2001, p. 217). Nesse estágio, o médium também poderia ser conduzido a “[...] ações ridículas, comprometedoras e até mesmo bastante perigosas.” (Kardec, 1861/2001, p. 217).

Por fim, na *subjugação*, a influência do obsessor espiritual é levada ao extremo, condição em que o médium teria sua vontade paralisada, ao mesmo tempo em que se vê constrangido a agir de maneiras absurdas, nos momentos mais inoportunos, diante do controle exercido pelos espíritos sobre seu corpo. Nesse estado doloroso, o médium pode executar movimentos involuntários que lhe são desagradáveis, fazer coisas que não faria em seu estado normal, como numa espécie de possessão³⁷ (Kardec, 1861/2001). Para os espíritas, certas manias,

de livros esotéricos chegaram a reconhecer certa vez que “[...] é duvidoso que o mundo-de-depois seja tão igual ao mundo físico tal como essas descrições sugerem” (Bendit e Bendit, 1977, p. 66). Os espíritas se defendem, dizendo que o mundo espiritual é que teria servido de modelo para o nosso, e não o contrário (Xavier e Vieira, 2004).

³⁷ Os antropólogos, em geral, referem-se aos termos ‘transe de possessão’ ou ‘possessão por espíritos’ para designar qualquer forma de manifestação mediúnica, seja qual for o seu caráter (Bourguignon, 2004; Hess, 1990, dentre outros). Nesse caso, a possessão é entendida simplesmente como a crença no ato por meio do qual um espírito possuiria o corpo de uma pessoa viva. No meio religioso espírita, em contrapartida, o termo possessão designa tão somente os casos mais graves de subjugação, constituindo, portanto, a obsessão no seu estágio mais avançado (Kardec, 1890/1998).

tiques nervosos, estados permanentes de irritação e até manifestações convulsivas, podem ser explicadas pela ação perniciosa de espíritos obsessores (Pires, 1988). Entende-se que as razões desses espíritos atacarem os médiuns variam, envolvendo desde a vingança frente a questões mal resolvidas provenientes de outras reencarnações, a uma ‘abertura’ propiciada pelos próprios médiuns a partir dos sentimentos que cultivariam em si de egoísmo, ódio, ambição, aversão a certas pessoas, apego às coisas materiais etc.

Na concepção do Espiritismo, a obsessão surgiria, portanto, de um desvio da mediunidade, de uma perturbação ocorrida na função mediúnica, ou em outras palavras, de uma comunicação conturbada entre os mundos material e espiritual. É como se a perturbação da mediunidade turvasse os sentidos e dificultasse a diferenciação entre os dois mundos, obstruindo a comunicação, deixando o indivíduo perturbado e confuso em relação ao que sente e à sua capacidade de diferenciar parcialmente o que é proveniente do Eu e o que é proveniente dos espíritos. Tal forma de comunicação obstruída só se torna possível, de acordo com a doutrina, quando se deixa de orar e vigiar, ou de seguir o evangelho. É preciso que o médium se dedique com afinco ao exercício daquilo que os espíritas chamam de *reforma íntima*, e que consiste na busca por uma elevação moral cada vez maior, a partir do cultivo de sentimentos e pensamentos elevados – de humildade, caridade, simplicidade, devoção à tarefa mediúnica, disciplina etc. – e da procura por melhora frente aos seus hábitos e comportamentos prejudiciais, facilitadores da obsessão – fumo, bebidas, jogatina, sexualidade desenfreada etc. (Peres, 2001). A prevenção da obsessão também se faz pelo cuidado do médium com a sua saúde física, pois é importante que ele tenha uma alimentação saudável, um organismo equilibrado etc. (Peres, 2001). Parte desse equilíbrio é conquistada, segundo os espíritas, pela medicina ‘terrena’, e a outra parte mediante a intervenção dos passes espíritas, um trabalho que visa o reequilíbrio ‘energético’³⁸ do médium (Armond, 2004).

Acredita-se também que os espíritos obsessores podem ter suas ações controladas por meio de trabalhos de *desobsessão* (Miranda, 2008; Xavier e Vieira, 1975). Nessas reuniões, os

³⁸ O conceito de “energia” não é parte da codificação kardecista, mas resulta de uma extensão da doutrina espírita; suas origens remetem às categorias esotéricas, dentre elas a noção de *chacras*, que passou a ser representada pelos chamados “Centros de força ou Rodas [...] acumuladores e distribuidores de força espiritual, situados no corpo etéreo” (Armond, 2004, p. 46). Muito da teorização em torno dos passes espíritas foi sistematizada em termos práticos pelo coronel Edgar Armond, ex-presidente da Federação Espírita do Estado de São Paulo. As técnicas de passe detalhadas por Armond em seu livro *Passes e radiações* (2004) tornaram-se célebres em diversos centros espíritas paulistanos, tendo sido incorporadas a várias atividades mediúnicas, mesmo diante das críticas de membros do movimento. Por outro lado, a inclusão do conceito de energia parece relacionar-se também às alterações no campo da Física, as quais o Espiritismo acompanhou, porém, dando-lhes uma conotação claramente espiritual. As obras de André Luiz psicografadas por Chico Xavier são notórias nesse sentido. Ver, por exemplo, o livro *Mecanismos da Mediunidade* (Xavier e Vieira, 1997) em colaboração com Waldo Vieira. Cabe ressaltar aqui a semelhança estabelecida pelos antropólogos entre os conceitos de energia e fluido vital no Espiritismo e a noção de *Mana* em diversas civilizações pré-industriais (Bozzano, 1926/1997).

espíritas se utilizam de recursos variados, como a *doutrinação* dos espíritos inferiores – baseada em diversas técnicas conversacionais de persuasão e convencimento – e o envio de passes magnéticos para as entidades ‘enfermas’ – já que a obsessão é vista como uma espécie de doença, não só em relação à vítima, mas ao próprio obsessor. Em tais encontros, os médiuns ‘recebem’ ou dão ‘passividade’ a duas principais categorias de espíritos: 1) aqueles necessitados de ajuda e esclarecimento, desorientados quanto à sua situação no mundo espiritual – geralmente designados como ‘sofredores’; e 2) aqueles (obsessores) que estariam tentando prejudicar frequentadores do centro que vão até lá em busca de auxílio para os seus problemas pessoais, familiares ou profissionais. Ao invés de serem exorcizadas, as entidades obsessoras receberiam ensinamentos dos *doutrinadores* – membros espíritas responsáveis por instruir e aconselhar os espíritos manifestantes – e ‘emanações positivas’ dos auxiliares e *passistas* – nome que se dá aos médiuns que praticam o passe. Muitas outras personificações de entidades ‘desencarnadas’ emergem nessas sessões; uma classificação mais minuciosa pode ser encontrada em Miranda (2008). No seu decorrer das desobsessões, são relatadas inúmeras experiências alegadamente paranormais pelos participantes, e é nelas que a mediunidade espírita parece adquirir sua faceta mais marcante – cf. capítulo seis da dissertação para uma descrição fenomenológica geral dessas experiências.

Para o Espiritismo, os espíritos obsessores não são propriamente demônios, como no Catolicismo, mas seres humanos desencarnados, ainda envoltos em ignorância, e necessitando, por isso, de ajuda espiritual. Na concepção espírita, os obsessores agiriam de maneira a prejudicar o próximo, atingindo com isso, no entanto, a si próprios, ao criarem obstáculos ao seu desenvolvimento espiritual. O trabalho de doutrinação visaria fornecer as condições para que esses espíritos se conscientizassem e se libertassem de suas mazelas e de seu estado de estagnação, e seguissem, a partir daí, a sua natural evolução moral e intelectual. Como bem notara o médico espírita Bezerra de Menezes (1886/1994) a diferença em relação ao Catolicismo está em que, no Espiritismo, o diabo assume tão somente a forma de uma alegoria sendo, na verdade, a representação simbólica do mal. Por sua vez, ao contrário dos demônios, os espíritos obsessores não teriam sido condicionados eternamente ao estágio em que se encontram, já que são sempre passíveis de regeneração, considerando-se o uso de seu livre-arbítrio em prol de uma reabilitação efetiva (Kardec, 1860/1999). A esse respeito, é digna de nota também a obra *O Céu e o Inferno* de Kardec (1865/1995) onde compara diversos preceitos da doutrina espírita com os da teologia católico-apostólica, demarcando suas similaridades e divergências.

A conturbada relação entre Espiritismo e Catolicismo – oriunda da França de Kardec – e os conflitos que marcaram a trajetória dessas denominações religiosas, têm sido objeto de estudo de diversos antropólogos e sociólogos. Um exemplo bastante elucidativo do antigo confronto entre Espiritismo e Catolicismo pode ser encontrado na histórica queima de livros espíritas, em praça pública, realizada em Barcelona, a mando de autoridades eclesiásticas, evento que ficou conhecido como o ‘auto-da-fé de Barcelona’ (Kardec, 1890/1998). A apropriação do discurso psiquiátrico contra o Espiritismo por padres católicos no início do século XX (Giumbelli, 1997, 2003), bem como os posteriores confrontos entre parapsicólogos espíritas e católicos (Machado, 2007; Lewgoy, 2006), são alguns dos exemplos da perpetuação dessa rivalidade até décadas recentes no Brasil.

Na parte três da dissertação, veremos como essas questões ainda estão presentes no imaginário dos médiuns entrevistados, nas relações que entretêm com os membros de outras filiações religiosas, e nos usos e sentidos que fazem de suas crenças e práticas espíritas.

3 Mediunidade e Psicologia

O inconsciente é, desde as mais antigas concepções, a terra do sonho e também a terra dos mortos e dos antepassados.

- Carl Jung (1948/2000)

O que sou? Tem sido afirmado que sou muitas pessoas – todas suspeitas! Tem sido declarado que os meus dons mediúnicos poderão transformar-se em insanidade, se eu já não estivesse insana. Por felicidade, se isso aconteceu comigo ignorei alegremente o fato. Sou, deveras, uma pessoa ou muitas e o que acontecerá, depois que eu partir, com as personalidades controladoras que acabaram ficando tão entrelaçadas comigo? Elas alegam ser “individualizadas” e o mesmo alego eu; todavia, não sinto que isso seja verdade. [...] A despeito da minha contínua procura pelo significado do eu, o fato é que uma grande parte ainda é estranha para mim. A cada dia alguma nova faceta minha é revelada. Nessas ocasiões sei que não me conheço. Sou uma massa de motivações que não são independentes e que não são separadas e nem distintas. Sinto uma certa tristeza por não ter chegado a nenhuma resposta que lançaria luz sobre a sobrevivência, para outros; mas, desde que o conhecimento que tenho a respeito de mim mesma é menor do que aquele que a maioria tem, nem mesmo sei o que poderia sobreviver.

- Eileen Garrett (1968, p. 180-181), médium irlandesa.

No presente capítulo, abordaremos algumas das principais pesquisas científicas que buscaram compreender a mediunidade de um ponto de vista psicológico, partindo dos pioneiros aos estudos mais recentes sobre as dimensões psicossociais das crenças e experiências mediúnicas.

No capítulo anterior, vimos um pouco de como o Espiritismo concebe a mediunidade. A perspectiva espírita, embora sustentada em certas premissas filosóficas e religiosas inaceitáveis para muitos cientistas e acadêmicos, teve, não obstante, a sua contribuição no desenvolvimento das concepções científicas e psicológicas acerca das chamadas manifestações mediúnicas. Como afirma Shamdasani (1994, xiv):

*A teoria de Kardec sobre a mediunidade facilitou sua subsequente interpretação psicológica. Para Kardec, a mediunidade foi um meio exemplar de se compreender a condição humana; sendo assim, o estudo de um médium plenamente desenvolvido poderia fornecer o melhor *insight* a esse respeito. [...] No estudo psicológico dos médiuns, o status exemplar conferido a eles permaneceu, apesar de que agora os seus fenômenos não eram mais reveladores, em primeiro lugar, da ação de espíritos, mas da imaginação “subconsciente” ou “subliminar”. Ao tentar encontrar uma fonte intrapsíquica para as comunicações mediúnicas, esses investigadores [os da Psicologia] contribuíram decisivamente para a descoberta [científica] do inconsciente. [grifo nosso]*

Ao contrário do que se tende a conceber, o surgimento da Psicologia científica esteve fortemente ligado ao estudo de experiências alegadamente paranormais, sobretudo, experiências mediúnicas (Alvarado, Machado, Zingrone e Zangari, 2007; Ellemberger, 1970). Durante o final do século XIX, o médium desempenhará na Psicologia um papel semelhante àquele ocupado, recentemente, pela criança; em outras palavras, a mediunidade era um importante objeto de estudo

dos psicólogos (Shamdasani, 1994). Mas as relações entre os estudiosos da mediunidade e a comunidade mais ampla dos espiritualistas, nem sempre foi favorável. Parte dos pesquisadores da época mantinha, diante dos fenômenos mediúnicos, uma aproximação extremamente crítica, enquanto outros, de extrema aceitação; a maioria, porém, enxergava nas práticas espiritualistas apenas fraude – algo que, de fato, ocorria com certa frequência nas sessões mediúnicas de então – doença mental ou até mesmo uma perigosa ameaça à sociedade. Dentre esses autores, encontravam-se alguns dos grandes nomes da Psiquiatria, como Cesare Lombroso (1836-1910), que inicialmente disposto a atestar a verossimilhança entre as manifestações mediúnicas e histéricas como evidência de uma origem patológica da mediunidade, viria mais tarde aderir à causa espiritualista, em razão de uma suposta comunicação de sua mãe pela famosa médium Eusápia Palladino (Lombroso, 1909/1999). Outros exemplos de cientistas da época convertidos ao Espiritismo incluem o biólogo Alfred Russel Wallace, o físico William Crookes e o astrônomo Camille Flammarion, todos os quais abordaram temas espíritas e paranormais em algumas de suas obras (Crookes, 1874/1971; Flammarion, 1900/1980; Wallace, 1866/2003).

Uma perseguição semelhante àquela ocorrida no Brasil foi igualmente desfechada em países da Europa e nos Estados Unidos, onde a mediunidade foi por diversas vezes reduzida à linguagem psiquiátrica das definições psicopatológicas. A comunidade médica era composta, em geral, por pessoas que se diziam descrentes em relação às idéias espiritualistas e que freqüentemente diagnosticavam os(as) médiuns como doentes mentais. Esses pesquisadores enfatizavam lesões cerebrais ou outros distúrbios funcionais como as possíveis causas conjuntas da histeria, da mediunidade e das crenças espiritualistas. Com a transposição das idéias de Charles Darwin (1809-1882) para o campo social, a comunidade psiquiátrica veio a adicionar teorias de cunho evolucionista em suas especulações, passando a enxergar no Espiritualismo e nas manifestações mediúnicas a expressão de um atraso ou retrocesso na escala de desenvolvimento social e intelectual, constituindo, destarte, uma forma de regressão à infância, individual ou da humanidade – cf. a esse respeito o caso Hélène Smith, no tópico 3.4 deste capítulo ou mais detalhadamente em Maraldi (2010). Muitos chegaram a defender ainda que as crenças espiritualistas fossem consideradas uma das principais causas de insanidade na população (Shamdasani, 1994; Zingrone, 1994).

Zingrone (1994) demonstrou que, por trás das intrigas envolvendo médiuns e cientistas, havia também conflitos de raça, gênero e classe social, bem como interesses políticos e religiosos. Os fenômenos mediúnicos foram associados a grupos marginalizados dentro da sociedade, como as

mulheres, os negros e os pobres, reproduzindo e ampliando os preconceitos formulados em torno dessas pessoas. Algumas das críticas endereçadas aos espiritualistas continham um teor político-partidário evidente, fazendo alusão pejorativa às aproximações desses grupos com o movimento de sufrágio feminino e outras reivindicações sociais. Os críticos também se posicionavam contra crenças incompatíveis frente aos dogmas da igreja católica, – tida, à época, como modelo de instituição religiosa – e contra várias formas de terapia alternativa, não sancionadas pela medicina vigente. Tal qual no Brasil do início do século XX, as intervenções contrárias às crenças espiritualistas podiam chegar ao extremo das determinações judiciais, servindo para retirar dos médiuns seus direitos legais e privilégios sociais. Segundo Owen (1990) casos de “insanidade” contra médiuns foram litigados, em número similar, tanto na Inglaterra quanto nos Estados Unidos, e as acusações quase sempre repousavam no simples fato dessas pessoas praticarem a mediunidade. Em decorrência disso, muitas mulheres médiuns foram involuntariamente confinadas em asilos, sem chance de recorrer em liberdade, a não ser por meio do apoio legal e financeiro de espiritualistas socialmente poderosos. Muitas dessas mulheres também chegaram a perder o controle legal sobre seus fundos monetários, sob a justificativa de que seriam portadoras de um transtorno mental crônico e severo. Para Owen, o espiritualismo vitoriano teria sido um daqueles fatores históricos ocultos, freqüentemente negligenciados, mas não menos importantes no longo esforço das mulheres por autonomia e ascensão.

As questões de gênero e status exerceram um papel crucial nas experiências mediúnicas desse período. Para as pesquisadoras feministas, as sessões de mediunidade tinham a importante função cultural de transgressão dos papéis estereotipados de gênero e classe social; nelas, seria possível a uma mulher “receber” um espírito homem ou vice-versa, a um pobre “receber” um espírito rico e ilustre, a um negro “receber” um branco ou o contrário. A mediunidade possibilitava, desse modo, a expressão desimpedida de conflitos e anseios inconscientes, ao mesmo tempo individuais e coletivos, instaurando num plano metafísico, a unidade ausente no plano social (Shamdasani, 1994). Essa interpretação do transe mediúnico parece se ajustar bem à hipótese de Bourguignon (2004) de que as experiências de posse por espíritos constituiriam uma resposta psicodinâmica à ausência de poder das mulheres, ao providenciar-lhes um meio de gratificação de seus desejos, ordinariamente negados a elas. Em nada essa hipótese nos parece contrária às evidências disponíveis, considerando-se que, com efeito, grande parte das pessoas envolvidas com práticas mediúnicas, ao longo da história, é de mulheres (Bueno, 2009; Denis, 1911/2008, Gauld, 1982/1995), malgrado se deva dizer, não obstante, que o poder de generalização dessa hipótese é

limitado, pois também aos homens a mediunidade parece ter seu papel e importância, ao passo em que, para muitas mulheres, ela talvez sirva mais do que a uma única e exclusiva função psicossocial – cf. parte três da dissertação.

Mas apesar das perseguições a que foram submetidos os médiuns e espiritualistas durante o século XIX³⁹, havia uma parte da comunidade científica que olhava a mediunidade com outros olhos. Para esses pesquisadores, a mediunidade não era necessariamente patológica, e os fenômenos psicológicos que se davam entre os(as) médiuns, podiam muito bem ocorrer em pessoas tidas como ‘normais’. Em 1882, parte desses estudiosos veio a fundar em Londres, a chamada *Society for Psychical Research*, primeira instituição científica voltada ao estudo de alegações paranormais. Constituída inicialmente por um grupo de intelectuais formados pela Universidade de Cambridge, essa sociedade agregou posicionamentos e perspectivas diversas sobre a mediunidade, indo desde aqueles pensadores que efetivamente acreditavam numa vida após a morte, passando por aqueles que, cientes da complexidade que o tema envolvia, preferiam aguardar a emergência de um maior número de dados de modo a formular seu próprio julgamento, até aqueles que, por fim, permaneciam ceticamente refratários quanto à chamada “hipótese da sobrevivência” (Gauld, 1982/1995; Zangari e Maraldi, 2009). Pelos seus trabalhos, os pesquisadores da *Society* foram considerados pioneiros nos estudos sobre os fenômenos dissociativos e os estados alterados de consciência (Alvarado, 2002).

Ao contrário da comunidade científica mais ampla, esses estudiosos viam na mediunidade um fenômeno importante para a compreensão do funcionamento da psique e de suas funções latentes. Eles enfatizaram explicações sobre a oposição entre processos conscientes e inconscientes que antecederam e fundamentaram muitos dos desenvolvimentos posteriores da Psicanálise e da Psiquiatria dinâmica (Ellemberger, 1970) – embora alguns deles pudessem defender, em dados momentos, uma visão psicopatológica ou até espiritualista – e enxergavam na mente ‘subconsciente’, a origem de muitas das manifestações mediúnicas, a partir de suas funções de dissociação e ações automáticas, sua função criativa e sua função *mitopoética* – ou a capacidade da mente humana em fabricar espontaneamente romances míticos subliminares. Aqui se enquadrariam então todas as histórias de um ‘mundo espiritual’, de ‘uma vida após a morte’, ‘as personalidades secundárias ou espíritos’ etc. (Shamdasani, 1994). Dentre os pioneiros da *Society*, estavam alguns dos grandes nomes da Psicologia moderna, como William James e Carl Jung. Outros autores de relevância, embora não tão conhecidos, somavam-se a esse coro, como Frederic

³⁹ Num estudo de duas décadas atrás, conduzido por Richard e Adato (1980), médiuns norte-americanas ainda relatavam experiências de estigma social. Algo semelhante foi observado em alguns dos médiuns do nosso estudo.

Myers e Théodore Flournoy, os defensores da ‘psicologia subliminal’ (Flournoy, 1911/2007; Shamdasani, 1994; Myers, 1903/2001).

3.1 Os pioneiros da pesquisa sobre a mediunidade

As investigações da mediunidade entre o fim do século XIX e começo do século passado sofreram, evidentemente, uma forte influência do momento histórico e social em que foram conduzidas. Essa explicação inicial é importante para que possamos compreender melhor o porquê de algumas das idéias aventadas pelos pioneiros nessas pesquisas. Muitos desses cientistas, nascidos e criados em contextos religiosos, mantinham uma postura bastante favorável às explicações espíritas. Isso não foi diferente com relação a alguns dos estudiosos que a seguir revisaremos. Dentre os assuntos filosófico-religiosos que geralmente preocupavam a mente desses pioneiros, encontravam-se perguntas um tanto românticas – e possivelmente ingênuas ou despropositadas para alguns dos padrões culturais de hoje – como: “[...] poderia o amor sobreviver ao túmulo?” (Shamdasani, 1994, p. xv).

De qualquer modo, o que fundamentalmente nos interessa aqui são suas contribuições para a psicologia das crenças e experiências mediúnicas, e é nesse aspecto particular de suas especulações e hipóteses que procuraremos focar, doravante, nossa atenção. Os pioneiros da pesquisa sobre a mediunidade, abordados adiante, não foram os únicos a investigar esse tema no período supracitado, como demonstraram Alvarado, Machado, Zingrone e Zangari (2007), mas são certamente alguns dos mais importantes. Conquanto cada qual pensasse de maneiras diferentes sobre as crenças e experiências mediúnicas, compartilhavam, não obstante, algumas premissas:

- a) Todos eles acreditavam na importância do estudo psicológico da mediunidade para a compreensão da mente humana – sobretudo, do inconsciente;
- b) Todos eles entendiam que a mediunidade é um fenômeno complexo e que, embora fosse possível estipular hipóteses em torno dessas manifestações, estas últimas ainda não haviam sido suficientemente compreendidas;
- c) A maioria deles acreditava que a mediunidade podia, algumas vezes, estar associada a condições patológicas, mas isso não se aplicava a todos os casos, muito menos dava conta de explicar, enquanto uma hipótese isolada, todas as evidências disponíveis sobre essas experiências;

d) A maioria deles se mostrou indecisa quanto à natureza paranormal de algumas das evidências disponíveis sobre a experiência mediúnica, mas procurou-se, quase sempre, privilegiar uma postura científica e psicológica ao explicar tais eventos anômalos.

3.1.1 *Pierre Janet*

Começaremos nossa revisão dos pesquisadores pioneiros da mediunidade com o famoso discípulo de Jean Martin Charcot (1825-1893), Pierre Janet (1859-1947), mais conhecido pelas suas contribuições no campo da psicopatologia. Janet, ao contrário da maioria dos psiquiatras de sua época, recusava a idéia de que a histeria e outras neuroses constituíssem patologias de ordem física, passando a considerá-las distúrbios mentais. Para ele, eram os fenômenos psicológicos os fatores determinantes. Como se sabe, Janet ajudou a mudar as concepções da psiquiatria de sua época, não só no que se refere ao tratamento conferido aos doentes mentais, como também em relação à etiologia desses transtornos, complementando as visões somáticas e medicamentosas por uma perspectiva sustentada em técnicas estritamente psicoterapêuticas, ampliada mais tarde pela psicanálise. As investigações de Janet no campo da psicopatologia são consideradas por muitos como a primeira forma de abordagem científica rigorosa do inconsciente, tendo inclusive antecedido concepções elaboradas posteriormente por Freud (Shultz e Shultz, 1999).

Janet provinha de uma família de classe média parisiense, mas viveu em um ambiente bastante aristocrático e diplomático. Teve por formação inicial a Filosofia, e muitas de suas idéias filosóficas viriam a influenciar seu posterior sistema de psicologia. Em suas notas autobiográficas, explicou que seu interesse por questões psicológicas remontava a uma propensão sua para as ciências naturais aliada a fortes sentimentos religiosos na infância e na adolescência. Segundo Ellemberger (1970) ele teria sempre reprimido tendências místicas, e em seus vôos filosóficos, sonhava atingir uma perfeita reconciliação entre ciência e religião. No *background* de algumas de suas especulações filosóficas, persistia uma significativa influência da filosofia espiritualista defendida pelo seu tio Paul Janet.

Uma importante contribuição de Janet (1889/2003) à psicologia, bastante associada à mediunidade, era o seu conceito de *desagregação*. A desagregação consistia num fenômeno observado com frequência entre as histéricas, no qual era possível perceber uma disjunção entre os

vários sistemas de resposta conscientes. Frente a essa disjunção ou cisão da personalidade, os sistemas mentais de resposta ao ambiente passavam a atuar independentemente uns dos outros, de maneira fragmentária, ao invés de unirem-se num todo coeso, estruturado; a síntese mental dava lugar assim à desagregação. Esta resultaria, em última instância, de um enfraquecimento da consciência, um rebaixamento do nível mental, que incapacitaria o indivíduo de apreender e organizar sinteticamente os estímulos internos e externos. Nessas condições, verificava-se a segmentação de parte das experiências, vivências e atividades da consciência que, relegadas ao subconsciente, passavam a agir autonomamente, gerando assim as mais diversas manifestações motoras e sensoriais – os chamados *automatismos*.

Alguns exemplos de desagregação envolviam os casos de múltiplas personalidades – denominadas por Janet (1889/2003) de *existências psicológicas sucessivas* – a amnésia, o sonambulismo, a hipnose, as alucinações, a histeria e também a mediunidade – já que nela é igualmente possível verificar a separação e independência de certos estados mentais, um corriqueiro e outro no qual se acredita dar passagem aos espíritos. A escrita automática constitui um ótimo exemplo, visto que, nessas ocasiões, a mão passa a se mover sozinha, sem maior controle ou intervenção por parte da consciência, fazendo desde os mais horrendos garranchos, até páginas inteiras de redação. Como demonstrara Janet com seus estudos de caso, o conteúdo dessas produções automáticas tende a se originar de sugestões previamente interiorizadas, idéias fixas, e outros aspectos da vida mental subconsciente⁴⁰ de um indivíduo.

De particular interesse para a questão da mediunidade, é o exemplo que Janet (1889/2003, p. 69) nos fornece sobre como certas personalidades secundárias são facilmente construídas, no contexto da escrita automática, a partir de simples sugestões do experimentador. Em dada ocasião, ele aguardou até que uma de suas pacientes (Lucie) se distraísse durante uma conversa com outra pessoa, e sem que a mesma percebesse, sussurrou-lhe perguntas que ela então respondia automaticamente através da escrita:

“Você ouve o que eu digo? – (Ela responde por escrito) Não. – Mas para responder você deve ouvir. – Sim, com certeza. – Então, como você faz? – Eu não sei. – Haverá alguém me ouvindo? – Sim. – Quem? – Outra que não Lucie. – Ah! Outra pessoa. Deveríamos dar-lhe um nome? – Não. – Sim, será mais conveniente. – Bem, Adrienne. – Então Adrienne, consegue me ouvir? – Sim”.

O fornecimento de um nome parece ter sido fundamental, nesse caso, para conferir certa individualidade ao automatismo, ajudando-o a se desenvolver mais facilmente no sentido de uma

⁴⁰ Ellemberger (1970) acredita que o termo ‘subconsciente’ foi, muito provavelmente, criado por Janet, em vista de suas pesquisas históricas não terem revelado o seu uso anteriormente. Janet teria empregado essa palavra para distingui-la de conotações filosóficas que o termo ‘inconsciente’ adquirira à época. Shamdasani (1998), por outro lado, baseado em Mikkel Borch-Jacobsen, acredita ter sido Charcot o primeiro a introduzir o termo.

subseqüente personificação. Para Janet (1889/2003) o automatismo constituiria, inicialmente, uma consciência apenas rudimentar, capaz de evoluir, contudo, para personalidades mais complexas e conflitantes no interior do próprio indivíduo, desenvolvendo-se de modo subjacente à corrente habitual de pensamentos, e em sentido oposto ou complementar ao padrão usual de funcionamento da consciência. Algumas dessas personalidades permaneceriam inativas durante anos, podendo re-emergir, entretanto, no decorrer de estados sonambúlicos. Sua facilidade de desenvolvimento dependeria da maior ou menor predisposição individual para um enfraquecimento da consciência, responsável por fenômenos como a sugestionabilidade e a susceptibilidade hipnótica.

Há dois grupos principais de automatismo: o total e o parcial. No primeiro, toda a consciência é afetada – ver figura 1, abaixo. No segundo, partes específicas da personalidade se dissociam (*split off*) da consciência, tomando em seguida um desenvolvimento subconsciente. Exemplos de automatismo parcial incluem a catalepsia parcial – referente a estados de ausência e distrações –, escrita automática, sugestão pós-hipnótica, alucinações de todos os tipos, impulsos obsessivos, possessão e mediunidade. Janet incluía nessa relação diversos fenômenos neuróticos estudados diretamente por ele em seus próprios pacientes.

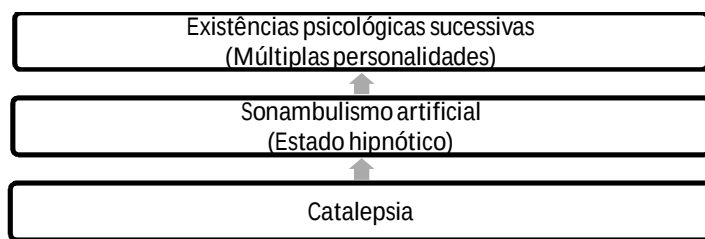


Figura 1. Formas de automatismo total, da mais rudimentar à mais complexa.

Na teoria de Janet (1889/2003) sobre os automatismos, a origem espiritual da mediunidade é desmistificada e substituída pela idéia de que o médium não está sendo possuído por um espírito, mas por uma parte dele mesmo, um fragmento desprendido de sua personalidade total, ao qual, entretanto, atribui-se o caráter de um espírito ou outro agente sobrenatural, hipótese reforçada pela relativa independência com que o automatismo age frente à consciência. Na sua perspectiva eminentemente psicopatológica, o(a) médium é clinicamente comparado(a) a um doente dos nervos, um(a) sonâmbulo(a) ou mesmo um(a) histérico(a). Mas a mediunidade, à semelhança dos sintomas neuróticos, não é considerada por Janet a causa de certas doenças mentais, e sim a expressão de um quadro mórbido. O processo de formação das *personalidades secundárias* na neurose teria sua origem, possivelmente, em situações traumáticas ocorridas na infância. Estas

últimas reforçariam a cisão da consciência, impedindo que o ‘eu’ normal do indivíduo mantivesse contato direto com as experiências, sentimentos e pensamentos traumáticos.

Janet (1889/2003) conferia grande importância aos efeitos daquilo que chamava de *idéias fixas* subconscientes. Essas idéias, insufladas no indivíduo durante eventos traumáticos menores, poderiam também se manifestar indiretamente na consciência sob a forma de variados automatismos motores e sensoriais indesejados. Para investigar esses processos, Janet acreditava que se deveria partir da ‘análise’ para a ‘síntese’ teórica. Iniciava-se com a descrição dos processos e funções mentais básicos, para chegar depois à integração dos vários elementos previamente esmiuçados, numa reconstrução ou síntese do desenvolvimento da doença. Para tratar de seus pacientes, Janet empregava as mais diversas técnicas, algumas delas bem singulares. No diagnóstico, conduzia uma aprofundada entrevista sobre aspectos da história de vida, bem como fazia uso de recursos tais como a escrita automática, a hipnose e, em alguns casos, a ‘bola de cristal’, enquanto estímulo ambíguo para a projeção de conteúdos alucinatórios subconscientes. Com essas técnicas, acessava idéias fixas e estimulava regressões de memória, visando explorar conteúdos inacessíveis à consciência, como antigos traumas e lembranças esquecidas. No tratamento, 1) trabalhava com sugestões hipnóticas, visando reconstituir e transformar positivamente os eventos traumáticos causadores da sintomatologia neurótica; 2) recomendava exercícios escolares para fortalecer a atenção e a concentração e inibir o aparecimento de idéias fixas, bem como fortalecer o paciente da fácil susceptibilidade a sugestões externas infundadas; e 3) também estimulava o funcionamento da memória, esforçando-se para que os pacientes se recordassem voluntariamente do trauma e o mantivessem constantemente acessível à consciência, de modo a libertarem-se das influências nocivas de sua rejeição ao subconsciente⁴¹. Janet também veio a estabelecer uma categorização dos sintomas neuróticos, de acordo com sua profundidade – figura abaixo.

NÍVEIS	TIPOS DE SINTOMA OU MANIFESTAÇÃO
Nível superficial	Sugestões e alucinações
Nível intermediário	Impulsos derivados de idéias fixas subconscientes e eventos traumáticos menores
Nível profundo	Hereditariedade, doenças físicas passadas, primeiros traumas

Quadro 2. Os tipos de sintomas psicológicos e seus níveis de profundidade

⁴¹ Preferimos nos utilizar aqui do termo ‘rejeição’ ao invés de ‘repressão’, este último mais próximo da psicanálise. Talvez o termo mais correto fosse dissociação; o conteúdo se dissocia da consciência. Segundo Ellemberger (1970), Janet considerava a psicanálise um sistema ‘metafísico’ e pouco científico, e dizia ter sido ele o primeiro a descobrir o método catártico. Nesse tocante, considerava que Freud lhe havia feito uma injustiça. Ainda assim, chegou a defendê-lo publicamente em circunstâncias posteriores, nas quais Freud veio a ser criticado por suas idéias.

Mesmo privilegiando uma perspectiva psicopatológica da mediunidade, Janet defendia que o Espiritismo tende a fornecer um material muito rico para análise, e considerava o movimento espírita, ao lado do magnetismo animal, como precursor da Psicologia experimental, tanto quanto a astrologia e a alquimia serviram de base para o desenvolvimento, mais tarde, da astronomia e da química. Pensava no Espiritismo, entretanto, como uma tentativa insatisfatória de substituir a religiosidade tradicional por uma espécie de metafísica popular, imbuída de certa curiosidade científica. Via nos fenômenos das mesas girantes e falantes, bem como na escrita automática, nada mais do que exemplificações dos processos de desagregação e automatismo por ele estudados (Janet, 1889/2003).

Janet (1886) chegou ainda a realizar estudos parapsicológicos, experimentando a possibilidade de telepatia e sugestão à distância, o que lhe rendeu certa atenção por parte especialmente de alguns dos membros da *Society for Psychical Research*. A despeito disso, permanecia avesso à existência desses fenômenos, e considerava como excessivamente raros os casos em que uma interpretação psicológica ou fisiológica não bastaria por si só. Janet acreditava que as alegações de fenômenos supranormais adentrariam um dia o campo da Psicologia, tornando-se fenômenos normais e conhecidos (Janet, 1907). Num episódio de possessão por ele estudado, envolvendo alucinações místicas e sexuais, a família da paciente era espírita, e interpretava os fenômenos de *apport* que ocorriam na residência como sinais irrecusáveis de uma intervenção espiritual. Vários objetos estranhos apareciam estranhamente na casa, ou eram enigmaticamente transportados de um cômodo para outro, sem que aparentemente houvesse uma explicação plausível. Hipnotizada, a paciente revelou que os objetos teriam sido trazidos e transportados por ela mesma, à noite, durante ataques de sonambulismo (ElleMBERger, 1970).

Um de seus mais importantes estudos de caso de conversão religiosa foi o caso Madeleine, paciente que ele acompanhou por cerca de vinte e cinco anos. Madeleine deixara a família para viver uma vida de pobreza, anonimato e caridade. Tinha delírios místicos e se achava capaz de levitar. Apresentava também lesões de pele e estigmas físicos de evidente simbolismo religioso (Janet, 1926/2003). Num experimento de escrita automática com ela realizado, Janet (1889/2003) verificou que as personalidades manifestadas correspondiam às crenças religiosas da médium, e não a espíritos. A personalidade secundária apresentou-se, primeiro, como o demônio, disse ter a forma de uma serpente, e desejava atormentar Madeleine. Entretanto, ao sugerir outras personagens, Janet obteve as mesmas confirmações: a personalidade subconsciente, assim criada, ora se manifestava como o demônio, ora como Dom Quixote ou qualquer outra figura que se

atribuísse. Segundo o autor, a infinidade de configurações possíveis demonstrava assim a artificialidade dessas manifestações.

Janet (1926/2003) também prestou importantes contribuições à psicologia das crenças místicas e religiosas com seu estudo *Da angústia ao êxtase. Estudo sobre as crenças e os sentimentos. Um delírio religioso. A crença*. O autor refere-se às crenças religiosas como um tipo de *crença assertiva (asséritif)*, determinadas mais por sentimentos do que por atos. Tais crenças, em oposição às crenças científicas ou racionais, basear-se-iam numa memória incongruente, que ignora uma localização acurada no tempo e no espaço, conduzindo assim ao surgimento de lendas e mitos. É também no nível das crenças assertivas que emergem a susceptibilidade, a confabulação e a atuação de papéis.

Para Janet, a conduta moral-religiosa é originariamente uma função de controle econômico das forças mentais, a qual, no meio social, dá-se mediante um processo de imitação. Esse processo é inicialmente marcado pelos rituais e depois pelos mitos que os explicam. Os rituais estimulariam certas reservas de energia mental visando direcioná-las a uma potencialização que conduz, por fim, a experiências de êxtase. Essa concepção de uma energia própria aos processos psicológicos derivava de desenvolvimentos posteriores da teoria de Janet, que, em complementaridade às suas concepções iniciais sobre automatismos e processos subscientes, passaram a incluir um modelo dinâmico e energético da mente, de grande valor para a psicopatologia e para a ‘psicologia industrial’ da época (ElleMBERger, 1970).

Segundo Janet (1926/2003) o conceito de um duplo ou espírito, bem como outras crenças animistas e antropomórficas, formar-se-ia de uma internalização da linguagem, que leva o indivíduo, em seus pensamentos e conversações consigo mesmo, a postular um ‘outro’ que age por trás de suas ações visíveis. Similarmente, a relação do indivíduo com Deus seria a mesma do imitador frente ao líder, isto é, uma relação marcada pela necessidade de um direcionamento exterior para a energia mental, como no *rappor*t terapeuta-paciente. Com Deus, o indivíduo estabeleceria interações que reproduzem processos sociais humanos: conversação, clemência, exortação etc. Quando esse relacionamento se mostra, contudo, compulsivo e atemorizante, o indivíduo acredita estar em comunicação com o diabo ou outra figura maligna (possessão).

Destarte, em seus últimos trabalhos, Janet parece ter significativamente voltado seu olhar para uma visão psicossocial dos processos mentais, particularmente os de ordem religiosa. Van der Veer e Valsiner (1991) acreditam que Janet antecedeu muito das concepções atuais acerca da dissociação como um fenômeno construído socialmente. Segundo esses autores, ele teria sido um

dos primeiros a considerar que certos estados mentais privados possuem, na verdade, uma origem social, ao constatar no ser humano uma tendência quase imediata a preencher os eventos experimentados individualmente com categorias culturais pré-existentes, por meio das quais é possível transmitir aos outros, aquilo que se sente subjetivamente. Essa explicação também fundamentaria a hipótese de Janet de que os médiuns interpretam seus automatismos com base na cultura ou grupo em que estão inseridos. Da mesma maneira, Janet acreditava que o estudo do *rapport* terapeuta-paciente muito poderia iluminar uma compreensão das relações afetivas e de dependência entre as pessoas em geral, inclusive no campo religioso.

Janet tem sido considerado o fundador das modernas perspectivas sobre a dissociação, mas uma crítica recorrente tem sido a de que ele tendia a abordá-la como um fenômeno prioritariamente patológico, inferior ou degenerativo, e poucas vezes concebia ou aprofundava a possibilidade de que esses estados se manifestassem igualmente em circunstâncias saudáveis e criativas⁴² (Almeida e Lotufo Neto, 2004; Braude, 2009). Na literatura psicológica mais recente, vários estudos tem também apontado controvérsias no que tange à existência de memórias reprimidas e de sua possibilidade de recuperação por meio de técnicas hipnóticas e de sugestão (Facioli, 2006). Muitas das supostas recordações desses pacientes poderiam advir de fantasias e falsas memórias (Bonanno, 2006; Stein et al, 2010). Algumas pesquisas, no entanto, demonstram que, embora memórias reprimidas efetivamente existam, o acesso às mesmas é um tanto mais complexo de se demonstrar do que pareciam sugerir as investigações iniciais, havendo inclusive pessoas mais predispostas ao uso de mecanismos repressivos, bem como estilos diferentes de repressão e supressão de memória (Burns, 2000; Gassner, 2007; Geraerts e McNally, 2007; Kanaan, 2007; Karon e Widener, 2001; Talvitie e Ihanus, 2002). Não obstante, Janet realizou importantes descobertas no campo das relações entre mediunidade e dissociação; na parte três de nossa monografia, veremos que alguns de seus insights foram de substancial relevância para uma discussão das manifestações mediúnicas observadas nos contextos espíritos.

Seu trabalho expressa uma tendência comum das primeiras investigações sobre a mediunidade: a de que se tratava de estudos isolados, que não resultavam da contribuição mútua de diferentes pesquisadores, mas de alguns poucos interessados. Os estudiosos da *Society* desejavam mudar essa situação já há algum tempo, e graças a isso deram origem a uma sociedade especializada nessas pesquisas. Um de seus principais representantes – senão o maior – foi Frederic Myers.

⁴² Janet (1889/2003) reconheceu, no entanto, que uma delimitação última entre o “normal” e o patológico seria uma questão sem solução evidente, visto que, para ele, há toda sorte de gradações e correlações entre ambos os processos.

3.1.2 Frederic Myers

Embora provenientes dos mais variados campos do conhecimento, os pioneiros da *Society for Psychical Research* possuíam em comum o projeto de submeter à investigação algumas das crenças religiosas mais acalentadas desde aquele momento, como a vida após a morte (Rogo, 1986). Dentre esses intelectuais, estava Frederic Myers (1843-1901), poeta e professor de literatura clássica. Conquanto não possuísse formação alguma em Psicologia, Myers dedicou boa parte de seus estudos aos problemas concernentes à Psicologia e à Psiquiatria, e acabou sendo considerado o mais importante pesquisador da *Society* no fim do século XIX. Suas teorias vieram a influenciar as idéias de grandes psicólogos como Janet, Flournoy, James e Jung, discutidos ao longo deste capítulo (Crabtree, 2007). Mais do que nenhum outro, Myers contribuiu para o estabelecimento de uma conexão entre a Psicologia e a Pesquisa Psíquica, e ainda hoje seu trabalho é referenciado pelos pesquisadores da mediunidade e de outras experiências paranormais. Sua obra fundamental, *Human personality and its survival of bodily death* (1903), publicada dois anos após sua morte, e na qual ele pôde compilar os resultados de suas investigações e suas hipóteses acerca dos fenômenos mediúnicos, é considerada ainda hoje uma obra-prima. Pela sua imensa capacidade de síntese, Myers foi capaz de dar coesão e uma estrutura teórica convincente para a Pesquisa Psíquica, a qual serviu de base para diversas pesquisas posteriores (Alvarado, 2003).

Em sua obra monumental, Myers (1903/2001) aborda os mais variados tipos de experiências normais e patológicas, como o sono, a genialidade, as múltiplas personalidades, o hipnotismo, a mediunidade etc. Ao elencar tais eventos, Myers afirma buscar as demonstrações para algumas das crenças mais antigas da humanidade. Porém, ele se recusava a adotar como ponto de partida as perspectivas existentes em sua época. Acreditava fazer parte de um ramo do conhecimento ainda extremamente novo, uma “ciência nascente” (Myers, 1903/2001, p. 13), e nenhuma das concepções anteriores, fosse a agnóstica ou a religiosa tradicional, daria conta sozinha de abarcar os eventos citados. Myers considerava as provas metafísicas tradicionais fornecidas pelos religiosos como insuficientes, e acreditava que nenhum esforço sério havia sido feito até aquele momento, seja para refutá-las, seja para demonstrá-las. Colocava-se, desse modo, a favor de uma “investigação exata, imparcial e prudente” (Myers, 1903/2001, p. 20) baseada na experiência e na observação, em contraste tanto com a tradição e as especulações metafísicas como ao ceticismo dogmático diante desses fenômenos.

Foi Myers quem cunhou a palavra “supranormal”, por vezes usada ainda hoje para se referir a tais experiências. Para ele, esse termo se aplicaria “[...] aos fenômenos que se encontram além do que ordinariamente acontece, isto é, em virtude de leis psíquicas que eu suponho desconhecidas” (Myers, 1903/2001, p. 18). Para explicar os eventos supranormais, Myers desenvolveu uma teoria abrangente, fundada nos conceitos de ‘eu supraliminar’ – ou eu consciente – e ‘eu subliminar’ – ou eu inconsciente. Entretanto, como lembra Kelly (2007), esses conceitos são mais complexos do que a simples sugestão de uma linha divisória entre duas instâncias mentais. Myers preferia defini-los em analogia ao espectro eletromagnético. Nossa consciência ordinária ou desperta corresponderia apenas a uma pequena parcela do espectro que é visível ao olho humano. Na região ‘infravermelha’ do espectro, encontram-se processos mais antigos, automáticos, inconscientes e primariamente fisiológicos, onde a consciência gradativamente desaparece em meio às atividades orgânicas. O sono seria um bom exemplo. Em contrapartida, na região ‘ultravioleta’ do espectro, estariam todas aquelas capacidades mentais que permaneceram latentes por não terem emergido até o nível supraliminar, em decorrência de uma seleção natural, mas que nem por isso seriam necessariamente de ordem inferior aos processos supraliminares. O autor descreve suas idéias nos seguintes termos:

O *eu consciente* de cada um de nós ou, designando-o melhor, o *eu empírico* ou *supraliminar* não pode conhecer a totalidade de nossa consciência e de nossas faculdades. Existe uma consciência mais vasta, com faculdades mais profundas da qual a consciência e as faculdades desta vida se desenvolveram em consequência de uma seleção. [...] Trata-se de um conceito que foi até agora considerado como exclusivamente místico. [...] mas o valor desse conceito aparecerá aos olhos do leitor, se examinar a sucessão de diferentes provas expostas neste livro. (Myers, 1903/2001, p. 27)

Myers considerará então que toda a expressão de um eu é tão somente a manifestação de uma consciência fragmentária, incompleta, reflexo de um *Self* mais amplo. Ele irá sustentar essa hipótese na existência de sensações, emoções e pensamentos que, na maior parte do tempo, permaneceram submersos, sem obter acesso à corrente supraliminar ou consciente, mas que, não obstante, parecem revelar mais do que meros fenômenos transitórios, indicando, destarte, a presença de um eu mais vasto, subliminar, cujas manifestações “[...] implicam o mesmo gênero de revivescência individual e persistente de impressões antigas e de reações às impressões novas que caracteriza o que ordinariamente chamamos de *Eu*” (Myers, 1903/2001, p. 29). Um exemplo do que Myers afirma são os casos de personalidades múltiplas. Nessas ocorrências, o eu original com freqüência desconhece o que fazem os outros ‘eus’, tanto quanto esses podem alternadamente conhecer ou desconhecer uns aos outros – a chamada *co-consciência* – mas cada personalidade possui suas próprias lembranças e características independentes, como se vivessem em

compartimentos autônomos que as distinguem umas das outras. Embora freqüentemente permaneçam na periferia dos processos supraliminares, essas personalidades podem, não obstante, tornarem-se conscientes, revezando-se mutuamente; contudo, cada qual mantém sua unicidade e particularidade. Em casos mais extremos, as personalidades secundárias chegam a dominar a corrente supraliminar, colocando em segundo plano aquela que foi tida outrora como biograficamente dominante – cf. o caso Mary Reynolds, relatado por James (1890/1983). Para Myers (1903/2001, p. 63) o fenômeno das personalidades múltiplas mostra que “a personalidade humana constitui um complexo muito mais modificável do que se reconhece em geral”. Seria possível agrupar os elementos formadores da personalidade, segundo numerosas combinações, tanto por acidente – sonambulismo espontâneo, múltiplas personalidades, traumas etc. – quanto por *design* intencional – hipnose, sugestão, etc. Apesar disso, Myers se opunha a uma concepção exclusivamente fragmentária da mente, defendendo, por sua vez, uma unidade subjacente, visível em seu conceito de *Self* ou *I*, que se manteria intacto em relação às muitas variações de comportamento, pensamento e emoção observáveis na personalidade consciente. Para ele, não há sentido em se falar de um consciente ou inconsciente como divisórias psíquicas intercambiáveis; antes, Myers os conceberá como estados psíquicos fluidos, contínuos e interpenetráveis (Kelly, 2007).

Outro exemplo dos processos subliminares de Myers é o fenômeno da mediunidade. Após estudar longamente as chamadas psicografias, Myers chegará à conclusão de que muitas dessas ocorrências são devidas ao eu subliminar do médium, e parecem expressar a plasticidade com que a mente humana consegue desenvolver personalidades alternativas. Mesmo sendo possível reconhecer, por vezes, o caráter nitidamente artificial dessas criações pelos nomes que sugerem e por outras identificações fornecidas, elas continuam a se apresentar demonstrando total certeza de sua existência, reafirmada persistentemente. Segundo Myers (1903/2001, p. 268): “Deve-se recordar este fato quando a *pretensão* insistente de alguma identidade espiritual, por exemplo, como Napoleão, oferece-se como argumento para atribuir uma série de mensagens a esta fonte especial”. A formação das personalidades artificiais na escrita automática, como sugere Myers, parece vinculada assim à própria formação ulterior da personalidade consciente – esta também resultaria de variados esforços construtivos e de um senso de identidade arraigado e persistente, tanto quanto o das personalidades secundárias.

De acordo com Kelly (2007), Myers teria proposto uma associação entre o funcionamento do hemisfério direito no cérebro e a atividade subliminar. Como o hemisfério

esquerdo, ligado à capacidade verbal, teria se tornado o meio predominante de manifestação das atividades intelectuais conscientes, o aspecto subliminar da mente poderia livremente irromper diante da sua inibição ou lesão. Também acreditava que o eu subliminar estaria muito mais ligado à linguagem pictórica do que à verbal.

Até aqui, a noção de Myers não parece diferir radicalmente das explicações sobre o inconsciente que lhe eram contemporâneas, como a de Janet. Mas ao contrário da noção psicanalítica desenvolvida mais tarde, Myers (1903/2001) atribuirá ao *eu subliminar* não apenas os conteúdos reprimidos da consciência ou manifestações de ordem patológica, porém, toda e qualquer demonstração espontânea de genialidade ou superdotação, incluindo a possibilidade, segundo ele, de certas faculdades paranormais. Myers não pretendia com isso, entretanto, afirmar a superioridade necessária dos conteúdos subliminares em relação aos supraliminares; a distinção entre um e outro repousaria muito mais na importância psicológica de se diferenciar dois gêneros de percepções e faculdades humanas. Aquilo que se processa abaixo do nível da consciência, tende a ser mais extenso e complexo, conquanto sua magnitude seja variável. Os sonhos estariam num dos extremos, enquanto do outro lado, seria possível incluir capacidades supostamente paranormais. A escolha e estimulação daqueles processos que acabaram adquirindo importância capital no funcionamento ordinário – ou supraliminar – da consciência teriam ocorrido meramente em função de certas necessidades físicas e biológicas de sobrevivência e adaptação do organismo ao seu meio ambiente. Não haveria, portanto, uma intrínseca diferença valorativa entre esses processos, senão do ponto de vista da seleção natural. Os processos relegados ou subutilizados, contudo, permaneceriam disponíveis nos recônditos do eu subliminar, à espera de um apropriado momento de expressão, como nos diversos casos de alteração da consciência.

Como dito antes, Myers reconhecia certa continuidade ou gradação entre os processos subliminares e supraliminares, não os enxergando dicotomicamente como duas instâncias separadas uma da outra. Isso também o levou a definir as distinções entre o ‘normal’ e o ‘patológico’ segundo esse mesmo ponto de vista. Em alguns momentos, é como se a condição patológica fosse o único modo, ou o mais viável, de irrupção do eu subliminar, mas não um elemento irrevogável ou inerente aos processos desse tipo:

[...] se existe em nós um eu secundário que tende a se manifestar com o auxílio de meios fisiológicos, é provável que sua *via de exteriorização* mais curta, o caminho mais cômodo, do ponto de vista de sua manifestação em ação visível, se encontrara, freqüentemente, ao longo de um trajeto que os processos mórbidos de desintegração apresentaram como o caminho de menor resistência, ou melhor, modificando a metáfora, podemos supor que a separação entre o eu primário e o secundário se fará ao longo de uma superfície que as dissociações mórbidas de nossas sinergias psíquicas mostraram tendência a seguir. Se a epilepsia, a loucura, etc; tendem a dissociar nossas capacidades de forma determinada, o

automatismo deve ser capaz de dissociá-las, por sua vez, de um modo mais ou menos semelhante. (Myers, 1903/2001, p. 254)

Myers (1903/2001) parecia conceber, sob esse aspecto, que certos fenômenos mediúnicos cuja aparência com os sintomas histéricos ocasionalmente sugeria uma interpretação psicopatológica, talvez revelassem capacidades e potenciais insuspeitados vindos não da extremidade infravermelha do espectro, mas de sua contraparte ultravioleta. Para o autor, determinados rudimentos de genialidade e superdotação, inviabilizados de se manifestarem na consciência, pelos mais variados motivos, acabariam encontrando em determinados estados patológicos ou regressivos seu veículo mais acessível de escoamento frente às condições de vida do indivíduo, suas tendências, hereditariedade etc. Embora muitos fenômenos patológicos sejam propriamente inaproveitáveis, outros poderiam esconder facetas inimagináveis. Aliás, na visão evolucionista de Myers, o próprio processo de adaptação do organismo ao meio envolveria por si só um permanente manejo do desequilíbrio e da ameaça à dissolução, em face das constantes adversidades a que os indivíduos são expostos; em outras palavras, a impossibilidade de uma adaptação perfeita garante que a degeneração seja um aspecto inelutável da vida. Sua perspectiva, em oposição à de Janet, reitera, desse modo, um lado eminentemente positivo das manifestações dissociativas.

Myers (1903/2001, p. 31) era favorável à hipótese espiritualista e explorou evidências a esse respeito em sua obra. Chegou inclusive a reservar um espaço em sua teoria para as explicações espíritas: “aqueles que crêem na influência dos espíritos desencarnados encontrarão na nossa hipótese um ponto de transição e ao mesmo tempo uma norma para a inteligibilidade provisória da sua hipótese”. Ele também argumentou que: “[...] se existe um mundo espiritual, e este mundo foi, numa época qualquer, suscetível de se manifestar e de ser descoberto, pode-se fazer o mesmo em nossos dias (Myers, 1903/2001, p. 21). Em contrapartida, ele acreditava que a maior parte das manifestações mediúnicas resultava do eu subliminar do próprio médium e temia que o Espiritualismo acabasse numa adesão irracional ou credulidade cega frente a seus postulados.

Essa posição favorável às idéias espiritualistas tornou-se depois objeto de críticas ao seu trabalho. Sua noção de um eu subliminar foi acusada de obscura, vaga ou demasiadamente ampla e suas propostas foram vistas mais como a expressão de um sistema filosófico / religioso ancorado em certas evidências de fatos insólitos, do que uma abordagem realmente científica dos fenômenos considerados. Sua teoria foi interpretada por alguns como uma generalização exagerada de certas idéias espiritualistas; os dados apresentados por Myers poderiam receber interpretações bem

diferenciadas⁴³. Mas, de qualquer modo, sua obra foi considerada importante ao suscitar o interesse da comunidade acadêmica pelos fenômenos de que tratava, ao fornecer-lhes uma síntese explicativa capaz de guiar sua compreensão e ao anteceder ainda muitas das noções psicológicas da mediunidade, desenvolvidas mais tarde. Myers também foi considerado um pioneiro nas pesquisas sobre dissociação e sobre múltiplas personalidades (Alvarado, 2003). Em Kelly (2007) é possível encontrar uma revisão completa de vários aspectos da obra de Myers, bem como sua vinculação com teorias e abordagens psicológicas e neurofisiológicas atuais.

As hipóteses de Myers foram submetidas posteriormente a avaliações mais rigorosas e a considerações mais realistas acerca das manifestações mediúnicas, por parte daqueles que deram continuidade ao seu trabalho. Entre esses autores estava William James, um de seus grandes parceiros na *Society*.

3.1.3 William James

O famoso filósofo e psicólogo William James (1842-1910) – fundador do primeiro laboratório americano de Psicologia – foi um dos integrantes mais dedicados da *Society* e suas investigações nesse âmbito expressam o mesmo espírito científico e cuidadoso com que ele conduziu suas pesquisas psicológicas e seus trabalhos de natureza filosófica. Seu interesse pelas experiências paranormais adveio, primeiramente, de um interesse pelas questões religiosas. Apesar de menos conhecido, esse último aspecto de sua obra constituiu para ele um importante ramo de pesquisas até os seus últimos trinta anos de vida. Sua participação de grande valor na *Society* lhe rendeu o título de presidente da filial londrina em 1894 (Almeida e Lotufo Neto, 2004).

Assim como Myers, James se opunha aos extremismos nas teorias sobre os fenômenos mediúnicos. Em seu discurso à presidência, questionava-se sobre as razões que fizeram com que uma...

⁴³ Myers chegou a reconhecer, de sua parte, uma tendência para buscar evidências favoráveis à sobrevivência. Mas acreditava ainda que seu desejo de ver a sobrevivência atestada como fato científico não constituiria sempre um viés, na medida em que fosse adequadamente contrabalanceada pela força das evidências (Kelly, 2007). Também é preciso mencionar que embora Myers fosse *espiritualista*, ele não era *espírita*. Myers chegou inclusive a manifestar sérias restrições à doutrina kardecista, afirmando que muitas das idéias contidas nos livros de Kardec teriam sido sugestionadas por ele aos médiuns com os quais trabalhou. Considerava insuficientes os dados obtidos por Kardec, e considerava o Espiritismo como “sistematização prematura de uma ciência nascente” (Myers, 1903/2001, p. 135).

[...] massa considerável da experiência humana flutuasse ao acaso entre uma vaga tradição e a credulidade por um lado, e a negação dogmática de longo alcance por outro, sem que tenha havido um corpo constituído de pessoas desejosas e capazes de o estudarem com paciência e rigor. Houve, é verdade, anteriormente, peritos isolados. Mas foi a nossa Sociedade [de Pesquisas Psíquicas] que, pela primeira vez, pôde pôr as suas capacidades ao serviço umas das outras. (James, 1894/1973, p. 59)

James acreditava que as dificuldades encontradas neste campo, embora muitas vezes resultassem em frustração, não pareciam servir de argumento lógico suficiente para se levar ao abandono dessas pesquisas: “[...] Quanto mais se é forçado a rejeitar uma categoria de fatos atestados, pela simples presunção de que a natureza, tanto quanto nós a conhecemos, segue outras vias, tanto mais diminui a própria força desta presunção” (James, 1894/1973, p. 59).

Um dos casos de mediunidade que mais havia intrigado William James era o da médium Leonora Piper, estudada por vários integrantes da *Society*. Suas manifestações de mediunidade, ricas em detalhes, levaram James (1894/1973, p. 62) a concebê-la como um caso raro e desafiador a muitas das crenças religiosas e científicas acerca desses fenômenos: “[...] Quando esta médium está em transe, eu não posso resistir à convicção de que há nela um conhecimento que lhe não foi revelado pelo uso ordinário de seus olhos, seus ouvidos ou sua razão”. Todavia, James jamais abandonou sua perspectiva científica, pragmática e rigorosa, e se voltava contra toda hipótese apressada em torno dessas manifestações. Elogiava a forma como os relatórios da *Society* abordavam esses eventos ‘com dureza’, e só formulou suas próprias explicações concernentes à mediunidade da senhora Piper, após exaustiva investigação e observação de suas atividades como médium.

Tendo por base esse esplêndido caso, James (1909/1973) esclarecerá que as experiências mediúnicas podem ser categorizadas segundo diferentes critérios, dispostos numa ordem gradativa que vai das explicações ‘naturais’, para as ‘sobrenaturais’. Esse procedimento deve ser feito antes de se assumi-las como verídicas e quando já se descartou a hipótese de fraude. As explicações levantadas por James para as manifestações da mediunidade podem ser compiladas aqui da seguinte maneira:

- a) Coincidências resultantes de puro acaso – acertos arbitrários;
- b) Conversas em que a médium participou e cujas informações ficaram registradas em sua memória – disponíveis, no entanto, durante estados de transe;
- c) Indicações fornecidas irrefletidamente pelo pesquisador e seus assistentes – aqui também se incluiria a possibilidade de obter informações por meio de comunicação não-verbal;

- d) Informações dadas ao médium por parte dos próprios familiares da pessoa falecida e a partir da qual é possível engendrar outras associações – principalmente nos casos em que o(a) médium conhecia os familiares ou o próprio espírito comunicante;
- e) Telepatia, ou a aparente possibilidade de se captar as informações requisitadas diretamente do psiquismo das pessoas que conheciam o indivíduo;
- f) Acesso a algum reservatório ‘cósmico’, onde todos os fatos do universo ficariam armazenados;
- g) A real comunicação da pessoa falecida, com todas as conseqüências filosóficas e religiosas que poderiam advir disso.

James considerará as últimas três hipóteses como ‘místicas’ ou ‘sobrenaturais’ e, portanto, menos prováveis que as restantes. “É óbvio que nenhuma explicação mística deve ser invocada enquanto houver nem que seja uma única explicação natural plausível” (James, 1909/1973, p. 129). O mais difícil, segundo o autor, é controlar as diferentes variáveis envolvidas, de modo a se obter informações fidedignas em favor das explicações paranormais. Considerando-se as diferentes explicações alternativas citadas antes, pouquíssimos casos de mediunidade são fortemente sugestivos da imortalidade de alguém ou da presença, no(a) médium, de faculdades paranormais – conquanto também não seja possível excluir tais possibilidades diante de casos bastante sugestivos. A maioria das evidências deixa sempre uma réstia de dúvida. De maneira a enfatizar uma postura imparcial, James admitirá, por fim, que a adesão dogmática a um ou outro desses pontos de vista depende, quase sempre, do “sentido das probabilidades dramáticas da natureza” (James, 1909/1973, p. 224), isto é, do temperamento de quem enuncia determinado julgamento em favor de uma das muitas eventualidades de que a natureza dispõe. No trecho a seguir, James (1909/1973, p. 158) parece oferecer uma importante elucidação das reações das pessoas frente às crenças paranormais; para ele, a questão de se escolher entre uma hipótese ou outra...

É uma questão de probabilidade e de improbabilidade. Agora, em todo ser humano que, em casos semelhantes, decide a questão em vez de suspender o seu juízo, o sentido da probabilidade depende das formas da imaginação dramática de que o seu espírito é capaz. A explicação deve, em *todos os casos*, ser dramática. Fraude, personificações, telepatia, espíritos, tudo isso são hipóteses dramáticas. Se a nossa imaginação é absolutamente incapaz de conceber a hipótese dos espíritos, proclamaremos precisamente que tal hipótese é “impossível” [...] e assim nos consideraremos inaptos para discutir seriamente a alternativa.

James (1890/1983, p. 371 e 372) também não parecia desconhecer ou descartar uma possível origem psicossocial para as experiências mediúnicas, embora, tanto quanto os demais

pesquisadores da mediunidade, pouco tivesse estudado essa questão em profundidade. A esse respeito, ele assinala uma significativa influência do *Zeitgeist* predominante nos conteúdos da experiência mediúcnica:

Em tempos antigos o ‘controle’ forasteiro era usualmente um demônio, e assim é agora em comunidades que favorecem essa crença. Conosco ele se manifesta no pior dos casos como um índio, ou outro personagem grotesco, mas inofensivo. Geralmente ele alega ser o espírito de um morto conhecido ou desconhecido dos presentes, e o sujeito é então o que nós chamamos de um ‘médium’.

James (1890/1983) afirma ainda que esses personagens, pelo estilo caricatural de suas performances, freqüente repetição de gestos, gírias, mensagens religiosas sempre muito similares e outros maneirismos, são claramente oriundos de influências e sugestões externas, apropriadamente dramatizadas segundo o talento ‘histriônico’ de cada médium. Nesse sentido, as primeiras manifestações de transe mediúnico, em nada difeririam dos efeitos da sugestão hipnótica. James acredita que o sujeito hipnotizado assumiria o papel de médium apenas porque esse seria o papel dele exigido, e a ele sugestionado, frente às circunstâncias e opiniões que se colocam no contexto espírita. O autor aventará ainda a hipótese de que a mediunidade constituiria, em todos os seus graus, um tipo especial de múltipla personalidade, cuja maior susceptibilidade individual dependeria de uma predisposição geralmente rara⁴⁴.

Um dos fenômenos psicológicos que mais chamaram a atenção de James na mediunidade da senhora Piper é a chamada personificação inconsciente. Ao lado dos acertos obtidos nas comunicações, que pareciam quase convencer alguns dos investigadores mais céticos da existência do paranormal, a médium produzia mensagens verbais – ou por escrita automática – extremamente errôneas, as quais, embora carregassem alguns dos trejeitos da pessoa falecida, continham informações claramente improcedentes. Com o passar do tempo, as manifestações se tornavam cada vez mais enfadonhas, estereotipadas, e a médium parecia reproduzir automaticamente falas prontas. As mensagens iam gradativamente perdendo sua originalidade inicial, e o que restava era uma personagem sem vitalidade, uma cópia ‘subconsciente’ reativada a cada transe. Para explicar essa ocorrência, James postulou a existência de uma *vontade de personificação* caracterizada por uma tendência do ‘subconsciente’ em criar uma personagem fictícia que correspondesse à *vontade de comunicar* dos consulentes com a pessoa falecida – e, quiçá, da pessoa falecida em relação aos consulentes, caso se queira admitir alguma veracidade na hipótese da sobrevivência. Essa personagem seria tão mais viva e convincente quanto maior fosse o

⁴⁴ Deve-se assinalar, não obstante, que no caso da senhora Piper, nem sempre foi possível a James hipnotizar a médium, e há indícios de que seu estado de transe distinguia-se do usual transe hipnótico. Cf. Sage (1902).

interesse do médium e dos outros à sua volta pelas comunicações, tornando-se claramente fictícia e pouco convincente na medida em que o tempo ia passando. O modelo de James (1909/1973, p. 224) procurava trabalhar assim com os diferentes atores – ou variáveis -- envolvidos no processo, indo um tanto além das concepções puramente intrapsíquicas da mediunidade: “O consulente, com o seu desejo de receber uma mensagem, forma, por assim dizer, um canal de escoamento ou evacuação. O médium com o seu desejo de personificação permite que os materiais mais próximos sejam drenados”.

James evoca novamente o caráter pessoal de se admitir uma ou outra hipótese como suficiente e definitiva – diante do estado em que as pesquisas se encontravam à sua época – e salienta a sua perplexidade diante dos problemas considerados, declarando sua esperança de que pudessem algum dia ser resolvidos: “[...] eu fico indeciso e espero mais factos (sic), factos que não levarão claramente a uma solução antes dos próximos cinquenta ou cem anos” (James, 1909/1973, p. 224). Ele parecia acreditar que o campo dos estudos sobre a mediunidade era extremamente fértil, e que essas manifestações renderiam importantes descobertas sobre a mente humana por parte dos psicólogos: “Estou persuadido de que será através do seu estudo que conseguirão levar-se (sic) a cabo as maiores conquistas científicas da geração vindoura” (James, 1909/1973, p. 241).

William James propôs um roteiro sério de investigação da mediunidade e foi mais crítico com a teoria espiritualista do que Myers; contudo, ele não foi capaz de formular uma teoria mais completa. Caberia a outros dois autores tentar uma abordagem psicológica consistente da mediunidade: Théodore Flournoy e Carl Jung.

3.1.4 Théodore Flournoy

Embora pouco conhecido hoje, o trabalho de Théodore Flournoy constitui uma das mais importantes contribuições psicológicas ao problema da mediunidade e de outros temas, como o da dinâmica dos processos inconscientes. Recentemente, sua significância histórica ao campo psicológico tem sido paulatinamente retomada em livros e artigos (Engels, 2008; Nicolas e Charvillat, 1998; Shamdasani, 1994). Para uma biografia do autor, cf. Goldsmith (1979).

Flournoy nasceu em 1854, dois anos antes do nascimento de Sigmund Freud, pai da Psicanálise. Formou-se em medicina e filosofia, e em 1878 viajou para Leipzig, onde foi assistente

no laboratório de Psicologia experimental de Wilhelm Wundt (1832-1920), considerado por muitos o fundador da Psicologia Moderna. Em 1891, tornou-se professor de psicofisiologia na Universidade de Genebra, onde criou, um ano depois, seu próprio laboratório, considerado o primeiro na Suíça dedicado especificamente à Psicologia Experimental (Nicolas e Charvillat, 1998). Todavia, aquilo que parecia inicialmente um caminho promissor teve seus rumos alterados. Frustrado com as pesquisas laboratoriais, Flournoy passaria a buscar uma psicologia que englobasse a personalidade como um todo, e não o estudo de suas funções isoladas. Foi nesse período que passou a se interessar cada vez mais pelos fenômenos espíritas e mediúnicos:

[...] Uma hora passada na enfermaria de um hospital ou nas chamadas sessões espíritas coloca muito mais problemas psicológicos, e mais vitais, os quais não se resolveriam em vários anos dedicados especificamente ao trabalho em *laboratório*. (Flournoy, 1896, citado por Shamdasani, 1994, p. xiii)

Flournoy negava a hipótese espírita e defendia que o(a) médium é um objeto de estudo interessante na medida em que nele(a) a imaginação subliminar – ou inconsciente – se manifestaria mais intensamente, havendo maior permeabilidade entre a consciência ordinária – denominada *supraliminar* – e as funções latentes ou inconscientes – *subliminares* (Shamdasani, 1994).

Flournoy acreditava ser insuficiente descrever a mediunidade somente nos termos da histeria, como propuseram outros psiquiatras – conquanto essa forma de assimilação fosse possível e até simples de se demonstrar em muitos casos. Flournoy argumentou, em oposição a essa perspectiva, que a mediunidade poderia também se apresentar em condições de significativa saúde mental. Assim, a opinião pública e, mais particularmente, a comunidade espírita, estariam parcialmente certas ao recusarem explicações exclusivamente patológicas da mediunidade. Sob esse aspecto, Flournoy foi um dos primeiros a defender a proposta de que as manifestações mediúnicas deveriam ser compreendidas em sua especificidade, e não simplesmente reduzidas a classificações pré-existentes (Shamdasani, 1994). A respeito da médium Hélène Smith, seu principal estudo de caso, Flournoy (1900/2008, p. 36) lhe atribuía boa saúde física e mental: “[...] ela respira saúde em todas as coisas”. Também afirmou sobre a médium, ser ela “muito inteligente e grandemente dotada” (p. 37). É importante esclarecer, contudo, que Flournoy (1911/2007) não chegou a recusar inteiramente a possibilidade de uma associação entre mediunidade e psicopatologia para certos casos. A esse respeito, ele próprio afirmou que, embora as práticas mediúnicas e espíritas não pudessem ser consideradas isoladamente como sintomas de algum quadro deletério, elas poderiam constituir, não obstante, um perigo para “[...] os temperamentos mórbidos ou mentes supersticiosas que estão inclinados a dar uma interpretação espírita e um valor sobrenatural a todos os fenômenos

obscuros, ou a buscar revelações do ‘outro lado’ por essas práticas que ameaçam a dissociação mental” (p. 314).

Era um tanto difícil encontrar na época – como ainda o é hoje – médiuns ‘qualificados’ que produzissem fenômenos ostensivos e de interesse para estudo. Numa carta que escreveu certa vez para o filósofo e psicólogo William James, em 18 de dezembro de 1893, Flournoy relata que: “eu tento penetrar no contexto espiritualista da nossa cidade [Genebra], mas é bastante difícil. Até agora eles não possuem muitos médiuns excelentes” (Le Clair, 1966, citado por Shamdasani, 1994, p. xix). Vários meses depois desta carta, por volta de dezembro de 1894, Flournoy encontraria a médium Élise Catherine Müller, que sob o pseudônimo de Hélène Smith – nome de uma das filhas de Flournoy – seria imortalizada como um dos maiores casos da história da Psicologia.

Os fenômenos apresentados por Hélène eram variados e complexos. Nas primeiras sessões observadas por Flournoy ou em sessões anteriores à sua participação, a médium tendia a restringir suas manifestações a diferentes formas de alucinação, sobretudo, visuais e auditivas, bem como fenômenos *tiptológicos* – os chamados *spirit raps*, referentes a batidas e outros barulhos que se ouviam, durante sessões espíritas, na mesa usada para a reunião (e algumas vezes em outros móveis), aos quais se atribuía a intervenção de espíritos ou a manifestação de certas capacidades paranormais dos médiuns⁴⁵. Nas sessões subsequentes em que Flournoy participou – durante um período de aproximadamente cinco anos – a médium parece ter expandido ainda mais sua fenomenologia mediúnica, com ‘incorporações’ e dramatizações completas, em transe profundo, de supostos espíritos desencarnados, além de pinturas mediúnicas ou mesmo psicografias contendo frases em idiomas aparentemente estranhos ao seu repertório linguístico. Parte dessas manifestações poderia ser explicada, segundo Flournoy (1900/2008), de acordo com o conhecimento psicológico disponível na época sobre estados sonambúlicos, hipnóticos e outros fenômenos da “psicologia normal e anormal”. De modo a demonstrar objetivamente uma alteração de consciência por parte da médium, Flournoy analisou medidas fisiológicas por meio de um dinamômetro e realizou com Hélène várias experiências de sugestão hipnótica para verificar seu grau de susceptibilidade ao transe, sua força motora e sua sensibilidade à dor, antes e depois das sessões, tendo observado uma considerável diminuição da sensibilidade e da volição no decorrer das mesmas. O nível de profundidade do transe podia variar de uma sessão para outra, indo de um estado semi-acordado

⁴⁵ Embora pareçam constituir prova irrefutável da paranormalidade, muitos desses fenômenos podem ser explicados, algumas vezes, quer como originários de alucinações coletivas sugestionadas (Wiseman, Greening e Smith, 2003), quer como resultantes de um mecanismo psicofisiológico aparentemente simples, o efeito ideomotor. Para uma revisão recente sobre o assunto, cf. Hyman (1999).

para um estado hipnótico profundo e, até mesmo, em raras ocasiões, para um estado de coma acompanhado de fenômenos catalépticos.

Após estudar exaustivamente o caso, Flournoy (1900/2008) chegaria a uma explicação psicológica das manifestações observadas, baseada, sobretudo, no conceito de *criptomnésia*, de acordo com o qual, muitas das supostas informações paranormais obtidas por Hélène seriam o resultado de lembranças esquecidas em seu inconsciente, memórias que retornariam durante os estados de transe, mas envoltas por complexas fantasias e elaborações imaginárias subliminares, expressões de aspectos da sua própria personalidade e de seu funcionamento inconsciente. Nesse estudo, Flournoy refutará boa parte das capacidades mediúnicas atribuídas pelos espiritualistas à Hélène Smith, privilegiando uma abordagem psicogenética⁴⁶. Mesmo considerando a mediunidade de um ponto de vista prioritariamente psicológico, Flournoy admitirá a presença de certa beleza e genialidade nas manifestações mediúnicas de Hélène, enxergando nelas a possibilidade de o ser humano ultrapassar, sob determinadas condições psíquicas – como nos estados de transe ou sonambúlicos – algumas de suas habilidades e capacidades corriqueiras.

Para Flournoy (1900/2008), a atividade inconsciente – ou *subconsciente*, como o autor se referia – é em si mesma a própria expressão de uma criatividade natural, espontânea, em contraste com a função da consciência, que seria muito mais a de adaptação e conservação do organismo frente às condições do ambiente. A imaginação subliminar – presente não só nos fenômenos mediúnicos, mas também nos sonhos, no hipnotismo e em muitas expressões artísticas ou até patológicas da mente – seria, na verdade, o protótipo da imaginação consciente. Em alguns indivíduos, mais susceptíveis ao estado hipnótico, essa imaginação latente poderia emergir sem barreiras, produzindo os mais diversos fenômenos, de forma espontânea e até involuntária. Era por meio dessa função criativa, intrinsecamente associada aos fenômenos de criptomnésia, que Flournoy (1900/2008) pretendia explicar as sessões da médium Hélène Smith. Ela dizia, por exemplo, comunicar-se com habitantes do planeta Marte, e de ser capaz de enxergar, durante estados sonambúlicos, residências, vegetações e outros aspectos da vida naquele planeta. Em diversas ocasiões, forneceu psicografias em um idioma desconhecido, que foi caracterizado por ela

⁴⁶ Flournoy (1900/2008, 1911/2007) chegou a admitir, no entanto, a possibilidade de fenômenos como a telepatia e a psicocinese (movimentação paranormal de objetos) em alguns casos sugestivos, como o da famosa médium Eusapia Palladino (da qual assistiu apresentações que o impressionaram bastante), e mesmo em algumas das melhores performances de Hélène Smith. Segundo ele: “Levando tudo em consideração, eu estou inclinado a acreditar que Mademoiselle Smith, em verdade, possui fenômeno real de clarividência, não, contudo, passando além dos limites possíveis à telepatia” (Flournoy, 1900/2008, p. 273). Flournoy descartou ainda a possibilidade de fraude no caso Hélène, em função de suas rigorosas e prolongadas observações, da boa índole da médium e da ausência de remuneração no que concerne às sessões mediúnicas.

como a língua falada pelos marcianos. Em parceria com estudiosos da linguística, incluindo Ferdinand de Saussure, Flournoy (1900/2008) conseguiu explicar o idioma estranho como uma variação do francês – língua falada pela médium – conjugada a certas modificações gráficas e fonéticas produzidas de maneira complexa em seu inconsciente – por um processo que Flournoy (1911/2007) denominou posteriormente de ‘incubação’ – apontando, destarte, para uma profunda inter-relação entre memória e fantasia⁴⁷. Foi assim também que Flournoy (1900/2008) tentou explicar outro conjunto de psicografias, numa antiga língua hindu, que se referiam a uma suposta encarnação passada de Hélène como uma princesa indiana. Embora tenham restado controvérsias sobre este caso, foi possível demonstrar, até certo ponto, com o auxílio de eminentes especialistas, a existência de incoerências entre as psicografias e os dados históricos disponíveis sobre o idioma arcaico empregado pela médium, fato este que parecia confirmar sua artificialidade. O mesmo princípio explicativo foi aplicado por Flournoy às representações pictóricas de Marte feitas por Hélène. Segundo pôde observar, muitos desses desenhos aparentemente derivavam de antigas memórias exóticas da médium sobre a vida em países tropicais ou orientais.

Flournoy também notou que muitas das descrições de Marte fornecidas por Hélène pareciam fortemente idealizadas, chegando a apresentar um caráter ingênuo (*naive*) e infantil: afinal, tudo era muito harmonioso, belo e não-problemático entre os marcianos. Entre os mesmos não se viam guerras, nem confrontos. Problemas econômicos e políticos de alta importância na Terra, pouco significado pareciam ter. Em resposta ao ceticismo de Flournoy, Hélène veio a produzir depois uma nova série de ‘comunicações’, agora com planetas possivelmente mais distantes de Marte em termos evolutivos (como Urano), cujas características estéticas eram grotescas e disformes -- manifestações essas denominadas por Flournoy de “Ultra-Marcianas”. Segundo o autor, tal resposta constituía um curioso exemplo de como o mecanismo da sugestão desempenhava um importante papel nas produções da médium, e de como esta última buscava, consciente ou inconscientemente, satisfazer as demandas daqueles que nela ansiavam por uma comprovação da imortalidade. Outro exemplo havia sido observado antes em relação às próprias manifestações relativas ao planeta Marte, as quais obtiveram seu primeiro impulso após um dos participantes das sessões mediúnicas, professor August Lemaitre, ter manifestado o desejo de que a médium servisse de intermediária para eventuais comunicações com seres de outros planetas – solicitação essa acompanhada do interesse de tantos outros membros espiritualistas das sessões em ver tal possibilidade concretizada.

⁴⁷ Engels (2008) defende que a língua alemã, também conhecida pela médium, teria igualmente influenciado a construção do idioma marciano.

Flournoy (1900/2008) cita-nos ainda como o mecanismo da sugestão parece ter desempenhado um importante papel na formação de uma personalidade secundária da médium, aquele que seria o espírito-guia de Hélène Smith, designado como Leopold. Constantemente presente e atuante nas sessões, Leopold servia, ao mesmo tempo, como porta-voz dos demais espíritos e guardião espiritual de Hélène, sempre intervindo quando necessário para protegê-la e aconselhá-la, poupá-la do cansaço e de outras vicissitudes de suas atividades como médium, bem como do assédio dos consulentes e eventuais ataques de participantes céticos. Flournoy interpretará Leopold como uma expressão personificada do instinto de auto-preservação e sobrevivência, comum a qualquer ser humano, mas que em Hélène se apresentava subliminarmente sob a forma de uma figura masculina forte o suficiente para resguardá-la de possíveis perigos enquanto permanecesse em transe. O próprio Leopold teria associado sua primeira aparição na vida da médium a um evento traumático que a acometera quando criança, ocasião em que Hélène veio a ser atacada por um cão feroz e então salva por um homem trajando um manto preto do qual não pôde ver o rosto – e que Leopold afirmava agora ser ele próprio. Flournoy verificou que tal personalidade secundária parecia constituir uma evolução de outros automatismos (alucinações, pressentimentos etc.) que freqüentemente surgiam em defesa da médium, quando esta se encontrava diante de choques emocionais muito intensos – automatismos que ele veio a definir depois como *teleológicos* em razão de seu caráter de preservação da vida (Flournoy, 1911/2007). Conquanto Hélène se mostrasse reticente em admitir que Leopold fosse o tal homem que a salvara naquela ocasião – preferindo pensar que, em função da vestimenta, tratar-se-ia, na verdade, de um membro qualquer de uma ordem religiosa – essa mesma aparição surgira vestida de modo semelhante em ocasiões posteriores, durante as quais Hélène também se encontrava em perigo. Leopold veio ainda a fazer outras declarações, como a de que teria sido Cagliostro, conhecido ocultista e taumaturgo do século XVIII⁴⁸.

⁴⁸ Analisando novamente o caso e recorrendo a uma série de analogias psicológicas e lingüísticas, Engels (2008) defendera ainda uma segunda hipótese, a de que Leopold seria resultado de uma transformação subliminar do alegado espírito de Victor Hugo, o famoso poeta, que a médium dizia ser capaz de receber, e que inicialmente ocupava nas sessões uma função psíquica protetora semelhante àquela assumida posteriormente por Leopold. Curiosamente, a filha amada de Hugo tinha por nome Leopoldine e morrera tragicamente afogada. Aparições de Leopoldine em sessões mediúnicas de Hélène e visões suas de um veleiro enfrentado fortes ventos parecem confirmar parcialmente essa interpretação. Por outro lado, devemos lembrar que, à maneira dos sonhos, os conteúdos inconscientes e imaginativos tendem a se misturar uns aos outros, enquanto expressão daquilo que Freud (1900/1996) denominara de *condensação*. Assim sendo, é bem possível que as duas interpretações estejam certas, considerando a fusão desses vários elementos na personalidade de Leopold. Muitos outros aspectos dessa personalidade seriam elucidados caso Flournoy houvesse investigado com mais detalhes a relação entre Hélène e seu pai. Não há como deixarmos de associar, por exemplo, de um ponto de vista psicanalítico, a figura protetora – e por vezes autoritária, proibitiva – de Leopold com a função comumente exercida pela instância super-egóica.

Após acompanhar o caso Hélène pelos cinco anos mencionados, Flournoy (1900/2008) foi capaz de dividir o período de suas investigações em três principais ciclos, ou “romances subliminares”, como ele os chamou: o ciclo marciano, o ciclo hindu e o ciclo real. No segundo ciclo de manifestações, algumas delas concomitantes ao ciclo marciano, Hélène dizia ser a reencarnação de uma princesa hindu, cujo nome seria Simandini. Essa princesa teria se apaixonado por um príncipe de nome Sivrouka, cuja atual reencarnação era ninguém mais do que o próprio Flournoy! – fato este que não passaria incólume a uma avaliação psicosssexual e transferencial do caso levada a cabo pelos psicanalistas (Cifalli, 1994; Shamdasani, 1994). Embora não fosse possível aferir a história completa dessa suposta encarnação passada entre os dois, dado o caráter fragmentário das manifestações desse ciclo, várias das incorporações e dramatizações da médium remetiam a cenas românticas entre Simandini e Sivrouka, representadas tendo o próprio Flournoy como protagonista involuntário nessas sessões, durante as quais a médium se dirigia a ele, em transe, tal como se estivesse em sua vida anterior⁴⁹. Algumas dessas cenas eram tão vivamente representadas pela médium – sem jamais deixarem, entretanto, de se mostrarem cordiais e respeitosas – que Flournoy (1900/2008, p. 207) chegou a afirmar sobre elas: “Mademoiselle Smith é realmente muito bela em seus sonambulismos hindus”. “[...] uma perfeição de representação que a melhor atriz, sem dúvida, poderia alcançar apenas sob o preço de prolongados estudos ou de uma permanência nos bancos do Ganges” (p. 208). O terceiro ciclo, de igual importância, nomeado ciclo real, passar-se-ia na época de Maria Antonieta, outra alegada reencarnação da médium.

Ampliando sua perspectiva particular do caso para uma análise dos processos subliminares, Flournoy dirá, a partir de seu estudo com a famosa médium, que o inconsciente possui quatro funções básicas: uma função protetora, uma atividade criativa, uma função de compensação e uma tendência para o lúdico.

Estas quatro funções se destacam proeminentemente na interpretação de Flournoy dos transe de Hélène Smith: Léopold, o espírito-guia dela, parece representar a função protetora ou automatismo teleológico que intervém e assiste Hélène quando ela se encontra em dificuldade; as vidas extraterrestres anteriores da médium parecem providenciar uma compensação para as vicissitudes de suas circunstâncias; suas criações dos idiomas marciano e “Hindu” são atos surpreendentes de criatividade. Para Flournoy, os seus transe representam uma reversão para um estágio inicial do desenvolvimento infantil que, segundo ele argumenta [...] é caracterizado pelo lúdico. [...] Como o lúdico tem uma função preparatória [no processo de desenvolvimento], essa reversão [a um estágio infantil] é compensatória e inibe o acesso a um nível de criatividade que já se perdeu. [...] O material

⁴⁹ Cifalli (1994), entretanto, remete-nos a certos dados obtidos por ela em anotações mantidas pela família do senhor Lémaitre, participante das sessões, pelas quais é possível perceber uma interferência muito maior de Flournoy nas várias manifestações da médium, mais do que ele próprio admitira em sua obra. Cf. Maraldi (2010).

para essa atividade subliminar foi providenciado pelo fenômeno da criptomnésia⁵⁰. (Shamdasani, 1994, p. xxv, tradução nossa).

Publicado em 1900, mesmo ano de a *Interpretação dos sonhos* de Freud, o livro de Flournoy, *From India to the Planet Mars – Da Índia ao Planeta Marte* – relatando suas pesquisas com Hélène Smith, logo se tornou um sucesso, e foi elogiado por grandes autores da Psicologia, como William James e Carl Jung. Apesar das críticas dos espiritualistas, o livro acabou se tornando um dos marcos no estudo psicológico da mediunidade. Após a publicação, Élise Müller veio a romper relações com Flournoy, em decorrência das interpretações contrastantes do autor frente às crenças religiosas da mesma. O rompimento marcou profundamente a ambos. Este nunca mais encontrou outra Hélène Smith para suas pesquisas e em publicações posteriores, reconheceu que seu estudo de caso não havia sido suficiente para abarcar a complexidade envolvida nos fenômenos mediúnicos, embora tenha servido para alargar a compreensão acerca da psicologia do inconsciente, já que representara um caso raro e excepcional. Élise Müller, após a leitura da obra, deixou gradativamente de acreditar na existência de vida em Marte – malgrado continuasse espírita – e dedicou-se até o fim de sua vida às suas pinturas mediúnicas. Os dois vieram ainda a encetar uma desagradável e prolongada disputa pelos royalties do livro, que se encerrou com a concessão de parte do dinheiro para a médium, e parte para o Jornal *Archives de Psychologie*, dirigido por Flournoy. Em vários momentos do processo, Müller declarou ressentimento e frustração por ter se envolvido nessas pesquisas, e pelo constrangimento que sofreu em função do escárnio a que foi vítima em algumas revistas e jornais de notícias. Dois anos após a publicação de *From India to the Planet Mars*, Flournoy (1902) ainda lançaria um artigo resumindo alguns dos eventos posteriores à sua obra, com base em informações enviadas por carta pela própria Hélène. A partir daí, perderia totalmente o contato com ela. O que se sabe é que muitos admiradores norte-americanos da médium – especialmente mulheres – viajaram até Genebra para apoiá-la, inclusive financeiramente. Com a ajuda obtida, Hélène pôde largar o emprego de funcionária numa casa comercial para se dedicar exclusivamente às suas atividades mediúnicas, tendo logo após se mudado para Paris. Uma descrição mais detalhada do período posterior às investigações de Flournoy pode ser encontrada em Deonna (1932), bem como em Goldsmith (1979). Uma análise psicossocial do caso Hélène Smith, com atenção especial às suas produções pictóricas, pode ser encontrada em Maraldi (2010).

⁵⁰ Flournoy (1911/2007) viria depois a englobar essas diferentes funções da mediunidade (incubação, criptomnésia, automatismos teleológicos, etc.) no conceito mais amplo de *cryptopsychism*, emprestado de Boirac, entendido como processo por meio do qual uma sensação ou outro conteúdo psíquico que permanece imperceptível ao indivíduo, provoca um fenômeno que parece surgir espontaneamente, por si mesmo, sem causa aparente.

O trabalho de Flournoy foi também criticado pelos psicanalistas, que acreditavam ter ele minimizado os problemas decorrentes da relação transferencial estabelecida com a médium e o papel da sexualidade em suas fantasias subliminares (Shamdasani, 1994). Nessa linha de raciocínio, outra possível crítica seria que os ‘romances subliminares’ de Hélène não passariam de fabulações pré-conscientes, visando mascarar, por meio de mecanismos os mais imaginativos, seus desejos sexuais e agressivos inconscientes – como pareciam sugerir, por exemplo, suas dramatizações envolvendo Sivrouka e Simandini. Dessa forma, Flournoy teria passado mais tempo tentando retalhar tais arranjos e estimulando sua produção, do que verdadeiramente atingindo o cerne das manifestações da médium.

É imperioso assinalar, no entanto, que Flournoy (1900/2008; 1911/2007) não desconsiderara totalmente uma possível etiologia psicosssexual para este e outros casos, embora acreditasse não ser suficiente tal perspectiva. Em diversos momentos de suas obras, citou o trabalho de Freud e sua importância para a Psicologia. Mas asseverou também não acreditar que o seu modelo de interpretação dos sonhos tivesse “[...] o poder explanatório ilimitado que o patologista vienense lhe outorgou” (Flournoy, 1911/2007, p. 86). Fundamentado em algumas considerações críticas feitas pelo importante psiquiatra Morton Prince, Hereward Carrington, colega de Flournoy e tradutor para o inglês de sua obra *Spiritism and Psychology*, afirmou também, em complemento à citação acima, que a proposta de interpretação freudiana dos sonhos como realização de desejos reprimidos “[...] está aberta a várias objeções de peso, e que freqüentemente os sonhos representam a expressão do *não-cumprimento* de um desejo; alguns parecem ser a realização de um medo ou ansiedade; outros de aspirações emocionais; alguns, da atitude mental dominante do sonhador etc.” (Flournoy, 1911/2007, p. 86). Também acreditava não haver “[...] boa evidência da existência de um ‘censor psíquico’ etc. sobre o qual Freud coloca tanta importância” (p. 87). Tal posicionamento por parte de Flournoy e seus contemporâneos talvez explicasse sua recusa em admitir mecanismos pré-conscientes de elaboração psíquica agindo nos romances de Hélène. Considerando-se a influência significativa que algumas das idéias de Flournoy tiveram sobre o pensamento de Carl Jung – ambos foram amigos – é de se entender que Jung se opusesse também à ênfase inicial de Freud na etiologia psicosssexual de muitos dos seus casos, e desenvolvesse, a partir daí, um diferenciado sistema de análise e interpretação dos sonhos e demais produtos do inconsciente.

Resta-nos frisar, de nossa parte, a ausência de maiores informações, observada na obra de Flournoy, acerca do relacionamento entre Hélène e seus pais, a educação por ela recebida na infância, a dinâmica familiar estabelecida entre os mesmos etc., dados que, de outro modo, seriam

imprescindíveis numa avaliação psicológica. Preocupado em não fornecer informações que fossem de caráter muito íntimo da médium e de sua família – atitude compreensível à época – o autor acabou por nos ofertar um quadro incompleto de como essas relações teriam contribuído na construção de seus romances subliminares

3.1.5 Carl Jung

Flournoy desempenhou uma significativa influência na vida e na obra de Carl Jung (1875-1961). Se a admiração pelo trabalho de Freud veio a partir da leitura de *a Interpretação dos Sonhos* (1900) o interesse pelas idéias de Flournoy emergiu, no mesmo ano, com a leitura de sua obra célebre *Da Índia ao Planeta Marte*. Ambas foram citadas por Jung em sua tese de doutorado: *Sobre a Psicologia e Patologia dos Fenômenos Chamados Ocultos* (1902), na qual ele relata o estudo de caso de uma médium, sua prima. Mas a contribuição de Flournoy se estendeu mais além do campo teórico e intelectual em que Jung iniciou sua carreira médica. A amizade com Flournoy teve início quando Jung ainda era um dos integrantes do movimento psicanalítico. Segundo seu próprio relato:

Durante o período de meu relacionamento com Freud eu encontrei um amigo paternal em Théodore Flournoy. Ele já era um homem de idade quando eu o conheci. [...] Em 1912, eu induzi Flournoy a comparecer no congresso em Munique, durante o qual se deu a ruptura entre Freud e eu. Sua presença foi um importante suporte para mim. [...] Com ele [Flournoy], eu poderia realmente discutir todos os problemas científicos que me ocupavam – por exemplo, o sonambulismo, a Parapsicologia e a Psicologia da religião. [...] O seu conceito de “imagination créatrice” que me interessou particularmente, foi uma idéia que eu adotei dele⁵¹. [...] Há muito tempo eu estava interessado nas conexões entre os produtos das fantasias dos esquizofrênicos, e Flournoy me ajudou a entendê-los melhor. (Jung, 1961/1994, p. ix).

A influência de outros autores também se fez presente na tese de Jung, como Janet, James, Myers e o próprio Freud. De acordo com Taylor (1998), bem como Shamdasani (1998, 2000), ao contrário da versão comumente encontrada em livros-texto introdutórios de psicologia, ou mesmo em muitos artigos de autores junguianos, a influência de Freud teria sido inicialmente muito menor nas idéias de Jung do que se supõe em geral. Foram, sobretudo, os autores de língua francesa – Binet, Charcot, Janet, Flournoy, Richet etc. – e os anglo-americanos – James, Morton Prince,

⁵¹ A influência das idéias de Flournoy sobre o papel da imaginação e da criatividade na psique influenciou, sobretudo, os conceitos de arquétipo, função compensatória do inconsciente e imaginação ativa na obra junguiana – apesar de tais noções terem sido desenvolvidas ulteriormente com base em variadas fontes (Jung, 1920/2004).

Myers etc. – os que mais forneceram subsídios teóricos ao sistema de psicologia que Jung estabeleceria anos mais tarde. Seu trabalho estava, em grande parte, em continuidade com a Psicologia Subliminal e a Pesquisa Psíquica realizada nesses países. Shamdasani (1998) mostra ainda como a história do movimento psicanalítico tem sido escrita, ao longo dos anos, de maneira a que Jung seja visto como possível sucessor e herdeiro de Freud, convertido, posteriormente, em herético debandado, mas o qual, num primeiro momento, fornecera evidências confirmatórias das idéias freudianas pelos experimentos de associação de palavras e outras investigações suas. Esses experimentos, no entanto, como lembram Shamdasani (1998, p. 122) e também Ellemberger (1970, p. 693), nem sempre corroboraram integralmente as concepções psicanalíticas. Se, de um lado, é certo que o trabalho de Freud exerceu considerável repercussão no pensamento junguiano – e disso estamos convencidos – também nos parece correto dizer, outro tanto, que tal repercussão adquire peso bem menor quando contrabalanceada às demais influências teóricas.

Em sua tese de doutorado, já mencionada, Jung relata seus estudos com uma prima de 15 anos de idade – Hélène Preiswerk, nomeada apenas como S.W. – que se dizia médium, mas a qual o autor concluiu se tratar, por fim, de uma histérica, em que se podiam observar várias ocorrências de sonambulismo. A perspectiva de Jung foi predominantemente patológica, seguindo os moldes da psiquiatria reinante. Porém, ele chegou a reconhecer na mediunidade de sua prima certas expressões de genialidade que não condiziam com sua idade e com o conhecimento adquirido por ela, denotando a complexidade envolvida no estudo desses fenômenos: “[...] Certos traços apontam para além do campo da inferioridade patológica, para uma afinidade mais que simplesmente analógica com os fenômenos da psicologia normal, inclusive da psicologia do supranormal, do gênio” (Jung, 1902/1993, p. 15). Jung (1902/1993) considerará o caso de sonambulismo de sua prima como sendo de carga hereditária⁵². Várias pessoas em sua família já haviam apresentado quadros patológicos semelhantes, mais ou menos graves. Muitas dessas pessoas tinham alucinações enquanto acordadas e relatavam diversas experiências paranormais, algo que freqüentemente ocorria com a médium. Uma de suas irmãs se dizia visionária e já havia sido diagnosticada como histérica. Jung parecia de fato admitir que muito da mediunidade de sua prima seria o resultado de uma herança familiar, no sentido biológico; hoje, poderíamos nos perguntar

⁵² Flournoy (1900/1994, p. 19) também acreditava que “Hélène Smith estava certamente predisposta, tanto pela hereditariedade como pelo temperamento, para se tornar médium, tão logo uma oportunidade externa – isto é, as sugestões do Espiritismo – se apresentasse”. Tais idéias parecem encontrar alguma ressonância com aquilo que a Psicanálise chama hoje de transgeracionalidade – ou transmissão psíquica entre gerações (Eiguel et al., 1998).

igualmente sobre como essas questões foram construídas ao longo do tempo e como vieram a fazer parte do contexto e da história familiar, indo além de uma perspectiva exclusivamente biológica.

Jung (1902/1993) a descrevia como uma pessoa de inteligência mediana e de interesses limitados. Na escola, costumava apresentar muitos erros de leitura. Sua família pouco valorizava os estudos, e sua educação era deficiente. Considerava-se deprimida e infeliz e seus pais pouco participavam de sua vida, atarefados com outras coisas. Seus conhecimentos literários eram reduzidos e apesar de seu envolvimento posterior com o ocultismo, ela desconhecia boa parte dos livros a respeito, por viver numa família protestante em que não se toleravam obras de cunho místico. Seu envolvimento com a mediunidade se deu inicialmente como parte de uma brincadeira com ‘mesas falantes’ na qual teria descoberto ser uma excelente ‘médium’. Jung (1902/1993, p. 31) relata algumas das manifestações observadas nas sessões assistidas por ele:

Em inícios de agosto de 1899, verificaram-se, na minha presença, os primeiros ataques de sonambulismo. Na maior parte das vezes, transcorriam desta maneira: a senhorita S.W., muito pálida, desabava lentamente para o chão ou sobre uma cadeira, fechava os olhos, tornava-se cataléptica, respirava profundamente algumas vezes e começava então a falar. [...] Não reagia ao ser chamada pelo nome. Em suas conversas sonambúlicas copiava de modo perfeito parentes e conhecidos falecidos, a ponto de impressionar até mesmo pessoas não influenciáveis. Copiava também pessoas das quais só tinha conhecimento por ouvir falar e o fazia tão bem que qualquer espectador devia confessar no mínimo que se tratava de excelente atriz. [...] Assumia uma postura de oração e êxtase, tinha um olhar faiscante e falava com retórica apaixonada e arrebatedora. Nessas ocasiões só usava o alemão clássico que falava com perfeita segurança e naturalidade, em absoluto contraste com sua maneira insegura e atrapalhada quando em estado de vigília. [...] Ao final do êxtase sobrevinha ainda um estado cataléptico com *flexibitas cerea* (flexibilidade de cera) que, aos poucos, ia levando a paciente a acordar.

A médium apresentava ainda muitos outros automatismos e experiências anômalas. Durante certos lapsos, dizia ter visões ou ‘saía do corpo’ guiada por espíritos. Ficava cansada após esses estados, mas raramente tinha visões assustadoras; relatava seus transes como extremamente agradáveis. Enquanto sua vida cotidiana permanecia envolta por dificuldades, na sua vida mediúnica ela obtinha o melhor de si: “Este estado estava em franca oposição ao seu estado quando acordada: não se encontrava nele qualquer vestígio daquele ser inseguro e desarmônico [...] de seu comportamento usual” (Jung, 1902/1993, p. 36). Em seus estados sonâmbulicos, mantinha um caráter bem mais sério e calmo; seus parentes não conseguiam entender tal transformação: “A senhorita S.W. levou uma vida singular e contraditória [...] verdadeira ‘vida dupla’ com duas personalidades vivendo lado a lado ou sucessivamente” (Jung, 1902/1993, p. 36).

O que mais impressionava Jung (1902/1993) era o fato de a médium exercer atividades para as quais dava uma interpretação paranormal semelhante a de outros espiritualistas e ocultistas, sem ter um bom conhecimento da literatura a respeito. Após os estados sonambúlicos, aprendeu a

efetuar em si própria rituais semelhantes ao do passe magnético. Certa vez, desenvolveu espontaneamente todo um completo sistema místico sobre as forças que regulam o universo. Parte dessas idéias, Jung descobriu ser o resultado de *criptomnésia* – conversas que a médium teria ouvido durante seus estados de transe, mas das quais não participou efetivamente, bem como outras fontes de informações. Mas ele também pôde encontrar interessantes paralelos entre o sistema místico espontâneo criado pela prima e vários sistemas antigos de ocultismo, constatação que fez parte, tempos depois, da sua hipótese acerca de um inconsciente coletivo.

Para explicar o caso, Jung (1902/1993) recorreu às noções de Janet – desagregação –, Flournoy – função de compensação do inconsciente –, e Freud – o papel da sexualidade no desenvolvimento das manifestações. Primeiramente, Jung fará uma classificação dos sintomas e defenderá o diagnóstico de histeria. Com base em Janet, considerará as personalidades secundárias de sua prima como dramatizações históricas da cisão de seu ego onírico. Seguindo Flournoy, ele verá no estado sonambúlico da médium, uma continuação do eu acordado, mas no sentido de uma compensação, em que os transe teriam se tornado receptáculos para os ideais de virtude e perfeição da jovem – ela parecia cumprir, em transe, um papel que não correspondia àquilo que era em seu dia-a-dia, agradando com isso a si mesma e aos seus familiares, impressionados com as manifestações; denotava um lado mais adulto, como que pressagiando futuros desenvolvimentos, em contraste com seu caráter vigente. Também obtinha nesses estados, uma paz e uma tranqüilidade que não encontrava em sua vida cotidiana. Por último, Jung admitirá uma etiologia sexual para o caso, tomando como referência a teoria pioneira de Freud de *A interpretação dos sonhos*:

Os romances da paciente lançam muita luz sobre as raízes subjetivas de seus sonhos. Neles há profusão de casos amorosos abertos e secretos, de nascimentos ilegítimos e outras insinuações sexuais. [...] *Mas sua teoria da reencarnação, na qual aparece como a mãe ancestral de incontáveis milênios, brota, em sua ingênua nudez, de uma fantasia exuberante, o que é bem característico da época da puberdade.* [...] Não estaremos equivocados se procurarmos na sexualidade emergente a principal causa desse quadro clínico peculiar. Visto sob este ângulo, *todo o ser de Ivenes [entidade que se manifestava pela médium] [...] nada mais é que do que um sonho de realização de desejos sexuais* que se distingue do sonho de uma noite pelo fato de prolongar-se por meses e anos. (Jung, 1902/1993, p. 79)

Tempos depois, os transe de S.W foram se deteriorando e perdendo a espontaneidade corriqueira. Com isso, ela passou a utilizar-se de trapaças para convencer a todos de que ainda era capaz de realizar os fenômenos que alegava. Viria mais tarde a abandonar sua carreira mediúnica, tornando-se pessoa “[...] aplicada e responsável [...] mais quieta, comedida e simpática” (Jung, 1902/1993, p. 53).

O estudo de caso com sua prima suscitou importantes reflexões, mas uma noção mais completa da mediunidade e das crenças espiritualistas, só surgiria anos mais tarde. Jung (1905/2000, p. 291) viu no Espiritismo uma “peculiar dupla natureza – por um lado seita religiosa, por outro lado hipótese científica – faz com que o Espiritismo atinja as esferas mais diversas e aparentemente mais distantes da vida”. Afirmou que os(as) médiuns devem ser abordados(as) “com um mínimo de expectativas, se não se quiser ficar desapontado” (Jung, 1905/2000, p. 296), e argumentou que a mediunidade é um fenômeno pertencente “ao campo dos processos mentais, dos processos cerebrais, e é explicável pelas leis já conhecidas da ciência” (Jung, 1905/2000, p. 296).

Uma importante contribuição ao problema da mediunidade veio com a sua teoria sobre os *complexos ideo-afetivos*, que serviu de base para o famoso Teste de Associação de Palavras. Jung (1935/1985) acreditava que certos conteúdos reprimidos da consciência, ou mesmo potenciais latentes insuficientemente explorados, poderiam juntar-se no inconsciente e formar com isso verdadeiros aglomerados de idéias e de afetos relacionados entre si, aos quais ele deu o nome de *complexos*. Esse fenômeno se dá, na visão de Jung, porque o ego, centro da consciência, tende a selecionar os estímulos que mais o agradam, reprimindo ou projetando aqueles conteúdos que não se ajustam à visão de mundo que dá base à identidade de um indivíduo, à sua noção de sujeito. Esse processo é influenciado por diversos fatores, incluindo o contexto familiar e a cultura na qual o indivíduo nasceu. A ‘personalidade’ consciente é, portanto, resultado de um processo unilateral, expressão da própria natureza seletiva da consciência. Os conteúdos rejeitados, por sua vez, formarão os núcleos a partir dos quais se originarão complexos ideo-afetivos inconscientes. Por serem dotados de energia própria, os complexos detêm certa autonomia frente à consciência, e tendem a invadi-la, irrompendo sob a forma de atos falhos, sintomas, mudanças bruscas de humor etc. – fenômenos que já haviam sido estudados por Freud. Com o tempo, caso não sejam de algum modo integrados à consciência, os complexos tendem a originar verdadeiras personalidades secundárias, por vezes opostas aos valores conscientes. Quanto mais a importância desses conteúdos for subestimada pelo ego, maiores serão suas tentativas de invasão e irrupção na consciência. É assim que Jung explicava alguns dos fenômenos de mediunidade, possessão e personalidades múltiplas. Ellemberger (1970) verá na teoria dos complexos uma elaboração posterior das *idéias fixas subconscientes* de Janet.

Com sua teoria dos arquétipos, foi possível iluminar um tanto mais uma explicação da mediunidade. Jung (1920/2004) considerava a crença nos espíritos dos mortos o resultado de uma apreensão intuitiva – e conseqüente projeção no meio externo – de aspectos da personalidade ainda

não totalmente desenvolvidos pela consciência – conteúdos inconscientes – que se manifestariam nos sonhos e nas visões imaginativas como almas desencarnadas e seres sobrenaturais, caracterizando assim uma função arquetípica e universal⁵³. As crenças a respeito de espíritos, anjos, demônios e outras entidades sobrenaturais representariam uma personificação das forças dinâmicas do inconsciente vistas como criaturas ou seres sobre-humanos, de modo semelhante aos deuses da antiguidade. A idéia de uma realidade *post-mortem*, na concepção junguiana, proviria justamente da compreensão de que existem certos aspectos da psique os quais fogem inteira ou parcialmente ao controle da consciência, denotando outro sistema de funcionamento – o inconsciente – encarado popularmente como um ‘outro mundo’, distinto daquele percebido pelo ego: “[...] ‘imortalidade’ significa apenas uma atividade psíquica que ultrapassa os limites da consciência. O ‘além-túmulo’ ou ‘depois da morte’ significam psicologicamente o ‘além da consciência’”. (Jung, 1920/2004, p. 67)

Embora Jung se negasse a avaliar as questões místicas e religiosas de uma perspectiva metafísica, limitando-se a considerá-las em seu aspecto estritamente psicológico, ele acreditava que as religiões desempenham um papel crucial na vida das pessoas e na sua capacidade de lidar com a questão da morte. Chegou a defender a idéia de que as religiões são como sistemas psicoterapêuticos ‘naturais’ à disposição do homem, os quais facilitam as relações entre o ego e o Self, e contribuem no desenvolvimento da personalidade, ao converterem a energia instintiva em atividades psicológicas específicas. “A religião é o sistema mais elaborado por trás do qual se esconde uma grande verdade prática” (Jung, 1935/1985, p. 151). Com base nessas premissas, Jung reformulará parte de sua tese inicial sobre a mediunidade; nesse segundo momento, a mediunidade não será enxergada exclusivamente sob o prisma da psicopatologia, mas, ao contrário, de uma perspectiva terapêutica. Para ele, os espíritos, enquanto personificações das forças inconscientes que

⁵³ Farr (1996) acusou Jung de haver confundido o *genérico* com o *genético* em sua teoria sobre o inconsciente coletivo. Esse parece ser um retrato comum de Jung por parte dos psicólogos sociais, mas não corresponde a uma leitura mais aprofundada de sua obra. Os arquétipos não são determinantes rígidos do comportamento, mas estruturas formais acolhedoras de certos comportamentos e conteúdos cognitivos ou afetivos. Tais conteúdos, entretanto, não são inatos; eles são dados pela cultura – apesar de preencherem formas arquetípicas transculturais. A ‘universalidade’ dessas formas – em contraste com a relatividade de seus conteúdos – pode ser demonstrada pelo estudo comparativo de mitos e outras manifestações simbólicas, em âmbito transcultural. Tais formas, por sua vez, são inerentemente mutáveis, e estabelecem como que uma relação de retroalimentação com as influências externas e sociais. A teoria de Jung deve ser entendida assim mais como uma tentativa de integração de elementos da Psicologia e da Biologia com os estudos antropológicos – apontando, não obstante, para uma relação dialética entre o universal e o particular – do que como naturalização ou antítese a uma perspectiva sociológica ou antropológica (Nagy, 2003). Como salientaram Handlbauer (2005) e Shultz e Shultz (1999), Jung antecedeu Freud nas discussões sobre as fronteiras entre o individual e o coletivo, e foi só depois do rompimento com Adler e Jung – inaugurando a chamada *Psicanálise culturalista*, da qual participaram mais tarde Erich Fromm, Karen Horney, etc. – que Freud passou a conceder maior atenção às relações entre Psicanálise e sociedade. Muitos pós-junguianos têm se preocupado também em reforçar e ampliar os aspectos sociais da teoria de Jung, como no brilhante trabalho de Hillman (1984).

agem sobre o ego, estariam muitas vezes a serviço do desenvolvimento da consciência humana e de sua unificação com o inconsciente. Nesse sentido, o Espiritismo terá para ele uma função compensatória frente ao extremismo materialista que imperava no final do século XIX. Assim, as manifestações mediúnicas passaram a ser vistas como reações salutares do inconsciente à unilateralidade do ego. “Este esforço pode ser comparado ao da psicoterapia moderna. Também ela procura compensar a unilateralidade, estreiteza e limitação da consciência” (Jung, 1948/2000, p. 314). Sua nova postura permitirá inclusive uma releitura do caso de sua prima. As alterações de personalidade da jovem, durante o transe, em que ela passava de um estado rotineiro, mais confuso, para um estado sério e compenetrado, poderiam ser vistas agora como tentativas do inconsciente em promover o amadurecimento e desenvolvimento da consciência de S.W. Ao atingir esse último estado num nível consciente, teve suas manifestações mediúnicas cessadas.

A posição de Jung a respeito dos eventos paranormais, todavia, foi quase sempre marcada por certa ambigüidade, característica essa que o acompanhou desde o início de sua carreira. Quando estudante de medicina, Jung já apreciava imensamente o estudo da Parapsicologia e se mostrava favorável a essas pesquisas, adotando uma postura claramente anti-materialista (Nagy, 2003). Nas suas obras posteriores, ele tendia a defender uma perspectiva unicamente psicológica do paranormal, mas não reservou a mesma explicação para experiências pessoais suas. No livro *Memórias, Sonhos e Reflexões* (1963/1978) vemos Jung narrando de forma convincente seus incidentes pessoais de natureza paranormal e especulando em torno da vida após a morte e da reencarnação. Em 1916, ele escreveu um manuscrito de origem supostamente mediúnica intitulado *Sete Sermões aos Mortos*, reproduzido em Jung (1963/1978). E em diversos momentos de sua obra, também titubeou ao falar sobre os fenômenos paranormais, ora admitindo sua existência, ora se abstendo de emitir juízos. Numa de suas famosas conferências, chegou a afirmar que: “[...] a realidade aí está, e tais fenômenos são comprovados. Sonhos premonitórios, comunicações telepáticas etc. são propriedades da intuição” (Jung, 1935/1985, p. 11).

3.2 Perspectivas atuais: do intrapsíquico ao psicossocial

A partir das primeiras duas décadas do século XX, o interesse pela mediunidade vai, aos poucos, diminuindo drasticamente. Tais investigações mantiveram ainda um relativo interesse

científico nos anos posteriores à primeira guerra mundial, em decorrência da grande tensão social e emocional dela resultante. Exemplos disso podem ser encontrados em artigos publicados no início do século nos *Annales de Sciences Psychiques* (Vesme, 1915) e na famosa obra de Sir Oliver Lodge, “Raymond”, tratando especificamente de alegadas comunicações mediúnicas com seu filho morto na guerra (Lodge, 1916/2008).

Na Parapsicologia, a substituição dos estudos de caso e sessões com médiuns pela pesquisa experimental sobre psicocinese (PK) e percepção extra-sensorial (ESP), na chamada era Rhine, contribuíra também para um arrefecimento do interesse científico na sobrevivência, ainda que o próprio Joseph Rhine houvesse sugerido alguma sustentação para essa hipótese em função das supostas implicações metafísicas da existência de psi (Rhine, 1965).

Acredita-se também que a ascensão do movimento psicanalítico tenha sido responsável, em parte, pelo continuado desinteresse na mediunidade como objeto de estudo. Ao contrário da Pesquisa Psíquica, a Psicanálise estabeleceu técnicas terapêuticas que ao longo dos anos se expandiram, obscurecendo com isso o trabalho em torno das manifestações mediúnicas e outras formas de experiências tidas como paranormais (Shamdasani, 1994). Conquanto as origens da Psicanálise remontassem à investigação de estados alterados de consciência, como a hipnose, houve uma forte tendência posterior em suspender sua ocorrência a favor de uma nova metodologia – associações livres, análise dos sonhos, análise da transferência etc. Cabe destacar, como sugeriram alguns estudiosos, que antes de haver constituído somente o efeito de mudanças metodológicas e epistemológicas necessárias diante da insuficiência dos recursos disponíveis – como a hipnose – essa mudança acompanhou transformações no próprio meio social, incluindo o avanço do cientificismo. Apesar de as experiências mediúnicas e paranormais receberem, inicialmente, maior atenção, tanto do público quanto dos meios científicos, a recorrente vinculação estabelecida entre as mesmas e o campo da psicopatologia fez diminuir esse entusiasmo. Os métodos psicanalíticos, ao contrário das sessões mediúnicas, permitiram então uma relação mais controlada e racional com o inconsciente, menos intensa e apaixonada do que nas populares sessões espiritualistas de outrora (Hess, 1991; Shamdasani, 1994).

Nos estudos de abordagem psicanalítica, o paradigma inicial da mediunidade como histeria prevaleceu, ainda que as pesquisas anteriores houvessem apontado lacunas nesse tocante. Há também o fato de que, pela sua associação com o Espiritismo, as manifestações mediúnicas tornaram-se ameaçadoras à Psicologia, na sua tentativa de se estabelecer como um ramo científico, longe das especulações metafísicas. Assim, a Psicologia foi gradativamente abandonando seu

interesse pela mediunidade e outras experiências ‘psíquicas’, substituindo-o pelo estudo da mente infantil e das psicopatologias e alçando esses dois últimos tópicos à condição de modelos referenciais para a compreensão da psique. Isso se deu não só por uma influência de Freud, mas também pelo trabalho de pioneiros como Jean Piaget (Shamdasani, 1994). Como indagaram Almeida e Lotufo Neto (2004, p. 137) “o que é digno de nota é o fato de a mediunidade ter sido objeto de intensas pesquisas que não levaram a uma teoria única e, mesmo assim, os estudos terem sido interrompidos”.

O interesse científico pela mediunidade só foi retomado mais recentemente no contexto das pesquisas sobre a natureza da consciência e da relação mente-corpo (Beischel, 2007; Braude, 2003; Kelly et al, 2007; O’Keffe e Wiseman, 2005; Schwartz & Simon, 2002). Mas a verdade é que os estudos atuais – escassos – continuam a lidar praticamente com os mesmos problemas enfrentados pelos investigadores pioneiros, tendo avançado muito pouco. Na maioria deles, persiste o interesse em verificar experimentalmente a hipótese da sobrevivência após a morte, bem como outras eventuais habilidades paranormais dos médiuns, em maior ou menor detrimento aos aspectos propriamente psicológicos do fenômeno, fato igualmente frisado por Roxburgh (2007). Aquilo que se denomina de ‘psicologia’ da mediunidade geralmente aparece, nessas investigações, ou como exploração de aspectos fenomenológicos e psicopatológicos dessas experiências, ou como recurso elucidativo das possíveis distinções entre o que seria de base paranormal e o que seria de base individual. Como acertadamente assinalou Braude (2003, p. xiii): “[...] a maior parte da literatura sobre sobrevivência é indesculpavelmente superficial em termos psicológicos”. Isso inclui parcial desconsideração dos possíveis fatores, necessidades e motivações inconscientes por trás dessas experiências – independentemente ou não de antecedentes patológicos⁵⁴. Embora Janet, Jung, Flournoy e outros pioneiros estivessem atentos quanto a esse aspecto da mediunidade – haja vista a criteriosa investigação de Flournoy conduzida com Hélène – muitos estudos atuais negligenciam uma análise aprofundada da história de vida dos médiuns, sua vida familiar, seus relacionamentos amorosos e sexuais, suas relações sociais, sua vida íntima etc. E as informações levantadas, quando

⁵⁴ Sobre esse ponto, Gauld (1982/1995, p. 162) contra-argumenta que: “[...] estas proposições sobre acontecimentos no inconsciente são tão inverificáveis quanto histórias sobre o outro lado de nenhures, parecendo-me o tipo de especulação estéril com que [...] deveríamos evitar nos enredar”. Mas se tomarmos como exemplo o caso Hélène ou o caso S.W, estudados respectivamente por Flournoy e Jung, veremos que não é assim tão difícil demonstrar os processos psicológicos subjacentes às manifestações mediúnicas. Ademais, deve-se recordar que, desde Freud, não se estudam os processos inconscientes *per se*, mas suas repercussões na subjetividade e no comportamento dos indivíduos; tais repercussões são efetivamente verificáveis, embora suas origens sejam frequentemente desconhecidas ao indivíduo. O perigo não está na postulação de um inconsciente enquanto conceito hipotético, mas na sua antropomorfização. Afora essa última possibilidade, mesmo os psicólogos cognitivos aderem, hoje, à existência de processos inconscientes (Epstein, 1994).

disponíveis, são, em geral, insuficientes para uma avaliação psicológica mais acurada. Ainda de acordo com Braude (2003, p. 25): “nós precisamos reconhecer que essas pessoas são seres humanos típicos, apesar da singularidade de suas experiências”.

Em artigo recente, Krippner e Hövelmann (2005) afirmaram que parece muito pouco provável que a pesquisa da mediunidade possa contribuir para solucionar empiricamente o problema metafísico da vida após a morte. Os resultados desses estudos, por outro lado, podem nos dizer muito sobre o processo de morrer e sobre a condição humana em geral. Também Irwin (2002, p. 25) defende que “a hipótese da sobrevivência precisa ser colocada à parte substancialmente como uma provocativa, porém, no final das contas, improdutiva faceta da história da Pesquisa Psi”. Alvarado (2003b) argumenta a favor da importância histórica do conceito de sobrevivência para o desenvolvimento da parapsicologia, sem adentrar discussões de ordem ontológica. Zangari, Maraldi e Machado (2010) acreditam, por seu turno, que embora as evidências encontradas a favor da sobrevivência mereçam atenção, muitos são os desafios metodológicos e conceituais a serem enfrentados ainda pelos pesquisadores desse campo para bem cumprirem, cientificamente, com seu intento.

Uma contribuição relevante de algumas das pesquisas recentes tem sido o estabelecimento da mediunidade como um fenômeno psicossocial, desvinculando-a de interpretações exclusivamente intrapsíquicas ou mesmo religiosas (Boddy, 1994; Bourguignon, 2004; Maraldi, 2008, 2009a, 2009b, 2010; Maraldi, Machado & Zangari, 2010a; Selligman, 2005; Zangari, 2003; Zangari e Maraldi, 2009a; Zangari e Maraldi, 2009b). As pesquisas clínicas também têm prestado importantes contribuições, na medida em que estão esclarecendo melhor as fronteiras entre mediunidade e psicopatologia, como veremos doravante.

No que tange ao aspecto psicossocial, os pesquisadores têm cada vez mais explorado e esmiuçado os mecanismos por meio dos quais os fenômenos dissociativos, incluindo a mediunidade, sofrem a conformação de aspectos do contexto histórico e social, algo que parece ter sido apenas parcialmente explorado pelos primeiros investigadores, preocupados como estavam com as dimensões individuais, hereditárias e paranormais das experiências mediúnicas. Como vimos em relação aos cinco autores previamente revisados, eles não necessariamente negligenciavam fatores de ordem social; entretanto, estes pareciam compor um espaço diminuto em suas explicações se comparados aos demais fatores evocados. Cole (2001, p. 20) nos exemplifica esse aspecto com relação à médium Leonora Piper:

A SPR [Sociedade de Pesquisas Psíquicas] parece ter desconsiderado fatores sociais ou pessoais [no caso Piper]: eles não registraram nenhuma informação sobre sua vida privada

ou seus antecedentes; as histórias oficiais da Sociedade não citaram a data nem do seu nascimento, nem da sua morte. Suas circunstâncias sociais, crenças religiosas, sua personalidade, suas circunstâncias econômicas e sua disposição mental são superficialmente consideradas. [...] Pode-se argumentar que esses fatores mereceriam alguma consideração, ou ao menos uma menção [grifo nosso].

Uma explicação plausível para a postura descrita é a de que esses pesquisadores não visualizavam as questões sociais como assunto de sua alçada, muito embora admitissem sua relevância para a compreensão de alguns dos fenômenos aos quais se dedicavam. De fato, como nos mostra Farr (1996), Wilhelm Wundt (1832-1920) separava, naquela época, sua psicologia experimental – parte das *Naturwissenschaften* ou ciências naturais – da sua psicologia social ou *Völkerpsychologie* – parte das *Geisteswissenschaften* ou ciências humanas e sociais. A Psicologia, para Wundt, era apenas parcialmente um ramo das ciências naturais; ela compartilhava um território comum à Antropologia e à Sociologia. Todavia, como a maior parte dos psicólogos daquele período tendia a buscar um espaço para sua disciplina no campo das ciências naturais, de modo a garantir o que consideravam sinal de sustentabilidade e legitimidade científica, a identificação com a psicologia experimental era bem mais ostensiva. Por sua vez, no final do século XIX, o sociólogo Émile Durkheim havia proposto uma divisão radical entre representações individuais e coletivas, demarcando assim o campo da Psicologia para as primeiras e o campo da sociologia para as segundas. Sem uma disciplina intermediária, capaz de fornecer um aporte conceitual para a intermediação desses campos, cada uma dessas áreas havia se dedicado a extremidades diferentes de um mesmo *continuum* como se fossem instâncias isoladas e raramente intercomunicáveis.

Frente ao desenvolvimento da psicologia social nos últimos anos, essa barreira tem sido gradativamente transposta, levando-nos a expandir as concepções intrapsíquicas da mediunidade, em direção a outras que melhor contemplem sua faceta dupla e complementar, ao mesmo tempo individual e coletiva. Como afirma Zangari (2003, p. 54 e 55):

[...] apesar da mediunidade “fazer uso” de capacidades dissociativas individuais do médium, a dissociação parece disciplinada pelo grupo social de que o médium participa [...]. Os elementos sócio-culturais que darão o contorno das personalidades “intrusas” estão presentes no grupo social do médium e, portanto, na mente do médium [...] a diferença entre a dissociação patológica e a dissociação não-patológica reside na cultura.

Desse modo, não nos parece mais possível compreender a mediunidade por um enfoque que exclua os elementos culturais, uma visão descontextualizada. Nessa linha de raciocínio, uma importante teorização foi proposta por Zangari (2003). Seu trabalho se notabiliza pelo desenvolvimento de uma teoria da mediunidade de incorporação, na Umbanda, que engloba tanto a dimensão social mais ampla, quanto a dimensão social dos grupos e a dimensão individual dos fenômenos mediúnicos. Sua teoria parte da noção básica da mediunidade como fenômeno

psicossocial, enfatizando o papel da linguagem na construção grupal das experiências anômalas / paranormais. Sua pesquisa se diferencia ainda pelo fato de abordar o fenômeno mediúnico num contexto religioso em que ele se dá de maneira bastante natural, onde a experiência direta das ‘entidades espirituais’ é extremamente valorizada – visto que toda a tradição umbandista é transmitida de forma oral, pois são poucos os livros existentes a respeito, ao contrário do Espiritismo dito kardecista.

Para Zangari (2003), o desenvolvimento da função mediúnica entre as médiuns que estudou, atravessaria seis estágios ou processos específicos, que atuariam de forma concomitante e independente:

a) Assimilação = processo pelo qual o indivíduo passa a conhecer melhor a doutrina religiosa e o papel que cabe ao médium nesse contexto. Caracteriza-se pela “constituição de uma imagem interna ou representação das crenças do grupo” (Zangari, 2003, p. 174), e que envolve não apenas uma compreensão consciente, mas informações não-verbais e subliminares presentes em qualquer forma de interação humana;

b) Entrega = consiste na aceitação dos fenômenos, na disponibilidade para adentrar o estado de transe e permitir a ‘incorporação’;

c) Treino = afirma que a mediunidade é uma alteração de consciência disciplinada culturalmente, a qual segue determinados passos e comportamentos previstos pelas crenças do grupo. Esses passos devem ser seguidos caso se queira executar a função mediúnica adequadamente. O indivíduo se envolve cada vez mais com as crenças grupais, interiorizando-as e acomodando-as frente às diferentes situações da vida e ao contexto religioso em si. Esse processo envolve não só uma adaptação psicológica, como corporal:

[...] uma vez que a entrega se realize, o organismo (compreendido aqui como o conjunto corpo-mente) se acomodará conforme o esperado. Uma vez vencida a resistência inicial, a estranheza de ter seu corpo ocupado por um outro ser, a médium exercitará seu sistema nervoso de modo a que funcione de acordo com as crenças do grupo, agora também crenças da médium, uma vez que ela também é parte do grupo. (Zangari, 2003, p. 176)

d) Criação = período de “incubação criativa” (Zangari, 2003, p. 178) em que as médiuns constroem inconscientemente as entidades que se ‘comunicarão’ por seu intermédio. Esse processo está limitado pelos conteúdos próprios da doutrina religiosa⁵⁵;

e) Manifestação = atuação das criações num contexto ritual;

⁵⁵ A literatura parapsicológica conta ainda com interessantes estudos sobre a natureza dos ‘espíritos guias’ ou ‘controles’ – como são geralmente chamados nessas pesquisas – os quais, no entanto, não revisaremos aqui em profundidade. Para maiores detalhes, cf. Carrington (1934, 1935, 1936), Leshan (1994b), Williams e Roll (2007). Na parte três da dissertação, faremos vez ou outra referência a essas pesquisas, ao discutirmos as manifestações dos ‘espíritos guias’ de nossos próprios entrevistados.

f) Comprovação = busca por evidências que comprovem a origem espiritual do fenômeno, em prol da manutenção da identidade mediúnica e da identidade grupal.

Para Zangari (2003) deve-se considerar o papel do médium como unificado, e não como a simples soma dos ‘espíritos’ ou facetas de sua identidade manifestadas no estado de transe. O médium é, na verdade, aquele que tem “a capacidade de assumir múltiplos papéis” (Zangari, 2003, p. 185). Os espíritos são expressões de papéis sociais, mas cujo automatismo não permite às médiuns exercer qualquer controle sobre eles. As médiuns seriam ao mesmo tempo intérpretes e co-autoras de suas entidades. Por fim, Zangari irá levantar os possíveis ganhos psicológicos dessas manifestações na vida das médiuns estudadas, estabelecendo uma aproximação entre suas teorias e uma perspectiva psicodinâmica da mediunidade, semelhante àquela realizada por Flournoy ou Jung.

Um estudo que nos parece sustentar perspectiva psicossocial semelhante à de Zangari é a análise antropológica conduzida por Selligman (2005) com uma amostra de participantes do Candomblé baiano. Visando estabelecer uma etiologia da mediunidade que integrasse tanto aspectos e tendências individuais e psicofisiológicas quanto uma dimensão das crenças e práticas grupais, Selligman realizara uma aprofundada investigação com base no material proveniente de observações etnográficas, histórias de vida, entrevistas semi-estruturadas e aplicação de inventários psicológicos. Para a autora, a mediunidade deve ser entendida como resultado da constante interação entre determinadas peculiaridades somáticas dos médiuns, aliadas a possíveis necessidades psicossociais suas; as crenças e rituais do grupo a que pertencem e a assunção que fazem do papel social de médium. O modelo defendido pela autora inclui assim: 1) fatores sociais – etnia, gênero, classe e ambiente social e físico; 2) fatores psicológicos, incluindo sintomas de ansiedade, depressão e tendências dissociativas; e 3) fatores psicobiológicos, como determinados padrões de reatividade fisiológica característicos dos médiuns. A maioria dos participantes investigados por Selligman era de mulheres negras de baixa renda, o que reforça, para a autora, a relevância da mediunidade como uma resposta a processos de discriminação e exclusão sociais. Além disso, a condição social, bem como o estilo de vida dos participantes, predisporia-os ao desenvolvimento de sintomas depressivos e de ansiedade, em relação aos quais as práticas de transe e incorporação mediúnica atuariam como eventuais recursos terapêuticos e catárticos. As redes sociais estabelecidas com os demais médiuns e frequentadores forneceriam ainda subsídios para o enfrentamento de dificuldades e problemas familiares, busca por pertencimento e adaptação social etc. Do ponto de vista da formação da identidade, o papel de médium funcionaria como um catalisador da *auto-transformação* (*self-transformation*), possibilitando uma reconstrução da

história de vida como prelúdio da atividade de médium a ser posteriormente desempenhada – função essa igualmente identificada por nós, e de maneira independente, em nosso estudo exploratório com médiuns espíritas (Maraldi, 2008). Num nível fisiológico, Selligman interpreta a mediunidade como expressão de tendências somáticas e dissociativas específicas desses indivíduos, mas que sozinhas não dariam conta da complexidade do fenômeno. Conclui que a escolha desses indivíduos pela religião do Candomblé teria relação com sua predisposição à somatização: sua conversão estaria intrinsecamente vinculada à importância que as crenças e práticas de Candomblé conferem à utilização do corpo como veículo ritualístico.

Os estudos psicossociais da mediunidade têm recebido, por sua vez, a adesão dos estudos clínicos, que parecem corroborar, em grande parte, a construção social do fenômeno em oposição a uma abordagem meramente patológica ou intrapsíquica. Vários autores têm constatado que a mediunidade não está associada, necessariamente, a quadros patológicos (Almeida, 2004; Negro, 1999; Reinsel, 2003). Embora o fenômeno possa ser admitido como uma espécie de dissociação, não constitui, irrevogavelmente, um tipo de dissociação patológica, sobretudo, quando se vê conformado a um grupo religioso que lhe confere interpretações delimitadoras (Krippner e Powers, 1997; Moreira-Almeida, Lotufo Neto e Greyson, 2007). Grosso (1997) chega a defender a mediunidade, juntamente com a inspiração artística e o surrealismo, como formas de ‘dissociação criativa’. Para o autor, o que parece ser fragmentação e desagregação numa dada cultura pode ser, na verdade, o prelúdio de uma maior integração psíquica. Moreira-Almeida e Koss-Chiokino (2009) também apresentam os resultados de estudos realizados no Brasil e em Porto Rico, ilustrando o caráter terapêutico e de ajuda psicossocial das práticas espíritas no tratamento complementar a pacientes psicóticos. Por seu turno, Leão (2004) aponta para os possíveis benefícios das práticas religiosas espíritas na evolução clínica e comportamental de pacientes portadores de deficiência mental.

Ao discutir as relações entre a mediunidade e os transtornos de múltipla personalidade (Transtorno Dissociativo de Identidade), Braude (1988) sugere que enquanto a criação das personalidades múltiplas começa normalmente como uma reação a eventos traumáticos e insuportáveis, a mediunidade tende a se desenvolver de forma mais saudável – embora o autor não desconsidere totalmente o vínculo existente entre certas manifestações mediúnicas e psicopatologia. Uma posição semelhante foi adotada por Richeport (1992), bem como por Moreira-Almeida, Lotufo Neto e Cardeña (2008).

As pesquisas também não têm sustentado que a mediunidade seja invariavelmente uma defesa contra o sofrimento psíquico ou a exclusão social (Negro, 1999), malgrado os resultados do presente estudo, a par daqueles com os quais elaboramos nossa pesquisa exploratória (Maraldi, 2008), demonstrem que as crenças e experiências mediúnicas efetivamente atuam nessa direção, em diversas ocasiões.

Na pesquisa de Almeida (2004), o perfil sócio-demográfico dos participantes (espíritos) é elevado, ao contrário do que se poderia esperar. Em sua amostra, a associação da mediunidade com transtornos mentais, como a esquizofrenia, não foi confirmada, nem se mostrou exequível: “[...] seria difícil classificar como portadores de um transtorno mental indivíduos que estão satisfeitos com sua mediunidade, não apresentam uma taxa elevada de outros problemas psiquiátricos e possuem uma boa adequação social” (Almeida, 2004, p. 149). Na amostra investigada – 115 médiuns de centros espíritos de São Paulo – a maioria dos participantes apresentava *sintomas dissociativos*, mas não preenchiam os requisitos para *transtornos dissociativos*. O autor chama a atenção para o cuidado que se deve ter em considerar precipitadamente como sinais de patologia as alterações de consciência apresentadas pelos médiuns, pois essa postura “[...] já redundou em atitudes autoritárias, preconceituosas e repressivas por parte de boa parte da comunidade psiquiátrica contra as religiões mediúnicas” (Almeida, 2004, p. 152).

Mas devemos igualmente salientar que, conquanto a maioria dos estudos sustente uma associação positiva entre mediunidade e saúde mental, outros nos levam a crer que, antes de constituir regra, essa correlação nem sempre se apresenta tão clara e evidente. Na pesquisa de Thakur e Pirta (2009), um grupo de trinta indianos que relatavam possessão por espíritos foram considerados em comparação a um grupo controle também de trinta participantes. O grupo de médiuns revelou menor bem-estar subjetivo e maiores tendências neuróticas. A pesquisa também mostrou que esses resultados estavam intrinsecamente associados à assunção de suas crenças religiosas. No estudo de Ferracuti, Sacco e Lazzari (1996), os dados obtidos com a aplicação do teste das manchas (Rorschach) em dez pacientes psiquiátricos que relatavam possessão por demônio e haviam sido tratados por exorcismo, revelaram uma complexa organização de personalidade: alguns deles denotaram uma tendência à excessiva simplificação de estímulos perceptivos, enquanto outros expressaram o contrário. Muitos deles apresentaram significativas falhas no teste de realidade e, em confirmação às pesquisas sobre crenças paranormais, a maioria se mostrou mais extratensiva. Os autores do estudo defendem, a partir desses dados, que a possessão seja clinicamente considerada um transtorno dissociativo.

Recordando o que dissemos outrora a respeito das crenças paranormais, o padrão mais provável por trás da controvérsia instaurada acerca dos eventuais benefícios ou malefícios psicológicos dessas crenças e experiências parece ser um que contemple o fato de elas serem, como qualquer outra expressão psíquica humana, capazes de se deslocarem de um extremo a outro. Não sendo inerentemente patológicas ou saudáveis, nem por isso deixam de ser afetadas por processos de ordem psicopatológica que, antes de constituírem sua principal causa, são um efeito de como certas doenças por elas se manifestam e a elas deformam. Ademais, é importante pensar em como os processos sócio-culturais interferem no condicionamento dessas práticas e crenças, interagindo com os sintomas psicopatológicos e as interpretações a estes conferidas.

Thakur e Pirta (1998), por exemplo, levantaram resultados de estudos anteriores que demonstram a interferência de fatores sociais e institucionais no condicionamento do quadro clínico. A partir de um estudo no Sri Lanka, Somasundaram, Thivakaran e Bhugra (2008) concluem que a possessão é o espectro de um fenômeno comportamental visto tanto sob formas culturalmente aceitáveis, em pessoas tidas como normais, adeptos de religiões e práticas populares, quanto sob manifestações de doenças psicóticas. Defendem igualmente que, embora práticas religiosas institucionalizadas tragam eventuais melhorias aos efeitos desses transtornos, é importante que os psicólogos e psiquiatras se informem acerca das experiências mediúnicas, no sentido de contribuírem com o seu conhecimento científico. Num interessante estudo de caso clínico, Martínez-Taboas (1999) relata a difícil trajetória de vida de um psicótico porto-riquenho de 44 anos que, vitimado por delírios persecutórios de conteúdo espírita e experiências involuntárias de transe, obteve grande melhora graças aos recursos terapêuticos empregados. Sensível ao papel das crenças religiosas do paciente na sua compreensão de mundo, Martínez-Taboas optou por não contestar sua veracidade, mas sim por modificar-lhes o sentido. Ajudou o paciente a interpretar seus transe como uma possível dádiva divina, e não como intrusões de espíritos malévolos; trabalhou-se a relação do paciente com essas figuras, cujo diagnóstico mostrou se tratar, na verdade, de personificações de pessoas da vida do paciente, com as quais ele mantinha conflitos psíquicos não totalmente resolvidos. Ao fim do tratamento, o paciente diminuiu os sintomas e retomou suas atividades sociais e profissionais.

Borch-Jacobsen (2001) nos recorda que a história da psiquiatria há muito demonstrara o caráter variável e flutuante dos diagnósticos psiquiátricos, revelando-nos como interação com teorias, práticas institucionais e modelos de tratamento historicamente datados, ao invés de

simplesmente constatarem categorias imanentes. É preciso estudar, portanto, as complexas interações que emergem entre os médicos e psicólogos, os pacientes e a sociedade que os cerca.

3.3 Conclusão

Considerar a mediunidade não apenas pelo seu aspecto individual-dissociativo tem levado, como foi visto, a uma análise das correlações entre fenômenos psicofisiológicos (como a própria dissociação) e fenômenos culturais. Deslocou-se, portanto, o eixo interpretativo de fatores psicopatológicos ou intrapsíquicos para os de caráter psicossocial. Mas, parece que tais relações ainda não estão bem delineadas. Não basta apontar a existência de correlações. Seria necessário novamente enfatizar que não parece haver informações suficientes de *como* e em *quê* essa correlação se dá. Foi na tentativa de encontrar caminhos explicativos para essas questões que trabalhos recentes nesse sentido foram desenvolvidos (Boddy, 1994; Bourguignon, 2004; Machado, 2009; Maraldi, 2008, 2009a, 2009b, 2010; Maraldi, Machado e Zangari, 2010; Selligman, 2005; Zangari, 2003; Zangari e Maraldi, 2009).

Acreditamos ser por meio de uma perspectiva psicossocial que se chegará a uma compreensão mais efetiva das principais lacunas que cercam o campo dos estudos científicos sobre a mediunidade. Muitas das pesquisas disponíveis atualmente carecem ainda de uma visão que integre o social e o individual, ou que veja no individual uma expressão também das relações sociais e dialéticas. Em nosso contexto sócio-cultural, a abordagem psicossocial parece não só mais adequada em termos práticos, frente às condições próprias a um país ainda em desenvolvimento como o Brasil, como também necessária metodologicamente, no sentido de um correto ajustamento às condições empíricas particulares ao contexto de realização dessas pesquisas.

É evidente que uma perspectiva psicossocial da mediunidade terá muito a contribuir também em outros contextos sociais. Para isso, será necessário partir de uma compreensão de indivíduo bastante distinta daquela comumente adotada nas investigações efetuadas até agora sobre essas experiências, expressão de uma herança teórica muitas vezes biologizante e redutora do social ao biológico. É preciso que essas duas dimensões de análise, a biológica e a psicossocial, se interpenetrem e se complementem de modo a originar hipóteses mais amplas e completas acerca da mediunidade.

*Parte dois –
Referencial Teórico e
Método*

4 Identidade

A questão da identidade é uma questão central, porque problematiza a própria natureza do real. (1987, p. 48)

O indivíduo isolado é uma abstração. A identidade se concretiza na atividade social. O mundo, criação humana, é o lugar do homem. Uma identidade que não se realiza na relação com o próximo é fictícia, é abstrata, é falsa. (1987, p. 86)

- Antônio da Costa Ciampa

Gostaríamos de abordar, neste capítulo, as concepções teóricas que embasaram nossa análise das histórias de vida numa perspectiva psicossocial. Para tanto, será preciso entender melhor, inicialmente, alguns dos fatores que contribuíram com o desenvolvimento da Psicologia social, com sua noção de indivíduo e com as teorias sobre identidade discutidas aqui, bem como a relação entre tais modelos e o tema das experiências mediúnicas. Não pretendemos, contudo, que o referencial teórico apresentado aqui seja aplicado de maneira arbitrária aos dados do estudo, mas que nos sirva de base e sustentação para melhor conduzirmos uma análise criativa do material disponível, sem nos perdemos em percursos demasiadamente especulativos.

Em seus primórdios, a Psicologia defendia uma visão estritamente biológica e naturalista do ser humano, na qual se priorizava sua individualidade e seu sistema nervoso central como elementos decisivos de estudo. A ênfase residia, sobretudo, na compreensão da pessoa enquanto unidade psíquica isolada, vista como capaz de relacionar-se com o meio externo e com outras unidades psíquicas semelhantes, sem que fosse admitida a sua condição dialética frente às relações sócio-históricas. A interação social, por sua vez, era enxergada abstratamente, assimilada como extensão do ambiente natural, como a interação mecânica entre diferentes ‘organismos’. O ser humano era pensado, dessa forma, sob a ótica de uma essência universal e imutável, descontextualizado de sua dimensão cultural. Por volta da década de 1960, uma visão mais abrangente, de origem sociológica e filosófica, pareceu impor-se à tradição clínica e biomédica, viabilizando a emergência de uma psicologia crítica, voltada para o estudo do indivíduo em sua totalidade psicossocial. O grande salto, a partir de então, foi que muitos autores da psicologia deixaram de reconhecer no indivíduo apenas fatores de ordem intrapsíquica, e passaram a admitir e a desenvolver mais claramente uma perspectiva em que as relações sociais não são meros apêndices no curso do desenvolvimento individual, mas os próprios elementos constitutivos do psiquismo

humano⁵⁶ (Bock et al., 1996; Farr, 1996; Lane & Codo, 1994).

Nessa abordagem, o ser humano já não é compreendido dualisticamente como ‘efeito’ ou como ‘causa’ dos eventos que o cercam, mas como um ser ativo, social e histórico que, junto a outros seres humanos, constrói a si mesmo na medida em que constrói o mundo e vice-versa. As mudanças culturais mudam nossas maneiras de entender e se relacionar com o mundo, e com isso, elas também mudam nosso psiquismo em sua estrutura, seus conteúdos, sua dinâmica e suas funções. A visão já não é a de um ser que apenas reproduz ou dá forma específica à sua essência biológica, mas que possibilita a ela sempre novos significados, que a atualiza junto aos outros seres humanos, e que a transcende, pois nem sempre acata suas determinações⁵⁷. Destarte, o individual e o social já não podem ser vistos separadamente. De acordo com Laurenti e Barros (2000):

Não há uma separação, mas sim uma articulação, em que os limites, se é que realmente existem, entre o social e o individual se confundem. Para existir *um*, são necessários *dois*, não apenas do ponto de vista da concepção, da genética, da sobrevivência [da espécie], mas sobretudo em se tratando do homem ser reconhecido como tal; o homem só se vê como homem se os outros assim o reconhecerem. Sob essa perspectiva, é possível conceber a identidade pessoal como, e ao mesmo tempo, social, superando a falsa dicotomia entre essas duas instâncias.

De forma semelhante, o filósofo Habermas (2008, p. 14) argumenta que:

Dentro de cada pessoa individual, nós encontramos uma reflexão do mundo social externo. Pois a mente individual está imbuída com estruturas e conteúdos pelo entrançamento na mente “objetiva” das interações intersubjetivas de sujeitos *intrinsecamente* socializados. O indivíduo não encontra o seu ambiente social da mesma maneira com que o organismo despido encontra seu ambiente natural, a saber, como algo interior que separa a si mesmo do mundo de fora por uma barreira osmótica. A justaposição abstrata do sujeito e do objeto, do dentro e do fora, é enganosa aqui, porque o organismo da criança recém-nascida se desenvolve primeiro em uma pessoa quando entra na interação social. A criança se torna uma pessoa ao entrar no espaço público de um mundo social que a recebe com braços abertos. E esse domínio público de um interior juntamente habitado do nosso mundo da vida está desde o início dentro e fora.

Em outras palavras, como afirma Mead (1934/1967, p. 6) “o organismo cria o seu próprio ambiente”. Isso significa que o meio social humano não reproduz somente um tipo de solidariedade natural entre os seres vivos, ou simplesmente amplia e dá forma a alguma espécie de instinto gregário; mas cria um novo mundo ou *habitat*, um mundo social, singularmente humano. O ser humano parece representar assim, como na famosa caracterização do filósofo Aristóteles, um

⁵⁶ Embora tenha ostensivamente emergido no período supracitado, tal concepção psicossocial de indivíduo só foi plenamente possível graças ao trabalho e inspiração precedente de autores clássicos da psicologia como James Mark Baldwin (1861-1934), Charles Horton Cooley (1864-1929) e George Herbert Mead (1863-1931), como bem assinalou Scheibe (1995).

⁵⁷ Um claro exemplo disso, como Berger e Luckmann (1966/2003) nos recordam, é o da sexualidade humana. A plasticidade e polimorfismo com que as práticas sexuais se apresentam em diferentes culturas ao redor do mundo denotam sua dupla constituição; de um lado, um substrato biológico e reprodutivo com o qual todos seriam igualmente dotados, e de outro, uma contraparte identitária, simbólica e comportamental, formatada histórica e culturalmente.

zoon politikón, isto é, “um animal que existe em um *espaço público*” (Habermas, 2008, p. 12). Nas palavras de Mead (1934/1967, p. 137):

O comportamento do Homem é tal em seu grupo social, que ele está apto a se tornar um objeto para si mesmo, um fato que o constitui como um produto mais avançado do desenvolvimento evolucionário do que os animais inferiores. É fundamentalmente este fato social – e não a sua alegada possessão de uma alma ou mente com a qual ele, como um indivíduo, foi misteriosamente e sobrenaturalmente dotado, e com a qual os animais inferiores não teriam sido dotados – que o diferencia deles.

Por ser o fenômeno psicológico, em grande parte, resultado de uma construção sócio-histórica, cada época imagina ter alcançado uma compreensão máxima de indivíduo ou, no mínimo, atingido os meios mais eficazes de se chegar a tal compreensão. Mas o que se tem, na verdade, são novas formas de identidade, novas formas de os indivíduos se comportarem e conceberem a si mesmos e aos outros com base no arcabouço sócio-cultural que os permeia. Os problemas levantados contemporaneamente no que diz respeito à identidade não foram os mesmos suscitados, por exemplo, durante a idade média. Não só a visão de indivíduo se refez como ela também mudou ou foi mudada pela maneira como nós concebemos nosso lugar no mundo – e, por que não dizer, a própria percepção que se tem da constituição do mundo. Em períodos históricos anteriores, tendíamos a nos colocar numa condição privilegiada em termos universais; hoje nos vemos como habitantes solitários frente à imensidão do universo, e buscamos encontrar espécies semelhantes à nossa em outros planetas. Nossa compreensão do universo se ampliou e com ela a compreensão que temos de nós enquanto indivíduos e enquanto sociedade. Mas não poderíamos ter descoberto coisa alguma sobre o universo se não nos tivéssemos permitido descobrir algo sobre nós mesmos. Como afirma Bock (2000, p. 16): “A ciência do homem muda não só porque são realizadas novas descobertas sobre o homem, mas também porque o próprio homem muda”. A identidade é, portanto, o ponto de encontro entre o individual e o social, espaço no qual as contradições sociais se mostram mais claramente enquanto elementos constitutivos da subjetividade e da percepção, enquanto fatores determinantes da história individual e coletiva.

A referência a tais premissas é fundamental para que possamos compreender os meios e as condições de constituição da identidade. Como visto, a noção de indivíduo é, em grande parte, resultado de uma construção sócio-histórica, de categorizações socialmente elaboradas e compartilhadas, que se metamorfoseiam com o tempo. De outra perspectiva, isso equivale a dizer que desenvolvemos muitas de nossas necessidades e suas respectivas formas de satisfação diante dos problemas que se apresentam num dado momento da história humana. Como diria Ciampa (1987, p. 169): “É a estrutura social mais ampla que fornece os padrões de identidade”. Assim, a

questão da identidade já não se refere a determinados aspectos puramente subjetivos, mas se define como um campo de estudo complexo, em que se emaranham questões biológicas, políticas, institucionais, interpessoais, além das biográficas.

É nesse ponto que chegamos ao delicado problema da *ideologia*, da falsa concepção que se tem das relações sociais, e de como tais concepções terminam por condicionar a maneira de enxergarmos uns aos outros. Na definição de Demo (2007, p. 18) a ideologia pode ser entendida como justificação “[...] de posições sociais vantajosas”. Mas talvez seja interessante entender a ideologia como expressão de um conceito mais amplo, um produto necessário não só das relações de poder numa dada sociedade, como da própria tessitura de sua legitimação enquanto sociedade, pautada em certos valores e normas tidas como modelares, essenciais. Não há que se duvidar aqui do seu evidente interesse político para certas classes ou grupos sociais; mas enquanto justificação de todo um corpo de crenças e práticas socialmente sancionadas, a ideologia é também parte constituinte e irrevogável da própria formação e manutenção da realidade social (Berger e Luckmann, 1966/2003).

Tão logo tenhamos admitido tais premissas, haveremos de concluir que nenhum conhecimento, por mais rigoroso e científico que o seja, está plenamente livre de interferências ideológicas. Nesse sentido, deve-se assinalar que a descrição da mente humana como derivação secundária de mecanismos e processos exclusivamente biológicos tem servido, ao longo do tempo, como um poderoso recurso ideológico a sustentar certas posições teóricas dominantes, impedindo a transformação do *status quo* pela naturalização de pressupostos particulares tomados como científicos, tais como os conceitos de ‘personalidade normal e desviante’ (Jurberg, 2000; Laurenti & Barros, 2000). Historicamente, a Psicologia acabou servindo como instrumento de sustentação e legitimação de determinadas práticas e visões desse tipo, na medida em que privilegiara uma perspectiva individualista e dicotômica que, como salientou Foucault (1968), baseava-se numa transposição errônea, porque unilateral, das concepções que fundamentavam a etiologia das patologias orgânicas para as patologias mentais. Os psicólogos desejavam que a sua ciência fosse reconhecida como uma ciência natural, pretendendo reproduzir, com isso, o sucesso experimental da Física e das minuciosas observações naturalistas (Farr, 1996). Nesse contexto, os indivíduos foram encaixados dentro de categorias ou definições estanques, baseadas num princípio mais ou menos sofisticado de ‘normalidade’, inspirado nas noções da Medicina (Jurberg, 2000). Visava-se, entre outras coisas, reduzir o *sujeito* à condição de um *objeto* mais facilmente manipulável (Leopoldo e Silva, 1997). Tais princípios, cientificamente sustentados, pareciam conceber a

realidade como totalmente natural, e não também como articulada intersubjetivamente. O comportamento dos indivíduos foi visto como regulado a partir de uma diferenciação entre o que seria esperado socialmente e o que seria desviante ou patológico, mas a interpretação que embasava tal diferenciação não foi questionada ou pensada como um produto das relações sociais e da ideologia defendida por determinados grupos, e sim como um aspecto intrínseco dos indivíduos. O comportamento foi assimilado quase sempre de maneira a “justificar as interpretações denominadas ‘científicas’, restando pouco ou quase nada a fazer por parte daqueles que manifestavam tais condutas [desviantes]” (Laurenti e Barros, 2000). A título de exemplo, citamos aqui os casos da eugenia e da hierarquia racial, conceitos discriminatórios amplamente endossados por uma psiquiatria e uma psicologia historicamente datadas.

Dentre tais condutas ‘desviantes’ também se encontram, evidentemente, as manifestações mediúnicas e paranormais em geral, tal como estudamos no capítulo dois. Neste momento, lembramos que o tema é bastante complexo, pois envolve diversas questões epistemológicas, além das psicossociais – afinal, como nos diz Ciampa (1987), a questão da identidade problematiza a natureza do real – e muita discussão poderia ser conduzida em torno das considerações acima, o que, entretanto, não poderemos levar a cabo nesta dissertação. Interessa-nos aqui, sobretudo, que a questão da identidade mediúnica está diretamente relacionada à noção que se tem de saúde e doença mental, de normalidade e anormalidade – ou, neste caso, de paranormalidade.

Em nossa sociedade científica e tecnológica, o ser humano não é admitido como um ser espiritual. A metáfora vigente é a da mente humana como semelhante a uma máquina. Muitos neurocientistas descrevem o cérebro como um computador ‘natural’ altamente sofisticado. Daí o esforço dos pesquisadores em reproduzirem o funcionamento mental a partir de complexos programas computacionais. Ainda que para alguns essa metáfora não pareça tão convincente ou usual, sua força imagética, não obstante, persiste. Há poucas décadas atrás, no entanto, concebia-se o cérebro em analogia a uma central telefônica: os nervos ligados aos órgãos dos sentidos enviavam sinais ao painel de controle mental, onde hipotéticas chaves elétricas os ligavam a outros neurônios que armazenavam as memórias ou desencadeavam a atividade muscular ou glandular. Com a substituição dessa antiquada imagem pela dos computadores, as células nervosas seriam agora como os transistores de uma rede eletrônica.

Moody (1994) adere ao temor de que, levada ao extremo, essa metáfora talvez conduzisse a uma visão insólita do ser humano como algum tipo de ‘zumbi’, cujos processos

comportamentais e cognitivos seriam abstrata e matematicamente elucidados, embora sua consciência de si e dos demais permanecesse pouco relevante. Seja a previsão de Moody exacerbada ou não, ela nos parece servir bem ao intuito de mostrar como a idéia religiosa de que seríamos fundamentalmente seres espirituais, sendo nosso corpo tão somente um instrumento – ou invólucro – do espírito, não passaria de um desvio, uma anomalia, se considerada do ponto de vista das concepções científicas correntes. Na explicação de Walsh (1998, p. 63), com o desenvolvimento das neurociências em nossos dias a “Mente veio a ser considerada por muitos como um ‘epifenômeno da maquinaria neuronal do cérebro’ e as experiências transcendentais foram rejeitadas como os fogos de artifício desordenados desse maquinário”. Não nos parece estranho, destarte, que a maioria dos pacientes psicóticos de hoje, em contraste com os de séculos atrás, relatem mais alucinações e delírios de cunho tecnológico e persecutório do que religioso⁵⁸ (Bentall, 2000).

Não se trata aqui de defender a existência do espírito, muito pelo contrário; mas de constatar como certas categorias científicas, mesmo aquelas mais acalentadas, não se encontram totalmente isentas de pressupostos ideológicos. Apesar do imenso poder prático e explicativo dessas metáforas, não podemos nos esquecer que elas constituem formas de representação mediadas socialmente. Sabemos, por exemplo, que a elaboração de determinadas classificações psicopatológicas na psiquiatria e na psicologia tem sua história demarcada, e tampouco constitui um corpo de definições neutras, destacadas do seu contexto de origem e formação, algo que já havia sido explorado com propriedade por Foucault (1968, 1978). Embora a visão dicotômica descrita anteriormente, redutora do social ao biológico, seja admitida por vezes como a postura inicial da Psicologia, o fato é que ela não foi totalmente abandonada, como lembram Bock (2000) e Jurberg (2000). Segundo Habermas (2008, p. 15), “[...] nas ciências cognitivas hoje estamos assistindo a um retorno da enganosa imagem Cartesiana da consciência monádica, recursivamente auto-encapsulada que permanece em uma relação opaca com o substrato orgânico do cérebro e de seu genoma”⁵⁹. É por essas e outras razões que se faz necessária uma perspectiva de base psicossocial.

Em primeiro lugar, a saúde mental precisa ser entendida como saúde integral, isto é, como bem-estar social dos indivíduos, famílias, instituições e comunidades. Tão logo o referencial de saúde se restrinja a um modelo unilateral, termina por olvidar o caráter inerentemente

⁵⁸ Tempos atrás, os parapsicólogos também comparavam a hipotética telepatia à telegrafia sem fio ou às transmissões feitas por rádio. Hoje, fala-se em “entrelaçamento quântico” (Radin, 2008).

⁵⁹ Duas importantes exceções a essa tendência talvez sejam a perspectiva psicolinguística (Nelson e Fivush, 2000) e a perspectiva da formação do *self* cognitivo (Howe, 2000), para as quais a linguagem e as relações sociais são decisivas na formação e desenvolvimento do indivíduo e de suas funções e habilidades cognitivas.

multifacetado e diversificado da saúde como um construto científico. As necessidades humanas, enquanto necessidades biopsicossociais resultam não somente de fatores biológicos – de forma alguma dispensáveis – como dos valores sócio-culturais, das relações sócio-históricas e dos fenômenos políticos (Fernandes, 2005). Nas palavras de Berger e Luckmann (1966/2003, p. 231):

[...] as perguntas relativas ao estado psicológico não podem ser decididas sem o reconhecimento das definições da realidade admitidas como verdadeiras na situação social do indivíduo. Expressando-se de maneira mais precisa, o estado psicológico é relativo às definições sociais da realidade em geral, sendo ele próprio socialmente definido.

Aquilo que numa dada cultura ou grupo social é tomado como expressão de doença e alienação, em outro contexto possui, não raro, significado bastante distinto. Todavia, uma interpretação não pode simplesmente sobrepor a outra, o que nos levaria a um completo relativismo; é preciso ancorar-se sempre em critérios variados e diferenciados de saúde mental, respeitando-se, acima de tudo, os valores presentes no contexto social e grupal ao qual o indivíduo pertence⁶⁰. Como defende Spink (2003), a doença precisa ser vista também como fenômeno coletivo, sujeito às forças ideológicas da sociedade, num confronto entre o significado social e o sentido pessoal da experiência. Isso não significa negar, em absoluto, que a doença exista, ou que nenhuma relação tenha com a constituição neurofisiológica, hereditária ou psicológica de um indivíduo. Não se trata de excluir a doença como mero artifício ou imposição social, recaindo numa idealização ingênua da loucura como modo superior de saber ou conhecimento; mas antes, de pensar em seus usos e sentidos culturalmente compartilhados, no papel condicionante do contexto grupal e institucional sobre tais experiências, em suas significações simbólicas e funções pragmáticas, e em como refletem um processo mais amplo de construção intersubjetiva das definições de normalidade e anormalidade numa dada sociedade. É preciso valorizar, nesse sentido, uma perspectiva mais inter-relacional – como bem defenderam Watzlawick, Beavin e Jackson (1967/2004) em seus estudos sobre pacientes esquizofrênicos – sem olvidar, entretanto, aspectos psicodinâmicos e fisiológicos.

Nos dois primeiros capítulos, vimos que os estudos sobre crenças paranormais parecem ter reproduzido, em muitos aspectos, uma concepção reducionista em que o paranormal foi amplamente reduzido às categorias de ‘patológico’ e de ‘inferior’ – tanto no sentido emocional

⁶⁰ Em seu estudo sobre as relações entre religião, psicopatologia e saúde mental, Dalgalarro (2008, p. 244) também enfatiza a necessidade de se considerar a complexidade inerente ao fenômeno religioso, e o cuidado que se deve ter com as pesquisas epidemiológicas: “Contextualizar a religião para tratá-la como fenômeno social, histórico e simbólico, implica rejeitar, obviamente, um certo esforço de naturalização dos objetos de investigação [...]. Esse esforço de naturalização parece ser a atitude natural da medicina geral e da epidemiologia, disciplinas com as quais a psiquiatria quer, cada vez mais, assemelhar-se. Assumir o caráter polissêmico e simbólico de fenômenos culturais (incluindo aqui a religião) e, em certo sentido, dos fenômenos psicopatológicos exige uma tomada de posição que cria, necessariamente, uma tensão na epidemiologia psiquiátrica moderna”.

quanto cognitivo – ao serem postulados elementos que estariam contidos, de maneira invariável e estigmatizante, naqueles que acreditam na paranormalidade. Os estudos sobre essas crenças tendiam ainda a separar o social do individual, enxergando-os como ‘causas’ isoladas e concorrentes entre si, e não como partes de uma relação dialética. Trata-se de uma lacuna na qual não gostaríamos de incorrer novamente em nossa pesquisa. Uma maneira de assim proceder é a de melhor elucidar a formação da identidade dos crentes e sua relação com práticas e conceitos paranormais; reiteramos assim nosso intuito de estabelecer um caminho intermédio e de forjar uma análise menos comprometida com adesões de ordem ideológica e doutrinária, mas não menos devotada a uma elucidação e exploração crítica dessas crenças e experiências.

Apresentamos a seguir duas das principais teorizações sobre identidade, que, segundo nos parece, endossam e aprofundam como parte de sua estrutura muitos dos elementos discutidos anteriormente, servindo assim de base na compreensão das histórias de vida dos médiuns espíritas: a primeira delas, a *identidade como metamorfose*, modelo desenvolvido por Ciampa (1987, 1994), psicólogo social brasileiro, e a segunda, um modelo da *lógica de desenvolvimento e socialização* defendida pelo filósofo Jürgen Habermas (1976/1990) em sua investigação das formações da identidade. Mas não nos limitaremos a estes. Outros autores igualmente comporão nosso quadro de referência teórico, embora tangencialmente se comparados aos dois supracitados. Nossa proposta é a de trazer para a discussão perpetrada autores que ampliem, contestem, complementem ou simplesmente reiterem as concepções de Ciampa e Habermas acerca da identidade psicossocial. Na seqüência, cabe ressaltar ainda as contribuições de Hjalmar Sundén, devotado ao estudo dos papéis religiosos.

4.1 Ciampa: a identidade como metamorfose

A identidade pode ser definida, basicamente, como um conjunto de características que nos definem enquanto pessoas, tanto em relação a nós mesmos quanto em relação aos demais. No entanto, veremos adiante que esse constitui apenas o aspecto *representacional* da identidade, o qual, embora verdadeiro, oculta o próprio processo de formação identitária, destacando-a, para se utilizar das palavras de Ciampa (1987), somente como *produto* – como *dado* – e não como *produção*, como *dar-se*. A identidade atravessa muitas mudanças, de tal modo que está constantemente se

transformando e, portanto, sempre em processo de construção. Sob esse aspecto, Ciampa (1987) compreende a identidade como movimento que se dá por toda a vida, isto é, como expressão de um constante desenvolvimento dialético, marcado por contradições e conflitos cuja superação se dá a partir de sínteses mais ou menos adaptativas, semelhantemente ao próprio desenvolvimento histórico-social.

Ao falarmos de identidade, estamos falando de História; não só a história do indivíduo, mas da própria sociedade. De fato, a identidade, em suas transformações, reconstitui o movimento do social. E o movimento do social é, essencialmente falando, a História. Nas palavras de Ciampa (1987, p.127):

Cada indivíduo encarna as relações sociais, configurando uma identidade pessoal. Uma história de vida. Um projeto de vida. [...] Uma identidade concretiza uma política, dá corpo a uma ideologia. No seu conjunto, as identidades constituem a sociedade, ao mesmo tempo em que são constituídas, cada uma por ela.

Tal história é vivida, individualmente, por um *ator* – tomando de empréstimo aqui uma metáfora dramatúrgica – isto é, alguém (um ser humano) cuja vida aparece e ganha significação no interior de uma narrativa, enquanto *personagem* de um percurso biográfico que é, até certo ponto, sócio-historicamente determinado. Todas as pessoas são atores numa mesma História que é construída, na verdade, por todos. Todos os seres humanos são, ao mesmo tempo, autores e atores sociais – obviamente que em diferenciados graus de atuação e participação, dependendo ainda de condições objetivas, político-econômicas, e não somente de predisposições pessoais, subjetivas.

Nesse processo de mútua determinação e espelhamento das identidades, desenvolvem-se certas caracterizações dos indivíduos, as quais se baseiam em predicções mais ou menos cristalizadas de suas próprias atividades como seres sociais, como na seguinte fórmula: Pedro (um personagem) *trabalha*; logo, Pedro é *trabalhador*. Transforma-se, dessa maneira, o conteúdo da ação (trabalho) num atributo individual, imanente (trabalhador). Ao cumprir, por exemplo, com uma função paterna, não se diz de Pedro que ele *está sendo* pai, mas que ele *é* pai. O papel de pai lhe é outorgado não como uma de suas muitas ações individuais e sociais, mas como uma *presentificação do ser*, uma característica que lhe é inerente, intrínseca, e, portanto, condicionadora de sua identidade. Tal papel, à maneira dos demais desempenhados pelo indivíduo, só detém importância dentro de um modelo cultural que o acolhe e prescreve certas normas de referência à conduta. Todos os papéis pressupostos pelo vasto sistema sócio-cultural se encontram em inter-relação mútua, e dependem da assunção que outros indivíduos fazem de seus respectivos papéis, para que cada qual adquira coerência e função. Daí decorre que a identidade de uma pessoa determine também a identidade da outra: por exemplo, a do pai determina a do filho e a do filho

determina a do pai, reciprocamente. Em outras palavras, a faceta social da identidade se forma a partir da adesão a certos papéis ou representações sociais que passam a identificar uma pessoa, a localizá-la no interior do sistema de coordenadas sócio-culturais, ao passo em que essas representações auxiliam na caracterização da identidade do outro.

[...] a identidade do filho, se de um lado é consequência das relações que se dão, de outro – com anterioridade – é uma condição dessas relações. Ou seja, é pressuposta uma identidade que é re-posta a cada momento, sob pena de esses objetos sociais “filho”, “pais”, “família” etc., deixarem de existir objetivamente (ainda que possam sobreviver seus organismos físicos, meros suportes que encarnam a objetividade do social). (Ciampa, 2001, p. 66).

As determinações são muitas: pai, filho, aluno, empregado, marido etc. e, ao fim de tudo, é possível descobrir que aquilo que outrora era tido, aparentemente, como um sólido indicador de quem o indivíduo é ou não é, aquilo que outrora o identificava, não passa de mais um papel ou representação, tomada unilateralmente não como aspecto parcial do indivíduo ou como mero referente, mas como expressão de sua própria totalidade. É o caso do nome próprio, que ilusoriamente define alguém como sendo João ou Maria; a ilusão está no fato de que várias são as pessoas chamadas pelo nome de João e várias são as pessoas chamadas pelo nome de Maria. Em termos psicológicos, não há como especificar a individualidade de alguém somente pelo nome ou sobrenome - que não passa de uma representação da sua identidade como um todo - assim como é impossível fazê-lo recorrendo a um papel desempenhado socialmente, como o de médico, advogado ou policial, os quais, outra vez, se referem a conceitos extremamente genéricos, usados para representar muitas pessoas diferentes ao mesmo tempo, bem como facetas diferentes do mesmo indivíduo. Vários são os policiais e os advogados e ser policial ou advogado não irá, portanto, identificar este ou aquele indivíduo particularmente, em sua totalidade e singularidade – conquanto usualmente nos contentemos em permanecer nesse nível de definição. Trata-se de um conjunto de predicções que, malgrado sua funcionalidade em termos sociais, não substitui a difícil tarefa existencial de efetivamente aprofundar a pergunta “quem sou eu?” ou “quem é você?”. Como afirma Garaudy (1983, p.48) citado por Ciampa (1987, p.130): “Nós não podemos mesmo exprimir o ser sensível que visamos, pois ele é rigorosamente singular. É inefável. Como dirá Feuerbach: ‘Para a consciência sensível todas as palavras são nomes próprios’. A palavra que sempre é universal opõe-se à coisa, sempre singular”.

Essas predicções, contudo, vão dando forma à identidade e passam a constituir os elementos da própria consciência, na medida em que o indivíduo começa a perceber melhor o mundo e a se inteirar de si mesmo e dos outros. A criança, ao nascer, é chamada por um nome que

lhe é oferecido previamente, passando a autenticá-la enquanto *personagem*, enquanto ser social e humano. A atribuição de um nome e de um papel familiar ao indivíduo o auxilia na construção de sua consciência e no reconhecimento de si próprio como objeto. “Interiorizamos aquilo que os outros nos atribuem de tal forma que se torna algo nosso. A tendência é nós nos predicarmos coisas que os outros nos atribuem” (Ciampa, 1987, p. 131). Ao ser reconhecido, reconhece-se também; torna-se *representante de si mesmo*, com todas as determinações que fazem dele um indivíduo concreto e que ajudam a fazer dos outros, à sua volta, indivíduos concretos.

Mas é ilusório imaginar que a identidade seja meramente a expressão de uma substância rígida, a qual apenas reitera, em suas manifestações, uma base imutável e sempre presente. A persistência com que os outros a nossa volta constantemente nos fazem recordar de nossos papéis e posições sociais – e com que os lembramos dos seus – retroalimenta o reconhecimento que fazemos uns dos outros enquanto seres sociais, e nos dá a impressão de sermos sempre os mesmos, *re-pondo* comportamentos, posturas e atitudes tomados como auto-referentes. A fabricação intersubjetiva da identidade é como que ocultada, só nos aparecendo seu produto final. A análise de Ciampa visa justamente iluminar esse processo de fabricação. É equivocado supor que a identidade não se modifique, permanecendo enquanto “um traço estatístico que define o ser” (Ciampa, 1987, p.130). A identidade modifica-se constantemente, metamorfoseia-se. Ela é, basicamente, *consciência* e *atividade*. A atividade pode ser considerada o atributo fundamental da identidade. Por conseguinte, estar consciente é reconhecer-se em atividade, saber-se como metamorfose. Nenhuma dessas duas categorias pode ser negligenciada sem graves repercussões de ordem reducionista, como veremos mais adiante.

As pessoas atravessam mudanças ao longo de suas vidas, que vão das mais leves às mais radicais, seja em relação à idade ou em relação a desejos, sonhos, valores, decisões a serem tomadas etc. Mas não importa o quanto isso aconteça, tendemos sempre a imaginá-las – e a nos imaginar – apenas como substâncias, e não como ação, como *verbo*. Os substantivos usados pelo senso-comum para representar a identidade – “sou brasileiro”, “sou homem”, “sou negro” etc. – apresentam-na como algo estático que oculta a sua diversidade e transformação, revelando apenas uma unidade aparente – porque parcial – gerando, nos dizeres de Ciampa, uma *identidade-mito*, uma identidade-substância, que é, pelo menos na superfície, sempre a mesma, sendo também falsa a si mesma. Dos substantivos, passamos assim ao uso dos adjetivos, com os quais exprimimos qualidades invariáveis, definidoras do indivíduo.

Daí a expectativa generalizada de que alguém deve agir de acordo com o que é (e conseqüentemente ser tratado como tal). De certa forma, re-atualizamos através de rituais

sociais uma identidade pressuposta que assim é reposta como algo já dado, retirando em consequência o seu caráter de historicidade, aproximando-a mais da noção de um mito que prescreve as condutas corretas, reproduzindo o social. O caráter temporal da identidade fica restrito a um momento originário, quando nos “tornamos” algo; por exemplo, “sou professor” (= “tornei-me professor”) e desde que essa identificação existe me é dada uma identidade de “professor” como uma posição [...] a re-posição da identidade deixa de ser vista como uma sucessão temporal, passando a ser vista como simples manifestação de um ser idêntico a si-mesmo na sua permanência e estabilidade. (Ciampa, 1994, p. 66).

A identidade-mito revela-se mais como o resultado de uma estereotipada retroalimentação social do que como constatação direta do indivíduo em sua concretude e movimento. Poder-se-ia perguntar então o que resta de único na identidade de alguém, já que o seu atributo fundamental é a atividade e, assim, ela está sempre mudando e jamais parece ser apreendida em sua singularidade? Na verdade, o próprio processo de metamorfose, com seus paradoxos e contradições, é o que caracteriza a identidade; e metamorfose, para Ciampa, é a mesma coisa que *vida*: podemos observá-la como parte do mundo natural, como quando a lagarta dá origem a uma borboleta ou quando a semente desenvolve-se e faz surgir uma árvore. O ser humano também se transforma, inevitavelmente, o que não nega, por isso, sua individualidade, sua biografia. A unidade e a diversidade confundem-se num mesmo sujeito. São, de fato, opostos numa relação complementar e dialética, que nunca se esgota. A identidade é totalidade: “uma totalidade contraditória, múltipla e mutável, no entanto una.” (Ciampa, 1994, p. 61). O individual deixa de constituir assim mera substância e a identidade é vista como a própria atividade, como articulação do igual e do diferente.

Na relação com os demais, o indivíduo tanto aceita quanto recusa certas caracterizações que lhe são feitas. Delas se utiliza de modo próprio, de acordo com as circunstâncias e vicissitudes de sua trajetória biográfica, e de como esta foi constituindo (e continua a constituir) sua identidade no momento presente. Em cada etapa do seu desenvolvimento, o indivíduo traz à tona o que antes era apenas potencial, concretizando, gradativamente, sua humanidade total. Sob tal perspectiva, a identidade é vista como um campo de possibilidades, em que elementos e potenciais novos fundem-se a estruturas mais antigas, não havendo, por isso, uma grave confusão entre os vários elementos formadores da identidade – salvo em condições especiais, como estados patológicos ou transtornos dissociativos. De um modo geral, todavia, o modelo de Ciampa, em oposição a outras teorias sobre identidade, toma a contradição e a diversidade como irrevogáveis aspectos constituintes da identidade.

Os *papéis* vividos por um mesmo indivíduo ora se conservam, ora se sucedem, ora são ocultados, ora revelados. De manhã, por exemplo, é o funcionário da empresa em que trabalha; à

tarde, é o pai que leva os filhos para a escola; e à noite, pode cumprir tanto a função de pai quanto de esposo. Em seu tempo livre, dedica-se à música ou ao esporte; passeia com amigos etc. Ao longo da sua vida, vai também construindo *personagens* que ora são retomados, ora ocultados, dependendo das circunstâncias em jogo: o menino-ordeiro, o rebelde-sem-causa, o artista etc. Essas diferentes maneiras de estruturação dos papéis e personagens refletem *modos específicos de produção da identidade*, modos diversos de *ocultação e revelação* da totalidade individual.

Através da articulação de igualdades (equivalências de fato) e diferenças, cada posição minha me determina, fazendo com que minha existência concreta seja a unidade da multiplicidade, que se realiza pelo desenvolvimento dessas determinações. Em cada momento de minha existência, embora eu seja uma totalidade, manifesta-se uma parte de mim como desdobramento das múltiplas determinações a que estou sujeito. (Ciampa, 1987, p. 170)

Quando a articulação das personagens é menos flexível, girando em torno de um mesmo personagem, rígido e usurpador, temos aquilo que Ciampa (1987) define como o *modo de produção dominante* da identidade, ou o *fetichismo da personagem*. Nestes casos, a parte é confundida com o todo e um único personagem torna-se representante da identidade inteira. O indivíduo não consiste na soma arbitrária das várias personagens; a função essencial da consciência, de fato, é a integração. Em outras palavras, a articulação das personagens é o mesmo que a articulação da relação do todo com suas partes. Quando isso não se dá, instaura-se uma cisão, muitas vezes definida como sinal de neurose⁶¹. Em dados momentos, agimos de determinada forma; em outros, agimos de outra maneira, mas nenhuma ação isolada vista separadamente, dá conta de nossa totalidade humana. Todas elas são definidoras do que somos, de nossos múltiplos papéis sociais, das múltiplas determinações a que estamos submetidos: “[...] sou o que estou sendo (uma parcela de minha humanidade [ou totalidade]; isso me dá uma identidade que nega aquilo que também sou-sem-estar-seendo (a minha humanidade total).” (Ciampa, 1987, p. 173). Por vezes, é extremamente difícil conciliar a multiplicidade dessas determinações. O indivíduo se vê então como que perdido. É o que Ciampa define como a crise do *ator-sem-personagem*, da pessoa que já não encontra mais uma definição para si mesma, que já não consegue visualizar um lugar no mundo. Tal processo é, na verdade, favorecido por certas condições sociais e familiares desumanas, que associadas a crises evolutivas na história de uma pessoa, tornam-se entraves à metamorfose identitária. A doença mental mostra-se assim como a “[...] encarnação, concretização da destrutividade de uma sociedade desumanizadora” (p. 80). Ao barrar terrivelmente a possibilidade de transformação e

⁶¹ Poderíamos supor, no entanto, numa ampliação do modelo de Ciampa, que essa cisão ocorresse também, em alguns casos, de maneira induzida ou temporária, como no estado hipnótico ou nas dissociações dos médiuns, sem maiores danos à capacidade de articulação do todo com suas partes.

desenvolvimento humano para alguns indivíduos, a sociedade viabiliza como única possibilidade restante de auto-afirmação a fuga para uma realidade alternativa, idiossincrática, e por isso inadaptável.

Mas esse processo de articulação identitária, tal como mencionado acima, pode também ser descrito, mais especificamente, como uma construção levada a cabo pelo *ator ou autor* – indivíduo concreto – visando integrar coerentemente suas *personagens e papéis*. Ao passo em que a articulação destes últimos depende de um esforço cognitivo, emocional etc., é delas que o(a) ator(a) retira significados e sentidos, em parte socialmente compartilhados, à sua própria existência como ser humano. Sem eles, permanece tão somente como potencial não realizado: “O ator, o que age, o que exerce a atividade, só existe como personagem – como ser-em-si é devir personagem, existe sempre num universo de significados, como figura” (Ciampa, 1987, p. 155).

[...] as personagens são vividas pelos atores que as encarnam e que se transformam à medida que vivem suas personagens. Enquanto atores, estamos sempre em busca de nossas personagens; quando novas não são possíveis, repetimos as mesmas; quando se tornam impossíveis, tanto novas quanto velhas personagens, o ator caminha para a morte, simbólica ou biológica. [...] A loucura, quando bem-sucedida, é morte para a vida. (Ciampa, 1987, p. 157).

[...]

Os desenvolvimentos da crise do ator-sem-personagem, empiricamente, podem ser mais diversificados, é claro (doenças, marginalidade, crime, etc.). Contudo, tendencialmente o sentido é sempre de morte (biológica ou apenas simbólica). Enquanto a morte não sobrevém, sua identidade de alguma forma precisa ser representada, levando-o enquanto não falece, a viver uma personagem adequada, nem que seja a de moribundo, zumbi etc.

Entretanto, as articulações das personagens e as próprias personagens criadas pelo ator, não precisam se basear sempre em referenciais concretos, palpáveis. É aqui que encontramos uma relevante citação de Ciampa (1987, p. 158) quanto ao tema da mediunidade. Em dado momento, ele se refere à Severina, um estudo de caso que serviu de fundamento para as idéias contidas em seu livro:

Diga-se de passagem [...] que há personagens sem atores, seja porque sobreviveram a estes (caso dos antepassados que veneramos, dos mortos queridos que não abandonamos, dos fantasmas que nos atemorizam etc.), seja porque os atores (presumivelmente) não existem e/ou nunca existiram (o caso dos entes sobrenaturais... nos quais não acreditamos, por exemplo, os desuses do Olimpo). Severina, durante muito tempo, viveu com um *encosto*. Exu a possuía às vezes; vimos em sua narrativa como seu cotidiano era controlado por isso; toda sexta e sábado ia ao centro espírita, dava dinheiro etc. Na época, vivia a Severina-com-encosto-de-Exu; hoje não age mais assim, não porque eliminou o *encosto*, mas sim porque eliminou o Exu, porque migrou do mundo de Exu. Fora desse mundo, a personagem vivida não tem existência.

Ciampa está nos alertando novamente para o caráter socialmente produzido da identidade, para as suas muitas possibilidades de realização simbólica, em consonância com contextos particulares de formação.

Vimos anteriormente que um dos principais aspectos da identidade é a atividade. O conceito de identidade está ligado, portanto, à noção de tempo, e por ser a identidade resultado dessa sucessão temporal, ela não se mostra como objeto pronto, senão como objeto sempre inacabado, como *projeto*. A metamorfose nem sempre é um alterar-se constante, sem significação ou sentido algum; quando verdadeiramente emancipatória, ela visa progressos efetivos, superações dialéticas, desenvolvimento, amadurecimento, seja cognitivo, moral ou emocional. As personagens podem ser vistas assim como os diferentes momentos da identidade, “[...] degraus que se sucedem, círculos que se voltam sobre si em um movimento, ao mesmo tempo, de progressão e de regressão” (Ciampa, 1987, p.198). Em outras palavras, esse desenvolvimento não segue um percurso linear, retilíneo, mas se comporta à maneira de curvas distribuídas em um gráfico, ora subindo, ora descendo, ora aprimorando facetas e habilidades, ora retomando temas e questões mal resolvidas. O desenvolvimento identitário tem como meta última a *autodeterminação* do indivíduo, a realização de sua condição humana e a assunção do lugar de sujeito das próprias ações. É, dessa maneira, um processo de emancipação.

Entretanto, a autodeterminação não implica em ausência total de determinações externas, o que seria irrealizável, mas na possibilidade de um dinamismo maior entre o indivíduo e as determinações sociais que pesam sobre ele. A busca por si mesmo, ou aquilo que Ciampa (1987) define como “*mesmidade*”, não é algo dado de antemão. O processo de autodeterminação é uma conquista, nunca acabada, e sempre a se ampliar. Supõe finalidade, a elaboração de um *projeto de vida* – igualmente passível de reajustes ao longo da trajetória biográfica. Para alcançarmos a *mesmidade* temos de nos desfazer da *mesmice*, e nos desapegarmos daqueles padrões coletivos de identidade admitidos inicialmente como essenciais, naturais.

Podemos dizer que a *mesmidade* só é possível graças a uma *negação da negação*. Em outras palavras, ao favorecer formas coletivas e institucionalizadas de expressão, impulsionando o indivíduo na direção destas, a sociedade o impele, contraditoriamente, a buscar um meio de se auto-afirmar frente a tais imposições. Ao negar a individualidade, a sociedade incita o indivíduo, por outro lado, a contrariar tal recusa – por isso é que Ciampa (1987) fala de uma *negação da negação*. Para reconhecer-se como singular, o indivíduo vê-se forçado a negar as formas estabelecidas de ser e agir. Do contrário, tende a reproduzir tais formas. Como diria Laurenti e Barros (2000), a identidade poderia ser entendida assim como uma “singularidade construída na relação com outros homens”. As mudanças que caracterizam o percurso de desenvolvimento identitário revelariam desse modo, a constante interação entre o pessoal e o social, o incessante confronto entre esses dois

pólos, que, segundo se espera, culminaria, por fim, na transformação, tanto do indivíduo quanto do contexto em que ele está inserido.

Mas é preciso atentar à aparência de transformação e de metamorfose que perpassa a vida de muitas pessoas. Alguns só se transformam à custa de muito esforço; protelam determinadas mudanças e tentam, a todo custo, recuperar aquilo que já foram um dia, disfarçando-se de maneira a simular uma transformação, a qual não se dá efetivamente. Tais pessoas apenas sustentam a *reposição* e a *mesmice*. A essa altura, Ciampa relembra o conceito psicanalítico de *compulsão à repetição*. A não-metamorfose é ocultada, destarte, sob a aparência de metamorfose, expressão daquilo que o autor designa como uma *má infinidade*, uma sucessão de substituições e trocas aparentes que, na verdade, nada modificam ou transformam. Isso porque os esquemas classificatórios através dos quais as pessoas são localizadas na estrutura social – gênero, profissão, posição econômica, religião etc. – acabam se mostrando extremamente sedutores, embora também se revelem asfixiantes em dados momentos. “O papel é uma atividade padronizada previamente” (Ciampa, 1987, p. 136) e, portanto, não exige grandes esforços, a não ser o de agir segundo aquilo que se espera de um dado conjunto de normas pré-fixadas. A *autodeterminação* pode ser uma busca humana, mas nem sempre estamos conscientes dela ou suficientemente preparados para assumir suas consequências.

A mobilidade das estruturas de identidade permite ao indivíduo a elaboração de verdadeiras camuflagens identitárias. Há sempre uma tendência para o encobrimento, a aparência, a dissimulação, o velamento e, conseqüentemente, para a reprodução da *mesmice*. Mas a ocultação da metamorfose tende a trazer consequências dolorosas. O que está velado, reprimido, consegue sempre reaparecer, rebelando-se à ordem estabelecida, de um modo ou de outro – seja no campo individual ou social. “A metamorfose, ainda quando impedida, ainda quando oculta, expressa a invencibilidade da substância humana, como produção histórica e material” (1987, p. 182). Aqui relembremos a psicanálise, com suas investigações sobre os atos falhos, os lapsos de memória, os sintomas neuróticos etc. “[...] a questão da *metamorfose* implica com reciprocidade a da *consciência*, assim como a *não-metamorfose* igualmente implica, também com reciprocidade, a do *inconsciente*” (Ciampa, 1987, p. 195). Para Ciampa (1987, p. 195), a psicanálise pode muito bem ser utilizada no estudo da identidade, “Especialmente uma psicanálise livre dos perigos do mecanismo, do a-historicismo (e de certo positivismo) tem muito a contribuir”. Ao tornar o inconsciente consciente, ela torna concreto o que antes era apenas potencial, traz à tona o que permanecia velado, enriquecendo a compreensão da totalidade individual, restituindo o processo de

metamorfose. Essa relação dialética entre consciente e inconsciente, entre o velado e o desvelado, não se dá apenas no nível da repressão. Ela envolveria igualmente a emergência de conteúdos novos, potencialidades e capacidades anteriormente latentes.

[...] precisamos distinguir entre o *manancial*, o que ainda pode devir consciente, e o consciente, que se inverte como inconsciente e retorna ao *manancial*. Assim como a questão da metamorfose se inverte como não-metamorfose, a questão da consciência se inverte como inconsciente. Num certo sentido, é o conhecimento invertido como ilusão, especialmente o conhecimento de si invertido como ilusão acerca de si mesmo.

Esse “conhecimento de si invertido como ilusão acerca de si mesmo” a que Ciampa se refere, remete-nos, outra vez, à *identidade-mito*. Essa mitologia da identidade, tal como visto antes, segue uma série de mecanismos de camuflagem que os indivíduos empregam para escapar do derradeiro enfrentamento com a mudança. Mas existem casos ainda, talvez uma grande maioria, em que a metamorfose não se efetua por conta de o desenvolvimento ter sido prejudicado, frente às condições externas. Milhões de pessoas são submetidas a condições sócio-econômicas desumanas que as emperram o crescimento, enquanto outras, mesmo em condições sócio-econômicas favoráveis, são impedidas de se transformar, sendo obrigadas a reproduzir-se para preservar interesses estabelecidos e situações convenientes:

[...] em nossa sociedade de classes, somos todos explorados e violentados – alguns mais, outros menos. Principalmente somos por ver barradas possibilidades de concretizar nossa humanidade. Neste sentido, até mesmo poderosos, privilegiados, são também impedidos de se humanizarem. [...] A exploração e a violência sociais se concretizam, através de mediações, sempre no particular, que é a unidade do singular e do universal. Coletivamente constitui o conjunto das relações sociais que, no nosso caso, materializa um mundo: nosso mundo capitalista (Ciampa, 1987, p. 127).

A metamorfose efetiva, isto é, a possibilidade de se representar sempre como diferente de si mesmo, a fim de existir mais plena e dinamicamente, só é possível mediante a conquista de superações dialéticas reais, e não de escamoteações de qualquer natureza. Em verdade, o processo de metamorfose constitui o caminho em direção a uma transformação não só individual, mas, sobretudo, social e coletiva. A aceitação da metamorfose só é plenamente garantida diante de condições sociais específicas. Isso inclui a possibilidade de que as instituições por meio das quais construímos nossas identidades também sofram uma metamorfose emancipatória.

Na origem, uma organização, como qualquer instituição, é sempre uma solução para um problema humano. À medida que se consolida, que se *institucionaliza*, deve garantir sua própria autoconservação. É o interesse de *sua* razão. Se, historicamente, esse interesse não convergir com o interesse da razão humana, torna-se, para a humanidade, irracional. As organizações e instituições também precisam sofrer suas metamorfoses, evidentemente, para preservar sua racionalidade (não a racionalidade da *desrazão*). (Ciampa, 1987, p. 231).

Para isso, seria preciso a objetivação de uma política da identidade, que concorresse para a transformação de nossas condições de existência, ao privilegiar a emergência do verdadeiro

sujeito humano, destituído de suas máscaras ou papéis cristalizados. Fundamentado na filosofia de Habermas (1976/1990), Ciampa defende o estabelecimento de uma moral dialogada, um modelo de sociedade pautado na reflexão conjunta, a partir do reconhecimento das imbricadas relações entre indivíduo e sociedade. Uma condição social em que o desenvolvimento humano fosse mais relevante do que a sobrevivência de determinadas instituições e suas respectivas ideologias:

[...] a realização de tais projetos, para ser coerente com seus propósitos há de ser feita coletivamente e de forma democrática [...] A questão se coloca como uma questão prática e como tal deve ser enfrentada, conscientemente, por nós – cada um de nós, todos nós. (Ciampa, 1994, p.74).

4.2 Habermas: socialização e desenvolvimento identitário

Habermas (1976/1990) teve um importante papel no modelo de Ciampa, servindo-lhe como um de seus referenciais básicos. A *lógica de desenvolvimento* empregada por Habermas na compreensão das estruturas que compõem a identidade mostrou-se bastante útil durante a análise das entrevistas, fornecendo recursos para uma melhor apreensão do percurso identitário realizado pelos médiuns no decorrer de suas histórias de vida. Habermas também conduziu uma profícua análise sobre o papel das religiões na sociedade contemporânea, e que vai bem ao encontro das temáticas discutidas na nossa pesquisa. Várias são as contribuições de Habermas, e teremos de nos ater especificamente às suas considerações sobre a identidade, formuladas em uma de suas principais obras: *Para a reconstrução do materialismo histórico* (1976/1990). Outras publicações de interesse serão eventualmente citadas ao longo da nossa explanação.

Seu ponto de partida teórico reside nas concepções marxistas, mas não se limita a elas. Uma das principais críticas levantadas por Habermas à proposta materialista de esclarecimento do processo histórico consiste na importância conferida às forças econômicas, em detrimento do papel concedido ao indivíduo e à cultura. Opondo-se a tal visão, Habermas (1976/1990) defende que as formações da identidade, ancoradas em imagens específicas do mundo e em convicções morais que regulam o agir comunicativo e o saber prático, originam processos de aprendizagem que tendem a culminar em novas formas de integração social, ou, para se utilizar da terminologia marxista, em novas *relações de produção*. Assim, Habermas reitera e amplia a dialética inicialmente descrita pelos marxistas, ao demonstrar, no sentido inverso ao da ênfase nas forças produtivas, como a identidade, a moral e a cosmovisão intersubjetivamente articuladas se materializam em

movimentos sociais e, por fim, chegam aos sistemas de instituições.

Mas a cultura e suas formações identitárias seguem uma dinâmica própria, dinâmica esta que se caracteriza pelo desenvolvimento de estruturas normativas cada vez mais complexas. Isto significa dizer que o desenvolvimento das forças produtivas coincide, em muitos aspectos, com o desenvolvimento psicossocial da identidade, havendo certa homologia entre os mesmos. Tal lógica desenvolvimentista, contudo, não implica na estipulação de rígidos mecanismos evolutivos, a partir dos quais sejam elaborados estágios inflexíveis de gradação progressiva, mas tão somente as...

...margens de variação em cujo interior os valores culturais, as idéias morais, as normas, etc., podem ser modificados, a um dado nível de organização da sociedade, encontrando formas históricas diversas. Em sua *dinâmica de desenvolvimento*, essa mutação de estruturas normativas permanece dependente tanto dos desafios evolutivos representados por problemas sistêmicos irresolvidos e economicamente condicionantes, quanto dos processos de aprendizagem que são a resposta a tais desafios. Em outras palavras: a cultura permanece um fenômeno superestrutural, embora na passagem para novos níveis de desenvolvimento ela pareça ter um papel mais preeminente do que o supuseram até agora muitos marxistas. (Habermas, 1976/1990, p. 14)

Tomando como base a psicologia do desenvolvimento – sobretudo, no que diz respeito às dimensões da moralidade (Kohlberg) – e advogando para sua teoria o constante intercâmbio entre o individual e o social, entre os modelos ontogenético e social-evolutivo, Habermas descreve o desenvolvimento das estruturas de consciência formadoras da identidade. Tal desenvolvimento dar-se-ia de modo parcialmente independente das diferenças de gênero, por antecederem as expectativas generalizadas de comportamento construídas socialmente. Nesse sentido, é possível dizer que quanto mais o indivíduo se desenvolve, maiores são as condições para a resolução, tanto de dissonâncias no campo individual quanto de conflitos sociais desintegradores que tendem a gerar estereótipos e crenças culturalmente arraigadas. Em outras palavras, o fortalecimento da identidade promove sua independência frente aos valores estabelecidos, ao mesmo tempo em que enriquece o poder de solução de conflitos – inclusive nas questões de gênero – embora também imponha condições de vida mais complexas (Habermas, 1976/1990).

O desenvolvimento das formações da identidade seguiria três etapas gerais:

Identidade natural

- Ações singulares e expectativas concretas de comportamento baseadas em gratificações físicas ou sanções (desejos e satisfação ou punição de desejos). Mentalidade egocêntrica.

- Há certa diferenciação entre o corpo e o ambiente, mas não há diferenciação completa entre o ambiente natural e o social (ex: crenças antropomórficas, pensamento mágico-animista,

personificação ritualística da natureza). Segundo Habermas (1976/1990, p. 66) nessa fase “[...] não se distingue entre causalidade natural [fatalidades] e causalidade segundo a liberdade; tanto na natureza como na sociedade, os imperativos são entendidos como exteriorização de desejos concretos”.

- As carências, necessidades, manifestações impulsivas e os diversos sinais corporais não foram ainda plenamente interpretados pela cultura.

- O indivíduo é mais um agente natural do que um sujeito, um ator social. É quase meramente “um organismo que conserva seus limites” (Habermas, 1976/1990, p. 62). Consegue perceber ações e atores concretos, mas não distingue as normas de conduta, dos indivíduos que as executam. Não distingue, portanto, o “bem” e o “mal”, como princípios independentes de seus portadores, mas tende a enxergar certos indivíduos como inerentemente bons ou inerentemente maus, de acordo com o prazer ou desprazer que lhe causam.

Identidade de papel (coletiva)

- Apropriação dos universos simbólicos e integração ao sistema social, com a correspondente assunção de identidades coletivas. Mentalidade grupal, partidária.

- As ações do indivíduo são dirigidas por determinados papéis e normas sociais, que originam expectativas generalizadas de comportamento reciprocamente articuladas.

- A satisfação das necessidades é mediada pela doação simbólica operada pelas pessoas de referência primária ou pelo reconhecimento social obtido em grupos mais amplos (ex: instituições religiosas, políticas etc.).

- Os sinais corporais, os dotes físicos, as diferenças de gênero, as diferenças de idade etc. vão sendo interpretados culturalmente, vão sendo assumidos por definições simbólicas.

- Ao contrário do primeiro nível, em que a causalidade natural e de liberdade se confundem, neste estágio consegue distinguir entre dever e inclinação, entre ações obrigatórias e ações meramente desejadas ou exteriorizações da vontade.

- Privilegia-se a diferenciação entre mente e corpo, havendo mesmo certo conflito entre essas duas instâncias (valores morais versus impulsos naturais; cultura versus natureza. “Superego”).

- Visão de mundo mitológica ancorada, por vezes, em imagens de natureza religiosa.

Identidade do Eu

- A validade das normas e papéis sociais em que se estrutura a identidade é contestada de maneira crítica, bem como o universo simbólico em que o indivíduo está inserido (ex: contestada

a validade de grupos referenciais e de valores unicamente partidários).

- As ações do indivíduo são dirigidas pela própria capacidade de argumentar e de formular princípios de validade hipotética, segundo os quais possam ser julgadas as normas em conflito recíproco.

- O processo natural-espontâneo de interpretação das necessidades é levado a objeto de discussão entre os indivíduos. Esse processo é impedido pela tradição cultural, que tende a estipular padrões mais ou menos fixos de assimilação das experiências, enquanto ela não é submetida a controle algum ou a processos de modificação institucional.

- Agora, o indivíduo é capaz de distinguir entre normas sociais puramente herdadas ou impostas pela tradição e os princípios que justificam as normas em geral (da indistinção entre causalidade natural e de liberdade, passa para a distinção entre vontade e cultura, até atingir a distinção entre heteronomia e autonomia, entre o eu geral e a individualidade autônoma).

- Visão abrangente e complexa de indivíduo. Visão de mundo racional.

Essa noção de desenvolvimento identitário tende a seguir, na perspectiva de Habermas, certas concepções de base que podem ser assim resumidas:

- 1) Em primeiro lugar, é possível distinguir diferentes linhas de desenvolvimento que constituem o resultado de processos de amadurecimento e aprendizagem, das quais Habermas toma como modelo a moral e a cognição;

- 2) Tal desenvolvimento percorre uma série irreversível de estágios discretos e de complexidade crescente. “[...] nenhum estágio pode ser saltado e cada estágio superior ‘implica’ o precedente, no sentido de um modelo de desenvolvimento reconstruído racionalmente” (Habermas, 1976/1990, p. 53);

- 3) O desenvolvimento identitário não se dá de maneira contínua e ininterrupta, mas se vê constantemente marcado por crises.

A solução de problemas específicos de uma fase do desenvolvimento é precedida por uma fase de desestruturação e, em parte, de regressão. Ter experimentado a solução produtiva de uma crise, ou seja, a superação dos perigos de traçados patológicos de desenvolvimento, é condição necessária para dominar crises subsequentes. (Habermas, 1976/1990, p. 53).

Tais crises podem constituir parte do próprio processo de aprendizagem cognitivo, moral, emocional etc. pelo qual o indivíduo tem necessariamente de passar, mas podem também ter como origem conflitos de ordem psicodinâmica, que tendem a estancar, por vezes gravemente, o desenvolvimento. Aqui, tanto quanto Ciampa, Habermas (1968/1987) recorre a alguns dos insights psicanalíticos sobre entraves psicopatológicos, ressignificados por ele, no entanto, em uma

perspectiva mais propriamente psicossocial, como exemplos de falhas comunicativas; a neurose consistiria num bloqueio à capacidade de comunicação do indivíduo com o mundo e consigo mesmo, a partir do momento em que este reprime, sem enfrentar, o que é indesejável, excluindo da esfera pública certos conteúdos que, pelo seu caráter privativo, retroajam internamente até se tornarem ininteligíveis, necessitando de interpretação terapêutica para uma possível elucidação: “[...] os sintomas são signos de uma auto-alienação específica do sujeito em questão [...] a comunicação do sujeito que fala e age está interrompida com ele mesmo ” (p. 245)⁶².

4) O desenvolvimento da identidade corresponde a um processo de crescente autonomia e interdependência do Eu – aquilo que Ciampa (1987) define como ‘mesmidade’ ou auto-determinação;

5) A identidade do Eu – última etapa do processo de formação identitária – consiste na capacidade consistente de enfrentamento dos conflitos que sempre caracterizaram a relação do indivíduo com o meio social, independentemente da vinculação obrigatória a imagens específicas do mundo, compartilhadas coletivamente. O indivíduo se sente mais livre para escolher e menos restrito a determinações culturais – como na metamorfose efetiva, de Ciampa (1987).

6) A socialização, todavia, ao invés de constituir um impedimento, é justamente o que permite a construção da identidade do Eu, na medida em que o sujeito apropria-se dos universos simbólicos compartilhados com grupos de referência, e os interioriza, transformando-os em esquemas da compreensão e do pensamento. A socialização é, portanto, sucedânea da individualização.

Esse mecanismo da interiorização liga-se ao ulterior princípio que permite conquistar independência com relação a objetos externos, a pessoas de referência ou aos próprios impulsos, repetindo ativamente o que antes se havia experimentado ou sofrido passivamente. (Habermas, 1976/1990, p. 54)

O desenvolvimento da identidade reconstrói, dessa maneira, a própria lógica do desenvolvimento ontogenético, da criança para o adolescente até o adulto. De uma condição inicial mais infantil, ‘natural’ e não-socializada, para o estado de socialização, marcado pela assunção de identidades coletivas, até finalmente chegar ao indivíduo autônomo. Ciampa (1987, p. 228-229) resume suficientemente bem esse processo:

[A identidade] evolui de um *hedonismo ingênuo* para uma *ética formalista*; de uma busca de prazer / evitamento da dor, evolui para uma liberdade moral válida para todos (enquanto indivíduos privados). [...] Inicialmente, sua identidade está mais próxima de uma identidade *mítica*, sua consciência apenas sensível, uma identidade *imediata*, quase uma

⁶² Nas obras *Conhecimento e Interesse* (Habermas, 1968/1987) e *Consciência moral e agir comunicativo* (Habermas, 1983/1989), o autor explora melhor seus conceitos a esse respeito. Retornaremos oportunamente a algumas de suas contribuições nesse sentido quando da análise dos dados de nossa pesquisa.

identidade *natural* de criança.

A demarcação rígida de idades, entretanto, não nos interessa tanto aqui, visto que muitos adultos permanecem ligados, por exemplo, a um estilo de pensamento operacional concreto, enquanto outros conseguiram atingir o período das operações formais – o que também depende de fatores sócio-econômicos, acesso a bens e recursos, bem como outros determinantes sócio-culturais. Em contrapartida, o fato de alguns se desenvolverem mais em termos cognitivos, não implica invariavelmente um avanço da moralidade, malgrado seja possível encontrar certa correspondência entre uma linha de desenvolvimento e outra – lembrando Piaget (1975), os esquemas afetivos nunca estão inteiramente separados dos esquemas cognitivos. Habermas (1976/1990) também salienta que o alcance da identidade do Eu (autodeterminação, em Ciampa) está vinculada a certas condições cognitivas, mas não depende inteiramente destas, estando atrelada muito mais às interações sociais. A identidade do Eu não se instaura de modo regular, como resultado de processos naturais de amadurecimento, mas termina por ser, na maioria das vezes, um objetivo não alcançado por muitos indivíduos.

Somente no terceiro nível [de formação da identidade] os portadores de papéis [coletivos] se transformam em pessoas, que podem afirmar a própria identidade independentemente dos papéis concretos e de sistemas particulares de normas. [...] Ele [o indivíduo] põe no âmbito das possibilidades o fato de que formas de vida a que se está habitualmente acostumado podem ser irracionais. Por isso, deve recuar o seu Eu para trás da linha demarcada por todos os papéis e normas particulares, e estabilizá-lo unicamente com base na abstrata capacidade de representar com credibilidade a si mesmo, em todas as situações, como alguém que pode satisfazer as exigências de consistência mesmo diante de expectativas de papel inconciliáveis e mesmo quando atravessa uma série de fases contraditórias da vida. A identidade de papel é substituída pela identidade do Eu: os atores se encontram, por assim dizer, através de conexões objetivas de suas vidas enquanto indivíduos (Habermas, 1976/1990, p. 64)

Como dito anteriormente, essa mesma lógica de desenvolvimento – da identidade natural, para a identidade de papel, para a identidade do Eu (ver quadro 2, acima), encontra ressonâncias com o desenvolvimento das forças produtivas e da cultura de um modo geral. Tal qual o indivíduo, a sociedade caminha, na concepção habermasiana, das visões de mundo mágicas e míticas, para a compreensão do homem como ser biológico e social. Neste ponto, atingimos um problema particularmente interessante para o nosso estudo.

Para Habermas, nossa sociedade moderna desvinculou-se, em grande parte, de uma visão de mundo mais tradicional, sustentada em imagens religiosas. Ou seja, ela transcendeu, em muitos aspectos, a tradição previamente estabelecida por instituições que se identificavam com o poder estatal, como a igreja católica. É claro que várias alternativas de imagens do mundo se colocaram diante do declínio político e ideológico dos sistemas religiosos, e dentre elas, Habermas

menciona determinadas crenças paranormais, “terapias pseudo-científicas, que operam com a ajuda da ioga, da auto-hipnose e da dinâmica de grupo” (Habermas, 1976/1990, p. 90 e 91). Para o autor, tais crenças representariam um passo atrás no desenvolvimento identitário, o retorno a “[...] formas regressivas da consciência religiosa” (Habermas, 1976/1990, p. 90).

Habermas distingue, na verdade, três tipos de crença: 1) as grandes religiões mundiais; 2) os movimentos místicos e reacionários no interior dessas tradições; e 3) as crenças mágicas e “esotéricas” populares, estas sim objeto de sua crítica. Ele entende que, enquanto os movimentos místicos e anti-clericais desempenharam um papel importante na história das instituições religiosas, promovendo críticas e mudanças internas, as crenças mágicas e populares, como aquelas que encontramos...

...nas sessões de esoterismo das livrarias, parecem para mim mais um sintoma de fraqueza egóica e regressão, a expressão de uma urgência para um impossível retorno a formas místicas do pensamento, práticas mágicas, e visões de mundo fechadas [...] Mas a história nos ensina que as seitas religiosas podem ser muito inovadoras. Então talvez nem tudo no mercado seja baboseira californiana ou neopaganismo. [...] Em uma sociedade midiática homogeneizada, tudo perde sua gravidade, talvez até o próprio Cristianismo institucionalizado (Habermas, 2002, p. 151 e 152)

Como veremos adiante, tais críticas não chegam a atingir as chamadas religiões mundiais (Cristianismo, Judaísmo, Budismo etc.); suas ressalvas se circunscrevem, portanto, a certos tipos de crença – que nós poderíamos chamar também de paranormais, segundo uma definição mais ampla – mas que Habermas vê como sintomas de fraqueza egóica e regressão psíquica. Estariam o Espiritismo e as práticas mediúnicas contidos nessa última definição? Deixaremos para os capítulos vindouros uma possível reflexão sobre esse ponto.

Em alguns de seus escritos sobre religião e secularização (Habermas, 2002, 2006, 2008), o interesse de Habermas volta-se especialmente para uma elucidação do papel político desempenhado pelas instituições religiosas e seus adeptos no contexto de uma sociedade democrática. Sua preocupação maior parece ser a garantia de uma racionalidade integradora que abarque tanto o direito de manifestação e participação político-social dos crentes quanto dos descrentes, bem como as condições de inserção nesse debate. Sob esse aspecto, as tradições religiosas não seriam “[...] meramente irracionais ou sem sentido” (Habermas, 2008, p. 5). O autor interessa-se pelas atitudes cognitivas dos crentes ou não-crentes que deveriam guiar um *discurso*, um processo de interação dialogal distinto dos modos cotidianos de agir comunicativo, no qual fatos e normas previamente aceitos, em maior ou menor consenso, são então questionados e expostos à rigorosa argumentação lógica, empírica e intersubjetivamente validada. O autor afirma que as tradições religiosas mundiais permanecem constituindo um aspecto persistente e importante da

condição humana, não facilmente olvidado.

Nessa disputa, eu defendo a tese de Hegel de que as grandes religiões mundiais pertencem à história da razão em si mesma. O pensamento pós-metafísico desconhece a si mesmo se falha em incluir as tradições religiosas ao lado da metafísica em sua própria genealogia. Sobre essas premissas, seria irracional rejeitar essas “fortes” tradições como resíduos “arcaicos”, ao invés de elucidar sua conexão interna com formas modernas de pensamento. Mesmo hoje, religiões tradicionais exercem uma função de articular uma consciência do que é faltante ou ausente. Elas mantêm viva uma sensibilidade ao fracasso e ao sofrimento. Elas resgatam do esquecimento as dimensões das nossas relações sociais e pessoais nas quais os avanços da racionalização cultural e social têm causado completa devastação. (Habermas, 2008, p. 6)

Seus adeptos, homens e mulheres dos mais variados tipos, são passíveis, tanto quanto outros cidadãos, de formar, a respeito de si mesmos e de sua sociedade, uma compreensão racional: “[...] religiões *poderiam* envolver intuições racionais e momentos instrutivos de demandas não preenchidas, mas legítimas” (Habermas, 2008, p. 5). Destarte, coloca-se o problema de como conciliar um pensamento científico constituído, em parte, no interior de uma proposta de secularização da sociedade, com o pensamento religioso, de maneira a permitir a criação de um espaço público verdadeiramente democrático e igualitário.

De acordo com o autor, a passagem das sociedades tradicionais, regidas por imagens do mundo religiosas, legitimadoras dos processos de relação social e de intercâmbio sócio-econômico, pode ser descrito como resultado de um crescente ‘desencantamento’ do mundo (termo inspirado em Max Weber) – ou crise de motivação – que conduz a uma perda significativa e a uma restrição da proeminência ideológica de representações religiosas e metafísicas, situação que culmina na emergência de uma cultura profana marcada pela diferenciação de estruturas distintas de valor – ciência e técnica, lei e moral, arte e teoria da arte etc. – cada uma delas guiada por uma lógica particular. Nesse processo, as estruturas sociais são diferenciadas basicamente em dois sistemas funcionalmente entrelaçados: 1) o sistema econômico, dirigido pelas regras do mercado e do capital; 2) e o aparelho burocrático do estado. No que diz respeito à cultura, aquilo que Habermas define como *mundo da vida*, isto é, o universo das relações cotidianas, várias mudanças acompanharão o intenso projeto de secularização, operando diversas transformações nos referenciais e paradigmas vigentes de formação da identidade.

É assim que um dilema paradoxal emerge no contexto das várias possibilidades identitárias disponíveis aos cidadãos modernos. De um lado, sente-se positivamente esse processo como sinal de emancipação e liberação frente a dependências naturais, potencialmente opressoras; mas de outro, ressentem-se a perda de apoios convencionais, do aconchego das proteções oferecidas pela comunidade integrada como um todo ético. Se agora os indivíduos já não necessitam

subordinar-se exclusivamente a um modelo de identidade, podendo então optar pelas mais diversificadas roupagens e tendências, também é certo que se sentirão angustiados e desorientados diante da enorme pluralidade de caminhos potencialmente traçáveis, e diante dos muitos riscos, ganhos e perdas que envolvem irremediavelmente esse processo. Muitas das decisões a serem tomadas, numa sociedade moderna, dependem dos próprios indivíduos e não mais de normas ou padrões pré-fixados e legitimados culturalmente, mas muitas outras permanecem ocorrendo sob condições que eles não podem escolher. É aí que a possibilidade de um enredamento nas redes sociais persiste, conquanto agora em relação aos sistemas sociais diferenciados, movidos pelos meios ‘dinheiro’ e ‘poder’. A ambiguidade mostra-se no fato de que, mesmo quando as pessoas se imaginam como indivíduos livres e autônomos, capazes de adotar uma conduta de vida consciente, elas ainda permaneceriam restringidas por determinações coletivas, tais como as que as tornam dependentes do mercado de trabalho, das regulamentações políticas e jurídicas, das ofertas do consumo, da moda, dos dispositivos da disciplina e ordenamento social, dos conselhos médicos, psicológicos e pedagógicos, e das funções e papéis sociais previstos pela articulação, conjunta ou fragmentada, desses fatores. E quanto mais os indivíduos se distanciam da possibilidade de uma participação política efetiva na corrente dessas determinantes, quanto mais se afastam do seu poder de transformação da realidade social, mais se tornam predispostos à alienação do consumismo, dos modismos, da fluidez quase infinita das opções identitárias, mercadologicamente exploradas.

Essa situação parece evidenciar não tanto um desaparecimento das crenças religiosas e suas correlatas, mas uma limitação de sua influência e poderio social. Em outras palavras, essas crenças perderam muito da sua amplitude universalista, mas tem tentando recuperá-la de algum modo, inscrevendo-se justamente naqueles campos onde a “devastação racionalista” tem dificuldade em chegar, ou muito lentamente o faz: o consolo emocional, a perseverança e motivação para enfrentar adversidades da vida; a sensibilidade ao sofrimento humano; o fornecimento de um sentido ou significado mais amplo para a vida que não exclusivamente o do lucro e do capital; a valorização do indivíduo em sua relação com o sagrado; a promoção da solidariedade e do espírito comunitário, e até mesmo, mais recentemente, a defesa de certos direitos humanos e ambientais, em consonância com projetos ecológicos e ambientalistas. Destarte, para Habermas, o debate entre crentes e descrentes já não diz respeito hoje a quem vence quem, a quem permanece em pé e triunfa, mas antes, a como cada qual deve se posicionar frente às demandas de uma sociedade democrática. Se for verdade que as crenças religiosas e paranormais podem suprir lacunas apenas hesitantemente preenchidas no contexto de uma sociedade *líquido-moderna* (Bauman, 2007),

também nos parece correto lembrar que essas crenças – tanto quanto os efeitos da “racionalização devastadora” – encontram-se expostas a muitas “patologias” e excessos, não menos opressores e limitantes, como nos casos do fundamentalismo, das guerras religiosas e da alienação das massas (Habermas, 2008, 2006).

Habermas (2006) pretende definir a secularização cultural e social como um *processo de aprendizagem duplo*, em que, tanto as tradições provenientes do esforço iluminista de racionalização da cultura, quanto as tradições religiosas, aprenderiam mutuamente, refletindo sobre os limites de cada uma na esfera social. Esse processo, para ser bem sucedido, deve ser guiado por atitudes cognitivas e expectativas normativas a serem exigidas de cada um dos lados nesse debate; em outras palavras, os participantes desse *discurso* devem adentrá-lo tomando como pressupostas regras específicas de diálogo e respeito a serem cumpridas. Precisam esforçar-se por universalizar suas perspectivas e torná-las aceitáveis a um número cada vez maior de cidadãos, o que equivaleria, em termos de desenvolvimento moral, a um estágio *pós-convencional*.

Habermas defende o que ele designa de um *republicanismo kantiano*, ou um liberalismo político, como a base normativa para a justificação de um estado democrático constitucional. Essa proposta se assenta, contudo, não em perspectivas religiosas, mas num pensamento que o autor define como *pós-metafísico*, e que, portanto, renuncia a alegações cosmológicas e de salvacionismo histórico, embebidas nas clássicas teorias da lei natural fundamentadas teologicamente. Numa democracia, as normas, leis, e outros objetos de discussão social, são debatidos e defendidos com base em argumentos racionais, e não em uma suposta lei divina revelada aos homens. São os indivíduos que, enquanto cidadãos, constroem e prescrevem normas de conduta, sustentados em princípios racionais, passíveis de averiguação, contestação ou aceitação por parte de outros membros da sociedade. Assim sendo, os crentes são entendidos não como possuidores de uma verdade divina a ser aceita igualmente por todos, independentemente de suas diferenças ideológicas, mas como cidadãos que, justamente por isso, tem o direito de manifestar suas idéias, embora tenham, para tanto, que se ancorar em argumentos passíveis de universalização e assunção racional pelos demais membros da sociedade.

Não obstante, para que essa proposta caminhe favoravelmente no sentido do já citado *processo de aprendizagem duplo*, é preciso aceitar que a história da teologia Cristã, no ocidente, forma uma parte importante e indissociável da genealogia dos direitos humanos, sustentáculos do estado democrático constitucional. Assim, ao invés de regressiva ou inoportuna, a tradição cristã se apresenta doravante como marco da própria produção e desenvolvimento da racionalidade

ocidental, em continuidade histórica com as posteriores conquistas do iluminismo e do pensamento científico. Esse reconhecimento é o que permite, na convicção de Habermas, aos racionalistas, ateus, descrentes, respeitarem o pensamento religioso, e se esforçarem igualmente em prol de um diálogo amistoso e da estipulação de normas sociais exequíveis a ambos os grupos. Por sua vez, os crentes devem reconhecer suas limitações epistemológicas e de normatização no contexto de uma sociedade pós-metafísica, onde concorrem com visões de mundo semelhantes ou dessemelhantes, todas igualmente passíveis de aceitação ou contestação, mediante argumentação racional, sem o direito de sobrepujamento opressivo ou ideológico.

Há quem efetivamente concorde (Ratzinger, 2006), e há quem discorde (Northcote, 2007) de algumas das premissas esposadas por Habermas. Muitas são ainda as questões levantadas pelo autor no tocante ao seu projeto, e as retomaremos oportunamente na parte três desta dissertação, quando nos voltarmos para a discussão de alguns dos aspectos culturais da crença paranormal, tendo também por base os resultados de nossa pesquisa. Até que ponto o Espiritismo e outras crenças religiosas e paranormais se encaixam no projeto de Habermas, é algo que avaliaremos posteriormente. Mas se as contribuições da filosofia habermasiana nos foram importantes na elucidação de questões relacionadas ao endosso das crenças paranormais pelos participantes da nossa pesquisa, igualmente o foram as contribuições de Hjalmar Sundén quanto à formação dos papéis religiosos. Enquanto Ciampa e Habermas nos oferecem uma visão mais abrangente das formações da identidade, Sundén nos possibilita devassar melhor as particularidades inerentes às identificações de caráter religioso. Seu modelo tem contribuído assim para o estudo de diferentes grupos religiosos, incluindo-se aí os médiuns (Zangari, 2003).

4.3 Identidade religiosa: contribuições da Psicologia Social da Religião

Na apresentação deste trabalho, vimos um pouco da controvérsia relativa às definições disponíveis sobre a crença paranormal, sobretudo, no que tange à inclusão da categoria das crenças religiosas tradicionais. Acreditamos ter demonstrado que, em muitos aspectos, essa discussão é um tanto despropositada, no sentido de que essas diferentes formas de crença nem sempre se encontram tão claramente separadas umas das outras, e que as crenças religiosas tradicionais estabelecem importantes relacionamentos com crenças ou sistemas paranormais mais recentes. Malgrado sua

aparente heterogeneidade, tais categorias de crença compartilham diversas características em comum, o que nos permite defender, até certo ponto, uma unidade conceitual para elas. Isso é particularmente visível no que concerne à doutrina espírita, dada sua natureza sincrética, explicitada no capítulo dois. Falar de mediunidade, portanto, é falar, ao mesmo tempo, de uma crença ou prática paranormal e religiosa. Não há maior diferença aqui. Poderíamos nos fundamentar, de fato, quer na psicologia da religião, quer na psicologia das crenças paranormais. Conquanto os espíritas não admitam sua doutrina como *apenas* religiosa, é dentro dessa última acepção que a maior parte de suas práticas e atividades em centros espíritas tem sido conduzida, como também vimos no capítulo dois. Ademais, buscar na ciência a confirmação para algum tipo de prática ou crença religiosa / paranormal não constitui, certamente, uma prerrogativa exclusiva dos espíritas; assim procedem igualmente figuras religiosas como Padre Quevedo ou os muitos defensores do criacionismo e do design inteligente nos meios acadêmicos. Sendo assim, óbvia se torna a relação que estabelecemos aqui entre mediunidade e psicologia da religião.

Estudar a *identidade religiosa* é estudar, em outras palavras, como crenças, práticas, simbologias e representações de mundo religiosas amoldam a maneira de ser – comportar-se, perceber, sentir etc. – de um indivíduo, bem como o reconhecimento coletivo que obtém dos demais membros de seu grupo social. A identidade religiosa precisa ser entendida como a expressão dinâmica desses dois momentos: um “psico” – ou subjetivo – e um “social” – interpessoal ou sociocultural. Nas palavras de Dalgalarondo (2008, p. 101):

A identidade religiosa é vista, assim, como um dos vetores constituintes da identidade total, multicomposta em identidades de gênero, de orientação sexual, etária, de classe, étnica e profissional (e mais outras, que porventura sejam significativas). A religião, como esfera central do social e cultural, com seus símbolos e valores, seus rituais e comportamentos selecionados como desejáveis, os modos de vestir e manter os cabelos, atua nos dois “momentos” da constituição da identidade das pessoas. Pertencer, por exemplo, a uma família católica no Brasil, ser “crente” ou “espírita” tem, seguramente, implicações identitárias de longo alcance. As marcas identitárias que se observam nos adesivos fixados nos vidros de carros nas cidades brasileiras, “Deus é fiel”, “Só Jesus salva”, “Leia a Bíblia”, do lado evangélico, ou “Leia Kardec”, no lado espírita, assim como a figura de um terço estilizando a imagem da Virgem Maria, no lado católico, são bons exemplos de como essas configurações identitárias, demarcações de territórios simbólicos e rivalidades ganham os espaços públicos no nosso cotidiano.

Pouco nos importa conceitualmente se os termos empregados acima por Dalgalarondo possuem uma correspondência direta com as do modelo de Ciampa. Talvez, para este último, fosse mais adequado referir-se não a “identidades de gênero, etária, religiosa” e assim por diante, mas a diferentes *papéis* sociais. De qualquer modo, a essência da citação de Dalgalarondo permanece válida para uma apresentação das temáticas mencionadas, e servirá de norte para as discussões que pretendemos empreender adiante.

4.3.1 Sundén: uma teoria dos papéis religiosos

Hjalmar Sundén (1908-1993), formado em Teologia pela Universidade de Uppsala e doutor pela mesma instituição, é considerado um dos pais fundadores da Psicologia européia da Religião, ao construir um dos modelos mais relevantes e abrangentes sobre a formação e manutenção dos papéis religiosos. Sua teoria, explicitada inicialmente em sua obra *Religionen och Rollerna* (Religião e Papéis) tenta abarcar experiências religiosas e supranaturais a partir da compreensão de como os papéis desempenhados pelo indivíduo, tendo por base uma dada tradição religiosa ou *quadro de referência cultural*, condicionam a estruturação dos processos perceptivos desencadeadores das experiências vivenciadas. Para nossa breve revisão, valer-nos-emos das descrições mais sucintas de Holm (1997) e Zangari (2003) acerca dessa teoria.

Sundén parte do pressuposto de que uma experiência religiosa só é possível, psicologicamente falando, supondo-se a inserção do indivíduo que a vivencia e relata em um contexto devotado ao compartilhamento e à prática de um determinado conjunto de representações religiosas e seus respectivos rituais ou atividades. A mente humana precisa estar, de alguma forma, “preparada” para que a experiência religiosa se dê; isto é, uma experiência só será percebida, entendida e relatada como de procedência espiritual ou transcendente, caso o indivíduo tenha previamente se submetido a um apropriado quadro de referência e aprendizagem capaz de lhe oferecer os recursos cognitivos e comportamentais para tal interpretação e personificação. Mesmo que o indivíduo primeiro vivencie algo estranho ou peculiar para depois buscar uma explicação ao que lhe era inicialmente anômalo, a experiência só se tornará plenamente religiosa, ao fim e ao cabo, frente à sua ulterior assimilação por um dado conjunto de conteúdos e práticas religiosas. Antes disso, porém, ela pode ter sido parcialmente assimilada segundo diferentes quadros de referência disponíveis; afinal, defini-la como “anômala” já equivale a rotulá-la de algum modo segundo uma particular concepção de mundo que pretende prescrever o que é ou não é uma anomalia. Tal como em outros processos perceptivos, o estímulo sensorial só adquire sentido se mediado. Mas entre ter uma vaga experiência ou sensação difusa – digamos, ouvir a voz de alguém que se sabe distante daquele ambiente – e ter uma efetiva experiência religiosa, há uma grande distância: certamente aí o aprendizado religioso desempenhará um importante passo no aprofundamento e assimilação cada vez maiores dessas tendências ou experiências incipientes, transformando-as, por fim, em ricas e detalhadas experiências religiosas.

Entender como os papéis – ou modelos de comportamento – acabam por moldar as experiências religiosas de um indivíduo equivale, em muitos aspectos, a investigar os próprios conteúdos da religião. No Cristianismo, por exemplo, é importante estudar os textos da bíblia, que contém diversas descrições de como as pessoas podem entrar em contato com Deus. Essas narrativas contemplam papéis que, ora são vivenciados por seres humanos, ora por seres sobrenaturais ou pela própria divindade. Lá encontramos o modo como essas diferentes figuras se relacionam entre si, bem como os comportamentos, posturas e atitudes que lhes identificam, além de sua interpretação e compreensão particular das coisas. O texto sagrado veicula assim não apenas conceitos doutrinários, como também uma série de papéis que o indivíduo religioso toma para si como modelos de conduta. Ao ler as escrituras, ouvi-las narradas por outros, e, o mais importante, vê-las funcionando e atuando na vida dos demais membros religiosos, os crentes estabelecem um fundamento cognitivo e comportamental para suas próprias vivências religiosas. Demos o exemplo das escrituras bíblicas, mas quanto ao Espiritismo poderíamos igualmente citar as obras básicas da codificação kardecista, a coleção de livros psicografados por Chico Xavier, ou mesmo, para alguns, os romances mediúnicos de Zibia Gasparetto. Lá encontramos as histórias de pessoas que “desencarnaram”, conheceram um mundo espiritual, e depois “reencarnaram”, com deveres e responsabilidades a cumprir “nesta vida”, oriundos de situações e processos desencadeados em “existências anteriores”. Os leitores se identificam com esses personagens, imaginam a si mesmos como espíritos imortais, desempenham o papel de médiuns no centro, e logo passam a especular sobre a origem reencarnatória de toda uma série de conflitos e circunstâncias pessoais.

Pouco importa se o registro dessas narrativas tradicionais é oral ou escrito. O primordial a se considerar é que, tendo sido a pessoa introduzida a tais registros – de onde se deve deduzir o lugar central da linguagem e da aprendizagem social nesse processo – os estímulos internos ou externos que formam a experiência, serão então assimilados, aos poucos, ao quadro de referência religioso. O sistema nervoso paulatinamente desenvolve uma disposição para a percepção, agora guiada por um dado esquema ou quadro previamente formatado. Assim que assimilado, o estímulo é imediatamente apreendido e reconhecido como religioso. E, nesse sentido, pouca diferença faz se a experiência é de ordem mais cotidiana ou se é extraordinária e impactante. Essa disposição ou prontidão para a percepção define, em última instância, o que é e o que não é significativo, quais estímulos devem ou não ser considerados e como os considerar e responder a eles.

Para melhor compreensão, esse processo pode ser dividido em algumas etapas.

- 1) Primeiramente, dá-se uma efetiva excitação dos sentidos. Há, possivelmente, vários estímulos presentes, mas apenas alguns deles serão apreendidos, conforme sua concordância com o quadro de referência estabelecido mentalmente.
- 2) Tendo atingido o cérebro, esses estímulos incitam a busca por padrões de sentido, o que frequentemente leva à identificação ou descoberta de algum padrão. Essa etapa se dá de maneira inconsciente, dada a maior ou menor automatização dos esquemas de referência, sendo apenas seu produto final acessível ao indivíduo.
- 3) O padrão descoberto e formado agora estrutura os conteúdos da percepção, dando sentido aos estímulos que afetam o organismo e excitam o sistema nervoso. O indivíduo assume o papel que lhe cabe e estipula um ou mais *partners*, que correspondem aos demais indivíduos ou objetos envolvidos na situação. O *partner* pode ser desde uma visão de um espírito, ao próprio Deus ou outra figura real ou imaginária. No contexto de uma prece, por exemplo, o indivíduo toma o papel de solicitante e, ao mesmo tempo, de Deus.

Sundén assinala, por outro lado, que nem sempre um estímulo será percebido como religioso. Essa rede de significados espirituais ou transcendentais pode ser dominante para um determinado indivíduo, e funcionar de muitas maneiras e sob as mais variadas circunstâncias, mas podem haver situações ou contextos em que o referencial religioso não seja imprescindível. Quando o indivíduo passa de um quadro de referência cultural mais abrangente para um especificamente religioso, temos uma *fase de mudança*. Esse conceito implica a idéia de que, para o crente, nem tudo pode ser explicado ou tratado em termos estritamente religiosos, embora, com frequência, muita coisa seja assimilada ao seu quadro de referência doutrinário. A permeabilidade maior ou menor desses esquemas, sua capacidade em abarcar elementos cada vez maiores da vida de uma pessoa, depende de uma série de fatores que dizem respeito a como a identidade vai se estruturando a partir desses quadros. Na parte três da dissertação, exploraremos alguns dos fatores pessoais e psicossociais que acreditamos importantes nesse processo, no caso dos médiuns espíritas.

Também Van der Lans (1977), na linha do trabalho de Sundén, explica que certas variáveis ambientais podem igualmente concorrer para um mais ostensivo deslocamento do quadro de referência profano para o religioso. Ele nota que não parece suficiente para algumas pessoas simplesmente reavivar os esquemas religiosos de memória; é preciso, mais do que isso, inibir o quadro de referência cotidiano e estimular experiências inusitadas que confirmem mais intensamente, para o adepto, a ‘realidade’ ou força das crenças religiosas adotadas. O uso de drogas

psicoativas em algumas religiões, bem como o emprego de variadas técnicas de alteração da consciência durante rituais ou práticas religiosas – privação ou excesso de estimulação sensorial, jejum, sugestão hipnótica, exercícios de relaxamento e de imaginação guiada etc. – tendem a desfazer os padrões cognitivos habituais, levando a experiências alucinatórias e anômalas que, incorporadas pelo quadro de referência religioso, tal como no esquema que apresentamos anteriormente, servem como mecanismos de perpetuação e manutenção dos papéis assumidos, facilitando uma mudança de fase.

Sundén aplicou sua teoria dos papéis na elucidação de uma série de histórias de grandes místicos e religiosos, como Teresa D'Ávila, Santo Agostinho, João da Cruz, dentre outros. Ao contrário de outras perspectivas comuns na Psicologia da Religião, Sundén preocupou-se não em verificar as dimensões puramente pessoais das experiências desses indivíduos, mas em investigar quais seriam seus fundamentos culturais: os mitos, textos, relatos verbais e representações que estariam na base dos preceitos e comportamentos religiosos, tal como se apresentam em indivíduos concretos. Embora sua teoria trate muito da percepção, de como esta é condicionada pelos quadros de referência culturais, ela é intrinsecamente uma teoria psicossocial, que trabalha na intermediação do indivíduo com seus grupos, enfatizando a importância da linguagem, das interações, e dos símbolos socialmente compartilhados na determinação das experiências religiosas, tidas durante tanto tempo como expressões singulares e inefáveis impossibilitadas de um estudo empírico efetivo. Sundén nos permite sair assim do campo da metafísica e atingir a experiência religiosa de uma perspectiva eminentemente psicológica: perceptiva, comportamental e identitária.

Mas Sundén igualmente recebera críticas ao seu trabalho. Sua teoria parece não elucidar muito bem, por exemplo, os motivos e fatores que levam as pessoas a mudarem de um quadro de referência religioso para outro, isto é, os processos de conversão e desconversão religiosa. Num nível ainda mais profundo, pode-se perguntar por que afinal algumas pessoas chegam a adotar um quadro de referência religioso, enquanto outras não? Segundo Zangari (2003, p. 201), Sundén e seus discípulos parecem ter se esforçado “[...] mais em aplicar sua concepção que ampliá-la ou sistematizá-la como um *corpus* teórico integrado. Assim como Sundén, interessaram-se mais em compreender a experiência religiosa por meio de um instrumental psicológico suficiente para esse fim”.

Em nossa pesquisa, não pretendemos responder, entretanto, a essas questões, por estarmos cientes da amplitude e complexidade que envolve uma possível resposta. Acreditamos ter chegado, não obstante, a alguns dos fatores que possivelmente levaram os médiuns de nosso estudo

a se tornarem espíritas, ou a deixarem suas formas de adesão iniciais – como o Catolicismo – para se tornarem espíritas. Veremos que esse processo se apresenta, na maioria dos casos, como um processo fluido, em que certas representações religiosas, incorporadas ainda no período de uma socialização primária, nunca deixam totalmente o indivíduo, sendo impraticável, portanto, demarcar uma linha divisória clara entre essas transformações. Afora as limitações supracitadas, o modelo de Sundén mostrou-se amplamente útil para a compreensão das experiências paranormais / mediúnicas.

4.4 Conclusão

Neste capítulo, revisamos os principais autores que nos serviram para erguer um referencial teórico minimamente exequível e de utilidade para uma análise das histórias de vida dos médiuns e de suas experiências e práticas mediúnicas. Não desejamos, todavia, depender totalmente desse referencial, à semelhança de uma muleta com a qual precisássemos nos sustentar o tempo inteiro. Intentamos desenvolver, ao contrário, um modelo de análise próprio, que tomasse os autores previamente elencados como ponto de partida geral. De todos, é certamente a Ciampa a quem mais devemos, considerando-se ter sido com base em seus principais conceitos que pudemos chegar às categorias elaboradas em nosso estudo exploratório, à maneira de trampolins em que nos sustentamos, tanto outrora quanto na ocasião deste trabalho, para entender os usos e sentidos das crenças e experiências paranormais na construção da identidade psicossocial dos médiuns. O sistema de Ciampa, pela riqueza de questões e temáticas que levanta, é inerentemente propício a ampliações, complementações, mutações. Ele próprio funciona como uma corroboração da idéia de metamorfose defendida pelo autor visto não se fixar rigidamente a um referencial teórico. Na verdade, o que se pode depreender da leitura de Ciampa é justamente a sua intenção de que o leitor vá além do estabelecido e encontre novas associações. Ao longo de seus textos, Ciampa inclusive elenca algumas dessas possibilidades de diálogo teórico, seja com a Psicanálise, com o Psicodrama, com a Teoria Crítica etc. Sob esse aspecto, vemos a sua contribuição não como construção acabada, mas como uma base sobre a qual novos edifícios teóricos poderão emergir. É na busca de um modelo próprio, desenvolvido a partir dessas várias contribuições, que desejamos dedicar, doravante, nossos esforços.

5 Método

Ao estudar um filósofo, a atitude certa não é a de reverência nem a de desprezo, mas primeiramente a de um tipo de simpatia hipotética, até saber como é acreditar nas suas teorias, e só então um restabelecimento da atitude crítica, que deve assemelhar-se, tanto quanto for possível, ao estado mental de uma pessoa abandonando opiniões que ela até agora abraçou. O desprezo interfere na primeira parte desse processo, e a reverência no segundo. Duas coisas devem ser lembradas: que um homem cujas opiniões e teorias são de utilidade para o estudo, pode presumir alguma inteligência, mas que nenhum homem é passível de ter alcançado a completa e absoluta verdade em qualquer assunto que seja.

- Bertrand Russel

Embora defina como deva ser a atitude de um estudioso frente a outro pensador ou filósofo, a frase com a qual iniciamos este capítulo expressa muito da prática de um pesquisador da Psicologia ou ciências sociais e da relação que este precisa estabelecer com aqueles que pretende estudar. No nosso caso, os médiuns entrevistados foram os ‘filósofos’ que nos contaram sobre suas vidas e sobre sua maneira de enxergar o mundo. Para que pudéssemos conhecê-los e penetrar em sua concepção da realidade, precisávamos adotar uma postura como a defendida por Bertrand Russel: a de um equilíbrio entre a simpatia e a atitude crítica e reflexiva.

A pesquisa qualitativa tem por foco a experiência humana, tal como ela é vivida e descrita por seus próprios atores; é empregada, portanto, na compreensão de fenômenos caracterizados por um alto grau de complexidade interna (Creswell, 1998; Martins e Bicudo, 1989; Paulilo, 1999; Silverman, 2010; Spindola e Santos, 2003). A principal forma de coleta de dados utilizada nesta pesquisa consistiu numa das mais importantes modalidades de pesquisa qualitativa: a *História de Vida*. Ela é, por vezes, confundida com o estudo de caso clínico, ou *life history*. A grande diferença é que na *História de Vida* – ou *life story* – a ênfase recai sobre o relato da pessoa; o pesquisador não necessita confirmar a autenticidade dos fatos, já que o importante é o ponto de vista de quem está narrando a história. O objetivo de um estudo como esse é justamente compreender e apreender a vida tal qual ela é relatada e interpretada pelo sujeito (Spindola e Santos, 2003).

Por meio da *História de Vida* é possível captar o que acontece na intersecção do individual com o social. O indivíduo, em suas ações e interpretações, reproduz a época histórica em que vive. O universal mostra-se, dessa maneira, invariavelmente presente no singular. Na explicação de Paulilo (1999, p.143):

A história de vida pode ser, desta forma, considerada instrumento privilegiado para análise e interpretação, na medida em que incorpora experiências subjetivas mescladas a contextos sociais. Ela fornece, portanto, base consistente para o entendimento do

componente histórico dos fenômenos individuais, assim como para a compreensão do componente individual dos fenômenos históricos.

Conquanto estudos qualitativos, na linha da *História de vida* e das observações etnográficas produzam resultados de difícil generalização, eles frequentemente oferecem informações mais detalhadas que as obtidas em outras abordagens. Trata-se ainda de uma modalidade de pesquisa útil no desbravamento de áreas de investigação novas ou negligenciadas, como é o caso das experiências anômalas (Pekala & Cardeña, 2000).

5.1 Descrição dos participantes e critérios de recrutamento

Os participantes da presente pesquisa foram 11 médiuns espíritas, com mais de 18 anos de idade, os quais mantêm, semanalmente, uma ou mais práticas envolvendo elementos de crença e experiência paranormal / mediúnica. Assim, foi considerada apta para a pesquisa qualquer pessoa que exercesse atividades relacionadas à pintura mediúnica, psicografia, desobsessão etc. Tais critérios de seleção permitiram a escolha de participantes que efetivamente dispõe de uma significativa relação pessoal e grupal com crenças e práticas ligadas à paranormalidade e mediunidade e a exclusão de pessoas cuja relação com as crenças paranormais poderia ser meramente da ordem da curiosidade ou ser ocasional. O critério de inclusão de pessoas pertencentes a um grupo religioso específico repousou também no interesse em avaliar a potencial influência do contexto grupal e doutrinário na manutenção das crenças paranormais e na própria construção da identidade dos médiuns. Não houve a exigência de que os participantes tivessem muitos anos de prática mediúnica; na verdade, era-nos interessante uma maior diversidade, podendo participar tanto indivíduos que já possuísem uma longa trajetória como médiuns, quanto indivíduos que ainda se encontrassem nos primeiros anos de tarefa mediúnica. Não se estabeleceu limites também quanto a diferenças de gênero ou idade – salvo quanto aos menores de 18 anos –, sendo o critério da diversidade aplicado aqui de igual forma. Carece esclarecer ainda que em nenhum momento adotou-se como princípio de seleção a demonstração de eventuais habilidades paranormais por parte dos médiuns. Desse ponto de vista, foram considerados médiuns, por nós, todos aqueles que se enxergam como tais, ou relatam experiências recorrentes às quais denominam mediúnicas, quer autênticas ou não.

Inicialmente, pensou-se em um número de aproximadamente vinte participantes para este estudo. Essa escolha tinha por base o intuito do autor em verificar, com base numa coleção de casos numericamente maior, determinadas hipóteses desenvolvidas anteriormente em um estudo exploratório que culminou na sua monografia de conclusão de curso em Psicologia (Maraldi, 2008). Como a pesquisa recorre a uma metodologia qualitativa, sustentada em entrevistas pessoais prolongadas, observações etnográficas e uma avaliação minuciosa de materiais complementares, não se poderia pensar num número maior que vinte participantes, como seria o caso em um estudo que recorresse à análise estatística, devido à grande massa de dados que teria de ser considerada em tempo não hábil. No entanto, ao longo do processo de coleta e análise de dados, constatou-se, em oposição ao número inicial de vinte, que o número total de entrevistas compiladas ao longo de 2009 (11) seria suficiente para a proposta da pesquisa, tendo-se averiguado inclusive certa repetição e monotonia na frequência de algumas categorias de análise. Dessa forma, o autor concluiu que um número maior de participantes do que o já disponível complicaria desnecessariamente a tarefa de análise dos dados, e pouco acrescentaria às análises vigentes.

Inicialmente, também, pensava-se em realizar o estudo com apenas uma instituição religiosa, Centro Espírita Ismael (<http://www.ceismael.com.br>) em vista do contato que o autor já dispunha, desde a pesquisa exploratória, com essa instituição. Entretanto, considerou-se que o mais adequado seria igualmente entrevistar médiuns de outras instituições, de modo a permitir alguma comparação entre os processos de formação identitária dos vários participantes, em suas relações com dinâmicas institucionais específicas. Haveria alguma mudança na estruturação da identidade de participantes provenientes de instituições espíritas distintas? Assim, a coleção foi composta de médiuns do Centro Espírita Ismael e de outra instituição espírita menor, Centro Espírita Paschoal Tróvelle, ambos localizados na região da zona norte de São Paulo. O primeiro, ligado à FEESP – Federação Espírita do Estado de São Paulo – refere-se a um local amplo, altamente organizado e estruturado, e com grande número de voluntários para as atividades religiosas. Lá são realizadas palestras, cursos sobre Espiritismo e sobre educação mediúnica – psicografias, pintura mediúnica etc. – além de várias outras atividades, como o trabalho de ‘assistência espiritual’ com fundamento na prática espírita do passe, bem como diversas obras de caridade e de auxílio à comunidade. No que concerne ao Centro Espírita Paschoal Tróvelle, trata-se de instituição antiga, porém menor do ponto de vista físico e organizacional. Apresenta número reduzido de atividades, se comparada ao Centro Ismael, e segue parâmetros ligeiramente distintos de organização e condução das reuniões mediúnicas, conforme os parâmetros da USE – União das Sociedades Espíritas. Tanto a FEESP

quanto a USE funcionam como órgãos reguladores e de divulgação doutrinária que tem por objetivo fornecer diretrizes aos trabalhos realizados em diversos centros espíritas de São Paulo, visando a uma possível unificação e padronização no movimento espírita como um todo. As reuniões de ambos os centros estudados, contudo, em quase nada diferem, em termos doutrinários, sendo as modificações observadas condizentes com a estrutura particular de cada um, com suas respectivas filiações institucionais – FEESP ou USE –, com o número geral de voluntários e frequentadores e com as características de gestão próprias de cada corpo diretivo.

Em ambas as instituições, o primeiro contato foi possível graças às recomendações de um amigo espírita do pesquisador, o qual gentilmente indicou nomes de pessoas ou telefones para um possível contato. No centro Ismael, o primeiro contato (em 2008, para o estudo exploratório) foi um pouco mais informal, e a confiança foi sendo conquistada paulatinamente. Embora nenhum impedimento maior à realização da pesquisa tenha se apresentado, não se permitiu ao pesquisador assistir ou participar, inicialmente, de reuniões mediúnicas, autorização essa obtida apenas alguns meses após as visitas à instituição e à realização das primeiras entrevistas com as duas médiuns pesquisadas naquela ocasião. Inversamente, no centro Paschoal Tróvelle, em que atuam familiares do amigo do pesquisador, os contatos ocorreram mais facilmente e a aceitação e autorização se deu rapidamente.

Na ocasião do primeiro contato com os participantes da pesquisa foram explicitados, de forma sucinta, os objetivos e procedimentos do estudo. No dia designado para a entrevista, os colaboradores foram convidados a assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, mediante sua aceitação em participar da pesquisa. Explicou-se também que cada um receberia uma devolutiva dos resultados e das análises efetuadas após o término do estudo. Nas ocasiões de observações etnográficas, em que se assistiu e participou das reuniões mediúnicas, pediu-se previamente a autorização dos dirigentes do centro e dos responsáveis pela atividade designada, tendo o pesquisador participado somente com a anuência prévia dos envolvidos. Nem todos os médiuns observados em sessões mediúnicas foram entrevistados para a pesquisa, mas a maioria dos entrevistados (8) foi vista atuando mediunicamente – (S), (E.O), (I.Z), (M.J), (C.R), (E), (C) e (C.A.B). Alguns dos colaboradores foram convidados à entrevista após terem sido vistos em ação – casos (S), (I.Z) e (C.AB); outros foram indicados pelo corpo diretivo do centro, tendo prontamente aceitado uma entrevista – casos (E.O), (M.J), (C.R), (E), (C), (V), (N) – sendo alguns destes observados depois em contexto mediúnico (E.O), (M.J), (C.R), (E), (C) e (C.A.B); e por fim uma médium se manifestou espontaneamente ao pesquisador (A.M).

No que tange ao convite para a entrevista, tomou-se como base os seguintes critérios:

- 1) as manifestações desses médiuns, dadas suas características peculiares, mostraram-se *emblemáticas* (Pacheco & Ciampa, 2006) e de relevância para uma maior compreensão das crenças e experiências mediúnicas. Tais características incluíam performances mais emocionalmente intensas ou fenomenologicamente mais detalhadas e variadas que as de outros médiuns observados; por vezes, também, o contrário, isto é, manifestações simples e bem menos rebuscadas; desenvolvimentos específicos de suas mediunidades – alguns médiuns pareciam mais dotados para a escrita ou para o desenho; outros ainda para performances em sessões de desobsessão etc. Daí a escolha de diferentes tipos, visando uma relativa diversificação. Foram considerados também padrões de comportamento individuais, expressos em grupo, que por ventura chamassem a atenção do pesquisador etc.

- 2) a receptividade e disponibilidade do médium para participar da pesquisa. Alguns dos convidados não aceitaram participar, alegando os mais variados motivos pessoais – ausência de tempo; falta de interesse etc. Muitos outros, por sua vez, apresentaram-se espontaneamente ou chegaram a concordar com um convite, mas as entrevistas disponíveis já haviam esgotado as categorias de análise ou seus casos não apresentavam maior interesse analítico.

- 3) a aparente confirmação ou não-confirmação, mediante as observações, das hipóteses iniciais levantadas quanto aos usos e sentidos das crenças e experiências paranormais desses médiuns. Se a história de vida do médium ou suas experiências eram especialmente refratárias a algum aspecto do modelo de análise estabelecido, ou se, por outro lado, era bastante representativa do modelo em quase todos os seus detalhes... Enfim, em cada ocasião tomou-se como critério uma possível convergência ou divergência com as hipóteses prévias.

Nos demais casos, em que não houve convite ostensivo e direto do pesquisador, a seleção se deu em função de um convite genérico do corpo diretivo do centro aos médiuns da casa. Houve casos em que o centro espírita parece ter preferido um médium ou outro, seja pela trajetória de vida inusitada ou pelos anos de prática desses médiuns – como nos casos (C), (E) e (C.R) do Paschoal Tróvelle. Nos demais casos, entretanto, a escolha ou seleção dos participantes parece ter repousado mais sobre sua disponibilidade e interesse do que em qualquer outro fator.

5.2 Coleta de dados

Segundo Creswell (1998), um dos principais critérios de validade e verificação utilizados pelos pesquisadores qualitativos é o da *triangulação*, que consiste no emprego de múltiplas e diferentes fontes de dados, técnicas e teorias, de modo a garantir maior corroboração a uma dada investigação e lançar luz sobre um tema ou perspectiva. Em nosso próprio estudo, valemo-nos dos dados provenientes de três frentes de coleta:

1) relatos das *histórias de vida* dos participantes, buscando averiguar diferentes aspectos de sua formação identitária, bem como os valores e representações subjetivos atrelados a suas crenças e experiências paranormais;

2) *observação etnográfica* de reuniões mediúnicas e outras sessões espíritas, buscando melhor acessar a dimensão social e grupal dessas crenças e experiências, bem como sua interação com a dimensão individual investigada no item 1;

3) *material complementar* fornecido pelos médiuns participantes, sob a forma, por exemplo, de pinturas ou desenhos mediúnicos e psicografias.

Médiuns (nomes fictícios)	Idade	Profissão atual	Nível educacional	Renda mensal domiciliar⁶³	Estado civil
S	50	Manicure	Ensino médio completo	Classe C	Casada
I.Z	50	Do lar	Superior incompleto em Pedagogia	Classe C	Casada
V	41	Do lar	Superior incompleto em Pedagogia	Classe C	Casada
E.O	60	Do lar	Ensino fundamental completo	Classe C	Casada
N	29	Corretora de seguros	Ensino médio completo	Classe B	Solteira
A.M	57	Auxiliar de enfermagem	Ensino médio completo	Classe D	Divorciada

⁶³ A divisão de classes sociais baseou-se nas seguintes médias: Classe B = entre 3800 e 7600 reais; Classe C = entre 1900 e 3800 reais e Classe D = entre 760 e 1900 reais. Fonte: IBGE.

M.J	48	Costureira	Ensino fundamental completo	Classe C	Casada
C	45	Do lar	Ensino fundamental completo	Classe B	Casada
C.A.B	65	Representante comercial aposentado	Ensino médio completo	Classe D	Casado
E	39	Funcionário público	Superior completo em Pedagogia	Classe C	Casado
C.R	32	Assistente administrativa	Superior completo em Administração e Letras	Classe C	Casada

Quadro 3. Alguns dos principais dados dos participantes.

Extraímos os relatos da *História de Vida* por meio de uma ou mais entrevistas com os médiuns, conforme a qualidade das informações obtidas. Essas entrevistas são denominadas de entrevistas prolongadas, pois não dependem de um horário estabelecido para o seu término, podendo durar muitas horas. Contribui para isso também o fato de serem entrevistas semidirigidas, nas quais se concede a oportunidade de o entrevistado expor suas idéias mais livremente. O horário estipulado para a realização das entrevistas foi marcado com antecedência, escolhendo-se um dia, juntamente com os colaboradores, em que houvesse um bom tempo disponível. Algumas dessas entrevistas foram realizadas nos próprios centros espíritas, após autorização, e noutras vezes, na residência dos participantes, conforme sua preferência e consentimento. Não se observou maiores empecilhos à condução das entrevistas, quer no caso daquelas realizadas em salas reservadas dos centros espíritas, quer em ambiente residencial.

As observações das sessões mediúnicas também contaram com autorização prévia, tanto dos dirigentes das casas espíritas, quanto dos responsáveis pela coordenação e manutenção dessas atividades e sessões específicas. Embora a literatura sobre estudos etnográficos aponte a importância de um prolongado engajamento e persistente observação a campo (Creswell, 1998; Silverman, 2010), consideramos a frequência de visitas aos centros em conformidade com a relevância e o interesse dos dados que emergiam. Conquanto sempre exista a possibilidade de que alguma informação nova apareça após constantes e demoradas observações, tomou-se o critério de permanecer até o momento em que as categorias e observações estabelecidas fossem analiticamente frutíferas e não redundassem em excessiva monotonia, optando-se, portanto, por um recorte,

condizente com o período de dois anos disponível para a realização de nosso estudo. Não obstante, acreditamos que o material colhido é de substancial relevância para os objetivos da pesquisa.

Cabe esclarecer, por sua vez, algumas das premissas em que nos baseamos durante o processo de observação etnográfica. O psicólogo considera que seu papel de observador modifica, mesmo que por sua simples presença, o campo de observação estabelecido. Deve estar consciente, portanto, dessa participação no fenômeno que investiga. Nesse sentido, ao observar uma situação, está observando a si próprio e ao vínculo que estabeleceu. Tal reconhecimento não implica, todavia, numa irreversível confusão entre os papéis de pesquisador e de pesquisado – embora esse perigo possa eventualmente se apresentar, dado o contexto de estudo e a interação estabelecida. É preciso, assim, que ao se permitir participar, o pesquisador adote, ao mesmo tempo, uma postura relativamente distanciada que o possibilite considerar os processos que estuda, também a partir de um horizonte externo e científico, ainda que sensível à interpretação própria dos membros pertencentes àquele particular universo cultural. É elemento que participa da situação e que, portanto, condiciona-a, ao passo em que, sendo também um sujeito que se auto-observa na relação com os demais, procura distinguir *como, quanto e quando* sua presença condiciona os processos mesmos que se está estudando. Foi o que tentamos fazer, em parte, no capítulo sobre “Mediunidade como ideologia”, ao explorarmos as relações ‘transferenciais’ pesquisador-médiuns, e na conclusão do presente trabalho, ao abordarmos algumas das possíveis lacunas – ao menos aquelas por nós identificadas – na coleta e análise dos dados.

Quanto à duração das entrevistas, dir-se-ia que a temporalidade, na *História de vida*, não corresponde ao tempo físico, mas ao tempo fenomenológico ou interior, contínuo e circular. A vida é olhada de forma retrospectiva, o que viabiliza uma compreensão da totalidade, uma visão de conjunto, onde elementos do presente fundem-se a evocações do passado. Por conta disso, tomamos o devido cuidado de deixar que os narradores falassem, sem grandes interferências opinativas. O principal objetivo era o de estabelecer uma relação de confiança e empatia com os entrevistados, respeitando a sua opinião e acreditando no que eles dissessem, manifestando-nos apenas quando fosse necessário esclarecer alguma passagem do relato ou estimular a fala dos participantes, mas procurando sempre relacioná-la às informações relevantes ao tema da pesquisa – neste caso, às suas crenças e experiências paranormais (Paulilo, 1999; Silverman, 2010; Spindola e Santos, 2003).

A maneira como os narradores foram abordados na entrevista foi, inicialmente, a mais aberta possível; limitamo-nos a pedir-lhes que falassem de suas vidas, de sua história, de quem eles são, de suas experiências de vida mais significativas. O uso de *questionamentos esclarecedores* foi

feito ainda para elucidar trechos da narrativa e aliviar a catarse que acompanha, naturalmente, o relato de assuntos carregados de afeto e geradores de ansiedade ou angústia. Estipulou-se um roteiro com as perguntas mais pertinentes ao assunto abordado pela pesquisa, a serem feitas apenas caso alguma questão importante deixasse de ser levantada espontaneamente pelos participantes. Apesar de não termos seguido rigorosamente esse roteiro – pois muitas das perguntas não precisaram ser feitas (uma vez que os entrevistados trouxeram a informação por si só) e a maioria foi reformulada e dita de um modo que facilitasse a sua compreensão pelos participantes –, resolvemos incluí-lo a seguir, de maneira a que os leitores possam compreender melhor o caminho percorrido entre os objetivos que nortearam a presente pesquisa e a realização da entrevista propriamente dita:

a) Como surgiu a sua mediunidade? **(Ou)** Quais os seus primeiros sinais de mediunidade? **(Ou)** Como descobriu que era médium?

b) Quais as vivências paranormais e mediúnicas pelas quais você já passou e qual a sua forma de mediunidade predominante (incorporação/psicofonia, psicografia, efeitos físicos, de cura etc.)?

c) Qual foi o impacto dessas experiências (paranormais/mediúnicas) na sua vida? Você poderia me descrever algumas situações para ilustrar isso?

d) Como essas experiências afetaram a sua maneira de enxergar a si mesmo(a)? E quanto à maneira das outras pessoas te enxergarem? **(Ou)** Como você se via antes de descobrir que era médium (ou de se tornar médium) e como passou a se ver depois? E as outras pessoas?

e) No que você considera que a doutrina espírita lhe ajudou em relação às suas vivências paranormais/mediúnicas? E, nesse sentido, qual a contribuição deste centro espírita? O que significa para você ser médium neste grupo? E fora dele?

f) Em algum momento de sua vida, você chegou a sofrer alguma forma de discriminação ou constrangimento por ser médium ou por ter vivenciado experiências mediúnicas? Como aconteceu? Quais sensações, sentimentos lhe ocorreram diante disso?

g) Qual a sua relação com os espíritos/entidades que se comunicam por seu intermédio? Como foi o primeiro contato com esses espíritos e como eles o(a) abordaram? Como eles são? **(Ou)** Você poderia descrevê-los? (modo de se apresentar, seus comportamentos, o grau de interação que estabelecem entre eles e com você etc.).

h) O que você sente enquanto trabalha como médium? Você percebe os acontecimentos à sua volta e consegue lembrar-se de alguma coisa que disse ou que escreveu, após ter psicografado etc.?

i) Sua educação religiosa foi sempre a espírita ou você foi educado(a) em outra religião? **(Ou)** Você recebeu alguma educação religiosa quando criança? Se sim, qual foi?

j) Você possui parentes espíritas? Qual a influência dos seus parentes (e da escolha religiosa) na maneira como você passou a interpretar suas experiências mediúnicas?

k) Como você acha que seria sua vida daqui por diante se resolvesse deixar sua atividade como médium neste ou em qualquer outro centro espírita? **(Ou)** Como se sentiria caso resolvesse abdicar da atividade mediúnica em sua vida? O que faria a partir daí em relação a esse aspecto?

l) O que lhe vem à mente (sobretudo sentimentos) frente à idéia de que o ser humano é apenas matéria e não espírito? **(Ou)** Como você lida com a idéia de que a mente humana é resultado de processos neurofisiológicos e não espirituais? Quais sentimentos, sensações ou reflexões lhe surgem diante dessa idéia?

Expressões emocionais como choro ou gargalhada não devem ser contidas durante o relato das histórias de vida, havendo permissão para que o sujeito as expresse, sendo respeitada a ocorrência de tais manifestações. Devemos, no entanto, controlar nossas próprias emoções, sob o risco de prejudicar a espontaneidade e o andamento do relato, podendo ainda contaminá-lo com nossas vivências pessoais. Não é exigido, contudo, que se adote um posicionamento rigidamente objetivo ou excessivo distanciamento; trata-se de um *encontro social*, cujas características, entre outras, seriam a empatia, a intuição, a imaginação e a espontaneidade dos atores envolvidos, e onde se busca uma penetração mútua de percepções, sentimentos e emoções. Deve-se considerar sempre a realidade em sua dimensão ideológica e interpretativa, e mostrar-se aberto à reflexão, mais do que ao julgamento (Martins e Bicudo, 1989; Spindola e Santos, 2003).

5.3 Material

Para a realização das entrevistas, o único material utilizado foi um aparelho gravador de áudio, tendo sido requisitada a permissão dos participantes quanto a essa forma de registro, antes do início dos relatos, por razões éticas. Posteriormente, o relato gravado foi transcrito, categorizado e analisado com base na fundamentação teórica. No que concerne à fidedignidade do registro, atentou-se aos seguintes componentes essenciais: a seleção do que foi gravado, a qualidade técnica da gravação e a fidelidade das transcrições. Procurou-se registrar, nas transcrições, não apenas o

conteúdo dos relatos, mas o maior número de informações possíveis – inclusive comportamentos de que nos lembrássemos e que pudessem complementar o relato gravado, ou mesmo a interferência de outras pessoas no andamento das entrevistas. Tomamos ainda o cuidado de testar previamente o material utilizado, e trabalhamos, dentro do possível, para que as transcrições se mostrassem fiéis à gravação, como propõe Peräkylä (1997). Adotamos, para isso, uma legenda, que ajudará o leitor a identificar as passagens do relato que tiveram de ser revisadas para facilitar a sua compreensão textual. A descrição dessa legenda pode ser encontrada nos capítulos de análise. O relato gravado foi complementado ainda por psicografias e desenhos mediúnicos cedidos pelos médiuns, e dos quais se fez uma cópia digitalizada. No caso C., foi possível igualmente obter um diário, com anotações da médium sobre suas próprias experiências mediúnicas. As discussões sobre desenhos e outros materiais era geralmente deixada para o final da entrevista, ou para um segundo encontro, se necessário. Nessa ocasião, pedia-se aos médiuns que dissessem tudo aquilo que lhes surgisse na mente acerca do desenho ou psicografia que haviam feito – algo semelhante a um exercício de associação livre – tentando-se obter, desse modo, alguma informação relevante sobre os processos psicológicos envolvidos quando da produção desses materiais.

Na ocasião das observações, o procedimento foi misto. Em geral, procurou-se não levar nenhum tipo de papel ou caneta para anotação, para que se pudesse observar melhor as sessões e estabelecer maior interação com os participantes. Após as reuniões, assim que retornava para casa, o pesquisador redigia um relatório detalhado de tudo que conseguia se lembrar, e o incluía em seu diário de campo. Em alguns casos, obteve-se permissão para fotografar os médiuns atuando, ou para gravar o áudio das sessões, registrando-se, por exemplo, as falas dos médiuns no momento em que ‘incorporavam’ algum espírito.

5.4 Considerações éticas

A presente pesquisa não envolveu a utilização de métodos que viessem a causar danos ou trazer risco aos participantes e nem se utilizou de métodos alternativos. Foi preservado o sigilo, sendo as informações obtidas usadas apenas para fins de pesquisa, havendo a possibilidade de publicação dos dados em revista científica. Os nomes dos participantes foram indicados por meio das iniciais, para evitar quaisquer constrangimentos futuros.

Durante o andamento das atividades, os entrevistados tiveram o total direito de abandonar a pesquisa, caso manifestassem essa vontade, sem que sofressem alguma penalidade por isso. Foi garantido o esclarecimento sobre a metodologia, antes e durante o curso da pesquisa. Após o término da mesma, os participantes receberam uma devolutiva dos resultados e das análises efetuadas. Essa consideração repousou na expectativa de que a pesquisa fosse útil aos participantes, propiciando-lhes uma maior compreensão de suas crenças e experiências. O material de áudio proveniente das entrevistas foi também arquivado pelo pesquisador, caso fossem necessárias análises posteriores dos originais, tendo os participantes o direito de acesso aos registros eletrônicos. Ao final da pesquisa, no momento da devolutiva dos resultados, foi repassado aos entrevistados um CD contendo esses arquivos, conforme solicitação prévia ao pesquisador. No caso de psicografias, desenhos mediúnicos, e outros materiais cedidos ao pesquisador, foi feita uma cópia digitalizada, e os originais devolvidos o mais brevemente possível. Não foram recolhidos materiais que os médiuns não quisessem emprestar ao pesquisador.

Não foi necessário considerar medidas de proteção de riscos ou previsão de ressarcimento dos gastos, já que esta pesquisa não envolveu qualquer prejuízo aos participantes. Estes não receberam remuneração por terem participado, mas foram informados quanto à relevância científica e social da sua contribuição pessoal para a expansão do conhecimento acerca da mediunidade e das experiências paranormais. Essas e outras informações fazem parte do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, fornecido aos participantes antes da realização das entrevistas, e que consta como apêndice ao final deste trabalho.

5.5 Centro Espírita Ismael: histórico e principais atividades

A visita ao centro logo revela um local bastante organizado, limpo e altamente estruturado, repleto de salas distribuídas ao longo de seus dois andares. Com a compra recente de outra casa na mesma rua, foi possível expandir ainda mais suas instalações. No Centro Espírita Ismael são realizadas palestras, cursos sobre Espiritismo e sobre educação mediúnica – psicografias, pintura mediúnica etc. – além de várias outras atividades, como a chamada *entrevista* ou *atendimento fraterno* – em que o visitante pode conversar sobre o motivo de ter buscado o auxílio do centro com um orientador ou conselheiro previamente treinado e instruído para essa tarefa,

segundo os princípios da doutrina espírita –, além do trabalho de *assistência espiritual* com fundamento na prática espírita do passe, bem como obras de caridade e de auxílio à comunidade.

Mas a estrutura e o funcionamento do centro não estão pautados apenas nos princípios doutrinários. A administração baseia-se em conceitos de gestão empregados em outras instituições, religiosas ou não. Tais conceitos são divulgados no site oficial <http://www.ceismael.com.br> e servem de modelo para instituições espíritas interessadas em aplicá-lo. Pelo material disponível no site, percebe-se a distinção estipulada entre o que seria a estrutura espiritual do centro e a sua estrutura física ou legal. Numa das apostilas, também disponíveis na internet, o centro espírita é definido como “um sistema de aprimoramento espiritual, intelectual e social que transforma as pessoas, utilizando-se de vários processos, a fim de melhorar os recursos humanos disponíveis.” (Filho, 2007, p. 3). Enquanto a estrutura legal concerne ao estatuto, inscrições, atas, diretoria etc. do centro, a estrutura ‘espiritual’ é vista como “a soma do fluxo energético dos Espíritos protetores, dos Diretores, dos Colaboradores, dos Freqüentadores e das suas respectivas companhias espirituais.” (Filho, 2007, p. 3). O centro espírita Ismael também procura preparar seus integrantes, oferecendo cursos de oratória e liderança que unem conceitos doutrinários a noções de Filosofia e Psicologia.

Nos cursos, o sincretismo entre a doutrina e o discurso científico é evidente. As apostilas abordam diversos temas da Filosofia, da Psicologia, da Parapsicologia, do Direito, da Sociologia etc. associando-os, de um modo ou de outro, à visão de mundo espírita. Nos cursos de educação mediúnica, por exemplo, os participantes aprendem desde os preceitos doutrinários sobre como praticar a mediunidade, até algumas noções de hipnotismo e Parapsicologia relacionadas ao assunto. Na apostila do curso sobre passes, são estudadas as explicações espíritas sobre o mecanismo do passe no organismo e no perispírito, misturadas a conceitos básicos de anatomia humana, havendo a clara tendência de se relacionar o que seria o funcionamento do ‘corpo espiritual’ com o do corpo físico. Em palestras oferecidas durante o curso de educação mediúnica, também é possível encontrar diversas referências esparsas a noções da Física, da Química, da Fisiologia, da Psicologia e da Filosofia, interpretadas de acordo com os ensinamentos espíritas, mas, muitas vezes, sem um critério definido, como é o caso das palestras ‘Ondas e percepções’ e ‘Princípios energéticos’ – também encontradas no site. Nos dois últimos casos, o sincretismo parece sustentar-se muito mais em um empréstimo de natureza metafórica de princípios da mecânica e do eletromagnetismo – assim como interpretados popularmente – do que em uma verdadeira convergência dos preceitos espíritas com as disciplinas citadas.

O trabalho de assistência espiritual, juntamente com as entrevistas, constitui uma das mais importantes atividades do centro. Esse trabalho é de cunho predominantemente terapêutico – tanto no sentido psicológico quanto físico – e é dividido em diferentes graus de intervenção, cujas siglas são muitas vezes utilizadas pelos médiuns em seus relatos:

a) ASSISTENCIA ESPIRITUAL - A-1:

Para os casos de natureza leve (1.º grau) - angústia; desvios da personalidade do indivíduo; erros de educação; pessoas que acham que o mundo tem obrigação de resolver seus problemas; inibição; inquietação. (Não há influência de Espíritos: são erros e falhas pessoais; o próprio indivíduo precisa corrigir-se).

b) ASSISTENCIA ESPIRITUAL - A-2:

Para os casos de natureza espiritual mais profunda (2.º grau) – perturbações e envoltórios de fundo mediúnico; desespero; melancolia; cólera; revolta; problemas de mediunidade (visões, arrepios etc.); melindres; constante depressão nervosa; diversas fobias (medos); indefinição religiosa. ASSISTÊNCIA RECOMENDADA: Palestras evangélicas; higiene mental (melhorar o pensamento); reforma íntima (mudança de hábitos). Assim, o obsessivo e o obsessivo terão ajuda recíproca.

c) ASSISTÊNCIA ESPIRITUAL - A-3:

Destinada aos casos de natureza ainda mais profunda (3.º grau): - Influências espirituais intensas; tensão nervosa; *stress*; chamamentos; dores intensas no bulbo e no frontal; pesadelos; mania de perseguição; ódio; confusão doutrinária; inconformação com a vida. ASSISTÊNCIA RECOMENDADA: Choque Anímico⁶⁴ ou choque de amor, para o encaminhamento de obsessivos.

d) ASSISTÊNCIA ESPIRITUAL - P-1 - P-2

Destinada aos casos de enfermidades materiais e espirituais.

P-1 - Tratamento material orgânico (para doenças em geral que lesam o organismo);

P-2 - Tratamento de enfermidades espirituais (perseguição e obsessão).

e) ASSISTÊNCIA ESPIRITUAL - P-3-A

Destinada ao tratamento material orgânico. Muito mais profunda que a Assistência P-1. Promove o refazimento do organismo depauperado por enfermidades longas, principalmente no pós-operatório.

f) ASSISTÊNCIA ESPIRITUAL - P-3-E

Destinada aos casos de natureza espiritual bem mais profunda e é composto da doutrinação dos Espíritos e o reequilíbrio orgânico, através do reforço áurico⁶⁵.

g) ASSISTÊNCIA ESPIRITUAL À CRIANÇA - P-4

A assistência espiritual P-4, divide-se em:

P4-1: destina-se a crianças com problemas de perturbações leves (ambiente familiar), doenças próprias da idade, problemas de educação etc.

P4-2: destina-se a crianças com problemas espirituais oriundos de vidas passadas, perturbações materiais e espirituais, doenças graves, distúrbios psicológicos etc.

h) SAMARITANO

Destina-se aos casos de doenças físicas graves: as incuráveis e as de pós-operatório. (Filho, 2007, p. 19 e 20)

Alguns dos trabalhos de assistência podem ser realizados por vários médiuns ao mesmo tempo, trabalhando em conjunto.

⁶⁴ O chamado ‘choque anímico’ é uma forma de intervenção espírita que acompanha o passe individual, mas também a participação de outros médiuns passistas que formam uma corrente em volta da pessoa e “projetam para o coração dos obsessores emissões intensas de amor, de paz, de equilíbrio, no curto período de um minuto” (Armond, 2004, p. 107).

⁶⁵ Tipo de passe que é aplicado com base na ‘mentalização’ das cores relacionadas a cada um dos chamados *centros de força*.

Durante as reuniões mediúnicas promovidas pelo centro Ismael, os participantes não só recebem mensagens do ‘plano espiritual’, como também são submetidos a condições quase ‘experimentais’, onde suas faculdades mediúnicas seriam supostamente ‘demonstradas’. Na parte três, iremos explorar com mais detalhes algumas das atividades do centro, de maneira a elucidar certas passagens do relato das médiuns.

O centro Ismael teria sido formalmente registrado em cartório no ano de 1962, mas sua fundação remonta a reuniões de “culto cristão” realizadas pelo Sr. João Grillo, seus familiares e amigos, em suas próprias residências. Com o aumento do número de pessoas participando dessas diferentes reuniões, viu-se então a necessidade de estabelecer um local único. O centro teve início na casa do Sr. Antônio Grillo Filho, irmão de João. Certo dia, Antônio sonhara com o anjo Ismael, e logo propusera esse como o nome do centro. Todavia, sua casa era ainda pequena e pouco preparada frente à demanda crescente de visitantes, e o grupo de amigos teve novamente de se mobilizar à procura de outro imóvel, até finalmente firmarem a sede do centro no local em que se encontra atualmente.

5.6 Centro Espírita Paschoal Tróvelle: histórico e principais atividades

Diferentemente da história do centro espírita Ismael, a fundação do centro Paschoal Tróvelle não se encontra registrada formalmente em nenhuma parte. Foi preciso então conversar diretamente com as pessoas que teriam fundado e mantido essa instituição no seu início. Infelizmente, o senhor M., principal fundador, encontra-se hoje bastante idoso e doente para nos prestar uma entrevista, mas pudemos obter as informações necessárias com outro senhor, de nome A.T, que conheceu M. e ajudou-o a fundar a instituição. Como seus nomes completos não se encontram ainda registrados em algum documento divulgado pelo centro – ao contrário da família Grillo – preferimos nos valer aqui somente de suas iniciais, de modo a evitar qualquer constrangimento ou contrariedade futuros.

M. era servente de pedreiro e trabalhava com seu próprio irmão e um amigo, J. Eles vieram a conhecer A.T durante a realização de uma obra ao lado de sua casa. Nos fins de semana, A.T. acompanhava o trabalho esforçado e dedicado dos três, e geralmente os convidava depois para tomarem cerveja em sua casa. Ele observou então que M. estava sempre muito magro; era

fisicamente fraco e padecia de acessos crônicos de tosse. Havia inicialmente recebido do médico o diagnóstico de tuberculose, mas após exames exaustivos, nada foi constatado. Compadecido de seu estado, A.T perguntou-lhe se acreditava em “centro espírita”, e referiu-se a um bom médium de seu conhecimento que poderia curá-lo: senhor João Panóquio. Sem jamais ter visto antes um centro ou participado de uma sessão espírita, M. aceita o convite para visitar o médium. Marcam o dia e vão juntos até o local designado. Tratava-se, segundo as palavras de A.T, de um centro de “*mesa branca*” (sic); lá trabalhavam aproximadamente dez médiuns na assistência espiritual. Pouco depois de chegarem, os dois avistam o senhor Panóquio e o cumprimentam; este, sem nunca ter conhecido M., chama-o então para mais perto. Os recém-chegados se surpreendem com a atitude do médium, mas apenas se entreolham. M. se aproxima quando Panóquio abre a gaveta de um móvel ao lado e lhe diz: “*põe a sua arma aí, quando você for embora você leva*” (sic). M. ficara estupefato; olhava atônito para o amigo que o acompanhara, sem entender como o médium havia descoberto a arma que ele carregava consigo. Em seguida, Panóquio deu-lhe um passe e falou-lhe: “*você não tem doença material nenhuma; o teu mal é tudo espiritual. Você precisa abrir um centro, praticar a caridade, que você não precisa tomar uma gota de remédio. Só que a tua linha não é aqui; você procura outra até você achar*” (sic). Os dois amigos seguem de volta para casa, mas M., ainda aturdido com tudo, pede explicações a A.T; este só pôde responder-lhe que se tratava de um “*dom*”, e que o médium em questão era “*fora de série*” (sic).

Incumbido agora da missão de abrir um centro e seguir o caminho da caridade, M. inicia uma longa busca por várias instituições espíritas, na esperança de encontrar a “linha” que, de acordo com Panóquio, ele deveria seguir. Em todos os locais que chegava, ouvia dos médiuns a mesma recomendação: “*abra um centro, pratique a caridade*” (sic). Veio então a desenvolver sua mediunidade num dos locais mais simples e humildes que encontrara: a pequena casa de uma senhora que há muitos anos trabalhava como médium. M. estava espiritualmente pronto para sua tarefa, mas ainda não possuía as condições financeiras para construir um centro. Mais uma vez, ele recorre ao amigo A.T, o qual prontamente se dispõe a ajudá-lo na arrecadação do dinheiro e do material necessários. Com o auxílio também de outros amigos – incluindo J. – dispostos a cooperarem com a missão de M., as primeiras instalações foram finalmente erguidas. A.T convidou ainda sua própria mãe, que era médium, para ajudar no centro, e aos poucos foi se formando um verdadeiro time de dedicados adeptos em prol do ideal espírita. O centro Paschoal Tróvelle nasce, assim, do trabalho conjunto de amigos e familiares motivados a concretizarem o projeto de caridade anunciado anos antes pelo “plano espiritual”. O centro nasce, sobretudo, do esforço inicial de um

homem em compreender e vencer a doença que o acometia; uma doença que o levava a ajudar os outros de modo a curar, na verdade, a si próprio.

Com o tempo, a instituição sofreu transformações significativas, e hoje já não segue exatamente os mesmos preceitos e normas que seguia anos atrás, quando M. iniciou sua ‘missão’. Muitas das mudanças que ocorreram, em função das idéias de outros membros, acabaram por desmotivar M. que, inconformado com os desvios em relação à “linha” original, veio a se afastar das atividades no centro. O Paschoal Tróvelle filiou-se a USE (União das Sociedades Espíritas), e passou a seguir procedimentos comuns a diversas outras casas espíritas. Dentre as atividades realizadas por esse centro, encontramos:

- reuniões para estudo do *Evangelho segundo o Espiritismo*;
- reuniões mediúnicas privativas, como sessões de doutrinação e de desobsessão;
- palestras e eventos, geralmente acompanhados, ao final, de *fluidoterapia* (sessão de passes);
- cursos de iniciação espírita e mediúnica.

No apêndice C da dissertação, o leitor poderá encontrar descrições mais completas de algumas dessas reuniões ao longo dos relatórios de observação⁶⁶.

5.7 Procedimentos de análise dos dados

Para a avaliação geral das informações obtidas mediante cada uma das frentes de coleta mencionadas antes, recorreremos indistintamente às nossas hipóteses de trabalho, ao referencial teórico sobre identidade e à literatura sobre mediunidade e crenças paranormais revisada nos capítulos iniciais. A idéia foi confrontar essa ampla revisão teórica com os dados coletados, de maneira a tentar estabelecer uma possível corroboração, ampliação ou reformulação do modelo de hipóteses previsto introdutoriamente.

No que tange à análise dos relatos, esta foi iniciada tão logo começaram as transcrições a partir do material gravado...

...procedimento esse que se inicia imediatamente após as primeiras entrevistas, o que facilita a avaliação do procedimento metodológico, criando possibilidades de ajustes no

⁶⁶ Durante nossa investigação, não nos foi possível descobrir quem foi, afinal, Paschoal Tróvelle, aquele que inspirara inicialmente o nome da instituição. Mesmo alguns dos mais antigos membros não souberam nos informar, mas há suspeita de que ele fosse um espírito.

processo, no caso de incorreções, bem como direciona o caminhar [...]. Os relatos são lidos e relidos, quantas vezes se fizerem necessários [leituras flutuantes], para a apreensão das categorias emergentes das falas [do entrevistado]. (Spindola e Santos, 2003, p. 125).

Durante o processo de análise, foi preciso considerar a questão da generalização de resultados. Embora o presente estudo se baseie em um número pequeno de participantes (11), seus resultados podem ser generalizados desde que a abordagem para tanto siga o conceito de *possibilidade*, e não o caráter distributivo da amostra. Há uma grande chance de que certas práticas sociais sejam generalizáveis enquanto possibilidades. Nesse tocante, entretanto, os resultados da pesquisa não foram generalizados em termos de descrições do que as pessoas *fazem*, mas do que as pessoas *podem fazer*. Como afirma Paulilo (1999, p. 140): “É, portanto, neste sentido, o da possibilidade da ocorrência, que resultados qualitativos podem ter a questão da generalização empregada como forma de validação”. Deve-se recordar, não obstante, que a questão da generalização raramente chega a constituir problema de maior relevância no contexto das pesquisas qualitativas, uma vez que importantes estudos de caso da Psicologia foram realizados com somente um sujeito, tal como no livro de Flournoy, anteriormente revisado, sobre Hélène Smith. Ao contrário dos *surveys* e das avaliações psicométricas, as explorações qualitativas devassam a complexidade de um ou poucos casos, em detrimento de uma abordagem mais ampla e geral de amostras mais ou menos robustas, próprias do contexto das pesquisas quantitativas.

A análise das três frentes de coleta seguiu um trajeto circular, procurando-se abranger tanto o contexto individual quanto o contexto grupal / institucional e o contexto sócio-cultural mais amplo na construção da identidade dos médiuns, assim como representado na figura 9, abaixo. O método empregado na análise das entrevistas, dos relatórios de observações e do material complementar foi o da *análise de conteúdo*, proposto por Bardin (2003). A análise de conteúdo pode ser definida não como uma metodologia única, mas como um conjunto de técnicas utilizadas na análise dos diversos tipos de comunicação humana. Dentre essas técnicas, encontra-se a chamada *categorização*, que consiste no levantamento de certas categorias ou classes a partir da diferenciação e posterior reagrupamento analógico dos elementos constitutivos da comunicação. Esse procedimento ajuda a conferir certa ordem aos dados brutos, fornecendo-lhes uma representação simplificada, com base nas categorias erigidas. Os critérios de categorização são variados – temático, semântico, léxico, expressivo etc. – mas o critério empregado em nossa pesquisa foi o temático, isto é, aquele que separa os elementos de um texto e depois os unifica analogicamente de acordo com os diferentes temas a que se referem.

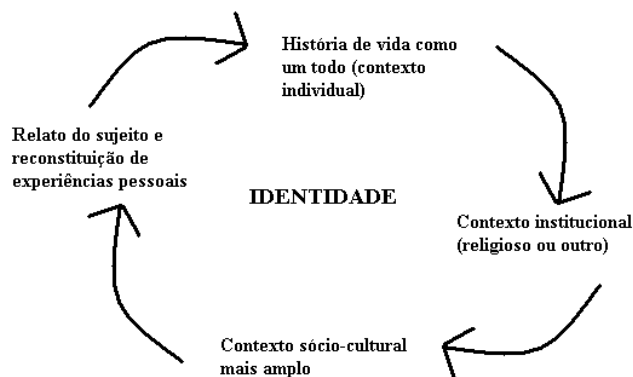


Figura 2. Os diferentes âmbitos de análise abrangidos na avaliação dos dados.

Segundo Bardin (2003), para que se possam construir boas categorias, é necessário que as mesmas possuam as seguintes qualidades:

a) exclusão mútua = nenhum elemento pode ser categorizado ao mesmo tempo em duas ou mais categorias diferentes;

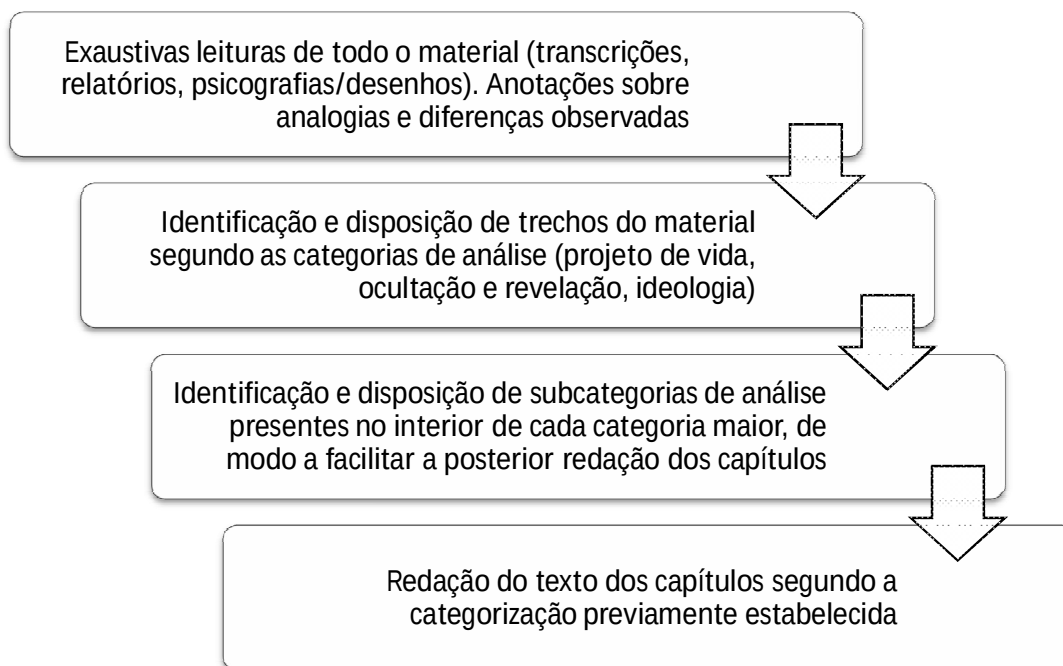
b) homogeneidade = as categorias elaboradas precisam estar fundamentadas num único princípio ou critério de categorização para que se possa estipular com clareza uma diferenciação entre elas;

c) pertinência = a categoria é pertinente quando está adaptada ao material de análise, aos objetivos da pesquisa e ao quadro teórico em que se baseia o estudo. Por sua vez, um elemento da comunicação só será pertinente a uma dada categoria quando corresponder à sua própria definição e limites;

d) objetividade e fidelidade = deve-se procurar construir categorias susceptíveis de serem codificadas da mesma maneira por outros pesquisadores. Isto eliminaria as distorções devidas à subjetividade e à variação de juízos. Para tanto, é preciso deixar claro as variáveis a serem abordadas, bem como precisar os critérios utilizados para determinar ou não a entrada de um elemento numa dada categoria de análise;

f) produtividade = uma categoria é produtiva se fornece resultados férteis, se possibilita hipóteses novas a partir de dados exatos.

A partir da observância desses critérios, tomaram-se os seguintes passos:



O processo de categorização foi, sem dúvida, um dos momentos mais difíceis da presente pesquisa. Isso se deu, entre outros fatores, por ter se baseado em entrevistas semidirigidas, que não seguem uma ordenação prévia dos dados a partir de um questionário estruturado, como seria o caso de uma entrevista dirigida e fechada. Por sua vez, na medida em que os relatos obtidos referem-se a casos e histórias de vida singulares, eles tendem a se apresentar, individualmente, como um todo único, regido por leis que lhe são próprias. Isso dificultou, em certos momentos, a criação de categorias que ajudassem a compreender a intersecção entre as narrativas dos médiuns.

Tais condições de trabalho, todavia, acabaram por revelar algumas das limitações advindas do próprio modelo teórico em que se baseia a análise de conteúdo. Bardin (2003) parece acreditar, por exemplo, que o processo de categorização, em si mesmo, não introduz nenhum tipo de conformação no material a ser estudado, mas simplesmente dá a conhecer “índices invisíveis, ao nível dos dados brutos” (p. 119), isto é, a categorização revelaria uma organização subjacente e imanente aos dados, e não uma interpretação *possível* desses dados. Uma compreensão como essa só poderia assentar-se na crença de que as categorias são praticamente unidades ou modelos inerentes à comunicação e à ‘realidade’.

O que ocorre, no entanto, é que há sempre algum entrecruzamento das dimensões e categorias de análise, não sendo possível fragmentar o relato transcrito tão obviamente como parece sugerir Bardin. Para Rocha e Deusdará (2005, p. 309) essa busca da análise de conteúdo pela sonhada linearidade e neutralidade científicas decorre do modelo de ciência na qual se fundamenta,

“[...] um modelo duro, rígido, de corte positivista”. A análise de conteúdo pretende desse modo “[...] garantir a descoberta do *verdadeiro* significado” (idem, p. 310) por trás do texto. Nesse sentido, a sua concepção de linguagem “[...] reproduz inequivocamente um projeto de representação de um real pré-construído” (idem, p. 311). A postura da Psicologia social, ao contrário, tem sido justamente a de desvelamento das diferentes perspectivas e olhares acerca do ‘real’, mesmo quando paradoxais. Para uma perspectiva psicossocial, embora se possa falar de uma realidade física ou externa aos indivíduos, não se pode falar de uma realidade social como destacada das pessoas, de suas histórias, suas lutas, suas ações, projetos, geográfica e temporalmente localizados.

Assim sendo, gostaríamos de lembrar que a categorização levada a cabo no presente estudo não teve a pretensão de validação ‘positivista’, mas pretendeu apenas ilustrar didaticamente a análise, dando conta do material disponível e constituindo uma interpretação – ou ordenação – *possível* desse material, tendo como sustentação o referencial teórico sobre identidade discutido no capítulo quatro. Procurou-se seguir as qualidades categoriais sugeridas por Bardin (2003), mas somente enquanto servissem de norteadoras no processo de organização didática do material. Embora compartilhemos da idéia de que, em última instância, toda análise é, em grande medida, um processo *criativo*, e não simples constatação de categorias imanentes aos “dados brutos”, não pretendíamos debandar, outro tanto, para um extremismo subjetivista. Trabalhamos para que nossas categorias e hipóteses não permanecessem no campo da especulação vazia ou da ficção desenfreada, mas para que tivessem minimamente construído pontes com as três frentes de coleta de dados. Sob esse aspecto, as qualidades categoriais de Bardin, associadas ao referencial teórico esposado, à revisão da literatura previamente empreendida e ao olhar particular do pesquisador, serviram, cada qual a seu modo, como critérios ou fatores limitantes à interpretação dos dados. É, sem dúvida, uma de suas muitas interpretações *possíveis*, mas não *qualquer* interpretação. Se é certo dizer, como defendeu Umberto Eco (2005, p. 45), que “um texto é um universo aberto em que o intérprete pode descobrir infinitas interconexões” também nos parece verossímil afirmar, ainda com ele, que uma mensagem “Pode significar muitas coisas, mas há sentidos que seria despropositado sugerir” (p. 50). Que os prezados leitores sintam-se à vontade para avaliar até onde pudemos manter esse princípio, no confronto de nossas perspectivas com os dados apresentados, uma vez que a Ciência, tal como dito inicialmente, é um empreendimento humano, social e intersubjetivo, e só assim pode de algum modo avançar.

Parte três –

Resultados, Análises e

Conclusão

6 Aspectos fenomenológicos das experiências mediúnicas

As crenças e as superstições populares, antecedendo nisso a especulação filosófica, atribuíram sempre uma enorme importância aos movimentos subconscientes dos nossos membros. Nós estamos de tal modo convencidos de que nossos braços e nossas pernas são feitos para obedecer cegamente a todos os caprichos da nossa vontade pessoal, que ficamos absolutamente estupefatos quando constatamos neles uma emancipação passageira. Quem não foi surpreendido por uma câibra, um tremor, um movimento involuntário dos seus membros? Mas essa surpresa aumenta e torna-se logo um terror supersticioso quando os movimentos que nos escapam levam um sentido, exprimem uma idéia, um conselho, uma ameaça. É uma inteligência que fala; deve ser um espírito estranho à humanidade, bom ou mau, a quem é preciso implorar ou a quem é preciso temer.

- Pierre Janet (1889/2003, p. 102)

A partir deste capítulo, avaliaremos os usos e sentidos da mediunidade na formação da identidade psicossocial, incluindo tanto seus dinamismos biográficos quanto grupais. São apresentados trechos das entrevistas, dos relatórios de observação e das avaliações de materiais complementares, como desenhos mediúnicos, psicografias etc. O conjunto dos dados é então discutido à luz dos referenciais teóricos adotados e da interlocução com a literatura científica revisada em capítulos prévios da dissertação. Este primeiro capítulo propõe estabelecer uma fenomenologia introdutória da mediunidade. Ele nos servirá ainda como prelúdio para certas temáticas a serem aprofundadas apenas nos capítulos posteriores⁶⁷.

Começaremos nossa análise de onde muitos médiuns iniciaram sua própria narrativa pessoal: suas experiências. Lembramos aqui, no entanto, que a diferenciação entre crença e

⁶⁷ Para que a leitura das passagens aqui reunidas seja mais bem compreendida, indicamos a seguir a legenda empregada nas transcrições e nas citações diretas do texto dos capítulos:

[] : os colchetes referiram-se a palavras ou frases utilizadas para preencher eventuais lacunas entre um trecho e outro da narrativa, dando coerência ao texto. Também foi usado nas passagens em que se relatam eventos circundantes à entrevista (ex: pessoas ou familiares que se aproximam dos entrevistados para lhes perguntar algo). Nas citações diretas, o colchete acompanhado de reticências [...] corresponde a passagens omitidas por razões de brevidade;

/ : a barra designa certos momentos do relato em que um determinado assunto é bruscamente interrompido e substituído por outro, uma espécie de alternância na linha do pensamento;

– : o travessão é empregado nas ocasiões em que os entrevistados interrompem o relato para fazer um breve comentário explicativo entre um trecho e outro da narrativa, mas sem perder de vista o assunto que está sendo falado, ao contrário do símbolo anterior;

... : as reticências indicam pausas demoradas;

“ ” : as aspas (quando encontradas no interior das citações diretas ou nas próprias transcrições) foram utilizadas em passagens do relato dos entrevistados atribuídas a outras pessoas;

() : os parênteses serviram para designar trechos da gravação que não ficaram suficientemente audíveis e compreensíveis, e sobre os quais não se tem total certeza da transcrição.

Como o leitor poderá perceber ainda, as citações diretas de partes da transcrição foram acompanhadas do número do parágrafo em que se encontram transcritas nos apêndices, sendo possível identificar de onde a informação foi retirada. No decorrer dos capítulos, de modo a facilitar uma checagem mais completa, os números dos parágrafos das transcrições foram também indicados após certos comentários, seguidos das iniciais dos participantes, como no exemplo: (cf. I.Z, 48).

experiência é, com frequência, enganosa. Em dados momentos, ambas parecem tão firmemente jungidas que se torna praticamente impossível discriminá-las uma da outra. Em instantes outros, todavia, o cuidadoso olhar científico parece revelar distinções que apontam até onde algo tem sua origem em processos diversos daqueles que a crença insiste em apontar como causa, e até onde esse algo encontra na crença um elemento modelador. Daí então, crença e experiência apresentam suas faces. De qualquer modo, mesmo nos casos mais iluminadores restam ainda dúvidas e ambiguidades apontando para um possível intercambiamento entre os dois fatores supracitados.

O que se percebe, de modo geral, é que a relação entre as experiências mediúnicas é muito mais fluída do que estanque. Essas experiências parecem se interpenetrar mutuamente, de tal modo que um sonho pode caminhar, tempos depois, para uma incorporação em uma sessão espírita, uma psicografia ou outra experiência. Uma simples sugestão ouvida no centro pode repercutir em sensações anômalas, visões e sonhos correspondentes. O psiquismo dos participantes parece reagir ao contexto mediúnico de maneira bastante excitável, ampla e global, e não de forma particularizada. Essas experiências podem ter como fonte os mais diversos tipos de estimulação: social, fisiológica, psicológica. Algumas parecem encontrar sua origem em processos fisiopatológicos, como no caso S., cujos sintomas de epilepsia são interpretados pela médium como sendo de origem parcialmente espiritual. Em outros casos, é no complicado processo psicossocial de preparação e desenvolvimento mediúnico observado nas sessões espíritas que aparentemente encontraremos os estímulos eliciadores de certas experiências vivenciadas nesse contexto. Em outros momentos, ainda, é em certas peculiaridades psicológicas da vida subjetiva e emocional dos médiuns que desvendaremos a fonte – ou ao menos uma delas – na determinação dessas experiências. A maior ou menor participação desses fatores variará de um caso para o outro, conforme qual deles tenha adquirido primazia no decorrer do processo. No mais das vezes, a experiência mediúnica parece resultar do esforço conjunto de múltiplas variáveis.

6.1 A “descoberta” da mediunidade

Mas antes de prosseguirmos no intuito de melhor esclarecer o *conteúdo* dessas experiências, ater-nos-emos mais, primeiramente, à sua *forma* para ver o que daí é possível extrair. Quando é, por exemplo, que essas pessoas descobriram pela primeira vez sua “mediunidade”? Aqui,

novamente, defrontamo-nos com a difícil distinção entre crença e experiência. Nesse tocante, há basicamente dois tipos de entrevistados: 1) aqueles que já apresentavam vivências interpretadas – no momento da ocorrência ou posteriormente – como mediúnicas e 2) aqueles que só passaram a tê-las depois de se converterem ao Espiritismo e iniciarem seus respectivos cursos de educação mediúnica. Em muitos momentos, não obstante, cabe dizer que a diferenciação entre um e outro dos dois grupos é tênue. Isso é assim porque, ao se tornarem espíritas, essas pessoas tendem a recolher em seu próprio passado qualquer vivência mais ou menos incompreendida que lhes pudesse apontar uma mediunidade, ainda que latente, a espera de desenvolvimento – aspecto esse bastante relacionado ao que chamamos de *ressignificação retrospectiva* (cf. próximo capítulo). Sonhos intensos cuja elucidação lhes escapa; sintomas incompreensíveis para os quais os médicos não foram capazes de fornecer um diagnóstico; sensações anômalas as mais diversas, e assim por diante. Enquanto uns considerarão nisso tudo simples manifestações de suas vidas psíquicas, outros enxergarão aí os prelúdios de uma potencialidade mediúnica. Decorre disso que mesmo tendo vivido experiências semelhantes anteriormente, os primeiros tenderão a interpretar mais como mediúnicas aquelas que tiveram depois de participarem no centro. Essa diferenciação entre os grupos parece advir, em linhas gerais, de três fatores: 1) *da intensidade das experiências*; 2) *do tempo de exposição às crenças espíritas* (ou outras crenças e práticas mediúnicas análogas) e 3) *da necessidade que o indivíduo encontra de estruturar sua identidade e sua história de vida com base nas crenças assumidas*.

No caso E.O, por exemplo, a médium afirma que:

2. [...] desde cedo eu via espíritos, né. Desde os nove anos. Então eu tive uma ajuda assim muito grande do meu pai. Porque eu gritava, e eu via, e eu me assustava, e sempre eu acordava com o meu pai me aplicando passe, né. E... assim, desde cedo já entrei em escola dominical no centro, já fui amparada, né, e vim, e vim” (sic).

Suas experiências tinham para ela considerável intensidade, suas visões eram nitidamente realistas. Note-se que seu pai era espírita e exerceu sobre ela grande influência, desde pequena. A intensidade das experiências, somada à exposição, desde tenra infância, às crenças e práticas espíritas, parece-nos constituir fator preponderante na interpretação da mediunidade como um potencial inato – algo observado também no caso M.J., cujo pai era umbandista. A dificuldade desta última, inclusive, em lidar com suas experiências incômodas – que incluíam visões realistas e algumas vezes perturbadoras de espíritos, em diferentes locais e circunstâncias – teria sido, segundo ela mesma, um dos principais fatores a conduzi-la ao centro espírita Ismael, na procura de auxílio, após anos de prolongada busca por um caminho espiritual que adequadamente preenchesse suas

demandas e a possibilitasse enfrentar a discriminação a que era vítima na família em função de suas estranhas vivências.

22. M.J: [...] eu sempre vi muito as coisas, pessoas; vejo bichos na rua, vejo gente, gente dentro da casa de pessoas vivas, gente dentro da minha casa, é assim.

23. E.M: Todo dia, cotidianamente, você tem essas/ essas visões dos espíritos e tudo mais?

24. M.J: Vejo. Às vezes não vejo. Não sei por que, mas a maioria das vezes eu vejo.

Com a médium A.M ocorrera situação semelhante, dadas suas alegadas visões de espíritos desde a infância, e o descaso de sua mãe frente à relevância e veracidade dessas experiências. Vejamos sua narrativa de um desses episódios:

60. A.M: [...] tinha morrido lá na nossa [cidade] um vizinho nosso, um senhor, que ele bebia muito, muito, né. E um dia ele – era um sábado – ele bebeu demais e caiu, embaixo daquele sol do Espírito Santo que só quem conhece pra saber. Ele caiu assim numa descida e ficou lá de cabeça pra baixo assim, que acharam o homem morto, né. E todo mundo comentou muito, porque ele era muito conhecido; ele era pretinho (risos), bem pretinho.[...] Aí, esse homem morreu, e foi aquela falação, tal, tudo, passou. Mas, nesse dia que a minha mãe me chamou cedo pra eu levantar, nem lembrava de nada; cê imagina, era uma criança ainda, acordava, não sei que horas que eram, só sei que tinha luar ainda. E na roça se levanta cedo. Aí eu abri a janela do quarto. A nossa casa, o terreno era um declive, né. Então o meu quarto ficava – o quarto das meninas, né – ficava assim, era aquela descida, era alto do chão [enquanto fala, A.M vai gesticulando com as mãos para representar a imagem do que está lembrando]. Aí eu abri a janela, e fiquei olhando pra fora, onde tinha o galinheiro, as galinhas branquinhas dormindo lá, e o luar batendo em cima, mas tava a coisa mais linda! Eu abri a janela e fiquei olhando pra aquilo. Quando eu vi, aquele homem [o senhor falecido] apareceu na minha frente, assim, cara a cara. Nossa! Peguei, eu bati a porta com tanta – a janela – com tanta força, que ela quase fechou pro lado de dentro, sabe? E eu sentei na minha cama chorando, chorando desesperadamente! A minha mãe ouviu do quarto dela, e foi lá ver. Eu falei pra ela/ ela falou pra mim assim: “não, é impressão sua. Reza um pai nosso que isso vai passar, você não viu nada”. Mas eu fiquei com tanta raiva da minha mãe; como ela podia dizer pra mim que eu não vi? Eu era criança, vivia naquele mundinho, mas eu pude raciocinar: como que ela pode dizer que eu não vi, se eu vi? Não pode, né, não tem cabimento isso! E se eu tivesse – eu pensei assim – se eu tivesse pensando nele, e ele me aparecesse, mas eu não tava pensando nele, né. Eu tava lá na natureza, na inocência. Isso daí me marcou muito, com muita raiva da minha mãe. E o medo que eu sentia depois, de vê-lo novamente? Nossa, isso aí me acompanhou por muito tempo. Mas passou.

61. E.M: E era muito nítida assim, a visão?

62. A.M: Muito, muito, muito, nossa! Ele era bem preto com aqueles olhões (sic) assim branco. Eu vi direitinho aquilo lá.

Tempos depois, ao conhecer o Espiritismo por intermédio de seu namorado e futuro esposo, A.M então dá novas interpretações àqueles eventos apenas parcialmente compreendidos de seu passado, a exemplo do episódio acima descrito (Cf. A.M, 66).

No caso I.Z, por outro lado, as vivências apresentadas, quando criança, eram consideradas pela médium como pouco ostensivas; vagas “intuições” (sic) ou sonhos esporádicos que pressagiavam algum acontecimento. Durante boa parte de sua vida, não interpretara essas experiências como mediúnicas, pois sua família era, basicamente, de formação católica e

evangélica. Só depois, ao se tornar espírita, e tendo agora a necessidade de estruturar sua identidade e sua história de vida com base nas crenças assumidas, é que ela ressignificará seu passado como um prelúdio do papel de espírita que viria a assumir anos mais tarde.

47. E.M: [...] *Como é que você foi descobrir que você de fato era médium, vamos dizer assim? Ou que você poderia entender essas experiências como mediunidade? Foi aqui no centro?*

48. I.Z: *Isso. Foi depois que eu comecei a estudar mesmo. Depois que eu comecei a estudar, a entender tudo que eu/ tanto aqui na casa como na Federação. Aí que eu vim saber o que é médium, que todos nós somos médiuns, né, que isso acontece, muitas coisas com algumas pessoas que são mais sensíveis, né.*

É de se frisar, contudo, que enquanto ela manifestará tal necessidade, outros participantes, como as médiuns N., V. e C.R, mesmo reconhecendo terem vivenciado sonhos ou experiências que poderiam ser interpretadas como mediúnicas, afirmam que apenas no centro suas mediunidades afloraram. Disso resulta que o início das manifestações é prazo que se determina, por vezes, em função de fatores exclusivamente subjetivos, incluindo-se o modo como o indivíduo ressignifica ou não seus eventos passados enquanto eventuais irrupções de uma mediunidade latente. Pode-se perguntar se haveria algum padrão subjacente aos fatores subjetivos mencionados. No caso I.Z, a própria história de vida da médium e, mais particularmente, a sua infância, lançam luz sobre a necessidade que tem de narrar sua trajetória passada nela pinçando indícios de mediunidade (Cf. capítulo 8). No caso C.A.B, algo parecido é observado, em vista da decepção que o entrevistado sofrera com a religião católica, após tentativa frustrada, na adolescência, em se tornar padre. Hoje, C.A.B afirma ter sido médium desde sempre, embora muitas de suas experiências infantis tenham ocorrido antes de sua conversão à doutrina espírita, quando ainda era devoto do Catolicismo.

60. C.A.B: *Não, eu tive desde pequeno [a mediunidade].*

61. E.M: *O senhor já tinha...*

62. C.A.B: *Ah, desde pequeno. Eu tive muitos lapsos, muitos relâmpagos assim, de ver coisa em memória; eu olhar uma pessoa, já sei mais ou menos a intenção da pessoa. A gente consegue/ às vezes, muitas vezes eu conseguia fazer uma análise, ler o pensamento da pessoa. Quando eu me concentro, eu consigo ler o pensamento da pessoa. Eu entro na faixa de vibração. E desde moleque eu fui sempre assim. É que eu nunca quis me aprofundar. Eu nunca quis me aprofundar.*

A discriminação entre crença e experiência é particularmente mais difícil nos casos em que a pessoa nasceu numa família espírita, pois desde muito cedo o indivíduo acostumou-se a interpretar suas experiências como mediúnicas, ainda que essas pudessem apontar outras explicações – como terrores noturnos, por exemplo. A própria médium E.O reconhece que suas experiências de infância eram “24. [...] *como se fosse um pesadelo*” (sic). Ela fusiona, em seu discurso, tanto causas psicológicas quanto espirituais para explicar um quadro de “pânico” (sic) que

teria apresentado recentemente. Ao tratamento psicoterapêutico, ela alia a ‘desobsessão’ para se livrar da influência de um suposto inimigo de vidas passadas, considerado o principal deflagrador da sintomatologia vivenciada (cf. E.O, 64-148 e também análise desse episódio no capítulo 7).

Mas o caso S. é talvez um dos que melhor ilustram a tenuidade já citada na diferenciação entre os médiuns ostensivos ‘inatos’ e os demais participantes. S. introduz sua entrevista dando seu nome e sua idade como referências, prosseguindo logo depois com a afirmação: “1: [...] *Desde os treze anos que... eu comecei a ter problemas, né, de ter visões, na minha própria casa*”. Observe-se que para ela suas visões eram ‘problemas’ e, portanto, possivelmente constrangedoras ou perturbadoras. Isso se devia, uma vez mais, à intensidade das mesmas e suas consequências na vida pessoal, familiar e social da participante. Por ora, basta-nos mencionar que muitas das experiências de S. pareciam advir de processos fisiológicos e psicológicos que, a exemplo da epilepsia com a qual foi diagnosticada desde a infância, receberiam interpretações espíritas as mais variadas: “203. [...] *Eu era uma criança até assim, tinha desidratação, tinha problema de saúde né, até quase passei muito mal mesmo. Tirei/ tive que pôr reposição – como é que fala? – transfusão de sangue*”. Ela dizia, por exemplo, ter visões de uma criança, “1. [...] *um menino apontando o dedo pro meu pai*” – pai este com o qual S. frequentemente conflitou ao longo da sua trajetória de vida. Os sintomas físicos e a visão do menino, segundo ela, “199. [...] **foi a mediunidade vindo, entendeu?**” [grifo nosso]. Segundo sua interpretação, o menino de suas alucinações era o espírito de uma criança abortada de um relacionamento extraconjugal de seu pai (cf. 171; 197-202) e suas doenças de infância já seriam, em parte, uma expressão da sua capacidade mediúnica em “*sugar energias negativas*” (sic) de outras pessoas ou espíritos. Mas quem afirma tais coisas ou pensa desse modo é a S. de hoje, espírita e médium, que, ao refletir sobre seu passado, nele encontra (ou crê encontrar) os indícios de uma faculdade a qual, para os espíritas, estaria presente em todos os seres humanos em graus diversos. S parece se esquecer, nesse esforço de recapitulação biográfica, que ela nem sempre foi espírita, e que a mediunidade nem sempre foi a explicação mais viável para seus tormentos ou mesmo benesses. Mas não se pode negar, sem dúvida, que foi em busca de uma resposta e de um meio de controle e apaziguamento para essas experiências que ela chegou antes ao Catolicismo e a outros credos, até finalmente abraçar a doutrina espírita.

Há também exemplos em que algumas experiências – ou tipos de mediunidade – teriam desabrochado em períodos diferentes da vida de um médium. E.O, por exemplo, ‘descobrir’ sua psicografia e sua psicofonia apenas no centro – conquanto tenha admitido algumas tentativas

anteriores de psicografia na adolescência (Cf. E.O, 340, 341; 508; 575-583). Foi só recentemente, por sua vez, que a médium N. diz ter começado a manifestar alguns rudimentos de psicografia.

Mas acontece também de os médiuns relatarem que, apesar das irrupções passageiras de mediunidade apresentadas ao longo da vida, foi apenas ao se tornarem espíritas e frequentarem mais assiduamente o centro que teriam conseguido desenvolver ou “trabalhar” mais amplamente suas mediunidades.

16. E.O: Mas assim, que eu peguei firme mesmo foi aqui no Ismael, né. Aí eu vim pra cá pro Ismael, aí já fiz o curso e... depois, terminei o curso e comecei a trabalhar mediunicamente, né.

[...]

270. E.M: Mas, é... como é que você passou a se ver como médium, ou passou a explorar/ quando é que isso aconteceu, a explorar a sua mediunidade de fato, assim?

271. E.O: Ah, foi aqui no Ismael.

272. E.M: Foi aqui no Ismael?

273. E.O: Foi. Em 80/ não... em 80, né, por aí sim.

280. E.M: E você já tá aqui há bastante tempo já?

281. E.O: Tô, Tô. Sou antigona. (risos).

Médium A.M

69. E.M: E no caso, por exemplo, você tinha essas experiências. Quando você chegou aqui, você começou a estudar, a fazer os cursos logo, ou não? Você ficou ainda um tempo frequentando?

70. A.M: Eu comecei era antes de começar o curso, né. Então eu fiquei um tempo, não sei quanto – foi questão de meses – sem fazer o curso, porque eu frequentava assim/ depois eu lembro que eu comecei/ quando eu fui fazer o curso de escola de médiuns, eu era menor de idade ainda, faltava seis meses. É. Faltava seis meses pra eu completar dezoito anos

No quadro abaixo (4, próxima página), tentamos classificar e dispor os vários tipos de mediunidade alegados por cada participante. Não se deve tomar essa relação, porém, como exaustiva, pois há muitas nuances entre as experiências, tais como narradas por diferentes médiuns. Como veremos mais adiante, a visão ou audição de um espírito, por exemplo, pode envolver características e gradações diversas dependendo do caso. O mesmo se poderia dizer da psicografia, da pintura mediúnica e de outras experiências semelhantes. Exploraremos melhor tais detalhes ao longo da nossa explanação neste capítulo. O que se pode observar pelo quadro, de qualquer modo, é que em nenhum caso encontramos um médium altamente ‘especializado’, por assim dizer. Todos manifestam diferentes tipos de mediunidade, embora alguns acreditem ter maior desenvolvimento de uma modalidade ou outra, como E., que se julga especificamente um médium intuitivo, ou N, que considera ter explorado muito mais sua psicofonia do que sua psicografia.

Outra questão que se impõe frente a esses relatos, e que muito se aproxima do tema da “descoberta” da mediunidade, é a de saber os prováveis motivos que levaram essas pessoas a se tornarem espíritas, ao invés de seguirem outras adesões de fé possíveis. Trata-se, talvez, do mais complicado problema enfrentado por nós em nossa pesquisa. Acreditamos não haver uma resposta

única, muito menos uma resposta simples para essa indagação. Deixemo-la, por enquanto, para as páginas e capítulos vindouros e tentemos resolver antes uma questão mais acessível, qual seja, a de saber por que os médiuns escolheram tal ou qual centro espírita e não outro dentre os muitos que existem na cidade de São Paulo.

Participantes	Tipos de mediunidade
E.O	Vidência ⁶⁸ , sonhos e experiências próximas do sono, psicofonia, psicografia
M.J	Vidência, psicofonia, psicografia, psicometria, experiência fora do corpo
C.A.B	Psicofonia, psicografia, pintura mediúnica, vidência
E.	Mediunidade intuitiva, psicografia, doutrinador
S.	Psicometria, vidência, mediunidade intuitiva, telepatia, psicofonia, mediunidade sensitiva, sonhos
N.	Psicofonia, psicografia, sonhos
V.	Psicofonia, mediunidade intuitiva, sonhos
C.	Vidência e audiência, experiência fora do corpo, psicofonia
I.Z	Pintura mediúnica, psicografia, sonhos, mediunidade intuitiva, telepatia, sonhos
C.R	Psicografia, pintura mediúnica, psicofonia, mediunidade intuitiva, doutrinadora
A.M	Mediunidade intuitiva, vidência, psicofonia

Quadro 4. Principais tipos de mediunidade relatados pelos participantes

Uma resposta encontrada – e talvez óbvia para alguns leitores – é a acessibilidade a esses locais. Em geral, são instituições próximas de onde esses indivíduos moram ou trabalham – casos (S), (E.O), (C) e (A.M), por exemplo. A médium S. chega a justificar o fato de ter ido morar com a sogra – com a qual não se relaciona bem – como um possível sinal de que sua participação no centro Ismael já estava, de algum modo, espiritualmente predestinada: “179. S: [...] *graças a Deus, casei e vim morar aqui. Mas pra entrar num centro espírita perto da minha casa*”. Além da proximidade, no entanto, há fatores mais específicos relacionados: 1) com atividades que esses indivíduos cumprem nessas instituições; 2) com um gosto particular pelo estilo de gestão e organização de determinado centro; 3) com uma ligação biográfica ou familiar que o indivíduo mantenha com essa instituição.

Os participantes E. e C.A.B exercem funções importantes no Paschoal Tróvelle concernentes à condução de alguns dos trabalhos mediúnicos e cursos da casa. Eles também realizam palestras e ocupam cargos administrativos no Paschoal e em uma das distritais da USE.

⁶⁸ A palavra “vidência” deve ser entendida aqui como “visão dos espíritos”. Preferimos não nos utilizar do termo “clarividência” em função do sentido específico que este adquiriu na Parapsicologia, referente à percepção de objetos ou eventos distantes, sem o uso aparente dos sentidos conhecidos.

Existe, portanto, não apenas um vínculo afetivo com o ideário da instituição, mas um vínculo propriamente funcional ou, se quiser, social. O médium E. chega a mencionar que pouco se questiona de onde irá trabalhar, desde que continue contribuindo na divulgação da doutrina – uma vez também que o centro Paschoal Tróvelle não se localiza tão perto de sua residência, como em outros casos. Já a médium I.Z frequenta duas instituições: o centro Ismael e a Federação Espírita do Estado de São Paulo. O centro Ismael é próximo de sua casa e lá trabalha há mais ou menos dez anos, tendo com a instituição “um elo de carinho” (I.Z, 68); diz preferir, contudo, a Federação, em vista das condições institucionais maiores, do modo como são conduzidos os trabalhos e do papel que ela desempenha nas atividades:

76. I.Z: [...] se a Federação fosse mais perto, eu ficaria só na Federação, porque/ não que eu estou/ não estou desprezando a casa [Ismael]. A Federação ela tem mais cursos; lá é muito grande, então, vamos supor, sala de pintura é uma sala enorme, tem vários materiais, são vários médiuns, né. [...] E... lá é uma faculdade, vai. Eu gosto de lá.

77. E.M: Cê vê dessa forma...

78. I.Z: Eu vejo.

79. E.M: ... lá você tem todos os recursos?

80. I.Z: Tem todos, todos os recursos, né.

[...]

446. I.Z: Olha, na Federação é bem melhor, eu gosto mais do trabalho de lá. Eu me sinto mais segura. Não é que aqui seja inseguro, não é isso. É que lá eu vou pra simplesmente pintar. Então a minha responsabilidade é lá com a tela e com o pincel. O horário lá das 18:00 às 20:00. E aqui, eu não pinto. Eu não pinto porque, porque eu estou na frente da classe, eu estou dirigindo uma sala. [...] Então, por isso que a Federação eu digo que é uma descarga, meu porto seguro, porque eu vou lá pra me soltar, pra me doar, e aí aqui eu me dão também, mas com responsabilidade.

I.Z. diferencia, portanto, duas posturas (ou papéis) em cada instituição: em uma, tem a responsabilidade – com os cuidados e as preocupações que lhe são devidas – de ser professora; em outra, a abertura para se “soltar”, um “porto seguro”, uma “descarga”. O relato da médium exemplifica, ainda que brevemente, a importância do centro espírita em suprir certas demandas pessoais apresentadas pelos participantes da pesquisa e o quanto delas depende, até certo ponto, a escolha por uma instituição ou outra. Na verdade, muitos outros exemplos serão discutidos nas páginas deste e dos próximos capítulos, mostrando como tais demandas e ganhos psicológicos são por vezes cruciais na formação e deflagração de certas experiências mediúnicas.

A identificação com o centro pode inclusive comportar um caráter mais pronunciadamente biográfico, demarcando períodos centrais da história de vida, como o já citado namoro de A.M. que culminara, por fim, em sua conversão à doutrina. O doutrinador Z., um dos participantes das sessões mediúnicas do Paschoal Tróvelle (não entrevistado), é filho, por exemplo, de um dos principais fundadores do centro. Tais laços biográficos (e mesmo familiares) tendem a reforçar o vínculo com uma dada instituição, perpetuando a presença e participação do indivíduo

nas atividades, embora não chegue, certamente, a constituir o único fator delineador desse processo identificatório.

Mas apesar de muitos médiuns admitirem interesses ou objetivos específicos relacionados à sua filiação a um dado centro espírita, outros afirmam ter chegado à instituição mediante terceiros, como que movidos pelo interesse em ajudar alguém, um parente próximo ou distante, por exemplo, tendo só depois emergido (ou revelado) um efetivo interesse e aproximação pessoais com a casa. Foi procurando auxílio para seu irmão que C.R envolveu-se mais assiduamente no meio espírita e, posteriormente, com o centro Paschoal Tróvelle (Cf. 1-3). M.J. lembra-se que tudo havia começado, na sua vinculação com o centro Ismael, a partir das experiências de sua filha:

2. M.J: [...] Aí a minha filha começou a ter sonhos assim muito ruins e ela acordava embaixo da cama, gritando, que alguém queria levar ela, que alguém queria levar ela, e eu fiquei preocupada (com) aquilo porque nessas noites eu não conseguia acordar. Quem acordava era meu marido, ele que ia lá socorrê-la, tal, depois que acabava tudo é que eu acordava e ficava sabendo o quê que tinha acontecido. Aí eu conversei com a minha irmã, aí minha irmã falou assim: “vamo leva ela lá no [Centro Espírita] Ismael, que faz um benzimento”, nem me lembro qual foi a palavra que ela usou lá. E foi assim, eu trouxe ela pra ela fazer um tratamento. Só que quando chegou aqui eu comecei a ver as pessoas né, e eu comecei a falar, porque você não sabe das coisas, então cê vai falando né; cê quer saber isso, cê quer saber aquilo, tal, e eu falava assim: você falou de uma mulher assim, assim, assim? Aí ela [pessoa do centro] falava assim/ ninguém me respondia também né: “não, cê tem que (ir pra escola), cê tem que ir pra escola [mediúnica]”. Aí minha filha começou a fazer tratamento e eu comecei a ir na escola; aí que eu fui saber o quê que era, que eu fui perdendo mais o medo, que eu via e saia correndo né, e... aí já falava com eles [espíritos], entendeu? Aí, tô aqui até hoje.

Não estranharíamos se futuramente a filha de M.J viesse a se tornar médium também. É provável assim que ela reproduza, de certo modo, a trajetória da mãe (cujo pai era umbandista) e, sobretudo, de tantos outros espíritas que se iniciaram desde cedo na doutrina. Não sabemos ao certo, mas há, sem dúvida, uma grande possibilidade. Algo semelhante ao caso M.J ocorrera com E.O, que disposta a ajudar na reconciliação de uma prima com o marido, cujo casamento não andava bem, segue até o Ismael em busca de tratamento espiritual para o casal. Curiosamente, a tal prima “nunca veio” se tratar (cf. E.O, 415- 419), tendo a entrevistada, por seu turno, permanecido até hoje. Poderíamos evidentemente especular, quanto a esses casos, se a ‘missão’ de vir ao centro em prol de um terceiro não seria muito mais um pretexto para encobrir um interesse ou uma procura inconsciente por ajuda; nada muito diferente, talvez, do que ocorre quando da primeira ida a um psicólogo ou um psiquiatra. A médium M.J, por exemplo, em virtude de suas experiências recorrentes, teria, por si só, razões suficientes para fazê-lo, sem que precisasse da filha para tanto. Como veremos mais à frente e também no capítulo 8, o centro espírita cumpre, não raro, uma

função de continência e controle para certos conteúdos psíquicos em relação aos quais esses indivíduos parecem ter dificuldade de lidar em seus esforços cotidianos.

Cumpra assinalar, por fim, que quatro dos médiuns entrevistados participaram previamente de outras casas espíritas, antes de conhecerem ou frequentarem os dois centros investigados: (E), (E.O), (C.A.B) e (C.R). No entanto, entre os demais, há aqueles que chegaram a frequentar, durante algum tempo, centros de Umbanda, como S, M.J ou C. Trata-se de um aspecto importante a ser ressaltado, visto que algumas das prévias filiações religiosas dos médiuns teriam facilitado, segundo nos parece, sua inserção posterior no Espiritismo, a exemplo do Catolicismo e da Umbanda – retornaremos a essa questão no próximo capítulo.

Médiuns (Centro Ismael)	Tempo (aproximado) de atividade no centro
E.O	30 anos
I.Z	12 anos
V.	7 anos
N.	10 anos
S.	12 anos
M.J	10 anos

Médiuns (Paschoal Tróville)	Tempo (aproximado) de atividade no centro
E.	2 anos
C.A.B	Não especificado
A.M	30 anos
C.	6 anos
C.R.	2 anos

Quadros 5 e 6. Tempo de atividade dos participantes nos centros espíritas.

6.2 O desenvolvimento mediúnico

Tendo levantado alguns dos fatores ou processos preliminares por meio dos quais os participantes se identificam como médiuns (ou alegam identificar, em si mesmos, a existência da mediunidade), bem como algumas das razões envolvidas na escolha que fazem de certas instituições espíritas, passemos para a questão do desenvolvimento mediúnico ou, em outras palavras, do desenrolar dessa complexa trama que se inicia, em geral, com certas experiências ou inquietudes existenciais do indivíduo – às vezes incipientes, às vezes ostensivas – à sua conversão propriamente dita ao Espiritismo. Muitas são as etapas possíveis desse desenrolar e cremos ter Zangari (2003) nos

ofertado uma boa perspectiva delas, ao menos no que se refere à mediunidade de incorporação. Mas sua contribuição não nos parece limitada a um tipo exclusivo de experiência mediúnica, tão pouco exclusivamente ao contexto específico da Umbanda. Notamos que as categorias propostas por Zangari – *assimilação, entrega, treino, criação, manifestação e comprovação* – também se encontram, de certo modo, subjacentes em nossas entrevistas e observações feitas – quer permaneçam ou não as mesmas designações, quer seja ou não a mesma sequência proposta etc. Nossa pretensão a respeito do modelo citado, todavia, não se direciona a uma possível ‘generalização’ ou ‘ampliação’, mas antes – como sugerira seu próprio autor – a uma confrontação dos “dados obtidos com outras realidades” (Zangari, 2005, p. 74).

Assim como Zangari, observamos que os ‘novatos’, aqueles que apenas recentemente haviam começado a assimilar a doutrina religiosa e a praticar a mediunidade, apresentavam não raras vezes numerosas dúvidas, receios e resistências, sendo suas experiências ainda pouco elaboradas em forma e conteúdo se comparadas às de outros médiuns mais ‘desenvolvidos’. Destacamos, nesse tocante, alguns dos trechos do nosso diário de campo que parecem ilustrar bem esse processo inicial. Nossas observações descrevem o momento em que se dá a vinda de um novo membro para o círculo de participantes das reuniões de psicografia e pintura do centro Ismael:

Lá chegando [centro Ismael], encontrei I.Z, R.O e outra moça (V) [...] No instante em que eu estava conversando com as três, chega até nós um rapazinho negro e bem magro que chamaremos, por ora, de R. Pelo que pude entender da conversa que ele teve com I.Z e V, o rapaz iniciou faz algum tempo o curso mediúnico, mas está ainda no começo. [...] R foi direcionado para uma etapa mais avançada. O rapaz diz que preferiu esse curso porque gosta do trabalho de Chico Xavier e queria desenvolver também a psicografia, como ele. (V) explicou que não seria bem desse jeito, que ele teria bastante tempo para se aperfeiçoar e compreender tudo isso melhor, e que não deveria se preocupar em ser como Chico; mas tanto ela quanto I.Z aceitaram a participação do garoto. (R) parecia ansioso para começar. Depois, durante a aula, chegou a confessar que estava “nervoso, muito nervoso (rindo)” (sic). Fiquei intrigado com o caso dele, principalmente por causa de seu interesse, sua admiração por Chico, e sua vontade de produzir algo semelhante ao que Chico produziu. De todos, o rapaz foi o que mais apresentou dificuldades para começar a produzir durante essa sessão. [...] R fez uma psicografia bem simples, e com data errada de 2008. (Relatório 3, Ismael).

Note-se, em primeiro lugar, a identificação de R. com aquele que constitui, sem dúvida, o mais importante vulto do movimento espírita brasileiro: Chico Xavier. Na verdade, como teremos a oportunidade de demonstrar adiante, a história, as obras e a mediunidade de Chico serviram aos nossos participantes como referências fundamentais na estruturação do papel de médium. Entretanto, iniciar-se na mediunidade tendo Chico por modelo direto é – segundo os próprios espíritas –, estabelecer padrão comparativo demasiadamente elevado. (R) carregava assim pretensões muito altas, e estipulava para si mesmo uma meta enormemente difícil para um iniciante.

Não se estranha, portanto, a reação nervosa, insegura e ansiosa dele frente ao seu primeiro e inaugural exercício de psicografia, reação que se estenderia ainda por mais algumas reuniões do grupo:

Como eu presenciava o esforço de I.Z, (P) e R para arrumar a sala, dispus-me a contribuir na arrumação, carregando alguns objetos e auxiliando na organização do ambiente. Num primeiro instante, enquanto ajudava I.Z, pude ouvir a conversa estabelecida entre R e P. O primeiro queixava-se de sua insegurança, de não saber, algumas vezes, diferenciar se uma manifestação era sua ou se era de natureza espiritual. (P) respondia que era pelo pensamento que se fazia essa distinção e que ele só saberia quando o seu pensamento parecesse não corresponder àquilo que ele estivesse refletindo numa dada circunstância – aí é que residiria a intervenção dos espíritos (um critério bastante subjetivo, portanto). Disse também a R que ele não precisava se preocupar em desenhar ou escrever verdadeiras ‘obras-primas’. Disse-lhe que no começo era assim mesmo, e disse-lhe também que os espíritos evoluídos de artistas famosos do passado, poderiam vir a pintar de uma forma mais simples, por meio dos médiuns, como um exercício de ‘humildade’ e desprendimento. (Relatório 5, Ismael)

Observamos nesta última passagem a significativa troca de experiências e de aprendizado entre uma médium ‘veterana’ e um médium iniciante: (P) não só instrui (R) sobre sua conduta, como também acerca do conteúdo das psicografias e do sistema de crenças por trás da prática estabelecida. Oferece-lhe ainda critérios para eventualmente discernir o que é do Eu e o que é estranho ao Eu – por mais subjetivos e maleáveis que esses critérios sejam. Ela está lhe ensinando, na verdade, a como interpretar suas experiências segundo a ‘terminologia’ mediúnica. Uma vez que crença e experiência andam juntas e estabelecem interações dialéticas, R. precisa dos conteúdos doutrinários para que suas vivências venham então a adquirir um caráter propriamente mediúnico e espiritual. Trata-se da construção grupal da mediunidade.

Mas o que o rapaz estava realmente prestes a descobrir é que sua dedicação às atividades do centro incluía igualmente uma substancial revisão de seus próprios hábitos e valores, de modo a se ajustar às exigências e normas da doutrina que acabara de esposar:

(R) se mostrou preocupado ainda com o fato de ser fumante, pois temia que tal hábito atrapalhasse o bom andamento das atividades espirituais. P e I.Z responderam que não atrapalhava, a não ser no momento dos passes. Mas (P) lhe deixou algumas reflexões morais como: “se você sabe que fumar faz mal e continua fumando, você está cometendo um suicídio, mesmo que indiretamente e aos poucos” (sic). “Não é obrigado a parar agora, mas você vai se melhorando aos poucos se diminuir o fumo” (sic). (Relatório 5, Ismael)

O acompanhamento das reações do rapaz, ao longo das sessões em que participamos, pareceram-nos particularmente importantes para a análise que pretendíamos empreender, por nele encontrarmos um espírito ainda bastante incipiente, potencial, em que os processos mais tarde estruturados estavam apenas se formando, o que tornava mais fácil a tarefa de identificar as etapas iniciais do desenvolvimento mediúnico e as condições que permitiriam transformações posteriores.

E como poderia ele se aprimorar? Novamente, observando e aprendendo com os demais membros de seu grupo. Vemos então aí a curiosidade, a busca por adaptação e a desconfiança tão costumeiras a qualquer recém-chegado num dado grupo social.

Neste dia, o rapaz fez duas ou três produções de desenho, sendo todos borrões ou rabiscos aparentemente sem maior propósito. Não denotava sinal algum de concentração em sua atividade, muito menos algum sinal de inconsciência; pelo contrário, estava alerta ao que se passava no ambiente, e de tempos em tempos, olhava sorrateiramente para ver o que estavam fazendo e desenhando os outros participantes à sua volta. Também se preocupava com a minha presença, verificando ora ou outra se eu o estava observando ou não. [...] Parece assustado, temeroso, e cheio de dúvidas. (Relatório 5, Ismael)

Nossas expectativas de acompanhar o rapaz em seus progressos pelas sessões de psicografia, contudo, foram frustradas em razão da sua própria desistência. Num rápido encontro com (R) em março de 2010, o autor destas linhas soube que após um incidente que o assustara muito, R. afastara-se das sessões de pintura e psicografia do centro Ismael durante algum tempo, e permaneceu assistindo a apenas algumas aulas do curso introdutório de mediunidade. Em particular, (S) comentou-me que R se assustara com a coincidência que veio a se estabelecer, durante uma das sessões, entre a psicografia de um dos participantes dos trabalhos, supostamente oriunda do falecido médico espírita Bezerra de Menezes, e a solicitação, noutra ocasião, para que R realizasse uma cirurgia espiritual. Esses dois eventos, tidos por ele como aparentemente interligados, deixaram (R) amedrontado frente à possibilidade de tudo aquilo ser efetivamente real. Ao mesmo tempo em que queria desenvolver a mediunidade, (R) tinha medo de enfrentar a possível veracidade de suas crenças.

Diante desses relatos, pode-se levantar a seguinte pergunta: o que diferenciaria casos como este, em que há desistência (quer provisória, quer permanente), daqueles casos em que o indivíduo persistiu e continuou atuando como médium no centro? Talvez se diga que, neste caso isolado, o medo e a insegurança do rapaz, ainda assustado com as transformações e possibilidades inusitadas que se lhe apresentavam, servir-nos-iam, por si só, como boas explicações. Mas se tomarmos por base os demais casos, veremos que há outros elementos em jogo, como a necessidade mais ou menos premente que algumas dessas pessoas têm em lidar com certas experiências anômalas. Para alguns dos participantes, não parece haver outra saída a não ser praticar a mediunidade e a caridade. Desistir dessa prática poderia inclusive prejudicar, na perspectiva de alguns médiuns, seu equilíbrio emocional – como afirmaram (E.O), (S), (M.J) e (A.M). No caso M.J, suas visões realistas, bem como as experiências noturnas perturbadoras em que acordava falando ou gritando, tornavam urgente, para ela, o exercício e aprimoramento da mediunidade – uma vez que tais vivências eram interpretadas como sendo de natureza ‘mediúnica’:

26. M.J: **Parei um pouco mais de ver coisa na rua depois que eu comecei a estudar [o Espiritismo], né.**

27. E.M: Entendi. Então quando você começou a vir para o centro, vamos dizer assim, você começou a controlar mais isso? Seria isso mais ou menos?

28. M.J: **Sim. Porque a gente se equilibra na verdade né. A gente/ aí/ porque é assim, você tem medo do desconhecido. Porque as coisas que eu não sabia, que eu queria as respostas, eu fui buscando e fui tendo: lendo, perguntando, conversando, lendo, porque aqui eles [dirigentes] falam pra gente assim: “tem que ler, se você for perguntar alguma coisa pra alguém e ele não te responder, pergunta pra outra pessoa”. E assim eu vou indo. Se eu tenho, vejo alguma coisa que me interessa sobre a minha mediunidade assim e eu sei que está em tal livro, eu vou buscar pra mim estar lendo, pra mim tá conhecendo. Eu também sou um pouco curiosa, né? (risos).**
[...]

109. [...] E você passou por todos esses cursos por todos esses processos aqui da casa, nesse tempo todo e... até você ter uma melhora demorou quanto tempo, assim, mais ou menos?

110. M.J: **Na verdade eu vim melhorar agora que eu tô trabalhando, né. Porque quando você começa a estudar, você não tem domínio da sua mediunidade, você ainda tá lidando com o desconhecido. Então, até eu fiz os 4 anos, depois eu fiz o aprimoramento, fiz alguns cursos, um ou outro curso aqui e ali, que eu, eu... todo curso que é novo aqui eu procuro tá fazendo, aí eu fiz o aprimoramento, ainda dava trabalho no aprimoramento. Depois que eu sai do aprimoramento que a pessoa falou pra mim: “agora você tem que trabalhar, não dá mais pra esperar”, aí eu fui trabalhar, aí é aonde eu digo pra você, agora eu não dou mais trabalho. Posso dar trabalho assim, pro meu marido, de noite, que eu acordo falando, ou eu não deixo ele dormir, falando, entendeu. Mas, assim já sei me controlar agora, já sei, é... às vezes até segurar a passividade pra entidade não estar falando. Mas se eu vejo que eu não fiquei bem eu falo o que a pessoa tem que falar. Entendeu? Então eu posso te dizer assim: eu tô melhor agora. [grifo nosso]**

M.J refere-se a um *medo do desconhecido*. É possível que esse medo tivesse levado (R) a se afastar da atividade de psicografia, qualquer tenha sido a motivação. Mas enquanto (R) buscara o centro Ismael no afã de ser tornar um médium psicógrafo tal como o famoso Chico Xavier, (M..J) era, de outro lado, vítima de vivências insólitas as quais ela não tinha recursos suficientes para dominar. Suas demandas, portanto, eram de caráter mais contundente, coercitivo, e impeliavam-na à procura de uma solução. O centro acabará por adquirir, assim, uma função terapêutica – cf. capítulo 8 para mais detalhes sobre essa função. Por sua vez, para que essa função obtivesse êxito, o processo de aprendizado e controle das experiências teve de ser conquistado aos poucos, e não de modo repentino, tão logo a médium chegara à instituição. Teve, para isso, que estudar e praticar, isto é, *assimilar a doutrina, entregar-se e treinar*:

104.M.J: Agora eu já controlo. **Quando eu entrei, eu não controlava. Às vezes quando eu ia perceber, a pessoa tava falando: “não precisa gritar, não precisa gritar”. Então eu estava gritando, né.**

105. E.M: Sei. Mas você não se dava conta disso?

106. M.J: Não, não. Muitas vezes quando eu estava na escola [mediúnica] que tinha aula prática, eu levantava e saía... então, quando eu ia ver, a pessoa tava me pegando na porta e me levando pra dentro da sala de novo. O porquê que eu saía eu não me lembro, ou porque era da entidade, ou era porque... não sei por que.

Situação praticamente idêntica em detalhes é a descrita pela médium (S). Segundo seu relato:

205. S: [...] *Só que agora, depois que eu comecei a entrar no curso mediúnico e desenvolver mais isso aqui, graças a Deus, E.M, a visão acabou, entendeu? Eu não tenho a visão.*

206. E.M: *Antes você tinha, você via?*

207. S: *Nossa! E escutava, tava maluca de tudo, né. Então eu falava: gente, só se/ tudo bem, se eu tenho isso, eu quero só equilibrar isso. Eu não sabia dizer o que eu queria, sabe? Mas eu queria parar, dominar, sabe, essa situação. Porque os médicos falam que eu não tenho nada.* [grifo nosso]

Vê-se pelos comentários de S. a necessidade em buscar uma diminuição ou equilíbrio na intensidade e ocorrência das experiências, bem como, ao mesmo tempo, uma *interpretação* que abarcasse as mesmas, visto os médicos nada terem concluído de satisfatório (ao menos do ponto de vista da participante). Independentemente da etiologia dessas experiências – questão a qual exploraremos melhor no próximo tópico e nos capítulos subsequentes – o importante a se ressaltar do raciocínio da médium é o resultado a que chega com base na sequência dos eventos. A atividade no centro melhorou seus sintomas, daí a confirmação: era mediunidade! Só que implicado nisso tudo estava um árduo trabalho de aperfeiçoamento pessoal, viabilizado pelos cursos de mediunidade. (S) tende a estabelecer uma necessária ligação causal e comprobatória entre as duas circunstâncias – ligação essa de caráter espiritual ou paranormal – quando o olhar científico teria buscado, outro tanto, as muitas variáveis fisiológicas, psicológicas, sociais etc. atuantes nesse processo.

Fatos semelhantes podem ser facilmente encontrados em outros casos, mostrando como essas experiências teriam marcado a vida dessas pessoas e as conduzido – em virtude do estarrecimento, constrangimento ou incompreensão que as sensações anômalas causavam – a “desenvolverem” a mediunidade. Nestes relatos, encontramos a mesma mistura de perturbação, medo, enfrentamento e procura por esclarecimento observados em citações anteriores:

Médium E.O

48. [...] *Então assim, desde os nove que eu via [espíritos], né. Eu via, e aí eu me assustava muito, eu ficava muito assustada, porque eu não tinha, a gente não...*

49. E.M: *Noção.*

50. E.O: *Não tinha noção, era uma menina, uma criança, né. Quantas e quantas vezes eu saí correndo do banheiro, que eu tava tomando banho, e de repente não era água que tava caindo, era um monte de coisa que caía em cima de mim. Eu saía...*

51. E.M: *Correndo.*

52. E.O: *Correndo, doída, entendeu?*

[...]

60. [...] *Mas, de repente, eu ficava apavorada, começava a gritar, sabe? (risos). Aí quando [acontecia] meu pai tava sempre ali.*

61. E.M: *Pra dar um passe...*

62. E.O: *Pra dar um passe, e sempre me ajudando. Eu tive assim um apoio muito grande, e... e assim, diálogos muito bons com meu pai, que me ajudaram muito. Né, diálogos muito bom que me ajudaram muito.*

Médium C.

37. [...] *Então eu via, eu sentia. E então quando eu fechava os olhos, aí que elas falavam comigo. E aí que eu ficava com mais medo ainda. Entendeu? Meio que eu ficava com mais medo. E eu fiquei três dias e três noites, sem dormir, com essas entidades me atormentando. Elas só precisavam de oração. E eu não sabia. Eu mandava elas irem pro quinto dos infernos. Eu não sabia. Entendeu? [risos da entrevistada e do entrevistador]. Eu não sabia. Porque eu freqüentava como membro. Eu vinha aqui como membro, eu vinha aqui pra tomar passe. Entendeu? Então, coitadinhas, elas iam lá pra me pedir ajuda e eu expulsava elas, né. Então eu tava ficando cada dia mais atormentada.*

[...]

29. [...] *E aqui é que eu fui entender quando eu vim pra cá que eu fiz as perguntas, [tosse] é que eu fui entender um pouco a respeito da minha mediunidade e saber que é possível você sair do corpo. Sabe? Então você não precisa se matar pra você sair do corpo. Né? Se você treina direitinho, você consegue fazer isso daí. E aí que eu comecei a me interessar mais. Quando eu citei esse episódio que aconteceu na minha vida, então eles me orientaram: “não, você tem que estudar. Você tem que estudar”. E aí eu comecei a estudar e comecei a ver que as coisas mudaram. **Aqueles seres que eu via lá dentro de casa, eu já conseguia falar com eles sem ter medo.** Sabe?*

[...]

35. [...] *Eu já freqüento essa reunião já há quase um ano, há quase um ano. [...] **Mas é que como aflorou demais e, tava de jeito que eu ia pra casa e ia um monte de gente [espíritos] comigo pra minha casa e, ficavam lá me atormentando, então eu resolvi vir.** Porque eu vindo estou ajudando esses seres que estão do outro lado.*

Médium A.M

66. [...] *E muitas vezes também, a gente sentado, namorando lá na varanda, na área assim da nossa casa, da minha casa assim na frente, que dava [para o] terreno/ é assim, a casa que eu morava era pra cá, a outra casa era pra lá, e esse aqui era um terreno vago [de frente]. Mas era limpo, bem cuidado; eu comecei a ver pessoas naquele lugar. Cê entendeu? Eu me lembro que o que mais me marcou foi um velho que eu vi, mas com um roupão assim, um... um sobretudo, assim, um cajado, sabe? Enfim, eu comecei ver assim. Aí eu comecei falar pra ele [marido], aí ele pegou e me emprestou mais livro, eu fui lendo. Aí um dia eu quis vir aqui no centro com ele; ele me chamou e eu quis vir. **Mas só que eu morria de medo, né. Morria de medo!** Mas aí ele não sentava na mesa; ele ficava comigo porque eu tinha medo. Aí foi indo, eu acabei perdendo o medo, no fim eu me interessei, e ele não gostou que eu me interessasse tanto (risos). Ele deixava eu vir no centro só uma vez por semana, porque ele achava que mais que uma vez por semana era fanatismo. **E eu precisava mais; eu tinha uma mediunidade assim mais...***

67. E.M: *Aflorada?*

68. A.M: *...mais afluída, né, e ele nunca entendeu isso.* [grifo nosso]

É preciso mencionar, contudo, mesmo em vista dos exemplos acima, que as experiências anômalas não parecem dar conta, sozinhas, de explicar o esforço dos participantes em prol de desenvolverem suas mediunidades. Elas constituirão, sem dúvida, um fator chave na maior ou menor urgência constatada naqueles casos de “mediunidade afluída” em que o indivíduo desde cedo viveu coisas estranhas e assustadoras para as quais não encontrou uma resposta ou um ‘método’ de controle que o satisfizesse – especialmente do ponto de vista emocional – mas não terão, certamente, o mesmo impacto nos casos em que o indivíduo só passou a praticar a

mediunidade assim que convertido à doutrina, ou naqueles em que as experiências vividas anteriormente não apresentavam um caráter ostensivo. Temos de procurar assim em outras instâncias as possíveis razões que fizeram com que muitos desses indivíduos permanecessem praticando e desenvolvendo a mediunidade, ao invés de desistirem de seus esforços – como o fez R. – e malgrado a aparente ausência de uma maior premência em lidar com experiências anômalas recorrentes, verificada em casos anteriores.

Ao analisarmos os relatos deste último tipo, veremos que as experiências anômalas não constituem aí fontes necessárias de perturbação e medo. As médiuns V. e I.Z., por exemplo, afirmam não se sentirem nem um pouco amedrontadas em relação ao que experimentam durante as atividades mediúnicas (cf. I.Z., 48 e V., 130-136). I.Z. inclusive assinala que veio ao Espiritismo mais pelo ‘amor’ do que pela ‘dor’ (cf. I.Z., 1). A médium N. também explica que tudo foi acontecendo de maneira muito “tranqüila” (sic) nos trabalhos de educação mediúnica; ela foi gradativamente se envolvendo com as práticas e aprendendo a identificar as manifestações mediúnicas que nela se davam. Não encontramos, por seu turno, indícios satisfatórios de alguma grande dificuldade ou perturbação ligada ao desenvolvimento mediúnico nos casos E., C.R. e C.A.B. Por outro lado, não se deve supor que, em decorrência disso, o centro não teria ainda alguma função psicológica ou social a cumprir na vida dessas pessoas; pelo contrário, o Espiritismo tende a desempenhar, tanto nos casos anteriores de “mediunidade aflorada” quanto nestes, variados usos e sentidos na formação da identidade, que vão desde o já citado controle sobre experiências anômalas recorrentes, até certas funções de auto-conhecimento, catarse, ressignificação e outros tantas a serem posteriormente detalhadas neste trabalho. Tais funções não parecem limitadas a apenas alguns participantes, mas estão, de certo modo, disponíveis a todos os que realizam tais práticas, embora cada qual venha a se utilizar delas baseado em tendências e demandas específicas. É na história de vida e na psicodinâmica desses indivíduos que as encontraremos, mas também nas relações que entretecem com os demais membros de seu grupo social. Cada caso, todavia, impele-nos a considerações distintas e tentaremos, dentro do possível, salientar os padrões que lhes são mais freqüentes⁶⁹.

Para começarmos, quer em um grupo quanto noutro, a mesma necessidade de crítica e controle sobre as experiências se apresentará como uma prerrogativa da formação dos médiuns em

⁶⁹ É importante lembrar que mesmo nos casos em que se constata uma maior urgência quanto ao controle e elaboração das experiências, há muito espaço também para vivências prazerosas ou, no mínimo, inofensivas. As visões curiosas de índios que E.O. tinha quando criança servem-nos aqui como um bom exemplo (E.O., 58-60). Teremos a oportunidade de fazer outras menções no decorrer de nossa explanação.

geral. É parte do aprendizado de todos. É comum assim que os participantes se iniciem em tais práticas de modo relativamente pouco crítico – ou o contrário, um tanto exigentes em relação ao seu próprio desempenho – e venham a aprender e a construir depois, em grupo, os adequados critérios de averiguação e ação sobre suas experiências, conforme os respectivos conteúdos doutrinários. Tivemos antes o exemplo do diálogo de P e R na sessão de psicografia. Vimos como a médium incentivava o rapaz a não se preocupar com a qualidade de suas psicografias e pinturas, pois, de início, ele desenharia mesmo “de forma simples”, como um exercício de “humildade, desprendimento”. (P) estava ajudando (R) a não ser tão rigoroso com suas produções, e a não esperar grandes feitos de suas primeiras tentativas. Na verdade, boa parte do esforço de um médium iniciante é o de equilibrar espontaneidade e controle: a espontaneidade necessária para permitir que as experiências almejadas ocorram e o controle exigido em relação a conteúdos pouco afeitos aos valores e princípios doutrinários. Nas aulas de pintura, por exemplo, I.Z geralmente oferecia aos seus alunos algumas noções básicas sobre como pintar, acompanhadas de instruções relativas a como proceder ‘mediunicamente’:

Após a discussão, I.Z ensina algumas técnicas básicas de desenho que serão praticadas logo depois. Ela apresenta as técnicas do desenho cego e semi-cego, e fala algo sobre controlar o nosso “lado esquerdo do cérebro”, para que ele não critique ou diga que aquilo que foi desenhado está feio, que precisa melhorar. No desenho cego, a pessoa tenta desenhar a mão esquerda sem olhar para ela. No semi-cego, conserva a imagem na mente e depois a desenha (Relatório 1, Ismael).

Em outra aula a que assistimos, I.Z ensinou a todos algumas noções de proporção do rosto humano, que poderiam ser eventualmente incorporadas às produções mediúnicas (relatório 4, Ismael). Mas além da transmissão de certos conhecimentos gerais, há também a chance de os médiuns aperfeiçoarem seu desempenho, o que é ilustrado aqui por alguns episódios. Em uma das aulas, (F), médium não entrevistado, realizou apenas uma pintura, a qual parecia já estar mais ou menos pronta, necessitando apenas de algum acabamento (relatório 1, Ismael). I.Z esclarece que esse é um procedimento comum: é dada permissão aos médiuns continuarem uma produção que deixaram inacabada em dia anterior. Outra participante, (A), desfez um quadro de flores espalhadas por um campo, passando a pintar nova figura por cima. Quando perguntada depois, respondeu que “eles”, isto é, os espíritos, é que haviam solicitado esse procedimento, “*fazer o quê?*” (sic). Os participantes têm a possibilidade assim de aperfeiçoar suas produções, de modificá-las à vontade e com o tempo necessário para isso, sem que necessitem cumprir com um corpo específico de regras e avaliações.

Embora cada membro acabe servindo de árbitro na avaliação das demais produções (inclusive com dicas importantes, vindas dos mais experientes, quanto à manipulação de certos materiais ou recursos), levantam-se, em geral, somente comentários ou opiniões pessoais, e não observações muito técnicas. Essa diminuta preocupação com os aspectos formais das produções pode ser negativo do ponto de vista do aprendizado e aperfeiçoamento prático de um pintor ou escritor; mas é positivo no contexto das reuniões mediúnicas, no sentido de não impor excessivos limites à manifestação das experiências mediúnicas. Todavia, não seria correto dizer que inexistem vieses ou filtros; pelo contrário, o conteúdo das produções e manifestações é sempre condizente com a doutrina ou, no mínimo, não conflitante com ela. Do contrário, haveria suspeita de uma ‘interferência’ do próprio médium, ou pior, de uma possível obsessão. A médium V. nos detalha melhor esse processo de filtragem e as dúvidas que frequentemente a acometiam quanto ao que deveria deixar passar e o que deveria reter de seus impulsos:

182. V: *É. Tanto que é, de controle assim, cê se policia muito nas aulas, no estudo, porque assim, cê não deixa assim à deriva, entendeu? Cê sempre tá assim filtrando, cê sempre tá se segurando mais, porque é igual eles falam [integrantes do centro], né: “você tem o controle da situação. Então você não pode deixar”. Porque antigamente – igual te falando – logo no começo eu lembro que, aí, era uma coisa assim que eu deixava mais assim: ah, eu vou fazer, gesticular, e hoje você tem uma conduta, por causa dos estudos, tudo, cê fala que você tem que ser direcionada. Com suas palavras, tem que filtrar o que às vezes falem, entendeu?*
[...]

311. V: *É, mas cê tava ali com um giz de cera e tava passando. [...] Entendeu? Aí ia vindo, aí cê vai/ eu ia pondo assim/ é óbvio que tinha minhas interferências, assim, da... assim, como é que eu posso te falar? Quando eu tava em aula, nas pinturas, eu falava assim: eu deixava assim, deixava acontecer, só que tinha uma interferência de falar assim: “aí, cê não vai pôr isso/ não, V. não é isso aí”. Sabe aquele Eu, o Eu falando: “não, imagina; não é você não, V; vai, põe aí, você que põe!” Então eu sempre tinha essas...*

312. E.M: *Dúvidas.*

313. V: *É, dúvidas. Nossa, muito...[grifo nosso]*

Entretanto, não gostaríamos de levar o leitor a entender, com os comentários acima, que os médiuns não se preocupem algumas vezes com as características formais de suas produções. Durante uma das sessões de psicografia, por exemplo, uma médium não entrevistada, a qual nós chamaremos aqui de R.O, relatava aos demais presentes, bastante entusiasmada, sobre as aulas de pintura que havia iniciado fora do centro espírita. V.E, outra médium, comentou então: “*que bom, né? É bom se aperfeiçoar, porque ficar pintando só ‘florzinha’ não dá...*” (sic)⁷⁰. É preciso dizer,

⁷⁰ Os desenhos com flores se repetem com uma constância muito grande nessas sessões (cf. figura abaixo). Em geral são vasos floridos, jardins, ou outro motivo ligado ao gênero ‘natureza morta’. Talvez isso tenha relação com a facilidade com que alguns desses objetos são representados pictoricamente. Ou talvez haja um sentido simbólico, a ser investigado. Em exercícios de relaxamento anteriores à sessão espírita é comum que se faça menção a flores e campos floridos, como sugestão de imagem mental.

nesse tocante, que a maioria das produções realizadas nas sessões em que participamos era bastante simples e as mais elaboradas pareciam efetivamente depender de aprendizado prévio e externo, como é o caso já citado de R.O. O médium F, por seu turno, já possuía algum contato com o campo das artes, pois é diagramador e formou-se em publicidade, área em que as manifestações artísticas são geralmente valorizadas. Pelo que soubemos dele, costuma também praticar a pintura em casa.

Mas uma avaliação crítica com relação ao desempenho dos médiuns não se restringe apenas às sessões de psicografia e desenho. Ela se apresenta em diversas outras ocasiões da interação desses indivíduos com suas experiências mediúnicas. Se nos exemplos acima vimos a preocupação de alguns médiuns em se adequarem a certos padrões estilísticos e mesmo doutrinários, em outros, notamos a dificuldade do indivíduo em aceitar que seja criticado. E.O nos afirma que, em função de suas visões, muitos a consideravam inicialmente ‘doida’, “2. [...] *porque eu afirmava, né. Não adiantava falar pra mim que não era; era, pra mim era e acabou, entendeu?*”. O relato indignado de A.M sobre sua visão do vizinho falecido é outro bom exemplo de como ela se encontrava relutantemente convencida da veracidade de sua percepção.



Figura 3. O quadro à esquerda é de autoria ‘mediúnic’ de F. e o quadro à direita de R.O. Ambos foram produzidos com emprego direto das mãos, embebidas em tinta. Com os dedos, o punho e o dorso foram feitos os detalhes.

Mas a certeza não é, infelizmente, um privilégio de todos. As indagações a respeito da verdadeira origem da experiência constituem grande preocupação para os médiuns. Vimos há pouco como a médium V. se queixava da indecisão sobre o que iria desenhar; sobre o que era seu e o que era dos espíritos. De fato, a *diferenciação entre os conteúdos pertencentes e estranhos ao Eu* é uma das principais conquistas a serem alcançadas pelos médiuns e, provavelmente, uma das menos claras e precisas. No início, aliás, tudo é mais confuso e penoso:

Médium V.

124. V: *Olha, eu lembro do... /assim, eu ia ao centro, mas assim; era como se alguma coisa me incomodasse de tá ali, entendeu? Mas assim, continuava. Porque eu tava em busca, queria e tal. O que eu me lembro assim no estudo, que começou assim a*

desenvolver, é na aula do segundo ano. Foi assim, tinha uma pessoa é... dando passividade, eu não lembro se ficou mal, aí eu fechei meus olhos assim e... queria mandar energia pra aquela pessoa, então, **eu não sei se era pessoa, se era entidade, porque na época era muito confuso, né, e assim aí começou. Então eu tenho essas sensações desde o começo do... do estudo mesmo lá.** [grifo nosso]

Médium C.R.

9. [...] mas na psicofonia eu ficava sempre naquela dúvida que quase todo médium iniciante tem, se sou eu, se são os meus pensamentos ou não.

Por vezes, a procura por certeza e a concessão gradativa do controle aos ‘espíritos’ se processam a semelhança de um confronto, em que o médium resiste e questiona, até finalmente confiar e se entregar:

Médium S.

370. [...]Essa bola, o quê que eu to fazendo com essa bola? Esse risco? Eu quero fazer uma cachoeira, já falei tantas vezes, uma cachoeira bonita. Só que essa cachoeira bonita que talvez eu quisesse fazer, a sensação foi outra. **Às vezes eu luto com eles [espíritos], de querer fazer as coisas que eu quero.** Entendeu? [grifo nosso]

Médium I.Z

90. I.Z: Na parte mediúnica, quando eu comecei, era uma coisa assim, eu me sentia assim meio abobada. Porque eu sabendo como que se faz um desenho, como se faz uma casa, por exemplo, eu ia querer fazer aquela casa, **a minha mão não me obedecia.** Saía tudo os riscos, pegava cores que na época/ que eu não queria pegar aquela cor. **Eu falava: não, eu sei que um telhado é tal cor, então tem que ser daquela cor. Eu brigava muito, sabe, discutia muito. Até que chegou uma hora que eu deixei, eu falei: não, deixa/ eu confio, não confio? Então vamos confiar. Aí eu soltei mesmo, aí sai do jeito que eles [espíritos] pedem, do jeito que sai.**

Médium V.

164. V: É, tem/ quando vem assim/ antigamente cê sabe que eu me preocupava muito assim – acho que é do ser humano mesmo – ah, mas o meu mentor – o meu mentor, né – o mentor, ah, não é isso que ele quer não. Tem uns que falam palavras tão bonitas; ah o meu vai querer falar, não, **eu não vou falar isso daí não! Então eu travava muito, né.** De falar assim: ah não, eu não vou falar isso aí não, tal. Hoje já não, cê vai aprendendo, cê vai/ então, já... cê já passa mais a mensagem.

Em alguns casos ainda, determinadas experiências de *comprovação* – como designaria Zangari (2003) – terminam por convencer o indivíduo, após alguma relutância ou questionamento, da independência e autonomia de certas manifestações. Vejamos, nesse sentido, os relatos abaixo:

Médium C.

31. C: [...] E... um belo dia eu vim: “não, vamos fazer o treinamento da mediunidade?” [pergunta dos dirigentes do centro]. E eu vim a primeira, a segunda e a terceira vez, e eu saí daqui com dúvidas. Eu falei: poxa vida, isso tudo é balela! Isso não existe. Mas quando foi na quarta vez. “Vamos fazer o treinamento?” Porque como eu sou uma médium consciente [tosse] a entidade tá falando e eu tenho impressão que sou eu que tô falando. Mas sou eu, é o meu corpo. Né? Então eu saí daqui com aquela dúvida. E naquele dia eu falei: acho que isso tudo é balela, porque olha só o jeito que ele tá falando. É ele que tá falando. Sabe? E de repente a entidade me/ foi me sufocando, me sufocando, me sufocando e eu só fiquei com a cabeça. O resto amorteceu tudo. Eu não conseguia mexer nada. E o doutrinador que estava do meu lado, tentando falar, mas a entidade não falava, não queria falar. Só queria tá ali pra mostrar pra mim que existia, que era verdade, que eu não tava enganada. E a partir desse episódio né, foi pedido pra que ele se retirasse, essa entidade

de perto, porque ela tava me judiando. Eu não estava conseguindo me soltar. Não tava conseguindo dar passividade, não tava conseguindo deixar ela falar. Então a partir desse episódio é que eu falei: não, eu vou.../ agora eu quero vir. **Eu precisava dessa certeza**

Médium E.

50. [...] **Eu tinha muita dúvida sobre o que eu tava fazendo.** Mas, com as... **comprovações/** porque apesar é.../ bom, apesar não, nós ficávamos em silêncio mas as atividades eram direcionadas. E lá, por exemplo, nós vamos trabalhar a vidência; os quadros [mentais] que a gente via, os alunos, né, eram muito similares. E quando nós escrevíamos, também o que se escrevia era muito similar, né. **Então isso foi me dando uma certeza de que acontecia lá não era só eu, pelo menos,** né, que os outros tavam participando também do exercício mediúnico. [...] É... a confirmação das experiências mediúnicas, pra mim também veio com a observação de outros médiuns. Não sei se é uma coisa válida, fora do meio espírita, mas pra mim foi. Então o fato de eu ter visto alguma coisa, ter percebido alguma coisa, e alguém ter confirmado, também me remeteu à certeza, porque eu sou muito consciente. Então pra ser meu aquilo, fica muito fácil pra eu falar que é, né. [grifo nosso]

Uma vez tenha vencido essa batalha ou confronto inicial, o médium começa a estabelecer seus próprios critérios de diferenciação, mais ou menos inspirado nos conteúdos da doutrina espírita, e sustentado em sua prática e experiência pessoais. No caso das psicografias e desenhos, a verificação se dá, costumeiramente, pela espontaneidade do processo e pela divergência em relação ao que era esperado pelo indivíduo do seu ponto de vista consciente. Quando o conteúdo expressado diverge do autoconceito ou do conhecimento que o indivíduo tem de suas habilidades, ele tende a ser interpretado como indicativo da ação dos espíritos. De forma parecida, na psicofonia e outras mediunidades, as sensações, falas, comportamentos etc. involuntários, inesperados ou estranhos frente às experiências cotidianas, logo passam a ser admitidos como indícios de uma intervenção espiritual. Qualquer mudança significativa no padrão de percepção do corpo, por exemplo, ou no próprio conteúdo da experiência, servem à maneira de *índices* ou *sinalizadores*. A médium S. teria inclusive identificado uma sensação típica, uma dor de cabeça acompanhada de um “sinalzinho” como o elemento revelador da presença dos espíritos. Mas esse é apenas um de seus critérios pessoais de identificação:

535. E.M: Como é que você sabe quando são eles?

536. S: Então, porque quando é... **quando é leve, por exemplo, é criancinha. Então eu faço o desenho, à vontade, eu não sinto dores.** É uma dor que vem, entendeu? Uma dor tão forte assim, dá um sinalzinho na minha cabeça. Não sei explicar pro cê. **Dá um sinalzinho quando eles vêm.** Mas quando é desenho bom, eles me dão esse sinalzinho. Quando não é desenho bom, eles me dão esse sinalzinho, a pessoa mais... perturbadinha, mais desequilibradinha, que ta indo lá comigo pra fazer. Agora eu percebo, quando eu recebo aqui, ó, no frontal [quando tem alguma sensação na testa], então vem aquilo pra mim escrever, né. Aí eu escrevo, fico calma. Relaxo bem. Faço.
[...]

542. S: [...] Ó, quando é desenho assim E.M, ó, é um pouco meu, mas é um pouco deles também. Aqui é deles, ó, que eu não sei fazer isso. Esse já é meu que eu queria fazer, mas eu queria fazer igreja. [tosse] Eu percebo assim: me vem aqui ó [aponta para a testa], me vem aqui na frente, no frontal, a idéia do que eu vou fazer. Então, eu quero uma florzinha, mas queria que fizesse assim, fizesse assado, **mas aquilo que eu pensei não saiu nada no**

papel como eu falei. *Áí eles vem, me vira lá, não sei, se eles me vira a minha mão. Ó, cê vê, não era pra estar aqui o traço; eu queria subir E.M. Eles me viraram eu pra cá.* [...]

576. [...] *A psicofonia, quando eu tenho que falar, eles [espíritos] às vezes me ajuda. Só que vai crescendo tudo, cê entendeu, cresce tudo. A psicofonia, por exemplo, a garganta, meu corpo, vai modificando mesmo.* [grifo nosso]

Para a médium I.Z, um bom critério de identificação é o quanto o desenho se afasta do conhecimento que ela própria possui de pintura, como em dois retratos de freiras que ela produziu (alegadas entidades espirituais que a acompanham):

Médium I.Z

237. E.M: *Nesse você acha que já houve uma interferência mais sua ou não?*

238. I.Z: *Olha, provavelmente não, porque se tivesse alguma minha eu teria de ter definido mais o rosto delas.*

239. E.M: *É, né?*

240. I.Z: *É. Apesar que o corpo humano não é meu fraco, mas eu sei as medidas, eu estudei isso, então eu iria pôr isso aqui.*

Médium E.

50. [...] *E algumas atividades que eu nunca/ por exemplo, você fazer uma poesia, vai, de umas dez estrofes, de uma mão, só, vamos falar, assim, vai; cê tá num momento lá de fazer a coisa, cê começa e termina. Então isso é uma coisa que eu consciente não fazia, né. O consciente no sentido de sem estar no – eu vou chamar de transe mediúnico – tá, porque o transe pra mim é bem sutil. Eu vou lá transe mediúnico. Eu em transe mediúnico, eu consigo fazer. Eu, sem estar no transe mediúnico, eu não consigo fazer. Se eu for escrever ou fazer qualquer coisa já meu estado, eu demoro pra fazer aquilo, não é fluente do começo ao fim; eu tenho que pensar naquilo que eu tô fazendo. E no transe mediúnico, a coisa vinha de uma vez só.* [Grifo nosso]



Figura 4. Retrato mediúnico de uma das freiras que acompanhariam I.Z. Giz de cera em papel sulfite.

São esses critérios, exemplificados pelos exemplos acima, que possibilitam aos médiuns acompanharem e avaliarem seu próprio desenvolvimento mediúnico. A médium V. recorda que “317. [...] *nunca fui de desenhar [...] era uma bolinha e um pauzinho*”. Ela sentia, no entanto, que conforme as sessões se passavam, suas produções iam melhorando, e embora tenha parado de frequentar as reuniões de pintura e psicografia, ela acredita que “317. [...] *se eu*

continuasse mesmo ia desenvolver mais”. Ela afirma que se sentia como se estivesse sendo direcionada: “323. [...] *a sensação era forte. Muito forte*”, e apresentava tremores nas mãos, bem como agilidade ao desenhar. O aperfeiçoamento das produções, segundo ela, dava-se, contudo, de forma lenta e paulatina: “319. *Mas você vê que não é uma coisa que: ai, eu já sou uma pintora. Não*”. O desabrochar da mediunidade parece depender assim da paciência e constante persistência do indivíduo, fatores que talvez rendessem frutos no caso R., se o rapaz houvesse enfrentado seus medos iniciais.

Mas se os critérios pessoais elaborados pelos médiuns são relevantes ao desenvolvimento mediúnico, os valores grupais desempenham também um papel fundamental no processo de avaliação da experiência. Há um aspecto claramente moral no controle. O médium deve permitir aos espíritos se comunicarem, mas saber direcionar sua fala, sua escrita, seu desenho etc. de acordo com os princípios cristãos. Caso um espírito ‘queira’ tomar as rédeas de seu corpo e fazê-lo gritar, vociferar palavrões e injúrias ou levá-lo a adotar qualquer conduta inconsequente, o médium deve estar pronto para proceder em favor da boa ordem e da harmonia. Deve também garantir que o seu comportamento moral esteja em consonância com a doutrina, de modo a abrir caminho para que espíritos mais ‘elevados’ se comuniquem por seu intermédio. Deve inclusive desconfiar da autenticidade da manifestação quando algum espírito ilustre pretenda se apresentar por ele, e isso de modo a não deixar que a vaidade e o orgulho o invadam. Não são bem vistos os médiuns que agem contrariamente a esse princípio ou que por ele não velam. O desenvolvimento mediúnico, portanto, não implica apenas numa elaboração e aprofundamento da experiência em si, mas na sua necessária e esperada conformação com os valores da doutrina:

Médium C.A.B

22. [...] Acho que o médium tem que ser um médium esclarecido, tem que estudar mesmo, pra não ficar fazendo barulho, não deixar o espírito fazer aquelas confusão que às vezes a pessoa fica batendo na mesa, jogando cadeira, pulando, bocejando, gritando...

23. E.M: Mas, por exemplo, quando o senhor tá recebendo/ vem o espírito, né, é... perde o controle, por exemplo, das cordas vocais, ou como é que faz?

24. C.A.B: Eu controlo tudo, né. Quer dizer, a voz muda, né. A voz muda, claro. De espírito pra espírito a voz muda, tanto a do mentor como a de espíritos inferiores, né. E... e deixo o espírito dar a mensagem dele. Mas...

25. E.M: Tem uma consciência ali. É semi-consciente?

26. C.A.B: É, sou semi-consciente, então o meu espírito fica controlando o médium. Tem que controlar, não pode deixar.

27. E.M: Mas vem aquele impulso, aquela...

28. C.A.B: É, vem, vem muita coisa na mente da gente, né. A gente sabe o que é da gente e o que não é da gente, né. Claro, nós que estudamos isso daí, a gente sabe distinguir o que vem da gente, e o que vem de fora. Tanto coisas ruins como coisas boas. Então é isso, a gente consegue controlar os impulsos. A gente não deve deixar o espírito inferior fazer o que ele bem entender. E deve distinguir também. A gente distingue quando é espírito bom, e quando é espírito inferior. A gente distingue.

29. E.M: Até chegar nesse nível, demorou um pouco pro senhor desenvolver essa parte ou foi meio que espontaneamente, conforme...

30. C.A.B: Não, a gente vai aprendendo. **A pessoa [do centro] que está nos orientando, vai falando como a gente tem que proceder; o estudo ajuda muito, né. Ler O Livro dos Espíritos, Livro do André Luiz, a gente participar de reuniões, ver como os médiuns agem, né. Isso tudo a gente vai aprendendo a se controlar, pra poder deixar esses obsessores/ porque às vezes tem – que nem lá na Federação, lá no curso – tinha um médium lá que só recebia mensagem de espírito famoso. Tá na cara que são espíritos inferiores, né, porque quando geralmente morre alguém muito conhecido, todo mundo quer saber mensagem dele. Então esses espíritos inferiores aproveitam pra falar mensagem em nome daquela pessoa. E às vezes aquela pessoa famosa, nem deu mensagem nenhuma. Tanto pode ser um espírita, católico, protestante ou qualquer outra/ às vezes alguém conhecido, às vezes ele mesmo não dá quase mensagem, né. No início. Então a gente tem que cuidar de tudo isso daí. Desconfiar, né. Às vezes o espírito vem/ eu, um coitadinho, um pobrezinho aí, vou dar mensagem de um Emmanuel, de um André Luiz, ou de um São Luiz Gonzaga, um Francisco de Assis? Então a gente tem que desconfiar, né. E também, na mente, eu não procuro saber quem é o espírito. Nunca procuro/ na mente, nunca perguntei o nome do espírito comunicante, né. Nunca. Se perguntarem/ já me disseram, tal, o nome de três espíritos que dão a mensagem, né, mas também não procurei saber quem são eles, né, e também não interessa o espírito, interessa a mensagem, né. Se estiver de acordo com os ensinamentos de Jesus e de Kardec, isso é o que mais interessa. [grifo nosso].**

Médium I.Z

107. E.M: E, no caso, por exemplo, I.Z., a gente até viu nos trabalhos de pintura e psicografia, um rapazinho que entrou agora [E.M está se referindo a um rapaz, R., que participou das sessões de pintura mediúnica do centro espírita Ismael, cujas manifestações foram observadas e descritas nos relatórios das respectivas sessões]...

108. I.Z: Isso.

109. E.M: ... e ele até perguntou, da dificuldade/ porque, muitas vezes ele perguntou: “mas, e se vier uma idéia, por exemplo, ruim, né, um pensamento ruim etc. eu tenho um palavrão, por exemplo, eu tenho que escrever isso, como é que é, como é que acontece?”. Você tinha também essas vontades ou não?

110. I.Z: Olha... de pintura/ porque a minha é mais pintura do que psicografia. Nas poucas psicografias que eu fiz, nunca tive vontade de escrever coisas que não era ali da parte mediúnica, da parte do evangelho, né. Nunca tive vontade de escrever nada. Na psicofonia, só em escola/ eu nem lembro se eu dei alguma vez alguma mensagem falada. Também não/ então, eu não tive essa vontade, essa coisa. Agora, é o que a gente fala, esse menino ele tá começando, ele nem fez o primeiro ano ainda. Ele está fazendo o primeiro ano este ano. Então ele não tem a escola mediúnica, então o coitadinho tá perdido. E é onde a gente fala pra ele que o médium ele tem que filtrar a mensagem que ele tá recebendo. Tanto a falada quanto a escrita, e até mesmo o desenho, a pintura. Pra isso que você é um médium, pra isso que você estuda pra isso. Pra isso que tem a escola mediúnica, né, pra você saber filtrar. E também saber que tem certas pessoas que fala: “ah, eu xinguei, eu caí, eu me debati, porque eu não estava em mim”. Todo o médium está em você, porque o teu espírito é encarnado em você quando você nasce. Então ele não vai sair do teu corpo, pro um outro entrar. O que ele vai fazer é afastar um pouco e deixar uma passagem pra você receber aquela comunicação. Mas ele constantemente tá ali do seu lado, ele é o responsável pelo teu corpo. Então ele não vai sair. E ele precisa do teu corpo pra ele se mexer, pra ele aprender, pra ele estudar, porque um espírito sozinho vai ficar uma alma penada aqui no mundo. Não, né. Então ele precisa desse corpo, como o corpo precisa do Perispírito, né, pra ter todo esse andamento. Então, quando o teu espírito tá ali do teu lado tomando conta, tua consciência tá ali do teu lado. Então tem isso, a consciência. Por isso que o médium tem que filtrar, porque a consciência do médium não foge. Tá ali.

111. E.M: Então você acha que essas pessoas que... agem dessa maneira mais incontrolada, por exemplo, a pessoa poderia atuar no sentido de controlar isso.

112. I.Z: *Que sim, pode, pode controlar. Tem uns que falam que não, né, mas é muito difícil aquele que realmente apaga, que o tálamo escurece, é muito difícil, né.*

113. E.M: *Certo. Que fica totalmente inconsciente...*

114. I.Z: *Totalmente, totalmente, totalmente inconsciente... a não ser você como psicólogo que pode responder, como é que você encaminha isso, mas eu como espírita, eu acho que [não].*

6.3 A sessão espírita

Como vimos, o desenvolvimento mediúnico depende tanto de fatores pessoais quanto grupais, contextuais. Cada médium tem suas peculiaridades e seu modo próprio de relação com essas experiências. Mas essa construção da mediunidade ou *criação* – nos dizeres de Zangari – não se dá de modo aleatório ou unicamente individual; ela é uma co-criação, isto é, um processo em grande parte derivado das trocas entre os médiuns nas sessões espíritas. Às predisposições individuais que permitem e, até certo ponto, produzem certas vivências mediúnicas, somam-se o condicionamento e a modelação destas em função das práticas conduzidas no centro. Daí resulta, como dito inicialmente, uma relação de *feedback* entre crença e experiência. É o que pretendemos explorar agora, ao devassarmos atentamente o contexto das sessões espíritas.

O primeiro momento de uma sessão (quer seja uma aula de curso mediúnico, quer seja uma sessão de psicografia e pintura, de desobsessão etc.) reservado para leituras e orações é de grande importância para nossa análise, na medida em que – segundo foi possível observar – são justamente as discussões ocorridas nessa etapa, em relação ao texto lido, que fornecerão alguns dos conteúdos necessários para a subsequente elaboração das manifestações de espíritos por parte dos médiuns. Enquanto as orações são conduzidas, os participantes se ajeitam em suas cadeiras e alguns já demonstram sinais de relaxamento, ao bocejarem frequentemente ou ao se posicionarem de modo mais confortável à mesa. Outras alterações comportamentais também são observadas: alguns suspiram de modo profundo, outros começam a murmurar palavras inapreensíveis ou se remexem de modo estranho na cadeira, apresentando tremores ou arrepios. Em geral, as preces ou exortações morais têm como objetivo: 1) relaxar os participantes, induzindo visualizações positivas – como a imagem de uma rosa, um jardim ou cores específicas, imagens comumente empregadas em outros tipos de reuniões mediúnicas – e sentimentos de paz, calma, leveza, além de sugestões acompanhadas sempre de alguma referência à presença do ‘plano espiritual’ naquele contexto; 2) promover algum tipo de reflexão doutrinária, geralmente associada aos temas de caridade, paciência/perseverança etc. Tais temas, embora de natureza genérica e repetitiva, tendem a suscitar emoções variadas nos participantes. Numa ocasião, a própria médium que realizava a prece se

emocionou e começou a chorar (Relatório 7, Ismael). Após as orações, conduz-se geralmente outra leitura, e então o trabalho prossegue. Cabe lembrar que as preces e leituras constantes, a voz suave e repetitiva dos oradores, acompanhada do ambiente geralmente pouco iluminado e silencioso e da atmosfera de concentração na tarefa religiosa, tendem a gerar um efeito relaxante e bastante propício a um estado de consciência modificado. Não é de se estranhar que antes da sessão mediúnica propriamente dita todo esse processo seja levado a cabo, pois ele prepara psicologicamente os participantes para as manifestações que ocorrerão. Sabe-se que o isolamento sensorial, o relaxamento, a repetição e a monotonia são elementos que, quando devidamente combinados, propiciam o estado de transe, bem como visualizações e outras formas de automatismo psicológico ou motor (Facioli, 2006). Tais elementos da sessão mediúnica facilitam, em outras palavras, aquilo que Sundén define como uma *mudança de fase*, a passagem do quadro de referência cultural mais amplo para o quadro de referência religioso.

Eis alguns exemplos tirados de nossas visitas às sessões de pintura e psicografia do centro Ismael:

Após o rápido exercício, os alunos são colocados num estado de tranquilidade e relaxamento, por meio de ambientação musical e sugestões verbais de cunho espírita. Sugere-se que os médiuns entrem em contato “com esse amigo espiritual que está se apresentando à sua frente. Receba-o, abrace-o” (sic). Seguem-se mais uma série de orientações verbais espíritas e os médiuns iniciam a atividade que desejarem. Alguns se dedicam à pintura, outros à psicografia, e alguns aos dois tipos. Cada qual tem seu jeito peculiar de manifestação. Enquanto observo, faço algumas perguntas para I.Z. Ela me permite também circular pela sala e averiguar as produções de cada médium. (Relatório 1, Ismael).

O exercício de psicografia / pictografia segue o mesmo princípio: os alunos são convidados a relaxarem, posicionando-se melhor na cadeira, e a respirarem profundamente. Ouvem a leitura em voz alta de algum texto “edificante” do evangelho feita por I.Z (enquanto estão de olhos fechados) e recebem a sugestão para realizar algo mediunicamente, a qual sempre vem acompanhada da orientação verbal para se perceber o “amigo espiritual” que se aproxima, que está cada vez mais perto etc. (Relatório 2, Ismael).

Na hora de induzir a experiência, I.Z recorreu à imagem pacífica de flores, jardim, campo e sugeriu a presença de um pintor, escritor ou ‘amigo espiritual’. (Relatório 3, Ismael)

A sugestão e a expectativa – como vemos nesses exemplos – parecem cumprir um papel significativo nas experiências, uma vez que vários aspectos do conteúdo das manifestações já se encontram presentes, de certo modo, no procedimento inicial de relaxamento e indução. A leitura auxilia a reavivar conteúdos doutrinários previamente aprendidos, ou a trazer informações novas sobre as crenças compartilhadas. A discussão dessas leituras em grupo promove ainda reflexões sobre como aplicá-las no cotidiano de cada participante. Os exercícios de visualização guiam a concentração e estimulam possíveis modificações da consciência, nas quais os elementos sugeridos

tendem a adquirir vida e corporificação, como a sensação de presença do “amigo espiritual”. Devemos salientar, no entanto, que o uso que se faz aqui do termo *sugestão* corresponde apenas parcialmente à natureza dos processos envolvidos. Tais características da prática mediúnica não se reduzem a meros ritualismos realizados dualisticamente, como no tradicional paradigma ‘hipnotizador → hipnotizado’. Elas decorrem muito mais de uma *identificação* com a crença e a prática espíritas, uma vinculação cognitiva e emocional com a doutrina que facilita a própria ‘susceptibilidade’ aos conteúdos religiosos. Essa *identificação* possui implicações efetivas na experiência e na vida dos participantes, mobilizando emoções e sensações as mais variadas, como nesta observação abaixo:

O texto para leitura tratava do tema morte e separação. Esse assunto parece ter mobilizado bastante os participantes, sobretudo C.A, que dizia ainda ter dificuldade em aceitar o “desencarne” (sic) de alguém muito próximo a ela, mesmo sendo espírita. Os demais também participaram da discussão, e começaram a relatar possíveis coincidências em relação ao tema de hoje com situações que lhes ocorreram durante a semana, como a morte recente de algum conhecido ou sonhos que tiveram. (Relatório 4, Ismael).

Algumas das imagens e sensações compartilhadas nesse primeiro momento da reunião são incorporadas de tal modo pelos participantes que acabam por adquirir depois certa autonomia, e neles despertam reações variadas ainda que o médium não seja novamente exposto a tal preparação, ou desde que ele próprio assuma o domínio desse processo e procure estimular a experiência em si mesmo. No discurso da médium S., o “amigo espiritual” mencionado por I.Z. é trazido até ela por Jesus. Com Jesus, a médium conversa por algum tempo, e ao notar a presença do “amigo querido” [espírito protetor, ‘anjo da guarda’] ela então dá vazão às suas manifestações psicográficas. Note-se como a médium aprendeu a guiar sozinha, o processo ao qual tantas vezes foi exposta no início das sessões mediúnicas:

465. E.M: *E vem a imagem na sua mente ou não?*

466. S: *É, aí vem meu amigo... meu amigo Jesus.*

467. E.M: *Você vê a imagem de Jesus?*

468. S: *Não, mas eu sinto assim, sabe, que ele/ eu converso com ele, eu falo: Jesus, to te procurando tanto né, o senhor ta aqui faz tanto tempo comigo, às vezes na conversaiada que eu dou, né. Que às vezes eu me perco nas conversas, sabe? Aí eu falo: obrigada por me trazer essa paz, né, e meu amigo querido que o senhor tanto também me traz comigo. Também às vezes eu converso assim. Esse amigo que tanto me ajudou e me ajuda, que eu possa ser esse instrumento bom. Que as minhas mãos, se for, que eu possa agora neste momento, ou escrever ou pintar. Bom, aí me vem Aí fico lá quietinha, aí me vem aqui. Vem o frontal que eles falam, né [S está se referindo ao conceito de ‘chakra’ ou ‘centro de força frontal’, na testa. Ela tem alguma sensação na testa onde estaria localizado o suposto Chakra]. Aí vem o frontal. Aí vêm aquelas pontadinhas...*

Jesus e o amigo espiritual assumem aí a função de *partners* na experiência da médium, tal como descreve o modelo de Sundén. (S) adota o papel de médium e, ao mesmo tempo, o papel das entidades espirituais. Com elas, dialoga e interage. Ela reproduz assim, internamente, o universo

das crenças e práticas espíritas, assimilado e compartilhado em grupo – o que tende a facilitar, por sua vez, as próprias trocas intersubjetivas. Tal como afirmou Habermas (2008, p. 14): “a mente individual está imbuída com estruturas e conteúdos pelo entrelaçamento na mente ‘objetiva’ das interações intersubjetivas”. Não se trata simplesmente de ‘auto-sugestão’, como poderíamos supor numa leitura convencional – embora o termo não seja totalmente inapropriado aqui – mas de uma efetiva assunção da realidade grupal, uma identificação com ela. O mesmo processo de estimulação da experiência em que S. contava com o direcionamento de I.Z e a participação dos demais membros da sessão é agora conduzido e mantido dentro de si. Essa transposição do que antes era realizado mais ou menos passivamente para a assunção de uma conduta interna ativa e dinâmica é sinal de sua vinculação identitária com as crenças espíritas, crenças que ajudam então a modelar sua própria vida psíquica. Veremos adiante outros exemplos e as consequências mais amplas disso nos capítulos 7 e 8.

De qualquer modo, basta-nos dizer, por ora, que a sessão espírita tem como principal meta a *objetivação* (Berger & Luckmann, 1966/2003) do sistema doutrinário de crenças. Em outras palavras, ela deseja recriar, no universo das práticas mediúnicas, o mundo espiritual preconizado idealmente, trazendo-o para um nível objetivo e passível de ação individual e coletiva. A sessão espírita é o contexto onde a mediunidade ganha vida, onde a espiritualidade se comunica e se manifesta, onde a doutrina obtém certa materialidade (os casos extremos disso são aqueles em que se acredita mesmo “materializar” os espíritos). E para que isso se dê da melhor forma, muitos são os fatores que contribuem para a construção e manutenção da experiência mediúnica e da ‘realidade espiritual’.

A discussão grupal em torno das leituras, logo no início da sessão, fornece, primeiramente, uma série de dados importantes a serem mais tarde empregados pelos médiuns em suas próprias manifestações de espíritos. Nas reuniões de desobsessão em que participei no centro espírita Paschoal Tróvelle, muitas das entidades espirituais personificadas pelos médiuns se diziam ligadas ao tráfico de drogas ou a outros tipos de crimes. As sessões de sábado eram inclusive parcialmente dedicadas ao trabalho de ajuda a indivíduos que teriam “desencarnado” em função do uso abusivo de drogas ou durante algum suposto confronto com a polícia. Várias das discussões introdutórias, antes da sessão, abordavam temáticas relativas a esse trabalho:

Um dos doutrinadores participantes (o qual será designado aqui como W) é um policial, segundo informações fornecidas por ele próprio. Empolgado, este integrante da mesa começa a relatar suas histórias sobre criminosos envolvidos com diferentes vícios. Suas histórias detalham comportamentos e situações envolvendo jovens ou adultos associados ao mundo da drogadição e do crime. Ele critica a postura do governo frente a esses temas, narra casos reais e dá suas opiniões. Os demais também participam, dando exemplos de

fatos ocorridos com eles e com pessoas próximas, ou trazendo histórias lidas em romances mediúnicos. Mas alguns médiuns, sobretudo, aqueles que apresentaram, nesta sessão, uma mediunidade mais ostensiva – duas mulheres (C e Y) e um homem (C.A.B) – ouvem e observam atentamente os diálogos e pouco se pronunciam acerca da leitura feita. Após uma longa discussão, procede-se a uma rápida leitura de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. Sou convidado a escolher uma página qualquer e, sem seguida, leio-a em voz alta. Outra mensagem é lida também, retirada de outro livro – “Religião dos Espíritos”, de Emmanuel, psicografado por Chico Xavier. Só então a sessão propriamente dita pode ser iniciada. (Relatório 4, Paschoal)

Mas se as leituras e discussões prévias ajudam a preparar os participantes para o que virá em seguida, outros fatores concorrem igualmente nessa direção, como a música e o controle da luminosidade. Estes dois elementos aparentemente dispensáveis, somados à atmosfera religiosa, formam, por assim dizer, a *ambientação* costumeira de uma sessão espírita. Analisemos cada qual separadamente. Quanto à luminosidade, embora não se trate de fator absolutamente imprescindível – posto que em muitas sessões de psicografia e pintura do centro Ismael, por exemplo, não se tinha o costume de apagar ou diminuir as luzes – trata-se, certamente, de uma variável importante a ser considerada na maioria dos casos, inclusive no que tange a uma compreensão das possíveis alterações de consciência relatadas pelos participantes, especialmente em sessões de desobsessão.

Quando praticamente todos os principais membros do grupo haviam chegado, iniciou-se o trabalho de assistência com uma prece, deixando-se acesas somente as lâmpadas verdes. Em seguida, as luzes habituais são novamente ligadas para leitura. Após a discussão, o trabalho de assistência finalmente inicia. Apagam-se as luzes, deixando-se apenas as lâmpadas verdes acesas. Os trabalhadores levantam-se das cadeiras e dirigem-se aos banquinhos. Cada um dá um passe espiritual no outro, revezando-se mutuamente [...] Novamente algumas preces e exortações são ditas, feitas naquele momento por médiuns do grupo, escolhidos previamente para essa tarefa. (Relatório 7, Ismael)

O emprego da cor verde, de baixa intensidade; os movimentos suaves dos médiuns passistas com os braços e as mãos em volta dos que recebem o passe; os olhos fechados durante a atividade; o ambiente silencioso, embalado pela suave música de fundo; a concentração na tarefa religiosa, reforçada sempre pelas preces constantes e repetitivas... Tais elementos tendem a estimular a visualização de imagens internas e a emergência de outras formas de automatismo sensorial ou motor (vozes, sensações anômalas etc.), logo interpretados como originários das intervenções dos espíritos naquele ambiente. E a experiência será tão mais vívida quanto mais o indivíduo se mostre previamente susceptível a essa forma de estimulação, a exemplo dos nossos médiuns ‘aflorados’, e na propensão de sua identificação com o sistema de crença espírita⁷¹.

⁷¹ I.Z. forneceu-me, certa vez, toda uma complexa explicação espírita para a configuração do ambiente daquele modo, misturando elementos espirituais e fisiológicos em seu discurso. Falou-me da ‘ativação da glândula da hipófise’, que se daria em ambientes escuros, facilitando o desligamento do “perispírito” e permitindo maior eficácia no trabalho espiritual. De certo modo, se nos detivermos mais no simbolismo dessas definições do que em sua concretude, elas não deixam de constituir uma representação aproximada daquilo que efetivamente ocorre. Ora, do nosso ponto de vista

A música – geralmente composições clássicas ou de estilo *New Age* – acaba por oferecer, com o tempo, certo dinamismo à sessão, chegando a se infiltrar nas experiências dos médiuns, de modo a fornecer conotações condizentes com o ritmo ou mesmo o conteúdo da atividade realizada:

Curiosamente, seus movimentos (F) pareciam algumas vezes acompanhar a música de fundo disponibilizada por I.Z, um CD do violinista André Rieu que possuía algumas composições suaves e relaxantes, mas também tangos acelerados. Foi possível perceber, nesse sentido, que quando o grupo começava a acelerar mais a atividade mediúnica, pintando ou escrevendo com mais pressa, isso se fazia acompanhar quase sempre de uma aceleração rítmica da própria música, variável importante nesse processo. (Relatório 4, Ismael)

Um fato também bastante interessante foi o de uma médium da mesa que relatou o quanto a ausência de música num dado momento da atividade (quando o CD que tocava chegou ao fim) influenciou na confecção de um desenho seu, abstrato e colorido. A médium disse que, em resposta ao silêncio e à passividade do ambiente, ela se sentiu agitada, e começou a pintar de forma rápida, usando-se para isso de diversas cores; ela não queria, entretanto, passar uma coerência ao desenho, e sim expressar o que sentia. [...] Essa mesma médium comentou ainda da influência que uma das manifestações mediúnicas de C.A.B (a do espírito drogadito) teve em um desenho que fez do rosto de um rapaz. Ao ouvir a conversação do doutrinador com o médium naquele momento, sentiu a vontade de representar o espírito que ali estava, e fez seu rosto. (Relatório 5, Paschoal)

Essa última observação, sobre a médium que sentiu vontade em representar pictoricamente o espírito que teria se manifestado por C.A.B, mostra-nos duas coisas: primeiro, a construção grupal e compartilhada das experiências; e segundo, o quanto o psiquismo dos participantes reage de forma ampla e global frente aos vários estímulos da sessão. Qualquer elemento disponível pode servir como um meio de ligação para outras experiências possíveis, contagiando os médiuns. Há, portanto, uma *interpenetração ou continuidade* entre as formas de experiência, de modo que uma pode ajudar na estimulação de diversas outras. Embora não se possa sustentar sempre uma necessária linearidade causal, dada a grande quantidade de variáveis envolvidas, observa-se, não obstante, a existência de uma ligação recíproca e significativa entre as experiências, como num processo em cadeia. Vejamos alguns relatos individuais nesse sentido. A médium A.M descreve que é comum primeiro *ver* o espírito, para depois *lhe dar passividade* – isto é, ‘incorporar’ ou receber o ‘espírito’ por meio de psicofonia, sensações etc.

106. [...] Isso aconteceu muito, quando, por exemplo, uma vez eu vi um local, né, tinha um/ não sei se era uma pedra muito grande, tinha um rio, e eu vi que uma mulher saiu de dentro da água assim; toda molhada, tal. Ela tinha se afogado. Eu vi isso daí. E logo em seguida, vem os sintomas todos, né. E o que falar. Isso já aconteceu muito comigo.

Outro exemplo é a pintura já citada que I.Z fez de uma freira, a qual ela diz ter visto primeiramente atrás das cadeiras, na sala da sessão, e depois *pintado* (I.Z, 245-246). Algo parecido

psicológico, o “desligamento do perispírito” ou a “ativação da hipófise” não é outra coisa senão a própria mudança no padrão usual de funcionamento da consciência; se há realmente um ‘perispírito’ e se o mesmo se desprende durante a atividade, não nos cabe responder aqui.

ocorre também com o médium (E). Note o leitor que, tal como nós, ele se refere a um tipo de *encadeamento* entre as experiências:

64. E: *Se eu não fizer nada, por exemplo, é... eu tô lá no exercício mediúnico, aí vem na minha mente – já veio quadros, uma paisagem, ou uma palavra, né, ou alguma atividade física, né, algum movimento físico. Se eu não faço aquilo, a comunicação não vem. Porque eu não sinto mais nada. Então às vezes, é... vamos supor, acontece muito isso, eu vejo um quadro de roça, né. E... aí eu começo a descrever o que eu tô vendo. E aí eu vou lembrando de outros fatos, outros fatos, outros fatos, né. Não adianta, a comunicação ela/ começo e aí ela vem, ela vai se encadeando, como se eu não te desse início, ela também não continuaria.* [grifo nosso]

Quando entrevistei pela primeira vez a médium N., ela dizia nunca ter manifestado antes alguma desenvoltura para psicografia ou pintura mediúnica. No entanto, ela se lembrava de um sonho recente em que aparecia psicografando várias mensagens, embora não soubesse especificar o significado daquele sonho. Tempos depois do nosso encontro, N. relatou, em comunicação pessoal por e-mail (outubro de 2009) que já estava experimentando a prática da psicografia: *“Há mais ou menos um mês tenho recebido algumas mensagens através da psicografia intuitiva – ainda é algo bem sutil”* (sic). Vê-se, neste caso, como o sonho já prenunciava uma elaboração interna – ou ‘incubação’, nos dizeres de Flournoy – que permitiria, mais tarde, a emergência da mediunidade de psicografia; um sonho que culminaria, posteriormente, numa efetiva experiência mediúnica. O desenvolvimento das manifestações deu-se quase inteiramente aqui de modo implícito.

Neste outro relato, a médium C. também nos dá indícios interessantes de interpenetração / continuidade:

61. [...] *Essa foi muito complicada porque eu fui fechar a janela da cozinha à noite pra dormir, e apareceu uma cara muito feia na minha janela. Fez assim, a cara horrível! E eu só olhei assim e falei: agora na minha casa tem luz. E fechei a janela. Fui pro meu quarto, abri o evangelho, fiz uma prece e fui dormir. No dia seguinte eu vim pra reunião, porque a gente tinha reunião aqui. A reunião de desobsessão. E essa entidade veio né. E ele tava muito bravo, muito, mas muito bravo mesmo, assim. Foi uma coisa horrível. E ele dizia/ me travou tudo o meu corpo. E ele dizia que ele me procurou por várias encarnações e não me encontrou. E que nessa/ aí ele falava que ele me encontrou porque nessa encarnação eu me escondi num corpo feminino. Mas ele me achou e ele veio pra me destruir. Ele disse isso com as palavras dele, tenho lá no caderninho. E aí foi doutrinado, deu muito trabalho, judiou muito de mim, mas foi embora, foi pro hospital. Eu fiquei com o meu pescoço todo manchado [risos], depois disso.*

Recapitulemos a narrativa da médium. Primeiro, ela tem em sua própria casa uma visão, logo que se apronta para dormir. No dia seguinte, a mesma ‘entidade’ se manifesta por meio dela, utilizando-se de sua fala; chega inclusive a ‘travar’ seu corpo, tolhendo seus movimentos e deixando-lhe depois ‘manchas’ no pescoço (possíveis estigmas físicos). De modo sequenciado, temos: visão → psicofonia → imobilidade → estigmas físicos. Vemos por esse exemplo como a

experiência mediúnica adquire um caráter pervasivo, abrangendo diferentes meios de manifestação, bem como diferentes dimensões da vida do indivíduo, dentro e fora da instituição espírita.

A esse respeito, a médium V. também nos relata situações em que lhe surgem, espontaneamente, pensamentos ou imagens inesperadas enquanto realiza tarefas domésticas e “mexe com água”. Certa vez, pensou repentinamente numa colega do curso mediúnico, parou o que estava fazendo, e sentiu a necessidade de lhe escrever algo.

164. [...] Hoje também nem lembro o que eu escrevi. Aí depois eu falei: não, preciso falar pra ela. Aí eu liguei pra ela e comecei a falar, e ela começou a chorar, que ela tava precisando de uma palavra naquele momento. E eu nem tinha afinidade com ela. Então, essas coisas que marcaram assim, que vai marcando que você vai falando: ai, que legal, né, que você tá/ eu nem tava pensando/ que às vezes é uma coisa que você fala: ai, é uma coisa da minha cabeça, eu tô pensando nela. Não, às vezes nem tava pensando, aí eu via.

Esse último relato nos lembra as experiências de algumas pessoas quando diante de estímulos ambíguos, tal como ocorre nas tentativas de leitura da borra de café, bola de cristal e outras formas de adivinhação ancoradas no mesmo princípio projetivo. Vimos anteriormente como Pierre Janet se utilizava de métodos semelhantes no diagnóstico de seus pacientes. De fato, ao realizarmos uma atividade como a de lidar com areia (a técnica junguiana do *sandplay*, por exemplo) ou lidar com água – como no caso da médium – podemos nos absorver no que estamos fazendo e mobilizar todo um inusitado fluxo de pensamentos e associações de idéias. Os pensamentos assim liberados irão corresponder, conseqüentemente, a complexos e temas relevantes em nossa vida mental. Sequencialmente nós temos: mexer com água → lembranças, pensamentos sobre a colega espírita → psicografia. O relato da médium nos revela assim, novamente, como as crenças e práticas conduzidas no centro acabaram por se incorporar à sua psicodinâmica. Talvez ela não soubesse (e nem nós chegamos a investigar), mas a colega na qual pensava provavelmente estimulava nela alguma associação particular de idéias ou sentimentos, relevante para a entrevistada.

O fenômeno da interpenetração / continuidade é, de certo modo, facilitado pela própria maneira como as sessões são organizadas. Ao final, há geralmente um momento de confraternização, com a distribuição de chá, bolachas ou outros quitutes aos médiuns presentes. Os participantes compartilham suas experiências, aquilo que sentiram em cada momento, e os demais ouvem, ajudando na interpretação e compreensão dessas vivências. São realizadas as leituras finais, remetendo-se o tema discutido às experiências ocorridas durante a sessão, e alguns avisos e datas importantes são transmitidas pelos dirigentes dos trabalhos. Os participantes que residem em regiões próximas ao centro acompanham um ao outro, conversando sobre o que acontecera na reunião, sobre questões pessoais ou sobre assuntos ligados às temáticas espíritas. A partir daí,

seguem-se os *after-effects* (sequelas): poderão ter sonhos, durante a noite, referentes ao que ocorreu na sessão; ou experiências, no dia seguinte ou durante aquela semana, relativas às vivências do centro etc. No dia designado para o próximo encontro, alguns dos participantes costumam apresentar até possíveis sinais das experiências que terão durante a sessão, antes mesmo de chegarem ao centro:

Médium A.M

116. A.M: Às vezes, a gente sente até antes de vir. Tá? A gente começa a sentir/ **a gente fala que tá em sintonia com o trabalho, né, porque existe essa preparação dos espíritos, aproximando o espírito necessitado, da gente. Às vezes isso acontece bem antes da hora da reunião.** Então isso, a gente sente aquele mal estar, a gente faz oração pro espírito, pra gente mesmo, porque a gente tem o dia da gente pra viver, e não pode deixar que uma coisa influencie a outra, né. Então, mas aí, até às vezes ao longo do dia, a gente esquece isso. **Aí quando chega na hora do trabalho, a gente sente tudo de novo, só que mais forte, cê entendeu?** E aí vem mais coisas; vamos supor que eu ficasse assim... me sentindo muito cansada, com um aperto no peito, enfim, qualquer outra coisa a mais. Uma dor de cabeça, ou então uma irritação, né, **que eu sei que não é minha, e eu sei as minhas irritações, eu conheço as minhas irritações.** E aquilo é diferente, eu sei que não é, que não é meu. Aí quando chega aqui na hora do trabalho, aquilo tudo se intensifica, e vem outras coisas a mais, outros sintomas mais, né. E também aí vem coisas pra falar. Porque a gente sabe que não é da gente. Cê entendeu?

117. E.M: Se manifesta naquele momento?

118. A.M: Se manifesta naquele momento. É quando há uma aproximação maior, né. Na hora do trabalho, a aproximação é maior. Então a gente sente mais. Tudo se intensifica.

Médium M.J

113. E.M: Tá. É... e quando você tá trabalhando, você sente assim alguma coisa, é... sei lá, um bem estar/ como é que você se sente, assim, quando cê tá trabalhando assim como médium aqui no centro?

114. M.J: Ah, me sinto muito bem, não tenho... **às vezes antes de vir eu tenho assim, no dia de vir às vezes é muito difícil o dia. Tenho muito mal estar, tenho muito...** é... assim, às vezes passo até mal mesmo, mas eu não ligo que seja do dia de trabalho, entendeu? *Pra mim é uma coisa minha mesmo*⁷². [grifo nosso]

Embora a tal “preparação dos espíritos” ou “sintonia” a que se refere A.M não se dê com todos os médiuns – como no caso E. (70-74) – ela é exemplificativa das repercussões psicossociais prolongadas que a sessão espírita tende a produzir na vida dos participantes. Essa mesma atmosfera das sessões (figura 5) é repetida por várias e várias vezes, e por muitos anos até, dependendo do tempo de participação de cada médium no centro. Os efeitos na história e no psiquismo desses sujeitos tendem a ser tanto mais duradouros quanto mais tempo eles se dediquem a tais atividades e se identifiquem com as crenças assumidas.

⁷² O curioso a notar, nos relatos acima, é que enquanto A.M interpreta essa preparação como um indício da presença dos espíritos – ela manifesta certeza da diferenciação entre o que é dela e o que é ‘deles’ – M.J chega a pensar se não “é uma coisa minha mesmo” (sic). Temos aqui um bom exemplo de como a diferenciação entre os conteúdos pertencentes e estranhos ao Eu não chega a se consolidar de modo preciso em alguns casos. Segundo nosso ponto de vista, boa parte dos conteúdos relatados pelos médiuns estão associados a demandas específicas desses indivíduos, e embora sejam considerados estranhos ao Eu, mantêm, ainda assim, relação com processos inconscientes – cf. capítulo 8.

Até agora, temos tratado dos aspectos fenomenológicos mais gerais das experiências que ocorrem durante sessões espíritas, como a *identificação*, a *objetivação*, a *interpenetração* e a *ambientação*. Mas os dados obtidos também revelaram informações importantes sobre vivências específicas narradas pelos participantes. Começemos pelas chamadas visões de ‘espíritos’. A maior parte das pessoas entrevistadas não parece ter passado realmente por experiências alucinatórias. Na medida em que se começa a questionar melhor os indivíduos sobre nuances e detalhes da sua experiência, aquilo que num primeiro momento parece ser uma alucinação visual ou auditiva, tal como relatada pelos participantes, mostra-se bem mais uma experiência imaginativa de caráter vívido.



Figura 5. “Atmosfera” das sessões espíritas.

Muitas das ‘visões’ que narram não passam de percepções internas fugidias, difusas; por vezes, vultos que desaparecem quando o olhar lhes é dirigido de modo atento. Essas visões não possuem, em geral, o mesmo caráter realista da alucinação, mas são sentidas como algo que se dá próximo do campo imaginativo. Algumas vezes, dependem de que o indivíduo esteja com os olhos fechados, num estado de semi-sono, de maneira semelhante ao que se observa em exercícios de ‘visualização’, ‘imaginação ativa’ e outras técnicas de relaxamento. Nos exemplos abaixo, os participantes descrevem melhor a forma de suas visões:

Médium I.Z

17. I.Z: *É espontâneo, cê não tá esperando, e nem tá pedindo. Aí acontece de você ver algum vulto, alguma imagem. Agora, não vejo o rosto de ninguém perfeitamente, eu vejo os vultos, vejo imagens esbranquiçadas, né, e o que diz na mente. Então a mensagem vem na mente. Por ser na mente é telepatia, né. Não ouço falar aqui no meu ouvido.*

18. E.M: *Ah tá, é só a ideia.*

19. I.Z: *É só a ideia. Por ser a ideia, a gente chama de telepatia.*

[...]

21. I.Z: [...] *Tanto é que às vezes eu quero pegar, já não consigo, já some, né. Hoje em dia já nem tento pegar nada, quando dá pra ver; não vejo também quando eu quero, né. São flashes assim, também rápidos. [grifo nosso].*

[...]

130. I.Z: *Ah, eu vejo como/ mas não o rosto, como eu te falei. Então eu via aquela nuvem, né, aquela mancha, era aquela mancha preta. Aí quando você quer forçar o mesmo olho pra ver direitinho, ver detalhes, tudo, aí foge.*

[...]

132. [...] Vamos supor, tô aqui, aqui eu tô vendo a imagem dela, meia turva. Tá a imagem meia turva. Mas se eu olhar e firmar a vista pra ver, aí eu já não vejo nada.

[...]

133. E.M: Tá, então não é visual.

134. I.Z: Não.

135. E.M: É mental. Vamos dizer assim.

136. I.Z: Isso, mental.

Médium C.A.B

43. E.M: Mas você os vê, por exemplo, ou ouve?

44. C.A.B: Não, eu não vejo com os olhos, os olhos da carne. Eu vejo com os olhos espirituais. Eu não sei falar como é, né. Não dá pra identificar. É assim, às vezes eu vejo assim; a hora que eu vou fixar, já desaparece. Eu vejo assim... /num momento assim, eu vou olhar, desaparece. Eu ainda não tenho aquela visão que nem o Chico, o Chico Xavier tinha, né. Que via/ todo o problema, Emmanuel aparecia, falava pra ele, e era só ele que via o Emmanuel, né. Então eu não tenho esse tipo de mediunidade, de ver claramente como eu estou te vendo, que nem o Chico via, Francisco de Assis, e outros médiuns vêm com muita claridade e nitidez. Eu já não consigo. Aliás, eu gostaria, né. Porque às vezes tem médium, o tipo de mediunidade que a pessoa vê o espírito e não consegue distinguir se ele é encarnado e é desencarnado. Embora a gente saiba, né, quem é encarnado, quem é desencarnado.

Médium C.

15. C: Sempre tive essa experiência de alguém conversando comigo. Alguém falava pra mim: “tenha paciência, isso vai passar, tenha paciência, isso vai passar”. Mas eu nunca via a pessoa. Assim, eu via os vultos, ou acordava com alguém falando comigo, não sabia quem era.

[...]

93. [...] Às vezes eu estou aqui concentrada e de repente passa na minha cabeça. Primeiro eu vejo um quadro, eu não sei se acontece isso com todo mundo. É eu tô aqui de olhos fechados, concentrada, né, à disposição e de repente eu vejo um quadro. Eu vejo um rosto. Ou eu vejo um quadro.

94. E.M: Isso de olhos fechados?

95. C.: É, de olhos fechados. Sabe, é muito interessante porque você tá assim ou assim – não importa onde você tá com a mão – e de repente dentro da tua cabeça, você vê com o olho da alma. Você não vê com o olho da matéria. Se você abrir o olho você não vai ver nada, quebra a tua concentração, né. Eu, geralmente, eu vejo um quadro. É como se passasse um filme, sabe aquelas maquininhas, que você apertando um botaõzinho, vai vendo um filme? Na tua infância deve ter tido. E aí assim, você vê um flash de alguma coisa. Então apaga-se o flash, e a entidade começa a falar.

Médium A.M

106. A.M: Olha, ver mesmo assim, falar que eu vi nitidamente, não. Mas, eu já assim como que/ como que eu vou dizer? É muito comum, inclusive, a gente lê nos livros/ a gente vê um espírito, mais evoluído que a gente, mas como se tivesse uma nuvem. Você entendeu? [grifo nosso]

É corriqueiro aos médiuns se utilizarem de expressões como “olhos espirituais”, “olho da alma”, “quadro mental”, “flash”, “nuvem”, “mancha” e assim por diante, para descreverem suas visões e discriminá-las daquelas em que usam, ao contrário, os “olhos da carne” ou “da matéria”. Essas expressões, somadas às características descritas, sugerem novamente tratar-se de visões que não tem o mesmo teor das alucinações ou da visão usual. No caso de supostas alucinações auditivas, também não se trata, em geral, da audição nítida de uma voz estranha ao indivíduo. Como disse I.Z: “Não ouço falar aqui no meu ouvido”. Aquilo que muitos médiuns entrevistados chamam de ‘ouvir

algo me dizendo’, não passa de uma descrição figurada de seus próprios pensamentos. Não implica exatamente a audição realista de uma voz, mas muito mais um pensamento espontâneo que se impõe ao indivíduo, quase impulsivamente, e que é narrado pelo mesmo como se fosse uma voz. O modelo de Hjalmar Sundén sobre os quadros de referência religiosos se aplica aqui em praticamente todos os pormenores. Como muitas dessas pessoas já estão acostumadas e predispostas a interpretar vivências as mais variadas e cotidianas como tendo uma possível origem espiritual, qualquer pensamento que as tome de sobressalto pode ser admitido como um espírito que lhes fala. Trata-se, no entanto, de uma experiência que permanece geralmente circunscrita ao campo do pensamento, e que não se traduz sempre em audições realistas. É claro que não se pretende excluir com isso a ocorrência de autênticas alucinações visuais, auditivas, táteis ou outras – como nos casos (E.O), (M.J), (S) ou mesmo (A.M). De fato, alguns dos relatos dessas participantes apontam claramente nesse sentido, dado o teor específico de suas manifestações, como nos foi possível exemplificar em citações anteriores. Deve-se lembrar, contudo, que as visões ou audições de espíritos podem comportar diferentes dimensões fenomenológicas. Uma metodologia exclusivamente quantitativa, baseada em escalas ou inventários, talvez incorresse em erros decorrentes do modo como tais indivíduos interpretam as sentenças descritas e a elas respondem.

Por outro lado, como não nos utilizamos de nenhum instrumento mais objetivo para avaliar o grau de alteração da consciência dos participantes durante as atividades mediúnicas, não sabemos ao certo se essas experiências representariam algum tipo de imageria hipnagógica (Sherwood, 2002) – em outras palavras, imagens, sons etc. que despontam na mente no intervalo entre o estado acordado e o sono – ou se representariam uma estimulação induzida da imaginação, mais próxima do estado hipnótico. O mais provável, ao que nos parece, é que os dois processos ocorram, talvez variando de um caso para o outro, ou dependendo das circunstâncias envolvidas⁷³. No contexto das sessões espíritas, torna-se mais difícil uma discriminação em função de que, simultaneamente à exposição ostensiva a sugestões e expectativas do grupo, temos ainda o ambiente relaxado e de baixa luminosidade, bem como o horário das sessões – geralmente à noite – havendo assim uma provável eliciação ao sono, ou a estados próximos do sono. Não obstante, quando consideramos experiências que se dão fora desse contexto, a diferenciação é evidentemente facilitada e, em alguns casos, percebem-se mais claramente características de experiências propriamente hipnagógicas/hipnopômicas. Vejamos, por exemplo, este relato da médium V:

⁷³ A médium V. (cf. 29-32) chegou a se submeter previamente a procedimentos de indução hipnótica para fins terapêuticos e a médium E.O também apresentou experiências que sugerem alguma susceptibilidade individual – cf. o episódio do sonho no capítulo 8.

331. V: [...] *É tipo assim, igual, quando eu fui na casa de David [nome de uma instituição de caridade espírita] que eu fiz uma psicografia – teve um trabalho lá que foi psicografia – eu fiz a psicografia – nem lembro a mensagem – mas deu uma vontade de desenhar uma pessoa com uma muleta. Não que eu via aquela pessoa de muleta. Não. Mas... [...]*

333. V: *É, com uma pessoa com a perna engessada.* [grifo nosso]

Aqui, a origem do desenho parece ser simbólica, referente à situação. Não uma representação direta, mas geral; ao invés de uma criança portadora de deficiência – o que seria apropriado ao local em que a médium se encontrava – surge a idéia de desenhar um indivíduo com algum tipo de dano físico. Conquanto a associação não seja perfeita, ela não deixa, por outro lado, de manter alguma conexão com o local e a situação. Em francês, por exemplo, a palavra *handicap* pode significar tanto uma deficiência física ou mental, quanto uma enfermidade, invalidez ou desvantagem (também no inglês). O desenho feito expressava, de certo modo, a noção aproximada de um *handicap* e não a simples reprodução consciente de uma dada circunstância; lembra-nos os chamados fenômenos *auto-simbólicos* conceituados por Herbert Silberer, próprios do estado hipnagógico/hipnopômico, e amplamente estudados por Freud (1900/1996) em relação à simbologia dos sonhos.

Outro exemplo elucidativo é o relato de E.O sobre experiências que tinha, em sua infância, tão logo se aprontava para dormir:

58. E.O: [...] *Então eu me lembro que nessa época, ia muita gente na minha casa, e a minha mãe costumava colocar a gente no chão pra dormir, né. Colocava um colchão e punha a gente no colchão pra dormir. Nossa, bastava eu deitar, entendeu? E **engraçado; era muito engraçado que quando eu deitava, eu via muito índio!** Sabe índio?*

59. E.M: *Sei.*

60. E.O: *Eu via índio. Sabe? Eu não sei se eles queriam conversar comigo; eles vinham bem/ abaixavam assim perto de mim, pra querer conversar comigo, (risos), sabe? Tinha uns que eu até achava bonito, porque eles eram pintados, tinham aqueles/ como chama aqueles negócio assim, sabe [penacho]? Bem bonito, com colares às vezes, sabe? Nossa senhora, às vezes me chamava atenção, eu olhava. Mas, de repente, eu ficava apavorada, começava a gritar, sabe? (risos). Aí quando [acontecía] meu pai tava sempre ali.*

Considerando-se que alguns dos relatos dessa médium apontaram para possíveis vivências de terror noturno na infância, é interessante mencionar aqui, brevemente, a relação que esses terrores possuem, em geral, com a imageria hipnagógica (Sherwood, 2002).

Mas se os exemplos acima nos levam a suposições difíceis de demonstrar, a figura 6 (próxima página) trazida pela médium I.Z tende a ser mais esclarecedora. Dentre as pinturas que I.Z costuma realizar fora do centro espírita, há uma figura humana subindo uma espécie de montanha, enquanto segura um cajado. I.Z relata ter visto essa imagem logo que estava acordando pela manhã e a atribuiu um significado espiritual. Nesse caso, portanto, temos um exemplo mais próximo de como certas visões podem decorrer de aparente imageria hipnopômica.

Além desses exemplos, teríamos ainda muitos outros a citar de experiências ocorridas proximamente ou durante o sono – como as experiências fora do corpo de M.J (cf. 65-70) ou C. (cf. 15 e 29); a visão de A.M, já descrita, do vizinho falecido, assim que a mesma acordara pela manhã etc.



Figura 6. Desenho de I.Z. retratando uma visão que teve pela manhã

Não é equivocado dizer que, de um ponto de vista psicológico, o mundo dos espíritos – tal como relatado pelos médiuns participantes – é uma representação de processos da imaginação, do mundo da imaginação e do sonho. As primeiras vivências consideradas espirituais por alguns participantes foram as que eles tiveram durante sonhos; por vezes, desde a infância. Todavia, isso não implica necessariamente que o mundo dos espíritos seja irreal ou ilusório, mas tão somente que depende da vida emocional, dos complexos e fantasias do indivíduo – algo que os próprios espíritas, em geral, também admitem. Tanto quanto se sabe da fenomenologia dessas experiências nos é totalmente viável afirmar que o mundo dos espíritos corresponde, em terminologia psicológica, ao mundo dos sonhos, visto que o mesmo tipo de experiências narrado pelos médiuns serve de base tanto para interpretações psicológicas quanto religiosas e paranormais. No caso V., é por meio de seus sonhos que a médium diz entrar em comunicação com o irmão falecido (cf. V, 271-273). No caso C., é também pelos seus sonhos e experiências mediúnicas que a médium alega interagir com um irmão e um tio falecidos (cf. C., 45). No caso N., foi em um sonho que a médium acredita ter visto, pela primeira vez, um de seus guias espirituais. É em certos sonhos premonitórios que I.Z conseguiria prever, segundo seu relato, acontecimentos futuros (cf. I.Z, 1 e 34). Alguns desses sonhos podem inclusive nos esclarecer aspectos importantes da psicodinâmica dos médiuns – cf. capítulo 8 para uma análise de um dos sonhos de E.O.

Ainda em relação ao estado de consciência durante a atividade mediúnica, podemos dizer que, dentre os médiuns investigados, nenhum relatou ficar totalmente inconsciente durante as sessões. Na maioria das vezes, eles permanecem conscientes do que escrevem, falam e pintam (cf.

C.R, 19), embora nem sempre seja possível controlar voluntariamente suas ações – tal como se dá em certos estados dissociativos, a exemplo da escrita automática. Foi possível observar, inclusive, que algumas das psicografias são apagadas com borracha, sugerindo intervenção e deliberação aparentemente conscientes. Nesse sentido, alguns deles, como C.A.B, definem-se como “semi-consciente” ou “semi-mecânico” (Cf. C.A.B, 18; I.Z, 95-106). Já a médium A.M se considera “super-consciente” (cf. A.M, 114) e o médium E. como ‘intuitivo’ (cf. 64). A médium N. explica que se mantém consciente de tudo o que fala e sente, mas afirmou ficar um tanto “desligada” (sic) das coisas que ocorrem à sua volta na sala onde se dá o trabalho mediúnico com outros(as) médiuns – algo semelhante a um estado de absorção. É preciso dizer, portanto, que há graus diversos de manifestação mediúnica, indo desde leves “intuições” ou idéias espontâneas tomadas como espirituais, até circunstâncias em que o médium sente alguma mudança mais significativa ou profunda no padrão usual da consciência, embora nem sempre com ocorrência de amnésia. A médium C. relata permanecer consciente, mas tende a se esquecer às vezes do que aconteceu durante a sessão (cf. C., 39 e 43). De qualquer modo, algumas das descrições fornecidas pelos participantes mostraram-se um tanto nebulosas e de difícil interpretação. Elas parecem apontar para diferenciados graus de percepção do corpo e do ambiente ao redor. M.J diz, por exemplo, perceber certas coisas mas não outras, ‘*estar e não estar*’ ao mesmo tempo na sessão.

102. M.J: *Eu, eu quando eu estou trabalhando é assim. Eu não estou ali, mas eu estou. Não sei se você consegue entender. Eu vejo tudo o que tá se passando na sala, às vezes não é na sala, é num outro lugar, e eu sei quem é a pessoa [espírito] que veio, eu sei o que é que ela tem, qual é a dor que ela tá sentindo, qual é a emoção dela, mas eu não sei te dizer o quê que a pessoa falou. Entendeu? Aí quando termina o trabalho, aquelas dores que eu tenho, aquela... ou... tudo o que era da entidade, não tenho mais nada, porque não era meu né. Então eu saio assim tão bem quanto eu entrei. Então eu te digo que deve ser inconsciente.*

Mas as experiências anômalas relatadas pelos médiuns, dentro ou fora das sessões, também podem apresentar descrições e correlações mais evidentes e um pouco menos nebulosas. Dentre essas experiências, encontramos sensações físicas variadas, algumas vezes intensas, como dores em determinadas partes do corpo – cabeça; testa; estômago etc. (cf., por exemplo, S, 15, 118-119; V, 116 e o relato da médium N. logo abaixo); arrepios ou alterações na temperatura corporal (S., 251, 354, 336; C., 89; relatório 4, Paschoal Tróvelle); respiração estertorosa (C., 97; relatório 4, Paschoal Tróvelle); sensação nítida de estar caindo de algum lugar, de ser queimado vivo (relatório 7, Ismael; relatório 5, Paschoal Tróvelle) e mesmo anestesia ou imobilidade temporárias de certas regiões do corpo, como boca, braço, mão, pernas etc. (cf., por exemplo, V. 112-116; C., 31), bem como enrijecimento dessas partes – acompanhado às vezes de dor –, sobretudo, no braço e na mão,

antes durante ou depois de uma atividade de psicografia, por exemplo (S., 97-117, 119-121). Além dessas, há em praticamente todos os casos a sensação de “aproximação” (cf., por exemplo, V. 110) de uma ‘entidade espiritual’, isto é, uma sensação de presença que não se justificaria pelo comparecimento de alguém no recinto em que se dão as atividades mediúnicas. Nas atividades de pintura mediúnica e psicografia é comum aos médiuns relatarem uma estranha compulsão ou “agonia” (V., 259) para escrever ou pintar, acompanhada às vezes de tremores (V., 299, 345), e só aliviada após o término da atividade (I.Z., 86, 210; S., 121). Além da compulsão para falar ou escrever, o médium E. (cf. 48, 58-62) relatou “sensação de presença”, “aceleração do batimento cardíaco”, “calor pelo corpo” e “ânsia de vômito”, além de “mudança no estado emocional”. Muitos outros médiuns apresentaram também mudanças aparentes em seu estado emocional durante sessões de desobsessão, como choro, raiva, impaciência, desespero, angústia, medo, riso etc. (cf. CR., 9, 11, 23 e 25; Relatório 7, Ismael; Relatórios 4, 5 e 6 do Paschoal Tróvelle).

Em trabalhos de assistência espiritual, N. apresenta diversos tipos de sensações e sentimentos que ela acredita não serem seus. De acordo com a entrevistada, essas sensações não se justificariam com base apenas em problemas físicos ou emocionais. Relata que, em algumas ocasiões, no decorrer de um trabalho, sente uma vontade muito forte de levantar-se e ir embora do Centro – o mesmo foi relatado por C.R. (9) e observado em uma reunião do Ismael com outra médium (Relatório 7). Certa vez, N. sentiu dores intensas nas costas, próximas à região dos pulmões, e pensou em ir embora para procurar um hospital; chegou a pensar que estava com um quadro de pneumonia. Contudo, veio a descobrir depois – de acordo com seu relato – que não se tratava de uma dor sua, e sim de uma entidade desencarnada, a qual seria viciada no uso de cigarro e teria apresentado, quando encarnada, complicações decorrentes do fumo. Após esse incidente, N. veio a procurar por um médico, e constatou que possuía sinusite, fato este que não explicava – segundo sua interpretação – as dores sentidas nas costas.

Tomadas isoladamente, e destituídas do significado paranormal que lhes é atribuído, tais experiências nada parecem indicar, a não ser uma série de ocorrências psicofisiológicas estranhas ao indivíduo. Contudo, na medida em que ocorrem num contexto em que já se espera que elas sejam interpretadas como emanções de fontes espirituais, esses automatismos são logo admitidos como sensações que espíritos desencarnados apresentariam, em virtude das circunstâncias específicas que teriam caracterizado suas próprias mortes ou o processo em si mesmo da comunicação mediúnica. Dessa forma, se alguém relata sentir uma anestesia bucal, a interpretação pode ser a de que o espírito comunicante é o de alguém que teria morrido com câncer na boca (caso V, 112-116). Se há

a sensação de estar sendo queimado, então o espírito comunicante teria morrido queimado (como observado com uma médium, durante uma sessão de desobsessão, relatório 5, Paschoal Tróvelle). Se há uma repentina mudança de temperatura, uma forte sensação de frio, ela advém dos “*coitados dos andarilhos que desencarnam proveniente do frio que eles sofrem*” (C., 91), e assim por diante. O mesmo se dá com as interpretações que os médiuns fazem de seus próprios desenhos – ver próximo tópico. Algumas vezes, essas interpretações chegam a ser demasiadamente repetitivas, e, de tão genéricas, nenhuma elucidação lançam acerca da identidade do suposto espírito comunicante. De fato, pareceu-nos difícil distinguir, na maioria das vezes, quando essas experiências se originavam unicamente do indivíduo ou quando teriam sido sugestionadas, dada a frequência com que interpretações padronizadas apareciam. Parece-nos que a relação entre crença e experiência é, portanto, da ordem da retroalimentação; independentemente de qual delas tenha disparado inicialmente o processo, as duas tendem em seguida a estabelecer uma relação de constante *feedback*.

Percebe-se claramente, em algumas sessões mediúnicas, que a origem dos automatismos reside em expectativas prévias do doutrinador ou do grupo espírita, antes do início propriamente dito da atividade espiritual ou no seu decorrer. Em outros casos, parecem se passar de modo espontâneo, tendo como base algum tipo de reação fisiológica passageira ou mesmo um possível quadro psicopatológico, levantando, nesses casos, certa dúvida sobre o grau de influência dos mecanismos de sugestão e expectativa – como nos sintomas de epilepsia de S. (cf. 85, 193) ou no quadro de pânico de E.O. Devemos nos lembrar, entretanto, que essas sugestões não se dão somente durante reuniões espíritas – o que mais uma vez nos leva a contrariar o tradicional paradigma da sugestão hipnótica. Elas permeiam a vida dessas pessoas pela leitura que fazem de romances espíritas, pelos programas radiofônicos e televisivos espíritas aos quais assistem, e pela própria troca de experiências entre essas pessoas. Mesmo antes de se converterem ao Espiritismo, essas pessoas não chegam ao centro, completamente desprovidas de informação. Levam consigo informações que obtiveram de oitiva, de familiares ou amigos que relataram suas visitas a centros e sessões mediúnicas, daquilo que puderam assistir num filme ou numa novela, ou encontrar num livro sobre o tema. O mecanismo de ‘sugestibilidade’ – ou, melhor dizendo, de *identificação com a doutrina* – parece atuar, portanto, recorrendo a múltiplas fontes de exposição individual ou grupal. E se considerarmos ainda a profunda interconexão entre processos dissociativos, criatividade e tendência à fantasia (Braude, 2002; Gow, Lang & Chant, 2006) não se considerará de todo impossível que essas experiências passem a ocorrer, após meses ou até anos de estudos e de treino

mediúnico – como efetivamente se observa nos casos estudados – de forma mais ou menos espontânea, disparando um mecanismo previamente formado e desenvolvido que é muitas vezes burilado em um nível semiconsciente, implícito, mas que tende a emergir objetivamente durante essas sessões. Nesse sentido, bastará apenas a preparação inicial, durante as aulas mediúnicas, para que o processo adquira com o tempo certa autonomia frente às expectativas estabelecidas. Trata-se daquilo que Sundén define como uma *prontidão* para a percepção. O quadro de referência religioso, uma vez estabelecido e atuante, tende a guiar a percepção de modo a que determinados estímulos sejam assimilados como religiosos. O relato de C.A.B nos fornece, a esse respeito, um interessante exemplo:

31. E.M: No caso, o senhor tem um contato assim mais próximo com os seus mentores espirituais, ou não?

32. C.A.B: Assim, **a gente tá sempre em contato com o plano espiritual, né. A gente sempre recebe mensagens deles, à noite, dormindo, acordado, né.** Muitas vezes eu peço instrução pra determinados assuntos, né, e a mensagem vem, né. **Vem por intermédio de alguém, por intermédio de um livro, de uma revista.**

33. E.M: O senhor já fica alerta, né, pra aquela...

34. C.A.B: **É, a gente fica sempre alerta pra aquilo.** [grifo nosso]
[...]

52. [...] Por isso que é importante a gente conhecer a vida espiritual, né, por intermédio dos livros mediúnicos, e procurar conhecer aqueles livros que são bons, né. Tem muito livro, tem livro que é livro, e tem livro que é o livro, né. Que traz um ensinamento, médiuns... idôneos, né, embora hoje em dia seja difícil, né. Mas a gente, pela orientação, por a gente estudar/ por isso que é importante a gente estudar as obras de Kardec. Livros dos Médiuns, Livro dos Espíritos, O Evangelho, A Gênese, Céu e Inferno, Obras Póstumas, O que é o Espiritismo, né? Então a gente tem que conhecer mesmo, embora quando a gente começa a fazer palestra, que nem eu, quando comecei a fazer palestra, aí que a gente vai ver que não sabe nada, né. Quem diz que sabe tudo, é que não sabe nada. Então a gente vê que pra/ que a gente não conhece nem um terço da doutrina ainda. E... e é pelo estudo que você vai conseguir saber o livro que é bom e o livro que não é bom.

Deve-se salientar igualmente a disposição individual de cada médium para adentrar o estado dissociativo, fator esse que delineará, muitas vezes, a maior ou menor intensidade da manifestação mediúnica objetivada. Algumas médiuns (tais como C., E.O, A.M, S.) denotam, no próprio contexto da entrevista, um ar de expressividade e dramaticidade maior do que outros entrevistados. Gesticulam avidamente; empolgam-se e se emocionam grandemente com suas narrativas; empregam onomatopéias e expressões faciais e corporais variadas para representarem circunstâncias e pessoas, alternando estados emotivos e traços de personalidade com fluidez e agilidade. Nas ocasiões em que foi possível acompanhá-las durante suas performances em sessões espíritas, notou-se que, comparativamente a outros médiuns, apresentaram incorporações bem mais realistas do que os demais. Como algumas dessas participantes nasceram e cresceram em famílias espíritas ou em outras denominações religiosas, é por vezes difícil discriminar até onde se trata de uma tendência intrínseca e até onde se trata de um processo construído ao longo da história de vida,

como parte da prolongada identificação dessas pessoas com suas crenças e práticas religiosas. Daí a pergunta: tais pessoas são susceptíveis às crenças espíritas porque carregam em si algum tipo de ‘sugestibilidade’ individual ou porque a exposição, desde tenra infância, tornou-as mais abertas e, portanto, ‘susceptíveis’? É provável que haja um pouco das duas coisas, mas não nos foi possível encontrar, nos nossos dados, uma linha divisória clara entre essas duas possibilidades.

Aqui, todavia, é preciso um adendo. O leitor mais atento certamente encontrará nas características acima o perfil clássico de um(a) histérico(a). Tal vinculação foi o bastante, na visão de alguns dos estudiosos da mediunidade, para definitivamente encerrar uma futura elucidação dessas experiências; a partir daí, pouca coisa seria acrescentada. O erro dessa associação, contudo, reside justamente no fato de se colocar a ênfase sobre o indivíduo, visto como mero fantoche, esquecendo-se todo o contexto religioso e social mais amplo no qual ele se insere e dentro do qual exerce um importante papel. Quer chamemos ou não as tendências dramáticas e ‘sugestionáveis’ de alguns médiuns como ‘histeria’ – definição no mínimo reducionista e ofensiva para muitas dessas pessoas – elas devem ser entendidas, de uma perspectiva psicossocial, como características psicológicas e / ou somáticas expressas e formatadas de acordo com os valores e crenças da doutrina que abraçaram. Nesse contexto religioso, seus ‘sintomas’ não são indícios *necessários* de doenças ou distúrbios e, portanto, não correspondem propriamente a categorias psicopatológicas, mas a ‘evidências’ da ‘ação dos espíritos’. E o resultado que se obtém do somatório dessas experiências é um médium, não um histérico. Tais indivíduos em nada se parecem com a descrição estereotipada feita por alguns dos psiquiatras brasileiros revisados no capítulo três, quando da inserção do Espiritismo no Brasil. Nossos participantes estão longe de constituírem “débeis psíquicos” ou “alienados mentais”. São, na verdade, membros ativos de sua comunidade religiosa.

Assim sendo, não se trata aqui de reduzir a mediunidade a um simples receptáculo cultural para expressões patológicas ‘universais’ – como se supôs, no passado, em relação à histeria – mas de entendê-la como uma prática que, a partir de certa cosmovisão religiosa, permite a assimilação de uma série de manifestações ou tendências humanas – em parte espontâneas e idiossincráticas; em parte socialmente construídas – delas se utilizando e a elas remodelando segundo um determinado arcabouço de crenças. Tal arcabouço não constitui uma estrutura invariavelmente estática, mas é passível de reformulação por parte desses indivíduos, que com ele se identificam, não enquanto meros espectadores, mas como *co-autores* da ‘realidade’ espiritual que compartilham. Como dissemos em outro trabalho (Maraldi, 2008):

O conceito de loucura no Espiritismo redefine não só a posição do louco no mundo, como a própria natureza da realidade. As alucinações e delírios não são meras fantasias

subjetivas. Elas são a própria voz dos espíritos. Há uma constante interação entre a realidade material e espiritual. A mediunidade seria, nesse contexto, um canal de comunicação com o ‘outro mundo’ e como tal, está apta a captar boas ou más influências espirituais, tanto quanto um rádio é capaz de captar frequências boas ou ruins. O único meio de atrair um número maior de ‘vibrações’ boas ou ‘padrões de ondas’ adequados é seguir o evangelho, é o médium pautar sua vida pelo constante exercício de reforma íntima. Nesse sentido, ser louco é algo que depende, em grande parte, da conduta moral de um indivíduo. O conceito de loucura, no Espiritismo, comporta ao mesmo tempo uma complexa visão de como se estrutura a realidade – uma ontologia –, um sistema de valores morais e uma profilaxia apropriada aos cuidados da alma – o evangelho.

Se o leitor não puder nos acompanhar nesse raciocínio, não conseguirá compreender plenamente uma interpretação psicossocial dos casos. Recordando Berger e Luckmann (1966/2003, p. 231): “as perguntas relativas ao estado psicológico não podem ser decididas sem o reconhecimento das definições da realidade admitidas como verdadeiras na situação social do indivíduo”. Ainda que possamos (e devamos) nos questionar, cientificamente, acerca dos efetivos processos causadores da mediunidade, e ainda que possamos, algumas vezes, identificar entre esses processos determinados fatores presentes em certas psicopatologias, não podemos negligenciar, outro tanto, sua respectiva assimilação e formatação psicossociais. A ausência dessa compreensão dialética e a própria discriminação que as práticas espíritas sofreram no passado, por parte das autoridades psi, servem-nos como uma boa explicação da perpetuação da rivalidade entre esses campos. Ademais, como teremos a oportunidade de verificar nos próximos capítulos, as práticas mediúnicas podem eventualmente apresentar efeitos que chamaríamos de ‘terapêuticos’, porque vistos como benéficos e salutareis perante os que delas se servem.

6.4. A psicogênese dos espíritos

Deixamos propositadamente para o final do capítulo uma das mais difíceis e controversas questões relativas às experiências mediúnicas: a psicogênese dos espíritos. Trata-se de um assunto de interesse, sobretudo, na literatura parapsicológica (Carrington, 1934, 1935, 1936; Leshan, 1994b; Owen & Sparrow, 1976; Williams & Roll, 2007), mas que acreditamos ser de grande importância também ao estudo da identidade. Para que pudéssemos discuti-lo, tivemos de preparar o leitor, primeiramente, com informações mais gerais sobre a fenomenologia das experiências mediúnicas. De nossa perspectiva psicossocial, as alegadas entidades desencarnadas que se manifestariam pelos médiuns parecem resultar da ação conjunta de muitos fatores, num processo de elaboração por vezes longo e complexo de se traçar. É a partir de sonhos, experiências e sugestões iniciais que o *personagem* vai adquirindo forma; atribui-se-lhe um nome e

características identificatórias; em seguida, suas manifestações vão ocorrendo com mais frequência e adquirindo um estilo apropriado. Temos aí um curioso exemplo do *fetichismo da personagem*, descrito por Ciampa. Em geral, oculta-se o processo de formação, e só o que nos resta é o personagem em sua forma final, acabada, como substância. O presente tópico propõe justamente investigar as linhas gerais de construção do personagem ‘espírito’ em contextos espíritas.

No caso E.O, por exemplo, a médium recebe de um amigo uma primeira informação:

[...] nem fui eu que o vi [espírito] pela primeira vez. Foi um amigo aqui do centro, que foi na minha casa tomar um chá com bolo, e aí ele falou pra mim: ‘E aí, cê já viu o seu amigo espiritual?’ Eu falei: não! Ele falou: ‘ele tá aí do seu lado. Sabe como ele é?’. Ele me descreveu exatamente como eu tô te falando.

Tempos depois, numa sessão de psicoterapia, E.O relata para sua terapeuta – também espírita – que gostaria muito de saber o nome de seu guia: “*Eu tenho vontade, eu tenho curiosidade, ele nunca me disse o nome dele. E saí, tava chovendo. E eu corri, né. [...] Corri pro metrô. Quando eu tava correndo assim, ele falou assim pra mim: ‘o meu nome é Kurzlan’. [...] Ele é um indiano*”. Após isso, nenhuma outra indicação relevante foi “recebida” pela médium – ao menos até o momento da entrevista. Vê-se, no entanto, por este exemplo, como o processo de formação do personagem, iniciado com algumas sugestões de um amigo, vai aos poucos adquirindo a forma de um automatismo mais ou menos coerente e involuntário.

Com esse breve relato inicial, já nos é possível verificar como muitos dos processos vistos anteriormente, em relação às demais experiências mediúnicas, permanecem desempenhando seu papel também na psicogênese dos espíritos. Primeiro, a descrição de um amigo (espírita) sobre como seria o mentor espiritual da médium, descrição que a médium parece aceitar e interiorizar de bom grado; segundo, a motivação em descobrir mais informações a respeito dessa entidade aliada ao contexto da terapia, onde tais questões são trazidas à tona e discutidas; por fim, em meio à chuva (‘mexer com água’, como no caso V.), surge uma voz, autoproclamada Kurzlan, acompanhada da convicção de se tratar de um indiano. E.O se *identifica* com a descrição feita pelo amigo; mantém o interesse por novas informações – o que poderia ter estimulado alguma elaboração ou ‘incubação’, da qual não tivemos maiores indícios neste caso – e, finalmente, emerge um primeiro dado revelador, sob a forma espontânea de uma voz. Esquemáticamente, temos: sugestão → expectativa / identificação → elaboração / incubação → manifestação. Eis aí o fenômeno da interpenetração.

Os demais casos investigados apenas corroboram esse percurso, preenchendo-o cada qual com suas peculiaridades. Nesse sentido, a médium V. nos dá um interessante exemplo do mecanismo de identificação. Nas aulas de desenho e pintura em que participou no centro Ismael, V. costumava se sentir tal como se fosse realmente uma artista:

304. E.M: E o quê que, por exemplo, te traziam essas figuras, esses desenhos? Qual era assim o sentimento que você tinha, quando você tava produzindo?

305. V: Olha, teve uma vez que... era como se – que marcou assim – **era como se a música me envolvia**, aí parecia que eu tava assim/ tinha uma tela, **e eu era um pintor**. Tava pintando assim, fazia muito bem aqueles desenhos assim. Não saía nada, assim, pra mim. Mas eu ficava assim pintando, parecia uma artista. **Eu, tipo assim, uma artista mesmo.**

306. E.M: Sei.

307. V: **Eu tinha a sensação de artista**. Mas nunca...

308. E.M: Mas você estava realmente pintando, ou era uma coisa assim no ar? Por exemplo, assim...

309. V: Não, eu tava pintando. Mas a sensação que dava é que você tava numa tela assim, sabe?

A médium emprega expressões como “*eu era um pintor*” ou “*sensação de artista*”. Embora estivesse realizando seu desenho numa folha simples de papel sulfite, “*a sensação que dava é que você tava numa tela*”. Ela se identifica com a condição, com o papel de um artista; transporta-se mentalmente para um contexto em que acredita desempenhar melhor essa função, um contexto em que dispõe, por exemplo, de uma tela preparada. O artista ainda não tinha nome, não tinha características definidas; era apenas uma “sensação”, como ela mesma define, mas que poderia, futuramente, tornar-se uma personificação mais ou menos definida, coerente e autônoma, conforme outros elementos fossem somados aos já estabelecidos, e caso a médium continuasse a frequentar as aulas. Como num sonho, em que às vezes nos sentimos sendo outra pessoa, V. logo admitiria se tratar de um ser distinto, um espírito, pela incompatibilidade com seu estado acordado. A médium Hélène Smith também sentia, em alguns momentos, como se ela e Leopold fossem a mesma pessoa (Flournoy, 1900/2008). Não nos é preciso aqui invocar qualquer diagnóstico; como bem salientou Myers (1902/2001, p. 63): “a personalidade humana constitui um complexo muito mais modificável do que se reconhece em geral”. Na expressão de Ciampa: *metamorfose*.

Em alguns casos, observa-se que a construção do personagem principia de modo bastante rudimentar, a partir de sensações vagas, confortáveis ou desconfortáveis ao médium. Temos aqui uma bela confirmação da hipótese de Janet (1889/2003) segundo a qual nossas crenças surgiriam, em grande parte, das interpretações que damos a reações motoras e sensações físicas variadas. S., por exemplo, consegue distinguir quando não é uma “entidade agitada” pelo fato dela própria se achar “relaxada”, calma. No entanto, quando o desenho que a médium realiza tem um estilo caótico, quando ela “risca demais”, é porque a entidade é “agitada” (S., 537-540). Quando S. está calma e descansada, sente vontade de produzir desenhos mais lúdicos, e imagina estar sob a influência de espíritos infantis: “*Aí quando ele vê [o mentor] que eu tô bem descansadinha, aí vem talvez uma criancinha, uma coisinha de desenho mais leve, sabe? Mas aquilo, eu peço pra eles que eu seja aproveitável nessa hora, né.*”

Também encontramos associações interessantes no caso C. Em vários trechos do seu diário pessoal, onde ela relata experiências mediúnicas que vivencia no centro, a médium se utiliza com frequência de expressões como “*energia muito forte*”, “*energia tranqüila*”, “*energia boa*”, “*energia pesada*” etc. (sic) para descrever suas alterações físicas e emocionais durante as reuniões. Segundo nos parece, o conceito de “energia” irrompe aqui como uma tentativa de assimilação concreta de sensações, sentimentos estranhos, e outros processos psicológicos para os quais não se dispõe de uma compreensão e de um vocabulário determinados. Por serem alterações dinâmicas, o indivíduo tende a interpretá-las, concretamente, enquanto expressão de alguma energia, fluido ou outra força desconhecida, vinda do mundo espiritual ou de outras pessoas. Nos casos E.D.E e I.N estudados por nós em outra ocasião (Maraldi, 2008), vimos como as médiuns recorriam ao mesmo conceito quando desejavam exprimir um repentino sentimento de aversão a alguém, ou uma inexplicável sensação positiva e prazerosa durante as sessões⁷⁴.

Outro exemplo da tese de Janet, citada acima, é a ‘compulsão’ que alguns médiuns sentem para escrever ou pintar. Nas tentativas iniciais de I.Z., a médium obtinha apenas rabiscos ou arabescos sem maior sentido, feitos involuntariamente a partir de rápidos movimentos do braço, seguindo o conhecido padrão de desenvolvimento da escrita automática (Muhl, 1930). Aos poucos, das linhas caóticas, emergem figuras e palavras mais ou menos inteligíveis, e os movimentos, agora menos ‘agitados’, começam a originar padrões. Em seguida, os desenhos adquirem um caráter definido, expressando temáticas específicas, conquanto geralmente de caráter lúdico – voltaremos a este aspecto no capítulo 8. Observando as produções abaixo (p. 269) vemos como na primeira delas, da esquerda para a direita, e com data de 07/04/2000, a médium obteve apenas um emaranhado de riscos sem propósito aparente. Já na imagem ao lado, do mesmo período, há mistura de rabiscos e formas definidas: das linhas distorcidas surge, na parte superior, uma figura semelhante a um “*patinho*” (I.Z, 188) numa lagoa. O desenho acompanha ainda uma frase na parte de cima da folha:

⁷⁴ Aqui, o conceito de “energia” não nos parece muito diferente daquilo que Mesmer chamava de “magnetismo animal”, ou daquilo que algumas civilizações pré-industriais chamam de *Mana* (Bozzano, 1926/1997). Os iorubás, por sua vez, empregam definição praticamente idêntica quando falam de uma força denominada *axé* (Ribeiro, 2010). A história inicial da Pesquisa Psíquica esteve repleta de forças desse tipo como a *força psíquica* de Crookes (1874/1971) ou a noção de *ectoplasma*, nas supostas materializações de espíritos. Do nosso ponto de vista psicológico, todos esses conceitos não são outra coisa senão imagens, mais ou menos abstratas, do nosso próprio dinamismo psíquico. Ao invés de o indivíduo afirmar que projetou sua raiva em uma pessoa concreta ou na idéia que faz de um ‘espírito’, ele diz, ao contrário, que recebeu deles uma ‘energia negativa ou pesada’, etc. A vivência pessoal é atribuída assim a fontes externas. Na falta de uma imagem melhor, recorre-se a qualquer coisa que pareça tão maleável e invisível quanto nossas próprias funções mentais e emocionais. Não é de se estranhar, portanto, que os próprios psicólogos tenham empregado associações parecidas, como o conceito de *energia psíquica* na Psicanálise e na Psicologia Analítica, ou a *energia orgone* de Wilhelm Reich (1951/2003). Jung (1928/2002) acreditava que a noção de energia psíquica teria um fundamento arquetípico. Os símbolos inconscientes seriam expressões imagéticas do desenvolvimento da libido, de seus movimentos progressivos, regressivos, etc.

“Que a paz de Cristo esteja no coração de todos” (sic). No desenho da parte inferior esquerda, datado de 28/04/2000, tem-se o entrelaçamento mais ou menos ordenado de flores, mas sem rabiscos. Em uma produção posterior, vemos dois rostos – um de frente, outro de perfil, quase sobrepostos – ainda pouco definidos, emergindo das linhas distorcidas. Já o desenho anterior da freira (p. 243), seria o exemplo de uma produção em estágio mais elaborado, com formas claras e concisas: a leveza dos traços indica que o automatismo adquiriu maior controle e estabilidade.



Figuras 7, 8, 9 e 10 (da esquerda para direita e de cima para baixo): desenhos automáticos de I.Z.



Figuras 11 e 12. À esquerda, desenho automático do pintor surrealista André Masson, Museu de Arte Moderna de Nova York. À direita, desenho mediúnico de Laure Pigeon, 1961, *Collection de L'Art Brut*. Note-se a grande semelhança entre os dois desenhos no que tange ao mesmo padrão de emaranhamento das linhas e das formas, as quais ora sugerem algo figurativo, ora nada sugerem, recaindo na abstração. Esses emaranhamentos são muito comuns às primeiras tentativas de desenho automático, como demonstrou Muhl (1930) recorrendo a várias produções de pacientes. Com um treino mais prolongado da técnica é possível obter desenhos bem definidos de modo inteiramente automático.

A elaboração do rosto, em diferentes posições, constitui um aspecto importante da formação do personagem nos desenhos mediúnicos. Ela representa claramente aquilo que William James definira como *vontade de personificação*. A médium V. nos relata que, ao desenhar as imagens abaixo, não se sentiu motivada por nenhum objetivo particular. A vontade apenas “vinha” (V. 314-315) e ela sentia que tinha de produzir rostos. Dar forma pictórica ao personagem pode ser um ponto de partida para outras associações e criações. Na década de 70, um grupo de pesquisadores canadenses tentou reproduzir a atmosfera das sessões espíritas do final do século XIX, criando um personagem fictício, de nome Philip, que teria de se manifestar por intermédio do grupo. Um dos primeiros passos foi montar a narrativa e desenhar um esboço de Philip. Com o tempo, o personagem passou a se manifestar por batidas na mesa e outros fenômenos ideomotores (Owen & Sparrow, 1976).



Figuras 13 e 14: desenhos mediúnicos de V.

Figura 15: Philip.

As psicografias também nos dão exemplos elucidativos da formação dos personagens. No caso E.O, seus primeiros textos eram anônimos; a ‘entidade’ não assinava, nem dava outra indicação relevante. Aos poucos, as designações surgem; os textos começam então a se repetir, a criar um estilo mais ou menos particular. Dentre os nomes, alguns se destacam, como o de um espírito chamado ‘Carlos’ – um possível candidato a mentor. Foi o que observamos em um caderno de psicografias da médium:

510. E.O: [...] Então, e aí eu percebi, tá vendo? Olha, aqui, aqui ó, **aqui já começa a dar o nome, tá vendo?** [E.O está se referindo a uma psicografia cuja autoria é reconhecida ao final, e que data de 12/09/1985. Duas psicografias anteriores, de datas aproximadas, não estavam assinadas].

511. E.M: Sei.

512. E.O: *Aqui já não deu, olha. Aqui já começa, olha, de novo. Ó. Então tem Carlos e.../ aqui é Carmen, né.* [está se referindo aos nomes dos supostos espíritos comunicantes, enquanto folheia as páginas de seu caderno], *ixi, aqui é Célia, né.*

513. E.M: *Eram espíritos que vinham trazer alguma mensagem, como é que é?*

514. E.O: *É, vamos supor. É lida a mensagem, no livro, e depois, você...*

515. E.M: *Psicografa.*

516. E.O: *Você psicografa, entendeu? Aqui ó, Carlos. **Aí que eu comecei a perceber que Carlos, ó, tá vendo [mostra psicografias assinadas por Carlos].***

517. E.M: *Aparecia nas sessões.*

518. E.O: **Aparecia, com frequência.** *Aqui já é outro. Ó, tá vendo?* [Outra psicografia de Carlos].

519. E.M: *E você chegou a ver esse Carlos alguma vez, não?*

520. E.O: **Ah sim, era um rapaz, novo. Era um rapaz novo.** *Entendeu? Aí, quer ver depois: ó, tá vendo? Carlos. Ó, tá vendo? [contabilizou-se, no total, 14 mensagens do espírito Carlos ao longo do caderno, e número consideravelmente inferior das mensagens individuais de outros alegados espíritos]. Aí já é outro, ó, até a letra mudou. Tá vendo, ó? Carlos de novo. Alfredo, lá da frente, outra vez, ó. Acho que a maioria é Carlos mesmo, né.*

[Abaixo, a transcrição de uma psicografia de Carlos]

Amigas, Boa tarde.

Quem fez este universo lindo e maravilhoso em que habitais, por certo deve ter guardado em sua lembrança um plano maravilhoso e colorido em que vivem.

Basta achar a natureza, o sol, a lua, o mar, e as estrelas para sentir.

Sabemos que apesar de nossas lembranças tristes; temos ao nosso derredor uma natureza sempre linda que apesar de transmutável, se renova sempre em amor e poesia.

Lembremos de Deus que operou este universo imenso, que agora habitamos, e que ao contemplá-lo com a retina de nossa alma sabemos que vale a pena viver.

Um abraço amigo.

Carlos.

29/4/86

[grifo nosso]

Os exemplos acima revelam como o espírito vai se formando da adição de elementos identificatórios, e do exercício continuado da mediunidade. No início, têm-se apenas fragmentos pouco integrados, sensações vagas, expectativas, mensagens anônimas, ou como vimos também em algumas situações, psicografias assinadas simplesmente em nome de “*um espírito amigo*” (Relatório 5, Paschoal Tróvelle). Mas é da concatenação criativa desses vários elementos, por parte do médium, que se chega, aos poucos, a uma representação mais elaborada. A médium C., por

exemplo, disse-nos que seu mentor ainda não havia se manifestado para ela de modo completo; curiosa em saber como ele seria, resolve perguntar mentalmente: “85. [...] *you não se mostra pra mim. Eu não sei quem é você. Você me cuida o tempo todo, mas eu não sei quem é você. Então um dia eu vi um par de olhos. Aí outro dia eu vi só um pedaço da boca. Aí eu falei: cê está brincando comigo, montar um quebra cabeça, né?*”.

Ao mesmo tempo em que os médiuns se revelam interessados e desejam conhecer seus mentores e os muitos espíritos que os envolveriam, eles são levados pela doutrina espírita, de um modo ou de outro, a não se preocuparem muito com essa questão. O Espiritismo dá mais importância ao teor, ao conteúdo das mensagens, aos ensinamentos morais e intelectuais dos espíritos, do que à sua identidade. Destarte, os médiuns nem sempre recebem o estímulo necessário para que os personagens se desenvolvam, e acabam então por reproduzir o discurso doutrinário: “85. C: [...] *Mas não importa se eu souber se o meu mentor é um homem ou uma mulher, se é bonito ou se é feio. Sabe? Eu acho que o nome, a pessoa em si, o ser em si, não importa [...] o que importa mesmo é o conselho, que ele te passa. Entendeu?*”. “138. I.Z: *Não, eu nunca cheguei assim pra/ nunca conversei, nunca fiz assim nenhuma pergunta. Eu senti aquela paz, aquele aconchego, então isso pra mim já era o suficiente*”. O fato, no entanto, é que quanto mais os médiuns se distanciarem do esforço de ‘descobrir’ a ‘identidade’ de seus mentores, e quanto mais se contentarem com as informações obtidas, menos consistentes e detalhadas suas manifestações serão. A freira que I.Z via atrás das cadeiras, na sala dos trabalhos, nunca foi além disto: uma freira atrás das cadeiras “*preparando o ambiente*”⁷⁵ (I.Z, 137-144).

Se os médiuns ultrapassarem essa etapa inicial, em que prevalecem algumas poucas sugestões e sensações indefinidas, ou mesmo simples representações de papéis vagos e genéricos (“freira”, “índio”, “espírito amigo” etc.), o passo seguinte será estabelecer uma narrativa adequada para a entidade espiritual; providenciar-lhe uma história, um contexto. O exemplo a seguir, fornecido por C.R., é ilustrativo da espontaneidade e facilidade com que uma narrativa pode emergir. Durante as sessões mediúnicas, surgem-lhe pensamentos e imagens na mente “13. [...] *como se fossem um filminho*”, os quais ela narra em voz alta:

9. [...] *E eu não sinto muito; são pensamentos que surgem. E aí quando eu começo a falar é que aí vem toda a história. [...] era um homem que estava perdido numa estação do trem. Ele não sabia o que tinha acontecido e ele via a estação do trem como se ele tivesse*

⁷⁵ Um aspecto curioso do relato de I.Z é a influência que o aprendizado católico exerceu na sua visão da freira: “130. [...] *E eu via muito o terço amarrado aqui, decaído. Mas não era franciscano não. Porque o franciscano usa sandálias, né, e essa não tinha*”. Outro exemplo vem do mentor espiritual de C.A.B., “Monsenhor Hans”, entidade católica que se manifesta por ele nas sessões mediúnicas, geralmente ao final, encerrando o trabalho com suas mensagens psicofônicas (cf. C.A.B, 35-42 e relatórios do Paschoal Tróville).

no trilho do trem. E a pessoa ia conversando, tal, e aí depois ele... eu até colocava a mão na testa porque estava um furo, né, ele tinha levado um tiro na testa. Mas, eu não sentia dor. Não sentia nada. Sabia/ aí a pessoa orientou, falou, tal, porque ele provavelmente morreu ali, sei lá, porque tava lá perdido, sem saber o que fazer.

Eis aí o gérmen de uma narrativa espírita: tudo começa com o atropelamento por um trem; o espírito, agora livre do corpo, está “perdido” e sem orientação. Essa primeira sucessão de imagens, brotada sem maior esforço, poderia muito bem ser ampliada posteriormente. Nada há, em princípio, contra essa possibilidade; tudo dependeria apenas de como o personagem, uma vez criado, seria assimilado pela médium e pelo grupo. Outro exemplo bastante elucidativo, e já mais avançado, é o espírito João Luiz que se manifestaria pela médium C. Vejamos, primeiramente, a fala da entrevistada:

97. [...] Outro dia eu estava de olho fechado e alguém fez assim pra mim, né, estendeu a mão e na mão tinha uma flor, a coisa mais linda. Eu tava de olhos fechados. E alguém me ofereceu aquela flor. E depois ele deixou um nome pra mim. Sabe? Pra mim escrever. E eu escrevi o nome no papel. A hora que eu me lembrei do nome rapidinho pus no papel. Era uma entidade que tinha vindo aqui, que no começo foi um dos pioneiros da droga no Brasil. Sabe? Então ele já está desencarnado, há mais de cinquenta anos terrenos. Que pra eles o tempo não existe, só pra nós aqui, né? **E... essa entidade eu tive o prazer de receber essa entidade, era uma entidade trevosa, sofredora. E de repente ele recebeu tratamento, aceitou tratamento, tudo, e hoje ele tá se tornando um dos caravaneiros, tá trabalhando em prol de ajudar os espíritos do outro lado. Isso pra quem acredita, nós que acreditamos, né.**

98. E.M: Não, lógico.

99. C.: Entendeu? E esse ele deixou um nome: João Luíz. Você vai achar ele lá no meu caderninho. Ele é uma/ se tornou uma entidade assim.../ quando ele tomou consciência de que ele estragou muitos lares, então agora ele diz que ele quer ajudar a refazer esses lares. Mas muitos já desencarnaram, né? Mas que então ele vai trabalhar em prol de intuir as pessoas a não usar drogas. Ajudar com relação a drogas, né? Porque as drogas estão muito difíceis. E essa entidade eu acho que veio pra mim por afinidade, porque geralmente dizem que a gente recebe as que a gente tem afinidade, né? E veio pra mim por afinidade. E eu tô muito feliz porque ele de vez em quando faz contato comigo e eu o vejo sempre... **quando ele era trevoso, ele tava lá com umas roupas pretas, todo esfarrapado, e agora, quando eu o vejo, nos meus flashes, ele tá sempre de terno branco, um chapéu branco na cabeça e uma gravata amarela, sabe? E ele gira num pé só. E ele fala: “olha como eu tô bonito”** [grifo nosso]

No relato acima, a descrição que a médium faz da entidade espiritual é, sem dúvida, bem mais elaborada que as descrições fragmentárias analisadas anteriormente. João Luiz tem uma corajosa história de conversão à doutrina; trata-se de um criminoso redimido que agora batalha a favor do Espiritismo. Durante as desobsessões, João emerge para levar consigo os espíritos necessitados de ajuda, encaminhando-os até o mundo espiritual. Como veremos a seguir, ele desempenha uma importante função nessas sessões. Em seu relato, a médium deslinda informações não apenas sobre a trajetória de João como sobre suas roupas e seu comportamento – os quais, aliás, lembram muito a entidade *Zé Pelintra*, recorrente nas giras umbandistas (girar num pé só, terno

branco, gravata, chapéu etc.)⁷⁶. Todavia, ao acompanharmos as anotações da médium em um diário que ela nos forneceu, contendo a descrição de várias sessões mediúnicas nas quais participou em 2009, verificamos que, semelhantemente aos casos anteriores, João Luiz não surgiu ‘pronto’. Nas primeiras sessões de 2009, C. ainda treinava sua mediunidade, que se limitava a expressões de “*choro compulsivo, tristeza, solidão, medo, dificuldade para respirar*” (sic). Quatro sessões depois, no dia 28/03/2009, ela tem a visão de um “*grupo de jovens drogados em uma caminhonete*” (sic). Seguem-se, nesse interím, outras manifestações parecidas. No dia 21/05/2009 ela escreve: “*ainda não conheço meu mentor, mas sei que ele está aqui sempre me ajudando com seus conselhos*” (sic). Dois dias depois, dá-se a primeira manifestação psicofônica de João Luiz. A médium escreve: “*Envergonhado pelo seu ato de dar drogas p/ crianças, arrependido e querendo ajudar a combater esta erva daninha, está na (agonia) e querendo aprender p/ melhor ajudar. Que Jesus o ajude*” (sic). Já nessa ocasião, alguns dos dados iniciais da narrativa do espírito são apresentados: sua vivência pregressa como traficante; seu arrependimento e sua disposição para ajudar. No dia 30/05/2009, dá-se outra breve aparição da entidade: “*Nosso irmão João Luiz se fez presente, mas apenas me disse: estive aqui. Obs. Esta entidade foi um traficante muito perigoso, hoje está no hospital se tratando e estudando. Já está mais equilibrado. Que Jesus o abençoe irmão*” (sic).

Note-se que nas primeiras sessões em que João “se fez presente”, ele ainda não desempenhava um papel ativo. Na verdade, como a médium relata, ele aparecia de início “*todo esfarrapado*”. Na observação do dia 30, ele demonstra uma condição semelhante à de outros espíritos que se manifestam nas desobsessões, pois estaria “*se tratando [...] está mais equilibrado*”. Tendo por base os exemplos de outros médiuns, podemos nos questionar se as primeiras reações de choro e tristeza da médium, no início do ano, não seriam um prelúdio de suas ulteriores elaborações em torno do espírito de João Luiz e outros que se manifestariam por ela. Inicialmente, pouca diferença havia entre ele e outros espíritos ‘genéricos’ que despontam nas reuniões de desobsessão; era apenas mais um “*trevoso*” (sic). João ainda não constituía, portanto, um personagem muito sólido. De qualquer forma, é a partir do dia 06/06/2009 que ocorrerão importantes transformações, com a adição de outros elementos à narrativa de João Luiz. Agora, mais recuperado do seu tratamento no plano espiritual, ele “*Estava feliz, elegante, de terno branco, gravata amarela. Estava feliz, já fazendo pequenas tarefas*” (sic). Observe o leitor que é só nessa sessão que aparecem as

⁷⁶ Antes de conhecer o centro Paschoal Tróvelle, C. transitou por outras religiões. É provável que as sessões de Candomblé em que participou, tempos antes de se converter ao Espiritismo, tenham lhe servido como uma primeira referência no que tange às práticas mediúnicas (cf. C., 23). Embora o Candomblé e a Umbanda sejam religiões diferentes é comum haver, em alguns terreiros, uma mistura dessas crenças e práticas. Outra possível influência sobre João Luiz (pelo menos quanto ao nome) é a do espírito *André Luiz*, famosa entidade espiritual de Chico Xavier.

primeiras informações sobre suas roupas; antes, nada havia a esse respeito no diário. Mas o seu comportamento também começa a adquirir contornos particulares: *“Queria pegar os outros... dar um susto para ver se paravam de traficar, e os usuários paravam de usar drogas. Porém, não pode, tem que estudar para depois ir com os socorristas à procura dos necessitados”* (sic). João Luiz denota aqui um jeito de moleque, beirando à malandragem; outro exemplo da influência de Zé Pelintra sobre a criação da médium. Contudo, o mais importante vem em seguida. João, por assim dizer, torna-se ‘íntimo’, e passa a ‘frequentar’ a residência da entrevistada: *“As vezes vem a minha casa para estudar comigo, fica perto de mim está aprendendo com as leituras do evangelho que faço em casa todas as manhãs. Sentiu o carinho e a vibração de amor que fiz por ele [...] diz que sabe que eu gosto muito dele e é verdade. Eu o amo. Obrigada irmão querido”* (sic). A intimidade com a médium indica uma etapa mais avançada do processo de criação. O personagem, agora devidamente formado e caracterizado (‘fetichizado’), passa a assumir uma função psicológica e emocional mais ou menos definida e duradoura na vida do indivíduo. Um exemplo famoso é o do espírito Emmanuel, que teria acompanhado e protegido Chico Xavier por toda a sua trajetória (Souto Maior, 2003).

Essa mesma função protetora foi constatada por nós em outros casos. Não raro, a médium E.O. recorre ao auxílio invisível do médium espírita – já falecido – Eurípedes Barsanulfo (1888-1918) sempre que se vê necessitada. Segundo ela, Eurípedes teria sido, em vida, um antigo amigo da família. Desencarnado, ele a teria auxiliado a enfrentar um espírito obsessivo que a atormentava em suas crises de pânico (cf. E.O., 84-90). Em seus ‘desdobramentos’, isto é, suas viagens fora do corpo pelo mundo espiritual, M.J. também conta com a ajuda de um mentor, embora ainda não saiba dizer ao certo se é um homem ou uma mulher (cf. M.J., 31-40, 70). A.M. conta que obteve, certa vez, os conselhos de uma pessoa durante um sonho (pessoa que ela interpretará como seu mentor), para lidar com um período difícil de desemprego pelo qual estava passando; ao acordar, sentiu-se resignada em aceitar um trabalho como doméstica que lhe foi oferecido, e que ela até então relutava muito em acolher (cf. A.M., 108). Tais casos parecem oferecer algum suporte para a hipótese dos *automatismos teleológicos* de Flournoy, pois seguem um padrão muito semelhante ao que ele observara na psicogênese do espírito Leopold, guia de Hélène Smith.

De um ponto de vista psicológico, o mentor não é outra coisa senão uma extensão mais forte, mais ampla e mais segura da própria identidade; função que, por vezes, confunde-se com aquilo que Freud chamava de *superego* – voltaremos a esse conceito freudiano, no entanto, no

capítulo 8. Como diz E.O: “377. [...] *a gente acha que a gente tem possibilidades grandes, mil, né. E a gente não tem, é um tiquinho disso*”. Em outras palavras, quando o indivíduo sente não controlar uma dada situação; quando percebe que as variáveis em jogo são muitas e suas possibilidades de ação limitadas é que ele resolve, por fim, apelar a uma instância espiritual, a uma força extra que possibilite a consecução daquilo que almeja ou necessita. Assim como Hélène Smith recorria a Leopold nas circunstâncias mais difíceis e traumáticas, os médiuns entrevistados procuram seus próprios mentores. Trata-se de uma busca muito semelhante à de outros religiosos quando rezam para seus santos ou para Deus. Mas se os deuses ou santos desses fiéis já têm suas histórias previstas e demarcadas pela própria tradição, os mentores espíritas necessitam, muitas vezes, de prolongada elaboração⁷⁷. E isso quando o médium não recorre simplesmente a alguma figura conhecida do movimento espírita, como o famoso médico Bezerra de Menezes; ou quando não toma seus parentes e amigos falecidos por guias espirituais. Além de João Luiz e outros espíritos, a médium C. já deu ‘*passividade*’, algumas vezes, ao seu próprio irmão mais velho (cf. próximo capítulo para uma análise do caso). Uma das primeiras psicografias de E.O (540) foi a de um tio falecido, irmão de seu pai:

*Há muito nos conhecemos.
Desde há muito nos amamos.
Quero-te como um pai e sei que também me tens grande afeição.
Sobrinha querida, segue sempre na luta indefinível do amor ao Evangelho.
Que Jesus enobreça sempre teus passos.
Que tua experiência carnal seja a veste segura para passos maiores, junto ao que Almejas!
Muita luta e muita paz.
Tio Pedro.
Um abraço.
17/04/86*

Flournoy (1911/2007, p. 92 e 93) nos explica admiravelmente o mecanismo psicológico de tais personificações:

Essa reconstrução do morto é apenas uma extensão do nosso hábito de formar noções concretas da personalidade dos outros, uma tendência vinda da necessidade de adaptação social, e que pode ser aplicada tão bem ao ausente quanto ao presente. Se nós não

⁷⁷ Jung (1928/2002) acredita, a esse respeito, que a noção de Deus seria, de certo modo, uma evolução do conceito de fantasma: “O conceito filosófico de *espírito* ainda não foi capaz de libertar o termo linguístico que o expressa das cadeias superpoderosas da sua identidade com a outra noção de espírito que é o ‘fantasma’”. A visão religiosa, por outro lado, conseguiu superar a associação linguística com os espíritos, denominando a autoridade espiritual suprema de *Deus*. No decorrer dos séculos esta concepção se desenvolveu como formulação daquele princípio espiritual que se opõe, inibitivamente, à mera instintividade”. De fato, como vimos, as manifestações mediúnicas atuam frequentemente no controle dos impulsos. Jung (p. 73) observará ainda que o conceito de ‘energia’, em suas muitas imagens culturais, “é uma condição preliminar necessária ou pelo menos importante para o desenvolvimento da idéia de Deus. [...] Uma outra condição preliminar essencial é a personificação”. Nossos dados confirmam, assim, as assertivas de Jung, pois é da evolução de noções como a de ‘energia’, aplicadas a sensações ou outros processos psicológicos estranhos ao indivíduo, que se chega, a partir da construção do personagem, aos mentores e outros espíritos.

tivéssemos essa faculdade inata, a qual é desenvolvida pela experiência de representar a nós mesmos o caráter psíquico de nossos companheiros e de prever suas reações, nós jamais estaríamos aptos a estabelecer qualquer intercuro social com eles. [...] Deve-se dizer que possuímos conosco uma completa galeria de retratos, mais ou menos exata, de todos aqueles a quem conhecemos diretamente (pais, amigos etc.), ou por ouvir dizer (figuras históricas e literárias etc.), ou na imaginação (criações da nossa imaginação, ideais, heróis de romances pessoais etc.). Mas esses retratos não são fixos e inertes. Essas personalidades vivem em nós; nós as fazemos agir e se desenvolver de acordo com suas condições particulares, em situações, reais ou fictícias, nas quais nós as colocamos em nossa imaginação. Se tal ou tal pessoa está “lá” – meu amigo John, que está viajando, ou meu pai, que está morto etc. – eu represento a mim mesmo o que ele vivencia, o que ele pensaria, diria, faria etc. sob certas circunstâncias. Está claro que essa paixão por reconstruir o ausente é carregada para além da porta do outro mundo.

Talvez os parágrafos acima dêem a impressão ao leitor de que a psicogênese dos espíritos ocorre de forma quase inteiramente individual. Tal impressão surge do fato de estarmos avaliando esse processo, até agora, exclusivamente do ponto de vista dos médiuns, de suas narrativas pessoais. Mas quando dirigimos nossos olhares para o contexto mais amplo das sessões espíritas, essa impressão é logo atenuada e complementada por outra, de caráter grupal e social. As sessões de desobsessão nos dão uma boa exemplificação do modelo de retroalimentação descrito anteriormente, e de como ocorre a já citada interação entre características individuais e procedimentos grupais de intervenção. Vejamos alguns exemplos.

Estávamos acompanhando, há pouco, os relatos da participante C. sobre as diferentes manifestações de João Luiz. Mas como exatamente se comportava esse espírito durante as sessões? Tendo adquirido seus contornos gerais, João se mostrava agora ativo e integrado, objeto de interesse e elaboração não apenas da médium, como dos demais membros do grupo. Na citação abaixo, retirada de uma das sessões em que participamos (Relatório 4, Paschoal Tróvelle), vemos como o personagem adquire vida e interage com os presentes, ao mesmo tempo em que é por eles apropriado:

A terceira manifestação é a de um espírito bastante rebelde, que se diz um traficante, “chefão” (sic) do mundo das drogas. Rejeita o auxílio oferecido pelos doutrinadores e estabelece com eles um diálogo tenso em que afirma que continuará levando a cabo seus feitos, auxiliando outros traficantes na Terra. Tenta ofender os doutrinadores e faz força para falar algumas vezes, mas alega que “esse instrumento aqui [a médium C.] não está me deixando falar tudo o que eu quero, ela fica me impedindo” (sic). Um dos doutrinadores pede ao espírito para que ouça com atenção e aceite o que o outro doutrinador (W) lhe diz, mas a entidade retruca: “ah, mas eu tenho medo desse aí, porque ele é polícia” (sic). “Sim, mas ele é um policial digno” (sic), responde o outro doutrinador (Z). Os doutrinadores referem-se então ao nome de Jesus, mas o espírito diz não conhecer de quem estão falando: “Quem é esse Jesus? Eu não tenho chefe acima de mim, eu sou o meu único chefe” (sic). Um dos doutrinadores tenta explicar um pouco da história de Jesus e é nesse momento que o espírito dá detalhes de sua possível história de vida. Quando o doutrinador pergunta se ninguém nunca ensinou a ele quem é Jesus, a resposta é: “não tive pai nem mãe. Minha mãe me abandonou quando eu ainda era muito novo, e cresci sozinho, pela vida. Não aprendi essas coisas; quando eu tentava entrar nas igrejas, eles me colocavam pra fora” (sic). Ele reclama ainda de sua mãe tê-lo abandonado.

A conversação prossegue por mais tempo até que o espírito cita o nome de outra entidade, denominada João Luiz, o qual estaria tentando conduzi-lo, naquele momento, para o auxílio do plano espiritual. O doutrinador W esclarece para o espírito que João Luiz também esteve envolvido com o mundo do tráfico de drogas quando encarnado, mas se regenerou e hoje trabalha no auxílio de espíritos necessitados. Durante esse diálogo, um dos médiuns presentes (C.A.B) afirma ter recebido mediunicamente, naquele instante, a informação de que João Luiz e o espírito assistido na sessão foram irmãos em uma reencarnação passada. Um dos doutrinadores então diz: “ah, então era este que João Luiz dizia que iria buscar das trevas? O chefe de todos os outros?” (sic). O diálogo com a entidade se encerra com esta aceitando, um tanto a contragosto, receber o “remédio” que iriam lhe oferecer e finalmente indo embora. Um dos doutrinadores aplica vários passes na médium após essa manifestação. [grifo nosso]

Notemos aí como os demais integrantes contribuem para a continuidade da narrativa iniciada pela médium (C). O participante C.A.B chega até a receber uma importante revelação: os dois espíritos, João e o “chefe do tráfico” foram irmãos numa outra vida! A narrativa de João Luiz já não pertence mais apenas à médium; ela é complementada e levada adiante agora pelo grupo.

Na citação abaixo, temos também a transcrição, bastante pertinente aqui, de um trecho gravado de um diálogo do doutrinador (Z) com o alegado espírito de um traficante incorporado em uma médium (Y), durante uma das sessões no centro Paschoal Tróvelle (Relatório 6) :

Médium Y: (com a voz baixa, rouca) Quem mandou me buscar? Quem mandou me buscar, quem me trouxe aqui pra esse lugar?

Z: Seja bem vindo!

Y: Eu sou dono do pedaço lá.

Z: É?

Y: Eu mando em tudo. Eu falei que eu não queria vir aqui, eu avisei todo mundo.

Z: (Você avisou) que você não queria vir?

Y: Eu falei que eu sou o dono de lá! Eu sou o dono, eu mando.

Z: Sim.

Y: Eu mando e todos têm que me obedecer.

Z: Sei.

Y: Eu já falei, eu já avisei.

Z: Sim, nós entendemos.

Y: Aí falaram que eu não podia tá fazendo aquilo. Eu faço, que é pra impor. Eu imponho mesmo, o medo. Eu aterrorizo, porque eu quero que todo mundo me obedeça.

Z: Sei, sei. Claro, nós entendemos isso, não é? Você é o chefe...

Y: Eu o matei! Eu o matei, eu mato quantas vezes for preciso.

Z: Sei, sei, sei.

Y: Eu acabo com todos eles.

Z: Então, mas você poderia explicar a razão disso tudo, colega?

Y: Porque eu quero ter poder. Eu quero que todos me obedeçam.

Z: Sim. Nós entendemos, nós entendemos, todos (querem) poder, né.

Y: Eu mando em todos, são todos meus escravos.

Z: Cê teve uma vida fácil?

Y: (silêncio).

Z: Não teve, né?

Y: Eu não quero saber da minha vida, o que eu quero saber é que agora quem comanda sou eu. Eu comando, eu comando, eu tenho poder; eu mando e todos tem que me obedecer, porque se não me obedecer, eu torturo mesmo.

Z: A gente entende isso.

Y: Eu torturo.

Z: *Eu sei. Mas a gente gostaria de conhecer um pouco da sua história, da sua vida. Cê poderia contar pra gente?*

Y: *Não, não quero falar.*

Z: *Por quê?*

Y: *Não quero falar, porque eu não quero lembrar de nada.*

Z: *Você deve ter tido uma vida muito difícil...*

Y: *Não, nem quero me lembrar de nada.*

Z: *...pra ter tanta revolta, né? Eu tenho certeza de que você teve muito poucas oportunidades. A sociedade não te...*

Y: *Mas hoje eu tenho oportunidade. Hoje eu tenho.*

Z: *Só que hoje você está sacrificando pessoas também, né, pra ter a tua oportunidade. O que aconteceu com você, né, hoje você tá impondo aos outros. Não era uma espécie de vingança isso também?*

Y: *Ai, Ai! Eu não quero saber dessas histórias. É por isso que eu falei que eu não queria vir aqui. Eu falei porque eu já sabia que vinham essas histórias. De eu pensar, de eu repensar, de eu ver o que eu tô fazendo, de olhar minha vida, de olhar quando eu era criança, de olhar minha infância. Eu já ouvi isso tudo.*

Z: *Eu sei, eu tenho certeza disso. Mas é uma verdade: você é um homem, um espírito imortal, não é? Você é uma alma imortal.*

Y: *Eu sei, eu mato todo mundo (risos). Eu mato, (eu mato).*

Z: *Mas, no entanto, não aconteceu isso. Eles continuam vivos, né. Você continua vivo. Só que deve ter havido alguma coisa muito importante na sua existência, e que o fez assim ficar tão revoltado contra as coisas, com a sociedade, pra fazer agora eles escravos da sua vontade, né? Inclusive, você sabe que continua sendo um crime a gente tirar a vida...*

Y: *Eu não quero nem lembrar disso. Apaga isso da minha memória, eu não quero lembrar essa cena. É por isso que eu fiquei assim? O que fizeram com a minha mãe? [A médium começa a chorar]. Eu era criança. Ahhh! Minha mãe, minha mãe! Eu não quero mais ver, eu não quero mais ver isso, eu não quero mais ver isso. Não me mostra, não me mostra. Eu não quero mais. E depois era a única que me protegia, era minha mãe. Olha o que fizeram com ela! Olha o que fizeram com a minha mãe!*

O importante a se ressaltar dos exemplos acima é o quanto tais manifestações dependem do constante intercâmbio médium-doutrinador. O processo não se dá de modo unilateral, como resultado apenas do comportamento da médium; ele é dialético, construído em conjunto, na própria conversação e diálogo com os doutrinadores que tentam, de um lado, convencer pacientemente o ‘espírito’ sobre uma determinada conduta a ser tomada, e que, de outro lado, enfrentam dificuldades com esse espírito, que se recusa e resiste. Nesse processo de conversão (ou doutrinação) e resistência à conversão, o médium parte de certas premissas para construir e personificar uma dada manifestação, e os doutrinadores (e até outros médiuns) contribuem adicionando elementos específicos ao discurso estabelecido. Parece-nos assim que essas sessões de certo modo reatualizam, dramática e constantemente, um mesmo processo inicial de conversão ao Espiritismo, o qual se manifesta sob diferentes mecanismos institucionais de *reposição identitária*, nos dizeres de Ciampa. É para os pormenores desse processo de conversão que voltaremos nossa atenção no próximo capítulo. Comparem-se tais afirmações com as de Lévi-Strauss (1975) acerca da iniciação xamânica. Tal como ocorre nas sessões espíritas, em que a conversão à doutrina é simbolicamente

repetida *ad infinitum*, o ritual de cura operado pelos xamãs teria o mesmo caráter de retomada do episódio de iniciação do próprio curador.

Incluimos abaixo uma figura contendo um resumo (não exaustivo) das principais etapas percorridas pelos médiuns na psicogênese dos espíritos. Cada etapa inclui a precedente. Uma vez formada a estrutura, tudo acontecerá, doravante, ao mesmo tempo, isto é, todos os elementos integrados numa só personificação. Não se trata, todavia, de uma sequência invariável. No caso E.O, por exemplo, a médium adquiriu boa parte da narrativa sobre Kurzlan diretamente de outra pessoa. Tanto C.A.B quanto A.M. receberam informações prévias de outros médiuns acerca dos prováveis mentores que os rodiam⁷⁸.

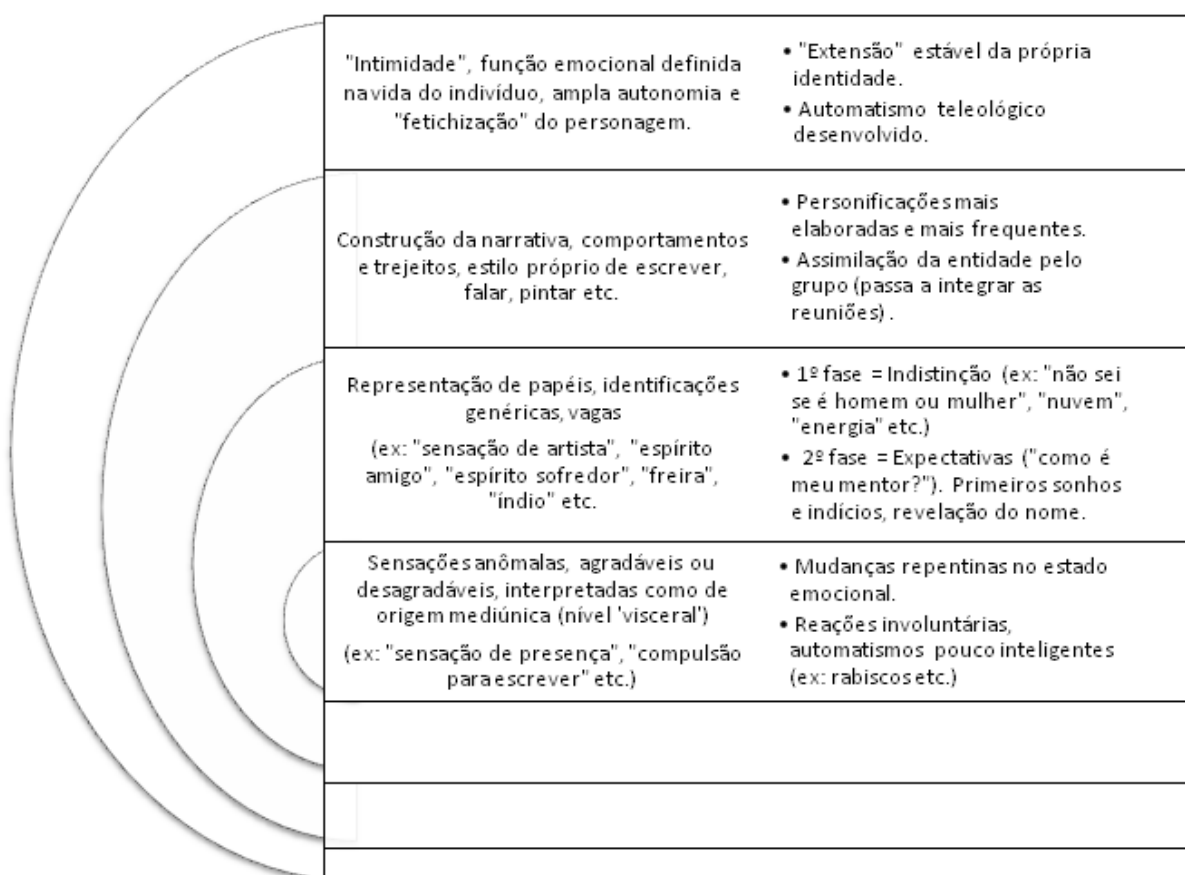


Figura 15b. Etapas gerais da psicogênese dos espíritos.

Ainda assim, mesmo nesses casos em que a sequência estabelecida parece ter tomado outro ponto de partida, o indivíduo tem de resgatar, muitas vezes, os passos anteriores, de modo a

⁷⁸ Médium A.M: "108. [...] Eu tenho gente que fala que conhece o meu mentor, tudo. Eu não posso falar que eu conheço. Eu tenho uma imagem, mas, de ver como eu te falei, como se tivesse uma nuvem antes."

dar coerência e sustentação ao edifício de suas construções. As sugestões alheias nada farão de significativo até que o indivíduo as tome para si e as incorpore à sua psicodinâmica, o que implica preencher as demais etapas do processo e estabelecer as conexões necessárias entre sensações, papéis e narrativas particulares. Para que o personagem adquira vida, ele precisa tanto fincar raízes na fisiologia do médium, quanto atingir ramos mais altos da sua vida psíquica. Esse processo será mediado, consequentemente, pelo sistema de referência religioso, isto é, pelas práticas e crenças do grupo. Certos espíritos não chegam a passar nem mesmo da primeira etapa, ou no máximo adquirem alguma identificação bastante genérica. Não consideramos totalmente improvável também que um médium possua personagens em diferentes etapas do processo; a participante C., por exemplo, não deixou de ‘receber’ espíritos aflitos, com as mesmas características iniciais de João Luiz quando era ‘trevo’. De qualquer maneira, a evolução e solidez dos personagens dependerão sempre do maior ou menor interesse e esforço do médium nessa tarefa, bem como do maior ou menor grau de importância que as entidades venham a adquirir na vida emocional do indivíduo e nas atividades do grupo.

Antes de finalizarmos, talvez sejam importantes algumas palavras sobre as eventuais diferenças entre as personificações de espíritos e as chamadas personalidades múltiplas nos casos de Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI). Essa tem sido uma questão polêmica na literatura, pela associação que se poderia estabelecer, a partir daí, entre mediunidade e psicopatologia. Ater-nos-emos exclusivamente ao que os dados nos apontam nesse sentido. As personificações de espíritos dependem, geralmente, de todo um processo de elaboração e criação no qual estão envolvidos fatores conscientes e inconscientes. Todavia, tais personagens, ao contrário das personalidades múltiplas, não nascem de algum trauma psicológico específico ou outro fator recorrente de estresse, embora alguns casos sugiram essa possibilidade (cf. próximo capítulo, episódio do irmão falecido de C.). Certas manifestações mediúnicas tendem a servir de veículo para a expressão ou mesmo elaboração de traumas e outras experiências passadas – como veremos melhor nos capítulos vindouros – o que não quer dizer que tenham se *originado* diretamente das vivências traumáticas. É bem verdade, por outro lado, que muitas das personalidades múltiplas em casos de TDI se formam de maneira iatrogênica, com base apenas nas interações entre paciente e terapeuta, à semelhança do que ocorre nas sessões espíritas. De qualquer modo, ainda que o processo de elaboração e criação das ‘entidades espirituais’ possa algumas vezes se assemelhar ao das personalidades múltiplas, aquelas não parecem ter o mesmo caráter parasitário destas. Apesar de alguns dos médiuns investigados relatarem experiências perturbadoras, as quais logo associam à

intervenção dos espíritos, suas vivências não chegam a constituir drásticas e crônicas transições de comportamento ou atitude, como vemos nos casos mais pronunciados de TDI. Os espíritos são como ‘extensões’ mais ou menos estáveis da própria identidade, cuja ação é largamente prevista pelo corpo de crenças compartilhado grupalmente. Os espíritos – quando bem ‘formados’, isto é, quando atingem um grau mais complexo de elaboração – ‘convivem’, por assim dizer, com os médiuns. Estes, por sua vez, interagem com aqueles do mesmo modo que com outras pessoas. Um ‘espírito’ é, assim, a representação mental mais ou menos autônoma de alguém imaginado, com a qual o indivíduo tende a se identificar voluntariamente durante as atividades religiosas, e não propriamente um sistema parasitário e alternativo de identidade, frequentemente estressante e prejudicial à personalidade biograficamente dominante. Mesmo admitindo o caráter pervasivo de certas entidades espirituais na vida dos participantes – a exemplo dos relatos de “obsessão” (Kardec, 1861/2001) – elas não chegam sempre a estabelecer um paralelo fenomenológico evidente com as personalidades múltiplas. É possível, não obstante, que assim como os participantes interpretam variadas sensações ou emoções aparentemente anômalas como sendo de origem mediúnica, casos de TDI sejam igualmente interpretados ou até mesmo construídos tendo por base um referencial espírita. Trata-se de uma hipótese para a qual não dispomos, no momento, de nenhum caso exemplificativo por nós investigado, mas que pode muito bem ser verdadeira – cf. Bourguignon (1989) e Krippner (1987) para alguns exemplos. Também não negamos que a mediunidade e a personalidade múltipla possam compartilhar da mesma base psicológica. Talvez os dois fenômenos sejam apenas diferentes expressões psicossociais de uma particularidade humana universal, isto é, da tendência à *metamorfose*.

Não pensamos que nossas elucubrações sobre a psicogênese dos espíritos tenham se esgotado aqui por completo. Nos capítulos vindouros, o leitor encontrará mais exemplos de como as entidades recebidas pelos médiuns refletem aspectos da sua psicodinâmica e da dinâmica grupal. Quisemos abordar, até este ponto, apenas os contornos principais da nossa perspectiva a respeito, visando facilitar a assimilação das demais passagens.

6.5 Conclusão

Neste capítulo, ofereceu-se uma visão geral da fenomenologia das experiências mediúnicas. A ênfase residiu muito mais na *forma* do que no *conteúdo* dessas experiências. Nossa intenção foi a de permitir uma compreensão de como as “mediunidades” emergem e de como se

transformam ao longo do tempo, sem nos aprofundarmos muito em suas causas. Considerou-se, não obstante, a título de antecipação, algumas das possíveis variáveis psicossociais envolvidas na formação e deflagração de tais experiências, bem como sua construção grupal. Daí emergiu, como visto, um modelo de retroalimentação para as relações entre *crença* e *experiência*, não importando qual delas tenha disparado inicialmente o processo, dada a verossimilhança das duas possibilidades. Seguindo a proposta de Ciampa, acreditamos ter elucidado, assim, alguns dos processos subjacentes às manifestações mediúnicas, vistas, em parte, como resultantes de uma progressiva “fetichização” das *personagens* vividas no centro. Decorrem ainda, desse percurso, outros conceitos: *identificação* (Psicanálise); *objetivação* (Berger e Luckmann); *interpenetração / continuidade*; *incubação* (Flournoy), *ambientação*; e as contribuições de Zangari quanto aos estágios do desenvolvimento mediúnico. O modelo de Sundén, sobre os quadros de referência religiosos, mostrou-se bastante profícuo para nossa análise do papel da crença na formação das experiências mediúnicas. Igualmente valiosas foram as assertivas de Janet sobre o papel dos automatismos na formação das personalidades secundárias.

7 A mediunidade como projeto de vida

[...] hoje a minha vida é toda orientada nos ensinamentos de Jesus, quem vive em mim é Jesus, agora respiro Jesus, e pra mim a coisa mais importante é trabalhar, ser um trabalhador de Jesus, ser discípulo de Jesus. Essa é a coisa mais importante...

- Médium C.A.B

O passado reconstruído não é refúgio, mas uma fonte, um manancial de razões para lutar. A memória deixa de ter um caráter de restauração e passa a ser memória geradora do futuro. É bom lembrar com Merleau-Ponty que o tempo da lembrança não é o passado mas o futuro do passado.

- Ecléa Bósi (2003, p. 66 e 67)

A corrente psiquiátrica do início do século XX reduzia o(a) médium, com frequência, a pálidas classificações patológicas. O indivíduo, em sua complexidade, era diminuído até finalmente chegar à condição de um doente passivo, ou ainda, de um astuto e mentiroso charlatão. Talvez algumas daquelas pessoas realmente o fossem, em dados momentos. A famosa Eusábia Palladino foi pega trapaceando, não poucas vezes, em seus experimentos. Lombroso (1909/1999) também verificara nela os traços da histeria. Mas antes de ser internacionalmente reconhecida como médium, Eusábia era uma pessoa igual a muitas outras de sua época: uma mulher pobre, fascinada com a fama, munida de traumas e limitações pessoais. Muitos foram os que olvidaram a importância psicológica desse fato, desaprovando inadvertidamente todo o campo de estudos científicos da mediunidade, e reduzindo o(a) médium a um(a) mero(a) produtor(a) de fenômenos, cuja única função relevante era a de fornecer as presumidas evidências do além túmulo ou de outras extraordinárias capacidades, esgotando-se seu valor humano tão logo seus poderes se extinguíam⁷⁹. O que vemos nos participantes do nosso estudo são pessoas que, como tantas outras, buscam dar sentido às suas vidas, seus conflitos, seus equívocos, suas perdas e ganhos. A conversão ao Espiritismo, bem como a prática da mediunidade, não são para eles os efeitos de um quadro doentio ou os precipitadores desse quadro; mas um caminho de vida, um modo de ser, um *projeto de vida*, de caridade etc. que se estende ao futuro. São questões que igualmente merecem dedicado estudo científico. É o que exploraremos melhor neste capítulo⁸⁰.

⁷⁹ Cole (2001) traz exemplos de vários maus tratos sofridos por Leonora Piper ao longo de sua carreira, perpetrados pelos próprios pesquisadores. Depois de ‘perder’ seus ‘poderes’, foi praticamente esquecida pela comunidade científica.

⁸⁰ Como um exemplo inicial de que tal função talvez não se limite apenas aos participantes da nossa pesquisa, a conhecida médium Eileen Garret chegou a mencionar, certa vez, como título de um de seus livros, a sua “vida como uma busca pelo sentido da mediunidade” (*My life as a search for the meaning of mediumship*).

Novos dados serão trazidos e discutidos; outros serão retomados e aprofundados sob diferente ponto de vista. Isso nos faz lembrar, uma vez mais, a dificuldade (ou até impossibilidade) de se obter, muitas vezes, uma categorização bem delimitada dos dados. Eles são geralmente mais complexos que as conceituações que criamos, e permitem, não raro, as mais diversas análises, dependendo de onde partimos para formular nossas idéias. Mas se é possível pensar, ainda assim, numa categorização mais ou menos válida, diríamos que nossa análise acabou por seguir, quase que forçosamente, um caminho circular, atingindo ‘níveis’ de análise cada vez mais amplos, nos quais as categorias precedentes, ao invés de se dissiparem, foram englobadas pelos níveis subsequentes. Desse modo, o capítulo seis tratou preferencialmente das experiências (nível um); o presente capítulo aborda o indivíduo que *tem* as experiências, sua história de vida (nível dois); o capítulo 8 abordará principalmente a intersecção da psicodinâmica individual e grupal (nível três) e o capítulo 9 terá como escopo o aspecto ideológico, a inserção das práticas mediúnicas em um contexto sócio-histórico mais amplo (nível quatro). Conquanto essas diferentes dimensões interajam constante e mutuamente, não se pode negar, entre elas, a existência de uma gradação em termos de complexidade crescente. Nesse sentido, cada capítulo de análise, embora tocando aspectos das diferentes dimensões, tende a se restringir a apenas uma delas. Nesse processo gradativo, certos dados analisados anteriormente re-emergem sob novo prisma, um prisma sempre mais amplo.

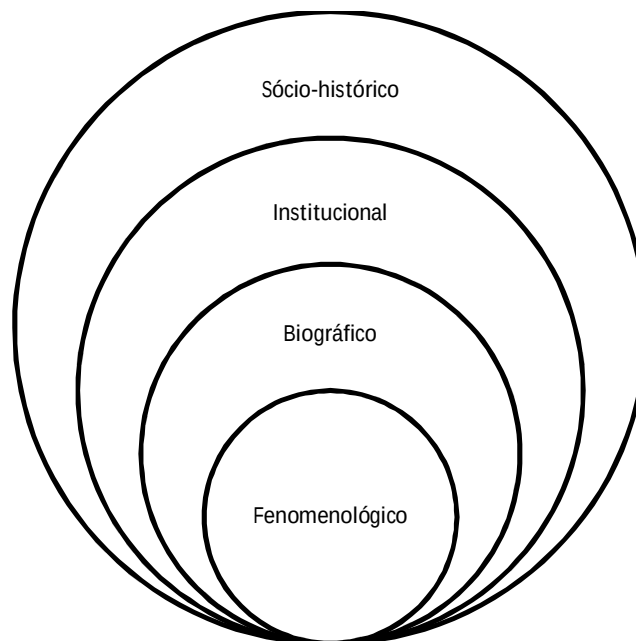


Figura 16. Dimensões (ou níveis) de análise dos dados.

No capítulo 6, apesar das referências esparsas a episódios da vida dos médiuns, nosso interesse esteve muito mais centrado na experiência mediúnica em si e nas suas interpretações, do que no indivíduo. Aqui, por outro lado, é justamente o indivíduo e sua história que adquirem a primazia, e as experiências são compreendidas a partir da sua inserção no universo biográfico, menos do que em suas próprias características fenomenológicas. Podemos resumir nossa proposta neste capítulo da seguinte maneira (retomando parte do que dissemos na introdução):

*A identidade mediúnica tende a organizar as experiências emocionais do indivíduo ao fornecer-lhe um projeto de vida antes inconcebível ou inexplorado. Nos casos analisados, a assunção de tal projeto se apresenta, sob muitos aspectos, como emancipatório frente às condições de vida anteriores do indivíduo. Trata-se da função de **ressignificação** da mediunidade, a busca por um significado humano, emocional e espiritual, capaz de transcender, simbolicamente, as condições biológicas e sociais a que estão condicionados esses indivíduos. Esse processo parece estar a serviço não só de certas funções psicodinâmicas – como, por exemplo, a diminuição da angústia e da ansiedade decorrentes da exposição a emoções conflituosas – mas também do preenchimento de eventuais lacunas entre discursos, necessidades e experiências incoerentes ao longo da história de vida dos médiuns. É preciso considerar, no entanto, a dialética inerente a esse processo, e admitir que se a mediunidade (enquanto um conjunto de crenças e práticas espíritas) **pode** – assim como outras formas de identidade religiosa – ser emancipatória frente a etapas anteriores da trajetória biográfica, ela também **pode** se tornar, mais tarde, simples reposição de papéis e personagens condizentes com certas expectativas doutrinárias. Destarte, o mesmo processo de identificação com a doutrina serve, potencialmente, tanto a propósitos construtivos e ressignificadores, quanto a diversificados mecanismos de reposição identitária. As condições psicossociais que parecem determinar e diferenciar esses dois momentos – bem como outros detalhes dos argumentos sintetizados neste parágrafo – serão examinados no decorrer de nossa explanação.*

Para ilustrar preliminarmente nossas idéias, começaremos avaliando um caso paradigmático. A entrevista com a médium C. nos servirá como ponto de partida para esboçarmos as linhas gerais do uso que os participantes fazem da mediunidade enquanto projeto de vida. Esperamos assim facilitar ao leitor a assimilação das demais analogias e interpretações detalhadas ao longo do capítulo. Tal procedimento nos poupará ainda do trabalho demasiadamente longo de analisar cada história de vida separadamente. Tendo o leitor um modelo inicial sobre como nossas idéias foram aplicadas às narrativas, a compreensão dos tópicos seguintes virá por acréscimo. O

caso C. nos é interessante aqui por conter vários dos elementos que acreditamos condizentes com a categoria de análise em questão.

A narrativa da entrevistada se inicia também com um projeto; mas um projeto decididamente negativo e impositivo, que embora viesse a ser recusado por ela em diversas ocasiões de sua vida, jamais a abandonou completamente. Aos sete anos, é violentada sexualmente por seu irmão mais velho: “5. [...] *a partir daí eu fui criada, assim, meio que afastada dos outros, sabe? Assim, tipo: você é diferente. Meu pai dizia: ‘seu fim é ser uma prostituta’*”. Educada segundo rígidos valores familiares, sua vida consistia em ir “*de casa pra igreja, da igreja pra casa, meus pais eram evangélicos*”. Como “*garota de sítio*” (C.7), vivia fortemente regradada, vítima constante da vigilância do pai. Por volta desse período, já vivenciava experiências incompreensíveis que mais tarde admitirá como mediúnicas:

7. C: [...] *Aí quando eu tinha doze anos, eu comecei a ter crises nervosas; então eu desmaiava, do nada! Caía, desmaiava, e minha mãe levou no médico, e ninguém sabia o que era. Aquele caso da infância foi abafado, ninguém falou nada, sabe? É como se nada tivesse acontecido. E isso me gerou muitos problemas porque eu fiquei uma pessoa revoltada, muito revoltada, eu via as coisas, e eu achava que tava ficando doida. Não sei o porquê desencadeou isso daí, né.*

Num esforço de se libertar da família e do destino que lhe apontara antes a figura paterna, nossa entrevistada apelará então ao casamento:

7. C: [...] *Aí escolhi o casamento como uma fuga pra sair de casa, pra provar que era virgem. Que meus pais [falavam]: “você não é virgem”. E na minha infância inocente, aquilo pra mim ficou confuso na minha cabeça. O que é a virgindade? Porque eu menstruei aos treze anos e não sabia o que significava aquilo. Então eu fui me virando sozinha, fui descobrindo sozinha as coisas. Então conheci um rapaz lá da própria religião deles e falei: esse é que vai me salvar. E aí começou tudo de novo (risos), aí começou os tormentos, né. No dia do meu casamento... [olhos lacrimejam, a voz embarga] meu pai me deixou namorar quatro meses. Ele... [choro contido] o namorado, vinha em casa, meu pai sentava de um lado, botava o rapaz no meio e botava eu do outro lado. Porque ele dizia que eu ia engravidar. Tãmanha era a desconfiança do velho crente (risos). E quatro meses de namoro ele [pai] me obrigou a casar. Aí eu falei: poxa, ele namorou com o meu pai e casou comigo. Eu era tão inocente, tão inocente, que o meu primeiro beijo eu vomitei; de nojo. Não sabia o que era, nunca tive contato. O único contato que eu tive foi na infância e foi um contato forçado, foi agressivo, então.../ [suspiro] E aí foi um casamento que não durou. Sabe assim... três meses de casado, cheguei em casa, pego ele na cama com outra mulher. E aí acabou tudo. Sonhos, fantasias tudo foi por água abaixo. Tudo de novo, né. E aí eu fui me sentindo a pior pessoa da face da terra. Mas mesmo assim fui tentando levar o casamento... até quando pude. Meus pais/ eu morava aqui em São Paulo, meus pais no interior. Meus pais só julgavam, né. “Ah! O casamento não dá certo porque é ela que não presta. É ela que não presta”. Mas eu sempre fiz tudo certinho. Da forma como eu aprendi, né. E... segurei o quanto pude.*

O casamento era inicialmente fuga, mas também *projeto*; um projeto de liberdade e de autonomia em relação à família, o caminho da “virgindade”, resgate de certa pureza deixada para trás. Mas ao contrário do que esperava, seu casamento apenas reafirmara o mesmo projeto

impositivo de antes. Na busca por convencer os pais de sua própria autonomia, mas incapaz de se libertar ainda das densas redes familiares, apenas perpetua os valores em que foi criada:

9. [...] *E eu não queria dar o desquite pra ele, porque fui criada, segundo os meus pais, apanhando, passando fome, sofrendo violência, mas casou tem que ficar junto. Fui criada assim. Então eu tentava segurar o máximo que eu podia.* E no dia em que ele me pediu o divórcio, o desquite, que eu não queria dar, ele me pôs um revólver na cabeça e disse pra mim: “ou você dá ou você morre”. Eu dei o desquite pra ele. Só que o interessante, quando a gente chegou lá na frente do Juiz, pra assinar a papelada, o juiz falou pra ele: “a partir de agora ela é uma menina nova. Se ela sair daqui e quiser arrumar um namorado, esse é um problema dela. Ela é nova, a vida é dela”. Aí ele não gostou da idéia. Assinamos os papéis, tudo, voltamos pra casa. E chegando em casa ele pegou as coisas dele, e saiu. Depois ele voltou/ é até de dar risada uma coisa dessa, porque ele chegou em casa e/ “eu quero a saideira”. **Porque que os homens só pensam em sexo, né? Próxima encarnação eu quero vir uma garça, vou pensar só em peixe.** “E eu quero a saideira” e, mais uma vez eu fui violentada porque, eu me recusava a me deitar com ele, então foi uma coisa assim da pior espécie possível. Aí eu já tinha vinte e dois anos [suspiro], aí voltei pra casa dos meus pais, com a mão na frente, outra atrás e uma filha nos braços. **E meu pai não me aceitou lá, porque filha separada ia estragar a moral das irmãs.** E aí fui morar na casa de uma irmã. Na casa dessa minha irmã o meu cunhado me queria a todo o custo (risos).

10. E.M: Quantos anos você tinha?

11. C.: Vinte e dois anos. Aí eu fui obrigada a sair da casa da minha irmã e voltar pra São Paulo. Voltei, morei na rua por um bom tempo. Depois eu fui morar com o meu irmão. Consegui um emprego, trabalhando, tudo, e um belo dia o meu irmão vendeu tudo o que tinha, inclusive as minhas roupas. Foi embora. Me deixou na rua de novo. Aí eu fiquei na rua de novo. E aí eu não tinha pra onde correr. E fui trabalhar numa casa de família pra ter um sustento, pra ter apenas a comida pra comer e uma cama pra dormir. [Entrevistada bebe um gole de água, agora parcialmente restabelecida de seu estado choroso]. Aí eu conheci um cidadão, me envolvi, me apaixonei à primeira vista. Nunca tinha ouvido palavras bonitas, e naquele dia apareceu o príncipe encantado de uma única noite. E fiquei lá. Namorei ele por algum tempo, e continuei nessa casa de família, né. Desse relacionamento resultou uma outra criança, que é a minha filha do meio, minha paixão. Só que eu era uma pessoa imatura. Um relacionamento que não ia dar certo; descobri que ele era casado. Eu era muito turrone. Falei: não quero, e saí fora, sumi, assumi a criança sozinha. Aí meus pais ficaram sabendo. “Olha, ela tá passando por uma situação difícil”. Aí voltei pra casa deles. Mas a experiência não foi boa lá não. Foi voltar pra lá e aí veio todo aquele be-a-bá. **Tem que seguir a igreja, não pode ter amizade com homens. Tem que usar saia lá no pé.** Eu agüentei por alguns meses. Mas não dá. Tenta prender um bicho que é livre. Não dá, você não consegue! [grifo nosso]

C. parece demonstrar, em sua fala, um misto de submissão e rebeldia; ao mesmo tempo em que nega os valores familiares e se arrisca a diversas tentativas de sobrevivência, acaba sempre por retornar ao seio dos pais, neles buscando ajuda e consolo, para mais tarde deixá-los novamente em prol de seus anseios. Gradativamente, a religião em que foi criada torna-se vinculada, em seu discurso, a um passado hostil que se quer evitar, símbolo de repressão. A entrevistada se autodefine como um “*bicho-que-é-livre*”, e recusa se submeter inteiramente ao modo de vida evangélico. Tal estado de coisas constituirá, posteriormente, um importante fator motivacional na procura por outras adesões religiosas, possivelmente mais maleáveis.

Vemos também pela narrativa de C. como a violência sexual iniciada por seu irmão é retomada por outras figuras masculinas à sua volta. Sua trajetória reproduz assim uma violência historicamente comum às mulheres – tenha a entrevistada permitido ou não, consciente ou inconscientemente, a própria continuidade desse processo. Mais adiante, observaremos outras ocasiões em que o mesmo caminho da prostituição se apresentara impositivamente a ela como meio de existência. Mas se essa sina a acompanha e a assombra, também a impele à procura de outras formas de vida. Em meio a tal busca, um novo e significativo projeto é vislumbrado: o da enfermagem. Como tantas outras mulheres, C. desejava conquistar o sonho de ser cuidadora. Embora permaneça ainda vinculado a expectativas culturais de gênero, seu novo projeto decorre de uma identificação mais espontânea, e se mostra como atividade socialmente valorizada.

11. [...] *E aí fui trabalhar na casa de um médico e eu disse pra ele: doutor, o meu sonho é ser enfermeira. É uma coisa que tá dentro de mim. Ele me pôs dentro do carro, me levou pro hospital e falou pro pessoal do hospital: “eu quero que vocês treinem essa menina, porque ela vai ser uma boa enfermeira”. Lá eu fui feliz. Trabalhei cinco anos lá, cuidando dos pacientes. Mas eu aprendi a profissão [auxiliar de enfermagem]. Depois eu tive a oportunidade fui fazer curso, tudo. E fiquei trabalhando lá, por um bom tempo. E aí o meu pai foi várias vezes no hospital, porque ele queria me bater, porque eu estava usando calça cumprida e o trato é que eu tinha que usar saia. Até isso é de dar risada, parece piada, mas, não é piada não. E mesmo assim eu fui enfrentando tudo, enfrentando tudo, fui estudando, trabalhando e ficando por lá. Já tinha a minha segunda filha. E foi assim uma experiência boa, quando eu passei a trabalhar no hospital, né. **Então toda aquela marca escura do passado se apagou ali.***

[...]

23. [...] *Eu era a progenitora, eu trabalhava num berçário, eu era responsável por um monte de bebês. **Ali era a minha vida.*** [grifo nosso]

Como se vê, a enfermagem é não apenas vocação ou projeto, mas igualmente um processo de *ressignificação* do passado, de uma antiga “marca escura” que a entrevistada se angustia ao recordar, quando diz no início da entrevista: “1. [...] *É uma coisa que eu não gosto de falar (risos), porque dói, dói muito voltar ao passado*”. Estranhamente, contudo, sem nos dar maiores explicações – a não ser a alegada perseguição do pai e de outros familiares – C. relata ter abandonado sua carreira na enfermagem: “13. [...] *eu fiquei trabalhando lá um bom tempo. Depois achei que não dava certo, saí de lá*”. Mais à frente, ela nos fornece possíveis indícios de sua decisão: “13: [...] ***Era muito menina, e eu sonhava muito. Sonhava que tava voando, voando, voando, mas, eu não tinha asas, eu apenas voava. E eu via pessoas que falavam comigo e essas pessoas não existiam***”. Seu relato exemplifica, uma vez mais, suas fantasias de liberdade, sua recusa em permanecer restrita a determinados papéis. Acostumada desde cedo à vida reprimida de “garota-de-sítio”, ela desejava agora ter novas experiências, conhecer outras pessoas e situações, provar para si mesma e para sua família que era capaz de fazê-lo. Todavia, seu intento é novamente

frustrado. Tendo saído do hospital, passa a trabalhar numa empresa; mas ainda desorientada, e fora do ambiente receptivo e acolhedor em que atuava pouco antes, chega a se aproximar da morte:

23. [...] Até tentei suicídio. Não vou negar, tentei. Eu não agüentei. E um dia eu fui numa farmácia de um amigo, falei: olha, me vende essa medicação, que é pra minha mãe, que ela precisa. Como era enfermeira, foi fácil conseguir a medicação. E dentro mesmo do ônibus da empresa que eu trabalhava, eu tomei tudo. Todos os comprimidos. Não era a minha hora de morrer. Sabe? Tomei tudo, fui engolindo um a um como se tivesse chupando uma balinha. E o motorista olhou pra mim e percebeu que tinha alguma coisa errada, e me levou em casa. E falou pra minha mãe: “olha, cuida dessa menina porque ela aprontou alguma”. Eu só me lembro que eu desci do ônibus, entrei dentro de casa e me deitei. Porque até nisso eu pensava nas minhas filhas. Eu falava: poxa, se eu me mato as minhas filhas vão ficar traumatizadas. Então eu vou tomar o remédio, eu vou dormir, né, e aí elas vão achar que a mãe delas dormiu pra sempre. Tudo eu esquematizei. E realmente eu dormi por três dias. Minha amiga foi em casa me pegar pra me levar pro hospital e o meu pai não queria deixar, porque ele disse que se eu queria morrer, que eu morresse, que ele não ia deixar me tirar dali. Aí me levaram pro hospital. Fiquei lá. dormi três dias, três noites. Foram três dias apagados da minha vida. Porque eu não tenho lembranças de nada. Três dias no escuro. Não me lembro de nada. **Quando eu acordei, todo mundo me apontava, todo mundo me apontava, mas ninguém perguntava: porque você fez isso, né? Eu só precisava que alguém perguntasse [chora]. Mostrasse interesse pela pessoa e não pelo corpo.** [grifo nosso].

O último comentário é bastante significativo: C. esperava que mostrassem interesse por ela, por sua identidade, e não pelo corpo, manifestação concreta de si mesma e objeto da violência a que foi tantas vezes exposta. Queria ser reconhecida, afinal, como humana, em sua totalidade. Segundo nos parece, a tentativa de suicídio emerge, desse modo, como produto ulterior e concreto de uma renunciada morte simbólica, advinda da própria impossibilidade de manter e encontrar condições de vida menos opressoras. Após esse malfadado incidente, mais restabelecida, ela decide viajar para São Paulo e novamente arriscar outras personagens e projetos. Mas aqui, sem maiores oportunidades, saída de um “ovo” (sic) para uma cidade grande, nossa entrevistada (a “garota-de-sítio”) acaba por sucumbir ao destino traçado por seu pai anos atrás. Vemos pelo seu relato como seus conflitos infantis não haviam sido efetivamente elaborados, e permaneciam constituindo um importante fator subjacente às suas decisões:

23. [...] E aí eu não agüentei a pressão, larguei tudo lá e vim embora pra São Paulo. **E aqui eu fui realizar o grande sonho do meu pai: eu fui ser prostituta.** Ninguém sabe disso, nem minhas filhas sabem disso. Fui estuprada, fui violentada, pra mim já não interessava mais nada, sabe? Tudo o que eu mais amava eu não tinha. Minhas filhas, os meus pais não me davam o direito. Tava na casa dele, mas se era ele que mandava. Eu não tinha o direito de sair com as meninas. Eu não tinha direito de conversar com elas. Eu não tinha direito de corrigir se tivesse errado. Então eu não tinha mais nada a perder. Então enfiei a minha vida onde meu pai queria que eu enfiasse. Dalí, muitas vezes, eu tirei dinheiro pra pagar consulta da minha mãe. Muitas vezes eu tirei dinheiro pra pagar prestação da casa do meu pai. E ele sempre aceitou dinheiro. Então sempre quando eu ligava pra ele: “Aí fia, tô precisando de dinheiro pra isso. Aí fia, tô precisando de dinheiro pra aquilo”. Eu mandava o dinheiro. Até hoje eu tenho as notas guardadas do banco. Eu mandava dinheiro pra ele [voz chorosa]. E aí ele passou a me tratar com carinho. Não aquele carinho de pai, mas aquele carinho interesseiro, sabe? “Aí, ela tá pagando as minhas contas”. E isso era

revoltante pra mim. Porque eu falava: puxa vida, tudo o que eu precisava, era que ele olhasse pra mim e falasse: “filha eu te amo”. Só precisava disso e mais nada.

A “enfermeira-progenitora” dá lugar ao velho projeto heterônomo estabelecido e outorgado pela figura paterna, agora finalmente atuado e objetivado como previsto. Mas a “enfermeira” não desaparecera totalmente; ela estivera apenas latente, à espera de um adequado instante de irrupção. Enquanto isso, ela se imiscuía por entre as ações da personagem dominante, inspirando-a o mesmo sentido de cuidado e de ajuda exercido anteriormente no hospital:

23. [...] E mesmo lá dentro era engraçado, porque muitas vezes as pessoas que iam lá, iam só pra conversar comigo. Porque apesar de tudo, eu acho que o meu mentor nunca me abandonou, sabe? Tava lá comigo. Porque muitos casamentos que estavam balançando, eu opinava. Eu falava: olha faz assim, faz assado. Manda flores para a tua esposa. Conversa com ela. Aquilo que eu queria ouvir, eu pedia que eles fizessem pra elas. E dias mais tarde, aparecia lá: “olha, eu só vim aqui te agradecer, porque você me ajudou, você fez como uma psicóloga. Eu não tinha dinheiro pra pagar um psicólogo. Você teve tempo pra mim. Eu só queria alguém pra me ouvir. Eu não queria alguém pra sexo. Eu queria alguém pra me ouvir, pra conversar comigo”. E foi assim. Sabe? Por muito tempo, por muito tempo. E aí eu fui pegando gosto. Porque eu falava: caramba, eu tô num lugar em que as pessoas vêm aqui pra isso. Mas a maioria não. A maioria quer conversar. Sabe? A maioria quer contar os seus problemas. A sua história. E fui ficando e o tempo foi passando e eu não fui percebendo. Até que um dia falei, épa! hora de parar. E aí comecei a fazer novos cursos, a planejar, eu tava planejando em comprar um terreno em Mairiporã, que eu pretendia comprar uma casa e abrir um orfanato. Que era o meu sonho de infância. E aí entra esse homem na minha vida, esse meu marido atual. E eu já estava sim, com o pé na rua, eu já estava só na gerencia, só estava gerenciando [chora]. E aí entra ele me oferecendo mil e uma coisa. Mas, ele tem setenta e quatro anos. Pra mim ele não é um marido em si. Ele representava pra mim a figura paterna. Aquele pai que eu não tive, aquele pai que me dava colo. Que conversava comigo. E aí eu fui indo. Sabe? Fui indo. [...] E aceitei a proposta dele de morar junto, tudo. [...] Quatro meses depois descubro que tava grávida. Aí entrou o desespero. Mais um filho pra criar, né. Fui em tudo quanto é Igreja, rezei pra tudo quanto é Santo, porque eu não queria uma gravidez. Mas depois acabei aceitando [...] E... foi assim uma gravidez boa, mas ao mesmo tempo perturbada, porque eu era sempre sozinha. Ele nunca tava lá comigo, então ele só ia lá pra procurar sexo e ia embora. Quer dizer: eu deixei de ser de muitos pra ser de um só [...].

A criação do “orfanato” parecia preconizar a emergência de um novo projeto de vida, extensão mais ampla da função cuidadora vista, primeiramente, na “enfermeira-progenitora”. Talvez um recurso simbólico para resgatar e elaborar a própria infância traumática, mediante o trabalho de auxílio a outras crianças. Surge, no entanto, um empecilho: um novo marido, um segundo pai reproduzindo imposições semelhantes àsquelas do passado. O conflito constante e mal resolvido com a figura paterna impede nossa entrevistada de concluir seus projetos, e a faz regredir sempre à sua primeira personagem, numa alternância cíclica e petrificante. O trauma infantil, não elaborado, parece estancar o processo de metamorfose emancipatória, dando-nos a impressão de mudanças passageiras, episódicas, que vislumbram um novo porvir, sem jamais concretizá-lo plenamente. A dependência emocional em relação aos pais remete-nos à ambiguidade de seus desejos e ações; ao mesmo tempo em que almeja liberdade e contraria, em suas atitudes, as

expectativas da presumida moral familiar, não consegue deixar, por outro lado, de recorrer aos pais quando se vê desamparada. Seu pai é, simultaneamente, seu perseguidor e seu esteio, a quem ela gostaria verdadeiramente de corresponder e ser correspondida afetivamente – como vemos na própria aceitação do projeto por ele preconizado.

23. [...] *Aí chegou uma hora que eu falei: ah não, não quero saber disso não. Peguei e fui embora para o Paraná de novo. A gente sempre volta né, pra casa do pai. E fiquei lá dois meses. Mas, é... sempre foi um patinho feio. Sempre fui/ sabe? Aquele não era o meu mundo. Aquele fanatismo da religião não era aquilo que eu queria pra mim. Sabe? Eu sempre estive procurando. Então durante todo esse meu percurso, eu sempre estive procurando por algo. E eu não sabia o que era. [...] Mas assim né, tudo isso que eu conquistei, toda essa minha busca me faltava algo. Então eu ia numa Igreja, não era aquilo. Eu ia noutra, não era aquilo. Eu ia noutra, não era aquilo. [grifo nosso]*

Libertar-se da proteção e do controle dos pais significava também, em certo sentido, libertar-se da sua religião de criação, vista como “fanatismo”. C. não consegue imaginar, entretanto, uma vida destituída de algum propósito espiritual ou religioso; continua então a procurar por “algo” que explique seus sofrimentos e preencha a angústia do não saber. Nesse interím, as experiências anômalas retornam, forçando uma resolução para a busca religiosa, e seu irmão mais velho, agora falecido, volta a persegui-la, mesmo depois de morto:

23. [...] *Aí consegui trazer minhas filha pra cá. Aí a minha do meio se envolveu com drogas. Ai eu vi tudo perdido. Não podia contar pra ninguém, não podia contar com o meu marido, ninguém sabe da minha vida passada. Ninguém sabe. E aí eu vim parar aqui nesse Centro. Só que até então, o que é que acontecia. Lá na casa onde eu moro, essa casa aí, moro há seis anos. Essa casa eu via gente andando dentro de casa. Eu às vezes tava sentada na sala, de repente descia alguém às escadas e me dava um pavor, me dava um medo. Eu não sabia o que era aquilo. E eu não sabia como lidar com essa situação.*

24. E.M: Isso aqui era em São Paulo?

25. C.: Agora aqui.

26. E.M: Agora?

27. C.: Agora, esses tempos agora. E... eu não sabia como agir, não sabia o que fazer. E sempre/ eu não sei se é por causa da infância, então eu pensava que era o meu irmão. Que meu irmão faleceu né, o...

28. E.M: Aquele que...

29. C.: *O que me violentou. Ele faleceu. Então eu achava que era ele que tava me perturbando. E rezava, e rezava, e nada e nada e nada. Eu peguei e vim pra cá. Comecei a conversar com as meninas. Ai me explicaram, que podia a minha mediunidade tava a florada, que eu ia ter que estudar, ter que trabalhar. [...] Comecei a estudar, deu uma amenizada. Mas quando chegou naquela hora assim: vamos treinar a mediunidade, eu fiquei com medo. Eu não vim. Porque teve tempos na minha vida que eu deixei de te falar, porque é muita coisa, que eu tive assim contatos assim com seres assim arrepiantes. Então eu só conhecia o lado escuro da mediunidade, eu não conhecia o lado bonito. Eu não conhecia aquele lado: ajuda teu próximo. Eu só conhecia aquele lado, eu vou te ferrar. Entendeu? Então eu tive muitos contatos assim. Que não foi bom.*

O Espiritismo se apresenta, dessa forma, como nova opção religiosa. A mediunidade ganha, aos poucos, os contornos de um projeto. Seus traumas adquirem uma causalidade espiritual definida e o desenvolvimento mediúnico se funde com uma busca por aperfeiçoamento pessoal. As

crenças espíritas parecem preencher espaços incompreendidos da sua trajetória, dando a ela o sentido de uma narrativa espiritualmente relevante, quando anteriormente tudo era perseguição e sofrimento desnecessário. Suas vivências anômalas vão sendo paulatinamente controladas e incorporadas às práticas do centro. Torna-se menos impulsiva, pondera mais ao agir, ao tomar decisões. Como diz a médium: “*eu renasci*” (sic).

31. [...]Sabe? Porque tudo o que eu via na infância, nunca tive alguém pra me explicar o que era. **O meu pai dizia que era um capeta** – o meu pai é crente, né. Disse que era um diabinho que tinha vindo pra me atormentar (risos). Entendeu? Então eu fiquei confusa, muito confusa. E aí eu decidi. Eu falei: não, eu vou trabalhar. Eu vou trabalhar, eu quero vir no sábado. Eu quero conhecer. Aquela reunião que você conheceu. E a primeira vez que eu tive um contato assim mais sério com a entidade, que a entidade falou, pediu, falou o que ela queria, tal, eu saí daqui me sentindo outra pessoa. Sabe? **Assim parece que aquilo tudo de ruim que me aconteceu durante a vida inteira, parece que, caiu no buraco. Eu renasci.** Sabe? E isso me fez um bem tremendo assim. Sabe? Tremendo mesmo. **Porque às vezes eu tô com um pensamento ruim, uma vontade de xingar alguém e parece que alguém chega pra mim assim e fala assim na minha cabeça: “você acha que isso tá certo? É certo o que você tá fazendo?” Então eu já me polício.** Sabe?

Curiosamente, ao percorrermos os relatos da participante, logo notamos que a mediunidade não é outra coisa senão uma extensão da “enfermeira-progenitora-dona-de-orfanato”. Essas personagens parecem ramificações ou evoluções de uma mesma temática básica: a temática do *cuidado*. Como vimos no capítulo 3, a mediunidade é enxergada, frequentemente, como atividade comum às mulheres. O cuidado também parece ser uma dimensão moral tipicamente feminina (Gilligan, 1982). A biografia da nossa participante sintetiza, desse modo, parte do percurso histórico mais amplo das mulheres. Como diria Ciampa, a identidade reconstitui o movimento do social. E o movimento do social é, essencialmente falando, a História. As particularidades individuais reproduzem as particularidades universais. O mesmo se dá com relação ao Espiritismo. Vimos no capítulo 2 como a inserção dessa doutrina no Brasil foi profundamente marcada por trocas simbólicas com o ideal caritativo do Catolicismo nacional. E vimos ainda como o Espiritismo foi duramente combatido pela classe médica em vista da acusação de exercício ilegal da Medicina, frente ao emprego dos receituários mediúnicos, das cirurgias espirituais etc. Mais à frente, no capítulo 8, veremos como vários dos participantes associaram o centro espírita a um hospital, a um local de tratamento dos espíritos, onde a figura do famoso médico Bezerra de Menezes constitui referência básica. Tais relações frequentes não nos parecem fortuitas e casuais; elas são respostas individuais e coletivas, mais ou menos implícitas, a conflitos ou pontos nevrálgicos da trajetória do Espiritismo. Ao ressignificar sua própria biografia, nossa entrevistada se insere, destarte, num movimento maior de resposta sócio-histórica, do qual não se apercebe, mas

que ajuda a determinar a construção da sua narrativa pessoal, das associações mentais que estabelece e dos papéis que adquire no contexto espírita.

37. [...] *Eu gosto, eu venho, quando/ cada vez que eu dou assim a passividade pra uma entidade, quando eu volto pra casa, eu volto parecendo que eu acabei de entregar o plantão do hospital e que eu estou voltando pra casa; eu me sinto uma enfermeira. A enfermeira de almas. Eu nasci pra ser enfermeira; não pude, então.../ Sabe? Então eu me sinto assim; eu volto pra casa me sentindo feliz. Sabe? Eu fiz aquilo que era pra ser feito. Acho que se eu tivesse trabalhado esse meu lado mediúnico logo na minha infância, na minha adolescência, eu teria evitado muita coisa na minha vida. Entendeu? Muita coisa que eu não consegui evitar em decorrência – eu acredito – em decorrência disso daí. Sabe? Meu marido, imagina, eu sou casada com um ateu. Que não acredita. O primeiro contato assim, muito sério que eu tive com umas entidades, foram na minha casa, aproximadamente dois anos. Eu passei três noites sem dormir porque eu tinha medo né. Eu fui educada pra ter medo do capeta né. Então as entidades na minha cabeça eram o capeta. E eu fui educada pra isso. Então é difícil você ser educada pra uma coisa e você de repente sair pra outra. [...]* [grifo nosso]

A religião constitui, talvez, um dos únicos campos em que a médium efetivamente conseguiu se desvencilhar do jugo familiar e estabelecer escolhas mais maduras e consistentes. Sua vinculação com a mediunidade parece estar durando mais tempo que outros de seus projetos malsucedidos. De um ponto de vista psicológico, a recusa ao protestantismo marca uma ruptura simbólica com o pai e com o poder autoritário por este exercido. Mas, como provavelmente percebeu o leitor, C. praticamente não fala da mãe durante toda a sua narrativa. Enquanto seu pai desponta como figura proeminente e repetitiva, sua mãe é quase esquecida. É no centro espírita, contudo, que ela encontrará alguém capaz de assumir, em parte, funções próximas da figura materna – tida como “neutra e submissa” (C., 75) na sua infância. Isso talvez explique, inclusive, sua difícil relação com as filhas; sem um adequado referencial materno, e emocionalmente enredada nas figuras parentais, nossa entrevistada teve dificuldade, por anos a fio, em assumir o papel de mãe, função que ela busca agora retomar com a filha do último casamento. A participação no centro ajuda a resgatar, por sua vez, uma dimensão pouco explorada em seu discurso.

37. [...] *Ai eu liguei pra L. que é a única que sabe da história da minha vida. É uma senhora que é minha mãezona, e ela é dirigente às quartas feiras à tarde. Até se você quiser/ ela diz que não tem mediunidade. E ela falou pra mim: “C., vai pro Centro, vai estudar, C., essa mediunidade tá aflorada. Vai estudar”. Sabe? Ela foi me aconselhando, me pondo devagarzinho na linha, fazendo papel de mãe, mostrando o caminho que eu tinha que seguir de verdade. Sabe? Até eu chegar até aqui.*

[...]

77. [...] *Olha, hoje, as relações com as minhas filhas, são boas. Mas antes não eram muito não. É por causa da rebeldia, né? Eu fui uma adolescente muito assim, presa. Eu fui criada fora do mundo. Então eu não sabia, eu não tinha base pra lidar com as minhas filhas. Sabe? Eu não tinha base pra lidar com elas. Eu, não... foram assim umas meninas revoltadas. Mas depois tudo se encaixou, cada uma casou. Sempre tá na minha casa. Quando eu posso, eu vou visitar elas. Que eu não sou muito de ir na casa não. Entendeu? Não me envolvo na vida pessoal delas, porque eu acho que a boa sogra não se mete na vida dos genros. Né? Quando elas estão com problemas, sempre tento mostra o caminho certo. Sempre tento mostrar o que elas têm que fazer pra dar certo. Aquilo que eu acho que*

tá certo, né? E... mas somos amigas. **Agora, a minha pequeninha, a minha pequeninha é o meu tudo.** Não que as outras não sejam, né? É que as outras são de uma etapa da vida.

78. E.M: Diferente.

79. C.: É. E ela é de outra etapa. As outras eu não pude criar. Ficaram com a minha mãe. Eu trouxe depois. A pequeninha não. A pequeninha se você me fizer chorar ela chora junto [risos]. **Então você vê o quanto ela é a minha metade, sabe? [grifo nosso]**

Mas o aspecto decisivo da conversão de C. ao Espiritismo, segundo ela mesma, dá-se com a manifestação mediúnica, por meio da própria entrevistada, do irmão falecido que a violentara no passado. A versão espiritual deste, em contrapartida, retorna pedindo-lhe perdão, mostrando-se redimido e moralmente transformado. Pelo que podemos especular do relato emocionado da médium, agora feliz em rever seu irmão sob outra roupagem, essa manifestação lhe servira, possivelmente, como um poderoso recurso de *coping*, de modo a elaborar psicologicamente seu antigo trauma, bem como a perda do irmão. Mas não só este como outro membro da família, um dos tios da entrevistada, volta por meio dela para trazer suas mensagens. Os mortos familiares ainda vivem dentro dela. A mediunidade permite elaborar o luto; elaborar o morto dentro de si; elaborar o passado, a ausência; lidar, de algum modo, com a difícil questão da morte. Não seria essa uma das principais características do Espiritismo como religião: *a elaboração afetiva dos que se foram?*

37. [...] Esse meu irmão que me prejudicou na infância, ele já veio aqui. Eu fui a um Centro há muito tempo atrás pra saber notícias dele e não conseguia. “**Aí falaram pra mim: olha, ele tá num lugar muito ruim, ele tá com muito ódio.**”. E conforme foram falando, eu fui vendo ele. Sabe? E quando ela foi narrando, foi tecendo um filme aqui dentro da minha cabeça, eu fui vendo ele agachado, no chão, assim, com uma calça escura, uma camisa clara, mas toda em farrapos. **E a partir daí eu comecei a fazer preces pra ele, que eu o perdoava pelo o que ele me fez. Porque eu resgatei um débito. Eu devo ter feito isso com alguém [em outras vidas] por isso passei por todas essas coisas, né.** E que eu o perdoava, que eu liberava desse castigo. E há pouco tempo atrás ele veio aqui. Durante três reuniões ele vinha, ele falava comigo, assim só em pensamento. “**A que eu mais prejudiquei é a única que me ajuda.**”. **Os meus pais, por serem evangélico, não rezam pelos mortos, né. E eu tô sempre pedindo por ele. Sempre pedindo.** Então as três primeiras vezes, ele veio falando, falando, falando, comigo.

38.E.M: Mas ele chegou a se manifestar por você ou não?

39. C.: Ele se manifestou por mim.

43. [...]Então esse meu irmão ele já se manifestou, ele chorou muito, chorou muito, chorou muito, chorou muito. Ele só chorava. Ai ele falou o que tinha que falar. Mas ele/tenho certeza que ele foi socorrido, porque a gente sente. Eu não sei se você tem mediunidade. Você é de família espírita, né?

44. E.M: Eu sou, mas não tenho.

45. C.: Entendeu? Mas a gente sente, porque é assim. Eu sonhei com o meu irmão – acho que a semana passada – e ele falava pra mim: “**mana, eu estou bem agora. E você vai ficar bem.**”. Sabe? Eu acordei e estava conversando com ele. **Eu não tive medo dele, como das outras vezes, que ele se aproximava e eu tinha medo.** Cê entendeu? Esse meu irmão ele aparece, um outro/ olha só. Meu tio faleceu, eu tinha 6 pra 7anos anos. Faleceu de câncer. Até então a família esqueceu, não lembra mais desse meu tio. E a semana retrasada, há uns quinze dias atrás, ele veio, sabe? Então ele narrou o seguinte: eu... “eu estava na fila”, né, e ele disse assim: “**ela faz prece pra todo o mundo, que tá do lado de cá. E aí eu entrei na fila e aí chegou a minha vez e eu vim.**”. Então ele/ tá escrito lá, eu não consigo lembrar tudo o que ele disse né. “Que todos me esqueceram, todos me

esqueceram. E foi preciso ela vir, né, aprender, pra me ajudar, que tô do lado de cá”. Olha que bonito. O bonito da mediunidade. Você saber que você ajudou alguém que você nem se lembra quem é, né. Então isso aí é uma coisa boa. Isso aí da mediunidade é uma coisa muito linda.

Mas se a identidade é metamorfose, então aquilo que num dado momento é emancipação e crescimento, em outro, tende a se tornar mera cristalização, expressão da *identidade-mito* de que nos fala Ciampa. Estagnação e emancipação mostram-se, destarte, como os pólos de uma relação dialética infinda. Se a mediunidade é inicialmente ressignificação, ela pode se apresentar depois como forma repetida de alienação ou mesmice. Quanto mais o indivíduo necessitar dela para sua própria estabilidade emocional, mais sua identificação com a doutrina será reforçada e o impedirá de visualizar outras perspectivas de vida. Para C., a mediunidade é ainda um modo de ser importante e confortador, do qual ela tem dificuldade em se desvincular. Não obstante, ela chega a oferecer indícios de uma compressão mais profunda, talvez um breve *insight* quanto à sua própria condição no mundo: o mais importante mesmo (quer seja dentro da mediunidade ou não) é *ajudar*, é cuidar dos outros.

100. E.M.: *É. Você... essa é uma pergunta que eu queria te fazer, né, eu faço pra todos os médiuns. Se um dia você deixasse a sua mediunidade/ vamos supor que por algum motivo você fale: “olha, eu não vou mais trabalhar, não vou vir mais pro centro”. Como é que você acha que seria a sua vida?*

101. C.: *Atormentada como foi no passado.*

102. E.M.: *Você voltaria ao que era antes?*

103. C.: *Não, eu não voltaria a passar naquele lugar. Isso não. Porque lá foi um aprendizado. Eu tinha que estar lá, pra ensinar alguma coisa e para aprender alguma coisa. Mas eu acho que voltaria a... o sofrimento, as dores, o mau humor. Aquele sentimento de rejeição... Aquele sentimento: ninguém me ama ninguém me quer. Sabe? Até por que eu tenho uma história que diz tudo isso, né? Então de repente eu deixo algo que me faz feliz, como é que eu vou me sentir? Infeliz não é? Se você deixa de fazer algo que você tá feliz; ah! Não vou mais fazer. Você vai ficar infeliz. Entendeu? Se eu tivesse que deixar por algum motivo, eu com certeza estaria infeliz. Ou então eu ia trabalhar num hospital nem que fosse de voluntária. Talvez eu ficaria feliz assim. O que me faz feliz é ajudar os outros. Se eu não posso ajudar os vivos, deixa eu ajudar os mortos, né? [risos].*

[...]

137. C.: *Foi aquela coisa assim: ajudar, conseguir ajudar um ser que tá lá do outro lado. Isso é divino. Sabe? Um ser que você não pode pegar? É divino. Um ser que você não pode olhar com o olho da carne. Mas que você sabe que tá ali. Cê já assistiu [o filme] “A cidade dos anjos”?*

138. E.M.: *Já, já assisti.*

139. C.: *Tem aquela parte que o homem fala assim: “eu sei que você/ eu não te conheço, eu não te vejo, mas eu sei que você está aí”. É mais ou menos parecido. Entendeu? Então eu abracei a causa pelo trabalho em si.*

Num primeiro momento, a identidade de C. estava mais próxima de uma *identidade natural*: sofria com “crises nervosas”, “desmaios” etc. para os quais não tinha uma explicação ou um meio de controle satisfatório; nesse sentido, as carências, necessidades e manifestações impulsivas ainda não haviam sido suficientemente interpretadas e abarcadas pela cultura

(Habermas, 1976/1990). Durante a maior parte de sua vida, ela busca uma identidade estável no mundo, busca ser mais amplamente reconhecida como humana. Novas possibilidades de vida se apresentam, mas são logo frustradas e novamente substituídas pela condição alienante e heterônoma da subjugação / exploração sexual. Arriscamos dizer que é só com sua conversão ao Espiritismo e com a assunção do papel de médium ou “*enfermeira das almas*” que ela consegue finalmente atingir, de modo satisfatório em termos sociais, uma *identidade de papel*. Resta a pergunta: estaria ela em vias de alcançar uma *identidade do eu, pós-convencional*? Infelizmente, nossos dados são insuficientes nesse caso e não permitem responder a pergunta. Quanto aos demais participantes... Deixemos essa questão para mais adiante.

7.1 A conversão ao Espiritismo

Tendo ilustrado, com uma análise individual, as características gerais da *mediunidade como projeto de vida*, passemos então aos seus pormenores. O primeiro aspecto a ser considerado diz respeito ao período que vai da infância dos participantes até sua conversão ao Espiritismo. Como vimos no capítulo seis, é preciso dividir essas pessoas em dois grupos: 1) aquelas que já nasceram em uma família espírita e 2) aquelas que só conheceram o Espiritismo mais tarde. Novamente, entretanto, tal distinção esconde detalhes importantes. Apesar de alguns dos participantes terem nascido em famílias espíritas (fato indubitavelmente crucial para a compreensão desses casos) isso não significa, contudo, que tenham assimilado a doutrina, desde sempre, da mesma maneira. No caso E.O, a entrevistada reconhece ter se interessado mais assiduamente pelo Espiritismo (e desenvolvido sua mediunidade) somente na vida adulta – conquanto desde a infância tivesse experiências interpretadas pela família como mediúnicas. E.O também veio a manifestar depois certo interesse pela Umbanda, mesmo continuando espírita (cf. E.O, 584-594). No caso E., por outro lado, notamos uma firme manutenção e continuidade das crenças aprendidas na infância em períodos subsequentes de sua vida – talvez por conta da participação constante em grupos de estudo e reuniões espíritas, em todas estas diferentes etapas: infância, adolescência, vida adulta. De qualquer modo, gostaríamos de frisar que a socialização primária no Espiritismo, embora fundamental para a elucidação dos casos mencionados, pode não constituir um fator sempre homogêneo e decisivo ao longo da história de vida. O próprio E, como veremos, enfrentara

frustrações e crises importantes quanto à sua identidade espírita em dados momentos de sua trajetória.

No que tange ao segundo grupo, isto é, àqueles que só mais tarde conheceram ou se aprofundaram no Espiritismo observamos, em geral, não uma busca transição de um credo para outro ou de uma condição indefinida para a assunção de um conjunto particular de crenças, mas muito mais a persistência e consequente adaptação das crenças e perspectivas anteriores ao sistema de crença espírita. A não ser no caso do Protestantismo – cujas trocas com o Espiritismo são bem menos nítidas no discurso dos entrevistados – a passagem de uma religião ou condição x ou y para a religião atual (espírita) mostra-se bastante fluida e sincrética, não somente em um ou outro caso esparso, mas em praticamente todos os casos do segundo grupo. Dentre essas relações fluidas, a que mais se destaca é a do Espiritismo com o Catolicismo.

O quadro 7, abaixo, inclui um apanhado das principais influências religiosas a que foram submetidos os participantes. Alguns desses indivíduos não foram socializados em nenhuma religião particular; mesmo assim, acabaram por receber de familiares próximos, amigos ou outras pessoas de seu convívio algum estímulo para conhecerem ou participarem de determinados contextos religiosos, os quais visitaram por algum tempo sem que estabelecessem, contudo, vínculos identitários mais estreitos. É o caso de N., que tendo crescido sem receber uma formação religiosa específica, foi batizada, não obstante, na igreja católica. Logo nos primeiros anos de infância, C.R. (39) foi colocada no catecismo, mas a contragosto. Em pouco tempo deixara de frequentar a igreja, de modo que suas lembranças a respeito são bastante limitadas.

Embora tenha assiduamente frequentado o Catolicismo quando jovem, tendo também formado seus filhos na mesma religião, V. não se sentia “preenchida” na fé em que foi educada:

52. [...] Então, aí freqüentava, tudo, mas assim: tenho meus filhos, que direionei também na igreja católica. Fizeram, é... primeira comunhão. Tanto que o meu filho ficou dois anos na primeira comunhão, freqüentava com ele, fui convidada pra ser catequista, porque eu frequentava. Só que era uma coisa assim vazia. Eu aprendia muito, lógico, mas era uma coisa que não me trazia assim/ não preenchia, entendeu?

V. transitou ainda por outros locais como a Igreja Messiânica e a Perfect Liberty, sem nutrir maiores e duradouros laços afetivos com os mesmos. Não se pode dizer, assim, que a transição realizada por ela em direção ao Espiritismo constituiu profunda modificação em sua visão de mundo, uma drástica desconversão religiosa. As coisas se passam, nos casos estudados, de modo muito mais maleável e negociável. A prática do Johrei se integra, de certo modo, ao passe espírita – como no caso S. (cf. 91-95): “Mas é tudo ligação, negócio de Budismo, Messiânica, sei lá, eu acho que é tudo igual, né”. Os santos e outras figuras do Catolicismo permanecem se manifestando e

interagindo com aqueles que se iniciaram na igreja católica ou dela receberam influências – a exemplo da freira de I.Z. As entidades espirituais da Umbanda são mescladas a outras ou diretamente transportadas ao contexto espírita, sem maiores contradições para o indivíduo – como o espírito João Luiz de C., o preto velho de C.A.B (cf. 42) e E.O (cf. 584-594) e a identificação que I.Z faz de uma visão sua na infância com a figura de Iemanjá (cf. 1). Não há, nesse sentido, estrita desconversão religiosa, mas apropriação “nômade” das crenças oriundas de diversas fontes das quais beberam os entrevistados ao longo de suas trajetórias. Ao invés de abandonarem seus referenciais anteriores, os médiuns carregam consigo parte dessas contribuições e as fusionam com as perspectivas recém adquiridas. Algo parecido foi observado por Paiva (2004) com adeptos do Catolicismo que se converteram depois à Perfect Liberty e a Seicho-no-iê.

Participantes	Religião de criação	Outras influências religiosas
V.	Catolicismo	Messiânica Perfect Liberty
M.J	Umbanda	Catolicismo
A.M	Catolicismo	-
C.A.B	Catolicismo	“Evangélica” Umbanda
E.O	Espiritismo	Umbanda
E.	Espiritismo	-
N.	-	Catolicismo
C.	“Evangélica”	Candomblé
I.Z	Metodista	Catolicismo
S.	Catolicismo	Umbanda Candomblé Messiânica Seicho-no-ie
C.R	-	Catolicismo

Quadro 7. Adesões religiosas anteriores (ou complementares) ao Espiritismo.

Vejamos outros exemplos pertinentes. Quando começou seus cursos mediúnicos no centro Ismael, S. sentia falta de suas práticas e crenças católicas, e apresentara dificuldades em se desvencilhar delas para se adaptar ao novo contexto religioso. Resolve estabelecer então um acordo com as pessoas do centro:

87. S: Então eu comentei isso aí dos desmaios que eu tinha, tudo, e eles falaram assim: “S, que tal você fazer um curso mediúnico? É uma escola, sabe/ porque é o seguinte, a sua mediunidade – isso aí já foi em 99 – a sua mediunidade ta muito aflorada, muito, muito. E se você continuar assim, você pode ter um desgaste físico muito grande”. Porque já com a minha epilepsia, e já com os espíritos em cima de mim, ia me detonar. [...] **Só que tem um porém, hein. Eu sou católica, mas, eu não quero deixar minha nossa senhora Aparecida, eu não quero deixar os meus santos. Agora, se deixar, eu vou embora daqui.**

Tal como no caso C., em que o projeto de “médium” não era senão uma ligeira modificação da “enfermeira-progenitora”, no caso S. a “médium” foi praticamente uma variação da proposta original de ser “freira”, sugerida por pessoas da própria igreja. Mais uma vez, identificamos o ideal de *cuidadora* como extensão do papel de médium:

276. S: *Então, eu me apegava demais porque.../ Nossa senhora da Aparecida, Nossa Senhora de Fátima, né, Nossa Senhora das Neves. A igreja que eu freqüentava/ tanto é que as irmãs sempre falava: “S, cê tem, cê tem um dom muito grande; vou levar você com nós lá no Capão da Canoa, Rio Grande do Sul.” Eu falei: não, cê não vai levar não, porque eu não tenho esse dom, né. Tanto é que as crianças me procuravam pra ajudar; só que eu falava que eu não era uma psicóloga. Era muita gente com problema igual o meu; com pai que bebia, né. Então, aquela fé que eu tinha de querer, sabe, agarrar o mundo todo pra mim – as pessoas e tudo – então até hoje eu ainda sinto isso dentro de mim, né. Então quê que eu fiz; me veio na cabeça: S, cê tem muitos problemas pra resolver, tem muita gente pedindo socorro de família, só que você não é poderosa, então você vai ter que curar alguma coisa em você. Cura teu espírito primeiro.*

O relato dos participantes parece corroborar, dessa forma, aquilo que os antropólogos já haviam constatado a respeito das origens do Espiritismo no Brasil: suas profundas interações com o Catolicismo popular, aspecto ainda bastante presente na formação da identidade espírita. Sendo assim, em nada estranhamos que uma participante do centro, conhecida de S. e inicialmente disposta a seguir a vocação de freira, tenha desistido de seu objetivo após cursar algumas aulas de mediunidade no centro Ismael (cf. S., 95). Destino idêntico foi tomado pela irmã de M.J, que após dez anos em um convento, abandonara seu caminho no Catolicismo para se tornar espírita (cf. 119-128).

Outro exemplo elucidativo e marcante nos é fornecido pelo médium C.A.B. Ainda muito novo, ele desejava se preparar para um dia ser padre. Adorava frequentar a igreja; dizia-se verdadeiro “*rato de sacristia*” (cf. 42). Contudo, suas singelas e infantis intenções vieram a ser duramente frustradas em razão de normas que não podia alterar ou vencer por si só:

2. C.A.B: *Bom, eu... nasci no dia 27 de janeiro de 1945, na cidade de Garça, no interior de São Paulo. Uma cidade que fica entre Marília e Bauru. E... cresci como todos os garotos do interior. Meu pai abandonou minha mãe, eu não tinha nem um ano de idade. E a minha mãe foi trabalhar em consultório de médico, e... o meu irmão – depois de uma certa idade – o meu avô colocou ele num colégio e ele foi criado praticamente com meu avô, pai do meu pai. E eu e a minha irmã fomos criados com a minha mãe. Estudei, normalmente, o primário, aí depois a minha vontade era ser padre. Escrevi pro colégio lá de Aparecida dos Redentores; segundo a minha mãe, eles disseram que eu não poderia ser padre pelo caso dos pais serem separados. Um dia na escola, um irmão laçalista apareceu no colégio e perguntou quem queria ir pro seminário, pra ser padre e irmão lassalista. Quem queria trabalhar na catequese de na... lá na Amazônia e em outros estados, Mato Grosso, isso e aquilo. Então eu levantei a minha mão, aí o irmão foi lá, convenceu a minha mãe, a minha mãe... concordou de eu ficar um ano, né, e eu fui pro colégio ser padre. Depois de um ano, voltei pra casa com a condição de não voltar mais pro colégio porque meus pais, como eram separados, e não voltaram, então disse que não podia, a igreja não permitia filhos de pais separados. Então isso me revoltou e abandonei*

a igreja e comecei a procurar em outras igrejas, né, evangélicas, mas não encontrei.
[grifo nosso]

A revolta em relação à igreja era também uma revolta em relação ao pai. C.A.B. jamais quis conhecê-lo pessoalmente e, tempos depois, ao ter a oportunidade, recusara veementemente um convite paterno para com o mesmo iniciar um relacionamento. Fora do Catolicismo, C.A.B. inicia a busca por novas adesões de fé. Após tentativas em igrejas “evangélicas” e centros de Umbanda, sua conversão ao Espiritismo se dá pela leitura de um importante livro espírita, talvez o maior meio de divulgação e propagação da doutrina:

4. C.A.B: [...] *O primeiro livro que eu li da doutrina [espírita] foi o Livro dos Espíritos. Até tinha uma namorada em Lucélia e fui lá pra conhecer a família dela, fui de trem, porque naquela época existia trem de longo percurso. E na viagem, durante a viagem, eu fui lendo o Livro dos Espíritos. Lia a pergunta, fechava o livro pra saber/ pra imaginar a resposta, e quando eu abria o livro, via que a resposta era aquilo que eu tinha imaginado. Então, foi um livro assim que...* [nesse momento, uma passante interrompe brevemente a entrevista para pedir informações sobre um endereço. Após isso, a entrevista é retomada]. *Então, me apaixonei pelo Livro dos Espíritos, era aquilo que eu estava procurando, e no Catolicismo, nem na Igreja Protestante ou qualquer uma evangélica eu iria encontrar. Apesar de não ter me dado bem nessas outras igrejas, pelo sistema.* [grifo nosso]

C.A.B. parecia assim ter definitivamente findado suas relações com o Catolicismo e iniciado uma nova fase religiosa na sua vida. Isso de fato se deu; todavia, não da forma linear e insensível frente ao passado como poderíamos supor. C.A.B. carregou consigo, na verdade, muito daquilo que aprendeu em contextos anteriores, tendo jamais se desfeito completamente de algumas das crenças previamente adquiridas. Seus mentores espirituais nos dão um belo exemplo dessa constatação, e nos mostram como ele pôde manter vivas, sob determinado aspecto, as figuras católicas nas quais se baseou desde sua mais tenra infância:

35. E.M: *No caso, por exemplo, é... nas reuniões de doutrinação – pelo menos as que eu assisti – às vezes se comunica pelo senhor um mentor que inclusive o seu Z. comentou que tem nome de bom senhor, é isso?*

36. C.A.B: *Monsenhor Hans.*

37. E.M: *Monsenhor Hans?*

38. C.A.B: *Hans (risos), é alemão.*

39. E.M: *É monsenhor, né, eu pensei que era bom senhor.*

40. C.A.B: *Monsenhor. É, que tem o monsenhor, tem o cônego, o padre, o monsenhor, o cônego, depois vem o bispo, o arcebispo...*

41. E.M: *O senhor tem contato com ele, já viu a história dele?*

42. C.A.B: *Olha, ele já foi visto esse padre. O preto-velho também que dá mensagem por meu intermédio, já foi visto; o padre já foi visto por médiuns, e... e não foi só um médium que viu, muitos médiuns eles descreveram o mesmo padre, o mesmo preto-velho. Esse preto-velho me acompanha há muitos anos, desde quando eu morava no interior, que eu estive na Umbanda; passei também pela Umbanda antes de seguir o Kardecismo, e... e também a minha ligação não só com esse, mas tem os outros padres, né, o padre Donizete, e o padre Módina, Módina. E eu tenho muita ligação com padre por ter sido padre também né, e ter vivido lá, na época de Cristo também [em outra encarnação], né. Lá eu não fui muito amigo dele não, mas agora hoje a minha vida é toda orientada nos ensinamentos de Jesus, quem vive em mim é Jesus, agora respiro Jesus, e pra mim a*

coisa mais importante é trabalhar, ser um trabalhador de Jesus, ser discípulo de Jesus. Essa é a coisa mais importante, e também quando eu era criança, molequinho, como eu falei, eu fui da cruzada infantil, fui... congregado Mariano, fui coroinha. Fui um rato de sacristia, rato de igreja, como falam. E a minha mãe me dedicou a ser filho de Maria, e graças a Deus sempre tive proteção de Maria de Nazaré, mãe de Jesus, nossa mãe espiritual. Tive provas de que ela está sempre me ajudando, e muitos espíritos que trabalham na equipe dela me falaram tudo isso aí também. Diz que eu sou um trabalhador da equipe dela. Todos nós poderemos ser, né. Quem quer ser trabalhador aqui e lá no plano espiritual vai trabalhar ou na equipe dela, ou na equipe de outro, mas sempre sob a orientação dela e de Jesus. Que a nossa vida se resume ao nosso mestre Jesus, né, que é o nosso governador desse sistema solar, desse planeta, é o orientador. Ele mesmo falou que ele é o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao pai senão por ele. Então, logo, nós temos que pedir tudo ao pai, em nome dele, e agradecer mais o que a gente pede, amar mais do que a gente é amado. É assim que a gente deve viver. E a orientação da parte de padre, de preto-velho, tenho muito. Tenho muita ajuda, confio muito neles, que eles são meus protetores, então eu tô ligado muito a essa linha do plano espiritual. Percebo quando.../ às vezes, quando eles não dão mensagem eles me falam muita coisa. [grifo nosso]

Mas se a conversão ao Espiritismo se faz acompanhar de uma série de movimentos sincréticos e adaptativos em relação a adesões anteriores, isso não significa que não ocorram também rivalidades entre essas diferentes opções religiosas. *O discurso dos médiuns é, sob esse aspecto, um misto de complementaridade e confronto, respeito e ressentimento frente às tradições e práticas religiosas que precederam o Espiritismo em suas trajetórias.* Acreditamos que muito dessa rivalidade se explica em função de aspectos ideológicos e sócio-históricos mais amplos – retornaremos a essa questão no capítulo 9.

Ainda assim, de qualquer modo, permanece a questão: por que os entrevistados escolheram o Espiritismo em detrimento de outras possibilidades de fé, uma vez que parte das crenças anteriores foi incorporada à doutrina que dizem abraçar agora? Em outras palavras, qual o elemento diferencial do Espiritismo para essas pessoas, os motivos que fizeram com que o escolhessem ao invés de outras religiões semelhantemente disponíveis? Não há, certamente, uma resposta única para essa indagação, e estamos limitados a simplesmente reunir as muitas possibilidades explicativas, com base nos relatos dos próprios participantes, ou a levantar certas inferências meramente especulativas a serem futuramente investigadas. É interessante observar como tal pergunta só faz sentido em um mundo plural e globalizado como o nosso; um mundo em que as possibilidades de escolha são extremamente variadas, e onde nenhuma religião goza do poder ideológico ou político necessário para se fazer impor frente a outras escolhas de fé. Essa constatação é, ao mesmo tempo, uma resposta para a pergunta acima, no sentido de que talvez não haja efetivamente um padrão, mas *excesso* de fatores possíveis para se explicar a escolha que as pessoas fazem por certas religiões e não por outras. Em um *mundo líquido* (Bauman, 2007), onde alguns escolhem suas religiões quase da mesma forma que se escolhem outros produtos à venda em

um mercado, pode não haver, de fato, uma razão muito particular para se valorizar uma fé a despeito de outras. É difícil saber, por outro lado, até que ponto o sincretismo observado em nossos casos se deve a uma característica da cultura brasileira, e até que ponto retrata o mundo líquido descrito por Bauman. Com o passar do tempo, nossos critérios de diferenciação vão se tornando, aliás, cada vez menos óbvios e precisos, face à tendência de crescente homogeneização cultural. Por ora, o máximo que podemos dizer, portanto, é que conseguimos identificar padrões *específicos* dos participantes *desta* pesquisa. Antes de tudo, cumpre lembrar que as hipóteses abaixo poderão se encaixar melhor em alguns casos, mais do que em outros, e que nenhuma delas daria conta sozinha da complexidade envolvida nos processos de conversão religiosa. Vejamos separadamente cada um desses potenciais fatores:

1) Busca por autonomia e auto-afirmação frente às figuras parentais: Em estudo anterior (Maraldi, 2008) verificamos que a adesão inicial das duas entrevistadas (I.N e E.D.E) à religião católica, embora viesse acompanhada de alguma inserção social, não parecia, entretanto, ter constituído uma entrega fidedigna e duradoura às crenças religiosas ali apregoadas. Tratava-se bem mais de uma atitude de respeito frente a uma prática tradicionalmente sancionada por suas famílias, a qual, todavia, não parecia satisfazê-las em suas necessidades explicativas e emocionais. Vimos também como o processo de conversão ao Espiritismo estava a serviço de um projeto de autonomia e auto-afirmação frente ao contexto familiar, em que as entrevistadas visavam se libertar de concepções autoritárias, negativas e estigmatizantes acerca de suas experiências, perpetradas de um modo ou de outro por familiares ou representantes da religião católica próximos às médiuns. Desse modo, a escolha pelo Espiritismo poderia ser interpretada, em parte, como advinda da procura por libertação frente aos pais, por valores e crenças mais maleáveis e vistas como menos opressoras diante da educação religiosa mais rígida recebida inicialmente por esses indivíduos – independentemente aqui os conteúdos religiosos em si (quer católicos, quer protestantes etc.), sendo muito mais importante a representação que tais conteúdos assumem para o indivíduo.

A hipótese acima parece se aplicar bem, sobretudo, nos casos C., A.M e M.J. Como visto em relação à participante C., a negação do Protestantismo acompanhava igualmente a contrariação de proibições impostas por seu pai. Por sua vez, sentia que suas experiências anômalas não eram devidamente aceitas ou abarcadas pelas crenças familiares – ancoradas numa suposta intervenção do demônio. Com sua inserção no Espiritismo, ela não apenas encontra recursos para elaborar e aceitar tais vivências, como para enfrentar os valores e expectativas parentais.

Situação semelhante ocorrera com a médium M.J. Frequentemente definida pelos familiares – e principalmente por sua mãe e sua irmã – como “louca” e “macumbeira”, ora era conduzida para hospitais e hospícios, ora para o centro de Umbanda que frequentava seu pai:

2. M.J: Tá. Assim, eu sempre lembro de mim vendo coisas, vendo pessoas, né. Então isso começou muito cedo, teve uma época que eu via bicho, e aí eu sempre fiquei muito doente por conta disso e... um levava pra benzer, outro levava pro hospital, o outro levava pro hospício, e assim cê vai indo. Já quiseram me internar por loucura... aí meu Pai me levou num centro de umbanda, só que eu sempre tive muito medo, porque eu chegava lá e eu via as coisas, então isso me dava muito medo né, aqueles batuque, aquelas rotação lá, eu não conseguia entender muito bem pra quê que era. Aí a gente foi indo, foi, passou quase toda adolescência assim depois eu casei e ainda continuava vendo as coisas ainda. **Não conhecia a doutrina [espírita], não sabia que tinha um outro lado da coisa.** Aí minha irmã começou a freqüentar aqui, ela fez os quatro anos de estudo, tal e eu sempre vendo as coisas só que ela sempre também me criticando né. Que eu era macumbeira (risos), que eu era bruxa, essas coisas assim né. Por que você fala assim: ah! eu to vendo uma pessoa do seu lado, aí a pessoa fala assim: “ann! credo!” né, se assusta. Mas às vezes não é uma pessoa ruim, às vezes é uma pessoa boa, nem tudo é ruim na vida, né? [grifo nosso]

Como veremos mais detalhadamente no próximo tópico, a participação no centro espírita auxiliara M.J a controlar suas experiências e a ressignificar seu passado doloroso, modificando inclusive a qualidade de suas relações familiares. Ao contrário de uma imposição externa, sua adesão à doutrina espírita ocorrera espontaneamente, logo após conhecer o centro Ismael na procura de ajuda para sua filha (e provavelmente para si mesma...).

No caso A.M, o sonho de liberdade é mais uma vez observado. Reprimida durante a infância por uma educação conservadora e, tempos depois, por um casamento igualmente limitador, A.M anseia por autonomia; autonomia essa almejada não somente em relação à sua vida familiar e conjugal, mas também frente às suas opções religiosas. Note o leitor como a relação com as figuras parentais – e particularmente com sua mãe – parece delinear os processos de conversão e desconversão religiosa, a ponto de a entrevistada identificar sua mãe com uma importante figura do imaginário católico:

2. [...]Eu.../ foi um casamento muito difícil, né, e com quarenta e três anos, eu me separei. Aí, na verdade, eu comecei a viver, porque aí que eu fui fazer as coisas que eu sempre quis fazer. Então eu fui criada daquele jeito assim, sabe? Foi muito difícil porque eu fui criada pra obedecer. E eu não sou um espírito obediente, de jeito nenhum (risos). Eu não sou. Então depois que eu separei que eu fui estudar, eu fui fazer/ estudar inclusive a profissão que eu sempre quis; o marido não concordava de jeito nenhum. Enfim, depois que eu me separei já, com cinquenta anos, que eu fui ver que, sem perceber, eu fiz todas as coisas que eu queria fazer desde jovem, entendeu? E agora eu penso, quando eu olho pra trás, eu vejo, eu tenho muitas coisas boas, né. Tive muitas/ fui feliz em várias fases da minha vida. E muitas outras fui bastante difícil, tal, mas se alguém me perguntar se eu sou mais feliz hoje do que ontem, eu digo que sou mais feliz hoje.
[...]

8. A.M: Os pais não tinham condições, né, de dar atenção pra gente, essas coisas, e/ só que naquela época a gente não sentia isso; a gente percebe depois. Mas sempre, logicamente né, é mesclado o bom com um lado difícil. **E o meu maior problema interior, mesmo, sempre foi com a minha mãe. E o Espiritismo me ajudou muito nisso.** Ao longo

do tempo, né. **Porque eu sentia uma certa culpa, porque eu não sentia a minha mãe do jeito que a igreja católica me ensinava.** Sabe, de você ver a minha como aquela Nossa Senhora que você vê. Que no fundo eu amava, entendeu? Eu tinha uma fé, quando eu era criança; eu não diria fé, eu diria religiosidade, né. Eu tinha desde muito criança, isso me acompanhou muito. **Então eu tinha muito conflito íntimo, porque eu queria ver a minha mãe do jeito que a igreja apresentava, e eu não conseguia. E, por outro lado, eu adorava o meu pai. Nossa, como eu gostava do meu pai.** E o meu pai ele/ a minha mãe brigava muito, criticava muito, falava muito; eu só via a minha mãe assim brigando com o meu pai. E o meu pai tinha uma paciência; às vezes eu queria que ele brigasse com a minha mãe. Porque ela falava demais, eu não suportava ver meu pai chateado, sabe? Então, eu não entendia nada, mas eu percebia, quando o meu pai chegava em casa preocupado, [neste momento, a voz de A.M começa a ficar embargada, as lágrimas a escorrerem pelo rosto] a minha mãe nunca tinha uma palavra; minha mãe se botava a falar, xingar, reclamar de tudo, entendeu? E aquilo/ eu olhava pro meu pai assim, tinha muita tristeza. Então foi muito marcada a minha infância nesse sentido. E como a minha mãe era sempre muito ocupada, e/ às vezes, na minha inocência, eu procurava o carinho dela, mas ela nunca tinha carinho pra mim [continua a chorar, um pouco mais profundamente agora]. **Então eu tinha um problema de rejeição muito grande.** Muito grande mesmo. E depois, a minha irmã mais velha. Minha irmã mais velha era como que uma segunda mãe pra mim. Não aquela mãe dos sonhos da gente, mas era com quem eu...

9. E.M: Se dava melhor.

10. A.M: ... se dava melhor. Mas ela casou, eu tinha mais ou menos nove anos. Foi um baque pra mim também. Mas o que depois adulta eu estranhei, é que quando a minha irmã casou, eu não senti raiva de ninguém. Nem dela, nem do meu cunhado [a voz permanece ainda embargada, o choro um pouco mais controlado]. Eu aceitei aquilo como que a sina da gente. Sei lá, não sei. Eu aceitei aquilo. Mas marcou muito pra mim também isso daí, né.

As experiências de rejeição narradas por A.M caracterizam uma relação ambígua com sua mãe; ao mesmo tempo em que reconhece que “no fundo eu a amava” (sic), ela também admite ressentimentos e culpas advindos do ódio em relação à figura materna. Sua dificuldade em se reconciliar com os dogmas católicos é também uma dificuldade em se reconciliar com a mãe, diretamente identificada com os referenciais religiosos de sua infância. Deixar o Catolicismo para seguir o Espiritismo equivale a romper ligações com a educação religiosa de berço, incompatível com suas tendências e aspirações:

60. A.M: eu não era feliz como católica, de jeito nenhum! Eu não aceitava. Tanto que quando eu era criança, a minha mãe me ensinava eu rezar, mas eu não ficava satisfeita. Ela me ensinava eu rezar, mas eu ia pro quarto, eu deitava na minha cama, eu rezava do meu jeito. Cê entendeu? Aí me satisfazia. Do jeito que ela me ensinava, eu não/ não me satisfazia

86. [...] eu nunca fui feliz na minha religião que eu nasci, e eu me achei nessa. Não me importei com proibição dos pais, de ninguém. Eu gostei e fui atrás

No contexto social espírita, por outro lado, ela é aceita e acolhida, podendo assim suprir parte de sua carência afetiva e de seus sentimentos infantis de rejeição. A vinculação de A.M com o Espiritismo parece constituir, na verdade, uma extensão mais ampla de suas relações com a figura paterna. Sempre muito apegada ao pai, e um tanto desorientada após sua morte, a entrevistada o

mantém vivo, não obstante, dentro de si – tal como fez C. com o irmão – sob a personificação protetora do mentor espiritual:

108. [...] *Eu sonhei, eu acho que por outras vezes, eu acho que esse [era] o meu mentor; eu conversava com ele, eu não me lembro as coisas que eu falei pra ele, nem o que ele falou pra mim. **Eu só lembro que ele me passava uma coisa assim de pai, sabe, de uma ternura muito grande*** [Neste momento, a voz de A.M embarga um pouco, e seus olhos estão levemente lacrimejados]. [...] *Há pouco tempo também, eu acho que era esse mesmo espírito, e ele/ eu sonhei com ele, tava tão feliz com ele, tão feliz, e eu tá falei: puxa, eu queria te ver mais vezes, né. E ele me deu/ foi um sonho assim que a gente mistura, o sonho vem assim fragmentado mesmo, né. Ele me deu uma jóia, mas era uma jóia linda, sabe? Pegava tudo aqui assim [o pescoço, provavelmente um colar]. Eu não consegui entender bem; é um simbolismo, né? Mas me trouxe muita felicidade. Muita, muita, muita felicidade. Foi bom mesmo. E eu sinto/ agora tem mais um que eu não lembro mais que me deu entender que esse era o meu mentor sim. Entendeu? Mas eu também nunca tive curiosidade.*

109. E.M: De saber.

110. A.M: De saber. Não, eu não tenho. Eu, pra mim, basta saber que/ às vezes **eu tenho felicidade de sentir que eu tenho alguém como um pai que se aproxima de mim.** Entendeu?

111. E.M: Que cuida, né, que tá ali pra...

112. A.M: É, é. E a gente sente. Porque não é só saber; você ler e saber, né. A gente fica com aquela curiosidade de sentir, e eu sinto. Às vezes eu sinto.

Além dos casos acima, há outros exemplos de busca por autonomia em relação aos pais, embora menos significativos para a compreensão da escolha pelo Espiritismo. S. nos relata, a propósito, que suas idas constantes à igreja, quando jovem, eram uma “fuga” do contexto familiar e do alcoolismo do pai: “1. [...] *Aí eu percebi também que quando eu ia pra igreja, eu queria fugir de olhar meu pai caindo bêbado em casa, né*”. Tal fala parece indicar uma falta de comprometimento efetivo da participante com aquele contexto religioso; não sendo o Catolicismo uma escolha autônoma, mas simples válvula de escape, pouca coisa havia que a mantivesse lá por muito tempo.

C.R. também lembra que, apesar de haver estudado em “colégio de freiras” e feito o catecismo por influência de sua mãe, ela sempre detestou (39). A médium E.O nos explica, por seu turno, que mesmo tendo boas relações com seus pais, jamais deixou de lutar por sua liberdade:

255. [...] *E eu sempre fui uma pessoa que sempre gostei da minha liberdade, né? Sempre. Nossa; sempre lutei pela minha liberdade. Tanto é que andei por baixo das barbas do meu pai, mas não deixei de reclamar, cê entendeu? Não deixei de puxar e falar: não, não tá certo. “Ah, mas cala a boca”. Não, eu vou calar minha boca, mas ó: é assim, é assim, é assim! Entendeu? E a minha mãe sempre falava assim: “nossa, engraçado, eu não sei (risos), eu não sei se a E.O de espírito ela é muito atrasada ou ela é muito adiantada; que ela nunca tá em concordância com a gente, que a gente fala”. Entendeu?*

Malgrado a hipótese da busca por autonomia e auto-afirmação frente aos pais não se aplique tão bem em todos os casos, ela nos assinala, de qualquer modo, a importância das relações familiares na assunção de certas crenças e experiências religiosas e paranormais. Foi procurando auxílio para seu irmão que C.R envolveu-se mais assiduamente no meio espírita. Foi pela influência

de seus pais (espíritos) que E.O se iniciou na doutrina. Desde cedo (E) acostumara-se a visitar o centro com sua mãe e, mais tarde, com seus irmãos (cf. 6). Apesar de a família não exercer sempre um papel decisivo nas escolhas e comportamentos religiosos dos participantes, ela geralmente desempenha aí uma função bastante significativa.

Foi tentando esboçar alguns dos possíveis padrões de relacionamento dos médiuns com seus pais que chegamos, inclusive, a algumas conclusões interessantes, resumidas no quadro abaixo. As informações contidas no quadro se baseiam nas entrevistas e em nossas próprias observações sobre os casos, e apresentam formas de comportamento mais ou menos recorrentes. A que mais chama a atenção, certamente, é a que diz respeito a *experiências de rejeição ou indiferença afetiva*. Em vista dos relatos frequentes nesse sentido – e considerando-se outros dados já levantados – é provável que nas interações dos participantes com os ‘espíritos’, muito de seu apego exclusivo a uma figura parental ou mesmo a rejeição recebida de outro(a), acabem encontrando um meio de expressão simbólica – a exemplo da Nossa Senhora / mãe e do mentor espiritual / pai no caso A.M. Constata-se aqui, outra vez, a característica já mencionada do Espiritismo como crença e prática religiosa da *elaboração afetiva do ausente*.

Categorias	Participantes
<i>Experiências de rejeição ou indiferença afetiva</i>	A.M. (mãe), E. (pai), I.Z. (mãe), C.A.B. (pai), M.J. (mãe), S. (pai), V. (mãe), C. (pai), N. (pai), C.R (pais: sentia-se preterida em relação ao irmão)
<i>Educação rígida ou repressora</i>	C., E.O, I.Z, A.M, C.R
<i>Recusa, atribuição negativa ou indiferença frente a experiências anômalas</i>	M.J., A.M., C., S., I.Z.
<i>Pais separados</i>	E., C.A.B
<i>Alcoolismo</i> ⁸¹	V. (pai e irmão), S. (pai)

Quadro 8. Padrões de relacionamento dos médiuns com as figuras parentais (mínimo de dois casos em cada categoria).

Uma interessante evidência biográfica é encontrada, a esse respeito, no caso I.Z. Quando criança, em seus momentos de solidão – dada sua timidez e a constante ausência dos pais – ela frequentemente recorria à companhia dos “amigos espirituais”:

1. I.Z: *Eu sou a filha mais velha, tenho mais dois irmãos abaixo de mim. Tenho um irmão e uma irmã. Meus pais, os dois trabalhavam fora, né. Então eu, por ser a mais velha, que ficava mais com a/ assim com os cuidados da casa, cuidando dos irmãos. E... como só são nós três assim, não tinha assim muita gente fora, era difícil receber muitas visitas, até*

⁸¹ Em seus estudos sobre antecedentes familiares de “psíquicos”, Wright (2009) constatara frequências significativas de pais alcoólatras, bem como educação autoritária.

mesmo de parentes, durante a semana, porque eles sabiam que os meus pais não estavam, né. E eu tinha sonhos de criança, com... com pessoas que vinham conversar comigo, mas isso nunca me assustou, nunca me abalou

32. I.Z: Então, a minha adolescência ela foi assim normal, porque eu mesmo nunca assim gostei de bailinhos, de ir em bailes, de muitas festas, mas eu era mais caseira mesmo. Preferia ficar muito mais em casa com os meus desenhos, com leituras, do que curtir festa, curtir bailes. Eu não tinha assim/ também por vergonha, né. Mas era muito tímida, né, então a minha timidez me prejudicou muito, né. Mas ficava assim, foi se indo.

[...]

48. [...] Eu me sentia mais segura quando eu tinha contato com eles [espíritos]. Porque como eu te falei, eu não tinha muito amigas, eu não ia muito em festas, não saía muito por causa da minha timidez, então os meus amigos praticamente eram eles, né. Então eu nunca tive medo deles.

O participante E. também nos relata como o Espiritismo teria ajudado a lidar mais facilmente com a questão da morte e com a ausência de seus familiares falecidos. Mas é possível que seu distanciamento afetivo em relação aos pais tenha contribuído, igualmente, para seu aparente conformismo e aceitação frente à morte:

10. [...] como... pra mim, o conhecimento espírita ele veio na infância, né, e eu continuei tendo, estudando, pra mim era uma coisa natural, a... a relação com os espíritos, né. Eu lembro que também, quando morria alguém, dificilmente eu ficava chocado com isso. Teve uma tia que veio em casa pra cuidar dos médicos, eu tinha aí uns 8 anos de idade, mais ou menos, 9, e eu lembro que no dia que ela morreu eu tava brincando na rua, né, e os meus colegas de rua falavam pra mim: “mas você, sua tinha morreu, cê tá aí brincando na rua?”. Não, mas, pra mim não tinha nenhuma – e acho que até hoje não tem – consequência muito dolorosa, a não ser a ausência da pessoa, mas como essa minha tia sofria de paralisia infantil, já naquela época eu achava que ela ia estar melhor, do que totalmente dependente como ela era. Então não tinha esse peso, né, de dor, de sofrimento, que as outras pessoas colocam nessa/ na morte, né.

[...]

78. E: Ah, a minha mãe é mais presente. Pelo menos comigo, né. O meu pai ele tá sempre fazendo alguma coisa, se ele não tava trabalhando, ele tava trabalhando em casa, né, então a gente não tinha muito tempo junto, né, de convívio. Convívio, convívio, não tinha. Então esse convívio era mais com a minha mãe, né. É... então hoje, como eles moram em casa separada, eu moro um pouco mais longe, eu não tenho muita relação com o meu pai. A gente se encontra em almoço, né, em.../ quando ele precisa tá... ele já teve algumas internações, então eu estive com ele. Mas igual não tinha esse convívio quando eu era criança, hoje também não tem. É mais encontros, né, porque eu lembro da minha infância, de ficar chutando bola com o meu pai, lembro de algumas coisas que nós fazíamos juntos. Mas são poucas, eram poucas coisas. E hoje continua sendo poucas coisas, né. E com a minha mãe era uma convivência maior, né, e hoje também continua sendo uma convivência maior, então... o maior que eu digo, não é muito também não, porque eu não, não... é, como é que eu posso falar... eu sou um pouco quieto no meu canto. Entendeu? Eu sou um pouco quieto, eu não...

79. E.M: É o seu jeito?

80. E: É o meu jeito. Então eu não gosto de festa, não gosto de almoço em família, não...

81. E.M: Desses eventos assim.

82. E: Então, eu não gosto muito, então... se eu vou, eu tento ficar o mínimo que eu (risos) posso, mas eu vou (risos). Eu vou, quando dá, eu vou, né.

A lacuna afetiva na relação com os pais ou com a família pode influenciar o processo de adesão religiosa de muitas formas, e os exemplos citados apenas ilustram algumas dessas

possibilidades. Os padrões de relacionamento identificados e resumidos no quadro 8 influenciaram nossa análise também em outras questões, como o conceito de *superego* e a intercalação dos processos inconscientes e institucionais (capítulo 8), de modo que oportunamente voltaremos a discuti-los.

2) A procura por um contexto de referência confiável quanto ao suprimimento de demandas cognitivas e afetivas: pode-se resumir o conjunto das demandas citadas em três tipos: a) compreensão e controle de experiências anômalas; b) necessidade de coerência e sentido para a história de vida – aliada à busca por unidade e estabilidade emocionais, e c) suprimimento de carências afetivas e outras lacunas apresentadas ao longo do desenvolvimento psicológico. No que tange ao item (a) acreditamos ter oferecido exemplos e explicações suficientes no capítulo anterior. No que concerne ao item (b) o leitor pode facilmente se basear nas análises empreendidas neste capítulo, sobretudo, as do próximo tópico. Quanto ao item (c), o leitor achará exemplos ainda mais completos e instrutivos no capítulo 8.

Tais demandas estão presentes em todos os casos, uns mais, outros menos, dependendo do indivíduo em questão. Mas é certamente em relação aos “médiuns ostensivos ou aflorados” que a presente categoria de análise adquire maior relevância. Não raras vezes, essas pessoas foram vítimas da discriminação e desconfiança alheias quando desejaram relatar a terceiros as suas vivências. Temiam não apenas a repreensão e o julgamento da família, como da sociedade mais ampla – exemplos disso serão encontrados no capítulo 9. Desde cedo se habituaram a não relatar aquilo que viam, ouviam ou sentiam como diferente. O conceito de *psychism* proposto por Laubach (capítulo 1) encontra alguma confirmação aqui, já que a incompatibilidade entre as experiências vividas e os sistemas de crença religiosa em que essas pessoas foram educadas pode ter desencadeado uma procura por outros sistemas simbólicos. Contudo, não bastaria filiar-se a um grupo aderente a essas vivências. Ao contrário de outras doutrinas espiritualistas igualmente favoráveis às experiências anômalas, mas pouco organizadas enquanto doutrinas oficiais e não tão amplamente reconhecidas enquanto instituições religiosas de relevância, o Espiritismo é hoje uma doutrina grandemente disseminada e institucionalizada no Brasil. Nela, muitos dos nossos participantes desempenham um papel social reconhecido e valorizado, ao invés de reproduzirem preconceitos e estereótipos ainda maiores do que os que pesavam sobre eles antes de sua conversão à doutrina espírita. Sem a participação em um contexto dessa natureza, os participantes talvez não obtivessem o resultado esperado quanto à elaboração e resolução de suas demandas pessoais.

O Espiritismo é hoje uma religião famosa; milhares de livros espíritas são lidos até por adeptos de outras religiões; o mercado cinematográfico e o universo das telenovelas têm explorado com ênfase as narrativas desse gênero. O trabalho de caridade realizado por centros espíritas e por figuras-chave do Espiritismo – como Chico Xavier e Divaldo Pereira Franco – galgaram, com o tempo, vasta popularidade. O mesmo não se dá ainda com determinados círculos esotéricos, com a Umbanda, a Perfect Liberty etc. As características mencionadas nos parecem importantes, pois definiriam um corpo de referências religiosas confiável, propagado e estabelecido. Tal hipótese não é encontrada de modo explícito no discurso dos participantes, mas pode ser inferida com base em algumas de suas falas, e com base naquilo que conhecemos sobre o processo de institucionalização do Espiritismo no Brasil.

Vimos antes com R., o médium iniciante, como ele se inspirava na figura de Chico Xavier para explicar seu interesse pela mediunidade e sua vinda ao centro. Também encontramos, em diversos momentos das entrevistas, referências a livros espíritas ou passagens contidas nesses livros, bem como programas de rádio e filmes. O contato com esses materiais teve considerável influência prévia na conversão religiosa dos participantes. C.A.B, aliás, conheceu pela primeira vez a doutrina por intermédio do Livro dos Espíritos de Kardec; a médium V., por um programa de rádio espírita; e C.R. após a leitura de um romance de Zibia Gasparetto, “Laços Eternos”. No capítulo anterior, vimos ainda como a médium I.Z demonstrava maior apreço pela Federação Espírita (instituição maior e de ampla referência) do que pelo centro Ismael (instituição grande, porém, estruturalmente menor se comparada à Federação).

Tendo a maioria dos participantes sido educada no Catolicismo – principal religião do país – e sendo o Espiritismo uma doutrina baseada nos ensinamentos cristãos, além de historicamente ligada ao catolicismo popular, esse também pode ter sido um fator importante na estipulação de certa familiaridade – ainda que implícita – durante o processo de transição. Tal como vimos, a conversão à doutrina espírita não se deu, para muitos participantes, sem que acompanhasse toda uma série de movimentos sincréticos com a religião católica. Quando A.M estava para deixar sua religião de berço e seguir o Espiritismo, ela se preocupou antes em pedir a permissão, por assim dizer, de Nossa Senhora:

102. [...] Porque foi assim: eu tinha aquela religiosidade toda, mas assim, eu não gostava da religião católica, mas era a religião que eu tinha. Então quando eu comecei vir no centro – e eu tinha muita fé em Nossa Senhora mesmo – aí, quando eu comecei a vir no centro, eu tinha dúvida. Lógico que eu tinha, né, não foi assim. Aí eu, apesar de gostar muito, de sentir que era aquilo que eu queria, eu tinha aquela insegurança de mudar. Mas aí era mês de maio, e tinha novena na igreja. Então eu fiz essa novena. Todos os dias eu pedia pra Nossa Senhora, que se fosse um caminho que não era bom pra mim, né, se não fosse ser uma coisa boa, verdadeira, pra mim, que alguma coisa acontecesse, que eu me

decepcionasse, que abrisse os meus olhos pra que eu não continuasse. E nunca aconteceu nada. Eu sempre fui gostando cada vez mais, então achei: não tô errada não! (risos). [grifo nosso]

Sem ter outro referencial para julgar sua nova adesão religiosa, A.M só contava com as crenças em que foi criada; teve de apelar, assim, para os procedimentos que já conhecia, como a novena. Tendo esperado algo inusitado acontecer, algo que “abrisse seus olhos”, mas nada tendo verificado, sentiu-se então segura, finalmente, para fazer a transição. Quanto mais o indivíduo confia na instituição, mais ele tende a se entregar às práticas ali conduzidas e a se identificar com as crenças apregoadas. A seguinte fala de E.O. parece exemplificar nosso argumento, pois ela interessantemente compara sua escolha pelo Espiritismo com a escolha que se faz de um bom restaurante:

409. [...] Eu vejo que é que nem uma cozinha, né. É que nem você comer uma comida, né. Por exemplo, aonde você come, você come lá por quê? Porque você gosta da comida, né? Mas você não é bobo, nem nada, você vê que todo mundo vai ali. Não é verdade? Às vezes tem dois restaurantes, um não vai ninguém, o outro fica cheio, não é? Porque as pessoas não são bobas, não é?

Por fim, devemos mencionar o fato de que a própria instituição, assim que acolhe um novo adepto, busca sempre restringi-lo em suas escolhas de fé, limitando suas tentativas de fusão com outras práticas e sistemas religiosos. Tais imposições visam não somente impedir a debandada dos novos adeptos, como também preservar a identidade do grupo e de suas crenças, estabelecendo, ao mesmo tempo, um limite psicológico necessário à confusão de perspectivas em que se encontram alguns desses indivíduos. Quando S. começou a frequentar o centro, ela logo foi advertida nesse sentido por um dos membros da instituição:

95. [...] Aí ele falou: “S, você pode tomar Johrei, mas você tem que saber escolher agora. Porque o Kardecismo é uma linha, messiânica é outra, umbanda é outra, candomblé, sabe? Você não pode frequentar messiânica, candomblé, umbanda, Seicho-no-ie é uma filosofia, cê pode até escutar a palavra, né. Só, porque senão vai desequilibrar a sua mediunidade”. Porque todas as obsessões que tinha, os problemas que eu tinha de família, E.M, já eram suficiente, entendeu?

3) O alegado caráter científico do Espiritismo: a doutrina espírita é frequentemente ensinada como expressão de uma trindade que integraria religião, filosofia e ciência. Estes dois últimos aspectos constituem elementos essenciais ao discurso espírita – ao menos retoricamente – pois forneceriam às crenças espíritas a imagem de uma saber lógico e ‘experimental’. Sua cosmovisão não seria, portanto, simples objeto de fé pessoal ou coletiva; mas uma conclusão científica necessária diante de fatos os quais não se pode negar; fatos relativos ao ‘mundo espiritual’. Nas palavras de Kardec (1859/1992, p. 8): “O Espiritismo é uma **ciência** que trata da

natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal” [grifo nosso].

Pouco nos interessa aqui se a discussão sobre a cientificidade do Espiritismo é coerente ou aceitável em termos epistemológicos. Interessam-nos muito mais os usos e sentidos que essa configuração tende a adquirir no discurso dos participantes, isto é, dos próprios adeptos espíritas. Há vários aspectos a serem considerados, e teremos de aprofundá-los mais à frente quando retornarmos a essa questão no capítulo 9. O fundamental a se ressaltar, por ora, é que a atração exercida pela alegada dimensão científica do Espiritismo pode ter desempenhado um papel relevante na conversão dos entrevistados à doutrina. As crenças espíritas seduziram-os, em parte, pela sua pretendida objetividade científica, pelo caráter de um sistema ordenado de idéias, didaticamente ensinado. Num mundo em que a ciência possui primazia discursiva e ideológica, onde o conhecimento intelectual é altamente valorizado, e onde a fé nem sempre se sustenta com base apenas numa aceitação emocional ou em experiências isoladas de revelação pessoal ou coletiva, os indivíduos podem sentir certa necessidade em aproximar suas crenças do sistema implicitamente considerado dominante. Para aqueles que vivenciam experiências anômalas recorrentes e desagradáveis, em função das quais sofreram críticas ou repreensões, o Espiritismo parece ter sido de grande auxílio, já que a tendência de tal doutrina a se associar a um tipo de pensamento dito científico, possibilitara aos médiuns uma “comprovação” ou legitimação maior de suas experiências. “Provando” serem fatos constatados “cientificamente”, e não resultado de doença mental ou intervenção demoníaca, o Espiritismo ofereceu-lhes armas para que combatessem aquelas concepções indesejadas, tantas vezes atribuídas pelos familiares e profissionais de saúde às suas experiências – cf. também Maraldi (2008), apêndice A.

Não pensamos ter resolvido, com os três argumentos acima, a gama de caminhos possíveis para a conversão dos participantes ao Espiritismo. Muitas de nossas idéias nesse sentido são especulativas, e só tangencialmente recebem alguma confirmação dos dados. Para melhor acessar tais questões, ser-nos-ia preciso, entre outras coisas, comparar os padrões de conversão religiosa dos espíritas com adeptos de outras religiões, e mesmo com grupos de não religiosos. De qualquer forma, nossa contribuição foi dada e poderá ser aperfeiçoada e verificada com mais rigor pelos que desejarem investigar os mesmos problemas.

Se os motivos da conversão religiosa são importantes na compreensão da mediunidade como projeto de vida, tão ou mais importante é entender como se dá a fusão do indivíduo com esse

papel; como ele passa a enxergar sua história, suas relações sociais e o mundo que o rodeia a partir desse referencial religioso. É o que veremos a seguir.

7.2 A função mítica

Contar sua própria história ou – o que dá no mesmo – relembrar seu passado, não se resume apenas em trazer à tona informações guardadas irretocavelmente na memória. *Recordar* é atividade criativa, de constante renovação das lembranças; muda conforme mudamos, muda conforme as próprias transformações identitárias. Alterando hoje a percepção que temos de nós mesmos, alteramos também aquilo que *fomos*; o passado é constantemente submetido às regras do presente e do futuro que se almeja. “Sobre a distância temporal que nos separa do fato lembrado, teríamos ainda a considerar que o sujeito realiza uma ordenação pessoal. Essa ordenação obedece a uma lógica afetiva cujos motivos ignoramos; enfim, recontar é sempre um ato de criação” (Bósi, 2003, p. 62).

Certos detalhes literais permanecerão, evidentemente, compondo o quadro geral das lembranças; mas conforme nos distanciamos temporalmente do ocorrido, a literalidade é substituída, aos poucos, pela interpretação geral e pessoal dos fatos. Há, sem dúvida, lembranças mais vívidas e mais detalhadas do que outras. Mas não nos enganemos: muitas de nossas recordações mais acalentadas e ricas podem envolver grossas fantasias e manipulações. Como disseram Stein et al. (2010, p. 231): “a relação entre crenças e lembranças é tão próxima que, na prática, é impossível separá-las [...] em decorrência dessa relação íntima é razoável supor que mudanças nas crenças levarão a alterações correspondentes na memória”.

Contudo, se a literalidade é uma dimensão mnêmica importante, especialmente no contexto jurídico e em certas investigações científicas, ela nos é pouco relevante aqui. Se os eventos pessoais narrados pelos participantes ocorreram efetivamente ou não, isso pouco altera o fato de que, ainda assim, eles nos fornecem uma útil cartografia sobre como esses indivíduos pensam e são, e sobre como constroem suas histórias de vida partindo de determinadas premissas. Aliás, os exemplos que veremos neste capítulo constituem uma boa demonstração do princípio de que, muitas vezes, não importa tanto *aquilo* que é lembrado, mas *como* se lembra. O mesmo poderia ser dito do futuro, das coisas que ainda estão por vir. Pensar no futuro e se programar em função de tais

previsões é, de certa maneira, *modificar* o futuro, determinar ao menos algumas das suas possíveis linhas de direção. Nossas crenças e nossa identidade estão profundamente ancoradas, destarte, numa dimensão temporal. Nessa dimensão, os acontecimentos não são aleatórios ou acausais; há propósito nos eventos, há um sentido maior – mesmo que subjacente – em tudo que se faz. Quando não se é capaz de organizar a própria vida desse modo, ou quando se constata a ausência, para tanto, de ferramentas e de referenciais simbólicos, caímos na anomia: a memória se torna truncada, lacunar, em vista da escassez de categorias ou filtros suficientemente estabelecidos que permitam a interpretação e re-interpretação dinâmica da própria história.

Encontramos exemplos disso em vários momentos da narrativa dos participantes. No caso V., a tendência vaga e lacunar das lembranças infantis emerge logo no início da entrevista:

2.V: *Assim, da minha infância, pouco eu lembro, porque eu tenho mania/ não é mania, eu tenho assim a facilidade de tá apagando da minha memória o que eu vivi lá atrás. Então são flashes assim. Tive uma infância assim (onde) o meu pai era um alcoólatra. Depois tem flashes assim dele que chegava bêbado em casa, e... mas também minha mãe trabalhava muito, minha mãe foi muito/ também teve então um histórico da minha mãe lá atrás, que foi abandonada pelos pais, tal. Então eles casaram, o meu pai conheceu a minha mãe numa clínica, casaram, e... passando esse teve dois/ eu e mais uma irmã e meu irmão. E... meu pai chegava bêbado em casa, e também não mexia com ninguém, deitava. Minha mãe que procurava encrenca, tal, e... depois, foi vivendo. Aí, meu pai parou de beber, começou meu irmão. E aí...*

3. E.M: *Você tem quantos irmãos?*

4. V: *Eu tenho um irmão, e uma irmã. Eu sou a mais nova...*

8. V: *Somos em três. Aí/ e meu irmão, com 17 anos mais ou menos, meu pai parou de beber, meu irmão começou. Aí minha mãe sempre nessa luta de parar, meu pai/ é que na época, meu pai ficava muito internado em hospitais de recuperação, né. Aí começou meu irmão, aí foi indo, foi indo. Eu me dava muito bem com o meu irmão. Tanto que o meu irmão faleceu com 39 anos, e... por causa da bebida.*

9. E.M: *Já faz muito tempo, não?*

10. V: *Fazem cinco anos. E ele faleceu aqui na minha casa. Então fala-se que foi o presente de Deus, porque ele poderia ter falecido na rua e...*

11. E.M: *Sei.*

12. V: *E a gente se dava muito bem, só que não consegui assim/ eu amparava ele da minha forma, da minha maneira e... ia vivendo, se dava muito bem. Então, vira e mexe, ele aparecia aqui... na minha casa, eu auxiliava ele, tal; mas, infelizmente, é por conta/ morava na rua, muitas pneumonias, então... teve a vida dele que/ não adiantava a gente acolher. A gente acolhia um certo tempo, mas depois ele...*

13. E.M: *Acabava voltando pra isso.*

14. V: *Acabava voltando, então não dá. Não tinha como, era/ teve o livre-arbítrio dele, escolheu o caminho, né. Casei muito cedo, casei com 15 anos porque engravidei, e... assim, então um casamento sem muita experiência, e cê vai/ muitas turbulências, né (risos). Foi até por conta disso que eu fui procurar auxílio de/ sempre assim, procurando um auxílio de psicólogos, porque... acho que por conta de ser muito nova, sei lá. Não tinha um...*

15. E.M: *As coisas não/ maturidade, vai.*

16. V: *É, isso. Então, aí, é... ainda acabei conhecendo o Espiritismo, porque/ vou te contar (risos). Num programa de rádio, né, eu falei assim/ tava passando uma mulher, ela falou assim: “aí, que você/ pra você encontrar a resposta” – eu queria encontrar a resposta/ aí, antes disso teve/ eu queria me encontrar numa religião. Não, sabe quando cê quer se encontrar pra você ter um pouco de sossego, um pouco de paz? Aí... ouvindo a rádio, na Rádio Mundial – nem lembro também a pessoa que falava – aí ela orientava que/ “ah, os seus problemas vão ser melhor resolvidos, sei o que lá”, aí eu falei: aí, é lá que eu*

vou né (risos), eu quero resolver, **eu quero ir lá aprender, eu quero uma direção, né, na minha vida.** E ela mexia com Terapia de Vidas Passadas; ela lia assim a tua/ que eu lembro assim, ela falava de você – sabendo poucas informações – ela falava e te direcionava, te orientava. Aí foi aonde eu fui, tal, e ela, olhando pra mim, falou: “ah, teus problemas, tá nas vidas passadas. Você perdeu a pessoa que você mais amava na vida, afogada; e eu vejo você chorando muito”. Falei: pronto, né. Falei: e? Que eu tenho também que pensar/ ela falou: “ah, vou te encaminhar pra uma pessoa, que trabalha com Terapia de Vidas Passadas”. Tá bom, fui, né. (Quero resolver) minha vida, fui resolver. Aí no que eu fui – que foi uma terapeuta – é... ela começou a fazer as sessões. Só que... eu não re/ não tinha regressão de vidas passadas. Foi aonde ela começou a fazer a... lá as sessões dela, e voltava assim/ uma vez eu saí de mim. Assim de/ comecei a/ parecia que eu tava incorporada lá, me batia toda na sala, e eu não conseguia voltar em mim. Então era como se alguma coisa me dominasse; é igual ela falava, poderia ser todo aquele meu emocional voltando, né...

17. E.M: Sei. Mas você não tinha experiência assim de ver o que aconteceu de fato, numa outra vida?

18. V: Não, não tive; não cheguei.

19. E.M: O que você tinha era essa/ esse estado assim, vamos dizer assim, que você ficava se debatendo, é isso?

20. V: É, não tinha. Tinha emoções, acho que/ ela falava que aflorava minhas emoções, e/ mas foi uma coisa assim que nunca aconteceu comigo. Tipo assim, de/ como se/ não sei, o meu corpo físico mudou. Assim de... chorava bastante e tal, mas assim, experiência que eu queria saber o quê tá acontecendo/ ela queria voltar no útero da minha mãe, pra ver esse problema/ porque, **igual te falei, sempre apagava muito a minha, a minha/ minha infância quase, se cê perguntar de muita coisa, eu não lembro não.**

21. E.M: Tá.

22. V: **Nem precisa ser a infância, pode ser (risos) outras coisas.** Aí, não voltei. Ela falou assim: “ah, procura uma ajuda”. Eu falei: ah, então vou procurar um centro espírita. Né? Procurei um centro espírita, que eu já tinha ido uma vez fazer tratamento espiritual.

[...]

34. V: Eu falei assim: ah, mas eu não tô. Aí é onde ela/ eu peguei e falei assim: ah, eu procurei ajuda – eu falei pra ela – eu fui num centro espírita. Ela falou: ai, que legal, vai ficar bom conciliando, né.

35. E.M: Uma coisa com a outra.

36. V: Uma coisa com a outra. Mas aí eu passei na entrevista, me direcionaram um tratamento espiritual, comecei a fazer, e logo em seguida tinha o... o curso, eu comecei a fazer. E aí, desde então, me encontrei no/ aonde eu procurava apoio espiritual mesmo. Porque até então/ antigamente eu frequentei demais a igreja católica, assim assiduamente, porque eu queria uma resposta assim. Sabe quando cê quer uma resposta pra tua vida? Aí fui na Perfect Liberty, também não me encontrava. Sabe quando cê ia assim...

37. E.M: Em vários?

38. V: É, em busca, mas não encontrava resposta. Aí foi aonde no Espiritismo... **é assim, é a lógica, sabe, de você achar a resposta mesmo pra o que você busca, né.** E aí onde eu tô até hoje assim.

V. fala em “*flashes*” de memória e diz ter “*facilidade de tá apagando da memória as coisas que eu vivi lá atrás*”. Ela está se referindo ao período em que ainda não era espírita, durante o qual buscava “*encontrar a resposta*” para seus problemas pessoais e familiares. A conversão à doutrina espírita atua, em seu discurso, como um divisor de águas, separando uma época imprecisa e confusa de sua vida, de outra mais ordenada e mais “*lógica*”. V. parecia viver, anteriormente, sem rumo ou propósito definido; “*foi indo, foi indo*”, passando quase mecanicamente pelos eventos, que se sucedem um após o outro em sua narrativa, como se as coisas simplesmente acontecessem, sem

que ela fosse autora de sua própria história. A vida apenas seguia seu curso, sem que ela pudesse tomá-la em suas mãos para controlar o fluxo das coisas; de fato, ela procurava “*uma direção na minha vida, um pouco de sossego, um pouco de paz*”. Tal procura a conduziu por diversos contextos religiosos e não religiosos – como psicólogos e outros profissionais de saúde – até finalmente ouvir numa rádio alguém aparentemente capaz de direcioná-la e orientá-la. Curiosamente, tratava-se de uma “terapeuta de vidas passadas”, alguém que a levaria a iniciar, de alguma forma, uma reflexão sobre o seu passado, sobre o sentido de sua história. Todavia, V. não conseguia regredir, não cedia ao processo; apenas se rebatia; chorava; suas emoções “afloravam”, segundo a terapeuta. Suas tentativas de voltar “*ao útero da mãe*” – isto é, de remontar às suas origens, à causa primeira de seus conflitos e de sua história – fracassaram. Destituída de um adequado referencial simbólico, de uma cosmovisão abrangente a partir da qual pudesse se localizar melhor no mundo, para dar rumo, “*direção*” à sua trajetória, ela também não conseguia lembrar, não conseguia reconstituir o passado (quer real ou fictício), passado esse que ela efetivamente pouco viveu, em que deixou se levar. Alcoolismo do pai e do irmão, gravidez, casamento, filhos... os eventos prosseguem, inexoravelmente, e os aspectos mais dolorosos não são retidos na lembrança: “86. [...] *Então eu lembro só assim da gente brincando na rua. Eu não lembro assim muito da relação familiar; isso aí eu apaguei*”. V. ainda não conseguia elaborar o sofrimento; não havia perspectiva clara sobre como enfrentar e lidar com os conflitos. Por sua vez, as soluções encontradas eram sempre de caráter heterônomo; a *direção* não era procurada em si mesma, mas nos outros. Sua vinda ao Espiritismo não é, inicialmente, muito diferente disso. Com a ajuda das pessoas do centro ou dos espíritos, ela anseia mudar a mãe e o marido; espera mudar magicamente o ambiente, sem modificar a si própria. Nas visitas que fez a um dos primeiros centros espíritas que conheceu, buscava orientações e mensagens de consolo e conforto para lidar com suas dificuldades familiares:

64. [...] *Foi aonde também/ quando eu falei pra você que eu procurei ajuda, psicologia, freqüentei terapias assim – sem ser de vidas passadas, né, não mais assim – porque me incomodava assim o relacionamento que eu tinha com a minha mãe, e depois, passei a ter com o meu marido, entendeu? Assim de, assim de gênios mesmo, aí, me incomodava. Porque é aquilo lá; você quer mudar todo mundo que tá à sua volta, né, você não quer mudar você, você quer mudar todo mundo que tá na sua volta.*

401. V: *É, as mensagens era sempre assim, bem de mentor mesmo. De... quer ver? Deixa eu ver uma aqui pra te falar. Ver aquela que eu te falei da minha mãe. As mensagens eram sempre assim, ó: vida familiar... Quer ver? Então é bem mensagem de mentor. Ó, minha mãe, (esse) é pra ajudá-la:*

“Saudações de paz e luz do meu coração, minha querida companheira. Que alegria poder falar ao teu coração e dizer-te que faço o melhor que puder por sua mãe. Uma palavra confortadora, por sentir que tenho oportunidade de falar. Cada pessoa, querida, está em um grau de evolução, e não necessariamente por ela ser mais idosa. Tem que entender e aceitar.

Faça as preces por ela, rogando que o pai lhe ajude a ajudá-la. Mostre a ela, através da mudança de si própria, o teu amor por ela, o quanto a fé e as preces podem ajudar um

ser. Pois somente através destes as pessoas se sentem fortes e renovadas, para lutar diante dos sofrimentos da vida. Somente com bons exemplos ela cairá em si. E isso vem de dentro para fora, e não de fora para dentro. Uma hora ela cairá em si. Ore e confie que você está fazendo o melhor por ela. Deus te dê um grande beijo. À frente, lindas flores a florir e perfumar sua estrada”.

409. V: *Então é sempre palavras assim [...] Confortadoras, é. De incentivo, de ânimo, então fazia bem. Então a gente ia pro evangelho.*

Aos poucos, a identificação com o Espiritismo vai estabelecendo limites mais precisos quanto à forma de ser e de se comportar. V. começa a refletir mais sobre suas atitudes, sobre quem é, sobre sua história. Passa a controlar mais seus impulsos (adquire “freio”), toma maior consciência de si, “*vai se descobrindo*”:

136. [...] *Então, eu acredito assim, eu me vejo uma pessoa melhor. Por quê? Porque eu já/ assim, o que cê fazia sem pensar, hoje você já/ é um freio né. Cê fala assim: não. Poxa, não. Fumava. Quando eu freqüentava, eu fumava. Mas eu não achava legal fumar. Entendeu? Ah, como é que eu vou aplicar um passe se eu tô fumando? Não... então enquanto eu fumava, não aplicava passe, porque eu falei: não. Então assim, sempre me trouxe assim/ já me deu um freio das coisas assim: não, poxa, eu tô agindo assim; como que eu vou lá? A Espiritualidade tá lá. Apronta, apronta depois vou lá? Não dá. Então deu essa...*

137. E.M: *Esse corte.*

138. V: *Esse corte, esse freio, essa... essa direção, né. Então eu já sou mais assim, né, das coisas. Não que/ tem tanta coisa pra consertar. Eu falei: caramba.*

139. E.M: *(risos).*

140. V: *O meu irmão quando era vivo, falava: “ai V., você vai pro céu, porque você é tão, né, boa”. Eu falei: Huhum, só porque eu lavava umas roupas dele, tratava ele bem, eu falei (risos)/ os amigos deles tudo bem (risos). Eu falei assim: não. Hoje eu vejo e falo assim: huhum, pro céu é? (risos). Então eu vejo hoje que tem tanta coisa pra consertar, coisas que eu não sabia. Nossa, tipo assim: orgulho mesmo, egoísmo... sabe, que se vê assim que cê tem mesmo. E eu não via, não enxergava. Mas hoje eu vejo que eu preciso trabalhar o meu orgulho, o meu egoísmo, a minha tolerância. Cê vê assim que precisa mudar. Caramba, não sabia que era assim. É como se você vai se descobrindo, dentro de você. Entendeu? Vai olhando, vai reparando, vai analisando, vai vendo assim tanta coisa que precisa ser mudada.*

Suas relações familiares melhoram, seu passado começa a se reorganizar de modo mais coerente; ela percebe que tinha “*uma história*” com o marido; consegue olhar para trás e reconhecer o quanto era inconsciente de suas decisões. Consegue olhar sua mãe sob outra perspectiva, e pode rastrear melhor os motivos de seu relacionamento difícil com ela; é capaz, em outras palavras, de se colocar no lugar da figura materna para entender seus motivos pessoais: “82. [...] *Hoje eu vejo também, tadinha*”. Isso acaba por auxiliar a própria relação de V. com suas filhas. Agora é ela quem *orienta e direciona*: o que antes era buscado de modo passivo no ambiente, ela tende, doravante, a reproduzir *ativamente* na relação com os outros:

203. [...] *Ele vinha nessa criação já; homem pode tudo, mulher não pode nada, né. Então sempre foi muito difícil, porque se ele chegasse em casa, eu tava conversando com alguém, ele já ficava de cara feia. Ele era bronco mesmo assim de... de... conviver com ele. Mas com/ minha vida assim conjugal mesmo com o meu marido, começou a melhorar assim também depois que eu comecei a frequentar o Espiritismo. Mudou assim/ hoje, ele*

mesmo fala que ele é uma outra pessoa. Porque eu vou lá, aprendo, eu tô sempre passando que eu mudei, né, então acredito que ele também mudou. Mas ele também/ aí no que ele vai, ele fala: “poxa, é mesmo, olha”. Então cê vê que ele era uma pessoa que ele era já da criação do pai dele. Mas não que ele era assim. Então, o relacionamento hoje já é bem mais maduro [...]

209. [...] *Então, eu falo assim: nossa, eu tinha uma história com ele.*

[...]

227. [...] *É que hoje eu falo: falo assim, não, eu tinha essa história mesmo porque, falei, caramba, tudo... tudo foi acontecendo. Não foi nada assim, cê fala: ah, eu vou casar; se não der certo/ Não, foi acontecendo.*

228. E.M: *Hoje, olhando pra trás que você...*

229. V: *Isso. Isso.*

230. E.M: *...consegue ver dessa maneira?*

231. V: *É. E assim, frequentando.../ é que eu lembro assim, acho que faz sete ou/ vamos pôr assim, vai uns... oito... oito a dez anos que eu tô [frequentando o centro]. Então eu vejo que a minha vida melhorou. Entendeu? Agora não assim: ai, eu fui, aconteceu lá atrás/ não. Foi tipo assim: hoje você vê um filme, foi desenrolando assim, porque eu e o marido era mesmo o óleo e a água. Nossa! Uh! Ele, nossa, ele/ sabe quando cê fala assim, muitas vezes: ai, vou me separar que eu não agüento mais, que não sei lá. Mas eu não tenho/ vou me separar, e aí? Quê que eu faço? Entendeu? Nunca tive assim autonomia pra fazer alguma coisa.*

[...]

247. [...] *e o legal, E.M, é que o relacionamento que eu tenho com a minha filha hoje, é assim, é totalmente diferente do que eu tive com a minha mãe. Que... /e hoje eu passo pra ela, eu vou lá, aprendo no Ismael, no centro, né; e eu consigo assim/ não é que eu tô: ‘ai, virei aquela coisa’, mas eu consigo dar um pouco a mais pra ela, entendeu? De coisas assim que...*

248. E.M: *Que você aprendeu lá?*

249. V: *Que eu aprendi. Entendeu? Então às vezes ela pergunta alguma coisa, eu já vou com a resposta e falo: não, filha, calma. Tem paciência, né, de um determinado assunto. Sendo que, se fosse atrás [no passado], eu falava assim: ah, é, tem que ver seu lado mesmo. Não, hoje eu já falo assim: as pessoas não são como a gente quer que elas sejam. A gente tem que aceitar. É óbvio que cê não vai compactuar com uma pessoa que não tá legal, mas você pode tá respeitando e mudando. Igual, vai, um exemplo: ela não se dava, nossa, não se dava nada com a cunhada dela. Então tava virando aquele inferno na vida delas. Então sempre tô orientando assim: não, [nome da filha], ela é uma pessoa que precisa disso, ela precisa sobressair, você não precisa. Então eu tô sempre, sabe, contornando assim, mas de uma maneira mais positiva. E de você dar uma resposta assim: “é mesmo, né mãe”. Hoje ela já tem um outro relacionamento, fala: “é mesmo, né mãe. Eu nem ligo mais pro que ela faz”. Então cê vê que é uma coisa positiva. Cê vai aprendendo e vai passando.*

[...]

255. V: *Tem muito, eu falo: eu comecei a/ eu acho assim: tanta coisa que eu fazia, tal. Eu comecei a enxergar a vida de uma maneira diferente. Então você vai olhando assim, cê vai vendo, e um monte de coisa cê precisa consertar. Não me transformei de uma hora pra outra assim; mas assim, comecei a enxergar de uma maneira diferente. E agora, tem que trabalhar, né, pra consertar um monte de coisa*

[...]

257. V:[...] *nossa, hoje a responsabilidade que cê tem com os filhos é totalmente diferente. Eu falo assim que se eu soubesse um monte de coisa que eu aprendi agora, na infância dos meus filhos, eu teria sido um pouquinho mais diferente. Mas assim, sempre conturbada, aquela coisa assim que passou, sabe, um relacionamento assim mais difícil. É como se eu estivesse construindo de novo, entendeu? De uma outra forma. Mas é legal. Porque devagarzinho vai, né (risos). Tem tanta coisa pra eu mudar ainda (risos).*

Esse “construir de novo” a que se refere a entrevistada, comparando-o com um “filme que foi desenrolando”, não consiste unicamente em re-interpretar, de modo positivo, as dores do

passado, mas igualmente em estipular, sobre si mesma, uma narrativa *mítica*, baseada nas crenças espíritas: vidas passadas, evolução espiritual etc. Por *mito*, devemos entender aqui a apreensão da realidade a partir de concepções transcendentais e espirituais que tendem a adquirir contornos específicos conforme a tradição cultural, e que servem para explicar os acontecimentos da vida, dando-lhes um sentido emocionalmente significativo. De um ponto de vista psicossocial, o mito é uma criação imaginária sobre como os eventos se relacionam entre si e sobre como são causados. O mito é uma forma de conhecimento sobre o mundo e sobre si mesmo, mas um conhecimento preso à narrativa, preso ao seu próprio ato criador e, muitas vezes, à tradição que o originou ou permitiu. Porém, ao mesmo tempo, o mito é uma *função psicológica*: a função de espontaneamente criar narrativas mitopoéticas, de buscar sentido para a história de vida em uma realidade imaginada e rica em termos afetivos. A essa função, damos o nome de *função mítica*⁸².

Essa função pode operar tanto de forma consciente quanto inconsciente. Ela é consciente quando o indivíduo a emprega deliberadamente para criar uma narrativa mitopoética a partir de determinadas referências culturais. É inconsciente quando o processo de criação se dá em um nível subliminar, subjacente à corrente usual da consciência. Na maior parte das vezes, há complementaridade entre essas duas modalidades de criação, e a função mítica inconsciente tende a tomar por estímulo, ampliar ou relativizar o papel da consciência no processo construtivo – como ocorria, a propósito, nos *romances subliminares* de Hélène Smith. A evolução do personagem na psicogênese dos espíritos nos oferece um bom exemplo dessa complementaridade, marcada pela ação conjunta de sugestões / identificações, motivação em “conhecer” o mentor espiritual, sonhos e automatismos mais ou menos voluntários e inteligentes – isso quando a narrativa não emerge quase inteiramente de processos subliminares prévios: cf. Myers (1903/2001) e Flournoy (1911/2007) para casos desse tipo na escrita automática. Os exemplos de uso deliberado da função mítica são, contudo, mais abundantes e fáceis de identificar no relato dos médiuns. Retomando o caso V., logo notamos como a entrevistada resolve as dificuldades de relacionamento na família, bem como a deficiência física do irmão, explorando narrativamente a idéia de *reencarnação*:

285. [...] *Tanto que o meu irmão já teve um/ era ele e minha mãe, tinha uma história já assim de outras vidas. O meu irmão já veio com defeito na face, ele tinha muito complexo, então ele precisava/ já tem uma história lá no fundo, né. Então, é onde eu falo que cê encontra resposta. Por que o meu irmão nascer com uma deficiência? Ele não faz nada quando ele era bebê. Ele vai nascer com uma deficiência? Não, hoje eu sei que ele nasceu porque tem uma história lá atrás, né. Então, sempre muito complexado, muito/ teve uma outra história.*

286. E.M: Entendi.

⁸² Não se trata aqui da *identidade-mito* de Ciampa. Há diferenças importantes entre os dois conceitos, e as exploraremos mais à frente.

287. V: Entendeu? Então, não/ hoje *cê* fala assim: “ah, vai atrás, vê como é que o seu irmão tá”. Não me interessa. Te juro assim. Meu pai; meu pai hoje eu não tenho curiosidade nenhuma de saber.

288. E.M: Ele já faleceu também o seu pai?

289. V: Meu pai num dia, meu irmão no outro.

290. E.M: Olha só!

291. V: *Cê* acredita? [sorrindo].

292. E.M: No dia seguinte assim?

293. V: No dia seguinte, no mesmo ano. Foi num dia meu pai, e no outro dia meu irmão. Então eu falo assim: ah, não tenho a curiosidade, só sei que, é tipo assim, a vida vai te direcionando, e você, se você prestar atenção, você tá auxiliando muito mais do que/ ai, pra quê que eu quero saber? (Eu) acho que se tiver que ser, alguma coisa vai vir como vem em sonho pra gente. Às vezes *cê* encontra uma resposta em sonho, alguma coisa, de algum jeito, **o universo vai trazer pra você alguma informação que *cê* precise**. Se não tem essa informação, você não precisa, né. Então, eu, particularmente, acho assim.

A frase final, sobre o universo, é bastante significativa, pois pressupõe, implicitamente, todo um sistema cosmológico: o de que o universo é inerentemente dotado de sentido e propósito. Não há acausalidade: os nascimentos escondem muitas e muitas vidas, deixadas para trás no tempo, vidas que ajudam a explicar a vida atual. “Todo o efeito tem sua causa” é um princípio comum ao Espiritismo kardecista, mas também a diversas outras crenças paranormais; ele implica sempre a suposição de que o acaso não desempenha papel efetivo na vida – especialmente no que tange a circunstâncias emocionalmente cruciais, como a morte. A ação por trás do acaso é sempre Deus ou outro princípio espiritual desconhecido ou invisível. Num primeiro instante, se uma dada situação parece despropositada ou incompreensível, trata-se somente de um estágio provisório do conhecimento; seja lá como for, “*o universo vai trazer pra você alguma informação*”.

A partir do momento em que os participantes incorporam as crenças espíritas e com elas se identificam, eles passam a reconstituir sua própria história baseados nas noções de reencarnação, intervenção dos espíritos no mundo material, evolução moral etc. No caso N., o seu próprio nascimento teria sido pressagiado antes mesmo de ela nascer. Sua mãe tivera um sonho, enquanto grávida, no qual a filha teria enviado uma carta dizendo-lhe que não desejava uma vida luxuosa na Terra, mas uma vida simples. O relato deste sonho parece emocionar a entrevistada, e é para ela uma confirmação de que seu espírito havia se comunicado com a mãe antes de reencarnar. Outras experiências infantis serão assimiladas a esse mesmo esquema explicativo:

Quando eu era criança (+ ou- 8 anos) me lembro que falava com minhas primas sobre reencarnação – dizia a elas que quando a gente morresse poderíamos pedir para renascer na mesma família, que poderíamos encontrar os nossos familiares “no céu” e que lá a vida continuaria da mesma forma. Acredito que já trazia em espírito essa informação, uma vez que, quando criança, não freqüentei nenhuma doutrina que pudesse me dar noções sobre reencarnação⁸³. Sempre senti muita vontade de me aproximar de “Deus” de

⁸³ As fabulações infantis são, muito provavelmente, um estágio inicial da função mítica. Piaget (1975) observara muitas vezes que quando uma criança tinha dificuldades para responder uma pergunta que lhe era proposta, ela acabava por

entendê-lo, por isso, me chateava o fato de meus pais não freqüentarem a Igreja. Porém, com a Adolescência, essa vontade ficou adormecida. Aos 20 anos, comecei a apresentar um problema de taquicardia, porém, esse problema não foi diagnosticado em exames como eletro e holter. Foi então que um amigo, conhecedor da Doutrina, disse que talvez o problema fosse espiritual e me convidou para conhecer o Centro Espírita Ismael. Desde então passei a freqüentar o Centro e estudar a Doutrina” (sic).

N. está tentando estabelecer, assim, uma continuidade entre suas experiências passadas e a conversão ao Espiritismo; está construindo ligações de caráter mítico entre sua biografia e a mediunidade. Trata-se de um produto da identificação com as crenças religiosas; é como se ela reproduzisse a doutrina espírita dentro de si e sua existência se tornasse um *projeto* em função da mediunidade ou da espiritualidade, um projeto que teve seus antecedentes e que continua sendo concretizado e ampliado hoje.

A função mítica ajuda a preencher lacunas e a dar sentido para comportamentos, atitudes ou experiências angustiantes. N. explica a relação difícil com seu pai, alegando entender agora que ele seria, na verdade, um espírito ainda em estágio infantil ou de imaturidade espiritual. De modo parecido, (S) explica seus vários problemas de relacionamento com o pai, o marido, os irmãos e a sogra lançando mão do conceito de vidas pregressas:

131. S: Trouxe pra mim: esclarecimento das minhas dores, da minha revolta, porque eu tava revoltada. Por que eu tenho uma sogra desse jeito? Por que eu tenho um pai que bebia feito um bode velho? [Enquanto pronuncia esta última fala, S. bate as mãos nas pernas, numa demonstração de revolta, incompreensão]. Por que eu tenho um irmão também que bebia? Por que esse irmão é folgado? Por que aquele irmão pega dinheiro e não me devolve? Cê entendeu? Por quê? Porque vai ver que a S. também foi uma safada, sem vergonha também que pegava dinheiro dos outros, foi uma empresária muito grande, roubou todo mundo, vai saber? Então tudo esclareceu na minha cabeça, entendeu?

A.M., por sua vez, acredita que seu apego ao pai e a boa relação entre os dois teria, muito provavelmente, uma explicação espiritual: “*Eu não acho que eu era protegida não; eu acho que existia alguma coisa mais entre eu e ele*” (sic). O mesmo se poderia dizer dos demais eventos de sua vida: seus sentimentos de rejeição e o afastamento dos irmãos ao longo dos anos; seu casamento, logo após a morte dolorosa do pai; a emancipação dos filhos e o relacionamento destes

recorrer à fabulação como um meio de explicar o que havia sido perguntado. Muitas dessas crianças empregavam Deus ou outra força sobrenatural para dar conta daquilo que ainda não conseguiam pensar de modo claro. A função mítica parece exercer assim, por vezes, uma substituição compensatória em relação ao pensamento lógico. Quando é este que falta, há tendência para se resvalar no mito, onde as emoções, os afetos e a tendência narrativa e poética predominam. Em etapas posteriores, é possível estabelecer maior coerência e veracidade a essas criações, inclusive mesclando-as com conceitos científicos, como efetivamente acontece na chamada ficção-científica. Deve-se salientar, aliás, que o trabalho de teorização científica envolve, em si mesmo, muito dessa função imaginativa e combinatória, cujas arestas são geralmente aparadas pelo confronto com os dados empíricos. É também essa complementaridade entre função mítica e pensamento lógico que nos permite compreender o processo de formação de muitas crenças paranormais, cujas origens remontam a uma fusão do conhecimento científico com criações míticas mais ou menos sustentadas em termos empíricos (o que alguns chamariam de “pseudo-ciência”, mas que nós podemos considerar simplesmente como um dos diversos níveis intermediários entre o empirismo ingênuo e a imaginação desmedida).

com seu ex-marido; sua conversão ao Espiritismo... todas essas circunstâncias teriam um motivo definido, como parte de sua evolução espiritual e da evolução dessas pessoas (A.M, 26-54 e 82-88). Tal como no modelo psicológico de Sundén, cada situação vivida pelo indivíduo reproduz os passos das figuras ou crenças religiosas nas quais ele se baseia; desde os eventos mais simples até os mais complexos.

Como se pode ver, os eventos escolhidos para a reconstituição mítica são quase sempre de importância *afetiva*, maior ou menor; conflitos familiares, datas importantes, problemas conjugais, problemas de saúde etc. Foi, aliás, à procura de uma resposta para os sintomas físicos que o acometiam, e para os quais não se encontrou um diagnóstico, que M., o fundador do centro Pachoal Tróvelle (cf. capítulo 5), conheceu inicialmente o Espiritismo e recebeu de um médium a sua *missão*: fundar e manter uma instituição espírita. A partir daí, o centro se tornaria seu projeto de vida e, ao mesmo tempo, a cura para seus males. Esse caso é curioso por ilustrar mais claramente outro aspecto da função mítica: sua faceta psicossocial. A criação não ocorre apenas individualmente: ela é compartilhada, outros podem sugerir explicações ou “missões”. A consequência disso, no último caso, é a fundação de uma nova instituição espírita. Trata-se de um mecanismo cultural implícito de difusão, manutenção e sobrevivência das próprias crenças e práticas grupais: para salvar a si mesmo, M. teve de colaborar com a salvação do grupo e de sua respectiva visão de mundo, difundindo-a. Há dialética, portanto, entre as buscas coletivas e pessoais, de tal modo que o processo de criação e reconstituição biográfica não depende apenas de escolhas simbólicas que o próprio indivíduo faz, mas de uma *negociação* ou *troca* de significados intersubjetivos. Muitas das justificativas míticas que C.A.B. encontra para sua trajetória, por exemplo, tem por base a contribuição de outros médiuns:

12. C.A.B: *É, talvez eu não devo ser padre nessa encarnação, porque eu já me vi como padre em vidas passadas e já tive assim praticamente algumas revelações de vidas passadas pra que a gente pudesse melhorar, né. Que nós temos que tirar as coisas ruins da nossa mente, do nosso coração, como o orgulho, o egoísmo, a raiva, os pensamentos maus, né? A gente tem que fazer tudo isso. E me foi revelada aí que na última reencarnação aí que eu desencarnei com lepra, pra poder quebrar esse orgulho. Tanto é que tive, quando criança, que fazer exames lá em Bauru, controle pra/ porque teve dois tios meus que tiveram início de lepra. E minha irmã, eu, minha mãe, a minha tia, a minha avó, a gente ia pra Bauru todo o ano fazer exame pra ver se não estava com a lepra. E... talvez isso tenha sido um sinal, né. Porque eu já fui/ e veio essas confirmações, né, depois conversando com espíritos, incorporados em médiuns, que me confirmaram, né, médiuns de confiança, de vidas passadas minhas. Cinco vidas passadas minhas. Não fui flor que se cheire em vidas passadas, né, senão não estaria passando o aperto material que eu estou passando. O meu único aperto é não ter o necessário. Tenho o necessário pra sobreviver. [...] Como a gente não foi boa coisa, hoje a gente vem num apertozinho aí pra dar valor das coisas que a gente teve, e não soube dar valor. [...] Mas a lei da reencarnação é a única lei que nos dá certeza que nós vamos ter uma oportunidade de reparar aquilo que nós não fizemos em vidas passadas, em vida anterior.*

Todavia, a função mítica não se limita apenas ao passado e ao presente; ela também atinge o futuro, coisas que ainda ocorrerão ou que se imaginam prováveis. C.A.B consegue visualizar mentalmente as condições de vida de seu irmão (e outros conhecidos seus) após a morte, e lança para reencarnações posteriores aquilo que ele não se considera capaz de fazer *nesta* vida. C.A.B relata, curiosamente, como seria a conversão religiosa *post mortem* de seu irmão que, quando vivo, não era religioso – talvez uma projeção de seus próprios desejos:

34. [...] O meu irmão mesmo, quando ele desencarnou, ele não seguia religião nenhuma, ele era um/ ele não acreditava nessas coisas, né, nem no padre, nem ninguém. É... tanto é, a primeira mensagem que ele deu, por intermédio de um médium lá de Lorena, pra minha mãe, ele disse assim [que] se ele tivesse seguido a linha de pensamento minha, da doutrina espírita, ele não teria chegado no plano espiritual como mendigo. E que eu deveria continuar com os meus trabalhos; acredito que ele foi, em espírito, trazido pra ver o meu trabalho, como eu estava fazendo. Lá no plano espiritual mesmo, devem ter passado a vida dele, passado coisas minhas pra ele, pra ele poder dizer uma coisa dessas, né? Que eu deveria continuar o meu trabalho e que eu estava no caminho certo. Não só ele, como muitos amigos espirituais deram mensagens, por intermédio de outros médiuns, pra mim, que ficaram/ teve um aí, num trabalho de domingo, que ele deu uma mensagem que ele ficou muito feliz de me ver trabalhando ali. Que ele é amigo meu, e ficou feliz de me ver trabalhando ali, na doutrina, em favor dos outros espíritos. Então pra nós, essas mensagens que vem, da minha ex-noiva também, que desencarnou, mandou diversas mensagens, dizendo que ela vem assistir as minhas palestras quando eu faço, que ela gosta muito de ouvir eu falar da doutrina, de Jesus, dos ensinamentos de Jesus. Então são mensagens que faz com que a gente vá se aperfeiçoando cada vez mais, né. Vai melhorando, vai procurando entender a mensagem, que o plano espiritual quer passar. [...]

88. [...] Creio que estou no caminho certo, e vou seguindo em frente, né, procurando me/ embora seja difícil, um dia eu chego lá. (risos). **Se não for nessa é em outra reencarnação, eu chegarei lá.**

Previsão semelhante é feita por E.O, que chega até a combinar com o pai para que os dois se encontrem novamente numa próxima encarnação (Cf. 225-239). No caso E., as escolhas profissionais do participante, desde a juventude, tiveram sempre inspiração na doutrina espírita. Primeiro, visualizou-se no futuro como *médico homeopata* – refletindo uma antiga relação entre a homeopatia e os receituários mediúnicos; depois, desejou ser *físico* para estudar, posteriormente, questões ligadas à Parapsicologia – inclinando-se para a perspectiva do engenheiro espírita Hernani Guimarães Andrade; finalmente, acaba por se formar *pedagogo* – possivelmente inspirado em Kardec (Cf. 16-18). Ele também se recorda de que, em função de seu engajamento no movimento espírita, chegou a ser indicado para participar de uma reunião da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), tendo depois retornado ao centro para relatar o que lá havia aprendido. Ele afirma: “12. [...] talvez se eu não tivesse participado... desse movimento [espírita] na época, né, eu não teria tido contato com tantas coisas como eu tive”. Suas escolhas profissionais estabelecem raízes, dessa forma, com sua identidade religiosa, formatada desde a infância.

Poderíamos, evidentemente, citar muitos outros exemplos de função mítica, sustentados de diferentes maneiras nas crenças espíritas, mas isso pouco ou nada acrescentaria ao que já expomos. A importância dessas narrativas, porém, não reside exclusivamente em uma necessidade explicativa ou afetiva. Há ainda um aspecto *transformador* no modo como são usadas pelos participantes. Quando Ciampa nos fala da *identidade-mito* como identidade estática e falsa a si mesma – enquanto naturalização de processos sociais dinâmicos – ele está se referindo, segundo nos parece, apenas a um dos lados daquilo que chamamos de função mítica. Na verdade, a mesma função pode atuar tanto no sentido da *emancipação* quanto da *reposição*.

Devemos diferenciar dois processos constituintes da função mítica: a *ressignificação* e a *racionalização*. A racionalização ajuda a perpetuar um mesmo modo de ser, de pensar, sentir ou agir; ela está a serviço, portanto, da *reposição*. Seu uso implica na *justificação e legitimação* de uma dada identidade ou visão de mundo, quer tal justificação seja coerente ou não em termos lógicos, argumentativos. Por outro lado, ela pode também ser bastante lógica, mas ainda assim esconder um motivo inconsciente, uma necessidade emocional de justificação, como resultado da resistência à metamorfose identitária. Já a ressignificação produz novos sentidos, novas possibilidades de ser e agir (uma nova identidade); ela está a serviço, por sua vez, da *emancipação*. A ressignificação ocorre como parte de um processo de transformação de pequenas mudanças quantitativas em um efetivo salto qualitativo, uma superação dialética. Permite uma nova visão das mesmas experiências, funcionando inclusive *retrospectivamente* e *prospectivamente* (ou teleologicamente); no primeiro caso, re-interpreta eventos passados segundo uma nova perspectiva de identificação, ajudando a lidar com traumas e preenchendo lacunas ou vazios na história de vida; no segundo caso, estipula um *telos* (ou projeto de vida) a ser alcançado. Esse telos re-estrutura não só a cognição, como mobiliza emocionalmente o indivíduo para a mudança. Trata-se de um componente cognitivo de reestruturação (gestáltica) da percepção, e de reestruturação dos padrões de ação, no sentido de uma re-elaboração do modo de reconhecimento usual do mundo, de si próprio e das relações sociais, à maneira do *quadro de referência* de Sundén. Reorganizando-se a percepção e o comportamento, novos esquemas cognitivos e afetivos são propostos para lidar com velhos conflitos e viabilizar a solução e o enfrentamento de dificuldades emergentes. A seleção e resposta aos estímulos seguem também outro padrão, sendo selecionados aqueles conteúdos que melhor se encaixem no sistema referencial religioso, e sendo amoldadas as respostas aos estímulos de acordo com os critérios do mesmo sistema referencial.

A resignificação atua, de um lado, como função de rastreamento (retrospectiva) e de outro, como função teleológica (prospectiva), no sentido de uma preparação do futuro ou projeto; ela busca no passado (história de vida) tudo aquilo que possa servir para dar sentido à nova identidade – incluindo também, no caso da mediunidade, experiências anômalas ou incoerentes, antes inexplicáveis pelo indivíduo, como visões, experiências fora do corpo, sonhos frequentes etc. que possam servir como um possível prelúdio do papel que viria adotar como médium – e se utiliza desse material para criar e corroborar uma imagem de si e de sua vida como parte de um projeto, uma meta, um sentido, que é o sentido da mediunidade, da caridade etc. e que se estende ao futuro. Aqui, podemos falar não só de eventos concretos, como de passados hipotéticos (vidas passadas) e futuros hipotéticos (desenvolvimentos futuros, reencarnações futuras etc.) tais como vistos nos exemplos que demos da função mítica.

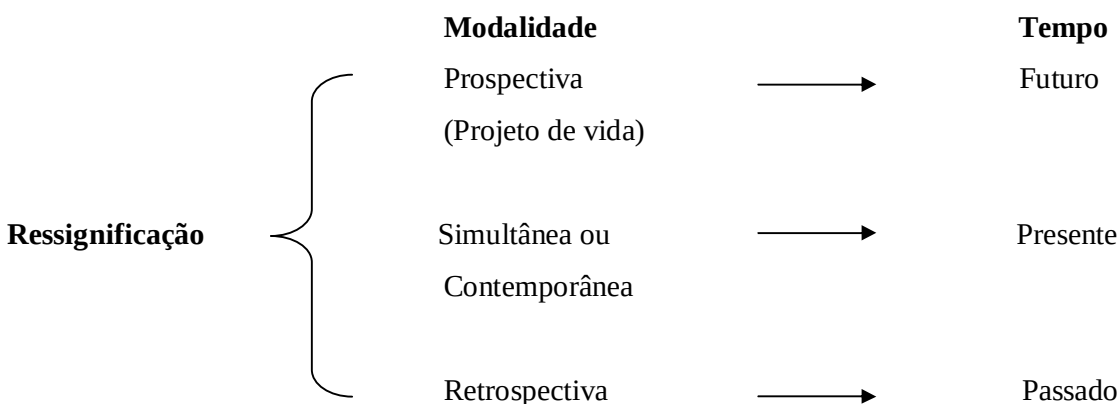


Figura 17. Modalidades e perspectivas temporais da resignificação.

Quando se diz que a identidade mediúnica tende a preencher eventuais lacunas ao longo da história de vida, não se está querendo dizer com isso que sirva meramente à função de organizar e integrar de algum modo a trajetória do indivíduo segundo uma particular narrativa religiosa. Em outras palavras, a condição de médium não atua simplesmente como um preenchimento frouxo e ilusório, que confere certa idéia de unidade, mas uma unidade apenas artificial, manca. Uma visão como tal, aos moldes de uma análise tendenciosa do fenômeno, esconde muito bem o intento ideológico de desmoralizar o estatuto das crenças que compõem tal processo integrativo. O que se percebe é que essas crenças *podem* cumprir um papel muito semelhante ao de qualquer outro conjunto de pressupostos por meio do qual um indivíduo confere sentido à sua vida, à sua identidade. Ao enfatizarmos o *podem*, estamos salientando não a irreversibilidade da afirmação feita, mas justamente sua relatividade – visto não negarmos o fato de que, em cada caso, esse

processo de integração e preenchimento de lacunas será mais ou menos bem sucedido, conforme as diversas circunstâncias e variáveis envolvidas, mas não diferentemente de outro processo de construção identitária. Assim, admitir como válida uma precariedade ‘essencial’ à utilização de um sistema de crença religioso ou paranormal para a formação de uma dada identidade é contrariar, neste caso, os dados empíricos, que sustentam ao menos sua possibilidade com base nas narrativas dos participantes.

Sugere-se que o uso da ressignificação como função integrativa e teleológica pode ser caracterizado como bem sucedido quando as seguintes condições forem alcançadas:

1) Maior adaptação ativa a dificuldades pessoais, familiares e outras, com o surgimento de possibilidades cognitivas e comportamentais anteriormente indisponíveis para a solução desses conflitos;

2) Ampliação de contato (rede) social;

3) Maior valorização de si mesmo como ser humano, o que implica em maior auto-confiança, maior controle dos impulsos, maior disponibilidade à auto-observação (o interesse e a concentração voltam-se para certas atitudes, comportamentos, pensamentos etc.) repercutindo na própria transformação, muitas vezes, de tais atitudes e comportamentos tidos como indesejados e incompatíveis com o ideal religioso adotado.

De qualquer modo, deve-se entender que, em última instância, o processo de ressignificação só será plenamente concretizado dependendo do seu correto ajustamento às condições sócio-culturais. Numa dada cultura, um xamã será visto como alguém importante e valorizado; em outra, suas idiossincrasias serão logo rotuladas como patológicas ou desviantes. A criação de identidades ou sentidos será adaptativa quando corresponder aos critérios contextuais. Por isso, não parece haver, em última hipótese, uma garantia universal de que um determinado tipo de ressignificação dê certo em qualquer contexto. Se as crenças originadas individual ou grupalmente serão acolhidas e compartilhadas pela sociedade mais ampla é algo que depende de variáveis institucionais, políticas, e outras. Pode receber somente o acolhimento específico de determinados grupos ou subgrupos sociais – o que é bastante provável no atual mundo plural e fragmentado – e isso também condicionará e determinará as repercussões biográficas desse processo. Como lembra Ciampa (1987, p. 198) a formação da identidade nunca é apenas subjetivamente condicionada; antes, ela parece resultar de uma síntese do subjetivo e do objetivo: “Ao mesmo tempo, como o concreto é a síntese de múltiplas e distintas determinações, o

desenvolvimento da identidade de alguém é determinado pelas condições históricas, sociais, materiais dadas, aí incluídas condições do próprio indivíduo”.

Vejamos alguns exemplos, retirados dos casos, que ajudem a esclarecer melhor as condições necessárias ao processo de ressignificação, tal como este se apresenta no cotidiano de indivíduos concretos. No caso S., vimos como a médium explicava, pelo uso da função mítica, suas relações conturbadas com a sogra, o pai, o marido, e assim por diante, sempre remetendo a vidas passadas ou à intervenção dos espíritos os incidentes que marcaram sua convivência com essas pessoas, bem como suas características de personalidade e comportamento. Malgrado tais explicações tivessem por objetivo dar conta de situações ou atitudes consideradas emocionalmente inaceitáveis ou incompreensíveis – quer fossem tais explicações acertadas ou não – elas vieram a possibilitar, de outro lado, uma série de mudanças significativas no modo como a participante enxerga seus familiares e se relaciona com os mesmos. Ao se identificar com a moral espírita e esforçar-se para bem cumpri-la, S. estimulou um processo de reflexão sobre sua responsabilidade nessas relações, e o papel que lhe competia nisso tudo para alterar o quadro conflituoso: **“69. [...] Meu Deus, acho que eu to acabando com a sogra. Aí, depois me veio isso, viu? Eu to acabando com ela, porque eu to vendo só isso na mulher. [...] Aí então, sabe, eu jogava nela, ela jogava em mim. Aí eu comecei a perceber”**. S. reconhece que era “nojenta” (87) e “brigona” (141) e que se achava “perfeita” (89). Consegue perceber como suas atitudes presunçosas a atrapalhavam, como era “cega” (159) em relação a si mesma. Recusa o rótulo de “doente” (195) que os familiares impunham frente aos seus sintomas de epilepsia, e contrapõe: *“eu sou da minha alma, do meu espírito”* (sic). Note o leitor como a gravidade dos problemas enfrentados *nesta vista* parece exigir, de modo proporcional, uma atitude negativa no passado, em outra encarnação: **“95. [...] vai ver que eu matei todo mundo lá”**. Isso nos dá um indício do quanto a entrevistada considera afetivamente penosos os seus sofrimentos atuais; daí a tentativa de imaginar “débitos” passados que correspondam equitativamente às suas dores presentes.

Mudanças de percepção e comportamento; melhoria nas relações familiares e sociais; maior controle dos impulsos e maior capacidade de organização psíquica. Todas essas representam conquistas possíveis durante o processo de ressignificação, e as encontramos também com frequência nos demais casos. Hoje A.M consegue compreender e aceitar os motivos pessoais de sua mãe para que as duas mantivessem desentendimentos (cf. 10-12). M.J se vê agora como pessoa “equilibrada” e “madura”, e reconhece o quanto era “chata”, rígida em suas opiniões (cf. 83-88). É capaz de aceitar e entender seus confrontos com a figura materna no passado, e se esforça para não

repetir os mesmos comportamentos na relação com sua filha cf. (134 e 140). V. entende agora que não são as religiões as responsáveis por seus problemas, mas ela mesma (cf. 242-245).

A realização do *telos* depende, como visto acima, da construção e objetivação de um projeto de vida, tornando concreto o que era, inicialmente, apenas potencial. A dialética reside no fato de que, após certo tempo, aquilo que primeiramente serviu como ressignificação acabará sendo apenas racionalizado, repondo a *mesmice*. Daí será necessário um novo processo de ressignificação (isto é, um novo salto qualitativo) para modificar a perspectiva vigente. A racionalização ajuda a cristalizar e a solidificar uma dada personagem e sua respectiva visão de mundo. A ressignificação produz sentidos que tendem a culminar numa nova personagem, num modo diferente de ser e de agir. Em alguns casos, percebe-se que o indivíduo conseguiu destacar-se consideravelmente do papel de médium, vendo-o então como mais um de seus papéis, embora o mesmo permaneça tendo uma grande influência em seu autoconceito, seus comportamentos, sua maneira de ver o mundo e relacionar-se com os demais. Em outros casos, essa fixação ou ligação com a condição de médium impregna quase todos os aspectos da vida do indivíduo, e o mesmo não consegue se desvencilhar da idéia de que, em última instância, ele e todos os outros são espíritos encarnados temporariamente na Terra, os quais cumprem determinadas missões condizentes a essa condição. Seus investimentos amorosos, suas amizades, sua interpretação de eventos cotidianos, suas relações no local de trabalho; todas essas dimensões de sua cotidianidade são submetidas, umas mais, outras menos, ao crivo de sua ‘identidade mediúnica’. Nesses casos, o indivíduo nem sempre se apercebe disso; sua vida gira em torno do papel de médium, mesmo que ele se recuse a admitir fanatismo. Acusá-lo de fanatismo não é o mesmo que criticar duramente seu papel de médium, mas antes sua própria pessoa; tal acusação será interpretada como uma ameaça à sua dignidade e valor pessoais. Essa condição lhe deu novos sentidos, ressignificou a maneira de enxergar as coisas e a si próprio; natural, portanto, que queira submeter essa fórmula à solução dos mais diversos problemas humanos. E tal identificação com o papel de médium será tão maior quanto mais consiga suprir determinadas lacunas na história de vida. Quanto mais o indivíduo depender do papel de médium para organizar sua identidade, para continuar mantendo um corpo sólido de relações sociais, para permanecer estável emocionalmente, para direcionar sua percepção no mundo, mais o referencial religioso terá uma função crucial para ele, e maior será a fusão com a doutrina. A dificuldade de se desvencilhar do papel de médium para alcançar certa metamorfose caminha na proporção inversa de uma estabilidade e flexibilidade emocional e identitária. Parece-nos que quanto mais fundamentalmente estruturada for a identidade, mais o indivíduo será capaz de visualizar outras

possibilidades de existência, outras personagens e papéis, e mais autônomo frente à condição de médium ele será – mesmo que essa condição continue sendo importante para ele. O alcance de uma *identidade do eu* será condicionado, em grande medida, por esses fatores. Atingi-la implica, em outras palavras, ser capaz, ao mesmo tempo, de ser médium e de não o ser; de se visualizar como médium, mas não exclusivamente ou fortemente enquanto tal. E para que isso seja possível, é preciso que o indivíduo não dependa inteiramente dessa identificação para se sentir psiquicamente equilibrado.

Consideremos as respostas colhidas para a seguinte pergunta: “como você acha que seria sua vida daqui por diante se resolvesse deixar sua atividade como médium neste ou em qualquer outro centro espírita? (Ou) Como se sentiria caso resolvesse abdicar da atividade mediúnica em sua vida? O que faria a partir daí em relação a esse aspecto?”. Quase todos os participantes responderam a essa indagação de modo a denunciar sua forte vinculação identitária com as crenças e práticas espíritas. Em alguns casos, o entrevistado nem ao menos titubeia: sua conclusão firme é a de que não há como deixar de ser espírita ou médium. Temos aqui bons exemplos da *identidade-mito* de Ciampa e de como o processo de ressignificação iniciado com a conversão religiosa tende a degenerar depois em uma *naturalização* da identidade, vista como irremovível ou inalterável:

Médium I.Z

172. I.Z: Olha, eu não vejo essa possibilidade. Pra te ser sincera, eu acho que nem existe essa possibilidade; eu posso largar, vamos supor, de vir pro centro Ismael, de ir pra Federação, mas procurar uma outra casa espírita. Agora, deixar de ser espírita, acho que não dá pra deixar. Deixar de ser médium, acho que nem tem como deixar (risos). Eu não vejo isso.

173. E.M: Você nem consegue se imaginar.

174. I.Z: Eu nem consigo imaginar, me sentir. Porque eu vou ser médium, eu vou ser até morrer. Se eu tenho minhas visões, minha telepatias, meus desenhos, minhas pinturas, vou ter até morrer. Então... acho que isso tá na pessoa. Tá na pessoa.

Médium C.A.B

94. C.A.B: Não... não dá pra pensar. Não dá pra pensar, mesmo que um dia depois, como já aconteceu num outro centro espírita, aí de.../ a gente a vê às vezes no centro espírita que existem as panelinhas; infelizmente, a doutrina espírita tem as panelinhas, né. E... e não me aceitem assim como trabalhador. [...]Mesmo amanhã ou depois, se o Pascoal Tróvelle achar que eu não sou digno, que eu não mereço estar trabalhando lá, eu vou procurar outro centro. Ó, centro espírita é o que não falta. E todo centro precisa de alguém que queira trabalhar. Eu, graças a Deus, eu não escolho o serviço, pra fazer. Eu, aqui no Joana de Ângelis, eu varria, lavava o banheiro, varria o chão. E se amanhã depois eu precisar/ lá no Pascoal também eu varro lá, a frente lá, o chão. Se precisar, eu vou limpar o banheiro. Eu não escolho o serviço. O que tiver de ser feito eu vou fazer. Está dentro do meu conhecimento, ótimo. Que nem no plano espiritual. Eu quero trabalhar no plano espiritual, eu peço. Pensa que eu vou escolher? Eu vou fazer aquilo que me mandarem.

Médium E.O

389. E.O: *[Alguns segundos de silêncio]. Bom... eu acho que isso sempre fez parte da minha vida, né. Desde que eu me entendo por gente. Então eu não sei como seria a minha vida, se não fosse fadada a conhecer os espíritos, e ter assim uma relação íntima com eles. Eu não sei como seria a minha vida.*

390. E.M: *Entendi. Você já...*

391. E.O: *É, já fui moldada assim. Então eu não sei como seria a minha vida fora disso, né.*

401. [...] *E não vejo a minha vida, não consigo ver a minha vida de outra forma.*

402. E.M: *Tá.*

403. E.O: *Não consigo, né, porque, eu nasci assim.*

Médium V.

185. E.M: [...] *Como é que você acha que seria a sua vida a partir daí?*

186. V: *Um vazio. Seria assim faltando alguma coisa. Porque eu vou te falar, é... eu sempre fui assim: ai, eu quero fazer isso e tal. Não sei, esse lado espiritual, acho que desde que eu comecei no estudo que eu fico assim fascinada. Não é assim fascinada, assim; é uma coisa assim que faz bem, o lado espiritual. Desde que eu comecei a estudar, nem sabia que eu ia desenvolver alguma atividade ali, tal, eu sempre falava, ai, eu olhava assim, ó: ai, eu quero trabalhar na área espiritual, P3E. Que era a desobsessão. E, sem conteúdo nenhum, eu falei: ah não, quando eu acabar o estudo aqui, eu vou pro P3E. Aí você vai vendo com o decorrer dos estudos, cê vai falando assim: Não/ Aí eu sempre deixei pro cargo da espiritualidade, fui sendo direcionada. Tanto que eu tô trabalhando no trabalho assim de desobsessão, tal, agora. Mas, tipo assim, no fundo, no fundo, eu sempre sabia que eu ia ficar nessa área.*

187. E.M: *Ah tá.*

188. V: *Mas assim, é uma coisa assim que cê faz mesmo por/ nossa, é como se vai sendo uma preparação, que você vai vindo, vai indo, e vai fazendo. Tanto no passe – que eu trabalho no passe, que é no P2, tudo – quando cê chega ali, é outra coisa. Nossa, cê chega ali, cê/ é pra auxiliar/ a gente fala assim: ai, eu vou lá ajudar. Não, você é a pessoa mais ajudada, então é uma coisa, uma doação, cê doar ali, mas com amor, com vontade mesmo de servir mesmo. Então eu não vejo. Nossa, eu/ se eu pudesse eu passava mais tarefas assim, porque eu faço por prazer mesmo. Então, não dá pra...*

189. E.M: *Pra imaginar isso.*

190. V: *Eu sei que às vezes, quando cê fala assim: “ah”/ às vezes, como assim... influência ou não da gente mesmo, dos acontecimentos do dia a dia, cê fala assim: ai, que vontade de largar tudo, que vontade de/ quando cê tá bem pra baixo mesmo. Mas aí cê levanta, cê tem apoio, cê vai estudando, vai lendo uma mensagem aqui, uma mensagem ali. E não muda, cê vai pra outro gás. Mas eu não vejo mais sem tá exercendo alguma coisa (risos).*

Médium N.

Quando perguntada como seria sua vida se algum dia abandonasse a tarefa mediúnica, N. responde que é muito difícil para ela imaginar-se não sendo espírita e não trabalhando como médium. Todavia, ao fazer um esforço para imaginar tal situação hipotética, ela pensa numa condição em que todos os centros espíritas da cidade ou do país fossem fechados e não houvesse mais um meio de freqüentá-los. Neste caso, diz ela, “aí é que realmente nós colocaríamos a doutrina em prática” (sic), em toda a sua extensão, pois a caridade não se restringiria mais apenas às atividades efetuadas no centro. De acordo com N., se ela um dia viesse a não exercer mais sua mediunidade, procuraria praticar o evangelho na relação com outras pessoas e em diferentes trabalhos de caridade.

Percebe-se claramente pelas respostas a dificuldade dos participantes em se imaginarem fora do contexto espírita, fora da condição de médium. A reposição identitária corresponde, cognitivamente, a um escasamento ou esgotamento da criatividade, da produção de novos

sentidos de vida. O mesmo sistema simbólico que serviu de base para a ressignificação está a serviço agora da reprodução incessante de uma mesma personagem, fetichizada e naturalizada. No caso E.O a identificação com a doutrina é ainda mais marcante em razão da própria familiaridade com essas crenças. Como ela mesma diz: “já fui moldada assim”. Mas a citação de V. se destaca também por apontar a *necessidade* de permanecer espírita; seu receio é que sua existência se torne um “vazio” novamente; o medo de não ter mais um sentido para a vida, faz com que se agarre fortemente ao único que ainda lhe resta. Tal situação é especialmente dramática nas respostas abaixo, em que vemos como a mediunidade se tornou crucial para o equilíbrio psíquico dos participantes; sem ela, muitos temem se desorganizar emocionalmente e com isso regredir a uma etapa anterior à conversão religiosa:

Médium M.J

130. M.J: *Na verdade assim, eu tenho até medo que isso aconteça e eu volte a ser o que eu era. Entendeu? Então eu ainda não pensei nisso. Eu penso assim: se eu mudar daqui e aqui não der pra eu vir mais, eu vou procurar um outro lugar que segue a mesma linha, porque eu acho que eu dependo disso pra minha sobrevivência. Porque eu tenho muito medo de ser o que eu era. Entendeu?*

131.E.M: *Entendi. Cê acha que, de repente, deixando a doutrina você não conseguiria mais se manter bem?*

132. M.J: *Eu acho que sim, talvez seja só um medo né, ou... que eu vou ficar bem, porque agora eu já conheço a coisa tal, mas, eu... eu penso assim, acho melhor não parar.*

Médium A.M

146. A.M: *[suspira] Olha, não seria bom não. Com certeza. Porque isso não tem mais lugar. Pra começar, né, não diria em primeiro lugar, isso daí enche a minha vida. Porque eu gosto muito disso. Eu não faço só porque eu preciso. Eu faço porque eu gosto também, né. Então, e... eu preciso disso! Cê entendeu? Eu tenho uma mediunidade, eu não posso ficar parada; minha mediunidade ela enferruja. E eu fico muito perturbada quando eu me afasto. Eu tiro férias, cê entendeu? Eu já, ao longo da minha vida, isso eu já vi várias vezes. Se eu tirar férias, por exemplo, vou tirar trinta dias de férias, vou passear, vou fazer o que eu quiser nesses trinta dias, eu fico bem, fico bem mesmo. Faço minhas orações, leio porque eu gosto de ler, tal, mas desobrigada. Aliás, eu nunca tenho isso como obrigação; mas só que nas férias você relaxa mais. Você tem outras coisas na cabeça. Então, eu fico aqueles trinta dias de férias. Depois, dá preguiça de voltar, né. Então, ah, não vou hoje não, hoje tá meio frio, eu tô com preguiça, eu vou amanhã à tarde, tal. Eu não posso ficar muito tempo, eu começo a ver vultos; eu começo a não dormir bem à noite, cê entendeu? Então, eu entendo que eu sou um espírito, como todos, somos devedores, e uns mais, outros menos. Ou sei lá eu por que, Deus divide a carga de cada um, de acordo com a condição de cada um. Então, eu tenho um tempo pra mim, se eu preciso; mas assim, além disso, eu preciso fazer. É uma tarefa que eu tenho que eu preciso, então eu não sei como seria minha vida [caso largasse a mediunidade]. Eu acho até que se eu não fosse espírita, eu não estaria aqui fazendo as coisas, e vendo assim com tanto entusiasmo, talvez não estivesse vivendo. Cê entendeu? Porque o Espiritismo foi muito bom na minha vida, muito bom mesmo! Então eu sabia que eu ia precisar dele, por isso me botou desde cedo, novinha. (Risos).*

Médium S.

251. [...] *Graças a Deus melhorou, aí ó, já melhorou. Já melhorou também na parte da vidência, o que eu via, né. Sabe aqueles lamentos, aqueles choros, aquelas tristeza sem fim. Então quer dizer, era muito perturbadora [a mediunidade]. Agora, se eu saio, eu tenho*

que achar outra [casa espírita], Kardecista. [...]Então, tudo isso aí é sonhos, é que coisas que veio pra mim. Então eu me desequilibraria sim, E.M. Vou falar pra você.

O único caso em que aparentemente pudemos verificar maior autonomia e desprendimento em relação às crenças doutrinárias foi o caso do participante E. Acreditamos ter encontrado, inclusive, alguns dos possíveis fatores que determinaram seu diferenciado percurso biográfico, em comparação aos demais participantes. Primeiramente, vejamos a resposta que ele nos deu para a pergunta supracitada:

88. E: *É, pode acontecer, porque, vamos supor que eu mude de trabalho e... e não tenha mais como eu pratico, né, no centro espírita, né, não ter mais condições de frequentar nos horários das reuniões, e... fixar num grupo só, né, pode acontecer. Então se acontecer, eu conviveria muito bem né... porque... como eu te falei, eu não tenho uma mediunidade ostensiva, né. Então não sinto nenhuma coação, ou nenhuma necessidade de participar do grupo, né. Eu participo como médium, cumprindo uma tarefa dentro daquele grupo, né, então, se há aquela necessidade, eu cumpro aquela tarefa, se não há aquela necessidade, eu não cumpro aquela tarefa, no grupo mediúnico. Entretanto, eu continuo sentindo, né, como pessoa, tem essa percepção que a vivência mediúnica me deu, que é a percepção da... do componente, vai, espiritual, das nossas vidas, né. Então, em qualquer lugar que eu estou, eu consigo pesar o ambiente físico. E também o ambiente espiritual. Essa é uma consciência que eu quis explicar quando eu falei do álcool, então que, é... que esse exercício me trouxe, e esse não tem como eu...*

89. E.M: *Sei, é uma coisa que você nunca vai...*

90. E: *... me alijar, tá comigo, né. Então, se eu, a partir do momento que falar assim: “ó, cê não vai mais dar comunicação mediúnica, não vai mais ser médium, né”. Eu não me vejo tomando essa decisão no futuro, né. Mas se acontecer, a vida segue pra mim normal. Não vou ter nenhum prejuízo com relação a isso.*

(E) nos fornece uma primeira explicação significativa: o fato de não ser “médium ostensivo”, isto é, não vivenciar experiências anômalas recorrentes ou mesmo depender psicologicamente da atividade de médium para manter certa coesão identitária. No entanto, há outro aspecto igualmente relevante. Assim como a médium E.O, ele também nasceu em uma família espírita; porém, determinadas crises e frustrações pelas quais passou ao longo da vida foram lhe mostrando os limites da sua religião de berço, diminuindo o idealismo inicial que nutria por ela, tornando mais flexíveis as interpretações rígidas do começo. Dentre essas frustrações, estava o seu sonho de seguir certas carreiras profissionais que mantivessem alguma relação com o Espiritismo – o que logo foi barrado por necessidades financeiras e de adaptação. Todavia, a experiência mais fundamental nesse processo foi a sua separação conjugal:

16. [...] *É, o peso da doutrina espírita, um aspecto da minha vida, era a de visão de mundo. Então era muito idealista, e achava/ por exemplo, o meu primeiro casamento, com a minha ex-esposa, era espírita também, achava que a gente ia casar pra vida toda, que era um casamento por afinidade, e já tinha procurado outras coisas, a não ser as afinidades que nós tínhamos, então eu achava que ia ser algo assim duradouro, e não foi, né. Então essa foi (risos) uma das grandes crises assim que eu passei na minha vida, foi essa separação que eu entrei numa depressão, né, logo após o casamento. Mas também não durou muito, né. Acho que uns seis meses depois, eu já tava me endireitando na vida. Nessa época eu fiz terapia.*

17. E.M: Você se frustrou um pouco, vamos dizer assim?

18. E: É, eu tinha uma visão de mundo que o casamento não acabaria; que acontecesse o que acontecesse, é... nós conseguiríamos superar os problemas. E não foi isso que aconteceu. Eu passei por um período/ a gente pode falar que é ciúmes patológicos, e depois eu entendi, na terapia, que isso foi uma reação ao que já tava acontecendo dentro do casamento, e... e... na busca de ajuda, né, na época, eu busquei, ajuda com a terapia.

40. [...] Então, é... [pausa prolongada], na minha separação, é que eu procurei o Espiritismo como é... assistência espiritual. Nas outras épocas, eu participava das atividades espíritas, e não me sentia como um necessitado na casa espírita. Mas na minha separação eu me senti como um necessitado. E aí como eu conheço muita gente no movimento espírita, eu não quis fazer meu tratamento nos centros em que eu tinha conhecidos. Até porque eu não conseguia falar direito o que tava acontecendo. Tanto é que os meus colegas de faculdade só foram saber que eu tinha me separado, seis meses depois. Meus colegas que a gente fazia trabalho junto, eles não sabiam o que tava acontecendo comigo, porque eu não/ na verdade eu não conseguia falar sobre. E... mas nessa época da separação, eu fui/ eu procurei a Federação Espírita, era lá em São Paulo, porque como lá tem muito trabalhador, eu ia ser tratado como um alguém que chegasse lá. E... e foi o que aconteceu, né. Eu contei igual eu tô falando com você, só que nessa época, se eu fosse falar sobre eu não conseguia; eu chorava. Então foi o que aconteceu lá. Aí eu me abri com o plantonista, no atendimento fraterno deles, né, que eles chamam – acho que é plantão de orientação que eles chamam lá – e passei pelo tratamento espiritual da casa; segui lá as recomendações, fui encaminhado pra umas reuniões específicas, participei dessas reuniões que eu fui encaminhado, até vir a alta.

A separação marca, de certa forma, a quebra de um tabu, de uma visão idealizada da vida e do casamento, o que liberta E. para outras possibilidades de reflexão. O Espiritismo não foi capaz de abarcar ou explicar tudo; daí o reconhecimento de suas limitações e a maior facilidade em imaginar outros projetos. É certo, por outro lado, que suas crises não o demoveram completamente de suas crenças; de alguma forma, estas continuaram exercendo funções importantes em sua vida – como mostra a sua busca pela “assistência espiritual” do centro durante o processo de separação. O Espiritismo continuou sendo o porto seguro com o qual ele sempre pôde contar desde a infância; os amigos do centro continuaram sendo para ele uma segunda família e a doutrina permaneceu sendo inteligível e significativa para ele. (E) ainda procura seu desenvolvimento espiritual; a mediunidade ainda é para ele um *projeto de vida*. Mas um projeto potencialmente negociável, cujo afastamento não é buscado ou desejado, mas ao menos visto como possível e pouco temeroso. Afinal, por que deveria ele deixar suas crenças? A não ser que se queira responder ideologicamente a essa pergunta, tomando partido contrário, só podemos admitir que, como tantos outros sistemas simbólicos ou “visões de mundo”, o Espiritismo tem o seu próprio direito de existência. É uma das muitas formas sócio-culturais pelas quais as pessoas conferem significado às suas vidas e são reconhecidas como humanas. É possível, portanto, que as crenças paranormais, e a maneira de enxergá-las e atuá-las, desenvolvam-se com o indivíduo, não permanecendo irremediavelmente como a expressão de uma condição ‘imatura’, ‘primitiva’ ou ‘patológica’.

7.3 A grande ausência

E.O estava em casa, conversando com o marido, quando uma terrível experiência de pânico a acometeu, sem motivo aparente. Lembra-se de ter passado antes por algo semelhante, numa ocasião em que esteve hospitalizada (Cf. E.O, 112-116), mas nada comparado ao que vivera dessa segunda vez. Tudo começou com o que parecia ser um caso corriqueiro de hipoglicemia; no entanto, seus sintomas escondiam algo mais.

64. E.O: *Em sete. Em 2007, em dezembro de 2007, eu tive uma hipoglicemia. Mas assim, é... toda hipoglicemia que eu tenho, eu não gosto de comer doce. Eu prefiro comer alguma coisa que não seja doce, e ela volta. E eu tinha esquecido de tomar café e nós fomos conversar lá na sala. E a gente tava num papo lá na sala, aí eu falei pro meu marido: nossa, não tomei café ainda. Aí ele correu, pegar pão, trouxe o pão... e quando eu cheguei na cozinha me deu a hipoglicemia. Aí eu falei: nossa, tô mal. Ai, tô mal. Ele: “come, come! Não sei, qualquer coisa”. Não, não quero comer. Aí começou a me dar uma coisa estranha, uma coisa estranha, eu falei: nossa, me leva pro hospital, eu não tô bem. Aí ele e minha filha me levaram. Sabe quando você tem a sensação que você vai morrer? Então eu tive essa sensação. Eu pensava assim comigo: eu não vou assustá-los, né, mas eu tenho certeza absoluta que eu vou desencarnar.*

[...]

72. E.O: *É, isso devia ser umas dez e meia? Eu devo ter ficado até umas cinco horas, seis horas, no hospital. E voltei. Quando eu voltei, a minha filha... falou assim: “ó mãe, agora toma um banho, põe um pijama, e vai deitar”. E assim eu fiz. Quando eu deitei, que eu deitei, eu não consegui ficar deitada. Eu levantei. Eu tive uma sensação de pânico terrível!*

73. E.M: *Quando você voltou?*

74. E.O: *[Balança a cabeça afirmativamente]. Aí eu fui lá na sala, e eles estavam sentado lá na sala, eu falei: eu tô morrendo. Eu tô morrendo; cês não tão vendo que eu tô morrendo? (risos).*

75. E.M: *(risos).*

76. E.O: *“Como que você tá morrendo, mãe?” Tô morrendo; eu tô morrendo! Eu falei: eu tô morrendo, eu tô morrendo! Eu corri lá pra fora: eu tô morrendo, eu tô! Ele: “não, calma, calma!”. Entendeu? Aí eu fiquei com isso.*

77. E.M: *(risos).*

78. E.O: *Cê acredita? Aí eu tava bem, tava bem; de repente: tô morrendo. Eu falava pro meu marido: nossa, mas você fica aí parado; eu tô morrendo e você fica parado? (risos). Eu falava: cês não tão acreditando que eu tô morrendo, né? (risos). “Mas como que você tá morrendo?”. Tô. Eu tô morrendo, eu tô morrendo, eu tô morrendo, eu tô morrendo, eu tô morrendo, eu tô morrendo [suspira], e uma coisa horrível, que não dá pra explicar.*

O pânico, uma vez instalado, não a abandonou com facilidade; as experiências imaginárias de morte se tornam frequentes, mas o mais difícil parece ser a falta de uma explicação, de um significado. De onde viria essa estranha e terrorífica sensação de morte iminente? Hoje – como vemos nas transcrições – a entrevistada ri desse episódio com o pesquisador, e até se diverte ao pensar no caráter absurdo de suas reações naquela ocasião. Não obstante, o pânico tolhia e cerceava sua vida, assustando aos seus filhos e ao marido. É então que, após suas primeiras

manifestações, ele – o pânico – adquire uma imagem, adquire um rosto e um corpo definidos. A morte é devidamente personificada:

78. [...] Até o dia que me apareceu o espírito. Sabe?

[...]

80. [...] Até que ele me apareceu. Então ele era tão magro, tão magro, tão magro, que ele vestia um sobretudo – mais ou menos aqui [aponta com a mão do pescoço para baixo] – aquele sobretudo era pesado pra ele. Ele ficava meio tombado assim, ó, esquelético, olhando pra mim assim, ó [joga um pouco a cabeça para o lado de modo a representar sua visão]. E não falava nada.

81. E.M: Cê viu ele aonde?

82. E.O: Eu via ele!

83. E.M: Em todo lugar?

84. E.O: É! Quando me dava isso [o pânico]. Aí eu falava pra ele: fala! O quê que é? O quê que tá se passando? O quê que tá acontecendo? Fala pra mim! Ele não falava. Ele não falava, né. Aí, como ele começou a aparecer muito, muito, muito, muito, muito, eu achei por melhor, é... pedir por ele, né. Sabe? Eu não sei o que eu te fiz; eu devo ter feito alguma coisa pra você, pra você aparecer desse jeito pra mim, nessas condições, não falar nada, né. E eu gosto muito de... Eurípedes Barsanulfo, já ouviu falar?

85. E.M: Já, já.

86. E.O: Então (riso) ele é até primo da minha avó, né.

87. E.M: Interessante.

88. E.O: Então eu cresci ouvindo a minha mãe falar: “ah, seu Eurípedes, por favor, me ajuda”. Entendeu? “Ah, seu Eurípedes”, né. Aí eu comecei a pedir pra ele, sabe? Eu falei: ai, Eurípedes, por Santa Caridade, ajuda esta criatura, e... eu quero que ela me perdoe, de alguma forma, se eu fiz alguma coisa pra ela, eu quero que ela me perdoe; pelo amor de Deus, eu quero que ela me perdoe. Só que/ olha, isso começou dia 08 de dezembro de 2007. Então passou dezembro, janeiro, fevereiro, março, abril, maio..., junho...; eu acho que no fim de junho... eu vim pra cá pro centro, eu saí da minha casa chorando... porque ele ficava horas naquela forma, daquele jeito comigo, entendeu?

89. E.M: Parado?

90. E.O: Parado. Eu vim pra cá [centro Ismael] chorando; cheguei aqui chorando, e falei pra eles: eu não tô suportando mais. E eu tô pedindo, tô pedindo, né. E aí, durante o trabalho, eu continuei pedindo pra Eurípedes, e aí eu vi, quando Eurípedes veio, com um enfermeiro, um pegou de um lado, o outro pegou do outro – que eu trabalho nessa sala aqui [a sala ao lado da sala da entrevista] – eu vi quando eles passaram aquela porta, e foram embora. Nunca mais. Sabe?

91. E.M: Levou ele?

92. E.O: Levou. Mas a sensação de pânico... olha/ quer dizer que Dezembro agora fez um ano, né. [...] A sensação de pânico em dezembro agora fez um ano, né. Mas quando foi em março – isso aconteceu dezembro – janeiro, fevereiro, março eu entrei na ABRAPE [Associação Brasileira dos Psicólogos Espíritas]. Né? Eu entrei na ABRAPE, eu fui lá, passei na triagem, aí me indicaram um psicólogo, de lá pra cá eu tô com uma psicóloga, né. Mas assim, eu melhorei... nossa! Eu melhorei muito; muito, muito, muito, muito, muito. Sabe? Nossa, como eu melhorei.

93. E.M: Daquele pânico que você sentia?

94. E.O: Daquele pânico. Daquele pânico, passou. Sabe? Não tenho mais, aquele pânico passou, graças a Deus, mas também assim, eu fiz o tratamento, tanto lá/ tô fazendo ainda na psicóloga, né, e fiz tratamento aqui no Ismael

Se o pânico tem um propósito e até uma imagem determinada (magro, esquelético etc.), torna-se mais fácil enfrentá-lo. O pânico de E.O era um espírito obsessivo, um inimigo de vidas passadas; era o passado que retornava sob a forma persecutória de uma figura moribunda. Psicologicamente, podemos interpretar sua visão como uma representação da morte, uma tentativa

do psiquismo em corporificar e objetivar a terrível e indefinível experiência de morrer. A função mítica desempenha novamente aqui o seu papel, substituindo o desconhecido pelo conhecido. Esse episódio nos remete assim, uma vez mais, à hipótese do Espiritismo como *elaboração religiosa e afetiva do ausente* – sendo a morte entendida aqui como a *grande ausência*. É bem verdade que outras religiões e práticas culturais ao longo da história cumpriram essa mesma função; o culto aos mortos – em suas diferentes roupagens – remonta a tradições antiquíssimas, como vimos brevemente no capítulo 2⁸⁴. Não obstante, pode-se considerar a doutrina espírita – bem como outras correntes espiritualistas – como contribuições religiosas *modernas e ocidentais* ao enfrentamento da morte. Sendo o Brasil o principal divulgador do Espiritismo kardecista no mundo (Lewgoy, 2008), e tendo o Espiritismo brasileiro características singulares que o diferenciam da versão originalmente francesa, talvez seja ainda mais correto dizer que se trata de uma contribuição religiosa tipicamente brasileira ao enfrentamento da morte. Esse não é, certamente, o único elemento definidor do Espiritismo, mas é dos mais fundamentais, e nos ajuda a iluminar uma série de questões suscitadas pelas práticas espíritas e seu sentido na vida dos participantes. É o que nos auxilia a entender, entre outras coisas, o motivo de milhares de adeptos e não adeptos do Espiritismo terem buscado nas psicografias de Chico Xavier, durante anos, um consolo para a perda de seus entes queridos (Souto Maior, 2003).

Em seu Livro dos Espíritos, Kardec (1860/1992, p. 134) define a doutrina por ele “codificada” como “o antagonista mais terrível do materialismo”. Para Kardec, o Materialismo seria o sistema filosófico perante o qual nada há além da matéria, nada há que transcenda o mundo físico em sua complexa constituição. Ele considerava essa corrente de pensamento como a concepção usual dos “sábios”, médicos e cientistas de sua época para explicar o universo e a existência humana, mas a considerava, entretanto, socialmente nociva, pois poderia, segundo ele, incentivar o egoísmo e o suicídio. Não tendo a vida outro sentido a não ser o de garantir a própria sobrevivência, e sendo os indivíduos apenas diferenciações da matéria em suas muitas formas (corpo, cérebro etc.), nenhuma necessidade ou motivação haveria em resguardar a vida do próximo, mero objeto entre outros.

Há pouco interesse de nossa parte em saber se Kardec está hoje filosoficamente correto ou atualizado em sua crítica ao Materialismo. Mais importante é saber como os participantes internalizaram esse discurso, e como aplicam tal fórmula para dar significado às suas ações no mundo. Pensar na morte implica pensar na vida, nas razões de se viver. Para o espírita, surge a

⁸⁴ Se desejarmos ir mais longe, até mesmo macacos e outros animais podem apresentar alguma percepção da morte ou aparentemente comportar-se como em uma situação de luto (Anderson, Gillies & Lock, 2010).

indagação: viver como *espírito* ou como *matéria*? Independentemente do estatuto ontológico desses conceitos, eles constituem, no discurso espírita, dois modos de vida diferentes, duas formas de identificação possíveis ou de explicação da existência humana. O que desejamos descobrir são as origens psicológicas dessa diferenciação.

Dentre as perguntas levantadas aos entrevistados, encontrava-se esta: “O que lhe vem à mente (sobretudo sentimentos) frente à idéia de que o ser humano é apenas matéria e não espírito? (Ou) Como você lida com a idéia de que a mente humana é resultado de processos neurofisiológicos e não espirituais? Quais sentimentos, sensações ou reflexões surgem diante dessa idéia?”. O leitor atento provavelmente nos dirá: “tal como foi feita a pergunta é óbvio que as respostas serão favoráveis à crença no espírito. Não há necessidade de perguntar algo cuja resposta já se sabe de antemão”. Contudo, note-se que a ênfase da questão residia nos *sentimentos*; em alguns casos, chegou-se a explicar aos participantes que aquilo que desejávamos *não era* simplesmente o que a doutrina havia ensinado, mas quais as *emoções* relacionadas à pergunta. As respostas dadas a esse respeito nos pareceram bastante significativas para uma reflexão sobre o tema da morte. Para nossa análise, baseamo-nos ainda em outras partes das transcrições vinculadas à mesma temática. Vejamos alguns exemplos ilustrativos:

Médium A.M

143. E.M: [...] *Tem muitas pessoas que tem aquela visão mais materialista, de que a gente é o corpo, é o cérebro, e morrendo, acabou, né. Não há vida depois, e etc. E o Espiritismo já tem essa visão assim mais do espírito, né. Então, o quê que você acha dessa visão assim mais de que, morrendo, né, acaba tudo? O que você pensa? O quê que te traz assim, mas eu não quero assim só o que a doutrina diz, ou o que você pensa, mas o que você sente? Qual é o teu sentimento, as emoções que vem quando você pensa: puxa, eu vou morrer, e vai acabar tudo. Como é que é isso?*

144. A.M: [Suspira] *Eu já pensei nisso; se morrer, e acabar tudo; me dá uma certa agonia, um certo desespero, né. Meu Deus, então tudo perde o sentido. Pra quê que você vai viver, você vai dar duro na vida, ai, eu me esforço, trabalho tanto, economizo meu dinheiro, eu procuro ser honesta o máximo que eu posso, né – porque eu não acredito que alguém é cem por cento honesto – mas dentro de tudo que eu posso, eu sou, cê entendeu? E eu vejo, todo mundo aqui é como eu, batalhando, sabe, pelas mesmas coisas. E tem tanta gente que – os próprios políticos mesmo – passam a mão no dinheiro da gente; cê tá na rua, o outro vem lá, tira o seu dinheiro. Não pode ser igual. De jeito nenhum. Então, tem que ter uma coisa a mais. E olha, Deus fez o homem, sabe, ele pôs tanta coisa boa nesse mundo, ele deu tanta inteligência pro homem fazer tantas coisas, pra quê? Pra jogar fora depois? Cê não faz uma coisa boa, pra amanhã jogar no lixo. Ninguém faz. Eu não acredito nisso. Então, eu tenho plena convicção de que tudo continua. Meus filhos, meus netos vieram, eu tenho certeza que eles vieram de algum lugar, que eu já os conhecia antes, cê entendeu? Eu tenho certeza disso. Isso dá um ânimo na vida, né, dá vontade da gente continuar. Abrir as janelas todos os dias e falar: ai, como Deus é maravilhoso (risos).*

Médium C.A.B

96. C.A.B: *É muito triste pensar isso, morreu, acabou... (risos). É como... sei lá, um... um.../ tem que ter algo mais, entende? Tem que ter algo mais. Alguma coisa a mais. Não é só morreu, acabou, como muitos falam, ou outros, como fica dormindo na paz do senhor. Tem que ter alguma coisa, porque na mente, na nossa mente, vem muitas coisas*

que seria impossível a gente aprender nessa vida. Muitas coisas. Que nem, todo mundo fala, de médico, de cientista, e de louco, todos nós temos um pouco. Então todo brasileiro é um técnico de futebol, de vôlei, de basquete. Quantas coisas que a gente imagina, pessoas que cê vê, e vai/ fica feliz de ver a pessoa, outras você não quer nem ver na vida. E às vezes a pessoa é uma pessoa maravilhosa. Você não simpatiza com ela, tem antipatia. Ou lugares. Quantos flashes vem na nossa mente, né, flashes mesmo, de lugares que você nunca viu, que você foi transportado pra lugares, à noite, você se lembra de muitas coisas que você fez, trabalhou; você sabe que você trabalhou, que você fez. Então eu acredito que o nada não/ o nada é o nada! Entendeu? O nada é o nada, não existe nada acaso; essa nossa conversa também, já foi tudo planejado, da gente se encontrar. Tudo que existe no mundo, desde que você converse com a pessoa, goste da pessoa, tenha raiva da pessoa, é sinal que você já se encontrou com aquela pessoa em outra vida. Ou numa coisa boa, você foi amigo, você ajudou, desde que você é ajudado por uma pessoa é porque você ajudou aquela pessoa em vida passada. Ou ajudou alguém. [...]. Então eu não vejo assim, eu não vejo assim: morreu, acabou. Existe algo mais, e essa certeza é tão certa como nós estamos conversando agora, a certeza da vida após a morte, da reencarnação, de ter vivido vidas passadas; é uma certeza absoluta. Eu tenho certeza! Eu sei, eu creio nisso. Não é assim: ah, será? Eu não tenho dúvida. Deixou/ a dúvida existe só em pessoas que não conhecem, que tem medo do amanhã; eu já sei o que vai nos acontecer amanhã. [...]E eu também não me vejo sem trabalho. Como dizem: “o meu nome é trabalho e o meu sobrenome é hora extra”.

98. C.A.B: (risos). É esse o meu nome. *Eu tô no centro espírita, eu quero tá fazendo, trabalhando, fazendo alguma coisa; eu quero ser útil; nós temos que ser útil. O melhor remédio contra a depressão, que nem acredita, é a vassoura. É a vassoura.*

Médium I.Z

178. I.Z: Olha, tem que pensar o seguinte: o quê que eu sou além desse corpo de carne aqui? Além dessa pessoa aqui? Porque o meu corpo anda, mexe, eu sinto fome, sede, isso e aquilo? Aí vão falar: “é por causa que você tem um cérebro; esse cérebro comanda teu corpo, tem a corrente sanguínea, tem a corrente sanguínea que alimenta esse cérebro”, mas é só isso? E daí, não tem mais nada, em cima, do lado, embaixo? Nada? Então alguma coisa, alguma força maior tem pra movimentar tudo isso. Só o homem porque você tem um cérebro, você tem uma corrente sanguínea, tem um coração que bate legal... mesmo assim você não é nada. “Ah, eu tenho carro, tenho casa, tenho isso, tenho aquilo, porque eu trabalhei, porque eu fiz”/ tudo bem, você trabalhou, você conseguiu, você tem. Mas de uma hora pra outra você pode perder tudo isso, você pode perder até os movimentos do teu corpo. E daí, pra onde eu vou? O quê que acontece depois com esse monte de carne aqui? Com esse corpo? E daí? Pra quê que eu tô aqui, pra quê que/ pra onde eu vou? Pra quê que eu sirvo? Então pra mim, tudo isso tem uma força bem maior acima de tudo e de todos que rege tudo isso. Responde a sua pergunta? Era isso mesmo? (risos).

Médium M.J

262. [...] *Eu tenho muita dificuldade com a morte. Porque jogam aquela pessoa lá que te abraçou, que te sorriu, que... jogam a pessoa lá, como se aquilo lá não fosse mais nada. Não é mesmo mais nada, porque o espírito dela já não tá mais ali. Mas eu acho uma falta de respeito. Fazer tudo aquilo. Deixar lá, nu, né. Tudo isso. Então se pudesse ver que tem um espírito ali, que às vezes nem se despregou daquele corpo, tá passando por aquilo ainda... vergonha ou sofrendo ou não querendo estar ali. Então se ele [o profissional] pudesse ver, ele trataria melhor, e encaminharia melhor esse espírito.*

Médium V.

235. [...] *E... de ver assim, que só ver assim cérebro. Poxa, essa vida acabou sem ter uma história lá atrás. Eu sempre questionei: aí não tem Deus. Não tem, não tem por que. Porque então eu vou ser mesmo uma pessoa que eu quero ser. Eu não vou me preocupar com o outro. Porque me preocupar? Eu vou morrer, acabou tudo mesmo. Pra mim é muito mais fácil, muito mais cômodo. Então não dá pra você ver uma vida assim sem/ porque cê fala assim: é muita injustiça. Nossa, eu emociono, às vezes nem consigo ver um jornal, e ver aquela miséria, aquela coisa, eu falo: é muita injustiça. Deus não estaria provando/*

tem Deus aqui, né. E aonde o Espiritismo trouxe essa resposta. De você ver, aí você vê a justiça divina mesmo. Porque aí você fala assim: não, tem Deus assim. Se aquela pessoa tá passando por aquilo, ela tá/ tem justificativa. Então não dá mais pra você conceber uma vida aqui sem ter uma continuidade e uma anterior. Não tem como, não dá pra você ver. Que nem nesse contexto que eu falo assim, de você ver as pessoas aí que não tem Deus no coração, e só vê mesmo/ nossa, é muito/ não dá pra conceber assim/ cê tem que respeitar, porque cada um/ eu também já fui uma pessoa que não tinha essa visão. Então, então hoje você vê a sua visão de que tem esse lado espiritual, então é bem mais/ é menos árduo você viver hoje, no dia de hoje. Né, de você ver a vida.
[...]

415. [...] Então essas dores, essas, nossa, essas diferenças; tem tanta coisa que se a gente olhar, perde o sentido da vida; de você falar assim: não, não tem justiça. Porque hoje nós estamos num mundo que não quer mesmo, não tem mais tolerância, mais paciência com ninguém. Os casamentos, cê vê, os casamentos hoje em dia tão aí, é... bem mais, é... negócio, né. Então eu não: ah, já caso assim. Se não der certo, separo amanhã. Então não é por aí, então tô esquecendo um pouco de Deus. E tudo isso vai trazendo um pouco pra Deus, pra dentro de Deus, né. Pra gente tá levando essa vida aí que tá tão difícil, né. Levando pra gente ter mais conscientização.

As emoções e sentimentos suscitados pela questão da morte são dos mais variados. De um lado, há emoções relativas à ausência de sentido, ao vazio que a morte ocasionaria. Como diz C.A.B, “o nada é o nada, não existe nada acaso”. Parece inadmissível, nessa resposta, que todo esforço empregado pelo indivíduo para cumprir com suas aspirações durante a vida redunde na completa inexistência. Há também sentimentos relacionados à coisificação e desvalorização do indivíduo, quando visto exclusivamente como corpo e não também como espírito. De outro lado, a morte levanta questões preocupantes sobre justiça e desigualdade social, sobre a criminalidade, a impunidade e o descompromisso perante o outro. Deseja-se uma continuação ou extensão da vida, onde a justiça não cumprida aqui seja levada a cabo no além. Por fim, a morte remete à fragilidade humana e à irreversibilidade do próprio morrer, apontando para a religião como possível recurso no enfrentamento das adversidades, um meio de orientação ou um modo de se viver

Temáticas	Sentimentos
Ausência de sentido ou representação / vazio	“agonia”, “desespero”, “tristeza/depressão”, “medo do amanhã”
Coisificação e desvalorização do indivíduo	“indignação”, “desrespeito”, “desamor”
Problemas sociais	“injustiça”, “irresponsabilidade”, “egoísmo” “desamparo”, “intolerância”
Fragilidade humana e o papel da religião	“sofrimento”, “aceitação”, “paz”, “filosofia de vida”

Quadro 9. Temáticas relacionadas à morte e os respectivos sentimentos suscitados nos participantes.

Vê-se pelas respostas colhidas e resumidas no quadro a importância de certas questões existenciais na escolha pelo Espiritismo. De um ponto de vista psicológico, observamos que o discurso dos participantes atribui características extremamente *positivas* à noção de “espírito”. Essa noção constitui, por assim dizer, uma *supervalorização* do humano.

Como se sabe, o espírito – mesmo quando ‘encarnado’ – é dotado das mais diversificadas e surpreendentes faculdades: telepatia, psicometria, clarividência (ou “dupla vista”, como se referia Kardec) etc. Esse mesmo espírito sobrevive após a morte e continua vivendo ainda por muitas outras reencarnações, atingindo estágios evolutivos cada vez maiores. À noite, esse espírito – que se encontra tolhido pelo corpo no estado de vigília – é capaz de se desprender parcialmente do organismo que o abriga e viajar para as mais distantes e inóspitas localidades espirituais. Enquanto tal, ele não difere de nenhuma outra pessoa; sua aparência, sua condição social e econômica, seu sexo etc. mudam conforme sua capacidade de manipular seu “perispírito” ou conforme ele/ela passa de uma reencarnação para outra. Seus conhecimentos, mesmo quando limitados, serão supridos em vidas futuras, pois já se encontrariam em estado latente, à espera de um desenvolvimento ulterior adequado. Enquanto espírito imortal, o indivíduo é essencialmente livre das categorizações sociais, uma vez que estas se impõem apenas durante estágios inferiores do desenvolvimento, ou enquanto está encarnado na Terra. *A noção de espírito confere ao indivíduo, portanto, a transcendência imaginária de suas limitações biológicas e sociais*; ela é, sob esse aspecto, o ideal de um ser humano mais amplo e completo, capaz de vencer a morte e o sofrimento e de evoluir sempre.

Arriscamos a hipótese de que o espírito, de um ponto de vista individual, é uma representação *narcísica, uma imagem de si mesmo fortemente carregada de afeto e extensamente moldada pela função mítica e pelas crenças grupais*. O idealismo contido nessa imagem é de duplo aspecto: pode tanto impulsionar o indivíduo para realizações maiores – como na ressignificação – quanto estacioná-lo, mantendo-o perpetuamente fascinado com ela – como na reposição e na identidade-mito. A chave de sua força transformadora reside, em grande parte, nesse elemento narcísico de superação das adversidades e limitações pessoais (autoconfiança, auto-estima etc.). Como diz S: “*eu sou da minha alma, eu sou do meu espírito*”⁸⁵. Mas é no mesmo lugar de sua força que encontramos sua fraqueza. Para o Eu, *a preocupação com a morte será a contrapartida compensatória da supervalorização de si mesmo*. A demonstração de sua própria sobrevivência após a morte torna-se uma necessidade. As sessões espíritas (como se viu no final do capítulo anterior) retomam sempre um processo inicial de *conversão à doutrina*; esse último aspecto retrata, no entanto, apenas a faceta coletiva ou institucional do ritual espírita. De uma perspectiva

⁸⁵ Talvez possamos dizer ainda que o ideal espírita de caridade e ajuda ao próximo corresponde a uma derivação ulterior da noção de espírito – ou, melhor dizendo, da sua projeção ou adaptação a uma escala de amplitude universal. Nesse sentido, a identificação com o gênero humano culminaria em determinados atos de preocupação e preservação do outro, compensatórios e reativos à supervalorização de si.

individual, a reunião mediúnica constituiria, simbolicamente, a repetida *comprovação* da sobrevivência após a morte, atestada pela manifestação dos espíritos. A sessão espírita é, assim, um processo circular em que vida e morte se intercalam, e no qual a continuidade do Eu é mantida e jamais obliterada, onde o Eu é sempre vitorioso em relação à morte. O temor de deixar a doutrina – como nos casos de forte identificação com ela – é também o temor, mais ou menos consciente, de enfrentar a morte, de enfrentar todos aqueles sentimentos negativos que listamos anteriormente em relação ao processo de morrer.

A noção de espírito – a exemplo de tantas outras representações paranormais e religiosas do Eu – é uma resposta a sentimentos e preocupações existenciais. Ela apela ao consolo emocional; à perseverança e à motivação frente às dificuldades da vida; à sensibilidade em relação ao sofrimento e ao fracasso; à promoção da solidariedade; ao enfrentamento da morte etc. Ela atua “resgatando do esquecimento as dimensões das nossas relações pessoais e sociais nas quais os avanços da racionalização cultural e social têm causada completa devastação” (Habermas, 2008, p. 6). Certas feridas narcísicas são universais e próprias à condição humana. Cabe à cultura fornecer os meios de enfrentamento e elaboração de tais feridas. As crenças paranormais são expressões *potencialmente* legítimas de enfrentamento, ainda que se duvide de sua “veracidade”. Afinal, a importância de tais crenças não tem residido tanto, ao longo da história, na corroboração ou não da existência de *fenômenos* paranormais. Ao que nos consta, a falta de legitimação científica para determinadas concepções paranormais e religiosas jamais impediu, em larga escala, que indivíduos e sociedades buscassem sentidos de vida transcendentais em relação às condições biológicas e sociais dadas⁸⁶.

⁸⁶ Utilizamos-nos da expressão “potencialmente legítimas” em razão de que certas crenças ou práticas paranormais também podem ser nocivas ou desumanas; no famoso caso *Heaven’s Gate*, por exemplo, um grupo de adeptos dessa seita cometeu suicídio coletivo frente à expectativa da vinda de um cometa que os levaria embora da Terra (Goode, 2000). Sabe-se também de casos de posseção por espíritos que são prejudiciais a certas comunidades ou escondem processos psicopatológicos – cf. capítulo 3. Que fique claro, portanto, o caráter geral e abstrato de nossa afirmação precedente, e não sua aplicabilidade irrestrita. Devemos ter em mente que, à semelhança de outras atividades humanas, as crenças e práticas paranormais e religiosas podem servir de veículo para impulsos tanto criativos e emancipatórios quanto destrutivos ou restritivos.

8 A mediunidade como ocultação e revelação

“193. [...] Então eu necessito de entrar dentro de mim, eu gosto disso”;
“217. [...] quanto mais eu venho, mas eu vou me descobrindo”.
- MEDIUM S.

O comportamento humano, longe de ser facilmente compreensível, é determinado pela ação de variáveis as mais diversas, as quais frequentemente escapam ao conhecimento e ao controle dos indivíduos. Parte dos fatores determinantes do comportamento dos médiuns é acessível aos mesmos e a qualquer um que aceite suas conclusões religiosas e paranormais. Todavia, outra parte não menos extensa de suas ações, pensamentos e sentimentos é mais resistente a uma apreciação, e necessita, para tanto, de instrumental analítico específico. Como afirma Ciampa, a identidade é *ocultação e revelação*. Ora ocultamos um personagem, ora o revelamos. Há situações em que alguns desses personagens – e seus respectivos conteúdos – são reprimidos ou simplesmente ‘esquecidos’, sem chance imediata de desenvolvimento ou elaboração. Sob esse aspecto, “*precisamos distinguir entre o manancial, o que ainda pode devir consciente, e o consciente, que se inverte como inconsciente e retorna ao manancial*” (Ciampa). Alguns desses conteúdos se tornam estranhos ao indivíduo, dissociados, pois não podem ser abertamente assumidos e explorados, em função de entraves pessoais ou sociais. No universo das representações psíquicas, entretanto, tudo aquilo que permanece oculto tende a se revelar de alguma forma, tende a encontrar um meio de expressão. O que está inconsciente / implícito busca sua própria conscientização e explicitação. Segundo nos parece, a mediunidade também resulta, em grande medida, desse interjogo da ocultação e da revelação. Mas não se trata de um processo circunscrito ao indivíduo, às suas próprias condições de vida; para que possamos entendê-lo em sua complexidade e diversidade é preciso que a análise efetuada se dê pela mediação da psicodinâmica individual com a institucional, pois são efetivamente as instituições as detentoras do poder, maior ou menor, de condicionar, num nível coletivo, a seleção do que deve ou não ser ocultado e revelado. Desvendar o oculto na mediunidade é desvendar igualmente o que se esconde por entre processos e relações grupais e sociais mais amplas. Tomando tais premissas como ponto de partida, podemos resumir nossas principais hipóteses neste capítulo da seguinte maneira:

A identidade mediúnica, no contexto das sessões e práticas espíritas, tende a possibilitar o ensaio – ou exercício – em ambiente controlado, de funções psíquicas associadas a determinados personagens e papéis reprimidos ou pouco desenvolvidos pelos participantes (desenvolvimento de capacidades latentes e pouco afloradas ou estimuladas, em função de adversidades pessoais, sociais etc., como a pintura e a redação, por exemplo). Permite ainda a expressão de emoções difusas, diretamente relacionadas às suas condições de vida, auxiliando tais indivíduos a lidarem com seu mundo subjetivo, sem que tenham de assumir total responsabilidade pessoal (ou consciente) pelos conteúdos que emergem durante as sessões. O centro espírita parece fornecer assim um espaço ‘terapêutico’ de acolhimento e continência para conteúdos reprimidos ou relativamente inaceitáveis, ao transmitir a simbologia e o treinamento prático necessários para se lidar com os mesmos, sem que haja medo ou receio – tendendo a interpretar sua emergência, nesse contexto, como ‘manifestação de espíritos’. Esse processo, no entanto, envolve também certos riscos. O centro espírita pode estar a serviço, algumas vezes, não tanto do desenvolvimento individual de seus membros, quanto da sua própria manutenção ou reposição identitária – isto é, da perpetuação da ideologia espírita – podendo dificultar, em alguns momentos, um desenvolvimento que se proponha ir além das condições institucionalmente idealizadas – postura que redundaria, por fim, na mera reposição do papel social de espírita.

Há pouco dissemos que certas variáveis determinantes do comportamento dos médiuns lhes são inconscientes ou inacessíveis; mas não estamos nos referindo, todavia, a uma inacessibilidade total. É preciso admitir que, em dados momentos, esses indivíduos conseguem perceber a existência de uma ligação significativa entre suas ações e certos conteúdos psíquicos, ainda que de modo superficial. Durante uma sessão no centro Ismael, por exemplo, S. fez dois desenhos: um colorido e outro repleto de linhas e um círculo no meio. Disse ter se sentido mal ao fazer este último desenho, e afirmou: “*é confuso como eu, como minha vida*” (Relatório 1, Ismael). Na sessão seguinte, olhou para uma produção sua e disse: “*isso está confuso, acho que esse espírito aqui está é junto comigo, pois essa é a minha confusão*” (Relatório 2, Ismael). É comum também que os médiuns discutam entre si suas produções e “manifestações” após os trabalhos, visando descobrir quais teriam se originado deles e quais teriam vindo diretamente dos ‘espíritos’:

Enquanto cada um falava sobre suas experiências, o doutrinador E fazia pontuações, orientando no sentido de ajudar os médiuns iniciantes a diferenciarem aqueles conteúdos que seriam deles, e aqueles conteúdos que seriam dos espíritos. Conforme os médiuns liam suas psicografias, estas pareciam muito repetitivas entre si no que se refere ao tema, conquanto recorressem a palavras diferentes. Esse fato foi pontuado por E, que considerou nisso um sinal de que as manifestações provavelmente não eram dos espíritos, mas dos próprios médiuns (aquele fenômeno que o Espiritismo define como animismo, isto é, a influência da alma do médium nas ‘comunicações’ mediúnicas). Algumas psicografias

eram curtas e transmitiam mensagens simples, que não escapavam em nada daquilo que os médiuns poderiam fazer em seu estado corriqueiro, questão essa igualmente salientada pelo doutrinador. Parte delas envolvia temas de encorajamento e persistência quanto ao trabalho mediúnico, que E atribuiu a um chamado dos próprios espíritos para que esses médiuns não desistam e continuem em seu aperfeiçoamento mediúnico. Ele também forneceu várias sugestões de como diferenciar quando uma mensagem expressa algo particular do médium ou quando seria de origem espiritual. Afirmou que o médium deve sempre se perguntar se aquele conteúdo da mensagem não poderia ser atribuído a ele mesmo, e fez um exercício com um rapaz presente, que leu sua mensagem psicografada, atribuída a “um espírito amigo” (sic), mas que E considerou como exemplo de animismo (seria algo que o rapaz estava tentando dizer a si mesmo, mas o fez de modo involuntário). (E) também tentou ensiná-los a não controlar as manifestações, a permitir a espontaneidade, a fechar os olhos e a deixar que a mão se guie sozinha. A única mensagem admitida por E como possivelmente verdadeira foi uma psicografia da médium Y que se referia a um espírito que relatava a própria motivação de seu suicídio (de cunho passionai), e os sofrimentos que continuara passando posteriormente ao seu ‘desencarne’, no mundo espiritual (Relatório 5, Paschoal Tróvelle).

Vê-se pelas passagens acima como os participantes procedem – ainda que de forma leiga – na formulação de interpretações psicológicas, obtendo, às vezes, algum sucesso – como na avaliação que o doutrinador fez da psicografia atribuída ao “espírito amigo”. Não se pode dizer, portanto, que a percepção desses fatos seja completamente distorcida pelas crenças e práticas espíritas. Porém, os critérios de diferenciação a que recorrem os médiuns estão longe de suficientes em termos psicológicos. Sabemos que não basta a um indivíduo simplesmente perguntar a si próprio ou aos seus semelhantes sobre a origem de algo que faz, diz ou escreve; nosso autoconhecimento é comumente limitado, além de duvidoso e tendencioso para que se deposite nele tanta confiança. Mesmo após dedicados exercícios de ‘reforma íntima’ ainda haverá processos inconscientes de difícil penetração, cuja elucidação só é possível mediante rigorosa e prolongada análise, feita por terceiros – de modo a se evitar o envolvimento pessoal. A facilidade com que uma interpretação é levantada depende também do tipo de produção considerada. Geralmente, os desenhos mediúnicos não trazem informações ou dados adicionais que permitam uma compreensão muito óbvia do seu significado; é preciso então investigar cuidadosamente as associações mentais e a psicodinâmica dos médiuns de maneira a se chegar a alguma hipótese explicativa. Na entrevista com I.Z., por exemplo, ela desistia com muita rapidez da tentativa de dar sentido aos seus desenhos, soltando frases como “*não sei o porquê disso*” ou “*não posso te afirmar*” (I.Z., 250-252). No capítulo 6, também vimos como parecia difícil para V. explicar os ‘rostos’ anônimos que sentia vontade de produzir em algumas sessões. Tais dificuldades não se limitam, entretanto, apenas aos desenhos, mas podem ser estendidas a outras manifestações dos médiuns. Isso é assim porque muitas de nossas vivências se acham imersas em um emaranhado bastante confuso de associações mentais, o qual, além da sua própria complexidade, é frequentemente de difícil aceitação

emocional. Certos conteúdos psíquicos são mais angustiantes do que outros, e a atribuição de suas causas a agentes ou forças ‘espirituais’ acaba por tornar mais fácil uma aceitação ou reconhecimento preliminar, do que se o indivíduo admitisse a si próprio como causa principal e direta. O exemplo a seguir ilustra bem essa característica. A participante E.O nos relata um episódio interessante cujos mecanismos psicológicos subjacentes podem ser hipoteticamente deduzidos. Faltando quinze dias para o seu casamento, ela teve um sonho no qual teria saído de sua casa, em Ribeirão Preto, e vindo para São Paulo. Aqui, tomara um avião para os Estados Unidos, e lá chegando, encontrara um rapaz. Vejamos sua narrativa:

18. E.O: [...] Nossa! Quando eu vi, eu tive uma saudade, uma saudade que não dá pra explicar, né. E aí a gente se abraçou, aquela saudade, aquela saudade, aquela coisa boa, aquele amor, um amor diferente do amor que a gente tem aqui, né, que é uma mistura, né. Mas assim, um amor muito grande, muito gostoso, e aí ele falou: “nossa, que bom que a gente se reencontrou!”. E me levou pra passear, me levou primeiro numa exposição de pássaros, uns pássaros exóticos, diferentes, sabe? Depois ele me levou pra comer num restaurante que era pra fora assim, sabe? Com mesinhas, com toalhas quadriculadas de vermelho e de azul. E a gente comeu ali, depois ele disse assim pra mim: “agora, você vai embora”. E eu falei: não vou. Ele falou: “você vai. Você tem que ir embora”. [...] E eu fui, né.[...] Eu me lembro que eu fiz todo o trajeto que eu tinha ido, eu voltei. E aí eu abri o portão da minha casa e eu acordei chorando, o meu pai me aplicando o passe. Só que eu fiquei muito assustada, e eu fiquei na cama com a minha mãe, e eu falei pra minha mãe: eu não vou casar mais. [...] Eu disse: eu não vou casar mais. Não vou, não quero, não quero, não quero!

No mesmo dia, E.O foi ter com um médium conhecido da família para obter orientações quanto ao conteúdo do sonho e quanto ao seu casamento. O médium falava agora como se estivesse incorporado, dizendo-se o mentor dela. Recomendou-lhe que não desistisse do casamento, e alegou que o rapaz do sonho era um amor de uma vida passada, o qual ela teve a oportunidade de rever espiritualmente. Antes que ela se fosse, o médium ordenou: “30. [...] ‘A hora que você sair, você vai se esquecer completamente desse sonho; você vai só se lembrar do seu casamento. Tá bom?’. Ele me falou aquilo, eu não achei [...] Mas realmente; eu acabei de passar o portão, me esqueci completamente. Aí já me inteirei do casamento, me casei...”. Aderindo à sugestão do médium, E.O se esquece do sonho por anos a fio. No entanto, tempos depois, é durante o velório de sua mãe que ela se recordará dele novamente. Por que logo após esse fato? Podemos especular que o sonho, enquanto uma representação simbólica de um desejo juvenil de liberdade, autonomia e crescimento (uma viagem aos Estados Unidos, pássaros exóticos, um incrível romance) foi barrado pela aproximação do casamento. Todavia, o desejo igualmente conflitante de corresponder às expectativas dos pais – especialmente da figura materna, por quem tinha grande afeição –, fê-la aceitar a sugestão do médium, reprimindo o sonho. Com a morte da mãe, a repressão daquele desejo antigo – e, por conseguinte, do sonho a ele relacionado – é então desfeita e E.O pode se recordar do

que sonhara naquela ocasião⁸⁷. O casamento era um tema preocupante e angustiante; nesse sentido, o sonho apenas expressava o conflito entre seus medos e anseios. A intervenção do médium, durante a visita, postergou o problema apelando para o poder de sua própria autoridade espiritual frente à médium, e remetendo a causa do sonho a uma querela de vidas passadas, deslocada no tempo. Foi mais fácil e menos angustiante para E.O lidar com o conflito dessa forma do que assumir a responsabilidade por seus desejos, desistindo do casamento ou repensando sua decisão a respeito.

Certamente, não se trata de um desfecho almejável ou interessante de uma perspectiva psicoterapêutica. Deve-se ressaltar, não obstante, que esse é, muitas vezes, o melhor meio *encontrado* pelos participantes para manejarem certos conteúdos. Se a intervenção das crenças paranormais apenas afastou E.O de enfrentar mais corajosamente seu conflito, em outros casos, é justamente o apelo a essas crenças e práticas que permite aos participantes lidarem com questões de sua vida psíquica que, de outro modo, dificilmente adquiririam algum relevo para eles – dadas suas tendências religiosas e a recusa de explicações que não possuam uma base ‘espiritual’; dadas suas resistências frente aos próprios conteúdos a serem trabalhados etc. Dentre os aspectos latentes expressos ‘mediunicamente’ não se encontram apenas facetas reprimidas ou indesejadas, mas também determinados potenciais e funções psíquicas estimuladas mediante o treinamento “mediúnico”. As facetas indesejadas são, por sua vez, submetidas a um processo de evangelização ou *conversão à doutrina*, o qual exerce, não raro, um efeito catártico, além de auxiliar na posterior integração desses conteúdos à consciência. As práticas mediúnicas parecem se sustentar numa espécie de *negociação* com o meio social, onde os papéis e personagens intoleráveis à sociedade, à família e aos próprios participantes têm seu espaço garantido num contexto organizado e aceito (o centro espírita) permitindo a fruição controlada (ou *revelação*) daquilo que permanecia estancado e inconsciente (*oculto*), ou em um estado ainda impulsivo. Esse processo de doutrinação e controle das emoções – apesar de suas vantagens – é igualmente um poderoso recurso disponível à instituição espírita para exercer a manutenção de seus próprios interesses ideológicos.

8.1 A segunda escola

Dentre os muitos significados possíveis para o que chamamos de ‘cultura’, Tart (2000, p. 33) a define simplesmente como “[...] um grupo que selecionou certos potenciais humanos como

⁸⁷ Cf. E.O, 182 e 522-530 para episódios marcantes ilustrando sua forte ligação afetiva com a mãe.

bons e os desenvolveu, rejeitando outros como maus. [...] isso quer dizer que algumas experiências possíveis são encorajadas e outras suprimidas para construir um estado de consciência ‘normal’”. Tart nos explica, ainda, que as crianças nascem geralmente dispostas de uma gama variada de potenciais, mas à medida que são enculturadas e socializadas, elas desenvolvem matrizes cognitivas e afetivas implícitas que guiam sua percepção e ação no mundo, tornando-se resistentes, com o tempo, a eventuais mudanças. Conforme os anos passam, torna-se mais difícil para o indivíduo aprimorar certos potenciais; ele é obrigado a fazer escolhas – muitas das quais são estimuladas ou até mesmo impostas pelo contexto sócio-cultural – e que logo o afastam de outros caminhos de vida possíveis. Os potenciais ignorados ou desconhecidos, no entanto, não se perdem inteiramente; é possível, algumas vezes, uma retomada posterior, dependendo da favorabilidade das circunstâncias. É dessa forma que, em suas atividades no centro, os participantes revivem aspectos da infância deixados para trás, irresolvidos ou inexplorados, e se esforçam para desenvolvê-los e integrá-los às suas identidades atuais.

A maior parte dos nossos entrevistados pertence à classe média (cf. quadro 3, capítulo 5). Alguns deles não chegaram até o ensino médio – como E.O, M.J e C. – e outros, embora desejassem, não puderam cursar uma universidade – caso C.A.B e A.M. Houve quem começasse uma faculdade, mas depois, em vista da falta de motivação ou das dificuldades de adaptação encontradas, resolvesse parar – a exemplo de V. e I.Z. Por fim, apenas dois – E. e C.R – conseguiram concluir o ensino superior. Contudo, nenhum deles exerce a profissão em que se graduou – pelo menos, não do modo como C.R gostaria, no caso dela (cf. C.R, 57) – e o processo de escolha vocacional de ambos foi marcado por muitas dúvidas e frustrações.

Nos relatos desses participantes, notamos seu desagrado e constrangimento frente à própria defasagem educacional. É com pesar que C.A.B nos diz: “10. [...] *não fui muito de estudar, não fui uma criança que possa dizer excepcional... em nenhum sentido. Fui uma criança normal como outra qualquer, né. [...] 12. [...] Talvez também não tive uma orientação, ou não quis ter, pra seguir uma/ fazer uma faculdade. Oportunidade eu tive, mas não tive condições de pagar uma faculdade*”. M.J. também nos descreve os empecilhos financeiros e emocionais que a levaram, quando criança, a não completar seus estudos: era “muito medrosa”, não gostava da “bagunça” e da “correria” da escola. Aos sete anos, sua família a coloca para trabalhar com a irmã, o que a deixa sem disposição para estudar. A dificuldade em conciliar as duas atividades, somada à ausência de incentivo dos pais e aos problemas financeiros da família, fizeram com que largasse, por fim, a escola (M.J, 164-166). S., por sua vez, queixa-se de não ter dedicado mais tempo aos estudos, em

função da epilepsia de que era portadora, e menciona a forte discriminação sofrida na infância (S., 400-407).

A educação repressora a que foram submetidos alguns dos entrevistados é também digna de nota, uma vez que auxiliara a frustrar parte de suas aspirações e anseios, possivelmente impedindo, com isso, o desenvolvimento de certos potenciais. A esse respeito, E.O. relata o grande receio de sua mãe em discutir temas relacionados à sexualidade (cf. 187-197), e se recorda das muitas brigas que teve com o pai por conta da oposição deste ao seu sonho de seguir a carreira de cantora (cf. E.O., 225-239).

C. (111) também nos explica como o Espiritismo teria ajudado ela a resgatar...

...a pureza da alma, que na minha infância eu tinha. E eu perdi. Porque só via tragédia, tragédia, tragédia. Então tudo escureceu. Então isso está voltando. Sabe? E eu me encanto com o outro lado. Claro que eu amo esse lado de cá. Mas o outro lado também é encantador. Sabe? Então, às vezes, em desdobramento [experiência fora do corpo] eu vou a alguns lugares que eu não preciso andar com os meus pés no chão. É incrível porque às vezes eu dou um impulso assim e eu deslizo e de repente eu me vejo em outro lugar. Sabe? E isso daí só veio aperfeiçoar aquilo que eu acreditava na minha infância. Eu gosto disso daí.

Temos razões para crer que muitas das lacunas e dificuldades de aprendizagem e adaptação relatadas pelos entrevistados encontram um espaço de retomada e aperfeiçoamento no centro espírita, quase como se o centro atuasse, nesses momentos, enquanto uma *segunda escola*, cumprindo com a função de preencher vazios no processo educativo, processo interrompido ou prejudicado na infância ou na adolescência. Durante as sessões, suas lembranças infantis reemergem (*revelam-se*), e são elaboradas a partir das crenças e práticas espíritas.

Ao conhecermos pela primeira vez a sala de psicografia e pintura mediúnica do centro Ismael, logo verificamos sua semelhança direta com uma sala de aula: lousa, giz de cera, materiais para escrita e desenho, livros, cadeiras dispostas na direção da lousa etc. A sessão reproduz as mesmas características de uma aula: a divisão do grupo em professora e alunos; tarefas realizadas em sala e lições para casa; acompanhamento, por parte da professora, das práticas realizadas pelos alunos etc. O contexto religioso se converte, por um instante, em contexto educacional; não apenas educação moral e religiosa, mas educação para a arte, para a pintura e para a escrita, um contexto em que a leitura, a compreensão e a discussão de textos são de importância básica. Enquanto se observa o grupo pintando e psicografando, não se pode deixar de perceber o quanto as atividades mediúnicas possuem um caráter lúdico. As produções dos participantes não vão além do que muitas crianças pequenas produzem na escola, indo desde meros rabiscos a desenhos e redações simples, mas que guardam para eles uma enorme relevância, suscitando prazer e bem-estar enquanto estão

sendo elaborados. Mostram-se felizes quando evoluem em suas produções, quando são elogiados (mesmo que prefiram atribuir a realização a um espírito) e comentam seus progressos com outros participantes. Os temas de seus desenhos também são, geralmente, muito simples e não esboçam maior complexidade de reflexão ou técnica, salvo para os participantes que realizam cursos de pintura fora do centro; mesmo nesses casos, contudo, a simplicidade dos temas persiste. Tendo alguns desses indivíduos um contato diminuto com atividades intelectuais, e sendo a experiência escolar, vivida na infância e na adolescência, o último registro significativo que possuem desse tipo de atividades, sua participação nas sessões de pintura e psicografia acaba por reativar, forçosamente, imagens e interesses próprios a esse estágio anterior do desenvolvimento psicológico: eis um belo exemplo daquilo que os psicanalistas chamam de *regressão*. Não obstante, é difícil dizer até que ponto se trata do retorno a um estágio psicológico precedente ou simplesmente da conscientização de conteúdos que, na verdade, sempre estiveram disponíveis à espera de uma elaboração adequada. É inclusive um tanto complicado traçar, por vezes, a extensão da influência desses conteúdos no funcionamento atual da consciência. S. é capaz de narrar suas lembranças escolares de modo tão vivo e entusiasmado quanto se estivesse vivendo sua infância no momento da entrevista:

374. [...] Parece que eu tenho lá uns conhecimento muito guardado dentro de mim, sabe? Coisas que/ artesanato eu gosto... coisas light, bem light mesmo, sabe? Coisa assim que eu possa reverter tudo/ meu pensamento é esse: reverter. Eu sei fazer isso aqui, né, então se eu for trabalhar fora, por exemplo, eu vou começar/ **aí a criatividade vem** como a V. falou. **Vai vir uma criatividade** [tosse]. Então eu to trabalhando assim, na parte espiritual.

375. E.M: E deixa eu te falar. Você/ como é que começou assim o seu interesse pela parte de pintura, o desenho, psicografia? Por que você foi mais pra esse lado assim?

376. S: Porque lá, lá em casa, E.M/ se bem que/ ah é, porque na escola – aí, cê fez me lembrar bem agora [expressa bastante contentamento] na escola, eu gostava muito de/ até a professora falava/ até com o meu filho também, ele serve pra pintar, adora pintar também. Porque assim, eu fazia muita casa, janela, fazia uns vasinhos na janela; mas vinha muita árvore, árvore, e vinha muitas crianças brincando no meio daquelas árvores. Sabe? Aí eu queria fazer aquelas maquetes/ dia da criança era uma beleza, eu inventava um monte de coisa junto com o meu grupinho, sabe? Se bem que antigamente era mais unido, mais gostoso, todo mundo ajudava uns aos outros. Festa junina então, né. Então, mas só que na aula de português... na aula de português, eu tenho até o jornalzinho lá das melhores alunas, sabe? [expressa bastante contentamento] Ai! Guardei o jornal; é coisa vieja, mas eu guardei. [Pronuncia o próprio nome completo]. Nota nove. Nove, oito saía, né. (às vezes chegou dez)

421. [...] Então eu to me descobrindo. Eu tenho tanto talento lá dentro, sabe?

O “talento” (ou “criatividade”) que S. acredita estar “guardado” (*ocultado*) dentro dela pode ser entendido como o conjunto daqueles potenciais cognitivos que não adquiriram expressão adequada em outra época. Note o leitor como é importante para ela mencionar suas conquistas escolares, suas boas notas e seu bom desempenho; a vida na escola traz boas lembranças,

agradáveis de recordar. S. parece sentir que apesar de seu esforço e capacidade, algo não deu certo em sua vida educacional passada que precisa ser “revertido” agora. Outro exemplo interessante é observado no caso V. A médium nos esclarece que “*até pra fazer desenho na escola era terrível*” (V., 297). Contudo, nas aulas de pintura mediúnica em que participou durante algum tempo, ela alega ter obtido uma melhora gradativa em suas produções, acima do que esperaria para si mesma. Não só sua habilidade para desenhar como também outras expressões – dentre elas, a fala e a escrita – teriam adquirido progresso expressivo:

172. [...] tipo assim, uma colega minha veio aqui em casa... é assim, como eu dando conselho pra ela, mas assim/ ela tava muito aflita, tal, e eu comecei a falar, só que não era assim/ sabe quando cê tá falando e você vê que depois que você falou, cê até se surpreende?

173. E.M: Não é você.

174. V: É. Aí cê fala assim: nossa, com certeza eu tive a inspiração do plano espiritual. entendeu? Então, pra falar assim/ **porque eu tenho muita dificuldade pra passar as coisas no papel.** “Ah V, faz isso”. Putz, cê você falar assim: “ah, resume esse trecho pra mim”. **Eu tenho dificuldade.** Só quando vem as idéias mesmo, que eu falo: **opa! Muito minha não é, porque eu tenho dificuldade nesse sentido, entendeu? Cê fala assim: “Ah V, fala aí”.** **Eu vou falar, mas assim, eu já sou mais freada.**

175. E.M: (risos).

176. V: É. Quando dá às vezes um conselho pra alguém, cê fala assim: caramba, cê tá falando isso? Então, já aconteceu várias vezes comigo isso.

O fato de as produções contrariarem as expectativas dos médiuns representa um indicador forte, para eles, da intervenção dos espíritos. Como diz V: “*muito minha não é*”. Mas o que podemos observar, todavia, é que o conceito que essas pessoas fazem de si próprias e de suas habilidades, encontra-se, com frequência, abaixo daquilo que realmente são capazes de empreender. Como vimos no capítulo anterior, a maior parte dos entrevistados passou por experiências de rejeição e indiferença afetiva na infância que parecem ter deixado marcas persistentes em sua auto-estima e autoconfiança. A médium C. desabafa que sempre se achou “tudo de ruim”:

31. C.: Olha, como eu fui muito perturbada, eu tive uma infância muito/ eu tive uma vida muito complicada, eles [espíritos] vinham pra me perturbar. **Mas acredito eu que um pouco tava dentro da minha cabeça.** Eu atraía eles, né. Eu atraía. Porque eu me sentia um/ o quê que meu pai passava pra mim? **Que eu era um ser inferior. Que eu não prestava, que tudo de ruim era/ eu era tudo de ruim. Então eu me achava esse tudo de ruim. Eu me achava que eu não tinha nada de bom pra oferecer. Cê entendeu? Então eu só atraía esses tudo de ruim pra dentro de minha casa.** [tosse]

Sem o incentivo, o apoio e o reconhecimento necessários para garantir a continuidade dos estudos ou mesmo a dedicação a outras atividades criativas e produtivas, esses indivíduos se afastaram de seus potenciais, vistos agora como estranhos ou impulsivos – como na “agonia” e na “compulsão” que relatam para escrever ou pintar durante as sessões (cf. capítulo 6). Tivemos a oportunidade de analisar esse processo em minúcias num artigo recentemente apresentado (Maraldi, 2010d) em torno do caso de um médium pintor. As experiências de baixa auto-estima relatadas por

Andrade, reforçadas por sua deficiência auditiva e sua condição socioeconômica, bem como suas produções e sua inserção no movimento espírita, mostraram-nos como certas habilidades artísticas, inicialmente impedidas de se desenvolverem em função de adversidades pessoais, sociais etc., acabam por encontrar depois um meio de escoamento propício nas atividades religiosas, mediante processos dissociativos. No estudo em questão, havíamos chegado ao modelo explicativo ilustrado na figura 18. Convidamos o leitor interessado a conferir posteriormente essa publicação, de modo a não nos alongarmos aqui em demasia.

Um caso que parcialmente se opõe ao modelo levantado, no entanto, é o da médium I.Z. Nela, as manifestações mediúnicas também contrariam certas expectativas; mas no sentido oposto ao da hipótese, isto é, suas produções são consideradas *inferiores* ao que ela é capaz de fazer. Dentre os casos analisados, esse é o que melhor ilustra o aspecto *regressivo* das atividades espíritas de pintura; detenhamo-nos um pouco mais, portanto, em suas principais características.

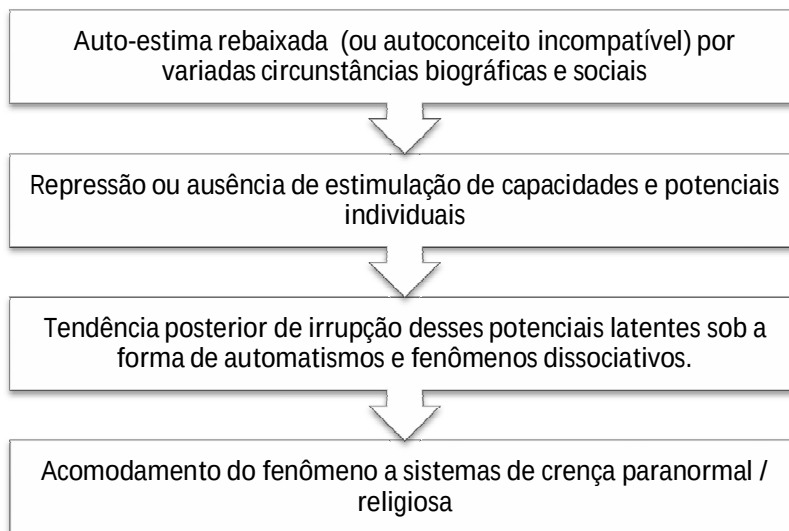


Figura 18. Modelo explicativo preliminar das relações entre auto-estima/autoconceito, fenômenos dissociativos e crença paranormal na pintura mediúnica.

Quando criança, seus pais trabalhavam fora e quase não ficavam em casa. I.Z era a filha mais velha e assumia a responsabilidade pelos cuidados do lar e dos dois irmãos mais novos enquanto seus pais não estavam; as três crianças permaneciam sozinhas a maior parte do tempo, e não recebiam a visita de parentes. I.Z. não gostava de “*bagunça*” (334) e brincava pouco com seus irmãos menores. Sua mãe era “*muito enérgica*”, seu relacionamento com ela era “*péssimo*” e I.Z tinha pouca permissão para sair; a mãe a “*prendia demais*” (298). Não podia visitar as colegas de escola e nem as colegas podiam visitá-la (381-382). Nesse sentido, I.Z viveu uma infância solitária e de responsabilidades maiores do que sua idade poderia comportar. É em meio a tais circunstâncias

que o desenho emerge como passatempo individual prazeroso – “306. [...] *Eu ficava na minha, com os meus desenhos*” – e, mais tarde, como atividade potencialmente promissora:

1. [...] *desde criança eu sempre me interessei por isso. Eu não via outra profissão a não ser o desenho, apesar que eu não me formei em nada. Cheguei a fazer primeiro ano, mas de Letras, aí também vi que não era o meu fraco, não gostava; saí já quando terminei o primeiro ano. E só fiquei fazendo cursos paralelos de pintura, de desenhos, mas não cheguei a fazer faculdade deles não.*

Na escola, embora fosse aluna organizada e comportada, tinha “*muita dificuldade pra aprender*” (388). Seus problemas pareciam relacionados, principalmente, à atenção / concentração e memorização. Tais dificuldades deixavam-na ‘perdida’ e ‘sufocada’, causavam ‘repulsa’ pelos estudos, demovendo-a, por fim, de seus esforços de aprendizagem. As discussões e desentendimentos recorrentes entre os pais podem inclusive ter colaborado com seu quadro:

388. [...] *Um livro eu tenho que ler uma vez, duas, e de vez em quando dar uma olhada pra não esquecer o que tá ali. Até hoje eu tenho essa dificuldade. Pra estudar pra aqueles cursinhos que a gente fazia, de ginásio, pra colegial, alguma parecida – que eu até já esqueci os nomes já – nossa, que sufoco que era.*

389. E.M: *Ah, tipo pra vestibular...*

390. I.Z. *Isso.*

391. E.M: *...essas coisas, né.*

392. I.Z: *Quando cê saía de uma escola pra ir pra outra, meu Deus do céu! Eu estudei/ eu fiz o ginásio no [nome de uma escola]; cê conhece, né? O [nome da escola], ele fica bem em frente à caixa d’água em [bairro], na [rua]. Ai, que sufoco que foi aquilo pra entrar; também, tirei a média que precisava. Incrível, sabe? Parece que quanto mais cê estuda, mais cê esquece as coisas (risos).*

393. E.M: (risos). *Mas o quê que era assim mais difícil pra você assim de memorizar, de... é... ou de prestar atenção; como é que era isso assim? Você tem como/ cê consegue...*

394. I.Z: *Ah, os dois, viu? Os dois, tanto de memorizar, quanto prestar atenção, porque se o assunto tá interessante ainda, a gente consegue prestar atenção. Eu lembro que História/ a professora de História, quando ela tava contando os casos, e isso e aquilo, aquilo me interessava, eu ainda conseguia captar alguma coisa. Mas quando já era a parte de Matemática, Física, Química, aquilo já ia embrulhando tudo, ia montando, ai. Aí eu fugia até o pensamento, saía até da sala, porque não conseguia captar nada daquilo. Era um bicho de sete cabeças pra mim.*

395. E.M: *Mas, assim, por exemplo, na sua casa tinha brigas entre os seus pais? Você acha, por exemplo, que esse conflito afetava de alguma maneira...*

396. I.Z: *Ah, sempre afeta, né. Eu acredito que sempre afeta, e discussões sempre teve, né, por causa de ciúmes. Então/ mas também será que só isso também ia bloquear tanto assim? Eu acho que/ sei lá o quê que podia ser, né. Dislexemia/ dislexia, né, ou sei lá eu o quê, não sei o quê que poderia ter feito, né.*

397. E.M: *Sei. Mas é... pelo que você fala, era mais mesmo uma coisa de atenção, de...*

398. I.Z: *É, de atenção, de não prestar tanta atenção, né.*

399. E.M: *... de não conseguir manter ali o foco. E quando você desviava a atenção, no quê que você pensava, por exemplo? Quais eram as coisas...*

400. I.Z: *Ai, eu queria ficar assim num lugar onde não tivesse ela falando daquelas matérias que eu não gostava (risos). Qualquer coisa, sabe? Menos/ sei lá, qualquer coisa, menos tá ouvindo aquilo ali. Aquilo pra mim me sufocava.*

401. E.M: *Era uma sensação muito ruim...*

402. I.Z: *Ah, era ruim.*

403. E.M: *De angústia mesmo.*

404. I.Z: *De ficar perdida mesmo, sabe? Até hoje, quando fala em Matemática, essas coisas, me dá uma repulsa (risos).*

O tempo passa; I.Z cresce, casa-se e tem uma filha. Nas ocasiões em que buscava sua menina na escola, tinha o costume de conversar com outra mãe que chegava naquele mesmo horário. Foi então que esta, em meio às conversas que tinham, comentou-lhe algo sobre o Espiritismo. A primeira característica a chamar a atenção de nossa entrevistada foi, curiosamente, a questão do *estudo*:

424. [...] Aí eu me interessei por causa do estudo; eu falei assim: eu nunca vi um centro espírita dar estudo, né? Porque pra mim, até aí, centro espírita era só de Umbanda. Aí foi quando ela me contou da casa, começou falar, falar em Kardec, e os estudos que tinha, que tinha de primeiro a quarto ano, depois tinha curso disso, curso daquilo, (aí eu falei assim): oba, é então que eu quero ver isso daí, me interessei, né.

Eis aí o centro espírita como *segunda escola*. I.Z. chega a definir a Federação Espírita como “*uma faculdade*” (76). E, como não poderia deixar de ser, é pelas sessões de pintura e psicografia que ela demonstrará maior apreço – conquanto não desfaça de nenhum outro trabalho espiritual. No contexto religioso, ela dá complementação, dessa forma, ao seu prazer pelo desenho. Contudo, ao praticar a pintura mediúnica, dá-se um estranho fenômeno com ela. I.Z começa a observar que suas produções mediúnicas são sempre inferiores, em termos técnicos, se comparadas às que está acostumada a realizar fora do centro. No capítulo 6, vimos como se deu o processo de evolução da sua mediunidade, partindo primeiramente de simples rabiscos e arabescos, até alcançar formas um pouco mais rebuscadas e esteticamente acessíveis. I.Z explica que no desenho mediúnico “244. [...] é jogado, é rápido, cê não consegue segurar a mão, o braço” e, portanto, “*não é dado tempo*” para efetuar detalhes ou correções. Procedimentos que I.Z conhece e aplica normalmente em suas pinturas – como o emprego correto das cores, proporções do corpo humano etc. – não se verificam em suas produções mediúnicas.



Figuras 19 e 20. Trabalhos ‘não mediúnicos’ de I.Z.

Mas os desenhos automáticos de I.Z se diferenciam ainda por outra característica: seu caráter marcadamente infantil. Não estamos dizendo com isso que eles necessariamente imitem a forma ou o estilo das produções infantis, mas sim que as temáticas abordadas evocam *interesses* da vida de uma criança: pipas, brinquedos, doces (figura 21), barquinho (figura 23), patinho na água (figura 8), rostos infantis (figura 22), menina brincando com flores, paisagem com casinha e sol (figura 24) etc.

Analisemos algumas dessas ilustrações. O desenho a seguir (figura 21) é bem característico do que dissemos há pouco. Quando perguntada sobre o que significavam os objetos desenhados, I.Z nos respondeu:

206. I.Z: *Ai, esse desenho eu fico muito contente com ele, ele me/ eu guardo com muito carinho. É como se tivessem crianças mesmo pedindo pra ser feito tudo isso, querendo brincar, querendo desenhar. E é isso que eu senti no dia também.*

207. E.M: *Certo.*

208. I.Z: *Fogueirinha, florzinha... a pipa (risos),*

I.Z não esconde seu interesse pelas crianças. Sempre desejou ter filhos: “*eu queria ter um monte*” (232). Ao pedirmos para que escolhesse suas produções mediúnicas preferidas, ela escolhe, primeiramente, a figura 21: “*desenhinhos de crianças miudinhos*” (264). Eis as associações de palavras que ela levanta para esse desenho: “*maternidade, carinho, afeição, aconchego, que mais assim... o amor, né. Eu gosto muito de criança, né, então isso me chama muito*” (270).



Figuras 21 e 22. Desenhos mediúnicos de I.Z.

Sem perceber, I.Z está projetando a si mesma – seus desejos e outros conteúdos psíquicos – nas alegadas manifestações dos espíritos. Ela acredita que, no momento em que

desenhava as figuras acima, estava sob a influência de entidades infantis. Suas associações, todavia, remetem a aspectos de sua própria infância. I.Z. não obteve dos pais o carinho e afeto que considerava suficientes; a relação com o pai era melhor do que com a mãe, mas até ele “*não era aquela coisa (tão amorosa) [...] nunca foi de pegar em colo, minha mãe também não, né*” (322). I.Z. busca compensar hoje, em suas relações com os outros, a falta de afeto na interação com os pais: “*A minha filha eu abraço, beijo, pego no colo, até hoje. E outras pessoas também, colegas, amigos, eu sempre abraçando, beijando, né. E com eles [pais] tinha essa dificuldade, nenhum dos dois gostavam ou não queriam, sei lá, fazer isso*” (322). A entrevistada ainda menciona outros exemplos de indiferença afetiva por parte do pai, e explica: “*Lógico que hoje eu entendo, mas naquela época, em criança, a gente não entendia, né (risos)*” (328). Não basta, entretanto, a compreensão racional do conflito; é preciso que haja uma efetiva elaboração psíquica, e que o indivíduo consiga preencher as lacunas do seu sofrimento, dando novos sentidos ao mesmo. Uma boa forma de se iniciar isso é retomar as experiências passadas, expressá-las a outras pessoas e a si mesmo da maneira que for mais conveniente. A arte, nesse sentido, pode atuar como um bom modo de expressão (ou *revelação*), especialmente no que tange a sentimentos e emoções. Ao estimularem uma regressão temporária à infância, as atividades no centro estão permitindo um contato, ainda que superficial, com esses conteúdos.



Figuras 23 e 24. Desenhos mediúnicos de I.Z.

Em outra de suas produções (figura 25), ela afirma ter representado um “útero”, um “feto” (226). As associações que a imagem lhe traz se referem a “*um carinho muito grande, uma afeição assim muito grande, um aconchego, sabe? Uma coisa gostosa assim*” (228). Em outro momento da entrevista, I.Z. define a maternidade como “*a melhor coisa que existe na face da Terra*” (374). Embora quisesse ter muitos filhos (de modo a suprir, como vimos antes, sua própria carência afetiva frente aos pais) ela só pôde ter uma, em decorrência de diversas complicações fisiológicas:

27. [...] um carocinho, cisto sebáceo do pulso esquerdo. Aí duas vezes mais eu tive que fazer uma cirurgia abdominal, por um cisto no ovário; e o outro eu tive que retirar o ovário e o útero, porque depois desse cisto nasceu outro, aumentou, quase que eu perdi o intestino tudo né. Essa foi a mais grave. E depois de um ano dessa, eu tive que tirar a vesícula. E agora, vai fazer dois anos, agora em setembro eu operei as varizes né. Então foram todos esses tipos de cirurgia. Agora, pior que eu fiz mesmo, que até hoje me arrepia, essa retirado do útero, esterectomia.

28. E.M: Ah, foi a mais difícil que cê passou.

29. I.Z: Foi a mais difícil que eu passei, muita dor, foi horrível.

Vê-se, por essas associações, o quanto a questão da gravidez é importante para a entrevistada e, ao mesmo tempo, o quanto está associada a cirurgias e problemas de saúde. Talvez isso explique porque o órgão representado no desenho é envolvido pela cor vermelha, lembrando o sangue – possivelmente uma simbolização das complicações que se deram nessa região do seu corpo.



Figura 25. O “útero” de I.Z

Quando I.Z iniciou suas primeiras tentativas de pintura mediúnica, ela fez dois desenhos automáticos relacionados à questão da música. Em um deles, há certos símbolos que lembram claramente notas musicais (figura 26); em outro, é evidente a tentativa de representar uma partitura (figura 27). Contudo, tais representações não são muito fiéis; elas lembram as tentativas de um iniciante, de alguém que ainda está aprendendo a lidar com música. Ao ser questionada sobre alguma ligação pessoal prévia com instrumentos musicais, I.Z relata que chegou a aprender piano quando adolescente. Tinha facilidade com a partitura, mas muita dificuldade para tocar de ouvido. Embora a prática do piano não fosse angustiante como suas lições escolares, tratava-se de uma atividade difícil para ela, e que a confrontava também com seus problemas de aprendizagem: “[...]”

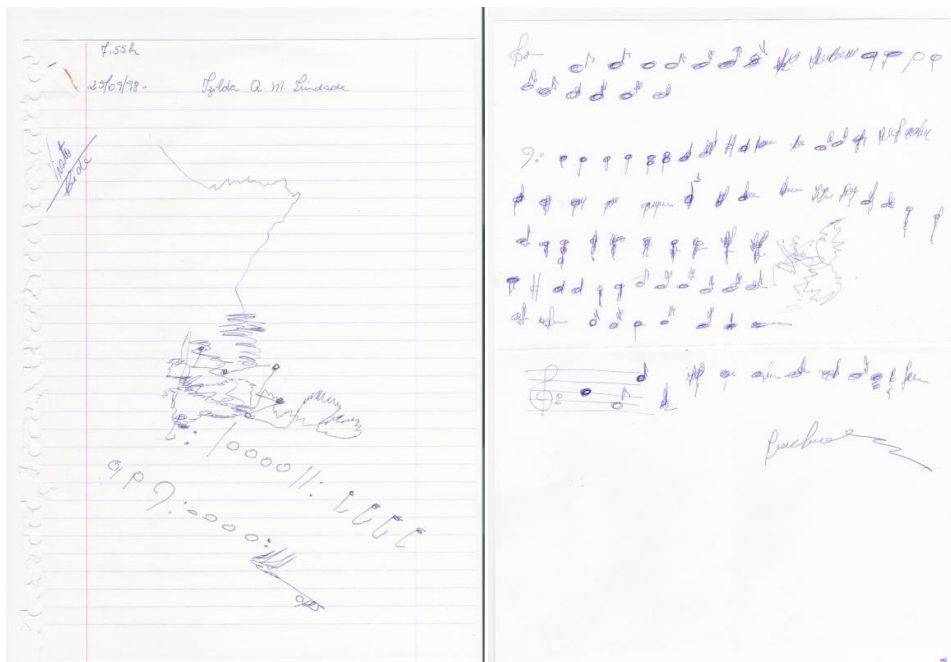
eu sempre tive assim muita dificuldade assim pra decorar as músicas; as minhas colegas já tocavam sem olhar a partitura, e eu não conseguia tocar sem olhar a partitura. Decorava a primeira página, mas as outras, que nada, tinha que pôr. Né? E eu tocava um pouco ainda, mas depois... não tive assim mais vontade de tocar” (40).

41. [...] E aí foi perdendo aquela vontade, aquela coisa. Não peguei mais no piano. E hoje em dia eu já esqueci as notas, né. Já não sei mais onde que fica (risos).

43. E.M: Cê já não toca mais?

44. I.Z: Não, não toco nada. Eu não conheço, não consigo mais ler. Não sei mais ler. Aí teria que voltar novamente. Eu tô com intenções de voltar, mas não pra fazer o piano, pra fazer aula de canto. Eu gosto, né, educar voz, essas coisas assim. Aí eu vou/quem sabe eu começo a aprender novamente (risos).

Quando perguntada sobre o processo de elaboração da figura 26, I.Z recorda-se que: “[...] é como se eu tivesse assim numa orquestra, eu tava querendo escrever, reger aquela orquestra. Sabe, aquelas músicas, que me vinham umas músicas e mais músicas na cabeça. Esse aqui foi muito gostoso” (188). Na imagem, uma primeira linha distorcida dá origem a figuras disformes e, em seguida, a notas soltas. Temos aqui um exemplo do retorno de certos potenciais ou habilidades esquecidas na infância, os quais se *revelam* novamente à consciência mediante automatismos pictóricos. As dificuldades vivenciadas no aprendizado do piano parecem ter constituído um ponto importante da história de I.Z. É possível que esses conteúdos, em função de não terem sido adequadamente elaborados naquele momento de sua trajetória, estejam retornando agora por meio da estimulação provocada no contexto das sessões de pintura e psicografia.



Figuras 26 e 27. Notas musicais.

Na figura 27 (acima), I.Z (190) observa algo semelhante a uma assinatura, identificada na parte inferior direita – seria o último rabisco da folha. Temos aí o início da formação de um personagem – tal como visto antes na psicogênese dos espíritos. A referência à sensação de reger uma orquestra – assim como na “sensação de artista”, relatada por V. (capítulo 6) – reflete a identificação com um papel genérico – o papel de maestro – que, mais tarde, poderia culminar em toda uma narrativa sobre algum maestro falecido etc. *Trata-se de um exemplo de como o centro espírita se utiliza de elementos da própria psicodinâmica dos médiuns para dar vida às manifestações mediúnicas.* É da infância de I.Z que os conteúdos necessários são inicialmente retirados para servirem de matéria prima às criações que ocorrerão nesse contexto⁸⁸.

Os últimos dois desenhos de interesse para nossa análise são aqueles em que I.Z. teria retratado “*damas antigas*”. A primeira dessas produções (figura 28, próxima página), com data de 18/08/2000, teria sido realizada de forma inteiramente automática e espontânea:

210. [...] *Esse aqui foi muito legal [...] porque ele foi feito assim, e essa mão [esquerda] tremeu; eu só segurei o lápis, ela tremeu, tremeu, não consegui segurar o braço. Foi a única vez que eu lembro de ter feito com a mão esquerda. E depois de pronto, que a professora, a dirigente, né, do trabalho, virou o desenho – porque eu entregava assim [com a data voltada para cima], eu falei: não sei o quê que é isso, fez rabisco – aí ela virou, e apareceu a mocinha. Esse foi muito interessante. E é uma agilidade, num instantinho faz. Esse aqui foi num instante; quando eu vi já tava pronto; não deu nem tempo assim de você criticar alguma coisa, falar alguma coisa, entende?*

Na citação acima, I.Z fala de uma “*mocinha*”. Em outro momento da entrevista, ela se refere à mesma figura como uma “*dama antiga*”, uma de suas produções prediletas:

273. E.M: *E o quê que essa imagem ela te traz assim? Quais as associações que você faz com essa imagem?*

274. I.Z: *Uma dama antiga, do tempo lá da corte; mas isso não significa que ela seja da corte, é uma do/ plebéia que chamava na época? Que eu nem sei mais. Bom, que seja do povo, né. E uma pessoa assim simples, meiga, traz assim serenidade.*

275. E.M: *E... você relaciona, por exemplo, essa pessoa com alguém que você conhece ou com você mesma? Você acha que tem alguma relação, ou não?*

276. I.Z: *Não, acho que... acho que não. Pode até ser, mas, quem sabe, né? Mas eu não me sinto, meu auto-retrato (risos).*

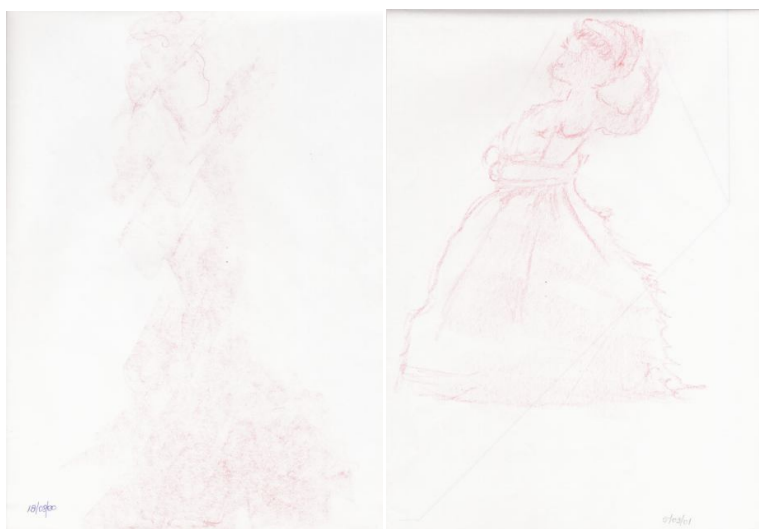
277. E.M: *Tá, mas você acha bonito.*

278. I.Z: *É, eu acho bonito.*

I.Z não identifica o desenho como seu “auto-retrato”. Temos aqui outro exemplo de sua dificuldade em rastrear as origens psicológicas das produções mediúnicas. De nossa parte, também

⁸⁸ Jung (1951/2003, p. 171) observa nos símbolos arquetípicos da criança, “a personificação de forças vitais, que vão além do alcance limitado da nossa consciência”. Em outro momento do texto, ele diz: “a criança é o futuro em potencial” (p. 165). Simbolicamente, portanto, a infância é a condição em que os potenciais humanos têm sua primeira expressão ou preparação. Não admira que o centro espírita – como outras instituições sociais – promova práticas indutoras de regressão, de forma a se utilizar depois dos potenciais daí decorrentes. A infância é, ao mesmo tempo, um dos períodos mais frágeis da vida e um dos mais plenos de possibilidades, além de crucial na formação da identidade. ‘Pegar’ um adulto pela sua infância é um bom modo de estreitar seus vínculos afetivos e inconscientes com alguém ou com uma dada instituição, como frequentemente se vê na publicidade...

não temos como demonstrar, de forma indubitável, que o desenho seja uma projeção necessária de conteúdos psíquicos. De qualquer modo, a personagem descrita se encaixa de maneira bastante interessante em certas características de I.Z, e nos parece ao menos provável a ocorrência da projeção – ainda que inconsciente. A entrevistada é pessoa organizada e educada. Foi criada em família religiosa, e sob a educação rígida e controladora da mãe. Quando adolescente, não tinha muita permissão para ir a festas ou sair; era caseira, moça tímida e recatada, preferia estudar e desenhar. Sempre admirou as artes, como a pintura e a música. O que nos dizem tais características? Em geral, espera-se de uma dama que também valorize a educação e o recato; que tenha bom gosto estético etc. assim como procura ter nossa entrevistada. Quando se diz “uma dama **antiga**”, devemos entender, socialmente, que se trata de mulher com perfil conservador, respeitosa da moral e dos ‘bons costumes’, tal como se daria em outras épocas... Além do que, na dança, a *dama* é aquela que faz par com um cavalheiro. Em um casamento, a *dama de honra* precede a noiva ao entrar na igreja. Todas essas associações populares remetem aos sonhos mais frequentes de uma adolescente (especialmente uma adolescente reprimida como I.Z): ser bem vista socialmente, frequentar festas, viver um romance, casar-se... De fato, num primeiro momento, I.Z define a figura desenhada como uma “mocinha” (210) e só depois faz referência a uma dama antiga. O que representariam essas associações, de um ponto de vista psicológico, senão os indícios de uma projeção, no automatismo pictórico, de seus próprios ideais da adolescência, ideais que ela apenas parcialmente pôde corresponder quando jovem?



Figuras 28 e 29. Damas antigas (a primeira, à esquerda, é de 18/08/2000, e a segunda é de 05/03/2001). As duas figuras são de difícil visualização, já que a pressão do giz sobre a folha foi leve. Na segunda é possível perceber mais claramente as características femininas, como o vestido.

8.2 O “pronto-atendimento”

No tópico anterior, acreditamos ter mostrado como a mediunidade pode *revelar* e utilizar determinados conteúdos inconscientes (*ocultos*) ligados à infância dos entrevistados. Parte desses conteúdos remete a potenciais criativos que foram frustrados, ou a eventos prazerosos, boas e esquecidas recordações; a outra parte, porém, estabelece relação simbólica com eventos traumáticos ou difíceis da vida dos médiuns. Não nos parece suficiente, entretanto, apenas fornecer certos meios de expressão a esses conteúdos. Afinal, não tendo as práticas espíritas função outra a não ser a de *revelar* o inconsciente para logo depois *ocultá-lo* mediante explicações paranormais e religiosas, onde residiria então seu valor terapêutico, tal como havia sido defendido no início deste capítulo? Muitos são aqueles que procuram no Espiritismo um recurso para o enfrentamento de doenças ou perturbações cujas causas teriam supostamente escapado aos médicos e outros profissionais de saúde – como vimos, por exemplo, a respeito do fundador do centro Paschoal Tróvelle (capítulos 5 e 7). A busca por práticas espíritas como o passe são quase tão antigas quanto a própria inserção do movimento espírita no país. Terão algumas dessas práticas religiosas – como a psicografia, a pintura, a doutrinação e a desobsessão – somente um aspecto projetivo ou expressivo? Segundo nos parece, tais atividades também comportam uma função catártica e até mesmo de integração psíquica. Nesse sentido, pode-se efetivamente considerá-las como *terapêuticas*. Isso não quer dizer, por outro lado, que não envolvam riscos ou prejuízos; essa é uma questão, no entanto, que deixaremos para mais adiante⁸⁹.

Na primeira reunião mediúnica que visitamos no centro espírita Paschoal Tróvelle (relatório 4), um de seus principais membros – o chamado “doutrinador”, aquele que aconselha e orienta os “espíritos inferiores e obsessores” a se redimirem e aceitarem o tratamento espiritual – afirmou que o trabalho de doutrinação é como um “PA”, um “pronto atendimento”, no qual as entidades desorientadas e “enfermas” – termo usado nesse contexto – receberiam os primeiros socorros e esclarecimentos, para depois serem encaminhadas ao plano espiritual e receberem ajuda prolongada. Essa analogia entre a sessão mediúnica e o hospital não nos parece fortuita; desde os primórdios do Espiritismo no Brasil, ela tenta preencher, no plano do imaginário religioso, uma

⁸⁹ O valor terapêutico das práticas mediúnicas não representa informação nova na literatura; muitos foram os autores que reconheceram o poder catártico ou curativo dessas intervenções (Bourguignon, 2004; Hughes, 1991; Lewis, 1977). Encontramos, todavia, poucas referências a determinados aspectos psicológicos que identificamos, como o favorecimento da regressão psíquica durante as sessões (Flournoy, 1910/2007); a continência / acolhimento dos conteúdos inconscientes, e a integração psíquica (Jung, 1902/1993; Krippner, 1987).

lacuna constatada em nosso próprio sistema público de saúde que, à semelhança do sistema educacional, é ainda precário e mal administrado em muitas regiões. Parte significativa dos prontos socorros permanece superlotada, e o atendimento prestado é, não raras vezes, ineficiente, devido à falta de recursos ou de profissionais disponíveis. *As instituições religiosas frequentemente cumprem, nessas circunstâncias, uma função complementar à do estado; ao mesmo tempo em que tentam suprir demandas não correspondidas pelos órgãos públicos, divulgam com isso suas respectivas crenças e práticas.* Os centros espíritas em nada diferem desse princípio; seus trabalhos de caridade e suas práticas espirituais encontram-se abertas a qualquer um que delas necessite; mas para que o passe ou a desobsessão obtenham maior eficácia é preciso compreender e assimilar melhor sua metafísica subjacente; é preciso, em outras palavras, acreditar em seus resultados, ou ao menos não se opor de tal modo que o tratamento proposto se torne inviável. Na visão dos espíritas, acreditar no fenômeno é atitude que potencializa suas repercussões positivas. O mesmo acontece com os mortos; para que obtenham o adequado auxílio do plano espiritual, eles devem passar primeiro por um processo de doutrinação, de *conversão à doutrina*. Caridade e doutrinação constituem, assim, os pilares ideológicos da terapêutica espírita.

A influência do grupo é fundamental e marcante em todos os trabalhos mediúnicos. Desde o início, todo o processo é grupal: quer na aplicação dos passes, no revezamento das leituras, preces e reflexões ou na doutrinação e psicofonia. Nas sessões de desobsessão do centro Ismael (Relatório 7) os médiuns estão sempre de mãos dadas e todos compartilham do mesmo ambiente escuro e relaxante. A sessão espírita não teria sentido sem toda essa intervenção social, sem todo o compartilhamento de símbolos e sentidos, de crenças, comportamentos e experiências. O trabalho de assistência espiritual legitima as crenças espíritas em um sentido bastante prático, empírico. Ele não visa apenas os frequentadores e solicitantes; é um trabalho de cura para os próprios médiuns, os quais afirmam isso nas entrevistas. Trata-se, portanto, de trabalho que abrange toda a comunidade médiuns-frequentadores-dirigentes. Nesse contexto, questões individuais e coletivas se fundem, e a ajuda ao próximo reverte-se em ajuda a si mesmo. A apologia da caridade é repetidamente encontrada não só nos trabalhos assistenciais dos centros, como nas orações e reflexões doutrinárias durante as sessões mediúnicas; ela permeia o imaginário espírita, e é buscada mesmo que o objeto da ajuda não esteja presente ou acessível e só possa ser alcançado mediante a prece e a intervenção do plano espiritual, como pessoas distantes ou já falecidas:

Nas sessões de doutrinação, lê-se todas as vezes, após a prece inicial, “O livro dos Espíritos” de Allan Kardec. Neste dia, o trecho escolhido retratava o problema do bem e do mal sob a ótica espírita. O tema acaba por despertar o interesse dos participantes, que começam a levantar comentários e estabelecer discussões. Em pouco tempo, quase todos

estão participando, de um modo ou de outro, relatando experiências próprias ou relacionando os assuntos em pauta com fatos do cotidiano. Z, o dirigente do trabalho, procura sempre encaminhar as discussões para aspectos relativos à atividade da noite, isto é, para a necessidade de auxiliar espíritos sofrendores envolvidos, quando encarnados, na drogadição e outros vícios.

[...]

Na mesa, permanecem somente oito colaboradores, alguns dos quais não atuam como médiuns. Estes trabalham apenas na doutrinação dos espíritos, ou na ‘doação’ energética para facilitar o trabalho conduzido. Apenas uma médium presente é de psicografia; os demais se comunicam por intermédio da incorporação / psicofonia. Mais algumas orações são conduzidas neste primeiro momento da sessão, já com as luzes do recinto apagadas (há apenas um pequeno foco de luz acima da mesa, proporcionado por uma lâmpada fluorescente bastante fraca), antes de se trazerem as entidades espirituais; estas orações têm como intuito, basicamente: 1) solicitar auxílio dos espíritos benfazejos para o trabalho que será realizado aquele dia; 2) solicitar auxílio para pessoas distantes, como crianças em orfanatos, idosos em asilos, mendigos, enfim, um tipo de solicitação mais genérica; 3) solicitar auxílio para si mesmo e para pessoas próximas, como parentes e amigos; 4) agradecer a Deus e a Jesus pela oportunidade de realizar esta atividade.

[...]

Só depois de todo esse processo é que as ‘comunicações’ mediúnicas começam. Os médiuns geralmente manifestam os espíritos um de cada vez, mas há alguns casos de simultaneidade entre dois médiuns apenas. Os doutrinadores se aproximam dos médiuns incorporados e colocam uma das mãos sobre suas cabeças, dando-lhes um passe. O doutrinador ouve o que o espírito diz e procura saber qual o tipo de ajuda que necessita; em seguida, tenta conversar com ele, calmamente, tentando convencê-lo de que será tratado espiritualmente e que deve abandonar os ‘vícios da matéria’. Alguns desses espíritos são mais rebeldes e rejeitam a ajuda oferecida, embora se mostrem às vezes atraídos de alguma forma pelas palavras do doutrinador. Estes vão embora sem aceitar a doutrinação. Outros parecem apenas perdidos, desorientados, e são facilmente convencidos. Após receberem passes e adquirirem uma compreensão de sua vida após a morte, os espíritos se despedem e a manifestação cessa. Em geral, dão-se três manifestações por médium numa mesma sessão. É importante salientar que tais manifestações só se iniciam, na maioria das vezes, quando o doutrinador põe a mão sobre a cabeça do médium, como que permitindo que o espírito se manifeste (em outras palavras, todo esse processo segue uma determinada ordem que é, em parte, prevista anteriormente como já havia sido discutido no relatório do dia 16/07

[...] essas manifestações se dão sem identificação e são extremamente genéricas; a entidade simplesmente começa a falar por meio do médium, não fornecendo nome ou qualquer outro dado pessoal. São, em geral, representações de pessoas perdidas, desorientadas ou revoltadas por algum motivo. Em alguns momentos, parece difícil identificar inclusive o sexo. (Relatório 4, Paschoal Tróvelle)

As citações recorrentes à drogadição e ao alcoolismo, durante essas sessões, remetem-nos, outra vez, a uma reprodução de temáticas sociais. Quem não conhece a dura situação das favelas brasileiras tomadas pelo tráfico de entorpecentes? Trata-se de uma realidade explorada cotidianamente pela imprensa, e acessível mesmo aos cidadãos mais ricos. O centro espírita se converte, destarte, em espaço de discussão social, espaço no qual conflitos e mazelas sociais adquirem expressão pela voz dos espíritos. No “pronto atendimento”, as muitas vítimas do tráfico – desde os usuários até os policiais e traficantes – ressurgem da morte para prestarem seus depoimentos e resistirem ao processo de doutrinação.

C, médium iniciante, recebe três entidades: a primeira é um espírito chorando, que afirma ter sido morto por meio de decapitação, por não ter condições de pagar a droga

que havia encomendado de um traficante. Durante os segundos iniciais de manifestação, a médium demonstra muita dificuldade para falar; faz barulhos estranhos com a boca e o nariz, e denota respiração estertorosa. Os barulhos evoluem então para um choro baixo, em meio ao qual o espírito reconhece estar morto e desesperado. Ele se diz arrependido (mas não esclarece as razões), e parece inconsolável. Os doutrinadores tentam acalmá-lo, aplicam passes na médium e encaminham o espírito para auxílio do plano espiritual. A segunda manifestação é a de um espírito que se queixa de muitas dores, e tosse com frequência. Afirma ter se “metido em fria” (sic), por conta de seus vícios, mas aceita se redimir. Nesses termos, a doutrinação toma quase a característica de um bate-papo, em que o espírito relata suas experiências como drogadito e recebe o aval constante dos doutrinadores em prol da mudança de comportamento. Por fim, o espírito se despede dizendo que [os espíritos] darão “remédio” (sic) para ele. A terceira manifestação é a de um espírito bastante rebelde, que se diz um traficante, “chefão” (sic) do mundo das drogas. Rejeita o auxílio oferecido pelos doutrinadores e estabelece com eles um diálogo tenso em que afirma que continuará levando a cabo seus feitos, auxiliando outros traficantes na Terra. Tenta ofender os doutrinadores e faz força para falar algumas vezes, mas alega que “esse instrumento aqui [a médium] não está me deixando falar tudo o que eu quero, ela fica me impedindo” (sic). Um dos doutrinadores pede ao espírito para que ouça com atenção e aceite o que o outro doutrinador (W) lhe diz, mas a entidade retruca: “ah, mas eu tenho medo desse aí, porque ele é polícia” (sic). “Sim, mas ele é um policial digno” (sic), responde o outro doutrinador (Z). Os doutrinadores referem-se então ao nome de Jesus, mas o espírito diz não conhecer de quem estão falando: “Quem é esse Jesus? Eu não tenho chefe acima de mim, eu sou o meu único chefe” (sic). Um dos doutrinadores tenta explicar um pouco da história de Jesus e é nesse momento que o espírito dá detalhes de sua possível história de vida. Quando o doutrinador pergunta se ninguém nunca ensinou a ele quem é Jesus, a resposta é: “não tive pai nem mãe. Minha mãe me abandonou quando eu ainda era muito novo, e cresci sozinho, pela vida. Não aprendi essas coisas; quando eu tentava entrar nas igrejas, eles me colocavam pra fora” (sic). Ele reclama ainda de sua mãe tê-lo abandonado [Relatório 4, Paschoal Tróvelle].

O primeiro espírito [médium C.A.B] é o de um alcoólatra. Começa solicitando bebida: “meu reino por uma cana (risos)”. “Eu vim aqui porque me disseram que eu ia encontrar bebida. O que vocês têm pra me oferecer?” (sic). O doutrinador afirma: “eu tenho algo maravilhoso pra te oferecer” (sic) e tenta persuadir o espírito a abandonar seu vício, mas este parece um pouco relutante. Dá risada e brinca, dizendo que a bebida é importante para que ele se esqueça das mágoas, para que fuja do sofrimento. O doutrinador tenta lhe persuadir, a partir disso, de que o vício não é bom para ele, mas o espírito acaba aceitando ajuda apenas depois de achar que o ‘remédio’ que lhe darão é aquilo que procura: “vão me dar bebida em troca, então eu vou lá” (sic) e é encaminhado pelo doutrinador. O outro espírito demora alguns segundos para se manifestar, e após a sugestão do doutrinador “pode falar se você se sentir à vontade” (sic), a entidade responde: “só se você arranjar um baseado pra mim” (sic). O mesmo processo de convencimento e tentativa de persuasão ocorre tal qual na manifestação anterior. Desta vez, impressionado com o modo como o doutrinador o trata carinhosamente, o espírito se vê convencido a deixar o vício e reconhece que está desencarnado; após isso, é encaminhado. [Relatório 5, Paschoal Tróvelle]

Muitos outros exemplos semelhantes de manifestações mediúnicas podem ser encontrados nos relatórios. Todavia, temos aí somente a faceta cultural ou coletiva do fenômeno: a preocupação com a criminalidade, a drogadição e outros problemas sociais. Qual o valor dessas práticas, contudo, para os próprios médiuns? Não estaria o discurso social encobrindo (*ocultando*) outras funções psicológicas? Um elemento curioso das citações acima é o modo como o doutrinador trata ‘carinhosamente’ o ‘espírito’. De fato, é importante salientar que há muito carinho em todo

esse processo, conquanto os doutrinadores não necessariamente toquem os médiuns ou os visitantes. Em várias dessas sessões, identificamos momentos nos quais, para convencer o espírito a aceitar a ajuda do ‘plano espiritual’, os doutrinadores empregavam palavras carinhosas – faladas, às vezes, ao pé do ouvido – de encorajamento, consolo, alento, orientação etc.

A médium chora intensamente e diz que não queria causar mal/prejudicar ninguém. “Mas se eu fiz isso, então eu tenho que pagar...” (sic). A doutrinadora procura acalmar a ‘entidade espiritual’ em questão, tentando convencê-la a não se sentir culpada por qualquer coisa que tenha feito e aplica passes pelo corpo da médium;

Noutra situação, a médium começa a tossir bastante e age como se estivesse com pigarro na garganta e dificuldade de respirar; acusa o centro de ter sido culpado por estar assim. A doutrinadora, tal qual antes, tenta esclarecer a situação, orienta o espírito, e aplica passes. O espírito vai lentamente se acalmando e a tosse diminuindo. A médium retorna ao seu estado habitual;

Em outro instante, a mesma médium sente que está caindo e chora: “estou caindo, estou caindo...” (sic). Logo depois, afirma ainda chorosa: “quero voltar para casa, quero ver minha mãe” (sic). A doutrinadora diz tratar-se de um caso em que “faltou esclarecimento” (sic), isto é, o espírito ainda não sabe que desencarnou. Dá passes na médium e orienta; [Relatório 7, Ismael]

Outro espírito, chorando muito, não sabe o que ocorreu com ele e se mostra em desespero: “não sei o que houve comigo, eu queria entender, por favor, eu quero entender” (sic). A doutrinadora o acolhe, com palavras doces, tranquilizando-o e o encaminhando para o plano espiritual. [Relatório 5, Paschoal Tróvelle]

Y: Eu não quero ver mais a minha mãe desse jeito. Eu não quero ver mais a minha mãe nessas condições. Eu não quero nunca mais ver a minha mãe assim...

Z: E vai estar bem. Porque sabe, há pessoas aqui que te amam. Que estimam e querem o teu bem. Não fique com o seu coração assim, tão empedrado.

[...]

Y: Mãe, mãe, perdão mãe, ah eu não quis, mãe, eu só quis me vingar (choro, murmúrios)

Z: Está vendo, filho, como Deus é bom? Olha aí. A sua mãe está aí. Te ama da mesma maneira. E você vai ficar bem agora, viu?

Y: (chora, balbucia algo...). Eu precisei tanto de você. Mãe, eu sofri tanto. Por que você foi embora? (Choro).

Z: Agora vai estar tudo bem, viu? O amor supera tudo. Viu, filho? Todo o ódio.

Y: (chora, balbucia algo...) Alguém me ajuda...

Z: Agora você vai ser encaminhado para um lugar muito bom. Viu? Você será tratado com respeito e carinho. Vai recuperar todo o amor que tem dentro do seu coração pra dar. Vai substituir todo esse rancor, ódio, essa má querência contra a sociedade. Vai um dia ser um legítimo trabalhador defensor do bem. [Relatório 6, Paschoal Tróvelle]

Não nos parece estranho, portanto, que algumas das participantes tenham manifestado interesse ou inclusive trabalhado na área de enfermagem – como C., S. e A.M. Uma vez que a dimensão do *cuidado* e do acolhimento desempenha um papel significativo nas sessões mediúnicas, são necessárias pessoas dispostas a oferecerem tais características pessoais em prol do trabalho a ser realizado. A médium C. nos diz que se pudesse “apalpar” os espíritos, ela os pegaria no colo, abraçaria e daria carinho (139). As atividades no centro buscam preencher não apenas certas lacunas sociais, como também individuais e afetivas, mediante um trabalho de acolhimento e

continência de emoções difusas ou impulsivas. Desse modo, as experiências infantis de rejeição são revividas, compartilhadas e tratadas. Quando uma das médiuns observadas chora e diz: *“quero voltar para casa, quero ver minha mãe”* (Relatório 7, Paschoal Tróvelle) estamos, provavelmente, diante de um fenômeno regressivo, em que certas angústias e medos infantis – geralmente encobertos nos indivíduos adultos – podem adquirir expressão apropriada, bem como aceitação e direcionamento – quer estejam essas emoções ocultas sob a personificação de espíritos, quer se apresentem espontaneamente e sem maiores adições performáticas. Enquanto *segunda escola*, o centro espírita retoma potenciais da infância e da adolescência dos participantes, oferecendo-lhes certos meios de expressão; enquanto hospital ou *“pronto atendimento”*, a instituição espírita acolhe, elabora e integra tais conteúdos à identidade atual. Como dissemos em nosso estudo de 2008:

A faceta acolhedora e continente do centro espírita assemelha-se, sob determinado aspecto, à função materna, aquilo a que Jung (1950/2000) se refere como a Grande Mãe. Nesse sentido, é bastante curiosa a afirmação inicial de I.N. de que, na escola mediúnica, ela se sente, por vezes, como “uma criança que está aprendendo a andar” e que “é mais cercada de atenções”. Tal associação não nos deve surpreender, visto que diversas outras organizações humanas podem vir a desempenhar tais funções na vida emocional de um indivíduo (e não somente templos religiosos) como empresas ou escolas, por exemplo. [...] Jung também cita como possíveis representações da Grande Mãe, em seu sentido mais amplo, a Igreja, a Universidade, a cidade ou país, a Terra, a natureza, o mar, etc.

Não raro, ao final do trabalho, os participantes relatam sentimentos de bem-estar, paz ou alegria, decorrentes da atividade realizada – vimos já alguns exemplos disso no capítulo 6, a propósito dos *after-effects*. É também comum aos médiuns afirmarem que, ao ajudarem os espíritos, estão ajudando a si próprios. Como diria S. (265): *“eles [espíritos] me ajudam, eu ajudo eles”*; *“[...] Todos aqueles que tão ali assistidos, eu também sou uma assistida, né?”* (193). No caso do desenho, este parece desempenhar mais uma função catártica e relaxante do que exclusivamente estética. A própria médium I.Z nos relata que seu trabalho de pintura na Federação Espírita *“é uma descarga, um porto seguro, porque eu vou lá pra me soltar”* (446). No caso C. (61), identificamos efeitos semelhantes no que concerne à desobsessão:

61. C.: [...] Eu não lembro qual foi a entidade, quem foi a entidade. Entendeu? É... foi aquilo que eu já disse antes. É... eu tava angustiada, angustiada, triste, vontade de chorar, não tinha motivo. E de repente essa entidade veio, chorou, falou se soltou e eu fui embora pra casa feliz. Feliz assim, livre né.

Mas o caso mais ilustrativo da função catártica e integrativa das práticas mediúnicas é o da médium S. Primeiro, é importante notar como a entrevistada relaciona, por vezes, seus próprios sentimentos à influência de espíritos, como sua raiva em relação à sogra: *“39. [...] Eu ficava nervosa, e quanto mais eu ficava com pensamento ruim, parece que mais as entidades ruins vinham pra mim”*; *“49. [...] Infelizmente eu sou chata. Uma vez a minha mãe falou pra ela [sogra] que eu*

era uma cobrinha, tomasse cuidado que eu era bem brava”. Note-se ainda a tendência da médium em se identificar com os problemas de outras pessoas à sua volta ou tomá-los para si⁹⁰:

95. [...] porque eu precisava me tratar, porque eu tava já mesmo descompensada. **Eu acho que eu já trazia da minha casa, do meu pai, da sogra, da minha casa.**

96. E.M: E aí misturava.

97. S: **É. Era assim, olha, tudo que era coisa assim de doente que eu pegava, eu sentia.** [...]

350. [...] Toda casa que eu entro, por exemplo, eu também sinto energia. Entendeu? Se é uma casa/ a casa do meu pai, quando eu entro, pelo amor de Deus!

Em função de suas peculiaridades, S. sente então a necessidade de um momento seu, em que possa se desvencilhar, mesmo temporariamente, dessas preocupações, momento propiciado pela atividade mediúnica: “121. [...] **Porque eu necessito descarregar. Quando eu venho aqui na quarta-feira, eu não vejo a hora de vir. Porque, sabe, é muitos parente meu, quer me absorver muito**”. O poder catártico da atividade mediúnica é sugerido ainda em diversas outras passagens da entrevista, das quais citamos algumas:

239. [...] E passa, que parece que eles [os espíritos] me dão um passe, sabe? Eles me limpam um pouquinho, **tiram um pouco aquela canseira que eu to sentindo.** [...]

249. S: [...] Aí a minha boca, ela abre demais, vai abrindo, vai abrindo, vai/ a lágrima vai saindo, vai saindo, sabe? A terça-feira, nossa senhora!

250. E.M: **É um estado assim de liberação mesmo.**

251. S: **Isso, sabe? Como se tudo aquilo que eu já trago – porque eu trago da minha casa, trago do meu pai, os doentes... é umas doentaiada. E.M, sabe, é um peso. [...] Aí eu chego aqui, né, e vai liberando aquilo pra mim, parece que vai saindo, saindo, saindo.**

Esse processo de liberação – ou “descarrego”, nas palavras da médium – parece ter também outras consequências, como a de uma autodescoberta, uma compreensão mais aprofundada de si mesma: “193. [...] **Então eu necessito de entrar dentro de mim, eu gosto disso**”; “217. [...] **quanto mais eu venho, mas eu vou me descobrindo**”. E sempre que a médium S. precisa, sua mediunidade de psicografia lhe permite expressar seus sentimentos e se aliviar das dores. Novamente, a linguagem do reprimido: “215. [...] **Vinha e voltava, mas era tudo na época assim de natal, novembro, dezembro, é que vinha mais. Eu não sei se é porque eu tava triste, às vezes porque era um dia bonito, porque eu me comovo com o natal, eu gosto**”.

As produções pictóricas de S. são características daquilo que Arheim (2007) descreve como “movimento descritivo”, isto é, um modo de representação pictórica que se baseia na tentativa de exprimir ações e emoções, no plano do desenho, sem um comprometimento com a organização

⁹⁰ Um exemplo parecido também é relatado por E. (56), além de menções no estudo de 2008. Segundo nos parece, essa tendência de alguns médiuns em se identificarem com as emoções de outras pessoas (“captação de energias” ou sensibilidade ao “ambiente espiritual”), e que nós poderíamos definir aqui como uma forma de *contágio* – ou de *indiferenciação* psíquica, como na pesquisa de 2008 – constituiria a base do fenômeno de interpenetração / continuidade analisado no capítulo 6.

estética, assim como nas produções infantis⁹¹. As cores não são exatamente empregadas com o intuito de colorir a imagem, mas de veicular uma determinação emoção ou cumprir com uma função catártica ou apaziguadora. O vermelho, por exemplo, é “482. [...] *é pra desligar um pouquinho... as coisas velhas*”; “484. [...] *a pessoa fica muito ligada às coisas velhas, do passado, né*”. Já o amarelo é “*muita força*” (438), o verde é “*calmante*” (318) etc. O mesmo ocorre com outros aspectos do desenho: linhas, formas, pressão do lápis sobre a folha, agilidade e rapidez da mão. Os “*rabiscos*”, as linhas entrecruzadas e desordenadas geralmente representam “*gente desequilibrada*” ou “*muito perturbada*” (235), ou então “*problema de crianças anormais*” (504); quando o desenho é “*leve*”, isto é, quando a produção não ocorre de forma caótica e desgastante para a médium, é porque foi feita por uma “*criancinha*” (536) etc. A interpretação espiritual das manifestações depende muito, portanto, do estado emocional do médium no momento em que realiza o desenho, a psicografia, e assim por diante. Ao expressar suas emoções difusas pelo desenho, S. pode entrar em contato com as mesmas, modelando-as de acordo com suas crenças.

Nos desenhos de S. encontramos muitas formas circulares e semicirculares dentro das quais ela afirma ver alguém ou uma imagem específica. Vejamos suas associações para a figura 30:

434. S: *Tem alguém lá no fundo, ó*

[...]

442. S: *Tem as cores escuras, e outras mais clarinhas, querendo, nesse caso aqui ó/ é alguém lá dentro, buscando uma luz, uma força [centro da figura]. Ta muito escuro aqui. Mas é alguém que tá lá dentro procurando essa luz. Mas tá/ e aí vem vindo, vem vindo, vem vindo elas, pra ele poder – ou ela, não sei – achar numa dessas cores, o laranja, que é bom; o verde clarinho; esse daqui, pra ela enxergar alguma coisa de bom ali, entendeu? É o que me vinha.*

Note o leitor como esse “alguém” de que S. nos fala poderia ser uma projeção dela mesma. Essa pessoa no centro da figura estaria “buscando uma luz, uma força”, e a própria entrevistada parece se projetar para aquele local, ao dizer: “*tá muito escuro aqui*”. Quando diz que as cores estão “*vindo pra ela [pessoa que está procurando luz] enxergar alguma coisa de bom*”, primeiro a entrevistada fala em um homem (“ele”), mas depois se corrige dizendo “*ou ela, não sei*”, o que possivelmente indica uma tentativa de ajustar o personagem da cena ao seu próprio sexo.

⁹¹ Identificamos vários exemplos de regressão à infância nos desenhos de S., semelhantemente ao caso I.Z (cf. S, 235, 265, 296, 470, 474, 476, 504, 526, 532).



Figura 30. Desenho mediúnico de S. A entrevistada fala em “alguém” no semicírculo central da figura.

Em outro de seus desenhos (figura 31), ela diz enxergar um “pássaro” que, ao voar em círculos (dando “voltas”), estaria levando “tudo” (518-520). Não fica claro no discurso da médium o que significaria esse “tudo” que o pássaro levava embora, mas ela em seguida afirma: “518: [...] *Esse eu me liberei demais, foi gostoso demais esse aqui*”. Podemos imaginar então que o “tudo” seria o conjunto de suas emoções negativas: suas tensões, preocupações etc.



Figuras 31 e 32. Exemplos de formas circulares nos desenhos de S.

A próxima figura (33) ilustra mais claramente o aspecto projetivo desses desenhos. Nela, encontramos mistura de formas circulares e quadriláteras. Eis as associações levantadas pela entrevistada:

296. [...] Então, aquele quadrado, eu queria ver uma tela [...]. Eu falei: eu vou fazer uma tela aqui – eu pensando comigo – vou fazer uma tela. Mas aí não era eu já querendo não, era aquela pessoa mesmo... que tava comigo; algum problema tinha também junto comigo. Acho que nós dois entramos na sintonia igual, sei lá, ou eu com medo e ele com medo de mim, como a I.Z. falou, a V. falou. (Você com medo, né). Porque tem hora que eu tenho medo das entidades que vem assim, né. [...] Era tela, era aquela cachoeira, uma água. Só que aí quando eu comecei a fazer assim, assim, assim, assim, [S. tenta representar o movimento que fazia com a mão e braço direitos para realizar o desenho] é como se

tivesse me sufocando junto. Sabe? Tivesse entrando naquela água lá. E aquela roda, era tudo confuso.

O medo de S. indica que os conteúdos trabalhados na imagem são de difícil aceitação emocional. Ela se refere a uma “sintonia” com o personagem da figura, mas que remete, obviamente, aos seus próprios conflitos. A roda, a cachoeira, tudo é confuso e sufocante.

308. [...] *Então eu tava assim... eu não sei se é barco isso, o quê que era. Só sei que essa roda aqui, olha, quando eu comecei/ não, aqui ó, o quadrado, né, eu me via lá dentro. Aí me veio... só que antes de vir esse quadrado aqui que vinha, comecei a fazer assim primeiro...*

309. E.M: *O amarelo, né [parte inferior da figura].*

310. S: *... era, assim, era assim, aí vinha virando [S. vai indicando com o dedo os movimentos que fazia com a mão na hora de produzir o desenho]. Daí eu falei: agora eu vou jogar pra cá...*

311. E.M: *Um verde.*

312. S: *Um verde.*

313. E.M: *Uma espécie de um arco, né. [Que vai, diagonalmente, da parte inferior esquerda, passando pela parte central até a parte superior direita da figura].*

314. S: *É. Ah, mas quando eu cheguei aqui/ quer ver, ó. Fui fazendo o círculo.*

315. E.M: *Esse redondo, né. [um círculo amarelo, localizado proximalmente ao centro da figura, mas pendente para o lado superior direito].*

316. S: *O círculo, né. Fui fazendo. Aqui já achei bonito, tava me sentindo bem.*

317. E.M: *O roxo.*

318. S: *Como se fosse... sabe uma mistura – eu não sei te explicar E.M – uma mistura de medo, mas ao mesmo tempo uma energia dando pra mim. Dessas cores aqui, entendeu? Porque o verde, eles falam que é calmante. Pra nós aqui. Na cromoterapia também fala, né. O amarelo é vida... então, mas só que aqui, na hora de eu jogar isso aqui tudinho... acelerou.*

319. E.M: *A cachoeira, cê falou que era uma cachoeira, é isso? [conjunto de riscos azuis, que, segundo os movimentos sugeridos por S., foram feitos na direção da parte superior direita para a parte inferior direita, no sentido, portanto, de uma queda].*

320. S: *Como se fosse uma, é, bastante água, água. Só que eu tava me sentindo assim sufocada dentro disso. Ou seja, dentro da tela [um quadrado verde, na parte superior da figura], com essa água aqui, entendeu? Agora, eu não sei explicar direitinho. Aí só eles mesmo, né, lá do plano espiritual pode... ou é alguém que passou por alguma necessidade, alguma dificuldade, né, e ele querendo mostrar, talvez, a maneira como ele morreu. Ou talvez eu não sei se eu também não morri daquele jeito, sabe E.M? Porque o mar assim, eu gosto do mar. Mas eu vou só no rasião, não gosto nada de onda, né. Piscina, eu não gosto muito de piscina, nem nada. Não sou muito chegada em piscina não.*

[...]

328. S: *Não sei te explicar. Então vem tudo lá do meu emocional lá dentro. Eu preciso trabalhar isso. Então... é que nem a minha irmã uma vez falou pra mim assim: “S... é...”/ meu pai e eu, né, porque meu pai me rejeitou.*

Como vimos, S. acaba reconhecendo, por fim, que “*vem tudo lá do meu emocional lá dentro. Eu preciso trabalhar isso*”. Ela inclusive traz de volta uma lembrança da infância: a rejeição por parte de seu pai. S. ainda não aceita muito essa idéia, como podemos ver pela sua entrevista. No entanto, trata-se de um episódio fundamental na formação de sua identidade, crucial para entender quem ela é e quais seus objetivos de vida. Nesse sentido, todo o seu esforço em juntar as cores no desenho; a inclusão de formas circulares e quadriláteras, estabelecendo algum contorno

e continência à mistura de cores; sua referência a uma cachoeira e a uma pessoa “sufocada” no meio desse turbilhão de elementos; tudo isso nos indica a sua tentativa de *elaborar e integrar* certos conteúdos emocionais difusos e angustiantes, a partir de um trabalho pictórico e expressivo.

As mandalas e as figuras quadriláteras, segundo Jung (1955/2003, p. 385) são representações plásticas da totalidade psíquica. A elaboração desse tipo de figuras parece configurar uma “tentativa de autocura da natureza”, um meio instintivo de integração psíquica frente ao caos e à desordem emocionais.

Em geral, a mandala aparece em estados de dissociação psíquica ou de desorientação. [...] a ordem rigorosa de tal imagem circular compensa a desordem e perturbação do estado psíquico, e isso através de um ponto central em relação ao qual tudo é ordenado; ou então é construída uma ordem concêntrica da multiplicidade desordenada dos elementos contraditórios e irreconciliáveis.



Figura 33. Desenho mediúnico de S. com sobreposição de formas circulares e quadriláteras.

Eis aí, como dissemos, o aspecto integrativo e terapêutico das práticas mediúnicas. Essas atividades providenciam a expressão e catarse de conteúdos inconscientes, bem como, ao mesmo tempo, certos recursos de enfrentamento e integração. O indivíduo, antes desorientado e confuso, passa a dispor de uma visão de mundo abrangente dentro da qual pode se localizar melhor para tomar decisões e entender a si mesmo. Os esforços de S. indicam uma busca por sua própria autonomia e liberdade. Ela deseja se libertar dos entraves psicológicos e sociais que a impedem de viver uma vida mais plena e equilibrada. Sob esse aspecto, suas atividades no centro favorecem, em parte, sua autodeterminação. Num de seus desenhos, por exemplo, ela produz uma figura que define como sendo uma “*borboleta*” (448-450). Suas associações remetem justamente a uma projeção de seus anseios emancipatórios:

451. E.M: *E o quê que te traz essa borboleta assim? O quê que... vem assim na sua mente?*

452. S: *Como se fosse a liberdade, né. Liberdade de você pensar, de você agir. E porque ela, quando ela fica na florzinha, é o que eu mais observo na minha casa, quando elas vêm. Sabe? [...] Mas a borboleta, todas elas pra mim, eu converso com elas. Muito,*

muito, muito. Parece uma flor. Já me falaram uma flor, e eu vejo ela toda uma borboleta. Porque ela me encanta, ela me dá mais aquela sensação, de que eu to livre. Ela ta voando, o passarinho ta voando, né. Porque às vezes, E.M, a gente fica meio sufocada com as coisas. Às vezes é o marido que sufoca de querer tanto amor, né, tanta coisa assim, a sogra, meu pai, as pessoas querer muita compreensão, muita coisa, sabe? Então, às vezes eu não tenho liberdade também pra você... se expandir um pouco, né.



Figura 34. A “borboleta”.

8.3 Os mecanismos de reposição institucional

Nos capítulos 6 e 7, a sessão espírita aparecia sob duplo aspecto: de um lado, como reatualização dramática e constante de um mesmo processo inicial de *conversão à doutrina*; e de outro, como a repetitiva ‘comprovação’ da sobrevivência do Eu após a morte, de sua vitória narcísica frente ao sofrimento e à própria aniquilação. Vimos, ainda, que esses dois aspectos compreendiam, respectivamente, a dimensão grupal e a dimensão individual da reunião mediúnica; no modelo de Scheibe (1995), teríamos a primeira como a dimensão horizontal e a segunda como a dimensão vertical (cf. figura 35). Muito se falou da dimensão individual / vertical no capítulo 7, mas pouco dos mecanismos de reposição institucional que permeiam a dimensão horizontal. É para uma categorização mais detalhada desses mecanismos que nos voltaremos agora.

Em primeiro lugar, devemos entender que a reposição institucional não está necessariamente a favor do desenvolvimento dos indivíduos, mas da manutenção da ideologia espírita. Assim como a identidade se caracteriza por movimentos de metamorfose emancipatória, bem como movimentos de simples reposição dos papéis e personagens já previstos, o mesmo se dá com as instituições. Todavia, do que são feitas as instituições senão de indivíduos? Se realizarmos intervenções na sociedade ou nos grupos que a compõe, também interviremos, em maior ou menor grau, na vida das pessoas, em sua história e em seu psiquismo. Dessa forma, a emancipação individual depende, em grande parte, de transformações políticas e institucionais. Contudo, as

instituições – e, por conseguinte, os indivíduos que as organizam – são resistentes a uma mudança; elas geralmente se armam de mecanismos os mais diversos para garantirem a sua própria continuidade e estabilidade ao longo do tempo. Embora uma instituição, na sua origem, seja sempre a tentativa de solução para um problema humano, ela tende, em seguida, a buscar sua autoconservação, tornando-se impermeável a críticas ou alterações significativas do *status quo*. O centro espírita, como qualquer instituição, não foge a essa regra; o que nos resta saber é quais são seus mecanismos de reposição específicos, e como eles interferem no desenvolvimento identitário dos participantes. Aqui, a mediunidade deixa de oferecer apenas vantagens psicológicas – como a catarse e a integração psíquicas – para abarcar certos riscos decorrentes da manutenção grupal da ideologia espírita. Aqui, mais do que em qualquer outra passagem, ela surge como “conhecimento de si invertido como ilusão acerca de si mesmo” (Ciampa).

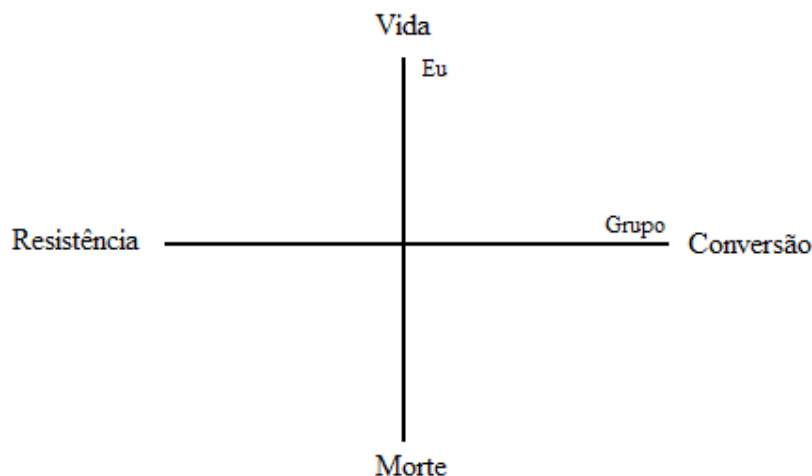


Figura 35. A dimensão vertical e horizontal da identidade na sessão mediúnica.

Em nossa pesquisa, conseguimos identificar seis mecanismos de reposição institucional nos dois centros investigados: 1) a *disciplinarização*; 2) a *introjeção com personificação*; 3) o *encorajamento*; 4) a *autoria oculta*; 5) a *doutrinação da sombra* e 6) a *exclusão*. Vejamos cada um deles, separadamente.

1) *Disciplinarização*: Ao analisarmos as muitas etapas que caracterizam o desenvolvimento mediúnico, tivemos uma visão detalhada sobre como os médiuns são treinados no controle das manifestações mediúnicas. Em geral, eles não podem escrever, desenhar ou fazer outra coisa, durante a sessão, que envolva algum tipo de ofensa aos demais – palavrões, expressões obscenas, atitudes escandalosas, pensamentos “negativos” etc. – ainda que surja semelhante vontade. No centro Ismael também não costuma ser bem vindo o intercâmbio frequente com

parentes e amigos falecidos, conhecidos dos participantes ou de terceiros; tal postura poderia eventualmente atrapalhar o rendimento de outras atividades do centro, e pouco ajudaria os encarnados a aceitarem a necessária ausência dos que já cumpriram sua missão na Terra. Tais dados revelam como a manifestação mediúnica é condicionada e regrada, não sendo toleradas ainda expressões que contrariem os valores cristãos – ex: comunicações que incitem o orgulho dos médiuns etc. Nas sessões de doutrinação e desobsessão do centro Paschoal Tróvelle, há procedimentos específicos a serem respeitados durante os trabalhos.

Cada médium pode receber até três comunicações espirituais por vez. Quando essas manifestações se dão simultaneamente entre os médiuns, são tolerados até três médiuns falando juntos (no caso de mensagens psicofônicas; psicografias não se aplicam, pois podem ser realizadas em silêncio). Se mais um médium estiver participando e sentir a presença de um espírito, deve se controlar. Além desses procedimentos, o palestrante se refere a certas maneiras pelas quais o médium pode manter-se em estado de concentração, e os comportamentos dele ou do dirigente da sessão que devem ser evitados para não distraí-lo e atrapalhar a obtenção adequada das comunicações. Relata ainda o caso de médiuns tímidos que tem receio em começar a falar, e os encoraja a não agir dessa maneira, e sim a manifestar aquilo que sentem ou intuem, mas de maneira controlada. O palestrante coloca esta como uma das principais dificuldades de médiuns ‘conscientes’, isto é, que não adentram o ‘trance’ profundo, e que perceberiam a atuação dos espíritos de modo menos ostensivo, por meio de sensações ou intuições bastante subjetivas. (Relatório 3, Paschoal Tróvelle)

Percebe-se, por meio de tais recomendações, o quanto a mediunidade se efetua na constante mediação entre treino e improviso. Os meios básicos de controle das manifestações são previamente fornecidos ao longo do próprio aprendizado dos médiuns, resultando, inicialmente, de um conhecimento adquirido com a prática e passado adiante, para os iniciados, como norma geral. O intuito do palestrante, na sessão em questão, era preparar os alunos do curso mediúnico para as experiências que viveriam no interior do centro, visando justamente facilitar a organização e sistematização de todo o processo, de forma que este fosse seguido de acordo com as expectativas de comportamento previamente demarcadas como parte do quadro de referência religioso e doutrinário. Tal sistematização pode mesmo ocasionar certa monotonia, como o próprio palestrante chega a citar durante a apresentação, em referência a determinados médiuns veteranos que, após anos trabalhando no centro, queixam-se do fato de suas comunicações mediúnicas – psicofônicas ou psicografadas – serem “*muito parecidas umas com as outras*” (sic). Essa retenção da espontaneidade nas manifestações, e a recorrência de comunicações mais estereotipadas, podem muito bem ser entendidas como resultado da atuação de um rígido mecanismo institucional de disciplinarização, que busca impedir eventuais desvios da norma recaindo, assim, na mera reposição dos papéis esperados pelo grupo. A despeito de o intuito inicial da disciplinarização ser o de conferir certa ordem aos trabalhos, ela acaba restringindo, no frígido dos ovos, a criatividade,

criando uma atmosfera ansiógena na qual é vedada qualquer tentativa ousada de inovação. Em alguns casos, quando um participante age de forma inesperada ou espontânea, tende-se a reprimir o quanto antes o comportamento divergente, recorrendo-se a procedimentos usuais, ou chamando a atenção do médium para a necessidade do controle:

Ao invés de suas reproduções de vasos de flores ou rostos, (F) tentará produzir também um quadro mais abstrato; enquanto pinta, seus movimentos são intensos e assustam I.Z e V.A, que procuram conversar com ele ou lhe aplicar passes, aproximando-se do mesmo. F pressiona com força os tubos de tinta e faz fortes movimentos com a mão, atirando a tinta na tela. O resultado disso é que se verificam no quadro várias formas redondas e manchas de variadas cores, reunidas num fundo colorido disforme. [...] Ao final da sessão, quando perguntado sobre o que sentia, F. alega ter sentido “muita energia, muita força” (sic), e quis expressar essas sensações de algum modo. Via muitas cores, sobretudo, a cor amarela, que aparecia com frequência. Como os tubos de tinta eram velhos, a tinta não saía com facilidade e isso impulsionava F ainda mais para pressioná-los com força. [Relatório 6, Ismael].

O exemplo acima ilustra a dificuldade em tolerar, algumas vezes, manifestações mais intensas e possivelmente caóticas, ou qualquer situação de aparente descontrole ou contestação das normas instituídas, movimentos que são logo absorvidos pela doutrina de modo a serem “tratados”, “doutrinados” etc.

2) Introjeção com personificação: Um dado interessante na fala de alguns entrevistados é a forma como se dirigem a si próprios tal como se estivessem assumindo o papel de outra pessoa. A médium S. chega a se referir ao seu próprio nome: “95. [...] *Mas a gente sempre, S, tem que lembrar, quando você for criticar alguém, lembra se você também não era assim*”. Em outro momento, ela diz repentinamente: “*Peraí, o julgamento S.!*”. A médium V. também nos relata experiências parecidas, em que visualiza dois estados internos distintos: seu estado corriqueiro, usual, e outro estado mental que a orienta e “sinaliza”. Este último aspecto ou faceta pode ser interpretado como o próprio conjunto dos valores espíritos introjetados, que passam a dirigir o indivíduo em suas decisões:

140[...] E às vezes eu falo: caramba, V. não acredito que cê – conversando comigo mesma – não acredito que cê fez isso! Poxa. Então, é tipo assim, a minha mente eu vivia como se fosse só a V., a V. assim vivendo. Hoje não: parece que tem duas V.: uma, a que sinaliza, e a outra que fica/ a outra eu mesma, entendeu? Parece que tem duas ali. Uma mostrando a razão [...] e outra fazendo as coisas que fazia mesmo, entendeu? Complicado, complicado, complicado (risos).

Esse processo de introjeção e consequente divisão interna – não patológica – da identidade é um produto da identificação com a doutrina e, ao mesmo tempo, a base dos processos ulteriores de organização psíquica e controle dos impulsos (vistos no capítulo 7), bem como das personificações de “mentores espirituais”. Sob a figura destes, o sistema de crenças controla o processo de tomada de decisões, agindo no indivíduo de modo pessoal e, por vezes, relativamente

autônomo. Tais personificações têm, geralmente, um caráter moralizador, protetor e, em alguns casos, punitivo – como o espírito Emmanuel de Chico Xavier (Souto Maior, 2003). Em suas psicografias, S. afirma inclusive receber “brincas” e advertências dos espíritos, quando ela age de maneira considerada incorreta frente aos valores espíritas. A própria entrevistada reconhece que seu “senso crítico é ferrado” (391):

[...] E eu fazendo isso aqui e escrevendo, eles [espíritos] me ajudam também. Porque tem umas brincas/ é tem outras brincas ali [aponta para as psicografias em cima da mesa] que eu não vou nem mostrar pra ninguém. Que eu levei. Mas aí foi pra mim mesma.

392. E.M: É né? Nas psicografias, tinha muita bronca pra você...

393. S: Pra mim.

394. E.M: ...nas psicografias.

395. S: Aí eu já não sentia que era pra/ entendeu? Justamente disso, o meu senso crítico: “Você respeite aquele que ainda não conhece a Deus. Você está passando por cima dessa pessoa. Você foi feliz, você teve uma semente”. Justamente aquele aviso que eu recebi, E.M, mil novecentos e lá vai cacetada. E veio de novo pra mim aqui! Eu to machucando ainda [...] É, ninguém ta ouvindo, mas aí é que vem a bronca e fala: “nós estamos ouvindo você. Você quer que todo mundo te ouça, mas você não ta escutando Jesus na tua vida, viu S.?” E eles...

396. E.M: Aí vem na psicografia.

397. S: Na psicografia. E vem também [tosse] aquilo que eu não consegui entender lá, E.M, eu não tava preparada. E me preparam aqui, pra trabalhar nessa mediunidade aqui.

As características citadas nos lembram muito o conceito freudiano de *superego*. Segundo a teoria psicanalítica, com o declínio do complexo de Édipo, a imagem idealizada dos pais transforma-se em imagem ideal de si mesmo, base de todo ideal humano. Por sua vez, a função paterna transmuta-se, no interior do ego, em uma instância voltada a exercer as mesmas atividades de punição, repreensão e consciência moral desempenhadas inicialmente pelos pais da criança. O superego pode ser definido, assim, como o conjunto dos valores morais e sociais internalizados a partir da relação idealizada com os pais, cuja manutenção posterior será levada a cabo pela autoridade do ensino religioso, da educação escolar e da leitura. Segundo Freud (1923/1987, p. 47) uma das principais formas de expressão do superego é o imperativo categórico:

À medida que uma criança cresce, o papel do pai é exercido pelos professores e outras pessoas colocadas em posição de autoridade; suas injunções e proibições permanecem poderosas no ideal do ego, e continuam, sob a forma de consciência (conscience), a exercer a censura moral. A tensão entre as exigências da consciência e os desempenhos concretos do ego é experimentada como sentimento de culpa.

Há certa aproximação entre tais afirmações e o que nós vimos antes (capítulo 7) sobre a importância das figuras parentais nas filiações religiosas de alguns participantes. É possível, destarte, que o mecanismo de identificação com a doutrina repouse em identificações prévias com os pais, e seja, sob esse aspecto, uma construção que se faz sobre identificações mais antigas, aproveitando-se delas, porém, modificando seus conteúdos. Ademais, a função de controle dos

impulsos exercida pela identificação com a doutrina é, em muitos aspectos, bastante parecida com o controle exercido pelo Superego em relação ao Id freudiano – controle esperado, diga-se de passagem, para o estágio de desenvolvimento que Habermas definiu como *identidade de papel*. Não nos é necessário aqui aceitar o sistema psicanalítico *in totum* para levantarmos essas associações; basta compreendermos o papel das figuras parentais na formação de determinadas imagens, crenças e comportamentos religiosos, papel esse salientado por Freud a partir de seu próprio referencial teórico. Sob a luz dessas contribuições, podemos especular que a regressão à infância, promovida pelas atividades do centro, atua não só resgatando potenciais e outros conteúdos pouco explorados ou reprimidos, como também serve de apoio aos mecanismos institucionais de controle, mediante processos psicológicos de substituição das figuras parentais pelas figuras religiosas.

3) Encorajamento: Logo que um participante começa a frequentar as reuniões, ou quando se forma um novo grupo de trabalho mediúnico, é preciso que certas medidas previnam os integrantes de desistirem das atividades, mantendo o grupo integrado e motivado. É aí que surgem mensagens mediúnicas de encorajamento e força estimulando os membros para a tarefa a ser cumprida. Menções esparsas a esse tipo de comunicações podem ser encontradas nos relatórios de observação e nas entrevistas, mas são nas psicografias recebidas pela médium E.O que encontramos os dois melhores exemplos.

E.O trabalhava em um grupo de caridade no centro Ismael – denominado “samaritano” – e antes de realizarem as doações, reuniam-se para as preces, leituras etc. Eis uma das mensagens recebidas por ela no início da formação do grupo:

*Faço aqui presente
A minha saudação
Vindos de planos claros
E com muita comunhão*

*Formou-se o grupo Samaritano
E nos pusemos a trabalhar
Com afinco e energia
E muito amor a dar*

*Com o vermelho vamos cicatrizar
Com o verde balsamizar (sic)
Com o amarelo e o lilás
Nos espiritualizar⁹²
Estamos combinados
Vamos adiante e trabalhar
Depois de tudo pronto
Voltamos cada qual a seu lugar*

⁹² A referência às cores diz respeito a uma prática comum de visualização de cores em práticas grupais espíritas. Alguns centros se utilizam até mesmo de lâmpadas coloridas em sessões de passe, atividade para a qual se dá o nome de Cromoterapia.

*Lugar de onde viemos
Entrelaçados na luta e no amor
Na paz de espírito que teremos
Em ver cumprido aquilo que nos propusemos
16/01/89*

Nesta outra, encontramos referências explícitas aos nomes dos integrantes. Inteligentemente, a mensagem não só encoraja e instrui os desmotivados, como também elogia os mais devotados ao trabalho:

*Gomes escute querido a voz do coração
Sejas humilde que o amor virá por emoção
Marlene olvide seu sofrimento agora
A beleza de seu perdão você sentirá sem demora
Lisete amiga do peito e dos cabelos dourados
Veja os velhos, os pobres e seu amor será dobrado
E.O nem pense em sofrimento
Sua paz e sua luz se fará por entendimento
Airton é peça fina nessa engrenagem
Tanto amor e tanta paz e que tamanha humildade
Miguel brincalhão mas gosta de estudar
Continue amigo, o trabalho sempre aparece pra quem sabe lutar
Já estivemos juntos Marlene trabalhando
Na fé e na bondade você continua ganhando
Sônia não se desgaste outra vez
Trabalhe, trabalhe e aprenda de vez
Nascimento nem vou te contar
O segredo é nosso e só contarei quando chegares do lado de cá
Muita paz e luz. 5.3.89*

4) Autoria oculta: Nos dois centros espíritas investigados, muitas das produções mediúnicas permanecem anônimas, sem assinatura do suposto autor espiritual. Esse estado de coisas parece oferecer a oportunidade aos participantes – quer consciente, quer inconsciente – de expressarem idéias ou opiniões que hesitariam divulgar sob circunstâncias mais diretas. Mesmo quando se atribui um nome ao autor ‘espiritual’ da mensagem, isso ainda não constituiria um efetivo impedimento ao uso das personificações de espíritos como pretexto para a veiculação de informações cuja verdadeira origem é o próprio médium. Levantamos, assim, a hipótese de que a mediunidade pode servir, algumas vezes, como veículo do reprimido na relação grupal-transferencial, assumindo a função de restaurar, numa linguagem por vezes polida, cordial e benevolente, adequada à doutrina, o discurso do não-assumido. Ela atuaria nesses casos como um meio estratégico de comunicação adaptado aos preceitos doutrinários, uma linguagem do apaziguamento, contrária a um conflito que revolucione a ordem estabelecida. Dessa forma, a discussão aberta sobre temas conflituosos – não estabelecida diretamente na relação entre os participantes – acaba sendo mediada pelos processos de mediunidade, constituindo uma peculiar

estratégia de comunicação grupal⁹³. As mensagens do ‘mentor espiritual’ do médium C.A.B., em uma das sessões observadas, poderiam muito bem se enquadrar nessa perspectiva.

Ao final dos passes e da palestra, inicia-se efetivamente a reunião mediúnica. Como estava escuro, (E) denotou dificuldade para ler, e o médium C.A.B tentou ligar uma luz de celular sobre o livro para facilitar a leitura. O doutrinador E, um tanto ríspidamente, recusou a ajuda, ordenando que C.A.B se concentrasse e se preparasse para a atividade mediúnica, empurrando com certa força o seu braço. Parecia temeroso de que a atividade se desorganizasse de algum modo ou que o ambiente sereno, escuro e embalado por uma música relaxante ao fundo fosse perturbado.
[...]

A terceira manifestação de C.A.B é a de um mentor espiritual que encerra os trabalhos do dia com seus comentários [psicofonia]. Como de costume, agradece a Deus por todo o trabalho realizado e profere algumas exortações morais. Dentre seus comentários, fala sobre “pessoas que tem azia e odores mal-cheirosos na boca” (sic) e os convida a buscar a melhora de si mesmos, de sua alimentação e de seus hábitos de vida. Exorta também “os queridos irmãos, para serem mais gentis e se acautelarem para não perderem a paciência com os demais neste trabalho em que tal sentimento é tão fundamental” (sic).

Ao invés de o indivíduo expressar a outro aquilo que efetivamente pensa ou sente de seus hábitos de vida ou de seu mau-hálito, ele prefere dizê-lo resguardando-se sob o manto da mediunidade, ao deslocar a responsabilidade para um ‘outro’ (um espírito). O mesmo se poderia afirmar sobre as exortações quanto à necessidade de gentileza e paciência: referem-se, provavelmente, ao modo ríspido com que o doutrinador E se dirigira pouco antes frente ao próprio médium C.A.B, durante a leitura que precedeu o início da reunião mediúnica. Sem lhe dizer diretamente o que sentia de seu comportamento, C.A.B falou à E pela voz dos espíritos.

Encontramos exemplos interessantes também nas psicografias e psicofonias de “mentores espirituais”. Na quarta sessão em que participamos no centro Ismael, as mensagens de duas médiuns, C.A e S, traziam temas relacionados justamente à postura dos médiuns na reunião – talvez por conta da tensa discussão ocorrida entre R.O e A nesse dia. A médium S. nos explica que às vezes surge a vontade de transmitir recomendações aos outros participantes, inspiradas pelo ‘plano espiritual’, algo que ela evita fazer, com receio de alguma retaliação. Ela chega inclusive a admitir a autoria de algumas mensagens. Nesse sentido, percebemos certa confusão em seu discurso; ao mesmo tempo em que reconhece ter sido ela a responsável por parte das produções, também afirma pedir aos espíritos para que ela “*esqueça*” ou “*apague*” da mente, em momento posterior, alguma mensagem dirigida a uma pessoa específica. Podemos depreender daí o receio da médium em se comprometer com o que escreve ou fala durante as sessões:

576. [...] Sabe, cada um fala uma coisa, e eu não quero ficar falando. Né? Quando a mensagem que eu vou dar, às vezes, eu não/ eu peço pro meu mentor não deixar eu falar. Às vezes eu peço, mesmo. Não, não deixa não, porque não vão entender. Acho que vão

⁹³ Hipótese semelhante foi desenvolvida antes por Lambek (1980) e Sharp (1995).

entrar pra um outro lado, entendeu? Tem que ter um discernimento, um pouquinho. Sabe? Porque vão achar que é coisa da cabeça da gente.

574. [...] E.M, quando eu faço psicofonia, às vezes me perguntam: “pra quem que era aquela lá, aquela coisa?”. Eu falei: gente, eu não sei. ***Antes de começar, antes de pedir que eu escreva alguma coisa, me apague. Se for necessário.*** [...] Eu vou pra casa, eu não fico perturbada com as mensagens que eu tenho aqui, porque eu até esqueço. Entendeu? ***Mas é aquilo, tudo com muita cautela e cuidado mesmo.*** Porque talvez o centro, essa transformação de desunião, de falta de caridade que tá tendo aqui, que os mentores tão falando, a falta de confiança dos dirigentes do grupo; dos que abriram a casa, pra poder/ a falta de fé, a falta de chegar e vamos avaliar ali, vamos avaliar aqui, né. ***Então, eu tô começando a perceber nas minhas psicografias, isso aqui fui eu que escrevi, não foi o mentor, não foi espírito não.***

Tal forma de solucionar as intrigas mal resolvidas, apelando a mensagens ocultas, tende a não ser eficaz, e vai aos poucos minando o trabalho realizado dentro do grupo. Decorridos alguns dias da sessão supracitada, S. e I.Z conversavam a respeito das reuniões do grupo na entrada do centro Ismael, e tanto uma quanto a outra se mostraram desanimadas. I.Z pretendia inclusive deixar o grupo no semestre seguinte (algo que efetivamente ocorreu). Na sessão posterior, R.O e (A) faltaram aos trabalhos sem terem se posicionado com antecedência acerca do motivo da ausência – como é de seu costume – o que pode ter resultado dos acontecimentos calorosos da última sessão.

5) **Doutrinação da sombra:** Quase todas as escolhas que um indivíduo faz ao longo da vida são laterais, porque excluem muitas outras possibilidades e caminhos. Dentre as várias opções disponíveis, muitas talvez sejam interessantes, mas só uma ou poucas poderão prevalecer. Quanto mais o indivíduo se apegar a uma dada posição, considerando-a superior, ele acreditará estar com a certeza, e livre de qualquer dúvida. As inquietações que por ventura o estimulem a pensar de forma contrária serão logo rejeitadas por ele ou duramente combatidas. Porém, elas não irão embora; continuarão instigando-o a seguir rota alternativa, enquanto ele se dedica a desconjurá-las e desbancá-las. Jung (1914/1986, p. 192) chama a esse processo de *compensação inconsciente*:

Algo semelhante acontece com as pessoas que passam de uma religião para outra. Aqueles que se convertem do protestantismo para o catolicismo possuem, reconhecidamente, uma tendência para o fanatismo, pois não abdicam por completo de sua fé protestante. Esta desaparece no inconsciente, agindo continuamente como um estímulo contrário ao catolicismo recente. É por isso que os novos convertidos se sentem compelidos a defender com fanatismo a fé adquirida. [...] A maneira curiosa como essas influências compensatórias irrompem na consciência explica-se, em primeiro lugar, pelo fato de que elas precisam lutar contra as resistências existentes, apresentando-se, por isso, de forma bastante distorcida para o paciente. Em segundo lugar, essas influências só conseguem se manifestar na linguagem do inconsciente, ou seja, por meio do material inconsciente cuja natureza é muito heterogênea. Isso ocorre porque tudo aquilo que não tem mais valor para a consciência ou não se lhe aplica adequadamente se torna inconsciente.

Uma forma de lidar com essas compensações é a de personificá-las, projetando nelas todas as opiniões contrárias à atitude consciente do adepto, para depois dialogar com as personificações tentando convencê-las de seus equívocos. É exatamente o que parece ocorrer nas

sessões de doutrinação e desobsessão. Nelas, os médiuns frequentemente recebem entidades que são contrárias às concepções espíritas, e que inclusive discutem com os doutrinadores, deixando-os, não raras vezes, em grande dificuldade. Chamaremos a essas tentativas de convencimento dos espíritos de *doutrinações da sombra* porque, de um ponto de vista psicológico, trata-se, na verdade, de um singular mecanismo institucional visando identificar e trabalhar possíveis complexos desviantes e compensações inconscientes, mecanismo por meio do qual as dúvidas e inquietações dos médiuns quanto à sua própria fé podem ser apropriadamente dissipadas e ‘doutrinadas’, mediante a projeção de tais conteúdos nas personificações de espíritos obsessores a serem *convertidos*.

Vejamos um exemplo do uso desse mecanismo.

Uma das médiuns presentes (a qual chamaremos aqui pela letra K) relata possuir boas condições financeiras – “graças a Deus” (sic) – e conta que vivera durante muitos anos em um prédio no qual seus vizinhos se mostravam visivelmente preconceituosos com relação a pessoas de baixo nível socioeconômico. K, no entanto, afirma que costumava tomar café com suas empregadas ou zeladores do prédio, e os tratava sem estabelecer qualquer distinção. Todavia, em dada ocasião, ao receber uma vizinha para tomar chá, foi alertada por esta última de que estaria agindo erroneamente ao proceder daquela forma, recebendo suas empregadas ou zeladores em casa, e que isso poderia prejudicar sua imagem perante os moradores do prédio. K diz ter repreendido a vizinha, mostrando-se contrária a tal preconceito.

[...]

K (sempre falante) relata então um fato observado por ela em outro centro espírita, no qual disse ter presenciado uma reunião de doutrinação, em que um espírito obsessor questionou o doutrinador, dizendo-lhe: “você está pedindo para que eu mude, para que eu melhore dos meus erros, mas você não melhora dos seus, que eu sei. Você não tem moral para exigir isso de mim” (sic). A situação teria sido constrangedora. Curiosamente, neste mesmo dia, essa médium daria ‘passividade’ à um espírito cujo comportamento foi bastante semelhante ao exemplo dado por ela.

[...]

A segunda manifestação de K é a de um “senhor de escravos” (sic), um espírito proveniente do período escravocrata. “Que lugar é esse?” pergunta para a doutrinadora C.R. Esta explica que se trata de um lugar semelhante a um hospital e o espírito retruca: “hospital? Eu quero saber o que é que vocês fizeram com os meus trabalhadores. Para onde vocês levaram todos eles? Eu vim para buscá-los” (sic). “Quem é o chefe de vocês?”, ele pergunta em seguida. “Nosso chefe? Nosso chefe é Jesus”, responde a doutrinadora. “Jesus? Aquele de 2000 anos atrás? Faz tempo já, hein?” (sic). A doutrinadora explica que os ensinamentos deixados por Jesus permanecem até hoje e tenta convencer o “senhor de escravos” de que o importante é ele receber auxílio espiritual e este responde: “ajuda pra quê? Vocês não estão ajudando ninguém, muitos ainda estão indo pra lá de onde eu venho. Pelo jeito não está funcionando nada.” (sic).

A doutrinadora se vê constrangida com as investidas do espírito, e tenta esclarecer seus questionamentos e comentários irônicos, explicando-lhe aspectos da doutrina espírita. Comenta que os espíritos estão buscando aperfeiçoamento, que esse processo é gradativo, mas que muita ajuda tem sido feita assim mesmo e que aqueles que não se recuperarem terão a oportunidade de reencarnarem novamente na Terra para se redimirem etc. Mas o senhor de escravos indaga: “então quer dizer que é assim, pode errar à vontade que depois é só reencarnar?” (sic). A doutrinadora procura novamente esclarecer a situação (agora com uma fala visivelmente alterada, embora se esforçando para manter a calma), e afirma que uma hora os espíritos se cansarão de reencarnar e de permanecer no sofrimento e irão acabar reconhecendo a necessidade de mudança, de se melhorarem, e que, enquanto isso, terão de expiar seus erros na Terra. “Então a gente vem aqui só pra sofrer, é isso?” (sic), retruca mais uma vez a entidade. “Olha, eu ainda não entendi direito essas coisas que

vocês falam, preciso me informar melhor. Mas você tem sorte, porque eu sou um dos mais passivos. Tem outros aí que são bem piores, vocês tão avisados” (sic). Apesar de seus comentários ríspidos até aqui, o senhor de escravos se despede educadamente, prometendo voltar depois. Ao final da manifestação, a médium joga abruptamente seu corpo para frente da cadeira, como antes. Dessa vez, ela denota mal estar e aplica, em si mesma, vários passes [Relatório 5, Paschoal]

É natural que uma pessoa como K, cujo discurso consciente se mostra o tempo todo favorável à doutrina espírita, carregue dentro de si incertezas que ela tende a reprimir, pela incompatibilidade com sua adesão unilateral e apaixonada às crenças doutrinárias. Impedidas de evolverem conscientemente, tais tendências contrárias obteriam um escoadouro em suas irrupções mediúnicas, dramatizadas de modo específico (histórias de senhores de escravos desencarnados que continuam ‘presos’ à vida terrena são comuns em muitos romances mediúnicos). Nada há de ilógico nessa hipótese, visto que nenhum religioso está isento de dúvidas quanto à sua fé, e o modo como cada qual lida com esse tipo de tendências, pode determinar as mais variadas formas de comportamentos e mecanismos de defesa, sobretudo, num contexto que incita a estimulação de estados alterados de consciência. Há ainda outro aspecto não menos relevante que é a relação de mando e dominação presente no discurso do ‘senhor de escravos’ frente aos seus ‘trabalhadores’. O conteúdo dessa manifestação é bastante curioso em termos psicodinâmicos e psicossociais, se pensarmos que a médium se autodefiniu, logo no início da sessão, como pessoa não-preconceituosa e de boa condição financeira, que inclusive tomava café com suas empregadas e zeladores...

Outras manifestações parecidas são encontradas nessas sessões:

*A médium B manifesta dois espíritos: o primeiro quer saber onde está. Permanece, durante todo o tempo, numa postura curvada, a cabeça abaixada, a voz grave e rouca, mostrando agressividade. Diz para a doutrinadora que **“aqui só falam besteira, vocês ficam perdendo tempo com isso!”** (sic). A entidade afirma ainda, que veio para buscar ajuda para suas dores, e aceita receber ‘remédio’, cessando a manifestação logo após. [Relatório 5, Paschoal]*

*Noutra situação, a médium começa a tossir bastante e age como se estivesse com pigarro na garganta e dificuldade de respirar; **acusa o centro de ter sido culpado por estar assim**. A doutrinadora, tal qual antes, tenta esclarecer a situação, orienta o espírito, e aplica passes. O espírito vai lentamente se acalmando e a tosse diminuindo. A médium retorna ao seu estado habitual [Relatório 7, Ismael]*

*Em outra médium do grupo, o espírito começa a dizer que veio cobrar algo da solicitante e que já vai embora; **não quer ficar ouvindo esse “trololó”** (sic) **da doutrinação**, e afirma que só faz as coisas se for pago. A impressão que tive foi que se tratava da personificação de um espírito que ‘atua’ em trabalhos de macumba, mandinga etc. o qual veio exigir algo em troca da mulher que buscava ajuda. **Essa entidade é mais resistente e tenaz; a doutrinação não parece ter efeito sobre ela**. Após muita insistência da doutrinadora, o espírito aceita permanecer um pouco para receber passes [Relatório 7, Ismael]*

O “remédio” ao qual se referem os espíritos é justamente a doutrinação. Aceitar o remédio – outra indicação do centro espírita como “pronto atendimento” – é aceitar a conversão às crenças espíritas, diminuindo o grau de resistência. Se essas comunicações provêm do próprio médium, elas constituem, obviamente, criações de seu imaginário; afinal, de onde retirariam esses indivíduos argumentos desconcertantes contra a doutrina, para os quais os doutrinadores nem sempre tem uma resposta pronta, senão de suas próprias indagações veladas?

6) Exclusão: em certos casos, nos quais o participante apresenta divergências significativas em relação à doutrina, bem como dificuldade prolongada para se ajustar às normas instituídas, suas opiniões passam a incomodar e a representar uma ameaça à estabilidade do grupo. Pode-se tomar a decisão então de excluí-lo, pedindo para que se retire. Na verdade, tivemos apenas um caso nesse sentido – o da médium S. – que não chegou efetivamente a termo, uma vez que a participante acabara por se adaptar, mostrando-se depois aberta e receptiva. S., entretanto, não deixou de manter para si suas convicções. Suas críticas ao modo como são conduzidas certas atividades no centro são, algumas vezes, bastante sérias (cf. 364-368). Ela se refere, entre outras coisas, a uma “desunião” e a uma “*falta de confiança dos dirigentes do grupo*” (574). Refere-se ainda à preferência que se dá para certos tipos de mediunidade em detrimento de outras: “*o que eles acham mais importante é a psicofonia. É você chegar lá na tribuna e falar bonito. Já deu pra mim sentir isso também*” (368). S. tentou trazer suas idéias para discussão com os demais, mas não obteve apoio: “*eu já falei, já expliquei isso pra eles também o que eu penso, né. Agora, não fui muito assim bem recebida, né*” (370). De fato, nas reuniões em que participamos, pudemos observar a tendência do grupo em desvalorizar as opiniões de S., dando-lhes pouca atenção. V.A, a dirigente do grupo, pouco a ouvia quando das leituras, e pouco espaço lhe era oferecido para argumentar, talvez porque S se utiliza de uma linguagem simples e burlesca, é brincalhona e divertida, resvalando, por vezes, em comentários jocosos que distraem a turma das questões doutrinárias. Em uma conversa particular que o pesquisador teve com S., em março de 2010, a mesma confessou que havia recebido dos colegas de sala ou de dirigentes do centro a recomendação para deixar a casa e não mais participar das atividades. Seu comportamento foi considerado tão impróprio que quase conduziu à sua expulsão do centro.

É bem provável que, dado seu caráter extremado e possivelmente nocivo à imagem da instituição, o mecanismo de exclusão seja muito raramente empregado. A exclusão parece depender do agravamento de etapas preliminares, as quais prenunciam já algum desagrado ou divergência dentro do grupo, passível de culminar, mais tarde, no afastamento da pessoa considerada incômoda

ou inoportuna. Conquanto as rivalidades entre os integrantes sejam ocultadas, em nome da boa ordem ou do equilíbrio do “ambiente espiritual”, elas tendem a se revelar, indiretamente, nos gestos, trejeitos, olhares e rápidos comentários trocados entre si.

Quando alguém dizia algo que V.A considerasse inadequado, ou começasse uma discussão mais acalorada (como entre R.O e A), ela olhava para I.Z ou para mim com um jeito de reprovação frente ao que a pessoa havia dito ou feito. [Relatório 4, Ismael]

Nessa mesma sessão, durante uma discussão entre duas integrantes, a professora e a dirigente do grupo defenderam A. em detrimento de R.O. Esse tipo de comportamento representa o gérmen de uma exclusão futura, visto estabelecer conluios que tenderão a isolar o indivíduo do grupo, favorecendo, com isso, um posterior afastamento.

Uma estratégia de defesa burocrática que também pode anteceder a exclusão – e que atua de maneira preventiva em relação a ela – é o estabelecimento de níveis hierárquicos cada vez maiores dentro da instituição, dificultando o acesso dos iniciantes ou recém-chegados aos principais dirigentes do centro. Quanto menor for o contato dos visitantes com o corpo diretivo, mais as decisões poderão ser tomadas sem risco de envolvimento pessoal. Essa estratégia é falha, no entanto, se há muita liberdade de ação e decisão para cada nível hierárquico, uma vez que isso pode estimular uma fragmentação, em que toda atividade mediúnica fecha-se no grupo em que é realizada, estreitando ao invés de diminuir os vínculos pessoais. No centro Ismael, por exemplo, observamos grande autonomia dos grupos mediúnicos, e pouca intervenção do corpo diretivo em cada um – em função da grande quantidade de reuniões, em diferentes horários. No caso do centro espírita Paschoal Tróvelle, por se tratar de um centro pequeno, ele tende a propiciar um maior contato com seus dirigentes, contato esse distinto do que se observa em centros maiores, onde a elevada divisão de funções administrativas e os processos burocráticos vigentes tornam o relacionamento estabelecido com o corpo diretivo mais dificultoso.

Encerramos aqui, por ora, nossa relação de mecanismos e estratégias institucionais utilizados na reposição da ideologia espírita. É possível que os pesquisadores interessados encontrem outros tipos, dependendo do contexto a ser analisado; em razão disso, não acreditamos ter esgotado a gama de mecanismos disponíveis aos centros na manutenção da identidade espírita. Nosso intuito foi muito mais o de mostrar como esses mecanismos podem iluminar a compreensão das interações psicossociais que se dão nesse contexto, bem como a utilização que o centro faz da própria psicodinâmica de seus membros para produzir as chamadas manifestações mediúnicas. Os mecanismos de reposição são, ao mesmo tempo, mecanismos de controle, por meio dos quais o centro visa garantir sua própria continuidade e a sobrevivência da doutrina espírita. Devemos

lembrar, contudo, que não se trata aqui de estratégias de uso deliberado e intencional, mas muito mais de processos culturais implícitos.

7.4 Conclusão

Estamos cientes de que parte da evidência encontrada poderia ser explicada de outro modo, e que a evidência para certas hipóteses talvez seja pouca ou insuficiente. Não temos como afirmar de modo definitivo, por exemplo, se o sonho de E.O – bem como os acontecimentos que se seguiram – corresponde, afinal, às associações psicodinâmicas que levantamos; ou se a mensagem do mentor espiritual de C.A.B. remetia, de fato, ao incidente com o doutrinador E. São hipóteses difíceis de demonstrar objetivamente, fadadas como estão às extensas discussões sobre motivações inconscientes, mas razoáveis frente às circunstâncias consideradas e ao referencial teórico adotado, bem como úteis a muitos dos que comungam da prática clínica na Psicologia, na Psiquiatria ou na Psicanálise. O próprio fato de tais contribuições teóricas – tantas vezes empregadas em outras pesquisas, por diferentes estudiosos – auxiliarem a compreender vários dos fenômenos que se dão nas sessões espíritas, constitui por si só um indício relevante de sua potencial força generalizadora. Embora convictos da parcialidade de nossos argumentos, desafiamos os pesquisadores interessados a tentarem explicar de outro modo as evidências colhidas.

9 A mediunidade como ideologia

10. [...] E também, lembro também que eu tirei nota/ uma nota... acho que eu tirei zero numa prova de história, porque – na quinta série – porque uma professora perguntou como havia surgido o Homem na Terra, né, e eu coloquei o que tá no Livro dos Espíritos, né, (risos). Eu não sabia que era pra colocar outras coisas. E... aí ele me deu zero, mas tudo bem, eu vou (risos), ele não compactuava com a minha idéia. Também não sei se ele tem alguma explicação pra origem do Homem na Terra ou se é/ ou é evolução das espécies, né, ou Adão e Eva. Eu não sei até hoje o que ele queria que eu colocasse.

- Médium E.

Talvez o título deste capítulo pareça redundante ao leitor, uma vez que todo discurso pode ser considerado, em parte, como ideológico. Sendo a ideologia – como dissemos no capítulo 4 – parte constituinte e irrevogável da própria formação e manutenção da realidade social, não há como ser diferente em relação ao discurso e à cosmovisão espírita. Todavia, mais do que em qualquer outro momento de nossa análise, apontaremos aqui para o aspecto eminentemente partidário de certos comportamentos e falas apresentados pelos participantes. Como afirma Ciampa (1987, p. 127): “uma identidade concretiza uma política, dá corpo a uma ideologia”. Ser médium implica defender uma determinada concepção de vida e de interpretação da realidade; significa concretizar, reproduzir ou até mesmo reformular a história de uma ideologia. A narrativa que os médiuns contam de sua própria história – e as escolhas que vão fazendo ao longo da vida – reproduzem a história da ideologia espírita, a história das crenças e experiências mediúnicas. Suas lutas por reconhecimento social e significado na vida são também lutas ideológicas, isto é, expressões da própria trajetória das práticas mediúnicas, história de marginalidade e exclusão. Percebe-se, nesse sentido, uma fusão de buscas pessoais com questões coletivas ainda não totalmente superadas, o que incita os participantes a defenderem suas crenças contra visões de mundo possivelmente antagônicas ou nocivas ao Espiritismo – de modo a salvaguardarem, com isso, suas próprias identidades. Conflitos históricos entre Catolicismo e Espiritismo, Psiquiatria e Espiritismo, Ciência e Espiritismo, apresentam-se como categorias recorrentes no discurso dos médiuns, bem como na relação transferencial com a figura do pesquisador / psicólogo.

9.1 A memória da perseguição

Talvez seja estranho conceber a mediunidade hoje como uma forma de crença ou experiência marginalizada, dada a grande proliferação e popularidade de certas concepções espíritas. Contudo, ela tem seu passado, e esse passado coletivo, tanto quanto o passado individual dos participantes, tem suas consequências no tempo presente. Parece-nos que a história da mediunidade e de sua relação com outras ideologias ainda está viva no imaginário dos médiuns, em suas falas e ações. É como se houvessem mantido “uma memória coletiva da perseguição, ativando os mecanismos reativos da prova e da demonstração da verdade de seu sistema” (Lewgoy, 2004, p. 264). Essa memória implícita e insistente, movida por certa *compulsão à repetição*, concretiza-se e atualiza-se na relação dos médiuns com membros de grupos considerados historicamente antagônicos, mas também em certos vícios da retórica espírita, como a ênfase na alegada cientificidade de sua doutrina. Por outro lado, temos razões para crer que parte da marginalização sofrida no passado ainda está presente em nossa sociedade. As experiências anômalas não gozam, certamente, de aceitação irrestrita. Muitas dessas experiências são consideradas estranhas e, por vezes, incômodas. Aceita-se de bom grado sua exposição ostensiva em filmes de ficção científica; os religiosos tradicionais geralmente não negam que coisas incríveis e igualmente anômalas – para os nossos padrões atuais – aconteceram, um dia, com algumas das figuras bíblicas; porém, dificilmente concebe-se que tais coisas possam ocorrer nos dias atuais envolvendo pessoas comuns, em seu dia-a-dia, ou que a ficção venha a se tornar realidade. Apesar de as crenças paranormais gozarem, segundo as pesquisas de opinião, de ampla aceitação populacional, elas talvez permaneçam circunscritas mais ao reino da imaginação coletiva ou das práticas religiosas, contextualmente limitadas. Muitos acreditam em sonhos premonitórios, mas nem todos buscarão um sentido para sua experiência. Logo depois de se surpreenderem com a estranha coincidência entre sua vida onírica e os fatos da vida real, retornarão, talvez, aos seus afazeres, como se nada tivesse ocorrido, ou simplesmente guardarão para si sua vivência, como uma curiosidade a ser contada depois entre amigos, numa conversa de bar. Em nossa sociedade, qualquer alegação paranormal pode ser rigorosamente apurada, e sempre sob a inspeção do método científico. É claro que esse quadro não se estende a todos os crentes, pois muitos se contentam apenas em crer do seu próprio modo, mas ele nos serve como um esboço aproximado da imagem que toma frente a proporções institucionais mais amplas. É justamente por isso que chamamos essas experiências de

“anômalas”, porque elas não se encaixam adequadamente em um mundo secularizado e racional. A lacuna observada entre a vivência ‘paranormal’ e suas muitas interpretações possíveis, deixa-nos espaço para afirmar apenas sua estranheza ou inadequação frente a certos quadros de referência culturais. Aquilo que é *estranho* nem sempre é visto com bons olhos; sua diferença em relação ao usual gera resistência e, por vezes, violência. É assim que o passado é reposto no presente, e a marginalização vivida em outros tempos retorna envolta por fantasias persecutórias, mas também pela atualização concreta do estranhamento. No capítulo 3, vimos que a mediunidade foi considerada, no início da inserção do Espiritismo no Brasil, como um misto de charlatanismo e doença mental. Muitos médiuns foram perseguidos nessa época, e os centros espíritas fechados. Algo semelhante ocorrera nos Estados Unidos e na Europa (Capítulo 4). Tal período foi superado, mas seus efeitos perduraram no tempo. É no próprio seio familiar dos entrevistados que o passado encontra sua principal via de expressão no presente. Sob esse prisma, a conflitiva familiar em torno da mediunidade e da conversão ao Espiritismo representa a versão reduzida de um conflito cujas proporções ideológicas são bem maiores.

Como visto no capítulo 7, a busca pelo Espiritismo parece ter constituído, para algumas das participantes, uma tentativa de se livrarem das concepções estigmatizantes em que se viam enredadas. O caso de nossa pequena coleção que melhor ilustra a perseguição familiar às experiências anômalas é o da médium M.J. Os rótulos a que foi exposta desde cedo claramente retomam as categorias históricas: “louca”, “macumbeira”, “bruxa”:

59. E.M: Tá. Como é que você descreve assim o impacto dessas experiências na sua vida assim. Como é que você... o quanto você acha que essas experiências afetaram na sua vida, assim? Foi muito, foi pouco? Qual a importância disso pra você?

60. M.J: Olha, eu não sei te dizer, porque é muito ruim as pessoas não entenderem o que você tá passando e te chamar de louca, né... macumbeira, uma série de coisas, que você não consegue definir. Isso é muito chato. Mas a partir do momento que eu comecei a entender, que eu comecei a vir, a frequentar o Ismael, tudo, então eu já sei me defender disso, né. “Ah, você é bruxa”. Não, não sou bruxa, né. Aí eu já me defendo ante ao preconceito, ou seja lá o que for da pessoa.

61. E.M: Discriminação.

62. M.J: Discriminação. Exatamente. Então eu já sei me defender. “Ah! Você é macumbeira”. Não eu não sou macumbeira. Então eu já tenho uma resposta pra dar pra essa pessoa, tal. Então é assim: no princípio é difícil acho que não só pra mim, mas, todo mundo que é médium, que vê, que... acho que ver, acho que é difícil. Não é para qualquer pessoa que entende, que te orienta. Eu graças a Deus tenho um marido que sempre, compreendeu e que acreditava no que eu falava, entendeu? Se eu falava para ele: tem uma pessoa assim, assim, assim, aqui assim, assim, assim, ele falava: “então vamos rezar pra ver se essa pessoa sai”. Entendeu? Ele sempre foi por esse lado, pelo lado mais da paz. Mas não [dizia] “sai capeta!”, essas coisas assim.

63. E.M: Entendi.

64. M.J: E às vezes, eu acordo à noite falando com os espíritos, eu vou pros lugares onde eles estão. Então, você vê, ele tem a maior paciência do mundo. Ele me chama de volta, ele vai lá me buscar... ele reza pra mim voltar. Entendeu? Então isso é diferente, você ter um apoio e você poder sair daquele lugar com alguém te chamando. Porque você

ainda não sabe sair. Entendeu? Agora eu já sei sair, se eu me vejo numa situação dessa eu já sei sair desses lugares; mas, se eu não consigo sair ele vai me buscar.

Ao tornar-se espírita, M.J aprende a se “defender”. Os argumentos doutrinários são empregados como seus próprios argumentos de legitimação e defesa. Deixa de ser “louca” para ser vista como “médium”. Todavia, até que essa transição de papéis ocorresse, ela teve de passar por duras penas: foi levada pela mãe a um hospital psiquiátrico, e obrigada a tratar sua loucura; em decorrência de suas visões e outras vivências estranhas, afastou-se dos amigos e do convívio social. As únicas pessoas que pareciam ter “entendido” sua situação eram seu pai – num primeiro momento – e o marido, tempos depois. Ambos pertenciam à Umbanda e conheciam as práticas mediúnicas. À semelhança de outros casos, a Umbanda cumpre aqui uma função transitória, mas relevante; ela teria sido uma ponte ou meio de ligação com a conversão posterior ao Espiritismo (cf. próximo tópico para mais detalhes).

42. M.J: Assim, assiduamente, foi. Já fui em outros lugares, tudo, mas assim... porque ia sempre em centros de Umbanda. E como eu falei, eu tenho muito medo, né. Então eu me afastava, eu mesma me afastava.

43. E.M: O seu pai era Umbandista?

44. M.J: Era

45. E.M: Ele já é falecido?

46. M.J: Já. Já, já foi.

47. E.M: Aí ele trabalhava como médium também, não?

48. M.J: Não, ele só freqüentava, ele era freqüentador só.

49. E.M: Ele levava porque queria te ajudar, alguma coisa assim?

50. M.J: Sim. Porque ele falava pra mim que isso era espiritual. E todo mundo tratava como doença. Entendeu? Aí ele falava: “não é doença”. Ele que brigava com a minha mãe pra me defender. Porque na minha casa todo mundo falava que, é... “eu não quero macumbeiro aqui”. Porque é uma formação católica, né. “Eu não quero macumbeiro aqui”. E eu falava: mãe, tem uma mulher na janela. E ela falava: “lá vem você com essas bruxarias suas”. Entendeu? [risos da entrevistada e do entrevistador]. É complicado.

[...]

75. E.M: Das pessoas em geral, quando você fala que você sofreu essa discriminação era mais de quem, da família, é... de amigos, como é que era isso assim?

76. M.J: Mais da família né, porque com isso você vai se afastando né, então eu sempre tive poucos amigos por conta de... disso, então você vai se afastando, meus amigos ficaram restritos. Agora é que eu tenho mais amigos porque agora encontrei gente que é igual eu, então um entende o que o outro fala tal, porque se você vai conversar com a pessoa que é um evangélico, por exemplo, ele não vai te entender né. Você pode até ter amizade, mas a hora que você fala qual a sua religião, ele já vai te dar um jeitinho de você não ser mais amigo dele, né (risos). Infelizmente, mas, pra mim a opção dele é dele, agora se ele não aceita a minha eu não posso fazer nada, né.

77. E.M: É. A sua mãe era contrária ao espiritismo, ou não?

78. M.J: Ainda é.

79. E.M: Ela ainda é viva?

80. M.J: Ainda é.

81. E.M: Encarnada, né.

82. M.J: Isso, ela ainda é. Tanto é que quando ela está na minha casa se eu vou fazer evangelho no lar, ela sai... da onde nós [marido e filhos] estamos fazendo. O quê que nós estamos fazendo? Estamos lendo o evangelho e rezando o Pai Nosso, que é o que a gente reza, mas mesmo assim ela não fica perto da gente; acho que ela tem medo de... né, sei lá, deixa ela.

93. E.M: Mas você, por exemplo, por influência das pessoas chegou a frequentar algum psicólogo, ou psiquiatra, por alguma coisa desse tipo, ou não?

94. M.J: Foi/ Minha mãe me levava num hospital psiquiátrico porque eu era menor de idade ainda né, então ela me levava e você tem que ir porque/ depois que eu fiquei de maior eu falava que eu não ia e não ia mesmo. Então enquanto cê era pequena ela me levava num hospital psiquiátrico aí chegava lá conversava com os psiquiatras tudo e... até uma vez que ele quis me internar. Falei: não, eu não vou ficar aqui, eu não sou louca! Aí ele [psiquiatra] pegou e falou pra mim assim, que eu tinha que ficar que a minha mãe não estava me achando bem. Eu falei: ela pode não estar achando, mas eu estou bem e eu não vou ficar aqui. E eu fiquei com medo deles me amarrarem, essas coisas que diziam que faziam né, não sei se é verdade. E eu olhei pra ela e eu pedi pelo amor de Deus pra ela não me deixar lá. Porque não deve ser bom ficar lá né, ainda mais a gente sendo bom, né. Eu tinha muito medo, que as pessoas falavam que levavam choque, essas coisas assim, a gente não sabe até quanto tem de verdade e quanto tem de mentira. Mas, eu sempre tinha medo. Eu tinha medo de sofrer maus tratos... por... por conta disso.

95. E.M: Mas ela chegou a ter levar muitas vezes, ou isso foi só por umas vezes, só?

96. M.J: Algumas vezes. Eu fiz um tratamento de uns dois, três, seis meses, mais ou menos. Depois eu falei que eu não queria mais tomar aqueles remédios também não, porque aqueles remédios faziam a gente dormir demais, né.

97. E.M: É, são fortes, né.

98. M.J: É, então me atrapalhavam no meu serviço.

99. E.M: Tá. Hoje você não faz mais nada desse tipo de tratamento? É só aqui no centro mesmo?

100.M.J: Só aqui.

135.E.M: Entendi. E no caso assim, ela [mãe] é... o que ela costumava falava pra você assim? Além/ falava pra você não dizer aquilo, ficar quieta, como é que era? Ela te repreendia, chegou a te punir alguma vez por isso, não? Por essas visões?

136. M.J: Não. Ela falava que era mentira, que isso era coisa de gente louca, que se eu não parasse com isso, ela ia me bater.

137.E.M: Ela te ofendia?

138. M.J: É. Hoje eu vejo que era porque ela tinha medo, né. Porque... mas...

139.E.M: Temia e tinha receio.

140. M.J: Com certeza.

141.E.M: [tosse]. E o seu pai, como é que você descreve ele, como é que ele era?

142. M.J: Meu pai já era mais compreensivo nessa parte. Tudo o que eu falava ele acreditava. Não sei se é porque ele já... hoje eu vejo assim, que ele já tinha um... um conhecimento. No espírito dele ele já conhecia alguma coisa. Porque eu falava pra ele e ele entendia o quê que eu falava. [...]Então ele sempre foi assim muito compreensivo comigo. Se eu falava: tá acontecendo isso e isso, ele falava, ele entendia, ele buscava me ajudar né, só que o buscar dele era Centro de Macumba, né. Por isso minha mãe brigava com ele, porque não queria que o marido dela fosse macumbeiro. Entendeu? E meu pai tava sempre tomando aqueles banhos, tava sempre fazendo os trabalhos dele, acendendo as velas dele, fazendo essas coisas que é o ritual deles, mesmo. E ele falava pra mim, fazer isso, que eu ia melhorar. E então ele sempre entendeu, ele sempre procurou me ajudar.

[...]

177. E.M: Ai, você conheceu ele [marido] com quatorze anos?

178. M.J: Com quatorze anos. Com dezoito anos a gente começou a namorar.

179. E.M: Quando você conheceu ele e vocês começaram a namorar, ele já sabia que você tinha as experiências de mediunidade, ou não?

180. M.J: Tinha. Porque eu via as pessoas atrás de mim, e eu falava assim: tem gente atrás de nós. Mas como ele foi de formação da Umbanda, que a mãe dele era da Umbanda, tinha Centro, era mãe de santo, e tudo, então acho que por isso que ele me compreendia.

181. E.M: Ah, entendi, ele já tinha uma formação.

182. M.J: É, entendeu? Então ele falava: “não, eles não vão chegar perto, eles não vão chegar perto”. Ele sempre teve muita paciência. E eu sempre sonhava e acordava gritando e ele sempre me protegendo, sempre me...

183. E.M: Auxiliando.

184. M.J: É.

185. E.M: *Ele frequenta aqui também, ou ele frequenta outro local?*
186. M.J: *Não. Ele frequenta aqui. Ele frequenta aqui. Todos os dias que eu venho, ele também tem trabalho.*
187. E.M: *Ah, ele trabalha como médium também?*
188. M.J: *Trabalha. E agora o meu filho começou a estudar também, já tá no segundo ano. Então acho que a nossa formação familiar toda vai ser espírita. Eu espero que sim, né.*
189. E.M: *E o seu marido vem também para trabalhar. Ele é médium do que, no caso?*
190. M.J: *O meu marido é médium assim de sustentação, né.*

Mas se o caso M.J chama atenção pelo modo dramático como se desenrolou é possível encontrar exemplos parecidos de marginalização em outros casos. Em geral, quando perguntados se alguma vez sofreram algum tipo de discriminação por conta da sua mediunidade, a resposta dos entrevistados é frequentemente negativa. Eles manifestam, não obstante, um receio evidente em serem rechaçados pela família ou outras pessoas de seu convívio, caso venham a relatar suas experiências. Essa atitude reticente está presente, sobretudo, na maneira como evitam falar da mediunidade com pessoas que não são médiuns ou espíritas. Torna-se bastante claro pelas entrevistas que a recusa dos entrevistados em exporem mais amplamente suas experiências não deriva exatamente de alguma ideiação megalômana, como se achassem que os demais à sua volta são terminantemente incapazes de compreender suas delicadas vivências espirituais. Seu discurso deixa aparente o medo (quer real, quer imaginário) de se indispor em desnecessariamente, manifestando de modo aberto e descuidado sua vinculação com experiências tidas socialmente como ‘esotéricas’, cujos relatos preferem resguardar para as conversações em sessões mediúnicas, palestras do centro espírita ou aulas do curso de aprimoramento mediúnico. Em meio à pluralidade de caminhos religiosos que caracteriza nossa sociedade contemporânea, admitir publicamente sua fé ou ostentá-la perante os outros constitui um ato potencialmente ofensivo ou desagradável aos demais religiosos e não-religiosos; um ato passível de retaliação. Nesse sentido, parte do receio dos participantes se origina do risco objetivo de uma rivalidade inapropriada com amigos ou pessoas próximas pertencentes a outros credos. Vejamos o que dizem nas entrevistas:

Médium A.M

92. A.M: *Eu aprendi muito cedo a não relatar as minhas experiências. Porque a minha família não aceitava. Pra quem que eu ia relatar? E depois eu percebi que eu relatava isso pro meu marido, meu marido não gostava, porque ele não sentia nada, e eu sentia tudo. Cê entendeu? Então eu percebia que ele não gostava. Então eu parei de comentar até com ele. Então, eu comentava como: com os colegas aqui mesmo, coisas assim.*

93. E.M: *Entendi.*

94. A.M: *Fora, eu não comentava. Mesmo porque minha família não aceitava, né.*

95. E.M: *Mas eles diziam o quê? Qual era a interpretação que eles davam? Eles diziam o quê?*

96. A.M: *Olha, não falavam nada. Só achavam que eu tava errada. Né? Que aquilo não era certo. Mas ninguém falava assim; ficava mais no ar do que falavam. Né? Então, eu sabia que não aceitavam. Eu sei que foi uma decepção muito grande pros meus pais, mas eles/ meu pai ficava sério, fechava a cara. Mas ele não falava nada não.*

97. E.M: Houve, por exemplo, discriminação por conta de você ser espírita e trabalhar como médium, em algum momento da sua vida?

98. A.M: [Espera alguns segundos para responder] Eu acho que não. Eu acho que não. Porque, minha família mesmo que poderia, né, fazer alguma coisa, não fez. Nunca se interessou, de jeito nenhum. Eu acho até que olhavam pra mim assim com um jeito de quem: “coitada, tá perdida” (risos). Cê entendeu? Mas eu não me sentia assim, pelo contrário. Ai, eu tinha me achado, né, tinha me encontrado, então... Sei que não gostavam e tudo.

Médium I.Z

50. I.Z: Olha, pra pessoas estranhas eu nunca comentava que eu sonhava, que de vez em quando eu via alguma coisa, sobre telepatia, nunca comentei nada.

51. E.M: Nem hoje?

52. I.Z: Hoje, muito menos (risos). Hoje eu também só converso mesmo com quem tem a mesma afinidade, né, que eu sei que frequenta a mesma religião, que entende, que sabe, que aceita. Caso contrário, eu fico na minha, né. Não me exponho não.
[...]

117. E.M: [...] Assim, é... em algum momento assim da sua vida, desde que você assumiu a sua mediunidade, enfim, ou até por conta das experiências que você teve antes na infância, na adolescência, você já chegou a passar por algum tipo de discriminação ou constrangimento por conta disso?

118. I.Z: Não, porque eu nunca comentei, né. Nunca falei nada.

119. E.M: Mesmo na família, nada?

120. I.Z: Mas nem na família. A família é a primeira pessoa que você (risos) breca, né. Já fica quieta, já não fala.

121. E.M: Entendi.

122. I.Z: A minha mãe vai fazer um ano que a minha mãe faleceu agora, e ela não era de frequentar religiões nenhuma, como eu te falei, mas puxava mais pra parte evangélica. E nos velórios a gente sempre costuma falar uma parte do evangelho, né, e eu fiquei na minha. Eu por ser espírita e ela ser minha mãe, podia chegar e falar: não, eu vou fazer o evangelho, é minha mãe, isso e aquilo, eu sou espírita. Não. Eu fiquei na minha, e deixei a palavra pra prima da minha mãe, pras duas primas e muito amigas. E a minha prima é evangélica, essa prima da minha mãe, né. Então foi a prima da minha mãe que fez uma pequena palestra no velório dela. Tudo bem também. No meu sogro também, não dei a frente, não fui, sei que eles gostam dos catolicismos. Chamaram padre, rezaram o terço. Tudo bem, e eu aceito tudo. Eu fico na minha, respeito, não discrimino nada não.

Médium N.

“Muitas pessoas sabem que eu sou espírita, porém raras sabem que desenvolvi a mediunidade”

“Meu namorado é simpatizante da Doutrina, ele se identifica mais com a Umbanda, porém também não frequenta com assiduidade. Ele não se opõe ao meu trabalho, ao contrário, me incentiva. Já leu alguns livros espíritas e sempre conversamos bastante sobre a espiritualidade” (sic).

Médium E.O

118. E.O: É. O meu marido – um fator muito importante – ele me ajudou muito!

119. E.M: Ele é espírita?

120. E.O: Não, não! Sabe? Mas na hora que me dava essa sensação, ele tinha que ficar deitado comigo, sabe? E eu segurava na mão dele, e: ai, ai, eu tô morrendo, eu tô morrendo (risos). Ele: “não, cê não tá morrendo. Cê tá aqui, cê tá tranqüila, cê vai se acalmar, daqui há pouco vai passar, daqui há pouco vai passar”. Eu falo: graças a Deus que essa é uma sensação que vem e passa, né? Vem e passa. Porque se ela demora muito, cê morre! (risos). Uma sensação tão terrível, que você fala: eu tô indo embora, e ninguém tá vendo (risos).

[...]

259. [...] Porque os filhos ficaram revoltados e chegaram à conclusão, que eles falam assim: “Nossa, mãe a senhora sempre foi o equilíbrio da casa; e porque que a senhora tá

dessa forma? Ah, mãe, é o centro”. Começaram a me dizer que era o centro. Não o centro em si, entendeu? “Ah, mãe; tal, não sei o quê, não sei o quê”. Eu falei: não, não tem nada a ver. Isso é coisa minha! Isso é coisa minha que eu tenho que passar; eu quero que vocês entendam, entendeu? Aí o meu marido até teve que intervir. “Não, deixa a sua mãe; é isso que ela quer, a gente tem que fazer a vontade dela, entendeu?”. Então, apoio assim, eu tive assim dele assim cem por cento. Ele nunca disse: “ai não, porque você tá é cada vez pior”, entendeu?

[...]

420. E.M: Entendi. Tá, é... você chegou, E.O, alguma vez a sofrer algum tipo de discriminação por conta da sua mediunidade? Assim, é, das pessoas te discriminarem, ou te – eu não sei se eu poderia usar essa palavra um pouco forte, mas – rejeitarem, alguma coisa assim, ou te criticarem, de qualquer maneira, por conta da sua mediunidade?

421. E.O: Não. Não. Não. Não, aqui dentro?

422. E.M: Não, eu digo...

423. E.O: Ah, fora?

424. E.M: Fora, isso. Na sua vida.

425. E.O: Olha, eu só uso a minha mediunidade aqui no Ismael mesmo.

426. E.M: Tá, cê não chega a falar pras pessoas?

427. E.O: Não, não. Não. Se não me conhecessem, ou quando eu conheço uma pessoa e... só se me perguntam, o que... qual é a sua religião, eu digo que eu sou espírita kardecista, mas é só também. Não costume, não costume.../ sabe? Não, não costume não.

428. E.M: Tá. Mas das vezes que você chegou a comentar, não teve também nenhuma repercussão?

429. E.O: [Balança a cabeça negativamente].

430. E.M: Mas porque que você não conta? Você acha que as pessoas poderiam ter alguma/ você acredita que as pessoas poderiam ter uma reação desse tipo, não?

431. E.O: [Passam-se alguns segundos em silêncio, em torno de oito segundos]. Não sei, eu acho que algumas pessoas sim. Com algumas sim. Com outras, não. Não, foi até bom cê me falar, eu acho que tem uma pessoa.

432. E.M: Sei.

433. E.O: Assim, é amiga, entendeu? Mas eu sinto assim que – porque ela é evangélica – eu sinto que ela tem assim um... um preconceito, é? Não? O que seria?

434. E.M: Seria uma discriminação, né.

435. E.O: Uma discriminação, é. Mas é velado.

436. E.M: Sei, não é...

437. E.O: Não, é bem velado. Entendeu? Eu não... não deixo, não deixo ela perceber que eu...

438. E.M: Tá percebendo, né (risos).

439. E.O: ...que eu percebo. Entendeu? Bem veladinho.

440. E.M: Mas por conta da religião dela.

441. E.O: Por conta da religião dela. Não, tudo bem. É por conta da religião dela. E eu nem tinha notado. E sem querer, a sogra dela me disse. Entendeu? Sem querer, a sogra me disse.

442. E.M: Que ela tinha essa...

443. E.O: Que ela tinha. Então, eu vim aqui no bazar [de roupas e objetos usados, no centro] e gostava, né, a sogra dela já é desencarnada. E eu vim aqui no bazar, ela falou assim pra mim: “ó, se você for lá no bazar, e tiver algum vestido pra mim, você traz?”. Só que ela disse pra mim longe dela [longe da nora], e eu não percebi. Sou meia tchuncha (sic) pra perceber as coisas, sabe? (risos). Aí vim aqui tinha, realmente. Aí comprei uns três vestidos pra ela, né. E levei. Levei pra ela. Nossa, ela ficou toda feliz, sabe, uns vestidinhos bonitinhos, tal, e tal, e não sei o quê, e tal. E passou um tempo, eu falei: nossa, a senhora gostou tanto dos vestidos, e eu não vejo a senhora com os vestidos. E não percebi também que eu fiz a pergunta sem ela [a amiga] estar ali perto. Ela disse pra mim: “não, era do centro, ela queimou todos os vestidos”.

444. E.M: Nossa!

445. E.O: Entendeu? Então até hoje ela não sabe que eu sei. E tudo bem. Não sou eu que vou enfiar na cabeça dela, né. Deixa ela. Entendeu?

446. E.M: E na sua família não? Isso nunca aconteceu coisas desse tipo?

447. E.O: Não.

448. E.M: Por exemplo, você comentou dos seus filhos, que eles tiveram um pouco de receio.

449. E.O: Ah sim. Meus filhos sim. Esse receio foi, nossa! Foram unânimes, né. Eu tenho quatro filhos.

450. E.M: Sei.

451. E.O: Os quatro, inclusive dos quatro, só o mais novo que fez o curso aqui no Ismael. Mas também fez o curso e acabou, e aí meu filho, não apareceu mais. Entendeu? Mas os quatro: “nossa, nossa! Não, não tá vendo! É porque, olha, porque a senhora tá lá no centro. Por isso que aconteceu com a senhora [o episódio de transtorno do pânico]. A senhora fica só recebendo espírito, porque não sei o quê. Por isso que a senhora tá assim, mãe. Não, mãe! Sai daí, mãe, sai daí desse centro. Mãe!”. Entendeu? Os meus filhos.

Dentro da família, a contrariedade frente às crenças e práticas mediúnicas advém, sobretudo, dos pais dos entrevistados – provenientes de religiões como o Catolicismo e derivações do Protestantismo. Como pode ter notado o leitor nas citações acima, os cônjuges são frequentemente respeitosos ou favoráveis à escolha religiosa dos(as) participantes, mesmo quando não aderem às crenças espíritas (cf. quadro abaixo). Eles desempenham, não raro, uma compensação à contrariedade dos pais e da família de origem frente às experiências anômalas. Em alguns casos, parecem dar continuidade à função protetora exercida pela figura paterna – como nos exemplos de E.O e M.J. Na verdade, é como se as médiuns houvessem procurado parceiros que, diferentemente da família de origem, pudessem respeitar suas crenças e vivências, apoiando-as em suas escolhas. No caso M.J, vemos inclusive o interesse da médium em construir uma família na qual seus filhos também participem das atividades do centro. A nova família nuclear visa compensar, desse modo, a discriminação observada na família de origem.

Médiuns	Favorável / respeitosa	Desfavorável	Indiferente ou indecisa
A.M	-	<i>Ex-marido</i>	-
C.	-	<i>Marido</i>	-
E.O	<i>Marido</i>	-	-
N.	<i>Namorado</i>	-	-
I.Z	-	-	<i>Marido (indiferente)</i>
M.J	<i>Marido</i>	-	-
E.	<i>Esposa</i>	-	-
C.R	<i>Marido</i>	-	-
C.A.B.	-	-	<i>Esposa (indecisa)</i>
S.	-	-	<i>Marido (indiferente)</i>
V.	<i>Marido</i>	-	-

Quadro 10. Postura do cônjuge quanto à adesão religiosa dos(as) participantes.

Os filhos variam em termos de aceitação. No caso M.J, a atitude dos mesmos é favorável. No caso C.A.B., “*aceitam com reserva*” (88). No caso E.O, como vimos, seus filhos se assustaram com algumas das experiências da mãe, e chegaram a se opor frontalmente às práticas espíritas. No caso V., sua filha não é desfavorável, mas denota medo frente à mediunidade:

195. E.M: *Cê já chegou a trazer isso pros seus filhos, pro seu marido?*

196. V: *Sim. A minha filha, antes de casar, ela frequentava até comigo lá o Ismael. Só que ela é aquela que morre de medo de espírito. Só de imaginar. Tanto que ela casou, o marido dela há um tempo atrás, ele é de ver mesmo espírito; então ele tava sempre vendo espírito aqui na minha casa. A minha filha uma vez sentiu uma mão passar na mão dela, no rosto dela, e ela sempre, nossa sempre ficou muito apavorada. E o marido dela hoje tem essa faculdade, também não desenvolve porque ele morre de medo também por causa dessas coisas, não acredito mesmo nesse lado. Mas ele vê espírito, ele morre de medo. Então tô sempre assim orientando, passando alguma coisa pra eles...*

197. E.M: *Mas eles não se comprometem?*

198. V: *Não, não.*

Esse último relato ilustra um pouco do paradoxo que comumente permeia a recusa às crenças paranormais: uma mistura de medo e curiosidade. Há sempre o receio de que a crença seja efetivamente real, e de que os espíritos constituam entidades concretas, conquanto invisíveis, assim como no caso do médium iniciante R. – discutido no capítulo 6 – o qual abandonara o curso em função do medo de suas experiências – cf. também Tart (1984) sobre “o medo de psi”. Havíamos observado algo semelhante no estudo de 2008, e é com as considerações que fizemos naquela ocasião que encerramos o presente tópico:

[...] embora o posicionamento dos familiares pareça sempre contrário à mediunidade, ele tende a revelar um fenômeno ambíguo, cercado de nuances nem sempre perceptíveis. Ao mesmo tempo em que a mediunidade das entrevistadas é rechaçada ou reduzida a definições psychologizantes que as destituem de seu caráter espiritual, essa mesma mediunidade é guardada tal qual um objeto precioso na família de E.D.E. [...] As médiuns, vistas inicialmente como doidas e desequilibradas, passam a assumir assim a função de conselheiras espirituais, inclusive frente a pessoas mais velhas: “162. E.D.E: *Eu tenho uma irmã com sessenta e poucos anos, e [ela] vinha se aconselhar comigo. Eu tenho tias de oitenta e poucos anos que vinham se aconselhar comigo*”. O mesmo se dá com I.N., que não raro é solicitada pelas pessoas de seu convívio a fazer previsões. Outro exemplo citado por E.D.E. são os alunos do curso mediúnico. Apesar de aceitarem participar das aulas, mostram-se receosos com a possibilidade de apresentarem algum tipo de doença mental [...] Tais falas parecem revelar o caráter contraditório da relação que muitas vezes se estabelece com essas crenças e experiências. Embora racionalmente manifestemos a tendência de menosprezá-las, parece haver sempre um lado que gostaria de afirmar sua autenticidade e o quanto elas revelam, de fato, uma realidade alternativa, e não uma ilusão ou mentira. Apesar de sua popularidade assumida, constatada amplamente pelas pesquisas de opinião pública, a paranormalidade é quase como um tabu, algo em que ninguém quer tocar efetivamente, mas com o qual se estabelece, às escondidas, uma relação de conluio. A cisão originada culmina, dessa forma, num misto de adoração e repulsa, como exemplificado pelos familiares das médiuns⁹⁴.

⁹⁴ Pode-se especular se esse paradoxo entre o interesse pelo paranormal e o medo de que tais fenômenos existam corresponde, em parte, a uma característica brasileira. Dada a popularidade de muitas dessas crenças em nosso contexto social – incluindo a mediunidade e a reencarnação – e, de outro lado, a pressão mais ampla da secularização e laicização ocidentais, o resultado obtido é justamente uma mistura de sentimentos, favoráveis e desfavoráveis.

9.2 O padre, o preto velho e o pastor

Consta que Chico Xavier, quando ainda morava em Pedro Leopoldo, recebeu durante algum tempo as provocações de um padre que, incomodado com a popularidade do médium na cidade, instalara na igreja um alto falante para convocar os fiéis e combater a idéia da reencarnação.

Chico nunca tentou argumentar com o padre. Ignorava qualquer provocação, fugia de confrontos. Quando cruzava com o “rival” no meio da rua, tirava o chapéu e o cumprimentava, respeitoso. Muita gente ficava irritada com sua passividade [...] Pelo contrário, [ele] faria questão de defender a Igreja Católica como fundamental ao país.

- Por mais de quatrocentos anos, nós fomos e somos tutelados por ela na formação do nosso caráter cristão.

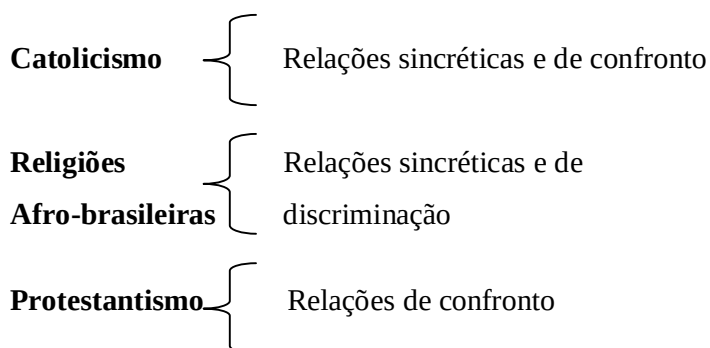
Chico estava longe de ser ingênuo. O catolicismo era útil para o espiritismo. Multidões de católicos desembarcavam no [centro] Luiz Gonzaga todas as semanas. Chico confidenciaria a um amigo sua estratégia:

- A Igreja Católica precisa sobreviver pelo menos mais cem anos. Nós não temos tempo nem recursos para receber todos os fiéis. Nossos centros são como choças, os católicos vêm dos palácios... (Souto Maior, 2003, p. 112)

Esse episódio é bastante característico da relação entre Espiritismo e Catolicismo no Brasil. Uma relação complexa, em que a complementaridade e a contestação, o respeito e o ressentimento se entrecruzam. Não se pode negar, com Chico, que a igreja católica tenha desempenhado um papel significativo na história do país e na história do próprio Espiritismo brasileiro. Mas essa relação também foi marcada por rivalidades e confrontos, alguns dos quais revisamos brevemente no capítulo 3. Tais rivalidades, contudo, não desapareceram. Elas permanecem vivas no discurso dos médiuns, na maneira combativa e depreciativa com que se dirigem às figuras católicas e à própria igreja. Muitos dos nossos participantes – que um dia foram católicos – ainda rezam para seus santos, visitam regularmente a igreja (como S., aos domingos) e ‘recebem’ ‘espíritos’ católicos, como monsenhor Hans de C.A.B. Vimos vários exemplos desse interessante sincretismo no capítulo 7. Mas, certamente, a doutrina espírita difere do Catolicismo em muitos pontos. A visão que os espíritas possuem de Nossa Senhora, por exemplo, não é a mesma dos católicos (cf. Relatório 1, Paschoal); para aqueles, ela é um “espírito mais evoluído”, e não teria concebido Jesus tal como na interpretação literal da Bíblia. Todavia, uma coisa é a incompatibilidade de visões; outra, bem diferente, é a existência de uma rivalidade particular. Tais rivalidades são construídas historicamente, pois não se observa semelhante confronto do Espiritismo com o Judaísmo ou o Islamismo, por exemplo. A compreensão dessas diferenças é de suma importância em nossa análise, na medida em que nos ajudam a rastrear as origens coletivas de certos posicionamentos ‘partidários’ adotados pelos participantes na construção de suas identidades

religiosas. Refletir sobre as relações entre Espiritismo e Catolicismo implica refletir, por sua vez, no papel desempenhado por outros sistemas de crença na formação da identidade espírita. Ao invés de nos prendermos no que a literatura histórica e antropológica diz a esse respeito, tentaremos estabelecer, doravante, as linhas gerais desse relacionamento entre sistemas, com base em nossos próprios dados.

Podemos resumir o percurso das relações entre o Espiritismo e outras religiões da seguinte forma:



Relações sincréticas são aquelas em que há fusão, mais ou menos deliberada, entre crenças provenientes de dois ou mais sistemas distintos. *Relações de confronto* são as que se caracterizam, simultaneamente, pelo combate às crenças de outro sistema e pela defesa de cada qual às suas próprias crenças. *Relações de discriminação* têm por base a inferiorização e o preconceito, podendo ou não haver um confronto direto entre os sistemas envolvidos.

O Catolicismo serviu a muitos participantes como uma primeira referência religiosa, ensinada pela família. Ao contestá-la, diminuíram com isso a influência psicológica dos pais e da socialização primária sobre suas vidas. Não houve, entretanto, uma ruptura definitiva, mas apropriação “nômade” de parte das noções aprendidas e cultivadas desde a infância, com a sua consequente adaptação sincrética ao sistema de crenças vigente (cf. capítulo 7). Não obstante, os médiuns tendem a narrar seu passado de modo que o Catolicismo apareça como uma etapa superada em suas trajetórias. É aí que reproduzem, sem o saber, uma antiga história de embate entre as duas doutrinas. No discurso dos médiuns, a figura do padre é frequentemente contestada em sua autoridade intelectual, espiritual e moral (também no estudo de 2008). Não raro, encontramos citações em que os entrevistados relatam sua indignação com a igreja ou com determinadas atitudes de seus membros; no geral, ela é descrita como instituição conservadora, repressora, demagógica e opulenta, enquanto as qualidades ‘humanitárias’ do Espiritismo são ressaltadas:

Médium S.

1.[...] Uma me convidou até pra mim ser freira, e eu falei de quantos padres, porque eu não gostaria nem um pouco de ficar enclausurada numa igreja, eu falava pra ela. Mas cheguei num ponto de ficar muito curiosa com o padre e perguntar – de tantas leituras evangélicas que tinha lá também – mas por que, padre, a irmã, nossa senhora, engravidou? A minha mãe também engravidou do meu pai, mas fazendo sexo. Chegou uma hora que o padre já tava bravo comigo, já não queria nem mais que eu chegasse perto, perguntasse mais nada. Eu ficava sentida e chateada. Perguntava pras irmãs e elas falavam assim: “mas nossa senhora, é um espírito muito bonito, evoluído demais, né, ela não tem esse negócio de sexo, nada não”. Mas eu era mais curiosa e perguntava, e fuçava tudo.

[...]

89. [...] Todas aquelas respostas que eu pedi pro padre eu consegui aqui.

[...]

131. [...] E outra coisa bonita, E.M., não importa a religião que você seja; se você é um crente, católico, Jeová, uma outra religião, segundo o Espiritismo eles te abrem a porta, né. Então você tá aberto, o Espiritismo Kardecismo ele está aberto pra/

161. [...] Então, eu não gostava de ver, por exemplo, o padre dar preferência pra aquele que dá dinheiro na igreja, entendeu, e não olhar pra aquele que tinha problema, entendeu? Psicológico, problemas sérios na vida dele.

[...] 370. [...] Porque na igreja católica/ olha a ligação, E.M. Na igreja católica, tudo o que eu queria saber lá, era cortado. Uma coisa impressionante. Eu fuçava assim a bíblia inteira pra entender. A bíblia inteira! Aqueles benditos reis magos, porque que tinha que dar aquele luxo todo, luxo todo que eu falava. O papa, porque que o papa, padre, tem que ter o luxo dele lá? Sabe? Era coisa assim que não passava pela minha cabeça. Vinha vindo, né. Então o que eu falo, essa busca incessante. Lá na igreja, essa busca incessante aqui, né.

Médium C.A.B.

80. [...] Como também a igreja matou, roubou, tudo em nome de Cristo e de Deus, né. Pode ver: na santa/ a santa inquisição... (risos), que botavam o pessoal na fogueira, nos cárceres, de seminários, de/ né, daqueles palácios. E além da Santa Inquisição teve a outra, teve a outra também né... eu esqueci. Eu esqueci, além da inquisição teve mais uma outra. Ah, aquelas cruzadas.

81. E.M: Cruzadas.

82. C.A.B: As famosas cruzadas, né, que foi por isso que os muçulmanos ficaram contra os cristãos, né, por causa dessas cruzadas aí.

[...]

84. C.A.B: Ah sim, a doutrina espírita, embora eu/ Kardec, imagina, naquela época da inquisição ainda, o Kardec vem trazer a doutrina dos espíritos, né, o consolador prometido, praticamente ele chutou o pau da barraca, né. Tanto é que o bispo lá de Barcelona que mandou queimar os livros espíritas e espiritualistas também, na fogueira, em plena praça pública, né, foi o maior marketing pra doutrina espírita, né. Tanto é que o Espírito da Verdade disse pra Kardec, que se ele quisesse exigir indenização, ele poderia exigir indenização, né. Mas... isso foi o maior marketing pra doutrina espírita. Pô, já pensou o povo querer saber o quê que continha naqueles ensinamentos lá? Embora são ensinamentos que nos ajudam a mudar/ é que nem o Cristo, quando veio trazer os ensinamentos dele, dizia que ele trabalhava pelo diabo, pelo satanás, né. E quem eram? Eram aqueles rabinos que mandava em tudo, tinha o poder sobre a vida, sobre o dinheiro do povo. E depois vem a doutrina dos espíritos, também, que nem o Cristo, sendo condenada, dizendo que trabalha por intermédio do Satanás, que é o diabo que faz tudo, que vê tudo, que fala tudo, pra enganar as pessoas, né. E... eu ainda/ quando eu mudei pra doutrina espírita, quando era jovem, era aquela época ainda que a pessoa era excomungada pela igreja, quando a pessoa se tornava espírita. Hoje os padres são mais moderados, aceitam mais, né, são mais amigos, já estão mudando o modo deles, embora esteja muito lentamente ainda, né. Teria que/ eu acho que a doutrina devia ter mudado/ Kardec deveria ter perguntado mais coisas, contundente; devia/ já que chutou o pau da barraca, devia ter...

85. E.M: Chutado de uma vez?

86. C.A.B: O balde junto, a barraca, o balde, devia ter posto fogo ainda na barraca, né. Mas, tudo tem seu tempo, né. Tudo vai devagar, não é como a gente quer, né. Embora a doutrina espírita não seja o futuro da humanidade das religiões, mas é as religiões que vão ter que se adequar aos ensinamentos da doutrina espírita. Principalmente na parte da reencarnação, vida após a morte, que não é como eles falam, que a gente vê os espíritos, observa pelas comunicações, lê muito; que o Kardec traz muitas comunicações, não só ele, como Ernesto Bozzano também, e outros que escreveram muitos livros, comunicações de espíritos que tão lá no plano espiritual procurando o céu, né, ou o inferno, o inferno, e não encontra daquilo que o padre, pastor, ensina pra eles. E é um/ uma tremenda/ eles se acham enganados, né, se acham muito enganados.

Médium I.Z

163. E.M: Tá. E como é que você compara hoje a sua condição no Espiritismo e aquela condição em que você fazia parte daquele outro contexto religioso? O quê que você acha que o Espiritismo te trouxe de novo, ou de diferente, em relação àquela formação que você teve religiosa?

164. I.Z: Huhum. A consciência das coisas, né, porque naquela época tudo era pecado, “você não pode fazer isso, não pode fazer aquilo, Deus castiga”, aí cê vai ver que Deus não castiga coisa nenhuma, o que você tem é pelo seu merecimento, por isso que milagre não existe... a realidade dos fatos, né.

165. E.M: Você acha então que a visão espírita tá mais próxima...

166. I.Z: Sem dúvida.

167. E.M: ...do que acontece no mundo, na vida.

168. I.Z: Huhum. Faz muito tempo que eu não vou na católica. Mas pelas conversas que eu tenho com a minha faxineira, a católica também já está bem mais aberta do que na época que eu freqüentava. Agora, a metodista eu não sei, porque eu não tive mais contato com ninguém. Mas eu acredito também que não esteja tão pra trás, porque tem que evoluir também, né.

Médium V.

53. E.M: Qual que você acha que era assim a maior diferença entre aquilo que você tinha na igreja católica, e depois pro Espiritismo? Quê que/ que foi assim o divisor de águas assim de um pro outro?

54. V: Os dogmas. Assim, de você... e as coisas que você via. Eu falava assim: não, Jesus não precisa disso. Então, o que me diferenciava era isso, era de você ver aquela coisa assim de, é... a hóstia, trazendo o corpo de Cristo/ eu vou ter que me confessar, e aí meus pecados tavam todos, é... vai, salvos, né, então eu achava que não era correto assim. Que o padre não precisava aquele luxo, aquela batina, e isso me incomodava. Demais. Então eu falava assim: não, Jesus pregava assim de uma forma tão simples. Então, e esse negócio de você “ai, tem que ter o dízimo, tem que ter”, então tinha essas coisas que não tavam de acordo com o meu pensamento. Então...

Médium C.R

39. [...] E eu não fiz o catecismo, nem a primeira comunhão, nem nada dessas coisas, que tinha né. **E eu me lembro que foi por conta do padre, assim.** Eu não gostava do padre, não... desculpa o termo mais, pra mim era um safado. Assim, não gostava, não gostava.

40. E.M: Sei, você tinha visto alguma coisa dele?

41. C.R: não, não, mais depois, uns anos depois, que a gente ficou sabendo assim meio, né, tipo, construiu a casa dele com o dinheiro da Igreja, safado nesse sentido. Entendeu? Eu não sei, eu não ia com a cara dele não gostava. E não era nem ele que dava o catecismo, era uma mulher né. Mas, não... nunca gostei não. Minha mãe também conta que ela ficava muito de castigo porque perguntava as coisas né. Questionava. E aí: “não, é assim porque é assim”. E ficava de castigo. E ela fala que na doutrina espírita foi onde ela foi achando as respostas né, para as dúvidas que ela tinha e tudo mais. E eu como também nunca/ é... não quis mais fazer o catecismo, nem eu nem o meu irmão, ela não obrigou. Também não... mas, ela tinha, eu lembro, ela comprava livros pra gente. Livrinhos infantis

a gente lia, gostava, e depois só foi mesmo com os livros espíritas, romances e depois de estudo.

Já as religiões de matriz africana – como a Umbanda e o Candomblé – tiveram um caráter mais transitório na vida dos participantes, servindo à função de iniciá-los no universo das práticas mediúnicas, mas somente enquanto prelúdio ao posterior papel de espírita (casos M.J, C., C.A.B. e S.). Tal como em relação ao Catolicismo, observa-se também nesses casos a apropriação ‘nômade’ de determinadas crenças, com adaptação sincrética à doutrina espírita. Mas há certa diversidade de perspectivas, se consideramos as entrevistas como um todo. De um lado, encontramos comentários depreciativos, indicando uma tentativa de afastamento frente a qualquer associação com a Umbanda. Esse tipo de atitude parece reproduzir a antiga concepção de “baixo espiritismo”. Tendo sofrido, no passado, a perseguição das autoridades médicas, policiais e governamentais, os espíritas procuraram desvincular sua doutrina de eventuais ligações com as práticas populares do ‘mediunismo’ e dos cultos afro-brasileiros, considerados ‘ritualísticos’ ou ‘inferiores’. Essa reviravolta contra a Umbanda, o Candomblé etc., embora já não seja necessária nos dias atuais – sendo inclusive questionada por muitos espíritas – permanece como uma espécie de ‘complexo’ mal resolvido entre alguns dos adeptos da doutrina, representativo de uma antiga pendenga histórica. Essas mesmas categorias discriminatórias, bem como a repulsa ao sincretismo com a Umbanda, continuam a caracterizar muitas das discussões atuais em torno dessa temática. De outro lado, todavia, encontramos espíritas interessados na Umbanda, os quais aceitam livremente uma proposta de sincretismo, ou simplesmente respeitam tais práticas e consideram a possibilidade de um diálogo. As respostas e observações a seguir ilustram as várias perspectivas dos participantes sobre o tema:

(A) estava explicando sua compreensão da leitura, quando R.O se interpôs e as duas iniciaram uma discussão um tanto acalorada. Não acompanhei a leitura do texto, pois não cheguei a tempo, mas (A) esclarecia que muitas pessoas “perdem” (sic) seus dons mediúnicos em decorrência de se envolverem com práticas como Umbanda e outras. R.O veio defender a mediunidade praticada na Umbanda, afirmando que seu pai havia sido médium nesse contexto religioso, e que ela própria já teve contato com espíritos de ‘pretos velhos’. R.O argumentara que “não podemos julgar” (sic) e que essas outras formas de prática da mediunidade devem ser aceitas pelo Espiritismo. Ela inclusive citou o fato de que vários centros de Umbanda hoje estudam as obras de Kardec. A médium (A), no entanto, não concordou, dizendo que a diferença estava no “ritualismo” (sic) da Umbanda, aspecto esse que, segundo ela, o Espiritismo não possuiria. (A) começou a achar que R.O estava levando o assunto para o lado pessoal (por conta do envolvimento de seu pai com a Umbanda) e quis deixar claro que não estava se referindo a pessoas, mas à “coisa em si” (sic), à diferença entre as duas religiões. A discussão, que começou a ficar tensa, se expandiu para o grupo, e (V) e I.Z passaram a defender (A). I.Z disse para R.O “não confundir as coisas” (sic) e (V) disse que na Umbanda eles trabalham, por exemplo, com a manipulação de ervas, e nada disso é ensinado pelo Kardecismo. Em alguns momentos, R.O pareceu irritar-se muito, e defendeu sua visão eclética até o final. Os ânimos foram lentamente apaziguando, V tratou de direcionar a conversação para outro

rumo, e a discussão terminou. [...] quando R.O contesta A, ela está tocando uma ferida aberta, um complexo ou memória coletiva ainda forte em muitos espíritas, e está com isso convocando-os a se posicionarem como guardiões da sua ideologia (I.Z, V e A). Em pouco tempo, o discurso favorável de R.O a um diálogo com a Umbanda, é reprimido, é desvalorizado e cai por terra. [Relatório 4, Ismael]

Neste momento, são tecidas críticas em relação ao modo de proceder dos centros umbandistas. Aliás, em outros instantes da palestra, esse tipo de comentário é trazido à tona, embora o palestrante procure salientar que “respeitamos esse grupos, porém, não se atua dessa maneira no Espiritismo” (sic) [Relatório 3, Paschoal Tróvelle]

No segundo momento da atividade deste dia, os participantes são convidados a tomar passes. Os que permanecem no salão de palestras discutem com o médium C.A.B os temas levantados por este. O assunto principal do dia é “corpo fechado” (sic), referindo-se a uma expressão muitas vezes usada em religiões afro-brasileiras para se referirem a certos rituais em que os participantes buscam proteção espiritual para não fracassarem em algum objetivo ou se verem livres de possíveis influências espirituais negativas. C.A.B tenta demonstrar que a prática do corpo fechado, assim como as mandingas e outros rituais, são apenas formas de induzir a força do pensamento para se alcançar um dado objetivo. C.A.B tenta desmistificar assim o caráter mágico e ritualizado dessas práticas, colocando-as como resultado de poderes ou capacidades disponíveis a qualquer um. Este assunto acaba por encaminhar uma discussão sobre a importância de os indivíduos cultivarem bons pensamentos em relação às outras pessoas, e buscarem sempre sua própria ‘reforma íntima’. [Relatório 5, Paschoal Tróvelle]

A palestra traz ainda a discussão de outras questões como, por exemplo, a distinção entre o Espiritismo e outras formas de religião mediúnica. Z.E procura sempre deixar claro que Espiritismo não é a mesma coisa que Umbanda ou Candomblé, embora defenda o direito dessas religiões de professarem suas crenças, e a necessidade de que outras pessoas ou grupos as respeitem. Os demais participantes adentram também esse debate, expondo cada qual sua perspectiva. A esse respeito, observou-se tanto uma tendência a rechaçar negativamente outras religiões mediúnicas, quanto uma tendência a suavizar ou amortecer tais críticas, estabelecendo gradações ou diferenças as mais variadas. A médium B, por exemplo, tenta diferenciar a “umbanda branca, mais evoluída” (sic), – cujos rituais não envolveriam a presença de bebida alcoólica, fumo, velas, imagens e outros apetrechos – de uma Umbanda “menos evoluída” (sic), que envolveria os elementos citados antes, em seus rituais. Mesmo tendo defendido inicialmente a necessidade de os espíritas respeitarem religiões mediúnicas como a Umbanda e o Candomblé, Z.E reconhece nos tais apetrechos e rituais empregados por aquelas, nada mais que “muletas” (sic), objetos desnecessários à evocação dos espíritos, mas que ainda serviriam como recurso supersticioso para certas pessoas se comunicarem com o mundo espiritual. O médium C.A.B, que também participava deste trabalho, afirmou uma postura mais extremada; para ele, tais práticas, independentemente de como são conduzidas, resultam de “ignorância, falta de conhecimento. O Espiritismo é que é o consolador prometido por Jesus” (sic). Os participantes C.R e E intervieram, neste momento, tentando convencer C.A.B de que não seria bem isso, que a escolha religiosa não determina a salvação de ninguém no plano espiritual, que é preciso ter outra mentalidade a esse respeito, que ele estaria apresentando preconceito etc. Nesse sentido, alguns pareciam se posicionar mais favoravelmente à Umbanda e ao Candomblé – conquanto exibissem restrições – enquanto outros exibiam posições mais unilaterais a esse respeito. O doutrinador E também salientou sua opinião de que o Espiritismo ainda sofre discriminação, e que, desse ponto de vista, “deveríamos respeitar essas outras religiões, assim como gostaríamos de ser respeitados” (sic). Ele cita o caso de um rapaz que visitou certa vez o centro, o qual, levado pela idéia de que realizavam ali algum tipo de “macumba” (sic), mostrou-se o tempo todo receoso e atento. Não quis participar das atividades propostas, mas insistiu na idéia de observar de longe, para se certificar se o que lá ocorria era mesmo aquilo que imaginava. Com o tempo, foi se acostumando e passou a participar das sessões, sem maiores restrições. [Relatório 7, Paschoal Tróvelle]

Médium I.Z

1.[...] a Umbanda, o Candomblé, isso era coisa que não me atraía mesmo, né.

Médium E.O

584. E.O: É, é. Eu pegava a caneta, pegava às vezes folhinha assim, e escrevia. Assim, inspirada, sabe, uma coisa gostosa. E às vezes eu/ **uma vez eu senti que era um preto velho**, que era um... um preto que tava ali perto de mim. Entendeu? Escrevendo, passando aquela mensagem pra mim. Isso eu sentia também.

585. E.M: Você já chegou a freqüentar a Umbanda, por exemplo?

586. E.O: Não, não, mas já tive um pé lá, viu?

[...]

590. E.O: É. Ah não, eu já tive um pezão lá. Eu tenho meu pezão lá. Ah já, bem. Já, com certeza. Com certeza. **A gente não pode ter discriminação nenhuma, ter preconceito nenhum.** A gente tem que saber que a gente tá aqui é pra trabalhar. Nós somos meros instrumentos. E nós não somos ninguém pra dizer: não, porque o quê, porque o quê. Não. Por quê? Só porque usa adereço, e usa uma coisa, ou usa outra? Não, imagina. Cê tem que respeitar. Eu acho que antes de qualquer coisa, a gente tem que respeitar, né. Não, eu costumo dizer: tinha um pé lá sim. Não, eu tive. Aprendi com os meus ancestrais, não é verdade? A gente tem que aprender. É uma experiência. Cada encarnação da gente é uma experiência, né? Aí cê vai falar: “ah, mas aí a gente vai evoluindo”. Que evoluindo o quê, meu filho. **Cê vê tanto pretinho velho que te dá cada lição de moral, e que você tá lá embaixo ainda, você nem aprendeu ainda a lição, não é verdade?** Enquanto que uma pessoa, um espírito às vezes muito culto, não tem a sabedoria que tem aquele preto velho, que sofreu, que padeceu, né, e que pode, através de todo aquele sofrimento, revertido tudo aquilo em paz, em bondade, e te mostrar, não é verdade?

591. E.M: É verdade.

592. E.O: Então eu acho que se aprende muito mais com o humilde... Do que com o grandão.

593. E.M: (risos).

594. E.O: Eu acho. Eu acho que o humilde tem muito mais pra te oferecer do que o grandão, que às vezes, né, é letrado, muito letrado, mas ele não tem experiências muito boas pra te mostrar. Acho que a experiência vale tudo; cê tem que passar. A experiência é tudo. Cê vai ver você daqui dez anos.

Médium C.

23. [...]E o tempo foi passando e eu ia de Centro em Centro. Sabe? Fui no Candomblé. “Ah! Porque você tem uma macumba pra cima de você. Você vai perder o fígado em seis meses. Você precisa me dar oitocentos reais pra fazer um trabalho”. Ai eu falei: isso não é pra mim. Isso não é verdade. Macumba existe. Mas vai me pegar por quê? Eu nunca fiz mal pra ninguém! Eu fui em outro [centro]: “Ah! Porque você tem que fazer isso e isso e isso”. **Então eu ficava assim perturbada.**

[...]

65. C.: Algumas se afastaram. Tá? Por que se afastaram? **Algumas pessoas ainda vêem o Espiritismo como uma coisa má. Entendeu? Então de repente você é um espírita, você é um macumbeiro. Sabe?** Então algumas pessoas se afastaram sim. Principalmente as da minha rua [risos]. Mal me falam bom dia, boa tarde. Mas isso não me importa, não. Um dia eles vão acordar e vão querer, “ah, quero ir lá também”, Sabe? Isso não me preocupa não.

Médium V.

146. [...] Tem pessoas que não entende o que é ser espírita, então elas generalizam, **pensa que cê tá num Candomblé, tal. E me incomodava um pouco antes.** Hoje já não, hoje eu falo. Se alguém perguntar: “o quê que você é?”. Eu sou espírita.

147. E.M: Você assume isso?

148. V: Eu assumo isso. Antes não. Porque, eu falava: ai, o quê que ela vai pensar, né? Hoje já não, sou espírita. Se ela perguntar: sou espírita.

149. E.M: Entendi.

150. V: Mesmo um evangélico vier perguntar: “o quê que cê é?”. Sou espírita.

As respostas indicam o receio dos participantes em serem inadvertidamente taxados de “macumbeiros” ou outras definições socialmente negativas, caso suas práticas sejam confundidas com as da Umbanda e do Candomblé. Essas religiões soam, em seus discursos, como inferiores ou indesejáveis de um ponto de vista social; suas falas reproduzem, na verdade, pressupostos ideológicos e preconceituosos mais amplos em torno dessas tradições. Apesar de as religiões afro-brasileiras respeitarem e acolherem muitas das experiências mediúnicas vividas nos centros espíritas, elas são interpretadas pela maioria dos participantes como versões “menos evoluídas” do Espiritismo, indignas de maior atenção. Quando muito, observam-se movimentos reducionistas e de ancoragem, em que as crenças e símbolos da Umbanda são re-interpretados com base nas concepções espíritas, como quando C.A.B tenta demonstrar que a prática do ‘corpo fechado’, a exemplo de outros rituais, é apenas uma forma de induzir a força do pensamento para se alcançar um dado objetivo (Relatório 5, Paschoal). Muitos umbandistas não se negam, entretanto, a estudar Kardec, e até mesmo consideram elementos da doutrina espírita em suas manifestações. Há, portanto, uma relação de desigualdade entre esses sistemas de crença; um dos lados aceita a fusão, enquanto o outro resiste e recusa. Ao passo em que a força de um reside no sincretismo e na adição sempre renovada de conteúdos (a Umbanda), o outro deseja firmar sua identidade em bases sólidas e definidas (o Espiritismo). É essa tensão entre dinamismo e rigidez que caracteriza a relação entre os dois sistemas de crença citados, mais do que um confronto direto. Uma saída para esse impasse pode estar no reconhecimento de certa marginalização mútua e compartilhada; o médium E. denota esse insight quando admite que o Espiritismo ainda sofre discriminação, e que, desse ponto de vista, *“deveríamos respeitar essas outras religiões, assim como gostaríamos de ser respeitados”* (sic) [Relatório 7, Paschoal].

Mas estariam os desentendimentos com a Umbanda ocultando ainda outras formas de preconceito social, frente aos negros ou aos pobres, por exemplo? É o que sugere a fala de E.O quando diz: *“A gente não pode ter discriminação nenhuma, ter preconceito nenhum [...] Cê vê tanto pretinho velho que te dá cada lição de moral, e que você tá lá embaixo ainda, você nem aprendeu ainda a lição, não é verdade? [...] Eu acho. Eu acho que o humilde tem muito mais pra te oferecer do que o grandão”*. Os argumentos levantados não se limitam, contudo, a uma opinião exclusiva da entrevistada; eles são compartilhados por outros espíritas. O levantamento dessas discussões pode se mostrar benéfico no relacionamento entre esses sistemas de crença, na medida em que descortina aspectos sócio-culturais subjacentes ao processo de legitimação de certas manifestações mediúnicas, abrindo espaço para um diálogo menos impeditivo com a Umbanda. Em

seu livro *Sabedoria de Preto Velho*, o médium espírita Robson Pinheiro descreve a seguinte narrativa, na qual defende o direito de expressão das entidades umbandistas, e discute os muitos preconceitos existentes entre as duas religiões:

Alguém perguntou por que o espírito João Cobú se manifestava assim, como um preto-velho, sentado no chão, com as pernas de lado, a voz potente e forte, tão diferente do médium de que se utilizava. Argumentava que não era necessário a nenhum espírito apresentar-se daquele modo; não havia motivos para esta caricatura tão rudimentar, arcaica talvez, própria de religiões apegadas a rituais e maneirismos pueris, segundo defendia.

Pai João ouvia atento.

Por que motivo escolher a aparência de um ancião, se espírito é espírito, não é idoso nem jovem, é apenas espírito? Após alguns instantes em silêncio, Pai João disse:

- Meu filho, pelo que eu saiba, o espírito esclarecido pode se apresentar da forma que desejar. Para estar com os filhos da terra. Não há por aí espíritos que se mostram como irmãs de caridade, padres, orientais, médicos e tantos outros? Por que o preconceito contra o velho ou a vovó? Será apenas por que a gente se apresenta com negro, ex-escravo? Isso por acaso desmerece a mensagem que trazemos? Porque não repelir espíritos que se manifestam como freiras, indianos ou doutores? Por acaso meu filho pensa que do lado de cá da vida só há diploma de médicos e eclesiásticos?

Pai João prosseguia:

- O problema, meu filho, é que velho não dá ibope para os médiuns e donos de centro. Mas, se além da visão do ancião e do linguajar singelo, a gente se mostra negro, aí sim: o preconceito de meus filhos fala ainda mais alto... Não há alforria que resolva; o preconceito é cativo pior que a escravidão.

Negro, velho e, ainda por cima, morto... Nego acha que isso incomoda por causa do orgulho e do desejo que vocês têm de enquadrar tudo dentro dos padrões brancos, vamos dizer. Se é assim, meu filho, aceita o conselho do Nego: Vá procurar espíritos superiores, de médicos, padres e irmãs de caridade, e deixa nego trabalhar quietinho, falando com simplicidade para aqueles que não entendem linguagem complicada.

Deixa nego trabalhar, cantou Pai João. (Pinheiro, 2010, p. 51-53)

Uma configuração mais recente em termos históricos é a que diz respeito às relações dos espíritas com os evangélicos. No discurso dos entrevistados, não se observa nenhuma tendência sincrética com o Protestantismo e suas derivações, pelo menos não de modo claro. O que há, sem dúvida, é o confronto. Nesse caso, é o pastor quem assume papel semelhante ao do padre no discurso espírita. Os evangélicos são descritos como dissimulados, interesseiros e espalhafatosos. Critica-se o modo como são conduzidos seus cultos, e rebatem-se suas investidas contra o Espiritismo. Conquanto a rivalidade observada aqui pareça menor do que em relação ao Catolicismo, ela é também digna de nota, considerando-se a grande proliferação recente do Protestantismo em nosso contexto cultural. Note o leitor como os comentários depreciativos e combativos dos participantes são quase sempre acompanhados de alguma exaltação ou elogio ao Espiritismo, como quando C. afirma: *“Desde pequenininha eu falava: é de outro jeito; as coisas em que eles [evangélicos] pregavam e as coisas que eu acreditava eram diferentes. Acho que eu já era espírita e não sabia”*.

Médium C.A.B

4. [...] E vendo também muita falsidade, né, que existe entre eles, só ajudam quem são da igreja deles. Bom, isso daí é problema deles.

[...]

76. [...]Mas eu nunca tive preconceito de cor. A única coisa que me pegaram agora foi pra tirar esse preconceito religioso, que eu sempre tive. Tive mesmo, contra pastor, né, principalmente contra esses pastores eletrônicos, pastor fajuto, né. E justamente a minha banca é do lado da igreja de um/ pode ver ali ó, o RR Soares. Ele erra duas vezes, né, RR Soares. Inclusive eu tenho um livro dele, que ele mete o pau no Espiritismo, ele não entende nada de Espiritismo, pelo que ele escreveu no livro, que ele não sabe nem definir o que é Espiritismo, o que é Espiritualismo. Ele fala que é Espiritismo baixo, Espiritismo de mesa branca, Espiritismo disso...

77. E.M: Mistura tudo?

78. C.A.B: ...ele mistura tudo. Ele faz uma mixtureba terrível, né. Quer dizer que ele demonstra que ele não conhece e quer achincalhar o Espiritismo pros fiéis acreditar nele e não acreditar/ mas é tal negócio, é... ele e outros. Tem um livro também de outro pastor aí que faz a mesma coisa, fez a mesma coisa, não entende nada, e quer achincalhar as outras religiões pro pessoal achar que a dele é a certa, né, quando Jesus não escolheu igreja nenhuma, não escolheu religião, não impôs uma religião

Médium M.J

56. M.J: Teve uma época logo que eu casei, que eu tava muito... é... eu vou usar essa palavra, mas não sei se é bem isso: deprimida. Com as coisas que eu via; e tava me deixando assim bem pra baixo mesmo, né. Então a minha cunhada como freqüentava a Igreja Universal nos aconselhou a ir lá, porque lá se não pudessem ajudar eles afastavam essas criaturas, tal, e... frequentei durante o quê? Uns quatro meses, essa Igreja, a Universal né, mas por conta assim/ porque eu também não sou muito adepta aos evangélicos, não, né. Acho que Evangélico é um pouco exagerado pra coisa. Então eu fui lá, fiz um tratamento, melhorei bem. Não gostava daquela parte que o pastor chama todo mundo lá em cima e vai tirar o capeta, sabe? Eu sempre fugi disso porque eu acho que isso daí é... é espetáculo, e eu não tô pra ser espetáculo de ninguém, né. Então/ mas eu via o pessoal lá no corredor [os espíritos], eles iam comigo, ficavam lá, e eu falava pro meu marido: veio todo o mundo. E eles sentavam, ficavam lá no corredor olhando pra mim, e eu ia embora, não via mais. Então não vou dizer pra você que foi ruim. Mas não é a minha praia essa também, né. Por isso que eu não continuei.

Médium C.

13. [...] E me cansei também porque era muita perseguição, e eu não conseguia ser evangélica. Eu entrava na igreja e o pastor tava lá naquele blá,blá,blá. E eu falava: tudo isso é mentira (risos), não é desse jeito, é de outro jeito. Sabe? Desde pequenininha eu falava: é de outro jeito; as coisas em que eles pregavam e as coisas que eu acreditava eram diferentes. Acho que eu já era espírita e não sabia. Entendeu?

[...]

71. C.: Lá no Paraná. Eu pretendo fazer uma visita pra eles. Estou enrolando porque acredito eu que eles já sabem que eu abracei a doutrina espírita. Porque é a que mais se parece/ a que mais eu me encaixo. Sabe? As coisas da doutrina espírita são as coisas que eu sempre acreditei desde pequena. As coisas que acontecem. Porque desde pequena eu nunca acreditei: morreu, foi pro céu, morreu foi pro inferno. Quem é que vai julgar se você tá apto pra ir pro céu? Não é? É o pastor? E quem é que vai julgar que o pastor está apto pra te falar isso? Falo isso porque eu já fui casada com um pastor. Ele me deixava num quarto de hotel e ia pra uma boate. Então eu falo com certeza daquilo que eu tô falando. Então eu temo sim ir pra casa dos meus pais, porque eu sei que vou chegar lá e a porta vai tá fechada pra mim. Mas isso não importa, eu os amo do mesmo jeito.

Médium S.

251. [...] porque aí é muita gritaiada. Crente, eu não posso ficar perto de crente. Porque é um clamor desesperador. Aí eu sinto tudo aqueles doentes [espírituais] junto,

sabe como é que é? Aqueles viciados, eu não sei, aquelas coisas assim tudo/ ai meu Deus do céu, tudo perto de mim.

As categorias exploradas neste tópico são relevantes pelo fato de definirem relações específicas entre sistemas de crença, as quais ajudam a moldar a identidade dos participantes. Temos aqui uma confirmação da assertiva de que a identidade ‘paranormal’ ou ‘religiosa’ pode ser concebida, em parte, como um fenômeno psicossocial construído dentro de um determinado grupo, em oposição a ideologias e valores distintos daquele grupo (cf. capítulo 1, aspectos sócio-culturais da crença paranormal). Essa oposição ou rivalidade nos parece fundamental, inclusive, para a compreensão das próprias manifestações mediúnicas. Como bem argumentou Hess (1989, p. 186) a propósito da desobsessão:

O ritual da desobsessão dramatiza conflitos entre os adeptos espíritas e os espíritos errantes; estes últimos refletem categorias e valores que se encontram fora do movimento espírita. O espírito errante é frequentemente uma vítima da magia negra, mas às vezes é um padre ou um intelectual arrogante, e menos comumente um protestante, um maníaco sexual, criminoso etc. O diálogo com o espírito durante a sessão reproduz o diálogo que os espíritas têm ou gostariam de ter com os não-espíritas fora do centro. Desse modo, a parte mais privada e interna do Espiritismo é também o ponto de diálogo com o exterior; a desobsessão é um tipo de ensaio teatral do discurso externo. Mas é um ensaio que retrata o Espiritismo como triunfante: católicos descobrem que não há inferno; materialistas estão surpresos por verificar que há vida após a morte; espíritos recalcitrantes e presos à vida na Terra aprendem a misericórdia cristã e concordam em estudar nas escolas celestes; e as vítimas da magia negra respondem a tratamentos espirituais de choque ou se oferecem para deixar os espíritos de luz conduzi-los de uma vez aos hospitais espirituais. A sessão de desobsessão dá voz, assim, a pontos de vista rivais no sistema religioso, mas o faz de tal modo que deixa os espíritas abarcarem esses outros discursos em um esquema evolucionário que coloca a doutrina espírita como o ápice do pensamento humano.

9.3 Um psicólogo no centro espírita

De todas as áreas do conhecimento com as quais se relaciona, o Espiritismo tem na Ciência o seu ponto nevralgico. A defesa da cientificidade de suas crenças, mais do que uma constatação epistemológica, representa um importante instrumento retórico e ideológico. Num mundo em que a ciência possui primazia discursiva, onde o conhecimento intelectual é altamente valorizado, e onde a fé nem sempre se sustenta com base apenas na aceitação emocional ou em experiências isoladas de revelação pessoal ou coletiva, os indivíduos tendem a sentir a necessidade de aproximar suas crenças do sistema implicitamente considerado dominante. Isso é particularmente verdadeiro para o Espiritismo.

Historicamente, a doutrina espírita nasce vizinha do Romantismo e do Positivismo. Com os dois, estabelecerá relações dúbias, em que ora apela aos sentimentos e à subjetividade, ora à ciência e à objetividade. Segundo nos parece, o Espiritismo emerge, no campo religioso e filosófico, como uma tentativa de suprir justamente esse abismo entre as duas perspectivas, igualmente sedutoras à sociedade da época. Naquele momento, a secularização irrompe como a promessa de um mundo ordenado e racional, porém, simultaneamente, como um problema cognitivo e moral. Como lidar com a integração do conhecimento humano, cindido agora em diferentes ramos? Como pensar as relações éticas agora que não se tem mais um sistema religioso ou metafísico hegemônico que garanta legitimidade transcendente à moral? É assim que a exclusão da subjetividade, operada pelo Positivismo, irá forçá-la a escorar-se nas metafísicas espiritualistas, sob a forma de um discurso sobre o ‘espírito’ (o sujeito e sua subjetividade). A recusa do envolvimento emocional com o objeto de estudo, sob o pretexto de afastar da Ciência a irracionalidade, levará a diferentes esforços de resgate da subjetividade nas pesquisas científicas, dentre eles a Psicanálise, mas também o Espiritualismo, cuja meta de integração incluía uma cosmovisão religiosa. Nas crenças espiritualistas e supranormais, o Eu substancializa-se como a expressão de um ser semimaterial e transcendente, uma alma, cuja demonstração se sustentaria no aspecto “experimental” do Espiritismo. Estando a subjetividade destituída de validade enquanto conhecimento, tentar-se-á garantir de algum modo sua permanência pela “comprovação” de sua quase materialidade enquanto espírito, corpo fluídico etc., capaz inclusive de se “materializar”, total ou parcialmente, nas sessões espíritas. Observava-se, dessa maneira, o sincretismo entre certas idéias românticas e religiosas, supervalorizadoras do Eu, e o apelo à argumentação filosófica e à demonstração científica. Com seu tríplice aspecto – Ciência, Filosofia e Religião – o Espiritismo representa uma das muitas tentativas oitocentistas de superação das limitações impostas pela especialização dos saberes, visando à re-inserção da intuição, da subjetividade e do sentimento religioso na Ciência, pela criação de um conhecimento global. Assim como o universalismo da Teosofia e, mais tarde, do movimento *New Age*, da Psicologia Transpessoal etc. o Espiritismo busca uma síntese abrangente dos saberes; mas tanto quanto as outras propostas, ele peca por enfatizar um dos lados da questão (no caso, o lado religioso), e por oferecer uma visão da totalidade que, ao fim e ao cabo, não passa de um ponto de vista particular e arbitrário do todo.

Ao acompanharmos o relato dos médiuns, logo notamos que suas referências ao aspecto científico da doutrina não envolvem uma compreensão muito elaborada do que seja ciência ou fazer científico. Falam em ciência de modo genérico, e confundem simples reflexão ponderada (bom

senso) com efetiva argumentação científica. O mais importante em suas falas é o apelo àquilo que consideram uma forma de conhecimento mais sólida e rigorosa; acreditam no poder da ciência, e sentem necessidade de vinculá-la às suas crenças, ainda que isso se dê superficialmente. Em seu surgimento, o Espiritismo – sob a influência do clima positivista da época – foi proposto como conhecimento esclarecido e racional, desvinculado da ‘superstição’ e do ‘ocultismo’. Essa mesma diferenciação persiste no discurso dos nossos participantes, que procuram dissociar suas crenças de meras *crendices* ou concepções populares acerca do transcendente. Vejamos o exemplo de A.M.⁹⁵.

88. [...] *E eu sou uma pessoa que eu falo, que se eu não fosse espírita, eu não acreditaria em nada. Porque eu não acredito no que as pessoas dizem, a não ser que se eu vejo que há fundamento, sabe? Essas superstições, crendices, essas coisas... eu não acredito em nada dessas coisas. Então, eu acho que se eu não fosse espírita, talvez eu não acreditasse nem em Deus. Porque eu tenho que sentir que é; se eu não sentir que realmente é, eu não aceito. Então eu falo que o Espiritismo, eu sinto assim [que] encaixa tão bem, que a gente não tem quadro, não tem vela, não tem nada dessas coisas. A gente tem uns quadros na parede, mas são coisas/ não é de santo, enfim. Não é nada do que se usa em...*

89. E.M: Ritual.

90. A.M: ...de ritual, nada disso. Eu sou despojada mesmo dessas coisas. Então, cê vai na minha casa, cê não vê nada dessas coisas mesmo. Eu até respeito quem precisa disso; mas eu nunca precisei. Cê entendeu?

Na verdade, não há diferenciação, para os médiuns, entre as práticas de saúde oficialmente reconhecidas e o passe espírita, a cirurgia espiritual etc. Todas são igualmente consideradas como meios de ajuda ou de cura fundidos em um único balaio conceitual:

Médium E.O

58. [...] eu me lembro que na época eu fazia tratamento com um psiquiatra homeopata. Quando eu acabei de me separar dele [ex-marido] [...] Mas eu já passei por vários psicólogos, nunca cheguei ao final de um tratamento, porque nunca tem dinheiro que dá, né. Então, mas sempre que eu me sentia assim muito ruim, eu dei um jeitinho, eu tirava dum lado, tirava do outro, e depois melhorava, eu parava, né. E além disso, desse meu esforço, dessa minha religiosidade, o meu pensamento mais aberto que o dele, eu sempre procurei coisas que me ajudassem muito. **A homeopatia também, eu sempre tratei meus filhos com homeopatia, eu acredito muito nisso, psicólogo; e também, o Espiritismo.**

Médium S.

280. S: [...] Mas S, cê tem muito problema, então vamo tentar fazer uma operação espiritual, da epilepsia. Aí fui no doutor T. É uma senhora japonesa, aqui do Jardim São Paulo/ não, da Júlio Buono, Jardim Brasil, e fui lá e fiz a cirurgia. E segui direitinho: um mês, cê não come carne de porco, né. Procura não ver televisão no primeiro dia; teve umas dietinhas pra fazer. Ta bom.

[...]

282. [...] Aí eu tinha que retornar dia 28, pra rever de novo a minha cirurgia. Só que nessa revisão de cirurgia – eu não sei como é que era lá também, né – eu tinha que tomar uma vacina. E.M, não tinha vacina nenhuma, não tinha injeção nenhuma. Era o dedo da japonesa enfiando no meu/ só que eu senti, entendeu? Tem uns que sente, tem outros que

⁹⁵ Pode ser que essas respostas tenham como causa a própria defasagem educacional de alguns participantes. Encontramos semelhante apelo à ciência, no entanto, em livros espíritas de grandes autores da doutrina (Ernesto Bozzano, Léon Denis, Camille Flammarion, Herculano Pires, para citar apenas alguns exemplos). Dessa forma, as respostas dos nossos participantes apenas ressaltam, em linguagem menos rebuscada, a mesma tendência em relacionar o Espiritismo ao conhecimento científico.

*não sente. Só que, to falando pra você. Se eu comentar com os outros, é bobagem. Então eu senti. [...] Eu não sei se foi muita energia de lá do plano espiritual que foi pra cima, que eu tava tão ruim mesmo, que eu ia tirar o útero e tudo. O negócio tava feio, o mioma tava enorme. A médica chegou lá: “S, não tem mais nada aqui. Quê que cê anda fazendo, S?”. Já vi, é lá no Ismael, né. Então a médica até que ela entende, é lá no Nipo brasileiro. **Tem muitos que são espíritas, budistas, um monte de coisa assim. Então, minha ginecologista eu levo um lero com ela, né, eu falo: pois é doutora, toda alternativa que eu puder levar, eu vou levar comigo, né. Deus pôs a medicina, mas Deus pôs a parte espiritual também pra ajudar.***

No Brasil, a síntese espírita veio a sofrer duros golpes quando se viu vitimada pelos ataques de médicos e acadêmicos, logo em seus primórdios. Hoje, o que observarmos é uma autêntica mistura de amor e ódio em relação à Ciência e ao campo da saúde mental. Ao mesmo tempo em que se deseja confirmação científica para as crenças espíritas, a ciência “oficial” ou “materialista” é colocada numa posição inferior ao Espiritismo. Este é alçado à condição de uma ciência mais elevada, ainda a ser atingida pela ciência “terrena”. Busca-se uma integração da Medicina e da Psicologia com o Espiritismo, mas, no mesmo instante, ouvimos dizer que os médicos e psicólogos ainda têm muito a aprender sobre a dimensão espiritual da vida, e que a Psicologia sem o Espiritismo “fica muito frio, muito sem resposta” (médium V.):

Durante todo o seu discurso, [a palestrante] Z.E enfatizava com veemência o alegado ‘aspecto científico’ da doutrina, deixando claro, em diversos momentos da palestra, que todo o ensinamento espírita é muito mais científico do que religioso. Parecia inclusive desvincular o Espiritismo do meio religioso, ao afirmar que a religião, do ponto de vista espírita, deve ser entendida como religare, como re-ligação ao divino, isto é, um conceito mais filosófico / teológico do que religioso no sentido popular.

Sua apresentação foi recheada de frases como: “Kardec era um cientista, e estudou os fenômenos espíritas cientificamente”; “a codificação não veio de uma intuição sua, mas do seu trabalho de investigação científica, pois ele era cientista e educador”; (sic) etc. No seu discurso, observou-se ainda uma tentativa de demonstrar a superioridade do conhecimento espírita: “o Espiritismo é muito complexo, e nós estamos sempre aprendendo; quanto mais sabemos, chegamos à conclusão de que há bem mais a ser aprendido. Por isso, não é simples entender; é preciso estudar muito etc.” (sic). Relata que, sendo professora de Geografia, teve de estudar áreas científicas das quais não gosta – como a Física quântica e a Química – para entender melhor o Espiritismo. Insiste sempre no aspecto científico da doutrina e relembra uma afirmação de Kardec, segundo o qual, se a Ciência viesse a contrariar o Espiritismo em algum ponto, que os Espíritas ficassem ao lado da ciência. Em vários momentos, é ajudada pela médium K, que contribui em favor de suas assertivas, complementando ou exemplificando suas colocações. [Relatório 7, Paschoal Tróville]

Médium I.Z

285. E.M: E... eu queria te perguntar mais uma coisa, pra finalizar agora mesmo, I.Z. O quê que você gostaria de deixar assim como uma mensagem final pra pesquisa, né, algo que você queira dizer talvez é... pra quem vai ler o estudo, pra quem vai entrar em contato com essa pesquisa, que mensagem você quer deixar, ou qualquer outra coisa que você queira falar e que você não falou durante o decorrer da entrevista.

*286. I.Z: Huhum. Bom, o que eu quero deixar assim também pra que ajudem, né, quem tá querendo ser ajudado, e que ajude também em pesquisas do tipo dessas, né, que pra vir à tona mesmo a parte da mediunidade, a parte desse estudo, com a parte/ **a parte espiritual com a parte material, né. Que a Medicina consiga chegar até lá, porque tem muitas doenças que é causadas pela parte, vamos supor, espiritual, né. E trabalhando com as duas partes juntas, a Medicina e a parte espiritual, uma operação espiritual que seja, um***

tratamento, né, espiritual, que é bom pra humanidade. Que ajudem a progredir a humanidade, né.

Médium E.O

482. [...] E o Espiritismo traz essa visão do espírito, né. Quê que você acha dessa outra visão, que o ser humano pode ser explicado pelo cérebro, pelo corpo; o que você pensa disso?

483. E.O: Eu acho que é um conjunto.

484. E.M: Você já vê como um todo.

485. E.O: Eu vejo como um todo. Eu acho que matéria é matéria, né, mas eu acho que aí, além da matéria existe um corpo perispiritual. E eu acho que é um conjunto, espírito e corpo, eu acho que é uma coisa coligada. Tem que estar coligada.

486. E.M: Tá, entendi, você já não dissocia tanto uma coisa da outra, você acha que é um todo, uma unidade.

487. E.O: Eu acho. Eu acho. Eu acho que...

488. E.M: Então você não é contra essa visão de que o ser humano...

489. E.O: Não.

490. E.M: Tá.

491. E.O: Não, de forma nenhuma. Eu acho que é imprescindível, que se estude mesmo, cada vez mais. Pra se chegar/ **eu acho que a ciência tem que chegar à conclusão de que o espírito existe, né. Eu acho que vai chegar esse tempo. Vai chegar.**

492. E.M: Daí você acha que vai integrar as duas coisas.

493. E.O: Vai, vai integrar. Aí o ser humano vai até melhorar um pouquinho, né. (risos).

494. E.M: (risos).

495. E.O: Ó, mas eu acho assim imprescindível, acho que há uma necessidade assim muito grande de se conhecer o corpo, né, **porque existe muita área que a ciência ainda desconhece, não é verdade?** Então eu acho que... tem muito que aprender. É um todo.

Médium M.J

260. M.J: É. Eu acho uma pena. Eu achava que todos os médicos, todos os psicólogos deveriam ver. Ver além do corpo.

Médium V.

235. V: É... hoje assim é mais difícil, né, enxergar sem ver esse outro lado [espiritual]. Você fala assim: não. Enxergar assim só.../ deixa eu falar assim, vai, do psicólogo, quando eu ia. **Eu falava assim: ah não, o psicólogo não entende muitas coisas, porque eu já participei de várias sessões, como eu te falei, é por causa das crises, e eu falava assim: mas ele só vai escutar, escutar, escutar, escutar, escutar. Ele escuta a gente e na hora de/ você quer ouvir uma palavra, quer ouvir uma direção. Cê não quer só ir lá falar a sua vida.** Porque pra falar você fala a mercê; se deixar, cê fica falando. [...] Até comentei com você aquele dia [no primeiro contato que E.M teve com V. por telefone], falei assim: hoje você vê, os psicólogos vendo, eles vão ter uma resposta a mais pra te dar; assim de falar, de ter uma outra visão. Então falo assim: **psicólogo espírita assim eu acho que tem muito ainda, tem muita coisa assim ainda pra tá auxiliando aquele próximo que tá precisando de ajuda.** Porque eu falo assim: olha, as terapias que eu fiz assim, que não tinha envolvimento/ porque eu sei que [o psicoterapeuta] não pode tá direcionando nenhum lado religioso quando você tá [em psicoterapia].

236. E.M: Tá, é isso mesmo.

237. V: Né? Então você não tem que tomar partido de nada.

238. E.M: Isso.

239. V: **Fica muito frio. Fica muito sem resposta.** Igual aí, até aconteceu um negócio lá do... do convênio que eu tava fazendo uma terapia, aí o convênio não cobriu. Oh, não cobre; a gente pensou que cobria e não cobria mais. [Fala da psicóloga:] “Ah, enfrenta o seu marido, fala com o seu marido”. Ó, até então não era pra mim enfrentar, agora com a parte financeira, “enfrenta seu marido, cê tem que ver o seu lado”. Cê entendeu? Quando surgiu essa coisa, eu falei assim: não. Ela não tá preocupada comigo, tá preocupada lá

com os vencimentos. Justo, porque ela tem que receber. Mas não seria por esse lado, entendeu?

[...]

415. V: Ah, eu acho assim. **Hoje em dia, o Espiritismo, que é uma ciência, uma filosofia, né, e uma doutrina, né, religião. Então tá tudo ali.** E eu acho que essa tem cada vez mais a ir em frente mesmo e onde – que fala no livro – que nem tudo que a gente procura, você vai ter uma resposta pra tudo. Até a ciência hoje, por mais avançada que tem, ela não vai encontrar uma resposta pra tudo. Que é conforme Deus vai/ que eu confio muito em Deus, então o Deus é o nosso pai mesmo, né, então a gente tem que confiar muito. Conforme Deus vai achando que a gente tem que saber as coisas que vai, ele vai deixando, o quê? A ciência, indo aí em busca de tantas coisas boas e maravilhosas que tá/ **não tá mais como antigamente que as pessoas eram bem, nossa, eram bem assim, não acreditavam nessa parte espiritual, e hoje não, cê vê que os grandes cientistas estão aí já vendo que existe mesmo.** Então isso é muito benéfico pra todo mundo. Porque não é só as pessoas que estão em busca das respostas que vai se beneficiar. Tá se beneficiando muita gente. [...] Eu acho que o estudo que a ciência vem fazendo, acho que vocês, que estão profissionais aí, estão mais interessados; que antigamente não tinha muito disso aí. Ainda hoje cê vê. Igual, eu participo do primeiro ano lá no curso lá no Ismael [não como aluna, mas como auxiliar], tem um casal de psicólogos lá. e eu já também estudava com psicólogo. Então cê vê que eles já estão abrangendo essa área, **porque eu acho que a Psicologia com Espiritismo é tudo. Tem umas respostas assim fantásticas.** Que acho que/ eu acho que sempre/ se você fazer a Psicologia sem o Espiritismo, eu acho que pro psicólogo mesmo falta; acho que falta uma...

416. E.M: Uma base.

417. V: Uma base. Falta. Falta uma resposta. **Às vezes cê não encontra a resposta. Se cê puxar um pouquinho pra esse lado espiritual, cê vai encontrar. Né? Acho que completa, complementa aquilo ali.** Não tá ainda assim: ah. Mas tá caminhando, isso é importante. É esse caminhar, que tá indo. Nossa, falou/ é maravilhoso. **Igual eu falei pra você, né, que se eu pudesse estudar psicologia eu ia estudar porque é fantástico.** O ser humano, nossa. De você poder olhar poder olhar pra uma pessoa e ver ela como uma pessoa, não como um, aí, entendeu? “Ficar quieto”. Né? “Tem outras ali que é melhor, mais inteligente que você”. Não, uma pessoa é tão importante quanto a outra. **Então eu acho que tá tendo essa preocupação hoje, em tratar a pessoa com mais ser humano.** Cê vê médicos, na área da saúde, principalmente, né. A gente vê que tá tendo/ voltando pra esse lado. E complementa. Hoje em dia as pessoas não/ **estão tomando remédio aí, mas ela não precisa de remédio.** Ela precisa da mudança. E hoje tá vendo aí, que a gente, por causa do seu pensamento, sentimentos que você traz, traz doença pra você. É isso que precisa ser mudado: o pensamento. Então eu acho que as pessoas precisam ser mais direcionadas a isso, né. Não assim: aí, tem médico que nem olha pra tua cara. “Quê que cê tem?”. Já te receita um remédio. Não. Tem que pesquisar. Por que quê tá acontecendo isso? Né? Então, acho que tá caminhando, né, E.M. **Olha, só, cê no ouvir...**

418. E.M: (risos).

419. V: **Já também, né, indo atrás de informação. Isso é muito importante. Já é uma coisa assim maravilhosa. Né. Podia falar assim: ah, novinho não [V. está se referindo à idade de E.M].** Cê sabe que tem uma lá na/ que eu fui fazer um evangelho, e eu li uma história do... aí, quem que fez a vacina anti-rábica lá... foi o... não foi o... aí, foi o... aí, caramba, é um cientista famosíssimo.

420. E.M: É, eu esqueci o nome também.

421. V: Seibe, lá... é francês ele.

422. E.M: Não sei, Pasteur?

423. V: Isso! É ele mesmo! (risos). Então eu tava fazendo o evangelho e ele tava pesquisando, tal, que eu gosto muito de estudar, de ir em busca, pra passar a informação. Aí tava assim: A Ciência e Deus. Aí tinha um jovem, né, que tinha acabado de se formar, ele foi lá, todo animado, tá no metrô [na verdade, no relato original, não seria um metrô, mas um trem]. E tinha um senhor com livro de capa preta, estudando. Ele olhou assim e falou: “e o senhor acredita ainda nessas crendices, nessas coisas?”. Ele falou: “por quê?”. [Responde o rapaz] “Ah, isso aí é tudo lorota, isso aí é tudo besteira, isso aí é tudo bobagem! O senhor tem é que acreditar na ciência, que comprova, que vai lá. Eu não

tenho tempo de passar todas as informações pro senhor não, porque eu já vou logo descer na próxima estação”. E o senhor lá com o Evangelho, em Lucas, né, e lendo. Ele falou: “ah, mas eu/ me dê o seu endereço, que eu vou te passar tudo sobre a ciência mesmo, o senhor tem que pesquisar isso, sobre a ciência, não ficar lendo essas bobagens”. Aí ele [senhor] pegou e tirou o cartãozinho e deu pro jovem, o jovem desceu, e todo indignado que ele tava lendo aquele evangelho. E o senhor falou: “Então eu aguardo você me dar, né, as suas/ os seus estudos, os seus apontamentos”. Aí quando o jovem olhou o cartãozinho, cabisbaixo ele ficou, porque era o diretor, professor, ororor [enrola a língua, para resumir a frase], do hospital lá e era esse cientista [Louis Pasteur].

Então quer dizer, um pouco de ciência – falou assim – nos afasta de Deus. O muito, nos aproxima dele. Entendeu? *Então eu achei, nossa, muito legal, e é verdade. O jovem todo lá, empolgadão, e o/ diante daquele professor, daquele, né...*

424. E.M: Cientista.

425. V: Cientista. *Então, ele falou/ então quer dizer, a pessoa se forma, fica toda empolgada, querendo mudar o mundo, e não é assim, né (risos). E é tão (bonita) aquela história, eu falei, muito legal.*

O discurso da médium V. é bastante representativo do paradoxo que permeia as relações entre Espiritismo e Ciência, mistura de admiração e soberba. Segundo ela, “os grandes cientistas estão aí já vendo que existe mesmo”, isto é, que a vida espiritual existe. Os profissionais estariam hoje “mais interessados” e a “Psicologia com Espiritismo é tudo”. Ela inclusive elogia o pesquisador pelo fato de ser “novinho”, mas estar “indo atrás de informação”. V. nos relata ainda uma história cuja moral é “um pouco de ciência nos afasta de Deus. O muito nos aproxima dele”. Para E.O., “a ciência tem que chegar à conclusão de que o espírito existe”. I.Z. torce para “que a ciência consiga chegar até lá”. M.J, por sua vez, lamenta que os médicos e os psicólogos não vejam “além do corpo”. A médium V. teria recebido até uma psicografia sobre a “transformação” que deve ocorrer na ciência e na saúde – a qual novamente nos remete à metáfora do Espiritismo como “pronto atendimento”:

Quando ficamos aqui, nesse corredor de hospital, temos tempo de ver como tudo na saúde vai mal. Gente com dor, gente aflita, gente sem esperança, pois é, sem dúvida nenhuma, gente totalmente esquecida. Há quem pedir socorro? Há quem pedir clemência? Pois não há hoje, no mundo, quem realmente se importa. Os governantes esperam que essa classe seja morta, ou os médicos, que poderiam ser bons engenheiros, pois blocos, cimentos, pedras, ruas, não gemem, não sentem dor; pode ficar o dia inteiro encostados, num canto qualquer, sem amor. E o que mais dá esperança, é o grande por vir, pois temos um pai criador que realmente se importa para onde ele nos guia. [V. passa algumas páginas].

Bem sabemos que não podemos generalizar, pois tem enfermeiros, médicas, que muito querem ajudar. Mas não depende deles, qualquer tipo de ação. Pois realmente a eles não pertence a grande transformação. Mas aqui fica um pedido em nome de todos; tratem do seu próximo como se fossem vocês, pois hoje vocês não têm dor. Amanhã, quem sabe o que vem. Hoje, são todos esses os grandes sofredores, mas se não for nesse plano, será no outro que vamos ser os grandes vencedores. Doutores, mestres, responsáveis, fazem algo por todos. Pois só quem sofre é quem sabe. Hoje somos nós; amanhã, quem sabe, seremos nós a tratar de vocês.

A frase final “amanhã, quem sabe, seremos nós a tratar de vocês”, reproduz a antiga rivalidade histórica do Espiritismo com a Medicina. Mas se ela está presente nos comentários dos

médiuns, como ela se apresentaria no comportamento objetivo deles frente a um profissional de saúde? Acreditamos ter verificado *in loco* esse processo, durante os momentos em que estivemos observando os médiuns nas sessões de pintura e psicografia do centro Ismael. Talvez seja útil recorrer aqui a um importante conceito psicanalítico, que parece se aplicar bem à situação: o conceito de *transferência*. Anna Freud (1946/1983, p. 18) a define como:

Todos aqueles impulsos experimentados pelo paciente, em sua relação com o analista, que não são uma criação nova ou recente da situação analítica objetiva, mas têm sua origem em relações remotas (de fato, primordiais) com o objeto e são agora meramente revividos sob a influência da compulsão da repetição.

A autora se refere a uma relação dual, entre analista e paciente, na qual são revividas experiências infantis, possivelmente com as figuras parentais. Desejamos alargar, no entanto, essa definição, de modo que ela englobe também processos sócio-históricos não acessíveis em termos de uma retrospectiva pessoal, mas igualmente “remotos” e “primordiais” no sentido da história do grupo; neste caso, a história do Espiritismo. Estamos querendo dizer com isso que, nas relações que os médiuns estabelecem com membros de grupos historicamente antagônicos à doutrina espírita, eles poderão reviver, numa espécie de transferência grupal, os antigos conflitos e processos formadores da ideologia à qual pertencem, repetindo-os sob diferenciadas roupagens. É preciso esclarecer que tal suposição teórica não conduz irrevogavelmente à conclusão de que toda relação é sempre retomada ou recordação de algo que já se deu; em tudo há um pouco de passado, presente e futuro potenciais. Cabe aos próprios envolvidos na transferência conscientizarem-se da compulsão à repetição, de modo a transformarem sua interpretação do passado, erguendo um novo futuro.

Para que possamos prosseguir no texto, será necessário agora que o pesquisador abandone, por algumas páginas, o discurso da primeira pessoa do plural, do qual tem se utilizado, para assumir então o discurso da primeira pessoa do singular.

Nas reuniões em que estive, em ambos os centros, procurei manter uma postura de equilíbrio entre observação e participação. Certamente, ali não estava para “desenvolver” a mediunidade. Mas me permiti tomar passes; ajudar na leitura dos textos e na organização dos trabalhos; discutir com os participantes as temáticas em jogo, e assim por diante, tal como fariam os demais presentes. É importante lembrar, inclusive, que em muitos trabalhos não tive a permissão de participar, mas somente de observar, como nas sessões de doutrinação e de desobsessão. Não obstante, cabe mencionar que, como em toda e qualquer transferência, devemos considerar cuidadosamente as reações advindas de ambas as partes. Sob esse aspecto, mesmo não desejando, acabei por atualizar, na relação com os médiuns, parte dos comportamentos e fantasias persecutórias que possuem em relação aos médicos e aos psicólogos, como veremos mais à frente.

No início, ocorreu-me a idéia de não relatar aos participantes minha condição de psicólogo, de maneira a evitar uma possível resistência. Todavia, quanto mais imaginava um modo de contornar minhas “credenciais”, mais eu me via em apuros, mentindo e falseando minhas verdadeiras intenções. Se dissesse apenas “sou um pesquisador”, perguntariam então “do quê”? Se dissesse ser meramente um ‘simpatizante’ da doutrina espírita – como algumas das pessoas do centro chegaram a me classificar – então não haveria motivo em zelar por certo distanciamento necessário à empresa científica. Se inventasse outra formação, como a de Antropólogo, Sociólogo, Físico ou qualquer coisa parecida, eu teria de me apresentar e de me justificar frente às instituições estudadas com base em algum conhecimento prévio nessas áreas, já que o corpo diretivo dos dois centros interessou-se em saber minha formação, e se meu intuito era sério, ou se eu estava ali por simples curiosidade. Resolvi então dizer a verdade, para ver no que isso daria. Defini minha pesquisa dentro da Psicologia Social, e procurei me utilizar de termos simples e acessíveis para que compreendessem meus objetivos. Procurei esclarecer, entre outras coisas, que embora eu viesse de uma *formação* espírita, não me encontrava ali na condição de um adepto e, portanto, não era de meu interesse autenticar as crenças espíritas. Também não estava interessado em “diagnosticar” os médiuns; minha abordagem não era a do psicólogo clínico.

Tais esclarecimentos foram suficientes para que eu realizasse meu trabalho sem maiores impedimentos no centro espírita Paschoal Tróvelle, mas não parecem ter sido suficientes aos integrantes das reuniões de pintura e psicografia do centro Ismael. Nesse grupo, encontrei resistências e animosidades; não acredito, entretanto, que elas tenham se originado exclusivamente do fato de haver me apresentado como psicólogo. Penso que essas reações se deram ainda em função de um medo irracional que, na transferência, retomava a histórica rivalidade dos espíritas com as autoridades de saúde mental. Tal como no caso da Umbanda ou do Catolicismo, eu também suscitava sentimentos desfavoráveis por questões de natureza ideológica: era um representante da saúde, uma figura próxima à do médico psiquiatra, antigo perseguidor dos espíritas. A relação transferencial com o grupo reproduz, assim, antigos conflitos ideológicos. Mas essa relação com a ciência e a saúde, como já tive a oportunidade de frisar noutras ocasiões, é uma relação paradoxal. No fundo, o que desejam os espíritas é que a mediunidade seja comprovada cientificamente, aceita pela Medicina e pela Psicologia como verdade. Termos neurológicos e psicológicos são frequentemente usados no decorrer das sessões – ainda que de forma leiga – e minha opinião sobre os assuntos é constantemente solicitada por todos. Durante entrevistas individuais, ou nas discussões suscitadas pelas leituras grupais, questionavam-me se algumas das experiências que

relatam não seriam apenas psicológicas, ao invés de serem espirituais etc. A maioria dos participantes de nosso estudo (7) já passou por tratamento psicoterapêutico em um ou mais momentos da vida. Tais situações apenas reforçam a convicção de que os médiuns esperavam ouvir de mim uma corroboração de suas crenças, uma autenticação do Espiritismo por um ‘especialista’ portador de um discurso tido, socialmente, como ‘competente’, isto é, o discurso da saúde mental. E quando nada falo e apenas observo ou pouco participo, estou me recusando a assumir esse papel; torno-me, desse modo, um receptáculo para muitas fantasias e conflitos inconscientes, sendo então atacado pelo grupo ou solicitado a tornar-me um deles. O grupo deseja me incorporar para que eu perca a condição de possível ‘analista’.

Logo na primeira reunião, um dos dirigentes do centro, S.G. – o qual me apresentou para a professora da turma – fez um rápido comentário antes de deixar a sala: ele disse à I.Z., em tom de brincadeira, que caso eu sentisse a vontade de manifestar algum espírito, ela não hesitasse em me fornecer caneta ou lápis para pintar ou psicografar.

I.Z perguntou se minha pesquisa tinha por base o estudo da “glândula pineal”, uma referência à “teoria” do psiquiatra espírita Sérgio Felipe, que acredita ser esta glândula do cérebro uma mediadora para o fenômeno de mediunidade. Esclareci I.Z de que eu não abordaria o aspecto neurológico, mas sim o psicológico, isto é, comportamental, emocional etc. Ela então pergunta se eu sou espírita ou não, e eu lhe explico que tive uma formação espírita e que conheço os livros da codificação e de outros autores espíritas, como Chico Xavier, mas meu interesse nesse momento seria apenas de investigação psicológica e científica. I.Z salienta o fato de que, no centro Ismael, eles também procuram trabalhar bastante com o aspecto científico e por isso ela me perguntou sobre as questões neurológicas.

[...]

Ao explicar a todos que sou formado em Psicologia e que estou desenvolvendo uma pesquisa sobre mediunidade, uma reação em cadeia se inicia com os participantes. Uma senhora (A) questiona: “mas você vai trabalhar também o aspecto espiritual, ou só o psicológico?” (sic). Eu explico que trabalharei o psicológico, mas sem desconsiderar a interpretação religiosa e espírita desses fenômenos. Em seguida, outra senhora (S) afirma: “você sabe que eu estava querendo muito que uma pessoa assim, um psicólogo, viesse aqui para o centro? Acho que ouviram as minhas preces, porque era justamente o que eu tinha pedido” (sic). I.Z explica a todos que minha formação religiosa inicial é espírita. (A) pergunta outra vez: “ah, mas você vai ser bonzinho conosco, não vai?” (sic). Eu respondo que sim, e digo que vim para aprender com todos eles. A aula começa com uma oração feita por I.Z e em seguida com a leitura de dona A de um dos capítulos do livro Pai nosso de Chico Xavier, cujo título é “Ajuda sempre”. Segue-se uma pequena discussão sobre o tema abordado. Durante esse rápido debate, tanto A quanto S fazem alusões esporádicas à minha presença, com frases do tipo: “isso é para o psicólogo resolver”, “preciso de terapia” etc. [Relatório 1, Ismael]

Indagações como “você vai ser bonzinho conosco?” ou “você vai trabalhar também o aspecto espiritual?”, bem como outras alusões à minha presença, indicam uma tentativa de encontrar uma definição para mim no grupo e, ao mesmo tempo, investigar minhas origens e propósitos naquele contexto, o que era, de certo modo, esperado e compreensível; não obstante, as

perguntas carregam o sentido de uma preocupação: o de serem hostilizados ou vistos negativamente por mim. A referência à minha “formação” espírita parece ter ajudado a atenuar um pouco tais ansiedades, mas não o suficiente para dissipar eventuais desconfianças. Também identificamos nessas frases a mistura de curiosidade e medo citada anteriormente: os participantes receiam minha presença, mas também se interessam pelo meu trabalho, preocupam-se em saber o que penso deles. As reuniões seguintes apenas confirmam essas primeiras constatações:

(V.A) parecia interessada em se informar melhor acerca da pesquisa: sobre qual assunto é, como está sendo feita etc. Procurei esclarecer todas as suas perguntas. Dentre elas estava, evidentemente, “e o que você acha, de fato, da mediunidade? Você acha que os(as) médiuns são todos doidos (rindo) ou são boa gente? (sic)”. Explico que uma concepção como essa não tem fundamento para ser sustentada em relação a todos os casos de mediunidade, mas deixei claro que eu não avaliaria os médiuns de um ponto de vista clínico, não faria diagnósticos. Nessa ocasião, como em outras, o fato de salientar minha formação pessoal e familiar como espírita foi suficiente para diminuir um pouco as eventuais preocupações e questionamentos. Fizeram-me, ainda, algumas perguntas sobre minhas atividades no mestrado e perguntaram algumas coisas sobre psicologia como, por exemplo, o que é psico-oncologia (pergunta esta feita pela R.O). Nesse momento, V.A relata ter uma irmã que passou pela experiência do câncer; explico-lhes um pouco da atividade do psicólogo nessa área. Percebo em V.A certo desconforto, como se estivesse tímida com a minha presença; percebi isto desde que cheguei. Em dados momentos, tive a impressão de que ela parecia tentar me agradar com sua conversa sobre psicologia. Como em outras ocasiões, minha presença como representante da psicologia parece ter gerado preocupações e dúvidas que foram logo esclarecidas e acalmadas, de forma a se evitar dificuldades futuras. [Relatório 3, Ismael]

Com o tempo, as rivalidades passam a se acentuar. Como não aceito os convites do grupo para “desenvolver” também minha mediunidade, vou sendo, aos poucos, caracterizado como um perseguidor ou “espião” (sic), como dirá uma das participantes. Novamente, a reposição do passado, das categorias históricas. Identifiquei inclusive o que parecia ser um exemplo de *autoria oculta* na mensagem psicofônica de uma das médiuns, dirigida à classe médica:

V.A deu sua mensagem “psicofônica”, dizendo que aquela reunião foi de ‘socorristas’ do plano espiritual, e que houve o resgate de ‘entidades enfermas’ e sofredoras. Ela disse ter visto macas de hospital, e enquanto falava de olhos fechdos, fez uma crítica à classe dos médicos, chamando a atenção para desenvolverem sua humildade e deixarem de ser orgulhosos, ao duvidarem daquilo que não conhecem. [Relatório 3, Ismael]

Após a discussão, V.A inicia uma reflexão sobre o que é criatividade, e comenta várias coisas a respeito do tema, incitando os outros a participarem. Durante todo o momento, os presentes pedem para que eu também exponha minha opinião. Percebo que para eles é bastante desagradável ter-me ali apenas como um observador, e não como um integrante do grupo também. Apesar de ser bem recebido, sinto uma considerável persecutoriedade por parte dos alunos. Na tentativa de me enturmar um pouco mais e diminuir eventuais fantasias, aceito fazer alguns comentários esparsos sobre o tema, sem me alongar demasiadamente. Não obstante, o receio permanece e após explicar o exercício do dia para todos, V.A novamente pergunta se eu gostaria de praticá-lo também, ao que respondo negativamente. C.A então diz: “e esse rapazinho, hein? Por que não quer praticar como todo mundo?” (sic). Explico que estou ali para fins de pesquisa, que estou para observar as atividades do grupo e aprender com todos eles, e não para desenvolver a mediunidade. C.A responde, sorrindo: “um espião” (sic). Em seguida, (P) questiona: “no final da

pesquisa você vai nos dar um retorno?” (sic). Respondo afirmativamente, e (A) diz em voz alta: “Ave Maria!” (sic). [Relatório 4, Ismael]

Os exemplos de paradoxo também continuam ao longo das sessões. Numa ocasião, a dirigente do grupo me pede para aplicar o teste psicológico H-T-P (House-Tree-Person) em toda a turma (Relatório 4, Ismael), atitude que destoava frente à preocupação, apresentada inicialmente por ela, de que os participantes fossem diagnosticados. Podemos apreender do conjunto dessas afirmações, pedidos e indagações, uma relação de identificação com a figura do pesquisador / psicólogo, relação em que ora sou solicitado a exercer efetivamente o processo da *análise*, ora sou atacado e visto como “espião”. Nesse processo, certas categorias históricas são atualizadas e repostas na relação transferencial. De um lado, resisto à conversão religiosa e mantenho minha postura científica; sem perceber, reponho o papel do profissional distanciado e objetivo que ‘analisa’ ao invés de “acreditar” como todos os outros presentes. Por seu turno, o grupo deseja me converter, recebendo minha acolhida quanto à validade de suas crenças e práticas. Foi só nos últimos momentos de minha presença no grupo, após algumas reuniões, que a resistência diminuíra e ninguém mais externara sua desconfiança.

Mas por que não ocorreu o mesmo no centro espírita Paschoal Tróvelle? Penso agora que uma dinâmica parecida estava também em jogo nessa instituição, mas no sentido inverso ao que constatei no centro Ismael:

Mesmo com relação às perguntas sobre minha formação religiosa ou sobre meu vínculo acadêmico, não notei outra preocupação que não a de verificar se eu já estava familiarizado com as idéias espíritas (e, portanto, com a interpretação dada às experiências mediúnicas pelo Espiritismo), ou se me encontrava ali na condição de um leigo, ou até mesmo se possuía outro tipo de filiação religiosa ou ideológica que não a espírita. É evidente que tais preocupações também repousam, em geral, no receio de que as experiências mediúnicas sejam mal interpretadas ou reconhecidas como um possível sinal de distúrbio mental etc. embora tal receio não tenha sido necessariamente externado neste caso.

[...]

*Na verdade, o que pude verificar foi um grande interesse nessa pesquisa por parte do corpo diretivo do centro, manifestado mais explicitamente por alguns dos participantes da reunião. Nesse tocante, uma das senhoras, esposa de um dos dirigentes com o qual conversei por telefone, disse-me ter achado muito interessante a proposta, além de tecer alguns comentários sobre o que já havia lido **a respeito das obras de Carl Jung e os estudos que este realizara no campo da mediunidade**. Outro senhor que também participava, identificou-se com a pesquisa e comigo, ao saber que eu estudava na Universidade de São Paulo, onde sua filha realiza atualmente uma especialização. Três dos dirigentes já se disponibilizaram para me oferecer entrevistas, pois também atuam como médiuns no centro. **Em dados momentos, os participantes chegaram a citar o ‘aspecto científico’ da doutrina como um fator que possivelmente auxiliaria em meus estudos. Nesse sentido, pareceu-me que a idéia de ver o centro espírita do qual fazem parte sendo incluído em uma pesquisa de cunho científico foi motivo de certo entusiasmo, dado o interesse em me auxiliar e os comentários favoráveis à pesquisa [inversamente à resistência observada no centro Ismael].** [Relatório 2, Paschoal Tróvelle]*

Como minha presença no Paschoal Tróvelle tinha sido possível graças ao convite de um amigo, filho de um conhecido integrante do centro, todos me viram rapidamente como figura amistosa e confiável. Nesse sentido, meu interesse científico é interpretado *positivamente* como reconhecimento da importância das práticas espíritas, como aceitação, por um acadêmico, da relevância científica do Espiritismo. Aquilo que em um dado contexto serviu de motivo para resistências e desconfianças, veio a constituir, em outro, ajuda decisiva.

As questões ‘transferenciais’ escondem indagações mais profundas, frequentemente desconsideradas ou despercebidas. Por que, afinal, o Espiritismo necessitaria de confirmação científica? Seria essa vinculação com a ciência e com a razão algo tão necessário? Por acaso, se alguma coisa não for ciência, ela é inferior, é pior, é irracional? A ciência, por sua vez, é sempre racional? E se alguma coisa for apenas ‘religião’, por isso ela será necessariamente dogmática, irracional? A necessidade de vincular, de uma maneira ou de outra, o discurso espírita à ciência (quer à ciência ‘convencional’, quer a um ‘novo paradigma’), não seria também uma forma de submissão e subordinação ao conhecimento científico? Tal posicionamento, ao invés de fortalecer o ‘conhecimento espiritual’ não o torna justamente precário e transitório? Nessa perspectiva, se a ciência não lhe dá respaldo, ele se desfaz, pois dela depende. A ênfase na confirmação científica dos postulados espíritas enfraquece o Espiritismo, porque a ciência, em função de seu caráter mutante e sempre datado, não permite erguer sobre ela um sistema metafísico muito sólido e constante (mesmo no caso do Materialismo!). Vivemos em uma sociedade onde o espiritual nem sempre consegue atingir validade por si só, um contexto em que sua validade é, não raras vezes, emprestada, negociada. Como explicar isso? Qual o papel das crenças paranormais nesse cenário?

Habermas nos fala de uma invasão do *sistema* – isto é, da lógica instrumental da economia, da tecnologia, da ciência etc. – no *mundo da vida* – o mundo das esferas sociais de reprodução simbólica, do cotidiano etc. Essa *colonização sistêmica* a que se refere o autor implica na imposição de determinados interesses econômicos e burocráticos sobre os indivíduos, à custa da perda de sentido para a vida (“anomia”), bloqueios à capacidade de socialização dos indivíduos etc. A grande difusão das crenças paranormais nos últimos tempos parece representar, em nossa interpretação particular do trabalho de Habermas, um fenômeno duplo: de um lado, ela constitui um sinal da própria *crise de legitimação* do sistema, crise, ao mesmo tempo, de *motivação*, em que se mostra incapaz de satisfazer a certas carências e exigências sociais pela via da ciência, da tecnologia, da economia, e talvez da arte, grandemente homogeneizada pela indústria cultural e pela mercantilização da cultura. De outra perspectiva, contudo, a difusão dessas crenças é um produto do

próprio *sistema*, da conformação de muitas pessoas à alienação das idéias pré-fabricadas e empobrecidas da auto-ajuda, refugo de ingredientes esparsos das várias tradições religiosas mundiais. A busca por legitimação científica, visível no Espiritismo e outros grupos paranormais e religiosos, pode ser vista também como um produto da invasão do *sistema* no *mundo da vida*, mundo em que a religiosidade “necessita” da ciência para garantir sua existência e validade. Ao se escorarem na ciência, as cosmovisões religiosas e paranormais negam seu potencial lugar crítico de resistência aos valores reinantes. Nesse contexto, ou tendem a permanecer em um estágio puramente convencional de desenvolvimento, visando à manutenção a-crítica de interesses estabelecidos e à sua própria reposição institucional, ou acabam por recorrer arbitrariamente à ciência como último recurso estratégico de sobrevivência e legitimação.

Um caminho emancipatório eventualmente promissor a essas doutrinas é o de resistência ao mundo reificado, à coisificação do indivíduo. Ao supervalorizarem o gênero humano como pleno de potenciais, e ao defenderem a continuidade da vida após a morte corporal, as crenças espiritualistas se opõem, em parte, à alienação da efemeridade, do consumismo, da banalização da vida nas sociedades contemporâneas. Para isso, seus proponentes devem estar conscientes de sua condição enquanto seres sociais, o que é plenamente realizável apenas em um estágio pós-convencional ou da *identidade do eu*, quando são capazes de criticar suas próprias crenças e visões de mundo, ainda preferindo endossá-las. Antes, contudo, devem vencer obstáculos não só sociais como psicológicos, entraves pessoais e emocionais que os impedem de se libertarem da identificação com suas crenças e com uma dada instituição ou grupo, de forma a pensá-las de modo mais objetivo⁹⁶.

⁹⁶ Quanto ao papel dos próprios acadêmicos e profissionais de saúde frente às crenças e experiências paranormais, remetemos o leitor à pesquisa de nosso amigo Shimabucuro (2010) cujo trabalho gira em torno justamente das representações sociais dessas experiências para os profissionais clínicos de psicologia e psiquiatria. O trabalho de Shimabucuro aponta para tentativas de ancoragem e adaptação das anomalias científicas a representações conhecidas e familiares aos profissionais mencionados e seus respectivos grupos de origem, mostrando haver poucos esforços de compreensão objetiva das experiências anômalas. A consideração insuficiente desses temas por parte dos profissionais clínicos talvez sirva como ponto de partida para reflexões mais amplas acerca do papel a ser adotado pelos psicólogos e psiquiatras no contexto das relações ‘transferenciais’ e sócio-históricas com proponentes das crenças paranormais.

10 Conclusão

147. E.M: *Que bom. Obrigado, viu, pela sua entrevista; muito boa.*
148. A.M: *Eu agradeço. Foi bom. Tomara que te ajude em alguma coisa aí.*
149. E.M: *Com certeza.*
150. A.M: *(risos).*

Nosso intuito, nesta conclusão, não é simplesmente o de revisar tudo aquilo que já expomos em outros momentos da dissertação. Não desejamos poupar o leitor do esforço de ler os capítulos anteriores, pois, do contrário, ter-se-ia uma visão muito superficial da pesquisa e de nossas generalizações neste capítulo. Tentaremos efetuar aqui a aplicação de algumas de nossas hipóteses e achados ao campo da pesquisa sobre crenças e experiências paranormais, o que forçosamente implicará a revisitação parcial de temáticas abordadas em outros capítulos. Se pudéssemos resumir, de modo bastante sucinto, a abordagem de análise que desenvolvemos neste trabalho, diríamos que ela resultou de uma fusão entre *psicologia social*, *psicodinâmica* e *psicologia anomalística*. Embora atentos às contribuições da psicologia cognitiva para o estudo das crenças e experiências anômalas, nossa ênfase residiu nas contribuições advindas dos estudos psicossociais da identidade e das discussões da psicanálise e da psicologia analítica sobre a constituição da subjetividade, dos símbolos, das relações afetivas e familiares etc. Alguns poderão dizer que nossa tentativa de fazer dialogar Freud e Jung não possui embasamento suficiente, ou que as duas perspectivas não coincidem de maneira satisfatória, mas não pensamos necessariamente assim. Sabemos de muitos junguianos interessados em um diálogo com a psicanálise (Lima Filho, 2002; Hillman, 1984; Neumann, 1991), e acreditamos na importância dessa troca entre as abordagens como um meio de crescimento ao próprio campo da psicologia anomalística, campo virgem, em que há muita coisa por fazer. Talvez não tenhamos aprofundado as relações entre Freud e Jung da maneira conceitualmente mais adequada, mas estamos cientes do caráter ainda embrionário da maioria de nossas especulações.

Esperamos ter mostrado, acima de tudo, que as explicações científicas da mediunidade – e de outras crenças e experiências paranormais – devem considerar sempre a complexidade e diversidade dessas práticas sociais. Procuramos evitar reducionismos comuns nessa área de pesquisas, tentando argumentar como essas crenças podem ser benéficas, mas também restritivas e cerceadoras. Concordamos, em parte, com Habermas, quando diz que as crenças paranormais

constituem sintomas de regressão psíquica e fraqueza egóica (cf. capítulo 4); nossos próprios dados sustentam essa assertiva. Mas complementamos a afirmação feita, ao mostrarmos também que a regressão promovida por essas práticas pode estar a serviço, algumas vezes, de uma posterior integração psíquica ou da retomada de certos potenciais infantis. A estimulação do processo regressivo pode atuar ainda como um poderoso recurso de controle institucional, quando vista de uma perspectiva grupal ou coletiva. Assim, um mesmo sistema de crença paranormal pode servir a propósitos distintos. Se tomarmos o indivíduo ou o grupo como ponto de partida, veremos que a diferença não reside apenas no *tipo* de crença, mas em suas funções psicossociais e psicodinâmicas. Como diria Walsh (1998, p. 63) “[...] crenças, comportamentos e experiências religiosas podem ocorrer em qualquer estágio – pré-convencional, convencional ou pós-convencional – e podem variar dramaticamente na sua forma, função e valor”. As relações humanas são complexas e paradoxais: por isso não devemos partir do pressuposto de que os efeitos ou processos causadores dessas crenças aparecerão sempre de modo linear. As duas possibilidades – emancipação e reposição – estão igualmente presentes, e intercalam-se conforme a perspectiva assumida. Talvez seja essa a razão de as intrigas entre proponentes e detratores das crenças paranormais terem durado tantos séculos (como visto no capítulo 1); não sendo tais práticas inerentemente positivas ou negativas em termos psicossociais, há sempre muita munção contrária e favorável...

A regressão psicológica presente em certas práticas religiosas e paranormais, como nas sessões mediúnicas, pode também esconder transformações sócio-históricas abrangentes. Deveríamos dar alguma atenção ao argumento de Foucault (1968) segundo o qual o caráter regressivo de comportamentos patológicos na neurose ou em certas manifestações culturais, como as manifestações místicas e religiosas, não constitui expressão inerente de tais manifestações, mas o reflexo de uma cultura que coloca em seu passado aqueles elementos mais desagradáveis à cosmovisão dominante, anulando sua possível interação com o presente. Isso geraria então a repressão de tais manifestações culturais, levando-as, posteriormente, a irromper sob a forma de um discurso tido como alienado. Vejamos como isso se dá nas palavras do próprio Foucault (1968, p. 91 e 92):

A doença mental situa-se na evolução, como uma perturbação do seu curso; por seu aspecto regressivo, ela ocasiona condutas infantis ou formas arcaicas da personalidade. Mas o evolucionismo engana-se ao ver nestes retornos a própria essência do patológico, a sua origem real. Se a regressão à infância se manifesta nas neuroses, é somente como um efeito. Para que a conduta infantil seja para o doente um refúgio, para que seu reaparecimento seja considerado como um fato patológico irreduzível, é preciso que a sociedade instaure entre o presente e o passado do indivíduo uma margem que não se pode nem se deve transpor; é preciso que a cultura somente integre o passado forçando-o a desaparecer. [...] compreende-se que as regressões e fixações patológicas só são possíveis numa certa cultura; que se

multiplicam na medida em que as formas sociais não permitem liquidar o passado, e assimilá-lo ao conteúdo atual da experiência. As neuroses de regressão não manifestam a natureza neurótica da infância, mas denunciam o caráter arcaizante das instituições que lhe concernem.

E dando continuidade a esse pensamento, Foucault (1968, p. 92 e 93) o ampliará às crenças religiosas e “para-religiosas” – como ele as chama num dado momento de sua obra – esclarecendo que:

Poder-se-ia dizer o mesmo para o desenvolvimento cultural: os delírios religiosos, com seu sistema de asserções e o horizonte mágico em que sempre implicam, oferecem-se como regressões individuais em relação ao desenvolvimento social. **Não é que a religião seja por natureza delirante, nem que o indivíduo reúna-se, para além da religião atual, às suas mais suspeitas origens psicológicas. Mas o delírio religioso é função da laicização da cultura: a religião pode ser o objeto de crença delirante na medida em que a cultura de um grupo não mais permite assimilar as crenças religiosas ou místicas ao conteúdo atual da experiência. A este conflito e à exigência de superá-lo, pertencem os delírios messiânicos, a experiência alucinatória das aparições, e as evidências do apelo fulminante que restauram, no universo da loucura, a unidade destruída no mundo real.** [Grifo nosso] O horizonte histórico das regressões psicológicas está então num conflito de temas culturais, marcados cada um por um índice cronológico que denuncia suas diversas origens históricas.

Essa “restauração da unidade” a que se refere Foucault talvez estivesse na base da criação dos grupos espiritualistas oitocentistas, incluindo o Espiritismo, e de fenômenos como as mesas girantes e falantes, os relatos de aparições dos mortos, das materializações de espíritos etc. alegações que parecem ter decaído ao longo dos anos (Stevenson, 1989). Sob esse aspecto, os argumentos de Foucault vão ao encontro de muitas das idéias discutidas nos capítulos 2 e 9, embora saibamos que nossos dados são insuficientes para uma corroboração de suas hipóteses históricas abrangentes.

Quando Habermas (1976/1990, p. 90 e 91) define as crenças paranormais como “terapias pseudo-científicas que operam com a ajuda da ioga, da auto-hipnose e da dinâmica de grupo”, devemos recordar o que vimos no capítulo 6 a propósito das experiências mediúnicas, e ressaltar que não se trata exatamente da hipnose no sentido clássico, mas muito mais de uma *identificação com a doutrina*, retroalimentada por diferentes fontes de exposição individual e grupal às influências de idéias religiosas e paranormais. Esse processo é caracterizado, algumas vezes, por relatos de aparente alteração da consciência, em diferentes níveis de profundidade, conquanto tal alteração ou modificação não seja imprescindível à identificação – sendo, na verdade, um de seus produtos. No que tange ao caráter “pseudo-científico” dessas crenças, devemos lembrar o que dissemos a respeito da *função mítica* no capítulo 7 e da complementaridade que permeia as relações entre imaginação e empiria na ciência.

Uma questão de relevância no estudo psicológico das alegações paranormais é a relação entre *crença* e *experiência*. Como vimos em detalhes no capítulo 6, os dados parecem apontar para uma interação do tipo *feedback* (retroalimentação), no qual a crença tanto molda quanto é moldada pela experiência, independentemente qual das duas tenha disparado inicialmente tal interação recíproca. Os dois caminhos são possíveis: tanto a crença pode desencadear experiências correspondentes, quanto uma dada experiência anômala pode desencadear a procura por sistemas de crença convergentes, ou mesmo estimular a criação de interpretações e crenças idiossincráticas. Deve haver certo encaixe ou correspondência entre uma e outra, de modo que a relação não se mostre muito difusa ou desproporcional. Se o sistema de crença escolhido é incapaz de acolher aspectos cruciais da experiência – mesmo após eventuais esforços de adaptação forçada e dissonante – então o indivíduo poderá abandoná-lo ou utilizá-lo apenas parcialmente, rejeitando as interpretações incompatíveis; nos casos de utilização parcial, pode ocorrer a transposição de determinadas crenças de um sistema para outro, com a consequente adaptação sincrética à cosmovisão atual. É o que observamos em alguns casos de conversão do Catolicismo para o Espiritismo, ou da Umbanda para o Espiritismo. Não encontramos casos de crenças exclusivamente idiossincráticas por uma razão óbvia: só trabalhamos com pessoas de um determinado sistema de crença, o Espiritismo. Contudo, é preciso frisar que mesmo em nossa coleção encontramos exemplos esparsos de idiossincrasia na maneira, por exemplo, com que os participantes criam suas “entidades espirituais”, ou no modo como ajustam, por meio da função mítica, as noções gerais do Espiritismo à sua própria história de vida. Um sistema de crença jamais é uma estrutura totalmente estática, um conjunto de princípios ou práticas aplicados sempre de modo igual; ele é mais ou menos maleável conforme a necessidade do adepto. Não obstante, existem certas restrições à criação; trata-se de um campo de ação limitado, dentro do qual é possível mudar e adaptar muita coisa, mas até certo ponto, isto é, até não se ultrapassar os limites necessários à estabilidade e manutenção da identidade grupal. Quando a incompatibilidade entre crença e experiência gera demasiado sofrimento ou repressão, o indivíduo tende a deixar o sistema de crenças – conquanto possa carregar parte das contribuições adquiridas. Foi o que constatamos no caso dos “médiuns ostensivos ou aflorados” que deixam para trás suas religiões de infância, à procura de outras adesões religiosas, até chegarem ao Espiritismo. A socialização primária desempenha um importante papel em todo esse processo, mas não parece suficiente para garantir a permanência do adepto se a influência dos pais e da família se mostra muito restritiva, incoerente ou pouco acolhedora frente às experiências anômalas espontâneas que o

indivíduo apresenta. A busca por autonomia e auto-afirmação constitui, nesses casos, um fator decisivo.

Nas situações em que o indivíduo não apresenta experiências anômalas ostensivas antes da conversão ao sistema de crenças, a adesão repousa, geralmente, em outros fatores, como certas demandas cognitivas, emocionais e sociais, ou peculiaridades do próprio sistema de crença adotado, convergentes com características pessoais e biográficas do indivíduo (cf. capítulo 7 para análise detalhada do processo de conversão dos participantes ao Espiritismo). Se uma pessoa jamais vivenciou uma experiência anômala antes, ela poderá vivenciá-la se acredita na sua veracidade – isto é, de acordo com o grau de *identificação com a doutrina* – e se as condições para tanto são propícias, como acontece com nossos participantes durante as sessões espíritas (cf. capítulo 6). Todavia, é provável que a experiência seja menos rica e detalhada em função da ausência de uma predisposição individual específica. É possível também que o indivíduo venha a descobrir, após certo tempo, a existência de mecanismos psicológicos ou fisiológicos insuspeitados, disparadores de experiências consideradas anômalas / paranormais, como nos desenhos automáticos de I.Z (cf. capítulo 8). Tal predisposição não significa necessariamente a presença de psicopatologia – embora isso seja verdadeiro em alguns casos – mas simplesmente uma maior tendência à dissociação ou à fantasia, maior criatividade, maior labilidade emocional etc. Apesar de as características descritas configurarem manifestações nosoformes, elas nem sempre constituem entidades nosológicas clássicas (Martins, 2010). Por outro lado, devemos observar, a todo o momento, a intrincada relação entre psicopatologia e sociedade, de forma a não rotularmos indevidamente os indivíduos que vivenciam experiências anômalas (cf. capítulo 4 e 9). O caráter negativo e perturbador de muitas dessas experiências parece relacionado, sobretudo, à falta de um controle adequado e de um sistema de crença sólido, apaziguador do medo que as anomalias tendem a gerar, face à sua contrariedade ao quadro de referência cultural. A não ser que o indivíduo tenha incorporado a experiência a um sistema de crença totalmente idiossincrático e a-crítico – o que constitui um forte indicador de psicopatologia – ele precisará de interpretações e práticas sociais (ou passíveis de socialização) acolhedoras dessas vivências – caso contrário, a adaptação será comprometida. O controle e a interpretação tendem a exercer efeitos terapêuticos e reguladores das emoções e dos impulsos, além de viabilizarem maior organização cognitiva.

É assim que retornamos aos conceitos de *atribuição de causalidade e lugar de controle*. As experiências anômalas / paranormais podem ter como fonte os mais diversos tipos de estimulação: social, fisiológica, psicológica. Certos conteúdos psicológicos são mais angustiantes

do que outros, e a atribuição de suas causas a agentes ou forças ‘espirituais’ e paranormais acaba por tornar mais fácil uma aceitação ou reconhecimento preliminar, do que se o indivíduo admitisse a si próprio como causa principal e direta. A maior frequência das respostas de lugar de controle *externo* indica essa tendência (espíritos, energias, vidas passadas etc.). Em muitos casos, é justamente o apelo a essas crenças e práticas que permite aos participantes lidarem com questões de sua vida psíquica que, de outro modo, dificilmente adquiririam algum relevo para eles – dadas suas tendências religiosas e a recusa de explicações que não possuam uma base ‘espiritual’; dadas suas resistências frente aos próprios conteúdos a serem trabalhados etc. No caso do Espiritismo, a configuração estabelecida acaba por contrabalançar tendências exclusivamente voltadas a causas externas, conquanto essas representem a maioria. A crença no ressarcimento de “débitos” ou faltas cometidas em vidas passadas, ancorada no princípio de ação e reação; a susceptibilidade do médium aos espíritos inferiores, dependendo dos pensamentos e sentimentos que alimenta, de sua conduta moral etc. são todas atribuições a causas *internas*, de cunho moralizador, que ajudam a compensar a projeção tendenciosa de sentimentos e pensamentos indesejáveis ou angustiantes em atores concretos ou imaginários. Como vimos no capítulo 7, as interpretações espirituais estão a serviço, muitas vezes, da mera reposição identitária ou da alienação ideológica, mas não se deve menosprezar também o potencial emancipatório e de *ressignificação* que possuem.

A aceitação do paranormal pode servir como recurso para elaborar ou preencher lacunas entre discursos, necessidades e experiências incoerentes e traumáticas da vida de um indivíduo, dando sentido à sua existência⁹⁷. A identificação com o sistema de crença será tão maior quanto mais consiga suprir determinadas lacunas na história de vida, o que envolve benefícios, mas também riscos. Quanto mais o indivíduo depender do papel de médium para organizar sua identidade, para continuar mantendo um corpo sólido de relações sociais, para permanecer estável emocionalmente, para direcionar sua percepção no mundo, mais o referencial religioso terá uma função crucial para ele, e maior será a fusão com a doutrina. A dificuldade de se desvencilhar do papel de médium para alcançar certa metamorfose caminha na proporção inversa de uma estabilidade e flexibilidade emocional e identitária. Parece-nos que quanto mais fundamentalmente estruturada for a identidade, mais o indivíduo será capaz de visualizar outras possibilidades de existência, outras personagens e papéis, e mais autônomo frente à condição de médium ele será –

⁹⁷ Quando falamos na elaboração de experiências traumáticas, não estamos afirmando que a existência de traumas psicológicos é capaz, por si só, de explicar a conversão a um dado sistema de crenças. Certas manifestações mediúnicas tendem a servir de veículo, por exemplo, para a expressão ou mesmo elaboração de traumas e outras experiências passadas, o que não quer dizer que tenham se *originado* diretamente das vivências traumáticas (cf. capítulos 6, 7 e 8).

mesmo que essa condição continue sendo importante para ele. O alcance de uma *identidade do eu* será condicionado, em grande medida, por esses fatores. Atingi-la implica, em outras palavras, ser capaz, ao mesmo tempo, de ser médium e de não o ser; de se visualizar como médium, mas não exclusivamente ou fortemente enquanto tal. E para que isso seja possível, é preciso que o indivíduo não dependa inteiramente dessa identificação para se sentir psiquicamente equilibrado.

As crenças e práticas paranormais e religiosas podem servir também ao suprimento de determinadas lacunas cognitivas e afetivas. No que tange as primeiras, verificamos problemas de aprendizagem ou de defasagem educacional encontrando na mediunidade um meio de retomada e expressão, por meio de processos dissociativos e inconscientes (cf. capítulo 8). Isso pode ter implicações para as hipóteses de marginalidade social e déficit cognitivo (revisadas no capítulo 1), mas não estamos certos se nossos dados – apesar de convergentes com essas hipóteses – indicam necessariamente que os indivíduos pertencentes a grupos socialmente desfavorecidos adotam mais crenças paranormais. O que nos parece mais provável de se admitir é que tais crenças e experiências adquirem, em cada caso, um uso ou sentido específico às condições de vida do indivíduo – como sugere o episódio do “senhor de escravos” no capítulo 8. A esse processo estão relacionadas ainda questões sócio-históricas mais abrangentes – como exemplificadas pelo preconceito de alguns espíritas em relação à Umbanda (cf. capítulo 9). Os dados que disponibilizamos no quadro 3 (capítulo 5) indicam que a maioria dos entrevistados (7) pertence à classe C (entre 1900 e 3800 reais de renda mensal familiar). Vivem, provavelmente, apertados em termos econômicos, frente ao elevado custo de vida de uma cidade grande como São Paulo – dependendo, é claro, do número de membros em cada família, do quanto cada um contribui etc. Dois entrevistados pertencem à classe B, enquanto outros dois à classe D. Não notamos diferenças, nos processos de formação identitária desses participantes, que demonstrassem se os mais favorecidos financeiramente eram menos apegados às suas crenças do que o restante, ou mais estáveis em termos psicológicos etc. As diferenças encontradas entre os 11 casos tinham relação com outros fatores psicossociais, detalhados ao longo da dissertação.

Por outro lado, há maior número de mulheres (9) entre os participantes. Parte das diferenças observadas nas práticas mediúnicas parece ter alguma ligação com o gênero. Nas sessões de desobsessão, por exemplo, os homens tendem a adotar muito mais a postura de doutrinadores ou de auxiliares, sustentando e amparando o trabalho mediúnico efetuado pelas mulheres. Os homens assumem, com frequência, tarefas administrativas ou atividades de palestras, embora mulheres também o façam (cf. relatórios de observação). Sob esse aspecto, o centro espírita apenas reproduz

as categorias de gênero constatadas em outros contextos sociais: os homens, vistos como mais práticos e racionais, adotam maior número de tarefas correspondentes a tais expectativas de papel. Algo mais difícil de explicar, no entanto, é a maior presença geral de mulheres nos dois centros espíritas. Apesar de não termos dados estatísticos que sustentem essa afirmação de modo confiável, a simples observação parece indicar, ainda assim, a predominância das mulheres. Nossos dados não indicaram padrões ou categorias relevantes que explicassem o porquê disso. Tal como dito acima, as entrevistas apenas mostram que, em cada caso, as crenças e experiências paranormais adquirem um uso ou sentido específico dependendo das condições de vida do participante (homem ou mulher), mas não apontam para nenhum indicador claro ou recorrente dos motivos que levariam as mulheres a acreditarem mais no paranormal⁹⁸.

Alguns dos participantes não chegaram até o ensino médio – como E.O, M.J e C. – e outros, embora desejassem, não puderam cursar uma universidade – caso C.A.B e A.M. Houve quem começasse uma faculdade, mas depois, em vista da falta de motivação ou das dificuldades de adaptação encontradas, resolvesse parar – a exemplo de V. e I.Z. Por fim, apenas dois – E. e C.R – conseguiram concluir o ensino superior. Estes dois apresentaram, durante as entrevistas, uma boa capacidade de articulação de idéias e de organização pessoal da narrativa, mas o mesmo poderia ser dito de C.A.B. ou N. Fora isso, eles compartilham com todos os outros o fato de suas trajetórias educacionais terem sido igualmente dificultosas e frustrantes. Vimos no capítulo 8 como o centro espírita parece exercer a função de uma *segunda escola*, retomando antigas lacunas de aprendizagem ou potenciais pouco explorados pelos participantes na infância e na adolescência. No caso de I.Z., o interesse pela doutrina espírita teria emergido, inclusive, por conta da associação que ela estabelecera com os estudos. Não se pode dizer, entretanto, que os demais casos apontam para a

⁹⁸ Uma categoria identificada nas entrevistas de C., S. e A.M é a dimensão do *cuidado* que, segundo Gilligan (1982), seria uma dimensão moral tipicamente feminina. Talvez isso ajude a entender parte da motivação dessas mulheres em seguirem o ideal de caridade espírita. Vimos exemplos intessantes a esse respeito no capítulo 8, a propósito do centro espírita como “pronto atendimento”. Essas três participantes possuíram ligações com a enfermagem e a preocupação com o cuidado e a ajuda ao próximo antecederam sua vinculação com o Espiritismo; no caso C., observamos que sua conversão à doutrina estabelecia, de certo modo, uma continuidade com o projeto inicial de ser enfermeira (cf. capítulo 7). Mas se os três casos mencionados são pertinentes à hipótese levantada, é preciso dizer que não encontramos a característica do cuidado de forma contundente nas demais médiuns investigadas. De qualquer maneira, não acreditamos que essa explicação isolada seja suficiente para dar conta do maior número de mulheres médiuns, nem que ela consiga explicar a adesão das mulheres a outros tipos de crença paranormal. Algumas de nossas participantes vieram de um contexto familiar rígido ou repressor e a sua conversão ao Espiritismo constituiu, em parte, um meio de se libertarem dos valores e crenças ensinados pelos pais. Mas em outros casos, como E.O, a educação familiar rígida não representou empecilho à aceitação, desde tenra infância, das crenças (espíritas) transmitidas pelas figuras parentais. É possível, não obstante, que a discriminação vivida por algumas das participantes, em função de suas experiências anômalas, tenha sido maior por conta da condição feminina. O fato é que contamos com um número limitado de participantes homens para permitir um levantamento mais confiável das possíveis similitudes e diferenças entre gêneros na assunção das crenças paranormais, uma falta que precisará ser corrigida em futuras investigações qualitativas e quantitativas.

mesma relação causal entre conversão religiosa e defasagem educacional. Mesmo o caso mencionado não poderia ser reduzido a esse fator isolado, malgrado tenha desempenhado papel decisivo na conversão da participante ao Espiritismo. De qualquer modo, permanece válido dizer que as crenças e práticas paranormais servem, algumas vezes, ao suprimento de lacunas cognitivas e educacionais.

Uma coisa é certa de se afirmar; seja qual for o gênero, a condição socioeconômica ou o nível educacional dos participantes, todos eles encontram nas crenças espíritas a transcendência imaginária de limitações psicológicas, sociais ou biológicas. Um belo exemplo disso é a noção de “espírito”, analisada no capítulo 7. Sob esse aspecto, o mais importante já não é a pertença a um grupo socialmente marginalizado, e sim a potencial busca humana por ultrapassar as restrições impostas pela vida, os limites objetivos e subjetivos à sua própria autonomia e emancipação.

Estamos propensos a pensar, com base em nossos dados e nos estudos revisados no capítulo um, que a hipótese de marginalidade social não encontra seu respaldo mais adequado na adesão dessas crenças por grupos específicos da sociedade – conquanto elas sirvam a funções importantes no enfrentamento de dificuldades associadas ao status social – mas no fato de, apesar de *populares*, não constituírem um discurso *dominante* em nossa sociedade. Nossa ciência, tecnologia e medicina geram restrições a uma maior legitimidade e reconhecimento social das idéias paranormais. Não estamos nos referindo necessariamente a uma incompatibilidade *epistemológica* (como se a ciência jamais pudesse acolher a existência do paranormal), mas a questões de ordem *ideológica e institucional*. As discussões perpetradas ao longo do capítulo 9 fornecem alguma sustentação para essa hipótese. Não obstante, enquanto a ciência e a tecnologia são capazes de promover um controle extremamente eficaz sobre o mundo, não são tão boas em oferecer uma significação valorativa / emocional que preencha a busca existencial por enfrentamento e compreensão dos diferentes eventos da vida cotidiana, ao passo em que esse tem sido o propósito da maioria das crenças e sistemas religiosos e paranormais ao longo do tempo (Kennedy, 2005). Embora amplamente disseminadas e institucionalizadas hoje, a medicina e a psicologia não se baseiam em uma cosmovisão abrangente ou em algum sistema explicativo da vida e do mundo, capaz de apaziguar o não-saber e o medo do desconhecido. Conquanto muitas formas de psicoterapia tenham por trás de si algum arcabouço filosófico, elas não chegam a constituir amplos sistemas explicativos da vida; pelo contrário, a terapia frequentemente nos coloca diante de angústias e limitações, e nos aponta a inexistência de respostas ou soluções quando o que queremos é a satisfação fantasiosa de nossos desejos. Para muitos dos que acreditam no paranormal, parece

inconcebível ter de enfrentar perpetuamente a angústia do não-saber; elaborá-la sem explicá-la por completo. É por essa razão que a médium V. nos diz que a psicologia sem espiritismo: “*fica muito frio, muito sem resposta*” (capítulo 9). A crença paranormal parece atuar em outro plano, o plano do imaginário e da fantasia, o plano da *função mítica*. Diríamos, metaforicamente, que essa função é como a cenoura estendida pelo cocheiro à frente de seu cavalo: este jamais alcançará a cenoura nessas condições, mas enquanto tenta, haverá de chegar mais longe. O objeto de muitas dessas crenças talvez não exista ou talvez seja inalcançável: mas enquanto imagino-o, aquele que *acredita* realizará muitas coisas, e se iludirá com tantas outras. Ao que nos parece, os aspectos afetivos constituem os principais fatores por trás da assunção e manutenção das crenças paranormais. Acreditar na vida após a morte, na intervenção dos espíritos sobre o mundo corporal, ou em capacidades extra-sensoriais existentes no ser humano, depende mais da lógica dos sentimentos, das emoções e da intuição, do que da lógica do intelecto. Esta última parece constituir, na verdade, uma construção posterior que se faz sobre a prévia estrutura emocional da crença, formatada, por vezes, desde a infância. Uma estrutura não necessariamente defeituosa ou fragmentada – como esperam os contraditores do paranormal – mas, certamente, enraizada de modo profundo em tudo aquilo que nos é mais significativo e central na vida: nossos interesses existenciais básicos, nossos sonhos, traumas e conflitos, nossa condição como seres biológicos e sociais.

Terminamos este estudo, convictos de que cavoucamos apenas uns poucos e quase insignificantes centímetros da imensa quantidade de Terra que ainda há de ser retirada para esclarecer os complexos problemas sugeridos pela temática das crenças e experiências paranormais. Nossa pesquisa permitiu aprofundar onze casos de médiuns espíritas, e nos deu uma visão detalhada dos processos biográficos e psicossociais por trás da assunção de suas crenças. Mas não pensamos ter resolvido a gama de caminhos possíveis para a conversão dos participantes ao Espiritismo. Muitas de nossas idéias nesse sentido são especulativas, e só tangencialmente recebem alguma confirmação dos dados. Para melhor acessar tais questões, ser-nos-ia preciso, entre outras coisas, comparar os padrões de conversão religiosa dos espíritas com adeptos de outras religiões, e mesmo com grupos de não religiosos. De qualquer forma, nossa contribuição foi dada e poderá ser aperfeiçoada e verificada com mais rigor pelos que desejarem investigar os mesmos problemas. Nossos colegas de pesquisa do Inter Psi têm realizado estudos que poderão contribuir com o suprimento dessas lacunas, expandindo muito mais o horizonte de nossa compreensão sobre essas crenças (Martins, 2010; Mizumoto, 2010; Shimabucuro, 2010). Caberá agora ao leitor avaliar a

legitimidade de nossos resultados e conclusões neste trabalho. Afinal, a ciência é um empreendimento socialmente compartilhado, e só assim pode evoluir.

Referências

A

- Aarnio, K. & Lindeman, M. (2005). Paranormal beliefs, education and thinking styles. *Personality and Individual Differences*, 39, 1227-1236.
- Abc Science Online (Estados Unidos). "Spooky survey" gets big response. *News In Science*. Disponível em <<http://www.abc.net.au/science/news/stories/2006/1791144.htm>>. Acesso em: 07 mar. 2007.
- Acquarone, F. (1999). *Bezerra de Menezes: o médico dos pobres*. 3. Ed. São Paulo: Aliança.
- Alcock, J. E. (1981). *Parapsychology: Science or magic? A psychological perspective*. Elmsford (New York): Pergamon Press.
- Alcock, J. E. & Otis, L. P. (1980). Critical thinking and belief in the paranormal. *Psychological Reports*, 46, 479-482.
- Almeida, A. M. (2004). *Fenomenologia das experiências mediúnicas: perfil e psicopatologia de médiuns espíritas*. 205 f. Tese (Doutorado), Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Almeida, A. M. & Lotufo Neto, F. (2004). A mediunidade vista por alguns pioneiros da área mental. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 31 (3), 132-141.
- Almeida, A. A. S. (2007). *Uma fábrica de loucos: Psiquiatria X Espiritismo no Brasil, 1900-1950*. 232f. Tese (Doutorado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.
- Alvarado, C. S. Aspectos ideológicos de la parapsicología. *Revista Argentina de Psicología Paranormal*, 2 (1), 7-14, 1991.
- Alvarado, C. S. (2002). Dissociation in Britain during the late nineteenth century: The Society for Psychical Research, 1882-1900. *Journal of Trauma and Dissociation*, 3 (2), 9-33.
- Alvarado, C. S. (2003). On the centenary of Frederic W. H. Myers's Human Personality and its survival of bodily death. *Journal of Parapsychology*, 68, 3-43.
- Alvarado, C. S. (2003b). The concept of survival of bodily death and the development of Parapsychology. *The Journal of the Society for Psychical Research*, 67(871).
- Alvarado, C. S. (2005). Historical notes on the role of mediumship in Spiritualism, Psychical Research and Psychology. In: *Proceedings of the parapsychology Foundation Conference The study of mediumship: interdisciplinary perspectives*. Charlottesville: Virginia.
- Alvarado, C. S., Biondi, M. & Kramer, W. (2006). Historical notes on psychic phenomena in specialized journals. *European Journal of Parapsychology*, 21 (1), 58-87.
- Alvarado, C. S; Machado, F. R; Zingrone, N. & Zangari, W. (2007). Perspectivas históricas da influência da mediunidade na construção de idéias psicológicas e psiquiátricas. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 34 (1), 42-53.
- Amatuzzi, M. M. (2000). O Desenvolvimento religioso: uma hipótese psicológica. *Estudos de Psicologia*, 17 (1), 15-30.
- Anderson, J. R., Gillies, A., Lock, L. C. (2010). Pan Thanatology. *Current Biology*, 20(8).
- Arheim, P. (2007). *Arte e percepção visual. Uma psicologia da visão criadora*. São Paulo: Thomson-Learning.
- Armond, E. (2004). *Passes e radiações: métodos espíritas de cura*. 4. ed. São Paulo: Aliança.
- Askevis-Leherpeux, F. (1990). Croyance au surnaturel et instruction. *Communications*, 52, 161-174.

Atkinson, R. P. (1994). Relationships of hypnotic susceptibility to paranormal beliefs and claimed experiences: Implications for hypnotic absorption. *American Journal of Clinical Hypnosis*, 37, 34-40.

Aubrée, M. & Laplantine, F. (1990). *La Table, Le Livre et Les Esprits: naissance, évolution et atualité du mouvement social spirite entre France et Brésil*. Paris: Jean Claude Lattès.

B

Bardin, L. (2003). *Análise de conteúdo*. (Trad. Luiz Antero Reto e Augusto Pinheiro). Lisboa: Edições 70.

Bastide, R. (1960). *As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma Sociologia das interpenetrações de civilizações*. 3. Ed. São Paulo: Pioneira, 1989.

Bauman, Z. (2005). *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. (Trad. Carlos Alberto Medeiros). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Bauman, Z. (2007). *Vida líquida*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Beischel, J. (2007). Contemporary methods used in laboratory-based mediumship research. *The Journal of Parapsychology*, 71, 37-68.

Bendit, L. J. & Bendit, P. D. (1977). *O corpo etérico do homem: a ponte da consciência*. (Trad. de Nair Lacerda). São Paulo: Pensamento.

Bentall, R. P. (2000). Hallucinatory experiences. In: Cardeña, E & Lynn, S. J. & Krippner, S. (Ed.). *Varieties of anomalous experience: examining the scientific evidence* (pp. 85-120). Washington: APA.

Berenbaum, H. & Kerns, J & Raghavan, C. (2000). Anomalous experiences, peculiarity and psychopathology. In: Cardeña, E & Lynn, S. J. & Krippner, S. (Ed.). *Varieties of anomalous experience: examining the scientific evidence* (pp. 25-46). Washington: APA.

Berger, P. L. & Luckmann, T. (1966). *A construção social da realidade*. 23 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

Belz-Merk, M. et al. *Counseling and help for people with unusual experiences at the outpatient clinic (Ambulanz) of the Psychological Institute at the University of Freiburg*. Disponível em: <<http://www.igpp.de/english/counsel/project.htm>>. Acesso em: 9 out. 2007.

Bhushan, R. & Bhushan, L. I. (1987). Superstition among college students. *Asian Journal of Psychology and Education*, 19 (4), 11-16.

Braga, N. C. (2006). *Eletrônica paranormal – Projetos para uma outra dimensão*. São Paulo: SABER.

Braude, S. (1988). Mediumship and multiple personality. *The Journal of the American Society for Psychical Research*, 55 (813), 177-195.

Braude, S. (2002). The creativity of dissociation. *Journal of Trauma and Dissociation*, 3(3), 6-25.

Braude, S. (2003). *Immortal remains: the evidence for life after death*. New York: Rowman and Littlefield, 2003.

Braude, S. (2009). The conceptual unity of dissociation: a philosophical argument. In: Dell, P. F. & O'Neil, J. A. (Eds.). *Dissociation and the dissociative disorders: DSM-V and beyond*. New York: Routledge, p. 27-36.

Broch, H. (2000). Save our science: the struggle for reason at the university. *Skeptical Inquirer*, 24 (3), 34-39.

Blackmore, S. J. (1994). Are women more sheepish? Gender differences in belief in the paranormal. In: Coly, L. & White, R. A. (Eds.). *Women and parapsychology: Proceedings of an international conference* (pp. 68-69). New York: Parapsychology Foundation.

Blackmore, S. J. (1997). Probability misjudgment and belief in the paranormal: A newspaper survey. *British Journal of Psychology*, 88, 683-689.

Bock, A. M. B. et al. *A psicologia sócio-histórica*. São Paulo: Mimeo, 1996.

Bock, A. M. B. (2000). As influências do barão de Münchhausen na psicologia da educação. In: Tanamachi, E. I; Proença, M; Rocha, M. L. *Psicologia e educação: desafios teórico-práticos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Boddy, J. (1994). Spirit Possession Revisited: beyond instrumentality. *Annual Review of Anthropology*, 23, 407-434.

Bonnano, G. A. (2006). The illusion of repressed memory. *Behavioral and Brain Sciences*, 29, 5, 515.

Borch-Jacobsen, M. (2001). Making psychiatric history: madness as folie à plusieurs. *History of the Human Sciences*, 14 (2), 19-38.

Bósi, E. (2003). *O tempo vivo da memória*. São Paulo: Ateliê.

Bourguignon, E. (2004). Suffering and healing, subordination and power: women and possession trance. *Ethos*, 32 (4).

Bourguignon, E. (1989). Multiple personality, possession trance and the psychic unity of mankind. *Ethos*, 17 (3), 371-384.

Boy, D. (2002). Les français et les para-sciences: vingt ans de mesures. *Revue Française de Sociologie*, 43(1), 35-45.

Boy, D. & Michelat, G. (1986). Croyances aux parasciences: dimensions sociales et culturelles. *Revue Française de Sociologie*, 27(2), 175-204.

Boyer, P. (1994). *The naturalness of religious ideas: a cognitive theory of religion*. Berkeley: University of California Press.

Bozzano, E. (1938). *Animismo ou Espiritismo?* (Trad. de Guillon Ribeiro). Rio de Janeiro: FEB, 1982.

Bozzano, E. (1926). *Povos primitivos e manifestações supranormais*. (Trad. de Eponina Melle Pereira da Silva). São Paulo: FE, 1997.

Bueno, C. B. (2009). A doutrina espírita e as mulheres. *Revista Brasileira de História das Religiões*, 1 (3).

Buescher, J. (2005). Book review – The reluctant spiritualist: the life of Maggie Fox. *The Journal of Parapsychology*, 69 (2), p. 397-401.

Burns, J. W. (2000). Repression in chronic pain: an idea worth recovering. *Applied and Preventive Psychology*, 9, 173-190.

C

Campos, R. H. F. & Guareschi, A. (Orgs.). *Paradigmas em Psicologia Social: a perspectiva Latino-Americana*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Vozes.

Cardeña, E., Lynn, S. J. & Krippner, S. (Ed.). *Varieties of anomalous experience: examining the scientific evidence*. Washington: APA, 2000.

Carrington, W. W. (1934). The quantitative study of trance personalities. Parte I. *Proceedings of the Society for Psychical Research*, 42, 173-240.

Carrington, W.W. (1935). The quantitative study of trance personalities. Parte II. *Proceedings of the Society for Psychical Research*, 43, 319-361.

- Carrington, W.W. (1936). The quantitative study of trance personalities. Parte III. *Proceedings of the Society for Psychical Research*, 44, 189-222.
- Carvalho, A. P. (1994). Fenômenos psi espontaneos en el Brasil: algunas reflexiones sobre sus aspectos psico-socio-culturales. *Revista Argentina de Psicología Paranormal*, 5 (3), 137-144.
- Cavalcanti, M. L. V. C. (1983). *O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no Espiritismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Cavalcanti, M. L. V. C. (2006). Vida e morte no Espiritismo kardecista. *Religião e sociedade*, 24 (1), 168-173.
- Ciampa, A. C. (1987). *A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense.
- Ciampa, A. C. (1994). Identidade. In: Lane, S. T. & M; Codo, W. *Psicologia Social: o homem em movimento*. (pp. 58-75). 3. ed. São Paulo: Brasiliense.
- Cifalli, M. (1994). The making of Martian. In: Flournoy, T. (1900). *From India to the Planet Mars: a case of multiple personality with imaginary languages*. Princeton (New Jersey): Princeton University Press.
- Cole, P. (2001). Mrs. Piper Revisited. *Australian Journal of Parapsychology*, 1(1), 9-29.
- Corbetta, J. M. (2006). Parapsicología y psicoanálisis: la “telepatía” en la obra de Freud. *E-Boletín PSI*, 1 (1).
- Crabtree, A. (2007). Automatism and secondary centers of consciousness. In: Kelly, E. F. et al. *Irreducible mind: toward a psychology for the 21st century* (pp. 301-366). New York: Rowman and Littlefield.
- Creswell, J. W. (1998). *Qualitative inquiry and research design: choosing among five traditions*. California: SAGE.
- Crookes, W. (1874). *Fatos espíritas*. 6. Ed. Tradução de Oscar D’Argonnel. Rio de Janeiro: FEB, 1971.

D

- Dag, I. (1999). The relationships among paranormal beliefs, locus of control and psychopathology in a Turkish college sample. *Personality and Individual Differences*, 26 (4), 723-737.
- Dagalarrondo, P. (2008). *Religião, psicopatologia e saúde mental*. São Paulo: Artmed.
- Damásio, A. R. (1996). *O erro de Descartes: emoção, razão e cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Dambrun, M. (2004). Belief in the paranormal determinism as a source of prejudice toward disadvantaged groups: “the dark side of stars”. *Social Behavior and Personality*, 32 (7), 627-636.
- D’Ávila, M. I. (2000). Identidade da Psicologia Social Latino-Americana. In: Campos, R. H. F. & Guareschi, A. (Orgs.). *Paradigmas em Psicologia Social: a perspectiva Latino-Americana* (pp. 88-100). 2. Ed. Rio de Janeiro: Vozes.
- Dawkins, R. (2007). *Deus: um delírio*. Tradução Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras.
- Del Prette, A. & Del Prette, Z. A. P. (2003). Assertividade, sistema de crenças e identidade social. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, 9 (13), 125-136.
- Demo, P. (2007). *Metodologia científica em ciências sociais*. 3. Ed. São Paulo: Atlas.
- Denis, L. (1911). O Espiritismo e a mulher. In: *No invisível*. Rio de Janeiro: FEB, 2008.
- Deonna, W. (1932). *De la planèt Mars en terre sainte: art et subconscient. Un médium peintre: Hélène Smith*. Paris: E. De Boccard.

Doyle, A. C. (1960). *História do Espiritismo*. São Paulo: Pensamento.

Dudley, R. T. & Whisnand, E. A. (2000). Paranormal belief and attributional style. *Psychological Reports*, 86, 863-864.

Duncan, D. F., Donnely, J. W. & Nicholson, T. (1992). Belief in the paranormal and religious belief among American college students. *Psychological Reports*, 70, 15-18.

E

Eco, U. (2005). *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes.

Eiguer, A. et al. (1998). *A transmissão do psiquismo entre gerações: enfoque em terapia familiar psicanalítica*. (Trad. de Lúcia Helena Siqueira Barbosa). São Paulo: Unimarco.

Eisenbud, J. (1972). Some notes on the psychology of the paranormal. *Journal of the American Society for Psychical Research*, 66, 27-41

Eisenstein, C. A. (2005). A state of belief is a state of being. *Journal for Scientific Exploration*, 19 (3).

Ellemburger, H. F. (1970). *The Discovery of the Unconscious: the history and evolution of dynamic psychiatry*. New York: Basic Books.

Emmons, C. F. & Sobal, J. (1981a). Paranormal beliefs: Testing the marginality hypothesis. *Sociological Focus*, 14, 49-56.

Emmons, C. F. & Sobal, J. (1981b). Paranormal beliefs: functional alternatives to mainstream religion? *Review of religious research*, 22 (4).

Engels, H. Understanding the glossolalia of Hélène Smith, the famous spiritist medium. In: Arweiller, J. (dir.). *Psychiatries dans l'histoire*. Caen: 2008.

Epstein, S. (1994). Integration of the cognitive and the psychodynamic unconscious. *American Psychologist*, 49, 709-724.

F

Facioli, A. (2006). *Hipnose: fato ou fraude? Teoria e técnica em uma abordagem psicodinâmica e evidências experimentais*. Campinas: Alínea / Átomo.

Farha, B. & Steward, G. (2006). Paranormal beliefs: an analysis of college students. *Skeptical Inquirer*, 30 (1).

Farr, R. M. (1996). *As raízes da Psicologia social moderna: 1872-1954*. 7. ed. Petrópolis: Vozes.

Fernandes, M. I. A. (2005). Políticas públicas e ideologia. In: *Negatividade e vínculo: a mestiçagem como ideologia*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Fernandes, M. F. & Maraldi, E. O. (2010). Schopenhauer e a investigação religiosa: contribuições filosóficas ao estudo das experiências místicas. In: *VI Encontro Psi – Pesquisa Psi e Neurociências (Livro de Registro dos Trabalhos Apresentados)*. Curitiba, p. 73-82

Ferracuti, S., Sacco, R., Lazzari, R. (1996). Dissociative trance disorder: clinical and Rorschach findings in ten persons reporting demon possession and treated by exorcism. *Journal of Personality Assessment*, 66 (3), 525-539.

Figueiredo, P. H. (2007). *Mesmer: a ciência negada e os textos escondidos*. Tradução do francês dos textos de Mesmer por Álvaro Glerean. 2. Ed. São Paulo: Lachâtre.

Filho, J. A. G. *Apostila: curso de passe espírita*. Disponível em: <<http://www.ceismael.com.br>>. Acesso em 09/08/2007.

Fishbein, M. & Ajzen, I. (1975). *Belief, Attitude, Intention and Behavior: an introduction to theory and research*. Reading: Addison-Wesley.

Fitzpatrick, O. D. & Shook, S. L. (1994). Belief in the paranormal: does identity development during the college years make a difference? An initial investigation. *Journal of Parapsychology*, 58, 315-329.

Flammarion, C. (1900). *O desconhecido e os problemas psíquicos (volume 1 e 2)*. 3. Ed. Tradução de Arnaldo São Thiago. Rio de Janeiro: FEB, 1980.

Flannely, K. J. et al. (2006). Belief in life after death and mental health: findings from a national survey. *The Journal of Nervous and Mental Diseases*, 194 (7), 524-529.

Flournoy, T. (1900). *From India to the planet Mars: a study of a case of somnambulism with glossolalia*. Forgotten Books, 2008.

Flournoy, T. (1902). Nouvelles observations sur un cas de somnambulisme avec glossolalie. *Archives de psychologie*, 1.

Flournoy, T. (1911). *Spiritism and Psychology*. New York: Cosimo classics, 2007.

Foucault, M. (1968). *Doença mental e Psicologia*. (Trad. de Lilian Rose Shalders). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. (Biblioteca Tempo Universitário, v. 2).

Foucault, M. (1978). *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva.

Franz, M. L. V. (1985). *Adivinhação e sincronicidade: a psicologia da probabilidade significativa*. (Trad. de Álvaro Cabral). São Paulo: Cultrix.

French, C. C. (1992). Factors underlying belief in the paranormal: Do sheep and goats think differently? *The Psychologist*, 5, 295-299.

French, C. C. & Wilson, K. (2007) Cognitive factors underlying paranormal beliefs and experiences. In S. Della Sala (ed.). *Tall Tales About the Mind and Brain: Separating Fact From Fiction*. Oxford: Oxford University Press. Chapter 1, pp. 3-22.

Freud, A. (1946). *O ego e os mecanismos de defesa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

Freud, S. (1900). *A interpretação dos sonhos: primeira parte*. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 4).

Freud, S. (1901). Determinismo, crença no acaso e superstição: alguns pontos de vista. In: *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1987, p. 237-273. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 6).

Freud, S. (1913). *Totem e Tabu*. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 13).

Freud, S. (1941[1921]). *Psicanálise e telepatia*. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 18).

Freud, S. (1922). *Sonhos e telepatia*. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 18).

Freud, S. (1927). O futuro de uma ilusão. In: *Os pensadores*. (Trad. José Octávio de Aguiar Abreu). São Paulo: Abril Cultural, 1978.

G

- Garrett, E. J. (1968). *Muitas vozes: autobiografia de uma médium*. (Trad. de Maio Miranda). São Paulo: Pensamento.
- Gassner, B. (2007). Repression: Finding our Way in the Maze of Concepts. *Journal of Behavioral Medicine*, 30, 471-481.
- Gauld, A. (1982). *Mediunidade e sobrevivência: um século de investigações*. 14. ed. (Trad. Norberto de Paula Lima). São Paulo: Pensamento, 1995.
- Geraerts, E. & McNally, R. J. (2008). Forgetting unwanted memories: directed forgetting and thought suppression methods. *Acta Psychologica*, 127, 614-622.
- Gianotti, L. R. R., Mohr, C., Pizzagalli, D., Lehmann, D. & Brugger, P. (2001). Associative processing and paranormal belief. *Psychiatry and Clinical Neurosciences*, 55 (6), 595-603.
- Gilligan, C. (1982). *Uma voz diferente*. Rio de Janeiro: Rosa dos ventos.
- Giumbelli, E. (1997). Heresia, doença, crime ou religião: o Espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais. *Revista de Antropologia*, 40 (2), 31-82.
- Giumbelli, E. (2003). O “baixo espiritismo” e a história dos cultos mediúnicos. *Horizontes antropológicos*, 9 (19), 247-281.
- Glicksohn, J. (1990). Belief in the paranormal and subjective paranormal experience. *Personality and Individual Differences*, 11, 675-683.
- Goffman, E. (1990). *The Presentation of Self in Everyday Life*. New York: Anchor Books. (Original Work Published in 1959)
- Goffman, E. (1986). *Stigma: Notes on the Management of Spoiled Identity*. New York: Touchstone. (Original Work Published in 1963)
- Goldsmith, R. E. (1979). *The life and work of Théodore Flournoy*. 437 f. Tese (Doutorado). Universidade do Estado de Michigan, Michigan.
- Goode, E. (2000). *Paranormal beliefs: a sociological introduction*. Illinois: Waveland Press.
- Goode, E. (2002). Education, scientific knowledge and belief in the paranormal. *Skeptical Inquirer*, 26 (1), 24-27.
- Goulding, A. (2005). Healthy schizotypy in a population of paranormal believers and experiencers. *Personality and Individual Differences*, 38, 1069-1083.
- Gow, K., Lang, T. & Chant, D. (2006). Fantasy proneness, paranormal beliefs and personality features in out-of-body experiences. *Contemporary Hypnosis*, 21 (3), 107-125.
- Gregório, S. B. *Evolução da mediunidade através dos tempos*. Disponível em <<http://www.ceismael.com.br/artigo/artigo019.htm>>. Acesso em 10 de Fevereiro de 2008.
- Grof. S. *Psicologia do futuro: lições das pesquisas modernas da consciência*. Niterói: Heresis, 2000.
- Grof-Marnat, G. & Pegden, J. A. (1998). Personality correlates of paranormal beliefs: locus of control and sensation seeking. *Social Behavior and Personality*, 26 (3), 291-296.
- Grosso, M. (1997). Inspiration, mediumship, surrealism: the concept of creative dissociation. In: Krippner, S. & Powers, S. M. (Orgs.) *Broken images, broken selves: dissociative narratives in clinical practice*. Washington (DC): Brunner/Mazel.

Guba, E. (Org.). (1990). *The paradigm dialog*. London: Sage.

H

Habermas, J. (1968). *Conhecimento e interesse*. Tradução de José Heck. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

Habermas, J. (1973). *Problemas de legitimación en el capitalismo tardío*. Traducción de José Luis Etcheverry. Madrid: Cátedra.

Habermas, J. (1976). *Para a reconstrução do materialismo histórico*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

Habermas, J. (1983). *Consciência moral e agir comunicativo*. Tradução de Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

Habermas, J. (2002). *Religion and rationality: essays on reason, God and modernity*. Cambridge: Polity Press.

Habermas, J. (2006). Pre-political foundations of the democractic constitutional state? In: Habermas, J. & Ratzinger, J. *The dialectics of secularization: On reason and religion*. Translated by Brian McNeil. San Francisco: Ignatius Press.

Habermas, J. (2008). *Between naturalism and religion: philosophical essays*. Translated by Ciaran Cronin. Cambridge: Polity Press.

Handlbauer, B. (2005). *A controvérsia Freud-Adler*. Tradução de Fúlvio Lubisco. São Paulo: Madras.

Hansen, G. P. (2001). *The trickster and the paranormal*. Philadelphia: Xilibris.

Hergovitch, A. & Arendasy, M. (2005). Critical thinking ability and belief in the paranormal. *Personality and Individual Differences*, 38(8), 1805-1812.

Herskovits, M. J. (1967). *Las bases de l'anthropologie culturelle*. Paris: Payot.

Hess, D. J. (1989). Disobsessing disobsession: religion, ritual and the social sciences in Brazil. *Cultural Anthropology*, 4 (2), 182-193.

Hess, D. J. (1990). Ghosts and domestic politics in Brazil: some parallels between spirit possession and spirit infestation. *Ethos*, 18 (4), p. 407-438.

Hess, D. J. (1991). *Spirits and Scientists: Ideology, Spiritism, and Brazilian Culture*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press.

Hillman, J. (1984). *O mito da análise: três ensaios de psicologia arquetípica*. (Trad. de Norma Abreu Telles). Rio de Janeiro: Paz e Terra. (Coleção Psiquê, v. 1).

Hinnels, J. R. (org.) (1991). *Dicionário das religiões*. 2. ed. (Trad. de Octavio Mendes Cajado). São Paulo: Cultrix.

Holm, N. G. An integrated role theory for the psychology of religion: concepts and perspectives. In: Spilka, B. & McIntosh, D. N. (Ed.). (1997). *The psychology of religion: theoretical approaches*. Colorado: Westview Press.

Howe, M. L. (2000). *The fate of early memories: developmental science and the retention of childhood experiences*. Washington, DC: American Psychological Association.

Huntley, C. & Peeters, T. (2005). *Paranormal beliefs, religious beliefs and personality correlates*. Manchester UK: Manchester Metropolitan University.

Hughes, D. J. (1991). Blending with an other: an analysis of trance channeling in the united states. *Ethos*, 19, 2.

Hyman, R. (1999). The mischief-making of ideomotor action. *The scientific review of alternative medicine*, fall-winter issue.

Hyman, R. & Honorton, C. (1986). A joint communique: the psi ganzfeld controversy. *Journal of Parapsychology*, 50, 351-364.

I

IBGE (Brasil). *Um terço dos brasileiros acredita que Deus criou o mundo na sua forma atual. Pesquisa realizada em 7 de Janeiro de 2005*. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=cd&o=7&i=P&c=2102>>. Acesso em: 10 mai. 2007.

Irwin, H. J. (1990). The reasoning skills of paranormal believers. *Journal of Parapsychology*, 55, 281-300.

Irwin, H. J. (1993). Belief in the paranormal: a review of the empirical literature. *Journal of the American Society for Psychical Research*, 87, 1- 39.

Irwin, H. J. (1994). Paranormal belief and proneness to dissociation. *Psychological Reports*, 75 (3), 1344-1346.

Irwin, H. (2002). Is scientific investigation of postmortem survival an anachronism? The demise of the survival hypothesis. *Australian Journal of Parapsychology*, 2, 19-27.

Irwin, H. J. (2003). *An introduction to Parapsychology*, Fourth ed. Jefferson: McFarland.

J

James, W. (1890). *The principles of psychology*. Massachusetts: Harvard University Press, 1983.

James, W. (1894). Discurso à presidência da S.P.R. inglesa. In: *Experiências de um psiquista* (pp. 57-68). (Trad. de Antônio Pinto Ribeiro). Lisboa: Moraes editores, 1973.

James, W. (1894). Relatório sobre o controle-Hodgson de Mrs. Piper. In: *Experiências de um psiquista*, pp. 125-224. (Trad. de Antônio Pinto Ribeiro). Lisboa: Moraes editores, 1973.

Janet, P. (1889). *L'automatisme psychologique: essai de psychologie expérimentale sur les formes inférieures de l'activité humaine*. Versão eletrônica para a coleção "Les classiques des sciences sociales". Québec (Chicoutimi): L'Université du Québec à Chicoutimi, 2003.

Janet, P. (1907). Letter of Dr. Pierre Janet. *The Journal of the American Society for Psychical Research*, 1.

Janet, P. (1926). *De l'angoisse à l'extase: Études sur les croyances et les sentiments. Un délire religieux. La croyance*. Versão eletrônica para a coleção "Les classiques des sciences sociales". Québec (Chicoutimi): L'Université du Québec à Chicoutimi, 2003.

Jones, W. H., Russel, D. W. & Nickel, T. W. (1977). Belief in the Paranormal Scale: An objective instrument to measure belief in magical phenomena and causes. *Journal Supplement Abstract Service, Catalog of Selected Documents in Psychology*, 7, 100.

Jung, C. G. (1902). Sobre a psicologia e psicopatologia dos fenômenos chamados ocultos. In: *Estudos psiquiátricos*. (Trad. de Lúcia Mathilde Endlich Orth). Petrópolis: Vozes, 1993, p. 15-96. (Obras Completas de Carl Gustav Jung, v. 1).

Jung, C. G. (1905). Sobre fenômenos espíritos. In: *A vida simbólica*. (Trad. de Araceli Elman). Petrópolis: Vozes, 2000, cap. 4, p. 291-330. (Obras Completas de Carl Gustav Jung, v. 18).

Jung, C. G. (1914). A importância do inconsciente na psicopatologia. In: *Psicogênese das doenças mentais*. (Trad. Marcia de Sá Cavalcanti). Petrópolis: Vozes, 1986. (Obras Completas de Carl Gustav Jung, v. 3).

Jung, C. G. (1920). *O eu e o inconsciente*. (Trad. Dora Ferreira da Silva). Petrópolis: Vozes, 2004. (Obras Completas de Carl Gustav Jung, v. 7).

Jung, C. G. (1928). *A energia psíquica*. (Trad. Padre Dom Mateus Ramalho Rocha). Petrópolis: Vozes, 2002. (Obras Completas de Carl Gustav Jung, v. 8).

Jung, C. G. (1935). *Fundamentos de Psicologia Analítica*. (Trad. Araceli Elman). Petrópolis: Vozes, 1998. (Obras Completas de Carl Gustav Jung, v. 18).

Jung, C.G. (1948). Psicologia e Espiritismo. In: *A vida simbólica*. (Trad. de Araceli Elman). Petrópolis: Vozes, 2000, cap. 4, p. 291-330. (Obras Completas de Carl Gustav Jung, v. 18).

Jung, C. G. (1940). *Psicologia e Religião*. Rio de Janeiro: Vozes, 1980. (Obras Completas de Carl Gustav Jung, v. 11).

Jung, C. G. (1944). *Psicologia e Alquimia*. (Trad. de Maria Luisa Appy). Dora Mariano Ribeiro Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Vozes, 1990. (Obras Completas de Carl Gustav Jung, v. 12).

Jung, C. G. (1951). A psicologia do arquétipo da criança. In: *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. (Tradução de Dora Mariana Ferreira da Silva). Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

Jung, C. G. (1958). *Um mito moderno sobre coisas vistas no céu*. (Trad. Eva Bornemman Abramowitz). Rio de Janeiro: Vozes, 2007. (Obras Completas de Carl Gustav Jung, v. 10).

Jung, C. G. (1961). Théodore Flournoy. In: Flournoy, T. (1900). *From India to the Planet Mars: a case of multiple personality with imaginary languages*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1994.

Jung, C. G. (1963). *Memórias, sonhos e reflexões*. (Trad. Dora Ferreira da Silva). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

Jurberg, M. B. (2000). Individualismo e coletivismo na psicologia social: uma questão paradigmática. In: Campos, R. H. F. & Guareschi, A. (Orgs.). *Paradigmas em Psicologia Social: a perspectiva Latino-Americana* (pp. 118-166). 2. Ed. Rio de Janeiro: Vozes.

K

Kardec, A. (1859). *O que é o Espiritismo?* (Trad. de Wallace Leal V. Rodrigues). 24. ed. São Paulo: LAKE, 1992.

Kardec, A. (1860). *O livro dos espíritos: filosofia espiritualista*. (Trad. de Renata Barboza da Silva e Simone T. Nakamura Bele da Silva). São Paulo: Petit, 1999.

Kardec, A. (1861). *O livro dos médiuns: guia dos médiuns e dos doutrinadores*. (Trad. de José Herculano Pires). 21. ed. São Paulo: LAKE, 2001.

Kardec, A. (1863). *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 55 ed. Tradução de José Herculano Pires. São Paulo: LAKE, 2000.

Kardec, A. (1865). *O céu e o inferno: ou a justiça divina segundo o Espiritismo*. 7. Ed. Tradução de Salvador Gentile. Araras: IDE, 1995.

Kardec, A. (1890). *Obras póstumas*. (Trad. de João Teixeira de Paula). 12. ed. São Paulo: LAKE, 1998.

Kannan, R. A. A. (2007). Imaging repressed memories in Motor Conversion Disorder. *Psychosomatic medicine*, 69, 202-205.

Karon, B. P. & Widener, A. J. (2001). Repressed memories: avoiding the obvious. *Psychoanalytic Psychology*, 18 (1), 161-164.

Kelly, E. W. (2007). F. W. H. Myers and the empirical study of the Mind-Body problem. In: Kelly, E. F. et al. *Irreducible mind: toward a psychology for the 21st century* (pp. 47-116). New York: Rowman and Littlefield. Kelly, E. F. et al. (2007). *Irreducible mind: toward a psychology for the 21st century*. New York: Rowman and Littlefield.

Kennedy, J. E., Kanthamani, H. & Palmer, J. (1994). Psychic and spiritual experiences, health, well-being and meaning in life. *The Journal of Parapsychology*, 58, 353-383.

Kennedy, J. E. & Kanthamani, H. (1995a). An exploratory study of the effect of paranormal and spiritual experiences on people's lives and well-being. *The Journal of the American Society for Psychical Research*, 89, 249-265.

Kennedy, J. E. & Kanthamani, H. (1995b). Association between anomalous experiences and artistic creativity and spirituality. *The Journal of the American Society for Psychical Research*, 89, 333-343.

Kennedy, J. E. (2003). The Polarization of Psi Beliefs: Rational, Controlling, Masculine Skepticism versus Interconnected, Spiritual, Feminine Belief. *Journal of the American Society for Psychical Research*, 97, 27-42.

Kennedy, J. E. (2004). What is the purpose of Psi? *Journal of the American Society for Psychical Research*, 98, 1-27.

Kennedy, J. E. (2005). Personality motivations to believe, misbelieve and disbelieve in paranormal phenomena. *Journal of Parapsychology*, 69, 263-292.

Kennedy, J. E. *Skepticism and negative results in borderline areas of science*. Manuscrito não publicado de 1981. Disponível em: <http://jeksite.org/psi/skeptic81.doc>. Acesso em 26 de dez. 2007.

Killen, P., Wildman, R. W. & Wildman, R. W. (1974). Superstitiousness and intelligence. *Psychological Reports*, 34.

Kirby, M. J. (2008). *The impact of religious schema on critical thinking*. 59f. Monografia (Especialização – Educational Specialist). Departamento de Psicologia, Utah State University.

Klimo, J. (1987). *Channeling: Investigations on Receiving Information from Paranormal Sources*. Los Angeles: Jeremy P. Tarcher.

Kohlberg, L. (1981). *The philosophy of moral development*. San Francisco: Harper & Row.

Krippner, S. (1987). Cross-Cultural Approaches to multiple personality disorder: practices in Brazilian Spiritism. *Ethos*, 15 (3), 273-295.

Krippner, S. & Powers, S. M. (Orgs.). (1997). *Broken images, broken selves: dissociative narratives in clinical practice*. Washington (DC): Brunner/Mazel.

Krippner, S. (2000). The epistemology and technologies of shamanic states of consciousness. *Journal of Consciousness Studies*, 7, 93-118.

Krippner, S. & Hövelmann, G. H. (2005). O futuro da pesquisa psi: recomendações em retrospecto. *Boletim Virtual de Pesquisa Psi*, 2.

Kurtz, P. (1996). Two sources of unreason in democratic society: the paranormal and religion. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 775 (1), 493-504.

L

Laing, R. D. (1967/1974). *A política da experiência e a ave do paraíso*. Tradução de Áurea B. Weissenberg. Rio de Janeiro: Vozes.

Lambek, M. (1980). Spirits and spouses: possession as a system of communication among the Malagasy Speakers of Mayotte. *American Ethnologist*, 7(2), 318-331.

Lane, S. T. M. & Codo, W. (orgs.). (1994). *Psicologia Social: o homem em movimento*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense.

- Lange, R. & Houran, J. (1998). Delusion of the paranormal: a haunting question perception. *Journal of Nervous and Mental Disease*, 186 (10), 637-645.
- Lange, R. & Houran, J. (2000). Modeling Maher's attribution theory of delusions as a cusp catastrophe. *Nonlinear Dynamics, Psychology and Life Sciences*, 4 (3).
- Laubach, M. (2004). The social effects of psychism: spiritual experience and the construction of privatized religion. *Sociology of Religion*, 65, 3.
- Laurenti, C. & Barros, M. N. F. (2000). Identidade: questões conceituais e contextuais. *PSI – Revista de Psicologia Social e Institucional*, 2 (1).
- Lawrence, T. R. (1995). How many factors of paranormal belief are there? A critique of the paranormal belief scale. *Journal of parapsychology*, 59, 3-25.
- Leiter, D. L. (2002). The pathology of organized skepticism. *Journal of Scientific Exploration*, 16, 125-128.
- Leiter, D. L. (2004). Organized skepticism revisited. *Journal of Scientific Exploration*, 18 (4), 661-664.
- Leopoldo & Silva, F. (1997). Conhecimento e razão instrumental. *Psicologia USP*, 8 (1), 11- 31.
- Leshan, L. (1994a). Considerações sobre a não-aceitação da paranormalidade. In: *O médium, o místico e o físico: por uma teoria geral da paranormalidade* (pp. 167-171). (Trad. de Carlos Eugênio Marcondes) de Moura. São Paulo: Summus.
- Leshan, L. (1994b). Quando é que Uvani existe? Uma abordagem ao conceito do controle dos guias espirituais. In: *O médium, o místico e o físico: por uma teoria geral da paranormalidade* (pp. 183-193). (Trad. de Carlos Eugênio Marcondes de Moura). São Paulo: Summus.
- Lewgoy, B. (2004). Etnografia da leitura num grupo de estudos espírita. *Horizontes antropológicos*, 10 (22), 255-282.
- Lewgoy, B. (2006). Representações de ciência e religião no Espiritismo kardecista: antigas e novas configurações. *Civitas – Revista de Ciências Sociais*, 6 (2), 151-167.
- Lewgoy, B. (2008). A transnacionalização do Espiritismo Kardecista brasileiro: uma discussão inicial. *Religião e Sociedade*, 28 (1), 84-104.
- Lewis, C. M. (2002). *Investigating students beliefs in the paranormal*. 2002. 181 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia Aplicada, University Of Wisconsin-stout, Wisconsin.
- Lewis, I. M. O. (1977). *Êxtase Religioso*. Editora Perspectiva: São Paulo.
- Lévi-Strauss, C. (1975). O feiticeiro e sua magia. In: *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Lima Filho, A. P. (2002). *O pai e a psique*. São Paulo: Paulus.
- Locke, R. G. & Kelly, E. F. (1985). A preliminary model for the cross-cultural analysis of altered states of consciousness. *Ethos*, 13, 1.
- Lodge, O. (1916). *Raymond or Life and Death*. Read Books, 2008.
- Lombroso, C. (1909). *Hipnotismo e mediunidade*. 5. Ed. Tradução de Almerindo Martins de Castro. Rio de Janeiro: FEB, 1999.
- Lynn, S. J. & Rhue, J. W. (1988). Fantasy proneness: Hypnosis, developmental antecedents, and psychopathology. *American Psychologist*, 43, 35-44.

Lyra, A. (1985). Mesmerismo (Magnetismo Animal). In: Pincherle, L. T. (et al.). *Psicoterapias e estados de transe*. São Paulo: Summus, 1985.

M

Machado, F. R. (2007). Parapsicologia no Brasil: entre a cruz e a mesa branca. *Boletim Virtual de Pesquisa Psi*, São Paulo, v. 2. Disponível em: <<http://www.pesquisapsi.com/content/view/2320/41/lang.pt/>>. Acesso em: 07 mar. 2007.

Machado, F. R. (2009). *Experiências anômalas na vida cotidiana: Experiências extra-sensório-motoras e sua associação com crenças, atitudes e bem-estar subjetivo*. (Pp.344). Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia: Universidade de São Paulo.

Machado, F. R. & Zangari, W. (2007). Percepção extra-sensorial: uma breve revisão de pesquisas e algumas reflexões. *Revista Virtual de Pesquisa Psi*, São Paulo. Disponível em: <<http://www.pesquisapsi.com/revista>>. Acesso em: 07 mar. 2007.

Mackenzie, B. (1987). Parapsychology's critics: a link with the past? *Behavioral and Brain Sciences*, 10 (4), 597.

Maher, B. A. (1992). Delusions: Contemporary etiological hypotheses. *Psychiatric Annals*, 22, 260-268.

Makasovski, T. & Irwin, H. J. (1999). Paranormal belief, dissociative tendencies, and parental encouragement of imagination in childhood. *Journal of the American Society for Psychical Research*, 93, 233-247.

Maraldi, E. O. (2008). *Um estudo exploratório sobre os usos e sentidos das crenças e experiências paranormais na construção da identidade de médiuns espíritas*. (Pp. 247). Trabalho de conclusão de curso (Graduação). Curso de Psicologia, Universidade Guarulhos, São Paulo, Brasil.

Maraldi, E. O. (2009a). Un estudio exploratorio sobre la mediumnidad y la identidad psicosocial. *E-Boletín Psi*, 4.

Maraldi, E. O. (2009b). Mediunidade e identidade psicossocial: um estudo exploratório em psicologia das crenças paranormais. In: *V Encontro Psi – A variedade das Experiências Humanas*. Recife: Destak.

Maraldi, E. O. (2010a). “A primeira mulher a viajar para Marte”: Uma leitura psicossocial das pinturas mediúnicas de Hélène Smith. (Pp. 72). Trabalho de conclusão de curso (Especialização). Curso de História e Análise da Obra de Arte. Universidade Guarulhos, São Paulo, Brasil.

Maraldi, E. O. (2010b). Educação científica e crença no paranormal. In: *VI Encontro Psi – Pesquisa Psi e Neurociências (Livro de Registro dos Trabalhos Apresentados)*. Curitiba, p. 13-22.

Maraldi, E. O. (2010c). Sensações anômalas: aspectos fenomenológicos e psicodinâmicos das experiências mediúnicas. In: *VI Encontro Psi – Pesquisa Psi e Neurociências (Livro de Registro dos Trabalhos Apresentados)*. Curitiba, p. 29-40.

Maraldi, E. O. (2010d). Um modelo de análise psicossocial da atividade de pintura mediúnica. In: *VI Encontro Psi – Pesquisa Psi e Neurociências (Livro de Registro dos Trabalhos Apresentados)*. Curitiba, p. 59-72.

Maraldi, E.O; Machado, F. R. & Zangari, W. (2010). Importance of psychosocial approach to a comprehensive understanding of mediumship: an exploratory study in Brazil. *Journal of Scientific Exploration*, 24 (2), 181-196.

Markovsky, B. & Thye, S. R. (2001). Social influence on paranormal beliefs. *Sociological Perspectives*, 44 (1), p. 21-44.

Marks, D. F. (1988). The psychology of paranormal beliefs. *Experientia*, 44 (4), 332-337.

Martins, J. & Bicudo, M. A. V. (1989). *A pesquisa qualitativa em Psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: EDUC.

Martínez-Taboas, A. (1999). A case of spirit possession and glossolalia. *Culture, Medicine and Psychiatry*, 23, 333-348.

Martins, L. B. (2010). Um estudo exploratório das relações entre experiências anômalas modernas, transtornos mentais de conteúdo anômalo e experiências espirituais. In: *VI Encontro Psi – Pesquisa Psi e Neurociências (Livro de Registro dos Trabalhos Apresentados)*. Curitiba, p. 119-129.

Marx, K. & Engels, F. (1933). *A ideologia alemã*. 2. Ed. São Paulo: Presença / Martins Fontes, 1980.

McGarry, J. J. & Newberry, B. H. (1981). Beliefs in paranormal phenomena and locus of control: A field study. *Journal of Personality and Social Psychology*, 41, 725-736.

McClenon, J. (2000). Content analysis of an anomalous memorate collection: testing hypothesis regarding universal features. *Sociology of Religion*, 61, 2.

McClenon, J. (2004). What is to be done? Evaluating the ritual healing theory. *The Parapsychological Association Convention: Proceedings of Presented Paper*.

Mead, G. H. (1934). *Mind, Self and Society: from the standpoint of a social behaviorist*. Chicago: The University of Chicago Press, 1967. (Paperback edition edited by Charles W. Morris).

Mears, D. P. & Ellison, C. G. (2000). Who buys new age materials? Exploring sociodemographic, religious, network, and contextual correlates of new age consumption. *Sociology of Religion*, 61, 3, 289-313.

Menezes, A. B. (1886). *Uma carta de Bezerra de Menezes*. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994.

Merla-Ramos, M. (2000). Belief and reasoning: the effects of belief on syllogistic reasoning. *Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering*, 61, 558.

Messer, W. S. & Griggs, R. A. (1989). Student belief and involvement in the paranormal and performance in introductory psychology. *Teaching of Psychology*, 16, 187-191.

Miller, J. D. (1987). The Scientifically Illiterate. *American Demographics*, 9, 27-31.

Miranda, H. C. (2008). *Diálogo com as sombras: teoria e prática da doutrinação*. 23. Ed. Rio de Janeiro: FEB.

Miskolci, R. (2003). Reflexões sobre normalidade e desvio social. *Estudos de Sociologia*, 13/14, p. 109-126.

Mizumoto, S. (2010). Dissociação, religião e saúde mental: um estudo prospectivo no Santo Daime e na Umbanda. In: *VI Encontro Psi – Pesquisa Psi e Neurociências (Livro de Registro dos Trabalhos Apresentados)*. Curitiba, p. 130-136.

Moody, T. C. (1994). Conversations with zombies. *Journal of Consciousness Studies*, 1 (2), 196-200.

Moore, D. W. (2007). Three in four americans believe in paranormal: little change from similar results in 2001. *Gallup News Service*. Disponível em: <<http://www.gallup.com/poll/16915/Three-Four-Americans-Believe-Paranormal.aspx>>. Acesso em 10 de maio de 2007.

Moreira-Almeida, A; Almeida, A. A. S & Lotufo Neto, F. (2005). History of “spiritist madness” in Brazil. *History of Psychiatry*, 16 (1), 5-25.

Moreira-Almeida, A; Lotufo Neto, F. & Greyson, B. (2007). Dissociative and psychotic experiences in Brazilian spiritist mediums. *Psychotherapy and psychosomatics*, 76, 57-58.

Moreira-Almeida, A; Lotufo Neto, F. & Cardena, E. (2008). Comparison of brazilian spiritist mediumship and dissociative identity disorder. *The journal of nervous and mental disease*, 196 (5), 420-424.

Moreira-Almeida, A. & Koss-Chiokino, J. D. (2009). Recognition and treatment of psychotic symptoms: spiritists compared to mental health professionals in Puerto Rico and Brazil. *Psychiatry*, 72 (3).

Morier, D. & Keepports, D. (1994). Normal science and the paranormal: the effect of a scientific method course on students’ beliefs. *Research in Higher Education*, 35, 443-453.

Mousseau, M. C. (2003). Media coverage of parapsychology and the prevalence of irrational beliefs. *Journal of Scientific Exploration*, 17 (4), 705-714.

Moysés, M. A. A. & Collares, C. A. L. (1997). Inteligência abstraída, crianças silenciadas: as avaliações de inteligência. *Psicologia USP*, 8 (1), 63-89.

Muhl, A. (1930). *Automatic writing*. Leipzig: Theodor Steinkopff.

Musch, J. & Ehrenberg, K. (2002). Probability misjudgment, cognitive ability, and belief in the paranormal. *British Journal of Psychology*, 93, 169-177.

Myers, F. H. W. (1903). *Human personality and its survival of bodily death*. Hampton Roads Publishing Company Inc, Charlottesville, 2001.

N

Nagy, M. (2003). *Questões filosóficas na psicologia de Carl Jung*. (Trad. de Ana Mazur Spira). Petrópolis: Vozes.

Negro, Jr. P. J. (1999). *A natureza da Dissociação: Um Estudo Sobre Experiências Dissociativas Associadas a Práticas Religiosas*. Tese (Doutorado). Faculdade de Medicina, Universidade São Paulo, 1999.

Nelson, K. & Fivush, R. (2000). Socialization of memory. In: E. Tulving. & F.M. I. Craik. (Ed.). *Handbook of memory*. New York: Oxford University Press, p. 283-296.

Newport, F. & Strausberg, M. (2001). Americans' belief in psychic and paranormal phenomena is up over last decade. *Gallup News Service*. Disponível em: <<http://www.gallup.com/>>. Acesso em 10 de maio de 2007.

Neumann, E. (1991). *A criança*. São Paulo: Cultrix.

Nicolas, S. & Charvillat, A. (1998). Théodore Flournoy (1854-1920) and experimental psychology: historical note. *American Journal of Psychology*, 111 (2).

Nietzsche, F. W. (2005). Obras incompletas. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural.

Northcote, J. (2007). *The Paranormal and the Politics of Truth: A Sociological Account*. UK (Exeter): Imprint-Academic.

Nunes, C. S. (1998). *Transcomunicação – Comunicações tecnológicas com o mundo dos “mortos”*. 4. Ed. Sobradinho: EDICEL.

O

O'Keffe, C. & Wiseman, R. (2005). Testing alleged mediumship: methods and results. *British Journal of Psychology*, 96, 165-179.

Orenstein, A. (2002). Religion and paranormal belief. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 41, 301-311.

Ortiz, R. (2001). Anotações sobre religião e globalização. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 16 (47).

Otis, L. P. & Alcock, J. E. (1982). Factors affecting extraordinary belief. *Journal of Social Psychology*, 118, 77-85.

Owen, A. (1989). *The darkened room: Women, power and spiritualism in late Victorian England*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1989.

Owen, I. M. & Sparrow, M. (1976). *Conjuring up Philip: An adventure in psychokinesis*. New York: Harper & Row.

P

Pacheco, K. M. B. & Ciampa, A. C. (2006). O processo de metamorfose na identidade da pessoa com amputação. *Acta Fisiátrica*, 13(3), 163-167.

Paiva, G. J. (2004). Identidade e pluralismo: identidade religiosa em adeptos brasileiros de novas religiões japonesas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20 (1), 21-29.

Paiva, G. J. (2007). Identidade psicossocial e pessoal como questão contemporânea. *PSICO*, 38 (1), 77-84.

Pallú, T. R. (2009). Trabalho de ajuda em Parapsicologia. In: *V Encontro Psi – As Variedades da Experiência Humana*. Recife: Destak.

Panzini, R. G. (2007). Qualidade de vida e espiritualidade. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 34 (1), p.105-115.

Patto, M. H. S. (1997). Para uma crítica da razão psicométrica. *Psicologia USP*, 8 (1), 47-62.

Parra, A. (Ed.). (2006). *Psicología de las experiencias paranormales: introducción a la teoría, investigación y aplicaciones terapéuticas*. Buenos Aires: Akadía.

Patry, A. L. & Pelletier, L. U. C. G. (2001). Extraterrestrial beliefs and experiences: an application of the theory of reasoned action. *Journal of Social Psychology*, 141 (2), 199-217.

Paulilo, M. A. S. (1999). A pesquisa qualitativa e a história de vida. *Serviço Social em Revista*, 2 (2), 135-148.

Pekala, R. J., Kumar, V. K. & Marcano, G. (1995). Anomalous/paranormal experiences, hypnotic susceptibility and dissociation. *Journal of the American Society for Psychical Research*, 89, 313-332.

Pekala, R. J. & Cardeña, E. (2000). Methodological issues in the study of altered states of consciousness and anomalous experiences. In: Cardeña, E & Lynn, S. J. & Krippner, S. (Ed.). *Varieties of anomalous experience: examining the scientific evidence* (pp. 47-82). Washington: APA, 2000.

Peltzer, K. (2003). Magical thinking and paranormal beliefs among secondary and university students in South Africa. *Personality and Individual Differences*, 35 (6), 1419-1426.

Peralva, M. (1992). Evangelho, Espiritismo e mediunidade. In: *Mediunidade e evolução*. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB.

Peräkylä, A. (1997). Reliability and validity in research based on transcripts. In: Silverman, D. *Qualitative research: theory, method and practice*. London: SAGE.

Peres, N. P. (2001). *Manual prático do espírito*. 18. Ed. São Paulo: Pensamento.

Perkins, S. L. & Allen, R. (2006). Childhood physical abuse and differential development of paranormal belief systems. *Journal of Nervous and Mental Diseases*, 194 (5), 349-355.

Persinger, M. A. & Makarec, K. (1990). Exotic beliefs may be substitutes for religious beliefs. *Perceptual and Motor Skills*, 71, 16-18.

Persinger, M. A.; Tiller, S. G. & Koren, S. A. (2000). Experimental simulation of a haunt experience and paroxysmal electroencephalographic activity by transcerebral complex magnetic fields: induction of a synthetic ghost? *Perceptual and Motor Skills*, 90, 659-674.

Piaget, J. (1969). Sabedoria e ilusões da filosofia. In: *Os pensadores* (Jean Piaget). Tradução de Célia E. A. Di Piero. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

Piaget, J. (1972). Problemas de psicologia genética. In: *Os pensadores* (Jean Piaget). Tradução de Célia E. A. Di Piero. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

Piaget, J. (1975). *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. (Trad. de Alvaro Cabral e Christiano Monteiro Oiticica). 2º ed. Rio de Janeiro: Zahar.

Pinheiro, R. (2004). *Aruanda (pelo espírito Ângelo Inácio)*. São Paulo: Casa dos Espíritos.

Pinheiro, R. (2006). *Tambores de Angola (pelo espírito Ângelo Inácio)*. 2. ed. São Paulo: Casa dos Espíritos.

Pinheiro, R. (2010). *Sabedoria de Preto Velho (pelo espírito Pai João de Aruanda)*. Minas Gerais: Casa dos Espíritos.

Pires, J. H. (1980). *O centro espírita*. São Paulo: Paidéia.

Pires, J. H. (1988). *Ciência espírita e suas implicações terapêuticas*. 3. ed. São Paulo: Paidéia.

Powers, S. M. (1991). Fantasy proneness, amnesia and the UFO abduction phenomenon. *Dissociation*, 4 (1).

Pyysiäinen, I. (2003). *How religion works: towards a new cognitive science of religion*. Leiden: Brill.

Puttini, R. F. (2008). Curandeirismo e o campo da saúde no Brasil. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, 12 (24), 87-106.

R

Randi, J. (1992). Help stamp out absurd beliefs. *Time*, 139 (15), 80.

Ratzinger, J. (2006). That which holds the world together: the pre-political moral foundations of a free state. In: Habermas, J. & Ratzinger, J. *The dialectics of secularization: On reason and religion*. Translated by Brian McNeil. San Francisco: Ignatius Press.

Radin, D. (2008). *Mentes interligadas: evidências científicas da telepatia, da clarividência e de outros fenômenos psíquicos*. São Paulo: Aleph.

Reber, A. S. (1995). *The Penguin Dictionary of Psychology*. 2. Ed. London: Penguin Books.

Reich, W. (1951). *L'accumulateur de l'énergie de l'orgone. Son usage scientifique et médical*. Versão eletrônica para a coleção "Les classiques des sciences sociales". Québec (Chicoutimi): L'Université du Québec à Chicoutimi, 2003.

Reinsel, R. (2003). Dissociation and mental health in mediums and sensitives: a pilot survey. *The Parapsychological Association 46º Annual Convention: proceedings of presented paper.*, pp. 200-221.

Rhine, L. E. (1966). *Canais ocultos do espírito*. (Trad. de Jacy Monteiro). São Paulo: Bestseller.

Ribeiro, R. I. (2010). Os mortos curam: recursos mágico-medicinais da religião tradicional Iorubá no enfrentamento de doenças orgânicas e psicossociais. In: VII Seminário "Psicologia e senso religioso", *Enfrentamento (coping) religioso e saúde*. Caderno de Resumos, p. 32.

Rice, T. W. (2003). Believe it or not: religious and other paranormal beliefs in the united states. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 42 (3), 95-106

Richard, M. P. & Adato, A. (1980). The medium and her message: a study of spiritualism at Llily Dale, New York. *Review of religious research*, 22 (2), 186-197.

Richeport, M. M. (1992). The interface between multiple personality, spirit mediumship and hypnosis. *American Journal of Clinical Hypnosis*, 34 (3), 168-177.

Roberts, M. J. & Seager, P.B. (1999). Predicting belief in paranormal phenomena: a comparison of conditional and probabilistic reasoning. *Applied Cognitive Psychology*, 13, 443-450.

- Roe, C. A. (1998a). Belief in the paranormal and attendance at psychic readings. *Journal of the American Society for Psychical Research*, 92, 25-51.
- Roe, C. A. (1998b). Critical thinking and belief in the paranormal: a re-evaluation. *British Journal of Psychology*, 90, 85-98.
- Rocha, D. & Deusdará, B. (2005). Análise de conteúdo e análise do discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. *ALEA*, 7 (2), 305-322.
- Rogo, D. S. (1986). *Life after death: the case for survival of bodily death*. London: Guild Publishing.
- Rogers, P, Qalter, P, Phelps, G & Gardner, K. (2006). Belief in the paranormal, coping and emotional intelligence. *Personality and Individual Differences*, 41 (6), 1089-1105.
- Roig, M., Bridges, K., R., Renner, C. H. & Jackson, C. R. (1998). Belief in the paranormal and its association with irrational thinking controlled for context effects. *Personality and Individual Differences*, 24 (2), 229-236.
- Rogar, S. (2009). Mistérios entre o céu e as prefeituras. In: *Revista Veja*, ano 42, n. 30.
- Ronan, C. A. (2001). *História ilustrada da ciência da Universidade de Cambridge: da renascença à revolução científica*. (volume 3). (Trad. de Jorge Enéas Fortes). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Ross, C. A., Joshi, S. & Currie, R. (1990). Dissociative experiences in the general population. *American Journal of Psychiatry*, 147, 1547-1552.
- Ross, C. A & Joshi, S. (1992). Paranormal experiences in the general population. *The Journal of Nervous and Mental Diseases*, 180, 357-61.
- Roxburgh, E. C. (2007). The psychology and phenomenology of mediumship: an exploratory survey. In: *The Parapsychological Association 50th Annual Convention: Proceedings of Presented Paper*. Canada: Parapsychological Association.
- Royalty, J. (1995). The generalizability of critical thinking: paranormal beliefs versus statistical reasoning. *The Journal of Genetic Psychology*, 156 (4), 477-488.
- Russel, D. & Jones, W. H. (1980). When superstition fails: reactions to disconfirmation of paranormal beliefs. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 6 (1), 83-88.

S

- Sagan, C. (1995). *O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro*. (Tradução Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- Sage, M. (1902). *Madame Piper et la société anglo-américaine pour les recherches psychiques*. Paris: Leymarie.
- Sarbin, T. R. (1954). Role Theory. In: Lindzey, G. & Aronson, E. *Handbook of social psychology*. (vol 1). Cambridge: Addison-Wesley.
- Scharfetter, C. (1998). Occultism, parapsychology and the esoteric from the perspective of psychopathology. *Fortschritte der Neurologie-Psychiatrie*, 66 (10), 474-482.
- Scheibe, K. E. (1995). *Self Studies: The Psychology of Self and Identity*. Westport: Praeger.
- Schiltz, M; Wiseman, R; Watt, C. & Radin, D. (2006). Of two minds: sceptic proponent collaboration within parapsychology. *British Journal of Psychology*, 97, 313-322.
- Schofield, K. & Claridge, G. (2007). Paranormal experiences and mental health: schizotypy as an underlying factor. *Personality and Individual Differences*, 43 (7), 1908-1916.

- Schwartz, G. E. & Simon, W. L. (2002). *The Afterlife experiments: breakthrough scientific evidence of life after death*. New York: Pocket Books.
- Schwartz, L. M. (1997). Dos males da medida. *Psicologia USP*, 8 (1), 33-45.
- Seligman, R. (2005). Distress, dissociation and embodied experience: reconsidering the pathways to mediumship and mental health. *Ethos*, 33 (1), 71-99.
- Shamdasani, S. (1994). Encountering Hélène: Théodore Flournoy and the Genesis of Subliminal Psychology. In: Flournoy, T. (1900). *From India to the Planet Mars: a case of multiple personality with imaginary languages*. Princeton, NJ: Princeton University Press, pp. xi-xii.
- Shamdasani, S. (1998). From Geneva to Zurich: Jung and French Switzerland. *Journal of Analytical Psychology*, 43, 115-126.
- Shamdasani, S. (2000). Misunderstanding Jung: the afterlife of legends. *Journal of Analytical Psychology*, 45, 459-472.
- Sharp, L. A. (1995). Playboy princely spirits of Madagascar: Possession as youthful commentary and social critique. *Anthropological Quarterly*, 68(2), 75-88.
- Sharps, M. J; Matthews, J. & Asten, J. (2006). Cognition and belief in paranormal phenomena: gestalt/feature-intensive processing theory and tendencies toward ADHD, depression and dissociation. *The Journal of Psychology*, 140 (6), 579-590.
- Sherwood, S. J. (2002). Relationship between the hypnagogic/hypnopompic states and reports of anomalous experiences. *The Journal of Parapsychology*, 66, 127-150.
- Shimabucuro, A. H. (2010). *Representações sociais de fenômenos anômalos em profissionais clínicos de Psicologia e Psiquiatria*. 258f. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- Shultz, D. P. & Shultz, S. E. (1999). *História da psicologia moderna*. 11. ed. São Paulo: Cultrix.
- Singer, B. & Benassi, V. A. (1981). Occult beliefs. *American Scientist*, 69, 49-55.
- Silverman, D. (2010). *Um livro bom, pequeno e acessível sobre pesquisa qualitativa*. Tradução de Raul Rubenich. Porto Alegre: Bookman.
- Smith, M. D., Foster, C. L. & Stovin, G. (1998). Intelligence and paranormal belief: examining the role of context. *Journal of Parapsychology*, 62, p. 65-77.
- Smith, J. C. & Karmin, A. D. (2002). Idiosyncratic reality claims, relaxation, dispositions and ABC relaxation theory: happiness, literal christianity, miraculous powers, metaphysics and the paranormal. *Perceptual and Motor Skills*, 95 (3), 1119-1128.
- Somasundaran, D; Thivakaran, T. & Bhugra, D. (2008). Possession states in northern Sri Lanka. *Psychopathology*, 41, 245-253.
- Sonia, R. (2000). *Transcomunicação Instrumental – Espiritismo e Ciência*. São Paulo: DPL.
- Souto Maior, M. (2003). *As vidas de Chico Xavier*. São Paulo: Editora Planeta.
- Sparks, G. G. (2001). The relationship between paranormal beliefs and religious beliefs. *Skeptical Inquirer*, 18, 386-395.
- Spindola, T. & Santos, R. S. (2003). Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora)? *Revista da Escola de Enfermagem*, 37 (2), 119-126.

Spink, M. J. (2003). A construção social do saber sobre a saúde e a doença. In: Spink, M. J. et al. *Psicologia social e saúde: práticas, saberes e sentimentos*. Petrópolis: Vozes.

Stark, R. & Bainbridge, W. S. (1996). *A theory of religion*. New Brunswick: Rutgers University Press.

Stein, L. M. et al. (2010). *Falsas memórias: fundamentos científicos e suas aplicações clínicas e jurídicas*. Porto Alegre: Artmed.

Stevenson, I. (1989). Thoughts on the decline of major paranormal phenomena. *Proceedings of the Society for Psychical Research*, 57.

Stevenson, I. (2003). *European cases of reincarnation type*. North Carolina: McFarland and Company Inc.

Stoll, S. J. (2002). Religião, ciência ou auto-ajuda? Trajetos do Espiritismo no Brasil. *Revista de Antropologia*, 45 (2).

Stoll, S. J. (2004). Narrativas biográficas: a construção da identidade espírita no Brasil e sua fragmentação. *Estudos Avançados*, 18 (52), 181-199.

T

Tabone, M. (2003). *A psicologia transpessoal: introdução à nova visão da consciência em psicologia e educação*. São Paulo: Cultrix.

Talvitie, V. & Ihanus, J. (2002). The repressed and implicit knowledge. *International Journal of Psychoanalysis*, 83, 1311-1323.

Tam, W. C. C. & Shiah, Y. J. (2004). Paranormal belief, religiosity and cognitive complexity. *Proceedings of The parapsychological Association Convention*, 423-429.

Tart, C. T. (1984). Acknowledging and Dealing with the Fear of Psi. *Journal of the American Society for Psychical Research*, 78, 133-143.

Tart, C. T. (2000). *States of consciousness*. Lincoln: iUniverse.com / Backimprint.com.

Taylor, E. (1998). Jung before Freud, not Freud before Jung: the reception of Jung's work in American psychoanalytic circles between 1904 and 1909. *Journal of Analytical Psychology*, 43, 97-114.

Thakur, S. & Pirta, R. S. (2009). Mental health and cognitive representations of people experiencing spirit possession. *Journal of the Indian Academy of Applied Psychology*, 35, (2), 203-209.

Thalbourne, M. (2000). Transliminality: a review. *International Journal of Parapsychology*, 11, 1-34.

Thalbourne, M. A. & Delin, P. S. (1994). A common thread underlying belief in the paranormal, creative personality, mystical experience and psychopathology. *Journal of Parapsychology*, 58, 3-38.

Thalbourne, M. A., Dunbar, K. A. & Delin, P. S. (1995). An investigation into correlates of belief in the paranormal. *The Journal of the American Society for Psychical Research*, 89, 215-231.

Thalbourne, M. A. & Nofi, O. (1997). Belief in the paranormal, superstitiousness and intellectual ability. *Journal of the Society for Psychical Research*, 61, 365-371.

Thalbourne, M. A. (2006). *A Brief Treatise on Coincidences*. Disponível em:
<<http://www.parasych.org/PDF/coincidence.pdf>>. Acesso em: 19/11/2007.

Tobacyk, J. (1983a). Death threat, death concerns and paranormal belief. *Death Studies*, 7 (2), 115-124.

Tobacyk, J. (1983b). Reduction in paranormal belief among participants in a college course. *Skeptical Inquirer*, 8, 57-61.

Tobacyk, J. J. & Milford, G. (1983). Belief in paranormal phenomena: Assessment instrument development and implications for personality functioning. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44, 1029-1037.

Tobacyk, J. J., Miller, M. & Jones, G. (1984). Paranormal beliefs of high school students. *Psychological Reports*, 55, 255-261.

Tobacyk, J. J., Nagot, E. & Miller, M. (1988). Paranormal beliefs and locus of control: a multidimensional examination. *Journal of Personality Assessment*, 52, 241-246.

Tobacyk, J. J. (1985). Paranormal beliefs and identity achievement. *Psychological reports*, 56 (1), 26.

Tobacyk, J. J. (1995). What is the correct dimensionality of paranormal beliefs? A reply to Lawrence's critique of the paranormal belief scale. *Journal of parapsychology*, 59, 27-46.

Tobacyk, J. J. (2004). A revised Paranormal Belief Scale. *The International Journal of Transpersonal Studies*, v. 23, n. 23, p. 94-98.

V

Van der Lans, J. M. (1977). Religious experience: an argument for a multidisciplinary approach. *The Annual Review of the Social Sciences of Religion*, 1, 133-142.

Van der Veer, R. & Valsiner, J. (1991). Sociogenetic perspectives in the work of Pierre Janet. *Storia della psicologia*, 3, 6-23.

Vasconcellos, T. S. & Trócoli, B. T. (2004). Crenças no paranormal e estilos de pensamento racional versus experiencial. *Psico-USF*, 9 (2), 155-164.

Vesme, C. (1915). Une très remarquable prediction concernant la guerre de 1870-71 et celle de 1914-1915. *Annales des Sciences Psychiques*, 1,2,3, 224-232.

W

Wallace, A. R. (1866). *O aspecto científico do sobrenatural*. São Paulo: Lachâtre, 2003.

Walsh, R. (1997). The psychological health of shamans: a reevaluation. *Journal of the American Academy of Religion*, 65 (1), 101-124.

Walsh, R. (1998). New views of timeless experiences: contemporary research on the nature and significance of transpersonal experiences. *The Heffer Review of Psychedelic Research*, 1, 62-64.

Watt, C. & Wiseman, R. (2002). Experimenter differences in cognitive correlates of paranormal belief and in psi. *Journal of Parapsychology*, 66, 371-385.

Watt, C., Watson, S. & Wilson, L. (2007). Cognitive and psychological mediators of anxiety: evidence from a study of paranormal belief and perceived childhood control. *Personality and Individual Differences*, 42 (2), 335-346.

Watzlawick, P., Beavin, J. H. & Jackson, D. D. (1967). *Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação*. 14. Ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

Wesp, R. & Montgomery, K. (1998). Developing critical thinking through the study of paranormal phenomena. *Teaching of Psychology*, 25, 275-278.

Wierzbicki, M. (1985). Reasoning errors and belief in the paranormal. *Journal of Social Psychology*, 125, 489-494.

Williams, B. J. & Roll, W. G. (2007). Spirit controls and the brain. In: *The Parapsychological Association 50th Annual Convention: Proceedings of Presented Paper*. Canada: Parapsychological Association.

Wilkinson, P. J. & Coleman, P. G. (2010). Strong beliefs and coping in old age: a case-based comparison of atheism and religious faith. *Ageing and Society*, 30(2), 337-361.

Wilson, K. & French, C. C. (2004). Memory conformity and paranormal belief. In: *Parapsychological Association Convention: proceedings of presented papers*.

Wink, P. & Dillon, M. (2002). Spiritual development across the adult life course: findings from a longitudinal study. *Journal of Adult Development*, 9 (1).

Wiseman, R. & Greening, E. (2005). 'It's still bending': verbal suggestion and alleged psychokinetic ability. *British Journal of Psychology*, 96, 115-127.

Wiseman, R., Greening, E. & Smith, M. (2003). Belief in the paranormal and suggestion in the séance room. *British Journal of Psychology*, 94, 285-297.

Wiseman, R. & Smith, M. D. (2002). Assessing the role of cognitive and motivational biases in belief in the paranormal. *Journal of the Society for Psychical Research*, 66, 157-166.

Wiseman, R. & Watt, C. (2006). Belief in psychic ability and the misattribution hypothesis: a qualitative review. *British Journal of Psychology*, 97, 323-338.

Wolfradt, U. (1997). Dissociative experiences, trait anxiety and paranormal beliefs. *Personality and Individual Differences*, 23, 15-19.

Wolfradt, U., Oubaid, V., Straube, E. R., Bischoff, N & Mischo, J. (1999). Thinking styles, schizotypal traits and anomalous experiences. *Personality and Individual Differences*, 27, 821-830.

Wright, S. H. (2009). Antecedentes familiares en psíquicos adultos. *E-Boletín Psi*, 4.

X

Xavier, F. C. (1987). *Pérolas do além: extratos de obras mediúnicas (organizado pelo espírito Emmanuel)*. Rio de Janeiro: FEB.

Xavier, F. C. (2008). *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho (pelo espírito Humberto de Campos)*. 33. Ed. Rio de Janeiro: FEB.

Xavier, F. C. & Vieira, W. (1975). *Desobsessão (pelo espírito André Luiz)*. 3. Ed. Rio de Janeiro: FEB, 1997.

Xavier, F. C. & Vieira, W. (1997). *Mecanismos da mediunidade (pelo espírito André Luiz)*. 15. Ed. Rio de Janeiro: FEB.

Xavier, F. C. & Vieira, W. (2004). *Evolução em dois mundos (pelo espírito André Luiz)*. 22. Ed. Rio de Janeiro: FEB.

Z

Zangari, W. (2003). *Incorporando papéis: Uma leitura psicossocial do fenômeno da mediunidade de incorporação em médiuns de Umbanda*, 350 f. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Zangari, W. (2005). Uma leitura psicossocial do fenômeno da mediunidade de Umbanda. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 15, (3), 70-88.

Zangari, W. (2007). Estatuto científico da parapsicologia. *Revista Virtual de Pesquisa Psi*, São Paulo. Disponível em: <<http://www.pesquisapsi.com/revista>>. Acesso em: 07 mar. 2007.

Zangari, W. (2009). Psicologia anomalística no Brasil: desafiando o futuro. In: *V Encontro Psi – A variedade das experiências humanas*. Recife: Destak.

Zangari, W. & Machado, F. R. (1996). Survey: Incidence and Social Relevance of Brazilian University Students's Psychic Experiences. *European Journal of Parapsychology*, 12, 75-87.

Zangari, W. & Machado, F. R. (2001). Parapsychology in Brazil: a science entering young adulthood. *Journal of parapsychology*, 65, 351-356.

Zangari, W & Maraldi, E. O. (2009a). Psicologia da mediunidade: do intrapsíquico ao psicossocial. *Boletim da Academia Paulista de Psicologia*, v. 77, n. 2.

Zangari, W & Maraldi, E. O. (2009b). Diferentes perspectivas psicológicas no estudo da mediunidade. In: *V Encontro Psi – As Variedades da Experiência Humana*. Recife: Destak.

Zangari, W., Maraldi, E. O. & Machado, F. R. (2010). Estudo da sobrevivência: considerações metodológicas e epistemológicas. In: *VI Encontro Psi – Pesquisa Psi e Neurociências (Livro de Registro dos Trabalhos Apresentados)*. Curitiba, p. 48-58.

Zingrone, N. L. (1994). Images of woman as medium: Power, pathology and passivity in the writings of Frederic Marvin and Cesare Lombroso. In: Coly, L. & White, R. A. (Eds.). *Women and parapsychology: Proceedings of an international conference* (pp. 90-123). New York: Parapsychology Foundation.

Zusne, L. & Jones, W.H. (1989). *Anomalistic Psychology: A Study of Magical Thinking*. 2. ed. New York: Lawrence Erlbaum Associates.

Apêndices

Apêndice A –

Exemplar do capítulo de análise

De Maraldi (2008)¹

¹ Maraldi, E. O. (2008). *Um estudo exploratório sobre os usos e sentidos das crenças e experiências paranormais na construção da identidade de médiuns espíritas*. (Pp. 247). Trabalho de conclusão de curso (Graduação). Curso de Psicologia, Universidade Guarulhos, São Paulo, Brasil.

CAPÍTULO SEIS – SOBRE OS USOS E SENTIDOS DA MEDIUNIDADE NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Sobre a distância temporal que nos separa do fato lembrado, teríamos ainda a considerar que o sujeito realiza uma ordenação pessoal. Essa ordenação obedece a uma lógica afetiva cujos motivos ignoramos; enfim, recontar [a própria história de vida] é sempre um ato de criação. (2003, p. 62)

O passado reconstruído não é refúgio, mas uma fonte, um manancial de razões para lutar. A memória deixa de ter um caráter de restauração e passa a ser memória geradora do futuro. É bom lembrar com Merleau-Ponty que o tempo da lembrança não é o passado mas o futuro do passado. (2003, 66 e 67)

- Ecléa Bosi

Nos três primeiros capítulos, revisamos a bibliografia pertinente às crenças paranormais e à mediunidade. No capítulo quatro, dedicamo-nos a explorar a teoria de Ciampa e Habermas sobre identidade, apresentando assim o referencial teórico em que nos fundamentamos para empreender a análise das entrevistas. No capítulo anterior, explicitamos toda a metodologia empregada e as categorias que nortearam a análise efetuada neste capítulo. Aqui, são apresentadas as histórias de I.N. e E.D.E., que encarecidamente aceitaram participar de nosso estudo exploratório sobre os usos e sentidos das crenças e experiências paranormais na construção da identidade. Para que chegássemos neste ponto do trabalho, foi necessário realizar antes uma boa revisão da literatura a respeito, pois as histórias de vida nos exigiram uma compreensão acurada do que se pretendia estudar. Uma história de vida é, quase sempre, rica e complexa, cheia de passagens reveladoras e contradições, elementos que só poderão ser assimilados e interpretados desde que devidamente alicerçados numa compreensão do fenômeno a ser elucidado.

As hipóteses levantadas a seguir baseiam-se na proposta de Ciampa (1987) de que a pesquisa sobre a identidade deve buscar o desvelamento do que se mostra velado, isto é, trazer à tona os processos (ou modos) de construção da identidade subjacentes àquilo que é dado como uma característica inerente ao indivíduo, como substância. A

pesquisa sobre a identidade mediúnica deve possibilitar o desvelamento de seus modos de produção dominantes, situados aquém dos aspectos puramente descritivos.²

7.1 A mediunidade como projeto de vida

8. I.N: *Passei quase que a minha vida inteira pra começar a entender sobre a espiritualidade.*

- Médium I.N.

A possibilidade de se identificar como humano não nos é dada de antemão, ao contrário do que se concebe usualmente. Como vimos no capítulo quatro, a condição humana é conquistada graças a um *projeto de vida*, um projeto de identidade, que leva boa parte da vida – senão a vida inteira – para se concretizar (CIAMPA, 1987). Acreditamos, por meio das histórias de vida de E.D.E e I.N., que a mediunidade está a serviço deste projeto. A descoberta da mediunidade na vida dessas duas mulheres, as auxiliou, nos termos da teoria da identidade, a se identificarem e a serem identificadas como humanas – ou mais humanamente do que se apresentavam até então. A mediunidade representou para elas, acima de tudo, o início de uma jornada em busca de um significado emocional e espiritual para suas existências, um significado que transcendesse as condições sociais e biológicas previamente determinadas, e que

² No decorrer de nossa análise, citamos alguns dos trechos pertencentes ao relato das médiuns – relato que pode ser verificado na íntegra ao final da presente monografia. Para que a leitura das passagens aqui reunidas seja mais bem compreendida, indicamos a seguir a legenda empregada nas transcrições.

[] : os colchetes referiram-se a palavras ou frases utilizadas para preencher eventuais lacunas entre um trecho e outro da narrativa, dando coerência ao texto. Também foi usado nas passagens em que se relatam eventos circundantes à entrevista (ex: pessoas que se aproximam das entrevistadas para lhes perguntar algo). Neste último caso, o conteúdo é demarcado em itálico para melhor identificação;

/ : a barra designa certos momentos do relato em que um determinado assunto é bruscamente interrompido e substituído por outro, uma espécie de alternância na linha do pensamento;

– : o travessão é empregado nas ocasiões em que as entrevistadas interrompem o relato para fazer um breve comentário explicativo entre um trecho e outro da narrativa, mas sem perder de vista o assunto que está sendo falado – ao contrário do símbolo anterior;

... : as reticências indicam pausas demoradas;

“ ” : as aspas foram utilizadas em passagens do relato atribuídas a outras pessoas;

() : os parênteses serviram para designar trechos da gravação que não ficaram suficientemente audíveis e compreensíveis, e sobre os quais não se tem total certeza da transcrição. Como o leitor poderá perceber, as citações de partes da transcrição foram acompanhadas do número do parágrafo em que se encontram transcritas nos anexos, sendo possível identificar de onde a informação foi retirada.

fornecesse um sentido maior para os sofrimentos que as haviam acometido desde sua infância. Suas mediunidades nomearam aqueles sentimentos mais difíceis de enfrentar, e forneceram a elas modos socialmente aceitos de ser e agir no mundo, ajudando-as a livrar-se da confusão emocional e cognitiva em que se encontravam anteriormente. Podemos resumir a nossa proposta de análise neste tópico como a hipótese de que a *identidade mediúnica tende a organizar as experiências emocionais das médiuns ao fornecer-lhes um projeto de vida antes inexistente ou inconcebível*. É o que veremos com maiores detalhes a seguir.

A descrição que as entrevistadas fazem de si mesmas, antes de se tornarem médiuns, parece acompanhar sempre uma perspectiva de vida dolorosa, sofrida, envolta em doenças e perturbações, problemas pessoais e familiares. I.N. e E.D.E tendem a enxergar seu passado antes da ‘descoberta’ da mediunidade, como marcado por problemas que só se resolveriam com a assunção do Espiritismo, problemas que pareciam, na verdade, esperar essa adesão à doutrina e à mediunidade, como uma predestinação. É sob esse prisma que suas histórias de vida serão ressignificadas, re-interpretadas com base na visão de mundo espírita. Aquilo que, inicialmente, era apenas um amontoado de experiências confusas e sem sentido, passa a ganhar um referencial, um enquadramento, a partir do Espiritismo. Emoções perturbadoras como medo e insegurança, ou mesmo sintomas físicos cujas causas seriam aparentemente desconhecidas, passaram a ser interpretados como sendo de origem mediúnica, fato que cumpre não apenas determinadas funções psicodinâmicas, mas que igualmente as leva a adentrar um sistema de referência social, o centro, o qual acolhe e interpreta suas experiências, conduzindo-as à possibilidade de encontrar, finalmente, um significado humano emocional e espiritual para os eventos que caracterizaram suas trajetórias.

Ambas passaram por uma infância bastante difícil. Enquanto E.D.E adoecia frequentemente, I.N. enfrentava problemas psicológicos e familiares. E.D.E. era constantemente internada e, segundo ela, seu quadro era incompreensível perante os médicos, que não conseguiam decidir-se quanto ao diagnóstico. Já I.N., cresceu em um ambiente marcado por brigas entre os pais, e seus irmãos parecem ter desempenhado um papel bem mais significativo em sua vida.

2. I.N: [...] eu fui a terceira filha numa época difícil, então vamos dizer que foi uma gravidez indesejada. Minha mãe vem de uma família de pai alcoólatra e mãe

epilética. Então já vem com vários distúrbios; ela teve dois irmãos, um chegou até a sumir. Então ela já vem de uma família com alguns problemas psicológicos, depressão, alteração, muito nervoso, né. [...] E eu sempre então cresci com medo de não sabia o quê. Eu tinha muito medo, medo de tudo, não dormia direito, sonâmbula, uma pessoa muito acuada, muito medrosa. Que eu lembro assim, a minha vida quase inteira eu tive medo. E isso era assim, era sonho/ Principalmente dormir, não dormia; normalmente eram sonhos negativos... [...] Sempre um medo, por falta de conhecimento, eu não sabia do quê [...]

8. IN: [...] Meus pais brigavam um pouco. Meus irmãos já tinham uma idade um pouco maior [...] eu falo sempre que eu tive dois pais e duas mães né, porque eles [irmãos] de certa maneira foram uns anjos que Deus enviou aqui pra mim (risos) que me protegeram muito, orientaram [...] não foi aquela harmonia, aquela união. Não é como eu acho que é hoje, que os pais procuram se aproximar mais dos filhos né.

Em ambos os casos, as experiências consideradas paranormais teriam se iniciado já durante a infância. No caso E.D.E, as manifestações ditas mediúnicas são mais ostensivas, caracterizadas por visões e audições realistas de figuras não perceptíveis aos familiares e a outras pessoas de seu convívio. Tais situações não foram bem recebidas de início, e nela geravam muito medo.

4. E.D.E: [...] E... desde criança, desde a minha fase assim de quatro anos que eu me lembre, cinco anos de idade, que eu tenho problemas muito sérios, que a família, os pais, não sabiam de onde vinha, né, até por não entender. Então eu tinha assim um problema muito sério, porque eu já tinha uma vidência muito ativa, então pra mim enxergar os dois lados era normal. [...] 8. E.D.E: Tinha vez de você estar num ambiente que você sabe que só tem a tua família ali e aparece uma pessoa estranha e você não sabe de onde surgiu... então esse problema vem desde a infância. [...] me afetava demais, eu não tinha assim a confiança de dizer o que eu tava vendo, o que eu tava ouvindo, porque não era só o ver, era o ouvir também. Então eu tinha assim aquele medo de contar... e se eu contar e achar que... que é coisa da minha cabeça...

Sem saber o que fazer, E.D.E resolve abrir-se com sua mãe, na esperança de encontrar nela um respaldo para relatar suas estranhas vivências. Ao ver um espírito, chamava-a até o local no intuito de mostrar-lhe o que via, mas em vão, já que sua mãe nada enxergava. Seu tio limitava-se a dizer que era coisa de criança e que a mãe a levasse a uma benzedeira. Assim foi feito. Porém, os esforços para eliminar as aparições se mostraram inúteis e E.D.E permaneceu tendo visões e audições que considerava paranormais. Lembra-se, certa vez, de um homem que lhe aparecia constantemente em um dos cômodos da casa, sempre agachado e a observá-la, sem nada dizer. Era um senhor de cabelos e barba brancos, de um olhar muito sério. E.D.E o evitava tanto quanto podia, ao desviar-se da sala onde ele costumava aparecer. Sempre que acometida pela

visão daquele homem, fugia velozmente. Contudo, houve uma ocasião na qual lhe foi impossível correr, de aterrorizada que estava, e o tal homem resolveu finalmente comunicar-se:

72. E.D.E: [...] nessa vez aconteceu assim: eu entrei na sala, até porque ia pegar umas coisas na estante, fazer trabalho de escola, já era mais grandinha. Aí que eu entrei, ta lá, mesma posição. Aí, nem pensei duas vezes, já virei pra correr. Aí foi a primeira vez que falou comigo depois de muitos anos: “você não vai fugir dessa vez, você vai ficar aí e você vai me ouvir”. Aí veio de pé, ficou na minha frente e falou: “você vai me ouvir, eu não sei por que você tem tanto medo de mim; não é pra ter medo”. Bom, eu não conseguia falar nada, imagina, nem saía nada, né, só ouvia mesmo. “Você não precisa ter medo de mim porque, se eu to do seu lado, um dia você vai entender, é pro seu bem. Eu não quero o seu mal, eu quero o seu bem. E eu vou estar sempre do seu lado, em todos os momentos... por pior que seja eu vou estar do seu lado”. E do mesmo jeito que apareceu ele sumiu, não sei por onde, não sei... se desfez no ar, e aí eu fiquei dura e parada no mesmo lugar, até minha mãe entrar na sala e me tirar do choque.

Uma das principais dificuldades enfrentadas pelas médiuns no período anterior à adesão ao Espiritismo, era a busca por uma explicação que lhes parecesse satisfatória em relação às experiências e aos problemas que enfrentavam. O caso E.D.E, pela riqueza de detalhes com que é narrado, serve de ótimo exemplo. Detenhamo-nos nele um pouco mais.

Tendo sido criada em uma família católica, E.D.E não dispunha até então de outra referência religiosa a não ser a figura do padre, a quem recorria frequentemente no intuito de sanar suas indagações. Lembra-se que com sete anos de idade já havia feito a comunhão: “108. E.D.E: [...] sempre fui meio adiantada nas coisas que eu quis fazer”. Tinha o costume de discutir com o padre sobre questões de natureza religiosa e o questionava muito. Mostrava-se rebelde aos ideais da igreja e com a idade de oito anos, decide não mais confessar-se para o padre antes da comunhão. Continuou a frequentar a igreja até a adolescência, e passou a buscar outras denominações religiosas, descontente com a que esposara inicialmente: “10. E.D.E: eu queria entender o que acontecia comigo, só que... chega uma hora que não te satisfaz. As perguntas que você tem... eles não tinham respostas, né.” Além de suas supostas experiências paranormais, E.D.E via-se constantemente atingida por doenças que, segundo ela, iam e viam sem que se descobrisse suas origens. Por volta dos doze anos de idade, vê-se acometida, de acordo com seu relato, por uma grave enfermidade física, cujas causas permanecem até hoje

incompreendidas. “14. E.D.E: [...] Aí fiquei na UTI, eles desenganaram, falaram pra minha mãe que eu não ia sobreviver, que era uma doença desconhecida, que não tinha explicação e eu fui assim de um hospital pro outro”. Seguindo um padrão semelhante a quadros anteriores, a enfermidade veio e se foi repentinamente, mas não sem deixar seqüelas.

Durante dois anos, E.D.E não pôde mais locomover-se; perdera totalmente os movimentos da cintura para baixo. Por sua vez, já não mantinha o mesmo nível de consciência que tinha sobre as coisas. Hoje, ao tentar recordar-se de suas experiências durante aqueles dois anos, nada restou em sua memória. “14. E.D.E: [...] Eu entrei numa fase assim... sabe quando alguém desliga um botãozinho da sua memória e você só recupera esse botãozinho dois anos depois?”. A lacuna foi parcialmente preenchida a partir do que lhe disseram seus parentes. A recuperação havia sido lenta e dolorosa e só se deu graças às muitas sessões de fisioterapia que realizou. Mas nenhuma dessas informações foi suficiente para reavivar suas lembranças: “14. E.D.E: [...] Então esses dois anos ficou assim um... espaço vazio. [...] eles estão em branco.” Nem mesmo as sessões de psicoterapia realizadas posteriormente lhe ajudaram a recordar o tempo perdido: “14. E.D.E: [...] Pra mim não conta. Eu parei com doze e voltei com quase quinze, né, quatorze pra quinze.”

Após esse período conturbado, segue-se uma fase de equilíbrio. Dos dezessete aos dezoito anos, E.D.E passa a trabalhar e a fazer faculdade, e aos vinte, se casa. Tudo caminha bem até a gravidez, quando um novo ciclo de contratempos se inicia. A gravidez difícil lhe traz de volta às internações constantes. Felizmente, ao final de tudo, o bebê nasce “maravilhoso, tudo bem, tudo ótimo” (sic). Alguns anos depois, prepara-se novamente para enfrentar o ambiente hospitalar. Desta vez, faria uma cirurgia para tratar do hipertireoidismo que carregava desde criança. Suas expectativas quanto à cirurgia eram grandes, já que a doença não pôde ser tratada anteriormente, em vista das complicações que apresentara. Sua filhinha tinha já um ano de idade nessa época. Aparentemente, a cirurgia seria rápida e simples; em três dias E.D.E estaria de volta ao lar. Sentia-se fisicamente preparada e todos os exames necessários haviam sido feitos. No entanto, sua vida emocional sofreria um duro golpe.

22. E.D.E: [...] quando faltava um dia pra me internar, uma pessoa assim que eu adorava, nossa, uma pessoa muito importante na minha vida que era um cunhado meu, faleceu assim rapidamente, né, ele desmaiou, passou mal, foi pro hospital, voltou pra casa, foi pro hospital, morreu. Eu já com a cirurgia marcada, internação pro dia seguinte, eu falei: não vou adiar, já foi tão difícil conseguir, né, depois de tantos anos assim, uma fase de equilíbrio pra essa cirurgia, eu não vou desmarcar. Vou pra cirurgia, eu to bem, to ótima, vou. Aí internei no dia seguinte.

O falecimento do cunhado, ainda que doloroso, não a demoveu de seu objetivo. No dia seguinte, foi internada e seguiu para a intervenção cirúrgica. “22. [...] só que... da anestesia eu já não voltei. Já entrei em estado de coma... [...] eu não voltei da anestesia, e eu só me lembro assim, do que foi contado pra mim.” Ao comparar o estado de coma decorrido da cirurgia, com o “branco” que vivenciara anos atrás durante a sua adolescência, E.D.E distingue a segunda vez pela experiências paranormais que teriam ocorrido enquanto permanecia desacordada no hospital.

22. E.D.E: [...] dessa vez, foi diferente daquele primeiro estado de coma que eu tive na adolescência, dessa vez eu não lembrava de nada aqui, né, do nosso mundo aqui material, mas aí eu me recordava de tudo do outro lado. Então quando eu voltei, quando eu acordei, a primeira coisa que eu pedi foi papel e caneta porque eu precisava escrever o que eu tinha tido de experiência do outro lado.

Seu estado mental durante o segundo coma parecia distinguir-se nitidamente do que a havia acometido da primeira vez. No coma decorrente da cirurgia, E.D.E relata ter conhecido regiões do ‘mundo espiritual’ e conversado com parentes falecidos. Seu esforço em compreender o que ocorreu no primeiro caso leva E.D.E a questionar-se hoje, se naquela ocasião não teria ido também para o mundo espiritual. “22. E.D.E: [...] com certeza nesses dois anos eu estava em alguma situação [...] A minha consciência devia estar em algum lugar. Mas eu não me lembro [...]”. Porém, seu relato a respeito é um tanto confuso, e sua tentativa de um esclarecimento fracassa: “24. E.D.E: [...] eu acordei só que foi como se eu... continuasse dormindo [...] 26. E.D.E: Eu sabia que eu tava acordada mas eu não tinha consciência disso.” De qualquer modo, tudo o que pôde garantir é que seu estado mental, na primeira ocasião, parecia contrastar com a nitidez das experiências alegadamente paranormais da segunda vez.

O mais interessante, contudo, é que o segundo coma, durante a cirurgia de hipertireoidismo, se deu quando E.D.E. já havia se tornado espírita. Sua interpretação

posterior do primeiro coma, como uma experiência paranormal, é uma reconstituição com base em suas crenças atuais. Evidentemente, a segunda experiência acabou por sofrer, ainda mais que a primeira, a conformação de sua interpretação espírita. *E.D.E está olhando para si mesma, no passado, e tentando adequar, retrospectivamente, sua identidade atual de médium às suas experiências passadas. Aqui, já podemos vislumbrar a função ressignificadora da mediunidade.* Não basta recordar fatos passados ou simplesmente descrever sua história; ela sente a necessidade, em seu discurso, de fornecer uma explicação para suas experiências anteriores, organizando-as, dentro de si, como um prelúdio do papel que passaria a adotar. *Ela está querendo organizar sua narrativa, desde a infância, de maneira que sua história seja, desde o princípio, a confirmação da idéia de que sua condição atual de médium já estava predestinada.* Outros exemplos serão dados depois, e o mesmo se pode dizer da médium I.N.

No caso I.N., os problemas emocionais apresentados desde a infância persistiram durante um bom tempo: “8. I.N: [...] sempre fui responsável com estudos, essas coisas, mas sempre desse jeito né, pisando em ovos, naquela coisa: será que eu consigo? Será que eu não consigo?” O medo e a insegurança pareciam tolher suas ações, seus projetos. Cumpria com suas obrigações, mas sentia-se ‘travada’ para a vida, sempre com receio do que poderia lhe acontecer: “8 I.N: [...] a minha maior dificuldade foi esse medo, esse medo assim... falta de controle de mim mesma, acho que eu não conseguia chegar no meu melhor, entende?”

Porém, foi nesse meio tempo que dois fatos cruciais emergiram e começaram a modificar sua trajetória: “10. I.N: [...] eu comecei a encontrar um pouco de paz interior depois que eu casei e fui no centro”. No casamento, entretanto, suas dificuldades ainda não haviam se resolvido. As alterações bruscas de humor que apresentava eventualmente, passaram a aumentar e a lhe trazer problemas em seu relacionamento conjugal. Por diversas vezes, perdia o controle e brigava com seu esposo, conflitos que se faziam acompanhar de outros sintomas, como sonhos perturbadores e ideias suicidas.

8. I.N: [...] Eu falei: ele vai embora e nunca vai voltar (risos) porque se eu fosse ele, eu falava: com essa doida eu não fico (risos). Porque os meus nervos eram muito assim, muito explosivos, de às vezes gritar, de xingar/ [...] 10. I.N: [...] Aí eu tenho essa experiência com o meu esposo, essas brigas, essas explosões

esporádicas e... sonhos, muito sonhos assim, tanto bons como ruins, em que você é levado a conhecer outros lugares, outras situações né. Com o meu esposo eu lembro que eu tive dois sonhos, um em que eu – foi o que causou realmente dele me levar no centro né – foi um que eu não queria voltar de jeito nenhum, e eu fui trazida por duas entidades. E eu lembro perfeitamente de toda a angústia que eu senti, eu não queria voltar, queria ficar onde eu tava, não queria... estar aqui. E logo depois, novamente, eu buscando, vamos dizer assim, praticamente a morte né, não sabendo valorizar o que eu tava aqui vivendo, e não querendo realmente voltar. Então foi duas situações difíceis que nós passamos.

O medo lhe atingiria novamente quando de sua primeira gravidez. I.N. jamais havia adentrado uma sala de cirurgia antes. O pavor diante da situação foi tão intenso, que, por algum tempo, se viu dissociada, sem saber por que estava ali: “14. I.N: [...] no meu entender, aquele dia, era como se não fosse eu, porque eu falei: não, o quê que eu tô fazendo aqui? Não tenho nada que fazer aqui.” Em seguida, revela um sentimento de culpa. Quando perguntada se queria ou não estar grávida, a médium responde: “18. I.N: É. Não. Estar tendo filho lá, assim. Na hora dele nascer me bateu um desespero. [...] Parecia que não era eu, e eu me cobrava assim, né. Sabe aquela consciência? Aquela vozinha (sic), uma querendo ficar e a outra...”. O médico a acalma, o marido auxilia, e tudo ocorre como tem de ser. Mas a lembrança persiste: “16. I.N: [...] Aquele dia do parto eu me lembro até hoje”. Talvez, como um protótipo de outras situações semelhantes, de outros tantos medos registrados em sua memória. “18. I.N: [...] então, esse discernimento [...] pro médium, não é fácil; hoje, pra mim já é mais fácil, na época, não era.” O discernimento a que se refere a médium é o de que, hoje, ela pode reconhecer em seus estados emocionais uma raiz mediúnica, resignificando, ao mesmo tempo, sua história e a relação que mantinha frente às suas experiências.

Estas e outras situações difíceis ao longo da trajetória das médiuns, necessitavam, como tinha de ser, de uma explicação que lhes fosse satisfatória. Não bastava a elas imaginar que tudo tinha passado de mero acaso; deveria existir um significado oculto, ainda não suficientemente compreendido, uma explicação *emocionalmente* significativa, talvez reveladora e extraordinária, mas não como a explicação convencional católica, que havia se tornado lugar comum a elas. Essa busca por um significado, faz com que as médiuns abandonem suas referências religiosas iniciais, ligadas ao catolicismo, e as leve a procurar caminhos espirituais variados, até chegar à doutrina espírita. Embora o valor de outras religiões fosse resguardado, o Espiritismo se apresentou sempre, no relato das médiuns, como um caminho mais

completo ou capaz de preencher melhor suas necessidades explicativas e emocionais. O centro espírita é visto, por sua vez, como um segundo lar, como o local em que as médiuns finalmente encontraram paz e equilíbrio, o lugar em que puderam desenvolver sua mediunidade em conformidade com a doutrina espírita, alcançando assim amadurecimento emocional e espiritual:

36. E.D.E: Eu cheguei a ir... desde igreja católica, que foi sempre, né, onde eu estive mesmo, e benzedeadas, e, aí, pessoas do interior que, aí, faz isso assim assim, trabalha com ervas, trabalha com isso, com aquilo, com energia... todos esses caminhos a gente foi buscar, né. Aí, como eu sou assim muito curiosa, eu falei: não, acho que cada religião tem alguma coisa de bom, né, então eu vou buscar o que tem de bom nelas. Aí eu fui conhecer os evangélicos, os da seichon-no-ie; fui conhecer várias religiões, até assim pra saber o quê que eles passam, né, pras pessoas, né. Aí, aqui no Ismael foi tipo assim, o porto seguro, que eu acho que sempre você vai em busca de um lugar que você se sinta bem, completo, tenha as suas respostas, né. Então aqui no Ismael foi bem isso, porque eu fui em mesa branca, eu fui em centro de umbanda, em tudo o que você imagina (risos).

10: I.N: [...] a gente procurou o centro e foi onde eu fui encontrando equilíbrio através do conhecimento e colocando essa ferramenta em uso né, porque eu julgo que é uma ferramenta e que na verdade só tava me atrapalhando. Porque se você tem uma enxada e não aprende a capinar, ela só vai te atrapalhar. A hora que você aprender a tirar o mato ela vai te servir pra um monte de coisas, aquela terra vai germinar [...]Eu falo que Deus deu um dom tão grande pra gente que por nós ainda não conhecermos, a gente utiliza instintivamente, né, não tem ainda um controle né. É como se diz, a gente ainda tá num conhecimento muito primário né [...] hoje eu me considero uma pessoa assim feliz né, porque eu consegui realmente separar, e quando eu sinto alguma coisa, um pensamento, venho até aqui no Ismael e aqui eu encontrei a minha casa espiritual, vamos dizer assim, em todos os aspectos.

Num dado momento de sua busca, E.D.E. se pergunta: “121. [...] diversos lugares que eu vou, eu escuto isso, ‘o seu lugar não é aqui, você tem o seu lugar’ mas qual é o meu lugar?”. *A procura de um lugar em que seja possível, finalmente, obter uma resposta, equivale à possibilidade de encontrar, para si mesma, uma identidade estável, um espaço no mundo.* Atingir tal condição, parece constituir um evento de grandes proporções, e sua origem deve adquirir, não obstante, um caráter mítico. É nesse sentido que o percurso rumo ao Espiritismo será associado, mais uma vez, à idéia de predestinação. Após transitar por diferentes denominações religiosas, é diante de uma médium umbandista que ela receberá o veredicto: “121. E.D.E: [...] não, não se preocupa com isso, porque... você não vai procurar esse local. A informação vai chegar até você”. E depois de um mês, como a médium havia previsto, E.D.E. acabou por descobrir o centro

Ismael, encerrando assim sua busca. Ela parecia precisar apenas de uma confirmação alheia, determinar o local certo através de um recurso convincente e de natureza possivelmente paranormal. Não nos importa aqui se a médium umbandista acertou de fato ou se a postura de E.D.E. concorreu para finalmente acatar esse ‘chamado’; o importante é ver como sua história é narrada de um modo que privilegia uma interpretação necessariamente espírita de sua jornada à procura de uma identidade humana, de um *papel no mundo*. Ela poderia, evidentemente, ter escolhido outro percurso identitário ou religioso; porém, ao se decidir pelo Espiritismo e incorporar a identidade de médium, reescreve toda sua história como se esta seguisse uma rota única, com alguns poucos desvios, em direção à mediunidade. E suas interpretações e vivências posteriores, permaneceriam confirmando o destino mediúnico conferido à sua história. Após tornar-se adepta da doutrina espírita, em sua viagem pelo mundo espiritual durante o segundo coma, os espíritos lhe disseram que não era sua hora, pois “97. [...] ‘você nem começou o que você veio fazer’.” Desse modo, não lhe bastou apenas ressignificar o passado, como prover igualmente os recursos para a manutenção de sua identidade mediúnica e da história contada a respeito dela pelos próximos anos.

Vimos como a idéia de predestinação no discurso das médiuns relaciona-se à tentativa de ressignificar sua história como um caminho necessário rumo à mediunidade, e vimos também que essa idéia tende a conter certos elementos míticos. De fato, o itinerário de E.D.E. e I.N. até a descoberta da mediunidade, parece fundamentar-se num padrão observado muitas vezes antes em outras culturas. A ressignificação que fazem de suas histórias está baseada na doutrina espírita, mas se assemelha muito à trajetória do xamã (HOEBEL; FROST, 1976), bastante associada àquilo que Eliade (1992) chama de *enfermidade-vocação*. Antes de se tornar xamã, é comum a um indivíduo passar por um período de grande perturbação mental e física que culmina, por fim, na assunção do posto de feiticeiro. Não raro, a confirmação de seu poder mágico, ou o ‘chamado’ para seus deveres de xamã, é dado em sonhos ou alucinações, de modo semelhante ao relato das médiuns. Assim, apesar de estarem vivendo suas mediunidades de um modo que é peculiar a cada uma, suas travessias tendem a reproduzir o padrão mais antigo – talvez arquetípico -- do xamã. Isso significa, mais uma vez, que elas alcançaram um papel social definido, uma *posição no mundo*, que integra os elementos anteriormente confusos e dispersos de sua história de vida, dentro de um padrão. Na verdade, tal função

integradora, de estabelecimento de um projeto de vida, é comum às adesões religiosas de uma maneira geral, como demonstrou Souza (2006) em relação aos carismáticos católicos, também a partir da teoria de Ciampa.

Uma outra questão importante é a maneira como as médiuns tendem a enxergar determinadas facetas de sua história como incompreensíveis ou irracionais, e de como a mediunidade pode servir para preencher as eventuais lacunas entre tais discursos, necessidades e experiências incoerentes. Antes de ‘descobrir’ sua mediunidade, E.D.E. achava uma ‘crueldade’ as coisas que lhe aconteciam, um verdadeiro castigo de Deus: “136. Se eu vim pra cá pra sofrer, que graça teve?”. Não consegue admitir o acaso para explicar os eventos que a acometeram, e se recusa a pensar que teriam surgido do nada: “126. [...] nada é por acaso na vida”. As peculiaridades e contradições no relacionamento estabelecido com os familiares, são também uma fonte de inquietação. A conversão ao Espiritismo, em contrapartida, lhe permite traçar as origens reencarnatórias de sua vida atual, explicitando as possíveis raízes espirituais do papel desempenhado por ela na família. Desenvolve todo um sistema explicativo, em que seus pais teriam sido seus tios numa outra reencarnação, e seus avós – com quem tem um bom relacionamento – teriam sido seus pais. A dependência emocional de seu irmão a ela também encontraria sua significação em vidas passadas: “162. [...] teve uma história triste e morreu lá em determinadas situações e ele veio como meu irmão pra eu cuidar dele.” Ao lançar num passado reencarnatório as causas de acontecimentos atuais, E.D.E. está tentando traçar uma origem mítica para as posições sociais adotadas por ela e seus familiares, e com isso justificar aquilo que considera *emocionalmente* inaceitável ou incompreensível *nesta vida* – como o fato de ser afetivamente mais próxima dos avós do que de seus próprios pais.

A médium I.N. também verá na reencarnação um meio de solucionar questões existenciais, como o problema da incompletude humana: “88. [...] Eu e o meu esposo a gente sempre fala, ninguém é completo se realmente não nascer e morrer, nascer e morrer, nascer e morrer... porque cada vida vai te mostrar uma realidade...”. Elas parecem estar tentando encontrar assim um significado espiritual que transcenda as condições biológicas e sociais dadas, um sentido *emocionalmente* reconfortante e apaziguador, condizente com a identidade mediúnica que adotaram. É *a partir de um referencial espírita que as médiuns ressignificarão as contradições e incoerências de suas histórias*,

*seus investimentos emocionais, suas vitórias e seus infortúnios, como o caminho em direção à tarefa mediúnica para a qual estariam predestinadas, antes de reencarnar*³.

Seus sofrimentos não ocorreram em vão; para elas, são resultantes da própria concretização de suas identidades mediúnicas, a mediunidade como seu *projeto de vida*.

É em meio a tais considerações que se começa a visualizar, num nível individual, o conflito entre as formas de pensamento racional e experiencial sugeridas por Epstein (1994), e num nível social, a luta entre intelecto e emoção, discutida por Hess (1991). Tais conflitos são perceptíveis, sobretudo, na rivalidade entre o discurso religioso e a explicação médica dos sintomas, o que se pode verificar na maneira como as médiuns explicam seus estados físicos e emocionais, como veremos a partir de agora.

I.N. terá suas próprias explicações para as emoções perturbadoras do passado, e por meio delas ressignificará sua trajetória de vida com base em sua identidade mediúnica. Vimos como ela descreveu seus sonhos, anteriormente, como uma incursão pelo mundo espiritual, tanto quanto a médium E.D.E durante seu segundo coma. Mas a sua mediunidade não é a das visões e audições dos espíritos. I.N. não vê, não ouve, não fala diretamente com os desencarnados. Sua mediunidade se perde em meio aos seus pensamentos e sentimentos, em meio à suas alterações emocionais e seus sintomas físicos. É vista mais como uma ‘sensibilidade’ ou ‘facilidade de captação de energias’:

4. I.N: [...] O que é que eu relato que seria o meu medo? Muito provavelmente essa minha capacidade me fazia ter informações de entidades com depressão. Que eu tava brincando e de repente eu queria ficar sentadinha num lugar e não sabia por que. Então muito provavelmente eu captei uma onda onde eu encontrei um ser desencarnado que tava com essa energia. Por eu ter essa facilidade, logicamente, eu ia nessa energia dele e não sabia discernir que aquilo não era meu.

5. E.M: Era uma mudança de humor?

6. I.N: Exatamente, uma mudança de humor. Esses medos. Porque normalmente a gente sabe que essas energias que ainda estão aqui né, esses seres, eles ainda tem muito medo. Porque na verdade eles deixam de viver a vida material pra viver outra vida que, na verdade, eles não estão conseguindo viver. Então enquanto eles não reassumem a postura espiritual, eles sofrem né.

³ Na verdade, o processo de ressignificação tende a ir mais além da própria história de vida das médiuns. No caso I.N., por exemplo, sua mãe tinha experiências que foram consideradas mais tarde como mediúnicas, ela própria as tinha e sua filha e um dos filhos vivenciariam experiências semelhantes. É possível levantar, inclusive, a hipótese de transgeracionalidade – ou herança psíquica entre gerações, como sugerem alguns psicanalistas (EIGUER et al., 1998).

O elemento de 'captação de energias', também está presente no caso E.D.E. e não se manifesta apenas com relação às 'entidades desencarnadas', mas também frente a outras pessoas 'encarnadas'. Embora a médium compreenda suas visões de espíritos como um fenômeno paranormal, ela também vê, assim como I.N., seus sintomas físicos e suas doenças como a expressão, em algum grau, de sua mediunidade. Relata, por exemplo, uma ocasião em que desmaiou enquanto estava na fila de um banco. Para as pessoas que a socorreram, seu desmaio não havia passado de uma queda de pressão ou algo semelhante. Mas para ela, era uma expressão de sua mediunidade, de sua captação de energias alheias. "48. E.D.E: [...] se fosse em outros tempos, ah, já tava no hospital, achando que já era uma doença física, porque realmente tinha vez que a coisa era muito séria, chegava a se refletir na minha parte física, e ainda reflete!". Curiosamente, sua explicação do hipertireoidismo e de seu aparente problema de coração, tende a mesclar elementos físicos e espirituais:

40. E.D.E: Então isso [hipertireoidismo] eu tenho desde criança, mas é uma doença assim é... ela te afeta? O que? O sistema nervoso... te dá uma alteração assim em termos de... é... comportamento, porque você se torna uma pessoa muito irritada, até porque você não controla muito essa coisa do teu sistema nervoso, que tá sempre agitado, então eu era uma pessoa muito agitada, é... sei lá, tinha algumas consequências assim na parte de alimentação; eu tinha muita fome, eu comia, comia, comia e parecia que aquilo nunca me saciava; e também assim alguma coisa do coração, que até eles achavam que eu tinha problema de coração. Aí dentro desse segmento do espiritismo que eu vim descobrir que o meu coração nunca teve nada. E eles também [médicos] descobriram que nunca teve nada. Mas até que descartassem todas as possibilidades em termos de exame, de tudo, tudo foi feito, né, pra ver se era uma coisa física e não era.

41. E.M: Entendi. Mas assim, isso que você tá falando do coração, você poderia me contar o que você descobriu que era depois aqui no centro?

42. E.D.E: Ai! Aí eu descobri. Descobri sim, por quê? Existem vários tipos de mediunidade. Então sempre tem um tipo de mediunidade, a gente fala dentro do espiritismo: todos somos médiuns, todos. [...] E o quê que eu vim descobrir? Que dentro de uma dessas mediunidades, o fator dessas doenças sempre chegarem e sumirem do nada, o quê que era? Eu tinha uma energia própria pra doação! [...] Aí o mal estar [das pessoas] vem todo pra mim. Só que por eu não ter, na época, conhecimento disso, a minha energia atraía todo o mal estar e não liberava.

A médium I.N. não consegue, às vezes, estipular uma fronteira muito clara entre mediunidade e problemas emocionais: "8. I.N: a gente não pode relacionar tudo com mediunidade eu acho né. É amadurecimento, é falta de controle, é uma série de situações, né." E como se à explicação médica, soma-se uma explicação espiritual dos problemas físicos e emocionais. Em alguns momentos, a explicação espiritual se

sobrepõe à explicação médica, como quando a visão de um espírito é considerada real, e não uma mera alucinação. Ou ainda, quando um problema é visto quase que exclusivamente como sendo de natureza física, mas suas origens remontariam a uma peculiaridade do processo mediúnico, como a capacidade das médiuns em ‘sugar energias negativas’ de outras pessoas ou espíritos desencarnados. O tratamento médico e psicológico é visto, por vezes, como complementar ao tratamento espiritual oferecido no centro espírita. Esta última forma de ‘terapia’ é enxergada como a busca por harmonização ou equilíbrio de ‘energias’, um conceito perceptível a todo instante no discurso das médiuns. Essa interpolação entre as explicações médicas e espirituais parece importante para entendermos a relação das médiuns com suas crenças e o porquê da não aceitação de uma explicação apenas médica ou psicológica. Envolve igualmente importantes aspectos ideológicos, como veremos no terceiro tópico deste capítulo.

O receio de E.D.E., por exemplo, em “achar que aquilo era coisa da minha cabeça”, relatado logo no início, consiste justamente no receio em descobrir-se louca. Mas ao descobrir-se médium, descarta automaticamente o papel anterior, que é agora substituído pela condição de mediadora entre este mundo e o de “lá”. Como disse I.N. “76. [...] graças a deus, por certo descobri que era mediunidade”. E de fato, as médiuns já não podem ser vistas como loucas. Elas desempenham uma função social e cultural definida, que é semelhante à da pitonisa, do xamã ou do sacerdote. *Sua mediunidade as salvou do mundo da loucura*. Este último, por sua vez, não é mais o mundo visualizado pelo psiquiatra ou pelo psicólogo. Não é o mesmo território das definições psicopatológicas, e sim o da mediunidade conturbada, desequilibrada. No discurso das médiuns, a loucura descrita se equipara bem pouco com aquela interpretada a partir dos manuais de diagnóstico psiquiátrico. *A interpretação mediúnica ressignifica os sintomas físicos e mentais*.

Destarte, na concepção das médiuns, a loucura não se refere a uma categoria apartada da mediunidade, nem tão pouco engloba esta última, desligando-a de sua dimensão espiritual. Pelo contrário, o discurso das médiuns parece revelar um *continuum* entre a mediunidade sadia e a mediunidade patológica ou obsediada. O diagnóstico se refaz e o que inicialmente havia sido categorizado como uma ‘síndrome do pânico’, por

exemplo, torna-se expressão de uma mediunidade mal exercitada, que precisaria ser aceita e desenvolvida para restabelecer o equilíbrio:

[...] Eu tenho uma amiga que ela tem síndrome do pânico, você começa a escutar ela falar, aí quando você tem um conhecimento, você logo vai falar: é espiritual. Porque ela tem mais desenvolvida essa capacidade, que ela já nasceu também. Porque ela foi espírita, então ela fala: “eu fiz reik pra fechar (risos) os meus canais [centros de força]”, e não existe isso, porque é uma condição adquirida e ela não vai conseguir. E ela continua a fugir, e continua tendo os mesmos problemas de depressão, aí isso vai tomando conta da casa dela, entendeu?

Desde o início do relato das médiuns, é possível perceber que a maioria de suas experiências pode ser interpretada em termos puramente psicológicos ou fisiológicos. Nada em suas narrativas, até agora, é admissível como sendo de natureza paranormal, mesmo que aparentemente. As experiências alucinatórias de E.D.E. e a instabilidade emocional que apresentam, poderiam inclusive ser abarcadas em uma explicação patológica da mediunidade. Mas não gostaríamos de nos limitar a uma abordagem como essa, pois pretendemos devassar os usos e sentidos das experiências paranormais, sem termos de nos fixar em descrições pré-determinadas do fenômeno. Uma descrição exclusivamente patológica, apenas reproduziria o passado difícil das crenças mediúnicas. Com essa postura em mente, podemos ir mais além.

Vimos que os relatos de E.D.E. e I.N. denotam certa recusa em aceitar uma explicação apenas médica ou psicológica e que não seja espiritual de alguma forma. Mas essa recusa não parece tanto ser proveniente de uma compreensão errônea do diagnóstico médico. Não concordamos inteiramente com Maher (1992), segundo o qual a assunção das crenças paranormais decorre de uma incapacidade para encontrar explicações científicas ou convencionais que dêem conta de experiências anômalas. A descrição fornecida por E.D.E sobre seus sintomas – de hipertireoidismo, problema no coração, etc. – não revelam a ausência de uma compreensão adequada da explicação médica. A médium parece conhecer bem o seu quadro e a sua sintomatologia. I.N. também não está totalmente desavisada quanto a uma abordagem psicopatológica de suas alterações de humor. Como afirma Zangari (2003), a insuficiência das explicações convencionais depende, em grande parte, não só do conhecimento disponível ao indivíduo, mas principalmente do que ele considera como uma explicação suficiente ou insuficiente – em outras palavras, a extensão de seu próprio conceito sobre o que é ou

não é anômalo. O argumento de Zangari é, portanto, cognitivo. Mas parece haver algo mais que o aspecto cognitivo na insistência das médiuns em perseverar numa interpretação paranormal de suas experiências. A impressão que se tem, é de que essa recusa cumpre uma função definida em suas vidas, uma função que não é somente cognitiva, mas, sobretudo, emocional. A relação conturbada entre a medicina e a terapêutica espírita no discurso das entrevistadas, é também uma expressão da dissociação, num plano individual e social, entre intelecto e emoção (HESS, 1991).

A descrição médica dos sintomas é puramente funcional; não envolve elemento afetivo algum. Por vezes, pode até ser perturbadora, caso se confirme a presença de um transtorno mental, por exemplo. Já a explicação espírita, dá um colorido apaziguador às vivências das entrevistadas, do qual a explicação médica está, muitas vezes, desprovida. E o mais importante: a explicação espírita comporta, atrás de si mesma, um sistema filosófico completo sobre a vida e o mundo, que ajuda as entrevistadas a formarem a respeito de seus sintomas, uma compreensão abrangente, *uma Gestalt*, que os contextualiza em suas histórias de vida. Dessa maneira, *não se trata tanto de suprir uma necessidade intelectual, como de satisfazer uma busca pessoal por sentido na vida, que transcenda a mera casualidade dos fatos que acometeram essas mulheres durante sua trajetória.*

Outro fato interessante e recorrente, é as médiuns não reconhecerem certos estados emocionais ou fisiológicos como originários delas próprias. *Parece lógico concluir que estamos diante de dois típicos fenômenos psicanalíticos: a indiferenciação psíquica e a projeção.* Inicialmente, a significação e origem dos sentimentos confusos e experiências dolorosas que vivenciavam, não eram devidamente compreendidas. Não havia uma distinção – ou diferenciação – clara entre aqueles sentimentos que proviriam delas próprias e as sensações e emoções alheias. Se alguém se aproximava delas para se queixar de uma dor ou sentimento incômodo, as médiuns, logo depois, passavam a relatar os mesmos sintomas. Por não encontrarem uma explicação que considerassem satisfatória, recorreram ao Espiritismo. No centro, aprenderam que a mediunidade pode se manifestar mesmo em circunstâncias casuais, em fatos corriqueiros, como dores pelo corpo ou alterações de humor. Foi assim que encontraram uma explicação para o que antes era incompreendido. *Mas o fizeram projetando seus pensamentos e sentimentos em atores concretos e imaginários (espíritos). Assim, a origem de suas enfermidades*

físicas ou seus problemas emocionais, já não reside exclusivamente nelas. A responsabilidade é agora compartilhada com os espíritos e as pessoas de seu convívio, sejam elas parentes, pessoas que buscam auxílio no centro ou mesmo clientes no seu local de trabalho. Esse mecanismo explicativo poderia muito bem estar a serviço da diminuição da ansiedade e da angústia decorrente da exposição a emoções conflituosas, ou mesmo da necessidade de controle psicológico sobre tais emoções e sobre eventos externos relacionados, como parecem sugerir também as pesquisas revisadas no capítulo um.

No tópico a seguir, abordaremos mais detidamente as funções psicodinâmicas associadas à mediunidade, incluindo a projeção. Por ora, o que mais nos interessa é a relevância desse processo no desenvolvimento identitário das médiuns. A explicação psicodinâmica nos trás possibilidades ricas de interpretação, mas ela também acompanha uma explicação desenvolvimentista para os elementos que estamos abordando. Inicialmente, E.D.E. e I.N. não possuíam uma identidade estável e definida. Sua identidade estava mais próxima de uma identidade 'natural', nos dizeres de Habermas (1990), em que as carências, necessidades, manifestações impulsivas e os diversos sinais corporais não foram ainda plenamente interpretados / nomeados pela cultura – e por isso também eram tão angustiantes. Por algum motivo, o qual não pudemos esclarecer totalmente por meio das entrevistas, tais carências e manifestações emocionais – como medo e insegurança – não puderam ser satisfeitas antes, prolongando-se até a adolescência e a vida adulta dessas mulheres. O caso I.N. é bem propício a tal explicação, e seus problemas familiares talvez lançassem alguma luz sobre esse aspecto, caso fossem mais bem explorados. *Com a assunção do papel de médium, a satisfação das necessidades passa a ser mediada pela doação simbólica operada pelos demais adeptos do grupo espírita e pelo reconhecimento social obtido no centro. Os estados emocionais e sintomas físicos vão sendo interpretados culturalmente, vão sendo assumidos por definições simbólicas.* As entrevistadas transitaram assim de uma identidade natural para uma identidade grupal ou de *papel*, de um nível de desenvolvimento pré-convencional para um nível convencional. Eis a função desenvolvimentista à qual nos referíamos pouco atrás.

Essa função também pode ser identificada no fato de a mediunidade ter possibilitado um enriquecimento em suas vidas, abrindo novas perspectivas, antes

inimaginadas. Os exemplos a esse respeito parecem inclusive contrariar uma avaliação exclusivamente psicopatológica dos casos. Para I.N., por exemplo, a ‘descoberta’ da mediunidade é vista como uma experiência transformadora, que modificou grandemente sua condição prévia de pessoa tímida e instável. “61. I.N: Eu tinha medo na escola, eu tinha medo em casa, eu não tinha quase amigos... hoje eu adoro ficar na rua, adoro ter gente, eu sou cem por cento diferente, cem por cento.” O papel de médium parece estar contribuído assim para a sua socialização e humanização. A mediunidade está influenciando em sua perspectiva das coisas, ajudando-a a delinear para si um sentido à sua condição de ser no mundo, o que tende a repercutir positivamente em suas relações sociais: “51. I.N: Encontrei um significado maior [...] Então hoje eu sinto uma profunda alegria, respeito, me ajudou muito a valorizar o ser humano, as dificuldades que nós temos assim, sabe?”.

Contudo, a partir deste ponto, dá-se um distanciamento significativo entre as correlações estabelecidas até agora. As trajetórias de E.D.E e I.N. seguirão rumos distintos. Na verdade, é I.N. quem parece ter dado um passo adiante e alternado o caminho que ela seguia inicialmente, em nossa análise, emparelhada à trajetória de E.D.E. Ao que nos parece, I.N. está começando a dar seus primeiros passos rumo a uma visão de mundo pós-convencional, e se destacando, aos poucos, das tradições religiosas às quais tem pertencido ao longo de sua vida. Embora ainda mantenha suas crenças paranormais e seus valores cristãos, sua perspectiva a respeito deles já não é a mesma de outrora. Seus ideais tendem agora para a sua autonomia, para a sua liberdade em face dos sentimentos e das idéias que lhe aprisionaram um dia no sofrimento, e é nesse sentido que ela irá recorrer às crenças espíritas e ao evangelho: como elementos a contribuir nesse processo, e não a impedi-lo.

I.N. começa por estipular uma diferenciação entre sua vida pessoal e sua condição de médium. “84. Eu sou médium de centro, porque eu escolhi, eu escolhi lá, eu me senti bem lá, então eu sou médium de centro [...] E em casa se tem alguma coisa, eu procuro orar e procuro mudar o padrão vibratório.” Quando começou a desenvolver suas faculdades mediúnicas, I.N. se recriminava por não apresentar manifestações ‘ostensivas’. Queixava-se de não poder ver ou conversar com os espíritos, até perceber que, na verdade, não gostaria de se dedicar tanto assim à tarefa mediúnica.

78. [...] E eu percebi que você está onde você quer estar. Então se eu começo a me aprimorar muito nisso, eu sou casada, eu tenho quatro filhos, trabalho fora, faço trabalho social; então eu vi que a minha prioridade não era essa né, a de querer estar tão profundamente desenvolvida a estar fazendo esse trabalho de percepção [...] **eu na verdade fiz uma escolha.**

[...]

80. [...] Na medida do possível, a minha maior luta é que eu seja eu mesma, com os meus acertos, com os meus erros, eu não sou nada, eu não sou ninguém, eu sou a que está aqui no mundo para aprender.

81. E.M: Você não quer vestir a camisa de médium, é isso?

82. I.N: **Não, a de ser humano, de ser humano** [grifo nosso].

O envolvimento constante com a mediunidade não parece agradá-la; a identificação com os espíritos deve ter seu espaço reservado, o centro, e não tornar-se o epicentro de sua vida. I.N parece adotar uma postura muito clara frente à doutrina, uma postura contrária ao proselitismo e à tentativa de converter os familiares que estão à sua volta; trata-se de outro elemento importante: *o reconhecimento da autonomia de escolha do outro.*

84. [...] Se eu percebo que você não está legal e chego perto de você [...] Eu procuro ver, perceber, porque você está triste e procuro mostrar para você que existe uma força interior que você tem que buscar, que você tem que se soltar, você tem que tomar conta do seu eu outra vez.

Sua visão da doutrina espírita não é partidária, grupal. Sua compreensão parece estar livre de um compromisso excessivo com as concepções doutrinárias. Embora uma postura mais crítica e, por vezes, não-dogmática seja, muitas vezes, enfatizada por alguns espíritas, ela nem sempre é seguida de fato (LEWGOY, 2004). A ênfase de I.N. nesse aspecto é por si só significativa. A médium parece demonstrá-la em vários de seus comentários, como este, em que reforça o caráter universal da capacidade mediúnica:

52. E.M: O centro teve uma contribuição então?

53. I.N: É, o estudo em si. Não acho que é só o centro, né, tem outros lugares assim que você desenvolve a capacidade mental; às vezes você não vai usar as ferramentas da maneira como o centro usa, mas toda vez que você se propõe a desenvolver a sua capacidade mental, uma oração/ **Porque eu não acredito que só o espírita ou o centro, né, mas qualquer um. Acho que na verdade é uma capacidade mesmo** [grifo nosso]...

O elemento considerado mais importante já não é tanto a fidelidade aos princípios doutrinários, mas a capacidade de escolha autônoma e consciente. Nesse

sentido, não parece haver a necessidade de uma vinculação exclusiva a uma tradição religiosa determinada. As crenças e experiências paranormais passam a ser interpretadas de um modo bem mais individual.

61. I.N: [...] não precisa ser numa religião, mas se você começa a entender um pouquinho mais o que é a energia, o que é a força do seu pensamento, só aí você já começa a entender quem é você, aquilo que você quer. Porque quando você começa a procurar explicação e maneiras de você viver, e não deixar que a vida te leve, e você começa a escolher, já começa a diferença, né. [...] o mais importante é você ter vontade de se conhecer, de se respeitar, de ter seus sonhos, procurar correr atrás dos seus sonhos, se você tem uma família a qual pra você é importante... isso eu acho que é também, logicamente, a grande arma. **Porque eu não acredito que só um espírita vai deixar de ter problema de depressão, ou de nervoso, ou de medo, não é? Se não, o que seriam das pessoas?** [grifo nosso].

Quase ao final da entrevista, I.N. oferece um relato que, sem dúvida, resume de modo único boa parte de nossas considerações sobre o alcance de uma identidade pós-convencional por parte da entrevistada. Ao ser questionada sobre o que faria, caso resolvesse um dia deixar de vez a condição de médium, I.N. passa a contar sua adesão recente a um grupo voltado para o trabalho social. Conta que nesse grupo, ela é vista como 'a espírita'. Dá conselhos e instrui os colegas nas questões cotidianas, com base nos ensinamentos do evangelho, ao mesmo tempo em que contribui com as atividades sociais realizadas. Ela é sempre solicitada a participar e dar suas idéias e narra com gosto o entrosamento que possui com o grupo. Mas reconhece, todavia, que nesse contexto, sua mediunidade já não constitui aspecto central. Lá, ela pode se identificar com um ideal maior; não está limitada ao papel de médium.

110. I.N: [...] nesse grupo eu sou uma pessoa que, nesse decorrer da vida quero levar esse sentimento positivo pras pessoas [...] Nesse aspecto, então, eu mudei. [...] **na verdade eu não trabalho a mediunidade em si né [...] eu procuro realmente E.M., fazer do evangelho a minha ferramenta e não a mediunidade. Os ensinamentos do evangelho é que é a ferramenta da gente.**

111. E.M: Entendi, você quer dizer que independentemente das coisas que você sente e que você vive lá no centro, isso [o ideal, o evangelho] não vai morrer dentro de você, mesmo que você pare de fazer isso.

112. I.N: É, **é igual um trabalho né**, eu espero que eu consiga por muitos anos [...] [grifo nosso]

Sua mediunidade tem, assim, um espaço claramente delimitado em sua vida. É somente mais um de seus papéis, e não o principal. I.N está se libertando, aos poucos, de uma visão de mundo convencional e adentrando uma pós-convencional. Está deixando as

perspectivas mais tradicionais, e se reconhecendo como ser autônomo no mundo. Está, enfim, caminhando em direção à sua *auto-determinação*, nos dizeres de Ciampa (1987). E suas crenças estão sendo interpretadas de modo que favoreça esse processo:

88. [...] acho muito importante pra mim acreditar que o espírito é eterno, é uma libertação. Você se liberta; você se liberta dos seus medos, porque você então é livre pra você buscar, você tem a eternidade pra buscar e não a eternidade pra se acomodar, entendeu? Para buscar ter e saber que todos nós estamos buscando alguma coisa. Então para mim, acreditar na vida eterna é... eu agradeço por acreditar, por ter aberto a minha mente e acreditar.

É importante destacar que o processo de aquisição de uma identidade pós-convencional, seja no caso I.N. seja em outro caso, não está livre de recaídas. Veremos nos próximos tópicos, exemplos que parecem confirmar seus avanços identitários, mas também outros que parecem revelar pontos a serem melhor trabalhados, aspectos identitários a serem desenvolvidos ainda. A identidade não é substância, mas metamorfose, desenvolvimento dialético, e como tal, estrutura-se sob a forma de “[...] degraus que se sucedem, círculos que se voltam sobre si em um movimento, ao mesmo tempo, de progressão e de regressão” (CIAMPA, 1987, p.198).

7.2 A mediunidade como ocultação e revelação

10. I.N: [...] a escola mediúnica é muito boa porque eu acho que a gente tem um... tem uma ajuda espiritual, porque é como um aluno mesmo né, uma criança que está aprendendo a andar, então você é mais cercado de atenções, de explicações, e isso, nossa, começou a me trazer paz, eu comecei a entender o que era a vida, aquela paz/ porque eu fui me livrando daquele medo, fui aprendendo a controlar né

- Mèdium I.N.

A identidade, como afirma Ciampa (1989), é ocultação e revelação. Ora ocultamos um papel, ora o revelamos. É a multiplicidade dos papéis que compõe a totalidade identitária. Cada papel é uma representação do indivíduo, mas apenas parcial, fragmentária. Há situações em que alguns desses papéis são reprimidos, ocultados, perdendo o contato efetivo com a consciência. Eles se tornam estranhos ao indivíduo, dissociados, porque já não podem ser assumidos abertamente. No entanto, tudo aquilo

que permanece oculto, tende a se revelar de alguma forma, tende a buscar um meio de expressão. O que está inconsciente, busca sua própria conscientização, de uma maneira ou de outra. É em meio a esse interjogo da ocultação e da revelação que abordaremos a mediunidade agora. O presente tópico diz respeito às possíveis origens psicodinâmicas e psicossociais de certas experiências vividas no interior do centro espírita. Nossa análise se baseia no relato das médiuns e no material complementar disponível para estudo, e gostaríamos de tecer algumas considerações sobre nossa investida nesse aspecto do fenômeno.

Podemos resumir a principal hipótese deste tópico da seguinte maneira: *a identidade mediúnica, no contexto do centro espírita Ismael, possibilita o ensaio – ou exercício – em ambiente controlado, de funções psíquicas associadas a determinados papéis reprimidos ou pouco desenvolvidos pelas médiuns. Permite ainda a expressão de emoções difusas, num ambiente acolhedor, auxiliando-as a lidar com seu mundo subjetivo, sem que tenham de assumir total responsabilidade pelos conteúdos que emergem durante as sessões.* As técnicas ensinadas no centro podem ser compreendidas – independentemente da acepção espiritual ou religiosa que as médiuns lhe conferem – como técnicas de controle das emoções e manifestações latentes, que tendem a gerar efeitos estabilizadores na organização psíquica das entrevistadas, como a diminuição de angústias, medos e outros sentimentos hostis. Boa parte destas técnicas, como a prática dos ‘passes magnéticos’, encontram padrões semelhantes em outras culturas, religiões e períodos históricos (BOZZANO, 1926/1997; HOEBEL; FROST, 1976). Existem inclusive evidências de que a mediunidade tenha servido para muitas mulheres e outros grupos marginalizados, no final do século XIX, como um caminho de expressão para sentimentos e comportamentos barrados frente às condições sociais dominantes (SHAMDASANI, 1994; ZINGRONE, 1994), o que parece demonstrar o fato de nossa hipótese ter sido defendida anteriormente em outros contextos.

A manifestação de aspectos latentes, positivos ou negativos, é aceita sem maiores resistências, visto ser atribuída não às próprias médiuns, mas a entidades espirituais. Dentre os conteúdos latentes, não se encontram apenas facetas reprimidas, mas funções psíquicas que são estimuladas mediante treinamento durante o transe mediúnico – como veremos, mais tarde, em relação ao desenho mediúnico de E.D.E. – enquanto as facetas indesejadas são submetidas a um processo de evangelização, de

conversão à doutrina. A assunção do papel de médium parece possibilitar a essas mulheres uma espécie de *negociação* com o meio social e cultural; aquelas personagens ou papéis intoleráveis à sociedade e à família têm seu espaço garantido num contexto controlado e aceito (o centro espírita), permitindo às médiuns o livre fluir daquilo que permanece inconsciente. Veremos também que o processo de doutrinação e controle das emoções, apesar de suas vantagens, é igualmente um poderoso recurso disponível à instituição espírita para exercer a manutenção da identidade medúnica e da ideologia espírita, condição que envolve certos riscos a serem analisados mais tarde. Procuraremos agora dar alguns exemplos das hipóteses levantadas.

Primeiramente, vejamos como as médiuns tendem a reagir diante de sentimentos que consideram prejudiciais à sua vida familiar e social. A médium I.N., por exemplo, afirma sentir, em alguns momentos, raiva ou outros sentimentos hostis com relação ao marido, os quais evita no sentido de impedir a ocorrência de uma possível desestabilização familiar.

80. IN: [...] Até assim, se eu vejo aqui em casa às vezes – você tem a facilidade você vê – às vezes começa assim a ter aquele sentimentozinho negativo, então vamos supor você está com uma dificuldade com o seu marido; aí, o quê que acontece? Começa a vir: ah, mas o cara é isso, mas o cara é aquilo. Meu, você não consegue e parece que você está ali num círculo, e nenhuma idéia boa vem, e aquilo ali, e aquilo ali... é um cara que você ama, você tem uma família, você não quer desestruturar nada, e só vem tudo o que ele tem de ruim. Mas você fala: meu deus, não é assim, por que I.N. você não está enxergando as coisas boas? Por que uma coisinha assim é maior do que vinte boas? Então o que você está fazendo? Você está mudando o seu padrão vibratório. Então nesse momento eu não chego lá no centro e vou passar em pesquisa, mas eu vou orar. Eu vou entender que, ou eu valorizo o que eu tenho, ou eu valorizo a pessoa que eu tenho e saio daquele padrão vibratório, ou aquilo lá vai me arrastar! Então eu deixo de ser eu, e é o que eu não quero

A fala de I.N. denota o receio de ser invadida por algo estranho, compulsório, que a encha de raiva, culminando, por fim, na total desestruturação do ambiente. Seu medo é, em parte, o de perder o contato efetivo com o mundo, dissociar-se de si mesma. Como ela mesma diz: “eu deixo de ser eu, e é o que eu não quero”. Em sua interpretação espírita, a possessão é sinal de obsessão, de uma influência negativa dos espíritos. De uma visão psicodinâmica, no entanto, podemos levantar a hipótese de que a irrupção abrupta de certos conteúdos, expressa, na verdade, uma atividade inconsciente. É aquilo que Jung (1920/2004) define como ‘complexos ideo-afetivos’, mas que poderíamos

considerar aqui, simplesmente, como papéis dissociados da identidade habitual. Como lembra Jung em relação aos complexos, estes tendem a se tornar verdadeiras personalidades secundárias, ou em outras palavras, *papéis inconscientes*, papéis que as médiuns podem vivenciar livremente no centro, mas acerca dos quais não assumem completa autoria.

45. I.N: [...] A mesma coisa do obsessor; você entra na faixa vibratória, você sente o que ele está sentindo, se é medo, se é raiva, e **normalmente a gente é treinado, busca tentar transpor essa barreira e entrar, normalmente, no sofrimento** [grifo nosso]. Então é engraçado porque você tá falando e tá tentando sentir pra você... aquela dor maior que ele [obsessor] tá sentindo, de onde vem pra você falar, passar para aquela entidade que não é isso, que ele não precisa sentir aquela dor, que existem coisas melhores, situações, que vai arrancar [a dor], porque ele precisa arrancar. É a mesma coisa a gente. Você tem uma dificuldade e aquela dificuldade te põe lá embaixo, quem vai te tirar? É só você, né. Então, nem sempre só com o amor [é possível ajudar]. Então essa energia que é trabalhada, que é usada, ela possibilita essa entidade estar sentindo isso. Então, no meu modo de ver, que eles falam de incorporação – e que na minha opinião é intuição – mesmo intuitivamente você está ligado e você vai passar; do mesmo modo que você recebe você passa.

No centro, como a própria I.N. relata, o controle dessas emoções é exercitado através da doutrinação. O centro espírita fornece os significados, a simbologia e o treinamento prático necessários para interpretar e controlar essas experiências sem que haja medo ou receio. Zangari (2003) define esse processo como treino de estados alterados de consciência num contexto ritual. Negro (1999), por sua vez, refere-se a uma ‘modelagem do comportamento social’, ou à assimilação de experiências em uma ‘matriz social’. As técnicas empregadas no centro Ismael são derivações da hipnose, e induzem claramente a ocorrência de estados alterados de consciência, sugerindo inclusive as emoções a serem trabalhadas por meio da doutrinação. Eis o relato demonstrativo de um exercício de psicofonia – incorporação – para alunos do curso de educação mediúnica:

7.10. EXERCÍCIO DE PSICOFONIA

Limpeza do bulbo e comunicação:

1. Polegar no tímpano;
2. Indicador massageia o bulbo;
3. Sopro nos ouvidos: com a mão direita do lado esquerdo do assistido, em forma de concha, sopra-se na palma da mão a fim de que o ar penetre no ouvido do assistido;
4. Repetir o processo com a mão esquerda;
5. Levantar os braços do assistido (igual na captação) e fazer uma doação de energia: as mãos espalmadas do médium sobre as mãos do assistido, descendo e subindo uma vez de cada lado;

6. Pegar nas mãos do assistido e fazer um movimento igual ao de pedalar, com os braços para frente e para trás;
7. Começar a conversar com o assistido, pedindo para gemer, chorar ou gritar, até que os Espíritos o envolvam, dando, se necessário, passividade;
8. Após a doutrinação, segurar novamente as mãos do assistido, pedindo-lhe para juntar os pés. Depois, puxar o mesmo, a fim de que dê um salto e voltar ao estado normal;
9. Desfaz-se o grupo. Fim do exercício. (FILHO, 2007)

O controle ou intervenção doutrinária sobre as próprias emoções é visto como uma capacidade progressiva, a qual pode ser desenvolvida cada vez mais, desde que se dedique bastante a ela: “78. I.N: Quanto mais eu fizer o treinamento, mais eu vou estar preparada para isso. É a mesma coisa quando você vai pintar um quadro; isso daí é uma ferramenta que se você quiser aprimorar, você vai aprimorar.” No início, é sempre um tanto difícil; trata-se de algo que requer disciplina e concentração. Em alguns momentos, as sensações podem ser muito dolorosas, como quando I.N. diz ter recebido uma entidade que havia se queimado: “96. [...] meu deus, que difícil que foi porque você sente aquela sensação, você não sente a dor, mas você sente o desespero, aquela sensação de angústia, de terror, e isso é assim, são frações de segundo.”

A barreira ou censura que separa inconsciente e consciente sofre, nesse momento, um rebaixamento, e as médiuns podem acessar diretamente suas emoções, acolhê-las, doutriná-las. Os conteúdos ideo-afetivos inconscientes são considerados estranhos, amedrontadores, porque não constituem forças plenamente controláveis e acessíveis; sua manifestação tem muito mais o caráter de uma invasão ou possessão, contrária aos valores da consciência. Mas a responsabilidade das médiuns perante tais conteúdos não é totalmente retirada. Para os espíritas, se há obsessão, ela decorre de uma falta quanto ao compromisso mediúnico, superada unicamente através da prática vigilante dos ensinamentos e de um constante exercício de aprimoramento pessoal. Dessa maneira, as médiuns conseguem atuar sobre aquilo que desconhecem em si mesmas, tendo o respaldo seguro dos ensinamentos do centro, o qual as informa sobre os perigos do ‘mundo espiritual’ – entendido aqui como representação do inconsciente –, ao mesmo tempo em que adquirem certos recursos para fortalecer sua identidade.

Segundo a médium I.N: “47. [...] Eu sempre atribuo assim, que no centro você tem todas as ferramentas, lá é feito pra isso.” O centro torna-se uma espécie de ‘lugar catártico’ e, não raro, a liberação de emoções difusas operadas nesse contexto, acabam

originando reações físicas e psicológicas positivas. Após o transe, é comum que as médiuns relatem sentimentos de paz e harmonia interior, ou outras sensações prazerosas. “166. E.D.E: De paz. De muita paz, assim, de uma serenidade que não é minha. Quem está por perto fala que muda o meu semblante”. Tais hipóteses parecem confirmar a idéia de Jung (1948/2000) de que as práticas mediúnicas tendem, muitas vezes, a desempenhar uma função terapêutica e integradora, contribuindo no desenvolvimento da consciência e na sua relação com o inconsciente. A capacidade de entrega das médiuns em relação aos espíritos, é desse modo, uma entrega ou ‘passividade’ aos conteúdos (potenciais) inconscientes. ‘Mudar o padrão vibratório’, ‘assimilar a energia dos espíritos’, etc. não é senão outro modo de descrever o processo de integração de papéis dissociados da identidade habitual. *O centro espírita parece exercer assim a função de acolhimento e continência dos conteúdos inconscientes, segundo padrões culturalmente aceitos, ao passo em que ajuda as médiuns a preservar sua estabilidade e integridade identitárias*⁴.

Entretanto, a mediunidade também comporta seus riscos, não menos preocupantes; a assistência do centro espírita pode revelar-se aprisionante, caso se mostre excessiva. Ocasiona, de certo modo, um boicote à mudança, à metamorfose identitária, recaindo assim na mera re-posição dos papéis esperados socialmente e no exercício de ‘controle’ repressivo dos aspectos indesejados ou incompatíveis com a condição de espírita, elementos que em nada auxiliam no desenvolvimento efetivo da identidade. *O transe permite uma doutrinação completa da identidade; não só os aspectos conscientes como inconscientes*. É assim que se opera, na verdade, um controle ideológico ideal sobre o indivíduo. Quando I.N. evita brigar com o marido, por exemplo, e racionaliza ou reprime seus sentimentos, ela não está enfrentando a situação objetivamente. É possível que o contato ostensivo com aspectos inconscientes, durante o transe mediúnico, lhe permita trabalhar e desenvolver determinados conteúdos, mas isso se dá, algumas vezes, em detrimento de um contato direto com o conflito. Ela mantém

⁴ A faceta acolhedora e continente do centro espírita assemelha-se, sob determinado aspecto, à função *materna*, aquilo a que Jung (1950/2000) se refere como a *Grande Mãe*. Nesse sentido, é bastante curiosa a afirmação inicial de I.N. de que, na escola mediúnica, se sente, por vezes, como “uma criança que está aprendendo a andar” e que “é mais cercada de atenções”. Tal associação não nos deve surpreender, visto que diversas outras organizações humanas podem vir a desempenhar tais funções na vida emocional de um indivíduo (e não somente templos religiosos) como empresas ou escolas, por exemplo. Sobre esse assunto, ver *A vida afetiva dos grupos*, de Pagés (1982). Jung também cita como possíveis representações da *Grande Mãe*, em seu sentido mais amplo, a Igreja, a Universidade, a cidade ou país, a Terra, a Natureza, o Mar, etc.

intacta seu papel de espírita, mas anula com isso suas chances de modificar as condições previamente estabelecidas, alterando a situação familiar ou conjugal problemática.

De acordo com Ciampa (1987), uma organização é sempre, no início, a tentativa de solucionar um problema humano. Mas na medida em que se *institucionaliza*, que expande cada vez mais seus aparelhos ideológicos, tende a buscar sua própria autoconservação. *Desse ponto de vista, o centro espírita está a serviço, não tanto do desenvolvimento individual de seus membros, como da sua própria manutenção ou reposição identitária – isto é, da manutenção da ideologia espírita, que é o seu escopo, desde o início – embora suas atividades possibilitem uma relação controlada com aspectos latentes, cujas consequências podem ser, algumas vezes, terapêuticas ou integradoras.* Aqui, nos vemos diante da reflexão de Ciampa (1987) para o qual as instituições também devem sofrer suas próprias transformações e metamorfoses identitárias, de maneira a se ajustar ao desenvolvimento de seus membros e do meio social como um todo.

Gostariamos de frisar que as considerações anteriores não visam descartar totalmente a existência de processos paranormais nos casos estudados. De fato, algumas das falas das médiuns, remetem a situações aparentemente paranormais, como a premonição da morte de um amigo de E.D.E, feita por ela dias antes de seu falecimento. Segundo ela, foi possível confirmar vários detalhes de sua previsão, incluindo o fato de que seria o irmão da vítima a pessoa a encontrar o corpo. Diversas outras situações são narradas pelas médiuns e podem ser verificadas nas transcrições. Algumas dessas experiências também se dão no centro espírita Ismael. Lá, as médiuns participam de várias atividades, entre cursos mediúnicos e trabalhos de assistência espiritual. É, sobretudo, nestas duas últimas atividades que suas funções mediúnicas são mais exercitadas. Em tais momentos, as médiuns são expostas a condições em que suas mediunidades seriam ‘demonstradas’, e onde se dão casos aparentes de obtenção paranormal da informação. I.N. relata, por exemplo, a capacidade de prever com certa antecedência a fala dos palestrantes, durante atividades de assistência espiritual. Em seguida, nos dá uma idéia geral de como a informação chegaria até sua consciência:

45. I.N: [...] É assim: quando você tá fazendo um preparo, a gente faz um estudo, uma conversa. E.M, cem por cento das vezes o assunto tá relacionado; a gente não sabe qual vai ser a palestra, mas surge aquele assunto. Por isso que é o

padrão vibratório, é a onda. Você tá ali naquela mesma afinidade, naquele mesmo padrão, você capta, você entra naquela faixa vibratória, aí já começa a acontecer lá. Às vezes você tá recebendo o passe e já tá vindo aquelas idéias. Então muitas vezes quando o palestrante tá falando, sempre a idéia do que ele vai falar, você já teve. Você está ali na mesa, é como se fosse umas ondas mesmo ligando a nossa mente uns aos outros, e essa idéia vai surgindo na cabeça da gente. Quando você começa a, vamos supor, no caso meu específico, eu busco a energia do mentor, a capacidade de energia, de você buscar a mesma onda, né, a vibração do mentor. Quando você começa a falar, tanto no mentor quanto numa entidade necessitada, você começa a sentir é... você começa a ver... não é ver; é como se alguém estivesse falando assim: ó, o E.M. é loirinho, ruivinho, branquinho, usa um óculos...

44. E.M: Ah, você ouve, ouve ou pelo menos tem a...

45. I.N: É, é como se... é... não é que eles vão falando pra mim tudo isso, mas é como se eles jogassem aquela imagem, então eu não vejo o E.M, é como se alguém estivesse relatando como é o E.M, entendeu? Eu não consigo fechar o olho e ver o E.M, mas consigo fechar o olho e falar: o E.M. é assim, assim, sem necessariamente ver. A idéia passa, entendeu? Quando você dá passividade para o mentor é maravilhoso, porque realmente você consegue ver que existe tudo aquilo que ele está falando, porque passa a vivenciar, a sentir, o que ele está sentindo.

E.D.E também vivencia, no centro, experiências que parecem confirmar sua mediunidade, como é o caso de psicografias recebidas por outros médiuns, referentes a comunicações mediúnicas suas:

73. E.D.E: Eles [espíritos] mandam alguma mensagem, né, através da psicografia, e eu falo assim: tudo bem, eu não me nego a receber, recebi, anoto dia, horário que eu recebi, tudo direitinho, e aí eu falo assim: só que tem um acordo; eu quero a confirmação. Então passe essa mesma informação pra um outro médium, que de preferência não me conheça lá no centro, não trabalhe no mesmo trabalho que eu, nem em dias que eu trabalho lá. E essas informações vêm, são checadas, até você que conhece a T.E.R você pode tirar essa dúvida com ela que ela fala: realmente é verdade. Teve uma informação que ela levou... quatro anos pra ser confirmada. Mas, nossa, quanto tempo, por que tanto tempo assim? Até pra gente ter essa certeza de que, nada é impossível, né. Então eu tive a informação, tá, recebi a informação, anotei, coloquei data e fiquei aguardando, mas também num... quem sou eu pra cobrar? Venha quando tiver que vir. Aí, quatro anos depois, eu nem estava no dia que essa informação veio [...]

Contudo, mesmo nestes casos, é um tanto difícil determinar se a percepção de um determinado evento como sendo de natureza paranormal, não se deve a outros fatores como sorte, vieses na interpretação e no processamento cognitivo, sugestão do grupo ou outras explicações já reconhecidas pela Psicologia⁵. Durante o segundo coma,

⁵ Há muito que se sabe dentro da Psicologia o quanto determinadas características da atmosfera grupal estabelecida por certo número de indivíduos pode influenciar drasticamente a memória e a percepção de seus integrantes. O mesmo se pode dizer de sessões espíritas ou apresentações públicas de indivíduos alegadamente paranormais. Wilson e French (2004) e Wiseman, Greening e Smith (2003) verificaram, em seus experimentos, que os crentes no paranormal tendem a

E.D.E afirma ter tido acesso a informações que não poderia ter obtido pelos meios convencionais, como a morte de uma avó sua. Mas muitos estudos tem demonstrado a existência de percepção auditiva em pacientes em estado de coma (PUGGINA et al., 2005) e várias pessoas que retornaram desses estados, afirmaram que, apesar de estarem incapacitadas de responder a estímulos físicos e verbais, experimentavam, algumas vezes, uma consciência interna e externa muito vívidas, sendo capazes de assimilar tudo o que ocorria à sua volta nesses momentos (SILVIA; SCHLICKNANN; FARIA, 2002). Por outro lado, as condições em que se dão essas experiências são, na maioria das vezes, frágeis de um ponto de vista metodológico e experimental – embora as médiuns acreditem estar comprovando, dessa maneira, suas capacidades paranormais. Foi o que percebemos também com a análise das duas psicografias cedidas pela médium E.D.E para serem utilizadas no presente estudo. A médium nos disse que sua letra mudava num determinado momento do texto – Anexo A, p. 209-212 – e que este fato se devia à presença de um espírito, que passou a lhe enviar, a partir daquele momento, uma mensagem psicografada no decorrer de uma sessão mediúnica. Todavia, a mudança na letra (p. 211) é pouco significativa e facilmente explicável; enquanto a parte do texto atribuída à própria médium está em uma letra semelhante à letra de fôrma, a parte supostamente psicografada está em letra de mão. Trata-se da mesma pessoa, escrevendo de maneiras diferentes. Isso fica ainda mais claro quando se compara a parte psicografada desta primeira mensagem com o texto feito sobre o desenho mediúnico – figura dois – e com outra psicografia cedida pela médium – Anexo B, 213-215 – ambas escritas igualmente em letra de mão e, não obstante, atribuídas a diferentes espíritos.

se esquecer de momentos cruciais após assistirem as performances de indivíduos auto-intitulados paranormais. Enquanto conversam sobre a apresentação, os crentes também acabam por influenciar uns aos outros quanto à percepção que obtiveram de certas passagens, e são mutuamente sugestionados a acreditarem na veracidade do fenômeno, ainda que, na realidade, tudo não tenha passado de uma armação criada experimentalmente. Esses resultados não implicam necessariamente que os crentes no paranormal demonstrem mais falhas de memória do que aqueles que não acreditam no paranormal, ou que são, por exemplo, mais ingênuos; esses dados indicam, na verdade, o elevado poder de sugestão do grupo. Ademais, as falhas (ou esquecimentos) descritos poderiam ser eventualmente ativadas como forma de preservar o status de suas crenças, funcionando como um mecanismo de defesa que diminui a ansiedade decorrente de um confronto com elementos que as contrariem. Todavia, tais falhas não parecem constituir o *efeito* de algum déficit cognitivo de maior amplitude, mas antes, representam modificações perceptuais e cognitivas induzidas pela própria crença no paranormal e outros fatores psicológicos relacionados, como a necessidade de controle sobre eventos ambíguos (LANGE; HOURAN, 2000). A esse respeito, os proponentes do paranormal contra-argumentariam, e com razão, que tais processos defensivos estão também presentes na rejeição insistente que muitos cétricos dogmáticos fazem de evidências significativas acerca da existência do paranormal. Como bem reconheceu Kennedy (2005) esses dados podem ser de interesse aos parapsicólogos, no intuito de aperfeiçoar suas pesquisas, procurando diminuir assim a influência desses vieses.

Não reproduzimos aqui o conteúdo das psicografias, por não ser de maior relevância ao assunto discutido, mas pode-se conferi-las integralmente nos anexos (p. 209-215) .

Em todo caso, se as médiuns estudadas podem realmente apresentar, em dados momentos, faculdades ainda desconhecidas, parece haver então uma tendência de tais faculdades em se mesclarem ou se confundirem com processos inconscientes que dizem respeito à própria psicodinâmica das médiuns, como já haviam sugerido os pesquisadores pioneiros da mediunidade no capítulo três – principalmente Frederic Myers. Estudos mais recentes também parecem confirmar essa hipótese (CARVALHO; AMARAL, 1994). Um exemplo disso é o desenho mediúnico de E.D.E., que analisaremos agora.

O desenho abaixo (p. 162) foi produzido em uma das aulas mediúnicas da qual E.D.E participou, no ano de 2006. Como em outras ocasiões, a tarefa consistia em obter uma determinada informação por vias paranormais, e ‘testar’, de certo modo, a capacidade mediúnica dos presentes. Dentro de um envelope, havia sido colocada uma solicitação, endereçada ao plano espiritual.

56. [...] É...vamos supor, gostaríamos que se possível nos desse a indicação, nos dessem tal informação, nos desse tal explicação, e tá lá dentro do envelope, ninguém sabe o que tá lá dentro do envelope, a não ser a dirigente da equipe que foi quem colocou o envelope lá. Eu não sei e os alunos não sabem. Até porque, pra coisa ser bem real; ou você tem esse tipo de acesso, de saber o que tá lá dentro, ou você não tem. Não é adivinhação, não é nada. Porque, o quê que a gente explica pros alunos? Não tente adivinhar o que tá lá dentro, porque provavelmente você não vai acertar. Porque o que está lá dentro, quem vai passar a informação pra você espiritualmente, sabe o que tá lá dentro. Então, ele vai passar, ou a criatura que está aí ao seu lado, vai te passar a informação que tá lá. Do jeito que ela entende... aquele tipo de solicitação. Então não é adivinhação nada, você simplesmente vai se concentrar, fechar os seus olhos, desligar o seu pensamento de tudo o que é externo e se deixar ser útil; se vier a informação, ótimo, né.

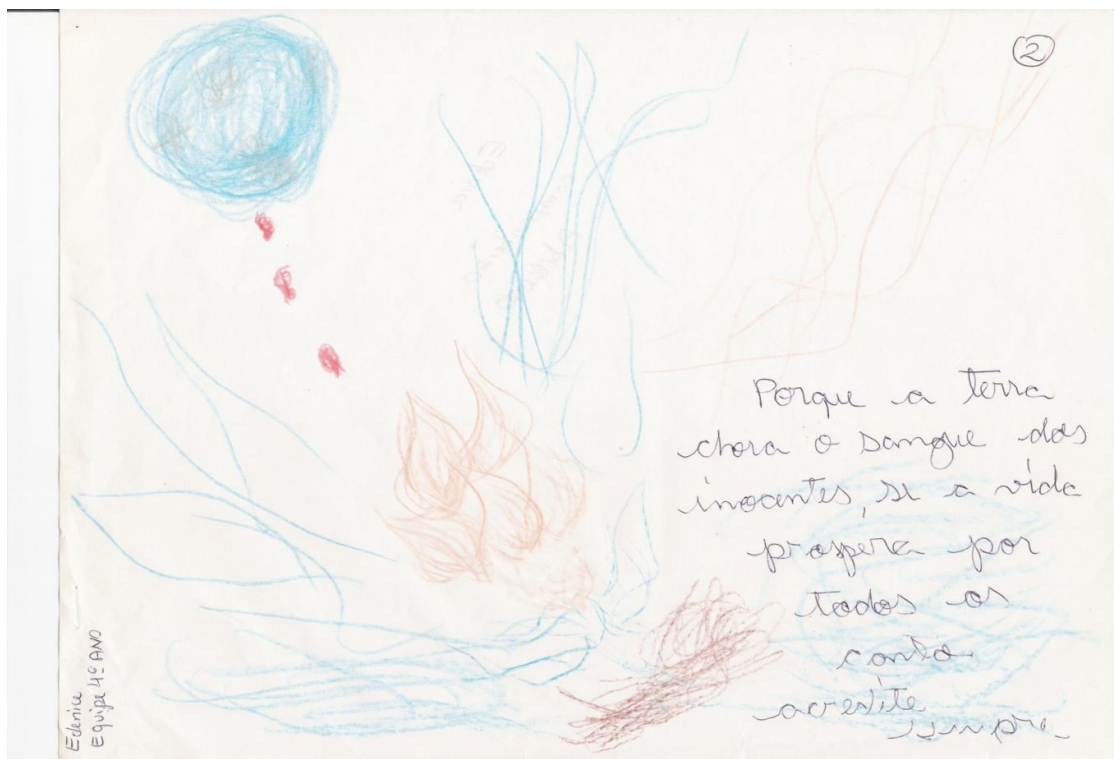


Figura 2. Desenho mediúnico da médium E.D.E. “Porque a Terra chora o sangue dos inocentes. Se a vida prospera por todos os cantos, acredite sempre.” Atrás da folha, é possível ler o nome da médium e, em seguida, o da ‘entidade’ a quem o desenho foi atribuído: “companheiro Abelardo”.

E.D.E. estava acostumada a obter suas comunicações com os espíritos por meio da psicografia. Era seu modo comum de trabalho mediúnico, como para tantos outros médiuns. Desta vez, contudo, a informação encontraria uma nova forma de expressão.

56. [...] Eu tinha até assim uma certa... cisma, porque eu falava assim: psicografia tudo bem, já é uma coisa tão natural que eu nem questiono, mas, o desenho, que a gente chama de desenho mediúnico, gente, eu não desenho nada, eu sou pior que uma criança de pré, eu sei fazer aquelas casinhas (sic) que é uma pauzinho aqui, um telhadinho assim, eu não sei fazer nada! Então em termos de desenho, eu nem vou me concentrar porque não vai sair nada! Se eles quiserem me mostrar alguma coisa no desenho, eu vou tentar descrever o desenho que eu to vendo. Então geralmente eu fazia isso, pegava um papel e, ah, eu to vendo tal cena assim, assim e descrevia em detalhes o desenho. Mas nunca desenhava. Porque eu não tenho facilidade pra desenho, eu achava que tinha que ter, era até uma ignorância da nossa parte, porque se não é você quem vai desenhar, por que essa preocupação, né? Mas eu tinha, era uma coisa minha. Aí nessa aula... era de desenho. Eu falei, eu não vou desenhar, você me mostra o desenho, eu vou escrever o que eu to vendo e tudo bem. Aí... esse que a gente chama de amigo espiritual, ele falou assim pra mim: “não, você vai desenhar! Porque não é você que vai fazer o desenho, sou eu”. Aí fez esse desenho aqui, que eu depois que

abri os olhos que eu olhei, eu falei: não entendi nada. Acho que não tem nada a ver com a informação que tava lá dentro.

Curiosamente, descobriu-se depois que o desenho, e as palavras redigidas próximas à figura, tinham relação direta com a informação solicitada dentro do envelope. A pergunta endereçada ao plano espiritual dizia respeito ao que seria possível fazer pelo bem-estar do planeta Terra, e o que ocorreria com a humanidade no futuro. Eis, então, a descrição do desenho feita pela médium:

56. [...] Aí eles me explicaram. Aqui, é a Terra [*parte superior da figura*]. Aí me explicaram o seguinte: a Terra está chorando, lágrimas de sangue. Essa floresta que você vê aqui, subindo, tentando alcançar o planeta, é uma floresta que não é do planeta, ela tá no plano extrafísico, no nosso plano; e está enviando forças, aqui são luzes, energias, pra que esse planeta consiga ainda sobreviver. Aí ele [espírito] falou assim: você tem dúvida de que passou a informação que nós pedimos, que era o que fazer pra esse planeta sobreviver? Confie mais, né, produza mais, deixe que essas energias que nós estamos enviando chegue até vocês, porque o planeta já tá chorando lágrimas de sangue. Até quando... vocês vão esperar?”

A situação descrita pode ser considerada uma *aparente* demonstração de obtenção paranormal da informação. Mas ela também envolve importantes aspectos psicodinâmicos. Vimos como a médium relatou ser inexperiente ao desenhar, e de como desejava desenvolver essa capacidade, o que considerava, por outro lado, sinal de ‘ignorância’, pois não se via suficientemente talentosa para essa tarefa. Relata que a entidade espiritual teria lhe forçado a desenhar, ainda que ela estivesse temerosa de fazê-lo. Tais dados parecem confirmar nossa hipótese de que a identidade mediúnica pode facilitar o contato ostensivo com aspectos do inconsciente, servindo ainda como meio de desenvolver certas funções latentes do indivíduo, as quais, de outro modo, permaneceriam num estado de inconsciência – frente à sua incompatibilidade com as aspirações conscientes e em decorrência de uma rejeição voluntária operada pela própria consciência. A médium não se achava capaz, e então não permitia a si mesma realizar voluntariamente o desenho, barrando assim, tanto o *desejo* de concretizar tal atividade como a própria função psíquica relacionada a ela. Se a médium continuar exercitando o desenho em estado de transe, é capaz de que, em pouco tempo, esteja produzindo figuras melhores e mais bem elaboradas. É o que parece ocorrer com muitos médiuns famosos voltados à atividade de pintura mediúnica. Nossa pesquisa confirma assim a

hipótese de uma associação entre criatividade e experiências paranormais, como levantaram os estudos revisados no capítulo um, dentre eles, o de Kennedy e Khantamani (1995a). Nesse sentido, a hipótese de Grosso (1997) da mediunidade como uma espécie de 'dissociação criativa', adere perfeitamente ao que estamos discutindo. Aqui também se observam as funções do inconsciente levantadas por Flournoy (1900/1994): sua atividade criativa – ou função *mitopoética* –, sua tendência para o lúdico e sua função de compensação frente à consciência. O caso da pintura mediúnica de E.D.E. nos dá um ótimo exemplo dessa perspectiva, em todos os seus detalhes. Não precisamos sugerir a existência de qualquer força paranormal para explicar o desenvolvimento de tais aptidões. Ainda assim é possível, como no caso analisado, que determinadas funções latentes se misturem a processos que, por enquanto, só podemos considerar como *aparentemente* paranormais.

Antes de finalizarmos o presente tópico, gostaríamos de abordar uma última questão concernente à mediunidade como ocultação e revelação. Não nos foi possível determinar a natureza das 'personalidades' secundárias que se manifestam através dos médiuns, um tema de preocupação recorrente nas pesquisas sobre mediunidade. Na verdade, pouca coisa soubemos acerca dos supostos 'espíritos' que se apresentariam por intermédio das entrevistadas. No caso I.N., parece-nos que isso se deu mais em decorrência do tipo de mediunidade que a médium afirma possuir, do que a uma recusa em falar a respeito, como no caso E.D.E. – a qual justificou que nada poderia relatar sobre suas entidades espirituais, para que não viesse a se envaidecer com isso⁶.

Ao nos referirmos ao 'tipo de mediunidade' estamos aludindo simplesmente ao caráter das vivências mediúnicas de I.N. que, ao contrário de E.D.E., não se caracterizam por visões e audições nítidas de espíritos. De qualquer maneira, afirmar genericamente – como nós o fizemos – que as manifestações mediúnicas relatadas parecem ter relação com certos conteúdos reprimidos e inconscientes das próprias entrevistadas, está longe de responder por si só à questão das personalidades secundárias. No capítulo dois, vimos que os pioneiros da pesquisa sobre mediunidade já haviam defendido essa hipótese, mas eles próprios julgavam-na, muitas vezes, insuficiente para uma explicação detalhada do

⁶ A justificativa de E.D.E talvez pareça incoerente, mas envolve, na realidade, importantes questões ideológicas, como veremos no próximo tópico. O mesmo se pode dizer do discurso investigativo usado pelas médiuns e pelo centro espírita na tentativa de comprovar suas faculdades mediúnicas.

fenômeno. Não estamos querendo dizer com isso que se deva apelar necessariamente para uma explicação paranormal das manifestações de espíritos, e sim que uma teoria psicológica mais completa a respeito ainda está por surgir. O que se tem, até agora, são hipóteses esparsas, incapazes de formar um todo coerente.

Uma idéia que nos pareceu útil foi a da ‘vontade de personificação’ de William James (1973). Ela pareceu se encaixar muito bem em nossa perspectiva das personagens inconscientes, baseada na teoria psicossocial da identidade, embora ainda seja bastante incipiente sob determinados aspectos, por oferecer uma compreensão geral do fenômeno e pouco esclarecer seus pormenores. A noção junguiana de complexos ideo-afetivos é outro exemplo de uma hipótese frutífera. Os conceitos de automatismo e dissociação na obra de Pierre Janet tendem a lançar alguma luz na maneira com que as médiuns se relacionam com essas entidades. O automatismo das manifestações psicológicas desencadeadas em estado de transe, ou ainda a estranheza diante de emoções confusas que tendem a contrariar a identidade habitual das entrevistadas, conferem alteridade às suas percepções, servindo a elas de confirmação quanto a sua possível origem espiritual. Isto se confirma pelo fato de as médiuns alegarem sentir que certas emoções ou reações não são ‘suas’ mas sentidas como se fossem estranhas ao estado habitual das mesmas.

Não nos foi possível, entretanto, averiguar tais hipóteses com maior segurança. Os estágios propostos por Zangari (2003) quanto ao desenvolvimento da mediunidade, estavam baseados não só em entrevistas como em observações sistemáticas dos fenômenos, com um número maior de médiuns. Em nosso estudo, os estágios descritos não puderam ser devidamente acessados recorrendo-se somente às entrevistas disponíveis e às observações que viemos a realizar no centro durante o ano de 2008. Contamos com o relato dessas manifestações por parte das médiuns e com um material de psicografias escasso. *A história de vida mostrou-se uma forma bastante útil de se acessar os usos e sentidos das experiências mediúnicas e paranormais na vida das entrevistadas, fornecendo muitas possibilidades para uma reflexão psicossocial, mas talvez deva ser empregada em complementaridade com outros recursos, caso se queira investigar a natureza do fenômeno mais aprofundadamente.*

7.3 A mediunidade como ideologia

32. E.D.E: *Peraí, então tem um outro lado? Tem. A gente quer acreditar ou não, queira que seja verdade ou não, aceite ou não, independente de credo, crença, religião, existe.*

- Médium E.D.E.

Vimos no primeiro tópico deste capítulo, que a mediunidade parece estar a serviço de um projeto de identidade, de uma busca por um significado humano emocional e espiritual na vida das médiuns. Tal projeto não depende apenas de como um indivíduo enxerga a si próprio, mas de como as pessoas à sua volta o identificam e de como nomeiam suas posições e papéis sociais. A auto-percepção se constrói, portanto, em sociedade; em parte, como aceitação de certas condições sociais, e em parte, como recusa dessas condições. Porém, todo o papel social implica a assunção de uma ideologia que é subjacente ao mesmo. Como afirmou Ciampa (1987, p. 127): “Uma identidade concretiza uma política, dá corpo a uma ideologia”. Vimos outrora que assumir a condição de médium, implica reconhecer-se e ser reconhecido como humano – principalmente por parte do grupo que dá sustentação a essa forma de ser e de existir no mundo, o grupo dos espíritas. *Mas ser médium implica assumir não só os bons frutos decorrentes da assunção de um papel como esse, como também os riscos inerentes a tal condição. Ser médium implica, em outras palavras, defender uma ideologia, concretizar, reproduzir ou, até mesmo, reformular a história dessa ideologia. É o que abordaremos a partir de agora.*

Alguns dos aspectos ideológicos da mediunidade foram citados anteriormente em uma passagem ou outra da análise. De fato, todo o discurso das médiuns pode ser considerado, sob determinado aspecto, como ideológico, porque privilegia necessariamente uma visão de mundo espírita. Todavia, em nenhum momento anterior de nossa análise se deu a devida ênfase para a identidade mediúnica como corporificação da ideologia espírita. A mediunidade representa a noção fundamental de pessoa no Espiritismo, mesmo quando não se é médium ‘ostensivo’. Aqui, veremos como a defesa que as médiuns fazem da ideologia espírita, em seu confronto com outros

saberes e visões de mundo concorrentes, busca preservar, na verdade, suas próprias identidades mediúnicas. *Suas histórias individuais reproduzem, em suma, a história de uma ideologia, a ideologia espírita, e suas lutas por reconhecimento social e significado na vida são também lutas ideológicas.*

No capítulo dois, foi possível acessar um pouco da história do Espiritualismo moderno e do Espiritismo no Brasil. A história dessas ideologias é também a história da mediunidade, história de marginalização e exclusão. Talvez seja estranho conceber a mediunidade hoje como uma forma de crença ou experiência marginalizada. Contudo, ela não surgiu do nada; tem seu passado. E esse passado coletivo, tanto quanto o passado individual das médiuns, tem suas consequências no tempo presente. A história inicial da mediunidade e de sua relação com outras ideologias e visões de mundo, ainda está viva no imaginário das médiuns, em suas falas e em seu comportamento. Ciampa (1987) defende que a identidade é encarnação da história humana. Se é assim, I.N. e E.D.E são encarnações da história humana também, encarnações da história do Espiritismo e da mediunidade.

É, em primeiro lugar, no próprio seio familiar das médiuns que a história das práticas mediúnicas encontrará sua principal via de expressão no presente. Mais adiante, será possível perceber que a conflitiva familiar em torno da mediunidade, não passa da versão reduzida de um conflito cujas proporções ideológicas são ainda maiores. Começaremos do menor para seguirmos em direção ao maior.

A percepção que os familiares e outras pessoas do convívio das médiuns fazem a respeito destas, desempenha um importante papel na maneira com que elas se comportam frente às suas crenças e experiências. A busca pela doutrina espírita parece ter sido, em parte, uma tentativa de livrar-se das concepções estigmatizantes em que se viam enredadas antes de se tornarem médiuns espíritas. A afiliação a um grupo religioso parece garantir à experiência mediúnica ou paranormal uma função social específica; isso também garante a sua relativa humanidade. Tanto é assim que, antes de E.D.E e I.N. conhecerem a doutrina espírita, sua busca era sempre a de encontrar um grupo dentro do qual pudessem ser acolhidas, uma instituição onde suas estranhas experiências fossem identificadas como iguais às de tantos outros, adentrando assim um conjunto estruturado de crenças, valores e significados que são culturalmente compartilhados. *Sua*

preocupação era, em última instância, a de não perder contato com sua humanidade, com a ponte que as ligava ao mundo dos homens, e não somente ao dos espíritos.

A participação nas atividades do centro permitem-nas, junto com outras médiuns, reproduzir, repor, reafirmar constantemente a identidade adquirida, seja através da assimilação dos ensinamentos doutrinários, seja através das ‘experiências confirmatórias’ levadas a cabo durante as reuniões mediúnicas. Aí se percebe o papel fundamental das outras pessoas, médiuns ou não, na maneira de as entrevistadas se reconhecerem como tais. *Os outros à sua volta tanto podem autenticar quanto invalidar suas mediunidades, na medida em que atribuem às suas experiências um caráter patológico ou paranormal / mediúnico.*

No início, o rótulo ao qual estavam expostas era o de doente mental. A visão que os familiares das entrevistadas faziam a seu respeito era a de pessoas descontroladas, instáveis, doentes à espera de tratamento.

134. E.D.E: Tá, primeiramente como os outros me vêem: como um ser muito estranho (risos). Eles não me entendem, eles acham assim que tudo o que aconteceu comigo foram fatalidades e que... sei lá, eram doenças mesmo, pra eles é doença. É doença, eu ficava doente, era muito fraquinha, sempre tive uma saúde muito fraquinha, e ficava nisso. É o que eles resolveram aceitar como informação; fica mais fácil pra eles assim... entendeu?

76. I.N: É, a gente fica rotulado mesmo, principalmente no meu caso quando eu ficava nervosa ou ficava acuada né. Ninguém quer ficar do lado de uma pessoa que, de repente: ai, estou com medo, ai, não sei o que eu tenho, sei lá (risos), ninguém quer. Uma pessoa que tem um problema e aquele problema é X, você faz ele ficar X ao cubo, ao quádruplo, ao quádruplo... porque pra qualquer outra pessoa seria X. Então ninguém quer. Muitas vezes você fala que sofreu discriminação, porque hoje, muitas vezes, você também não vai ter paciência com uma pessoa que é assim. Você fala: poxa, você não tem nenhum distúrbio, você é mais controlado, aí você vai e tem uma pessoa assim; gera, lógico, instabilidade! [...] E aí E.M. todas as pessoas melhores ou piores, nós seres humanos rotulamos. A discriminação existe até pra quem é muito bacana.

No caso I.N., essa percepção não adveio somente dos outros à sua volta; ela foi incorporada e corroborada pela médium, tornando-se o seu próprio referencial de auto-percepção. Os demais à sua volta enxergavam-na de determinado modo, e era assim que I.N. se via também.

59. I.N: É, antes você acha que é só um medo seu. Como no meu caso, a maioria foi medo, insegurança, então eu travava muito pra vida. Então com certeza as pessoas falavam: “ai, aquela pessoa é muito medrosa, aquela pessoa é muito

insegura, é frágil, é fraca". E a gente assim né, a gente, logicamente, é assim! Você tá fazendo tudo isso, as pessoas estão enxergando exatamente aquilo que você é, né. Você se sente fraca, insegura, medrosa e... conforme você vai estudando e tudo isso vai entrando num patamar mais de equilíbrio, de conhecimento, aí você começa a sentir que não é nada disso, né.

[...]

108. I.N: Então, quando eu tinha os rompantes atribuíam assim a um desequilíbrio, ou emocional ou espiritual, era um desequilíbrio. E hoje, graças a Deus, eu sou uma pessoa também mais equilibrada; é o que eu falo, não é questão de falar, mas o espiritismo em si me deu força pra ser uma pessoa melhor, em todos os aspectos, porque é um equilíbrio. Você equilibra em tudo e o conhecimento sempre te traz isso, mas a gente sabe que ainda está longe de qualquer coisa (risos), tem muito a percorrer ainda. Às vezes você vai conversar com os irmãos, aí eles vão apontar um monte de coisas, porque você vê o mundo pelo seu prisma. Não tem como.

Os rótulos e definições alheias podem ser muitas vezes dolorosos, vindo a suscitar reações emocionais defensivas. Antes de iniciarmos a entrevista com I.N., a participante, ao ler o termo de consentimento livre e esclarecido e se informar sobre os objetivos da pesquisa, retrucou a utilização do termo 'paranormal' na investigação. Afirmou que considerava a mediunidade uma faculdade normal e humana, e não paranormal. Contou a história de um alpinista cego para exemplificar suas idéias e argumentou que não é a sociedade quem dirá o que os médiuns devem ou não fazer. Embora não tenha sido possível gravar esse momento, o qual se deu antes da entrevista propriamente dita, pediu-se para I.N. que repetisse a história, num dado momento de seu relato, de modo que a mesma ficasse registrada.

61. [...] Por isso que, pra mim, **ser paranormal não existe** [grifo nosso]. Todos nós, sem exceção/ basta você querer. Você vê uma pessoa extremamente simples que através de uma imposição de mão [passe] consegue acalmar. Você vai falar: "é psicológico". É. Pra pessoa que tá recebendo, é psicológico, ele está acreditando naquilo. Só que a partir do momento em que ela acredita, ela tem condições de captar essa energia; se ela não acreditasse, ela estaria bloqueando.

63. E.M: E assim, você comentou no começo, eu queria que você falasse isso de novo porque eu achei muito interessante, a gente não gravou, você falou assim que você não acredita nessa questão de paranormal, você acabou de dizer, mas que você acredita que os médiuns não fazem isso pela sociedade, fala um pouquinho mais sobre isso.

64. I.N: Como assim?

65. E.M: Você falou assim que: "a gente não faz isso pelo que a sociedade espera" aí você deu a história do alpinista.

66. I.N: Ah sim. A gente estava conversando sobre um alpinista cego né, que conseguiu (subir) o Everest, eu não lembro direito porque foi uma história contada pra mim, aí as pessoas questionaram que o maior prazer é você estar lá e poder ver, subir e ver, e ele não poderia fazer isso. Então o prazer dele é mostrar pra sociedade que não é só a sociedade que vai falar o que um cego pode fazer; ele é que tem que conhecer os limites dele, ele é que tem que saber o que ele quer pra ele e buscar isso. Então essa é a diferença do ser humano. Então a mediunidade,

pra mim, é algo inerente de qualquer ser humano [...] já me questionaram: “mas você acredita realmente?” Não vou falar cem, é mil, um milhão de certezas da pré e da pós existência espiritual, porque eu sinto, porque eu exercito. Existem pessoas que eu amo, que estão ao meu redor, que acreditam que tudo isso é uma criação psicológica [...]

O alpinista cego é o símbolo de como I.N. tenta lidar com sua própria condição de médium em sociedade. Não importa se as pessoas acreditam ou não na existência de um mundo espiritual – assim como não acreditam, talvez, na empresa de um alpinista cego – pois ela acredita e se vê capaz de devassá-lo. Não é por isso, menos humana que as demais pessoas; não é uma *paranormal*. Ao reforçar o caráter universal da mediunidade, está tentando colocar todos os outros no mesmo patamar. Está desfazendo a desigualdade contida no termo, e se posicionando como humana. Sua fala é sintomática da marginalização vivida pela médium, expressão individual de um conflito histórico.

O estigma por parte da família é visto também como irreversível. Ao olhar para sua relação com os familiares, I.N. se vê desacreditada por eles. “110.[...] os familiares sabem as suas qualidades e os seus defeitos, muitas vezes os seus defeitos vão passar a vida inteira sendo maior do que as suas qualidades, então não se abre uma porta pra isso.” A adesão ao grupo de trabalho social e o respeito manifestado pelas pessoas que compõe tal grupo, ajudam I.N. a lidar com essas emoções, ao passo em que auxilia a médium a recuperar uma imagem positiva de si mesma: “110. [...] Nesse lugar eu tenho essa... acho que eu tive essa oportunidade, eu busquei, acho que é uma coisa que eu sempre desejei, e eu estou tendo essa abertura das pessoas me ouvirem.”

Todavia, embora o posicionamento dos familiares pareça sempre contrário à mediunidade, ele tende a revelar um fenômeno ambíguo, cercado de nuances nem sempre perceptíveis. Ao mesmo tempo em que a mediunidade das entrevistadas é rechaçada ou reduzida a definições psicologizantes que as destituem de seu caráter espiritual, essa mesma mediunidade é guardada tal qual um objeto precioso na família de E.D.E. Quando questionada se havia trazido os relatos que fizera de seu segundo estado de coma, a médium responde:

56. E.D.E: Não trouxe porque a pessoa que pegou, inclusive é da família, não me entrega, não me devolve (risos), porque ela fala assim: “é uma comprovação tão forte de que você teve essas informações, que não dá pra gente ficar largando por aí”, tem medo assim de, de repente vai parar na mão de uma pessoa e não volta pra família. Então isso assim, a sete chaves na família. Mas nem eu mesma tenho

acesso, não me entregam, quem pegou não me devolve. Meu marido deixou na mão de uma irmã dele e ela realmente não me devolve.

As médiuns, vistas inicialmente como doidas e desequilibradas, passam a assumir assim a função de conselheiras espirituais, inclusive frente a pessoas mais velhas: “162. E.D.E: Eu tenho uma irmã com sessenta e poucos anos, e [ela] vinha se aconselhar comigo. Eu tenho tias de oitenta e poucos anos que vinham se aconselhar comigo”. O mesmo se dá com I.N., que não raro é solicitada pelas pessoas de seu convívio a fazer previsões. Outro exemplo citado por E.D.E. são os alunos do curso mediúnico. Apesar de aceitarem participar das aulas, mostram-se receosos com a possibilidade de apresentarem algum tipo de doença mental: “54. [...] fica até se achando que tá meio louco: ‘ai não, seu eu for num psiquiatra, num psicólogo, ele vai querer me internar, porque ninguém vê o que ninguém vê, ninguém ouve ou fala com alguém que ninguém vê’, né”. *Tais falas parecem revelar o caráter contraditório da relação que muitas vezes se estabelece com essas crenças e experiências. Embora racionalmente manifestemos a tendência de menosprezá-las, parece haver sempre um lado que gostaria de afirmar sua autenticidade e o quanto elas revelam, de fato, uma realidade alternativa, e não uma ilusão ou mentira.* Apesar de sua popularidade assumida, constatada amplamente pelas pesquisas de opinião pública, a paranormalidade é quase como um tabu, algo em que ninguém quer tocar efetivamente, mas com o qual se estabelece, às escondidas, uma relação de conluio. A cisão originada culmina, dessa forma, num misto de adoração e repulsa, como exemplificado pelos familiares das médiuns.

É em meio a esse contexto que a pecha de charlatanismo, desfechada no passado contra os espíritas, se apresentará novamente às médiuns. Quando E.D.E. critica as práticas de cartomancia e adivinhação, ela o faz, não só em defesa dos princípios doutrinários, mas procurando afastar-se da possível identificação com práticas que possam se apresentar, em algum momento, como um meio de atuação ilícita, irregular. Embora a capacidade paranormal da cartomante não seja questionada em si mesma, contesta-se o modo como a prática é realizada, quase um *modus operandi* incorreto da mediunidade.

73. E.D.E. [...] Então até pra gente assim, é São Tomé, vamos comprovar, vamos. Eu falo pra T.E.R., eu sou muito pé no chão com isso, porque tem que se ter uma responsabilidade e um cuidado muito grande. Porque é muito fácil, a pessoa

chega, põe a mão aqui, ai, eu to sentindo isso, sentindo aquilo, ai tem uma entidade, ai tem uma energia, olha, tem não sei o quê. Gente, não é assim! Não acontece a hora que você quer e nem quando você determina. O pessoal fala: o telefone não toca daqui pra lá, toca de lá pra cá. Quando é necessário dar uma informação, quando é necessário prevenir de alguma coisa, a informação vem. Não precisa a gente ficar, ai eu vou ter... porque a gente às vezes acredita nisso, né? Ai, eu vou em tal lugar porque a pessoa vai jogar as cartas, vai jogar os búzios (risos), e vai ver o que eu quero; não é nada disso! As cartas, os búzios são só uns emblemas. Na realidade, tudo é passado pra mente de quem manipula aquilo. Então você recebe tudo na tua mente, tudo no teu consciente.

A mediunidade remunerada traz ainda o perigo do assédio levado a cabo pelos demais. No discurso de I.N. esse tipo de trabalho é visto como constrangedor, porque propiciaria a exploração constante das pessoas. O receio, neste caso, parece ser o de submeter-se às solicitações recorrentes, tornando-se importante, não pelo que se é, mas pelo que é possível proporcionar em termos paranormais. O medo é deixar de ser vista como humana, existindo exclusivamente para a função mediúnica, petrificando-se naquela posição determinada. I.N., como em outras ocasiões, procura desvincilhar-se da rigidez e da estereotipia, em favor de sua autonomia e metamorfose.

78. I.N: [...] E como eu não quero ser médium fora do centro, não quero que as pessoas me vejam assim, eu tô conversando com a I.N: "I.N. eu tô com um probleminha (sic) dá pra você ver?" Eu não quero isso pra mim, sabe E.M.? Eu quero conversar com as pessoas e ser eu mesma...

[...]

85. E.M: Você procura outros caminhos.

86. I.N: É, orientar, porque já pensou? É isso que eu não quero; que me rotulem, realmente eu não quero. Eu quero conversar com as pessoas como amiga, profissional, eu não quero que as pessoas se aproximem de mim porque de repente isso tá ajudando a resolver um problema de marido que está traindo, sabe? De namorada, igual está acontecendo com o meu filho, então, já pensou? Você começa a desenvolver esse dom... lógico, você acha que as pessoas não vão chegar perto de você pra querer?

87. E.M: Você acredita que isso é possível?

88. I.N: É possível, é possível. Porque se o pensamento é energia e essa energia está ao seu lado, se você tem a capacidade de ir atrás dessa energia, você vai encontrar, porque o teu pensamento vai te levar aonde você quer [...].

Não é de se estranhar, portanto, que o Espiritismo brasileiro tenha buscado em seu 'aspecto científico' ao mesmo tempo um refúgio à discriminação alheia e um meio de legitimação de suas visões. Em diversos momentos de seu relato, as médiuns procuram associar sua fala à ciência, a um conhecimento objetivo, e por vezes desvinculam completamente suas crenças de uma visão religiosa, encarando-as como algo comprovado. Eis alguns exemplos:

108. E.D.E. [...] Então assim E.M, na vida da gente... eu acho que nada a gente tem que levar pelo encantamento. Tem pessoas que acabam se encantando com tudo; com esporte, com religião, com a vida/ eu acho que você tem que ter o pé no chão. Então tudo o que eu faço, tudo o que/ até o que eu achava que não tinha nada a ver, mas eu relatava num papel e guardava, tudo isso eu tive depois a comprovação, de A por B (sic). Eu não sei se foi eu ser muito São Tomé nesse ponto, então eles também procuram me confirmar as coisas, mas olha, depois de muitos anos você vai saber o por que aconteceu isso. Então acaba que sendo assim experiências que vão se confirmando com o tempo [...]

66. I.N: [...] E hoje, graças até a divulgação [do Espiritismo], você tem muito mais tranquilidade pra se posicionar e tentar passar essas idéias, por isso que eu desvinculo um pouco de religião [...]

A ciência, ao contrário de outros saberes, tende a fornecer um respaldo e uma confirmação mais autênticos a determinadas práticas sociais, sobretudo, em nosso mundo atual (CHAUÍ, 2005). A busca pelo discurso científico por parte das médiuns, representa assim uma tentativa de legitimação de suas práticas. Mas essa relação com a ciência é também contraditória, permeada por interpretações que tendem a colocar o discurso científico numa posição inferior ao discurso espírita. Trata-se de uma autêntica relação de amor e ódio, sintomática da marginalidade sofrida pelas crenças mediúnicas no passado. Vimos um pouco a esse respeito ao abordarmos a mediunidade como projeto de vida, e ao verificarmos como os sintomas físicos e psicológicos relatados pelas médiuns, são ressignificados com base numa visão de mundo espírita.

O conceito de loucura no Espiritismo redefine não só a posição do louco no mundo, com a própria natureza da realidade. As alucinações e delírios não são meras fantasias subjetivas. Elas são a própria voz dos espíritos. Há uma constante interação entre a realidade material e espiritual. A mediunidade seria, nesse contexto, um canal de comunicação com o 'outro mundo' e como tal, está apto a captar boas ou más influências espirituais, tanto quanto um rádio é capaz de captar frequências boas ou ruins. O único meio de atrair um número maior de 'vibrações' boas ou 'padrões de ondas' adequados, é seguir o evangelho, é o médium pautar sua vida pelo constante exercício de reforma íntima. Nesse sentido, ser louco é algo que depende, em grande parte, da conduta moral de um indivíduo. O conceito de loucura, no Espiritismo, comporta ao mesmo tempo uma complexa visão de como se estrutura a realidade – uma ontologia –, um sistema de valores morais e uma profilaxia apropriada aos cuidados da alma – o evangelho. *O sistema espírita de explicação da loucura rivaliza assim com a explicação médica e psicológica*, como já havia observado Hess (1991).

Um caso exemplar do que estamos considerando é o relato que E.D.E. faz do tratamento recebido por ela no hospital, após o segundo coma narrado anteriormente. Ao retornar do coma, E.D.E. recebe atenção especial por parte dos médicos. Porém, retorna assustada e suas reações, num primeiro momento, foram convulsivas: “77. E.D.E: [...] mesmo eu estando amarrada, disse que meu corpo pulava em cima da maca, né [...], aí eles tentando me segurar e chama ajuda, [...] e amarra daqui, e não conseguiam me amarrar, não conseguiam me segurar.” Segundo suas palavras, o esforço dos médicos em lhe acalmar só surtiria efeito após a chegada de uma de suas médicas, que era espírita.

E... tinha uma lá das minhas médicas que ela era espírita da federação. Deus me colocou na fogueira mas me jogou uma aguinha, né (risos), tipo, joga uma aguinha lá pra melhorar. Aí ela falou: “não, gente, solta dela, saí de cima dela, solta”. Até o outro colega falou assim pra ela: “aí, já vem você com esse negócio de Espiritismo. Se a gente não tá conseguindo segurar com a nossa força, não vai ser você. Ela falou: “não, solta, solta ela.” Aí disse que ela só colocou a mão no meu frontal, que a gente sabe que todos nós temos os centros de força, isso nem é Espiritismo, lá se você vai procurar nos livros de terapia, de cromoterapia, tem os *Chacras*, tem os plexos, tem os centros de força, isso é... físico mesmo, né. Então disse que ela colocou só a mão no meu coronário, né, primeiro aqui *[aponta com as mãos em cima da cabeça]*, depois aqui no frontal *[aponta em direção a testa]*... eu acalmei e... apaguei, mas apaguei assim, dormindo já. Aí ligaram os aparelhos de volta tal, e tal, e tal, e tal. Enfim, foi muito história.

Depois do ocorrido, E.D.E. veio a saber que teria de permanecer ainda algum tempo no hospital, pois apresentava problemas no coração. Nesse ínterim, passou por um período bastante difícil de internação, e teve uma experiência paranormal, na qual alega ter conversado com os espíritos que a acompanhavam, tendo solicitado a eles que a livrassem daquela situação. Tempos depois, quando os médicos vieram examiná-la, nada encontraram. Seu coração estava normal. A equipe médica teria ficado estupefata com o evento, sem saber o que ocorrera. “77. [...] você não recebeu medicação nenhuma a não ser o soro de potássio que era pra te deixar forte. [...] Mas... por incrível que pareça... teu coração tá normal.” Por uma questão de garantia, deixaram-na ainda algum tempo em observação: “77. E.D.E. [...] Aí resolverem inverter, trouxeram aparelhos da UTI, ligaram lá o dia inteiro, fiquei três dias com o aparelho ligado, meu coração nunca mais deu problema.” Para E.D.E, o que realmente causou seus problemas físicos foi sua mediunidade: “83. [...] eu tinha essa consciência, eles médicos, não tinham, mas eu tinha.” Dando prosseguimento ao seu relato, E.D.E. conta ainda outra experiência

elucidativa. Fala sobre uma cirurgia espiritual que teria feito anos atrás em um centro de 'mesa branca', para tratar de um problema gástrico. Quando foi realizar os exames para a cirurgia de hipertireoidismo, o médico teria constatado a marca de um incisão na altura do estômago. E.D.E. relata ter passado por todas as reações de um pós-operatório depois dessa cirurgia espiritual. Ao contar para o médico, eis a resposta deste último: "83. [...] é, realmente, você tem essa cirurgia. Se meus colegas vão me entender... problema deles. Eu agora estou entendendo o que é".

Quando E.D.E. minuciosamente descreve a indecisão dos médicos frente à origem de seus sintomas e o espanto dos mesmos diante de sua melhora repentina; ou quando enfatiza a habilidade com que sua médica espírita lhe atendeu no hospital; ou ainda, a intrigante cirurgia espiritual que deixara marcas em seu corpo, a fala da médium cumpre duas funções bastante claras: *em primeiro lugar, salienta a insuficiência da Medicina no seu caso, expondo com isso os possíveis limites da prática médica, a partir dos quais a cosmovisão espírita se apresentará como alternativa ideológica; e em segundo lugar, exalta os métodos espíritas de tratamento como alternativas mais eficazes que a Medicina. Assim, na passagem em que descreve sua internação, não se trata simplesmente de apontar as razões que a levaram ao Espiritismo como o único caminho inteligível de elucidação de suas experiências pessoais, mas igualmente de retratar, com uma riqueza intencional de pormenores, as possíveis dificuldades e limitações que teriam se apresentado à equipe médica em seu caso, tornando-se ela mesma, com suas experiências aparentemente incompreensíveis de um ponto de vista médico, a prova viva da mediunidade e das idéias defendidas pelo Espiritismo.* Vê-se claramente como os fatos foram narrados e delineados de um modo que favorece a terapêutica espírita. Isso parece evidenciar a existência de uma rivalidade ainda não totalmente superada entre o Espiritismo e a Medicina, no discurso das médiuns. É como se a identidade de E.D.E. se tornasse, por um momento, o palco onde o conflito histórico entre as práticas médicas e espíritas pudesse se apresentar uma vez mais.

A fala de I.N. também é esclarecedora dessa rivalidade. Ao final da entrevista, quando solicitada a deixar sua mensagem final, a médium enfatiza apenas as 'descobertas' concernentes à existência de um mundo espiritual, isto é, as possibilidades de a ciência acatar como verdade aquilo que o Espiritismo defende como parte de sua doutrina. O Espiritismo é colocado assim como uma ciência mais elevada que a ciência

‘material’, uma forma de conhecimento superior, ainda a ser alcançado pela ciência ‘terrena’. A mesma postura havia sido constatada por Lewgoy (2004) em um grupo de estudos espírita. Estes sinais de certa rivalidade, não plenamente assumidos – já que as médiuns tendem a defender muitas vezes uma ‘complementaridade’ entre Medicina e Espiritismo – se assemelham, como dissemos antes, a uma relação confusa de amor e ódio com a ciência e o saber médico, em que as médiuns gostariam, na verdade, de ver suas crenças corroboradas cientificamente. Não é a toa que, dentre as principais entidades espirituais de E.D.E., das quais ela comenta apenas uma – sob a alegação de que não pretendia suscitar sua vaidade – se encontre Bezerra de Menezes, o famoso *médico e espírita*.

Mas o relato das médiuns acentua, ao mesmo tempo, os pontos nevrálgicos da história da mediunidade e suas possíveis soluções. Quando E.D.E. expressa seu alívio por ter encontrado um psiquiatra que, diferentemente dos demais, aceitava suas manifestações mediúnicas, ela está denotando com isso, o próprio receio de ser marginalizada pela Medicina em decorrência de suas crenças e experiências. Não obstante, ela também aponta assim uma possível reconciliação com o saber médico, um caminho de integração, ainda não totalmente alcançado em nossa sociedade.

72. E.D.E: [...] Quando eu cheguei aqui no Ismael, passei por muito tratamento, até porque eu tinha um desequilíbrio já, é... psicológico também, né, porque foi afetando tudo! Então eu fiz dois anos de terapia, ainda assim, Deus é muito bom, deu um psiquiatra que não me achou louca, e quis, né, conhecer toda a história, toda a vivência, e aí eu fiz tratamento com esse psiquiatra, durante dois anos, e aqui no Ismael. **Ele falava pra mim: “não sai do Ismael, continua o seu tratamento lá que é o teu equilíbrio de energia”. Aqui no Ismael eles falavam: “não saia do psiquiatra, porque lá é o equilíbrio psicológico que você precisa ter”.** [grifo nosso]

Antes de finalizarmos o presente tópico, não poderíamos deixar de citar outro debate ideológico presente no discurso das médiuns, envolvendo as relações entre Catolicismo e Espiritismo. O conflito entre crenças espíritas e católicas é marcado pela recusa a certas práticas e concepções do Catolicismo.

Desde a infância, E.D.E. revelava-se rebelde aos ideais da igreja e contestava o padre. Seu retrato deste último, à semelhança da descrição dada sobre os médicos, tende a apontar suas fraquezas, limitações, abrindo caminho para explicações que,

segundo ela, só poderiam ser dadas posteriormente pelo Espiritismo. Quando criança, E.D.E. recusou-se a continuar comungando. Na sua justificativa ousada para o padre, parece ter argumentos muito melhores do que o próprio sacerdote:

108. E.D.E: Eu falei: (vê só) o quê que ta acontecendo; eu vou lá, o senhor me perdoa, faço a penitência, eu faço, vou comungar. Na outra semana eu tenho a mesma história pra contar, pequei e tal, tudo igual. Quê que ta acontecendo? Eu não to melhorando. Eu continuo errando nas mesmas coisas, eu não estou me modificando! Então por que eu tenho que confessar... se eu continuo cometendo o mesmo erro? Aí ele ficou pensativo. E depois tem outra coisa:... quem é o senhor pra me perdoar? Aí ele ficou assim, me olhou com cara de estranho, né, de assustado: “como assim, eu sou o padre, Deus me outorgou né, por isso eu posso perdoar em nome de Deus”. Eu falei assim: mas e se o senhor perdoou e Deus não me perdoou? Ele falou: “não, como assim?” Eu falei: olha... eu faço tudo direitinho, vou lá comungar, aí to lá na fila, esperando pra comungar, e minha consciência continua pesada, aí chega na hora, na minha vez, eu não me sinto em paz! Minha consciência ta pesada. Então, eu vejo que Deus não me perdoou, porque se eu tivesse de consciência limpa né, tranqüila, Deus tinha me perdoado. Aí ele falou assim: “é, pensando assim, né, tem uma lógica.” Eu falei: e outra coisa, o senhor não é uma pessoa passível de erro como qualquer ser humano? “Sou!”. Então o senhor não pode perdoar ninguém (risos). Aí a única saída dele foi falar pra mim assim: “olha, faz assim E.D.E, você não fala isso pra ninguém aqui na igreja porque ninguém mais vai querer contar nenhum pecado – e até é um ritual da igreja – mas você faz assim então: você vem; se você estiver com a consciência tranqüila, você entra na fila pra comungar. Se a sua consciência estiver pesada, você não entra na fila” (risos). E eu passei a fazer isso; aí eu nunca mais, mas nunca mais mesmo eu confessei.

A passagem de I.N. pela igreja também não lhe deixou marcas muito positivas. Apesar de ter sido criada nesse contexto religioso, diz ter feito o catecismo e saído da igreja ‘voando’, e não mais frequentou. Segundo ela, veio a se casar na igreja, mais tarde, unicamente por razões sociais. “34. [...] Porque esse negócio de Deus é um julgador, e céu e inferno, no meu coração nunca existiu né. Pra mim aquilo lá foi – ao invés de chamar (risos) – foi o que me deixou livre (risos)”. *A recusa das médiuns diante do Catolicismo, parece ter desempenhado um importante papel na construção de suas identidades mediúnicas. Ao adotarem o Espiritismo como doutrina, quiseram ressignificar seu passado incluindo também o Catolicismo como uma etapa superada em suas trajetórias, reproduzindo, dessa maneira, uma antiga história de confronto entre tais doutrinas, cujas origens remontam à França de Kardec – assim como visto no capítulo dois.*

Quanto aos aspectos motivacionais da adesão ao Espiritismo, podemos considerar todas as demais observações feitas acima, e resumi-las de acordo com o

argumento segundo o qual a possível força motriz por trás da assunção das idéias espíritas tenha sido justamente a procura de uma identidade humana, de uma identidade estável no mundo, processo esse facilitado de diferentes maneiras pela inserção no meio social espírita. Cumpre lembrar que a adesão inicial das entrevistadas à religião católica, embora viesse acompanhada também de alguma inserção naquele determinado meio social, não pareceu, entretanto, ter constituído uma entrega fidedigna e duradoura às crenças religiosas ali apregoadas. Tratava-se bem mais de uma atitude de respeito frente a uma prática tradicionalmente sancionada por suas famílias, a qual, todavia, não parecia satisfazê-las em suas necessidades explicativas e emocionais individuais. Vimos também como esse processo estava a serviço de uma procura por autonomia e auto-afirmação diante do contexto familiar, em que as entrevistadas visavam se libertar de concepções autoritárias, negativas e estigmatizantes acerca de suas experiências, perpetradas de um modo ou de outro pelos familiares ou por representantes da religião católica próximos às médiuns. São estes os fatores a determinarem inclusive a defesa que as médiuns fazem de sua identidade religiosa espírita, posicionando o Catolicismo, em seu discurso, como um aspecto já superado em suas trajetórias de vida. Nesse sentido, é de grande importância salientar – segundo nos parece – que tais eventos poderiam ter tido, basicamente falando, a mesma ou semelhante repercussão e função, ainda que se alterassem as instituições religiosas em questão nos dois casos (por exemplo, se a religião da família fosse protestante, etc.).

Ainda assim, é possível levantar, com base nos dados disponíveis sobre os dois casos, algumas das eventuais causas da escolha específica que fizeram pelo Espiritismo. Dentre elas, citaremos três:

- 1) O fato, já mencionado, de as entrevistadas sofrerem com o preconceito diante de suas experiências. Nesse tocante, o Espiritismo parece ter sido de grande auxílio, já que a tendência de tal doutrina a se associar a um tipo de pensamento dito científico, possibilitara às médiuns uma ‘comprovação’ ou legitimação maior de suas experiências. ‘Provando’ serem estas um fato constatado ‘cientificamente’, e não resultado de uma doença mental ou intervenção demoníaca, o Espiritismo lhes deu armas para combater aquelas concepções indesejadas, tantas vezes atribuídas pelos familiares e profissionais de saúde, acerca de suas experiências;

- 2) As entrevistadas apresentavam demandas cognitivas e afetivas que necessitavam de uma satisfação coerente com as exigências sociais de adaptação. Ao contrário de outras doutrinas espiritualistas – geralmente associadas ao ocultismo e discriminadas socialmente em decorrência disso – pouco organizadas enquanto doutrinas oficiais e não tão amplamente reconhecidas enquanto instituições religiosas de relevância, o Espiritismo é hoje uma doutrina amplamente institucionalizada. Ali elas desempenhariam um papel social importante, ao invés de permanecerem reproduzindo preconceitos e estereótipos ainda maiores do que os que presentemente pesam sobre o papel de médium;
- 3) A adesão inicial à religião católica, por parte da maioria dos entrevistados, pode ter facilitado, de um lado, a posterior adesão ao Espiritismo;

O relacionamento com o Catolicismo tem sido uma questão controversa no meio espírita brasileiro, mas muitos antropólogos acreditam que apesar da recusa diante de determinadas crenças católicas, os espíritas acabaram incorporando-as, ainda que de maneira parcialmente modificada, em sua moral e suas práticas, já que muito do Catolicismo popular veio a influenciar a expansão da doutrina espírita no Brasil. Sob esse aspecto, a adesão inicial à religião católica talvez facilitasse, para alguns, uma adesão posterior à religião espírita (ou quem sabe, vice-versa – algo a ser mais bem estudado). Alguns dos espíritas concordam com isso, mas outros tendem a se opor, de forma a resguardar sua identidade religiosa. A influência do Catolicismo na construção da identidade espírita no Brasil foi considerada minuciosamente por Stoll (2004) em seu estudo sobre o médium Chico Xavier. Mesmo que um diálogo entre Espiritismo e Catolicismo não seja assumido ou buscado, essa possibilidade está subjacente também no modo como o Espiritismo possibilita um forte sincretismo com diversas crenças paranormais e religiosas, sincretismo presente no discurso das médiuns estudadas, que enfatizaram, em certos momentos, uma postura ecumênica, salientando a importância de se conhecer e estudar outras concepções religiosas que não as espíritas.

REFERÊNCIAS

- BOSI, E. Sugestões para um jovem pesquisador. In: **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê, 2003.
- BOZZANO, E. [1926]. **Povos primitivos e manifestações supranormais**. Tradução de Eponina Melle Pereira da Silva. São Paulo: FE, 1997.
- CARVALHO, A. P; AMARAL, C. E. Mediumship, psychodynamics and ESP: the case of Cristina. **Journal of the Society for Psychical Research**, v. 60, p. 29-37, 1994.
- CHAUÍ, M. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- ELIADE, M. **El chamanismo y las técnicas arcaicas del éxtasis**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- EPSTEIN, S. Integration of the cognitive and the psychodynamic unconscious. **American Psychologist**, v. 49, p. 709-724, 1994.
- FILHO, J. A. G. **Apostila: curso de passe espírita**. Disponível em: <<http://www.ceismael.com.br>>. Acesso em 09/08/2007.
- FLOURNOY, T. (1900). **From India to the Planet Mars: a case of multiple personality with imaginary languages**. Princeton (New Jersey): Princeton University Press, 1994.
- GROSSO, M. Inspiration, mediumship, surrealism: the concept of creative dissociation. In: KRIPPNER, S; POWERS, S. M. (Orgs.) **Broken images, broken selves: dissociative narratives in clinical practice**. Washington (DC): Brunner/Mazel, 1997.
- HABERMAS, J. **Para a reconstrução do materialismo histórico**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- HESS, D. **Spirits and Scientists: Ideology, Spiritism, and Brazilian Culture**. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 1991.
- HOEBEL, E. A; FROST, E. L. **Antropologia cultural e social**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1976.
- JAMES, W. (1894). Relatório sobre o contrôlo-Hodgson de Mrs. Piper. In: **Experiências de um psiquista**. Tradução de Antônio Pinto Ribeiro. Lisboa: Moraes editores, 1973, p. 125-224.

JUNG, C.G. (1948). Psicologia e Espiritismo. In: **A vida simbólica**. Tradução de Araceli Elman. Petrópolis: Vozes, 2000, cap. 4, p. 291-330. (Obras Completas de Carl Gustav Jung, v. 18).

JUNG, C. G. (1920). **O eu e o inconsciente**. Tradução Dora Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2004. (Obras Completas de Carl Gustav Jung, v. 7).

KENNEDY, J. E; KANTHAMANI, H. Association between anomalous experiences and artistic creativity and spirituality. **The Journal of the American Society for Psychical Research**, v. 89, p. 333-343, 1995b.

LANGE, R; HOURAN, J. Modeling Maher's attribution theory of delusions as a cusp catastrophe. **Nonlinear Dynamics, Psychology and Life Sciences**, v. 4, n. 3, 2000.

LEWGOY, B. Etnografia da leitura num grupo de estudos espírita. **Horizontes antropológicos**, v. 10, n. 22, p. 255-282, 2004.

MAHER, B. A. Delusions: Contemporary etiological hypotheses. **Psychiatric Annals**, v. 22, p. 260-268, 1992.

NEGRO, Jr. P. J. **A natureza da Dissociação**: Um Estudo Sobre Experiências Dissociativas Associadas a Práticas Religiosas. Tese (Doutorado). Faculdade de Medicina, Universidade São Paulo, 1999.

PUGGINA, A. C. G. et al. A percepção auditiva nos pacientes em estado de coma: uma revisão bibliográfica. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 18, n. 3, July./sept., 2005.

SHAMDASANI, S. Encountering Hélène: Théodore Flournoy and the genesis of subliminal psychology. In: FLOURNOY, T. (1900). **From India to the Planet Mars**: a case of multiple personality with imaginary languages. Princeton (New Jersey): Princeton University Press, 1994, p. Xi-li (introduction).

SILVIA, A. L; SCHLICKNANN, G. C; FARIA, J. G. O coma e seu impacto no processo de ser e viver: implicações para o cuidado de enfermagem. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 81-107, 2002.

SOUZA, J. Z. **O "sinal de Deus"**: a experiência de glossolalia em carismáticos católicos e as transformações identitárias. 100 f. Dissertação (Mestrado). Universidade São Marcos, São Paulo, 2006.

STOLL, S. J. Narrativas biográficas: a construção da identidade espírita no Brasil e sua fragmentação. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 52, p. 181-199, 2004.

WISEMAN, R; GREENING, E; SMITH, M. Belief in the paranormal and suggestion in the séance room. **British Journal of Psychology**, v. 94, p. 285-297, 2003.

ZANGARI, W. **Incorporando papéis: Uma leitura psicossocial do fenômeno da mediunidade de incorporação em médiuns de Umbanda**, 350 f. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

ZINGRONE, N. L. Images of woman as medium: Power, pathology and passivity in the writings of Frederic Marvin and Cesare Lombroso. In: COLY, L; WHITE, R. A. (Eds.). **Women and parapsychology**: Proceedings of an international conference. New York: Parapsychology Foundation, 1994, p. 90-123.

ANEXO A - Psicografia de E.D.E: aula prática do quarto ano (material concedido espontaneamente pela médium)

Página um

25/09/2006 Aula Prática 4º ANO (1)

A necessidade do silêncio na sala de provas foi direcionado, foi como um primeiro preparo, preparando a mente e estabilidade de cada uma para que se tornassem mais receptivas durante o exercício, no final foi bem destacado a cor doenda envolvendo a todos despertando as consciências de ^{experiências} passadas em memórias coisas anteriores para que o acesso e identificação com os amigos espirituais (Trabalhadores da noite de hoje) pudesse ser mais aprimorado e dinâmico.

A chegada a sala de Trabalho foi bem mais harmoniosa, foi com a presença dos amigos que estão nos coordenando na tarefa de noite.

Quando aqui se identificaram com a arte em Tórc sua intensidade de Transmissão Vida e Luz, alguns jovens outros nem tanto, mas com o mesmo amor nos acolhem, numa

parecia de equilíbrio e ao mesmo tempo a pressão por ter condições de se esparramar dando o seu testemunho de que a vida permanece e que as nossas conquistas morais e espirituais atravessam muitas fronteiras.

Nós temos os lápis coloridos, mas alguns deles utilizam a energia do seu próprio material (longos pinéis, pedras com várias tintas, uma grande folheação de cores, as quais os nossos corações poderão mais sentir, do que os nossos olhos verem). Tal é a emoção da oportunidade que lhes estão sendo dada.

Alguém próximo a mim se oferece para desenhar, digo-lhe que não sei a propósito - Veja pelos meus olhos e sinta pelos minhas mãos, neste instante começo a sentir um calor diferente pelo corpo, e a emoção toma conta

Edição
Equipe 4º ano

③

Sejam todos bem-vindos neste mun-
do infinito de cores, o sangue
do negro, do pardo, do branco
gotiza de igual cor pela fenda
na carne de carne, representação
da magnitude divina que interior-
mente não diferencia ninguém,
e poder e vontade de escolha
é dada a todos igualmente
de, pensa, analize e faça a
melhor escolha para ti e para
aqueles que aqui permanecerão de-
pois, por isso escolhas mal evoluí-
das poderão diminuir os espíritos
da nossa caminhada, busque
a leveza e o sorriso de uma.

ANEXO B - Psicografia de E.D.E: aula teórica, passes (material concedido espontaneamente pela médium)

Página um

21/08 Aula Teórica
(Passes)

(1)

Conforte a tua alma requiosa
de conforto

Leva-te acima dos teus próprios
medos e pequenos infernos parti-
culares

Um dia todos aqui já estiveram
fazendo, operando ou destruindo

Chegada a hora da reconstru-
ção quantos de nós já se apresen-
tam, disponibilizam-se grande re-
começo de reconstrução

Laboriosos compendios e mundos
reutilizados para a grande obra,
já foram acionadas

Todos nós convocados pelos
nossas próprias consciências, evocamos
ao Pai forças, paz e equilíbrio

Digamos o silêncio forte através...

do amor e da fé, donde os seres
da Divina Luz dedicam-se infinitamente
ao seguimento da própria humanidade

Aqui observamos quantas mentes
energias enfim

Algumas buscando outras se renovando
e tantas mais estacionadas

Vivendo, vegetando esperando o nada
Criatura esque-te, a vida te espera
desde o agora até os confins

Vai arrebatá-te do nada, confian-
tes naqueles que vos aguarda

Imanta-te de amor, luz, esperanças
renovadas e mostra o caminho dos
que ainda permanecem na escuridão.

O sopro benéfico da vida irradia
por todos os cantos. Deus nos favorece
sempre, instrua-se e siga seu caminho.

Apêndice B –

Transcrições das Entrevistas

S., 50 anos, manicure.

Local da entrevista: Centro Espírita Ismael – Sala de Evangelização Infantil

PRIMEIRA ENTREVISTA (20/04/2009)

1. S: O meu nome é S., tenho cinquenta anos de idade. Desde os treze anos que... eu comecei a ter problemas, né, de ter visões, na minha própria casa. Então eu via sempre um menino apontando o dedo pro meu pai. Meu pai bebia muito... fumava muito, bebia. E minha mãe também naquele sofrimento né, de buscar uma ajuda, pros filhos dela também, né, não ficar só pensando no problema do alcoolismo. Então ela buscava então a gente procurar uma igreja, que fosse uma igreja católica. Lá vai os cinco filhos dela, na igreja católica. Aí... quando eu comecei a participar, aí eu comecei a gostar muito, então eu quase virei uma carola na igreja mesmo, né, de tanto ir, de tanto perseverar, de tanto ajudar o padre, as irmãs, né; elas me ajudavam também. Uma me convidou até pra mim ser freira, e eu falei de quantos padres, porque eu não gostaria nem um pouco de ficar enclausurada numa igreja, eu falava pra ela. Mas cheguei num ponto de ficar muito curiosa com o padre e perguntar – de tantas leituras evangélicas que tinha lá também – mas por que, padre, a irmã, nossa senhora, engravidou? A minha mãe também engravidou do meu pai, mas fazendo sexo. Chegou uma hora que o padre já tava bravo comigo, já não queria nem mais que eu chegasse perto, perguntasse mais nada. Eu ficava sentida e chateada. Perguntava pras irmãs e elas falavam assim: “mas nossa senhora, é um espírito muito bonito, evoluído demais, né, ela não tem esse negócio de sexo, nada não”. Mas eu era mais curiosa e perguntava, e fuçava tudo. Bom, aí chegou uma hora, quando eu tinha dezessete anos, aí começou a aumentar mais o negócio ainda né, seriam as visões que eu via na igreja. Eu via sempre o altar iluminado, o padre todo cinza, e eu queria chegar perto pra ver o padre, escutar o evangelho de Jesus e eu não conseguia achar a resposta nem nada. Eu ia tomar hóstia e também eu caía no chão; me veio a epilepsia também. Aí eu tive uma crise de epilepsia muito grande porque me deu congestão. Desobedeci a minha mãe, né, comi uma bela de uma feijoada e fui encerrar a minha casa. Encerando a casa que acabei sentindo um choque elétrico no corpo inteiro e deu disritmia do lado esquerdo do cérebro. Aí eu falo: Deus, eu provoquei a situação mesmo. Então na igreja desmaiava muito, pedia pro padre me exorcizar também, porque não é possível ver as coisas, né, ia tomar a hóstia e nada de/ só ficava caindo no chão. E minha mãe buscava todas as alternativas possíveis, me benzia, fazia de tudo que podia e não resolvia. Aí eu percebi também que quando eu ia pra igreja, eu queria fugir de olhar meu pai caindo bêbado em casa, né. Porque a única filha – somos em cinco irmãos, né, cinco – a única que ia buscar ele nos bares era eu. E até hoje eu sempre fui assim de enfrentar, né, ele, enfrentava meus irmãos, enfrentava todo mundo. Aí, meu pai... depois minha mãe começou a ficar doentinha, ele parou de beber acho que uns sessenta, setenta anos de idade, parou de fumar e beber. Mas hoje ta com problema de saúde né, ta com problema de rins, próstata, insuficiência renal, cardíaca e tudo. Mas até aí...

2. E.M: Até por causa da bebida.

3. S: Da bebida, que ele mesmo detonou com a bomba que ele colocou nele mesmo. Mas e quanto a mim, quando eu ia pra igreja, eu queria fugir, sabe? Eu acho que/ nossa senhora, eu queria fugir, então eu queria participar dos eventos, então eu cuidava das crianças, dava aula de catecismo. Aí o padre: “minha filha, trabalhe pra Jesus que Jesus não vai te deixar mais assim”. Aí trabalhava viu, e trabalhava, e trabalhava. Meu Deus, não era de entender o que ele tava falando pra mim, né, não tava/ mas padre, me exorciza padre. Padre, eu to enxergando coisas que eu não to enxergando, que eu não quero enxergar. Padre, eu sento na missa, eu escuto uma pessoa chorar do meu lado e a outra do outro; eu to louca, não to padre? “Não, minha filha, cê não ta louca. Isso aí é cansaço, é alguma coisa, cê precisa ir pro médico ver o quê que é isso.” Tá bom, padre, eu vou no médico. E nada. Aí os médicos falavam que isso aí era problema na minha casa mesmo, meu pai que bebia, eu tinha traumas, e esses traumas eu fazia xixi. Pode até colocar mesmo (*apontando para o gravador*). Fazia xixi na cama, até os treze anos de idade, de tanto xixi. Então era problema emocional. Mas, minha mãe né, buscava tudo que era alternativa pra mim parar de desmaiar. E nada. Aí... quando foi com vinte e sete anos, que eu casei/ é, casei com vinte sete anos, fiquei um ano morando [*nome da rua*], que é aqui no [*nome do bairro e da zona*]. Ele era um amigo da família. E a minha sogra... [suspira] quando eu casei com vinte sete anos, com vinte e nove, trinta/ é com trinta anos, aí eu comecei a ter um/ com vinte e sete eu tive um filho, perdi... tive hemorragia né, direitinho, aborto natural. Aí eu tive em gravidez...

4. E.M: Dessa mesma pessoa?

5. S: É, meu marido mesmo, né.

6. E.M: Essa foi a única pessoa que você teve um relacionamento ou não?

7. S: Não, pra casar sim, né.

8. E.M: Ah sim.

9. S: Agora, outros namoradinhos era assim, três em três meses, né, porque eu não queria nada com nada mesmo né. Enxergava o corpo, mas não enxergava a cabeça. E eu ficava desanimada, né. Falei, não dá. Até eles brincavam comigo, dizendo assim, meu tio: “as três cajazeiras do bem amado”.

10. E.M: (Risos).

11. S: As solteironas, né. Quem quer casar primeiro? Eu primeiro. Sabe, as outras ficaram ainda solteiras, pra depois casar. Uma outra casou... Então, saindo desse episódio da casa, eu fui casar também e... Com vinte e sete anos eu casei, tive um aborto. Depois, por causa da epilepsia, era uma gravidez de risco. Então, tive o nenezinho lá na [nome do bairro], né, [nome do bairro]. Eram gêmeos. Aí um nenezinho foi embora, e a Carla, que tem hoje vinte e dois anos, ela ficou. Os médicos até hoje, quando eu falo disso eles não acreditam, mas tá lá, né, direitinho. Então, a hemorragia que deu. Aí, o quê que eu fiz. Fiz também/ coloquei o Dio, pra, um certo tempo, não engravidar, né, até recuperar, porque eu desmaiava muito, o nenezinho sugava energia demais. Aí eu tive/ eu coloquei o Dio... o Dio não segurou, tive o Tiago, um casalzinho. Era pra ter quatro filhos, Deus concedeu dois. Tá ótimo! Mas aí é que manifestou a minha mediunidade, porque minha sogra e meu sogro eram umbandistas. Jesus misericórdia! Aí, se eu via lá com treze anos, aí agora, né, com quarenta e lá vai cacetada, menino/ eu tinha quarenta e dois, por aí, é, uns quarenta, quarenta e um/ é, quarenta e dois, mais ou menos, que eu freqüentei o centro, hein. Olha que velha eu já freqüentei o centro; com quarenta e dois. Aí eu comecei a escutar... aqueles brincalhão. Era espírito que dava risada de mim a dar com pau. E procurava...

12. E.M: Mas lá no centro espírita, nesse centro de umbanda?

13. S: Não, lá... Não, na casa dela, vinha um pessoal, né. Mas era um pessoal maravilhoso. Assim, não eram aquelas coisas de batuque, sabe? Não. Era recebia/ eu não sei como é que é porque eu nunca freqüentei lá, né. Nunca, nunca quis não.

14. E.M: Tá.

15. S: Porque eu falava que, eu já olhava pra sogra desequilibrada. Deus que me perdoe! Aquela é demais. Ela é um desequilíbrio bárbaro. Mas depois com o tempo... o plano espiritual me mostrou. Mas até aí, deixa eu contar primeiro. Então, começou a manifestar, mais ainda, as minhas dores, no estômago, no frontal. E começou aquele ouvido de novo a escutar, escutar, e pressentir os espíritos em volta de mim. Era gente a dar com pau, eu lavando a louça e eles lá.

16. E.M: Isso sem mais nem menos?

17. S: Sem mais, nem menos, né. Vinha que vinha uma beleza.

18. E.M: Mas foi nessa época que a sua/ é sogra?

19. S: A minha sogra.

20. E.M: Freqüentava o centro de umbanda.

21. S: Centro de umbanda.

22. E.M: Foi na mesma época?

23. S: Na mesma época, isso.

24. E.M: Mas você estabelece alguma relação com isso ou não? Ou aconteceu...

25. S: Não, não, aí agora, depois que eu freqüentei aqui que eu fui...

26. E.M: Ah tá, aí é que você foi...

27. S: É, Isso.

28. E.M: Tá bom.

29. S: Até antes não. Eu não sabia de nada não. Então eu era bem leiga mesmo do que era Espiritismo, Kardecismo, tudo né. Então, aí eu peguei e casei com o marido, o marido falou: “Selma”/ Eu morava no [nome do bairro], né/ tão fofinho. Ele era caminhoneiro, agora é aposentado. Bonitinho, meu fofinho, uh, gordinho. Aí viajava, sabe, e eu ficava lá naquele [bairro], esperava até meia noite ele chegar, comidinha na mesa, que nem o Lulu, tem uma música do Lulu que é linda “Só pensa em nós dois”.

30. E.M: (Risos).

31. S: Ai que lindo. Aquela comidinha feita, tudo, não tinha hora. Era muita alegria total que eu tinha lá, sabe? Mas ele começou a perceber e gostar mais ainda de mim quando eu desmaiei um dia no banheiro também. Foi/ eu tava grávida, e desmaiei. Nossa, esse homem ficou doido: “não dá Selma, o outro tá pedindo a casa pra gente, né, ficar/ cumprir o contrato e ir embora, porque ele vai vender a casa”. É mesmo né, então vamos ter que pensar, e eu correndo atrás de casa e não conseguia. Oh meu Deus, eu queria uma casinha assim, assim, assim, assim, mais perto né. Ele preocupado de eu ficar sozinha e desmaiar, e quem ia me acudir? Ah, minha filha, a sogra pegou e falou que se nós construíssemos no fundo da casa, tudo bem, a gente ficaria lá. Construíssemos a casa, ficou lá a casinha bonitinha, tudo. E até hoje eu continuo na casa ainda, vinte três anos morando com elas lá. Aí...

32. E.M: A sua sogra e quem mais?

33. S: Só a minha sogra agora, porque o meu sogro faleceu, né.

34. E.M: Ah ta.

35. S: Então ela mora embaixo e eu moro em cima. Aí... foi as manifestações começou a chegar, porque/ as velas acesas – eu acendo muitas velas – roxa, amarela, vermelha, sabe? Eu via aquelas velas, passava mal. Eu cheguei a ver um índio, bem grande assim, na porta da minha casa. Eu me assustava com aquilo, sabe, porque eram tudo entidades mesmo que estavam lá, né. Me assustava com isso, me assustava do lado/ eu falei pro marido: você me leva num lugar de doido, de psiquiatria, pelo amor de Deus, porque eu to enxergando coisas que eu não sei o quê que é, né. E a minha sogra tentando eu, porque sabe como que é? Aquelas mamãe, que pega o filhinho e põe lá embaixo do sovaquinho, o pintinho delas.

36. E.M: (risos).

37. S: E não adianta que tem que cuidar, sabe? E chegou a nora, só que...

38. E.M: Tomou o lugar dela, você.

39. S: É, eu tomei o lugar dela, né. Porque pra mim não é possível. Mas é complicado a vida da sogra, já nem posso falar a vida dela, mas/ se não vai atrasar mais aqui, tem que falar da minha mesmo, né. Mas depois que eu entrei lá, menino, o negócio ferveu, porque era pra mim evoluir ali mesmo, e até hoje eu entender. Então, apareceu/ eu entrava no salão dela, aí eu escutava dá risada, ela brigava comigo, eu brigava com ela, porque ela controlava meu dinheiro. Ela fazia unha, ela abria a gaveta pra ver quanto é que eu ganhava pra mim comprar cimento, areia e pedra no [nome da loja], que era na [nome do bairro] aqui. Eu ficava nervosa, e quanto mais eu ficava com pensamento ruim, parece que mais as entidades ruins vinham pra mim.

40. E.M: E ela mandava esses...

41. S: Mandava e desmandava na casa, mas eu não deixava. Eu brigava muito com ela. Queria mandar nos filhos... porque era assim, a minha filha quando nasceu, foi a alegria dela. Só que ela, quando tinha a filha dela, ela surrou a filha até o último. Hoje, cê pode ver que ta presa quem bate em filho, né. Se é naquela época, alguém denunciasse, ela tava ferrada/ porque ela judiou, ela quebrou com a menina, ela/ até hoje ela e a filha não se dão muito bem. Então ela transferiu, eu acho, tudo aquilo, pra minha filha, só que acabou prejudicando, né, um pouco o meu relacionamento com ela. Porque o marido defendia ela, nunca tava do meu lado, sabe?

42. E.M: O seu marido?

43. S: Meu marido. Nunca me apoiou muito não. Eu falei: então, só que eu sou a mãe, sua mãe é a vovó, e seu pai é o vovô. Só que aqui, a educação, quem dá é eu e você. Lá ela pode me ajudar a orientar. Ela quer estragar os filhos, estrague. Mas quem educa e quem tem que comandar aqui sou eu e você.

44. E.M: Você falava isso pro seu marido?

45. S: Falei pro meu marido.

46. E.M: Mas ela chegou a bater na sua filha, às vezes?

47. S: Não, na minha filha não, na filha dela. Então como ela surrou muito, judiou, a filha não quer mais ela. Então ela ficou com aqueles traumas, auto-estima baixa, tudo, ela já tinha mesmo. Mas... até hoje ela é depressiva, né, e eu nem quero entrar muito, porque senão/ mas... tudo começou lá na casa dela mesmo. Então eu comecei, lavava a louça, ficava lá. Aí eu ia fazer a unha de uma freguesa dela, ela não gostava. Aí uma freguesa dela falou pra mim: “S, você... / porque eu perdi tudo as freguesias que eu tinha de unha, porque ela/ realmente ela não gostava da bagunça, entrava e saía de gente da casa dela, porque sujava a casa né. Eu falei: tudo bem. Aí ela falou: “S., eu vou te levar no Centro Espírita Ismael”. Daí eu falei: o que? Deus que me perdoe! Centro espírita? Nem pensar. Eu to vendo aí, ó, essa senhora. Tem um centro dela aí embaixo, ta toda desequilibrada; olha só. Louca essa mulher lá embaixo. Porque, no fundo, eu sinto que eu tenho senso crítico das coisas, sabe? Eu critico muito. Eu tenho senso, eu fico olhando, olhando, observo. Mas também eu dou uma cavalada nas pessoas tremenda, então eu tenho que parar com isso mesmo. Mas/ aí eu via ela assim, sabe, daquele jeito, desequilibrada, e vocês quer me levar num lugar de Espiritismo? Deus que me livre! Aí é que eu vou ficar pior, que nem ela também, e não sei o quê...

48. E.M: E esses pensamentos que você tinha em relação a ela, como é que era, que tipo de pensamento vinha na sua cabeça?

49. S: Vinha? Que ela queria fazer o saravá pra mim largar do marido... porque ela queria de qualquer jeito que eu não ficasse com o marido. Porque eu tive uma impressão, desde que eu casei, quando eu entrei na casa, eu falei: fofinho, só que tem um porém; eu vou pagar pra fazer essa casa, mas que eu quero pagar um valor x, pequenininho, tipo um aluguelzinho pequeno, pro seu pai e pra sua mãe, que amanhã ou depois eu não sei o que pode acontecer/ porque eu sou assim, sabe, dona A, dona A e seu To, eu não gosto que se meta na minha vida. Infelizmente eu sou chata. Uma vez a minha mãe falou pra ela que eu era uma cobrinha, tomasse cuidado que eu era bem brava.

50. E.M: (risos).

51. S: É. “Não, que minha mãe trabalha, que ela trabalha, ela/ imagina, cabeleireira fina, lá dos jardins, com as madames. Imagina, minha mãe trabalha, tem tempo, S”. Ah, então melhor ainda né. No começo, E.M, tava tudo bem, mas depois eu comecei a perceber. O marido/ faltava um cafezinho, um açúcar, um leite, ele ia buscar na mamãe. Aí depois o filhinho ia embora, a norinha que agüentava: “porque eu dou isso, porque eu dou aquilo, porque eu faço isso, porque eu faço aquilo, porque não tem controle, porque ta ta ta”. Aí começou, sabe, ela querer entrar, querer. Não entrou, porque até hoje eu barro, infelizmente eu tenho que pôr uma barreira. Porque ela não sabe, o amor dela é diferente do meu amor.

52. E.M: É lógico.

53. S: Né? O amor de mãe é uma coisa, amor de esposa é outra. Eu falo pro marido: meu pai, minha mãe, nunca, nunca interferiu, E.M, nunca, nunca, nunca. Muito pelo contrário, evitava até, sabe de/ eles é que davam coisinha pra mim levar pra casa e eu não queria. Mas a minha sogra me decepcionou na parte de falar: “eu te dou isso”, mas depois joga na cara. Então é perigoso isso. O que uma mão dá, a outra não pode saber o quê que tem, né? Então essa parte espiritual minha eu sentia que eu tinha um pouquinho mais pra ajudar ela também e ajudar o meu marido. Porque eu vou te falar E.M, ele usava drogas.

54. E.M: O seu marido?

55. S: (*balança a cabeça afirmativamente*). Ela, minha sogra e meu sogro, materialistas demais. É o dinheiro e o valor material. O que eles passaram pros filhos é que o valor material é muito mais forte que o valor... de uma simples conversa, bate-papo, você não precisa exigir muito da sua vida. O que cê tem, agradeça o que cê tem; o que não tem, vai ter um dia, sabe? Mas nunca/ pra eles era o dinheiro, dinheiro era tudo. Mas o meu marido, nessa parte – o meu com

meus dois cunhados – eu casei, e falo de coração, não me arrependo de ter casado, porque o lado espiritual dele é muito gostoso. Ele é um cara perdido. Sabe como que é? Ele enxerga/ ele tava lá no fundo do poço, mas minha mãe e meu pai gostavam muito dele também. Então, quando ele viajava, ele tomava banho na minha casa, ele comia... minha sogra não gostava porque vivia socado na casa do meu pai, né. E eu hein, casar com caminhoneiro, Deus que me perdoe! Paguei a língua.

56. E.M: (risos).

57. S: Mas era metida, E.M, metida. É. Aí eu peguei e falei pra ele, olha/ então foi tudo isso daí, né, o lado assim psicológico do fofinho e deles todos era complicado. Porque... assim, olhando pra ele, casada com ele, ficando com ele há muito tempo, eu pude ver assim, um cara totalmente perdido. Então uma vez eu chorei tanto, porque ele – agora eu não sei se eu posso falar.

58. E.M: Pode.

59. S: Mas tá com um problema grave de saúde. Tem hepatite C, tem... ah, isso aí eu não posso falar.

60. E.M: Pode, pode falar.

61. S: Mas vai sair em algum lugar isso aí, né?

62. E.M: Vai, mas não esquentar a cabeça não.

63. S: É... mas tem que colocar outro nome então.

64. E.M: Bom, se você não quiser também...

65. S: É, diabete, hepatite C e *(movimentando a boca, sem pronunciar a palavra AIDS)*.

66. E.M: Ah sim.

67. S: Entendeu? Então tem isso daí, mas graças a Deus eu não tenho. Graças ao bom Deus né, porque eu acho que ele sabe que eu tenho que passar um monte de coisas ainda, então ele tá tentando me libertar disso aí. Aí menino, só sei que/ e eu olho pra ele e não é com dó.

68. E.M: E ele já teve assim...

69. S: Ele já chegou a me tirar da vida dele há muitas vezes, você entendeu? Mas eu fui muito persistente. Eu falei: eu só saio o dia que você chegar assim e for muito homem de falar: “eu não gosto mais de você, eu não te amo mais e eu tenho uma mulher melhor do que você... pra encarar tudo comigo”. Aí sim eu vou. Não é por causa de mamãe, papai, irmãos, cunhados/ que a família interferiu demais. Minha família também, minhas irmãs e meus irmãos não queriam muito não, né. Meu pai e minha mãe sabia alguma coisinha dele de maconha essas coisas né, mas gostavam muito dele. Minha mãe, nossa, quando morreu, nem fala. Era paixão era o fofinho, não podia mexer nele não. Muito bonzinho o rapaz, sabe. É, bonzinho. Aí eu só sei que... essa parte de eu casar com ele e tudo é que/ então minha sogra eu acho que se sentiu assim, eu tirei ele dela, né. Porque ele era companheiro dela. Ele que ajudava muito ela a procurar filha no meio do caminho, a procurar o irmão, sabe, só que ele ficou muito fechado, no quarto dele, no canto dele, e ela não percebeu, nem o pai, que ele tava em perigo também. Eu tô lendo um livro “A vida em perigo”. É muito bom esse livro, que o meu pai me deu, sabe. Aí... eu peguei e... e falei bom, casei tudo direitinho com o fofinho, agora vamos encarar de boa, né. Então a manifestação foi assim é... na casa dela mesmo, os espíritos estavam tudo lá... e eu comecei a ter aqueles enjôos, o estômago doía, a cabeça doía, né, de um jeito que eu não agüentava mais. Eu ia no médico o médico falava que não tinha nada, sabe. Aí, depois de um certo tempo, quando eu fiz o curso/ não, aí quando eu vim pra cá fiz tratamento, fiquei um ano sem entrar na câmara de passe, de tanto medo. Porque eu ligava a ela os pensamentos meus, era a sogra direto, eu puxava muito ela. Não, porque a sogra quer me derrubar, porque a sogra quer isso, a sogra quer aquilo. Aí quando eu vinha na entrevista, então eu metia o pau na sogra; que a sogra é isso, que a sogra é aquilo, porque eu não agüento mais, porque ela é isso, sabe? Não tinha outro assunto, era a minha sogra. Aí sentei/ aí, hoje ela vai prosseguir, sabe, acho que os espíritos tavam me ajudando demais mesmo, então hoje ela vai conseguir entrar. Quando foi que eu escutei só uma frasinha (sic) assim no evangelho: “se você teve alguém da sua família que te colocasse em algum templo, algum lugar pra você saber quem é Jesus, quem é Deus, que é dono de tudo e de todos, você é a pessoa mais feliz deste mundo. Mas se você... então você não pise naquele que ainda é materialista, que ainda só pensa em si

próprio, que infelizmente não ta com Deus, não sabe o quê que é o amor”. Meu Deus, aí vinha A [sogra]. Aí me vinha culpa. Puta merda! S, você foi privilegiada, você teve/ aí eu fui lá atrás na minha infância, sabe? Quando eu era pequeninha, quando minha mãe/ eu brincava. Eu tive uma infância assim alegre, não vou dizer que era triste não. Porque a minha mãezinha/ a casa dela era creche, era só criança. Depois do meio dia, tinha que toda a criançada ir embora. Mas pelo menos meio período era só alegria. A tristeza vinha depois da tarde, que era meu pai bêbado. Então me veio tudo aquilo, eu falei: eu tive uma mulher, dona L.D querida, esteja onde ela estiver, que foi quem me jogou essa sementinha, né, pra mim poder conhecer a Jesus. Meu Deus, acho que eu to acabando com a sogra. Aí, depois me veio isso, viu? Eu to acabando com ela, porque eu to vendo só isso na mulher. Porque eu falava pra ela o que ela era, sabe? Porque você é materialista, A, você não sabe quem que é Deus, você não sabe/ eu acabava com ela. Então ela acabava comigo, eu acabava com ela. Se ela achava que eu não tinha dinheiro pra ajudar o marido, eu falava: e a senhora não tem é moral. Vai procurar a tua moral, que eu também vou procurar o que trabalhar e fazer pra ajudar teu filho. Agora, se tiver moral o suficiente pra meter o pau em mim/ porque ela ia me denunciar pro juizado de menores pra tirar meus filhos de mim, só por causa de uma chinelada na bunda. Porque eu dava mesmo, viu, minha mãe nunca me bateu, mas chinelada na bunda eu levei já. É, menino. Aí então, sabe, eu jogava nela, ela jogava em mim. Aí eu comecei a perceber.

70. E.M: E não saía disso.

71. S: E não saía disso. Então, peraí, o psicológico da S ta péssimo também, né. Aí, E.M, eu fiquei muitos anos só em tratamento. Até o dia em que o entrevistador...

72. E.M: Quantos anos mais ou menos você tava assim?

73. S: Quer ver, um ano... dois anos... acho que uns três anos assim. Até aceitar. Chegou um dia que eles falaram assim pra mim: “e aí, cê cansou?”.

74. E.M: Quem falou?

75. S: Um entrevistador, do período da tarde. Eu só vinha de tarde.

76. E.M: Aqui no centro?

77. S: À noite eu tinha medo de vir no centro à noite, pra ter uma idéia.

78. E.M: Aé? E até aí você já tava vindo aqui no centro?

79. S: Já tava vindo, mas só no tratamento.

80. E.M: Ah ta.

81. S: Não, peraí, não é três anos não, E.M, foi uns dois anos em tratamento que eu fiquei, né, porque eu comecei a gostar das palestras. Aí teve uma palestra do A2, que eu acho a mais completa no centro, eu acho o A2. Abrange muito, sabe, eu acho que é muita/ dá mais tempo pra você escutar.

82. E.M: E isso começou mais ou menos por volta de que década? De 80, 90...

83. S: Não, em 2000 e...

84. E.M: Ah, foi próximo então.

85. S: É. Quer ver, em 99 eu fiz o curso mediúnico. É, em 99 que eu fiz o curso. Foi 97, né, dois anos mais ou menos né, em 97 que eu vim pra cá. Em 99/ ah é mesmo, isso mesmo, E.M. Em 99 Eu fiz o curso de quatro anos, primeiro ano foi á tarde, depois o segundo ano foi à noite, o terceiro ano e o quarto foi à noite também. Bom, aí foi mais nas partes evangélicas que eu consegui captar o que tava acontecendo. Aí assim que eu comecei a dar entrada acho que pros bons espíritos chegar em mim. Até lá eu sofri, meu filho do céu, Deus me livre, com treze anos desmaiando, e desmaiando, desmaiando. Sabe como que é? É aquela tortura, porque o epilético/ eu tenho epilepsia, né, mas ela ta controlada, graças a Deus, tomo o remedinho e venho fazer. Mas o epilético realmente/ inclusive um livro chamado Missionários da Luz, tem também uma pessoa que via que nem eu, o altar, o padre, entendeu? E não era coisa ruim, já

era coisa mesmo pra mim desenvolver a mediunidade e melhorar, né. Eu tinha muitos espíritos que falam, inimigos de vidas passadas também, que eles dizem né. Agora, o epilético, que nem assim, a gente tem que ter cuidado, né, de não, de não... não confundir as coisas né.

86. E.M: Sei.

87. S: Então eu comentei isso aí dos desmaios que eu tinha, tudo, e eles falaram assim: “S, que tal você fazer um curso mediúnico? É uma escola, sabe/ porque é o seguinte, a sua mediunidade – isso aí já foi em 99 – a sua mediunidade ta muito aflorada, muito, muito. E se você continuar assim, você pode ter um desgaste físico muito grande”. Porque já com a minha epilepsia, e já com os espíritos em cima de mim, ia me detonar. Aí eu falei nossa: detonar? E agora, não entendi bulhufas, mas, como é que é esse curso, né? Só que tem um porém, hein. Eu sou católica, mas, eu não quero deixar minha nossa senhora Aparecida, eu não quero deixar os meus santos. Agora, se deixar, eu vou embora daqui. Ainda fui da nojenta ainda, impondo sabe, eu quero mas tem que ser assim como eu quero, e não como Jesus tem que mandar. Olhavam, sabe. Teve uma mulher que eu levei uma bronca, deu uma bronca em mim, e falou assim: “pelo amor, você se acha tão perfeita, sabe. Mas você não é perfeita coisa nenhuma, ta bom?”. Aí eu falei que eu nunca mais queria passar com aquela entrevistadora, que tanto meteu o pau na sogra, sabe.

88. E.M: (risos).

89. S: Ah, mas pra mim, eu falei, eu não quero mais aquela mulher. Aquela mulher me chamou que eu sou perfeita. E eu era mesmo, no fundo era mesmo né, a melhor de todas. Huh. Aí foi aquelas/ isso em 99, aí no primeiro ano, foi aparecendo tudo aquilo, aí que eu fui perguntando mais ainda, sabe. Todas aquelas respostas que eu pedi pro padre eu consegui aqui. Então, graças a Deus, eles conseguiram me fazer entender que eu já tive muitas vidas passadas né, talvez eu já fosse do Espiritismo, mas com o tempo S. o plano espiritual vai te/ pode vir através de sonhos, porque eu tive sonhos também quando eu era nova, antes do Espiritismo, com a minha avó, a mãe da minha mãe, ela pedindo pra eu levar minha mãe embora daqui, de São Paulo, porque ela ia sofrer muito, e que levasse ela pro norte, Pernambuco, que ela ia sofrer muito, e ela sofreu.

90. E.M: Isso quando você era criança?

91. S: Isso, eu já tinha aqueles treze anos, sabe, doze pra treze anos. Que ia sofrer muito era/ porque a família da minha mãe era muito alegre, tocava violão, sabe. Iam nos forrós, o pai, a vó, o vô, a minha mãe, as irmãs delas, as minhas tias. Eu sonhei/ aí eu vi um dia uma fotografia, uma senhorinha tocando violão numa árvore, e era justamente aquela senhora que eu sonhei. Que eu era desligada mesmo. Porque quando veio a epilepsia em mim, eu desmaiava, só no outro dia que eu voltava. Então veio uma senhora da messiânica, da Johrei que fala, Johrei. Aí eu acordava no outro dia, eu acordava. Mas ela ficava à noite toda na cama ministrando o Johrei. Então era um problema espiritual mesmo, ajuntando.

92. E.M: Essa mulher era da onde?

93. S: Essa mulher? É da igreja messiânica.

94. E.M: Ah ta.

95. S: Não era daqui do Espiritismo não. Mas é tudo ligação, negócio de Budismo, Messiânica, sei lá, eu acho que é tudo igual né. Aí eu comentei no centro também isso daí, que eu só acordava no outro dia né, através do passe dos messiânicos né. Aí ele falou: “S, você pode tomar Johrei, mas você tem que saber escolher agora. Porque o Kardecismo é uma linha, messiânica é outra, umbanda é outra, candomblé, sabe? Você não pode freqüentar messiânica, candomblé, umbanda, Seicho-no-ie é uma filosofia, cê pode até escutar a palavra, né. Só, porque senão vai desequilibrar a sua mediunidade. Porque todas as obsessões que tinha, os problemas que eu tinha de família, E.M, já eram suficiente, entendeu. Até hoje ainda é; nossa senhora, se cê soubesse ainda o monte que tem ali de família que complicada né, cheia de depressão, problemas mentais, sabe. Vai ver que eu matei todo mundo lá, sei lá como, sabe, mas nem quero pensar, que Jesus fez a gente esquecer. Graças a Deus já ensinaram isso pra gente. Mas a gente sempre, S, tem que lembrar, quando você for criticar alguém, lembra se você também não era assim. Então E.M o que mais me deixou bem satisfeita aqui, né, o tratamento, 99 eu acabei todo esse tratamento/ de 97, 98/ acho que foi um ano só mesmo de tratamento, porque 99... não 96, era tratamento, 97 era tratamento. 98 é que eu fui pensar realmente em fazer o curso, aí eu consegui, entendeu? Aí eu falei: não, o ano que vem lá eu vou fazer esse tal de curso mesmo. Aí foi indo, foi indo, foi indo, chegou no quarto ano mediúnico, a Z., uma médium daqui que inclusive ia ser freira não foi mais, né, ela chegou e falou: “S, isso aqui que vai acontecer/ não é que vai acontecer, num certo tempo vai manifestar em você então

psicografia, psicometria”. Tanto é que eu fiquei cinco anos no bazar. Quando chegou/ eu não sei se é por causa dos problemas também da minha mãe. Eu fiquei desde 96 com a minha mãe cuidando dela. Ah, então você pode ver ó, 96 é problema de saúde dela, meu marido com problema também e eu com a sogra, juntou tudo, sabe. 96 aí começou. Ela falou: “S, você vai manifestar tudo isso daí, a psicometria vai ser maior”. Então se eu to com o seu relógio aqui, eu to sentindo alguém aqui da tua família, que se apegou naquele relógio. Porque tudo o que vinha na aula, era um relógio, um objeto pra pegar, então eu sentia angústia, amor, eu sentia raiva, sabe, então tinha aquelas coisas que eu começava a sentir. Tanto é que depois de cinco anos eu falei com a Dona Z. que eu não queria mais o bazar, né, porque eu precisava me tratar, porque eu tava já mesmo descompensada. Eu acho que eu já trazia da minha casa, do meu pai, da sogra, da minha casa. Aí as roupas...

96. E.M: E aí misturava.

97. S: É. Era assim olha, tudo que era coisa assim de doente que eu pegava, eu sentia. Então eu falei: eu vou me tratar porque eu to precisando, Z., não vai dar. Aí me tratei legal, aí começou a endurecer o braço. À noite, E.M., eu saía, acordava de noite escrevendo, escrevendo. Aí teve uma hora que um coleguinha da minha filha chegou em casa. Tava triste pra caramba! E o quê que eu fui fazer? No curso a gente aprende que não pode entrar na sintonia de ninguém, cê não pode ficar entrando na telepatia dos outros, sabe? (Risos). É o mesmo que falar pra mim, entra! E eu entrando na faixa vibratória. Entrei na faixa do menino. Quando é de noite, eu to lá escrevendo/ foi num sábado que ele foi, no domingo eu sempre vou pra missa também, com o marido. Porque já que ele não gosta do Espiritismo, que gosta lá da igreja católica, porque que eu não vou ajudar ele espiritualmente também? Então vamo na missa, sete horas da manhã. Na missa dos veinho. É, eu vou lá, faço a coleta – que eu não gosto de fazer coleta – vou fazer coleta, vamos ler, vamos ajudar, né. Aí, eu falei: “fofinho, eu tenho que entregar o papel pra S.A, a mãe do M.C. Eu vou na missa mas depois daqui -- dez horas eu tava fazendo comida hein, parei – eu tenho que entregar esse papel pra mãe dele. “Mas S, justo agora, perto de fazer a comida”. Não, mas é rapidinho. Aí encontrei a mulher lá, tava lá na missa. S.A, esse papel aqui é pra você, mas cê não me pergunta nada. E também, se você quiser acreditar no que ta no papel, cê acredita, se cê não quiser/ E também busca ajuda, porque eu não sei o que ta escrito aqui; é uns rabiscos, minha filha, que não dá pra entender. Aí, ela pegou...

98. E.M: Você tem esses primeiros rabiscos?

99. S: Tenho (*começa a procurar nos papéis que colocou sobre a mesa*). Os primeiros, ah, acho que os primeiros eu não consegui trazer, E.M.

100. E.M: É, né?

101. S: Porque os primeiros, quem pegou, foi minha professora que tava aqui; ela levou.

102. E.M: Com você, né?

103. S: É. Então têm só alguns... (*continua procurando*). Às vezes dá pra entender, às vezes não dá, né. Eu não sei, a letras às vezes muda. Às vezes vem a letra normal que é a minha mão.

104. E.M: Entendi.

105. E.M: E é assim...

106. E.M: Isso foi tudo na época...

107. S: Ó, essa aqui é bem veinha também, ó (*mostra uma de suas psicografias*). Essa não é minha letra direito.

108. E.M: Isso foi tudo na época em que você tava fazendo o curso né?

109. S: É. Tinha umas coisinhas pequenas, sabe, que vinha assim. Então o quê que acontece, eu percebi, entreguei esse papel pra ela. E... nem sabe/ se eu te falar assim, eu não lembro o quê que tava lá, tanto é que eu peço pro meu amiguinho espiritual, meu mentor amigo, me apagar tudo, eu não quero saber, às vezes se a psicofonia vem, eu não quero saber. Eu não quero ficar acreditando, E.M., que eu sou aquela poderosa, cê entendeu? Às vezes a pessoa me olha assim querendo: “aí me dá aqui da minha mãe, do meu pai, não sei mais quem”. Não gente, não é assim. Sabe, eu respeito eles lá em cima. Se for permissão, se não for, não sei. Só sei que naquele dia eu levei aquele papel na mulher,

demorou duas semanas ela me telefonou dizendo que ia separar do marido e não separa mais. Só que ela precisou/ que eu falei: S.A/ “É, eu tenho uma amiga também que ela é kardecista, eu vou pedir pra ela”. Então, cê peça S.A, que eu também não sei o que ta escrito aí. “Olha, muito obrigado e tal”. Aí eu falei: pra mim não. Você fala pra Deus, pra Jesus, ta? Você é da igreja! Você, S.A, tem espiritualidade também, você recebeu a tua sementinha, então o que ta escrito lá, se você acredita, bem, se você não acredita rasga, entendeu, faz o que você quiser, mas, eu nem posso fazer isso. Aí eu fiquei preocupada comigo, porque eu tava desequilibrando, sabe. Porque a mão dóia; endurecia e dóia. E à noite, o marido: “S, S!”. Eu acordava com o meu nome, entendeu?

110. E.M: Alguém te chamando?

111. S: Graças a Deus, eu sou uma médium consciente. Seu eu não tivesse a consciência, E.M., eu já taria viajando do outro lado.

112. E.M: E no caso assim, quando você começou a escrever, era com a mão...

113. S: Com a mão direita.

114. E.M: Direita. E você não tem controle ou você tem controle? É uma coisa intuitiva ou é...

115. S: É intuitiva.

116. E.M: ... ou é semi-mecânica?

117. S: Não, é intuitiva mesmo. Então ela vem, aí me dói aqui, entendeu?

118. E.M: A testa.

119. S: A testa. Pega tudo isso aqui, ó, entendeu? Aí me vem aqui assim também (aponta para regiões da cabeça e ao redor do pescoço, até o braço direito). Às vezes eu falo pra I.Z: tem entidade tão assim/ aí, eu não sei, triste, sabe, às vezes desenho assim forte, eu não sei explicar direito. Mas o que mais me dói/ eu sinto que aqui esquenta (ao longo do braço) e a minha mão vai, vai endurecendo um pouco.

120. E.M: Ah ta.

121. S: Ela endurece um pouco sim, não é muito. Mas o contato primeiro que eu sinto é quando eu ajunto as minhas mãos e eu sinto assim o meu amiguinho. O que mais eu penso é assim: Jesus, o senhor ta aqui? Então me traga o seu amiguinho, né, o seu mensageiro, o meu mentor, o meu anjo, pra mim cumprimentar; que eu quero cumprimentar ele, que ele já me tirou Jesus – o senhor também já me tirou – de tantas enrascadas, né, que eu não tenho mais coragem de pedir de tantas coisas que eu já pedi pra ele, tanto que ele já me concedeu, né. Aí vem me vem, me ajunta assim/ eu posso ta no trabalho de dar passe, na câmara de passe também. A mesma coisa que eu sinto na câmara de passe quando eu vou dar passe, já me/ no A3, A3 também não, às vezes eu não to ali, às vezes eu sinto eles, eles tão do meu lado, me dando sustentação, porque aqui numa epilepsia não pode forçar muito. E quando eu sinto também que eu to cansada, na psicografia e na pintura, eu paro, entendeu? Aí o meu mentor me sustenta, eu sinto que ele vem assim e me sustenta. Aí ele me relaxa, ele dá aquele relaxa, (suspira) aí eu descanso, entendeu? Aí quando ele vê que eu to bem descansadinha, aí vem talvez uma criancinha, uma coisinha de desenho mais leve, sabe? Mas aquilo, eu peço pra eles que eu seja aproveitável nessa hora, né. Porque eu necessito, E.M., descarregar. Quando eu venho aqui na quarta-feira, eu não vejo a hora de vir. Porque, sabe, é muitos parente meu, quer me absorver muito. Então eles querem estacionar, eles não querem evoluir, querem estacionar, então querem chorar, que a vida é ruim, que a vida é péssima.

122. E.M: Os seus parentes, as pessoas com quem você convive.

123. S: Com quem eu convivo. Então já puxei a minha sogra pra cá. Eu não, eles lá (*referindo-se aos espíritos*), já me ajudaram. Eu falo pra eles: essa graça que tem no evangelho também, o valor obtido né, a gente agradece, eu agradeço a eles porque ela ta aqui. Porque eu falei pra ela também: ou senhora vai procurar o sarava, vai pro Candomblé, vai na Umbanda, vai na crente, vai na católica, mas pelo amor de Deus, dona A. vai procurar ajuda espiritual, porque comigo aqui não vai ter vez pra brigar! Então o quê que eu fiz, eu peguei, silencieei com ela, aí os meus amiguinhos me ajudaram a ficar com a boca fechada, porque eu não consigo ficar com a boca fechada. Eu já abro a boca na minha

família e na dele também, entende? E todo mundo olha pra mim, E.M. como se eu fosse a salvadora, cê entendeu? Agora, eu posso ser salvadora, mas eu quero cuidar de mim primeiro! Né?

124. E.M: Mas o quê que eles te fazem assim pra você...

125. S: Te faz?

126. E.M: ...ser a salvadora, o que eles falam pra você? Eles querem que você resolva...

127. S: Que resolva os problemas que cada um tem que resolver. Então, se a minha sogra não se dá com a filha, se ela, por exemplo...

128. E.M: Aí ela chama você?

129. S: É. Se ela perdeu o meu sogro faz quatro anos acho, que perdeu o marido – ele também vinha aqui, né – já com o marido dela, já queria se intrometer na minha vida, mas agora eu sei essa intromissão o que é. É um resgate de vidas passadas, eu tenho alguma coisa com essa senhora que eu também tenho que ajudar. Eu sei lá o que eu fiz pra ela também. Eu to lá tendo que/ eu tenho que aprender a mostrar pra ela que eu amo de um jeito. Quem nem eu falei pra ela: dona A., eu tenho minha maneira de ver, de pensar, de agir, sabe? Você tem a sua e eu tenho a minha. Se o meu marido gosta de mim do jeito que é, cê não sabe o meu compromisso com o seu filho. Por que Deus me colocou com ele ali ó, frente a frente? Será que eu não fui um traficante de drogas? Que eu acabei com o teu filho e to aqui tentando restituir ele de novo, né? Quem sabe, A.? Ou se eu não sou uma traficante, eu sou uma pessoa talvez que sei lá/ só depois que nós formos embora, nós vai ver um telão bem grande ali ó – no curso cê vai aprender isso – um telão, filha, do que cê fez, do que cê não fez, do que precisou passar. Então, alto lá! Eu não sou um anjo, não sou. Eu to no Ismael, não é porque eu to no Ismael não, minha filha, que amanhã eu já vou virar um anjinho não. Né, porque eles falam, é com o decorrer do tempo, da persistência da gente, de buscar, né, as informações. Eu to buscando através de livros. É difícil entender, E.M., eu quero ler – eu to com problema de vista já, também – mas... eu leio, absorvo aquele trechinho, esqueço, então eu vou lá de novo. Então eu falei: vamos buscar, né.

130. E.M: E o quê que você acha assim que o centro Ismael trouxe pra você? Melhor dizendo, o quê que o Espiritismo trouxe pra você?

131. S: Trouxe pra mim: esclarecimento das minhas dores, da minha revolta, porque eu tava revoltada. Por que eu tenho uma sogra desse jeito? Por que eu tenho um pai que bebia feito um bode velho? (*Enquanto pronuncia esta última fala, S. bate as mãos nas pernas, numa demonstração de revolta, incompreensão*). Por que eu tenho um irmão também que bebia? Por que esse irmão é folgado? Por que aquele irmão pega dinheiro e não me devolve? Cê entendeu? Por quê? Porque vai ver que a S. também foi uma safada, sem vergonha também que pegava dinheiro dos outros, foi uma empresária muito grande, roubou todo mundo, vai saber? Então tudo esclareceu na minha cabeça, entendeu? Peraí, o julgamento S.! Então cada vez, E.M., aqui o que eu aprendi foi isso. S., tudo o que você for fazer, faça pensando direitinho o que cê ta pensando, direitinho aí, cuidado com o pensamento que é maior que o raio de luz! Então você não pode ficar aí atropelando todo mundo, falando com todo mundo, o que todo mundo é ou deixa de ser, porque no fundo, no fundo no fundo, Deus vai te mostrar realmente quem você foi. Então o que você foi lá, talvez ele esteja refletindo tudo o que você está vendo aqui, é o que você foi lá atrás. Então foi isso o que o Espiritismo me veio a mostrar aqui. E outra coisa bonita, E.M., não importa a religião que você seja; se você é um crente, católico, Jeová, uma outra religião, segundo o Espiritismo eles te abrem a porta, né. Então você ta aberto, o Espiritismo Kardecismo ele está aberto pra/ tanto é que eu gosto muito do (*nome de um radialista e palestrante espírita*), da Rádio Boa Nova de Guarulhos, do Centro Espírita Nosso lar aqui da [*nome do bairro*], sabe? Eu escuto muito rádio. Escuto (*nome de um radialista e palestrante espírita*), ele é um psicólogo que, pelo amor de Deus, que qualquer dia eu vou lá, sabe?

132. E.M: (Risos).

133. S: Ele fala tudo isso aí que eu to falando pra você agora, as energias. Então aquele lá ta sofrendo aquilo ali, deixa sofrer se não quer ajuda, sabe? Mas antes eu abraçava, abraçava o mundo.

134. E.M: Cê tomava pra você as dores, né?

135. S: É. Então porque aquele, porque/ no Catolicismo era assim também, com as crianças. As crianças vinham pra mim: “meu pai bebe, meu pai isso, meu pai aquilo, S. me ajuda, pa pa pa, pa pa pa”. Então eles achavam em mim que

eu podia ajudar; mas quem tava mais precisando de ajuda era eu! (*Enquanto pronuncia esta última fala, S. bate novamente as mãos nas pernas*). Mas no fundo, sabe, eu falava: o padre vai ajudar, vamo lá. Mas não atendia, tinha uns rolos também danado lá. Então hoje eu sei como é que eu tenho que lidar com as pessoas que querem a minha ajuda. Eu tenho que me ajudar, eu tenho que prestar atenção, sabe? Então se eu to percebendo que o meu pensamento tá muito ruim, que eu to percebendo que eu já to/ sabe? Peraí, alto lá, se policie, vigie e ore bastante! Porque S. ao mesmo tempo a sua mediunidade, eles tão tudo te observando também. Peraí, cê chega lá e fala pra um lá ficar bem bonzinho, bonitinho, e você vai lá e mata seu pai com as palavras? Cê mata a sogra com as palavras? Entendeu? Então o seu inimigo de vidas passadas também vai te detonar também filho, não vai querer saber não, que você não é boazinha! É vigilância mesmo, né, tanto é no Espiritismo, no Catolicismo, então foi tudo isso que eu consegui abranger.

136. E.M: Vamos dar só uma pausa rapidinho?

137. S: Ta.

[Neste momento, a gravação foi rapidamente interrompida para que se pudesse efetuar um teste com o gravador, de modo a verificar se o que tinha sido relatado até então estava realmente gravado e se a qualidade da gravação obtida era boa e suficientemente audível. Como a bateria do aparelho já mostrava sinais de descarregamento, aproximamos de uma tomada próxima da porta para que o gravador pudesse funcionar ligado diretamente à tomada. A transcrição retorna no momento em que a entrevista reinicia de fato.]

138. E.M: Antes, eu queria só te fazer umas perguntas – antes de você entrar nos desenhos – que são assim importantes, mas é mais assim bate-bola assim, eu vou te falar e você...

139. S: Ta.

140. E.M: Eu queria te perguntar assim, você comentou um pouco da sua mãe, do seu pai, como é que era a sua relação assim com eles?

141. S: Com a minha mãe? Era muito boa, com a minha mãezinha era mesmo. E eu era assim muito assim xereta de perguntar as coisas pra ela, né. E cê sabe, pessoal assim do nordeste, os pais criam naquela base assim de... tem muito pudor né, não pode falar muito. E eu como sou a filha caçula – a mais velha sofreu muito né – mas eu com a minha mãe, eu perguntava muito pra minha mãe das coisas, sabe? Mãe, menstruação – e ela ficava vermelha – mãe, que eu fui com o namorado, e aconteceu isso e aquilo no carro, mãe. No carro, mãe! Tava dentro do carro e olha, larguei dele, viu mãe. E ela ficava vermelha, sabe? Então era uma relação assim/ eu era mais aberta com ela, né. E meu pai, eu já era mais brigona, sabe? Como é que pode, pai? Assim não dá, sabe? Que negócio é esse de beber/ eu enfrentava ele, porque os meus irmãos tudo tinha medo, mas eu enfrentava, eu buscava o bar. Com o meu pai já não era muito/ eu sinto que eu ficava muito assim nervosa, sabe?

142. E.M: Com o jeito dele.

143. S: É. E até hoje pra dar banho nele eu brigo com ele.

144. E.M: Mas o que você acha que afastava você dele assim, o quê que era...

145. S: Do meu pai? É a bebida. Mas aí é que tá; eu já sentia é.../ talvez a mediunidade já tava lá, há muito tempo já. Então quando ele bebia, parece que tava tudo/ a gente rezava, fazia, sabe, terço na casa, até hoje faz. Porque eu queria rezar, eu só queria reza, passar ali alguma coisa tava ruim nele. Olha que engraçado, era uma coisa assim/ e aquilo, eu olhava pra minha mãe, né, ele mandava muito na minha mãe, era machão. Eram aqueles pinguços, trazia um monte de pinguço pra comer lá do nordeste, sabe? Então e minha mãe fazia tudo pra ele; era aquela senhorinha que, sabe, tudo aceitava, né? Então eu falava: mãe chega uma hora que a senhora tem que falar não, mãe. Sabe mãe, não dá, não pode mais chegar aqui, entendeu? De comida, o que mais me doía era ver comida jogada fora; era aquela comidaiada pra jogar pra fora. Que os filhos comia, ele dava comida/ Foi um pai maravilhoso, nunca faltou, tanto é que a minha mãe uma vez ela tomava até um remédio lá, um calmante – que até hoje acho que toma ainda – pra dormir. Eu falava: mãe, pára com isso. Cê não pode ficar tomando calmante, mãe. Chega uma hora que vai prejudicar a senhora, e não sei o quê. Aí eu quebrava o galho pra minha irmã mais velha também, sabe? Meu irmão começou a beber, minha mãe também começou a...

146. E.M: Você dentre os filhos qual que é o filho da família?

147. S: Eu sou a caçula, né. Porque tem a mais velha, tem duas mais velhas que eu, a L. e tem a S.I. A L. tem cinquenta e poucos anos, a S.I. cinquenta dois, eu cinquenta. Depois tem o G. que é o caçula. Então, eu e o G./ aí depois com o tempo eu fui vendo, que o G. foi meu porto seguro, pra cuidar dos véios, sabe? Pra entender os véios direitinho. Mas até lá também o G. não conseguiu/ até hoje ele tem um respeito pelo véio, mas não fala, não fala nada, obedece o véio, e eu já não sou de obedecer o véio. Eu falei: olha aqui, pai, é o seguinte, tá: eu tenho vida própria, eu casei, eu tenho um/ eu lavo tudo ele, lavo o pintinho dele, brincando assim, sabe E.M? Todo dia eu vou lá e dou banho nele. Eu falei: eu também tenho que dar banho no meu marido, pai. Também tenho que dar banho no meu marido. Não entende também. É aquela coisa de/ sabe aquele amor que sufoca, entendeu? Agora, o meu pai e a minha mãe também não eram muito ligados na gente; por exemplo, faculdade era coisa de perder dinheiro. Era dinheiro perdido, entendeu? Não era aquela pessoa também que incentivava o filho pra evoluir, sabe? Era assim, igreja, trabalhar, entendeu? Só isso. Igreja pra casa, casa pra igreja, né? Mas a minha mãe só, na época, o que era bom mesmo era assim, quando tinha criança brincar muito com a gente, mas quando era jovem também, quando era jovem também ela deixava a gente trazer os amiguinhos da gente, tanto é que...

148. E.M: A sua mãe era mais aberta...

149. S: Mais aberta.

150. E.M: E o seu pai era mais fechadão.

151. S: Mais fechadão. Mas ele era aberto com os amigos dele que *[faz um movimento com as mãos em direção à boca tentando indicar o comportamento dos amigos bebedores de seu pai]*

152. E.M: Ah entendi (risos).

153. S: E pra trazer toda a parentaiada pra mãe fazer aquela comida, né.

154. E.M: Sei.

155. S: E pra todo mundo comer. Até meia noite jogando dominó, E.M.

156. E.M: (Risos).

157. S: Teve uma dia que eu/ e tinha um homem que eu tinha medo dele, sabe? Era um mó barato. E ele ficava olhando pra minha cara assim, sabe, com uma cara de sem vergonha, né. Aí eu falei um dia pro véio: eu não quero aquele homem ali, viu pai. Não quero. Uma cara de safado, sem vergonha. E eu ficava só no meu quarto lá, presa, eu não saía, eu esperava todo mundo ir embora até meia-noite pra poder dormir na sala, né, porque as meninas dormiam na sala. Então a minha mãe, também nesse ponto ela não soube brecar o véio, sabe? Então eu tinha uma revolta disso também.

158. E.M: E você acha que quando você descobriu o Espiritismo/ porque pelo que você ta me falando é assim, você vivia ali, cuidava do seu pai, do seu marido, e você acha que quando você encontrou o Espiritismo, você encontrou um sentido diferente pra tua vida, diferente daquele sentido de só resolver os problemas dos familiares ou alguma coisa assim?

159. S: Eu tava cega, eu tava cega, né? Como eu falei pra você, crítica, eu metia o pau até no meu marido. O fofinho é maconheiro...

160. E.M: Você era cega em relação a você?

161. S: A mim mesma. S., quem é você? Sabe? Porque eu era assim mesmo, não era só com o meu pai, com a minha mãe, eu era com as pessoas. Então, eu não gostava de ver, por exemplo, o padre dá preferência pra aquele que dá dinheiro na igreja, entendeu, e não olhar pra aquele que tinha problema, entendeu? Psicológico, problemas sérios na vida dele. Será que o pessoal vai trabalhar? *[S. diz isso em referência a algumas pessoas do centro que se aproximam da porta onde está sendo realizada a entrevista e começam a conversar. A sala nos fora cedida temporariamente e outras pessoas do centro talvez quisessem se utilizar daquele espaço para alguma outra atividade. Como ninguém tentara abrir a porta e nada nos perguntaram, após discutirmos um pouco esse incidente, retomamos a entrevista]*. Então, aí eu peguei e/ entendeu, E.M, eu era muito crítica mesmo. Então o quê que aconteceu, eu comecei agora – entrando aqui e já vinha do jeito que eu to, cinquenta anos – é que eu fui entender porquê que eu tive aquele problema

ali, aquele problema lá que eu to tendo, né? Por que eu tenho que passar? Só que, não é porque eu tenho que passar isso, que eu vou ser feliz, entendeu? Mas eu posso passar de uma maneira que: eles querem viver assim, vão viver assim. Aquele vai viver assim, vai viver assim.

162. E.M: Cê sabe o papel, o lugar de cada um.

163. S: De cada um.

164. E.M: Inclusive o seu nessa história toda.

165. S: Do meu, né. (Aparece a má então): o fulano de tal ta metendo o pau que cê ta lá no Espiritismo, e cê ta mal da vida porque cê ta lá no Espiritismo. Então deixa falar, sabe? Meu pai e os meus irmãos, depois que souberam que eu era do Espiritismo, ficaram meio assim comigo, mas...

166. E.M: Agora, por exemplo, você/ por quê? Eles são católicos?

167. S: Católicos. Outro é crente.

168. E.M: Ninguém da sua família é espírita?

169. S: Não.

170. E.M: Só você se tornou espírita?

171. S: Engraçado que a minha mãe, antes de morrer, ela falava/ só que antes dela morrer, ela ainda contou um segredo pra mim; que meu pai tinha abortado uma criança. Olha só. E pra ninguém descobrir no Norte, né, ele pagou pra uma mulher não falar nada, só que essa história foi parar no Norte. E se alguém do Norte sabe, vixe, todo mundo fica sabendo aí o véio é tachado de/ né. Pra mim, E.M., por que a minha mãe vai contar pra mim? Isso já tava/ né. Aí aconteceu uma outra coisa engraçada também. Um senhor, chamado seu A.M. – ele é aqui do centro agora, mora do lado da casa do meu pai – ele deu um livro chamado “Livro dos Espíritos” pro meu irmão que bebia também, T. Foi curado da bebida no Bairral, óia o Bairral é lá no interior [S. *está se referindo ao Instituto Bairral, uma clínica psiquiátrica de cunho espírita*], sei lá onde que é, aqui de São Paulo mesmo. Que nós tanto meu irmão G. e minha mãe lutaram pra ele parar de beber, sabe? Rezando, rezando, eu não agüentava mais, minha mãe e meu irmão caçula se acabou com ele. Chegou um dia que nós falamos, T. tem um lugar assim, assim, vamos lá se tratar? Foi, veio tomar um passe no Ismael, só que não se achou aqui. Mas foi curado da bebida, ta na igreja de crente lá. Ótimo, maravilha. Mas o E.M., aí é que ta, tudo ficou entendido na minha cabeça, né, porque disso, porque daquilo. Então agora eu to procurando ver se diante de tudo isso daí, entendeu, eu me acalmo mais também, porque, sabe, tem hora também que eu fico agoniada...

172. E.M: Deixa eu te falar...

173. S: ...de tanta responsabilidade, entendeu?

174. E.M: Que você assumiu.

175. S: É, porque perante tudo isso, eu falei assim: realmente, eu vim, pra alguma coisa eu vim nesse mundo, né? Não vim pra só brigar, pra só brigar. Mas também não vim pra resolver a vida de ninguém, porque todo mundo tem que resolver a sua. Então a minha sogra quer que eu resolva...

176. E.M: Resolva pra você mesma.

177. S: É. Ela quer que eu resolva. Ela ta com depressão, ela não quer mais nada na vida, ela quer que eu cozinhe, ela quer que eu cuide do filho dela de cinqüenta e lá vai cacetada de anos. Meu marido não aceita. Meu pai não se dá com o meu irmão T. que eu disse que bebia.

178. E.M: E por que você acha que a sua sogra é assim com você? Por que você acha isso?

179. S: Não, agora, agora, mudou o pensamento. Mudou porque eu também mudei radicalmente com ela, sabe? Eu falei: minha filha, graças a Deus, casei e vim morar aqui. Mas pra entrar num centro espírita perto da minha casa. Então, e esse rapaz que mora aqui também, que trabalha aqui no centro, deu esse livro pro meu irmão. Meu irmão nem usou. Um dia eu precisava desse livro, “Livro dos Espíritos”, e eu tava lá e ele mudou de casa, e quando eu tava mexendo no livro tava lá, “Livro dos Espíritos”, “Ao T. com carinho, não sei o que, pa pa pa”, catei o livro, usei eu; então era tudo pra mim, E.M. Cê entendeu? Era pra S. entrar realmente na idade certa, no tempo certo. Sabe? Que cada um tem assim a hora certa de entrar, a hora certa de sair. Eu saí do Catolicismo, mas trabalhei lá, né. Eu saí/ que nem eu falo assim pro marido: às vezes, cê ta com esse problema de saúde seu aí, entendeu? Minha sogra nem sabe do problema dele. Porque é aquela, sabe? Tudo os filhos é coitadinho, quem ta do lado deles é uma porcaria, ta? Então, isso que ela deixou claro, só que eu falei mais claro pra ela ainda, eu falei: A., o dia que Deus te colocar na tua cabeça que ele é dono do mundo e das pessoas, você vai ver. Então a minha raiva com ela, E.M. já ta passando, ta passando, não é passou de vez não, viu. Porque magoada eu to com a mulher demais. Porque a mulher a casa é dela, então ela tem o direito de falar o que quer, tem o direito de fazer o que quer, mas é que nem eu falei pra ela: a senhora é dona da casa, da minha vida não. Nem o meu marido é, nem meus filhos é! Sabe? Eu sou dona de mim com aquele de cima. O que Deus falar pra mim, A., eu faço. Agora os homens, de tanto escutar, eu levei na cabeça. Não escutei ele, escutei os homens, pra ficar pensando e batendo boca com os outros, né? Então é o que eu falei: agora você procura a tua vida, eu não vou te abandonar na saúde – ta com um problema de saúde grave a vóia A., de tanto caraminholar as coisas, obsessão, porque não é espírito nela não, E.M, mas é tudo obsessão. “Eu tenho isso, eu tenho aquilo. Acho que eu parei de tomar o depressivo, agora eu to assim”. Mas cê procurou psicólogo, A.? E.M, pra entrar no hospital das clínicas é a coisa mais difícil, filho. Eu tava escutando, domingo, o problema – o hospital das clínicas ta mostrando – o problema de dor, né. Tem pessoa que tem muita dor no corpo inteiro, é dor nos cornos, é a cabeça que ta lá, cheia de culpa!

180. E.M: (Risos).

181. S: E a minha sogra tem culpa demais. Surrou a menina, bateu...

182. E.M: Entendi.

183. S: Sabe? Ela fechava a filha dela dentro da garagem, o dia todo sem comida, sem água. Os vizinho dava. A vó dela dava. Meu marido é que ajudava ela. Ficou na prostituição também, saiu. Mas hoje a cabeça da filha ta/ entendeu? A cabeça dela ta pior ainda, de culpa. Agora, eu não posso resolver, E.M. É que nem eu falei: Deus pôs psicólogos, terapeutas, a dar com pau, pôs um centro maravilhoso aqui perto da sua casa. Cê só tem uma casa bonita, A., Deus te concedeu/ você e seu T. são privilegiados, trabalhadores, conseguiram tudo que cês tem porque cês não tiveram preguiça e cês trabalharam. Agora, trabalha nessa parte espiritual. Olha que legal, ó, eu tenho um pouquinho assim de Espiritual, um pouquinho, não é muito não porque eu sou muito/ né, coitadinha, chegar perto de Nossa Senhora né, poxa, me escondo, de Jesus então, né. Mas escuta: você tem dinheiro, olha, pensa bem, você tem dinheiro e eu tenho a parte espiritual. Vamos ajudar o seu filho a sair do buraco? Sabe o que ela respondeu? “Você casou sabendo, problema é seu”. Um dia eu fui chorando, porque eu pensava E.M, que ele fumava pouquinho.

184. E.M: Ela queria só o...

185. S: Menino, quando eu fui ver na praia, um negócio grande assim; era o tal de baseado [S. *fala com uma voz em tom bem baixinho*]. E.M., eu to casado com o homem vinte tantos anos, pensando que é aquilo ali, sabe, “de vez em quando”, que é como ele fala pra mim, né. Aaaaa! [*puxa o ar expressando susto e bate palmas uma vez, surpresa*]. Quando eu fui ver assim eu chorei tanto. Meus filhos não sabem, mas desconfiam de alguma coisa, sabe? Agora, eu falei pra ele: sabe, se eu não gostasse tanto de você eu já tinha ido embora. Mas eu gosto muito de você. Então quando o meu coração assim, eu falava/ porque eu já fui muito oferecido assim pra ir embora de lá, sabe, por ele, pela mãe... pelos meus irmãos também, meu pai que, sabe, só querer que a ajuda a casa dele, na hora de enxergar a gente não enxerga. Mas até aí, é o que eu falo: eu não quero que ninguém me enxerga, mas entenda que quando eu não posso uma coisa, eu não vou fazer, sabe? Eu to nesse dilema lá ainda em casa. Porque tem uma filho, E.M, que parou de trabalhar/ eu parei de trabalhar, de 96 até 2007, eu fiquei cuidando dos problemas da minha casa e da casa do meu pai. Só que agora eu cansei, entendi, né. A minha tarefa com a minha mãe era maior, porque, ó, tinha glaucoma, osteoporose, trombose no intestino, câncer de pâncreas. E ela não andava. Mas ela tinha sabe o quê? A alegria que eu te falo, ta, de querer melhorar. Tanto que é que os médicos que lá do hospital [*nome do hospital*], quando ela tava, e no [*nome do outro hospital*], choraram demais! Eu falei: pelo amor de Deus, ó, eu tenho que entregar essa jóia pra Deus direitinho, mas se der pra fazer, mas deixa bonitinho ela, quero dá um banho nela – ela morreu – vou dar um banho, cê dá um banho nela, sabe? Normal. S., eu falei: meu Deus, eu queria fazer mais pela/ o E.M. uma pessoa que ta com problema de saúde e quer ficar boa é mais gostoso cê cuidar.

186. E.M: Entendi.

187. S: Entendeu? Agora a pessoa fica aí...

188. E.M: Cê sente aquela força da pessoa.

189. S: Nossa! Ela pôs a prótese, o fêmur, gastaram horrores os irmãos. Isso aí eu achei legal dos meus irmãos, sabe? Eu não podia dar porque eu só cuidava também né. Mas eu adquiri o quê na casa do meu pai? Ó, eu fui enfermeira. Quando a fisioterapeuta parou de ir – porque tinha um tempo certo pra ela ficar, porque já não tava podendo pagar mais – eu tinha que continuar o exercício. Mas eu tinha medo que só estralava a perna da véinha. Meus Deus, quê que ta acontecendo, ta estralando! “S., continua”. Mas eu vou quebrar minha mãe. “Não, cê não vai, você tem jeito S. Olha, você devia fazer curso de fisioterapia, cê leva jeito”. Ta. E eu lá fazendo exercício, entendeu, com a véinha. Aí um dia ela falou: “S. a vovó quer falar com você”. Olha E.M., como o plano espiritual trabalha, hein? Eu chamava o pessoal daqui pra ir lá passe nela, no meu pai... em quem quisesse tomar passe, mas ali os irmãos não queriam. Então não tem problema, meu pai e minha tomando ta bom. “A vovó quer falar com você, S.”. “S., cê ta aí né?”. To, mãe. Então, fala pra vovó que um dia eu vou conversar com ela, mas agora não dá, viu mãe. Fica sossegadinha, ta?. Ela entendia o meu linguajar e eu o dela, sabe? Era só chegar, ela sentia eu. Eu e meu irmão G. caçula, Aaaaa! [*puxa o ar expressando emoção intensa*], era a alegria dela, E.M., era tão gostoso, sabe? Até hoje eu não sei, mensagem eu não recebi. É que nem eu falo: não quero ficar pensando; o telefone não é daqui pra lá, é de lá pra cá, viu? Nada de ficar chamando espírito não; eles vêm pra nós. Isso é que é diferente. O Espiritismo às vezes confunde, a gente fica chamando. Não, não, eles vêm mesmo. Aí... peguei e tratei dela direitinho, tudo, né, até quando Deus quis, me deu força bastante, que só de chegar perto dela ela me animava. Agora o meu pai é muito negativo, depressivo, tudo, já não consigo muito não. E meus irmãos têm depressão também, sabe? Mas também não quer sair daquilo, né, então fica lá. Meu irmão, o caçula, ta num psicólogo, ta se tratando; agora a outra minha irmã não. E do outro também que o meu irmão não se dá bem com ele, com meu pai – e meu pai não dá com ele – também é crente, já ta iluminado, então não precisa de psicólogo nenhum, nem de ajuda nenhuma. Então ta bom. Então já aprendi, sabe? Chega então, cada um, cada um. Então eu vou, dou banho, ajudo ele e acabou, né. Agora foi isso que deu a força de Espiritismo pra mim. Hoje eu me enxergo; quanto potencial bom eu tenho dentro de mim. Mas eu tenho que saber usar esse potencial, né, não é todo mundo que ta num grau de entendimento que to tendo aqui. Sabe? Por quê que eu sofro com isso, por quê que eu sofro com aquilo, por quê que é né/ então me vinham mensagens, minha avó vinha falando através da minha mãe, entendeu? Era o sonho, era... era um monte de coisa que vinha assim, né. A igreja, o lugar...

190. E.M: E deixa eu te falar, e a sua mediunidade qual o tipo que você teria mais assim?

191. S: É, que eu teria mais, né...

192. E.M: Seria a intuitiva?

193. S: Intuitiva. Telepatia também, né. Intuição, telepatia, psicofonia também, porque às vezes aqui as cordas vocais minhas aqui ó [*aponta para o pescoço*]. Quando eu to lá no silêncio, direitinho, às vezes quando vem a voz assim de homem, por exemplo/ o que me vem primeiro é a intuição, né, às vezes começo a sentir falta de ar também [*puxa o ar nesse momento para demonstrar como se sente*], aí eu sinto aquela/ como se eu tivesse assim... inchando, sabe? Uma coisa inchada dentro de mim, né. Aqui minhas cordas vocais elas doem, um pouco. Mas as mensagens que vem elas são curtas, porque eu acho que eles [espíritos] sabem do meu problema de epilepsia, eu não posso forçar muito. Tanto é que, por exemplo, se eu pegar uma desobsessão – que é P3E que eles falam aqui – eu não posso trabalhar. Entendeu? Porque vem entidades muito brava, né, então pode me detonar fisicamente, então. Tem a parte do A3 que é gostoso, que eu trabalho, que é só na cabeça e eu sinto o meu mentor, sabe? Ele dando um passe, não é assim ó, ele ta só me usando, sabe? Pra ficar ali. Então, quer dizer, cada vez que eu gosto de dar um passe, eu fico pensando: eu tava naquela mesa, eu tava naquela cadeira, na mesma situação do que ta aqueles hoje lá. Então, cê entendeu? Todos aqueles que tão ali assistidos, eu também sou uma assistida, né? Então eu falo pra eles assim, eu jogo assim quando eu to no A3: cê vai vencer, sabe, olha a luz aqui de Deus te entrando em você; olha teu anjo te aproximando, falando com você, que cê vai conseguir o que cê quer, mas perdoa/ mas às vezes me vêm outras palavras, sabe, que não é minha; eu sinto que não é, porque eu não tenho humildade nenhuma, E.M. Já me convidaram no P3E pra trabalhar/ o quê? Eu brinco com todo mundo, como é que eu vou lá, pro P3E, ser boazinha? Não. Entendeu, E.M.? Então tudo isso aí eu percebo; cada vez que eu to aqui escrevendo, eu percebo se é eu. Então eu necessito de entrar dentro de mim, eu gosto disso. Entrar dentro de mim. Peraí! Quem que é S.? Meu nome é S., né. Eu não tenho defeito físico nenhum, mas eu tenho um defeito da alma. Quando minha tia, irmã do meu pai – pra você ver como o lado do meu pai nem é negativo demais –, minha tia falava: “como é que vocês deixam essa doente trabalhar?”. Aaaaaa! [*puxa o ar expressando emoção intensa*],

194. E.M: De você, ela falou?

195. S: Eu era doente, hein, não podia trabalhar que eu desmaiava. Treze anos, E.M., eu fui limpar casa dos outros, empregada doméstica. Eu falei: o quê? É isso que ta chamando eu, tia? Eu sou doente coisa nenhuma, tá bom? Não sou. Vou provar pra mim mesma que eu não sou. Eu sou da minha alma, do meu espírito, eu falava desse jeito E.M. Mas eu não sabia isso aqui [Espiritismo]; era alguém já falando ou sei lá, eu tinha ajuda já.

196. E.M: E você...

197. S: Aquela criança que minha mãe falou que meu pai tirou, aquela criança que eu via – mas depois de muito tempo – na minha mãe, minha mãe doente, minha mãe foi contar. Minha mãe ainda não tava na cama...

198. E.M: E você via essa criança quando você era pequena ainda?

199. S: É, com doze anos, treze, foi a mediunidade vindo, entendeu? Então foi aquele sonho dali...

200. E.M: Foi mais ou menos por volta dessa época que você começou a desenvolver a mediunidade?

201. S: A desenvolver mais, é.

202. E.M: Doze, treze anos.

203. S: Com sete, oito anos; dez não, de jeito nenhum, né. Sabe? Eu era uma criança até assim, tinha desidratação, tinha problema de saúde né, até quase passei muito mal mesmo. Tirei/ tive que pôr reposição – como é que fala? – transfusão de sangue. Meu pai ajudou muito no hospital, ficou muitas noites comigo, tudo e tal. E agradeço a Deus e a ele também. Mas assim, as partes da minha família do meu pai era terrível. Como é que pode uma epilética trabalhar, ela é doente, não pode trabalhar não. Aí enfrentava eles mesmo. Eu era bocuda, então (risos), era bocuda aqui, era bocuda lá, então né. Aqui também, pra trabalhar na psicografia, na pintura, tinha aqui mas o pessoal não dava valor. Infelizmente. Eu falei: escuta aqui, ó. Entrei aqui, graças a Deus, Deus me abriu a porta de vocês. Agora seu G.O., dona T.E.R. e S.E. [*dirigentes do centro espírita*], eu quero uma posição. Não dá pra vir aqui de quarta-feira, e vir só eu e esse senhor aqui. Eu quero mais, precisamos/ cadê aquelas pessoas, tão sumindo. Eu to necessitando, eu não agüento mais, já tinha dor, eu já tinha problema. Que tanto é que falaram pra mim: “para de dar passe, S.E, porque você precisa desenvolver a psicografia”. Não é os médiuns daqui, é os espíritos lá de cima. Então tem uma salinha de médiuns videntes, que falam na pesquisa [*pesquisa é o nome de uma atividade específica do centro*]. E eu comentei essa dor, essa dor que veio não era mentira minha, né. Os espíritos tavam/ porque os/ E.M., eu tenho convênio, eu fui em quatro cinco médicos pra ver esse braço, eu sou teimosa. Eu não confio muito naquele que fala, eu sou São Tomé, eu quero ver pra crer mesmo. Escuta aqui: é? Até aqui também, viu. Será que sou eu mesma? Então, fui em um, fui em outro, e nada, nada, nada. Cheguei no seu G.O. e falei: então o senhor me dá uma carta, e eu vou pra um outro centro espírita. Federação Espírita, por exemplo, na cidade. Vai ser dificultoso pra mim, porque eu tenho minha mãe pra olhar, eu tenho meu pai, eu tenho marido, tenho filhos. Gente, eu to precisando de socorro. Eu fiz aula, e me disseram que eu tenho essa mediunidade, e ta acontecendo coisa estranha dentro da minha casa. Ta prejudicando, ta perturbando minha casa, eu sinto que ta. Eles querem escrever mas eu não quero, e eu não sei como fazer pra parar com isso, sabe? Então era psicofonia, psicometria que eu falei pra você, psicografia e essa telepatia, intuição.

204. E.M: Essa dor você já sentia antes de vir no centro?

205. S: [*Balança a cabeça afirmativamente*] Eu sou a sensitiva, médium sensitiva. Se eu tiver do teu lado um pouquinho aqui, né, e eu sinto às vezes alguém do teu lado também. Não sei quem é, não sei, não me pergunta nada. Mas eu sinto; às vezes quer uma prece, uma oração. Aquilo que eu falo pra você, numa igreja quando eu sentia. Só que agora, depois que eu comecei a entrar no curso mediúnico e desenvolver mais isso aqui, graças a Deus, E.M, a visão acabou, entendeu? Eu não tenho a visão.

206. E.M: Antes você tinha, você via?

207. S: Nossa! E escutava, tava maluca, de tudo, né. Então eu falava: gente, só se/ tudo bem, se eu tenho isso, eu quero só equilibrar isso. Eu não sabia dizer o que eu queria, sabe? Mas eu queria parar, dominar, sabe, essa situação. Porque os médicos falam que eu não tenho nada.

208. E.M: Isso antes de você vir pro centro?

209. S: Antes de vir pro centro.

210. E.M: E você já tinha essa dor no braço.

211. S: Já tinha. Começava a vir a dor, né, mas aí parava, E.M, parava, porque era assim...

212. E.M: Aí no centro que você descobriu que era...

213. S: Era mediunidade de psicografia.

214. E.M: De psicografia, ah entendi.

215. S: Entendeu? Mas já tinha, era pequena a dor, entendeu? Vinha e voltava, mas era tudo na época assim de natal, novembro, dezembro, é que vinha mais. Eu não sei se é porque eu tava triste, às vezes porque era um dia bonito, porque eu me comovo com o natal, eu gosto.

216. E.M: Sei.

217. S: Eu gosto da missa, entendeu? Nossa! Natal pra mim é a coisa mais linda que existe. Não sinto tristeza, é alegria, né. Então foi tudo isso, né. Essa parte aí das minhas mediunidades né. Agora eu to tentando ver é... o que eu posso fazer, né, pra/ porque quanto mais – eu sinto assim E.M – quanto mais eu venho, mas eu vou me descobrindo. Mais eu vou me aperfeiçoando mais, entendeu?

218. E.M: Antes de você ser médium, como é que você se via como pessoa?

219. S: Horrerosa! Metia o pau em todo mundo. Aquele ali não presta, aquele lá/ por quê? É tudo isso porque o pai também era assim, né. Na janela, só vivia fofocando. Eu não era fofoqueira, nesse ponto não. Mas eu criticava demais: porque não era assim viu, é assado. Era exigente. Então eu fui parar numa casa que a mulher era do mesmo jeito que eu também, minha sogra. Ela é igualzinha. Quando eles falam assim: “se você não se dá com aquela pessoa, vocês são espíritos afins”, eu não entendia o quê que era afins. Então eu era como aquela pessoa, crítica, mandona, né. Agora já não, eu já sinto assim: eu tenho liberdade de escolha, eu tenho livre-arbítrio. Eu tenho – Jesus me deu – toda liberdade de pensar, de agir. Se eu tiver vontade de vir/ já fui várias vezes/ gente que não queria que eu viesse pra cá, cê entendeu? Era marido, achava que eu vinha atrás de homem também pra cá. Era a sogra também aporrinhando, era meu pai, minha mãe, meus irmãos na brigaiada feia. Olha, lutei! Eu lutei junto/ eles me ajudaram [espíritos], porque eles viram meu esforço. Lutei muito, e hoje eu agradeço. Hoje tem uma senhora que ta lá, essa senhora que me trouxe está praticamente aleijada. Não consegue nem/ porque o fêmur dela ta desgastado. A osteoporose ta grande. To tentando ajudá-la como eu posso também. Agradeço a ela e várias pessoas que...

220. E.M: E deixa eu te falar. Uma última pergunta que eu vou te fazer. Como é que você acha que seria assim a sua vida daqui por diante se você resolvesse deixar a sua atividade de médium?

221. S: De médium? É isso, se largasse.

222. E.M: Vamos supor que você largasse isso, largasse aqui o centro espírita Ismael, vamos supor. O que você acha/ como é que ia ser? Como é que você se sentiria com isso?

223. S: É, por exemplo, a falta/ que nem, hoje eu sei que eu posso trabalhar em qualquer lugar. O médium não é só aqui. O médium pode ser na igreja católica, o médium pode ser na minha casa, o médium pode ser num vizinho, mas você não pode entrar nas faixas vibratórias. Você ta com um problema ali/ dá licença, você pode ajudar, você pode pedir a ela, eu posso ajudar como? Entendeu? Mas assim, não deixar se envolver muito porque eles estão perturbados, ou eles tão/ se eles tão alegres, vamos ficar alegres juntas. Mas aí é que ta; depende. Às vezes as entidades vem tantas em cima da gente, tantas, sabe? Convocando pra você ajudar aqui, ajudar ali. Às vezes eu to no ônibus, cê entendeu? Às vezes eles colocam justamente uma pessoa que ta precisando, sabe, que/ já cheguei a dar endereço demais de centros pra eles irem, sabe, cê percebe que eles querem. Parece que as entidades ajudam de qualquer forma, sabe? Então eles falam, “você não precisa trabalhar”, mas só que eu preciso das minhas mãos, a minha mão... é importante a minha mão. Então, aquela messiânica, a pessoa que me deu o johrei, ela foi pessoa importante na minha vida, né. Então, essa minha mão,

ela é útil, sabe? Então se eu chegar num lugar e dar passe espiritual, eu to me doando. É uma questão de/ não é o centro que é importante, sabe?

224. E.M: Sei. É essa atividade de ajudar.

225. S: De ajudar. Então, esse passe que eles falam, é o passe que Jesus dava, né, antigamente lá e tudo. Ele só punha a mão e doava o amor dele pra alguém. Só que aquilo, depende do lugar, E.M, eu não tenho essa força de Deus. Eu nunca posso pensar que eu sou poderosa. Mas que eu tenho o meu anjo, que ta lá, dando força pra mim, entendeu?

226. E.M: Então você acha que aqui [*centro espírita Ismael*] você tem as ferramentas pra poder fazer isso.

227. S: Exatamente, eu tenho assim, eu tenho mais pessoas que são médiuns como eu que juntos, com o pensamento tudo junto...

228. E.M: Entendi.

229. S: ...e que essa força divina venha, entendeu, e ajude. Porque se tiver um ou dois em meu nome, aí eu estarei [*parafraseando uma citação bíblica de Jesus*]. É como na igreja católica, até hoje eu adoro. Hoje se eu for ajudar, eu vou saber como ajudar. Eu não vou chegar lá mandando; aqui é a mesma coisa, entendeu? Antes era mandando, mandando aqui, mandando lá. Que isso? Alto lá! Cada um no seu lugar de atendimento e de evolução, S! Eu não entendia.

230. E.M: (risos). E você/ deixa eu te falar, você tem as entidades que se manifestam por você. Você conhece elas, sabe da história delas? Como é que essa relação com elas?

231. S: É, tem umas que eu sinto que é de idade, sabe? Que é velhinhas, (às vezes falam)/ aquela dos “meus filhinhos” [*isto é, a entidade que se comunica nesse termos*], parece uma coisinha assim veiiinhaaa... uma coisinha gostosa. Porque é mais véio [*velho*] que vem perto de mim.

232. E.M: É?

233. S: É. Um dia até a menina falou, eu não entendi direito: “fia [*filha*], perdoa fia”. Ela falava assim, sabe? Até queria saber [*na sessão mediúnica*] pra quem que era [*aquela fala*], eu falei: vocês podem para com isso. Aqui não tem que falar quem é, quem não é. Eu não gosto disso, gente. Já chegaram até na câmara de passe a beijar minha mão, eu fiz assim [*afastou a mão*], não pode. Gente com fotografia, sabe, E.M? Gente buscando força, como eu to buscando até hoje.

234. E.M: Pra lidar com a morte dos parentes, essas coisas.

235. S: Cê entendeu? Tinha uma fotografia de um casalzinho assim na perna da mocinha. Ela olhou pra mim e falou assim: “obrigada”. Eu não sei se ela agradeceu porque voltou com o namorado. Eu não sei, eu só sei de uma coisa, é uma alegria. Mas eu sou usada, às vezes eu sinto que é gente véia, às vezes eu sinto que é gente também desequilibrada, sabe? Gente com problema sério, eu não sei. Às vezes é desenho escuro, às vezes é uns rabiscos feio, sabe? Às vezes é gente muito perturbada, teve um dia que eu não queria mais. Eu não queria mais que escrever, porque eu sentia que era/ eu não queria, sabe, mas não é a gente não querer, é a gente/ é nessa hora que você tem que se equilibrar como médium, né. Mas eu parei, eu parei e senti também que eu tava cansada, né. Ainda bem que essa minha consciência é boa; se eu fosse inconsciente, eu não sei não. Se eu/ sabe? Mas um medo assim/ que nem, eu presto atenção às vezes é criança que vem, quando é desenho assim delicadinho, sabe? A mão, cê percebe que é/ às vezes vem uma força...

236. E.M: Mas não diz o nome, não manifesta...

237. S: Agora, não diz o nome. Não manifesta.

238. E.M: E cê vê assim o rosto...

239. S: Eu só sinto mais, E.M, na psicofonia, eu sinto. Mais assim quem é de idade, mais quem é juvenzinho, mais quem é senhor, aí começa aqui; aqui dói muito [*pescoço, região das cordas vocais*]. Depois que eu falo, me dói bastante minhas cordas vocais doem. Eu peço pra I.Z. me dar um pouquinho de água. Me dói muito mesmo. E passa, que parece

que eles [os *espíritos*] me dão um passe, sabe? Eles me limpam um pouquinho, tiram um pouco aquela canseira que eu to sentindo. Mas o nome, o nome, por exemplo, não me falam.

240. E.M: E você vê como é que é, sabe diferenciar um do outro?

241. S: No começo, eu escrevia, eu fiz uma assinatura. Uma assinatura. E diz a minha professora no primeiro ano que era um pintor muito famoso que tinha lá escrito, sabe, na mensagem. Só que ela levou isso daí. Ela levou embora. Tinha uma que era escrita pra um médium daqui, pra gente dar força. Mas eu não sei te dizer. Porque é assim, sabe, quando eu to assim, quando eu me apago, eu não escuto barulho. É engraçado, eu não escuto nem a porta. Eu não escuto nem a minha dirigente chegar e passar assim, perto de mim.

242. E.M: Quando você ta como médium aí trabalhando?

243. S: Não, quando eu to sentadinha, que vai começar o trabalho. Cê entendeu? Porque eu já fico pensando em Jesus primeiro e na minha vida. Que se ele quiser que eu seja um instrumento bom, me coloque realmente assim espíritos bons, né. Pessoas boas que queiram trabalhar junto comigo, mas pra um trabalho sério. Não aquele trabalho de ta falando, ta falando, e não é você que ta falando. Aquela gozação, sabe? Aquela coisa de demonstrar e... não.

244. E.M: De vaidade.

245. S: De vaidade mesmo, sabe? Eu tomo muito cuidado com isso. Às vezes eu não quero dar psicofonia, eu sinto que não é a hora. Não sinto, não vem ninguém perto de mim...

246. E.M: Eu sei, você quer ajudar, você não quer se engrandecer com isso.

247. S: Não, sabe? Porque, é o tal negócio, a minha mediunidade/ só que eu sinto é uma mediunidade também torturada. É uma tortura. Porque tem hora que vem entidade, torturando a minha cabeça, E.M, por causa da família, cê entendeu? Eu fico às vezes com culpas às vezes também me vem, me vem: ai meu Deus! E agora, se eu não ajudo aqui, sabe, eles [*espíritos inferiores*] me torturam bastante. Eu tenho uma mediunidade meio torturada. Epilepsia pra mim, eu sinto que ela é torturada. Então/ mas aí quando eu to nesse trabalho da terça e quarta-feira, eu não sei se é porque ta cheio de médiuns, eu não sei/ e eu sinto médicos também [*espirituais*], eu solicito demais que os médicos venham me ajudar a não ter crise também, né. Pra que não venham entidades também, que eles limpam mesmo a casa, eles limpam. Isso eu sinto mesmo. Quando fala assim, olha, as cortinas, as cores, me passam. As cores me vêm. Por exemplo, samaritano [*nome de uma sessão mediúnica*], adoro o samaritano, mas não posso trabalhar ali. É um desgaste físico pra mim. Então, eu tenho limite, né, sabe? E esse limite eu respeito eu. Eu falo pro meu mentor amigo: cês podem me usar, mas eu sei que eu tenho esse limite; eu sei que eu não posso ultrapassar.

248. E.M: E quando você ta nesse estado assim você falou que você não ouve as coisas...

249. S: Isso, é, aí, sabe assim, parece que eles me tampam. Aí a minha boca, ela abre demais, vai abrindo, vai abrindo, vai/ a lágrima vai saindo, vai saindo, sabe? A terça-feira, nossa senhora!

250. E.M: É um estado assim de liberação mesmo.

251. S: Isso, sabe? Como se tudo aquilo que eu já trago – porque eu trago da minha casa, trago do meu pai, os doentes... é umas doentaiada. E.M, sabe, é um peso. Um dia eu tava com a dona L. e eu falei: meu Deus, pronto, agora arrepiou, porque arrepiou também. Arrepiou, e frio eu sinto assim quando passa. Não é sempre. Era o meu vizinho pedindo pra outra médium, a dona L., levar pra casa. Tava morto já e tava levando pra casa, do lado da minha casa, sabe? Aí eu chego aqui, né, e vai liberando aquilo pra mim, parece que vai saindo, saindo, saindo. Então, se eu saio do centro, eu sinto isso E.M. Aonde eu for eu vou ter que equilibrar ela [*mediunidade*]. Porque eu sinto, infelizmente, eu sou uma médium que eles falam sensitiva, intuitiva, telepatia – ta tudo escrito lá – psicofonia, psicomетria. Graças a Deus melhorou, aí ó, já melhorou. Já melhorou também na parte da vidência, o que eu via, né. Sabe aqueles lamentos, aqueles choros, aquelas tristeza sem fim. Então quer dizer, era muito perturbadora [*a mediunidade*]. Agora, se eu saio, eu tenho que achar outra [*casa espírita*], Kardecista. Porque eu sei que se eu for pra outra umbandista, ou então/ é aí eu (vou desequilibrar demais), porque aí é muita gritaiada. Crente, eu não posso ficar perto de crente. Porque é um clamor desesperador. Aí eu sinto tudo aqueles doentes [*espirituais*] junto, sabe como é que é? Aqueles viciados, eu não sei, aquelas coisas assim tudo/ ai meu Deus do céu, tudo perto de mim. Que um dia eu sonhei com a sogra. Olha só, eu tava numa casa/ não, o marido falou pra mim assim/ porque ela tem asma, bronquite. Asma, bronquite... tem uma bola no

fígado, quando dizem os médicos E.M, quem tem bola no fígado assim, ta pra estourar, é uma amargura grande, os psicólogos que fala. É uma pessoa depressiva, ela tem amargura, ela não pensa nada de bom, ruim, então vai tudo amargando, lá no fígado da pessoa. Vai detonando com o fígado, assim eu escuto na televisão, viu? E presto atenção em tudo que os psicólogos da Boa Nova [*rádio espírita*]. Pra mim aprender, não é pra ela não, viu bem! Eu deixo ela de escanteio, quer ficar, fica com a amargura. Porque antes eu pegava, né, pra mim, aí que bobinha né. Então, aí eu sonhei com ela, E.M, que eu tava assim procurando ela, aí eu só sei que eu ia pra um monte de morro esquisito. Era morro, feio. Ai, olha a sua mãe lá [*como se estivesse falando para o marido*]. Ela tava toda de branco, junto com uma senhora de branco. Só que chegava perto, E.M, sumia. A mulher sumia, ela e a mulher. Ai fofinho, então não era sua mãe, vamos mais um pouquinho subir. “Ai S., vamos por ali” [*disse o marido*]. Ai fofinho, mas aqui é muito feio esse lugar. Então vamos subindo um pouco o morro, eu to cansada, mas vamos né. Vimos uma casinha. Ai, pode ser que ela esteja lá, quem sabe? Na casinha tava cheio. Entramos na casinha, tava cheio de macumba. Era vela, era galinha preta, um monte de coisa, tudo ali, a macumbaiada feita. Entramos lá dentro, a mulher puxou o marido, tirou toda a roupa do marido, entrou dentro do quarto, um monte de homem pelado (risos), eu falei: escuta aqui, minha filha, aqui não é lugar não. Fofinho, a sua mãe não ta aqui não, vamo embora daqui. Ta pensando o quê, ele é meu marido fofa, dá licença. Peguei a roupa dele, peguei tudo, tava tontinho, sabe? Saí de lá: sua mãe não ta aqui não, vamo embora. Aí ele pôs a roupa, tudo, “S., o que eu to fazendo sem roupa?”, eu falei: não sei, vamos procurar sua mãe, lá vai mais morro ainda feio assim pra procurar. Acharo a mulher, graças a Deus, tava lá. Ai, A.I., seu filho te procurando. “Mãe, to te procurando e a senhora não.../ pô, mãe, onde é que a senhora tava, mãe?”. Só sei que ela olhava assim pra mim e pro marido e dava risada, e a outra mulher tava do lado dela. Só que quanto mais eu me aproximava, eu não percebi que tinha um barranco, sabe, um barranco. A outra mulher que tava do lado dela foi atrás de mim e me jogou pro barranco e eu caí. No que eu caí – ela dando risada – no que eu caí, ele pegou, olhou pra cara da mãe dele e falou assim: “mãe, quê que cê fez, mãe?”. Aí ele caiu junto comigo lá pro barranco. Então, eu tenho uma ligação com ele; lá de vidas passadas, que eles falam. Tanto é que a minha professora falou: “S., ora, vigia-te e ora”. Então, tudo isso aí é sonhos, é que coisas que veio pra mim. Então eu me desequilibraria sim, E.M [*caso deixasse de atuar como médium*]. Vou falar pra você.

252. E.M: Mas isso que você ta contando dessa história toda, isso aconteceu mesmo, não foi uma visão...

253. S: Não, não, no sonho.

254. E.M: Ah, isso tudo no sonho.

255. S: Agora, se aconteceu, E.M, em alguma outra circunstância...

256. E.M: Entendi.

257. S: Entendeu? Hoje eu to aí com ela, aprendendo a amar essa senhora, a respeitar essa senhora. Se hoje eu to lá com o meu pai, to aprendendo a lidar com ele, sabe? Pra ver se ele também resolve a vida dele com os filhos, se dê bem com os filhos dele. Porque... né, esse negócio de relacionamento com as pessoas, você pode ser uma ponte de união, mas se a pessoa também não quer, você não adianta forçar, você se desgasta, né. Eu to precisando de um psicólogo urgentemente pra desabafar, falar, falar, falar, falar, falar.

258. E.M: (Risos).

259. S: Não é não? Sei lá, um psicoterapeuta, né? Só sei de uma coisa; to buscando, né? Até hoje, ainda não aprendi. Eu to no Espiritismo, E.M, to aprendendo ainda, eu to me descobrindo nas lições. Eu leio muito pouco; é necessário ler, já me falaram [*pessoas do centro*]. Essa psicofonia que eu tenho, eu tenho que ler bastante, porque talvez estejam me usando [*espíritos*]. Também pra eles [*espíritos*] se comunicarem, falarem. O evangelho de Jesus, leituras. Pro meu próprio crescimento. Agora, fico vaidosa, às vezes brincam comigo: “ah, S. vai pintar o sete hoje”. Cê entendeu? E é gozação. Mas eu to nem aí.

260. E.M: Mas quem que fala isso pra você?

261. S: Ah, o seu M. O seu... ai como é o nome dele ali... ai ta sempre aqui no centro.

262. E.M: É um senhor aqui do centro que fala isso?

263. S: É, ele trabalha de quarta-feira. Ai meu deus... F. O F., é brincalhão pra demais. Eu falei: então, você vê que eu brinco tanto, porque você não vai lá ver eu brincar? É tão bonitinho, tem criança, tem tudo lá.

264. E.M: (Risos).

265. S: E o que mais tem na sala é criança [*espiritual*] mesmo, E.M., sabe? Porque... às vezes eu percebo também quando vem, aqueles deficiente mental... eu percebo também. Então, E.M, eu sou uma doente, os doentes tão lá também. Então, eles me ajudam, eu ajudo eles. Entendeu? Então... se eu ainda tenho problema, então... né? Eu to buscando, eu to vendo o quê que eu posso fazer por mim pra ajudar alguém. Essa humanidade que ta aí também carente, doente, vamo ajudar, né? Então se eu sei de alguém que pode ajudar outra pessoa eu vou lá e ajudo, é uma mediunidade. Mas o problema, é que tem pessoas que traz consigo assim umas, ai, umas/ espíritos bem, sabe? Nós somos espíritos assim muito inferiores, né? Ninguém é perfeito, ninguém/ mas tem outras pessoas mais evoluídas, que conseguem entender umas às outras, sabe? Então vai ver que eu já era/ falavam lá na época que eu era uma psicóloga na igreja lá. A freira queria levar eu lá pra morar lá. Que aí eu ia cuidar bastante de todo mundo, conversar com todo mundo, sabe? Eu falei: eu não sou psicóloga não. E outra, eu acho que eu ia agarrar um monte de padre lá pra casar.

266. E.M: (Risos).

267. S: Não adianta, irmã, não adianta (risos). Lá em Capão da Canoa, sabe? Porque é Nossa Senhora das Neves, a igreja aqui que eu participava.

268. E.M: E deixa eu te falar, agora pra mim já acabou assim, já acabou a entrevista. Acho que tudo assim que eu tinha que te perguntar mais importante...

269. S: Nossa, meu amor! Acabou mesmo.

270. E.M: (Risos).

271. S: Então, o importante é isso. Trabalhar com Jesus aonde for, mas... a mediunidade pra mim é muito importante.

[A entrevista termina com E.M e S. questionando se ainda haveria tempo para conversarem sobre os desenhos mediúnicos de S. Todavia, o centro será fechado no horário das 16h00min, impossibilitando-os de permanecerem lá. Os dois combinam uma segunda entrevista].

SEGUNDA ENTREVISTA (15/05/2009)

[E.M e S encontram-se uma segunda vez para esclarecer algumas questões e discutir um pouco sobre os desenhos mediúnicos realizados pela médium. Os dois começam a conversar sobre outros assuntos antes da entrevista propriamente dita, mas S acaba por fornecer informações importantes nesse momento, e é solicitado a ela que repita algumas de suas falas para serem registradas na gravação].

272. S: É, isso daí eu não comentei com você.

273. E.M: É, você estava falando dos santos que...

274. S: Isso.

275. E.M: ...que você se apegava também a eles.

276. S: Então, eu me apegava demais porque.../ Nossa senhora da Aparecida, Nossa Senhora de Fátima, né, Nossa Senhora das Neves. A igreja que eu freqüentava/ tanto é que as irmãs sempre falava: “S, cê tem, cê tem um dom muito grande; vou levar você com nós lá no Capão da Canoa, Rio Grande do Sul. Eu falei: não, cê não vai levar não, porque eu não tenho esse dom, né. Tanto é que as crianças me procuravam pra ajudar; só que eu falava que eu não era uma psicóloga. Era muita gente com problema igual o meu; com pai que bebia, né. Então, aquela fé que eu tinha de querer, sabe, agarrar o mundo todo pra mim – as pessoas e tudo – então até hoje eu ainda sinto isso dentro de mim, né. Então quê que eu fiz; me veio na cabeça: S, cê tem muitos problemas pra resolver, tem muita gente pedindo socorro de família, só que você não é poderosa, então você vai ter que curar alguma coisa em você. Cura teu espírito primeiro.

277. E.M: Isso veio da onde, essa...

278. S: Do meu pensamento. Eu pensando.

279. E.M: Você teve esse pensamento.

280. S: É, o pensamento foi vindo, foi vindo. Que quanto mais cê alimenta pensamento bom, E.M, pra mim, mais as coisas flui, sabe? Então, aí comecei a pensar, a pensar, não. Não, S, pensa um pouquinho assim na tua cabeça. Você teve epilepsia, você tem epilepsia, né? Tanto é que eu chorava às vezes, eu pensava que: puxa, ninguém quer ficar perto de mim, tal. Aí eu escutei Monteiro Lobato, escutei tantas pessoas importantes também que tiveram epilepsia, né. Não, isso não é nada grave não. Mas S, cê tem muito problema, então vamo tentar fazer uma operação espiritual, da epilepsia. Aí fui no doutor T. É uma senhora japonesa, aqui do Jardim São Paulo/ não, da Júlio Buono, Jardim Brasil, e fui lá e fiz a cirurgia. E segui direitinho: um mês, cê não come carne de porco, né. Procura não ver televisão no primeiro dia; teve umas dietinhas pra fazer. Ta bom. Aí quando eu fui operada, eu olhei assim pra moça e falei: que pena, eu não posso trabalhar? Desse jeito. Eu tenho que ir terça-feira dar passe, e eu queria trabalhar. Ela só respondeu...

281. E.M: Cê já tava aqui no centro já?

282. S: Já tava no centro. Mas eu não comento aqui que eu fiz operação. Que tem umas cabecinha, E.M, desse tamanho [*faz um gesto com os dedos para expressar algo pequeno, diminuto*]. Estuda, estuda, estuda, sabe? E acha que a gente ta procurando outros/ não tem nada a ver. Pra mim, é aquela santa que eu pensei que ta me curando; pra mim é aquele doutor Bezerra de Menezes, um cearense maravilhoso que até hoje ele não pára de trabalhar. Pra mim, André Luiz, que eu li muito livro dele pra entender da minha epilepsia, no Missionário da Luz, que fala. Então, aí eu fui buscando, né. Então eu falei: agora eu quero mesmo essa cura da minha epilepsia. Então eu vou me tratar. Se Deus me ajudar, eu tenho convênio. Então eu vou depois fazer uma/ eu quero ver se o médico me pega, eu vou falar que eu to com muita dor de cabeça – porque enxaqueca eu tenho muita mesmo, e eu não posso ficar tendo muita enxaqueca, né – aí, tirando esse exame que eu vou fazer, né, aí eu vou ver. Se eu for/ e se eu tive merecimento, em primeiro lugar. Quando eu fui lá, eu falei: eu quero o meu merecimento. Então eu mentalizei bastante, né, os espíritos de luz, espíritos bons que viessem em minha ajuda. E se eu merecesse isso diante de tantos problemas que eu tenho. E que eu tenho que enfrentar, quando acontecer o que tem que acontecer na minha vida ainda mais coisas. Perdas de família, tudo né. [*tosse*] Aí... eu falei pra japonesinha – só que não era japonesa, era o doutor T. envolvendo ela lá, né – eu falei: eu preciso tanto trabalhar terça-feira. “Minha filha, você não vai terça-feira. Mas na outra terça-feira você pode. E vá em paz” [*disse o médico espiritual*]. Ta bom, fui em paz. Aí eu tinha que retornar dia 28, pra rever de novo a minha cirurgia. Só que nessa revisão de cirurgia – eu não sei como é que era lá também, né – eu tinha que tomar uma vacina. E.M, não tinha vacina nenhuma, não tinha injeção nenhuma. Era o dedo da japonesa enfiando no meu/ só que eu senti, entendeu? Tem uns que sente, tem outros que não sente. Só que, to falando pra você. Se eu comentar com os outros, é bobagem. Então eu senti. É que nem o Samaritano [*nome de um trabalho mediúnico do centro Ismael*] que eu fiz aqui. De tanto cuidar da minha mãezinha... com várias doenças, que nem o câncer que eu te falei, né, glaucoma, osteoporose, eu me desgastei muito, eu tava fina, tava magra. E eu não podia trabalhar, nem vir na psicografia, nem pintura – tava muito ruim mesmo – e no bazar. E fiz o Samaritano, e eu precisava tirar o útero, né, o útero, mais outras coisas. Aí eu deitei aqui nessa salinha [*sala onde está sendo realizada a entrevista no centro*], deitei, mentalizei essa luz que eles tavam falando: “pensa, faz uma prece”. Que a minha prece não é o pai nosso, sabe? É uma prece assim de conversar mesmo, com eles lá, né. Mas com Jesus primeiro. Aí eu peguei, aí eu peguei... aí eu peguei, mentalizei aquela luz, aquela prece também, e foram me envolvendo, jogando aquela luz. Só que eu tava sentindo, E.M, umas cores passar. Meus olhos fechados, eu conseguia aquelas cores. Só que eu demorei muito, depois que eu saí da maca — eu não vi ninguém mesmo, quem tava me aplicando o passe, nem nada – quando eu desci, eu precisava de muita água pra tomar. Eu não sei se foi muita energia de lá do plano espiritual que foi pra cima, que eu tava tão ruim mesmo, que eu ia tirar o útero e tudo. O negócio tava feio, o mioma tava enorme. A médica chegou lá: “S, não tem mais nada aqui. Quê que cê anda fazendo, S?”. Já vi, é lá no Ismael, né. Então a médica até que ela entende, é lá no Nipo brasileiro. Tem muitos que são espíritas, budistas, um monte de coisa assim. Então, minha ginecologista eu levo um lero com ela, né, eu falo: pois é doutora, toda alternativa que eu puder levar, eu vou levar comigo, né. Deus pôs a medicina, mas Deus pôs a parte espiritual também pra ajudar. Ainda aconteceu isso daí. Então eu tenho fé, E.M, que a minha epilepsia também, um dia, eu possa/ eu acho que eu já mereci, até eu falo assim pras equipe médica lá do doutor Bezerra, doutor André Luiz, que eu acho que eu já mereci, porque ainda continuo com várias coisas pra resolver, pra fazer, e eu to conseguindo, devagarzinho, conseguir resolver um lado, o outro, o outro, sabe? Mas sem me envolver muito também. Então aquele é doente, vai ficar com a doença dele. Eu não entro mais, eu entrava antes. Então eu tava endoidando já. Então isso não era bom, porque eu podia ter outra crise de epilepsia. Porque entrando na faixa vibratória dessas pessoas que também são doentes, eu fico ruim também.

283. E.M: Mas você ainda tem hoje, é...

284. S: A crise, não.

285. E.M: Cê já não tem mais, isso há anos

286. S: Não, nem assim ó, porque o meu olho vira, né. Ele vira, vira, vira, vira. Mas nem assim, mesmo quando eu to olhando assim pros lados, eu sinto uma sensação gostosa. Entendeu? Então eu falo: acho que agora eles tão me segurando bem. Só que é aquilo: “ajuda-te, S, que os céus te ajudará”. Então, não posso tomar muito café, eu não posso limpar muito casa, esfregar e ficar lavando com muita/ fazer muito esforço físico porque o cérebro não agüenta. Então, consciência disso eu tenho, né. Às vezes extrapolo. Aí eu chego cansada, né. Na psicografia, cheguei cansada. Teve um dia aí que eu pedi pra ela ficar quietinha lá, que eu tava cansada. No trabalho, quando eu venho aqui... [S. parecia ofegante].

287. E.M: Você ta cansada agora? Ta cansada?

288. S: Não, é que é a gripe mesmo.

289. E.M: Ah ta.

290. S: É a gripe, é por causa da...

291. E.M: Se você sentir cansada...

292. S: Não, é a rinite mesmo. É o pozinho daqui que eu to sentindo Já, né. Às vezes é as cortinas, tão com pó.

293. E.M: Quer abrir a janela, alguma coisa assim?

[S. e E.M se levantam para abrir as janelas e a conversação é então retomada].

294. S: Quem sou eu? Quê que eu to fazendo aqui? Né? Quem sou eu? Quê que eu to fazendo aqui? Porque tanta gente perto de mim que pede ajuda? Às vezes, E.M, eu to num lugar, a pessoa vem conversar, e quando eu vejo, eu já aliviei aquela pessoa. Essa psicografia que eu falei pra você que eu levei pra mulher que a mulher ia separar do marido/ só que assim, tem que ter um auto-controle. Não posso chegar assim: fulano, fulano, é assim, assim, assim; não pode, né. Então, é aquilo. E nas psicografias, cada dia que passa, quando eu to muito cansada, às vezes eu percebo também. Às vezes é alguma psicografia; às vezes a pintura, aí vem só riscos, não é muita coisa que eu faço. E o meu mentor, que é um anjo maravilhoso, que eu acredito que é um anjo, muito bom, que teve comigo desde que eu nasci, que ta com você desde que você nasceu também, ele parece assim, que nem/ quarta-feira que o meu coração acelerou, sabe? Depois fui sentindo melhor.

295. E.M: Me fala um pouco, você tava/ quê que aconteceu aquele dia?

296. S: Eu tava bem, E.M, cheguei, nossa, de boa, sabe? Aí aquele desenho... né... tinha mensagem boa, tinha mensagem que não/ essa aqui já é de quarta-feira passada, E.M, outras que eu peguei [o que aconteceu neste momento foi que S procurou um desenho realizado por ela na sessão de pintura mediúnica do dia 13/05/2009, mas se equivocou, visto ter pego outro desenho por engano]. Então, aquele quadrado, eu queria ver uma tela [a indicação deste desenho nos anexos e sua descrição detalhada é dada mais abaixo no texto]. Eu falei: eu vou fazer uma tela aqui – eu pensando comigo – vou fazer uma tela. Mas aí não era eu já querendo não, era aquela pessoa mesmo... que tava comigo; algum problema tinha também junto comigo. Acho que nós dois entramos na sintonia igual, sei lá, ou eu com medo e ele com medo de mim, como a I.Z. falou, a V. falou. (Você com medo, né). Porque tem hora que eu tenho medo das entidades que vem assim, né. Tem entidade criança, que eu adoro. Criança eu sinto que é leve; é o passarinho que eu faço, errado, mas eu faço. É o solzinho, é o peixinho, sabe? Umas coisinhas bem/ mas aquele dia não. Era tela, era aquela cachoeira, uma água. Só que aí quando eu comecei a fazer assim, assim, assim, assim, [S. tenta representar o movimento que fazia com a mão e braço direitos para realizar o desenho] é como se tivesse me sufocando junto. Sabe? Tivesse entrando naquela água lá. E aquela roda, era tudo confuso.

297. E.M: Pega o desenho, cê ta com ele aí?

[S. começa a procurar pela mesa, entre as psicografias e desenhos que trouxe. Enquanto procura, continua a conversar].

298. S: Agora que é tudo confuso demais... Mas pra mim acho que vem muita gente perturbada, que nem eu mesmo. Mas, aí, coitada, eu peço até desculpa pro plano espiritual me ajudar...

299. E.M: (risos).

300. S: ...pra não falar assim, viu E.M. porque, ééé... ó as cacetada que eu já levei aqui. Entendeu? Eu respeito, meu filho! Mas tem hora que eu me embananeno (sic) um pouco mesmo. [S. *procura por mais algum tempo e diz*] Vamos fazer assim. Vou separar. Tem alguns aqui... olha, pra mim já é criança, ó. [desenho S. 1].

301. E.M: Tem sol, né.

302. S: Cê entendeu? Isso aqui [desenho S. 2]... pra mim era vários planetas, vários mundos, que eu queria conhecer. Cada um vem assim, só que é assim: cada vez que eu pinto me vem pra mim escrever. Às vezes vem os dois juntos. Sabe?

303. E.M: Sei.

304. S: Às vezes eu não quero escrever.

305. E.M: Foi recente esses desenhos?

306. S: Esse aí eu não lembro não. Não, esse aqui foi do ano... foi do ano passado, retrasado. É bem véinho já. [S. *estava se referindo ao último citado, mas também apontou o primeiro, mais ou menos da mesma época*]. Aqui também têm vários, se você quiser ir vendo. [S. *mostra um caderno de “Cartografia e desenho” que utiliza nos trabalhos de pintura mediúnica*].

307. E.M: Vamos só pegar aquele daquele dia pra...

308. S: Daquele dia. [S. *tem um pouco de dificuldade de encontrar o desenho, mas acaba encontrando o mesmo no caderno que havia acabado de emprestar*]. Então, aqui ó. Cê ta vendo? [desenho S.21, sessão do dia 13/05/2009] Então eu tava assim... eu não sei se é barco isso, o quê que era. Só sei que essa roda aqui, olha, quando eu comecei/ não, aqui ó, o quadrado, né, eu me via lá dentro. Aí me veio... só que antes de vir esse quadrado aqui que vinha, comecei a fazer assim primeiro...

309. E.M: O amarelo, né [parte inferior da figura].

310. S: ... era, assim, era assim, aí vinha virando [S. *vai indicando com o dedo os movimentos que fazia com a mão na hora de produzir o desenho*]. Daí eu falei: agora eu vou jogar pra cá...

311. E.M: Um verde.

312. S: Um verde.

313. E.M: Uma espécie de um arco, né. [Que vai, diagonalmente, da parte inferior esquerda, passando pela parte central até a parte superior direita da figura].

314. S: É. Ah, mas quando eu cheguei aqui/ quer ver, ó. Fui fazendo o círculo.

315. E.M: Esse redondo, né. [um círculo amarelo, localizado proximalmente ao centro da figura, mas pendente para o lado superior direito].

316. S: O círculo, né. Fui fazendo. Aqui já achei bonito, tava me sentindo bem.

317. E.M: O roxo.

318. S: Como se fosse... sabe uma mistura – eu não sei te explicar E.M – uma mistura de medo, mas ao mesmo tempo uma energia dando pra mim. Dessas cores aqui, entendeu? Porque o verde, eles falam que é calmante. Pra nós aqui. Na

cromoterapia também fala, né. O amarelo é vida... então, mas só que aqui, na hora de eu jogar isso aqui tudinho... acelerou.

319. E.M: A cachoeira, cê falou que era uma cachoeira, é isso? [*conjunto de riscos azuis, que, segundo os movimentos sugeridos por S., foram feitos na direção da parte superior direita para a parte inferior direita, no sentido, portanto, de uma queda*].

320. S: Como se fosse uma, é, bastante água, água. Só que eu tava me sentindo assim sufocada dentro disso. Ou seja, dentro da tela [*um quadrado verde, na parte superior da figura*], com essa água aqui, entendeu? Agora, eu não sei explicar direitinho. Aí só eles mesmo, né, lá do plano espiritual pode... ou é alguém que passou por alguma necessidade, alguma dificuldade, né, e ele querendo mostrar, talvez, a maneira como ele morreu. Ou talvez eu não sei se eu também não morri daquele jeito, sabe E.M? Porque o mar assim, eu gosto do mar. Mas eu vou só no rasilho, não gosto nada de onda, né. Piscina, eu não gosto muito de piscina, nem nada. Não sou muito chegada em piscina não.

321. E.M: Cê já teve alguma vez que cê se afogou, aconteceu alguma coisa assim não?

322. S: Não.

323. E.M: Que você se lembre não.

324. S: Só aquele sonho que eu falei pro cê, né, com a minha sogra lá que eu caí na ribanceira, né.

325. E.M: Ah, sim.

326. S: O sonho que eu tive, né. Que ela/ uma outra pessoa que tava com ela veio me empurrando assim – não me lembro quem que era, né – mas me empurrou e o meu marido falou: “mãe, por quê que você fez isso?”. Aí ele pegou e caiu lá pra baixo. Eu não sei se lá tinha água, alguma coisa também, né.

327. E.M: Sei.

328. S: Não sei te explicar. Então vem tudo lá do meu emocional lá dentro. Eu preciso trabalhar isso, né. Então... é que nem a minha irmã uma vez falou pra mim assim: “S... é...”/ meu pai e eu, né, porque meu pai me rejeitou. Se me rejeitasse eu não tava com o véio até hoje, né? Lá, lavando o pipi dele, E.M. Não, e eu gosto dele demais, sabe?

329. E.M: Sua irmã falou que o seu pai te rejeitou.

330. S: É. Porque quando/ minha mãe falou que meu pai, quando eu nasci, ele nem olhou na minha carinha. Minha mãe morreu com essa mágoa. Aí eu falei: “C [*irmã da S*], vamo parar de direcionar esse pensamento de mágoa. Eu já falava isso – ela é mais velha do que eu – vamo parar de falar de mágoa, né. Pra mãe também não é bom. Acho que tem que rezar pra ela talvez/ se ela tava magoada com o pai, vamo pedir pra ela perdoar, que os anjos estejam com ela perdoadando tudo, né. Porque assim, eu dou uns pega no véio, ela acha que aquilo tá lá no consciente meu, batendo lá dentro de mim, aquela correjeição (sic). Eu falei: não é, C.

331. E.M: Ela acha que você, às vezes quando você briga com o seu pai alguma coisa...

332. S: É!

333. E.M: ...é um sinal daquela rejeição...

334. S: Rejeição.

335. E.M: ...que você teve.

336. S: É! Mas não é. É pra acordar o véio, e pra acordar os filhos dele, E.M. Que nem eu falei, eu sou/ eu tenho capacidade pra ajudar quem for. O meu pai é meu pai, mas eu não me apego, eu não quero me apegar. Eu tô batalhando por isso, entendeu? É o apego lá que eu tenho com o marido, meu fofinho é lindo de morrer, mas vai morrer um dia, com as doenças dele, tá cheio de doença. A C. e o T. [*filhos da entrevistada*] são duas crianças lindas que veio na minha vida. Que eu vou te falar, é o prêmio que Deus me deu. Acho assim que muita coisa que talvez eu passei assim, né/ que

eles tem muito orgulho da mãe deles, né. Nossa senhora! “Minha mãe, minha mãe”. Todos os colegas deles e dela falam: “pô, mas sua mãe é legal, cabeça aberta, não sei o quê, né”. Mas é aquilo, sabe, eu quero mostrar pros meu filhos. Eu não quero mostrar no centro espírita que a S é uma boa médium, que ela tem a paranormalidade dela aqui. Não, sabe E.M? Que é perigoso isso também, então é como eu falei: eu não quero agradar ninguém. E muitas vezes essas pessoas quer chegar perto de mim, entendeu, e me agradar. Às vezes ta lá/ que nem eu falei, eu dou passe pra alguém, não é eu que to dando E.M. É minha mão que ta tão quente [tosse], é o meu pensamento que ta ali pensando: poxa, aquela pessoa teve a mesma situação que eu um dia, precisando de ajuda. Hoje eu vou ajudar ela também, entendeu? Mas assim, não achar: é fenômeno, é isso, é aquilo. Então é aquilo, então tem/ lá com o meu pai e com a minha irmã: “S, eu acho que você ta sentindo isso”. Eu falei: eu não to C, pode ter certeza que não. Se o véio queria um macho, eu sou o macho dele aqui. Porque eu que subo em telhado pra arrumar o telhado. Eu que chego aqui pra trocar a porquinha da torneira dele. Né? Então, C, eu já to fazendo o papel do macho que ele quer. Agora, se eu tiver que pitar com ele mesmo, falar: agora aqui tem que ser assim, assim, vai ser assim, acabou! Que ele é o machão, né? Ele é o gostosão lá, então eu falo: não, ta doente com uma sonda lá, revoltado da vida, E.M. Aí dos filhos não faz, eu tenho que fazer por ele. Eu falei: não, agora os filhos vão aprender a fazer. Então tudo que a S fazia, E.M; consertar a torneira, vai no telhado, arruma isso, arruma aquilo, chega. Agora os seus filhos vão aprender, e o senhor também, pai. Chega! Eu não posso ficar pegando mais não. Vai! Vamo crescer, todo mundo crescer aqui. Aí ela fica brava, né. Então, isso é que pega, ela é casada, tem o marido dela, o filho dela tudo também, né. Mas... gosto dos meus irmãos e tudo. Mas agora eu to vivendo o meu momento, sabe E.M? Peraí, a S quis agarrar o mundo inteiro. Uma hora ela tem uma dor nas costas aí, porque ela agarrou o mundo mesmo. Então eu to prestando atenção na minha saúde, E.M, entendeu? Antes eu ficava preocupada com todo mundo, com todos. E agora não, me libero aqui ó [aponta para os desenhos em cima da mesa]. Entendeu?

337. E.M: Você acha que na...

338. S: Nossa!

339. E.M: ...na pintura, nesse trabalho, você se libera?

340. S: Eu me libero. Então, quer dizer, eu to lá, entendeu? Eu não vejo a hora de chegar terça e quarta [dias em que ela visita o centro]. Então eu me preparo mesmo. Eu falo: hoje eu não vou pegar isso, eu não vou pegar aquilo. Hoje, se der tempo eu vou dar banho no véio, se não der tempo hoje eu não vou, né, porque tem outra coisa ali pra fazer. Então eu to conseguindo ser mais organizada, o que faltava em mim, né. Vamos se organizar mais, peraí. Eu parei E.M, de 96 a 2007, eu só ia pra cuidar de pais, mães, irmãos. Larguei marido e filhos. [Tosse] agora não [tosse], eu to... eu to enxergando o que eu não tava enxergando antes, né. A necessidade da minha mãe eu senti. Com a minha mãe eu senti que a tarefa era grande com ele. Era eu mesmo pra agüentar o baque e dar pitaco em todo mundo. Você faz isso, você faz aquilo, porque tudo lerdo, né. Mas tem que respeitar.

341. E.M: Você acha que o pessoal sempre deixou as coisas nas suas costas?

342. S: É assim pra/ sabe assim, eu não sei chegar se você falar: “S, cê me traz um sorvete amanhã?”. Eu já trago o sorvete hoje pra você. Eu não espero, cê entendeu? Eu tenho que ter essa calma. Eu olho a V, essa menina da psicografia, da pintura, eu era assim que nem ela. Ela fala rápido, cê viu? Ela fala, ela conversa, é tututututututututu. Hoje eu to olhando o outro, E.M, que eu era, cê entendeu? Então eu preciso ser mais calma, mais paciente, sabe? Eu tenho inveja daqueles que escuta. Eu falo: Deus dai-me isso pra mim. De eu saber escutar mais. Só que eu escuto. O que vem de véio pra desabafar, falar, conversar, eu escuto. Jovenzinho também é mais dificultoso pra mim, né. Criança eu já tenho mais paciência também. Mas assim, entendeu, é uma coisa que/ agora eu to descobrindo tanta coisa que eu poderia também, ter me equilibrado, mas eu não conhecia esse lado. Então eu precisava. Talvez o plano espiritual, quando eu passei mal do braço, né, que eu passei mal mesmo, que eu falei pro fofinho: aí fofinho, eu vou nos médicos, vou em três médicos. E fui em três. No Nipo Brasileiro, em outro, outro, e nada de achar o problema. É uma dorzinha súbita, você toma um remédio pra dor/ pô, E.M, já tomava Gardenal, aí, dental, né, eu vou tomar mais remédio pra mim? Não. Me veio. Aí que eu percebi. Não, isso não foi coisa minha. Entendeu? Tem coisa que eu vejo. S, passa na pesquisa. Tem alguma coisa espiritual com você. Aí fui, né, falei tudo direitinho, olha, já passei nos médicos, eles não acham nada, então eu preciso saber direitinho, o quê que ta acontecendo comigo, né? Na pesquisa, queria passar tudo, né. Aí falaram direitinho: “realmente, S, não tem nada a ver. Não é físico, é espiritual. É assim, eles tão te chamando, já ta chegando a sua mediunidade, a sua psicografia”. Porque quando eu fiz o curso mediúnico, E.M, ia chegar o tempo certo, pra tudo essas coisinhas aqui pra mim. Então chegou, a psicometria. Que é eu pegar tal relógio e eu já to sentindo de quem você recebeu esse relógio, né. Que nas aulas tinha muito disso; eles davam o objeto pra mim, aí eu sentia vontade de chorar, aí eu sentia aquele apego. Tinha uma que me deu uma... eu não lembro o quê que foi na época lá,

mas eu sentia uma alegria, uma felicidade tão grande... Eu não lembro o quê que era. Mas era uma pessoa assim... desprendida; de tudo, sabe? Então, no bazar, vinha de tudo, né. Vinha coisa cirúrgica, vinha/ então os doentes, os que não eram doentes, né, eu comecei depois a passar mal mesmo. Aí eu pedi licença...

343. E.M: Eles pegavam objetos do bazar?

344. S: É, às vezes até do bazar, eu não sei da onde eles pegavam, sabe E.M? Mas aí eu trabalhava lá também. Também cheguei a trabalhar cinco anos.

345. E.M: No bazar.

346. S: No bazar. Aí eu falei pra dona Z que eu não podia mais, que eu não tava muito legal não. Então veio tudo, E.M, veio a psicometria, aí veio a dor daqui... do braço. Mas a psicometria, depois que eu saí de lá, eu melhorei.

347. E.M: Foi o braço direito que doía?

348. S: É. Esse aqui, era mais o lado direito.

349. E.M: Mas doía quando você...

350. S: E a psicometria não, já era sentir aqui tudo [*vai do braço, passando pelos ombros, o pescoço, até a cabeça*] a cabeça... aí eu já vibrava, sabe, parece que é uma coisa, acho que eu mesma já chamava, eu não sei o que acontecia. Mas a sensibilidade era enorme. Então a minha professora Z – ela até dá aula ainda aí – ela falou: “com o tempo, cê vai aparecer essas mediunidades, S; a psicografia, a pintura, psicofonia. Só que na psicofonia você tem que estudar, viu? Cê tem que ler bastante livro, e aí que eu to dificuldade minha em ler. Eu leio, dá aquela cansa, vou de novo no oculista pra ver, vai ter que trocar o óculos. Então o quê que aconteceu, veio todas mediunidades pra mim, e agora quando eu libero aqui ó [*desenhos*], quando eu to escrevendo, e quando eu to pintando, aí minha semana passa bem. Entendeu? Eu posso ter o problema que eu tiver. Vixe! Ta, deixa rolar. Ta acontecendo? Ta acontecendo. Sabe? Ai, menina, parece que é uma coisa assim que me lava a minha alma, sabe? Agora, vamos supor, se eu não – como você perguntou pra mim – se eu não tivesse mais aqui, como eu ficaria, né, entendeu? Eu tenho conhecimento, eu to aprendendo ainda. Não sei tudo. Mas se eu chegar lá, por exemplo, numa igreja, eu vou me controlar, o máximo que eu puder. Mas eu não vou te entidades pra me ajudar... nessa parte, eu vou ter meu anjo guardião. Vou chegar pra ele e vou pedir tudo, né, que ele me ajude, em sustente nessa hora, né. Toda casa que eu entro, por exemplo, eu também sinto energia. Entendeu? Se é uma casa/ a casa do meu pai, quando eu entro, pelo amor de Deus! Acaba com qualquer/ o cachorro da casa, ta assim já todo danadinho já. Ta acabadinho! E.M, ele ta ó/ não dão banho no cachorro, sabe? Ta todo cascudinho assim, todo feridinha, sabe? Um dia eu fui lá, dei passe no cachorro. Dei mesmo, sabe? Falei: oh, Jolí, fique em paz, sabe? Aí eu pedi lá pros irmãozinhos lá de cima ajudar ele, né, a desencarnar logo, porque é sofrimento demais, porque, ó, morre as plantas na casa do meu pai e morre o cachorro, viu bem? Porque é muita tristeza lá dentro, né. Então é o que eu falo, dependendo do lugar, eu tenho que ter esse suporte aqui. Aqui eu sinto, eu sinto mesmo. Quando eu entro na sala/ agora a dificuldade to tendo na psicografia. Ta muita titititiu (sic), agitação. Ta muita, muita, muita. Muita, muita. Quando eu vou de terça-feira, né, aí já quando começa o trabalho, menina, aí sim. Aí eu sinto; vem o meu mentor, me ajuda, me gruda com as mãozinhas dele lá, eu não sei se é, só sei que vai ajuntando mesmo, E.M. Coisa muito boa mesmo. Mas ali, quietinha no meu canto, cê entendeu? Só que eu me desligo; às vezes ela me chama... [*pessoa que coordena a atividade*] ela me chama: “senta no outro lugar lá”. Aí acho que ela já percebeu que eu me desligo um pouco, E.M, então ela me deixa mais até eu ligar de novo, né. Porque eu não falo com ela: eu to sentindo isso, eu to sentindo aquilo, não.

351. E.M: Quem é ela?

352. S: A minha dirigente.

353. E.M: Ah, a dirigente do trabalho.

354. S: Ela já percebe porque ela é vidente, né, ela percebe. Que nem, quando eu quero trabalhar lá na portaria, ela já não deixa. Ela fala: ‘S, eles tão pedindo pra você ficar aqui, dar sustentação nos passes’. Tem muito drogado, E.M, que chega lá. Eu sinto. Olha, se você ver, a mão vai fervendo com tudo. Vou mentalizando, vou mentalizando, mas vem aquela perturbação querendo pegar eu. Aí sim a minha dirigente vem, ela já vem e vai nas costas do rapaz e vai ajudando eu. Quando é muito carregado, o passe que cê vai dar naquela pessoa/ por isso que é muito sério, sabe? Né?

Então ela percebe, eu to firmando o meu pensamento, meu mentor, o plano espiritual ajuda, não vai deixar a gente morrer ali não, viu E.M. Às vezes cê ta pensando que vai morrer mesmo, né. Não, mas depende do preparo da gente. Se eu chegar pra hoje e pra ela assim e tiver humildade de falar: dona E., eu não tenho condições de trabalhar, eu posso ficar sustentando. Cê entendeu? Mas tem que ter humildade, o médium tem que ter humildade de ser consciente que ele não ta bem. Que ele pega uma carga lascada. Ele pega. Ele vem com tudo. E se ele ta mal, derruba ele.

355. E.M: E você acha, por exemplo, que nos grupos que você participa tem muito assim conflito entre os médiuns?

356. S: Tem. Tem bastante. Inclusive na psicofonia. Vem psicofonia às vezes pra aquela mocinha – cê viu? – falando. Já veio pra mim também.

357. E.M: Aquela moça falou/ eu não me lembro, a C.S, né? É C.S. o nome dela?

358. S: É C.S. o nome dela. É aquela menininha que fala bem criança, né?

359. E.M: Isso, exatamente.

360. S: Bem criancinha...

361. E.M: Acho que ela é mesma, C.S. Porque a outra é P.

362. S: a P. também a mediunidade dela é boa. Ela é mecânica né [*em referência ao tipo de mediunidade*]. Ela já não sabe nada do que ta acontecendo. Eu já sou consciente, eu já percebo.

363. E.M: A C.S ela... eu não me lembro a mensagem que ela mandou.

364. S: Então, que a gente precisava/ eu escutei união, e escutei caridade. A caridade não ta acontecendo no centro. A caridade, E.M, não é chegar aqui e dar o alimento. No da quarta-feira, eles fazem assistência social aqui. E.M, já cheguei a trazer coisas boas... depende de cada um. Ia levar embora, entendeu? Não, vamos reverter isso aqui pra uma coisa/ cê ser honesto, entendeu?

365. E.M: Ah, tinha gente que...

366. S: Levava.

367. E.M: ...gente aqui do centro, que levava as doações?

368. S: Levava embora. Então, a caridade que os amigos espirituais falam, não é só no nosso trabalho. A caridade no trabalho todo, entendeu? Porque assim, que nem, eles, pra eles, aqui pra nós, psicografia e pintura, não tem tanta importância, né. Não tem. Tem coisas que/ o que eles acham mais importante é a psicofonia. É você chegar lá na tribuna e falar bonito. Já deu pra mim sentir isso também. Então tem que ser respeitado; aquele ainda não ta em condição de falar. Mas ele tem condições de chegar aqui e limpar o narizinho ramelento (sic) da criança. E é isso que os médiuns, também quando se forma, entendeu, eles acham que não é. Eles querem vir dar passe, querem falar bonito lá na frente, né. Então [*tosse*] pra cada um, cada um de nós tem a sua tarefinha pra fazer, né. Então que a gente peça a Deus, peça aos bons espíritos, iluminar a cabeça da gente e ver o que realmente a gente tem capacidade de fazer ali. E não querer inventar, sabe? Ficar inventando o que sabe, o quê que aconteceu, que isso, que aquilo, né. Cê entendeu? Por exemplo, foi dado aqui, né. A V.A sempre coloca a P. pra colocar lá a mensagem. Tudo bem. Tem que se ser colocada, é lógico. Mas eu acho que deveria ser avaliada por mais pessoas, E.M. Não só um médium. Vários médiuns. Entendeu?

369. E.M: Pra ver quem que vai falar?

370. S: Médiuns, ó, médiuns videntes. Principalmente os que vêem, sabe? E os médiuns de intuição, que sente realmente, sensitivo, que percebe que realmente aquela letra, aquelas palavras são realmente daquela pessoa. Eu tenho essa/ eu já falei, já expliquei isso pra eles também o que eu penso, né. Agora, não fui muito assim bem recebida, né. É que nem eu falei. Falei pro seu G., pra dona T.E.R, é sério sim. A partir do momento que o braço meu começou a apertar, gente, eu vi que o negócio tava feio mesmo. E médico não achar nada em mim, então eu tinha que fazer alguma coisa aqui. Agora, eu to observando o que eu escrevo e o que eu pinto. E o que eu sinto, né, porque o sentir eu acho mais importante, E.M. Eu to sentindo, então eu to sentindo lá. Essa bola, o quê que eu to fazendo com essa bola? Esse

risco? Eu quero fazer uma cachoeira, já falei tantas vezes, uma cachoeira bonita. Só que essa cachoeira bonita que talvez eu quisesse fazer, a sensação foi outra. Às vezes eu luto com eles [*espíritos*], de querer fazer as coisas que eu quero. Entendeu? Então tem um livro de [*cita o nome de um autor de livros espíritas*], que a V.A falou e a I.Z., né., que é bom pra ler. Mas essa dificuldade que eu to tendo pra ler. Parece que eles também não querem, que eu fique lá absorvendo. Porque na igreja católica/ olha a ligação, E.M. Na igreja católica, tudo o que eu queria saber lá, era cortado. Uma coisa impressionante. Eu fuçava assim a bíblia inteira pra entender. A bíblia inteira! Aqueles benditos reis magos, porque que tinha que dar aquele luxo todo, luxo todo que eu falava. O papa, porque que o papa, padre, tem que ter o luxo dele lá? Sabe? Era coisa assim que não passava pela minha cabeça. Vinha vindo, né. Então o que eu falo, essa busca incessante. Lá na igreja, essa busca incessante aqui, né. Então se tiver os médiuns mais competentes, que possa me explicar direitinho, o que ta acontecendo comigo, se é real se não é, né. Agora, não sei, ta muito ainda complicado, né.

371. E.M: É verdade.

372. S: Assim pra...

373. E.M: E o que...

374. S: Então me faz bem isso aí, busca a parte espiritual E.M. Eu sempre tive gana disso, entendeu? Então, que nem eu falei pro cê, se você chegar e falar: “S, cê vai ser vendedora ali, ó”. Filho, eu vou dar um prejuízo lascado, porque pra vender, meu pai! E eu vendia, né, bastante coisa, tudo, nossa. Calote nunca levei não, mas... é o fascínio, é uma coisa assim que eu não sei explicar. Parece que eu tenho lá uns conhecimento muito guardado dentro de mim, sabe? Coisas que/ artesanato eu gosto... coisas light, bem light mesmo, sabe? Coisa assim que eu possa reverter tudo/ meu pensamento é esse: reverter. Eu sei fazer isso aqui, né, então se eu for trabalhar fora, por exemplo, eu vou começar/ aí a criatividade vem como a V. falou. Vai vir uma criatividade [*tosse*]. Então eu to trabalhando assim, na parte espiritual. Então eu operei a cirurgia espiritual fiz... porque se eu tiver que enfrentar mais algumas coisas, que a minha cabeça agüente, né. Então...

375. E.M: E deixa eu te falar. Você/ como é que começou assim o seu interesse pela parte de pintura, o desenho, psicografia? Por que você foi mais pra esse lado assim?

376. S: Porque lá, lá em casa, E.M/ se bem que/ ah é, porque na escola – aí, cê fez me lembrar bem agora [*expressa bastante contentamento*] na escola, eu gostava muito de/ até a professora falava/ até com o meu filho também, ele serve pra pintar, adora pintar também. Porque assim, eu fazia muita casa, janela, fazia uns vasilhos na janela; mas vinha muita árvore, árvore, e vinha muitas crianças brincando no meio daquelas árvores. Sabe? Aí eu queria fazer aquelas maquetes/ dia da criança era uma beleza, eu inventava um monte de coisa junto com o meu grupinho, sabe? Se bem que antigamente era mais unido, mais gostoso, todo mundo ajudava uns aos outros. Festa junina então, né. Então, mas só que na aula de português... na aula de português, eu tenho até o jornalzinho lá das melhores alunas, sabe? [*expressa bastante contentamento*] Ai! Guardei o jornal; é coisa véia, mas eu guardei. [*Pronuncia o próprio nome completo*]. Nota nove. Nove, oito saía, né. (às vezes chegou dez)

377. E.M: Cê teria como trazer?

378. S: Acho que oito é/ eu tenho lá o jornalzinho de oito né. Então, as campeãs do bimestre, sabe? Porque assim, eu escrevia muita coisa é... porque assim, nós queríamos formar um jornal. Gente, vamos fazer um jornal? Porque no jornal a gente vai até incentivando, falando pros professor. Aí a gente faz um jornalzinho e coloca lá os alunos mais, mais assim...

379. E.M: Dedicados.

380. S: ...que conseguiu umas notas melhores. Quem sabe incentiva aqueles que tão ainda mais fraquinho, né, que a gente possa ajudar um pouquinho mais [*tosse*]. E com muita luta foi isso. Uns queria, outros não. Minha vida só foi brigar com as pessoas. E.M do céu! [*risos*] Era briga na secretaria, brigar aqui, brigar/ nossa, é mesmo menino. Era uma briga, né, olha... Nossa ta puxando umas coisas que eu nem tava lembrando mais, mas eu vou trazer o jornalzinho pra você ver.

381. E.M: Traz.

382. S: Aí comecei a escrever assim, sabe, incentivos, pra eles, né, pra eles poder/ gente, vamos olha/ nós vamos fazer esse jornalzinho no sentido de vocês estudarem mais, de vocês procurar ler mais, ter mais leitura. Porque o professor J. na época – era no Vila Nilo que eu estudava – o professor J., ele gostava tanto da minha redação – a minha redação era boa demais – tanto é que a C e o T [*filhos da entrevistada*] quando [risos] – eu não posso fazer mais isso, cês tão na faculdade cês tem que fazer, né – redação, eu ajudo eles a fazer redação. Porque geralmente concurso redação conta né? Aí eu escrevia lá umas coisas de incentivo, misturava às vezes as datas que tinha, eu misturava. Dia das mães, o que nós vamos falar? O dia do soldado. O dia do [tosse]. Tudo nós inventava, sabe? [tosse]. Aí, só que eu era aquela líder mandona, sabe? Sabe, E.M, aquela mandona? Então eu quero parar de mandar, bem, mandar, mandar; eu tenho que parar e escutar mais. Então eu falava muito, muito, assim, tatatata... então talvez a carência fosse grande, agora eu fico pensando, sabe? Talvez tudo aquilo também que eu quisesse expurgar lá, na escola, na igreja, é pra liberar também aquilo do meu pai. Meu pai, minha mãe. Tadinha, vivia também daquele jeito, tomando aquele remedinho dela, né, [*fala o nome do remédio*] pra dormir.

383. E.M: Seu pai ele era muito assim autoritário?

384. S: Era pernambucano, fio [*filho*], queria dez filhos, mas queria tudo macho pra ele, sabe? Aí chegou a fêmea aqui, ficou bravo, né. Aí catei ele de jeito. Só que ajudei ele, né, bastante. Minha mãe falava: “não, deixa ele ir”. Mas trabalhador, sabe, direitinho, tudo. Cê vê que eu não toco no véio, tem algum fundo no véio lá, né. Mas era aquilo/ Hoje eu sinto que é uma liberação também de tudo isso. Tem até um livro chamado liberação, preciso ler ele. É um conto bonito, sabe? Que uma amiga minha, médium daqui também me emprestou. Então, E.M, era aquilo tudo. Então, vamos jogar tudo aquilo que eu sentia [tosse]...

[*Nesse instante, o celular de E.M toca, mas é desligado rapidamente e a conversa continua*]

385. E.M: Pode falar.

386. S: Tudo aquilo que eu sentia lá na casa do meu pai [tosse].

387. E.M: Quer tomar uma água, alguma coisa assim? Quer?

[*E.M e S fazem um pequeno intervalo, depois do qual retomam a entrevista*].

388. E.M: Pode falar.

389. S: Aí eu peguei, falei assim: agora na escola, vamo desabrochar tudo isso aqui. Então eu vou trazer o jornalzinho pra você ver, é gostoso demais...

390. E.M: Ah, eu quero.

391. S: Aquela época lá era maravilhoso, sabe os professores/ S, eles diziam/ olha, os professores me traziam em casa quando eu desmaiava... eu era praticamente um xodozinho de todo mundo, sabe? Dos professores. Porque, ao mesmo tempo, eu falava pra eles assim: essa tristeza talvez que eu sinta, eu não quero que os outros sintam. Mas também, eu não quero fingir. Sabe? Um dia, o jornal não sei/ a tristeza, eu falava da tristeza, eu falava da alegria. Porque é horrível a gente sentir/ fingir aquilo que ta sentindo, e se apegar em outras coisas. Foi uma coisa que eu escrevi lá, sabe? Então, que nem eu sinto assim na minha mãe, ela sentiu/ ela não sabia dominar meu pai. Né? Ela agüentou tantas paradas, mas levou com ela o quê? Ressentimento talvez, talvez a mágoa, talvez as doenças. Então a S não é assim. Então a S chega lá, e ela explode lá no Vila Nivi, ela explode aqui, explode lá no curso, sabe? Eu falei: gente, vamos demonstrar o que a gente é; às vezes machuca, dói. Eu faço muita gente/ machuco muita gente, eu tenho que parar com isso, é verdade. Meu senso crítico é ferrado. Triste mesmo. mas depois que eu descobri aqui, E.M, depois que eu senti realmente a minha mão... né. Eu precisava acho que cair muitas vezes no chão, pra entender minha mediunidade. Só que é torturada, é uma mediunidade muito triste pra mim, porque, ao mesmo tempo, cê fica... sabe, cê fica com a consciência um pouco pesada, às vezes não, fica leve. Às vezes eu fico meio confusa também, sabe? Mas aí eu me libero, eu falo: peraí, eu to aqui pra ajudar, não pra atrapalhar ninguém, e pra ajudar a mim mesma, principalmente. Então, S, ajuda você, né, conhece você mesma, veja o que ta dentro de você, que cê ta falando. Geralmente o que cê fala pro outro, é que você precisa fazer, né. E eu to prestando atenção mesmo. Às vezes eu incentivo todo mundo que ta do lado de fora. Ai, porque é bom, porque ó/ o quê? Você vai chorar porque morreu fulano? Não, minha filha, ó o meu bebezinho lá, ó! Se eu tiver chorando/ a médica chorou lá, a médica que cuidava da minha mãe ficava chorando nas minhas costas. Quê que isso? Não, gente, a minha véinha gostava muito era de forró. De alegria, gente, vamo lá, tudo se alegra, sabe? Pra mim

me alegrar também; porque senão eu entro no barco, E.M., na sintonia dos outros. Então é o controle disso que eu tenho que ter. E eu fazendo isso aqui e escrevendo, eles [espíritos] me ajudam também. Porque tem umas bronca/ é tem outras broncas ali *[aponta para as psicografias em cima da mesa]* que eu não vou nem mostrar pra ninguém. Que eu levei. Mas aí foi pra mim mesma.

392. E.M: É né? Nas psicografias, tinha muita bronca pra você...

393. S: Pra mim.

394. E.M: ...nas psicografias.

395. S: Aí eu já não sentia que era pra/ entendeu? Justamente disso, o meu senso crítico: “Você respeite aquele que ainda não conhece a Deus. Você está passando por cima dessa pessoa. Você foi feliz, você teve uma semente”. Justamente aquele aviso que eu recebi, E.M., mil novecentos e lá vai cacetada. E veio de novo pra mim aqui! Eu to machucando ainda. Por quê? Porque tudo que eu olho: gente, vamos caminhar! Pelo amor de Deus, não é só eu nesse mundo, cês tem que aprender, você, fulano, sicrano, sicrano. É só o que eu falo pra eles lá em cima, gente! Só que tem que ser assim, tem horas que eu acho que tem que ser assim. Não adianta falar carinhoso, não adianta às vezes falar, você compreender a pessoa, a pessoa também amolece. Sabe, eles quer que eu resolva. Se a minha sogra não se entende com a filha, então, coitada, tem que ficar escutando ela, eu escuto. Se ela não quer mais fazer a comida pro filho dela de cinqüenta e lá vai cacetada de anos, ela quer passar comida pra eu fazer. Aí eu dou crau na muíe também. Dá licença. Não adianta. A senhora quer, eu venho aqui, te ajudo. Eu faço a comidinha da senhora; com todo prazer, dona Al., e carinho. Porque eu tentei seis meses, E.M., fazer pra ele e pra ela, só que seis meses já dá pro idoso saber também que: perai. O filho dela que é o outro, é aposentado. Não ganha muito bem... né. E eu tinha casa do pai e mãe pra resolver também. Eu falei: gente, perai, vamo colaborar. Porque todo mundo junto, unido, sabe, a gente consegue. Então essa união, E.M., ela vem assim da casa do meu pai; essa união vem da igreja Nossa Senhora das Neves; essa união vem lá da escola, sabe? Só que às vezes eu acho que eu to falando pros quatro cantos da parede. É, ninguém ta ouvindo, mas aí é que vem a bronca e fala: “nós estamos ouvindo você. Você quer que todo mundo te ouça, mas você não ta escutando Jesus na tua vida, viu S.?” E eles...

396. E.M: Aí vem na psicografia.

397. S: Na psicografia. E vem também [tosse] aquilo que eu não consegui entender lá, E.M., eu não tava preparada. E me preparam aqui, pra trabalhar nessa mediunidade aqui. Pra pegar meu braço, entendeu, com aquela dor do caramba do braço. Aaaa! Eu falo, gente de onde é que vem mais, né? (rindo). Cê vê, a dor palpitar aqui quarta-feira, nunca aconteceu. Nunca, E.M., nunca aconteceu isso. Então, né, eles tão devagarzinho acho que trabalhando com a minha mediunidade. Porque eu falo pra eles: vocês vão devagarzinho comigo, porque eu sou tão devagar mesmo pra entender, entendeu E.M? É que nem lá a bíblia pra entender, então eu preciso ler bastante. Então, vem um livro de psicologia, eu gosto de ler; vem um livro de/ o que puder me trazer, eu to lá lendo, né, só que é lento. E a espiritualidade já tem mandado pra mim. É religião que [não] acaba mais quer eu. É o Jeová, quer que eu leia aquilo, que é bom. É o Kardecismo, é o Candomblé, é a Umbanda da Al lá, que não é mais, ela é daqui agora. Agora a sogra é daqui! Então o plano espiritual foi maravilhoso: “S, pára de reclamar, minha filha; trabalha e fica quieta”.

398. E.M: (Risos).

399. S: Cê entendeu? É bonito isso [sorrindo]. Eu falo pra sogra: Al, escuta, escuta; não entendeu, vai perguntar pra aquele que entende. Eu, minha filha, ainda to no caminho. Eu to treze anos quase aqui, mas olha, se você perguntar as coisas pra mim, é meio difícil eu te explicar, né. Eu só posso assim na intuição que vem pra mim eu te ensinar um pouquinho aí, alguma coisinha que, né, dá pra entender, do que eu já aprendi também, né. Aí vem meus irmãos também, sabe? “S, vai comigo na igreja lá do Padre A., na Barra Funda lá, no bairro, não sei. Vamo lá, de quinta feira”. Aí é exorcismo, entendeu? Aí o padre vai gritar lá com todos os fiéis, os fiéis vão/ um cai, um outro levanta, sabe? É desse jeito. Então, E.M., toda ajuda, todo lugar que eu vou, entendeu bem, agora eu sei como é que eu devo me comportar. É o comportamento da gente. O que foi maravilhoso aqui é o que é o comportamento da doutrina espírita, Allan Kardec, é como eu devo me comportar com essa mediunidade maravilhosa que eu não aceitava também. Um ano pra entrar numa câmara e tomar passe, filho. A mulher [risos], a mulher que eu vinha de tarde aqui, ela pergunta de mim até hoje: “E a S.?” “E a S.?” Ela dá aula aí hoje, sabe? “E a S.?” Eu tinha medo, mas porque eles [espíritos] não deixaram E.M., entendeu? Como na igreja; quando eu ia tomar hóstia, eu caía. Então os espíritos não queriam que eu recebesse essa parte espiritual, entendeu, comigo, que viesse comigo.

400. E.M: Quando você tava na escola, o pessoal já/ quando você tinha os ataques, essas coisas, o pessoal já entendia que era espíritos ou alguma coisa assim?

401. S: Não. Era uma pessoa doente, uma epilética.

402. E.M: Eles ficavam com medo?

403. S: Com medo. Era com medo mesmo, só os professores que não. E umas amigas minhas que aquelas eram amigas mesmo, aquelas amigas [tosse]. Quando elas percebiam, elas já pega/ não podiam nem pegar eu, né, porque o epilético tem que deixar caído no chão.

404. E.M: Mas você acha que isso atrapalhou, por exemplo, o seu aprendizado?

405. S: Nossa, demais! Demais, porque assim, é.../ só que na escola, eu me esforçava. Os professores não entendem isso, entendeu? Como o médico. Eu chegar lá pra ele e falar: eu to aqui, e não to tendo crise. Com tudo isso que eu to tendo... um dia eu te conto o quê que é o problema do marido, é muito grave. Muito. É aqui que eu tenho medo, sabe E.M, eu tenho medo mesmo. Mas é gravíssimo, e eu tenho que dá uma suportada legal, e agüentar depois a sogra, no que vai vir depois também.

406. E.M: Mas eles na época, não entendiam direito?

407. S: Não, né, porque epilepsia é uma coisa assim muito contagiosa, né, E.M. Porque é como se fosse uma lepra, né. Então, eu/ quando eu sentia até dizem as minhas amigas também – que às vezes eu lembrava, às vezes não, né – quando eu caía, até na sala mesmo, o pessoal já saía correndo no corredor. Chamando né, ajuda, ajuda, ajuda. Mas ficavam poucos comigo lá. Quando eu levantava, via quatro ou cinco pessoas e um monte de professor, sabe? Aí pegava o carro e me levava. Minha mãe me lutou comigo demais, pra poder né/ a benzedeira... que a benzedeira também... pra mim foi a benção que a minha pôs no caminho. Que eu melhorava muito, com as benzeção. Ela vinha me benzendo direto, direto. E eu pedia pra mãe: me leva lá naquela casa, mãe, pra benzer? Porque eu dormia melhor. Falava: mãe, me leva. “Vamo lá, S, vamo”. Tudo ela fazia pra mim, entendeu? Então, aquilo/ e o preconceito era grande, só que eu já – eu não sei se era do meu instinto, da minha força de vontade – de não aceitar que eu era doente. Nem pelos parentes do meu pai. “Como é que uma epilética pode trabalhar fora?”. Então eu trabalhava até de... treze anos, as crise e tudo, eu fui pra empregada doméstica. Eu falei: vou e vou. Cuidava de criança... só que eu não me desgastava muito. E eu não sabia que desgastando mais, tinha mais crise. E quanto mais eu ficava agitada, mais era perigoso cair. Agora, no serviço, era maravilha.

408. E.M: Mas você, quando você... é... quando você/ você chegou a completar os estudos, não?

409. S: Ah, completei, no colegial, fui até o fim. Minha mãe/ não, falei: mãe, eu vou, eu vou com tudo, porque...

410. E.M: Cê trabalha ainda hoje, tem profissão?

411. S: Então, agora eu faço manicure.

412. E.M: Ah, ta.

413. S: Mas é assim...

414. E.M: Desde a época lá da sua sogra também né...

415. S: É, aí a sogra/ porque foi a manicure foi/ é, eu to com... peraí, eu to vinte e três anos casada, eu to com vinte e dois que eu moro aqui, né. Então, eu peguei, eu vou pegar essa profissão do lar, né, que é uma profissão maravilhosa. Jesus! Trabalha, trabalha, trabalha, mas... mas aí...

416. E.M: Ah, as pessoas vão na tua casa? Fazer unha...

417. S: É, aí eu fiz unha lá, mas só que a sogra começou a dar problema. É as pessoas que sujavam o corredor da casa dela, né, era...

418. E.M: É, cê já tinha falado, né.

419. S: É, probleminhas que ela/ nem quero nem lembrar, né. Nossa! Essas coisas tristes eu nem quero lembrar.

420. E.M: Entendi. Mas no serviço cê sempre se deu bem?

421. S: Me dei bem. Que nem agora, eu to procurando agora, E.M, agora, nessa vida atual minha me acalmar mais ainda, pra mim buscar que o meu sonho é podologia. É mexer com os pés. É impressionante; massagem então, to cutucando. Marido cutuco, a C. cutuco, o T. cutuco. Então eu to me descobrindo. Eu tenho tanto talento lá dentro, sabe? Fazer unha, faço, todo mundo, a minha não faço. É, sempre assim, né. Faço quem pede, [tosse] mas também tem que pagar. Ó, de graça não faço. Cobrava também. Não, porque tem gente folgada, mesmo viu. Ta louco! Cê vai na casa dos outros – que eu vou na casa dos outros – e os outros ainda quer que eu ainda manero ainda, eu falei: não, a crise ta braba sim, pra todo mundo, até pra mim. Porque o material é meu, tudo, né. Falo mesmo. Então assim, não exijo nada, né, mas to me descobrindo. Só que essa parte de manicure já não ta me agradando. Por quê? Porque é a vaidade, uma coisa muito competitiva, sabe? Minha sogra mesmo, eu via assim, nossa... queria que ela me ensinasse a fazer depilação, umas coisinha para ganhar um pouquinho mais de dinheirinho pra ajudar o marido, né. Pra depois ela não falar que o marido catou arroz e feijão tudo. Ela sempre me tirava de escanteio, sabe? Com medo que eu tirasse freguesia dela. Então eu falei: essa parte eu não quero mais, mas de podologia, massagem...

423. E.M: Cê ainda vai fazer.

424. S: Medicina, alívio, né. Alívio pra mente, pro corpo, tudo que mexe assim. Ioga é uma coisa gostosa, quero fazer também. Não to podendo pagar, mas eu vou conseguir ainda um lugar. To com cinqüenta anos ainda, né, mas se Deus quiser eu vou achar.

425. E.M: (risos).

426. S: É. Então, a busca incessante pra você se sentir feliz, pra sentir bem, né. Então, é o que aconteceu comigo, eu to/ atualmente agora eu quero assim, artesanato eu gosto, a pintura também agora também/ não gostava. Se eu falar pra você, eu só gostava de pintar casa; a casa eu pinto assim, de vez em quando eu pinto mesmo, uma janelinha, né [tosse]. Mas não era o forte não. Mas agora eu to pegando o gosto. Já ta me vindo na cabeça, pra ajudar um pouquinho, comprar umas camisetinhas da Hering, pintar a camisetinha. Mas eu tenho que aprender a técnica, entendeu E.M? Mas parece que não tava assim, agora ta começando a puxar, entendeu?

427. E.M: É né.

428. S: As cores, as coisas. As cores, S, vai fazer bem pra você. Veja as cores, veja o que cê ta trazendo, sabe? Me vem muitas cores. Quando eu trabalho/ olha, quando eu vim aqui, o Samaritano, eu adoro, quando o pessoal ta aqui. Quando eu vim fazer o meu tratamento, E.M, e quando um dia eu pedi socorro lá pra vibrar, pro meu e pra minha mãe, que eu vim aqui, né. Aí eu me senti super-bem...

429. E.M: Pode falar.

430. S: Me sentia super-bem de pode pegar assim/ ela [*moça que coordenava aquela atividade espírita*] falava: “S, mentaliza seu pai, mentaliza sua mãe”. Aí eu mentalizava, sabe? Aí, como se o corpo deles estivessem vindo pra maca. Não tinha ninguém naquela maca, entendeu? Eu também não tava lá. Era o corpo do meu pai e da minha mãe, pra jogar aquelas energias. Porque eu só pensava assim: quando a minha mãe fosse, ela fosse bem, sabe? Ela não fosse preocupada, com nada daqui da Terra não. Com o meu pai, pra sair um pouco daquele distúrbio da cabeça dele, mas tava dificultoso, viu? Ainda ta até hoje. O pessoal [*espíritos*] ainda penetra no véio lá.

431. E.M: (Risos).

432. S: Nossa senhora! Eu falava: gente, o batalhão ta brabo, né. Então, E.M, o Samaritano, tudo coisa assim, sabe?

433. E.M: E deixa eu te falar, S. Eu queria que você pegasse/ porque assim, é bastante coisa, né, eu não sei se vai dar pra gente ver tudo. Mas eu queria que você pegasse assim algumas figuras dessas e me falasse...

434. S: Tem alguém lá no fundo, ó [*referindo-se ao centro de um de seus desenhos, o desenho S.3*]

435. E.M: Ta, pode falar.

436. S: Ó, esse quadro aqui [tosse].

437. E.M: Pode anotar aqui do lado?

438. S: Pode.

439. E.M: Que depois eu vou...

440. S: Ó, ele é escuro, tem cores escuras...

441. E.M: Ta, pode falar.

442. S: Tem as cores escuras, e outras mais clarinhas, querendo, nesse caso aqui ó/ é alguém lá dentro, buscando uma luz, uma força [*centro da figura*]. Ta muito escuro aqui. Mas é alguém que ta lá dentro procurando essa luz. Mas ta/ e aí vem vindo, vem vindo, vem vindo elas, pra ele poder – ou ela, não sei – achar numa dessas cores, o laranja, que é bom; o verde clarinho; esse daqui, pra ela enxergar alguma coisa de bom ali, entendeu? É o que me vinha.

443. E.M: E como é que é essa pessoa...

444. S: Essa já era eu [*desenho S.4*]; eu querendo fazer uma folha. Essa já não era mais, essa era eu mesmo.

445. E.M: Sei. Essa aqui você identifica como sua?

446. S: É. [*S. folheia o caderno, olhando os desenhos*]. Essa já não sei explicar pra você.

447. E.M: É, escolhe aquelas que você achar mais interessante, porque de repente...

448. S: Huhum. [*Mais alguns segundos se passam, folheando o caderno*]. Ó, essa aqui [*desenho S.5*] já foi com a natureza, que eu me preocupava muito com a natureza na época já também. Eu tava muito preocupada aqui com a... ai! A minha borboleta, que eu gosto tanto [*desenho S.6*]. E.M, é uma borboleta aqui ó.

449. E.M: Ah é?

450. S: Mas é uma flor, cê ta vendo? Mas eu enxergo uma borboleta. Eu não sei por quê.

451. E.M: E o quê que te traz essa borboleta assim? O quê que... vem assim na sua mente?

452. S: Como se fosse a liberdade, né. Liberdade de você pensar, de você agir. E porque ela, quando ela fica na florzinha, é o que eu mais observo na minha casa, quando elas vêm. Sabe? Um dia foi um canarinho, entrou lá dentro do fogão, quase foi na panela. Qualquer dia eu vou dar um ensopado de canarinho lá. Mas a borboleta, todas elas pra mim, eu converso com elas. Muito, muito, muito. Parece uma flor. Já me falaram uma flor, e eu vejo ela toda uma borboleta. Porque ela me encanta, ela me dá mais aquela sensação, de que eu to livre. Ela ta voando, o passarinho ta voando, né. Porque às vezes, E.M, a gente fica meio sufocada com as coisas. Às vezes é o marido que sufoca de querer tanto amor, né, tanta coisa assim, a sogra, meu pai, as pessoas querer muita compreensão, muita coisa, sabe? Então, às vezes eu não tenho liberdade também pra você... se expandir um pouco, né. Quer ver, tem uma outra... [*continua folheando o caderno*]. Essa eu não lembro [*diz a médium olhando para uma de suas produções*].

453. E.M: E como é que é, quando você ta fazendo, você tem, por exemplo, o controle da mão? Ou é...

454. S: Não, eu tenho o controle.

455. E.M: Cê tem total controle?

456. S: Total controle.

457. E.M: Treme a mão, alguma coisa assim, não?

458. S: Não.

459. E.M: Não.

460. S: Não, ó, ela fica completamente leve. Sabe? Levinha, levinha. Eu sinto que pega, pega tudo aqui o braço. Minha mão esquenta, mas o braço, ele fica duro.

461. E.M: Ah ta.

462. S: É a mão, a mão que ela esquenta.

463. E.M: O braço fica duro, a mão esquenta...

464. S: É, o braço endurece [*S aponta do ombro direito até próximo da mão direita*]. Tanto é que às vezes eu faço assim, assim [*balança levemente o braço e a mão direitos*] pra voltar, né. Às vezes eu faço assim pra voltar [*ao normal*].

465. E.M: E vem a imagem na sua mente ou não?

466. S: É, aí vem meu amigo... meu amigo Jesus.

467. E.M: Você vê a imagem de Jesus?

468. S: Não, mas eu sinto assim, sabe, que ele/ eu converso com ele, eu falo: Jesus, to te procurando tanto né, o senhor ta aqui faz tanto tempo comigo, às vezes na conversaiada que eu dou, né. Que às vezes eu me perco nas conversas, sabe? Aí eu falo: obrigada por me trazer essa paz, né, e meu amigo querido [*espírito protetor, “anjo da guarda”*] que o senhor tanto também me traz comigo. Também às vezes eu converso assim. Esse amigo que tanto me ajudou e me ajuda, que eu possa ser esse instrumento bom. Que as minhas mãos, se for, que eu possa agora neste momento, ou escrever ou pintar. Bom, aí me vem. Aí fico lá quietinha, aí me vem aqui. Vem o frontal que eles falam, né [*S está se referindo ao conceito de ‘chakra’ ou ‘centro de força frontal’, na testa. Ela tem alguma sensação na testa onde estaria localizado o suposto Chakra*]. Aí vem o frontal. Aí vêm aquelas pontadinhas... só que eu não sei se eles [espíritos] sabem do meu problema, porque eles sabem mesmo, né, então eu sinto também que não força muito.

469. E.M: Sei.

470. S: Então às vezes vem levezinho, ó, é montanhazinha, o solzinho, a chuva [*S está se referindo agora ao desenho S. 7*]. Isso foi uma criança [espíritual] que fez pra mim. Esse foi tão leve, entendeu? Uma coisa leve. A minha mão esquenta, mas o braço endurece. Mas assim, a sensação que eu tenho do desenho que eu to fazendo que é leve.

471. E.M: Ta.

472. S: Mas tem outros que eu sinto um peso, uma tristeza, uma coisa assim mais...

473. E.M: Dura, assim, difícil.

474. S: Que não gostei, né. Que até falam pra gente desligar. Essa aqui é gostosa, é criança [*ainda em relação ao desenho S.7*]. Ó, é criança [*desenho S.8*].

475. E.M: Esse outro já é o quê, que você vê?

476. S: É abstrato os desenhos, mas é... é assim, como se fosse criança querendo rabiscar.

477. E.M: Ta.

478. S: Sabe? Esse foi mesmo, esse eu não... ah, esse daqui é lindo [*desenho S.9*]. Esse eu me senti numa florestona gostosa. Entendeu? Muito...

479. E.M: E essas bolas? Você costuma fazer muito essas bolas assim, né?

480. S: As bolas. As cores são [tosse]/ às vezes, é o que o espírito/ o médium precisa, mas também o que a entidade ta precisando, da cor né, pra tratamento dela. Isso no livro o Luiz Sérgio fala também das cores né. Mas eu venho muito com bolinha mesmo.

481. E.M: É né?

482. S: Vem risco demais, bola, às vezes traço assim mais... né? Ó, você vê aqui, aqui eu não consegui entender direito, mas é uma passagem [*parte inferior da figura S.9, em que se observa algo semelhante a um portal, de cor vermelha*], não sei pra onde. Né? Mas eu me senti muito bem aqui também. Eu não me senti mal não, eu não sei explicar o porquê. As bolinhas aqui também não. Mas assim, talvez as cores, pra mostrar pra mim também, ou pra entidade... né. O vermelho pra mim, às vezes também pra desligar um pouquinho... as coisas velhas. Que eu penso muito em às vezes também, né, às vezes fico cavoucando lá, e eu tento tirar da cabeça, sabe?

483. E.M: Remoendo...

484. S: O problema da minha sogra lá, né. Eu falo: Deus, me ajuda a tirar, que eu convivo com ela. Meu pai já não é tanto assim porque eu to distante um pouquinho, né. É uma rua da outra, mas com ela é uma coisa que vem, sabe? Então eu quero tirar/ que o vermelho disse que é assim, na... (acho que eu não sei se é o Luiz Sérgio mesmo que fala), as cores vermelhas. A pessoa fica muito ligada às coisinhas velhas, do passado, né. Então, eu não sei se isso quer dizer alguma coisa aqui, né.

485. E.M: Esse vermelho.

486. S: Se é pra mim tirar, né. Essa aqui... era uma florzinha, acho, que eu queria fazer, ó, com uns galinhos. Esse aqui acho que fui eu mesma, [*desenho S.9-A. Foi designado assim por não ter sido numerado no momento da entrevista, e de modo a não prejudicar as numerações posteriores*], não sei se foram eles também. Essa foram eles também, que mandaram [*desenho S.9-B*]. E eu sinto, E.M, assim, muitas mensagens de carinho, de coragem, sabe?

487. E.M: É né?

488. S: Aaaaa!!! Esse daqui que eu gosto, E.M [*desenho S.10*]. Esse é bom; me lembra o interior.

489. E.M: É né?

490. S: Me lembra... que seja onde for, que lugar onde a gente tiver, a gente pode transformar um lugarzinho de paz. Então me veio um lugarzinho bem simplzinho. Só que eu não sabia fazer a casa. Me veio uma cerquinha, né. Agora eu não sei se é/ que depois que eu acho que/ esse desenho eu lembro aqui ó. Quando eu fiz, me veio uma psicofonia que falava assim: “fia [filha], perdoa fia, perdoa”, mas eu falava esquisito, sabe? Não era eu mesmo. Que tem dia que a voz/ cê vai ver, quando cê tiver mais assim/ não sei se você vai ficar mais, tem dia que vem de homem, tem dia que vem de mulher mesmo; tem dia que vem de véinha. Eu sinto que é véinho, eu fico cansada: ai, me dá uma aguinha aqui. Eu tenho que começar a acostumar a pôr água ali pra mim; eu canso fácil, E.M. Eu sei o limite que eu tenho, sabe? Mas esse aqui falava: “fia, perdoa, fia”. Na psicofonia. Mas esse quadro representou o que falava, agora eu não entendi por quê. Só sei que eu me via lá no interior. Eu queria fazer a casinha...

491. E.M: Mas vocês moraram no interior?

492. S: [Tosse] Nunca morei.

493. E.M: Não?

494. S: A minha mãe morava. Em Pernambuco, uma casinha bem simples. Mas vinha essas palavras né...

495. E.M: Mas o seu pai, foi lá que ela conheceu o seu pai?

496. S: ...me vinha paz, muita paz, sabe? Seja em qualquer lugar que eu tiver, eu posso transformar esse lugar num lugar de paz. De harmonia, sabe? Porque tudo que eu quero, E.M, assim, que a minha família se una mais, que a minha sogra se entenda, entendeu? Então, eu tenho que parar de falar e vibrar mais, sabe? Ter mais entendimento das coisas. Então às vezes desabrochando, colocando no papel, eu acho que vai liberando mais, né. Eu vou ficando mais calminha

mesmo. Mas esse eu gostei, E.M, deu uma alegria tão grande, uma paz. O laranja, o laranja é muita vida também [*parte superior direita da figura*]. O vermelho de novo, ó [*no centro e na parte superior esquerda da figura*], esse é vermelho?
497. E.M: É.

498. S: O amarelo é muita força também. Essa cerquinha, nossa! Como se eu tivesse lá... nesse lugar. Aqui já foi criancinha que veio [*desenho S.11*], ta vendo?

499. E.M: É, né?

500. S: E, geralmente, quando vem assim ó, esses tracinhos [*zigzagues amarelos do lado direito da figura*] como se fosse... eu sinto que é pessoa... pessoa assim mais é... mais problematicazinha mesmo.

501. E.M: É, né?

502. S: Então, eu não sei te explicar, ai, é tão difícil, E.M. Ta difícil saber uma entrevista minha aqui.

503. E.M: (risos).

504. S: Mas quando é assim muito rabisco, parece que é problema de crianças anormais, entendeu?

505. E.M: Sei.

506. S: Normal assim que nem eu, que eu sou mais anormal do que eles lá em cima. Eu falo pra eles: ó, eu sou mais anormal que vocês.

507. E.M: (risos).

508. S: Ó a casinha que eu queria fazer [*desenho S.12*]. Aqui já foi, ó, a paz, ó [*a palavra 'Paz' foi escrita com o pincel na parte superior direita da figura, ao lado da casa*]. Vinha muita paz também. Esses três eu não sei o quê que era [*três círculos de cor preta abaixo da casa*]. Mas E.M, aqui, olha, tinha uma assinatura [*S aponta para algumas pinceladas disformes de cor preta que parecem sair da casa e seguir para o canto inferior esquerdo da figura*].

509. E.M: É né?

510. S: Eu não sei se é assinatura, eu queria que visse algum médium... vidente, sei lá o quê, visse isso daqui ó. Que na hora que eu pintei, ficou fazendo assim ó [*tenta mostrar o movimento da mão no momento em que foi feito o desenho*]...

511. E.M: Sei.

512. S: Ficou riscando como se eu quisesse escrever... que alguém/ eu não sei se morava, o quê que é, né. Eu não sei decifrar muito bem não. Sou meia leiga nesse aqui. Mas tudo na paz, ó. É o conflito meu mesmo com as pessoas que ta lá [*na casa*]. Esse aqui também foram eles também [*desenho S.12-A*], só que eu também esse eu não... cê pode ver que é muita mistura de cores né. Aqui já era um barquinho [*desenho S.13*]. Esse já era uma criancinha também.

513. E.M: É né? E essa criança tava fazendo o quê?

514. S: [*Seguem-se alguns segundos de silêncio*]. Ela queria fazer um barquinho; só isso E.M. Essa eu lembro, ela queria fazer um barquinho. Nossa, tem umas que eu consigo lembrar, outras não. Por que será que é isso, E.M? Tem umas que eu lembro mesmo, às vezes eu to olhando lá, to olhando, sabe?

515. E.M: E você consegue, outras não né?

516. S: Outras não.

517. E.M: Apaga assim?

518. S: Apaga. Não sei se Deus quer que faz eu apagar alguma coisa, que nem, eu quero que ele apague aquele outro lá [*está se referindo ao desenho S.21, já mencionado*], aquele outro me balançou, menino. Ó esse daqui [*desenho S.14*],

esse aqui já foi como se fosse um cometa. Como se tivesse aqui na Terra, sabe, ajudando. Aqui pra ajudar o planeta também, porque tinha muita florzinha [*flores laranja na parte inferior direita da figura*], mas aqui não fui eu. Foram eles também, ó. Porque tinha muita florzinha, o homem tava detonando aqui, foi a mensagem que eu passei também. Não sei, acho que ela tá lá. Tava detonando, não sei se é com bomba, com o quê que é. Prestar mais atenção, né. O homem prestasse mais atenção, porque tava... [*passam-se mais alguns segundos folheando o caderno*]. Ai, que bonitinho! Esse já aí eu queria tentar fazer [*trata-se de um tema floral, o qual não foi incluído nos anexos, por não ter maior relevância para a análise empreendida*]. Esse acho que foi de mim mesmo, foi. É as cores que eu mais gosto também, é o laranja, esse aqui... Ah! (risos). Esse daqui foram eles também [*desenho S.15*]. Um pássaro, ó. Pra mim era um pássaro. Só que, ó, olha só quanta volta [*S está se referindo aos vários círculos da figura, os quais, para ela, seriam representativos do movimento de um pássaro voando*]. Como se fosse um vento, sabe? Eu não sei se o vento queria levar também tudo que tava/ pra mim era um pássaro que tava aqui, ele voando; na hora que ele voou, levou tudo. Como se tivesse levando tudo também, eu não sei. Esse eu me liberei demais, foi gostoso demais esse aqui.

519. E.M: É né?

520. S: Alguém aqui dentro [*centro da figura*], entendeu, como se fosse um pássaro, mas não é. Sei lá o quê que é, E.M, eles [espíritos] que desenharam pra mim. Esse também não sei [*referindo-se a outro desenho não incluído nos anexos*]. As bolas... [tosse]. Ó, lá vem as borboletinhas que eu te falei, E.M, de novo, ó [*desenho S.16*].

521. E.M: É né?

522. S: A sensação da liberdade de novo. As flores [*Há uma profusão de elementos coloridos no desenho que poderiam ser interpretados diversamente tanto como flores quanto como borboletas ou outros objetos*]. Mas eles me ajudaram a fazer esse aqui. Porque eu queria fazer uma borboleta bem bonitinha, deixar... não sei aonde que eu tinha que deixar florido isso aqui, mas tinha que deixar. Deixa eu ver mais aqui [*folheia mais um pouco*]. Esse foram eles também [*desenho S.17*]. Era um caminho aqui ó.

523. E.M: É?

524. S: [Tosse]. Esse era um caminho que tinha que trilhar até lá [*Tal como no desenho anterior, é um tanto difícil traçar exatamente onde é que S enxerga certos elementos na figura, dada a mistura de cores. Sua descrição parece constituir, em vários momentos, muito mais uma projeção psíquica sobre a imagem*]. Cê pode ver, tem tipo uma árvore caída aqui. Aqui ó, tá vendo? [*aponta para o canto superior direito da figura*]. Uma árvore amarela. [tosse]. É como se fosse um caminhozinho aqui.

525. E.M: Cê não quer uma água, tem certeza?

526. S: [*Faz sinal negativo com a cabeça e murmura um não*]. Ai, acho que é a poeira dali, ó [*aponta para um canto da sala*]. Deve ter alguma poeira. Aqui já é criança que eu te falo, E.M ó [*desenho S.18*]. Mais complicadinha, viu? Ó, esses riscos assim, ó [*espalhados ao redor da figura*]. Porque aqui também, eu não me sinto muito bem. Nos riscos assim, sabe? Às vezes eu não quero ir bem. Então, às vezes é capacidade do médium. O médium consegue pegar e fazer, ajudar aquele outro, né, que tá com problema também e fazer. Mas é aquilo, eu to sempre pedindo: me dá bastante força física, né. Vamos supor se é um autista que tá aqui comigo, entendeu E.M? Mas olha a falta de fé, aí vem aqui, vem vir comigo junto: “S, a fé, cadê a fé? Cê fala aqui, cê fala lá, cê fala em todo lugar. Cê dá a fé pros outros e agora você tá sem?”. Às vezes me vem, sabe? É o meu mentor falando: “S, olha a fé”. Cê entendeu, o potencial da gente, E.M, eu to tendo uns potencial, mas talvez lá dentro de mim, ainda esteja meio...

527. E.M: Eu entendo.

528. S: ...meio enroscado, sabe?

529. E.M: Precisa ainda expandir, né, desenvolver, é isso?

530. S: Desenvolver mais, então... observar mais, porque às vezes eu to com medo de fazer o desenho, ser interpretada de um jeito.../ lá vem o pássaro de novo, ó [*desenho S.19*]. Pra mim era um pássaro, é eles [espíritos] mesmo também, tá? Aqui eram folhas também, flores [*canto inferior direito*].

531. E.M: Vixe! Tá chovendo.

[*Ouve-se o som de chuva, do lado de fora do centro*].

532. S: Aqui foram eles que me ajudaram também. Aqui era criança. Aqui era uma criancinha também [*desenho S.20*], mas olha, olha a cerquinha também [*parte inferior da figura, representada por vários traços marrons*]. Mas aí já não me vinha, me veio uma criança.

533. E.M: Sei.

534. S: A flor [*parte inferior esquerda, um pouco acima da cerca*]. Aqui, olha, ta vendo essa parte aqui, ó, E.M. Como se fosse uma pessoa aqui também [*aponta para um borrão azulado, no canto inferior direito da figura, acima da cerca*]. Ai que chuvinha, graças a Deus, molha mesmo. Aqui já era... não sei, criança não era não [*este desenho ao qual S está se referindo não foi digitalizado, bem como os que virão na sequência, exceto o desenho S. 21, já comentado por ela*]. Aqui também era eles. Aqui também era eles. Só que eu não entendi, ta vendo ó, muita...

535. E.M: Como é que você sabe quando são eles?

536. S: Então, porque quando é... quando é leve, por exemplo, é criancinha. Então eu faço o desenho, à vontade, eu não sinto dores. É uma dor que vem, entendeu? Uma dor tão forte assim, dá um sinalzinho na minha cabeça. Não sei explicar pro cê. Dá um sinalzinho quando eles vêm. Mas quando é desenho bom, eles me dão esse sinalzinho. Quando não é desenho bom, eles me dão esse sinalzinho, a pessoa mais... perturbadinha, mais desequilibradinha, que ta indo lá comigo pra fazer. Agora eu percebo, quando eu recebo aqui, ó, no frontal [*quando tem alguma sensação na testa*], então vem aquilo pra mim escrever, né. Aí eu escrevo, fico calma. Relaxo bem. Faço.

537. E.M: Aí não são eles, aí é você?

538. S: Não.

539. E.M: Quando cê tá relaxada?

540. S: Tô relaxadinha. Mas aí eles vêm, de novo aqui no braço, e eu consigo fazer, porque eles quer que eu faça, entendeu? Mas aí eu to calma, por quê? Porque não é uma entidade assim muito agitada. Agora, eu percebo, quando eu faço roda, quando eu faço círculo, quando eu risco demais assim ó – tem outro aqui também – esses assim ó [*mostra seus desenhos anteriores com figuras circulares*].

541. E.M: Aí esse aí fica...

542. S: Então, é que tem outros, E.M, aqui, complicado também. Ó, quando é desenho assim E.M, ó, é um pouco meu, mas é um pouco deles também. Aqui é deles, ó, que eu não sei fazer isso. Esse já é meu que eu queria fazer, mas eu queria fazer igreja. [tosse] Eu percebo assim: me vem aqui ó [*aponta para a testa*], me vem aqui na frente, no frontal, a idéia do que eu vou fazer. Então, eu quero uma florzinha, mas queria que fizesse assim, fizesse assado, mas aquilo que eu pensei não saiu nada no papel como eu falei. Aí eles vem, me vira lá, não sei, se eles me vira a minha mão. Ó, cê vê, não era pra estar aqui o traço; eu queria subir E.M. Eles me viraram eu pra cá.

543. E.M: S, deixa eu te falar...

544. S: É complicado, né.

545. E.M: (risos).

546. S: Eu sei lá (sorrindo).

547. E.M: Ó, já são quase quatro horas, falta só um pouquinho, né. Infelizmente não vai dar pra ver, eu gostaria de ver todos...

548. S: A psicografia?

549. E.M: É/ não, eu queria pegar agora um pouquinho da psicografia.

550. S: Da psicografia, vamos lá. Chega do desenho, né, falamos muito mesmo né. Então vamos ver agora... a psicografia [*S está falando enquanto procura, entre os papéis espalhados pela mesa, as psicografias que trouxe para a entrevista*]. Cadê os papéis? É que eu trouxe pouquinho, né, aquelas antigas que tava lá meia... bom, essa daqui você viu ontem, né [*Embora tenha errado a data, S está se referindo à sessão do dia 13/05/2009 no centro espírita Ismael, cujo relatório consta nesta dissertação*].

551. E.M: Essa daqui foi a que veio ontem? Aliás, que veio na quarta-feira, né.

552. S: Ai meu Deus, não é possível que eu não trouxe! Ai não, E.M! Não é possível...

553. E.M: Esqueceu?

554. S: Ai menino, eu trouxe junto... ah, meu, não acredito, meu Deus...

555. E.M: Não, mas não esquentar (risos).

556. S: Ai, E.M...

557. E.M: Não, fica assim não, calma.

558. S: Eu misturei junto com os... [*continua vasculhando em seus pertences; E.M auxilia procurando pela mesa*].

559. E.M: Isso daqui é do centro, né? É...

560. S: As fraternidades.

561. E.M: É apostila, né.

562. S: Aí, meu Deus... [*continua vasculhando, e acaba por encontrá-las misturadas a outros papéis*]. Eu lembro que veio umas juntas ó. Peraí, aí, eu trouxe pouquinho. Olha, essa aqui é velha, E.M. Nossa, nem sei mais. Se você conseguir entender a minha letra, tá bom [*entrega algumas para que E.M leia e continua vasculhando*]. Essas são mais antigas, ó, tão até amarelinhas. Não consegui pegar todas não. Pronto. É essas aí mesmo, tá?

563. E.M: Tá, tá ótimo.

564. S: É pouquinho mesmo, porque não ia dar tempo mesmo de você ver tudo.

565. E.M: Ó, pra gente encerrar, escolhe uma dessas aqui que você...

566. S: Da psicografia?

567. E.M: É, que você acha mais, que foi mais bacana, que mexeu mais com você...

568. S: Cadê os óculos, bonitinho?[*Procuram os óculos de S.*]. É mesmo, quatro horas, né. Essa aqui nós lemos já quarta-feira, né.

569. E.M: É, essa aqui eu vou pegar também.

570. S: [*S demora alguns segundos lendo a mensagem, tentando entender sua letra*]. É essa aqui ó, ela é bem antiga também, até que tá novinha a danada [*Psicografia S.1*]. É... “Boa noite, meus irmãos. Que a luz que transpassa nesta sala, radie em todos os lugares, naqueles que buscam a esperança, vontade de viver. Obrigado sempre para aquele que nos criou. Quantas reves/revers/ reverências” – devia ser – “a ele, Jesus, por escrever estas linhas. Quanta emoção e alegria de ver todos vocês, novamente. Aguardar o anjo que vos ajuda nesta caminhada. Confie muito na transformação do mundo. Meus irmãos, depende muito do amor de todos e compreensão do desequilíbrio do outro. Olhai e vedes como é belo, a humildade, a simplicidade de alguém, que verdadeiramente ama”. Aí me vinha assim frases, ó: “Abram os olhos, enxerguem tudo a todos da melhor forma. (Pecamos) pelo pensamento. Meus irmãos aprenderam que o pensamento, bom ou ruim, é maior que o raio de luz. Desejo que a luz bendita do nosso pai chegue sempre em vocês, e vossos familiares e amigos. Uma linda rosa para vocês, obrigada”.

571. E.M: Bonito, né?

572. S: É. Porque é assim, é... depende. Por exemplo, se eu desejar o mal pra alguém, vem uma mensagem legal de um zombeteiro. Vem uma mensagem de um homem ruim, porque eu tenho o livre-arbítrio. E lá em cima tem também. Só que eles preparam o ambiente pra gente receber isso aqui. Às vezes a gente percebe, que aquele que tá lá, E.M... já percebeu muitas vezes que aquele que vem dar mensagem pra mim, quer zoar mesmo. No começo, eu não sabia, tinha até umas zoeiras mesmo na folha. E aí, foi aí que a M., que é uma das primeiras daqui [*dirigente do centro*]: “cuidado com o seu pensamento, S”. Eu tava ruim, lógico; bagunça do meu pai, bagunça de lá do/ um monte de doença pra cuidar, eu tava tão transtornada que eu não conseguia. Mas, vamos captar tudo que for coisa boa, porque mesmo tendo aqueles espíritos que eu consegui entender nas mensagens, mesmo aqueles tendo espíritos endurecidos... espíritos que não acredita em Deus, E.M, eles estão lá pra aprender. Esse amor que tá falando aí, entendeu? Então, eles falam: “não, então me deixa aqui que eu vou aprender. Eu quero escutar, eu quero escrever lá, eu quero desabafar o que eu tenho que desabafar”. Entendeu? Tem mensagens de gente que já morreu, parente, só que aqui [no centro] eles não quer que saiba. Eu tenho. Não sei nem se eu joguei fora também. Que às vezes eu não quero ter lá em casa, E.M, pra não ficar, sabe, a energia lá impregnada, sabe...

573. E.M: É, acumulando...

574. S: Então eu acho que eu devo ter jogado fora, sabe? Porque é muito parente assim antigo lá, do vóio, da minha mãe, aí... da dona Al. sabe como é que é, menino? Não, porque vem tudo atrás de mim, né. Então eu falo: gente, agora aprendi, e lá no centro, pode ir lá que eu vou. Né, lá, se vocês quiser escrever alguma coisinha, a gente escreve, tal. Mas é por isso, pra não desequilibrar, né. Que se não a gente chega lá em casa, e desequilibra a gente mesmo. Então, tem que ter um trabalho bonito. Essa mensagem pra mim foi bacana, porque tudo aquilo que eu queria.../ só que aquilo, o pensamento, como ela é falou, é um raio de luz. Isso foi antigo mesmo que a menina me passou. Não lembro se era um/ isso eu não lembro, se era homem ou se era mulher. E.M, quando eu faço psicofonia, às vezes me perguntam: “pra quem que era aquela lá, aquela coisa?”. Eu falei: gente, eu não sei. Antes de começar, antes de pedir que eu escreva alguma coisa, me apague. Se for necessário. Mas se não for necessário, que eu possa ajudar assim alguém, que é o caso da mulher que ia separar lá, né. Tudo bem, mas se não for, pelo amor de Deus, cês me apaguem da mente. E tá me apagando, E.M. Eu vou pra casa, eu não fico perturbada com as mensagens que eu tenho aqui, porque eu até esqueço. Entendeu? Mas é aquilo, tudo com muita cautela e cuidado mesmo. Porque talvez o centro, essa transformação de desunião, de falta de caridade que tá tendo aqui, que os mentores tão falando, a falta de confiança dos dirigentes do grupo; dos que abriram a casa, pra poder/ a falta de fé, a falta de chegar e vamos avaliar ali, vamos avaliar aqui, né. Então, eu tô começando a perceber nas minhas psicografias, isso aqui fui eu que escrevi, não foi o mentor, não foi espírito não. Eu tô começando/ e rasgo fora, sabe? [tosse]. Agora, tem palavras que eu não sei falar e eles falam por mim ali. Às vezes tem gente até mais simplisinha. Porque é tudo de acordo com/ que nem, eu to aprendendo a escrever, eles tão aprendendo a – como é que fala – eu tô aprendendo a captar e eles [espíritos] a escrever. Eu sei como é que é lá, é um intercâmbio bom nós dois lá, né. Os mortinhos com os vivo aqui. Mas eu vou falar uma coisa pro cê, viu. Tem hora, que eu falo pra eles assim: gente, mas é bom demais, viu. Se eu soubesse que existia isso antes, né. Mas vai ver/ que eles falam pra mim aqui, na entrevista quando eu venho: “S, você já deve ter sido espírita [*em outra vida*]”. Mas eu acho, E.M, daqueles espíritas bem brabo. Que só fez o mal, porque não é possível.

575. E.M: (Risos).

576. S: Né? Que agora tá abrindo muito a cabeça, né. Porque, com essas pessoas que tô, menino, Jesus amado! É uma complicação, né, assim. É muita gente com problema de cabeça. Isso assim, né, eu falo. Mas tudo vai se ajeitar. Então eu tenho fé em Deus, esperança de que, sabe, um dia possam olhar pra gente. Que nem a I.Z, aqui, eu gosto muito dela, me senti muito bem com ela, é uma médium boa também. Muito boa. Assim, tem que ter disciplina, E.M. Não tá tendo. Ó a V; a V. desde que eu to com ela, faz tempo aqui também. Eu e a V. somos as mais véinhas aqui, no caso. Mas é que nem eu falei/ a outra senhorinha lá também. Sabe, cada um fala uma coisa, e eu não quero ficar falando. Né? Quando a mensagem que eu vou dar, às vezes, eu não/ eu peço pro meu mentor não deixar eu falar. Às vezes eu peço, mesmo. Não, não deixa não, porque não vão entender. Acho que vão entrar pra um outro lado, entendeu? Tem que ter um discernimento, um pouquinho. Sabe? Porque vão achar que é coisa da cabeça da gente. Ou às vezes não, né. A psicofonia, quando eu tenho que falar, eles [espíritos] às vezes me ajuda. Só que vai crescendo tudo, cê entendeu, cresce tudo. A psicofonia, por exemplo, a garganta, meu corpo, vai modificando mesmo. Mas depois passa, como se eles tivessem me limpando, tirando. Aí eu fico bem. Só isso, meu amor.

577. E.M: (Risos).

578. S: É. Tá?

579. E.M: Fim de papo.

_____ /// _____

I.Z, do lar, 50 anos.

Local da entrevista: Centro Espírita Ismael – Sala de Evangelização Infantil

PRIMEIRA ENTREVISTA (08/05/2009)

1. I.Z: Eu sou a filha mais velha, tenho mais dois irmãos abaixo de mim. Tenho um irmão e uma irmã. Meus pais, os dois trabalhavam fora, né. Então eu, por ser a mais velha, que ficava mais com a/ assim com os cuidados da casa, cuidando dos irmãos. E... como só são nós três assim, não tinha assim muita gente fora, era difícil receber muitas visitas, até mesmo de parentes, durante a semana, porque eles sabiam que os meus pais não estavam, né. E eu tinha sonhos de criança, com... com pessoas que vinham conversar comigo, mas isso nunca me assustou, nunca me abalou, e muito difícil também eu comentava com a minha mãe, né, sobre os sonhos que eu tinha, porque pra mim eu achava que não tinha importância ninguém saber daquilo, porque não era coisa que me assustava. E o único sonho que eu tive que realmente me impressionou e até hoje que eu não esqueço, é que eu vi uma mulher andando nas águas e chegando até mim, e era uma mulher muito linda, e eu queria tocá-la, chegar perto, né, e toda vez que eu me aproximava dela, fugia. Aí já várias vezes tive esse sonho, comentei com a minha mãe esse sonho, e a minha mãe nunca também falou nada, porque, não é que eles freqüentavam, eles não eram de freqüentar nenhuma religião, mas eles eram mais chegados ao evangélico, né. E então ela também não tinha, nunca teve imagens de santo em casa, essas coisas né. E um dia nós fomos na casa de uma amiga dela visitá-la, que essa amiga tinha sido operada, e eu fui com a minha mãe. E no quarto dessa minha amiga, dessa amiga da minha mãe, tinha um retrato da Iemanjá. Aí foi quando eu falei pra minha mãe: mãe, essa é a mulher que vem no sonho conversar comigo. Só que quando eu chego perto dela, some. Aí ficou todo mundo olhando (risos), eu também não entendia o olhar deles, mas também eles não comentaram nada, né. Aí foi se passando os tempos, dias, tudo e... aí conversa com um, conversa com outro, já adolescente nada, que eu vim saber da religião espírita, né, que eu fui me interessar por isso, ler assim, mas nunca sem fazer pergunta pra eles mesmo, porque eles não eram muito chegados a isso. E eles que eu me refiro são os meus pais, né. E... até casei, e aí depois de casada, eu/ aí eu me senti mais livre, sabe, depois que eu casei, porque agora é eu e o meu marido, eu acho que eu tenho assim mais cara pra dizer pra ele: não, eu vou seguir tal religião, vou seguir tal, tal, né. E comecei a perguntar pra um, perguntar pra outro, porque até aí, pra mim também, Espiritismo era a Umbanda, o Candomblé, isso era coisa que não me atraía mesmo, né. Até que uma amiga falou da Federação [espírita], do que é ser kardecista, e eu fui me interessando bem mais, e aí foi onde eu comecei freqüentar a casa [centro espírita Ismael], aí vim pra cá, daqui fiquei sabendo da Federação e, por curiosidade, fui até a Federação ver como é que é. Gostei também de lá, dos trabalhos que eles fazem, que é a mesma coisa desta casa, né. E... e assim foi indo, né, mas assim por interesse mesmo, né. Agora, a turma sempre fala que quem não vem por amor, vem pela dor, né. Eu, dor, dor, dor assim, graças a Deus, não foi nenhuma coisa desesperadora. Foi mais assim a curiosidade e amor mesmo, né. E nessa, tô assim nessa, né. E sobre a relação à pintura, a desenho essas coisas, que desde criança eu sempre me interessei por isso. Eu não via outra profissão a não ser o desenho, apesar que eu não me formei em nada. Cheguei a fazer primeiro ano, mas de Letras, aí também vi que não era o meu fraco, não gostava; saí já quando terminei o primeiro ano. E só fiquei fazendo cursos paralelos de pintura, de desenhos, mas não cheguei a fazer faculdade deles não.

2. E.M: Entendi. Então você faz esses cursos desde cedo?

3. I.Z: Ah, desde que me entendo por gente. Mesmo em escolas na época, as professoras de arte, de desenho, tinha muito contato com elas por causa disso. Eu me interessava, ia perguntar. Eu queria que elas me dessem xérox; na época eu não tinha oportunidade de comprar livros, né, e elas me davam xeróx, material elas me emprestavam, material delas, xilógrafo, essas coisas. E eu fazia meus trabalhos em casa. Pintava tecido, pintava vidro; tudo o que eu podia fazer, eu fazia.

4. E.M: Cê tinha já essa aproximação então com essa manifestação artística?

5. I.Z: Isso, sempre gostei disso, né. E sinto uma facilidade agora com isso, né, porque como eu entendo alguma coisa fora, sem ser mediúnico, então quando te vem uma imagem na mente, cê já sabe como é que faz e tranquilamente você desmancha isso.

6. E.M: Tá. E... na sua infância, I.Z., você teve mais experiências além desses sonhos? Teve mais coisas ou não?

7. I.Z: Ah sim, eu... a gravidez da minha mãe eu fiquei sabendo praticamente (risos) antes dela, que ela ficou horrorizada quando eu falei que eu ia ganhar uma irmã. E... inclusive minha irmã é ruiva – eu e o meu irmão somos morenos, né – e minha irmã ruiva, ainda eu falei como que era a criança, né, a minha mãe ficou apavorada, né. Como é que pode, ela falava, de dois pretos vir um claro, né, um branco. Isso não pode, isso não dá. E realmente a menina nasceu do jeito que eu descrevia ela, né. E fora coisinhas assim que comentava: aí, não faz isso porque senão vai

acontecer tal coisa. Ninguém me dava ouvido e chegava a acontecer mesmo as coisas que a gente não/ desagradáveis, né.

8. E.M: Desagradáveis.

9. I.Z: Huhum.

10. E.M: Alguns acontecimentos bons, outros desagradáveis...

11. I.Z: É, outros assim desagradáveis, né, perda de coisas, essas coisas assim, né. E... eu lembro até depois de casada, quando nós fomos comprar nossa primeira casa, que nós morávamos em aluguel, ainda falei assim pra ele: cê não compra aqui porque essa casa não/ eu via que a cor da casa tava meio nublada, escura, né. Eu falei: você não compra esta casa, né. Mas homem é bem teimosinho, né, ele foi e comprou. Também dava pra ele comprar, e aquela ânsia de sair de aluguel, né. Ele comprou a casa, mas o lugar foi péssimo, nós sofremos naquele lugar. Com barulhos de vizinhos, documentação da casa, que só depois de cinco anos depois que nós mudamos é que saiu essa documentação. E o lugar assim muito sujo, não tinha jeito. Até que/ Mas mesmo assim ficamos nove anos e meio lá, porque nós não tínhamos condições de/ e ninguém queria comprar também por causa da documentação. Casa muito boa. Até que eu vim pra esse lugar onde eu estou agora, aí tá tudo bem, tudo legal.

12. E.M: Então, vamos dizer assim que, eram intuições. Como é que você chama isso?

13. I.Z: Intuições. Eu chamo de intuição.

14. E.M: E como é que essa experiência vinha pra você? Cê tem como explicar isso, como é que é?

15. I.Z: Ah, pra explicar assim é um pouco difícil. Você, de repente, te vem na mente que não é pra fazer tal coisa.

16. E.M: É espontâneo.

17. I.Z: É espontâneo, cê não tá esperando, e nem tá pedindo. Aí acontece, de você ver algum vulto, alguma imagem. Agora, não vejo o rosto de ninguém perfeitamente, eu vejo os vultos, vejo imagens esbranquiçadas, né, e o que diz na mente. Então, a mensagem vem na mente. Por ser na mente, é telepatia, né. Não ouço falar aqui no meu ouvido.

18. E.M: Ah tá, é só a idéia.

19. I.Z: É só a idéia. Por ser a idéia, a gente chama de telepatia.

20. E.M: Tá. E... e no caso, quando você fala de ver, você vê realmente, é a visão mesmo...

21. I.Z: Assim já é a visão. Tanto é que às vezes eu quero pegar, já não consigo, já some, né. Hoje em dia já nem tento pegar nada, quando dá pra ver; não vejo também quando eu quero, né. São flashes assim, também rápidos.

22. E.M: E geralmente são situações específicas, ou quando você está no centro, orando, fazendo alguma coisa assim, não? Ou surge do nada?

23. I.Z: Não, surge do nada. Acho que com a necessidade, né, aí que vem. E agora eu me sinto muito mal em hospital. Eu posso entrar no cemitério, seja a hora que for, eu entro numa boa, saio numa boa. Mas, hospital é horrível. Eu vejo nuvens pretas andando pelo chão, aquilo tentando pegar as pernas, sinto aquele/ um gelo atrás de mim, ai, é horrível. Principalmente naquelas partes de ambulatório, né, P.S [Pronto Socorro], né. Agora, quando eu vou em quartos visitar alguma pessoa, não. Nem tanto. Mas se eu entro naquela parte do P.S, do ambulatório, nossa. E saio de lá cansada, como se tivesse trabalhado muito, carregado muito peso.

24. E.M: É né? Cê teve já alguma experiência assim de ficar internada ou algum familiar em hospital...

25. I.Z: Ai, olha, internada eu já fui várias vezes. Só de cirurgia, centro cirúrgico eu enfrentei sete vezes, né. Conta de mentiroso (risos), mas eu sete vezes enfrentei o centro cirúrgico. Mas onde eu vou, eu não passei por P.S, ambulatório, essas coisas. Tenho convênio, eu vou pela parte do convênio. Já é cirurgias agendadas, né, então não era pra mim ter esse... não digo pavor, mas receio. Eu prefiro não ir do que ir.

26. E.M: Por exemplo, nessas experiências que você teve de internação, eram problemas graves de saúde, ou não? Como é que era?

27. I.Z: Olha, a primeira que eu fiz foi a cesárea, teve minha filha, né. Depois eu tive um carocinho, cisto sebáceo do pulso esquerdo. Aí duas vezes mais eu tive que fazer uma cirurgia abdominal, por um cisto no ovário; e o outro eu tive que retirar o ovário e o útero, porque depois desse cisto nasceu outro, aumentou, quase que eu perdi o intestino tudo né. Essa foi a mais grave. E depois de um ano dessa, eu tive que tirar a vesícula. E agora, vai fazer dois anos, agora em setembro eu operei as varizes né. Então foram todos esses tipos de cirurgia. Agora, pior que eu fiz mesmo, que até hoje me arrepia, essa retirado do útero, esterectomia.

28. E.M: Ah, foi a mais difícil que cê passou.

29. I.Z: Foi a mais difícil que eu passei, muita dor, foi horrível.

30. E.M: Entendi. Deixa eu só confirmar/

[Faz-se uma pequena pausa para conferir se está tudo ok com a gravação do áudio. Assim que o aparelho é verificado e testado, dá-se então continuidade à entrevista].

31. E.M: Tá. (risos). Agora vamos retornar. Então assim, fala um pouquinho sobre a sua adolescência. Cê falou da sua infância, né. Fala um pouquinho mais sobre a sua adolescência.

32. I.Z: Então, a minha adolescência ela foi assim normal, porque eu mesmo nunca assim gostei de bailinhos, de ir em bailes, de muitas festas, mas eu era mais caseira mesmo. Preferia ficar muito mais em casa com os meus desenhos, com leituras, do que curtir festa, curtir bailes. Eu não tinha assim/ também por vergonha, né. Mas era muito tímida, né, então a minha timidez me prejudicou muito, né. Mas ficava assim, foi se indo.

33. E.M: Era mais isso mesmo, cê não tem nenhuma experiência específica pra contar, nada?

34. I.Z: Assim, sobre a parte da espiritualidade assim, nada assim anormal. A não ser os sonhos que eu sempre tive, né. Visõeszinhas assim/ Quando a minha avó faleceu – mas aí já não é a minha adolescência já – minha avó morreu eu tinha uns sete anos de idade. É... Ela foi de manhã, então quando dormindo, ela veio se despedir. Ela sentou na beira da cama, disse que ia pra muito longe, que não podia mais me ver, e... que a gente ia se separar por uns tempos. Aí quando eu acordei minha mãe falou que ela tinha desencarnado, né.

35. E.M: Entendi. E você comentou que na sua infância você tocava/ aprendeu a tocar piano *[E.M está se referindo a uma conversa que teve com I.Z no dia 08/04/2009, relatada num dos relatórios do centro Ismael desta mesma data]*.

36. I.Z: Apreendi a tocar piano.

37. E.M: É. Foi quanto tempo mais ou menos isso?

38. I.Z: Ai, eu não sei até que idade assim. Acho que uns quatorze anos ainda quando eu parei, quatorze quinze anos, mais ou menos, quando eu parei de tocar piano né.

39. E.M: Tá.

40. I.Z: E... eu sempre tive assim muita dificuldade assim pra decorar as músicas; as minhas colegas já tocavam sem olhar a partitura, e eu não conseguia tocar sem olhar a partitura. Decorava a primeira página, mas as outras, que nada, tinha que pôr. Né? E eu tocava um pouco ainda, mas depois... não tive assim mais vontade de tocar. Terminou também a escolhinha, tinha que ir pro conservatório, né, (e eu também não ia), porque naquela época não tinha assim como hoje, que cê tropeça em conservatórios, né.

41. E.M: É.

42. I.Z: E aí foi perdendo aquela vontade, aquela coisa. Não peguei mais no piano. E hoje em dia eu já esqueci as notas, né. Já não sei mais onde que fica (risos).

43. E.M: Cê já não toca mais?

44. I.Z: Não, não toco nada. Eu não conheço, não consigo mais ler. Não sei mais ler. Aí teria que voltar novamente. Eu tô com intenções de voltar, mas não pra fazer o piano, pra fazer aula de canto. Eu gosto, né, educar voz, essas coisas assim. Aí eu vou/quem sabe eu começo a aprender novamente (risos).

45. E.M: Então a sua mediunidade predominante assim seria essas intuições?

46. I.Z: Isso, intuições.

47. E.M: Tá. *[Passam-se alguns segundos enquanto E.M verifica as perguntas que já foram feitas e as que ainda poderiam ser levantadas]*. Como é que você foi descobrir que você de fato era médium, vamos dizer assim? Ou que você poderia entender essas experiências como mediunidade? Foi aqui no centro?

48. I.Z: Isso. Foi depois que eu comecei a estudar mesmo. Depois que eu comecei a estudar, a entender tudo que eu/ tanto aqui na casa como na Federação. Aí que eu vim saber o que é médium, que todos nós somos médiuns, né, que isso acontece, muitas coisas com algumas pessoas que são mais sensíveis, né. Mas esse é/ foi o tipo de um caso que isso nunca me deu medo. Nunca me desesperei por causa disso, muito pelo contrário. Eu me sentia mais segura quando eu tinha contato com eles *[espíritos]*. Porque como eu te falei, eu não tinha muito amigas, eu não ia muito em festas, não saía muito por causa da minha timidez, então os meus amigos praticamente eram eles, né. Então eu nunca tive medo deles.

49. E.M: Entendi. Como é que você acha que essas experiências assim, elas afetaram a maneira que você tinha de enxergar a você? Isso teve alguma repercussão? Ou na maneira que as outras pessoas enxergavam você? Como é que isso determinou a sua auto-imagem, vamos dizer assim?

50. I.Z: Olha, pra pessoas estranhas eu nunca comentava que eu sonhava, que de vez em quando eu via alguma coisa, sobre telepatia, nunca comentei nada.

51. E.M: Nem hoje?

52. I.Z: Hoje, muito menos (risos). Hoje eu também só converso mesmo com quem tem a mesma afinidade, né, que eu sei que frequenta a mesma religião, que entende, que sabe, que aceita. Caso contrário, eu fico na minha, né. Não me exponho não.

53. E.M: Certo. Mas, e pra você, como é que/ como é que é pra você se ver como médium?

54. I.Z: Uma pessoa normal. Pra mim, é normal. Não me vejo estranha, não me vejo melhor nem pior do que ninguém. Eu fico na minha mesmo. Não... não fico assim me exaltando por causa disso. Tanto é que quando a gente faz os quadros aqui, tem que por atrás do quadro o nome do centro, o mês que foi feito, o ano e o nome do médium, né. Eu muitas vezes não gosto de pôr o meu nome. Eu ponho porque é tipo um registro, né, mas eu nem gosto de fazer isso.

55. E.M: Entendi. É... no caso assim, a sua família, tem mais alguém que é espírita?

56. I.Z: Não, só eu que frequento.

57. E.M: O seu marido não é espírita?

58. I.Z: Não, ele não. No começo ele estranhava muito, também não aceitava, mas depois com conversa, explicações, ele/ ele não vem, mas também não fala pra mim não vir. Ele me deixa vir, à vontade, tudo bem.

59. E.M: Entendi. É, no caso o... o seu marido é de alguma outra religião?

60. I.Z: Olha, eles são mais pra católica. A minha sogra, o meu sogro não, são católicos de pé junto, né. Agora ele não, só vai pra igreja quando tem casamento (risos), é o tipo de católico que só vai pra igreja quando tem casamento. Mas não frequenta não, não vai. Mas é mais pro católico, né.

61. E.M: E na sua família a mesma coisa, nenhum antepassado, ninguém que você saiba teve alguma ligação com a doutrina espírita?

62. I.Z: Não, assim, que eu saiba não. (A não ser aquelas) coisas corriqueiras, né, que às vezes cê fica sabendo que uma tia foi a um centro, a outra foi numa cartomante, essas coisa, mas não assim religiosamente de ter aquela doutrina.

63. E.M: Tá, entendi. É uma ligação mais superficial.

64. I.Z: Isso, mais superficial. Da parte do meu pai, ele – o meu pai é mineiro, né – ele mora aqui em São Paulo, perto do Horto florestal, mas as minhas tias, irmãs dele, moram em Uberaba, Belo Horizonte, né, e lá eles tem um respeito imenso pelo Chico Xavier. Tinha, né, porque já agora desencarnou. Elas vão na igreja católica, dizem que são católicas, mas o Espiritismo, falar em Espiritismo pra elas, elas respeitam porque eles tem muito respeito pela doutrina do Chico, que é como elas falam né.

65. E.M: Chamam de doutrina do Chico.

66. I.Z: Doutrina do Chico, né (risos).

67. E.M: E... no caso assim, quê que você acha que o Espiritismo, a doutrina espírita, te ajudou assim? O quê que trouxe a mais pra sua vida, e qual o significado também que o centro Ismael aqui tem pra você em relação a outros centros espíritas?

68. I.Z: Huhum. Olha, a doutrina ela me ajudou assim a carregar os problemas do dia-a-dia, da vida, sem assim se desesperar, que amanhã é outro dia, que Deus é pai, não é padrasto, né. (Então de você) ela ajuda/ porque milagres mesmo não existe. Milagres, isso é uma coisa que nunca existiu, o que você tem, o que você consegue, é pelo seu direito, pela sua bondade, pelo seu andamento, né. Agora, o centro aqui me ajuda nessa parte, né, também que foi ele que me encaminhou. Fiquei sabendo, conhecendo a doutrina pela casa aqui, a Federação, né. Então fica aquele elo de carinho entre a casa e a minha pessoa, né. A gente aqui se presta/ se trata como uma família, né. Isso é que é muito gostoso.

69. E.M: E aqui é próximo da sua casa?

70. I.Z: Isso, próximo.

71. E.M: Então existe uma questão de acessibilidade?

72. I.Z: Também. Também.

73. E.M: E você trabalha aqui há quantos anos já?

74. I.Z: Mais ou menos uns dez anos. Fiz os quatro anos de escola mediúnica e continuei já trabalhando.

75. E.M: Aqui foi o primeiro local que você...

76. I.Z: Primeiro local. Aí eu fui pra Federação quando eu tava no terceiro ou quarto ano daqui, da casa, eu fui pra Federação. Como você falou de localidade, se a Federação fosse mais perto, eu ficaria só na Federação, porque/ não que eu estou/ não estou desprezando a casa. A Federação ela tem mais cursos; lá é muito grande, então, vamos supor, sala de pintura é uma sala enorme, tem vários materiais, são vários médiuns, né. Uma que a casa já é pequena, já isso tudo é diferente, né. E... lá é uma faculdade, vai. Eu gosto de lá.

77. E.M: Cê vê dessa forma...

78. I.Z: Eu vejo.

79. E.M: ... lá você tem todos os recursos?

80. I.Z: Tem todos, todos os recursos, né.

81. E.M: E... e nesse sentido assim, você acha que você se sente melhor pra atuar como médium aqui, ou na Federação, ou você não tem distinção?

82. I.Z: Não tem distinção. Porque o serviço que eu faço aqui, que é aquele de dar aula que você freqüenta, eu fazia lá, acerca de uns dois anos atrás. Fiquei uns três anos dando aula. A gente fala aula, mas não se chama bem aula, né. A gente fica nesse trabalho lá na Federação. Depois eu fui convidada a trabalhar já direto com os pintores. Esse direto com os pintores, que a gente chama, é que não é como aqui que primeiro tem aquelas liçõezinhas, aquela aulinha pequenininha que eu dou antes, né. Lá é direto, começa pintando e termina pintando. Então são duas horas seguidas de trabalho diretos. Faz uma oração, faz o evangelho, e começa o serviço mediúnico.

83. E.M: Tá. E aí no caso, por exemplo, lá vocês já fazem/ já tem a assinatura do espírito mesmo ou não?

84. I.Z: Na Federação que você fala? Não. Tem só um médium que ele tem autorização de assinar os nomes. Só esse médium que assina os nomes. Os outros, nenhum faz assim, nenhum.

85. E.M: E quando você tá trabalhando, ta pintando, como é que é essa sensação, como é que/ descreve um pouco assim como é que é a experiência, os vários aspectos assim dessa experiência?

86. I.Z: Huhum. Bom, como já estamos fazendo a leitura – é uma prece de abertura – e a leitura do evangelho, pra mim já vêm as imagens, na cabeça. Eu já vou vendo assim um lago, já vou/ ou montanha, ou flores, seja o que for, já vem na minha mente aquela paisagem. Aí quando termina você fica tão ansioso pra fazer aquilo, como se você tivesse assim um bolo muito gostoso na tua frente, e você não vê a hora de acabar com aquele bolo, que só você quer comer. É assim que eu me sinto assim. E depois do serviço feito, é um alívio que cê sente, uma leveza. O teu corpo, a tua mente, fica tudo mais leve, suave. É diferente de quando cê tá começando. E quando eu tô executando o meu serviço, a minha pintura, é... é como se eu não estivesse ali, né. Uma coisa muito leve, gostosa mesmo de sentir, suave.

87. E.M: Quando você/ cê tá falando que quando você começou era um pouco diferente. Era mais difícil, é isso ou não? Como é que era?

88. I.Z: Na/ aqui, na parte mediúnica?

89. E.M: Isso.

90. I.Z: Na parte mediúnica, quando eu comecei, era uma coisa assim, eu me sentia assim meio abobada. Porque eu sabendo como que se faz um desenho, como se faz uma casa, por exemplo, eu ia querer fazer aquela casa, a minha mão não me obedecia. Saía tudo os riscos, pegava cores que na época/ que eu não queria pegar aquela cor. Eu falava: não, eu sei que um telhado é tal cor, então tem que ser daquela cor. Eu brigava muito, sabe, discutia muito. Até que chegou uma hora que eu deixei, eu falei: não, deixa/ eu confio, não confio? Então vamos confiar. Aí eu soltei mesmo, aí sai do jeito que eles pedem, do jeito que sai.

91. E.M: Ah. Então/ porque, na verdade, você já tinha esses cursos de pintura...

92. I.Z: Isso, isso.

93. E.M: ...desde que você entrou. E aí quando você começou a pintar aqui...

94. I.Z: Saía rabisco – não viu aqueles rabisquinhos --, assim, como é que eu – eu falava – como é que eu, assim, entendendo – também não entendo muito, mas entendendo o pouco que eu entendo – posso fazer uns rabiscos desses, ao invés de fazer uma casa, fazer um lago, fazer/ eu não digo o corpo humano, porque o corpo humano eu não, eu não sei nem fora [do centro], né. Mas aqui, se alguma entidade me pedir, talvez eu deixe eles levarem a minha mão.

95. E.M: Entendi. Então no momento que cê tá pintando você não tem controle sobre a mão?

96. I.Z: Não, não se tem controle.

97. E.M: Ah, entendi. Mas você fica consciente?

98. I.Z: Completamente consciente. Eu sei tudo que tá passando em volta, apesar de eu me envolver com a música também, né, mas eu sei tudo o que acontece em volta.

99. E.M: Entendi, então é como se fosse uma mediunidade semi-mecânica?

100. I.Z: Isso, mais uma semi-mecânica.

101. E.M: Quer dizer, você tem consciência, mas não tem o controle da mão.

102. I.Z: Huhum.

103. E.M: Você trabalha com a mão esquerda ou...

104. I.Z: Com a direita.

105. E.M: Com a mão direita, né?

106. I.Z: Com a mão direita. Com a esquerda eu trabalhava quando eu tava na prática, que a gente chama, dos papéis de prática, né, começo. Eu fazia ainda. Agora, na tela mesmo, eu não peguei a mão esquerda.

107. E.M: E, no caso, por exemplo, I.Z., a gente até viu nos trabalhos de pintura e psicografia, um rapazinho que entrou agora *[E.M está se referindo a um rapaz, R., que participou das sessões de pintura mediúnica do centro espírita Ismael, cujas manifestações foram observadas e descritas nos relatórios das respectivas sessões]*...

108. I.Z: Isso.

109. E.M: ... e ele até perguntou, da dificuldade/ porque, muitas vezes ele perguntou: “mas, e se vier uma idéia, por exemplo, ruim, né, um pensamento ruim, etc. eu tenho um palavrão, por exemplo, eu tenho que escrever isso, como é que é, como é que acontece?”. Você tinha também essas vontades ou não?

110. I.Z: Olha... de pintura/ porque a minha é mais pintura do que psicografia. Nas poucas psicografias que eu fiz, nunca tive vontade de escrever coisas que não era ali da parte mediúnica, da parte do evangelho, né. Nunca tive vontade de escrever nada. Na psicofonia, só em escola/ eu nem lembro se eu dei alguma vez alguma mensagem falada. Também não/ então, eu não tive essa vontade, essa coisa. Agora, é o que a gente fala, esse menino ele tá começando, ele nem fez o primeiro ano ainda. Ele está fazendo o primeiro ano este ano. Então ele não tem a escola mediúnica, então o coitadinho tá perdido. E é onde a gente fala pra ele que o médium ele tem que filtrar a mensagem que ele tá recebendo. Tanto a falada quanto a escrita, e até mesmo o desenho, a pintura. Pra isso que você é um médium, pra isso que você estuda pra isso. Pra isso que tem a escola mediúnica, né, pra você saber filtrar. E também saber que tem certas pessoas que fala: “ah, eu xinguei, eu caí, eu me debati, porque eu não estava em mim”. Todo o médium está em você, porque o teu espírito é encarnado em você quando você nasce. Então ele não vai sair do teu corpo, pro um outro entrar. O que ele vai fazer é afastar um pouco e deixar uma passagem pra você receber aquela comunicação. Mas ele constantemente tá ali do seu lado, ele é o responsável pelo teu corpo. Então ele não vai sair. E ele precisa do teu corpo pra ele se mexer, pra ele aprender, pra ele estudar, porque um espírito sozinho vai ficar uma alma penada aqui no mundo. Não, né. Então ele precisa desse corpo, como o corpo precisa do Perispírito, né, pra ter todo esse andamento. Então, quando o teu espírito tá ali do teu lado tomando conta, tua consciência tá ali do teu lado. Então tem isso, a consciência. Por isso que o médium tem que filtrar, porque a consciência do médium não foge. Tá ali.

111. E.M: Então você acha que essas pessoas que... agem dessa maneira mais incontrolada, por exemplo, a pessoa poderia atuar no sentido de controlar isso.

112. I.Z: Que sim, pode, pode controlar. Tem uns que falam que não, né, mas é muito difícil aquele que realmente apaga, que o tálamo escurece, é muito difícil, né.

113. E.M: Certo. Que fica totalmente inconsciente...

114. I.Z: Totalmente, totalmente, totalmente inconsciente... a não ser você como psicólogo que pode responder, como é que você encaminha isso, mas eu como espírita, eu acho que/ e você tem que fazer essa força pra você ficar ali. Eu

quero saber tudo o que eu faço, tudo que acontece. Já pensou que horror, eu não estar sabendo o que eu estou fazendo? Deve ser horrível. Eu ia me sentir desesperada com isso.

115. E.M: De perder esse controle.

116. I.Z: De perder esse controle. Não, eu quero ter o controle, quero saber e quero filtrar o que tá sendo/ o que tá acontecendo. Não é só porque eu sou uma médium que eu vou sair por aí falando, acontecendo, agindo; não é bem assim, né.

117. E.M: Entendi. [*Passam-se alguns segundos enquanto E.M verifica as perguntas que já foram feitas e as que ainda poderiam ser levantadas*]. Assim, é... em algum momento assim da sua vida, desde que você assumiu a sua mediunidade, enfim, ou até por conta das experiências que você teve antes na infância, na adolescência, você já chegou a passar por algum tipo de discriminação ou constrangimento por conta disso?

118. I.Z: Não, porque eu nunca comentei, né. Nunca falei nada.

119. E.M: Mesmo na família, nada?

120. I.Z: Mas nem na família. A família é a primeira pessoa que você (risos) breca, né. Já fica quieta, já não fala.

121. E.M: Entendi.

122. I.Z: A minha mãe vai fazer um ano que a minha mãe faleceu agora, e ela não era de freqüentar religiões nenhuma, como eu te falei, mas puxava mais pra parte evangélica. E nos velórios a gente sempre costuma falar uma parte do evangelho, né, e eu fiquei na minha. Eu por ser espírita e ela ser minha mãe, podia chegar e falar: não, eu vou fazer o evangelho, é minha mãe, isso e aquilo, eu sou espírita. Não. Eu fiquei na minha, e deixei a palavra pra prima da minha mãe, pras duas primas e muito amigas. E a minha prima é evangélica, essa prima da minha mãe, né. Então foi a prima da minha mãe que fez uma pequena palestra no velório dela. Tudo bem também. No meu sogro também, não dei a frente, não fui, sei que eles gostam dos catolicismos. Chamaram padre, rezaram o terço. Tudo bem, e eu aceito tudo. Eu fico na minha, respeito, não discrimino nada não.

123. E.M: [*Passam-se alguns segundos enquanto E.M verifica as perguntas que já foram feitas e as que ainda poderiam ser levantadas*]. Tá, e assim, você tem um, é... a... os espíritos que se aproximam de você durante esses trabalhos, existe alguma entidade que é mais próxima de você, por exemplo, ou se não; que dizer, como é que é essa relação com as entidades espirituais?

124. I.Z: Olha, eu tenho uma freira que sempre ficava perto de mim, desde criança que eu lembro dessa freira, né. Esbarrava com ela em casa, e aqui mesmo na casa [*centro Ismael*] quando eu comecei/ só que a freira que estava na minha casa, é aquelas que usava aquele manto preto. Lembra um manto preto com uma tarja branca assim?

125. E.M: Lembro.

126. I.Z: E a que eu via aqui na casa, já tinha... o manto dela já era azul claro, como o de Nossa Senhora. E essas duas freirinhas que eu tinha mais contato com elas, que eu sentia mais perto de mim.

127. E.M: Tá. E essas já desde bastante tempo?

128. I.Z: Ah, sim, desde bastante tempo. De criança, essa de preto que eu te falei, até a minha adolescência, tudo. Depois quando eu comecei no Kardecismo a freqüentar a casa, tudo, que terminou minha escola mediúnica, que eu comecei a trabalhar em sala de aula, a gente chega primeiro aqui pra arrumar as cadeiras, arrumar a sala pros alunos, quando chegam, né. E eu arrumando as cadeiras, eu vi que depois que eu punha a cadeira no lugar, elas iam atrás de cada cadeira – uma só, elas não, era uma – ia atrás de cada cadeira que eu estava pondo, como se estivesse preparando aquele ambiente, aquela cadeira pra pessoa sentar.

129. E.M: E como é que assim, é... você vê de fato, como é que é isso?

130. I.Z: Ah, eu vejo como/ mas não o rosto, como eu te falei. Então eu via aquela nuvem, né, aquela mancha, era aquela mancha preta. Aí quando você quer forçar o mesmo olho pra ver direitinho, ver detalhes, tudo, aí foge. Então, quando eu via assim, eu via que ela tava de roupa clara, a outra tava de roupa escura, mas parecia uma freira essa de

roupa escura. E eu via muito o terço amarrado aqui, decaído. Mas não era franciscano não. Porque o franciscano usa sandálias, né, e essa não tinha.

131. E.M: Mas você viu como se você tivesse aqui, nesse ambiente?

132. I.Z: Isso, aqui. Vamos supor, tô aqui, aqui eu tô vendo a imagem dela, meia turva. Tá a imagem meia turva. Mas se eu olhar e firmar a vista pra ver, aí eu já não vejo nada.

133. E.M: Tá, então não é visual.

134. I.Z: Não.

135. E.M: É mental. Vamos dizer assim.

136. I.Z: Isso, mental.

137. E.M: Tá. É... uma outra coisa que eu queria te perguntar, você conhece elas, você já chegou a tentar se comunicar, você conhece a personalidade delas, como elas são?

138. I.Z: Não, eu nunca cheguei assim pra/ nunca conversei, nunca fiz assim nenhuma pergunta. Eu senti aquela paz, aquele aconchego, então isso pra mim já era o suficiente.

139. E.M: É, né?

140. I.Z: Huhum.

141. E.M: Não existe/ você não sente alguma ligação pessoal com essa entidade?

142. I.Z: Não, pessoal não.

143. E.M: É... como é que você descreveria então essa função dela... nesse contexto, desse trabalho, como é que você/ pra que ela vem até você?

144. I.Z: Como se ela tivesse ali me mostrando que ela estava preparando o ambiente – no caso da sala de aula aqui, né – que ela estava preparando o ambiente ali. Pra cada um ali. E a gente pede mesmo que venha algum mensageiro de luz, higienizar a sala, né. E... na minha casa, eu sentia amparada. Sabia que tava ali, como eu via que era uma freira, então você já vai/ eu ficava mais sossegada, né, agora se fosse uma pessoa diferente, se fosse um vulto de um homem, aí provavelmente eu iria me preocupar, né.

145. E.M: Tá. E você já teve essas experiências assim também de ver vultos de um homem, de alguma outra pessoa que você sentia que ele tinha alguma... enfim, te dava uma impressão mais negativa, vamos dizer assim?

146. I.Z: Não, não tive essa/ pra dizer que não tive, não tive, eu estava grávida da minha filha, o meu irmão tava tendo um problema no serviço, que na época ele era militar, aí eu escutei como se fosse uma voz de homem falando que ele... algum problema que ia acontecer com ele ou que tava acontecendo com ele. Aí eu pedi pra pessoa [*espírito*] se retirar, procurar uma outra pessoa, porque como eu tava grávida, eu não queria ter esse entrosamento, essa... aproximação dele por causa do neném.

147. E.M: Tá.

148. I.Z: Depois também não vi nada assim de...

149. E.M: E chegou a se confirmar esse fato do seu irmão ou não?

150. I.Z: Sim, ele estava internado no hospital da polícia militar; ele tinha passado mal, essas coisas todas, desmaiado em serviço, né. Ele tava no hospital, aqui do barro branco.

151. E.M: E aí você recebeu essa informação espiritualmente?

152. I.Z: Isso, depois que eu fiquei sabendo que ele tava lá. Eu nem cheguei a ir ao hospital visitá-lo. Foi coisa rápida, né.

153. E.M: *[Passam-se alguns segundos enquanto E.M verifica as perguntas que já foram feitas e as que ainda poderiam ser levantadas]*. Então assim, antes disso você não teve religião nenhuma, só essa formação mesmo da sua família que era mais católica.

154. I.Z: É, católica e evangélica, só.

155. E.M: E você chegou, quando jovem, a freqüentar – ou quando criança, né – freqüentar alguma vez a igreja, não?

156. I.Z: Ah, sim, ia muito na metodista.

157. E.M: É né?

158. I.Z: Ia direto na metodista, escolhinha dominical...

159. E.M: Ah, você teve essa formação.

160. I.Z: Tive, tive sim.

161. E.M: Mas ao chegar numa fase mais adulta...

162. I.Z: Numa adulta, eu parei. Era trabalho, escola, aí onde a gente começa a se distanciar, né, onde os adolescentes se distanciam. E quando eu me aproximei mesmo foi depois de casada. Depois de casada é que eu vim me aproximar, mas não assim me aproximei ainda. Ainda comecei naquela de pesquisa, lê um livro que um indica, que o outro indica, mas naquela época era mais romances do que livros de doutrina mesmo, né. Porque só vim mesmo pra doutrina, estudar a doutrina mesmo, foi depois que eu parei de trabalhar, que eu tive a minha filha. Aí que eu tive mais tempo, aí que eu me dediquei a isso.

163. E.M: Tá. E como é que você compara hoje a sua condição no Espiritismo e aquela condição em que você fazia parte daquele outro contexto religioso? O quê que você acha que o Espiritismo te trouxe de novo, ou de diferente, em relação àquela formação que você teve religiosa?

164. I.Z: Huhum. A consciência das coisas, né, porque naquela época tudo era pecado, “você não pode fazer isso, não pode fazer aquilo, Deus castiga”, aí cê vai ver que Deus não castiga coisa nenhuma, o que você tem é pelo seu merecimento, por isso que milagre não existe... a realidade dos fatos, né.

165. E.M: Você acha então que a visão espírita tá mais próxima...

166. I.Z: Sem dúvida.

167. E.M: ...do que acontece no mundo, na vida.

168. I.Z: Huhum. Faz muito tempo que eu não vou na católica. Mas pelas conversas que eu tenho com a minha faxineira, a católica também já está bem mais aberta do que na época que eu freqüentava. Agora, a metodista eu não sei, porque eu não tive mais contato com ninguém. Mas eu acredito também que não esteja tão pra trás, porque tem que evoluir também, né.

169. E.M: *[Passam-se alguns segundos enquanto E.M verifica as perguntas que já foram feitas e as que ainda poderiam ser levantadas]*. Tá, e assim, como é que você se veria, algum dia, se você tivesse que largar a atividade de médium? Quer dizer, é... vamos supor que um dia você resolvesse falar: “olha, eu não vou mais trabalhar como médium no centro espírita...

170. I.Z: (risos).

171. E.M: ...eu não quero mais essa atividade”. Você se vê com essa possibilidade ou como seria isso se isso acontecesse?

172. I.Z: Olha, eu não vejo essa possibilidade. Pra te ser sincera, eu acho que nem existe essa possibilidade; eu posso largar, vamos supor, de vir pro centro Ismael, de ir pra Federação, mas procurar uma outra casa espírita. Agora, deixar de ser espírita, acho que não dá pra deixar. Deixar de ser médium, acho que nem tem como deixar (risos). Eu não vejo isso.

173. E.M: Você nem consegue se imaginar.

174. I.Z: Eu nem consigo imaginar, me sentir. Porque eu vou ser médium, eu vou ser até morrer. Se eu tenho minhas visões, minha telepatias, meus desenhos, minhas pinturas, vou ter até morrer. Então... acho que isso tá na pessoa. Tá na pessoa.

175. E.M: Agora eu queria ver com você/ deixa eu ver se tem mais uma pergunta. Ah, tá. Eu queria perguntar pra você o seguinte. O quê que você pensa da idéia de que a personalidade humana, ela é resultado de processos cerebrais e fisiológicos? Como é que você vê essa idéia, que é uma idéia comum na ciência, né...

176. I.Z: Faz a pergunta outra vez, como é que eu vejo...

177. E.M: É, como é que você pensa/ o quê que você pensa sobre essa idéia de que a nossa personalidade humana, ela é só o resultado do cérebro, ou de processos assim físicos, né, e não de uma alma, ou de um espírito, como ensina a doutrina espírita? Como é que você/ o quê que você pensa? O quê que vem à sua mente, em termos de sentimento, de idéias, quando você pensa nessa posição, que a gente poderia chamar de materialista, talvez né?

178. I.Z: Olha, tem que pensar o seguinte: o quê que eu sou além desse corpo de carne aqui? Além dessa pessoa aqui? Porque o meu corpo anda, mexe, eu sinto fome, sede, isso e aquilo? Aí vão falar: “é por causa que você tem um cérebro; esse cérebro comanda teu corpo, tem a corrente sanguínea, tem a corrente sanguínea que alimenta esse cérebro”, mas é só isso? E daí, não tem mais nada, em cima, do lado, embaixo? Nada? Então alguma coisa, alguma força maior tem pra movimentar tudo isso. Só o homem porque você tem um cérebro, você tem uma corrente sanguínea, tem um coração que bate legal... mesmo assim você não é nada. “Ah, eu tenho carro, tenho casa, tenho isso, tenho aquilo, porque eu trabalhei, porque eu fiz”/ tudo bem, você trabalhou, você conseguiu, você tem. Mas de uma hora pra outra você pode perder tudo isso, você pode perder até os movimentos do teu corpo. E daí, pra onde eu vou? O quê que acontece depois com esse monte de carne aqui? Com esse corpo? E daí? Pra quê que eu tô aqui, pra quê que/ pra onde eu vou? Pra quê que eu sirvo? Então pra mim, tudo isso tem uma força bem maior acima de tudo e de todos que rege tudo isso. Responde a sua pergunta? Era isso mesmo? (risos).

179. E.M: Respondeu, isso mesmo (risos). Tá jóia. Agora a gente pode passar pros desenhos, tá I.Z? Eu já fiz algumas perguntas... [E.M ajeita, junto com I.Z, os papéis de desenhos mediúnicos sobre a mesa]. Assim, eu queria que você fosse pegando cada um desses desenhos, e falando pra mim o quê que cada um deles representou pra você.

180. I.Z: Hum, olha, faz tempinho que eu fiz... esse aqui mesmo foi em 98 [desenho I.Z.1], também eu não lembro, mas pelos traços daqui parece alguém que tava querendo se encontrar, não era? Uma afinidade entre um e outro, um tipo de um encontro, porque era só rabiscos que tem aqui ó; tem uma forma assim muito distorcida, cê não sabe direito o quê que é. Se é uma ave, se é gente, se é nuvens... não dá pra distinguir o que é.

181. E.M: Quando você vê esse desenho, o quê que ele traz pra você? Em termos de sentimentos?

182. I.Z: Não, eu me sinto tranquila; não me traz assim nenhuma coisa triste não, nenhuma/ nenhum transtorno, nenhuma tristeza...

183. E.M: Você fez espontaneamente também?

184. I.Z: Isso, espontaneamente.

185. E.M: Esse foi um dos primeiros seus?

186. I.Z: Isso, esse aqui eu tava no segundo ano, olha [apontando para a folha]. No segundo ano mediúnico.

187. E.M: Tá.

188. I.Z: Esse também, segundo ano mediúnico [desenho I.Z.2]. Esse daqui eu lembro um pouco por causa das notas musicais, é como se eu tivesse assim numa orquestra, eu tava querendo escrever, reger aquela orquestra. Sabe, aquelas músicas, que me vinham umas músicas e mais músicas na cabeça. Esse aqui foi muito gostoso. Nesse daqui eu também não sei assim, se isso é coisa de criança [desenho I.Z.3]. Aqui dá impressão de ser tipo de um pássaro [centro da figura], aqui é o patinho [detalhe semelhante a um pato sobre uma lagoa, parte superior central da figura]. Pelo visto da C. [nome da professora do curso mediúnico] em 98 também, que ela é a dirigente do segundo ano, né. 98... aqui já é quarto ano, olha; 2000 né, então esse é quarto ano [desenho I.Z.4]. Aqui é uma confusão mental, né? Não parece? (risos). É muita rabisqueira. Esses daqui que não tem data... ah tem, aqui é 2000 também, quarto ano [desenho I.Z.5]. Já dá impressão de ter mais contato; aqui é como se algum pintor mesmo queria entrar em contato. Mas eu não sei se eu não consegui pegar, ou se era a primeira vez...

189. E.M: Tá.

190. I.Z: Esse daqui não tem o ano [desenho I.Z.6]... esse aqui eu já nem lembro mais como é que é, tanto é que parece ser uma assinatura [último rabisco da folha, na parte inferior direita], entende? Aqui nós não temos que assinar nada, mas parece que veio alguma coisa. Mas é só música também, né. De 2000 também, o quarto ano [desenho I.Z.7], aqui parece meio semi-mecânico mesmo, a minha mão foi mesmo fazendo essas florzinhas, tanto é que não deu nem tempo de pegar o lápis de cor; foi com a caneta mesmo.

191. E.M: Esse aqui, por exemplo, [desenho I.Z.8] você coloriu em cima depois, ou foi tudo na hora?

192. I.Z: Foi colorido depois; primeiro foi feito o esboço – como a gente chama – e depois foi feita a pintura em cima. Mas também não lembro assim o que representou, o que eu estava sentindo na hora. Mas de vê-los, todos eles, não me traz tristeza nenhuma.

193. E.M: Certo. Mas, no caso, por exemplo, você costuma ver muito essas paisagens...

194. I.Z: Ah sim, (de com cima ver).

195. E.M: ...locais floridos...

196. I.Z: O ano/ no último ano que teve feira de livro com pintura mediúnica aqui no Ismael – se não me engano, o ano retrasado – me deram um livro pra mim pintar, me entregaram o livro fechado. E era crianças índigos, filhos índigos, alguma coisa que estava escrito índigo. E eu não tinha lido nada sobre índigo ainda né. E sempre me vem, assim quando me dão o livro, já me vem a imagem de alguma coisa pra se fazer. Flor ou alguma coisa, né. E aquele não veio, tanto é que eu consegui ver o nome do livro numa boa, né, assim sem interferência nenhuma. Ainda perguntei pra mim, né: índigo, o quê que é isso? E tive a idéia de fazer um pipa. Eu falei: não vou fazer pipa nenhum, porque eu não sei o que é isso, a leitura vai ver que é coisa completamente diferente, eu tô fazendo pipa. Às vezes é uma pessoa, um idoso; se for pra criança ainda vai, mas, já pensou? Tudo isso cê pensando assim em segundos, né. E na hora assim me veio uma criança, como se ela tivesse vindo do ar, ficou do meu lado debruçada na mesa, e disse: “tia, eu sou criança, mas eu gosto de brincar, e eu quero o meu pipa”. Depois dessa você tem que obedecer, né (risos). Aí eu fiz o pipa.

197. E.M: Não tá aqui nesses desenhos, né?

198. I.Z: Não, não, não, isso foi um livro.

199. E.M: Isso foi pra um livro que você fez?

200. I.Z: Pra um livro. Cê já ouviu dizer, psicografia em livro?

201. E.M: Já.

202. E.M: Psicopictografia em livro?

203. I.Z: Já, já. Entendi. Aí fizeram uma compilação dessas várias pinturas, é isso?

204. I.Z: Huhum. Tem a feira do livro, então a turma da pintura mediúnica vai trabalhar nessa feira. Na bienal também nós vamos, a Federação vai, a USE [União das Sociedades Espíritas] vai, né. E... e a gente pinta primeiro como se fosse o autógrafo, mas é pintado. Não é nada escrito. É só uma pintura, com tinta e tudo. E pra pegar a capa do livro. Quando o livro tem aquela capa em branco, ótimo né, porque você pode trabalhar à vontade. Quando não tem, que tem escrito, cê vai pelas bordas fazendo algum desenho que tiver na mente, né. E isso aconteceu.

205. E.M: E esse desenho, por exemplo, aqui, esse outro desenho tem algumas pipas [desenho I.Z.9], algumas coisas de criança também. O quê que ele te traz?

206. I.Z: Ai, esse desenho eu fico muito contente com ele, ele me/ eu guardo com muito carinho. É como se tivessem crianças mesmo pedindo pra ser feito tudo isso, querendo brincar, querendo desenhar. E é isso que eu senti no dia também.

207. E.M: Certo.

208. I.Z: Fogueirinha, florzinha... a pipa (risos), balãozinho... agora, aqui também eu não lembro mais, mas esse aqui é um tipo de um/ é um rosto, né [desenho I.Z.10]. É um rosto... não sei, com um tipo de uma casquete, um enfeite na cabeça.

209. E.M: E esse foi colorido depois também ou não?

210. I.Z: Não, esse já foi feito com lápis de cor mesmo, com giz de cera né. Giz de cera. Esse aqui foi muito legal [desenho I.Z.11]... porque ele foi feito assim, e essa mão [esquerda] tremeu; eu só segurei o lápis, ela tremeu, tremeu, não consegui segurar o braço. Foi a única vez que eu lembro de ter feito com a mão esquerda. E depois de pronto, que a professora, a dirigente, né, do trabalho, virou o desenho – porque eu entregava assim [com a data voltada para cima], eu falei: não sei o quê que é isso, fez rabisco – aí ela virou, e apareceu a mocinha. Esse foi muito interessante. E é uma agilidade, num instantinho faz. Esse aqui foi num instante; quando eu vi já tava pronto; não deu nem tempo assim de você criticar alguma coisa, falar alguma coisa, entende? Esse á aqui é do... também é um rosto, se não me engano tem umas asas [desenho I.Z.12]... aqui uma dama antiga, também, passeando [desenho I.Z.13]. Que é o que eu vejo, né. Aqui é um sossego, sabe [desenho I.Z.14]... que delícia, né (risos). Dá impressão de ser uma rede, então porque eu falo que é o sossego, né. Esse aqui também é uma dama antiga, ó [desenho I.Z.15]. Não lembro esse daqui como que foi feito.

211. E.M: Por exemplo, no caso, vem a imagem dessa dama na sua mente, por exemplo, ou não?

212. I.Z: Não, esses daqui eram mais mesmo mecânicos. Quando eu vi, já tava pronto o desenho. Que é coisas que não dá pra você ficar interferindo, falando...

213. E.M: É involuntário.

214. I.Z: É involuntário. Esse aqui eu nem sei se é um palhacinho, um pierrô, o quê que pode ser isso aqui [desenho I.Z.16]. Aqui também são mais/ sei lá, um caminho, florestas [desenho I.Z.17]. Tem muitos riscos. Ela falou de Picasso [A pessoa a quem I.Z. está se referindo é uma freqüentadora do centro espírita Ismael que a interpelou pouco antes da entrevista, para lhe mostrar uma agenda que continha imagens de várias obras artísticas, incluindo pinturas de Picasso] e esse aqui [desenho I.Z.18] me lembra Picasso, porque Picasso que fazia uns rostos em cima de rostos, olhando pra si mesmo, né. Esse daqui pra mim é jogo de cores [desenho I.Z.19], porque eu não consigo ver nenhuma forma aqui. Aqui sim eu consigo ver um rosto aqui no meio direitinho [desenho I.Z.20]. Aqui é como se fossem pessoas andando, né, indo pra algum lugar [desenho I.Z.21].

215. E.M: Esse também foi semi-mecânico...

216. I.Z: Isso.

217. E.M: ... essa pintura das pessoas?

218. I.Z: Isso.

219. E.M: São três pessoas numa espécie de uma fila, né.

220. I.Z: Huhum. Esse eu também não sei [*desenho I.Z.22*], eu chamo de/ quando eu não consigo encontrar nenhuma forma, aí eu chamo de jogo de cores. Esse eu vejo mais ou menos um perfil aqui [*desenho I.Z.23*]... é só isso. Aqui também parece com uma pessoa sentada, uma fogueira [*desenho I.Z.24*]... Aqui provavelmente um rosto [*desenho I.Z.25*], por causa da/ parece ser olho isso, né. Esse aqui é o barquinho do pontilhismo [*desenho I.Z.26*]; esse aqui eu lembro que ficou muito tempo batendo até formar tudo isso.

221. E.M: Também foi semi-mecânico ou você já interveio um pouco mais nesse...

222. I.Z: Eu estava bem lúcida, mas eu não conseguia segurar a mão não, e nem dar nenhum palpite, quer dizer, pega tal cor, vamos pegar tal cor; também não conseguia dar nenhum palpite.

223. E.M: Essa escolha das cores também ela é...

224. I.Z: Quando cê vê, você tá com o lápis na mão. Aí quando você conhece, vamos supor, você conhece que um telhado é meio marrom, que a gente chama de terra de siena natural, você vai atrás do marrom, fazer um telhado, fazer a telha. Mas muitas vezes você não consegue pegar essa cor, você pega outra e que depois no final, dá certo a cor. Um beira-mar, ó, também [*desenho I.Z.27*]. Aqui também a impressão de rosto, olha [*desenho I.Z.28*]. E parece que são dois. Esse peixe, que não sei o porquê [*desenho I.Z.29*]. Isso aqui... parecem ser vários rostinhos [*desenho I.Z.30*].

225. E.M: Teve alguma impressão também a esse, não?

226. I.Z: Não, eu nem lembro desse daqui como é que foi, o quê que eu senti na época. Esse daqui eu senti mesmo que era um útero [*desenho I.Z.31*]. Um feto.

227. E.M: E veio também alguma coisa pra você, uma idéia?

228. I.Z: Veio assim um carinho muito grande, uma afeição assim muito grande, um aconchego, sabe? Uma coisa gostosa assim.

229. E.M: Era como uma relação de mãe; tinha alguma coisa nesse sentido ou não?

230. I.Z: De mãe, assim? Isso, mais de mãe, de filho, sabe? Essa coisa assim.

231. E.M: Você tem filhos, I.Z?

232. I.Z: Tenho, tenho uma só. Eu queria ter um monte, mas só tive uma e agradeço por essa uma (risos). E nós temos muita afinidade. O quê acontece com ela eu tô sabendo assim antes dela me contar (risos).

233. E.M: Quantos anos ela tem?

234. I.Z: Ela vai fazer 24 dia 16 de maio. Ela tá fazendo o TCC [Trabalho de Conclusão de Curso] dela hoje.

235. E.M: Ai, que legal.

236. I.Z: É o segundo. Essa casinha eu também não lembro, como que foi [*desenho I.Z.32*], o quê que aconteceu na hora, né. Mas essa tá assim muito desenhadinha, entende? Aqui uma freira, uma santa, uma imagem. Essa, essa [*apontando para duas figuras consecutivas, I.Z.33 e I.Z.34*]...

237. E.M: Nesse você acha que já houve uma interferência mais sua ou não?

238. I.Z: Olha, provavelmente não, porque se tivesse alguma minha eu teria de ter definido mais o rosto delas.

239. E.M: É, né?

240. I.Z: É. Apesar que o corpo humano não é meu fraco, mas eu sei as medidas, eu estudei isso, então eu iria pôr isso aqui.

241. E.M: Ah tá.

242. I.Z: Huhum.

243. E.M: Como é que você julgaria, por exemplo, esses desenhos em relação ao que você costuma pintar? Você consideraria como uma produção melhor ou pior que a sua? Pode dizer (risos).

244. I.Z: Desculpa (risos). Pior. Eu digo pior, porque aqui é jogado isso, entende? Não dá tempo de você ir lá, e eles nem deixam, você ir e fazer. Como aqui, as proporções do rosto eu sei, eu podia pôr as proporções do rosto, mas eu não consegui. Não é dado tempo, não sei, depois você perde vontade; é uma coisa estranha, sabe? Então, não dá assim pra fazer. Agora, quando é meu, particular meu – que não tem nada a ver com mediúnico – faz, apaga, vai medir, isso e aquilo, né. E aqui não, é jogado, é rápido, você não consegue segurar a mão, o braço.

245. E.M: E, por exemplo, essas duas imagens de mulheres teriam a ver com essas freiras que você...

246. I.Z: Então, essa daqui, olha [*desenho I.Z.33*], ainda é a freirinha que eu via aqui na sala, atrás das cadeiras que eu te falei.

247. E.M: Ah tá.

248. I.Z: Sabe? Essa ainda posso dizer que sim; agora essa daqui não sei também [*desenho I.Z.34*], apesar que tá bem suave o rosto dela, parece até uma freira, né, é uma religiosa, mas, eu acredito que seja mais essa.

249. E.M: Tá.

250: Também não posso te afirmar, né. Essa aqui eu também não sei o porquê disso [*desenho I.Z.35*].

251. E.M: É um peixe, né. Parece.

252. I.Z: Um peixe, nem sei o quê que é direito. Aqui é novamente as damas antigas [*desenho I.Z.36*]. A mistura de cores, o estudo de cores que eu te falo [*desenho I.Z.37*]. Aqui eu não vejo nenhuma imagem, nenhum traço, nada. Aqui uma flor [*desenho I.Z.38*]. Aqui também não consigo ver nada [*desenho I.Z.39*], isso aqui parece uma montanha, mas também tá perdida aí. E esses rostinhos eu chamo de coral [*desenho I.Z.40*], vários rostos, aí eu falo então que eles tão cantando. Isso aqui parece uma fogueira; não lembra uma fogueira? [*desenho I.Z.41*]. Agora, o porquê da fogueira também não sei.

253. E.M: No caso, aquele coral que você disse, veio a idéia também de uma... de pessoas cantando...

254. I.Z: Não, esse é um nome que eu dei depois, eu dei depois, é o nome que eu dou, né, e não que alguém tenha falado alguma coisa não. E aqui essa, provavelmente, um jardim de flores [*desenho I.Z.42*], um espantalho ou alguém cuidando das flores, né.

255. E.M: Tá.

256. I.Z: Agora, pra você, quê que tudo isso aqui representa? (risos).

257. E.M: (risos).

258. I.Z: Quê que você acha?

259. E.M: Agora vamos fazer o estudo, né.

260. I.Z: Isso, tem que fazer um estudo (risos). Pra ver o quê que tudo isso representa mesmo.

261. E.M: Eu queria te pedir, só pra gente finalizar, pra você/ quer dizer, pelo menos finalizar essa parte do desenho que eu acho que eu vou te perguntar mais algumas coisinhas ainda, né. Mas eu queria te pedir o seguinte, independentemente do que é... da questão mediúnica, ou independentemente do que seja, eu queria que você escolhesse alguma dessas figuras, sem tirar dessa ordem, porque a ordem que tá disposta aqui é a mesma que tá na gravação pra eu poder lembrar depois. Mas eu queria que você escolhesse uma, e... e eu queria que você falasse um pouco pra mim o quê que te vem à cabeça. Independentemente do contexto em que a pintura foi feita...

262. I.Z: Huhum.

263. E.M: ...de como surgiu naquele momento e naquela hora. Agora, olhando pra figura, o quê que te traz à cabeça, as associações que você faz com essa imagem? Queria que você escolhesse uma delas.

264. I.Z: A imagem daqueles desenhinhos de crianças miudinhos. Esse daqui [I.Z. procura pelo desenho I.Z.9 em meio à pilha de papéis sobre a mesa]. Nossa, não parece que tava tão pra trás. [E continua procurando por mais alguns segundos].

265. E.M: Não é aquele dos brinquedos?

266. I.Z: Isso, dos brinquedinhos miudinhos.

267. E.M: É, tá mais pra trás mesmo.

268. I.Z: E depois esse daqui [I.Z. encontra outro desenho do qual gostaria de falar também], aí eu falo esse. Esse daqui [finalmente encontra o desenho I.Z.9]. Esse desenho eu gosto dele porque ele me representa crianças, a mesma coisa que eu estou vendo assim um bando de crianças brincando.

269. E.M: E que outras associações você faz?

270. I.Z: Hum, esse desenho? Maternidade, carinho, afeição, aconchego, que mais assim... o amor, né. Eu gosto muito de criança, né, então, isso me chama muito. E esse daqui, por ter sido o meu/ esse aqui que eu te mostrei? Não, acho que não foi esse não que é legal [I.Z. engana-se quanto ao segundo desenho escolhido e volta a procurá-lo]. Ou foi esse, aquele que eu falei que eu fiz com a mão esquerda.

271. E.M: É, foi esse aqui né [desenho I.Z.11].

272. I.Z: Foi esse então? Então, e esse por ter sido assim o mais rápido de todos, e com a mão esquerda. Quando eu vi, já tava terminado. Que a gente fica na/ fica preparada, né, pro desenho. Então, tô aqui preparada, esperando alguma coisa, né, com as mãos em cima. Aí a mão tremeu, pegou o lápis e fez. Quando eu vi já tava pronto.

273. E.M: E o quê que essa imagem ela te traz assim? Quais as associações que você faz com essa imagem?

274. I.Z: Uma dama antiga, do tempo lá da corte; mas isso não significa que ela seja da corte, é uma do/ plebéia que chamava na época? Que eu nem sei mais. Bom, que seja do povo, né. E uma pessoa assim simples, meiga, traz assim serenidade.

275. E.M: E... você relaciona, por exemplo, essa pessoa com alguém que você conhece ou com você mesma? Você acha que tem alguma relação, ou não?

276. I.Z: Não, acho que... acho que não. Pode até ser, mas, quem sabe, né? Mas eu não me sinto, meu auto-retrato (risos).

277. E.M: Tá, mas você acha bonito.

278. I.Z: É, eu acho bonito. Que até são duas até que tem por aqui, né, por isso que eu confundi, não sabia se é essa ou se era outra né. Mas acho que é essa aí mesmo [I.Z. procura um pouco mais entre os desenhos sobre a mesa]. É essa mesmo, que a outra não tá por aqui [I.Z. procura por mais alguns segundos]. É essa mesmo. E... cê não perguntou mas eu vou responder assim mesmo. Meu pintor favorito é Leonardo da Vinci, sou apaixonada pelas obras e pelo trabalho dele, e por ele. Não vejo só como pintor, eu vejo como um gênio mesmo, super-homem. Que tudo que nós temos hoje, ele deixou a marquinha dele lá atrás, prontinho pra gente.

279. E.M: (risos). Bacana. Deixa eu te perguntar só mais uma/ verificar se tem mais alguma coisa pra perguntar, né [E.M passa alguns segundos analisando as perguntas já feitas e as que poderiam ainda ser levantadas]. Tá, antes do Espiritismo você teve contato com alguma outra religião sem ser a igreja metodista, em que você foi formada, ou não?

280. I.Z: Não, só a metodista e a católica.

281. E.M: É, né?

282. I.Z: Huhum.

283. E.M: Foi as duas...

284. I.Z: Nas duas que eu tive assim/ que eu passei por elas, né.

285. E.M: E... eu queria te perguntar mais uma coisa, pra finalizar agora mesmo, I.Z. O quê que você gostaria de deixar assim como uma mensagem final pra pesquisa, né, algo que você queira dizer talvez é... pra quem vai ler o estudo, pra quem vai entrar em contato com essa pesquisa, que mensagem você quer deixar, ou qualquer outra coisa que você queira falar e que você não falou durante o decorrer da entrevista.

286. I.Z: Huhum. Bom, o que eu quero deixar assim também pra que ajudem, né, quem tá querendo ser ajudado, e que ajude também em pesquisas do tipo dessas, né, que pra vir à tona mesmo a parte da mediunidade, a parte desse estudo, com a parte/ a parte espiritual com a parte material, né. Que a Medicina consiga chegar até lá, porque tem muitas doenças que é causadas pela parte, vamos supor, espiritual, né. E trabalhando com as duas partes juntas, a Medicina e a parte espiritual, uma operação espiritual que seja, um tratamento, né, espiritual, que é bom pra humanidade. Que ajudem a progredir a humanidade, né.

287. E.M: Tá bom. Obrigado, viu?

288. I.Z: Nada (risos).

SEGUNDA ENTREVISTA (22/05/2009)

[Em decorrência de algumas questões concernentes à vida familiar e social de I.Z. não terem sido suficientemente esclarecidas no primeiro encontro, sentiu-se a necessidade de uma segunda entrevista, de rápida duração. Esperava-se assim que a elucidação dessas questões ajudasse a compreender melhor certos aspectos de sua psicodinâmica, bem como a simbologia por trás de alguns de seus desenhos, a respeito dos quais a médium tratou de forma bastante periférica e mesmo reticente na entrevista inicial].

289. E.M: Então assim, primeiro eu queria te perguntar... é.../ não, uma coisa assim que eu queria te pedir primeiro é pra que na próxima vez em que você vier no centro, se você pudesse trazer alguma obra sua, de autoria sua. Lembra que você tinha comentado?

290. I.Z: Ah, é verdade.

291. E.M: Não, tudo bem, não tem problema¹. E... outra assim, I.Z, eu queria saber um pouco da relação com a sua mãe, tá? Na verdade, eu vou perguntar da sua relação agora com várias pessoas, tá? E... e aí seria interessante assim, que você falasse um pouco de como é o seu relacionamento com essas pessoas, e depois descrever essas pessoas, ou ao mesmo tempo. Descrever assim/ dar um perfil da pessoa.

292. I.Z: Tá.

293. E.M: De como essa pessoa é, de como você vê essa pessoa e como é que é a sua relação com essa pessoa.

294. I.Z: Huhum.

295. E.M: Como é que/ se de repente, como é que essa pessoa vê você ou, enfim, como é que a relação entre vocês.

296. I.Z: Certo.

¹ Numa ocasião posterior, numa das aulas de pintura mediúnica do centro Ismael, I.Z. trouxe suas produções não-mediúnicas, que constam também nos anexos.

297. E.M: Tá? Então, primeiro, eu quero começar com a sua mãe. Tá? Então a relação com a sua mãe e você descrever um pouquinho ela.

298. I.Z: Olha, a minha mãe sempre foi uma pessoa muito trabalhadeira – trabalhadora, né –, trabalhou trinta e um anos na Telesp, é... ela era uma pessoa assim muito enérgica, e... ruim mesmo, pra se dizer a verdade, né. Nosso relacionamento era péssimo, tanto comigo quanto com os meus irmãos, os outros dois que eu te falei, né, que eu sou a mais velha, depois tem um menino – um menino, com quarenta e tantos anos nas costas (risos) – e a caçula que hoje tem quarenta e dois anos. 298. I.Z: Olha, a minha mãe sempre foi uma pessoa muito trabalhadeira – trabalhadora, né –, trabalhou trinta e um anos na Telesp, é... ela era uma pessoa assim muito enérgica, e... ruim mesmo, pra se dizer a verdade, né. Nosso relacionamento era péssimo, tanto comigo quanto com os meus irmãos, Faleceu agora o ano passado, agora em junho dia... quatro, quase um ano que ela já desencarnou, né. E até mesmo no leito, na hora H mesmo, ela ainda tava fechada pra ela, pra vida, pra tudo, né. Porque teve eu lembro que na primeira vez que ela teve o derrame, eu falei pra ela: mãe, aproveita essa oportunidade, liga-se a Deus, né, pede pra ele te tirar dessa, pede pra você ficar boa, né, muda o seu modo de pensar, o seu modo de agir, o seu coração, né. E ela falou que não, que se ela tivesse que morrer, e encontrar com Deus, ele que tinha que dar muitas satisfações a ela (risos). Então foi isso, mas no fundo eu tenho dó dela, sabe? Eu sempre agora peço que ela esteja em bom lugar, e sei que na casa de meu pai tem muitas moradas, né, espero que esteja uma morada lá, que ela aceite essa morada, que ela aceite a ajuda dos mensageiros, dos socorristas, né, pra ela estar bem, pra pelo menos lá de cima começar a se modificar, né.

[Interrompe-se brevemente a entrevista para fechar a porta da sala em que E.M e I.Z se encontravam, visto que havia muito barulho do lado de fora, em decorrência de conversações entre freqüentadores do centro. Após isso, a entrevista é retomada].

299. E.M: Tá, então tem mais alguma coisa que cê queira dizer da sua mãe, descrever ela... algum acontecimento assim que marcou a relação de vocês, por exemplo.

300. I.Z: Ela não era assim uma mãe amorosa, que a gente pudesse chegar, contar algum problema, falar, essas coisas, né. Não era desse tipo. E quando a gente vinha pra contar alguma coisa, ela sempre levava pro lado da gozação, das risadas, não... não te levava a sério, né. E... mas assim, depois eu casei também, casei com vinte e três anos, né. E... ela não foi no meu casamento, não foi no meu casamento do meu irmão, minha irmã é solteira, mas... na hora, é lógico, que na época a gente ficou magoado, tanto eu quanto o meu irmão, dela não comparecer, né. Mas também depois passou, a gente perdoa, a gente aceita, né, porque é mãe também, né. E aí veio a desencarnar, foi assim/ e tanto é que no final mesmo, fui eu que fiquei com ela, que/ minha irmã trabalha. Eu que corri quando veio a desencarnar, eu que corri com toda a documentação, né. E o meu irmão ficou assim muito abalado; a minha irmã, então, até hoje, né, senti muita falta dela, apesar de tudo – cê tá vendo né (risos). Então... acabou, entende? *[I.Z. denota um semblante entristecido, e chateação com o assunto discutido].*

301. E.M: Dos irmãos, ela tinha um pior relacionamento assim com quem?

302. I.Z: O pior? O pior que eu sinto era comigo, que era bem mais distante. O meu irmão não, o meu irmão ela sempre gostou muito do meu irmão. A gente até/ isso foi o comentário da sala de aula, não que ela/ não digo que ela preferia mais, sei lá, a intimidade dos dois. Ele tinha um jogo de cintura com ela, e... e a minha irmã que ficou mais tempo com ela, né. Porque a minha irmã como solteira, morou com ela até o final, né.

303. E.M: Tá.

304. I.Z: E também cuidou dela, correu com ela, com hospital, essas coisas né. Mais próximo. Então eu acredito que foi sempre mais comigo... do que com os outros dois.

305. E.M: E você imagina por que, por que isso? Por que ela teve um relacionamento assim com você?

306. I.Z: Olha... assim, pra dizer francamente, a certeza é isso, eu não sei te dizer o que é. Mas eu jogo pra coisas de vidas passadas, resgates de vidas passadas. Porque, o quê que uma criança podia fazer com ela? Eu, na época, criança, podia fazer com ela? Depois vem adolescente, eu nunca/ se ela deixava eu ir, tudo bem, se não deixava, pra mim também tava tudo bem. Eu não sentia aquela falta, aquela necessidade de ir pra discoteca, pra bailinho, pra sair, como eu vejo as meninas hoje em dia, com aquela ânsia de ir. Nunca tive essa falta, essa vontade. E se ela deixasse eu ir, eu ia, tudo bem, se não deixasse, pra mim tudo bem. Eu ficava na minha, com os meus desenhos, ia dormir, ver televisão. Essas coisas assim.

307. E.M: E... e no caso assim, quando você nasceu, teve um/ porque você, dos irmãos, é a mais nova?

308. I.Z: Mais velha.

309. E.M: Mais velha. Quando você nasceu, como é que foi mais ou menos assim o contexto de nascimento? Como é que a relação dela com o seu pai estava, condições financeiras, fala um pouquinho sobre/ em geral assim.

310. I.Z: Bom, condição financeira sempre foi assim média, né. É... tanto é que os dois precisavam trabalhar. Agora, do meu nascimento, quando ela casou, ela já tinha uns trinta e três pra trinta e quatro anos. E... pelo que eu lembro que ela falava, na época que eu era criança, tudo, que ela enfeitou muito a casa pra me receber, enfeitou até com flores artificiais, né. E, agora a relação do meu pai com ela sempre foi muito instável. Eles brigavam demais, que até acabaram se separando, né. Eles brigavam muito, aquelas coisas todas. E... não sei se é por causa disso também, provavelmente né, então ela descontava um pouco na gente, né.

311. E.M: Essa relação difícil que ela tinha com o seu pai.

312. I.Z: É, com o meu pai, né. E...

313. E.M: Mas teve/ mas no caso, essa relação difícil com o pai dela você sabe também por que, imagina por quê?

314. I.Z: Não, cê tá falando, a relação difícil é com o marido, meu pai.

315. E.M: Isso. Então, mas...

316. I.Z: Dela com o meu pai.

317. E.M: Mas essa relação difícil com o seu pai, cê acha que seria por quê?

318. I.Z: Ah, ela dizia/ segundo ela, ele era muito mulherengo. Agora, se é mesmo, se não é, não sei, né. Também nunca fui atrás pra pesquisar, né. Mas tinha muita briga entre os dois, de ciúmes.

319. E.M: Tá.

320. I.Z: Huhum.

321. E.M: Entendi. E o seu pai? Como é que você... de novo, eu vou te colocar nesse sentido assim, a relação com ele, e descrever um pouquinho o perfil dele.

322. I.Z: Huhum. Então, a minha relação com ele era um pouco melhor – não era ótima – mas melhor do que a da minha mãe. E era assim difícil a gente ver o meu pai, porque ele saía cedo e chegava à noite, às vezes a gente tava até dormindo quando ele chegava, né. E de fim de semana também, de sábado ele trabalhava; era só os domingos que ficava em casa. Mas não era aquela coisa (tão amorosa) também; ele nunca foi de pegar em colo, minha mãe também não, né. Abraçar, beijar, essas coisas, né. E eu sou assim. A minha filha eu abraço, beijo, pego no colo, até hoje. E outras pessoas também, colegas, amigos, eu sempre abraçando, beijando, né. E com eles tinha essa dificuldade, nenhum dos dois gostavam ou não queriam, sei lá, fazer isso.

323. E.M: Então a relação com o seu pai foi um pouco melhor, vamos dizer assim.

324. I.Z: É, um pouco melhor até hoje, né.

325. E.M: Tá.

326. I.Z: Até hoje.

327. E.M: E como é que você descreve ele enquanto pessoa assim? As atitudes dele, características?

328. I.Z: Então, ele já foi assim também... muito humilde, né, pessoa humilde, sem estudo, é... batalhava muito pra trabalhar – em matéria de trabalho não posso negar de nenhum dos dois, os dois sempre trabalhavam, né – e... fora isso, sei que ele não era uma pessoa assim carinhosa, né, meiga também. Não tinha também aquele tempo pra... pra conversar, pra cuidar, com a gente. Eu lembro que de domingo, a gente queria sair, depois do almoço, e ele queria era dormir, né. Lógico que hoje eu entendo, mas naquela época, em criança, a gente não entendia, né (risos).

329. E.M: Você ficava muito sozinha em casa? Com os seus irmãos, quando criança?

330. I.Z: Ah, sim, era mais os três, né. Só nos três. Era difícil até a gente receber visita, porque eles sabiam que os meus pais trabalhavam, então durante o fim de semana eles tinham que... cuidar de casa, da gente, né, essas coisas, né.

331. E.M: E você que cuidava da casa?

332. I.Z: Isso. Eu que/ a casa mais/ e os dois ficavam mais pela minha responsabilidade, né, entre aspas.

333. E.M: Entendi. Tá, e assim: como é que você descreveria a relação com os seus irmãos? E fala um pouquinho de cada um deles assim.

334. I.Z: Nossa, o meu irmão ele era muito moleque. Moleque mesmo de ficar na rua, ele pulava o portão pra ir pra rua brincar, saía escondido, sabe? E... comigo assim, as nossas brincadeiras – como ele era muito moleque, e eu mais quieta – eu que levava sempre a pior, né, porque se fosse jogar queimada, eu que saía sempre queimada; se fosse esconde-esconde, eu que tava sempre procurando (risos), que nunca me esconder, que eles me encontravam logo, né. A minha irmã também, ela era muito moleca, ela também, igual a ele. Os dois se davam até bem por causa da molequice dos dois, né. Coisas também de criança, lógico, né. E, eu como não gostava muito dessa correria, dessas coisas todas, de bagunça, né, eu ficava mais na minha assim; era muito difícil assim uma brincadeira que desse certo nós três juntos. Por causa disso: os dois muitos moleques, e eu mais quieta (risos).

335. E.M: (risos). E hoje como adultos? Eles ainda são vivos...

336. I.Z: Ah sim. Hoje a gente se dá bem, lógico né, porque... tudo velho já, né. A mais nova tá com quarenta e dois anos, né. E o meu irmão casado já, com dois filhos dele e um adotado – inclusive o mais velho dele assim eu sou apaixonada, eu sou madrinha do menino, né. E... nós temos aquela afinidade, aquele gosto, aquela coisa, né, almoça junto de domingo, essas coisas assim.

337. E.M: Cês estão sempre se vendo, então?

338. I.Z: Isso, a gente sempre se vê.

339. E.M: Tá.

340. I.Z: Huhum.

341. E.M: Entendi. E você teria como descrevê-los, por exemplo, cada um deles...

342. I.Z: Assim, o meu irmão, tipo assim... não físico, né? Também físico?

343. E.M: Isso, é mais o emocional né.

344. I.Z: É bem mais alto do que eu, gordo até, barrigudo (risos), moreno também. Ele é motorista de caminhão, trabalha com caminhão, mas não de caminhão de pegar estrada e fora; é caminhão pequeno, que ele faz mudanças, carreto, essas coisas. Ele tem um bar também, que é a minha cunhada, mulher dele, que fica nesse bar, e ela serve almoço, né. E... as três crianças, né – eu falo até quatro, porque tem até o menininho da empregada que fica junto com eles, né. E... e ele é o tipo de pessoa assim que, lógico, qualquer coisa eu posso contar com ele, né, ligar, pedir, pra ele fazer, essas coisas todas, né.

345. E.M: Sei. Uma pessoa prestativa, né.

346. I.Z: Isso, é assim.

347. E.M: E a sua irmã, como é que você...

348. E.M: A minha irmã é diferente de nós dois, ela é ruiva, bem sardenta, e tem os olhos um pouco mais claros que os nossos assim, um castanho bem mais claro, né. Ela também tem o gênio da minha mãe assim, ela pra chutar o pau da barraca é com ela mesma; qualquer coisa que ela não gosta, ela quer os assentos no lugar certo, né. Mas não deixa de ser também uma pessoa assim carente, né, e... em certos momentos, até meiga, né.

349. E.M: Entendi.

350. I.Z: Huhum.

351. E.M: Tá. É... e você comentou dos seus avós, né, parece que na outra entrevista também. Você teve avós tanto de pai e de mãe quanto de...

352. I.Z: Não, eu só conheci a minha avó da mãe da minha mãe. Os outros já eram todos falecidos, né.

353. E.M: É, né?

354. I.Z: Tanto é que dizem que a minha avó, mãe do meu pai, era assim tipo da minha filha. Que a minha filha é estatura média/ era muito baixinha, magrelinha, com vinte e quatro anos a gente dá dezesseis pra ela, né. Então eles falam que ela puxou a avó.

355. E.M: Entendi. E a avó, você tinha um relacionamento bom...

356. I.Z: Ah, ótimo. Minha avó ela dava/ era muito gostoso, o relacionamento dela. Ela veio a desencarnar quando eu tinha sete anos. E eu senti muito, lógico, a perda dela, né. Mas É avó mesmo, aquela de pegar no colo, né. Gostava demais dela (risos).

357. E.M: Tinha um relacionamento de carinho...

358. I.Z: Carinho.

359. E.M: ...com ela.

360. I.Z: Isso, de carinho, afeição mesmo, gostoso.

361. E.M: É... no caso, assim, o seu esposo, o seu marido, você/ fala um pouquinho de como você conheceu ele, como é que vocês ficaram juntos, e descrever um pouco o perfil dele e a relação de vocês dois.

362. I.Z: Então, o meu marido nós nos conhecemos no primeiro emprego que eu tive. Ele trabalhava numa sessão, eu na outra, então na hora do almoço a gente sempre se encontrava, ele já me esperava/ não ele só esperando, a turma toda, né. Nós íamos almoçar juntos, e voltava, e ficava nessa, de vir telefonemas de fim de semana, né. Até que um dia a irmã dele casou, ele me convidou pro casamento da irmã, e eu fui no casamento da irmã; e depois de um tempo, depois de uns dois meses, três meses, de que a irmã dele tinha casado, nós começamos a namorar. Aí nós namoramos/ eu comecei a namorar com ele em outubro – se eu não me engano – setembro, foi quando a irmã dele casou. E em março do ano seguinte, nós ficamos noivos na páscoa; aí foi só o tempo de comprar o necessário, (carro), procurar apartamento, o fogão, geladeira, essas coisas pra casa, e no outro ano, em março, também dia 26, nós casamos.

363. E.M: Ah, entendi.

364. I.Z: É... Aí o apartamento, né, nós mudamos pro apartamento, ficamos uma semana ainda morando na casa da minha sogra, porque tinha algumas coisinhas pra arrumar no apartamento, né. Aí depois nós fomos pra nossa casa – que não era bem nossa, era alugada – moramos cinco anos nesse apartamento alugado. Aí depois de dois anos de casados, veio a nossa filha, a [nome da filha]. E depois de cinco anos – que seriam seis mais ou menos de casados – que a menina tinha quatro anos, nós conseguimos a nossa casa própria. Aí foi morar em Guarulhos. Nessa época, eu trabalhava, era funcionária pública. Como eu mudei pra Guarulhos, o ordenado de funcionária era muito pouco, e longe – eu tinha nenê pequena – aí resolvi pedir exoneração.

365. E.M: Sei.

366. I.Z: Trabalhava aqui no horto florestal. Pedi exoneração e fui embora pra Guarulhos, né. O P. [*marido da entrevistada*] é uma pessoa assim demais também batalhadora; ele batalha demais, até hoje – tá com cinquenta e oito anos nas costas – agora que ele conseguiu o negócio dele, o trabalho dele, né, e há seis anos que ele tá nesse trabalho. E que é dele, que é ele que faz. E ele é muito responsável com a casa, responsável por mim, né, cuida de mim e da menina, né. A gente/ essa parte não pode negar. E é uma pessoa que, na maneira do possível ele tá presente, porque a firma também pede muito a presença dele, né.

367. E.M: Exige também.

368. I.Z: É, exige demais.

369. E.M: E a sua filha; fala um pouquinho dela.

370. I.Z: Ah, é (risos) maravilhosa. Cê vai perguntar pra uma mãe da filha, né? (risos).

371. E.M: (risos).

372. I.Z: Cê não quer que/ porque eu sou a mais coruja que existe na face da Terra. Nós temos uma afinidade imensa, enorme. Tanto é que eu tô sentindo já a ida dela pra ela [*I.Z. está se referindo a uma viagem da filha para o exterior*], mas eu incentivo, eu quero que ela progride, que quero que ela vá. Ela já foi o ano passado fazer o intercâmbio na Espanha, só que ficou um mês só, então cê não sente tanto, né. Agora ela vai ficar sete meses, é uma coisa mais puxadinha, né. Mas é ótima a nossa relação, adoro a minha filha, tenho certeza também que ela adora, e que se estiver acontecendo alguma coisa com ela, eu, onde eu estou, eu sei o que tá/ que alguma tá havendo com ela.

373. E.M: Cê sente isso?

374. I.Z: Sinto, que ela não tá legal, que ela tá triste. Principalmente quando entrou na escola; quando entrou na escola, nossa, foi um sufoco pra mim. Porque eu sabia que ela tava chorando, e quando eu ia buscar ela tava mesmo com os olhos inchados. Então é uma relação muito gostosa mesmo. Bom, pra mim, a maternidade é a melhor coisa que existe na face da Terra, que existe no mundo. Então eu sempre quis ter um filho. Quer dizer, não queria (só ter essa aí), queria ter vários, né, mas infelizmente foi a única que eu tive, e agradeço até hoje. Porque eu levanto a mão pro céu e agradeço: eu não tenho nenhuma preocupação com ela, desses negócios de namorico, de sair, de ficar fora, de cabular aula. Tanto é que com vinte e quatro anos ela tá terminando a segunda faculdade dela. Eu não tenho nenhum tipo desse problema com ela, graças a Deus.

375. E.M: Que bom.

376. I.Z: Foi uma benção. Além de uma gravidez que eu sempre quis, né, é uma benção que eu tive (risos).

377. E.M: Bacana (risos). É... na infância, você teve assim amiguinhos, é... tinha alguém que visitava a sua casa, alguma criança...

378. I.Z: Não. Era muito difícil quando a minha mãe deixava a gente ir na calçada – a gente dizia “a calçada”, na época – brincar com os vizinhos ou os vizinhos ir em casa; era muito difícil mesmo.

379. E.M: Entendi.

380. I.Z: Nossa, muito mesmo.

381. E.M: E na escola você tinha um relacionamento bom com as crianças?

382. I.Z: É, na escola era normal, só que é que aquele caso: eu não podia ir na casa deles, e também eles não vinham na minha casa, né. Só naquelas época já que a gente tá no ginásio, que tem grupo de/ trabalhos em grupos, né, aí foi diferente. Aí também a gente já saía, já começou a sair sozinho, essas coisas, né. Porque de pequeno mesmo assim... era difícil mesmo.

383. E.M: E você era aquela aluna assim CDF...

384. I.Z: Não.

385. E.M: ...na escola? (risos).

386. I.Z: Nunca fui. Quer dizer, os meus materiais é tudo em ordem, sabe, caderno, essas coisas. Mas eu nunca tive...

387. E.M: Organizada.

388. I.Z: É, sempre fui organizada, e sou ainda. Mas em matéria assim de estudo, de ser a primeira da classe, essas coisas, até hoje eu tenho muito dificuldade pra aprender. Um livro eu tenho que ler uma vez, duas, e de vez em quando dar uma olhada pra não esquecer o que tá ali. Até hoje eu tenho essa dificuldade. Pra estudar pra aqueles cursinhos que a gente fazia, de ginásio, pra colegial, alguma parecida – que eu até já esqueci os nomes já – nossa, que sufoco que era.

389. E.M: Ah, tipo pra vestibular...

390. I.Z. Isso.

391. E.M: ...essas coisas, né.

392. I.Z: Quando cê saía de uma escola pra ir pra outra, meu Deus do céu! Eu estudei/ eu fiz o ginásio no [*nome de uma escola*]; cê conhece, né? O [*nome da escola*], ele fica bem em frente à caixa d'água em [*bairro*], na [*rua*]. Ai, que sufoco que foi aquilo pra entrar; também, tirei a média que precisava. Incrível, sabe? Parece que quanto mais cê estuda, mais cê esquece as coisas (risos).

393. E.M: (risos). Mas o quê que era assim mais difícil pra você assim de memorizar, de... é... ou de prestar atenção; como é que era isso assim? Você tem como/ cê consegue...

394. I.Z: Ah, os dois, viu? Os dois, tanto de memorizar, quanto prestar atenção, porque se o assunto tá interessante ainda, a gente consegue prestar atenção. Eu lembro que História/ a professora de História, quando ela tava contando os casos, e isso e aquilo, aquilo me interessava, eu ainda conseguia captar alguma coisa. Mas quando já era a parte de Matemática, Física, Química, aquilo já ia embrulhando tudo, ia montando, ai. Aí eu fugia até o pensamento, saía até da sala, porque não conseguia captar nada daquilo. Era um bicho de sete cabeças pra mim.

395. E.M: Mas, assim, por exemplo, na sua casa tinha brigas entre os seus pais? Você acha, por exemplo, que esse conflito afetava de alguma maneira...

396. I.Z: Ah, sempre afeta, né. Eu acredito que sempre afeta, e discussões sempre teve, né, por causa de ciúmes. Então/ mas também será que só isso também ia bloquear tanto assim? Eu acho que/ sei lá o quê que podia ser, né. Dislexemia/ dislexia, né, ou sei lá eu o quê, não sei o quê que poderia ter feito, né.

397. E.M: Sei. Mas é... pelo que você fala, era mais mesmo uma coisa de atenção, de...

398. I.Z: É, de atenção, de não prestar tanta atenção, né.

399. E.M: ... de não conseguir manter ali o foco. E quando você desviava a atenção, no quê que você pensava, por exemplo? Quais eram as coisas...

400. I.Z: Ai, eu queria ficar assim num lugar onde não tivesse ela falando daquelas matérias que eu não gostava (risos). Qualquer coisa, sabe? Menos/ sei lá, qualquer coisa, menos tá ouvindo aquilo ali. Aquilo pra mim me sufocava.

401. E.M: Era uma sensação muito ruim...

402. I.Z: Ah, era ruim.

403. E.M: De angústia mesmo.

404. I.Z: De ficar perdida mesmo, sabe? Até hoje, quando fala em Matemática, essas coisas, me dá uma repulsa (risos).
405. E.M: (risos). Tá. Você, no caso, é... você comentou daquelas aulas de piano que você teve, né. Você ia pra uma escolhinha fazer essas aulas de piano, né?
406. I.Z: Isso, uma professora particular, né. Já nem lembro mais.
407. E.M: Cê tinha um relacionamento bom com ela? Como é que era?
408. I.Z: Essa professora? Ah, era um relacionamento acho que de sempre. Chegava, cumprimentava, tomava aula, né. Ela corrigia o que tava errado, o que não estava. E no término também, despedia, vinha embora. Não tinha assim/ num conversava uns assuntos diferentes – que eu lembre – sem ser o da aula.
409. E.M: Entendi.
410. I.Z: Não lembro disso. E tanto a música também, eu nunca consegui tocar uma música sem olhar na partitura. Não conseguia decorar também. Tocava muito bem olhando a partitura; cê tiver uma partitura, pronto.
411. E.M: Aí cê num...
412. I.Z: Não conseguia.
413. E.M: Entendi. E isso também te angustiava, estudar o piano, também te trazia como na escola, ou não? Ou era uma coisa mais...
414. I.Z: Não, gostava.
415. E.M: Era mais gostoso?
416. I.Z: Era mais gostoso sim.
417. E.M: Ah tá. Te dava mais prazer?
418. I.Z: Isso.
419. E.M: Mesma coisa o desenho?
420. I.Z: Não, o desenho dava mais ainda do que o piano.
421. E.M: Entendi. Tá. É... e assim, pra finalizar – que era pouquinho coisa mesmo, né – é... na época que você veio aqui pro Ismael, você/ até comentei/ você comentou que você não veio assim pela dor, que muitos médiuns vêm pela dor...
422. I.Z: É, vêm carregados.
423. E.M: Né? Cheios de problemas, de coisas, e aí... vem no cento buscar essa ajuda. Mas assim é... eu queria que você explicasse melhor assim o motivo mesmo que levou você a vir, e se, mesmo não tendo uma dificuldade grande, teve alguma dificuldade, alguma coisa que impeliu você a buscar, ou não?
424. I.Z: Então, a minha filha estudava no educandário São Paulo da Cruz, e lá tinha uma mãe – como são várias mães que tem lá, que freqüentam a casa. Mas tinha uma que chegava no mesmo horário que eu chegava e a gente ficava conversando na porta da escola, e até que chegou nesses assuntos, não sei como, de religião, e essas coisas todas, e ela comentou que ela freqüentava a casa, que aqui tinha estudos. Aí eu me interessei por causa do estudo; eu falei assim: eu nunca vi um centro espírita dar estudo, né? Porque pra mim, até aí, centro espírita era só de Umbanda. Aí foi quando ela me contou da casa, começou falar, falar em Kardec, e os estudos que tinha, que tinha de primeiro a quarto ano, depois tinha curso disso, curso daquilo, (aí eu falei assim): oba, é então que eu quero ver isso daí, me interessei, né. Aí, nessa época, minha filha estudava à tarde – e as aulas aqui eram à tarde e à noite – e eu morava em Guarulhos; eu falei assim: olha, à noite, nem pensar. Ainda à tarde, a menina na escola, eu posso vir. Mas mesmo assim eu fiquei com medo de deixar a menina na escola e vir, porque, vamos supor, é semana do não sei o quê, não tem aula. Aí quando eu pego

alguma coisa pra fazer, eu não gosto de faltar. Então se eu pegar as aulas aqui, eu quero vir direto. E aí não podia vir de semana de prova, as crianças saíam a semana toda mais cedo, então não... preferi não pegar, né. Aí quando a minha filha começou a estudar de manhã, aí eu pegava ela da escola, levava pra casa, dava o almoço, ela ficava em casa e eu vinha. Ao foi onde eu comecei fazer o curso. Tanto é que a casa aqui até pede, pra quando você vir fazer o curso, passar por uma entrevista antes, você fazer uma inscrição, né, e eu não fiz nada disso, também de medo. Eu falei assim: eu vou fazer inscrição, vou passar pela entrevista, e depois não vou poder seguir as aulas, então não vou fazer. Aí calhou que quando eu vim, era o primeiro dia de aula. Era numa sexta. Aí a pessoa que me atendeu, eu expliquei o caso pra ela, ela falou assim: “não, cê pode fazer sim a entrevista. Vaga tem, quer aproveitar?”. Foi onde eu fiquei. Aí num parei até hoje. Eu entrei aqui em 87... 97!

425. E.M: 97, cê entrou?

426. I.Z: 97. Huhum. Doze anos, né, que eu estou aqui.

427. E.M: Faz tempo né.

428. I.Z: Isso. E... então foi essa a demora.

429. E.M: Tá.

430. I.Z: A demora/ quando a menina me falou das aulas, eu me interessei. Gostei. Falei: quero ir pra ver.

431. E.M: Foi um interesse que surgiu mesmo.

432. I.Z: Isso. Aí quando eu vim, que vi aqui a aula, essas coisas, eu me interessei mais ainda, gostei, foi quando comecei, continuei a fazer o curso, né. Aí terminou, eu fui logo perguntar pra uma das dirigentes do segundo ano se eu podia ficar auxiliando, alguma coisa parecida, ela falou que podia, e estou com ela até hoje.

433. E.M: Legal (risos).

434. I.Z: (risos). E aí depois você vai tendo conhecimento de outros estudos que a casa tem, aí já passei na entrevista, já comecei a fazer tratamento, aí foi indo, foi indo, né.

435. E.M: Cê passou em praticamente tudo que tem aqui na casa, ou não?

436. I.Z: À noite não. Assim, o/ que eu já venho na quarta-feira à noite, que não quero abusar da boa vontade do meu marido, né? (risos). Então cê fala pra ele: segunda eu tenho que ir, terça e quarta, então já não dá. Que eu já fico terça-feira à noite na Federação, e quarta aqui, eu acho que já tá bom, né. Mas eu tenho muito vontade de fazer o curso de entrevistador, que é na terça à noite. Eu ainda não fiz porque de terça eu estou na Federação. Tem o curso de samaritanos, que é onde elas estão [*I.Z. está se referindo a algumas vozes femininas, em outra sala, mas as quais são ouvidas de onde a entrevista está sendo feita*], que não trabalho nele porque elas saem muito. E onde precisa mais, é na parte da noite, pra fazer visita nas casas da turma e hospital.

437. E.M: Ah, tá.

438. I.Z: Então, também não vou.

439. E.M: Já seria mais difícil.

440. I.Z: Mais difícil, né. E... e o outro curso que tem de quinta-feira à noite eu nem sei. Tem “Introdução do Evangelho”, que eu sempre quis fazer, ainda não tive oportunidade. Mas ainda vou fazer. Nem aqui, nem na Federação eu tive a oportunidade de fazer, por causa de horário.

441. E.M: Ah tá.

442. I.Z: Agora, eu abracei esses dois trabalhos, né, ter aqui na casa e um lá na Federação, eu quero ficar quieta...

443. E.M: (risos).

444. I.Z: ...né, um tempinho, aí a próxima oportunidade, eu faço de entrevistador e esse “Introdução ao Evangelho”.

445. E.M: Entendi. E tem alguma outra coisa assim que você gostaria de falar do trabalho na Federação, como você se sente lá?

446. I.Z: Olha, na Federação é bem melhor, eu gosto mais do trabalho de lá. Eu me sinto mais segura. Não é que aqui seja inseguro, não é isso. É que lá eu vou pra simplesmente pintar. Então a minha responsabilidade é lá com a tela e com o pincel. O horário lá das 18:00 às 20:00. E aqui, eu não pinto. Eu não pinto porque, porque eu estou na frente da classe, eu estou dirigindo uma sala; então eu tenho que me preocupar com lições pra dar pra eles; na hora que eles estão pintando, ficar observando se um sente mal, ou isso ou aquilo, o que tá acontecendo em volta, pra depois ficar sabendo o que tá acontecendo com eles, e eu sou a responsável naquele período com eles, né. Então, por isso que a Federação eu digo que é uma descarga, meu porto seguro, porque eu vou lá pra me soltar, pra me doar, e aí aqui eu me dão também, mas com responsabilidade.

447. E.M: Entendi. Tem esse peso, né, vamos dizer assim...

448. I.Z: É, esse peso, que eu tenho que vir pra cá preparada com uma lição pra dar pra eles, e preparada também com o sustento da sala, enquanto eles tão trabalhando.

449. E.M: Lógico.

450. I.Z: E lá não, lá eu vou, numa boa... é lógico que eu faço o meu preparo antes, tanto aqui quanto lá né, mas lá eu vou livre pra pintar. Tem a pessoa que tá lá pra dirigir, pra fazer isso, fazer aquilo, ver quem falta, quem não falta, o problema de cada um, então lá é o meu porto seguro. Mas eu adoro o serviço que eu faço aqui, eu gosto dessas coisas assim de dar essa aula, de tá em contato com eles, de falar sobre os pintores, sobre desenhos, sobre os materiais que a gente usa, eu gosto dessa...

451. E.M: Dessa parte.

452. I.Z: ...dessa parte. Só que eu também tenho a necessidade de pegar e expor, de/ na pintura, no desenho, nas cores...

453. E.M: De expressar isso.

454. I.Z: De expressar isso, né. Então, os dois pra mim tem que ser feito.

455. E.M: Entendi. Aí num você cumpre essa tarefa de orientação, etc. e no outro você se solta um pouco mais.

456. I.Z: Isso, exatamente.

457. E.M: Tá, entendi. Tá bom, é isso. Obrigado viu.

458. I.Z: (risos). Nada.

_____ /// _____

M.J., 48 anos, costureira.

DATA DA ENTREVISTA (22/05/2009)

1.E.M: Então assim, fica sossegada, pode falar o que você quiser... mas assim, a idéia, basicamente, é que você conte um pouco da sua história. Fale assim de quem você é, como é que foi a sua vida... pode começar da onde você quiser, tá? E... e depois que você contar da sua vida, da sua história, falar um pouco de quem você é, falar um pouco também de como foi esse caminho de conhecer a doutrina espírita, ou se isso já começou desde cedo, enfim... da forma como você quiser, tá?

2. M.J: Tá. Assim, eu sempre lembro de mim vendo coisas, vendo pessoas, né. Então isso começou muito cedo, teve uma época que eu via bicho, e aí eu sempre fiquei muito doente por conta disso e... um levava pra benzer, outro levava pro hospital, o outro levava pro hospício, e assim cê vai indo. Já quiseram me internar por loucura... aí meu Pai me levou num centro de umbanda, só que eu sempre tive muito medo, porque eu chegava lá e eu via as coisas, então isso me dava muito medo né, aqueles batuque, aquelas rotação lá, eu não conseguia entender muito bem pra quê que era. Aí a gente foi indo, foi, passou quase toda adolescência assim depois eu casei e ainda continuava vendo as coisas ainda. Não conhecia a doutrina, não sabia que tinha um outro lado da coisa. Aí minha irmã começou a freqüentar aqui, ela fez os quatro anos de estudo, tal e eu sempre vendo as coisas só que ela sempre também me criticando né. Que eu era macumbeira (risos), que eu era bruxa, essas coisas assim né. Por que você fala assim: ah! eu to vendo uma pessoa do seu lado, aí a pessoa fala assim: “ann! credo!” né, se assusta. Mas às vezes não é uma pessoa ruim, às vezes é uma pessoa boa, nem tudo é ruim na vida, né? Aí a minha filha começou a ter sonhos assim muito ruins e ela acordava embaixo da cama, gritando, que alguém queria levar ela, que alguém queria levar ela, e eu fiquei preocupada (com) aquilo porque nessas noites eu não conseguia acordar. Quem acordava era meu marido, ele que ia lá socorrê-la, tal, depois que acabava tudo, é que eu acordava e ficava sabendo o quê que tinha acontecido. Aí eu conversei com a minha irmã, aí, minha irmã falou assim: “vamo leva ela lá no [*Centro Espírita*] Ismael, que faz um benzimento”, nem me lembro qual foi a palavra que ela usou lá. E foi assim, eu trouxe ela pra ela fazer um tratamento. Só que quando chegou aqui eu comecei a ver as pessoas né, e eu comecei a falar porque você não sabe das coisas então cê vai falando né; cê quer saber isso, cê quer saber aquilo, tal, e eu falava assim: você falou de uma mulher assim, assim, assim? Aí ela [*pessoa do centro*] falava assim/ ninguém me respondia também né: “não, cê tem que (ir pra escola), cê tem que ir pra escola [*mediúnica*]”. Aí minha filha começou a fazer tratamento e eu comecei a ir na escola; aí que eu fui saber o quê que era, que eu fui perdendo mais o medo, que eu via e saia correndo né, e... aí já falava com eles [*espíritos*], entendeu? Aí, to aqui até hoje.

3. E.M: Essas experiências a sua filha também tinha? As experiências de mediunidade?

4. M.J: Eu acredito que sim. Tanto é que quando ela começou a fazer assistência aqui na casa ela melhorou. Já não acordava gritando, já não né...

5. E.M: Sei.

6. M.J: ...não acontecia mais dela tá embaixo da cama, nem/ que ela falava muito que tinha uma mulher que queria levá-la.

7. E.M: Sei.

8. M.J: Mas ela era pequena. Ela tinha o quê? Ela tinha uns dez anos/ sete/ uns dez, nove... por aí.

9. E.M: É, né? Tá. E essa época que você veio pro Centro, foi mais ou menos que ano?

10. M.J: Em 2000.

11. E.M: 2000, né.?

12. M.J: È.

13. E.M: Tá. As experiências mesmo você tem desde criança?

14. M.J: É.

15. E.M: E era mais o quê assim? Eram visões, é... como é que era, assim? Ou/ você é mais médium do que?
16. M.J: Eu vejo, e dou/ é... passividade, psicofonia na verdade né. Aí depois, eu fui estudando, fui estudando, aí eu tenho um pouco de psicometria, que é aquilo de você pegar os objetos, né, e você ver o quê que aconteceu com... você sente o quê que aconteceu com a pessoa que tava usando aquilo.
17. E.M: Sei.
18. M.J: E eu achei isso muito interessante na época, tal, né. E agora que eu comecei a estudar com o grupo de quarta-feira da aula, pra mim tá podendo psicografar alguma coisa. Porque no trabalho que a gente faz na casa de Davi [*instituição de caridade*] às vezes precisa de alguém que escreva, né.
19. E.M: Sei.
20. M.J: E às vezes falta médiuns de psicografia. Então comecei a estudar. Eu fiz o ano passado todo. Esse ano ainda não deu pra mim retornar ainda por conta de trabalho, né. E aí que eu comecei a psicografar alguma coisa. Então é assim, eu venho pro trabalho/ eu comecei assim, vindo pro trabalho pra ver o ambiente, o quê que tava se passando no ambiente e relatando aquilo pro papel pra que o dirigente visse e ou pra ter uma idéia do que acontecia no trabalho, né. Porque ele mesmo não vê. O meu dirigente, mesmo, não vê, né.
21. E.M: Sei.
22. M.J: Então aí, a partir daí e a partir do estudo que eu fiz o ano passado, eu comecei a psicografar; ainda não é assim umas grandes psicografias, mais dá pra quebrar o galho (risos). Porque na verdade, o meu é falar mesmo né, o meu é de falar e de ver, eu sempre vi muito as coisas, pessoas; vejo bichos na rua, vejo gente, gente dentro da casa de pessoas vivas, gente dentro da minha casa, é assim.
23. E.M: Todo dia, cotidianamente, você tem essas/ essas visões dos espíritos e tudo mais?
24. M.J: Vejo. Às vezes não vejo. Não sei por que, mas a maioria das vezes eu vejo.
25. E.M: Entendi.
26. M.J: Parei um pouco mais de ver coisa na rua depois que eu comecei a estudar, né. Mas porque antes era assim tipo de descer do ônibus e achar que tem alguém atrás de você e sair correndo, e a pessoa correr atrás de você, porque não tá vivo, né. Então ele sai correndo atrás de você, porque o que ele quer é uma ajuda, ou sei lá o quê. É assim.
27. E.M: Entendi. Então quando você começou a vir para o centro, vamos dizer assim, você começou a controlar mais isso? Seria isso mais ou menos?
28. M.J: Sim. Porque a gente se equilibra na verdade né. A gente/ aí/ porque é assim, você tem medo do desconhecido. Porque as coisas que eu não sabia, que eu queria as respostas, eu fui buscando e fui tendo: lendo, perguntando, conversando, lendo, porque aqui eles [*dirigentes*] falam pra gente assim, tem que ler, se você for perguntar alguma coisa pra alguém e ele não te responder, pergunta pra outra pessoa. E assim eu vou indo. Se eu tenho, vejo alguma coisa que me interessa sobre a minha mediunidade assim e eu sei que está em tal livro, eu vou buscar pra mim estar lendo, pra mim tá conhecendo. Eu também sou um pouco curiosa, né? (risos).
29. E.M: É (risos). Tá certo.
30. M.J: Assim, eu melhorei muito, graças a Deus. Hoje eu sou outra pessoa, outra pessoa mesmo.
31. E.M: E deixa eu te perguntar; você tem algum/ alguma entidade assim, espiritual, é... que é mais próxima de você? Normalmente usa-se o termo Mentor, né. É... existe alguma entidade que te acompanha mais vezes, é... que você já conhece mais, existe ou não?
32. M.J: Não. Pra mim assim, ver não; eu vejo, assim, nos outros; eu sei quem acompanha mais o...
33. E.M: Os outros.

34. M.J: É. Mas assim, o meu [mentor] mesmo, eu vejo assim, quando eu tô em sonho; eu sempre vejo uma pessoa. Às vezes é um homem às vezes é uma mulher, mas é assim, pra te falar, assim que jeito que ele tá agora aqui, eu não sei te dizer.

35. E.M: Entendi. Mas você sabe, por exemplo, dizer o tipo de relacionamento que essa pessoa tem com você, se é uma pessoa mais amistosa... ou como é que é a relação? Você consegue descrever isso ou não?

36. M.J: Com as entidades que chegam perto?

37. E.M: Isso.

38. M.J: Sim, consigo. Consigo saber se são doentes, se são pessoas de energias negativas, se são pessoas mais boas, consigo ver.

39. E.M: Certo.

40. M.J: Se são pessoas que tá debilitadas, né, é bem visível pra mim.

41. E.M: Entendi. Tá. É... deixa eu... [entrevistador confere as perguntas já feitas e aquelas a serem levantadas] Então na verdade assim, durante todo esse tempo até você começar a freqüentar aqui o Centro Ismael/ aqui foi o primeiro lugar que você freqüentou espírita, né, ou não?

42. M.J: Assim, assiduamente, foi. Já fui em outros lugares, tudo, mas assim... porque ia sempre em centros de Umbanda. E como eu falei, eu tenho muito medo, né. Então eu me afastava, eu mesma me afastava.

43. E.M: O seu pai era Umbandista?

44. M.J: Era

45. E.M: Ele já é falecido?

46. M.J: Já. Já, já foi.

47. E.M: Aí ele trabalhava como médium também, não?

48. M.J: Não, ele só freqüentava, ele era freqüentador só.

49. E.M: Ele levava porque queria te ajudar, alguma coisa assim?

50. M.J: Sim. Porque ele falava pra mim que isso era espiritual. E todo mundo tratava como doença. Entendeu? Aí ele falava: “não é doença”. Ele que brigava com a minha mãe pra me defender. Porque na minha casa todo mundo falava que, é... “eu não quero macumbeiro aqui”. Porque é uma formação católica, né. “Eu não quero macumbeiro aqui”. E eu falava: mãe, tem uma mulher na janela. E ela falava: “lá vem você com essas bruxarias suas”. Entendeu? [risos da entrevistada e do entrevistador]. É complicado.

51. E.M: Você teve uma educação religiosa católica?

52. M.J: Católica. De freqüentar missa todo o domingo, assim tipo coroinha mesmo, né. Fui batizada, fui crismada, fiz primeira comunhão... ia na procissão. Tudo isso a gente fazia.

53. E.M: Entendi. E desde criança então, isso?

54. M.J: Desde pequena.

55. E.M: E aí você ia para outras religiões, além da Umbanda ou não?

56. M.J: Teve uma época logo que eu casei, que eu tava muito... é... eu vou usar essa palavra, mas não sei se é bem isso: deprimida. Com as coisas que eu via; e tava me deixando assim bem pra baixo mesmo, né. Então a minha cunhada

como freqüentava a Igreja Universal nos aconselhou a ir lá, porque lá se não pudessem ajudar eles afastavam essas criaturas, tal, e... freqüentei durante o quê? Uns quatro meses, essa Igreja, a Universal né, mas por conta assim/ porque eu também não sou muito adepta aos evangélicos, não, né. Acho que Evangélico é um pouco exagerado pra coisa. Então eu fui lá, fiz um tratamento, melhorei bem. Não gostava daquela parte que o pastor chama todo mundo lá em cima e vai tirar o capeta, sabe? Eu sempre fugi disso porque eu acho que isso daí é... é espetáculo, e eu não tô pra ser espetáculo de ninguém, né. Então/ mas eu via o pessoal lá no corredor [*os espíritos*], eles iam comigo, ficavam lá, e eu falava pro meu marido: veio todo o mundo. E eles sentavam, ficavam lá no corredor olhando pra mim, e eu ia embora, não via mais. Então não vou dizer pra você que foi ruim. Mas não é a minha praia essa também, né. Por isso que eu não continuei.

57. E.M: Tá. Mas foi só a única que você foi além da Umbanda e do Catolicismo?

58. M.J: Foi, foi.

59. E.M: Tá. Como é que você descreve assim o impacto dessas experiências na sua vida assim. Como é que você... o quanto você acha que essas experiências afetaram na sua vida, assim? Foi muito, foi pouco? Qual a importância disso pra você?

60. M.J: Olha, eu não sei te dizer, porque é muito ruim as pessoas não entenderem o que você tá passando e te chamar de louca, né... macumbeira, uma série de coisas, que você não consegue definir. Isso é muito chato. Mas a partir do momento que eu comecei a entender, que eu comecei a vir, a freqüentar o Ismael, tudo, então eu já sei me defender disso, né. “Ah, você é bruxa”. Não, não sou bruxa, né. Aí eu já me defendo ante ao preconceito, ou seja lá o que for da pessoa.

61. E.M: Discriminação.

62. M.J: Discriminação. Exatamente. Então eu já sei me defender. “Ah! Você é macumbeira”. Não eu não sou macumbeira. Então eu já tenho uma resposta pra dar pra essa pessoa, tal. Então é assim: no princípio é difícil acho que não só pra mim, mas, todo mundo que é médium, que vê, que... acho que ver, acho que é difícil. Não é para qualquer pessoa que entende, que te orienta. Eu graças a Deus tenho um marido que sempre, compreendeu e que acreditava no que eu falava, entendeu? Se eu falava para ele: tem uma pessoa assim, assim, assim, aqui assim, assim, assim, ele falava: “então vamos rezar pra ver se essa pessoa sai”. Entendeu? Ele sempre foi por esse lado, pelo lado mais da paz. Mas não [*dizia*] “sai capeta!”, essas coisas assim.

63. E.M: Entendi.

64. M.J: E às vezes, eu acordo à noite falando com os espíritos, eu vou pros lugares onde eles estão. Então, você vê, ele tem a maior paciência do mundo. Ele me chama de volta, ele vai lá me buscar... ele reza pra mim voltar. Entendeu? Então isso é diferente, você ter um apoio e você poder sair daquele lugar com alguém te chamando. Porque você ainda não sabe sair. Entendeu? Agora eu já sei sair, se eu me vejo numa situação dessa eu já sei sair desses lugares; mas, se eu não consigo sair ele vai me buscar.

65. E.M: Entendi. Mas quando você fala de sair, é assim espiritualmente?

66. M.J: Isso, Isso.

67. E.M: Tá.

68. M.J: Isso. Porque às vezes eu vou pra uns lugares, que eu não te sei falar onde é.

69. E.M: Uma espécie de uma viagem espiritual, astral, vamos dizer assim, seria isso?

70. M.J: Astral? (risos). Não, não, astral não. Eu penso que eu vou pra algum lugar trabalhar... é a trabalho que eu vou, por isso que toda a noite quando eu vou dormir eu peço pro meu Mentor que ele me acompanhe, não largue da minha mão né; se eu sentir medo, vou saber que ele está do meu lado. Porque eu acordo gritando, ainda né (risos) É assim. Agora, como afetou, assim te dizer eu não sei não.

71. E.M: Por exemplo, na maneira de você se ver como pessoa, você acha que teve uma influência? Assim na maneira como você se vê, ou mesmo na maneira das pessoas te verem né. Você acha que teve uma influência assim dessas experiências, assim na mediunidade, etc.?

72. M.J: Tem. Tem. Bastante, né. Tem.

73. E.M: Como é que você descreveria isso, assim?

74. M.J: Não sei te descrever, não sei te descrever.

75. E.M: Das pessoas em geral, quando você fala que você sofreu essa discriminação era mais de quem, da família, é... de amigos, como é que era isso assim?

76. M.J: Mais da família né, porque com isso você vai se afastando né, então eu sempre tive poucos amigos por conta de... disso, então você vai se afastando, meus amigos ficaram restritos. Agora é que eu tenho mais amigos porque agora encontrei gente que é igual eu, então um entende o que o outro fala tal, porque se você vai conversar com a pessoa que é um evangélico, por exemplo, ele não vai te entender né. Você pode até ter amizade, mas a hora que você fala qual a sua religião, ele já vai te dar um jeitinho de você não ser mais amigo dele, né (risos). Infelizmente, mas, pra mim a opção dele é dele, agora se ele não aceita a minha eu não posso fazer nada, né.

77. E.M: É. A sua mãe era contrária ao espiritismo, ou não?

78. M.J: Ainda é.

79. E.M: Ela ainda é viva?

80. M.J: Ainda é.

81. E.M: Encarnada, né.

82. M.J: Isso, ela ainda é. Tanto é que quando ela está na minha casa se eu vou fazer evangelho no lar, ela sai... da onde nós [*marido e filhos*] estamos fazendo. O quê que nós estamos fazendo? Estamos lendo o evangelho e rezando o Pai Nosso, que é o que a gente reza, mas mesmo assim ela não fica perto da gente; acho que ela tem medo de... né, sei lá, deixa ela.

83. E.M: Tá. No quê que você acha assim que a doutrina espírita te ajudou em relação à sua mediunidade? O que você acha que a doutrina espírita, e o Centro Espírita Ismael, né, trouxe assim de ajuda pra você nesse sentido?

84. M.J: Muita; me trouxe equilíbrio, me trouxe... saber assim, que eu tenho que lidar com isso e saber como lidar com isso... você tem uma outra visão da coisa quando você entra. Quando eu entrei pro Ismael, eu era uma outra pessoa; se você conversasse comigo você não ia/ acho que você não ficava meia hora conversando comigo, entendeu?. E agora não, agora eu sou diferente, eu sou uma pessoa equilibrada, eu sou uma pessoa madura, sou uma pessoa... que sei o que quer, sei ver as coisas e sei me conter, entendeu? Eu acho que foi bom pra mim, foi muito bom.

85. E.M: Quando você fala assim que... é... eu não conseguiria ficar conversando com você, era mais por conta do que? Porque que não...

86. M.J: Ah! Eu acho que eu era muito chata, né (risos da médium e do entrevistador). Não é fácil você conversar com uma pessoa chata né, eu acho que eu era muito chata. Ah! Sei lá, não era... eu me vejo muito diferente agora, entendeu?

87. E.M: Chata em que sentido assim, você... o quê que você descreve como chata?

88. M.J: Porque se eu tava te falando uma coisa, eu queria que você acreditasse em mim, então se você não acreditasse em mim eu brigava com você, entendeu? Se eu falasse pra você – porque eu falava mesmo, hoje em dia eu já sei que eu não posso falar, né – olha, tem uma pessoa ali. Aí você ia falar: “imagina, não tem não”, eu ia falar, tentar provar pra você por A + B que ela estava ali; eu te descreveria ela como ela está, entendeu? E isso se torna chato, né, não é? [*risos da entrevistada e do entrevistador*].

89. E.M: Tá. Deixa eu ver. Assim, dessas experiências que você falou de... das pessoas te discriminarem, pensarem que você é louca, essas coisas assim, né. Teve alguma que marcou mais você que foi alguma coisa que te fizeram que te deixou muito chateada, teve alguma coisa assim, não?

90. M.J: Não... não.

91. E.M: Não chegou a ter um caso assim, muito...

92. M.J: Não, não.

93. E.M: Mas você, por exemplo, por influência das pessoas chegou a frequentar algum psicólogo, ou psiquiatra, por alguma coisa desse tipo, ou não?

94. M.J: Foi/ Minha mãe me levava num hospital psiquiátrico porque eu era menor de idade ainda né, então ela me levava e você tem que ir porque/ depois que eu fiquei de maior eu falava que eu não ia e não ia mesmo. Então enquanto cê era pequena ela me levava num hospital psiquiátrico aí chegava lá conversava com os psiquiatras tudo e... até uma vez que ele quis me internar. Falei: não, eu não vou ficar aqui, eu não sou louca! Aí ele [psiquiatra] pegou e falou pra mim assim, que eu tinha que ficar que a minha mãe não estava me achando bem. Eu falei: ela pode não estar achando, mas eu estou bem e eu não vou ficar aqui. E eu fiquei com medo deles me amarrarem, essas coisas que diziam que faziam né, não sei se é verdade. E eu olhei pra ela e eu pedi pelo amor de Deus pra ela não me deixar lá. Porque não deve ser bom ficar lá né, ainda mais a gente sendo bom, né. Eu tinha muito medo, que as pessoas falavam que levavam choque, essas coisas assim, a gente não sabe até quanto tem de verdade e quanto tem de mentira. Mas, eu sempre tinha medo. Eu tinha medo de sofrer maus tratos... por... por conta disso.

95. E.M: Mas ela chegou a ter levar muitas vezes, ou isso foi só por umas vezes, só?

96. M.J: Algumas vezes. Eu fiz um tratamento de uns dois, três, seis meses, mais ou menos. Depois eu falei que eu não queria mais tomar aqueles remédios também não, porque aqueles remédios faziam a gente dormir demais, né.

97. E.M: É, são fortes, né.

98. M.J: É, então me atrapalhavam no meu serviço.

99. E.M: Tá. Hoje você não faz mais nada desse tipo de tratamento? É só aqui no centro mesmo?

100.M.J: Só aqui.

101. E.M: Tá. *[O entrevistador revê as perguntas feitas e procede com as demais]*. E assim, você é médium inconsciente ou não? Você/ quando você está trabalhando você percebe tudo que tá acontecendo? Como é que é?

102.M.J: Eu, eu quando eu estou trabalhando é assim. Eu não estou ali, mas, eu estou. Não sei se você consegue entender. Eu vejo tudo o que tá se passando na sala, às vezes não é na sala, é num outro lugar, e eu sei quem é a pessoa [espírito] que veio, eu sei o que é que ela tem, qual é a dor que ela tá sentindo, qual é a emoção dela, mas eu não sei te dizer o quê que a pessoa falou. Entendeu? Aí quando termina o trabalho, aquelas dores que eu tenho, aquela... ou... tudo o que era da entidade, não tenho mais nada, porque não era meu né. Então eu saio assim tão bem quanto eu entrei. Então eu te digo que deve ser inconsciente.

103. E.M: Tá. E quando você, a psicofonia, por exemplo, você controla a sua voz ou não? Você sente que você não tem controle da sua voz na hora que você começa a falar?

104.M.J: Agora eu já controlo. Quando eu entrei, eu não controlava. Às vezes quando eu ia perceber, a pessoa tava falando: “não precisa gritar, não precisa gritar”. Então eu estava gritando, né.

105 E.M: Sei. Mas você não se dava conta disso?

106.M.J: Não, não. Muitas vezes quando eu estava na escola [mediúnica] que tinha aula prática, eu levantava e saía... então, quando eu ia ver, a pessoa tava me pegando na porta e me levando pra dentro da sala de novo; O porquê que eu saía eu não me lembro, ou porque era da entidade, ou era porque... não sei porque.

107. E.M: Entendi. Tá. Você já terminou todos os cursos agora?

108. M.J: Já.

109. E.M: Você já está aqui desde 2000, vai fazer então nove anos praticamente, vai fazer agora né, que cê já está aqui na casa. E você passou por todos esses cursos por todos esses processos aqui da casa, nesse tempo todo e... até você ter uma melhora demorou quanto tempo, assim, mais ou menos?

110. M.J: Na verdade eu vim melhorar agora que eu tô trabalhando, né. Porque quando você começa a estudar, você não tem domínio da sua mediunidade, você ainda tá lidando com o desconhecido. Então, até eu fiz os 4 anos, depois eu fiz o aprimoramento, fiz alguns cursos, um ou outro curso aqui e ali, que eu, eu... todo curso que é novo aqui eu procuro tá fazendo, aí eu fiz o aprimoramento, ainda dava trabalho no aprimoramento. Depois que eu sai do aprimoramento que a pessoa falou pra mim: “agora você tem que trabalhar, não dá mais pra esperar”, aí eu fui trabalhar, aí é aonde eu digo pra você, agora eu não dou mais trabalho. Posso dar trabalho assim, pro meu marido, de noite, que eu acordo falando, ou eu não deixo ele dormir, falando, entendeu. Mas, assim já sei me controlar agora, já sei, é... às vezes até segurar a passividade pra entidade não estar falando. Mas se eu vejo que eu não fiquei bem eu falo o que a pessoa tem que falar. Entendeu? Então eu posso te dizer assim: eu tô melhor agora.

111. E.M: Entendi. Tá.

112. M.J: (Risos).

113. E.M: Tá. É... e quando você tá trabalhando, você sente assim alguma coisa, é... sei lá, um bem estar/ como é que você se sente, assim, quando cê tá trabalhando assim como médium aqui no centro?

114. M.J: Ah, me sinto muito bem, não tenho... às vezes antes de vir eu tenho assim, no dia de vir às vezes é muito difícil o dia. Tenho muito mal estar, tenho muito... é... assim, às vezes passo até mal mesmo, mas eu não ligo que seja do dia de trabalho, entendeu? Pra mim é uma coisa minha mesmo. Aí eu venho trabalho, ainda falo, ah, hoje não estou bem pra trabalhar. Ah! Mas eu vou lá assim mesmo porque eles precisam de mim. E eu venho, e quando eu saio não lembro nem a metade/ não lembro nem o quê que eu tinha.

115.E.M: Acaba esquecendo, né?

116. M.J: Porque na verdade eu acho que eu nem tinha nada, né. Eu acho que é assim.

117. E.M: Mas é uma vontade de não vir, uma desistência, vamos dizer assim, de vir.

118. M.J: É, porque/ e a gente vê assim que não é nossa; é eles que fazem com que você não queira vir trabalhar. Mas você tem que passar por cima disso, né. Porque a sua proposta é o trabalho pra sua doação de amor, né. E eu gosto do que eu faço, o que eu faço eu faço com amor, eu me dedico muito ao que eu faço, entendeu? Eu procuro tá sempre estudando, eu procuro tá... pra poder dar o melhor de mim naquilo, me entrego totalmente pro trabalho. Tanto é que eu falo assim pro meu Mentor: eu estou nos seus braços, você me segura porque agora é você quem toma conta do trabalho. E aí flui.

119.E.M: Entendi. Assim, além de você tem mais algum parente espírita, não?

120. M.J: Então, agora essa minha irmã.

121. E.M: Que é espírita, também. Ela frequenta aqui, também?

122. M.J: Não, agora não mais, porque ela mudou pra campinas e ela trabalha lá num centro em campinas. E agora ela é médium também.

123. E.M: É, né? Ela tinha também essas experiências?

124. M.J: Não ela era freira.

125.E.M: Ah! Interessante.

126. M.J: [Risos]. Ela era freira, ela ficou num convento dez anos. Ela que mais criticava, por eu ser macumbeira, por eu ser isso, por eu ser aquilo, né. Que é... que era pra mim parar de falar, que não era pra mim ficar falando as coisas que eu via. E agora ela é médium.

127.E.M: Uh, interessante. Mas ela se ligou/ ela saiu do catolicismo por quê? Você sabe, não?

128. M.J: Sei. Mas é uma história muito longa, entendeu? Ai ela saiu e começou a buscar uma coisa, buscar outra; onde falavam pra ela ir ela ia. Frequentou muito um Centro de Umbanda que tem lá no jardim Brasil, não sei se ainda tem. Frequentou muito lá. Aí depois, não sei como ela achou aqui, aí aqui ela começou a estudar, porque a minha irmã sempre estudou muito... a religião né. E... ela estuda a bíblia... ela estuda/ ela conhece muito. Então, ela tem algumas coisas que ela queria saber por que, que ninguém respondia. Ai ela veio pra cá, não sei quem a trouxe. Ela veio e começou a entender um monte de coisas. E começou a estudar, e começou a ler, começou estudar, começou a ler e falou assim: “agora eu me achei”. Entendeu? Ai ficou tão fanática que ficou até chata, né. (risos). Mas passou já, agora ela tá trabalhando, tá bem.

129. E.M: É... assim você/ eu vou te fazer uma pergunta que eu costumo fazer pra todas as médiuns né, ou pra todos os médiuns que fazem a entrevista, né. Assim, hoje você tá aqui trabalhando na casa como médium né, vamos imaginar se por hipótese, só por um exercício assim de imaginação mesmo, que você largasse o Espiritismo, e não trabalhasse mais como médium; como é que você acha que a sua vida seria, se isso acontecesse? Vamos supor.

130. M.J: Na verdade assim, eu tenho até medo que isso aconteça e eu volte a ser o que eu era. Entendeu? Então eu ainda não pensei nisso. Eu penso assim: se eu mudar daqui e aqui não der pra eu vir mais, eu vou procurar um outro lugar que segue a mesma linha, porque eu acho que eu dependo disso pra minha sobrevivência. Porque eu tenho muito medo de ser o que eu era. Entendeu?

131.E.M: Entendi. Cê acha que, de repente, deixando a doutrina você não conseguiria mais se manter bem?

132. M.J: Eu acho que sim, talvez seja só um medo né, ou... que eu vou ficar bem, porque agora eu já conheço a coisa tal, mas, eu... eu penso assim, acho melhor não parar.

133. E.M: Entendi, tá. Na verdade assim, basicamente assim, as perguntas que eu tinha pra te fazer eu já fiz, né. Agora eu teria mais algumas perguntas pra te fazer sem relação necessariamente à mediunidade, mas à sua vida mesmo. Então eu queria assim, eu vou perguntar pra você sobre algumas pessoas que você convive, que você conhece, e vou pedir pra você contar como é que é a relação que você tem com essas pessoas, o relacionamento, pra você descrever essa pessoa, como é que ela é, como é que ela não é. Tá? Essa duas coisas. Como é que é o seu relacionamento com essa pessoa e várias pessoas. Então eu queria começar com a sua mãe né, como é que era o seu relacionamento com ela, e como é que você descreve a sua mãe, olhando hoje para o que ela foi, pra como era o relacionamento de vocês, como é que você descreveria ela?

134. M.J: Eu descreveria a minha mãe assim, uma pessoa com medo de enfrentar a realidade. Porque o que ela tinha com relação a mim era medo. Porque hoje em dia eu sento e converso com ela sobre as coisas que eu vejo, e ela questiona algumas coisas, ela quer saber. Entendeu? Não sei se é por conta da idade, ou se ela tem medo da morte. Ou... mas, ela pergunta: “você acha que quando a gente tá pra morrer a gente vê alguém?” Ela pergunta se o que eu vejo, se eu acho que é verdade. Então eu acho assim, que ela não conhece, mas, por isso é que ela me tratava daquele jeito. Na época eu tinha raiva dela, lógico, porque era minha mãe, e eu achava que ela tinha que me entender, que se eu fosse mãe dela eu ia fazer de tudo para ajudar, né. Agora, na época eu tinha raiva, tal, mas hoje em dia, eu vejo ela como uma pessoa medrosa, que tinha medo das coisas que eu falava, e buscava opções que não condiziam com a coisa. Hoje o meu relacionamento com ela é diferente é mais maduro, é mais adulto, né. Hoje ela já pergunta, eu já tenho respostas mais objetivas, assim.

135.E.M: Entendi. E no caso assim, ela é... o que ela costumava falava pra você assim? Além/ falava pra você não dizer aquilo, ficar quieta, como é que era? Ela te repreendia, chegou a te punir alguma vez por isso não, por essas visões?

136. M.J: Não. Ela falava que era mentira, que isso era coisa de gente louca, que se eu não parasse com isso, ela ia me bater.

137.E.M: Ela te ofendia?

138. M.J: É. Hoje eu vejo que era porque ela tinha medo, né. Porque... mas...

139.E.M: Temia e tinha receio.

140. M.J: Com certeza. Porque senão, ela não... É uma pessoa antiga também, né. Então as idéias/ eu quando a minha filha começou a ter isso eu tratei diferente, porque eu não queria que a minha filha passasse o que eu passei né. Então você busca ajuda, cê vai junto, não faz igual à minha mãe, critica. Porque eu também quando era pequena, eu lembro quando eu tinha cinco, uns cinco anos, eu também acordava em baixo da cama com medo gritando, entendeu? Só que eu chamava ela e, ela vinha, me catava, punhava em cima da cama e ia embora (risos). E eu tava/ eu não entendia como é que eu ia parar embaixo da cama. Até hoje eu não entendo. Mas... porque ela...é isso.

141.E.M: [tosse]. E o seu pai como é que você descreve ele, como é que ele era?

142. M.J: Meu pai já era mais compreensivo nessa parte. Tudo o que eu falava ele acreditava. Não sei se é porque ele já... hoje eu vejo assim, que ele já tinha um... um conhecimento. No espírito dele ele já conhecia alguma coisa. Porque eu falava pra ele e ele entendia o quê que eu falava. E uma vez ele me levou num centro lá na [nome do bairro]. E eu estava muito ruim naquele dia. Eu não estava conseguindo nem andar. E ele falou assim pra mim: “não vamos de carro não, vamos a pé, pra mim andar um pouco com você”. Falei: tudo bem. Aí nós fomos conversando, e tal, e brincando e fomos indo, fomos indo. Chegamos lá a mulher abriu a sessão pra mim, me atendeu. E tudo bem. Nós saímos de lá. Nós saímos de lá e a rua era assim e tinha uma viela, quando a gente ia entrando nessa viela pra sair nessa avenida aqui, veio um homem atrás dele com um punhal e deu uma punhalada aqui nele, e eu gritei; mas eu gritei tanto que até as pessoas das casas saíram na rua. E ele olhou pra mim apavorado. Porque eu vi o cara enfiando o punhal nele. Só que não era de verdade. Entendeu? E eu falava pra ele: ele vai te matar, ele vai te matar, ele vai te matar, e daí ele falava: “não, ninguém vai me matar”. E pegou... e com muita calma, muita paciência sabe? Veio, me acalmou, tal, me levou de volta pro Centro. Aí lá é que deu o trabalho né, que o trabalho se fez mesmo. Então ele sempre foi assim muito compreensivo comigo. Se eu falava: tá acontecendo isso e isso, ele falava, ele entendia, ele buscava me ajudar né, só que o buscar dele era Centro de Macumba, né. Por isso minha mãe brigava com ele, porque não queria que o marido dela fosse macumbeiro. Entendeu? E meu pai tava sempre tomando aqueles banhos, tava sempre fazendo os trabalhos dele, acendendo as velas dele, fazendo essas coisas que é o ritual deles, mesmo. E ele falava pra mim, fazer isso, que eu ia melhorar. E então ele sempre entendeu, ele sempre procurou me ajudar.

143. E.M: Entendi. E como é que você descreve ele como pessoa assim?

144. M.J: É que é complicado, [risos] aí é complicado. Meu pai era o meu ídolo né. Mas tinha tantos defeitos, tantos, que eu tinha tanta raiva dele às vezes. Mas eu não conseguia ficar com raiva dele. Sinto muita saudade dele, muita mesmo.

145. E.M: Ele se tornou espírita ou ficou sempre umbandista?

146. M.J: Sempre umbandista. Quando tava perto de morrer, ele começou a freqüentar aqui. Mas ele já tava muito ruim, muito ruim, num...

147. E.M: Tá. O seu pai e a sua mãe brigavam muito, tinha bastante conflito, mesmo de ciúme ou qualquer coisa assim?

148. M.J: Sempre brigaram muito, desde quando a gente veio pra São Paulo eles sempre brigaram muito.

149. E.M: É né? E era mais porque?

150. M.J: Diz a minha mãe que ele tinha outras mulheres. Não sei te dizer, assim. Porque ele sempre negou. Mas ela sempre jurou que ele tinha outras mulheres. Então... eu falava pra ele e ele falava que não. Era complicado ali.

151. E.M: É? E com os seus/ você tem só uma irmã, ou você tem mais irmãos?

152. M.J: Não, tenho duas irmãs e um irmão.

153. E.M: Ah Tá. E com os seus irmãos como é que era o relacionamento com eles?

154. M.J: Então, a minha irmã mais velha era assim. Ela não... a gente não batia muito bem não, porque ela era católica e não aceitava que eu me bandeasse pro lado do meu pai. Porque o meu pai era isso, porque o meu pai era aquilo. Por conta do... da umbanda. Porque o meu pai achava que tinha que se proteger, porque o meu pai trabalhava na rua, né. Então ele achava que tinha que se proteger. E se protegendo, ele fazia as coisas do centro. O meu irmão não aceitava esse tipo de coisa. Brigava com ele, aí brigava comigo... a gente se dá bem agora, na verdade, de uns dez anos pra cá, assim... A outra, a outra sempre foi mais meiga, mais/ muito amiga, a outra sempre foi/ mas casou e virou o oposto disso, porque o marido não quer que ela tenha amizade com a gente. Então a gente, pra evitar certos conflitos, eu com o meu marido, e ela com o marido dela. Então evito ir na casa dela, se ela me liga eu falo com ela, assim. Então a distância, depois que ela casou, ficou grande. E o meu irmão, é um aproveitador; se ele bate no portão, você pode ter certeza que ele não quer menos de 10,00 reais; então, quando ele aparece você fica imaginando quanto será que ele quer, porque fora isso ele não te dá um telefonema, não faz uma visita; se ele liga é a cobrar e pra pedir alguma coisa. Então eu não sei que tipo de relacionamento a gente pode ter com uma pessoa desse jeito né. Não sei se de raiva, se de pena, se de so-li-da-rie-da-de/ é isso, assim que fala, né? Ou se é... se você tem que passar por isso, mas aí eu brigo com os espíritos, que eu falo pra eles que eu não vou passar por isso; não nessa vida. Que eu já tô cansada já, né. Assim. Então o meu relacionamento mais mesmo é com a mais velha agora, só.

155. E.M: Cê tem filhos, não?

156. M.J: Tenho. Tenho dois, um casal.

157. E.M: E como é que eles são? Fala um pouquinho.

158. M.J: Maravilhosos, os dois. Eu sou uma pessoa muito agradecida a Deus por ter dois filhos educados. Sabem entrar e sabem sair. Sabe? Não têm vergonha da gente. O meu marido, cê viu que ele é bem mais velho né. Eles não têm vergonha de sair com a gente. Eles deixam de sair no fim de semana, mas se a gente vai ao shopping, eles vão juntos. Se vamos ao cinema eles vão juntos. Então a gente sempre faz assim passeios que dá para ir os quatro. Porque eles sabem que nós não vamos sozinhos, né. Então, se quer namorar, vai namorar depois que for pro quarto né. Porque enquanto tá com eles, é uma festa só. São muito amáveis. Muito carinhosos. Assim, todo mundo que eu conheço – não estou falando porque são meus filhos não – todo mundo que eu conheço não têm o que reclamar deles. Entendeu? São filhos assim bons mesmo. Não usam drogas, não fumam, não bebem.

159. E.M: Têm quantos anos os dois?

160. M.J: O menino tem 21 e a menina vai fazer 18. Tem 17 anos né.

161. E.M: E como é que/ fala um pouquinho assim como é que foi a sua infância. Como é que foi assim esse período? Teve alguma coisa assim importante que aconteceu nessa época, ou não?

162. M.J: Não, eu não me lembro.

163. E.M: Cê não consegue lembrar?

164. M.J: Não. Eu me lembro assim, disso que eu te falei que eu acordava embaixo da cama. Lembro que a gente morava no interior. Lembro que às vezes a gente saía e ia de charrete. E lembro quando a gente veio pra São Paulo. Aí aqui em São Paulo é... foi/ eu cheguei aqui eu tinha 6 anos. Aí comecei a ir pra Escola. Eu não gostava de ir para a Escola porque eu tinha muito medo. Eu sempre fui muito medrosa, né. Eu tinha medo daquela bagunça, daquela correria. Eu procurava evitar essas coisas das crianças. Então minhas amizades eram poucas porque eu tava sempre num canto. Aos oito anos eu sofri um acidente, que eu fiquei dois meses num hospital, e me afastei da escola. E de resto foi indo normal. Quando fiz 11 anos, eu tive que começar a trabalhar.

165. E.M: Você não chegou a terminar os estudos?

166. M.J: Não. Não porque é assim: meu pai era muito irresponsável né. Então pra gente não passar o vexame de ser despejado, então minha mãe colocou a gente pra trabalhar muito cedo. Eu e a irmã mais velha, que na época a outra tinha 7 anos né. Então eu e minha irmã e minha mãe teve que sair para trabalhar muito cedo. E naquela época, tudo era mais difícil né. Não tinha metrô, você tinha que ir daqui pro bom retiro com um ônibus só. Era então/ e pra gente estudar de noite, eu não conseguia levantar às cinco horas da manhã, ir dormir meia noite e meia por conta da escola. Então ela falou: “de trabalhar cê não vai parar. Porque cê não pode. Então cê larga os estudos”. Aí eu larguei. Então eu

não fiz o ginásio que agora, hoje em dia, eu já não sei mais como é que fala. Não, não fiz, não fiz. Eu tenho profissão, porque tenho eu... te falei sou muito curiosa, então eu não queria ganhar aquele salarinho lá, eu queria ganhar mais, eu achava que eu tinha capacidade pra aquilo e eu fui buscando, e fui aprendendo então hoje eu sou costureira, e não sou ajudante né. Porque ganhava um pouco melhor, e, na minha mãe tinha que ser assim; tinha que ganhar bem. Se não fosse pra ganhar bem, era vagabunda, era... né. Porque também ela precisava né, porque quando ela foi descobrir o meu pai tinha deixado de pagar o aluguel dois anos né. E o homem bateu na porta de casa e falou que só não ia pôr ela pra fora, porque ela tinha três meninas. Porque na época a gente era três meninas né. Aí ela... então cê vai buscar o seu sustento né. Ela como não tinha estudo foi ser empregada doméstica. E a gente o que achava, pegava.

167. E.M: Entendi.

168. M.J: Não é uma infância assim que se diga, nossa que infância né? [risos], mas, e o resto eu não me lembro.

169. E.M: Da adolescência, você não lembra assim alguma coisa?

170. M.J: Na adolescência a gente brigava muito. Eu e a minha mãe. Eu sempre fui muito briguenta, porque às vezes eu queria ir pro baile de noite, porque eu gostava de dançar, e ela não queria deixar. Então eu falava pra ela, então se eu não ia pro baile, eu não ia trabalhar segunda feira. Porque se tá chovendo pra mim ir pro baile, tá chovendo pra eu ir trabalhar também. Então na verdade eu era assim, muito mau criada, né. Aí por conta disso, haja chinelo né? Então eu apanhava muito [risos]. Eu apanhava muito, porque eu achava que se eu podia sair pra trabalhar às 5/6 horas da manhã, não me custava nada ela deixar eu ir pro baile no sábado, né? Porque era uma troca, né. Eu achava uma troca e ela não, ela achava um abuso (risos). Mas acho que faz parte da idade. E a minha adolescência toda foi assim. Eu brigando com a minha mãe porque eu queria sair e ela me batendo porque não era pra mim ficar tão tarde na rua né. Mas foi bom.

171. E.M: Foi nessa época que você conheceu o seu marido, ou não?

172. M.J: Foi. Eu conheci o meu marido quando eu tinha quatorze anos.

173. E.M: Você hoje tá com quantos anos, M.J?

174. M.J: Amanhã, eu faço 48.

175. E.M: Parabéns!

176. M.J: Obrigada (risos).

177. E.M: Ai, você conheceu ele com quatorze anos?

178. M.J: Com quatorze anos. Com dezoito anos a gente começou a namorar.

179. E.M: Quando você conheceu ele e vocês começaram a namorar, ele já sabia que você tinha as experiências de mediunidade, ou não?

180. M.J: Tinha. Porque eu via as pessoas atrás de mim, e eu falava assim: tem gente atrás de nós. Mas como ele foi de formação da Umbanda, que a mãe dele era da Umbanda, tinha Centro, era mãe de santo, e tudo, então acho que por isso que ele me compreendia.

181. E.M: Ah, entendi, ele já tinha uma formação.

182. M.J: É, entendeu? Então ele falava: “não, eles não vão chegar perto, eles não vão chegar perto”. Ele sempre teve muita paciência. E eu sempre sonhava e acordava gritando e ele sempre me protegendo, sempre me...

183. E.M: Auxiliando.

184. M.J: É.

185. E.M: Ele frequenta aqui também, ou ele frequenta outro local?

186. M.J: Não. Ele freqüenta aqui. Ele freqüenta aqui. Todos os dias que eu venho, ele também tem trabalho.
187. E.M: Ah, ele trabalha como médium também?
188. M.J: Trabalha. E agora o meu filho começou a estudar também, já tá no segundo ano. Então acho que a nossa formação familiar toda vai ser espírita. Eu espero que sim, né.
189. E.M: E o seu marido vem também para trabalhar. Ele é médium do que, no caso?
190. M.J: O meu marido é médium assim de sustentação, né.
191. E.M: Trabalha com passe, essas coisas, passista né?
192. M.J: É. Ele dá palestra... Ele... assim, enquanto você tá dando passividade, tem que ter alguém pra te sustentar. Pra rezar pra você e pra aquele que tá doutrinando o espírito né. E essa pessoa que nos sustenta é que segura o trabalho. Porque têm passividades que são muito difíceis, você se des/ des/ desgasta muito. E ele, no caso, é uma coisa assim importante no trabalho, entendeu? Porque sem o médium de sustentação, ele e muitos outros que tem nos trabalhos né, é uma peça chave do trabalho pra nós, eles que nos seguram.
193. E.M: Interessante né, e ele sempre fez isso com você, na verdade né.
194. M.J: É verdade, é.
195. E.M: E ele agora faz isso aqui no centro
196. M.J: É.
197. E.M: Bacana, legal, legal mesmo.
198. M.J: É.
199. E.M: Eu acho que... deixa eu ver se tem mais alguma coisa pra perguntar. É meio demorado mesmo. Você tá bem? Quer ir tomar uma água, alguma coisa assim?
200. M.J: Não. Não tudo bem, tudo bem.
201. E.M: Já tá acabando, viu?
202. M.J: Não, não se preocupa não. Eu não sei também se eu tô podendo ajudar muito né, mas...
203. E.M: Não, realmente tá ajudando bastante. Que é isso. É... Acho que agora a gente pode ir pras suas psicografias. Cê tem alguma coisa assim?
204. M.J: Vamos lá. Tá tudo no rascunho, porque têm coisas que tá no computador que eu passo, essas aqui são as coisas que eu faço na sala né. A *[psicografia]* de ontem mesmo não está aqui. Essa daqui foi de ontem, do trabalho de ontem à noite. Essa daqui, se não entender, se quiser que eu leia, eu leio pra você. *[M.J folheia as páginas de seu caderno]*. São um pouco extenso porque é do trabalho. E psicografia tem aqui, que é quando eu fazia as aulas né.
205. E.M: Sei. No caso você vai precisar desse material, aqui não? Cê precisa? Cê fica com isso?
206. M.J: Fico. Fico.
207. E.M: Porque seria interessante levar pra... sabe? Pro estudo, pra tirar uma Xerox, alguma coisa assim. Mas esse você costuma usar, fica com você né, pra dar uma lida, essas coisas.
208. M.J: Então eu passo prum caderno, eu passo pro computador, e os rascunhos mesmo, eu... eu.../ que nem, esse aqui foi do trabalho de ontem, então eu não passei a limpo, ainda/ não, *[na verdade]* foi da semana passada. Como eu tive muito serviço, não deu pra mim passar a limpo. Entendeu? Ai eu passo a limpo e deixo o rascunho de lado. Ou no

computador ou à mão mesmo, eu faço. E depois, eu jogo o rascunho fora. Agora esse daqui que foi do dia das mães né. Eu tenho só com a minha dirigente, é o original. Porque eu dou pra ela. Agora, se você quiser, eu posso passar para o caderno e depois agente vê um dia, ou eu te entrego pessoalmente, ou eu deixo com ela. Porque cê tá sempre em contato com ela.

209. E.M: Tá bom. Tô, tô sempre por aqui. Tudo bem.

210. M.J: Ou a gente vê um dia e eu passo pra você algumas.

211. E.M: Tá bom. Pode ser. Não tem problema não. Essa aqui foi do trabalho de ontem né?

212. M.J: Foi.

213. E.M: Vamos só dar uma lida nessa?

214. M.J: Vamos.

215. E.M: Você pode ler? Só pra...

216. M.J: Posso. Esse aqui [rascunho] foi uma psicografia, que foi um... não foi de ontem. Foi do trabalho da semana passada. Porque o trabalho de ontem foi de um Mentor que falou algumas coisas pro grupo, e eu dei pra ela, e ela disse que ia digitar pra depois passar pra todo o mundo.

217. E.M: Ah tá, tá bom.

218. M.J: Então esse daqui foi da semana passada.

219. E.M: Tá.

220. M.J: [A médium lê a psicografia]:

Hoje, tudo o que fiz... da minha pobre vida é motivo de arrependimento. Não quero mais sofrer com o meu passado. Quero ser livre como vejo as outras pessoas que são felizes, que riem que ficam alegres com a felicidade dos outros. Ao contrário de mim onde só prejudiquei e arruinei a vida de outras pessoas. Sofro muito com tudo isso e isso me causa chagas enormes. Cada vez que sinto a dor do arrependimento, se abre uma chaga.

Ai termina a psicografia. Então, ai depois eu comecei a falar da sala, o que eu tava vendo na sala. Então, hoje os assistidos, alguns suicidas. Esse trabalho a gente trabalha com vícios. Então por isso que você vai estranhar um pouco.

221. E.M: Tá. Não, tudo bem, tudo bem.

222. M.J: Então é com droga, bebida, sexo.

223. E.M: Ah, entendi.

224. M.J: Essas [doenças] que tem de comida que agora é moda também né?

225. E.M: Da bulimia, essas coisas né, tá.

226. M.J: Isso mesmo. [M.J prossegue lendo outra curta psicografia]:

Então hoje os assistidos, alguns suicidas, deles mesmos, se martirizam e se flagelam com suas dores. A dor maior é a dor do arrependimento e com isso eles ficam sempre se matando. Um grande salão onde a presença do plano maior é muito forte. Estão trabalhando com muito amor e carinho para receberem os irmãos que adentram a sala. Hoje muitos deles, além da dor da alma, estão muito machucados. Feridas abertas, com moscas. E alguns até cheiram mal por conta das feridas. Cansados pelo vício.

Aqui é outra psicografia:

Hoje mais uma vez visito este trabalho para aprender, ouvir tudo o que eu posso, não perder uma só palavra. Desde que aqui comecei a vir, estou me recuperando aos poucos. E aos poucos minha aparência também se refaz. Meus vícios eram muitos. Bebidas, cigarro, drogas, entre outras coisas que hoje me envergonho de dizer. Mas, desde que aqui comecei a vir, estou me tornando uma pessoa melhor. Ainda não consigo me olhar no espelho. Não consigo ainda me ver como uma pessoa que é um homem.

Aí depois a presença/ aí depois que terminou essa psicografia a gente faz um grupo assim [*movimenta os dedos e as mãos para representar o formato de um círculo*]. E... muitos trabalhadores não foi aquele dia. E a presença deles assim era tão invisível em cada cadeira, cada/ que todos eles vieram no trabalho daquela noite, e a roda ficou grande, grande, grande, grande. E foi assim muito bom, porque foi na hora das vibrações, entendeu? E foi muito bonito estarem todos lá. Eu acho que na hora que nos estávamos fazendo o trabalho, eles mentalizaram o trabalho por isso que estavam todos lá. E aí eu coloquei. A presença de trabalhadores que há muito não vem. Então tem trabalhadores que tem mais de dois meses que não vêm no trabalho. E eles estavam lá. Foi muito interessante. [*M.J quer dizer que estavam espiritualmente, que ela os via, embora não estivessem fisicamente lá*].

227. E.M: E esse trabalho, é um trabalho socorrista mesmo, pra esses espíritos assim?

228. M.J: É. Do vício, né. Ah, agora esses daqui é da aula de pintura, de quarta-feira, que eu fiz no ano passado.

229. E.M: Tá. Ah, Você chegou a fazer curso de pintura, também?

230. .M.J: Fiz.

231. E.M: Ah! Entendi. Mas cê só psicografava?

232. M.J: É. Eu pinteí uma ou duas coisas. Eu podia ter trazido os rascunhos, bom, eu não sabia que cê ia querer. Uma delas é [*M.J lê mais uma psicografia*]:

Estou muito cansado. Sinto a idade pesar nos ombros. Mas estou feliz de estar aqui. Trouxe flores para cada um. Um ramo de ervas para cada um na sua necessidade. Uma erva para cada dor. Não só a dor física, mas também, a dor da alma. E é essa que tem que ser curada. Essa que tem que ser tratada para não ficar seqüelas. Para que todos sorrissem e riam sem dores.

233. E.M: Bonito, né (risos).

234. M.J: É. (risos). É umas coisas assim, muito interessantes.

235. E.M: Legal. Esse trabalho de psicografia você faz há quando tempo aqui no centro?

236. M.J: Então, comecei o ano passado. O ano passado eu fiz todos com a I.Z.

237. E.M: Ah! Você passou com a I.Z. Então você conhece o trabalho dela.

238. M.J: Passei, passei conheço o trabalho dela... Você quer que eu leia mais uma?

239. E.M: Pode ficar à vontade. Se você quiser ler. Se tiver alguma que você ache mais interessante...

240. M.J: [*A médium prossegue com mais uma leitura*].

Aos amigos que aqui puderam estar na noite de hoje, que recebam o meu mais carinhoso abraço. Queridos amigos, às vezes o caminho é árduo, difícil e por vezes achamos que será impossível chegar aonde temos que ir. Desistir parece mais fácil, mas, vamos nos lembrar de algo que nos fortaleça, nos deixe mais fortes. Aumentar a nossa fé. Para que quando chegarmos lá na frente olharmos as nossas pegadas e ver que só há uma e tenhamos certeza de que não foram as nossas. Tenhamos fé e convicção de que foram as de Jesus nos carregando. Meus amigos, podem ter a certeza de que nunca, jamais estaremos sozinhos ao trilhar o nosso caminho. Tenhamos fé e não deixemos nos abalar. Fiquem na paz de Jesus.

241. E.M: Bacana né. Essa foi uma mensagem do Mentor?

242. M.J: É. É diferente, né.

243. E.M: É. É verdade. Tem outro né... bem mais calma, tranqüila né.

244. M.J: Isso, isso, até pra gente escrever a gente fica mais calmo, mais tranqüilo. Quando é uma mais assim...

245. E.M: Pesada.

246. M.J: ...que ai você já sente de outro jeito né. Você sente que é a pessoa mesmo. Teve um que ele se enforcou no final.

247: E.M: Nossa!

248: M.J: *[Leitura da psicografia de um enforcado]:*

Aqui estou novamente, não me sinto bem. Estou muito angustiado. Meu braço dói muito. Não consigo pegar a caneta, nem pincel nem papel. Quero que alguém me ajude. Preciso de ajuda. Meu rosto. Preciso de ajuda. Me ajude por favor.

Ele estava muito desesperado esse rapaz. E essas psicografias da aula de quarta-feira, são pessoas novas. É difícil ir uma pessoa de idade para passar psicografia.

249. E.M: Você diz os médiuns ou os espíritos?

250. M.J: Os espíritos. Os espíritos. Porque cada trabalho tem a sua característica, né. Que nem na Casa de David *[instituição de caridade]*, já são mais as crianças que são doentes né. Então já é uma outra característica de...

251. E.M: De mensagem né. Interessante, bacana.

252. M.J: As *[psicografias]* da Casa de David, eu não tenho nenhuma comigo, porque ficam todas com a dirigente, ela tá fazendo um livro. Então cada um tem o seu, seu aspecto. Cada um tem a sua necessidade. Cada um me cobra uma coisa né. É assim, eu gosto muito disso. Eu...

253. E.M: Entendi. Você se sente bem, mesmo?

254. M.J: Muito bem. Me sinto muito realizada com o que eu faço, porque é assim: eu sinto que eu ajudei alguém, entendeu? E essa satisfação de ter feito algo para alguém é muito boa.

255. E.M: Ajuda você também. Vamos dizer assim. É uma troca.

256. M.J: Isso, isso, isso. A gente dorme bem, trabalha bem. É, é interessante.

257. E.M: Eu queria finalizar com você M.J, fazendo duas perguntas né, é... primeiro assim, eu queria te perguntar uma coisa, isso também é uma pergunta que eu faço pra todos os médiuns, né. Em geral assim, é... pessoas que trabalham assim, médicos, psicólogos, esse pessoal em geral tem a visão de que o ser humano é só o corpo né, é só o cérebro, enfim. Já o Espiritismo tem essa visão mais do espírito mesmo né, complementando isso, vamos dizer assim. Então o quê que você acha dessa visão de que a gente é só o nosso corpo, o nosso cérebro? O quê que vem assim de emoções, de pensamentos, quando você pensa nessa concepção mais que é muitas vezes da medicina e de outras áreas assim?

258. M.J: Eu acho uma pena. Porque se vocês pudessem ver aquilo que a gente vê... principalmente os médicos Iriam tratar as pessoas com mais amor. Porque às vezes as pessoas estão doentes por falta de amor. Então eu acho uma pena. Porque se eu não visse eu também não acreditaria. Mas as coisas que eu vejo, as coisas que eu consigo perceber, as dores, as... eu falo pra você: creia, porque é real. O espírito é real. Então se você puder ajudar alguém pensando que aquele ser vai te recompensar futuramente, você pode ter certeza, que vai mesmo. Porque a gente só paga o bem com o bem.

259. E.M: É essa a mensagem?

260. M.J: É. Eu acho uma pena. Eu achava que todos os médicos, todos os psicólogos deveriam ver. Ver além do corpo.

261. E.M: Pra poder compreender e respeitar?

262. M.J: É. Porque não é só um corpo. Entendeu? Eu tenho muita dificuldade com a morte. Porque jogam aquela pessoa lá que te abraçou, que te sorriu, que... jogam a pessoa lá, como se aquilo lá não fosse mais nada. Não é mesmo mais nada, porque o espírito dela já não tá mais ali. Mas eu acho uma falta de respeito. Fazer tudo aquilo. Deixar lá, nu, né. Tudo isso. Então se pudesse ver que tem um espírito ali, que às vezes nem se despregou daquele corpo, tá passando por aquilo ainda... vergonha ou sofrendo ou não querendo estar ali. Então se ele [*o profissional*] pudesse ver, ele trataria melhor, e encaminharia melhor esse espírito.

263. E.M: Entendi. E que mensagem que você quer deixar assim pra... uma mensagem final que você gostaria de passar, é... vamos dizer assim em relação ao estudo, em relação a essa entrevista. O quê que você acha que isso pode contribuir? Qual a contribuição que pode ter? Quê que você gostaria de deixar assim como mensagem vamos dizer?

264. M.J: Aí agora eu não sei o que dizer. Eu não sei o que dizer... Não sei o que te dizer (risos).

265. E.M: Tá. O quê que você acha assim que... o que você espera né, que um estudo desse possa trazer de bom pros médiuns, pro espiritismo? É isso, basicamente assim. O que você acha?

267. M.J: Nunca é pra mesma pessoa o que é pra outras né. Porque o meu estudo eu vejo de um jeito. Pra você vai ser de outro jeito. Então assim, que a pessoa realmente entendesse a razão né. Porque você falar de religião é uma coisa. Agora você praticar aquela religião é outra coisa né. Porque às vezes ser espírita, só dentro da casa espírita, é fácil. Ser católico, só dentro da igreja, é fácil. Então que não só na doutrina, mas que cada um realmente pudesse praticar além do Templo.

268. E.M: Entendi. Levar isso pra sua vida de uma maneira geral.

269. M.J: É. Porque é muito fácil criticar o trânsito, sendo que você não tá contribuindo de maneira nenhuma. Muito fácil você criticar o vizinho né. Mas você também não tá fazendo a sua parte. Né? É isso.

270. E.M: Tá bom. Obrigado, viu?

271. M.J: [risos]. Não sei se eu te ajudei, mas...

272. E.M: Imagina...

_____ //

V., 41 anos, do lar.

Local da entrevista: residência da entrevistada

DATA DA ENTREVISTA (12/05/2009)

1. EM: Tá, então pode começar falando.

2. V: Assim, da minha infância, pouco eu lembro, porque eu tenho mania/ não é mania, eu tenho assim a facilidade de tá apagando da minha memória o que eu vivi lá atrás. Então são flashes assim. Tive uma infância assim (onde) o meu pai era um alcoólatra. Depois tem flashes assim dele que chegava bêbado em casa, e... mas também minha mãe trabalhava muito, minha mãe foi muito/ também teve então um histórico da minha mãe lá atrás, que foi abandonada pelos pais, tal. Então eles casaram, o meu pai conheceu a minha mãe numa clínica, casaram, e... passando esse teve dois/ eu e mais uma irmã e meu irmão. E... meu pai chegava bêbado em casa, e também não mexia com ninguém, deitava. Minha mãe que procurava encrenca, tal, e... depois, foi vivendo. Aí, meu pai parou de beber, começou meu irmão. E aí...

3. E.M: Você tem quantos irmãos?

4. V: Eu tenho um irmão, e uma irmã. Eu sou a mais nova...

5. E.M: Ah, entendi.

6. V: ...meu irmão é o mais velho, e minha irmã, do meio.

7. E.M: São três irmãos?

8. V: Somos em três. Aí/ e meu irmão, com 17 anos mais ou menos, meu pai parou de beber, meu irmão começou. Aí minha mãe sempre nessa luta de parar, meu pai/ é que na época, meu pai ficava muito internado em hospitais de recuperação, né. Aí começou meu irmão, aí foi indo, foi indo. Eu me dava muito bem com o meu irmão. Tanto que o meu irmão faleceu com 39 anos, e... por causa da bebida.

9. E.M: Já faz muito tempo, não?

10. V: Fazem cinco anos. E ele faleceu aqui na minha casa. Então fala-se que foi o presente de Deus, porque ele poderia ter falecido na rua e...

11. E.M: Sei.

12. V: E a gente se dava muito bem, só que não consegui assim/ eu amparava ele da minha forma, da minha maneira e... ia vivendo, se dava muito bem. Então, vira e mexe, ele aparecia aqui... na minha casa, eu auxiliava ele, tal; mas, infelizmente, é por conta/ morava na rua, muitas pneumonias, então... teve a vida dele que/ não adiantava a gente acolher. A gente acolhia um certo tempo, mas depois ele...

13. E.M: Acabava voltando pra isso.

14. V: Acabava voltando, então não dá. Não tinha como, era/ teve o livre-arbítrio dele, escolheu o caminho, né. Casei muito cedo, casei com 15 anos porque engravidei, e... assim, então um casamento sem muita experiência, e cê vai/ muitas turbulências, né (risos). Foi até por conta disso que eu fui procurar auxílio de/ sempre assim, procurando um auxílio de psicólogos, porque... acho que por conta de ser muito nova, sei lá. Não tinha um...

15. E.M: As coisas não/ maturidade, vai.

16. V: É, isso. Então, aí, é... ainda acabei conhecendo o Espiritismo, porque/ vou te contar (risos). Num programa de rádio, né, eu falei assim/ tava passando uma mulher, ela falou assim: “aí, que você/ pra você encontrar a resposta” – eu queria encontrar a resposta/ aí, antes disso teve/ eu queria me encontrar numa religião. Não, sabe quando cê quer se encontrar pra você ter um pouco de sossego, um pouco de paz? Aí... ouvindo a rádio, na Rádio Mundial – nem lembro também a pessoa que falava – aí ela orientava que/ “ah, os seus problemas vai ser melhor resolvidos, sei o que lá”, aí eu falei: aí, é lá que eu vou né (risos), eu quero resolver, eu quero ir lá aprender, eu quero uma direção, né, na minha vida. E ela mexia com Terapia de Vidas Passadas; ela lia assim a tua/ que eu lembro assim, ela falava de você – sabendo

poucas informações – ela falava e te direcionava, te orientava. Aí foi aonde eu fui, tal, e ela, olhando pra mim, falou: “ah, teus problemas, tá nas vidas passadas. Você perdeu a pessoa que você mais amava na vida, afogada; e eu vejo você chorando muito”. Falei: pronto, né. Falei: e? Que eu tenho também que pensar/ ela falou: “ah, vou te encaminhar pra uma pessoa, que trabalha com Terapia de Vidas Passadas”. Tá bom, fui, né. (Quero resolver) minha vida, fui resolver. Aí no que eu fui – que foi uma terapeuta – é... ela começou a fazer as sessões. Só que... eu não re/ não tinha regressão de vidas passadas. Foi aonde ela começou a fazer a... lá as sessões dela, e voltava assim/ uma vez eu saí de mim. Assim de/ comecei a/ parecia que eu tava incorporada lá, me batia toda na sala, e eu não conseguia voltar em mim. Então era como se alguma coisa me dominasse; é igual ela falava, poderia ser todo aquele meu emocional voltando, né...

17. E.M: Sei. Mas você não tinha experiência assim de ver o que aconteceu de fato, numa outra vida?

18. V: Não, não tive; não cheguei.

19. E.M: O que você tinha era essa/ esse estado assim, vamos dizer assim, que você ficava se debatendo, é isso?

20. V: É, não tinha. Tinha emoções, acho que/ ela falava que aflorava minhas emoções, e/ mas foi uma coisa assim que nunca aconteceu comigo. Tipo assim, de/ como se/ não sei, o meu corpo físico mudou. Assim de... chorava bastante e tal, mas assim, experiência que eu queria saber o quê tá acontecendo/ ela queria voltar no útero da minha mãe, pra ver esse problema/ porque, igual te falei, sempre apagava muito a minha, a minha/ minha infância quase, se cê perguntar de muita coisa, eu não lembro não.

21. E.M: Tá.

22. V: Nem precisa ser a infância, pode ser (risos) outras coisas. Aí, não voltei. Ela falou assim: “ah, procura uma ajuda”. Eu falei: ah, então vou procurar um centro espírita. Né? Procurei um centro espírita, que eu já tinha ido uma vez fazer tratamento espiritual. Aí, chegou numa entrevista, falei assim: ah, vou...

23. E.M: Nessa terapeuta – desculpa interromper – cê ficou quanto tempo mais ou menos?

24. V: Olha, não foi muito não, por quê? Porque em Terapia de Vidas Passadas, era caro. Cada sessão assim era, vai, cem reais, eu nem lembro. Então como eu fazia o maior esforço, ia, então foi assim pouco. Porque eu falei assim: não dá, não tô regredindo nada, não tô vendo resultado (risos), eu falei: vou parar com isso (risos), né. Mas eu fui assim umas, eu acredito, uma dez vezes, oito vezes.

25. E.M: Tá.

26. V: Então, mais ou menos isso.

27. E.M: Um bom tempo ali tentando, é um número razoável de sessões, né.

28. V: É, aí num...

29. E.M: E você não regredia; você só tinha essas experiências assim?

30. V: Só experiências assim, e é tipo assim, ela falava assim: “ah, agora você tá no útero da sua mãe, eu acho, cê é um neném”, então ela me conduzia, entendeu? Mas não que eu via alguma coisa, sentia alguma. Eu só tinha essas sensações que uma vez eu fiquei no chão mesmo me debatendo lá, entendeu? E eu fiquei fora de mim e ela/ e eu acho que eu até assustei ela porque ela não conseguia voltar a mim, entendeu?

31. E.M: Ah, entendi.

32. V: Então eu falei: ah, meu Deus do céu! (risos). Mas não me assustava nada.

33. E.M: Sei.

34. V: Eu falei assim: ah, mas eu não tô. Aí é onde ela/ eu peguei e falei assim: ah, eu procurei ajuda – eu falei pra ela – eu fui num centro espírita. Ela falou: ai, que legal, vai ficar bom conciliando, né.

35. E.M: Uma coisa com a outra.

36. V: Uma coisa com a outra. Mas aí eu passei na entrevista, me direcionaram um tratamento espiritual, comecei a fazer, e logo em seguida tinha o... o curso, eu comecei a fazer. E aí, desde então, me encontrei no/ aonde eu procurava apoio espiritual mesmo. Porque até então/ antigamente eu freqüentei demais a igreja católica, assim assiduamente, porque eu queria uma resposta assim. Sabe quando cê quer uma resposta pra tua vida? Aí fui na Perfect Liberty, também não me encontrava. Sabe quando cê ia assim...

37. E.M: Em vários?

38. V: É, em busca, mas não encontrava resposta. Aí foi aonde no Espiritismo... é assim, é a lógica, sabe, de você achar a resposta mesmo pra o que você busca, né. E aí onde eu tô até hoje assim.

39. E.M: No Catolicismo você ficou um tempo, mas isso foi bem antes da doutrina espírita, ou não?

40. V: Foi antes, não bem antes. Foi antes.

41. E.M: Tá. Foi nesse período que você tava fazendo as regressões, ou não?

42. V: Um pouquinho antes.

43. E.M: Um pouquinho antes. Você teve alguma formação religiosa, foi criada numa família específica?

44. V: Católica. É aquelas...

45. E.M: Católica mesmo.

46. V: É, católica que fala assim: “quê que você é?”, Católica. Mas assim, não fui de freqüentar a igreja católica. Assim, quando era pequena. Eu lembro que eu ia às missas, eu ia/ freqüentava assim, mas era sempre a católica.

47. E.M: Tá.

48. V: De vez em nunca, eu lembro assim que fui numa/ tipo, acho que umas sessões espíritas, mas também não lembro. Com a minha mãe... Freqüentei também, quando era menorzinha, a seicho-no-ie. Não, desculpa, a messiânica.

49. E.M: Ah, a messiânica.

50. V: A messiânica, tinha o johrei/ lá não lembro muito, mas assim, freqüentei bastante a messiânica sim.

[Neste momento, ouve-se tocar o telefone na casa de V., local onde a entrevista está sendo realizada. Interrompe-se rapidamente a gravação, que é retomada assim que a ligação telefônica termina].

51. E.M: Tá, pode falar.

52. V: Paramos na messiânica, né? Então, aí freqüentava, tudo, mas assim: tenho meus filhos, que direcionei também na igreja católica. Fizeram, é... primeira comunhão. Tanto que o meu filho ficou dois anos na primeira comunhão, freqüentava com ele, fui convidada pra ser catequista, porque eu freqüentava. Só que era uma coisa assim vazia. Eu aprendia muito, lógico, mas era uma coisa que não me trazia assim/ não preenchia, entendeu?

53. E.M: Qual que você acha que era assim a maior diferença entre aquilo que você tinha na igreja católica, e depois pro Espiritismo? Quê que/ que foi assim o divisor de águas assim de um pro outro?

54. V: Os dogmas. Assim, de você... e as coisas que você via. Eu falava assim: não, Jesus não precisa disso. Então, o que me diferenciava era isso, era de você ver aquela coisa assim de, é... a hóstia, trazendo o corpo de Cristo/ eu vou ter que me confessar, e aí meus pecados tavam todos, é... vai, salvos, né, então eu achava que não era correto assim. Que o padre não precisava aquele luxo, aquela batina, e isso me incomodava. Demais. Então eu falava assim: não, Jesus pregava assim de uma forma tão simples. Então, e esse negócio de você “ai, tem que ter o dízimo, tem que ter”, então tinha essas coisas que não tavam de acordo com o meu pensamento. Então...

55. E.M: E aí você acabou/ no Espiritismo você se sentiu mais próxima, vamos dizer assim?

56. V: Sim, sim. Foi aonde que, é... onde você tinha mais conteúdo, quando cê tem mais conteúdo, que você olhar, você encontrar as respostas na sua vida. Que não vou tá perdoada, não. Mas eu tenho que ir à mudança, não adianta ficar mudando o outro, eu tenho que mudar a mim mesma. Então isso me trouxe bastante certeza assim do que eu buscava mesmo.

57. E.M: Entendi.

58. V: É assim, aonde você trazer a resposta pra o que você tava procurando, entende?

59. E.M: E deixa eu te perguntar, V. Você... eu queria voltar um pouquinho naquela questão da sua infância, né. Você comentou que você às vezes tem dificuldade de lembrar e tal.

60. V: Sim.

61. E.M: Mas assim, eu queria que você falasse um pouco de como era a sua relação com o seu pai e com a sua mãe.

62. V: Ai, então. Isso aí é bem (risos)/ sempre tive muita afinidade bem mais com o meu pai e com o meu irmão. A minha mãe, eu também assim era mais distante. Não era assim...

63. E.M: Uma relação próxima.

64. V: É, não era, não era próxima assim não. Então eu sempre fui mais meu pai; a minha mãe assim já era um pouco mais distante. Tanto que até depois que eu casei, tudo, a dificuldade assim em relação com a minha mãe... me incomodava, muito. Foi aonde também/ quando eu falei pra você que eu procurei ajuda, psicologia, frequentei terapias assim – sem ser de vidas passadas, né, não mais assim – porque me incomodava assim o relacionamento que eu tinha com a minha mãe, e depois, passei a ter com o meu marido, entendeu? Assim de, assim de gênios mesmo, aí, me incomodava. Porque é aquilo lá; cê quer mudar todo mundo que tá à sua volta, né, cê não quer mudar você, cê quer mudar todo mundo que tá na sua volta.

65. E.M: Como é que você descreve assim a sua mãe? Fala um pouco sobre ela.

66. V: A minha mãe? É...

67. E.M: Ela é viva ainda?

68. V: É, ela é viva. Ela é viva. Ah, a minha mãe é assim. Sempre nunca/ é hoje, eu já entendo, já procuro ter um relacionamento melhor com ela. Mas antigamente ela/ eu não concordava com um monte de coisas que ela fazia, o modo de agir dela; sempre muito mentirosa, muito assim/ então eu sempre procurava ver o lado dela, ela sempre foi muito sofrida, mas assim; a atitude dela, é... de... Desde assim, de fazer compras e não pagar, entendeu? Mentir, é... articulosa, entendeu? Então minha mãe sempre foi muito assim... na... não sei, uma pessoa não confiável. Eu a via assim, entendeu?

69. E.M: Tá.

70. V: Então, eu nunca tive muita confiança. Então minha mãe assim, se intrometia no meu relacionamento, sempre assim puxando assim o lado do meu marido, mas mesmo sabendo o que tava acontecendo comigo. Então sempre fui muito distante. Eu saí da casa dela muito cedo, né. Então não tive assim esse contato. Ela até que uma vez, ela veio morar aqui na frente da minha casa, sempre arrumando muita encrenca. Então sempre minha mãe assim, eu não tinha um relacionamento saudável com a minha mãe.

71. E.M: É, né?

72. V: Huhum. Então...

73. E.M: Isso desde criança?

74. V: Então, de criança, se você me falar assim: “ai, como foi de criança?”, eu não tenho muita lembrança. Então sempre assim, lembro que eu me dava muito bem com o meu pai; agora, com a minha mãe não tem assim/ eu lembro da minha mãe assim, minha mãe pegando eu, meu irmão e minha irmã, falando assim: “ai, cês tem que tomar gemada, toma”. Ela não... ai, cê quer tomar gemada? Não, ela colocava, e eu tava passando mal e tinha que tomar aquela gemada, entendeu? Então sempre lembro a minha mãe assim trabalhando bastante, mas...

75. E.M: Os seus pais trabalhavam fora?

76. V: Trabalhavam. Sempre próximo à minha casa. Minha mãe trabalhava de costura, mas era assim bem sempre em casa. O meu também trabalhava embaixo, só que o meu pai era barbeiro na época, ele era barbeiro (risos). Ele era cabeleireiro, mas ele era barbeiro.

77. E.M: E com o seu pai assim? Você comentou da bebida. Ele não/ inicialmente ele não bebia? Foi depois que ele se casou ou como é que foi?

78. V: Então, o pai dele era alcoólatra. Então eu acredito assim/ eu também não poderia assim afirmar pra você. Eu acho que... que eu saiba assim deles, eles se conheceram/ minha mãe tava internada num hospital por causa de um problema da mão dela, e meu pai a conheceu ela internada, aí eles casaram. Mas assim não/ eu acho que ele bebia. Eu acho. Mas assim/ tanto que (se fala assim): “ah, mas ele te incomodava?”. Eu não lembro dele me incomodar tanto. Acho que a minha mãe me incomodava mais do que o meu pai (risos). Meu pai bebia, mas...

79. E.M: Você não se incomodava com ele?

80. V: Não.

81. E.M: Ele era violento quando ele bebia?

82. V: Não, não. Ele chegava em casa/ ele era irritável quando a minha mãe ia assim/ minha mãe cobrava. Hoje eu vejo que também, tadinha, ela tinha...

83. E.M: O sofrimento dela.

84. V: O sofrimento dela, né. Então... tinha cobrança, lógico, e ela fazia a cobrança dela, né, porque... realmente chegava o marido também/ se ele bebia. Eu lembro de um aniversário da minha irmã que o meu pai chegou bêbado, teve que ficar lá no quarto, dormiu, e a gente cantando parabéns baixinho, pra não acordar ele, e tal. Então... não era agradável, né (risos).

85. E.M: E os seus irmãos, no caso, eles se davam bem com essa situação? Como é que era, por exemplo, a maneira deles reagirem diante disso?

86. V: Então, eu lembro assim da gente estar brincando na rua. Mas assim, a minha irmã sempre foi assim. A minha irmã já foi também mais assim/ se dava melhor com a minha mãe. E o meu irmão era comigo. Então eu lembro só assim da gente brincando na rua. Eu não lembro assim muito da relação familiar; isso aí eu apaguei. Eu lembro de uma vez, o meu irmão, é... virando a mesa, sabe, assim cheia de comida, por causa de bebida, por causa que ele chegou bêbado também.

87. E.M: Sei.

88. V: Mas meu pai também já não, não tava mais...

89. E.M: E ele brigava com o seu pai?

90. V: Então, o meu irmão também sempre foi mais assim com a minha mãe. Ele brigava mais com a minha mãe. Meu irmão brigava com a família inteira; se eu ficasse brava com ele, ele vinha/ nossa, ele perdia o dia pra ele. Porque a gente se dava muito bem, né. Então, ele, tipo assim, meu irmão já foi um pouco mais violento. Agora o meu pai não, agora o meu irmão/ porque, acho que quando ele era adolescente, ele já mexia mais com drogas; então, acho que o meu irmão foi mais violento.

91. E.M: Entendi. Tá, é... e deixa eu te falar, aí você foi pro centro espírita, começou esse trabalho... peraí só um pouquinho, eu... *[A gravação é brevemente interrompida para que V. possa novamente atender uma ligação telefônica, e retorna logo após esta última]*. Então, na verdade assim/ aí você começou a ir no centro, isso com que idade mais ou menos?

92. V: No centro espírita?

93. E.M: É.

94. V: Foi, é... foi... maio, vamos pôr assim, uns sete anos atrás.

95. E.M: Sete anos atrás?

96. V: Sete anos atrás.

97. E.M: Hoje você – desculpa perguntar – cê tá com quantos anos?

98. V: 41.

99. E.M: 41, tá. E você começou há sete anos atrás. Aí você começou a fazer o trabalho, que tipo de mediunidade que você desenvolveu, como é que era?

100. V: Então, é... um... a... no começo, eu lembro assim, que eu tava fazendo, fiz o curso tal, e... mas sempre fazem/ nas aulas, foi a psicofonia e foi a psicografia.

101. E.M: Tá.

102. V: Daí tinha vontade de escrever, escrevia, e a psicofonia.

103. E.M: Hoje você trabalha lá no centro...

102. V: Trabalho.

103. E.M: ... faz curso, como é que é?

104. V: Eu trabalho.

105. E.M: Cê já trabalha mesmo?

106. V: Huhum. Já.

107. E.M: Então me fala um pouquinho sobre essa sua experiência de trabalhar lá. Como é que é quando você tá incorporada, o quê que você sente, fala um pouquinho?

108. V: Então, eu faço assim, eu realizo/ é eu te falar, né/ eu realizo o quê? Lá eu trabalho no primeiro ano, né, então eu falo assim: ai, se eu pudesse eu ficava lá, mas eu adoro tá lá no/ eu falo assim que eu vou porque eu gosto mesmo. Nossa, eu encontro paz, é muito bom. Então... trabalho no A2, que é palestra evangélica.

109. E.M: Tá.

110. V: E tem esse trabalho de P3E que é direcionado, né, aos dependentes químicos. E faz aprimoramento e tal. Quando tá nessa área de trabalho espiritual, que tem envolvimento, quê que eu sinto? É... quando eu tô lá... vamos pôr mais específico esse trabalho de P3E: quando eu tô assim, que vai aproximar a entidade, que a gente sente mesmo, eu sinto aproximação. Eu não vejo nada, não ouço nada, mas eu sinto a aproximação. As sensações que me dá mesmo, no trabalho, quando a gente tá em prece, quando a gente tá muito elevado, nossa, teve uma/ cada trabalho é diferente do outro. Então... o que você sente mesmo assim, eu sinto assim/ se eu fechar os olhos... (sorriso) os olhos fechados lógicos, ou!

111. E.M: (risos), eu sei.

112. V: Aí eu tô lá assim já rogando auxílio, tudo, eu sinto assim se uma entidade tiver/ por exemplo, ela desencarnou e tava com problema de câncer, vai, na boca; eu sinto faltar aquela pele, parte, é...

113. E.M: Do rosto assim? Você sente como se você não tivesse aquilo ali?

114. V: Isso. Eu sinto aqui...

115. E.M: Uma espécie de uma anestesia?

116. V: Isso, sinto. Aí eu sei/ se ela tá com problema no estômago, ou ela teve, ou ela tá, eu sinto também no estômago. Aonde tiver. É a sensação que/ é bem forte. E uma passividade que teve muito forte mesmo, foi assim que/ tem entidade que não vem assim pra você ficar falando; não, elas só querem receber aquele toque mesmo. É aquela, é aquela, é aquele/ ela precisa daquele toque. Então o que veio assim mesmo bem forte, nossa, senti até a energia da minha mão; assim, sabe quando você enrola assim e sai? Pra energia atuando na entidade. Então, aí ela vem, vai e depois passa a sensação. Então eu tenho as sensações mesmo, muito forte.

117. E.M: E é espontâneo, ou é uma coisa que surge assim em você/ você não sabe, por exemplo, aquele dia como é que vai ser? Cê não tem idéia?

118. V: Não.

119. E.M: Cê chega...

120. V: Não, é.

121. E.M: ... e já tem aquela sensação?

122. V: Isso. Não tem assim, cê falar assim: “ah, vai ser”/ não tenho onde ver, assim, de sentir. “Ah, vai ser assim, vai ser assado”. Não. É... acontece.

123. E.M: Entendi. Tá. E... e assim, você realmente descobriu, ou começou a desenvolver essa mediunidade lá no centro. Isso desde o começo do curso, ou demorou um pouquinho até...

124. V: Olha, eu lembro do... /assim, eu ia ao centro, mas assim; era como se alguma coisa me incomodasse de tá ali, entendeu? Mas assim, continuava. Porque eu tava em busca, queria e tal. O que eu me lembro assim no estudo, que começou assim a desenvolver, é na aula do segundo ano. Foi assim, tinha uma pessoa é... dando passividade, eu não lembro se ficou mal, aí eu fechei meus olhos assim e... queria mandar energia pra aquela pessoa, então, eu não sei se era pessoa, se era entidade, porque na época era muito confuso, né, e assim aí começou. Então eu tenho essas sensações desde o começo do... do estudo mesmo lá. Agora, se você falar assim pra mim: “ai, cê tinha antes?”.

125. E.M: Não, você começou lá no centro mesmo.

126. V: É.

127. E.M: Tá. E como é que você acha que essas experiências que você começou a ter no centro, essa participação lá no centro, como é que isso/ isso mudou a maneira de você enxergar a você mesma, ou a maneira das outras pessoas te enxergarem? Como é que você acha que a mediunidade afetou assim na maneira de você se ver como pessoa?

128. V: Assim, eu acredito.../ mediunidade, cê fala, ou cê fala assim de tá lá no centro? Pode ser, né, tudo...

129. E.M: Pode, isso, tudo isso.

130. V: Assim, eu me via, no centro mesmo, eu me encontrei assim como/ porque eu sempre tô aprendendo coisas, tô/ então lá me faz bem mesmo. É como assim: ah, eu tava na busca, tava à procura, tal. Cheguei lá no Ismael. Assim, cê fala assim: “ah, mas é o centro Ismael?”. Eu fecho a porta ali, cada vez que eu entro num trabalho, não é o centro Ismael; é ali, é a espiritualidade mesmo. Que me faz, que me faz muito assim/ quando eu chego nos meus trabalhos, eu

falo assim: Senhor, sou a/ tô aqui pra te servir. Então, é pra Jesus mesmo, não é assim de você falar: “ah, não, é... vamos lá, vamos ajudar”. Não, é assim: sou um instrumento da sua paz mesmo, faça/ né. Não tem assim/ ah, você falou assim/ porque eu vejo pessoas que tem muito medo. Tem: “ai, será que vai”/ não, isso daí não me afeta.

131. E.M: Não te afeta?

132. V: Nada, nada.

133. E.M: Você vai sem medo?

134. V: Sem.

135. E.M: De sentir essas sensações, e...

136. V: Sem medo. Então, eu acredito assim, eu me vejo uma pessoa melhor. Por quê? Porque eu já/ assim, o que cê fazia sem pensar, hoje você já/ é um freio né. Cê fala assim: não. Poxa, não. Fumava. Quando eu freqüentava, eu fumava. Mas eu não achava legal fumar. Entendeu? Ah, como é que eu vou aplicar um passe se eu tô fumando? Não... então enquanto eu fumava, não aplicava passe, porque eu falei: não. Então assim, sempre me trouxe assim/ já me deu um freio das coisas assim: não, poxa, eu tô agindo assim; como que eu vou lá? A Espiritualidade tá lá. Apronta, apronta depois vou lá? Não dá. Então deu essa...

137. E.M: Esse corte.

138. V: Esse corte, esse freio, essa... essa direção, né. Então eu já sou mais assim, né, das coisas. Não que/ tem tanta coisa pra consertar. Eu falei: caramba.

139. E.M: (risos).

140. V: O meu irmão quando era vivo, falava: “ai V., você vai pro céu, porque você é tão, né, boa”. Eu falei: Huhum, só porque eu lavava umas roupas dele, tratava ele bem, eu falei (risos)/ os amigos deles tudo bem (risos). Eu falei assim: não. Hoje eu vejo e falo assim: huhum, pro céu é? (risos). Então eu vejo hoje que tem tanta coisa pra consertar, coisas que eu não sabia. Nossa, tipo assim: orgulho mesmo, egoísmo... sabe, que se vê assim que cê tem mesmo. E eu não via, não enxergava. Mas hoje eu vejo que eu preciso trabalhar o meu orgulho, o meu egoísmo, a minha tolerância. Cê vê assim que precisa mudar. Caramba, não sabia que era assim. É como se você vai se descobrindo, dentro de você. Entendeu? Vai olhando, vai reparando, vai analisando, vai vendo assim tanta coisa que precisa ser mudada. E às vezes eu falo: caramba, V. não acredito que cê – conversando comigo mesma – não acredito que cê fez isso! Poxa. Então, é tipo assim, a minha mente eu vivia como se fosse só a V., a V. assim vivendo. Hoje não: parece que tem duas V.: uma, a que sinaliza, e a outra que fica/ a outra eu mesma, entendeu? Parece que tem duas ali. Uma mostrando a razão...

141. E.M: A direção.

142. V: É, e outra fazendo as coisas que fazia mesmo, entendeu? Complicado, complicado, complicado (risos).

143. E.M: (risos). Não, mas legal, bacana, V. Assim, você/ é uma pergunta que eu faço pra alguns médiuns né, porque até algumas pessoas tem essas experiências já desde muito cedo. Mas eu não sei se caberia tanto no seu caso, mas eu vou fazer assim mesmo. Você já sofreu algum tipo de discriminação por conta da mediunidade; de você freqüentar o centro espírita, ser médium? Já houve alguma vez isso ou não? Seja da família, seja do meio social, por você contar: “eu faço esse trabalho”?

144. V: Olha, assim... uma vez a minha cunhada veio aqui, ela falou: “olha, toma cuidado, centro espírita? Você vai ver, as coisas”/ então, eu tenho/ por ela ser evangélica, não conhece esse lado, então ela sempre tá assim... assim, boicotando, assim falando o que ela puder falar assim pra tirar assim, ela vai...

145. E.M: Vai falando.

146. V: É. Vai falando. Assim... nesse tipo assim de coisa. Tem pessoas que não entende o que é ser espírita, então elas generalizam, pensa que cê tá num Candomblé, tal. E me incomodava um pouco antes. Hoje já não, hoje eu falo. Se alguém perguntar: “o quê que você é?”. Eu sou espírita.

147. E.M: Você assume isso?

148. V: Eu assumo isso. Antes não. Porque, eu falava: ai, o quê que ela vai pensar, né? Hoje já não, sou espírita. Se ela perguntar: sou espírita.

149. E.M: Entendi.

150. V: Mesmo um evangélico vier perguntar: “o quê que cê é?”. Sou espírita.

151. E.M: Até porque mudou bastante também, né? Assim, o status do Espiritismo. As pessoas já conhecem um pouco mais hoje...

152. V: Sim.

153. E.M: ...embora ainda tenha essa discriminação, né. De algumas pessoas. Mas parece que tá mudando, com a divulgação da Rádio Boa Nova, com essa divulgação assim maciça mesmo, né, dos centros espíritas. O pessoal tá percebendo que não é bem assim. Pode até não concordar...

154. V: Sim.

155. E.M: ...mas não/ já não relaciona com macumba ou qualquer coisa assim.

156. V: Não. Até (todo mundo fala): “ah, você é kardecista?”. Né? Então ela já sabe assim que...

157. E.M: Isso.

158. V: ... ah, é Kardec, não é/ mesa branca, né. Ah, tudo bem, a mesa pode ser amarela, pode ser/ mas é mesa branca...

159. E.M: (risos).

160. V: ... então ela já sabe que ‘mesa branca’ já é um pouco/ né? Então já é puxado pra Allan Kardec, então (risos), assim.

161. E.M: (risos). Já fica mais ameno, né.

162. V: Isso.

163. E.M: Tá. Deixa eu ver, é... Assim, você falou que você incorpora, né, e você passa mesmo mensagens incorporada, dos espíritos?

164. V: É, tem/ quando vem assim/ antigamente cê sabe que eu me preocupava muito assim – acho que é do ser humano mesmo – ah, mas o meu mentor – o meu mentor, né – o mentor, ah, não é isso que ele quer não. Tem uns que falam palavras tão bonitas; ah o meu vai querer falar, não, eu não vou falar isso daí não! Então eu travava muito, né. De falar assim: ah não, eu não vou falar isso aí não, tal. Hoje já não, cê vai aprendendo, cê vai/ então, já... cê já passa mais a mensagem. Eu até deixei pra você ver o que aconteceu comigo/ eu não desenvolvi mais assim a psicografia. Mas assim, era muito comum eu estar/ igual, eu levava muito o meu sogro no hospital, aí vinha as coisas pra mim escrever – teve uma coisa que eu até guardei – escrevia. Outra vez eu tava mexendo – quando eu tava nas aulas, né, de psicografia – aí eu tava assim, fazendo alguma coisa, mexendo com água, principalmente, aí vinha, pessoas que eu nem tava pensando. Mas assim, o que me gravou foi uma colega minha que fazia o curso comigo, comecei a pensar nela, e parei as coisas que tava fazendo e fui escrever. Hoje também nem lembro o que eu escrevi. Aí depois eu falei: não, preciso falar pra ela. Aí eu liguei pra ela e comecei a falar, e ela começou a chorar, que ela tava precisando de uma palavra naquele momento. E eu nem tinha afinidade com ela. Então, essas coisas que marcaram assim, que vai marcando que cê vai falando: ai, que legal, né, que cê ta/ eu nem tava pensando/ que às vezes é uma coisa que cê fala: ai, é uma coisa da minha cabeça, eu tô pensando nela. Não, às vezes nem tava pensando, aí eu via.

165. E.M: Sei.

166. V: Então, eu/ só que eu não tô mais na área da psicografia.

167. E.M: Tá.

168. V: Mas assim; sempre dava assim vontade de escrever pra alguém.

169. E.M: Passando uma mensagem...

170. V: Huhum, era.

171. E.M: Mas você tem assim – cê comentou – cê tem alguns mentores e você se comunica com eles, como é que é? Você chega a ver ou a se comunicar, ou não?

172. V: Não. Não, não. Não vejo, não/ eu sinto só. Igual assim, quando... tipo assim, uma colega minha veio aqui em casa... é assim, como eu dando conselho pra ela, mas assim/ ela tava muito aflita, tal, e eu comecei a falar, só que não era assim/ sabe quando cê ta falando e você vê que depois que você falou, cê até se surpreende?

173. E.M: Não é você.

174. V: É. Aí cê fala assim: nossa, com certeza eu tive a inspiração do plano espiritual. entendeu? Então, pra falar assim/ porque eu tenho muita dificuldade pra passar as coisas no papel. “Ah V, faz isso”. Putz, cê você falar assim: “ah, resume esse trecho pra mim”. Eu tenho dificuldade. Só quando vem as idéias mesmo, que eu falo: opa! Muito minha não é, porque eu tenho dificuldade nesse sentido, entendeu? Cê fala assim: “Ah V, fala aí”. Eu vou falar, mas assim, eu já sou mais freada.

175. E.M: (risos).

176. V: É. Quando dá às vezes um conselho pra alguém, cê fala assim: caramba, cê tá falando isso? Então, já aconteceu várias vezes comigo isso.

177. E.M: Então vamos dizer assim que você é mais uma médium intuitiva?

178. V: Sim.

179. E.M: É mais nesse sentido assim. Você acha que não seria tanto a incorporação de você perder o controle da fala, por exemplo, começar a falar sem ter o controle disso, não?

180. V: Não, não.

181. E.M: É mais uma inspiração.

182. V: É. Tanto que é, de controle assim, cê se policia muito nas aulas, no estudo, porque assim, cê não deixa assim à deriva, entendeu? Cê sempre tá assim filtrando, cê sempre ta se segurando mais, porque é igual eles falam [*integrantes do centro*], né: “você tem o controle da situação. Então você não pode deixar”. Porque antigamente – igual te falando – logo no começo eu lembro que, aí, era uma coisa assim que eu deixava mais assim: ah, eu vou fazer, gesticular, e hoje você tem uma conduta, por causa dos estudos, tudo, cê fala que você tem que ser direcionada. Com suas palavras, tem que filtrar o que às vezes falem, entendeu?

183. E.M: Entendi. Tá. Então durante todo o momento você fica consciente enquanto você tá trabalhando lá? Você não é uma médium inconsciente?

184. V: Não, não.

185. E.M: Tá. É... deixa eu ver o quê mais aqui. Tá, eu tenho mais uma pergunta pra te fazer, duas perguntas na verdade, né. Primeira é assim: vamos imaginar que você não fosse mais médium. Tá, eu vou colocar essa situação assim. Você a partir de hoje, você chegasse e falasse assim: “olha, eu não quero mais ser médium, não quero mais trabalhar como médium, não frequentar o centro espírita”. Como é que você acha que seria a sua vida a partir daí?

186. V: Um vazio. Seria assim faltando alguma coisa. Porque eu vou te falar, é... eu sempre fui assim: ai, eu quero fazer isso e tal. Não sei, esse lado espiritual, acho que desde que eu comecei no estudo que eu fico assim fascinada. Não é assim fascinada, assim; é uma coisa assim que faz bem, o lado espiritual. Desde que eu comecei a estudar, nem sabia que eu ia desenvolver alguma atividade ali, tal, eu sempre falava, ai, eu olhava assim, ó: ai, eu quero trabalhar na área espiritual, P3E. Que era a desobsessão. E, sem conteúdo nenhum, eu falei: ah não, quando eu acabar o estudo aqui, eu vou pro P3E. Aí você vai vendo com o decorrer dos estudos, você vai falando assim: Não/ Aí eu sempre deixei pro cargo da espiritualidade, fui sendo direcionada. Tanto que eu tô trabalhando no trabalho assim de desobsessão, tal, agora. Mas, tipo assim, no fundo, no fundo, eu sempre sabia que eu ia ficar nessa área.

187. E.M: Ah tá.

188. V: Mas assim, é uma coisa assim que você faz mesmo por/ nossa, é como se vai sendo uma preparação, que você vai vindo, vai indo, e vai fazendo. Tanto no passe – que eu trabalho no passe, que é no P2, tudo – quando você chega ali, é outra coisa. Nossa, você chega ali, você é pra auxiliar/ a gente fala assim: ai, eu vou lá ajudar. Não, você é a pessoa mais ajudada, então é uma coisa, uma doação, você doar ali, mas com amor, com vontade mesmo de servir mesmo. Então eu não vejo. Nossa, eu/ se eu pudesse eu passava mais tarefas assim, porque eu faço por prazer mesmo. Então, não dá pra...

189. E.M: Pra imaginar isso.

190. V: Eu sei que às vezes, quando você fala assim: “ah”/ às vezes, como assim... influência ou não da gente mesmo, dos acontecimentos do dia a dia, você fala assim: ai, que vontade de largar tudo, que vontade de/ quando você tá bem pra baixo mesmo. Mas aí você levanta, você tem apoio, você vai estudando, vai lendo uma mensagem aqui, uma mensagem ali. E não muda, você vai pra outro gás. Mas eu não vejo mais sem tá exercendo alguma coisa (risos).

191. E.M: E mais alguém da sua casa aqui frequenta, ou não?

192. V: Não.

193. E.M: Só você mesmo?

194. V: Só eu.

195. E.M: Você já chegou a trazer isso pros seus filhos, pro seu marido?

196. V: Sim. A minha filha, antes de casar, ela frequentava até comigo lá o Ismael. Só que ela é aquela que morre de medo de espírito. Só de imaginar. Tanto que ela casou, o marido dela há um tempo atrás, ele é de ver mesmo espírito; então ele tava sempre vendo espírito aqui na minha casa. A minha filha uma vez sentiu uma mão passar na mão dela, no rosto dela, e ela sempre, nossa sempre ficou muito apavorada. E o marido dela hoje tem essa faculdade, também não desenvolve porque ele morre de medo também por causa dessas coisas, não acredito mesmo nesse lado. Mas ele vê espírito, ele morre de medo. Então tô sempre assim orientando, passando alguma coisa pra eles...

197. E.M: Mas eles não se comprometem?

198. V: Não, não. O meu marido que, de vez em quando, ainda vai assistir uma palestra, ele gosta. Mas também não...

199. E.M: Não se compromete sempre em ir.

200. V: Não, não. É mais eu mesma que frequento mesmo. Frequento assiduamente mesmo, porque eu gosto (risos). É uma coisa que faz parte da minha vida.

201. E.M: E fala um pouquinho assim, V., da relação assim com o seu marido, como é que/ fala um pouquinho pra mim.

202. V: Ai, com o meu marido. É que é assim; é igual eu te falei. Eu e ele casamos muito novos; eu tinha quinze anos, e ele tinha dezenove; porque eu engravidei, tudo. Então sempre foi assim/ ele sempre foi uma pessoa muito difícil. Ele era o pai dele. Era aquela criação que mulher pode nada, o homem pode tudo.

203. V: Então, tanto que eu tenho um casal de filhos. Ele vinha nessa criação já; homem pode tudo, mulher não pode nada, né. Então sempre foi muito difícil, porque se ele chegasse em casa, eu tava conversando com alguém, ele já ficava de cara feia. Ele era bronco mesmo assim de... de... conviver com ele. Mas com/ minha vida assim conjugal mesmo com o meu marido, começou a melhorar assim também depois que eu comecei a freqüentar o Espiritismo. Mudou assim/ hoje, ele mesmo fala que ele é uma outra pessoa. Porque eu vou lá, aprendo, eu tô sempre passando que eu mudei, né, então acredito que ele também mudou. Mas ele também/ aí no que ele vai, ele fala: “poxa, é mesmo, olha”. Então cê vê que ele era uma pessoa que ele era já da criação do pai dele. Mas não que ele era assim. Então, o relacionamento hoje já é bem mais maduro, também por causa que, né, a gente já...

204. E.M: Você acha que ele era uma pessoa autoritária, vamos dizer assim?

205. V: Demais. Assim, ele era... aqueles coronéis, sabe? (risos).

206. E.M: (risos) O pai dele era assim?

207. V: Era. Assim que/ tanto que o pai dele falava assim: “vocês, meus filhos, podem fumar, mulher não pode”. E a irmã dele fumava, e os dois não. “Cês pode beber”. (risos). Né, o conceito que foi, sabe? E ele também vem/ a história dele é um pouco parecida com a minha, que o pai dele também era um alcoólatra. Tanto que os nossos pais pararam de beber quase junto assim.

208. E.M: Ah, que interessante.

209. V: É, então. Ele é o caçula dos filhos; também três filhos, eu também. Então, eu falo assim: nossa, eu tinha uma história com ele. Porque até então eu falava: não, eu não sei, eu não entendo porque eu casei com você. Sabe aquela coisa que era óleo e água? A gente não combinava em nada...

210. E.M: Não se combinavam.

211. V: Não. Não pra casar. Casei porque, na época eu falo: eu casei porque eu tava grávida. Falei: fiquei grávida, e agora? O que eu faço?

212. E.M: Você acha que de certa maneira você tava tentando fugir, por exemplo, daquele ambiente que você vivia em casa, com o seu pai bêbado, a relação com a sua mãe? Cê acha que o casamento foi uma fuga, ou não?

213. V: Não, o casamento foi porque eu engravidei mesmo.

214. E.M: É?

215. V: É, porque até então, depois o meu pai tinha parado de beber, eu tava com quinze anos. Eu já tava estudando, tava/ não. E não tinha assim vínculo. Igual eu falo, E.M: engravidei, não era aquela pessoa que: “ai, eu vou sair com um, com outro”. Não. Eu falei assim: não, é tipo assim, “ai, todo mundo, né” – vai, na cabeça assim do adolescente – “ai, todo mundo faz, vou fazer também, né”.

216. E.M: Sei. Foi uma coisa mais da imaturidade mesmo.

217. V: Imaturidade mesmo. Aí foi, só que engravidei. E aí na hora que engravidei: e agora, quê que eu faço?

218. E.M: Aí não teve jeito.

219. V: Não teve jeito. E tanto que/ nossa, eu lembro que nós estávamos assim conversando, e nós íamos terminar o namoro, porque não tinha nada a ver mesmo. E aí tava grávida, falei: ah, e agora? O que eu vou fazer, né? Então, ah, vamos assumir. Então, sabe quando foi tudo acontecendo, ah, então tem que assumir, então tem que ficar junto. E assim foi indo, você vai deixando resolverem tua vida, e vai indo. Cê pergunta, ai nunca pensei assim: ah, vou fugir. Não, porque hoje eu penso assim: não sei, na época? Não foi isso que me marcou; casei mais mesmo porque tava grávida.

220. E.M: Sei.

221. V: Né, agora meu pai tinha parado de beber. Era mais meu irmão, mas meu irmão, sempre me dei muito bem com ele; apesar dessas crises que ele tinha. Mas eu sempre/ nossa.

222. E.M: Entendi.

223. V: Agora, com quem eu tinha mais dificuldade mesmo era minha mãe. Mas até aí...

224. E.M: Entendi.

225. V: O casamento mesmo foi porque tava grávida (risos).

226. E.M: (risos). Mas aí você foi percebendo/ quando você fala que você percebeu que havia uma história, foi quando você entrou no Espiritismo? Ou foi já, conforme você foi vivendo com ele...

227. V: Não, aí depois tem aquelas turbulências que você fala: pelo amor de Deus! Sabe quando assim, cê tá casada, eu nunca tive assim/ quê que eu vou fazer agora? Voltar pra casa da minha mãe não dá, né. Então cê vai empurrando um casamento porque, ó, cê tem seu filho já/ sabe aqueles ajustes que nunca ajustava, nunca. Mas cê ta vivendo. É que hoje eu falo: falo assim, não, eu tinha essa história mesmo porque, falei, caramba, tudo... tudo foi acontecendo. Não foi nada assim, cê fala: ah, eu vou casar; se não der certo/ Não, foi acontecendo.

228. E.M: Hoje, olhando pra trás que você...

229. V: Isso. Isso.

230. E.M: ...consegue ver dessa maneira?

231. V: É. E assim, freqüentando.../ é que eu lembro assim, acho que faz sete ou/ vamos pôr assim, vai uns... oito... oito a dez anos que eu tô [*freqüentando o centro*]. Então eu vejo que a minha vida melhorou. Entendeu? Agora não assim: aí, eu fui, aconteceu lá atrás/ não. Foi tipo assim: hoje você vê um filme, foi desenrolando assim, porque eu e o marido era mesmo o óleo e a água. Nossa! Uh! Ele, nossa, ele/ sabe quando cê fala assim, muitas vezes: aí, vou me separar que eu não agüento mais, que não sei lá. Mas eu não tenho/ vou me separar, e aí? Quê que eu faço? Entendeu? Nunca tive assim autonomia pra fazer alguma coisa. É...

232. E.M: Entendi (risos). É... deixa eu ver aqui. Tá, eu acho que assim: das perguntas, deixa eu ver se tem mais alguma coisa... ah, tem mais uma, né. Eu queria perguntar pra você assim. Essa é praticamente a última das perguntas, aí depois eu quero/ se você pudesse me trazer alguns desenhos, algumas coisas pra gente discutir, que você fez; algumas psicografias suas, tá?

233. V: Tá.

234. E.M: O que eu queria te perguntar é assim, é... na Psicologia, em muitas áreas assim do conhecimento, tem-se aquela idéia assim de que nós somos apenas o cérebro, né, é o cérebro, é o corpo. O ser humano ele se define dessa maneira. Só que o Espiritismo ele traz uma visão diferente, né. Quê que você pensa dessa visão assim mais materialista, de que a gente é só o cérebro, o corpo? O quê que você pensa sobre isso? Quê que vem de sentimento, de pensamento, quando você pensa nessa maneira de enxergar o ser humano?

235. V: É... hoje assim é mais difícil, né, enxergar sem ver esse outro lado. Você fala assim: não. Enxergar assim só.../ deixa eu falar assim, vai, do psicólogo, quando eu ia. Eu falava assim: ah não, o psicólogo não entende muitas coisas, porque eu já participei de várias sessões, como eu te falei, é por causa das crises, e eu falava assim: mas ele só vai escutar, escutar, escutar, escutar, escutar. Ele escuta a gente e na hora de/ você quer ouvir uma palavra, quer ouvir uma direção. Cê não quer só ir lá falar a sua vida. Porque pra falar você fala a mercê; se deixar, cê fica falando. E... de ver assim, que só ver assim cérebro. Poxa, essa vida acabou sem ter uma história lá atrás. Eu sempre questionei: aí não tem Deus. Não tem, não tem por que. Porque então eu vou ser mesmo uma pessoa que eu quero ser. Eu não vou me preocupar com o outro. Porque me preocupar? Eu vou morrer, acabou tudo mesmo. Pra mim é muito mais fácil, muito mais cômodo. Então não dá pra você ver uma vida assim sem/ porque cê fala assim: é muita injustiça. Nossa, eu emociono, às vezes nem consigo ver um jornal, e ver aquela miséria, aquela coisa, eu falo: é muita injustiça. Deus não estaria provando/ tem Deus aqui, né. E aonde o Espiritismo trouxe essa resposta. De você ver, aí você vê a justiça divina mesmo. Porque aí você fala assim: não, tem Deus assim. Se aquela pessoa tá passando por aquilo, ela tá/ tem

justificativa. Então não dá mais pra você conceber uma vida aqui sem ter uma continuidade e uma anterior. Não tem como, não dá pra você ver. Que nem nesse contexto que eu falo assim, de você ver as pessoas aí que não tem Deus no coração, e só vê mesmo/ nossa, é muito/ não dá pra conceber assim/ cê tem que respeitar, porque cada um/ eu também já fui uma pessoa que não tinha essa visão. Então, então hoje você vê a sua visão de que tem esse lado espiritual, então é bem mais/ é menos árduo você viver hoje, no dia de hoje. Né, de você ver a vida. Agora, corpo só/ é igual eu tô te falando, eu ia lá num coiso (sic)/ ah não. Até comentei com você aquele dia [*no primeiro contato que E.M teve com V. por telefone*], falei assim: hoje você vê, os psicólogos vendo, eles vão ter uma resposta a mais pra te dar; assim de falar, de ter uma outra visão. Então falo assim: psicólogo espírita assim eu acho que tem muito ainda, tem muita coisa assim ainda pra tá auxiliando aquele próximo que tá precisando de ajuda. Porque eu falo assim: olha, as terapias que eu fiz assim, que não tinha envolvimento/ porque eu sei que [*o psicoterapeuta*] não pode tá direcionando nenhum lado religioso quando você tá [*em psicoterapia*].

236. E.M: Tá, é isso mesmo.

237. V: Né? Então você não tem que tomar partido de nada.

238. E.M: Isso.

239. V: Fica muito frio. Fica muito sem resposta. Igual aí, até aconteceu um negócio lá do... do convênio que eu tava fazendo uma terapia, aí o convênio não cobriu. Oh, não cobre; a gente pensou que cobria e não cobria mais. [*Fala da psicóloga:*] “Ah, enfrenta o seu marido, fala com o seu marido”. Ó, até então não era pra mim enfrentar, agora com a parte financeira, “enfrenta seu marido, cê tem que ver o seu lado”. Cê entendeu? Quando surgiu essa coisa, eu falei assim: não. Ela não tá preocupada comigo, tá preocupada lá com os vencimentos. Justo, porque ela tem que receber. Mas não seria por esse lado, entendeu?

240. E.M: Lógico.

241. V: Ela foi me falar alguma coisa a hora que/ então eu já/ psicólogo naquela época lá eu já vinha assim, falava: ah não, não vai resolver minha vida. E também a gente vai assim/ quando a gente procura um psicólogo – que eu procurava na época – eu falava assim: eu quero que ele resolva a minha vida. Hoje eu sei que nenhum psicólogo vai resolver a minha vida da gente (risos).

242. E.M: É lógico.

243. V: Mas eu acho assim que a pessoa que tá lá em busca de ajuda, elas querem que resolva, que ajuda, que dê uma resposta mais concreta, né, e eu, no lado do/ conforme eu fui é... conforme a gente vai freqüentando no Espiritismo, a gente vê que a pessoa não vai resolver tua vida, né, ela vai te dar uma resposta a mais. É diferente.

244. E.M: Entendi.

245. V: Nossa, é diferente. Ela te dá uma resposta a mais, ele te dá uma... um porquê a mais, né.

246. E.M: Cê acha que é o recheio que faltava, vamos dizer assim?

247. V: Com certeza. Com certeza. É uma coisa assim que, nossa/ e o legal, E.M, é que o relacionamento que eu tenho com a minha filha hoje, é assim, é totalmente diferente do que eu tive com a minha mãe. Que... /e hoje eu passo pra ela, eu vou lá, aprendo no Ismael, no centro, né; e eu consigo assim/ não é que eu tô: ‘ai, virei aquela coisa’, mas eu consigo dar um pouco a mais pra ela, entendeu? De coisas assim que...

248. E.M: Que você aprendeu lá?

249. V: Que eu aprendi. Entendeu? Então às vezes ela pergunta alguma coisa, eu já vou com a resposta e falo: não, filha, calma. Tem paciência, né, de um determinado assunto. Sendo que, se fosse atrás [*no passado*], eu falava assim: ah, é, tem que ver seu lado mesmo. Não, hoje eu já falo assim: as pessoas não são como a gente quer que elas sejam. A gente tem que aceitar. É óbvio que cê não vai compactuar com uma pessoa que não tá legal, mas você pode tá respeitando e mudando. Igual, vai, um exemplo: ela não se dava, nossa, não se dava nada com a cunhada dela. Então tava virando aquele inferno na vida delas. Então sempre tô orientando assim: não, [*nome da filha*], ela é uma pessoa que precisa disso, ela precisa sobressair, você não precisa. Então eu tô sempre, sabe, contornando assim, mas de uma

maneira mais positiva. E de você dar uma resposta assim: “é mesmo, né mãe”. Hoje ela já tem um outro relacionamento, fala: “é mesmo, né mãe. Eu nem ligo mais pro que ela faz”. Então cê vê que é uma coisa positiva. Cê vai aprendendo e vai passando.

250. E.M: De não ficar só naquela coisa assim impulsiva de tomar uma decisão pro meu bem e deixar de lado, de ver o lado do outro também.

251. V: É.

252. E.M: Que seria mais isso, né?

253. V: Isso. Então, acho legal isso. É óbvio, né E.M, que a gente tem muito que aprender ainda.

254. E.M: Claro, com certeza.

255. V: Tem muito, eu falo: eu comecei a/ eu acho assim: tanta coisa que eu fazia, tal. Eu comecei a enxergar a vida de uma maneira diferente. Então você vai olhando assim, cê vai vendo, e um monte de coisa cê precisa consertar. Não me transformei de uma hora pra outra assim; mas assim, comecei a enxergar de uma maneira diferente. E agora, tem que trabalhar, né, pra consertar um monte de coisa que...

256. E.M: Que ficou.

257. V: Que ficou. Você vê, nossa, hoje a responsabilidade que cê tem com os filhos é totalmente diferente. Eu falo assim que se eu soubesse um monte de coisa que eu aprendi agora, na infância dos meus filhos, eu teria sido um pouquinho mais diferente. Mas assim, sempre conturbada, aquela coisa assim que passou, sabe, um relacionamento assim mais difícil. É como se eu estivesse construindo de novo, entendeu? De uma outra forma. Mas é legal. Porque devagarzinho vai, né (risos). Tem tanta coisa pra eu mudar ainda (risos). Tudo bem vai.

258. E.M: (Risos). Tá ótimo. Então, eu queria agora o...

[A gravação é interrompida neste momento, para que V. possa buscar algumas de suas psicografias e desenhos mediúnicos para serem discutidos. A gravação retorna num momento em que os dois, E.M e V., já estão conversando. V. está contando sobre uma ocasião em que estava no hospital, aguardando enquanto seu sogro era atendido, quando lhe veio a vontade de psicografar um texto, o qual ela lerá em seguida].

259. V: [...] passou assim, uma agonia sabe? *[Está descrevendo as sensações e os sentimentos que ela apresentou na ocasião, e que a impulsionaram a escrever]*. Vou até ler pra você. E eu falei: meu, eu não ia escrever isso aqui! Porque é igual eu falei: escreve um cartão de aniversário.

260. E.M: (risos).

261. V: Eu fico assim ó: o quê que eu escrevo? O quê que eu escrevo? (sorri). Aí eu tava assim esperando, né – no Mandaqui – aí cê vai assim, falei: caramba, eu nem tava/ tava até lendo ó, escrevi até aqui *[em algumas folhas em branco, do próprio livro que lia]*. Quer que eu leio pra você?

262. E.M: Lê, pode ler.

263. V: Assim ó:

Quando ficamos aqui, nesse corredor de hospital, temos tempo de ver como tudo na saúde vai mal. Gente com dor, gente aflita, gente sem esperança, pois é, sem dúvida nenhuma, gente totalmente esquecida. Há quem pedir socorro? Há quem pedir clemência? Pois não há hoje, no mundo, quem realmente se importa. Os governantes esperam que essa classe seja morta, ou os médicos, que poderiam ser bons engenheiros, pois blocos, cimentos, pedras, ruas, não gemem, não sentem dor; pode ficar o dia inteiro encostados, num canto qualquer, sem amor. E o que mais dá esperança, é o grande por vir, pois temos um pai criador que realmente se importa para onde ele nos guia. *[V. passa algumas páginas]*.

Bem sabemos que não podemos generalizar, pois tem enfermeiros, médicas, que muito querem ajudar. Mas não depende deles, qualquer tipo de ação. Pois realmente a eles não pertence a grande transformação. Mas aqui

fica um pedido em nome de todos; tratem do seu próximo como se fossem vocês, pois hoje vocês não têm dor. Amanhã, quem sabe o que vem. Hoje, são todos esses os grandes sofrendores, mas se não for nesse plano, será no outro que vamos ser os grandes vencedores. Doutores, mestres, responsáveis, fazem algo por todos. Pois só quem sofre é quem sabe. Hoje somos nós; amanhã, quem sabe, seremos nós a tratar de vocês.

264. E.M: Olha, que bonito hein?

265. V: Veio!

266. E.M: (Risos).

267. V: E eu, igual eu tô te falando, eu pra escrever um cartão eu fico assim ó [*com a mão encostada no queixo, e o braço sobre a mesa, refletindo*]. E aí eu tava lá sentada no coiso, aí cê vai vendo, cê vai olhando, cê vai coisando assim, eu falei assim: ah, eu queria um lápis, ah vou escrever. Comecei a escrever, (tal tal tal), e aí veio, entendeu? Então, é nesses assim que eu falo assim que, que mais assim que/ coisa que se eu fosse aquelas que escrevia assim, mas eu não sou nem um pouquinho de escrever.

268. E.M: (Risos).

269. V: Acho tão bonito. Aqui foi uma psicografia, que foi uma aula... que me deram. Isso aqui, falou assim, falou assim ó: “o seu irmão que passou essa mensagem”. Só que não foi o meu irmão. Eu não acredito. Então assim, fazia dois anos/ não. Ele morreu em... fazia um ano. Eu falei assim: não, o meu irmão/ Então aí, é aquela coisa que cê fala: eu fico/ eu sou muito assim: não é tudo que falam assim que cê tem que acreditar, né. Então eu falei assim: ah, esse aqui não foi meu irmão. E foi até uma professora que me deu, falou assim: “ó, é pra você”. Aí quando eu olhei, fiquei toda feliz, tal. Mas depois você vai na razão, você fala assim: não, não senti não que é meu irmão.

270. E.M: É, né?

271. V: Teve até uma experiência com o meu irmão [sorri], em sonho.

272. E.M: Sei.

273. V: Que eu vou te falar. Eu sempre acreditei que meu irmão/ Igual eu te falei, como ele desencarnou, tudo, sempre me dei muito bem com ele. Então sabe quando cê faz prece, que cê ora, cê fala assim: ai, ele tá bem. E eu sempre acreditei que ele tava bem. E no sonho, eu tenho certeza, sabe aqueles sonhos que você fala assim que você esteve com a pessoa? Eu tenho certeza que eu tive com ele. E eu vi que ele não estava bem. Cê acredita? Eu sonhei que ele precisava só me ver. Não teve assim de coisas extraordinárias, nada. No sonho eu tava indo num hospital mesmo. E aí, falava assim: “agora é a tua hora de fazer a visita”. E eu, a hora que eu vi meu irmão, ele tava assim totalmente na mesma situação que ele tava, só que ele precisava me ver. A hora que ele me viu, eu acordei. E assim, eu acordei com a impressão nítida que eu tava com ele.

274. E.M: Olha.

275. Eu tenho certeza. Aí, isso aqui já faz tempo também que ela me deu [*a alegada mensagem de seu irmão falecido*], ó, em 2005. E na época mesmo eu falava assim: não, não foi meu irmão. Porque ó/ ela falou assim ó:

“Oh minha irmã querida. Perdoe-me, estou agora me sentindo melhor. Fico contente, pois estou conseguindo, através de você, um meio de ver/ de dizer a você e a todos os nossos que estou começando a minha evolução. Sinto que logo poderei falar, ou melhor, me expressar com você. Agradeço a Deus por estar nesse caminho, nesta casa, aprendendo, e através de você, aprendo também. Continue para que eu possa continuar evoluindo, à maneira que quero e que preciso. Não se esqueça nunca de mim, que eu preciso de você. Até uma próxima oportunidade”.

Aí me deu isso aqui, eu falei assim: não é meu irmão. Cê vê: passou um mó tempo, 2005. Nós já estamos em 2009. Aí eu sonhei com o meu irmão. Então quer dizer, o plano espiritual/ e aí eu/ sabe quando cê tem esses, essas coisas assim de/ tem uns flashes, né. Eu falei assim: não, o meu irmão não está [*bem*]. E não tá mesmo. E eu sinto hoje que o meu irmão/ tanto que eu não tenho esse problema de ficar assim: ai, eu queria uma mensagem do meu irmão.

276. E.M: Sei, sei.

277. V: Não vou atrás disso. Eu sinto que ele precisa de auxílio, mas ainda não tocou. É como nos trabalhos de desobsessão que eu/ às vezes o doutrinador vem pra doutrinar; e tudo aquilo que o doutrinador fala, não é aquilo que a entidade quer ouvir. Sabe quando ele tá falando, mas a entidade não tá preparada pra ouvir nada ainda. Ela quer só aquela energia, que você vai transmitir. Aí na onde/ porque eu vejo assim: a... a... espiritualidade, no plano do outro lado, é igual a nossa. Não vai ser assim numa sessão que você vai falar, e ele vai ouvir, e vai se transformar. Então ela vem, ela precisa da tua energia, e vai começar assim. Porque alguém tá pedindo por ela, ou ela que tá recebendo; ela foi pro socorro, (mas ela não quer ouvir nada). Ela só quer aquele toque, aquela/ foi igual no sonho.

278. E.M: Entendi.

279. V: Meu irmão precisava/ não teve toque nenhum, mas eu via como meu irmão tá, e ele precisava de ter aquela [aquele encontro] pra tocar alguma coisa nele. Mas ele não mudou ali, por causa do meu toque, da minha transformação não. Ele só precisou daquela energia. Foi um meio que...

280. E.M: Ou seja: pelo que você já conhecia do seu irmão, você sabia que ele não ia passar pro outro plano e já, automaticamente, como essa mensagem parecia transmitir, já tá evoluído, já tá compreendendo as coisas...

281. V: Não. E olha...

282. E.M: Não batia com o que você sabia dele, né?

283. V: É. E é uma coisa assim que você vê assim/ igual, é uma intuição. Uma coisa muito forte. E é igual eu falo: meu irmão foi uma pessoa, E.M, que ele tirava a roupa pra você. O coração dele era, nossa, sem comentários. Mas ele não conseguiu ser melhor com ele mesmo. Ele mesmo se auto... é...

284. E.M: Destruíu.

285. V: Destruía. Tanto que o meu irmão já teve um/ era ele e minha mãe, tinha uma história já assim de outras vidas. O meu irmão já veio com defeito na face, ele tinha muito complexo, então ele precisava/ já tem uma história lá no fundo, né. Então, é onde eu falo que você encontra resposta. Por que o meu irmão nasceu com uma deficiência? Ele não faz nada quando ele era bebê. Ele vai nascer com uma deficiência? Não, hoje eu sei que ele nasceu porque tem uma história lá atrás, né. Então, sempre muito complexado, muito/ teve uma outra história.

286. E.M: Entendi.

287. V: Entendeu? Então, não/ hoje você fala assim: “ah, vai atrás, vê como é que o seu irmão tá”. Não me interessa. Te juro assim. Meu pai; meu pai hoje eu não tenho curiosidade nenhuma de saber.

288. E.M: Ele já faleceu também o seu pai?

289. V: Meu pai num dia, meu irmão no outro.

290. E.M: Olha só.

291. V: Você acredita? [sorrindo].

292. E.M: No dia seguinte assim?

293. V: No dia seguinte, no mesmo ano. Foi num dia meu pai, e no outro dia meu irmão. Então eu falo assim: ah, não tenho a curiosidade, só sei que, é tipo assim, a vida vai te direcionando, e você, se você prestar atenção, você tá auxiliando muito mais do que/ aí, pra quê que eu quero saber? (Eu) acho que se tiver que ser, alguma coisa vai vir como vem em sonho pra gente. Às vezes você encontra uma resposta em sonho, alguma coisa, de algum jeito, o universo vai trazer pra você alguma informação que você precise. Se não tem essa informação, você não precisa, né. Então, eu, particularmente, acho assim.

294. E.M: Tá. (risos).

295. V: Aqui foi um negócio de aula mesmo [*referindo-se aos papéis que trouxera espalhados sobre a mesa*], nas aulas que/ porque nunca mais teve...

296. E.M: Sei. Cê [*nunca mais*] teve vontade de pintar ou desenhar.

297. V: Não, não. E nunca/ olha, até pra fazer desenho na escola, era terrível.

298. E.M: E deixa eu te perguntar, V. Quando você ia desenhar lá no centro, como é que era? Por exemplo, a sua mão; você perdia o controle da mão, ou era mais uma coisa de inspiração, como é que era?

299. V: Não. Era uma coisa assim, nossa, muito forte. E às vezes cê não tinha nem controle assim, era uma coisa assim que vinha assim, cê não contava/ é como se você tremesse, queria parar de tremer, e não conseguia. Aí cê segurava assim, mas ficava assim [*torto*].

300. E.M: Ahh... Sozinho?

301. V: Sozinho. Ó, essas aqui é umas...

302. E.M: E era sempre com a mão direita, no caso?

303. V: Não, uma vez mudou a mão. A esquerda. Uma vez teve uma mudança. [*Enquanto fala, V. remexe os papéis em cima da mesa, conferindo seus desenhos mediúnicos*]. E eu não conseguia desenhar nunca, nada, então assim (risos), sempre fui péssima em desenho, não... [*continua remexendo-os*]. E assim, eram coisas assim, ó [*mostra a E.M um de seus desenhos*].

304. E.M: E o quê que, por exemplo, te traziam essas figuras, esses desenhos? Qual era assim o sentimento que você tinha, quando você tava produzindo?

305. V: Olha, teve uma vez que... era como se – que marcou assim – era como se a música me envolvia, aí parecia que eu tava assim/ tinha uma tela, e eu era um pintor. Tava pintando assim, fazia muito bem aqueles desenhos assim. Não saía nada, assim, pra mim. Mas eu ficava assim pintando, parecia uma artista. Eu, tipo assim, uma artista mesmo.

306. E.M: Sei.

307. V: Eu tinha a sensação de artista. Mas nunca...

308. E.M: Mas você estava realmente pintando, ou era uma coisa assim no ar? Por exemplo, assim...

309. V: Não, eu tava pintando. Mas a sensação que dava é que você tava numa tela assim, sabe?

310. E.M: Produzindo uma coisa muito boa?

311. V: É, mas cê tava ali com um giz de cera e tava passando [*numa folha de papel, não em uma tela preparada*]. Entendeu? Aí ia vindo, aí cê vai/ eu ia pondo assim/ é óbvio que tinha minhas interferências, assim, da... assim, como é que eu posso te falar? Quando eu tava em aula, nas pinturas, eu falava assim: eu deixava assim, deixava acontecer, só que tinha uma interferência de falar assim: “ai, se não vai pôr isso/ não, V. não é isso aí”. Sabe aquele Eu, o Eu falando: “não, imagina; não é você não, V; vai, põe aí, você que põe!” Então eu sempre tinha essas...

312. E.M: Dúvidas.

313. V: É, dúvidas. Nossa, muito... aí, ó; muito rosto... [*desenhos V.1 e V.2*].

314. E.M: E você não sabe, por exemplo, o quê que era esses rostos? Você via, por exemplo, esse rosto, ou não?

315. V: Não, vinha só...

316. E.M: Pra você desenhar na hora?

317. V: É, pra você desenhar. Assim, eu nunca/ na época, né, que eu fiz o curso, a psicografia, a pintura mediúnica, nunca fui de desenhar assim, tal. Então eu sabia que se eu continuasse mesmo ia desenvolver mais.

318. E.M: Sei.

319. V: Mas aqui na pintura eu parei mesmo. Mas assim, tinha coisas assim que é como se você fosse desenhar um menininho/ sempre fui assim de desenhar, também nunca tive/ era uma bolinha e um pauzinho. Mas você vê que não é uma coisa que: ai, eu já sou uma pintora. Não. Vai ouvindo...

320. E.M: Vai desenvolvendo aos poucos, né.

321. V: Vai. Igual aquele, tipo assim: “ah, pega lá”. Aí você muda a cor, você quer mudar, e eu ficava, assim, eu não sabia nem o que eu queria, mas eu procurava assim, sabe? De...

322. E.M: Era uma coisa que você sentia como se você estivesse sendo direcionada?

323. V: Isso! Era. Na pintura era bem assim. Também na Psicografia, tá? Mas assim, era bem/ a sensação era forte. Muito forte.

324. E.M: Ah tá. Muito forte, né.

325. V: É.

326. E.M: Tá. E não te traz nada essas figuras? Você quando vê assim, não sabe o que é, não...

327. V: Não. Não. Não traz nada.

328. E.M: Só vinha mesmo pra você desenhar?

329. V: Só. Só vinha mesmo. É igual...

330. E.M: Essa aqui foi uma das primeiras que você fez [*desenho V.3*]?

331. V: Acho que sim. Foi uma das primeiras. É tipo assim, igual, quando eu fui na casa de David [*nome de uma instituição de caridade espírita*] que eu fiz uma psicografia – teve um trabalho lá que foi psicografia – eu fiz a psicografia – nem lembro a mensagem – mas deu uma vontade de desenhar uma pessoa com uma muleta. Não que eu via aquela pessoa de muleta. Não. Mas...

332. E.M: Sentia, pelo menos?

333. V: É, com uma pessoa com a perna engessada.

334. E.M: Entendi.

335. V: Do meu jeito lá, passei, mas assim.

336. E.M: (risos). Entendi.

337. V: E essa igual; essas faces [*Desenhos V. 1 e 2*] assim teve um – nas aulas que eu tava – aí teve um coiso que era só vontade de desenhar assim mesmo cara.

338. E.M: Essas faces assim, esses rostos?

339. V: É. É. Huhum.

340. E.M: Então vem uma vontade assim de fazer esse tipo de desenho?

341. V: É, não... não é nem/ não é nada programado, mas vem assim na mão e cê vai desenhando. Cê vai pondo as cores, cê vai...

342. E.M: Entendi.

343. V: É, não é nada assim/ tá lá a caixinha de giz, aí você vai pegando...

344. E.M: E a coisa vai acontecendo?

345. V: Vai acontecendo. É, não tem assim, cê nem pensa no que cê vai/ pelo menos na aula, que eu lembro lá, cê não tem nada assim: aí, eu vou deixar hoje um coração *[como no desenho V.4]*. Não. Assim, cê deixa aí a/ pelo menos a minha sensação eram assim: eu fechava os olhos, ficava concentrada, a mão já começava a tremer, ficava uma coisa muito forte assim.

346. E.M: E ia fazendo.

347. V: É.

348. E.M: Interessante.

349. V: É isso.

350. E.M: E mais, tem esses aí também, né? *[referindo-se a alguns outros desenhos sobre a mesa]*.

351. V: É, eu não lembro nem da época, ó *[alguns desenhos não estavam datados]*.

352. E.M: Esse daí é de 2005.

353. V: De 2005 *[E.M e V. estão se referindo a um dos vários desenhos de V. que teriam sido realizados em 2005. Na verdade, nesta entrevista, ao contrário das demais, não houve uma preocupação em se indicar quais desenhos estavam sendo discutidos, na sequência em que aparecem nas transcrições, visto que a entrevistada pouca informação forneceu sobre o conteúdo dos mesmos, e considerando-se que suas produções não diferiam muito entre si, marcadas, quer por temas florais, quer por misturas de cores e traços difusos de imitação abstracionista. Assim sendo, escolheu-se apenas alguns desenhos representativos da produção 'mediúnica' geral da médium, cuja numeração pode ser encontrada ao longo da própria transcrição e nos anexos]*.

354. E.M: Esse você já tava algum tempo já no centro, né?

355. V: Já. Já tava... já tava algum tempo, quando eu comecei a fazer essas aulas.

356. E.M: Ah tá.

357. V: É. Esse aqui acho que foi um ano, eu fiz um ano, ou um mês, não sei, na pintura mediúnica. Tinha um curso, né. Aí vai... vai fazendo, vai... *[passa alguns segundos revirando as folhas de desenho e olhando cada um]*. Mas eu não...

358. E.M: Cê não conseguia entender...

359. V: Não, eu não lembro, é. É isso mesmo.

360. E.M: Eu posso levar alguns desses desenhos?

361. V: Pode. Pode.

362. E.M: Depois eu devolvo pra você. É mais pra... digitalizar, fazer alguma coisa.

363. V: Pode, pode levar.

364. E.M: Alguma coisa assim. *[Passam-se alguns segundos enquanto E.M e V. ajeitam os desenhos que estavam espalhados, até que E.M encontra algumas folhas escritas]*. E aí já seriam as psicografias suas.

365. V: É, aqui era, que eu acho que era uma aula de pintura, outra aula de psicografia.

366. E.M: Teve alguma dessas aí *[psicografias]* que você acha mais significativa, que você gostaria de... de comentar ou não?

367. V: Então, como era em aula, aí assim, cê sempre esperava tal e ficava. O que me chamou a atenção, igual eu te falei, foi aquela que eu tava no hospital...

368. E.M: Ah tá, essa daí.

369. V: ...que foi fluindo assim. Quando eu tava fazendo as coisas, que... que... principalmente quando cê mexe muito com água. Eu, né. Quando eu mexo muito com água, e tal, que veio a minha colega na/ então a minha vontade é parar e escrever.

370. E.M: Sei.

371. V: Aí... que foi?

372. E.M: Não, é o pescoço mesmo *[V. questionou sobre alguns movimentos que E.M estava fazendo com o corpo, mas que eram apenas resultantes de dores no pescoço]*.

373. V: (risos). Mas assim, como foi, eu não lembro não. Não vou falar aqui...

374. E.M: Não, não tem problema não. É mais pra saber mesmo se tinha alguma coisa.

375. V: É mais de aula mesmo. Ó. É mais na aula *[V. está querendo dizer que as psicografias que possui não lhe são interessantes, pois foram feitas durante aulas do curso mediúnico, e por isso não possuem conteúdo de maior relevância emocional ou intelectual para ela; são simples exercícios de redação que fez, sob orientação de professoras do centro, para ‘treinar’ sua mediunidade]*.

376. E.M: Bom, eu acho que é isso. Acho que tá bem... esse foi seu também?

377. V: Bom, esse aqui era num centro que eu ia de domingo, que lá tinha pintura mediúnica, e depois o mentor te dava um... uma... passava tua ficha, deixava o seu nome lá, acho que era assim. E a gente ficava só num círculo – que é um centro que tem aí na rua *[nome da rua]*, logo que eu conheci, em 2004 – e a gente ficava na leitura do evangelho. Aí depois eles entregavam isso aqui pra gente, com uma, com...

378. E.M: Uma mensagem.

379. V: É aqui, tá vendo, ó. Sempre em busca de ó:

“Orientação; queria uma orientação sobre minha mãe. Pois tento ajudá-la, e ela é muito resistente.”

Então, aí vinha uma mensagem em relação a isso.

380. E.M: Entendi. *[Para esclarecer melhor o leitor: V. está explicando que, no centro que freqüentava, certas mensagens psicografadas podiam ser realizadas em resposta a algum pedido de orientação sobre questões da vida pessoal dos freqüentadores, desde que estes fizessem uma solicitação e fornecessem seus nomes. Ela está então lendo algumas das solicitações que ela própria fez, por escrito, e a resposta (psicografada) que obteve. Essas mensagens não foram selecionadas para a pesquisa e não constam dos nossos arquivos, pois não foram produzidas pela própria médium, e, em termos de conteúdo, não possuem maior relevância ao estudo. A leitura das mesmas, pela médium, registrada na transcrição, foi-nos suficiente]*.

381. V: Tinha até esquecido disso aqui (risos).

382. E.M: (risos). Acaba remexendo, né?

383. V: É! Que nós começamos a/ esse aqui também ó.

384. E.M: Esse foi uma orientação do que?

385. V: “*Vida familiar, relação conjugal*”. Era sempre...

386. E.M: E eles sempre desenham essas flores, né, em geral.

387. V: É, isso daqui sempre/ acho que como é lá na/ já ficava pronto isso aqui. Eles desenhavam pra gente. Tinha um monte...

388. E.M: Ah, tá.

389. V: ...então eles pegavam assim e...

390. E.M: E colocavam junto.

391. V: E colocava juntos, ó. [E.M e V. estão se referindo a alguns adornos que acompanhavam as mensagens psicografadas, na forma de ramalhetes de flores desenhados no próprio papel] Então era quando a gente ia pra fazer o/ aqui ó: *Vida espiritual, espiritualidade*. Sempre tinha muito, muita... muitas dúvidas, né. Então... eu perguntava também.

392. E.M: Isso foi antes de você conhecer o [centro espírita] Ismael?

393. V: Foi assim junto. Ou eu já tava fazendo aula no Ismael, e ia fazer o evangelho lá. Porque quando eu ia, é.../ ah, vamos fazer o evangelho, eu sempre gostei muito do... assim de... saber mais, e aí você vai também porque cê fala assim: aí, será que tem uma palavra pra mim? Na época, né. De... de querer saber: aí, eu queria uma orientação. Aí eu ia fazer evangelho, e ah, o mentor vai dar uma orientação. Então, então quero essa orientação. Ah, em relação à minha mãe...

394. E.M: E você ia pra... [receber essa orientação].

395. V: Também. É.

396. E.M: Tá bom. Eu acho que é isso, V.

397. V: Essa aqui, é, cê vê, tá até aqui, ó: vida, sentimento. Sempre procurando uma orientação nisso. Essa aqui, nossa eu nem sabia que tinha isso aqui (risos).

398. E.M: (risos).

399. V: Ó, minha vida emocional, sempre... caramba. Essa aqui foi até o meu marido, ó, que foi também comigo.

400. E.M: E eles passaram mensagem.

401. V: É, as mensagens era sempre assim, bem de mentor mesmo. De... quer ver? Deixa eu ver uma aqui pra te falar. Ver aquela que eu te falei da minha mãe. As mensagens eram sempre assim, ó: vida familiar... Quer ver? Então é bem mensagem de mentor. Ó, minha mãe, (esse) é pra ajudá-la:

“Saudações de paz e luz do meu coração, minha querida companheira. Que alegria poder falar ao teu coração e dizer-te que faço o melhor que puder por sua mãe. Uma palavra confortadora, por sentir que tenho oportunidade de falar. Cada pessoa, querida, está em um grau de evolução, e não necessariamente por ela ser mais idosa. Tem que entender e aceitar.

Faça as preces por ela, rogando que o pai lhe ajude a ajudá-la. Mostre a ela, através da mudança de si própria, o teu amor por ela, o quanto a fé e as preces podem ajudar um ser. Pois somente através destes as pessoas se

sentem fortes e renovadas, para lutar diante dos sofrimentos da vida. Somente com bons exemplos ela cairá em si. E isso vem de dentro para fora, e não de fora para dentro. Uma hora ela cairá em si. Ore e confie que você está fazendo o melhor por ela. Deus te dê um grande beijo. À frente, lindas flores a florir e perfumar sua estrada”.

É essas mensagens assim que...

402. E.M: Que eles passavam.

403. V: Que eles passavam, é. A maioria assim de...

404. E.M: Mentores, né.

405. V: É. Essa aqui também, ó. Da vida familiar, te falava em relação conjugal: falei, ai, não acredito.

406. E.M: (risos).

407. V: É:

“Saudações ao teu coração, filha amada, felizes estamos ao vê-la nesta manhã. Querida filha; sabemos de suas dificuldades, e te pedimos mais calma, paciência e compreensão, em relação aos que se relacionam contigo. Saiba querida, que estamos contigo, te amparando, sustentando. Muitas são as responsabilidades que tens para com aqueles que ama. Por isso te pedimos, filha, mais oração, pratique o evangelho do lar, para que possas harmonizar teu lar e aqueles que convivem contigo. Tens muito amor dentro de ti, querida, compartilhe, filha, este sentimento que há de mais feminino dentro de ti, e saiba perdoar aqueles que convivem contigo e necessitam de ti.”

Então é sempre palavras assim.

408. E.M: Nesse tipo, né, confortador.

409. V: Confortadoras, é. De incentivo, de ânimo, então fazia bem. Então a gente ia pro evangelho.

410. E.M: (risos).

411. V: Aí minha filha ia, de vez em quando ia meu marido, então foi aonde que começou a ter a transformação mesmo, porque fala assim, a gente tava muito...

412. E.M: Perdido.

413. V: Muito perdido. Então, foram se/ é o que eu falo, né: eu e o meu marido casamos muito cedo. Então ele também, né, com dezenove anos? Hoje em dia cê pega um cheio de responsabilidade, com filho. Também pra ele foi difícil, né. Então é complicado. Mas assim, tem uns ajustes que a gente vai olhando, vai fazendo, e vai seguindo, né. Vai se fazer o quê? Tem que ir.

414. E.M: E agora pra finalizar, eu queria te perguntar assim: mensagem que você gostaria de deixar, ou alguma coisa que você gostaria de falar e de repente você não falou, e quer complementar; deixar uma mensagem pra encerrar assim em relação a esse estudo. O que você acha que esse estudo pode contribuir, né, pra/ pro Espiritismo, ou mesmo pra Psicologia?

415. V: Ah, eu acho assim. Hoje em dia, o Espiritismo, que é uma ciência, uma filosofia, né, e uma doutrina, né, religião. Então tá tudo ali. E eu acho que essa tem cada vez mais a ir em frente mesmo e onde – que fala no livro – que nem tudo que a gente procura, você vai ter uma resposta pra tudo. Até a ciência hoje, por mais avançada que tem, ela não vai encontrar uma resposta pra tudo. Que é conforme Deus vai/ que eu confio muito em Deus, então o Deus é o nosso pai mesmo, né, então a gente tem que confiar muito. Conforme Deus vai achando que a gente tem que saber as coisas que vai, ele vai deixando, o quê? A ciência, indo aí em busca de tantas coisas boas e maravilhosas que tá/ não tá mais como antigamente que as pessoas eram bem, nossa, eram bem assim, não acreditavam nessa parte espiritual. e hoje não, cê vê que os grandes cientistas estão aí já vendo que existe mesmo. Então isso é muito benéfico pra todo mundo. Porque não é só as pessoas que estão em busca das respostas que vai se beneficiar. Tá se beneficiando muita gente. Então essas dores, essas, nossa, essas diferenças; tem tanta coisa que se a gente olhar, perde o sentido da vida; de você

falar assim: não, não tem justiça. Porque hoje nós estamos num mundo que não quer mesmo, não tem mais tolerância, mais paciência com ninguém. Os casamentos, cê vê, os casamentos hoje em dia tão aí, é... bem mais, é... negócio, né. Então eu não: ah, já caso assim. Se não der certo, separo amanhã. Então não é por aí, então tô esquecendo um pouco de Deus. E tudo isso vai trazendo um pouco pra Deus, pra dentro de Deus, né. Pra gente tá levando essa vida aí que tá tão difícil, né. Levando pra gente ter mais conscientização. Eu acho que o estudo que a ciência vem fazendo, acho que vocês, que estão profissionais aí, estão mais interessados; que antigamente não tinha muito disso aí. Ainda hoje cê vê. Igual, eu participo do primeiro ano lá no curso lá no Ismael [*não como aluna, mas como auxiliar*], tem um casal de psicólogos lá. e eu já também estudava com psicólogo. Então cê vê que eles já estão abrangendo essa área, porque eu acho que a Psicologia com Espiritismo é tudo. Tem umas respostas assim fantásticas. Que acho que/ eu acho que sempre/ se você fazer a Psicologia sem o Espiritismo, eu acho que pro psicólogo mesmo falta; acho que falta uma...

416. E.M: Uma base.

417. V: Uma base. Falta. Falta uma resposta. Às vezes cê não encontra a resposta. Se cê puxar um pouquinho pra esse lado espiritual, cê vai encontrar. Né? Acho que completa, complementa aquilo ali. Não tá ainda assim: ah. Mas tá caminhando, isso é importante. É esse caminhar, que tá indo. Nossa, falou/ é maravilhoso. Igual eu falei pra você, né, que se eu pudesse estudar psicologia eu ia estudar porque é fantástico. O ser humano, nossa. De você poder olhar poder olhar pra uma pessoa e ver ela como uma pessoa, não como um, aí, entendeu? “Ficar quieto”. Né? “Tem outras ali que é melhor, mais inteligente que você”. Não, uma pessoa é tão importante quanto a outra. Então eu acho que tá tendo essa preocupação hoje, em tratar a pessoa com mais ser humano. Cê vê médicos, na área da saúde, principalmente, né. A gente vê que tá tendo/ voltando pra esse lado. E complementa. Hoje em dia as pessoas não/ estão tomando remédio aí, mas ela não precisa de remédio. Ela precisa da mudança. E hoje tá vendo aí, que a gente, por causa do seu pensamento, sentimentos que você traz, traz doença pra você. É isso que precisa ser mudado: o pensamento. Então eu acho que as pessoas precisam ser mais direcionadas a isso, né. Não assim: aí, tem médico que nem olha pra tua cara. “Quê que cê tem?”. Já te receita um remédio. Não. Tem que pesquisar. Por que quê tá acontecendo isso? Né? Então, acho que tá caminhando, né, E.M. Olha, só, cê no ouvir...

418. E.M: (risos).

419. V: Já também, né, indo atrás de informação. Isso é muito importante. Já é uma coisa assim maravilhosa. Né. Podia falar assim: ah, novinho não [V. *está se referindo à idade de E.M*]. Cê sabe que tem uma lá na/ que eu fui fazer um evangelho, e eu li uma história do... aí, quem que fez a vacina anti-rábica lá... foi o... não foi o... aí, foi o... aí, caramba, é um cientista famosíssimo.

420. E.M: É, eu esqueci o nome também.

421. V: Seibe, lá... é francês ele.

422. E.M: Não sei, Pasteur?

423. V: Isso! É ele mesmo! (risos). Então eu tava fazendo o evangelho e ele tava pesquisando, tal, que eu gosto muito de estudar, de ir em busca, pra passar a informação. Aí tava assim: A Ciência e Deus. Aí tinha um jovem, né, que tinha acabado de se formar, ele foi lá, todo animado, tá no metrô [*na verdade, no relato original, não seria um metrô, mas um trem*]. E tinha um senhor com livro de capa preta, estudando. Ele olhou assim e falou: “e o senhor acredita ainda nessas crendices, nessas coisas?”. Ele falou: “por quê?”. [Responde o rapaz] “Ah, isso aí é tudo lorota, isso aí é tudo besteira, isso aí é tudo bobagem! O senhor tem é que acreditar na ciência, que comprova, que vai lá. Eu não tenho tempo de passar todas as informações pro senhor não, porque eu já vou logo descer na próxima estação”. E o senhor lá com o Evangelho, em Lucas, né, e lendo. Ele falou: “ah, mas eu/ me dê o seu endereço, que eu vou te passar tudo sobre a ciência mesmo, o senhor tem que pesquisar isso, sobre a ciência, não ficar lendo essas bobagens”. Aí ele [*senhor*] pegou e tirou o cartãozinho e deu pro jovem, o jovem desceu, e todo indignado que ele tava lendo aquele evangelho. E o senhor falou: “Então eu aguardo você me dar, né, as suas/ os seus estudos, os seus apontamentos”. Aí quando o jovem olhou o cartãozinho, cabisbaixo ele ficou, porque era o diretor, professor, ororor [*enrola a língua, para resumir a frase*], do hospital lá e era esse cientista [*Louis Pasteur*]. Então quer dizer, um pouco de ciência – falou assim – nos afasta de Deus. O muito, nos aproxima dele. Entendeu? Então eu achei, nossa, muito legal, e é verdade. O jovem todo lá, empolgadão, e o/ diante daquele professor, daquele, né...

424. E.M: Cientista.

425. V: Cientista. Então, ele falou/ então quer dizer, a pessoa se forma, fica toda empolgada, querendo mudar o mundo, e não é assim, né (risos). E é tão (bonita) aquela história, eu falei, muito legal.

426. E.M: Obrigado, viu V.

427. V: Nada. Espero que eu tenha colaborado aí, e se faltar alguma coisa você fala.

428. E.M: Não, agora tá encerrado.

429. V: É, agora eu tô começando agora os meus estudos também, né, E.M, disso, de... do Espiritismo mesmo que, ele voltou a estudar bastante/ a gente/ eu, né, estudar bastante coisa, então eu tô aprendendo ainda.

430. E.M: Claro. Com certeza.

431. V: Né? Tô, nossa, tô, olha... tô engatinhando aqui.

432. E.M: (risos).

433. V: Mas legal, muito legal.

_____ /// _____

E.O, 60 anos, do lar.

ENTREVISTA (15/05/2009)

1. E.M: Tá. Pode começar falando. Eu queria que você contasse um pouco da sua vida, de quem você é, da sua história, né. E pode começar da onde você quiser. Não tem importância.

2. E.O: Ah tá. É. É, eu... eu nasci num lar espírita, né. E agradeço todos os dias a Deus por ter entrado realmente como espírito num lar espírita. Porque... eu acho que se eu não tivesse é... essa acolhida, né, dos meus pais, assim, de serem espíritas, eu acho que eu estaria realmente internada num manicômio. Porque... né, desde cedo, eu via espíritos, né. Desde os nove anos. Então eu tive assim uma ajuda muito grande do meu pai. Porque eu gritava, e eu via, e eu me assustava, e sempre eu acordava com o meu pai me aplicando passes, né. E... assim, desde cedo já entrei em escola dominical no centro, já fui amparada, né, e vim, e vim. Depois, aí a gente tem a adolescência, começa a namorar, aí não é tão importante, né.

3. E.M: Pode falar.

4. E.O: (risos).

5. E.M: O que você quiser.

6. E.O: Não é tão importante, mas logo depois eu me casei. Eu morava em Ribeirão Preto e eu vim pra São Paulo. Eu vim morar em São Paulo. E aqui, já grávida do meu primeiro filho, aí eu senti necessidade de procurar realmente, né. Aí procurei, achei um centro lá na... eu esqueço o nome, daquele bairro lá...

7. E.M: *[menciona o nome de um bairro]*?

8. E.O: Não. *[Outro bairro]* lá embaixo.

9. E.M: Sei.

10. E.O: Eu encontrei ali, lá eu fiz o tratamento; precisei de um tratamento espiritual quando eu tava grávida. Aí terminando o tratamento, eu ia iniciar lá pra fazer o curso, né, de médiuns, tudo. Mas aí, criança *[pra cuidar]*, aí... né. Aí, eu vim retornar, eu vim retornar quando eu estava grávida da minha terceira filha. Que aí eu conheci o *[centro espírita]* Ismael.

11. E.M: Sei.

12. E.O: Né. Aí eu conheci o Ismael...

13. E.M: Desde criança você ficou sem frequentar?

14. E.O: É, sempre frequentei, sempre frequentei, né.

15. E.M: Ah tá.

16. E.O: Mas assim, que eu peguei firme mesmo foi aqui no Ismael, né. Aí eu vim pra cá pro Ismael, aí já fiz o curso e... depois, terminei o curso e comecei a trabalhar mediunicamente, né. Mas eu tive fatos assim, um fato assim, pra mim, até hoje, é/ quando eu faltava quinze dias pro meu casamento, eu tive um sonho com.../ eu saí da minha casa, de Ribeirão Preto, eu vim pra cá, em São Paulo – no sonho – eu vim pra cá em São Paulo; aqui, eu tomei um avião – eu nunca tinha entrado num avião – eu entrei num avião, e fui embora.

17. E.M: No sonho?

18. E.O: No sonho. Pros Estados Unidos. Eu não sei o lugar. Porque o lugar, quando eu quis prestar atenção, eu não consegui. Então lá, quando eu cheguei lá, tinha um rapaz me esperando. Um rapaz. Nossa! Quando eu vi, eu tive uma saudade, uma saudade que não dá pra explicar, né. E aí a gente se abraçou, aquela saudade, aquela saudade, aquela coisa boa, aquele amor, um amor diferente do amor que a gente tem aqui, né, que é uma mistura, né. Mas assim, um amor muito grande, muito gostoso, e aí ele falou: “nossa, que bom que a gente se reencontrou!”. E me levou pra

passar; me levou primeiro numa exposição de pássaros, uns pássaros exóticos, diferentes, sabe? Depois ele me levou pra comer num restaurante que era pra fora assim, sabe? Com mesinhas, com toalhas quadriculadas de vermelho e de azul. E a gente comeu ali, depois ele disse assim pra mim: “agora, você vai embora”. E eu falei: não vou. Ele falou: “você vai. Você tem que ir embora”. Eu falei: não, eu não vou. Ele falou: “vai, você vai embora”. E eu fui, né. E aí eu comecei a chorar. Eu me despedi dele, mas eu comecei a chorar. E a minha casa – sabe aqueles portões baixo que a gente abria assim? *[demonstra o que está dizendo com um movimento da mão e do braço]*. Né? Que tinha uma tramelinha (sic) assim. Eu me lembro que eu fiz todo o trajeto que eu tinha ido, eu voltei. E aí eu abri o portão da minha casa e eu acordei chorando, o meu pai me aplicando o passe. Só que eu fiquei muito assustada, e eu fiquei na cama com a minha mãe, e eu falei pra minha mãe: eu não vou casar mais. Faltavam quinze dias pro meu casamento. Eu disse: eu não vou casar mais. Não vou, não quero, não quero, não quero. “Por quê?”

19. E.M: Nisso você tinha quantos anos?

20. E.O: Eu tinha... vinte?

21. E.M: Vinte anos?

22. E.O: É, eu tinha vinte anos.

23. E.M: Tá. Mas você acordava como? Como é que era isso? Você acordava assim, como se fosse um pesadelo?

24. E.O: Como se fosse um pesadelo.

25. E.M: Tá.

26. E.O: É, como se fosse um pesadelo. Meio sem saber o que é que tava acontecendo comigo, né. E aí... ela falou: “não, imagina, não sei o quê”. E naquele dia mesmo eu iria pra Uberaba – que eu sou de Uberaba, né – eu iria à Uberaba experimentar, fazer a última prova do meu vestido. Porque o meu vestido foi feito lá. E do lado dessa casa de noivas, tinha/ J. C., médium famoso de Uberaba, que tinha um hospital assim que tratava de obsessões assim, né. Mas a gente tinha assim um carinho especial com ele, porque dizia ele que numa encarnação, tinha sido irmão da irmã mais velha da minha mãe. Então ele era como se fosse da família.

27. E.M: Esse médium?

28. E.O: Esse médium. E eu entrei; eu entrei, e ele tava/ aí a moça que ajudava tava lá mexendo na cozinha, eu falei: onde tá seu J.? Ela disse: “ele tá lá no quarto. Hoje ele não tá muito bem”. E eu entrei. Quando eu entrei, ele tava assim sentado né, sentado assim na cama, com uma perna levantada, a outra abaixada. E eu cheguei, e falei: ai, seu J. – eu tava desesperada por causa daquele sonho – peguei e falei pra ele: ai, seu J., eu não quero mais casar, eu não quero, eu não quero de jeito nenhum, aí ele ficou assim *[E.O olha para cima, representando a maneira como o médium olhava para ela]*. Aí de repente ele começou a falar, ele falou assim pra mim: “olha... aqui quem tá falando não é o J.; é o seu mentor”. Né. “Olha, esse rapaz que você teve esse sonho” – eu nem contei pra ele o sonho, certo? Eu disse só pra ele que eu tinha tido um sonho e que eu não ia me casar mais – aí ele disse: “esse rapaz que você sonhou, é o seu verdadeiro marido espiritual. E vocês tiveram – agora que você tá pra casar, uma coisa especial na sua vida – vocês tiveram – não é licença; cês tiveram um merecimento de se reencontrarem agora. Só que ele tem a vida dele lá, que ele pediu a encarnação dele lá, e você tá aqui, no Brasil. Só que esse rapaz que você vai casar, é o rapaz que você ia casar. Então a hora que você sair”/ olha, tá vendo, como eu falei pra você? *[E.O está se referindo, nesta última frase em que interrompe sua narrativa, ao fato de ela ter mencionado, antes de começarmos a entrevista, que neste horário do dia – em torno de 18:00 horas – a atividade em outra sala do centro estaria gerando muito barulho, como de fato é possível constatar pela gravação, por meio das vozes femininas e do alvoroço ao fundo]*.

29. E.M: (Risos).

30. E.O: *[A entrevistada retoma então a narrativa de onde havia parado]*. “A hora que você sair; a hora que você sair, você vai se esquecer completamente desse sonho; você vai só se lembrar do seu casamento. Tá bom?”. Ele me falou aquilo, eu não achei, falei/ né? Mas realmente; eu acabei de passar o portão, me esqueci completamente. Aí já me inteirei do casamento, me casei...

31. E.M: Só depois cê foi lembrar de novo?

32. E.O: Não me lembrei mais! Foi uma coisa que eu esqueci completamente... isso quando eu tinha vinte anos. Dez anos depois, dez anos depois, a minha mãe morava em Ribeirão Preto, e a minha mãe vinha pra cá, na páscoa, né. Então, a gente tava esperando, né, esperando a minha mãe. E já tava já naquelas limpezas todas, né, que mulher é boba, né? Ai, minha mãe vai chegar, deixar tudo limpinho/ porque quando a minha mãe vinha, eu gostava de ficar muito tempo com a minha mãe, né. Deixava/ cuidava das crianças, mas/ né? E aí, eu fazia assim; na minha área de serviço, eu ficava esfregando a roupa por causa das crianças, porque criança suja muita roupa, né? Então eu esfregava e jogava no tanque; eu esfregava a jogava no tanque. E eu queria me lembrar do que eu tinha sonhado à noite. Só que eu não conseguia, sabe? Eu não conseguia de jeito nenhum, e tô ali, pensando, e tava fazendo assim [*esfregando a roupa*], e assim uma prateleira onde eu punha sabão em pó, essas coisas, alguma coisa me chamou atenção. Quando eu olhei, era uma urna... urna? Aí eu falei: nossa. Meu Deus, quê que isso?

33. E.M: Você viu na hora?

34. E.O: Vi! Eu falei: nossa, meu Deus, o que é isso? Só que pra mim enxergar, eu tinha que subir uns degraus que tinha assim, e eu subi, eu corri e subi no degrau. Quando eu olhei, era a minha mãe. Era minha mãe. Eu falei: nossa, que brincadeira imbecil! Pensei na hora, né. Que brincadeira imbecil desses espíritos, fazendo isso comigo; a minha mãe! Sabe? Eu fiquei assim: ai...

35. E.M: Sua mãe já tinha falecido, ou não?

36. E.O: Não.

37. E.M: Ah, não?

38. E.O: Não. Sabe, eu fiquei assustada assim, eu falei: nossa, que/ realmente eu achava os espíritos que estavam brincando comigo. Isso era onze horas da manhã, porque eu fui lá olhar a hora: eram onze horas da manhã. Eu falei: ai, meu Deus, né. Quando fez cinco horas da tarde, o meu marido veio pra casa com as crianças, já passou na escola, e pegou as crianças e veio. E falou pra mim: “eu não tenho uma notícia muito agradável”. A minha mãe tinha falecido, naquele dia. Só que ela faleceu, não era aquela hora [*em que teve a visão*]. Aquela hora que eu vi minha mãe eram onze horas, e ela faleceu às três horas da tarde. Aí tubo bem, aquela correria toda, fomos pro velório, tal. Quando eu cheguei no velório, que eu já tava lá fazia algum tempo, eu me lembrei do sonho. Eu sonhei com ele, com aquele lá, entendeu?

39. E.M: Naquela mesma noite?

40. E.O: Naquela mesma noite. Ele chegou e pegou assim no meu ombro, pegou uma das minhas mãos, e me apertou, e falava em inglês comigo. Aí eu falei pra ele: mas por que cê tá falando assim comigo? Você não tem dificuldade de se comunicar comigo. E ele continuava falando, e me apertava. E me apertava. Aí que caiu a minha ficha, entendeu? Eu falei...

41. E.M: Mas cê chegou a lembrar daquele primeiro sonho também nessa ocasião?

42. E.O: Aí sim.

43. E.M: Aí você lembrou?

44. E.O: É, aí eu me lembrei. Eu falei: nossa, é aquele mesmo que eu sonhei há dez anos atrás, né. Mas daí... não sonhei mais.

45. E.M: De novo? Com ele?

46. E.O: Não, não sonhei mais de novo. Assim, eu tô te contando assim episódios assim, né, de minha mediunidade. É... o meu marido tinha um amigo muito querido... né, ele tinha um amigo muito querido, e esse amigo desencarnou. E passado algum tempo, eu sonhei com ele. Ele falou assim pra mim: “Por favor, peça à minha mãe, que pague a minha dívida. A minha dívida é X”. Ele me falou o preço, a quantia. “Peça pra ela pagar esta conta, porque tá me perturbando”. Aí, eu tinha um pouco de dificuldade de dizer pra mãe dele, porque a mãe dele estava morando com uma nora, e a nora era evangélica, e ela ia na igreja junto. Eu falei: aí eu tenho já essa dificuldade pra falar, né, mas/ só que ele não me disse pra quem ele estava devendo. E aí, ela veio na minha casa. E eu peguei, contei pra ela. Aí ela falou

assim pra mim: “aahhh, ele tá devendo pra O.!” Que era uma amiga. “Realmente, ele ficou devendo pra O.” E aí ela ali comigo, na minha casa, aí ela já ficou, já almoçamos, tal, passou um tempo, eu falei: ah, agora eu vou fazer um cafezinho, e nós vamos tomar um cafezinho. Qual não foi a nossa surpresa quando a gente tava tomando café, a O. chegou lá em Casa.

47. E.M: (Risos).

48. E.O: Sabe? Ah, então, era pra mim que ele tava devendo, mas eu não quero. Só que eu falei: não, mas só que ele disse pra mim, que ele quer que pague essa dívida, porque essa dívida tá perturbando ele. Aí, eu sei lá o que elas acertaram, até hoje eu não sei. Aí uma outra ocasião, também sonhei com a prima do meu marido. Ela chorando muito, só que assim; ela desencarnou, e o marido casou com a cunhada, entendeu? Quando ela apareceu chorando, eu falei: ai, meu Deus, acho que ela tá sofrendo porque ele casou com a cunhada, né. Ela disse assim: “não, não. Eu não tô nem um pouco preocupada. Aqui, nós não temos esse tipo de preocupação. Eu só queria pedir pra você, pra que ele olhe a M.”. A M. era a filha dos dois. “A M. precisa de ajuda; e muita ajuda”. E aí, levantei de manhã, tal, tudo bem. Qual não foi a minha surpresa, ele [viúvo] chegando lá na minha casa, que trouxe a minha sogra de Curitiba. Ele tinha ido lá em Curitiba, e eu sonhei com ele aquela noite, de manhã ele chegou em casa com a minha sogra, ele trouxe a minha sogra pra ficar na minha casa. Falei: nossa! Eu sonhei, né. Aí eu peguei, falei não só pra ele, como pra cunhada que já era esposa. Peguei, contei né. E aí depois, passado um tempo, eles disseram: “eu queria saber por que ela tava tão preocupada com a filha”. É porque a filha tava usando droga; e ela tinha dois nenês pequenos, e ela trancava no apartamento e saía. Então realmente ela [mãe] tava muito preocupada, né. Então assim, desde os nove que eu via [espíritos], né. Eu via, e aí eu me assustava muito, eu ficava muito assustada, porque eu não tinha, a gente não...

49. E.M: Noção.

50. E.O: Não tinha noção, era uma menina, uma criança, né. Quantas e quantas vezes eu saí correndo do banheiro, que eu tava tomando banho, e de repente não era água que tava caindo, era um monte de coisa que caía em cima de mim. Eu saía...

51. E.M: Correndo.

52. E.O: Correndo, doida, entendeu? Então/ mas depois...

53. E.M: Além disso, você tinha o que mais na infância, dessas experiências que você tinha? Que mais você lembra assim que você gostaria de contar? Você chegou a falar que você quase foi pro manicômio, né. Por quê? As pessoas que achavam que você não tava bem, como é que era isso?

54. E.O: Não, eu acho que se eu não tivesse nascido num lar espírita, que tivesse a compreensão que tinha...

55. E.M: Ah tá.

56. E.O: ... possivelmente iam achar que eu era louca!

57. E.M: Entendi.

58. E.O: Que eu era doida, porque eu afirmava, né. Não adiantava falar pra mim que não era; era, pra mim era, e acabou, entendeu? Então eu me lembro que nessa época, ia muita gente na minha casa, e a minha mãe costumava colocar a gente no chão pra dormir, né. Colocava um colchão e punha a gente no colchão pra dormir. Nossa, bastava eu deitar, entendeu? E engraçado; era muito engraçado que quando eu deitava, eu via muito índio! Sabe índio?

59. E.M: Sei.

60. E.O: Eu via índio. Sabe? Eu não sei se eles queriam conversar comigo; eles vinham bem/ abaixavam assim perto de mim, pra querer conversar comigo, (risos), sabe? Tinha uns que eu até achava bonito, porque eles eram pintados, tinham aqueles/ como chama aqueles negócio assim, sabe [penacho?]? Bem bonito, com colares às vezes, sabe? Nossa senhora, às vezes me chamava atenção, eu olhava. Mas, de repente, eu ficava apavorada, começava a gritar, sabe? (risos). Aí quando [acontecia] meu pai tava sempre ali.

61. E.M: Pra dar um passe...

62. E.O: Pra dar um passe, e sempre me ajudando. Eu tive assim um apoio muito grande, e... e assim, diálogos muito bons com meu pai, que me ajudaram muito. Né, diálogos muito bom que me ajudaram muito. Mas aí depois, graças a Deus, eu vim pro Ismael, né, onde eu já disse pra você, após a minha terceira filha. Vim pra cá, e de lá pra cá, né. Agora, o ano passado/ o ano passado não; nós estamos em nove [2009], né?

63. E.M: É.

64. E.O: Em sete. Em 2007, em dezembro de 2007, eu tive uma hipoglicemia. Mas assim, é... toda hipoglicemia que eu tenho, eu não gosto de comer doce. Eu prefiro comer alguma coisa que não seja doce, e ela volta. E eu tinha esquecido de tomar café e nós fomos conversar lá na sala. E a gente tava num papo lá na sala, aí eu falei pro meu marido: nossa, não tomei café ainda. Aí ele correu, pegar pão, trouxe o pão... e quando eu cheguei na cozinha me deu a hipoglicemia. Aí eu falei: nossa, tô mal. Ai, tô mal. Ele: “come, come! Não sei, qualquer coisa”. Não, não quero comer. Aí começou a me dar uma coisa estranha, uma coisa estranha, eu falei: nossa, me leva pro hospital, eu não tô bem. Aí ele e minha filha me levaram. Sabe quando você tem a sensação que você vai morrer? Então eu tive essa sensação. Eu pensava assim comigo: eu não vou assustá-los, né, mas eu tenho certeza absoluta que eu vou desencarnar. Eu cheguei lá no...

65. E.M: Isso ficou claro pra você?

66. E.O: Ficou. Quando eu cheguei lá no hospital... [*o barulho de conversa do lado de fora da sala interrompe a conversação*].

67. E.M: (risos).

68. E.O: Não sei; onde eu tava? Onde eu tava?

69. E.M: Você falou que você tinha a sensação de que você quase ia morrer.

70. E.O: Isso! Isso! Aí eu pensava assim comigo: eu não quero assustá-los, mas eu tenho certeza que eu tô desencarnando, né. Chegou lá...

71. E.M: [*Ajusta-se melhor a posição do gravador para captar o diálogo*]. Pode falar.

72. E.O: É, isso devia ser umas dez e meia? Eu devo ter ficado até umas cinco horas, seis horas, no hospital. E voltei. Quando eu voltei, a minha filha... falou assim: “ó mãe, agora toma um banho, põe um pijama, e vai deitar”. E assim eu fiz. Quando eu deitei, que eu deitei, eu não consegui ficar deitada. Eu levantei. Eu tive uma sensação de pânico te-rível.

73. E.M: Quando cê voltou?

74. E.O: [*Balança a cabeça afirmativamente*]. Aí eu fui lá na sala, e eles tavam sentado lá na sala, eu falei: eu tô morrendo. Eu tô morrendo; cês não tão vendo que eu tô morrendo? (risos).

75. E.M: (risos).

76. E.O: “Como que cê tá morrendo, mãe?” Tô morrendo; eu tô morrendo! Eu falei: eu tô morrendo, eu tô morrendo! Eu corri lá pra fora: eu tô morrendo, eu tô! Ele: “não, calma, calma!”. Entendeu? Aí eu fiquei com isso.

77. E.M: (risos).

78. E.O: Cê acredita? Aí eu tava bem, tava bem; de repente: tô morrendo. Eu falava pro meu marido: nossa, mas você fica aí parado; eu tô morrendo e você fica parado? (risos). Eu falava: cês não tão acreditando que eu tô morrendo, né? (risos). “Mas como que cê tá morrendo?”. Tô. Eu tô morrendo, eu tô morrendo, eu tô morrendo, eu tô morrendo, eu tô morrendo, eu tô morrendo [*suspira*], e uma coisa horrível, que não dá pra explicar. Até o dia que me apareceu o espírito. Sabe? Bom...

79. E.M: Isso ficou vários dias, você tendo esse pânico?

80. E.O: Ficou. Até que ele me apareceu. Então ele era tão magro, tão magro, tão magro, que ele vestia um sobretudo – mais ou menos aqui *[aponta com a mão do pescoço para baixo]* – aquele sobretudo era pesado pra ele. Ele ficava meio tombado assim, ó, esquelético, olhando pra mim assim, ó *[joga um pouco a cabeça para o lado de modo a representar sua visão]*. E não falava nada.

81. E.M: Cê viu ele aonde?

82. E.O: Eu via ele!

83. E.M: Em todo lugar?

84. E.O: É! Quando me dava isso *[o pânico]*. Aí eu falava pra ele: fala! O quê que é? O quê que tá se passando? O quê que tá acontecendo? Fala pra mim! Ele não falava. Ele não falava, né. Aí, como ele começou a aparecer muito, muito, muito, muito, eu achei por melhor, é... pedir por ele, né. Sabe? Eu não sei o que eu te fiz; eu devo ter feito alguma coisa pra você, pra você aparecer desse jeito pra mim, nessas condições, não falar nada, né. E eu gosto muito de... Eurípedes Barsanulfo, já ouviu falar?

85. E.M: Já, já.

86. E.O: Então (riso) ele é até primo da minha avó, né.

87. E.M: Interessante.

88. E.O: Então eu cresci ouvindo a minha mãe falar: “ah, seu Eurípedes, por favor, me ajuda”. Entendeu? “Ah, seu Eurípedes”, né. Aí eu comecei a pedir pra ele, sabe? Eu falei: aí, Eurípedes, por Santa Caridade, ajuda esta criatura, e... eu quero que ela me perdoe, de alguma forma, se eu fiz alguma coisa pra ela, eu quero que ela me perdoe; pelo amor de Deus, eu quero que ela me perdoe. Só que/ olha, isso começou dia 08 de dezembro de 2007. Então passou dezembro, janeiro, fevereiro, março, abril, maio..., junho...; eu acho que no fim de junho... eu vim pra cá pro centro, eu saí da minha casa chorando... porque ele ficava horas naquela forma, daquele jeito comigo, entendeu?

89. E.M: Parado?

90. E.O: Parado. Eu vim pra cá chorando; cheguei aqui chorando, e falei pra eles: eu não tô suportando mais. E eu tô pedindo, tô pedindo, né. E aí, durante o trabalho, eu continuei pedindo pra Eurípedes, e aí eu vi, quando Eurípedes veio, com um enfermeiro, um pegou de um lado, o outro pegou do outro – que eu trabalho nessa sala aqui *[a sala ao lado da sala da entrevista]* – eu vi quando eles passaram aquela porta, e foram embora. Nunca mais. Sabe?

91. E.M: Levou ele?

92. E.O: Levou. Mas a sensação de pânico... olha/ quer dizer que Dezembro agora fez um ano, né. *[neste momento, uma freqüentadora do centro abre rapidamente a porta da sala para verificar se havia alguém e solicitar uma cadeira extra, e E.O responde cumprimentando-a]*. Oi! Não, tudo bem. A sensação de pânico em dezembro agora fez um ano, né. Mas quando foi em março – isso aconteceu dezembro – janeiro, fevereiro, março eu entrei na ABRAPE *[Associação Brasileira dos Psicólogos Espíritos]*. Né? Eu entrei na ABRAPE, eu fui lá, passei na triagem, aí me indicaram um psicólogo, de lá pra cá eu tô com uma psicóloga, né. Mas assim, eu melhorei... nossa! Eu melhorei muito; muito, muito, muito, muito, muito. Sabe? Nossa, como eu melhorei.

93. E.M: Daquele pânico que você sentia?

94. E.O: Daquele pânico. Daquele pânico, passou. Sabe? Não tenho mais, aquele pânico passou, graças a Deus, mas também assim, eu fiz o tratamento, tanto lá/ tô fazendo ainda na psicóloga, né, e fiz tratamento aqui no Ismael. Eu fiz tratamento aqui no Ismael, de dezembro a Julho. Em julho/ não, agosto, eu fiz tratamento aqui. Eu achei que o tratamento espiritual foi assim maravilhoso, né. E eu, agora, posso dizer que tô bem, mas ainda tô na psicóloga.

95. E.M: É, né?

96. E.O: Ainda tô, toda semana, sabe? Mas eu melhorei bastante. Mas...

97. E.M: E como é que você descreve assim esse homem, assim? Eu sei que ele não falava, né.

98. E.O: Não.

99. E.M: Você só via ele. Mas o quê que você acha dele, assim? O que você achava, depois de ver tantas vezes ele, o quê que você pensava?

100. E.O: Ah, eu acho que eu causei um mal muito grande pra ele.

101. E.M: É?

102. E.O: Eu acho. Eu acho.

103. E.M: Cê sentia que ele queria resgatar alguma coisa que você tinha...

104. E.O: Assim, sabe quando você sabe que veio/ ele veio até pra... pra ter uma desforra comigo. Mas diante, diante do que eu... *[neste instante, a freqüentadora que havia aparecido anteriormente interrompe uma vez mais a entrevista para devolver a cadeira utilizada. E.O levanta-se para fechar a porta e retorna para dar seguimento à entrevista].*

105. E.M: Fala.

106. E.O: Assim, um inimigo meu. Mas eu acho que diante...

107. E.M: Do que você...

108. E.O: ...da minha reação, com relação a ele/ porque hoje eu tenho a consciência, e eu posso até abraçar um inimigo meu. No caso, entendeu? Se uma pessoa disser que é inimiga minha, eu chego na pessoa, e se a pessoa me aceitar, eu dou um abraço, e peço perdão. Então eu fiz isso com ele. Então, quando ele vinha, que eu percebia, eu pedia perdão, sabe? Eu pedia perdão, e conversava mentalmente com ele, que eu gostaria muito que ele me perdoasse, por todo o mal que eu tinha feito pra ele. E que ele me visse como uma irmã, né, perante Deus, e que eu sabia o que ele tava sentindo, o que ele passou, pra ele ficar daquela forma. E eu sabia, eu sabia, eu dizia pra ele. Que eu já tive minhas mazelas, né. Então as mazelas que você tem, por exemplo, sensação de morte você já teve?

109. E.M: Eu nunca tive. Assim, desse jeito, não.

110. E.O: É terrível! É terrível. É terrível. E eu tive essa sensação...

111. E.M: Que é a que você acha que era a sensação que ele teve então?

112. E.O: É! Muitas vezes na minha vida *[tive essa sensação]*. Porque em 93 eu tive meningite. Eu fiquei sete dias em coma. Então, eu tive essa sensação.

113. E.M: Ele *[espírito]* já tava ali então há bastante tempo?

114. E.O: Eu acho. Eu acho! Sabe? Nossa senhora! Eu tive uma certeza numa visita *[ao hospital]* que a minha família me fez, naquele dia, que a minha vizinha de quarto desencarnou junto comigo? Sabe? Aquele dia, se a minha família não fosse dia de visita, e se a minha família não tivesse me visitado, eu tinha desencarnado. Entendeu? Porque nada, parece que nada me segurava. Porque eu ia mesmo, eu ia mesmo. Eu tinha uma sensação que eu tava indo mesmo. é difícil a gente/ a psicóloga às vezes fala pra mim: “esse homem, procura me explicar como que é essa sensação, né”. Mas é muito difícil da gente explicar, não é? É difícil porque só a gente...

115. E.M: É.

116. E.O: ...só a gente que sente, que sabe.

117. E.M: Que viveu, né?

118. E.O: É. O meu marido – um fator muito importante – ele me ajudou muito!

119. E.M: Ele é espírita?

120. E.O: Não, não! Sabe? Mas na hora que me dava essa sensação, ele tinha que ficar deitado comigo, sabe? E eu segurava na mão dele, e: ai, ai, eu tô morrendo, eu tô morrendo (risos). Ele: “não, cê não tá morrendo. Cê tá aqui, cê tá tranqüila, cê vai se acalmar, daqui há pouco vai passar, daqui há pouco vai passar”. Eu falo: graças a Deus que essa é uma sensação que vem e passa, né? Vem e passa. Porque se ela demora muito, cê morre! (risos). Uma sensação tão terrível, que você fala: eu tô indo embora, e ninguém tá vendo (risos).

121. E.M: (risos).

122. E.O: Ninguém tá percebendo, entendeu? (risos). Hoje, eu até dou risada, mas na época foi muito difícil, né.

123. E.M: Faz tempo que você não tem isso, essa crise?

124. E.O: Faz tempo. Faz tempo.

125. E.M: Foi desde essa vez do Eurípedes, que o Eurípedes apareceu...

126. E.O: Isso! Eurípedes, sabe, graças a Deus, eu vi quando ele levou aquela entidade, né. E eu não, aí tô bem. Graças a Deus, entendeu? Eu não quis tomar medicação nenhuma, né, me recusei a tomar medicação, sabe? Falei: enquanto der, né, eu não quero tomar medicação nenhuma. Quero ficar...

127. E.M: Bem, né?

128. E.O: De é/ se possível, bem, sem tomar medicação. Porque, não que eu tenha nada contra medicação, né. Eu acho que se for pra efeito terapêutico da gente, tudo bem. Eu até concordo. Mas... só a minha ginecologista que me passou, sabe? Ela achava que eu devia tomar, ela me passou.

129. E.M: Mas relativo a isso [*a crise de pânico*], ou não?

130. E.O: Relativo a isso.

131. E.M: Tá.

132. E.O: Relativo a isso, porque...

133. E.M: Era/ o quê que era?

134. E.O: Era um pânico, não é?

135. E.M: É, seria um pânico, mas assim, o remédio que ela passou foi um calmante? O quê que foi que ela passou?

136. E.O: É.

137. E.M: Uma espécie de um calmante?

138. E.O: Isso! Isso. Mas nem isso.

139. E.M: Não era um remédio mais forte, né?

140. E.O: Não, mas nem isso eu não quis tomar. Nem isso. Não, eu falei: não vou tomar. Falei pra ela mesma, sabe? Ela é muito minha amiga, eu falei pra ela: não vou tomar. Ela falou: “não, mas... cê compra, e deixa lá. Porque a hora que cê vê que não tem condição, cê vai lá e toma, entendeu?”. Mas eu não sei. Não senti necessidade, não tomei, e graças a Deus tô bem, sabe? Eu não tinha assim/ engraçado, eu não tinha mais ânimo de viver, eu não... Nunca tive medo da morte; de repente, fiquei com medo? Uai, quê isso? Entendeu? Então era uma coisa estranha que tava acontecendo comigo; nunca tive medo da morte. E por que eu tenho medo da morte?

141. E.M: E esse medo assim, ou esses pânicos, você tinha já quando criança? Ou não? Isso começou...

142. E.O: Não.

143. E.M: Não?

144. E.O: Não! Eu tive 2007...

145. E.M: E foi que começou tudo assim?

146. E.O: Que me deu esse pânico [*maior*]?

147. E.M: Ah tá.

148. E.O: 2007!

149. E.M: É que você comentou que em outras ocasiões você já teve assim um medo, né. Você comentou agora há pouco.

150. E.O: Ah?

151. E.M: Você falou assim, é... “aí eu comecei a pensar que ele já tava comigo há muito tempo, esse espírito, né. Porque...”

152. E.O: Ah, não. Porque eu disse pra você que em 93 eu tive meningite.

153. E.M: Ah tá.

154. E.O: E lá também eu não fiquei bem.

155. E.M: Cê teve também esse receio, esse pânico?

156. E.O: Não, eu não tive esse pânico. Eu tive – logo depois que eu melhorei, que eu fiquei boa – eu acho que eu tive uma depressão, não é?

157. E.M: Sei. Porque você...

158. E.O: Assim, porque as pessoas chegavam perto de mim, e começavam a conversar comigo, e de repente eu começava a chorar, eu ficava/ isso é depressão?

159. E.M: É, pode ser, né. Era...

160. E.O: Ou será que é porque eu fiquei tão mal, tão mal, tão mal, e depois que eu voltei, eu me vi frágil?

161. E.M: Pode ser também, claro.

162. E.O: Também, né? Às vezes eu falo, tem muita gente que fala: “ah, então, já era uma depressão”.

163. E.M: É, às vezes exagera um pouco, né.

164. E.O: É, já: “ó, desde lá você vem tendo uma depressão”.

165. E.M: Algumas pessoas te falam isso?

166. E.O: É. Outras falam: “ah não, acho que é porque você ficou muito mal mesmo, e depois você voltou, você voltou muito fraca, muito frágil, né?”.

167. E.M: O que você sentia, por exemplo? Era uma tristeza, chorava, e o que mais, por exemplo?

168. E.O: É, só.

169. E.M: Só isso, né? Quando as pessoas se aproximavam.

170. E.O: É, é. As pessoas chegavam, pra me visitar, e aí eu começava a conversar/ mas acontecia mais assim – com amigos não. Com amigos não – mais gente da família. Assim, por exemplo, uma tia minha, veio lá de Ribeirão pra me visitar. Chegou aqui, eu abri o bocão. Veio uma lá de Uberaba, chegou, abriu o bocão.

171. E.M: Cê ficou mais sensível, vamos dizer assim?

172. E.O: Isso. Né? Eu não sei, pode ser até que seja uma depressão, mas eu acho que foi mais é... não sei, sensibilidade...

173. E.M: Aquela fragilidade do momento.

174. E.O: ...aquela fragilidade da própria doença, porque não foi brincadeira, né. Pra você ter mais ou menos uma base, até a minha pele foi trocada. Sabe cobra? (gargalhada). Cobrinha, quando larga, né? (risos). Eu até de/ eu falo, eu costumo dizer até de corpo novo eu fiquei (gargalhada). Que eu troquei tudo (risos), troquei tudo, né. Mas, também, graças a Deus, não ficou seqüela nenhuma, né. Que a médica falou: “ai, vai ficar seqüela, vai ficar seqüela, vai ficar seqüela”, não. Não, não tem. Tanto é que lá na Santa Casa tem um grupo, esse grupo de seqüelas assim, né, quando tem esse tipo de/ não, eu nem freqüentei porque não fiquei mesmo.

175. E.M: No caso, é... a... a meningite, que tipo? Foi aquela viral...

176. E.O: Bacteriana.

177. E.M: Bacteriana mesmo.

178. E.O: Bacteriana.

179. E.M: Puxa vida. Então você correu risco de vida mesmo, né?

180. E.O: Nossa! Quando eu voltei, o médico falou pra mim que tinha/ ele falou: “oi, então, né, você?” – eu não sabia onde que eu estava né. (risos). Eu achei que eu tava acordando no plano espiritual (risos).

181. E.M: (risos).

182. E.O: Mas ele falou pra mim assim: “é, você tá aqui há mais de dez dias” – mas ele não falou na hora, né – “há mais de dez dias, e nós te tiramos um burquinho de sete metros, viu?”. Eu falei: ah é? “É” [o médico respondeu]. Entendeu? (risos). Então/ e durante esse tempo que eu fiquei em coma, a única coisa que eu sei, é que eu vi a minha mãe. E a minha filha fala que nesse período que eu falo pra ela que eu vi a minha mãe – que eles tavam me levando pra Santa Casa pra fazer tomografia – e... ela disse que eu convulsionava na ambulância. Entendeu? E eu falava: mãe, mãe, mãe, mãe! E sabe? Arrancou soro, aquelas coisas tudo, e eu, disse que eu ficava sentada, disse que eu me batia, porque foi uma outra [paciente] junto comigo – tanto é que a outra desencarnou; chegou na Santa Casa, desencarnou – e aí ela dizia [filha]: “mãe, nossa, a senhora gritava: ‘mãe’, ‘mãe’, ‘mãe’. A senhora não se acalmava de jeito nenhum”. Mas eu me lembro de ter visto a minha mãe. sabe? A minha mãe com um avental verde, mas eu não me lembro mais nada. Eu lembro de ter visto a minha mãe, mas...

183. E.M: O resto...

184. E.O: O resto eu não me lembro de mais nada.

185. E.M: E deixa eu te falar: como é que era a sua relação com a sua mãe? Fala um pouquinho.

186. E.O: Ah, muito boa. Por sinal, minha mãe era uma santa; eu que não prestava (gargalhada).

186. E.M: (risos).

187. E.O: Ai, ai, sabe? Não sei, eu era assim... era diferente da minha irmã, né, que a minha irmã era boazinha, santinha, não sei o quê. E eu não, eu era da pá virada, (risos), cê entendeu? É. Eu às vezes respondia a minha mãe, mas não deixava de receber meus castigos não, viu?

188. E.M: (risos).

189. E.O: Ééé... ela dava castigo. Ela não batia, mas ela dava aqueles castigos, sabe? Não deixava, por exemplo, eu ir na matinê de domingo; era morte pra mim (gargalhada). E tinha um seriado naquela época né, a gente fazia questão de ir. Ah, se eu fizesse alguma coisa durante a semana...

190. E.M: Não ia.

191. E.O: Não ia. Não ia, não ia, entendeu? E assim, sempre fui... eu sempre fui questionadora das coisas. Sabe? O porquê, os porquês, eu queria saber, tudo. Pra mim... eu achava assim – quando eu era pequena – eu achava que a gente não tinha barreira pra saber das coisas. Entendeu? E às vezes eu batia muitas vezes com [*representa o que está dizendo, chocando suas mãos uma na outra*].../ não é preconceito, com... ah, do modo que a minha mãe foi criada. O meu pai é até mais um pouco aberto, mas a minha mãe já era mais fechada, entendeu? Principalmente coisas sobre sexo que eu queria saber, eu queria entender... eu era/ eu tinha doze anos – doze? Onze anos – eu acreditava em cegonha. Que horror! Né?

192. E.M: Cê acha que era uma educação assim repressora?

193. E.O: Eu acho.

194. E.M: Se fosse hoje, né?

195. E.O: É. Né? Bom, hoje com essa abertura toda, eles fazem tudo essas coisas errada (gargalhada). Então eu nem sei quem tá certo, quem tá errado, né. Mas assim, eu queria saber.

196. E.M: Entendi, cê tinha essa curiosidade.

197. E.O: Eu tinha curiosidade, eu queria saber, né, e tal. Nossa, eu acreditava piamente na cegonha (risos). Quando eu descobri que não era nada disso, nossa senhora! Eu fiquei apavoradíssima! Falei: pelo amor de Deus, mãe! Mãe, a senhora teve coragem de me esconder isso mãe, pelo amor de Deus! Eu nunca vou ter filho na minha vida; pensava né. A minha mãe: “ah, que nada, isso não é nada não”. Mas eu fiquei muito assustada. Então era assim. Mas a relação era uma pessoa muito carinhosa a minha mãe, sabe? É, uma pessoa/ uma mãezona mesmo! Uma mãezona mesmo. Muito, muito, muito carinhosa. Muito, muito. Tanto é que quando eu perdi minha mãe, parecia que uma montanha tinha se desmoronado. Porque/ nossa. Acho que é um bem mais precioso que a gente tem, né? Muito, muito, muito. Que a gente tem que dar muito valor. Porque quando vai embora...

198. E.M: É complicado, né?

199. E.O: É muito complicado.

200. E.M: (risos). E deixa eu te falar; e a relação, por exemplo, da sua mãe com o seu pai, como é que era?

201. E.O: [...] Então... sabe, desde que eu me entendo por gente, o meu pai era uma pessoa muito ciumenta da minha mãe. E... e... eu ficava assim/ ele discutia com a minha mãe, porque ele tinha ciúme da minha mãe, né. E depois... virou. Era minha mãe que tinha ciúme do meu pai. Porque o meu pai era uma pessoa muito prestativa. Então, ele fazia favores, né. “Ah, Sr. M., vai trocar o gás pra mim”. Lá ia o meu pai. “Ah, Sr. M.”/ e geralmente as mulheres que vinham pedir, né. Aí virou; a minha mãe que começou a ficar ciumenta, né. Aí eu falava assim pra mim: ai mãe, ai mãe, eu acho que eu não vou casar não, porque pra mim casar, viver que nem a senhora, morrendo de ciúme do pai. Ah não, eu não gosto mãe, eu acho ruim isso. Sabe? Mas eu acho que depois...

202. E.M: Foi melhorando?

203. E.O: É, eu acho que depois ficou na boa, o meu pai/ a minha mãe era uma mulher muito doente, né, tanto é que ela morreu com quarenta e nove anos. Mas eu acho que depois [*ficou*] uma relação assim bem legal mesmo.

204. E.M: É né?

205. E.O: É, porque daí ela ficou com realmente a saúde bem debilitada, meu pai tratava ela assim com um amor muito grande. Muito grande, muito, muito, muito mesmo, sabe? Uma relação até legal.

206. E.M: Vocês eram em quantos irmãos? Você...

207. E.O: Nós somos em três. Eu sou a mais velha.

208. E.M: Então você, mais uma irmã...

209. E.O: E mais um irmão.

210. E.M: E mais um irmão. Tá. E o seu pai era carinhoso com vocês, como é que era?

211. E.O: Então; o meu pai, o meu pai assim... o meu pai era uma pessoa...

212. E.M: Ele ainda é vivo, não?

213. E.O: Não.

214. E.M: Nenhum dos dois é vivo, né?

215. E.O: Não, ele desencarnou em 2000/ em 99, meu pai.

216. E.M: Ah tá.

217. E.O: Em setembro de 99. Meu pai é assim/ como é que eu posso classificar meu pai? O meu pai é uma pessoa que eu admiro muito, porque o meu pai teve o terceiro ano primário, mas o meu pai é uma pessoa esforçadíssima. Pra você ter mais ou menos uma base, eu lembro dele – eu era pequena – e eu me lembro dele comprando aqueles livros de caligrafia/ hoje tem ainda?

218. E.M: Acho que tem.

219. E.O: Tem?

220. E.M: Deve ter, deve ter.

221. E.O: O meu pai comprava os livros de caligrafia, e todo dia que ele chegava do serviço, ele ia treinar a caligrafia dele. E o meu pai ficou com uma letra maravilhosa. Cê acredita uma coisa dessa? E o meu pai era uma pessoa que gostava muito de estudar... o Espiritismo. Então ele era um autodidata, o meu pai, né. Então assim uma pessoa assim de esforço muito grande, né. E assim... carinhoso? Naqueles termos, da criação dele. Entendeu? Mas eu acho a que mais se achegou, que mais tocou...

222. E.M: Foi a sua mãe?

223. E.O: Foi eu.

224. E.M: Ah tá, perto dele.

225. E.O: Dos filhos. Dos filhos, fui eu. Não senti nem o meu irmão, e nem a minha irmã. E com meus... / eu gostava muito de cantar. Adorava cantar. E tinha uma voz até relativamente boa. E tive oportunidades de tentar minha carreira. Só que o meu pai, aquela época, a cabeça dele, ele imaginava outra coisa, né, que eu queria debandar na vida, né. E aí, quando eu fiz trinta anos, eu cheguei lá e disse pra ele: ó pai, eu quero combinar uma coisa com o senhor. Eu quero que o senhor volte a ser meu pai novamente, tá? “Tá bom, filha”. Mas eu tenho uma coisa pra falar pro senhor, porque tá engasgada aqui, e eu tenho que falar. Então, eu vou vomitar, hein? Depois, o senhor pode até não olhar na minha cara, entendeu? Então eu acho até que eu enfrentei ele né.

226. E.M: Isso cê tinha quantos anos?

227. E.O: Trinta. Aí eu falei pra ele. Falei: olha, a família é pobre; na minha cabeça, eu queria cantar pra ajudar a família. Pra família melhor. Porque até então, eu nunca tinha falado pra ele, né. Aí eu achei até que ele não ia falar comigo, né. Mas qual não foi minha surpresa quando ele disse: “filha, cê perdoa esse pai ignorante? E se você quiser, e se for permitido por Deus, eu quero voltar a ser seu pai”. Aí eu falei: ai, tudo bem então. Aí a gente se abraçou, beijei e abracei ele até umas horas, né. E ficou tudo bem. Então...

228. E.M: Quando você fala que ele deixou de ser seu pai, cês passaram um período sem se falar ou não?

229. E.O: Como assim?

230. E.M: Você falou assim: “eu quero que você volte a ser o meu pai”.

231. E.O: Ah, não. Numa próxima [reencarnação].

232. E.M: Ah tá, numa próxima.

233. E.O: Numa próxima encarnação (risos). Tem que explicar (risos).

234. E.M: Eu pensei que cês tinham ficado separado e...

235. E.O: Não, não, numa próxima encarnação. Não, porque a gente já programa né, bem? (risos). A gente é bem prático (risos).

236. E.M: Agora entendi (risos).

237. E.O: A gente é bem prático, né. A gente já programa tudo numa próxima. Eu falei: aí o senhor vai deixar eu cantar, né? “Não, aí eu vou deixar você cantar”. Porque é a coisa que eu mais quero, né. A coisa que eu mais quero é voltar numa próxima e cantar, né. Pra alegrar todo mundo; você também, tá? (gargalhada).

238. E.M: (Risos). Eu quero tá lá pra ver, hein?

239. E.O: Com certeza, e me aplaudir, né? (risos). Vaia eu não vou querer, mas aplauso... quem não quer, né? (risos).

240. E.M: É (risos). E quando você fala assim, E.O, do seu casamento, né. Você comentou que você tinha medo de casar.

241. E.O: Tinha.

242. E.M: Como é que era isso? Você/ foi arranjado o casamento, como é que foi...

243. E.O: Não.

244. E.M: Não? Foi uma coisa espontânea.

245. E.O: Normal, é.

246. E.M: Normal?

247. E.O: Normal.

248. E.M: Ele era namorado seu?

249. E.O: Isso. Namoramos, noivamos, casamos. Entendeu? Uma coisa normal.

250. E.M: Mas você tinha receio, por ser nova, talvez, tinha receio de casar?

251. E.O: Ah, assim... não sei, é uma coisa que... te dá assim um [*suspira*], um medão, né? Cê fala: tô tomando uma decisão...

252. E.M: Séria?

253. E.O: ... talvez a mais importante da vida, né? E será que vai dar certo, né? Pensava muito do meu gênio, né, porque eu sempre fui assim, sabe – mesmo a família também – ah, se eu não achava que alguma coisa não tava certa, eu ia lá no/ vem cá; vamos conversar; como é que é isso aí? Entendeu? Então... não sei como. Pensava assim: não sei...

254. E.M: Se ia dar certo; cê tinha esse receio.

255. E.O: Éééé. Não sei como quê/ a gente tem aquela relação de amor que é gostosa, maravilhosa, mas conviver junto, bem? Comer sessenta quilos de sal (risos), engolir, passar pela goela abaixo?! Não é fácil não, né? E eu sempre fui uma pessoa que sempre gostei da minha liberdade, né? Sempre. Nossa; sempre lutei pela minha liberdade. Tanto é que andei por baixo das barbas do meu pai, mas não deixei de reclamar, cê entendeu? Não deixei de puxar e falar: não, não tá certo. “Ah, mas cala a boca”. Não, eu vou calar minha boca, mas ó: é assim, é assim, é assim! Entendeu? E a minha mãe sempre falava assim: “nossa, engraçado, eu não sei (risos), eu não sei se a E.O de espírito ela é muito atrasada ou ela é muito adiantada; que ela nunca tá em concordância com a gente, que a gente fala”. Entendeu?

256. E.M: Sua mãe também era espírita?

257. E.O: Era. Então sempre pautei pelas minhas coisas, né, o que eu achava certo. Como eu acho até hoje. Entendeu? Mas eu não tive problemas com o meu marido não. Né? Falei pra ele que eu gostava de liberdade, também dou toda a liberdade pra ele, né. Desde que a gente esteja em comum acordo, que não faça nada de errado, né, e que se for fazer alguma coisa – porque olho não tem trave, né – de repente, ele pode olhar pra uma mulher e gostar... de repente, não é verdade? Então, não faça cachorrada, né. Chega pra mim e fala. E da mesma forma eu, porque de repente pode me aparecer um lindão aí da vida, né (risos), e eu ser sincera com você, e falar pra você, não é verdade? Então/ mas a gente/ no começo foi difícil, né, porque questionamentos, e brigas, e desavenças, e adaptação, não é verdade? Mas, devagar... a gente foi...

258. E.M: Se alinhando?

259. E.O: Se alinhando, se alinhando, e... nossa, tive assim uma pessoa maravilhosa pra me ajudar agora, né. Porque os filhos ficaram revoltados e chegaram à conclusão, que eles falam assim: “Nossa, mãe a senhora sempre foi o equilíbrio da casa; e porque que a senhora tá dessa forma? Ah, mãe, é o centro”. Começaram a me dizer que era o centro. Não o centro em si, entendeu? “Ah, mãe; tal, não sei o quê, não sei o quê”. Eu falei: não, não tem nada a ver. Isso é coisa minha! Isso é coisa minha que eu tenho que passar; eu quero que vocês entendam, entendeu? Aí o meu marido até teve que intervir. “Não, deixa a sua mãe; é isso que ela quer, a gente tem que fazer a vontade dela, entendeu?”. Então, apoio assim, eu tive assim dele assim cem por cento. Ele nunca disse: “ai não, porque você tá é cada vez pior”, entendeu?

260. E.M: Ah, os filhos tiveram essa preocupação...

261. E.O: Tiveram.

262. E.M: ... essa coisa assim de...

263. E.O: Tiveram. Acharam que porque eu tava no centro, daí porque tinha acontecido tudo aquilo comigo. E eu queria que eles soubesse que não tinha nada a ver. Isso era uma coisa minha. Entendeu?

264. E.M: Entendi.

265. E.O: E aí eu tive esse apoio grande dele, que ele não deixou nenhum deles: “não, deixa sua mãe; ela quer, a gente tem que continuar fazendo a vontade dela, vamos respeitar a vontade dela, né. Vamos ver até que ponto, né”. Então eu tive assim dele, eu tive assim um apoio muito grande.

266. E.M: Legal. Agora, eu queria te perguntar umas coisas, E.O, da mediunidade mesmo, né.

267. E.O: Ah tá.

268. E.M: Deixa eu ver aqui. Tá, assim. Como é que você descobriu que você era médium? Isso já era desde/ assim, médium que eu falo é aquela coisa/ no Espiritismo a gente sabe, né, que médiuns somos todos nós, vamos dizer assim.

269. E.O: Isso, isso, isso.

270. E.M: Mas, é... como é que você passou a se ver como médium, ou passou a explorar/ quando é que isso aconteceu, a explorar a sua mediunidade de fato, assim?

271. E.O: Ah, foi aqui no Ismael.

272. E.M: Foi aqui no Ismael?

273. E.O: Foi. Em 80/ não... em 80, né, por aí sim.

274. E.M: O Ismael tem quantos anos aqui? Eu nunca perguntei isso pra ninguém; é antigo já?

275. E.O: Eu acho que o Ismael fez quarenta/ o Ismael é desde mil novecentos e... e sessenta e cinco, eu acho.

276. E.M: É antigo mesmo, né? É acho que no site tem também?

277. E.O: Tem. Tem. Ele é antigo sim. Será que ele já fez 48?

278. E.M: Eu não sei.

279. E.O: Sessenta e... eu acho que ele é de sessenta... vixi.

280. E.M: E você já tá aqui há bastante tempo já?

281. E.O: Tô, Tô. Sou antiga. (risos).

282. E.M: (risos).

283. E.O: Não de experiência, viu? (risos). De frequência (risos).

284. E.M: Tá. Mas você já reconhecia aquelas experiências que você teve na infância...

285. E.O: Não, eu já sabia. É, eu já sabia. Eu já sabia, eu já sabia, né, porque o meu pai me aplicava passe, e às vezes eu via ele conversando com a minha mãe: “a E.O tem mediunidade aflorada, né”.

286. E.M: Desculpa perguntar; você tem quantos anos, E.O?

287. E.O: Eu vou fazer 60 esse ano.

288. E.M: Você já/ cê trabalha, tem uma profissão agora, alguma coisa, ou não?

289. E.O: Não, não. Sou a dona de casa.

290. E.M: Tá. Cê já trabalhou alguma vez, ou desde que você casou você...

291. E.O: Não, desde que eu me casei, não trabalhei mais.

292. E.M: Tá. Não, tá bom.

293. E.O: De solteira sim.

294. E.M: É mais um dado pra constar aqui, né.

295. E.O: Certo, certo.

296. E.M: Tá. Então, é... qual que é assim a sua mediunidade predominante, vamos dizer assim? Ou quando se manifesta, se manifesta mais no que assim? A psicofonia, a psicografia?

297. E.O: Psicofonia.

298. E.M: Tá.

299. E.O: Mas assim... em... em 90... em 90... eu tive, eu tive uma experiência com psicografia. Assim ó: era um clique, tá? Me aparecia – vamos supor – você, a entidade em questão, o que você queria, o que você queria passar, e o endereço onde você morava. Entendeu? Mas era uma coisa muito rápida. Eu acho que se eu pegasse uma caneta pra escrever, eu acho que o comando não era meu [*E.O tenta representar esse processo passando a mão sobre uma folha, rapidamente*], tamanha a rapidez. Então, em segundos, me aparecia uns cem rostos; vamos supor. Hoje, você vai ver esses cem rostos, depois você vai classificar.

300. E.M: Isso já quando você tava aqui no Ismael?

301. E.O: Sim, agora em 90. Só que eu não quis.

302. E.M: Cê não quis desenvolver?

303. E.O: Não. Eu acho assim muito bonita [*a psicografia*], mas de uma responsabilidade que eu ainda não posso alcançar, muito grande, entendeu? Muito grande. Eu acho que é por isso que eu não tenho – conversando com você agora – eu acho que é por isso que eu não tenho muita psicografia.

304. E.M: Porque você não quis.

305. E.O: É. Às vezes me vem mesmo e eu: ah não, não vou escrever não.

306. E.M: E quando você ia escrever, você tinha controle? Era mecânico ou...

307. E.O: Às vezes.

308. E.M: Tá. Mas na maioria das vezes, cê não tinha controle? Da mão ou/ por exemplo, quando você tá trabalhando, você fica inconsciente, ou não?

309. E.O: Engraçado né, muitas vezes, muitas vezes, eu fico semi-inconsciente. Sabe quando você sabe o que cê tá falando, mas você não consegue...

310. E.M: Articular?

311. E.O: Articular.

312. E.M: Sei.

313. E.O: É. Eu tenho isso também.

314. E.M: Tá. Dos dois jeitos então?

315. E.O: Dos dois jeitos.

316. E.M: Pode ser...

317. E.O: Totalmente consciente e semi-inconsciente. Entendeu? Às vezes eu tenho uma semi-inconsciência assim, não sei mesmo. Eu sei que eu tô falando; até sinto a minha voz, mas eu não consigo coordenar as idéias, não consigo coordenar o quê que tá saindo. Isso também acontece.

318. E.M: Tá. E você vê alguma diferença assim das comunicações que você tem consciente e semi-consciente? Por exemplo, a maneira de vir é diferente, ou não?

319. E.O: É diferente. Completamente diferente.

320. E.M: Em que sentido assim?

321. E.O: É assim ó: quando é consciente, eu tenho, é... como se fosse uma frase; e aí eu leio aquela frase, e aquela frase se amplia.

322. E.M: Você vê então *[a frase]*?

323. E.O: É. Aquela frase se amplia, e dali vai fluindo, e tal. Quando é semi-inconsciente, não sinto nada, não vejo essa frase, não vejo nada. Aliás, eu nem sei que eu vou dar passividade.

324. E.M: Ah tá.

325. E.O: Entendeu?

326. E.M: Depois que você saiu daquele estado que você...

327. E.O: É, eu nem sei; de repente! Entendeu? Às vezes eu tô assim – é geralmente com o mentor, né – aí eu tô assim, tal, concentrada *[de olhos fechados]*, tal, vou receber o mentor. Ah, não, não tô sentindo nada; mas, de repente! Eu me pego já falando, e sem/ não tô sabendo, entendeu?

328. E.M: Entendi.

329. E.O: Isso acontece.

330. E.M: Tá.

331. E.O: E essa psicografia que eu já disse pra você, né.

332. E.M: Que você teve no começo.

333. E.O: Agora em noventa, né.

334. E.M: E você não controlava a mão? Era mão...

335. E.O: Não, se fosse pra mim escrever, era uma coisa muito mecânica. Porque eu não tenho condição de escrever daquele jeito. Porque era que nem um clique, entendeu?

336. E.M: Era rápido demais.

337. E.O: Clique! Clique, clique, clique, clique... é uma coisa muito rápida, muito rápida. Aí que eu entendi porque o Chico *[Xavier]* escrevia tão rápido daquele jeito, né?

338. E.M: É, ele escrevia mesmo, né.

339. E.O: É! Aí eu pude entender. Porque até então eu falei: ué! Mas nunca que eu vou conseguir escrever. Porque era assim: ele *[mentor]* me mostrava, daí ele mostrava a vida dele *[do consulente]*, mostrava o endereço dele, entendeu? Então é uma coisa assim *[movimentando rapidamente as mãos]*: vup! Vup! Então, como? Nunca que eu ia alcançar.

340. E.M: E aí cê/ aquilo era a mão direita?

341. E.O: Isso! *[E.O faz uma série de sons com a boca para exemplificar a rapidez com que escrevia, ao mesmo tempo em que representa a cena movimentando as mãos rapidamente]*. Entendeu? Era assim uma coisa muito... ai, eu falei, não, não quero não *[continuar psicografando]*. Entendeu? Vou ficar devendo... (gargalhadas).

342. E.M: (risos). E você descobriu a psicofonia, a psicografia aqui mesmo, fazendo as aulas, os cursos.

343. E.O: Aqui mesmo. Aqui mesmo, é. Aqui mesmo.

344. E.M: E, por exemplo, você comentou do seu mentor. Você vê os espíritos, você tem essa coisa mesmo da clarividência?

345. E.O: Ééé, sim.

346. E.M: E você, por exemplo, você vê o seu mentor?

347. E.O: huhum.

348. E.M: E como é que você/ cê poderia descrever?

349. E.O: Então, é.../ às vezes eu escuto assim, as pessoas falar assim: seu mentor.

350. E.M: Ah, sei. Não, é...

351. E.O: Né? Seu mentor... ai, meu Deus, é privilegiada?

352. E.M: (risos). [*E.O está aludindo ao fato de que o mentor espiritual não é dela, no sentido de ser sua propriedade, mas sim um ser individual e distinto*].

353. E.O: Não, eu acho que é pra gente especificar. É uma entidade que me ajuda, não é?

354. E.M: Mas ele ajuda como ajuda tantos outros.

355. E.O: liisssoo....

356. E.M: Claro, eu entendo, é.

357. E.O: Isso, isso, ele não tá só comigo não.

358. E.M: É, eu sei.

359. E.O: Mas engraçado. Outro dia/ olha, quanto anos... que eu sinto ele, a presença dele. E outro dia, vindo da psicóloga – que tava chovendo, sabe? – e eu tinha conversado com ela, e aí falei pra ela, sabe? Falei: nossa, cê sabe que eu tenho uma curiosidade de saber o NOME do meu mentor? Meu mentor, eu já te expliquei né. O nome do, do meu... – como é que eu posso dizer? – meu amigo espiritual, né. Eu tenho vontade, eu tenho curiosidade, ele nunca me disse o nome dele. E saí, tava chovendo. E eu corri, né. É lá em [*nome do bairro*]. Aí eu corri pro metrô, né. Corri pro metrô. Quando eu tava correndo assim, ele falou assim pra mim: “o meu nome é Kurzlan”. Falei: nossa. Que nome diferente, (risos), eu tenho que marcar, a cabecinha já não ajuda muito, né. Aí meu Deus, preciso correr pra marcar, sabe?

360. E.M: Kurzlan?

361. E.O: Kurzlan. Kurzlan. Ele é indiano, ele usa um tecido, que eu não sei dizer que tecido é aquele, parece um saco, esses sacos daqui pra nós, sabe aquele algodão? Daqueles sacos que não são alvejados?

362. E.M: Sei.

363. E.O: Então, ele usa uma roupa daquela, né, e ele usa um turbante na cabeça, e uma pedra aqui [*na região da testa, aproximadamente*], também não é muito grande... ele não é muito grande, sabe? E ele é bem moreno, bem moreno. É uma cor diferente, né? Ele é bem moreno.

364. E.M: Como a maioria dos indianos são mesmo, né?

365. E.O: É, então. Mas engraçado, que eu tenho uma sobrinha que também tem um amigo espiritual indiano, e o dela é alto e magro. Sabe aquelas coisas acinturadas (sic) aqui? Até aquilo ele usa.

366. E.M: (risos).

367. E.O: Já não é que nem o meu.

368. E.M: Sei, é outro diferente.

369. E.O: O meu é uma calça/ é, o meu é uma calça toda de/ desse algodão aí, né. O dela já não. O dela já é uma espécie de uma calça meio bombasta (sic) [*bombacha, seria o termo certo*] assim, sabe? E acinturada assim, bem lá no/ bem lá no alto, alto, sabe? Mas o meu já é diferente. É pequenininho, magrinho, moreninho.

370. E.M: E você já teve oportunidade de conversar com ele, não? Ele te disse alguma coisa, não?

371. E.O: Então, eu acho que ele sempre está do meu lado. Eu sinto a presença dele. Não que a gente fica mantendo diálogos. Não. Mas eu sinto a presença dele. Entendeu? E principalmente... em horas que eu tô precisando... e nunca peço pra ele também não, hein. O que é a missão dele, o que eu posso fazer? (gargalhadas). Se ele achou...

372. E.M: ...Que ele tem que te ajudar, né...

373. E.O: Ééé, o quê que eu posso fazer? (risos). Eu falei pra ele: aí que bom que você tá aí, né? Nessa é você que tá me ajudando, né, pode ser que numa outra eu também te ajudei. E não é verdade?

374. E.M: E você sempre/ por exemplo, ele sorri pra você, ou você sente algum sentimento da parte dele em relação a você...

375. E.O: Ah, eu sinto. Eu sinto. Eu sinto que ele tá sempre do meu lado. Que ele tá sempre me ajudando, na medida do possível. Porque eu sei que o impossível ninguém pode fazer, né.

376. E.M: É.

377. E.O: E também nas possibilidades, né. Porque a gente acha que a gente tem possibilidades grandes, mil, né. E a gente não tem, é um tiquinho disso aqui, ó [*faz um movimento com os dedos para expressar pequenez*]. E a gente tem que se contentar com isso, né. E achar que tá bom demais, né. Então eu acho. Então pra mim tá bom. Mas eu sinto assim.

378. E.M: Da parte dele...

379. E.O: Sinto que ele tá sempre do meu lado, entendeu?

380. E.M: Tem mais algum outro...

381. E.O: E agora, né, e agora recente que ele me disse o nome dele, olha!

382. E.M: Olha só. E desde que você começou no centro, você viu...

383. E.O: É!

384. E.M: Cê lembra a primeira vez que ele apareceu...

385. E.O: Lembro!

386. E.M: ...pra você?

387. E.O: Lembro. Aliás, nem fui eu, nem fui eu que o vi pela primeira vez. Foi um amigo meu aqui do centro. Que foi na minha casa tomar um chá com bolo, e aí ele falou pra mim: “E aí, cê já viu o seu amigo espiritual?”. Eu falei: não! Ele falou: “ele tá aí do seu lado. Sabe como ele é?”. Ele me descreveu exatamente como eu tô te falando. E só depois de

um tempo/ não foi assim depois que esse amigo falou que eu logo vi também não. Entendeu? Foi numa situação que eu não me lembro agora, aí eu o vi; e ele era assim.

388. E.M: Entendi. É, deixa eu ver... [*E.M confere as perguntas já apresentadas, e as que ainda restam a fazer*]. Como é que você poderia assim... como é que você acha que é/ qual o impacto que as experiências que você teve assim mediúnicas, que essas visões, esse contato com os espíritos/ qual o impacto que isso teve na sua vida, em primeiro lugar, e aí em segundo lugar, na maneira de você se ver como pessoa, como que você acha que isso teve uma influência na maneira como você se vê, e em terceiro, como é que as pessoas passaram a te ver em decorrência dessas experiências que você?

389. E.O: [*Alguns segundos de silêncio*]. Bom... eu acho que isso sempre fez parte da minha vida, né. Desde que eu me entendo por gente. Então eu não sei como seria a minha vida, se não fosse fadada a conhecer os espíritos, e ter assim uma relação íntima com eles. Eu não sei como seria a minha vida.

390. E.M: Entendi. Você já...

391. E.O: É, já fui moldada assim. Então eu não sei como seria a minha vida fora disso, né. Mas eu acho que, pelo menos das pessoas que eu conheço, e que antes tinham uma outra religião, hoje eu vejo essas pessoas mais do meu lado. Mais pro Espiritismo.

392. E.M: Sei. Por conta dessas suas experiências?

393. E.O: É, eu acho. Não assim que eu fico contando, não, não. Que eu fico falando, não, não. Mesmo as pessoas que só sabem que eu venho aqui no centro, porque também a gente não fica contando pra todo mundo. Por exemplo, nossa, tem experiências minhas que eu não conto pra ninguém. E não é verdade? Então eu acho que só o fato da própria vivência da gente, do modo da gente agir, eu acho que as pessoas vão tomando como o exemplo. Pode-se assim dizer? Então eu vejo hoje... né, eu vejo hoje, sabe? Chegadas...

394. E.M: São pessoas da família?

395. E.O: São pessoas da família.

396. E.M: Tá. Que de outras religiões, tal, católica...

397. E.O: Isso! Isso! De outras religiões, que eram católicas, e tal, e hoje eu vejo essas pessoas procurando o Espiritismo, entendeu? Não que com isso também eu vá lá falar: nossa, cê tá procurando por causa de mim, tá vendo?

398. E.M: É, eu sei.

399. E.O: Não, nada disso.

400. E.M: É, eu entendo, mas assim...

401. E.O: Não, não. Mas eu vejo isso! E não vejo a minha vida, não consigo ver a minha vida de outra forma.

402. E.M: Tá.

403. E.O: Não consigo, né, porque, eu nasci assim.

404. E.M: Então você diria que o impacto é total, vamos dizer assim, na sua vida, dessas experiências.

405. E.O: É...

406. E.M: Ou...

407. E.O: Natural.

408. E.M: ...muito forte.

409. E.O: É. Né? Eu acho que... eu só vejo a influência grande, a influência grande. Eu vejo que é que nem uma cozinha, né. É que nem você comer uma comida, né. Por exemplo, aonde você come, você come lá por quê? Porque você gosta da comida, né? Mas você não é bobo, nem nada, você vê que todo mundo vai ali. Não é verdade? Às vezes tem dois restaurantes, um não vai ninguém, o outro fica cheio, não é? Porque as pessoas não são bobas, não é? Porque consciente ou inconsciente elas acabam...

410. E.M: Ou seja, você tá querendo dizer que você simplesmente se sente bem dentro do Espiritismo.

411. E.O: Ah, nossa, me sinto, nossa! Nossa! Responde... responde... a todas as minhas perspectivas. Como espírito, né. Como espírito, né. E como eu tinha dúvidas, né, as dúvidas que a gente tem, você/ se você tem uma dúvida você vai procurar O Livro dos Espíritos lá tá a sua dúvida sanada. Você tem um outro tipo de experiência mediúnica, né, você vai lá no Livro dos Médiuns: ai, ai, tô com essa dúvida. Não é verdade? Você vai lá, você procura, você acha, não é verdade? Aí você tem outra experiência, você tem outras dúvidas, você vai procura na Gênese, você vai achar. Não é verdade? Então é isso. Consegue, né, te dar aquele apoio nas dúvidas que você tem.

412. E.M: Entendi. E como é que assim você vê a contribuição aqui do centro espírita Ismael?

413. E.O: *[Alguns segundos de silêncio]*. Pra mim?

414. E.M: É.

415. E.O: Muito boa. Muito boa. Assim, fundamental, né. Porque... não que eu cheguei aqui no desespero, né. Não cheguei aqui desesperada. Aliás, conheci o Ismael – é até interessante – com uma prima do meu marido, que estava se separando do marido, e tinham indicado o centro espírita Ismael pra ela fazer um tratamento, pra ver se eles conseguiam conciliar a situação. Eu vim...

416. E.M: Por causa dela.

417. E.O: Por causa dela. Ela nunca veio (risos). Você acredita numa coisa dessas? Ela nunca veio.

418. E.M: Você veio pra tentar ajudá-la...

419. E.O: Vim pra tentar ajudá-la. Mas ela veio – eu vim junto, né – e ela veio, mas ela não fez o tratamento, e eu já vim, já fiz a entrevista, já comecei a fazer o tratamento, e eu tava grávida dessa minha filha, dessa terceira filha, continuei fazendo o tratamento, aí ela nasceu, aí quando ela já tava mais ou menos/ aí eu vinha, rapidinho, né, eu vinha, fazia o tratamento, e até ela ficar mais ou menos grandinha, tal, que aí eu comecei a fazer as escolas. Então, eu acho que foi, acho que foi fundamental.

420. E.M: Entendi. Tá, é... você chegou, E.O, alguma vez a sofrer algum tipo de discriminação por conta da sua mediunidade? Assim, é, das pessoas te discriminarem, ou te – eu não sei se eu poderia usar essa palavra um pouco forte, mas – rejeitarem, alguma coisa assim, ou te criticarem, de qualquer maneira, por conta da sua mediunidade?

421. E.O: Não. Não. Não. Não, aqui dentro?

422. E.M: Não, eu digo...

423. E.O: Ah, fora?

424. E.M: Fora, isso. Na sua vida.

425. E.O: Olha, eu só uso a minha mediunidade aqui no Ismael mesmo.

426. E.M: Tá, você não chega a falar pras pessoas?

427. E.O: Não, não. Não. Se não me conhecessem, ou quando eu conheço uma pessoa e... só se me perguntam, o que... qual é a sua religião, eu digo que eu sou espírita kardecista, mas é só também. Não costumo, não costumo.../ sabe? Não, não costumo não.

428. E.M: Tá. Mas das vezes que você chegou a comentar, não teve também nenhuma repercussão?

429. E.O: [*Balança a cabeça negativamente*].

430. E.M: Mas porque que você não conta? Você acha que as pessoas poderiam ter alguma/ você acredita que as pessoas poderiam ter uma reação desse tipo, não?

431. E.O: [*Passam-se alguns segundos em silêncio, em torno de oito segundos*]. Não sei, eu acho que algumas pessoas sim. Com algumas sim. Com outras, não. Não, foi até bom cê me falar, eu acho que tem uma pessoa.

432. E.M: Sei.

433. E.O: Assim, é amiga, entendeu? Mas eu sinto assim que – porque ela é evangélica – eu sinto que ela tem assim um... um preconceito, é? Não? O que seria?

434. E.M: Seria uma discriminação, né.

435. E.O: Uma discriminação, é. Mas é velado.

436. E.M: Sei, não é...

437. E.O: Não, é bem velado. Entendeu? Eu não... não deixo, não deixo ela perceber que eu...

438. E.M: Tá percebendo, né (risos).

439. E.O: ...que eu percebo. Entendeu? Bem veladinho.

440. E.M: Mas por conta da religião dela.

441. E.O: Por conta da religião dela. Não, tudo bem. É por conta da religião dela. E eu nem tinha notado. E sem querer, a sogra dela me disse. Entendeu? Sem querer, a sogra me disse.

442. E.M: Que ela tinha essa...

443. E.O: Que ela tinha. Então, eu vim aqui no bazar [*de roupas e objetos usados, no centro*] e gostava, né, a sogra dela já é desencarnada. E eu vim aqui no bazar, ela falou assim pra mim: “ó, se você for lá no bazar, e tiver algum vestido pra mim, você traz?”. Só que ela disse pra mim longe dela [*longe da nora*], e eu não percebi. Sou meia tchuncha (sic) pra perceber as coisas, sabe? (risos). Aí vim aqui tinha, realmente. Aí comprei uns três vestidos pra ela, né. E levei. Levei pra ela. Nossa, ela ficou toda feliz, sabe, uns vestidinhos bonitinhos, tal, e tal, e não sei o quê, e tal. E passou um tempo, eu falei: nossa, a senhora gostou tanto dos vestidos, e eu não vejo a senhora com os vestidos. E não percebi também que eu fiz a pergunta sem ela [*a amiga*] estar ali perto. Ela disse pra mim: “não, era do centro, ela queimou todos os vestidos”.

444. E.M: Nossa!

445. E.O: Entendeu? Então até hoje ela não sabe que eu sei. E tudo bem. Não sou eu que vou enfiar na cabeça dela, né. Deixa ela. Entendeu?

446. E.M: E na sua família não? Isso nunca aconteceu coisas desse tipo?

447. E.O: Não.

448. E.M: Por exemplo, você comentou dos seus filhos, que eles tiveram um pouco de receio.

449. E.O: Ah sim. Meus filhos sim. Esse receio foi, nossa! Foram unânimes, né. Eu tenho quatro filhos.

450. E.M: Sei.

451. E.O: Os quatro, inclusive dos quatro, só o mais novo que fez o curso aqui no Ismael. Mas também fez o curso e acabou, e aí meu filho, não apareceu mais. Entendeu? Mas os quatro: “nossa, nossa! Não, não tá vendo! É porque, olha, porque a senhora tá lá no centro. Por isso que aconteceu com a senhora [*o episódio de transtorno do pânico*]. A senhora fica só recebendo espírito, porque não sei o quê. Por isso que a senhora tá assim, mãe. Não, mãe! Sai daí, mãe, sai daí desse centro. Mãe!”. Entendeu? Os meus filhos.

452. E.M: Tá.

453. E.O: Mas assim, a família não.

454. E.M: Entendi. Tá. É, eu até faço essa pergunta, essa pergunta eu faço pra todos os médiuns, né.

455. E.O: Huhum.

456. E.M: Porque... a gente sabe assim, pela história do Espiritismo, né, que as médiuns elas foram muito discriminadas, principalmente no passado.

457. E.O: Isso, isso.

458. E.M: Né? E eu tenho a tendência a achar, por alguns casos que eu já vi, que isso ainda vive um pouco no imaginário das pessoas.

459. E.O: É.

460. E.M: Né? Aí fica rondando ainda. Não é como era antigamente, mas parece que...

461. E.O: É, é verdade.

462. E.M: Então por isso que eu até te perguntei. Mas é aquela coisa, em alguns casos tem, em alguns outros casos não tem. É mais até pra confirmar isso.

463. E.O: Isso, isso. É, então, você ver. Você falou, e eu não me lembrava. Mas de repente me lembrei, né. Então, entendeu?

464. E.M: A gente já tá/ pelo menos essa parte da entrevista, a gente já tá acabando, tá?

465. E.O: Huhum.

466. E.M: Tá, você nunca foi educada em outra religião, sempre foi o Espiritismo, desde criança, né, você comentou já. Além de você, tem mais parentes espíritas, ou não?

467. E.O: A minha família por parte da minha mãe é toda espírita.

468. E.M: Ah tá. Cê tem por exemplo vó viva, alguma coisa assim, não?

469. E.O: Não, não tenho mais. Não tenho mais.

470. E.M: Tias?

471. E.O: Ah, tias, tias. Tias. Nossa, tenho, por parte da minha mãe tenho. Tenho tias vivas ainda, todas espíritas, todas, todas.

472. E.M: Tá. Alguém mais freqüenta, por exemplo, aqui o centro Ismael, ou não?

473. E.O: Não, o Ismael não. É, porque não estão aqui. Então, eu tinha uma tia que ela freqüentava aqui o Ismael. Só que ela mora em [*nome da cidade*] agora. E ela morava aqui na [*nome de um bairro*]. Ela mora lá em [*nome da cidade*], então ela freqüenta aquele centro do [*nome de um médium conhecido*]. Eu esqueço o nome.

474. E.M: Ah, eu não lembro.

475. E.O: Aquele que tem lá, ela freqüenta lá. Ela, minhas primas, que tão pra lá. Então elas freqüentam pra lá agora. Mas antes elas eram aqui do Ismael.

476. E.M: Ah, tá bom.

477. E.O: E essa aqui que entrou aqui agora, que falou comigo, é uma prima distante também.

478. E.M: Ah, sei.

479. E.O: E ela é daqui também.

480. E.M: Tá. E você já tinha contado, conhecia ela, tudo, né.

481. E.O: Sim.

482. E.M: Deixa eu te fazer mais uma pergunta, E.O, é... assim, na Psicologia, e em outras ciências, de uma maneira geral, tem-se aquela visão de que o ser humano é só o cérebro, ou o corpo, né. Quer dizer, de que você pode explicar só recorrendo a essas duas instâncias, o cérebro, o corpo, o funcionamento do corpo. E o Espiritismo traz essa visão do espírito, né. Quê que você acha dessa outra visão, que o ser humano pode ser explicado pelo cérebro, pelo corpo; o que você pensa disso?

483. E.O: Eu acho que é um conjunto.

484. E.M: Você já vê como um todo.

485. E.O: Eu vejo como um todo. Eu acho que matéria é matéria, né, mas eu acho que aí, além da matéria existe um corpo perispiritual. E eu acho que é um conjunto, espírito e corpo, eu acho que é uma coisa coligada. Tem que estar coligada.

486. E.M: Tá, entendi, você já não dissocia tanto uma coisa da outra, você acha que é um todo, uma unidade.

487. E.O: Eu acho. Eu acho. Eu acho que...

488. E.M: Então você não é contra essa visão de que o ser humano...

489. E.O: Não.

490. E.M: Tá.

491. E.O: Não, de forma nenhuma. Eu acho que é imprescindível, que se estude mesmo, cada vez mais. Pra se chegar/ eu acho que a ciência tem que chegar à conclusão de que o espírito existe, né. Eu acho que vai chegar esse tempo. Vai chegar.

492. E.M: Daí você acha que vai integrar as duas coisas.

493. E.O: Vai, vai integrar. Aí o ser humano vai até melhorar um pouquinho, né. (risos).

494. E.M: (risos).

495. E.O: Ó, mas eu acho assim imprescindível, acho que há uma necessidade assim muito grande de se conhecer o corpo, né, porque existe muita área que a ciência ainda desconhece, não é verdade? Então eu acho que... tem muito que aprender. É um todo.

497. E.M: E assim, pra.../ vamos dizer assim, a gente vai passar agora pras psicografias, né. É... como é que você acha assim, em relação ao que você era no passado, em relação ao que você é hoje. Você pensa que houve um desenvolvimento seu enquanto pessoa, aqui nessa vida? O tempo que você teve, o que você era no passado, se você voltar lá pra sua adolescência, pra sua infância, até agora, como é que você vê? Você acha que houve um desenvolvimento em algumas coisas, e como é que o Espiritismo ajudou nisso?

498. E.O: Eu acho que o Espiritismo, ele é uma filosofia de vida. E eu acho que ele te ensina principalmente... nas adversidades da vida, no porquê do sofrimento, eu acho que ele te dá assim um... ele te dá uma alavanca muito grande, um respaldo muito grande. Eu acho que ele ajuda você a viver. Eu acho que ele ajuda você a enfrentar, porque ele é, antes de mais nada, uma filosofia de vida. Não é que tudo você tem que aceitar, mas que você aprende a aceitar as situações. Então ele te ajuda, ele te orienta. Ele te dá base. É isso.

499. E.M: E você acha que houve, em relação ao...

500. E.O: Ah! Você tá dizendo evolução? Nossa, eu acho que... não, será que eu melhorei? (risos). Não sei assim como... ah... tento melhorar (risos), não vou dizer que eu sou boa não, e que eu melhorei; não. E que eu vou, e que eu evolui; não, e que eu/ acho que eu/ eu tenho muito que aprender ainda, eu tenho que batalhar muito pra aprender, né. Eu acho.

501. E.M: Mas você acha que houve um amadurecimento como pessoa?

502. E.O: Ah, sim, não, que você conhece? Que você aprende? Isso sim, mas pôr em prática é difícil, né meu filho? Né? Ser santo da noite pro dia, ninguém consegue. A evolução sim, a evolução como espírito sim, base, tudo. Você tem base, você tem a filosofia de vida, você aprende.

503. E.M: Você acha que nas suas relações, por exemplo, com as pessoas, isso também...

504. E.O: Ah, influi muito. Ah, influi muito. Bastante. A gente quer fazer o melhor, não é verdade? A gente quer fazer o melhor, e... eu acho que com amor, a gente consegue muita coisa. Mas como todo ser humano, nós resvalamos, nós caímos, nós levantamos, e quando a gente levanta a gente acha que tá bem, que a gente é dono da cocada, de repente a cocada queima, você volta pra trás, começa a fazer toda a cocada de novo. Eu acho que o ser humano é isso. Mas que o Espiritismo dá uma base maravilhosa, sem dúvida nenhuma. Sem dúvida. Eu acho que pelo [meu] gênio, eu acho que se não fosse o Espiritismo... a coisa seria bem preta (risos). Entendeu?

505. E.M: Então vamos passar pras psicografias agora, tá?

506. E.O: Ah tá. Então, cê sabe, eu não tinha muita coisa pra te trazer não, né, aliás um caderninho bem coitadinho...

507. E.M: (risos).

508. E.O: Acabadinho, né, mas eu comecei a receber a psicografia em 85. Olha/ entendeu? Olha, isso aqui é coisa de neto, né, cê sabe? *[E.O está se referindo a alguns rabiscos feitos pelo seu neto no caderno em que guarda as psicografias]*. Aqui, entendeu? Olha, essas psicografias, eu acho que são feitas aqui – eu devo ter pulado – é... são feitas, eu acho que até hoje, no colégio aqui de médiuns. Eu não sei ainda.

509. E.M: Eles fazem sim.

510. E.O: Fazem. Então, e aí eu percebi, tá vendo? Olha, aqui, aqui ó, aqui já começa a dar o nome, tá vendo? *[E.O está se referindo a uma psicografia cuja autoria é reconhecida ao final, e que data de 12/09/1985. Duas psicografias anteriores, de datas aproximadas, não estavam assinadas]*.

511. E.M: Sei.

512. E.O: Aqui já não deu, olha. Aqui já começa, olha, de novo. Ó. Então tem Carlos e.../ aqui é Carmen, né. *[está se referindo aos nomes dos supostos espíritos comunicantes, enquanto folheia as páginas de seu caderno]*, ixi, aqui é Célia, né.

513. E.M: Eram espíritos que vinham trazer alguma mensagem, como é que é?

514. E.O: É, vamos supor. É lida a mensagem, no livro, e depois, você...

515. E.M: Psicografa.

516. E.O: Você psicografa, entendeu? Aqui ó, Carlos. Aí que eu comecei a perceber que Carlos, ó, tá vendo [*mostra psicografias assinadas por Carlos*].

517. E.M: Aparecia nas sessões.

518. E.O: Aparecia, com freqüência. Aqui já é outro. Ó, tá vendo? [*Outra psicografia de Carlos*].

519. E.M: E você chegou a ver esse Carlos alguma vez, não?

520. E.O: Ah sim, era um rapaz, novo. Era um rapaz novo. Entendeu? Aí, quer ver depois: ó, tá vendo? Carlos. Ó, tá vendo? [*contabilizou-se, no total, 14 mensagens do espírito Carlos ao longo do caderno, e número consideravelmente inferior das mensagens individuais de outros alegados espíritos*]. Aí já é outro, ó, até a letra mudou. Tá vendo, ó? Carlos de novo. Alfredo, lá da frente, outra vez, ó. Acho que a maioria é Carlos mesmo, né.

521. E.M: Sei. Que você recebia nessa época, né?

[*Reproduziu-se a seguir algumas das mensagens de Carlos, apenas a título de exemplificação, transcritas diretamente do caderno*]:

Assim como véu do esquecimento te acompanhou no seu reencarne procura irmã ainda hoje esquecer o caminho material que lhe acompanha, mas aquele caminho da vaidade, do orgulho, da avareza e da maledicência, procura ainda hoje ver o azul do céu mas o azul do infinito caminho de Jesus nosso pai...

Jesus os ampare!

Carlos

10/10/85

Minhas irmãs, boa tarde.

Que a paz do senhor as envolva.

Queridas façamos que esses erros que sabemos fazem parte de vossa vida; o fichário que devemos consultar à cada manhã.

Lembremos sempre de nossos filhos, dando-lhes a oportunidade de estudarem o Evangelho; com a devida precaução de não cometerem esses erros.

Carlos

19/12/85

Amigas, Boa tarde.

Quem fez este universo lindo e maravilhoso em que habitais, por certo deve ter guardado em sua lembrança um plano maravilhoso e colorido em que vivem.

Basta achar a natureza, o sol, a lua, o mar, e as estrelas para sentir.

Sabemos que apesar de nossas lembranças tristes; temos ao nosso redor uma natureza sempre linda que apesar de transmutável, se renova sempre em amor e poesia.

Lembremos de Deus que operou este universo imenso, que agora habitamos, e que ao contemplá-lo com a retina de nossa alma sabemos que vale a pena viver.

Um abraço amigo.

Carlos.

29/4/86

522. E.O: Ah, aqui ó, foi muito interessante. Essa psicografia aqui, tá vendo? Essa aqui. Eu tinha chegado, foi dia... foi dia 03/07/1986, né? E eu morava lá perto do mercado/ cê conhece aqui?

523. E.M: Mais ou menos, conheço.

524. E.O: O mercado [*nome*]?

525. E.M: Conheço.

526. E.O: Eu tomava o ônibus lá, e descia aqui no... nesse jardim aqui do [*nome do bairro*], onde ficam os ônibus ali.

527. E.M: Sei.

528. E.O: Eu descia ali e vinha pra cá. Então a gente passava pelo cemitério lá, né. Tavam tão bonitas as flores, sabe? E eu olhei, falei assim: ai meu Deus. E vindo pra cá, pro trabalho. Ai mãe, se eu pudesse eu pegava todas essas flores e dava tudo pra senhora. E vim. Aí cheguei, era uma salinha pequenininha que tinha, ali no colégio, era pequenininha. Aí cheguei, entrei, sentei, né. Aí tá, cumprimentei todo mundo, mas não falei nada, né. Fui sentei, aí a dona J., supervisora do trabalho, disse assim: “E.O, hoje quem vai receber o mentor é você”. Quando se recebia o mentor, não se fazia a psicografia. Aí eu falei: tá bem, dona J. Aí, já fui me concentrando pra receber o mentor, e eu vi minha mãe; entrando pela porta. E ela deu a volta, e veio aqui ó, atrás de mim aqui. E pegou aqui nos meus ombros, entendeu? Como a dizer: “quem vai dar a comunicação hoje, através de você, sou eu, não foi?”. Eu fiquei tão emocionada, tão emocionada, que eu comecei a chorar. Entendeu? E aqui ó, a dona J. aqui. E eu comecei a chorar, chorar, chorar, chorar, chorar, aí a dona J. disse assim: “Ô E.O, dê passividade a este senhora que está aí, atrás aí de você”.

529. E.M: (risos).

530. E.O: Aí, eu falei: nossa, dona J. viu minha mãe, né. Aí ela falou: “ah, ela tá me dizendo que é sua mãe”. Aí eu fiz [*balança a cabeça afirmativamente*]. Aí ela falou: “tá bom, pode deixar que eu psicografo”. Aí ela psicografou, a dona J. [*essa mensagem não foi transcrita aqui por não conter informação de maior relevância, sendo semelhante a outras mensagens religiosas, e isenta de pormenores pessoais*].

531. E.M: Uma mensagem da sua mãe.

532. E.O: Uma mensagem da minha mãe. A dona J. também já desencarnada, né/ ai, cê tá lendo?

533. E.M: Não, não.

534. E.O: Aqui é Carlos de novo, ó.

535. E.M: E tem alguma dessas mensagens assim que você acha que mais interessante assim, que você gostaria de/ que foi muito forte também no dia...

536. E.O: Ah, essa aqui do meu tio, quer ver... [*E.O folheia o caderno em busca da mensagem*]. Eu também não, nunca imaginei. Esse tio aqui meu, ele é irmão do meu pai. Ele era jogador de futebol e desencarnou jogando futebol, tá? E ele mandou essa mensagem. E eu fiquei muito emocionada também nesse dia. Olha aqui. Tá vendo, ó, essa aqui: “há muito nós nos conhecemos...”. Engraçado, porque, essas, é...

537. E.M: Esse título?

538. E.O: Esse título é do livro [*que foi lido no dia, no início da sessão*], entendeu? A mensagem do livro.

539. E.M: Ah tá.

540. E.O: Então a gente punha aqui, e depois/ tá vendo?

Sinfonia de amor

*Há muito nos conhecemos.
Desde há muito nos amamos.
Quero-te como um pai e sei que também me tens grande afeição.
Sobrinha querida, segue sempre na luta indefinível do amor ao Evangelho.
Que Jesus enobreça sempre teus passos.
Que tua experiência carnal seja a veste segura para passos maiores, junto ao que
Almejas!
Muita luta e muita paz.*

*Tio Pedro.
Um abraço.
17/04/86*

541. E.M: Isso em 86.

542. E.O: É. Esse meu tio. Eu lembro muito vagamente dele. Muito, muito, muito, vago.

543. E.M: E alguma dessas entidades, por exemplo, o Carlos, você chegou a conhecer mais profundamente a história...

544. E.O: Não, não.

545. E.M: Mas você via?

546. E.O: Sim. Não, sabe por quê? Porque eu depois fui trabalhar, eu precisei trabalhar, e não participei mais. Eu acho até que eu deveria ter ficado mais tempo no colégio, entendeu? Mas não fiquei. Então, como eu disse pra você, eu não escrevo lá em casa, nada, né. E essa daqui ó, essa daqui também, essa mensagem aqui me chocou muito, essa daqui, olha. Essa daqui foi na minha casa, tá? Essa não teve jeito. Eu tive que/ olha. Ela pôs lá Dorotéia, mil oitocentos e...

*Do tempo que venho andando
Em reencarnações passando
Lembrei-me de um fato passado
Estava eu na Corte
Com riquezas e jóias
Fútil, vazia e má
Trabalhando no meu egoísmo
Nem me dava conta portanto
Do abismo que se me abria
Maridos eu os tive, e sei lá quantos
Filhos os abortei levianamente
Sórdida portanto, vivia a vegetar
Passados longos anos, caí exausta
Num leito de dor fui parar
E surpresa cheguei, do lado de cá
Anjos maravilhosos me acolheram
Depois de muito padecer e chorar
Qual rosa morta, pedi novamente pra voltar
Hoje em século passado nem é bom pensar
E pra que? Jesus entrou em meu caminho
E com ele quero sempre me iluminar
Paz em seu coração.
Dorotéia, 1896.
5.3.89*

547. E.M: 1896.

548. E.O: É, ela colocou essa data. E eu recebi aqui ó...

549. E.M: Em 89.

550. E.O: É. Aqui [na parte de trás da folha] a gente tinha um dirigente espiritual no Samaritano [um trabalho de caridade social do centro] e ele pediu, que se a gente pudesse fazer versinhos pro Samaritano, sobre todo o pessoal. Olha aqui. Então, aqui é um. Toda vez que você vê um nome, é de todas que participavam do trabalho na época [os próprios colaboradores].

551. E.M: Ah, entendi.

552. E.O: Tá vendo?

*Gomes escute querido a voz do coração
 Seja humilde que o amor virá por emoção
 Marlene olvide seu sofrimento agora
 A beleza de seu perdão você sentirá sem demora
 Lisete amiga do peito e dos cabelos dourados
 Veja os velhos, os pobres e seu amor será dobrado
 E.O nem pense em sofrimento
 Sua paz e sua luz se fará por entendimento
 Airton é peça fina nessa engrenagem
 Tanto amor e tanta paz e que tamanha humildade
 Miguel brincalhão mas gosta de estudar
 Continue amigo, o trabalho sempre aparece pra quem sabe lutar
 Já estivemos juntos Marlene trabalhando
 Na fé e na bondade você continua ganhando
 Sônia não se desgaste outra vez
 Trabalhe, trabalhe e aprenda de vez
 Nascimento nem vou te contar
 O segredo é nosso e só contarei quando chegares do lado de cá
 Muita paz e luz. 5.3.89*

553. E.M: E foi psicografado também?

554. E.O: Isso. Essa foi psicografada e essa daqui também [E.O está aludindo agora a outra mensagem].

555. E.M: Essa é interessante também, essa daí?

556. E.O: Então, também é do grupo.

557. E.M: Ah tá, a mesma coisa, né.

558. E.O: Também é do grupo, é. Só que aqui não tá falando o nome não, mas tá falando sobre o trabalho, né.

559. E.M: Tá falando sobre/ mas aí no caso...

560. E.O: Mais sobre o trabalho.

*Faço aqui presente
 A minha saudação
 Vindos de planos claros
 E com muita comunhão*

*Formou-se o grupo Samaritano
 E nos pusemos a trabalhar
 Com afinho e energia
 E muito amor a dar*

*Com o vermelho vamos cicatrizar
 Com o verde balsamizar (sic)
 Com o amarelo e o lilás
 Nos espiritualizar²*

Estamos combinados

² A referência às cores diz respeito a uma prática comum de visualização de cores em práticas grupais espíritas. Alguns centros se utilizam até mesmo de lâmpadas coloridas em sessões de passe, atividade a que se dá o nome de Cromoterapia.

*Vamos adiante e trabalhar
Depois de tudo pronto
Voltamos cada qual a seu lugar*

*Lugar de onde viemos
Entrelaçados na luta e no amor
Na paz de espírito que teremos
Em ver cumprido aquilo que nos propusemos
16/01/89*

561. E.M: Essas pessoas aqui [*citadas na mensagem anteriormente transcrita*] são pessoas que eram lá do trabalho, eram médiuns de lá.

562. E.O: Isso! Isso, essa daqui.

563. E.M: E os espíritos falando sobre elas?

564. E.O: Sobre elas, é.

565. E.M: Ah tá.

566. E.O: Entendeu? Quer ver, ó. Tem o Gomes, tem a Marlene/ tinha, né. Tinha a Lisete, eu, o Airton, o Miguel, Sônia, e o seu Nascimento.

567. E.M: Entendi. Bacana.

568. E.O: É, eu achei bonita essa mensagem.

569. E.M: Bacana mesmo, né.

570. E.O: Então, muita coisa assim não tem. E cê sabe que eu tinha umas mensagens quando eu era novinha...

571. E.M: Ficou mais ou menos até aqui [*referindo-se ao fato de que as mensagens acabam antes da metade do caderno, tendo sobrado boa parte em branco*].

572. E.O: É, ficou, ficou até aqui porque aí eu tive aqui...

573. E.M: Cê separou, tá.

574. E.O: Eu tive que parar, infelizmente, eu tive que trabalhar.

575. E.M: E você tava contando que você tinha umas mensagens de novinha...

576. E.O: Ah, mas essas...

577. E.M: Se perdeu.

578. E.O: Se perdeu. Essas se perderam.

579. E.M: E o quê que, por exemplo, qual era o conteúdo? O que elas falavam essas mensagens, cê consegue lembrar ainda?

580. E.O: É, falavam de amor, falava de... ah, falava assim de amor, de... de humildade, de caridade, falavam essas coisas.

581. E.M: Sei, e eram assinadas?

582. E.O: Nem em lembro.

583. E.M: E vinha espontaneamente assim?

584. E.O: É, é. Eu pegava a caneta, pegava às vezes folhinha assim, e escrevia. Assim, inspirada, sabe, uma coisa gostosa. E às vezes eu/ uma vez eu senti que era um preto velho, que era um... um preto que tava ali perto de mim. Entendeu? Escrevendo, passando aquela mensagem pra mim. Isso eu sentia também.

585. E.M: Você já chegou a freqüentar a Umbanda, por exemplo?

586. E.O: Não, não, mas já tive um pé lá, viu?

587. E.M: É né?

588. E.O: É, já.

589. E.M: Que bom, acho que você tem essa postura mais aberta então. Porque em geral o pessoal...

590. E.O: É. Ah não, eu já tive um pezão lá. Eu tenho meu pezão lá. Ah já, bem. Já, com certeza. Com certeza. A gente não pode ter discriminação nenhuma, ter preconceito nenhum. A gente tem que saber que a gente tá aqui é pra trabalhar. Nós somos meros instrumentos. E nós não somos ninguém pra dizer: não, porque o quê, porque o quê. Não. Por quê? Só porque usa adereço, e usa uma coisa, ou usa outra? Não, imagina. Cê tem que respeitar. Eu acho que antes de qualquer coisa, a gente tem que respeitar, né. Não, eu costumo dizer: tinha um pé lá sim. Não, eu tive. Aprendi com os meus ancestrais, não é verdade? A gente tem que aprender. É uma experiência. Cada encarnação da gente é uma experiência, né? Aí cê vai falar: “ah, mas aí a gente vai evoluindo”. Que evoluindo o quê, meu filho. Cê vê tanto pretinho velho que te dá cada lição de moral, e que você tá lá embaixo ainda, você nem aprendeu ainda a lição, não é verdade? Enquanto que uma pessoa, um espírito às vezes muito culto, não tem a sabedoria que tem aquele preto velho, que sofreu, que padeceu, né, e que pode, através de todo aquele sofrimento, revertido tudo aquilo em paz, em bondade, e te mostrar, não é verdade?

591. E.M: É verdade.

592. E.O: Então eu acho que se aprende muito mais com o humilde... Do que com o grandão.

593. E.M: (risos).

594. E.O: Eu acho. Eu acho que o humilde tem muito mais pra te oferecer do que o grandão, que às vezes, né, é letrado, muito letrado, mas ele não tem experiências muito boas pra te mostrar. Acho que a experiência vale tudo; cê tem que passar. A experiência é tudo. Cê vai ver você daqui dez anos.

595. E.M: (risos). Outra coisa, né?

596. E.O: Ooo! Aí cê vai tá letrado. Não é verdade? (risos).

597. E.M: (risos). Legal. Eu posso levar esse caderno?

598. E.O: Pode. Cê só não se importa que ele tá todo danado, né.

599. E.M: Não.

[A gravação prossegue por alguns segundos a mais, limitando-se, contudo, a conversações de E.M e E.O sobre a leva do caderno para registro das psicografias, despedidas e agradecimento].

_____ //

N., 29 anos, corretora de seguros.

(Observação: Embora a entrevista a seguir, datada de 29/05/2009, tenha sido registrada em áudio, o arquivo contendo toda a gravação apresentou problemas posteriores os quais indicaram haver algum tipo de dano no mesmo que, infelizmente, não pôde ser reparado. Sendo assim, procedeu-se da seguinte maneira: 1. o pesquisador transformou suas notas escritas e recordações numa síntese do caso; 2. apresentou-a a entrevistada, por e-mail, que verificou se alguma informação era ou não equivocada, e que complementou o texto redigido pelo pesquisador com informação adicional, a partir de perguntas e questionamentos do mesmo. Informações literais, verbais ou escritas, foram destacadas por aspas no texto, seguidas da abreviação sic, “segundo informações colhidas”).

N. possui 29 anos, é corretora de seguros e trabalha em um escritório próximo de sua casa. Esclareço o intuito da pesquisa e pergunto se ela alguma vez passou por algum(a) psicólogo(a) ou outro profissional de saúde mental anteriormente. N. não sabe ao certo, mas pelas perguntas que lhe fiz, ela acredita que a pessoa com quem esteve era uma terapeuta alternativa, com a qual afirma ter se sentindo muito bem nas ocasiões em que recebeu consultas.

Peço-lhe então que inicie falando um pouco sobre sua história de vida, podendo começar seu relato de onde quiser. N. explica que sempre buscou um significado maior em sua vida, desde quando era mais jovem. “Queria entender Deus, queria respostas para algumas situações como, miséria, doenças, etc.” (sic). Seus pais nunca foram pessoas muito religiosas, e embora N. tenha sido batizada na igreja católica, nunca freqüentou a igreja, muito menos seus pais. Sua mãe se diz católica, mas N. acredita que ela se autodenomina assim apenas porque acha isso “bonito” (sic); seria apenas um jeito de falar, já que sua mãe não é efetivamente uma praticante do Catolicismo. A mesma já freqüentou o Centro Espírita por algumas vezes e demonstra interesse pela doutrina há um bom tempo (desde antes de N. nascer), conquanto também não se denomine espírita. O pai de N., por sua vez, raras vezes freqüentou sessões de Espiritismo e nenhuma ligação possui com instituições religiosas. Pergunto para N. se mais algum de seus familiares ou parentes freqüenta centros espíritas, e a mesma responde que apenas sua avó por parte de pai teve outrora este costume. “Na realidade minha avó freqüentou alguns Centros, porém hoje é Evangélica” (sic).

Nessa sua busca, N. ouviu de um amigo a sugestão para procurar um centro espírita. Hesitou inicialmente, por conta do desconhecimento em relação ao Espiritismo, mas resolveu participar e gostou muito, tendo se identificado bastante com a doutrina. Começou a participar dos cursos de educação mediúnica, e foi aos poucos desenvolvendo sua mediunidade, faculdade esta que, assim como entendem os espíritas em geral, ela acredita ser uma característica inerente a todo ser humano. Ao contrário de outros(as) médiuns, N. não vivenciou experiências mediúnicas desde sua infância; sua mediunidade só foi ‘descoberta’ no Centro Espírita Ismael, conforme o processo de desenvolvimento mediúnico. Segundo suas palavras, sua forma de mediunidade predominante é a Psicofonia, muitas vezes tida por alguns como um sinônimo de incorporação. N. explica que tudo foi acontecendo de maneira muito “tranqüila” (sic) nos trabalhos de educação mediúnica; ela foi gradativamente se envolvendo com as práticas e aprendendo a identificar as manifestações mediúnicas que nela se davam.

N. freqüenta o Centro Espírita Ismael há mais ou menos dez anos, tendo terminado os cursos de educação mediúnica em 2005. No momento, ela presta auxílio como médium em um trabalho de assistência espiritual a entidades

desencarnadas que possuíam algum tipo de vício quando na Terra (drogas, álcool, sexo, etc.), e que agora demonstrariam dificuldade para se desprender do mundo material. Segundo a entrevistada, sua mediunidade se apresenta sob a forma de sensações, sentimentos e pensamentos que ela identifica como não provenientes dela própria, mas sim de espíritos desencarnados e, em alguns casos, de pessoas encarnadas. Afirma que às vezes é um tanto difícil diferenciar o que provém dela e o que provém dos espíritos; N. acha que essa diferenciação ocorre de forma muito sutil, e a mesma se questiona se muitas das sensações, sentimentos e pensamentos que ela denota em seu dia-a-dia não seriam, também, expressão da mediunidade que possui (casos de irritabilidade, impaciência, acessos de raiva, etc.).

Durante os trabalhos de assistência espiritual, N. apresenta diversos tipos de sensações e sentimentos os quais ela percebe não serem seus. De acordo com a entrevistada, essas sensações não se justificariam com base apenas em seus problemas físicos ou emocionais. Relata que, em algumas ocasiões, no decorrer de um trabalho, sente uma vontade muito forte de levantar-se e ir embora do Centro. Certa vez, N. sentiu dores intensas nas costas, próximas à região dos pulmões, e pensou em ir embora para procurar um hospital; chegou a pensar que estava com um quadro de pneumonia. Contudo, veio a descobrir depois – de acordo com seu relato – que não se tratava de uma dor sua, e sim de uma entidade desencarnada, a qual seria viciada no uso de cigarro, e teria apresentado, quando encarnada, complicações decorrentes do fumo. Após este incidente, N. veio a procurar por um médico, e constatou que possuía sinusite, fato este que não explicava, portanto – segundo sua interpretação – as dores sentidas nas costas.

Pergunto para N. se ela nunca chegou a desenvolver outros tipos de mediunidade ou se houve interesse em desenvolver outras possíveis habilidades mediúnicas. Ela afirma que não, que nunca teve a desenvoltura para a psicografia ou mesmo a pintura mediúnica. Lembra-se, no entanto, de um sonho recente em que se viu psicografando várias mensagens; porém, ela não saberia especificar o significado deste sonho³. Pergunto também se durante os momentos em que exerce sua mediunidade no centro, ela permanece consciente ou não. N. explica que se mantém consciente de tudo o que fala e sente, mas afirmou ficar um tanto “desligada” (sic) das coisas que ocorrem à sua volta na sala onde se dá o trabalho mediúnico com outros(as) médiuns – algo semelhante a um estado de absorção.

N. acredita que ainda faz muito pouco em relação ao seu papel como espírita, apesar de freqüentar o centro três vezes por semana; ela gostaria de poder contribuir e ajudar mais no centro, participando de outros trabalhos de caridade. Quando perguntada como seria sua vida se algum dia abandonasse a tarefa mediúnica, N. responde que é muito difícil para ela imaginar-se não sendo espírita e não trabalhando como médium. Todavia, ao fazer um esforço para imaginar tal situação hipotética, ela pensa numa condição em que todos os centros espíritas da cidade ou do país fossem fechados e não houvesse mais um meio de freqüentá-los. Neste caso, diz ela, “aí é que realmente nós colocaríamos a doutrina em prática” (sic), em toda a sua extensão, pois a caridade não se restringiria mais apenas às atividades efetuadas no centro. De acordo com N., se ela um dia viesse a não exercer mais sua mediunidade, procuraria praticar o evangelho na relação com outras pessoas e em diferentes trabalhos de caridade.

Questiono N. se ela sabe algo a respeito dos mentores espirituais que a acompanhariam em sua tarefa mediúnica. Ela lembra que esta é uma questão que todos(as) os médiuns gostariam de saber com certeza, mas isto nem sempre é possível. N. não sabe exatamente quem é seu mentor (ou mentores espirituais), mas teve sonhos nos quais

³ Em ocasião posterior à entrevista, N. relatou, em comunicação pessoal por e-mail (outubro de 2009) que já estaria experimentando a prática da psicografia: “Há mais ou menos um mês tenho recebido algumas mensagens através da Psicografia intuitiva – ainda é algo bem sutil” (sic).

essas entidades teriam se revelado para ela. Num desses sonhos, o mais recente, um homem muito bonito lhe apareceu alegando ser seu mentor. Tinha por nome “Ramsés” (sic). Contudo, N. desconfiou que tais informações pudessem efetivamente ser verdadeiras, já que certos espíritos podem se apresentar ao médium da forma que desejarem, sendo, portanto, arriscado confirmar algo apenas com base nessa experiência. Brincando com a situação, N. diz também que o fato de o tal homem ter se mostrado tão bonito, a fez desconfiar ainda mais. Num sonho anterior, ela teria se encontrado com uma mulher que também alegou ser sua mentora, e lhe passou o nome de Atrisha.

Em dados momentos da entrevista, N. cita com bastante frequência o trabalho do médium Chico Xavier. Ela diz que os(as) médiuns em geral, incluindo ela própria, ainda estão nas primeiras caminhadas, se comparados com o grande Chico Xavier. Segundo ela, Chico costumava dizer que 90% daquilo que o médium transmite advém dele mesmo, e só 10% seria realmente de origem espiritual. “Se ele disse isso, imagina então no nosso caso” (sic). A porcentagem, enfim, seria bem menor. N. acredita que o fato de ser médium não significa necessariamente que ela foi ou é uma ótima pessoa em termos morais; pelo contrário, ela entende que é justamente por terem errado muito no passado e em outras vidas, que os médiuns são levados a assumir tal tarefa hoje como missão.

Ao questioná-la sobre o impacto da doutrina espírita em sua vida e sobre a maneira como ela passou a se enxergar enquanto pessoa após sua adesão ao Espiritismo, N. relata que antes era impulsiva e briguenta. Tinha sempre na ponta da língua a resposta para uma ofensa ou comentário de alguém, e não media tanto as consequências de seus atos. Era “sossegada”, “tranqüila” (sic); não se preocupava por muito tempo com os efeitos que suas ações poderiam ter, ou o que pensariam as outras pessoas de suas atitudes. Depois de se tornar espírita, passou a se policiar e a se controlar mais. Ela queria que seu comportamento se ajustasse aos ensinamentos morais da doutrina e do evangelho, e começou a se cobrar e a se esforçar para isso. Nesse sentido, ela deixou de ser tão “tranqüila” (sic) quanto era no passado, pois agora exige mais de si mesma e das outras pessoas à sua volta. Tal mudança não foi percebida apenas por ela, mas igualmente pelos familiares e amigos, que espantados com o seu perfeccionismo, a chamam de “velha” ou “chata” (sic).

N. tornou-se mais seletiva na escolha das amizades e das pessoas com quem vai se relacionar. Ela entende que não foram as amizades que se afastaram dela, mas ela mesma que começou a sentir certa inadequação, pois seus valores mudaram, e já não são os mesmos daquelas pessoas. As antigas amizades não correspondem mais à sua maneira atual de viver e de conceber a vida, baseada no Espiritismo. Ela também parou de frequentar muitos dos lugares em que costumava ir anteriormente, como barzinhos, “baladas” (sic), etc. De acordo com N., sua vida social hoje se resume, basicamente, às visitas ao Centro Espírita Ismael, aos encontros com familiares e amigos mais próximos e aos passeios com seu namorado.

Depois destas perguntas mais específicas sobre a relação de N. com sua mediunidade e com o Espiritismo, fiz-lhe algumas outras mais pessoais, acerca de seu relacionamento com os pais e com suas irmãs. N. se emociona ao falar das figuras parentais e seus olhos lacrimejam algumas vezes. Sua mãe, atualmente com 51 anos de idade, teve uma vida inicialmente bastante difícil. Viviu praticamente na dependência de seu marido, até que, num dado momento, resolveu trabalhar por conta própria e restabelecer toda sua vida. Hoje é vendedora de Yakult e segundo N., “foi mordida há pouco tempo por um cachorro” (sic). N. diz admirar muito sua mãe e afirma ainda que “ela é uma pessoa muito melhor do que eu” (sic). Antes de N. nascer, quando sua mãe estava grávida, esta última teve um sonho no qual a filha teria lhe enviado uma carta dizendo-lhe que não desejava uma vida luxuosa na Terra, mas que buscava uma

vida simples. O relato deste sonho também parece emocionar muito à entrevistada, e é para ela uma confirmação de que seu espírito havia se comunicado com a mãe antes de reencarnar.

Já a relação com a figura paterna parece ter sido um tanto mais problemática na vida de N. Ela comenta que seu pai fora muito ausente no passado. Ainda hoje, prefere passar a maior parte do tempo no bar, bebendo e conversando, do que em casa com a família, razão de muitos dos conflitos que tem com a esposa. Este tipo de comportamento também incomoda N., mas ela compreende hoje, com base no conhecimento que adquiriu com a doutrina espírita, que tais características de seu pai são demonstrações de infantilidade e imaturidade. Atualmente, ela o vê como uma pessoa cujo espírito se encontraria ainda numa fase infantil de desenvolvimento, e acredita que o mesmo irá mudar com a experiência que adquirir nas próximas reencarnações.

Seus pais brigam com frequência, e segundo o relato da entrevistada, tal situação se dá desde sua infância. N. afirma exercer uma função de intermediadora entre os dois, sempre tentando apaziguar os conflitos: “às vezes, é como se eu fosse mãe e pai dos meus próprios pais” (sic). Mas essa função de cuidadora não se limita apenas às figuras parentais; ela também é exercida com suas irmãs e sobrinhos. N. diz adorar seus sobrinhos e chega a pensar que nem precisaria ser mãe um dia, frente ao fato de que já cumpre tal função com as crianças. N. explica ainda que, de tempos em tempos, precisa dar uma boa bronca em todos, para pôr alguma ordem na casa. Esse mesmo cuidado que N. tem pelos pais e sobrinhos, ela teve com sua irmã mais nova, no período em que esta ainda morava junto aos familiares. N. acabava criando alguns conflitos, em decorrência de a irmã frequentemente chegar tarde para casa, após sair e passear à noite. Hoje, porém, a Irmã está casada e tem um filho de dois anos.

Antes de encerrarmos a entrevista, pergunto para N. o que ela pensa acerca da perspectiva segundo a qual o ser humano e sua personalidade seriam resultado apenas de processos fisiológicos e cerebrais. Questiono qual seria a primeira palavra ou sentimento que lhe vem à mente quando pensa nisso. A entrevistada responde que a primeira palavra que lhe surge é injustiça. N. não consegue aceitar que os eventos da vida não tenham sentido e justificação. Se pensasse assim, teria de admitir que Deus jamais existiu ou que este seria tremendamente injusto. Ela pensa ainda, que tal pensamento materialista acarretaria a justificação de uma série de crimes e atrocidades contra o ser humano, levando as pessoas a um comportamento irresponsável.

PERGUNTAS ADICIONAIS

- Algumas pessoas são às vezes discriminadas por conta da sua atividade como médiuns. Você já chegou a sofrer alguma discriminação por conta da sua mediunidade ou de frequentar o centro espírita? Dentro da sua família ou fora dela?

“Muitas pessoas sabem que eu sou espírita, porém raras sabem que desenvolvi a mediunidade. Graças a Deus no meu meio nunca senti a discriminação. Tenho amigos Evangélicos, Católicos, Ateus e gostamos muito de conversar sobre religião, respeitando sempre o ponto de vista do outro” (sic).

- Você havia dito que frequenta, às sextas-feiras, um trabalho em que recebe atendimento espiritual. Por que está precisando deste tipo de ajuda no momento?

“O trabalhador da Casa é orientado a passar pela entrevista pelo menos uma vez ao ano (se faz também a leitura áurica), no meu caso fiquei quatro anos sem passar, pois, não sentia a necessidade. Porém, devido a um problema físico (uma crise de sinusite que não passava), optei pela entrevista e fui direcionada a um tratamento por quatro semanas” (sic).

- *Qual exatamente o motivo de ter buscado a doutrina espírita? (esclarecer melhor, detalhar um pouco mais).*

“Quando eu era criança (+ ou- 8 anos) me lembro que falava com minhas primas sobre reencarnação – dizia a elas que quando a gente morresse poderíamos pedir para renascer na mesma família, que poderíamos encontrar os nossos familiares “no céu” e que lá a vida continuaria da mesma forma. Acredito que já trazia em espírito essa informação, uma vez que, quando criança, não freqüentei nenhuma doutrina que pudesse me dar noções sobre reencarnação. Sempre senti muita vontade de me aproximar de “Deus” de entendê-lo, por isso, me chateava o fato de meus pais não freqüentarem a Igreja. Porém, com a Adolescência, essa vontade ficou adormecida. Aos 20 anos, comecei a apresentar um problema de taquicardia, porém, esse problema não foi diagnosticado em exames como eletro e holter. Foi então que um amigo, conhecedor da Doutrina, disse que talvez o problema fosse espiritual e me convidou para conhecer o Centro Espírita Ismael. Desde então passei a freqüentar o Centro e estudar a Doutrina” (sic).

- *Por que começou a participar dos cursos de educação mediúnica? Foi chamada por alguém diante de alguma manifestação mediúnica que apresentou, ou foi voluntariamente?*

“Comecei a freqüentar os Cursos por vontade própria, tinha sede de conhecimento. O desenvolvimento da mediunidade veio depois” (sic).

- *Seu namorado também é espírita? Ele concorda com sua atividade como médium no centro?*

“Meu namorado é simpatizante da Doutrina, ele se identifica mais com a Umbanda, porém também não freqüenta com assiduidade. Ele não se opõe ao meu trabalho, ao contrário, me incentiva. Já leu alguns livros espíritas e sempre conversamos bastante sobre a espiritualidade” (sic).

A.M., auxiliar de enfermagem, 57 anos.

Local: Sala do centro espírita Pascoal Tróvelle que serve de depósito para objetos antigos, e onde se realizam trabalhos de corte e costura para doação.

DATA DA ENTREVISTA (18/07/2009)

1. E.M: Tá, então pode começar.

2. A.M: O meu nome é A.M.M; nome de casada, né, porque na verdade era [outro sobrenome] de solteira, aí eu tirei. Depois eu me separei, mas eu não quis tirar o M [sobrenome por parte do marido], porque eu tinha filho menor de idade ainda, e na época eu também não tava com cabeça pra mexer com isso. Então eu falei: ah, deixa M mesmo e continuei. E... eu nasci no Espírito Santo. Eu vim pra São Paulo entre dez e onze anos, né. A gente era muito pobre, família grande, foi muito difícil, tal. E... eu casei aos vinte anos. Uma coisa que marcou muito minha vida foi quando o meu pai desencarnou. Eu tinha três meses, mais ou menos, de casada, e eu fiquei casada vinte e três anos. Eu.../ foi um casamento muito difícil, né, e com quarenta e três anos, eu me separei. Aí, na verdade, eu comecei a viver, porque aí que eu fui fazer as coisas que eu sempre quis fazer. Então eu fui criada daquele jeito assim, sabe? Foi muito difícil porque eu fui criada pra obedecer. E eu não sou um espírito obediente, de jeito nenhum (risos). Eu não sou. Então depois que eu separei que eu fui estudar, eu fui fazer/ estudar inclusive a profissão que eu sempre quis; o marido não concordava de jeito nenhum. Enfim, depois que eu me separei já, com cinquenta anos, que eu fui ver que, sem perceber, eu fiz todas as coisas que eu queria fazer desde jovem, entendeu? E agora eu penso, quando eu olho pra trás, eu vejo, eu tenho muitas coisas boas, né. Tive muitas/ fui feliz em várias fases da minha vida. E muitas outras fui bastante difícil, tal, mas se alguém me perguntar se eu sou mais feliz hoje do que ontem, eu digo que sou mais feliz hoje.

3. E.M: Legal. Tá. E, no caso assim, você comentou pouca coisa assim da sua infância, né. Eu queria que você falasse um pouquinho mais. Aliás, eu posso fechar a porta um pouco?

4. A.M: Pode. Seria bom, porque tá muito barulho.

5. E.M: É. [Obs: A porta da sala havia ficado aberta, para que A.M, que possui algumas dificuldades respiratórias e estava gripada este dia, não aspirasse a poeira proveniente dos objetos. O barulho do lado de fora e a possibilidade de que sua narrativa pessoal fosse indevidamente ouvida por algumas voluntárias que trabalhavam em outras salas ou transitavam pelo corredor do centro, fez-nos fechar a porta. Após isso, deu-se continuidade à entrevista].

6. A.M: Ah, a minha infância foi no Espírito Santo, interior, né. A gente não tinha muita convivência com muitas pessoas. Na época, nós éramos em sete irmãos. Teve um lado muito bom; foi na roça, o mundo era pequeno, mas era da gente. Né? A gente se divertia muito, sofria muito, porque era filho de... pobre, muitos filhos, né, os pais não tinham condições, né, e vou chorar [risos, olhos lacrimejando, e as mãos passando sobre o rosto para secá-lo].

7. E.M: Pode chorar.

8. A.M: Os pais não tinham condições, né, de dar atenção pra gente, essas coisas, e/ só que naquela época a gente não sentia isso; a gente percebe depois. Mas sempre, logicamente né, é mesclado o bom com um lado difícil. E o meu maior problema interior, mesmo, sempre foi com a minha mãe. E o Espiritismo me ajudou muito nisso. Ao longo do tempo, né. Porque eu sentia uma certa culpa, porque eu não sentia a minha mãe do jeito que a igreja católica me ensinava. Sabe, de você ver a minha como aquela Nossa Senhora que você vê. Que no fundo eu amava, entendeu? Eu tinha uma fé, quando eu era criança; eu não diria fé, eu diria religiosidade, né. Eu tinha desde muito criança, isso me acompanhou muito. Então eu tinha muito conflito íntimo, porque eu queria ver a minha mãe do jeito que a igreja apresentava, e eu não conseguia. E, por outro lado, eu adorava o meu pai. Nossa, como eu gostava do meu pai. E o meu pai ele/ a minha mãe brigava muito, criticava muito, falava muito; eu só via a minha mãe assim brigando com o meu pai. E o meu pai tinha uma paciência; às vezes eu queria que ele brigasse com a minha mãe. Porque ela falava demais, eu não suportava ver meu pai chateado, sabe? Então, eu não entendia nada, mas eu percebia, quando o meu pai chegava em casa preocupado, [neste momento, a voz de A.M começa a ficar embargada, as lágrimas a escorrerem pelo rosto] a minha mãe nunca tinha uma palavra; minha mãe se botava a falar, xingar, reclamar de tudo, entendeu? E aquilo/ eu olhava pro meu pai assim, tinha muita tristeza. Então foi muito marcada a minha infância nesse sentido. E como a minha mãe era sempre muito ocupada, e/ às vezes, na minha inocência, eu procurava o carinho dela, mas ela nunca tinha carinho pra mim [continua a chorar, um pouco mais profundamente agora]. Então eu tinha um problema de rejeição muito grande. Muito grande mesmo. E depois, a minha irmã mais velha. Minha irmã mais velha era como que uma segunda mãe pra mim. Não aquela mãe dos sonhos da gente, mas era com quem eu...

9. E.M: Se dava melhor.

10. A.M: ... se dava melhor. Mas ela casou, eu tinha mais ou menos nove anos. Foi um baque pra mim também. Mas o que depois adulta eu estranhei, é que quando a minha irmã casou, eu não senti raiva de ninguém. Nem dela, nem do meu cunhado [*a voz permanece ainda embargada, o choro um pouco mais controlado*]. Eu aceitei aquilo como que a sina da gente. Sei lá, não sei. Eu aceitei aquilo. Mas marcou muito pra mim também isso daí, né. Aí começou uma nova fase na minha vida [*assua o nariz e limpa os olhos, mas permanece ainda com a voz embargada, algumas lágrimas*]. Então, o meu pai não era um homem de bater nos filhos, e as poucas vezes que ele bateu, eu sempre culpei a minha mãe. Porque sempre a minha mãe por trás, nela não tinha aquela autoridade de falar pro filho, exigir, se impor, exigir que o filho cumprisse; não, ela batalhava por trás e fazia com que meu pai perdesse a cabeça e às vezes batesse na gente. Mas muito. Meu pai tinha muito equilíbrio, porque se fosse pela cabeça da minha mãe/ hoje eu sei, não era maldade dela. Hoje eu sei. Não era. Ela também, coitada, viveu uma vida que eu não queria viver a vida dela. Mas, o tempo me mostrou isso.

11. E.M: Por que você consegue entender hoje, por exemplo, o porquê que ela agia assim com você? Você sabe por que ela era desse jeito? Ela chegou a contar isso alguma vez?

12. A.M: [*Após assuar o nariz, responde*]: Eu deduzi isso pela história de vida dela, né. Ela, coitada, ela filha de italianos, os pais dela vieram da Itália, ela nasceu aqui. Mas aqueles/ aquele povo, naquela época, vivia só pra comer e guardar dinheiro, comer e guardar dinheiro, sabe? E as filhas não tinham valor; filha mulher não tinha valor. Só os homens. E os pais dela eram bem de vida; eles davam pros filhos, quando casavam, eles chamavam de uma colônia, né? Era uma fazenda. Dava fazenda, dava um casal de cada animal, enfim; tudo a começar. E pras filhas, às vezes não davam nada. E tinha que trabalhar, trabalhar, trabalhar, trabalhar, trabalhar muito, né. Então, ela era como escrava dos irmãos e dos pais dela. Então ela/ coitada, ela não teve/ a minha mãe vive até hoje, minha mãe tem noventa anos.

13. E.M: Ela tá viva ainda?

14. A.M: Tá viva. Meu pai faleceu cedo; meu pai faleceu com cinquenta e seis anos. Mas, minha mãe ainda tá viva. Deixa eu ver se eu tenho algum lenço aqui [*A.M procura em sua bolsa um lenço de papel para limpar o rosto. E.M, desprevenido para esta ocasião, não trazia nenhuma consigo. Nisso, aproveita-se também para fazer uma rápida pausa na gravação, de modo a conferir se a primeira parte da entrevista havia sido adequadamente registrada. A entrevista segue a partir daí. A.M está um pouco mais calma agora, sua voz já não se mostra embargada, e não chora mais*].

15. E.M: Tá. Tem mais alguma coisa que você queira falar, da infância? Ou da sua adolescência, né?

16. A.M: Uma coisa que marcou muito na minha infância, foi assim: porque o meu pai, ele... eu gostava muito do meu pai. Muito mesmo. Sofria muito, toda vez que eu via ele triste, mas também o meu lado assim de religiosidade, eu sinto que eu aprendi com ele, né. Ele tinha isso. E o que foi muito ruim com o meu relacionamento dele, foi que quando eu não sei que idade que eu tinha, o meu pai me bateu. Entendeu? E eu era assim como que/ até hoje meus irmãos falam que eu era protegida do meu pai. Eu não acho que eu era protegida não; eu acho que existia alguma coisa mais entre eu e ele. Aí, ele me bateu, mas ele tava muito nervoso, e ele me bateu muito injustamente. Então aquilo quebrou um pouco o que havia assim de encantamento entre eu e ele. Isso aí marcou muito... distanciou um pouco a gente, né.

17. E.M: E porque ele tinha batido em você?

18. A.M: Ele me bateu porque eu lembro que ele tava assim num canto da casa, consertando uma bicicleta. E eu brigava muito com uma das minhas irmãs, ela era mais velha que eu. E o meu pai nunca admitiu que a gente falasse palavrão, ou que a gente se xingasse, né. E a minha irmã/ eu era muito nervosa, eu era muito sensível, muito nervosa; e a minha irmã me provocou, me provocou tanto, tanto, que eu fiquei tão nervosa, que eu, sabe, eu falei: sua égua! (risos).

19. E.M: (risos).

20. A.M: Ai, quando eu vi, meu pai já tava me batendo, me batendo, sabe? Foi muito triste. Foi muito triste mesmo. Mas minha irmã ajudou; minha irmã mais velha era solteira ainda, ela me ajudou.

21. E.M: E cê tinha quantos anos na época?

22. A.M: Eu não lembro direito. Eu devia ter uns cinco anos, chutando assim.

23. E.M: Mas ele chegou a espancar assim?

24. A.M: Não, ele não me espancou não. Ele me bateu.

25. E.M: Tá.

26. A.M: Inclusive acho que foi com a mão mesmo, não foi com nada assim, né. E, nossa, aquilo marcou muito, muito mesmo, tanto que quebrou aquela coisa que tinha, né. Enfim. *[A.M começa a chorar novamente, a voz vai rapidamente embargando até se misturar com o choro]*. Mas ele sempre foi uma pessoa que eu sempre quis muito bem. Agora, tem uma coisa na minha vida, até hoje, que me faz sofrer. Eu procuro entender. Com o conhecimento espírita, eu procuro entender; eu acredito que é algo pelo qual eu preciso passar, eu preciso aprender com isso, e que no futuro vai ser melhor. É as pessoas da minha família, meu sangue, que eu amo muito, elas ficam longe de mim. Por um jeito, ou por outro. Por uma razão ou por outra. *A [engasga um pouco com a própria saliva]* minha irmã, de todos irmãos que eu era mais ligada, ela casou, a gente morava na roça, ela foi morar numa cidadezinha; não era longe, mas era difícil a gente se ver. Depois nós viemos pra São Paulo, ela ficou. Depois, eu acho até que Deus foi muito bom comigo, porque eu casei, e o meu pai/ eu era muito – apesar de tudo – eu era muito ligada com ele, quando eu tinha três meses de casada, o meu pai desencarnou, né. Achei que Deus foi muito bom comigo, porque eu tava recém-casada, tava com todos os meus planos de vida, né, então...

27. E.M: Você tinha quantos anos nessa época?

28. A.M: Eu tinha vinte anos.

29. E.M: Vinte anos?

30. A.M: Era. Então, foi uma época que eu tava com a minha cabeça cheia, né, de sonhos, enfim, de tudo. Então, eu achei que foi assim, Deus fez a coisa do jeito que/ porque meu pai morreu assim de repente. Muito de repente. É.

31. E.M: Por que ele morreu?

32. A.M: Teve um infarto assim, fulminante. Então, eu me perdi da sua pergunta mesmo, o quê que eu tava falando.

33. E.M: É, a gente tava comentando da... você comentou que a sua família acaba se afastando sempre de você. De um jeito ou de outro.

34. A.M: Ah sim, é, é. É verdade. Aí depois meus filhos também. Eu adoro meus filhos, eu tenho dois filhos. Aí aconteceu o seguinte: meu filho mais velho, né, ele teve um filho com uma moça que eu gosto demais dela, até hoje. Eu tive problemas, porque no fim eu acabei/ ele acabou não ficando com ela, e meu neto, nossa, eu tenho adoração por aquele meu neto, e ele também não foi criado junto comigo porque os dois não se entenderam, sabe? Então eu sofri muito por causa disso. E por ela também, né. Porque ela é uma ótima pessoa, que ela/ eu dizia sempre que é a filha que eu queria ter e não tive. Eu sempre quis ter uma filha, né. Nunca tive.

35. E.M: Cê teve dois filhos homens?

36. A.M: Eu tive dois filhos homens, é. E esse filho ainda continua comigo. Porque ele ficou pouco tempo com essa moça aí, e depois ficou/ voltou pra casa; ele era novo, não tinha juízo ainda, essas coisas. E o meu filho mais novo sempre foi meu companheiro, sabe? Meu companheiro mesmo. Casou, foi morar, ele mora em São José dos Campos. Agora a gente se vê pouco também, né. E ele casou também em situação assim irregular, né, porque ela morava lá, e ele aqui, e ela engravidou, no fim eles casaram, e ele continuou morando aqui, porque ele fazia faculdade, tudo, trabalhava, enfim. E ela vinha muito pra cá. Eu também me apeguei muito com esse meu neto. E agora é difícil eu ver, né. E agora eu vivo praticamente sozinha. Porque meu filho mais velho, ele mora comigo. Mas assim, ele, sexta-feira, vai pra casa da namorada. Agora mesmo ele tá de férias, ele foi pra São José, que ele foi ajudar o meu outro filho lá, que ele comprou casa, e eles querem mudar. Aliás, estão mudando hoje, porque eles querem mudar antes do bebê nascer, que o segundo bebê vai nascer agora dez de agosto; é um menininho. Então, e eu sinto assim, cê entendeu? Eu nunca tinha...

37. E.M: As pessoas acabam se afastando, de um jeito ou de outro.

38. A.M: De um jeito ou de outro se afastam. Meus filhos são carinhosos comigo, nossa! Principalmente esse que mora em São José, o [*nome do filho*], nossa, ele é um filho maravilhoso mesmo. Mas... tem que cumprir o destino dele. Eu entendo bem isso, cê entendeu? Eu entendo, ele tem que viver a vida dele, eu não prendo meus filhos não. Mas dói (risos). [*A.M parece um pouco melhor, a voz mais serena*].

39. E.M: Você, no caso assim, você.../ as suas irmãs. As suas irmãs, você não chega mais a conversar com elas?

40. A.M: Não, eu converso. Converso sim. Eu sou diferente da minha família. Eu sempre quis ter todo mundo junto, ter todo mundo perto, sabe? Quando tinha reunião de família, eu sempre fiz muita questão de que todos estivessem juntos. Faltava um, eu queria saber por quê. Eu não ficava feliz se não tivessem todos. Mas só que nós somos/ eles também foram criados como eu, né. Só que cada um tem o seu jeito de ver as coisas. Então, acabou não tendo/ eu, assim, eu consegui fazer e eu percebi quando isso estava acontecendo, eu agradeci a Deus a oportunidade e até uma psicóloga me falou uma vez que eu vim nessa encarnação pra resgatar assim/ não foi resgatar, que ela falou, ela usou uma outra palavra. Mas melhorar o meu relacionamento com os meus familiares, entendeu? Que a gente entende que isso, a gente tem ligações anteriores, né. Então eu fui percebendo quando isso foi acontecendo, ele me deu oportunidade pra isso. Foi difícil, mas foi uma oportunidade que Deus me deu; acabei conhecendo melhor, depois de adulta, cada um dos meus irmãos. Então eu tô mais ligada a cada um deles; eles entre si, eles se gostam, se encontram, mas cada um é fechado no seu canto. Entendeu?

41. E.M: Sei. E você que acabou se socializando mais com eles, né.

42. A.M: Com todos eles, é. Com todos eles. Então...

43. E.M: Você é a caçula?

44. A.M: Não, eu sou a quarta.

45. E.M: A quarta, né? São quantos irmãos?

46. A.M: Tem três acima de mim, três abaixo de mim. (Risos). Eu sou a do meio. E é gozado, tem uma irmã e um irmão, uma irmã e eu. Depois tem uma irmã, e um irmão, e uma irmã. Entendeu? E... só com um dos meus irmãos que eu não... eu não tenho assim amizade; eu tenho amizade com ele, mas eu não/ ele acabou ficando pra mim assim como que alguém muito pequeno, sabe? Muito pequeno. E eu gostava muito dele, muito dele. Acho que porque ele sempre lembrou muito meu pai, no jeito, em algumas coisas. E na época que eu precisei muito de algum apoio, ele [*A.M suspira*] até me apoiou, ele me apoiou, mas depois ele aprontou tanto que... acabou ficando assim. Eu tenho amizade com ele, mas converso muito pouco, porque os assuntos dele não me interessam. Sabe? Não é uma coisa que/ sei lá, não me interessam os assuntos dele. Mas olha, eu tenho muita amizade assim com a M [*uma das irmãs*]. Mas eu sempre fico chateada, porque se a gente precisa se unir, por exemplo, na casa da I [*nome de outra irmã*], ela [M.] não vai. Ela fala: “não, porque eu não tenho nada contra, mas eu não vou, que não sei o quê”. Aí, se é a casa da M., aí é a I. que cria o caso, entendeu? Sempre tem. Chega natal, é uma dificuldade. Não, pelo amor de Deus, esquece, passa por cima disso, vamos fazer um natal legal, tal, mas sempre tem aquelas coisas. Então...

47. E.M: Do passado, né?

48. A.M: É. Então eu desânimo, né. Mas eu percebo que eu ligo pra todos, todos ligam pra mim, mas elas não se ligam entre si. Então/ mas eu, eu não posso mudar a cabeça de ninguém. Mas eu fico satisfeita de saber que eu melhorei meu relacionamento com todos eles. Eu acho muito bom isso.

49. E.M: Entendi. E com o seu marido?

50. A.M: Ah, foi um relacionamento muito difícil, difícil, difícil. Eu sempre culpei muito ele, mas depois eu percebi – depois que eu me separei – que eu percebi que eu também errei. Mas eu não sei se eu teria possibilidade de fazer com que as coisas serem diferentes. Eu teria; se eu fosse diferente. Na condição que eu era, que eu vivia, eu não tinha essa condição, né. Porque ele tem assim/ ele tem, por muito desequilíbrio [*assua o nariz*], também foi que teve uma criação horrível, coitado, também né. Então, ele ficou assim violento. Ele é aquela pessoa assim muito carinhosa, mas muito violento, sabe? Cê não sabe, ele tá te fazendo um carinho mas daí um pouco ele tá te maltratando, essas coisas todas. Então, ele é assim/ se eu fosse uma personalidade muito forte, eu não sei o que teria acontecido, (risos), entendeu?

Poderia ter sido assim: se eu crescesse, ele abaixaria um pouco, né? Mas eu não tinha força pra isso. Então, eu fiquei sempre por baixo. Até que um dia eu não agüentei mais, e eu tive os filhos pequeno; no começo eu admitia tudo, porque eu tinha meus filhos pequenos, mas meus filhos cresceram, e eu já tava – eu falo que eu já tava zerada – em tudo, né. Fisicamente, emocionalmente, economicamente, espiritualmente. Parecia uma loucura mesmo quando eu me separei, uma loucura mesmo! [Olhos lacrimejados] Que eu saí de casa, imagina, eu com quarenta e três anos, sem profissão, porque vinte e três anos dentro de casa; sem profissão, sem estudo, sem dinheiro, sem nada. Saí, meus filhos foram comigo [assua o nariz], e já eram grande já. Meu filho mais velho até trabalhava. O mais novo tava na fase assim de quinze, dezesseis anos, por aí. E eu saí. A gente não passou fome; não comeu o que quis, mas fome a gente não passou, né [sorri]. A gente batalhou muito, e o...

51. E.M: Eles foram com você, então?

52. A.M: Foram comigo, foram comigo, é. Depois eles acabaram voltando com o pai deles um tempo. Porque a gente morava lá no [nome do bairro].

53. E.M: É, né?

54. A.M: Aí nós fomos morar lá em Guarulhos. Aí [assua o nariz]... eles tinha os amigos pra cá, escola, era tudo pra cá. E a gente nem dinheiro, pra eles ficarem indo e vindo de ônibus todo dia, a gente tinha. Então eles acabavam ficando com o pai aqui. E chegaram ao ponto de ficar mesmo. E eu fiquei sozinha lá. Mas eles eram muito infelizes também com o pai. Nossa! Eu interpretei depois assim, sabe? Eles também tinham uma certa coisa pra gastar [no sentido de algo a ser 'resgatado' de outras vidas] com esse pai deles, tinha! Que eles não conseguiram se desligar. Depois, quando gastou tudo aquilo, eles se desligaram também. Daí pra frente, a gente começou viver muito melhor [assua o nariz]. A gente acabou vendendo a casa lá; com a minha parte, eu comprei um apartamento aqui, e eles vieram morar com a gente. No começo foi tão difícil, porque eu não conhecia mais os meus filhos, né. A gente ficou um tempo separado, foi pouco tempo, mas parecia que fazia muito tempo. E eles estavam assim...

55. E.M: Mudados, assim?

56. A.M: Mudados, agressivos.

57. E.M: Cê acha que pode ter sido influência do pai, não?

58. A.M: [...] É tudo aquele ambiente que a gente vivia, né, que eles foram criados. Eles precisavam ter uma nova visão. E eu nesse ponto aí, eu agradeço muito a Deus, eu fui assim bem firme, né, não fui sozinha; não fui eu sozinha, não. Isso também a minha nora atual também tem isso aí. Né? Quando meu filho começou a namorar com ela, ela tem gênio difícil, mas ela soube conduzir a coisa, né. Então ela também ajudou. Então o meu filho foi criando/ o mais novo era mais fácil. Mas ele é que era [o mais velho] mais difícil. Mas as coisas foram se ajeitando, cê entendeu? E a gente acabou ficando em casa, em paz, eles dois se amam, tanto que o mais velho tá lá ajudando o mais novo, né. Eu acho isso bonito. Então a minha separação trouxe muito benefício. Ela me trouxe vida, sabe? Hoje eu sei/ eu me lembro que na época eu fazia tratamento com um psiquiatra homeopata. Quando eu acabei de me separar dele [ex-marido]/ porque foi assim, a gente foi num cartório, fez a separação dia 25. Eu mudei no dia 30, ou 31, não sei, nem sei se/ acho que era dia 30. Aí ele quis ir no médico, e quis que eu fosse com ele, eu fui. Aí eu passei em consulta também, eu não tava bem, tava com a minha pressão altíssima. Só que eu não sabia, fiquei sabendo aí depois [suspira]. Ele [psiquiatra] falou pra mim assim: "A.M, o quê que você sente por esse homem hoje?". Eu fui muito espontânea, e eu falei assim: mágoa e dó. Cê entendeu? Até hoje eu sinto muita dó dele. Muita dó mesmo, porque ele é uma pessoa assim cheia de conflito. Mas muito conflito mesmo! Mas o pior de tudo é que ele não aceita, né. Se aceitasse/ eu sempre tive muitos conflitos. Mas eu já passei por vários psicólogos, nunca cheguei ao final de um tratamento, porque nunca tem dinheiro que dá, né. Então, mas sempre que eu me sentia assim muito ruim, eu dei um jeitinho, eu tirava dum lado, tirava do outro, e depois melhorava, eu parava, né. E além disso, desse meu esforço, dessa minha religiosidade, o meu pensamento mais aberto que o dele, eu sempre procurei coisas que me ajudassem muito. A homeopatia também, eu sempre tratei meus filhos com homeopatia, eu acredito muito nisso, psicólogo; e também, o Espiritismo. O Espiritismo foi fundamental. Muito, muito, muito mesmo. Falo sempre que, se eu não fosse espírita, eu não teria suportado tudo o que eu passei. Entendeu?

59. E.M: O Espiritismo veio quando na sua vida?

60. A.M: Na minha adolescência. Foi quando eu comecei namorar esse que foi meu marido. Porque eu era muito católica, eu era da igreja católica. Mas eu não era feliz como católica, de jeito nenhum! Eu não aceitava. Tanto que

quando eu era criança, a minha mãe me ensinava eu rezar, mas eu não ficava satisfeita. Ela me ensinava eu rezar, mas eu ia pro quarto, eu deitava na minha cama, eu rezava do meu jeito. Cê entendeu? Aí me satisfazia. Do jeito que ela me ensinava, eu não/ não me satisfazia. Serviu, lógico né, eu aprendi as orações, mas assim, não me satisfazia não. E eu me lembro que uma vez eu odiei a minha mãe, com todas as minhas forças. Eu/ logo que a minha irmã mais velha casou, a minha irmã abaixo dela [*sua o nariz*] foi pra casa de uma tia nossa, na cidade, que ela ia fazer o corte e costura; naquela época se usava, né, a mulher fazer o corte e costura. Aí eu fiquei. Aí minha mãe me chamou de manhã, bem cedo, pra fazer o café, que era época de eu aprender a fazer café e levantar cedo pra fazer café da manhã, né. Tá. Mas só que tinha morrido lá na nossa [*cidade*] um vizinho nosso, um senhor, que ele bebia muito, muito, né. E um dia ele – era um sábado – ele bebeu demais e caiu, embaixo daquele sol do Espírito Santo que só quem conhece pra saber. Ele caiu assim numa descida e ficou lá de cabeça pra baixo assim, que acharam o homem morto, né. E todo mundo comentou muito, porque ele era muito conhecido; ele era pretinho (risos), bem pretinho. Lá tinha muito preconceito. No Espírito Santo, nossa, é um preconceito, sabe, muito incrível! A maioria de lá era italiano e alemão, né, muito preconceito com cor, com social mesmo, muita gente/ eu sentia muito isso, desde que criança. Eu não sabia explicar, mas eu sentia, principalmente na igreja. Aí, esse homem morreu, e foi aquela falação, tal, tudo, passou. Mas, nesse dia que a minha mãe me chamou cedo pra eu levantar, nem lembrava de nada; cê imagina, era uma criança ainda, acordava, não sei que horas que eram, só sei que tinha luar ainda. E na roça se levanta cedo. Aí eu abri a janela do quarto. A nossa casa, o terreno era um declive, né. Então o meu quarto ficava – o quarto das meninas, né – ficava assim, era aquela descida, era alto do chão [*enquanto fala, A.M vai gesticulando com as mãos para representar a imagem do que está lembrando*]. Aí eu abri a janela, e fiquei olhando pra fora, onde tinha o galinheiro, as galinhas branquinhas dormindo lá, e o luar batendo em cima, mas tava a coisa mais linda! Eu abri a janela e fiquei olhando pra aquilo. Quando eu vi, aquele homem [*o senhor falecido*] apareceu na minha frente, assim, cara a cara. Nossa! Peguei, eu bati a porta com tanta – a janela – com tanta força, que ela quase fechou pro lado de dentro, sabe? E eu sentei na minha cama chorando, chorando desesperadamente! A minha mãe ouviu do quarto dela, e foi lá ver. Eu falei pra ela/ ela falou pra mim assim: “não, é impressão sua. Reza um pai nosso que isso vai passar, você não viu nada”. Mas eu fiquei com tanta raiva da minha mãe; como ela podia dizer pra mim que eu não vi? Eu era criança, vivia naquele mundinho, mas eu pude raciocinar: como que ela pode dizer que eu não vi, se eu vi? Não pode, né, não tem cabimento isso! E se eu tivesse – eu pensei assim – se eu tivesse pensando nele, e ele me aparecesse, mas eu não tava pensando nele, né. Eu tava lá na natureza, na inocência. Isso daí me marcou muito, com muita raiva da minha mãe. E o medo que eu sentia depois, de vê-lo novamente? Nossa, isso aí me acompanhou por muito tempo. Mas passou.

61. E.M: E era muito nítida assim, a visão?

62. A.M: Muito, muito, muito, nossa! Ele era bem preto com aqueles olhões (sic) assim branco. Eu vi direitinho aquilo lá. Nossa, nunca esqueci isso aí. Aí depois quando eu tava já com os meus dezesseis pra dezessete anos, eu comecei a namorar com esse que foi meu marido. E ele era espírita. Um espírita meio atravessado (risos), até hoje, né, ele nunca foi assim convicto não. Tanto que/ bom, mais pra frente eu conto. Então, eu comecei namorar com ele, e eu morava aqui nessa rua. E ele ia num centro lá no André Luiz. Mas depois ele conheceu a Dona W. que nós éramos vizinhas, e a dona W. foi presidente desse centro aqui durante muito tempo. Aí através de mim, ele conheceu a dona W., fizeram a maior amizade, tudo, a família, tal, né. Aí ele começou a vir aqui [*neste centro, Pascoal Tróvelle*], mas eu não gostava não. Aí eu não gostava nem que ele vinha, tal...

63. E.M: Cê conheceu ele nesse centro, então?

64. A.M: Não, eu não conheci ele aqui nesse centro não. Ele era amigo do meu irmão. A gente ia dançar, a gente dançava baile junto, saía junto, coisas assim. Ele era muito divertido. Muito alegre, sabe, uma pessoa assim legal de...

65. E.M: Isso já era aqui em São Paulo?

66. A.M: Isso, já. Nós viemos pra cá, eu tinha entre dez e onze anos. Aí já tava com meus dezesseis pra dezessete anos; eu o conhecia mais ou menos uns quatorze anos. Mas eu comecei a namorar com ele, foi entre dezesseis e dezessete anos. Aí ele me emprestou um livro, e eu gostei muito daquele livro. Nossa, como foi/ eu comecei a me interessar pelo Espiritismo. Mas aí eu comecei perceber também, que com ele, às vezes, olhando pra ele, eu via um outro rosto no rosto dele. E era muito feio, era muito escuro. Ele era muito feio mesmo (risos). Só que naquela época eu não enxergava. Mas o rosto que eu via, ele era feio por ser escuro, entendeu? E muitas vezes também, a gente sentado, namorando lá na varanda, na área assim da nossa casa, da minha casa assim na frente, que dava [*para o*] terreno/ é assim, a casa que eu morava era pra cá, a outra casa era pra lá, e esse aqui era um terreno vago [*de frente*]. Mas era limpo, bem cuidado; eu comecei a ver pessoas naquele lugar. Cê entendeu? Eu me lembro que o que mais me marcou foi um velho que eu vi, mas com um roupão assim, um... um sobretudo, assim, um cajado, sabe? Enfim, eu comecei ver assim. Aí eu comecei

falar pra ele [*marido*], aí ele pegou e me emprestou mais livro, eu fui lendo. Aí um dia eu quis vir aqui no centro com ele; ele me chamou e eu quis vir. Mas só que eu morria de medo, né. Morria de medo! Mas aí ele não sentava na mesa; ele ficava comigo porque eu tinha medo. Aí foi indo, eu acabei perdendo o medo, no fim eu me interessei, e ele não gostou que eu me interessasse tanto (risos). Ele deixava eu vir no centro só uma vez por semana, porque ele achava que mais que uma vez por semana era fanatismo. E eu precisava mais; eu tinha uma mediunidade assim mais...

67. E.M: Aflorada?

68. A.M: ...mais aflorada, né, e ele nunca entendeu isso. E não foi bom pra ele, não foi bom pra mim, né. [*riso contido, misturado com início de um choro*].

69. E.M: E no caso, por exemplo, você tinha essas experiências/ quando você chegou aqui, você começou a estudar, a fazer os cursos logo, ou não? Você ficou ainda um tempo freqüentando?

70. A.M: Eu comecei era antes de começar o curso, né. Então eu fiquei um tempo, não sei quanto – foi questão de meses – sem fazer o curso, porque eu freqüentava assim/ depois eu lembro que eu comecei/ quando eu fui fazer o curso de escola de médiuns, eu era menor de idade ainda, faltava seis meses. É. Faltava seis meses pra eu completar dezoito anos. Mas eu fiz, e eu vinha escondida dos meus pais. Eu falava que eu ia na sogra, na mãe do meu namorado. Então em vez de vir aqui, eu dava a volta por cima, e vinha pra cá (risos).

71. E.M: (Risos).

72. A.M: E vinha.

73. E.M: Tá. Então a mediunidade assim mais predominante sua, qual seria assim?

74. A.M: Ah, a psicofonia mesmo. Eu passei por várias experiências já, né, como eu já psicografei/ eu, por exemplo, assim, na sala de consulta, eu psicografo; mas é uma psicografia intuitiva.

75. E.M: Tá.

76. A.M: Né? Vidência também já tive. Mas a vidência também, como a gente sabe, ela é muito fugidia, né. Não é uma coisa assim que/ tem época que a gente vê, tem época que não vê, né. E sonhos premonitórios também, eu já tive muito. Também agora não tô tendo. Porque a gente acaba descobrindo que a mediunidade acaba se modificando muito ao longo da vida. Né? Então, mas o que sempre prevaleceu foi mesmo a psicofonia.

77. E.M: Tá. Desde que quando você começou aqui?

78. A.M: Desde que eu comecei, desde nova.

79. E.M: Tá. E qual que você acha que foi assim o impacto dessas experiências na sua vida assim? Teve um impacto assim? Teve um... uma importância assim grande assim?

80. A.M: Como assim? Da forma/ pra começar? Pro meu início no Espiritismo, cê quer dizer?

81. E.M: É. E durante a sua vida também, né.

82. A.M: Ah, porque as pessoas falam que quem não vem pelo amor, vem pela dor. Eu não vim pela dor não. Eu vim porque eu gostei mesmo, né, me identifiquei bastante. Eu até brinco às vezes, falo que a primeira vez que eu li o Evangelho Segundo o Espiritismo, eu quase gritei eureka! (risos). Porque é como se inconscientemente eu procurasse aquilo. Né? E eu encontrei. Então isso foi muito bom, foi maravilhoso pra mim, e me incentivou muito, e eu fui sempre lendo e gostando. Eu não sei, acho que eu não entendi bem a sua pergunta.

83. E.M: Assim, por exemplo, você tinha essas visões, né, que você comentou, e depois aqui as experiências de psicofonia, tal. Teve um impacto grande na sua visão de mundo, assim?

84. A.M: Eu sempre achei isso muito natural.

85. E.M: É?

86. A.M: Muito natural. Pra mim, isso/ a gente, dentro do Espiritismo, considera que eu tive contato com isso antes de reencarnar. Entendeu? Eu acredito muito nisso. Acredito porque de toda a minha família, eu sou a única que, sabe, vim que/ eu nunca fui feliz na minha religião que eu nasci, e eu me achei nessa. Não me importei com proibição dos pais, de ninguém. Eu gostei e fui atrás. Cê entendeu? E pra mim, tudo que acontecia era muito natural.

87. E.M: Parecia que já tava predestinado aquilo?

88. A.M: É, não encaixava, não encaixava, era aquilo. Eu sentia como que verdadeiro, eu não duvidava. E eu sou uma pessoa que eu falo, que se eu não fosse espírita, eu não acreditaria em nada. Porque eu não acredito no que as pessoas dizem, a não ser que se eu vejo que há fundamento, sabe? Essas superstições, crendices, essas coisas... eu não acredito em nada dessas coisas. Então, eu acho que se eu não fosse espírita, talvez eu não acreditasse nem em Deus. Porque eu tenho que sentir que é; se eu não sentir que realmente é, eu não aceito. Então eu falo que o Espiritismo, eu sinto assim [que] encaixa tão bem, que a gente não tem quadro, não tem vela, não tem nada dessas coisas. A gente tem uns quadros na parede, mas são coisas/ não é de santo, enfim. Não é nada do que se usa em...

89. E.M: Ritual.

90. A.M: ...de ritual, nada disso. Eu sou despojada mesmo dessas coisas. Então, cê vai na minha casa, cê não vê nada dessas coisas mesmo. Eu até respeito quem precisa disso; mas eu nunca precisei. Cê entendeu?

91. E.M: Entendi. Por exemplo, assim, você acha que as experiências que você teve assim de mediunidade, elas alteraram um pouco a maneira das outras pessoas te enxergarem? Você falou que pra você foi natural; e pras outras pessoas? Quando você relatava essas experiências, como é que era isso?

92. A.M: Eu aprendi muito cedo a não relatar as minhas experiências. Porque a minha família não aceitava. Pra quem que eu ia relatar? E depois eu percebi que eu relatava isso pro meu marido, meu marido não gostava, porque ele não sentia nada, e eu sentia tudo. Cê entendeu? Então eu percebia que ele não gostava. Então eu parei de comentar até com ele. Então, eu comentava como: com os colegas aqui mesmo, coisas assim.

93. E.M: Entendi.

94. A.M: Fora, eu não comentava. Mesmo porque minha família não aceitava, né.

95. E.M: Mas eles diziam o quê? Qual era a interpretação que eles davam? Eles diziam o quê?

96. A.M: Olha, não falavam nada. Só achavam que eu tava errada. Né? Que aquilo não era certo. Mas ninguém falava assim; ficava mais no ar do que falavam. Né? Então, eu sabia que não aceitavam. Eu sei que foi uma decepção muito grande pros meus pais, mas eles/ meu pai ficava sério, fechava a cara. Mas ele não falava nada não.

97. E.M: Houve, por exemplo, discriminação por conta de você ser espírita e trabalhar como médium, em algum momento da sua vida?

98. A.M: *[Espera alguns segundos para responder]* Eu acho que não. Eu acho que não. Porque, minha família mesmo que poderia, né, fazer alguma coisa, não fez. Nunca se interessou, de jeito nenhum. Eu acho até que olhavam pra mim assim com um jeito de quem: “coitada, tá perdida” (risos). Cê entendeu? Mas eu não me sentia assim, pelo contrário. Ai, eu tinha me achado, né, tinha me encontrado, então. Sei que não gostavam e tudo. Tem até alguma coisa assim que eu acho, né, nunca perguntei pra ninguém também pra confirmar. Quando meu filho mais velho nasceu, ele quase morreu. E... eu acho que a minha família/ eu não me lembro por que, da onde eu tirei isso; mas eu tenho impressão que a minha família deve ter feito algum batismo pra ele, alguma coisa assim, de medo que ele morresse pagão. Cê entendeu?

99. E.M: Ah, entendi.

100. A.M: Mas nunca ninguém/ eu não sei nem por que é, da onde foi que eu tirei isso. Mas eu sempre tive essa impressão. Mas também não perguntei nada (risos). Pra mim, se o meu filho tivesse morrido naquela época, não teria problema nenhum o fato dele não ser batizado. Tanto que eu não casei na igreja, meus filhos não foram batizados, meus netos não são; só o mais velho que é porque a família dele é católica, né. Mas isso nunca me fez diferença nenhuma.

101. E.M: Entendi. Porque, eu pergunto isso, até porque assim, tem muitos médiuns que sofrem preconceito, às vezes da família, ou de outras pessoas, que acham que aquilo é doença, às vezes até uma doença mental, ou acha que aquilo/ né, sempre tem esse tipo de crítica. E eu queria saber. No seu caso não teve isso?

102. A.M: Não teve. Tinha aquela/ eles não gostavam, mas também nunca assim chegaram e falaram nada direto. Eu lembro bem do meu pai, ficou muito aborrecido comigo, ele fechou a cara pra mim, tudo, mas... nunca teve nada. E ele falou isso pro padre, porque uma vez o padre veio lá em casa, e ele falou pra mim assim: “menina, cria juízo!”. Então eu acho que é porque o meu pai deve ter falado pra ele. Cê entendeu? Mas, também não dei atenção. Porque foi assim: eu tinha aquela religiosidade toda, mas assim, eu não gostava da religião católica, mas era a religião que eu tinha. Então quando eu comecei vir no centro – e eu tinha muita fé em Nossa Senhora mesmo – aí, quando eu comecei a vir no centro, eu tinha dúvida. Lógico que eu tinha, né, não foi assim. Aí eu, apesar de gostar muito, de sentir que era aquilo que eu queria, eu tinha aquela insegurança de mudar. Mas aí era mês de maio, e tinha novena na igreja. Então eu fiz essa novena. Todos os dias eu pedia pra Nossa Senhora, que se fosse um caminho que não era bom pra mim, né, se não fosse ser uma coisa boa, verdadeira, pra mim, que alguma coisa acontecesse, que eu me decepcionasse, que abrisse os meus olhos pra que eu não continuasse. E nunca aconteceu nada. Eu sempre fui gostando cada vez mais, então achei: não tô errada não! (risos).

103. E.M: Foi só se confirmando aquilo mesmo, né?

104. A.M: É.

105. E.M: Tá, no caso assim: é... você, por exemplo, você chega a ver os espíritos que se comunicam por você? Você tem um contato assim, né? Por exemplo, fala-se muito no Espiritismo dessa coisa de um espírito guia mesmo, uma espécie de um anjo da guarda, vamos dizer assim, né, que acompanha a pessoa desde quando ela reencarna. Você já viu, assim? Você tem um contato mais próximo com alguma entidade desse tipo?

106. A.M: Olha, ver mesmo assim, falar que eu vi nitidamente, não. Mas, eu já assim como que/ como que eu vou dizer? É muito comum, inclusive, a gente lê nos livros/ a gente vê um espírito, mais evoluído que a gente, mas como se tivesse uma nuvem. Cê entendeu? Então isso foi, é... isso foi mais que uma vez, acho que umas três vezes. Eu não vejo muito não. Agora, na psicofonia, quando é espírito necessitado, é muito comum eu ver, né. Às vezes, eu vejo, pra depois eu dar a passividade. Isso aconteceu muito, quando, por exemplo, uma vez eu vi um local, né, tinha um/ não sei se era uma pedra muito grande, tinha um rio, e eu vi que uma mulher saiu de dentro da água assim; toda molhada, tal. Ela tinha se afogado. Eu vi isso daí. E logo em seguida, vem os sintomas todos, né. E o que falar. Isso já aconteceu muito comigo.

107. E.M: Entendi.

108. A.M: Né? Agora, do mentor. Eu tenho gente que fala que conhece o meu mentor, tudo. Eu não posso falar que eu conheço. Eu tenho uma imagem assim, mas, de ver como eu te falei, como se tivesse uma nuvem antes. Eu me lembro, foi quando eu me separei, eu tinha que trabalhar. Eu tinha que trabalhar de alguma coisa. E era difícil. Imagina, eu ficava revoltada, porque eu passava nas agências de emprego, pra você ser faxineira, tinha que ter dois anos de carteira. Falei: meu Deus, nem parece que fui faxineira vinte e três anos, né? Então, muito difícil. Aí uma irmã minha, irmã caçula, ela trocou de emprego, e ela precisava de alguém pra cuidar da casa dela; enfim, ser empregada dela. Não surgiu outra coisa; eu falei: vou pegar, porque eu falei, é o que eu tenho, né. Peguei, mas só que eu me senti humilhada. Lógico, né. Mas, na véspera, na noite antes do dia de eu começar, eu sonhei. Eu sonhei, eu acho que por outras vezes, eu acho que esse [era] o meu mentor; eu conversava com ele, eu não me lembro as coisas que eu falei pra ele, nem o que ele falou pra mim. Eu só lembro que ele me passava uma coisa assim de pai, sabe, de uma ternura muito grande [Neste momento, a voz de A.M embarga um pouco, e seus olhos estão levemente lacrimejados]. E eu falei pra ele assim – a única coisa, a frase que eu me lembro, eu falei assim – você sabe que eu sempre estive do outro lado; no sentido de que eu sempre fui patroa, nunca fui empregada, né. Eu não sei o que ele falou pra mim, mas no dia seguinte eu acordei completamente resignada, sabe? Uma resignação, uma aceitação, feliz até por eu tá tendo aquela oportunidade. Cê entendeu? Então/ e outras vezes também. Há pouco tempo também, eu acho que era esse mesmo espírito, e ele/ eu sonhei com ele, tava tão feliz com ele, tão feliz, e eu tá falei: puxa, eu queria te ver mais vezes, né. E ele me deu/ foi um sonho assim que a gente mistura, o sonho vem assim fragmentado mesmo, né. Ele me deu uma jóia, mas era uma jóia linda, sabe? Pegava tudo aqui assim [o pescoço, provavelmente um colar]. Eu não consegui entender bem; é um simbolismo, né? Mas me trouxe muita felicidade. Muita, muita, muita felicidade. Foi bom mesmo. E eu sinto/ agora tem

mais um que eu não lembro mais que me deu entender que esse era o meu mentor sim. Entendeu? Mas eu também nunca tive curiosidade.

109. E.M: De saber.

110. A.M: De saber. Não, eu não tenho. Eu, pra mim, basta saber que/ às vezes eu tenho felicidade de sentir que eu tenho alguém como um pai que se aproxima de mim. Entendeu?

111. E.M: Que cuida, né, que tá ali pra...

112. A.M: É, é. E a gente sente. Porque não é só saber; você ler e saber, né. A gente fica com aquela curiosidade de sentir, e eu sinto. Às vezes eu sinto.

113. E.M: Você não é médium inconsciente? Você permanece consciente quando você trabalha?

114. A.M: Eu sou super, super consciente. Super. Tanto que eu tive até dificuldade por isso, com isso, né. Por ser muito consciente. Cê fica até naquela/ será que é eu, será que não é, né? Eu sou muito consciente.

115. E.M: E no caso, por exemplo, quando você tá ali trabalhando, o quê que você sente? Por exemplo, se o espírito se aproxima, você sente assim aquela dor, aquele sofrimento? E depois você melhora? Como é que é? Me fala um pouco dessas sensações.

116. A.M: Às vezes, a gente sente até antes de vir. Tá? A gente começa a sentir/ a gente fala que tá em sintonia com o trabalho, né, porque existe essa preparação dos espíritos, aproximando o espírito necessitado, da gente. Às vezes isso acontece bem antes da hora da reunião. Então isso, a gente sente aquele mal estar, a gente faz oração pro espírito, pra gente mesmo, porque a gente tem o dia da gente pra viver, e não pode deixar que uma coisa influencie a outra, né. Então, mas aí, até às vezes ao longo do dia, a gente esquece isso. Aí quando chega na hora do trabalho, a gente sente tudo de novo, só que mais forte, cê entendeu? E aí vem mais coisas; vamos supor que eu ficasse assim... me sentindo muito cansada, com um aperto no peito, enfim, qualquer outra coisa a mais. Uma dor de cabeça, ou então uma irritação, né, que eu sei que não é minha, e eu sei as minhas irritações, eu conheço as minhas irritações. E aquilo é diferente, eu sei que não é, que não é meu. Aí quando chega aqui na hora do trabalho, aquilo tudo se intensifica, e vem outras coisas a mais, outros sintomas mais, né. E também aí vem coisas pra falar. Porque a gente sabe que não é da gente. Cê entendeu?

117. E.M: Se manifesta naquele momento?

118. A.M: Se manifesta naquele momento. É quando há uma aproximação maior, né. Na hora do trabalho, a aproximação é maior. Então a gente sente mais. Tudo se intensifica.

119. E.M: Na sua família, só você agora é espírita? Outras pessoas não?

120. A.M: Agora minhas duas irmãs abaixo de mim, elas tão, depois de muito tempo, elas também se interessaram, né, tem uma até que vem aqui. Ela tava aí na quinta-feira. E... mas não como eu, né. Não como eu. A mais nova também, ela freqüenta um centro, mas assim, não como eu. Mediunidade desenvolvida, vestir a camisa...

121. E.M: Entendi.

122. A.M: ... elas não vestiram a camisa ainda. Ainda não.

123. E.M: Elas freqüentam ainda, elas têm uma relação mais superficial, vamos dizer assim.

124. A.M: É, mais, é. Não é como eu ainda não.

125. E.M: É... e assim, que queria te perguntar um pouco da sua vida social, assim. Você, durante a semana você sai? Com o que você trabalha, A.M?

126. A.M: Eu sou auxiliar de enfermagem.

127. E.M: Isso era o que você sempre quis fazer?

128. A.M: É o que eu sempre quis fazer. Só que naquela época eu era jovem, eu queria fazer pra trabalhar em hospital mesmo. Eu sempre quis trabalhar em hospital, em clínica médica, mesmo, pra aprender tudo, né. Mas só que eu não pude, enquanto eu era jovem. E depois eu, eu... quando eu pude fazer o curso, tudo, eu já tava com idade já que não dava mais pra encarar um hospital.

129. E.M: Tá.

130. A.M: Né. E tudo deu certo, acabei indo pra um posto de saúde, aqui pertinho, né. Então hoje eu trabalho mesmo mais com vacinação. É uma coisa assim que eu adoro fazer. Gosto demais, gosto mesmo. E trabalho com gente, né. Eu acho que eu não me daria bem trabalhando com números, com essas coisas, porque pra mim, tudo tem que ter algo maior por trás. Cê entendeu? Então, eu acho que é isso mesmo; eu sempre quis, é isso mesmo. Eu gosto. Quando eu estava fazendo o curso, eu me apaixonei por saúde pública. Do jeito que os meus professores falavam, né. Como eu gostaria de ter a experiência que eles tinham. Eu tive uma professora, que ela trabalhou muito naquele projeto Rondon. Nossa, ela tinha cada história maravilhosa pra contar. Ai, como eu gostaria de viver aquelas experiências. Mas eu cheguei tarde pra essas coisas.

131. E.M: (risos).

132. A.M: Então, mas eu tô contente, tô contente com o que eu faço. É muito bom. É.

133. E.M: E você, de fim de semana, você costuma sair, além de ir no centro, ou é mais o centro mesmo?

134. A.M: Ah, eu tenho família grande, né, então eu gosto de sair também. Ultimamente até, nem tenho saído. Aconteceram tantas coisas assim que eu acabei tendo assim/ não tô saindo. Mas eu sou uma pessoa que eu adoro ir no cinema, eu adoro ir passear no shopping; sempre que eu tenho oportunidade, eu vou. E a família é grande, então sempre tem alguma coisa, e também eu gosto de passear muito com as minhas colegas de trabalho. Esse ano não aconteceu nenhuma vez. Mas a minha chefe, ela gosta de alugar uma van pra gente fazer assim passeios longe, tipo assim/ a gente já foi pra festa do morango, lá em Atibaia; eventos no Ibirapuera, em Monte Sião, enfim. Uma cidade assim que dá pra gente ir e voltar no mesmo dia.

135. E.M: Sei.

136. A.M: Então, de vez em quando também a gente faz isso.

137. E.M: Ah, que legal.

138. A.M: Gosto dum forró.

139. E.M: (risos).

140. A.M: Sempre que dá, eu vou (risos).

141. E.M: (risos). Dá pra animar um pouquinho, né.

142. A.M: Huhum.

143. E.M: Tá. E eu queria então, acho que praticamente, tudo que eu tinha assim de mais importante pra perguntar, eu já perguntei. Eu queria te fazer mais duas perguntas, na verdade. Pra encerrar, né. É... primeiro assim, né. Tem muitas pessoas que tem aquela visão mais materialista, de que a gente é o corpo, é o cérebro, e morrendo, acabou, né. Não há vida depois, e etc. E o Espiritismo já tem essa visão assim mais do espírito, né. Então, o quê que você acha dessa visão assim mais de que, morrendo, né, acaba tudo? O quê que você pensa? O quê que te traz assim, mas eu não quero assim só o que a doutrina diz, ou o que você pensa, mas o que você sente? Qual é o teu sentimento, as emoções que vem quando você pensa: puxa, eu vou morrer, e vai acabar tudo. Como é que é isso?

144. A.M: [*Suspira*] Eu já pensei nisso; se morrer, e acabar tudo; me dá uma certa agonia, um certo desespero, né. Meu Deus, então tudo perde o sentido. Pra quê que você vai viver, você vai dar duro na vida, ai, eu me esforço, trabalho tanto, economizo meu dinheiro, eu procuro ser honesta o máximo que eu posso, né – porque eu não acredito que alguém

é cem por cento honesto – mas dentro de tudo que eu posso, eu sou, cê entendeu? E eu vejo, todo mundo aqui é como eu, batalhando, sabe, pelas mesmas coisas. E tem tanta gente que – os próprios políticos mesmo – passam a mão no dinheiro da gente; cê tá na rua, o outro vem lá, tira o seu dinheiro. Não pode ser igual. De jeito nenhum. Então, tem que ter uma coisa a mais. E olha, Deus fez o homem, sabe, ele pôs tanta coisa boa nesse mundo, ele deu tanta inteligência pro homem fazer tantas coisas, pra quê? Pra jogar fora depois? Cê não faz uma coisa boa, pra amanhã jogar no lixo. Ninguém faz. Eu não acredito nisso. Então, eu tenho plena convicção de que tudo continua. Meus filhos, meus netos vieram, eu tenho certeza que eles vieram de algum lugar, que eu já os conhecia antes, cê entendeu? Eu tenho certeza disso. Isso dá um ânimo na vida, né, dá vontade da gente continuar. Abrir as janelas todos os dias e falar: ai, como Deus é maravilhoso (risos).

145. E.M: E pra/ e uma última pergunta é assim: como é que você acha que seria sua vida, se você deixasse de atuar como médium? Vamos supor que um dia você chegue e fale assim: ah, eu não vou fazer mais isso, sei lá, ou... vou parar de fazer isso. Como é que você acha que seria sua vida? Como é que você se imagina lá, naquela condição?

146. A.M: [*suspira*] Olha, não seria bom não. Com certeza. Porque isso não tem mais lugar. Pra começar, né, não diria em primeiro lugar, isso daí enche a minha vida. Porque eu gosto muito disso. Eu não faço só porque eu preciso. Eu faço porque eu gosto também, né. Então, e... eu preciso disso! Cê entendeu? Eu tenho uma mediunidade, eu não posso ficar parada; minha mediunidade ela enferruja. E eu fico muito perturbada quando eu me afasto. Eu tiro férias, cê entendeu? Eu já, ao longo da minha vida, isso eu já vi várias vezes. Se eu tirar férias, por exemplo, vou tirar trinta dias de férias, vou passear, vou fazer o que eu quiser nesses trinta dias, eu fico bem, fico bem mesmo. Faço minhas orações, leio porque eu gosto de ler, tal, mas desobrigada. Aliás, eu nunca tenho isso como obrigação; mas só que nas férias você relaxa mais. Você tem outras coisas na cabeça. Então, eu fico aqueles trinta dias de férias. Depois, dá preguiça de voltar, né. Então, ah, não vou hoje não, hoje tá meio frio, eu tô com preguiça, eu vou amanhã à tarde, tal. Eu não posso ficar muito tempo, eu começo a ver vultos; eu começo a não dormir bem à noite, cê entendeu? Então, eu entendo que eu sou um espírito, como todos, somos devedores, e uns mais, outros menos. Ou sei lá eu por que, Deus divide a carga de cada um, de acordo com a condição de cada um. Então, eu tenho um tempo pra mim, se eu preciso; mas assim, além disso, eu preciso fazer. É uma tarefa que eu tenho que eu preciso, então eu não sei como seria minha vida [*caso largasse a mediunidade*]. Eu acho até que se eu não fosse espírita, eu não estaria aqui fazendo as coisas, e vendo assim com tanto entusiasmo, talvez não estivesse vivendo. Cê entendeu? Porque o Espiritismo foi muito bom na minha vida, muito bom mesmo! Então eu sabia que eu ia precisar dele, por isso me botou desde cedo, novinha. (Risos).

147. E.M: Que bom. Obrigado, viu, pela sua entrevista; muito boa.

148. A.M: Eu agradeço. Foi bom. Tomara que te ajude em alguma coisa aí.

149. E.M: Com certeza.

150. A.M: (risos).

_____ //

C.A.B, 65, representante comercial aposentado.
Local: Banca de jornal pertencente ao entrevistado.

DATA DA ENTREVISTA (01/08/2009)

1.E.M: Pode começar, por favor.

2. C.A.B: Bom, eu... nasci no dia 27 de janeiro de 1945, na cidade de Garça, no interior de São Paulo. Uma cidade que fica entre Marília e Bauru. E... cresci como todos os garotos do interior. Meu pai abandonou minha mãe, eu não tinha nem um ano de idade. E a minha mãe foi trabalhar em consultório de médico, e... o meu irmão – depois de uma certa idade – o meu avô colocou ele num colégio e ele foi criado praticamente com meu avô, pai do meu pai. E eu e a minha irmã fomos criados com a minha mãe. Estudei, normalmente, o primário, aí depois a minha vontade era ser padre. Escrevi pro colégio lá de Aparecida dos Redentores; segundo a minha mãe, eles disseram que eu não poderia ser padre pelo caso dos pais serem separados. Um dia na escola, um irmão laicalista apareceu no colégio e perguntou quem queria ir pro seminário, pra ser padre e irmão lassalista. Quem queria trabalhar na catequese de na... lá na Amazônia e em outros estados, Mato Grosso, isso e aquilo. Então eu levantei a minha mão, aí o irmão foi lá, convenceu a minha mãe, a minha mãe... concordou de eu ficar um ano, né, e eu fui pro colégio ser padre. Depois de um ano, voltei pra casa com a condição de não voltar mais pro colégio porque meus pais, como eram separados, e não voltaram, então disse que não podia, a igreja não permitia filhos de pais separados. Então isso me revoltou e abandonei a igreja e comecei a procurar em outras igrejas, né, evangélicas, mas não encontrei, achei...

3. E.M: Nisso o senhor tinha quantos anos mais ou menos?

4. C.A.B: É, e eu já estava com uns quatorze anos, por aí, né. Quatorze anos. Já tinha terminado o... o primário e estava fazendo o exame de admissão ao ginásio, que naquela época se fazia exame de admissão ao ginásio, pra entrar no ginásio. E eu não conseguia passar. Então fiquei um ano lá fazendo o quinto ano, como chamavam, aí já entrava direto pro ginásio. Aí voltei, fiquei revoltado, entrei/ fui pro colégio na primeira série, quarta... né, até a terceira, quarta, quase pra terminar. E... e já com uns dezessete anos, eu/ oba! [C.A.B acena para um transeunte que o cumprimenta]. O primeiro livro que eu li da doutrina [espírita] foi o Livro dos Espíritos. Até tinha uma namorada em Lucélia e fui lá pra conhecer a família dela, fui de trem, porque naquela época existia trem de longo percurso. E na viagem, durante a viagem, eu fui lendo o Livro dos Espíritos. Lia a pergunta, fechava o livro pra saber/ pra imaginar a resposta, e quando eu abria o livro, via que a resposta era aquilo que eu tinha imaginado. Então, foi um livro assim que... [nesse momento, uma passante interrompe brevemente a entrevista para pedir informações sobre um endereço. Após isso, a entrevista é retomada]. Então, me apaixonei pelo Livro dos Espíritos, era aquilo que eu estava procurando, e no Catolicismo, nem na Igreja Protestante ou qualquer uma evangélica eu iria encontrar. Apesar de não ter me dado bem nessas outras igrejas, pelo sistema. E vendo também muita falsidade, né, que existe entre eles, só ajudam quem são da igreja deles. Bom, isso daí é problema deles. E... comecei, encontrei com um colega meu, o J.B.C., que tínhamos a mesma idéia, e nós dois entramos para a doutrina espírita. E passamos a fazer parte da mocidade espírita, ele como presidente, eu como secretário, e fomos num movimento que teve em Marília, a primeira CONGEB, foi o nosso primeiro movimento espírita de jovens que nós participamos, que foi a coisa mais linda do mundo. E lá conheci uma garota, lá de mineiros do Tietê que se chamava M. A. C., e que se tornou a minha noiva. Fui lá conhecer, tinha um sobrinho dela, o O. P. C., hoje palestrante famoso, lá de mineiros do Tietê e (ligado) ao pessoal do Clarim [nome de uma publicação espírita], lá de Matão. E não sei porque – talvez saiba, mas, não adianta revelar – nós não casamos, e... e depois de muito tempo voltamos a nos encontrar, quando a minha família migrou pra São Paulo, deixei de seguir os centros espíritas, e fui viver a vida de trabalho como todo rapaz novo que vem pra São Paulo, quando vê esse monstro de cidade, se assusta, mas tem que sobreviver, né. E... segui a vida de vendedor, me casei, e constituí família. Três filhos, dois filhos e uma filha. Todos agora casados. E fiz, depois de um certo tempo, fiz o curso de médiuns na Federação Espírita e... de passe, mas sem estar dedicado a nenhum centro espírita. Depois mudei pra Guarulhos, comecei a freqüentar o Joanna de Ângelis, da [nome da rua e do bairro], e... entrei pra USE [União das Sociedades Espíritas] de Guarulhos, fiz o curso de orador espírita, o curso de dependência química patrocinado pela Rádio Boa Nova, pelo Programa Recuperação do J. C. E aí passei a ser diretor do Departamento de Infância e Família da USE intermunicipal de Guarulhos, e... comecei a fazer palestras. Até hoje sou palestrante, só que agora estou na USE distrital do [bairro] na qual sou presidente. Entrei no Departamento de Orientação Doutrinária e comecei a freqüentar o Centro Pascoal Tróvelle, do qual fui diretor do Departamento de Orientação Doutrinária, onde a dona V. I. era a primeira presidente. Depois houve eleição, trocaram a diretoria, e na USE houve eleição e eu me tornei presidente da USE distrital do [bairro]. Leio bastante, gosto de ler. Aliás, li os livros de Kardec... [Outro passante interrompe brevemente a entrevista para obter informação. Nesse meio tempo, o pesquisador tem a impressão de já ter visto C.A.B em outra ocasião, ou ter ouvido sua voz antes. Questiona o entrevistado se ele por acaso seria radialista, e C.A.B responde que não. A entrevista prossegue].

5. E.M: Pode continuar. Desculpa, viu...

6. C.A.B: Então como estava falando, hoje eu sou presidente da USE distrital do [bairro], e lembrando no interior uma pergunta aí enquanto uma pessoa veio ser atendida aqui na banca de jornal, se me perguntou se eu tinha programa na rádio boa nova; eu não tenho programa nenhum, embora eu fui locutor de rádio de auto-falante no interior, e participei dum movimento estudantil, naquela época que eu era jovem, era presidente de uma agremiação estudantil, e tinha arrendado um serviço de auto-falante, também tinha um programa lá que a gente fazia com o povo lá pedindo música, e participei do grupo de teatro, teatro amador, no interior também, onde nós montamos peça e eu estava dirigindo uma peça também. Apenas dizer só isso, né, que já fui locutor, tal, isso e aquilo, mas não tenho programa. Gostaria de ter, mas... (risos).

7. E.M: (risos).

8. C.A.B: Nunca cheguei e falei: queria ter um programa aqui na rádio, isso e aquilo. Não sei qual o critério que eles fazem pra ter o programa na rádio. E... é isso, né. A gente estuda bastante. Agora participo de.../ do grupo de sábado, que é um grupo que atende pessoas que desencarnaram por droga, né, overdose, e suicidas. É um trabalho muito interessante que a gente tem que se preparar muito. Todo médium ele tem que levar uma vida diferente das outras pessoas. Nós temos que mudar o nosso modo de pensar, de agir, pra poder estar sempre em contato com espíritos bons, né, não ser vítima dos brincalhões, dos obsessores, embora os obsessores sejam nossos professores, né, porque aí eles vão nos ensinar – nos cobrando – vão nos ensinar como a gente não deve ser. Porque nós temos que limpar a nossa mente, o nosso coração, pra poder estar sempre em sintonia com o plano espiritual mais alto. Senão seremos vítimas dos... dos brincalhões, dos espertinhos. Porque lá no plano espiritual também tem aqueles brincalhões e espertinhos, que gosta de tirar uma, atrapalhar a vida das pessoas. Sempre quem está em sintonia com eles é que são vítima deles. E temos que estudar sempre, né, estar sempre lendo, nunca parar de ler, procurar fazer ao próximo aquilo que a gente quer que façam pra gente, né, fazer o bem sem olhar a quem, amar as pessoas como irmãos. E nós somos irmãos, somos filhos de Deus, então é essa a nossa atitude, né.

9. E.M: No caso, seu C.A.B, é... o senhor comentou uma coisa da sua infância, né. Eu queria saber um pouquinho como é que era a relação com os seus pais? Queria que você falasse um pouquinho com o pai e com a mãe.

10. C.A.B: Bom, com o meu pai eu não tive praticamente relação nenhuma. Segundo a minha mãe, quando eu era pequeno, eu quis conhecer meu pai. Quando eu conversei com ele, nunca mais quis falar com ele. E depois quando/ só fui ver meu pai quando meu avô, pai dele, tava muito mal, chamou todos os filhos, e... aí me apresentaram meu pai, e ele já veio com a conversa: “vamo morar comigo lá em casa, tal”. Então eu disse que eu jamais trocaria a minha mãe, que fez tudo por mim, com sacrifício, por mim, pela minha irmã, por ele, que nunca havia me dado um botão. Então não aceitei o convite dele. Que eu achei assim, na minha inteligência de jovem né, como que uma pessoa quer que a gente troque a outra quando nunca deu nada pra gente, principalmente afeto, coração, amor, atenção, né? E a minha mãe nos dava isso, né. Amor, carinho/ embora ela trabalhasse como enfermeira, trabalhava à noite pra de dia estar com a gente. É isso aí. Fui criado com a minha avó, gostava muito da minha avó, mãe da minha mãe, e criado na rua como todo moleque de rua, né (risos). Brincando e... / não fui muito de estudar, não fui uma criança que possa dizer excepcional... em nenhum sentido. Fui uma criança normal como outra qualquer, né. Sem pai, e a mãe tendo que trabalhar pra sustentar a casa.

11. E.M: E no caso, o senhor comentou dessa questão da igreja, né, da frustração, a frustração que foi a igreja ter recusado o seu caminho como padre. Como é que o senhor acha que isso repercutiu na sua vida? Teve uma repercussão maior que...

12. C.A.B: É, talvez eu não deve ser padre nessa encarnação, porque eu já me vi como padre em vidas passadas e já tive assim praticamente algumas revelações de vidas passadas pra que a gente pudesse melhorar, né. Que nós temos que tirar as coisas ruins da nossa mente, do nosso coração, como o orgulho, o egoísmo, a raiva, os pensamentos maus, né? A gente tem que fazer tudo isso. E me foi revelada aí que na última reencarnação aí que eu desencarnei com lepra, pra poder quebrar esse orgulho. Tanto é que tive, quando criança, que fazer exames lá em Bauru, controle pra/ porque teve dois tios meus que tiveram início de lepra. E minha irmã, eu, minha mãe, a minha tia, a minha avó, a gente ia pra Bauru todo o ano fazer exame pra ver se não estava com a lepra. E... talvez isso tenha sido um sinal, né. Porque eu já fui/ e veio essas confirmações, né, depois conversando com espíritos, incorporados em médiuns, que me confirmaram, né, médiuns de confiança, de vidas passadas minhas. Cinco vidas passadas minhas. Não fui flor que se cheire em vidas passadas, né, senão não estaria passando o aperto material que eu estou passando. O meu único aperto é não ter o necessário. Tenho o necessário pra sobreviver. Talvez também não tive uma orientação, ou não quis ter, pra seguir uma/

fazer uma faculdade. Oportunidade eu tive, mas não tive condições de pagar uma faculdade. E... assim, né. Como a gente não foi boa coisa, hoje a gente vem num apertozinho aí pra dar valor das coisas que a gente teve, e não soube dar valor. Mas o clero, hoje em dia, a igreja tá pegando, procurando, laçando pessoas pra ser padre, né, porque são difíceis hoje as vocações – como diziam naquela época –, pessoas que tivessem vocação pra ser padre, pra ser freira. Hoje já estão se escasseando. E... o pessoal hoje em dia quer ser mais é pastor, né. Porque dá mais dinheiro do que ser padre (risos). E ser dirigente de centro espírita, onde USE não dá dinheiro não (risos). Mas é isso aí, a gente tem que procurar entender, compreender, e praticar os ensinamentos do nosso mestre Jesus. É a única coisa que nos dá certeza de uma vida melhor, tanto nessa quanto na vida espiritual. E... e também, vivenciar mesmo, e ter certeza que a vida/ existe vida após a morte, e a reencarnação, que é uma lei da justiça divina de que ninguém escapa dessa lei, da reencarnação. Mesmo que ele seja ateu, graças a Deus, né (riso) como muitos dizem: “eu sou ateu, graças a Deus”. Mas a lei da reencarnação é a única lei que nos dá certeza que nós vamos ter uma oportunidade de reparar aquilo que nós não fizemos em vidas passadas, em vida anterior. E é uma/ a justiça divina é maravilhosa, a única coisa certa de que ninguém escapará da justiça divina. Pode escapar, comprar a lei dos homens, mas a lei de Deus ninguém compra.

13. E.M: O senhor tinha como comentado que o senhor trabalha como vende...

14. C.A.B: Isso, eu sou um representante comercial de produtos químicos, né, junto à área de saúde. Não dá pra ficar aí/ aliás, eu vou dizer sinceramente, viu. Hoje em dia, quem trabalha corretamente, honestamente, não fica rico. Só fica rico se a pessoa agir por outros meios ilegais. Fazer trambique, procurar lesar as pessoas, enganar o próximo, aí ele vai ficar rico, né. Como diz, adulterar os ensinamentos, né, só que depois ele vai ter que arcar com as consequências depois, que é a lei da ação e reação.

15. E.M: No caso, por exemplo, o senhor se considera como um médium de psicofonia? Seria isso?

16. C.A.B: Olha, o curso que eu fiz lá na Federação Espírita, nós fizemos todos as mediunidades conhecidas, né.

17. E.M: Tá.

18. C.A.B: Psicografia, psicofonia, que era médium falante e incorporação. E outras mediunidades. Tanto aí no grupo do E. também, nós fizemos de pintura, médium de psicopictografia, e... de pintura, e fizemos também a de psicografia, também eu psicografo, né. Embora esteja no início da/ dessa mediunidade. E... e também de psicofonia; eu sou semi-consciente, semi-consciente, não sou inconsciente. E também médium passista. Também dou passe também. E sou muito sensitivo. Sensitivo mesmo, que às vezes me vem coisas que vão acontecer; às vezes eu olho pra pessoa, e já sei mais ou menos o que a pessoa é, o que a pessoa não é, o que ela poderia/ e o que vai acontecer com ela às vezes. Já me veio muita coisa, né, na cabeça, e aconteceu muita coisa que vieram na cabeça também, é uma percepção, como dizem, extra-sensorial (risos). Mas não desenvolvi todas assim. A única que eu estou desenvolvendo mesmo é a psicofonia e a psicografia.

19. E.M: Tá. No caso, o quê que o senhor sente quando o senhor tá trabalhando? Por exemplo, lá no trabalho de doutrinação, né. Quais as sensações assim, tanto psicológicas quanto físicas, quando vem a entidade? Como é que é isso?

20. C.A.B: Bom, quando eu estou lá, tanto na desobsessão como na de/ nessa outra... de doutrinação, eu me sinto bem, eu me preparo, né. O médium tem que se preparar mesmo, né. Não comer comidas assim muito pesadas, comer coisas leves, não pensar bobagem nesse dia, e... não ficar cobiçando as mulheres, né, também não beber bebida alcoólica – que, aliás, eu não bebo mais, assim, já eliminei. E se por acaso eu tomo uma cerveja, uma latinha, ou um copo de vinho quando está muito frio, é em dias que não tem trabalho mediúnico. E... também procuro ler, estar sempre em contato com o plano espiritual. Leio O Evangelho Segundo o Espiritismo toda a noite antes de dormir. Faço uma prece, leio o evangelho uma página espiritual, né. E... faço vibrações, fico memorizando, lembrando, meditando, como foi o dia. Pedindo pra trabalhar à noite no plano espiritual, enquanto o corpo descansa. E... eu vivo mais assim pra vida espiritual do que pra vida de encarnado atualmente, né. Porque eu não fiquei até agora, não vou ficar mais rico daqui pra frente (risos), uma que eu não sou que nem o Salim, né, que pedia pra Alá: “Alá, me ajude a ganhar na loto”. Todo o dia o Salim pedia pra Alá “me ajude a ganhar na loto”. Aí um dia Alá falou pra Salim: “pelo menos faz o jogo, né?” (risos).

21. E.M: (risos).

22. C.A.B: Eu não acredito muito nesse negócio de ganhar na loto não, porque às vezes a pessoa vem com uma missão, e depois perde a riqueza. Não vem rico, mas depois ganha, não sabe o que fazer com o dinheiro, e não faz nada, porque

ele teria que ajudar muitas pessoas e não ajuda ninguém, e... ah... enfim, eu procuro me preparar o melhor possível, me sinto bem durante o.../ quando eu vou dar comunicação. Acho que o médium tem que ser um médium esclarecido, tem que estudar mesmo, pra não ficar fazendo barulho, não deixar o espírito fazer aquelas confusão que às vezes a pessoa fica batendo na mesa, jogando cadeira, pulando, bocejando, gritando...

23. E.M: Mas, por exemplo, quando o senhor tá recebendo/ vem o espírito, né, é... perde o controle, por exemplo, das cordas vocais, ou como é que faz?

24. C.A.B: Eu controlo tudo, né. Quer dizer, a voz muda, né. A voz muda, claro. De espírito pra espírito a voz muda, tanto a do mentor como a de espíritos inferiores, né. E... e deixo o espírito dar a mensagem dele. Mas...

25. E.M: Tem uma consciência ali. É semi-consciente?

26. C.A.B: É, sou semi-consciente, então o meu espírito fica controlando o médium. Tem que controlar, não pode deixar.

27. E.M: Mas vem aquele impulso, aquela...

28. C.A.B: É, vem, vem muita coisa na mente da gente, né. A gente sabe o que é da gente e o que não é da gente, né. Claro, nós que estudamos isso daí, a gente sabe distinguir o que vem da gente, e o que vem de fora. Tanto coisas ruins como coisas boas. Então é isso, a gente consegue controlar os impulsos. A gente não deve deixar o espírito inferior fazer o que ele bem entender. E deve distinguir também. A gente distingue quando é espírito bom, e quando é espírito inferior. A gente distingue.

29. E.M: Até chegar nesse nível, demorou um pouco pro senhor desenvolver essa parte ou foi meio que espontaneamente, conforme...

30. C.A.B: Não, a gente vai aprendendo. A pessoa que está nos orientando, vai falando como a gente tem que proceder; o estudo ajuda muito, né. Ler O Livro dos Espíritos, Livro do André Luiz, a gente participar de reuniões, ver como os médiuns agem, né. Isso tudo a gente vai aprendendo a se controlar, pra poder deixar esses obsessores/ porque às vezes tem – que nem lá na Federação, lá no curso – tinha um médium lá que só recebia mensagem de espírito famoso. Tá na cara que são espíritos inferiores, né, porque quando geralmente morre alguém muito conhecido, todo mundo quer saber mensagem dele. Então esses espíritos inferiores aproveitam pra falar mensagem em nome daquela pessoa. E às vezes aquela pessoa famosa, nem deu mensagem nenhuma. Tanto pode ser um espírito, católico, protestante ou qualquer outra/ às vezes alguém conhecido, às vezes ele mesmo não dá quase mensagem, né. No início. Então a gente tem que cuidar de tudo isso daí. Desconfiar, né. Às vezes o espírito vem/ eu, um coitadinho, um pobrezinho aí, vou dar mensagem de um Emmanuel, de um André Luiz, ou de um São Luiz Gonzaga, um Francisco de Assis? Então a gente tem que desconfiar, né. E também, na mente, eu não procuro saber quem é o espírito. Nunca procuro/ na mente, nunca perguntei o nome do espírito comunicante, né. Nunca. Se perguntarem/ já me disseram, tal, o nome de três espíritos que dão a mensagem, né, mas também não procurei saber quem são eles, né, e também não interessa o espírito, interessa a mensagem, né. Se estiver de acordo com os ensinamentos de Jesus e de Kardec, isso é o que mais interessa.

31. E.M: No caso, o senhor tem um contato assim mais próximo com os seus mentores espirituais, ou não?

32. C.A.B: Assim, a gente tá sempre em contato com o plano espiritual, né. A gente sempre recebe mensagens deles, à noite, dormindo, acordado, né. Muitas vezes eu peço instrução pra determinados assuntos, né, e a mensagem vem, né. Vem por intermédio de alguém, por intermédio de um livro, de uma revista.

33. E.M: O senhor já fica alerta, né, pra aquela...

34. C.A.B: É, a gente fica sempre alerta pra aquilo. O meu irmão mesmo, quando ele desencarnou, ele não seguia religião nenhuma, ele era um/ ele não acreditava nessas coisas, né, nem no padre, nem ninguém. É... tanto é, a primeira mensagem que ele deu, por intermédio de um médium lá de Lorena, pra minha mãe, ele disse assim [que] se ele tivesse seguido a linha de pensamento minha, da doutrina espírita, ele não teria chegado no plano espiritual como mendigo. E que eu deveria continuar com os meus trabalhos; acredito que ele foi, em espírito, trazido pra ver o meu trabalho, como eu estava fazendo. Lá no plano espiritual mesmo, devem ter passado a vida dele, passado coisas minhas pra ele, pra ele poder dizer uma coisa dessas, né? Que eu deveria continuar o meu trabalho e que eu estava no caminho certo. Não só ele, como muitos amigos espirituais deram mensagens, por intermédio de outros médiuns, pra mim, que ficaram/ teve

um aí, num trabalho de domingo, que ele deu uma mensagem que ele ficou muito feliz de me ver trabalhando ali. Que ele é amigo meu, e ficou feliz de me ver trabalhando ali, na doutrina, em favor dos outros espíritos. Então pra nós, essas mensagens que vem, da minha ex-noiva também, que desencarnou, mandou diversas mensagens, dizendo que ela vem assistir as minhas palestras quando eu faço, que ela gosta muito de ouvir eu falar da doutrina, de Jesus, dos ensinamentos de Jesus. Então são mensagens que faz com que a gente vá se aperfeiçoando cada vez mais, né. Vai melhorando, vai procurando entender a mensagem, que o plano espiritual quer passar.

35. E.M: No caso, por exemplo, é... nas reuniões de doutrinação – pelo menos as que eu assisti – às vezes se comunica pelo senhor um mentor que inclusive o seu Z. comentou que tem nome de bom senhor, é isso?

36. C.A.B: Monsenhor Hans.

37. E.M: Monsenhor Hans?

38. C.A.B: Hans (risos), é alemão.

39. E.M: É monsenhor, né, eu pensei que era bom senhor.

40. C.A.B: Monsenhor. É, que tem o monsenhor, tem o cônego, o padre, o monsenhor, o cônego, depois vem o bispo, o arcebispo...

41. E.M: O senhor tem contato com ele, já viu a história dele?

42. C.A.B: Olha, ele já foi visto esse padre. O preto-velho também que dá mensagem por meu intermédio, já foi visto; o padre já foi visto por médiuns, e... e não foi só um médium que viu, muitos médiuns eles descreveram o mesmo padre, o mesmo preto-velho. Esse preto-velho me acompanha há muitos anos, desde quando eu morava no interior, que eu estive na Umbanda; passei também pela Umbanda antes de seguir o Kardecismo, e... e também a minha ligação não só com esse, mas tem os outros padres, né, o padre Donizete, e o padre Módina, Módina. E eu tenho muita ligação com padre por ter sido padre também né, e ter vivido lá, na época de Cristo também, né. Lá eu não fui muito amigo dele não, mas agora hoje a minha vida é toda orientada nos ensinamentos de Jesus, quem vive em mim é Jesus, agora respiro Jesus, e pra mim a coisa mais importante é trabalhar, ser um trabalhador de Jesus, ser discípulo de Jesus. Essa é a coisa mais importante, e também quando eu era criança, molequinho, como eu falei, eu fui da cruzada infantil, fui... congregado Mariano, fui coroinha. Fui um rato de sacristia, rato de igreja, como falam. E a minha mãe me dedicou a ser filho de Maria, e graças a Deus sempre tive proteção de Maria de Nazaré, mãe de Jesus, nossa mãe espiritual. Tive provas de que ela está sempre me ajudando, e muitos espíritos que trabalham na equipe dela me falaram tudo isso aí também. Diz que eu sou um trabalhador da equipe dela. Todos nós poderemos ser, né. Quem quer ser trabalhador aqui e lá no plano espiritual vai trabalhar ou na equipe dela, ou na equipe de outro, mas sempre sob a orientação dela e de Jesus. Que a nossa vida se resume ao nosso mestre Jesus, né, que é o nosso governador desse sistema solar, desse planeta, é o orientador. Ele mesmo falou que ele é o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao pai senão por ele. Então, logo, nós temos que pedir tudo ao pai, em nome dele, e agradecer mais o que a gente pede, amar mais do que a gente é amado. É assim que a gente deve viver. E a orientação da parte de padre, de preto-velho, tenho muito. Tenho muita ajuda, confio muito neles, que eles são meus protetores, então eu tô ligado muito a essa linha do plano espiritual. Percebo quando.../ às vezes, quando eles não dão mensagem eles me falam muita coisa. E cê sabe que a gente também, nem tudo o que a gente vê, nem tudo o que a gente ouve, deve ser dito. Tudo eles falam pra gente, mas eles falam: “isso cê pode falar, isso cê não pode falar”.

43. E.M: Mas você os vê, por exemplo, ou ouve?

44. C.A.B: Não, eu não vejo com os olhos, os olhos da carne. Eu vejo com os olhos espirituais. Eu não sei falar como é, né. Não dá pra identificar. É assim, às vezes eu vejo assim; a hora que eu vou fixar, já desaparece. Eu vejo assim... /num momento assim, eu vou olhar, desaparece. Eu ainda não tenho aquela visão que nem o Chico, o Chico Xavier tinha, né. Que via/ todo o problema, Emmanuel aparecia, falava pra ele, e era só ele que via o Emmanuel, né. Então eu não tenho esse tipo de mediunidade, de ver claramente como eu estou te vendo, que nem o Chico via, Francisco de Assis, e outros médiuns vêem com muita clareza e nitidez. Eu já não consigo. Aliás, eu gostaria, né. Porque às vezes tem médium, o tipo de mediunidade que a pessoa vê o espírito e não consegue distinguir se ele é encarnado e é desencarnado. Embora a gente saiba, né, quem é encarnado, quem é desencarnado.

45. E.M: No caso, seu Carlos, é... o trabalho de/ o senhor trabalha no trabalho de desobsessão e de doutrinação, né?

46. C.A.B: Isso.

47. E.M: Esse trabalho de doutrinação, que inclusive eles lidam com espíritos que passaram por alguma situação de drogadição, ou mesmo de alcoolismo, né, enfim, teve alguma coisa que o dirigiu pra esse tipo de trabalho, pra escolher esse tipo de trabalho, ou não?

48. C.A.B: Como é que é?

49. E.M: Teve algum motivo mais específico que o levou a escolher esse tipo de trabalho?

50. C.A.B: Não!

51. E.M: Não? Isso foi...

52. C.A.B: Não, a gente não/ bom, eu acho que é assim: quando a gente quer trabalhar, a gente não vai escolher o trabalho, cê entende? Tanto lá no plano espiritual como aqui, né, como médium. A gente não deve escolher a nada; eles é que vão ver o que a gente pode fazer. Então eu digo assim: eu vou trabalhar naquilo que o plano espiritual me indicar. Se você tá lá no/ vamos supor. Eu li num livro do Luis Sérgio que o rapaz foi acolhido pela equipe dele, ele tava se sentindo bem lá, ele estava lá almoçando, lá na cozinha, conversando com o pessoal lá. Aí de repente pegou a vassoura, começou a varrer – nem sei se tem lixo lá no *[plano espiritual]* – mas ele disse *[o autor do livro]*, né, que ele *[o rapaz]* pegou a vassoura, foi varrer, foi limpar as mesas, ia limpar tudo que tinha que limpar. Porque lá tudo é plasmado de acordo com o ambiente que está sendo tratado, né. Nas zonas umbralinas, existem aquele tipo de pronto atendimento, diríamos, são aquelas/ eles plasmam lá um quarto, uma casa, e lá vão atender. Então lá vem aqueles espíritos que são socorridos de imediato. Dalí já vem aquele aerôbus lá, uma outra condução, vem buscar aqueles espíritos, já pra levar pro pronto socorro espiritual, numa colônia, aonde ele será atendido, né. Depois fica no hospital, recebendo todo o tratamento, e em seguida vão pras escolas, lá do plano espiritual, aprender a ser desencarnado. Vão fazer o curso todo que não fizeram aqui. Por isso que é importante a gente conhecer a vida espiritual, né, por intermédio dos livros mediúnicos, e procurar conhecer aqueles livros que são bons, né. Tem muito livro, tem livro que é livro, e tem livro que é o livro, né. Que traz um ensinamento, médiuns... idôneos, né, embora hoje em dia seja difícil, né. Mas a gente, pela orientação, por a gente estudar/ por isso que é importante a gente estudar as obras de Kardec. Livros dos Médiuns, Livro dos Espíritos, O Evangelho, A Gênese, Céu e Inferno, Obras Póstumas, O que é o Espiritismo, né? Então a gente tem que conhecer mesmo, embora quando a gente começa a fazer palestra, que nem eu, quando comecei a fazer palestra, aí que a gente vai ver que não sabe nada, né. Quem diz que sabe tudo, é que não sabe nada. Então a gente vê que pra/ que a gente não conhece nem um terço da doutrina ainda. E... e é pelo estudo que você vai conseguir saber o livro que é bom e o livro que não é bom. O espírito quando ele tá com boas intenções, quando ele não tem boas intenções. É assim: é pelo estudo, pelo teu comportamento, pelos teus atos, pelas tuas obras, pelo teu modo de falar, né. Não é você saindo, bebendo, mexendo com tudo o que é mulher, vivendo uma vida fútil, que você vai receber espíritos interessantes. Cê vai receber espírito de acordo com a tua vida lá fora, né. Porque ser uma coisa no centro, e ser o oposto lá fora, os espíritos tão de olho na gente. E eles acompanham mesmo, eles falam: “pô, você aqui é uma coisa, lá fora é outra”. Não adianta a gente ter/ usar máscara, né. A gente tem que ser aquilo que a gente é ali no centro e fora do centro. Porque o pessoal que vê a gente ali no centro trabalhar, vê a gente fazer palestra lá fora, eles vão cuidar a gente. Eles vão atrás, ver o que a gente faz, o que a gente não faz, o que a gente deixa de fazer. Eles tão de olho! Né? Então é isso. Você procura ser uma coisa ali, e é outra coisa lá fora, aí eles vão tá de olho. *[Nesse instante, algumas pessoas param em frente à banca para obter informações. A entrevista prossegue logo depois].*

53. E.M: Só tem mais uma perguntinhas, viu seu C.A.B.

54. C.A.B: Pode fazer, esteja à vontade, nós estamos/ o que eu puder ajudar, eu vou ajudar.

55. E.M: Obrigado.

56. C.A.B: Porque eu não sei tudo, né.

57. E.M: (risos). Não, imagina, mas...

58. C.A.B: Eu falo a linguagem do povo, eu não falo linguagem técnica não, né.

59. E.M: Não, imagina, o senhor fala super bem. É... no caso, assim, o senhor não teve as suas experiências mediúnicas desde cedo. O senhor/ foi depois que o senhor começou a trabalhar que o senhor desenvolveu mais, não é?

60. C.A.B: Não, eu tive desde pequeno.

61. E.M: O senhor já tinha...

62. C.A.B: Ah, desde pequeno. Eu tive muitos lapsos, muitos relâmpagos assim, de ver coisa em memória; eu olhar uma pessoa, já sei mais ou menos a intenção da pessoa. A gente consegue/ às vezes, muitas vezes eu conseguia fazer uma análise, ler o pensamento da pessoa. Quando eu me concentro, eu consigo ler o pensamento da pessoa. Eu entro na faixa de vibração. E desde moleque eu fui sempre assim. É que eu nunca quis me aprofundar. Eu nunca quis me aprofundar.

63. E.M: O senhor tinha medo, não?

64. C.A.B: Não, não tinha medo. Eu tenho medo assim de pessoas estranhas, né (risos). A hora que eu olho a pessoa assim, eu fico meio/ aí já começo a pedir ajuda do plano espiritual, do meu guia protetor, de Maria, nossa mãe santíssima. Eu peço muita ajuda dela, né, do plano espiritual. Mas medo assim/ como minha avó sempre dizia, né, a gente não deve ter medo de morto, e sim dos vivos, né. Mas de morto nunca tive não. A gente fica meio assim, né. Eu ficava meio assim, né, de/ de repente aparece alguém aí, um fantasma, né. Por causa de filmes e de histórias que a gente ouvia, né.

[Nesse momento da entrevista, a esposa do médium chega até a banca. C.A.B. me apresenta para a esposa e sua filha. As duas parecem cansadas; C.A.B pergunta se gostariam de se sentar, e as duas respondem afirmativamente. O médium e o pesquisador continuam a entrevista sentados em um degrau ao lado da banca].

65. E.M: Pode falar então.

66. C.A.B: Bom, vamos lá. O que é que você tava perguntando?

67. E.M: Então, se o senhor já tinha desde a infância, né.

68. C.A.B: É, desde/ isso, desde...

69. E.M: E o senhor acha que.../ qual foi o impacto assim dessas experiências na vida do senhor?

70. C.A.B: Como assim?

71. E.M: Qual foi/ isso teve uma repercussão muito grande, isso foi decisivo na sua vida, ter essas experiências ou não?

72. C.A.B: Não.

73. E.M: Ou as coisas foram acontecendo de uma forma assim tranquila, natural?

74. C.A.B: Não, nunca teve.../ nunca tive problema nenhum, nunca me influenciou em nada, pelo contrário, né, mais assim me ajudava, né, me ajudava a procurar viver uma vida melhor, né, assim... é... eu fui muito ajudado pelo plano espiritual. Isso eu posso te dizer. Eu dei muito trabalho pro meu guia protetor – como dizem, o anjo da guarda, né – esse teve um trabalhão tremendo comigo, né?

75. E.M: É? Por quê?

76. C.A.B: É porque quando a gente é novo a gente quer fazer muito/ passear, quer viajar, beber, né. Coisa de jovem, né. Antes de servir o exército, por exemplo, eu tomei um fogo tremendo, eu com os amigos, pulando na fonte luminosa, lá na cidade do interior. Aí depois que terminou o tempo do exército em 1964, aquela revolução fracassada que os militares deram o golpe, né, pra tirar os comunistas, hoje tão aí, os mesmos que eles botaram pra correr, tão aí no governo, né. Então foi uma revolução fajuta aquela. Então na despedida do exército também/ lá no interior, tinha separação do clube de branco e clube de preto, né. Existia um preconceito muito grande. O branco podia ir no clube dos pretos, mas os pretos não podia frequentar clube de branco. Então, como a gente não tinha preconceito nenhum, a gente vivia muito lá no clube deles, era muito bem recebido. Eu já tive namorada de cor negra, né. Mas eu nunca tive

preconceito de cor. A única coisa que me pegaram agora, foi pra tirar esse preconceito religioso, que eu sempre tive. Tive mesmo, contra pastor, né, principalmente contra esses pastores eletrônicos, pastor fajuto, né. E justamente a minha banca é do lado da igreja de um/ pode ver ali ó, o RR Soares. Ele erra duas vezes, né, RR Soares. Inclusive eu tenho um livro dele, que ele mete o pau no Espiritismo, ele não entende nada de Espiritismo, pelo que ele escreveu no livro, que ele não sabe nem definir o que é Espiritismo, o que é Espiritualismo. Ele fala que é Espiritismo baixo, Espiritismo de mesa branca, Espiritismo disso...

77. E.M: Mistura tudo?

78. C.A.B: ...ele mistura tudo. Ele faz uma mistura terrível, né. Quer dizer que ele demonstra que ele não conhece e quer achincalhar o Espiritismo pros fiéis acreditar nele e não acreditar/ mas é tal negócio, é... ele e outros. Tem um livro também de outro pastor aí que faz a mesma coisa, fez a mesma coisa, não entende nada, e quer achincalhar as outras religiões pro pessoal achar que a dele é a certa, né, quando Jesus não escolheu igreja nenhuma, não escolheu religião, não impôs uma religião, né, quem impôs foi o clero. Que diz que o primeiro papa foi o São Pedro, né. E...

79. E.M: Então o senhor acha que...

80. C.A.B: Então eu estou aqui pra tirar essa coisa de mim ainda, que não é um preconceito assim/ eu acho que/ sei lá, ainda o povo precisa desse pessoal aí, né. De ser enganado por esse pessoal, que vem falar em nome de Cristo, pra encher o bolso deles, né. Como também a igreja matou, roubou, tudo em nome de Cristo e de Deus, né. Pode ver: na santa/ a santa inquisição... (risos), que botavam o pessoal na fogueira, nos cárceres, de seminários, de/ né, daqueles palácios. E além da Santa Inquisição teve a outra, teve a outra também né... eu esqueci. Eu esqueci, além da inquisição teve mais uma outra. Ah, aquelas cruzadas.

81. E.M: Cruzadas.

82. C.A.B: As famosas cruzadas, né, que foi por isso que os muçulmanos ficaram contra os cristãos, né, por causa dessas cruzadas aí.

83. E.M: Então o senhor acha que.../ o senhor acha que de certa forma o Espiritismo ajudou esse processo assim de um auto-conhecimento, de um...

84. C.A.B: Ah sim, a doutrina espírita, embora eu/ Kardec, imagina, naquela época da inquisição ainda, o Kardec vem trazer a doutrina dos espíritos, né, o consolador prometido, praticamente ele chutou o pau da barraca, né. Tanto é que o bispo lá de Barcelona que mandou queimar os livros espíritas e espiritualistas também, na fogueira, em plena praça pública, né, foi o maior marketing pra doutrina espírita, né. Tanto é que o Espírito da Verdade disse pra Kardec, que se ele quisesse exigir indenização, ele poderia exigir indenização, né. Mas... isso foi o maior marketing pra doutrina espírita. Pô, já pensou o povo querer saber o quê que continha naqueles ensinamentos lá? Embora são ensinamentos que nos ajudam a mudar/ é que nem o Cristo, quando veio trazer os ensinamentos dele, dizia que ele trabalhava pelo diabo, pelo satanás, né. E quem eram? Eram aqueles rabinos que mandava em tudo, tinha o poder sobre a vida, sobre o dinheiro do povo. E depois vem a doutrina dos espíritos, também, que nem o Cristo, sendo condenada, dizendo que trabalha por intermédio do Satanás, que é o diabo que faz tudo, que vê tudo, que fala tudo, pra enganar as pessoas, né. E... eu ainda/ quando eu mudei pra doutrina espírita, quando era jovem, era aquela época ainda que a pessoa era excomungada pela igreja, quando a pessoa se tornava espírita. Hoje os padres são mais moderados, aceitam mais, né, são mais amigos, já estão mudando o modo deles, embora esteja muito lentamente ainda, né. Teria que/ eu acho que a doutrina devia ter mudado/ Kardec deveria ter perguntado mais coisas, contundente; devia/ já que chutou o pau da barraca, devia ter...

85. E.M: Chutado de uma vez?

86. C.A.B: O balde junto, a barraca, o balde, devia ter posto fogo ainda na barraca, né. Mas, tudo tem seu tempo, né. Tudo vai devagar, não é como a gente quer, né. Embora a doutrina espírita não seja o futuro da humanidade das religiões, mas é as religiões que vão ter que se adequar aos ensinamentos da doutrina espírita. Principalmente na parte da reencarnação, vida após a morte, que não é como eles falam, que a gente vê os espíritos, observa pelas comunicações, lê muito; que o Kardec traz muitas comunicações, não só ele, como Ernesto Bozzano também, e outros que escreveram muitos livros, comunicações de espíritos que tão lá no plano espiritual procurando o céu, né, ou o inferno, o inferno, e não encontra daquilo que o padre, pastor, ensina pra eles. E é um/ uma tremenda/ eles se acham enganados, né, se acham muito enganados.

87. E.M: Além do senhor, tem mais alguém na sua família [que é] espírita, ou não?

88. C.A.B: Que freqüenta mesmo a doutrina espírita, só eu, né. A minha filha e os meus filhos aceitam com reserva, né. Mas já estão mais encaminhados. Minha esposa não/ uma hora diz que acredita, outra hora diz que não acredita. Então o único que aceita mesmo, que acredita mesmo na vida após a morte e na reencarnação, só eu mesmo. A minha irmã já freqüenta, por meu intermédio; minha mãe também não aceitava, agora já aceita. A minha irmã também aceita, porque recebeu/ a minha mãe recebeu mensagens do meu irmão e ela viu que são mesmo mensagens dele. Eu também vi que são mensagens dele. E o que ele falou muito, me incentiva muito, por isso eu... creio, acredito, sei, que estou no caminho certo. Não é o achismo, né? “Eu acho/” não, eu sei que estou no caminho certo. Creio que estou no caminho certo, e vou seguindo em frente, né, procurando me/ embora seja difícil, um dia eu chego lá. (risos). Se não for nessa é em outra reencarnação, eu chegarei lá.

89. E.M: Eu tenho mais duas perguntas só pra gente encerrar, viu seu C.A.B, queria até agradecer muito a participação do senhor.

90. C.A.B: Ah, se você quiser fazer mais pergunta depois, lembrar de mais, eu estarei à disposição.

91. E.M: Tá. Eu queria perguntar, são duas coisas né. Primeiro assim; a gente sabe que no Espiritismo a mediunidade é considerada uma capacidade humana, então isso é uma coisa que todos possuem em graus diversos, mas possuem.

92. C.A.B: Sim, sim.

93. E.M: Agora, o senhor realiza uma atividade, uma atividade que o senhor escolheu, e de certa forma foi escolhido pra ela no centro espírita Pascoal Tróville, né. Agora, a pergunta que eu faço é a seguinte: se um dia, vamos imaginar assim, vamos supor/ fazer um exercício aqui de imaginação, né, que o senhor deixasse essa atividade de médium, deixasse essa atividade de palestrante espírita, enfim; deixasse esse engajamento que o senhor tem com o movimento espírita. Como é que o senhor acha que seria a sua vida dali por diante?

94. C.A.B: Não... não dá pra pensar. Não dá pra pensar, mesmo que um dia depois, como já aconteceu num outro centro espírita, aí de.../ a gente a vê às vezes no centro espírita que existem as panelinhas; infelizmente, a doutrina espírita tem as panelinhas, né. E... e não me aceitem assim como trabalhador. Porque eu acho que muito centro espírita tem aquela panelinha, acha que a pessoa tem que chegar lá, fazer tudo de novo. Se ele já foi num centro, fez todos os cursos num centro, ele vai chegar no outro centro e fazer de novo? Eu acho um absurdo. Sou contra isso. Eu acho que o dirigente tem que conversar com a pessoa, ver com a pessoa, se ela/ fazer perguntas, os outros conversarem. Se ela tem capacidade, tem um pouco de conhecimento da doutrina, e ela tá lendo, tá estudando, ela tá fazendo curso/ eu, quando tem curso: ô, vai ter curso? Curso tal. Eu vou lá e faço o curso. Agora, a pessoa tem que começar tudo de novo, fazer quatro anos de doutrina novamente? Tanto de médium, como da doutrina; eu acho um absurdo, a pessoa tem que ler, praticar; chega de curso. Agora a gente vive a vida inteira estudando, a vida inteira da gente é um estudo. Jamais, um cara que se forma como médico, ele não pode parar de estudar. Um advogado, um dentista, um professor; ele não pode parar de ler. Ele vai ter que tá sempre se atualizando, sempre fazendo cursos; vamos dizer, pós-graduação, curso de especialização, curso disso, curso daquilo, é claro. E nós da doutrina também, estamos sempre lendo. Todo o livro novo que a gente vê sair, corre e lê. E vai lendo aqueles livros que eu já li, do Ernesto Bozzano, William Crookes, que eu já li, Camille Flammarion, né? Então a gente/ eu já li esses livros, e eu tô sempre lendo novamente. E fora ainda, lá no [trabalho] de Sábado, nós estamos estudando o Livro dos Espíritos, domingo nós lemos o Livro dos Médiuns, e mais outros livros, né. Então a gente vai lendo; eu li muitos livros do André Luiz, estou relendo; do Emmanuel, e estou relendo; o Ernesto Bozzano, estou relendo. Então a gente vai lendo e relendo, lendo e relendo. E a gente tem que estudar. Mesmo amanhã ou depois, se o Pascoal Tróville achar que eu não sou digno, que eu não mereço estar trabalhando lá, eu vou procurar outro centro. Ó, centro espírita é o que não falta. E todo centro precisa de alguém que queira trabalhar. Eu, graças a Deus, eu não escolho o serviço, pra fazer. Eu, aqui no Joana de Ângelis, eu varria, lavava o banheiro, varria o chão. E se amanhã depois eu precisar/ lá no Pascoal também eu varro lá, a frente lá, o chão. Se precisar, eu vou limpar o banheiro. Eu não escolho o serviço. O que tiver de ser feito eu vou fazer. Está dentro do meu conhecimento, ótimo. Que nem no plano espiritual. Eu quero trabalhar no plano espiritual, eu peço. Pensa que eu vou escolher? Eu vou fazer aquilo que me mandarem. Que eles sabem o que a gente pode fazer, o que não pode fazer. Eu mesmo, se me mandarem numa missão, vamos supor, no plano espiritual, eu vou. Posso me sair bem, ou posso me sair mal. Mas eu vou tentar fazer. Vou, que nem fazer palestra, me dão um tema, eu falo sobre o tema, eu procuro estudar. Então a vida da gente é assim, é trabalho. É um eterno trabalho, um aprendizado. A gente tem que estar sempre disposto a fazer coisas novas, nunca fazer a mesma coisinha, querer só aparecer. Que nem num centro espírito, o pessoal quer

fazer [*palestra*] logo dali, na frente. Não, a gente vai procurar fazer aquilo que eles pedirem. “Ó, faz isso, tamo precisando de gente pra fazer isso, vai lá, cê vai”, vou lá fazer. Então a gente tem que tá sempre disposto a fazer aquilo que estão precisando, não querendo fazer só o que você quer. Cê tem que tá sempre disposto a fazer coisas novas. Que a vida nossa é um eterno aprendizado, né.

95. E.M: E uma última pergunta que eu ia fazer, que na verdade é assim. Eu queria/ porque assim: na Medicina, na Psicologia, enfim, nas ciências de uma maneira geral, existe uma concepção de que o ser humano é o cérebro, o ser humano é o corpo. Já o Espiritismo traz essa visão do espírito. É... eu queria que o senhor falasse, não aquilo que o senhor sabe exatamente da doutrina só, né, mas os sentimentos que suscitam no senhor quando o senhor pensa nessa idéia de que nós morremos, e acabou. Quais os sentimentos que vêm na sua mente, qual a idéia, de pensar que o ser humano/ vamos imaginar, o ser humano não é um espírito; é só o corpo, é só o cérebro, e morre e acabou. Quais os sentimentos que vêm quando o senhor pensa nisso, o seu sentimento?

96. C.A.B: É muito triste pensar isso, morreu, acabou... (risos). É como... sei lá, um... um.../ tem que ter algo mais, entende? Tem que ter algo mais. Alguma coisa a mais. Não é só morreu, acabou, como muitos falam, ou outros, como fica dormindo na paz do senhor. Tem que ter alguma coisa, porque na mente, na nossa mente, vem muitas coisas que seria impossível a gente aprender nessa vida. Muitas coisas. Que nem, todo mundo fala, de médico, de cientista, e de louco, todos nós temos um pouco. Então todo brasileiro é um técnico de futebol, de vôlei, de basquete. Quantas coisas que a gente imagina, pessoas que cê vê, e vai/ fica feliz de ver a pessoa, outras você não quer nem ver na vida. E às vezes a pessoa é uma pessoa maravilhosa. Você não simpatiza com ela, tem antipatia. Ou lugares. Quantos flashes vem na nossa mente, né, flashes mesmo, de lugares que você nunca viu, que você foi transportado pra lugares, à noite, você se lembra de muitas coisas que você fez, trabalhou; você sabe que você trabalhou, que você fez. Então eu acredito que o nada não/ o nada é o nada! Entendeu? O nada é o nada, não existe nada acaso; essa nossa conversa também, já foi tudo planejado, da gente se encontrar. Tudo que existe no mundo, desde que você converse com a pessoa, goste da pessoa, tenha raiva da pessoa, é sinal que você já se encontrou com aquela pessoa em outra vida. Ou numa coisa boa, você foi amigo, você ajudou, desde que você é ajudado por uma pessoa é porque você ajudou aquela pessoa em vida passada. Ou ajudou alguém. Que nem, muitas vezes/ a gente deve fazer para os outros aquilo que a gente quer que faça pra gente. Pra que amanhã ou depois, se você precisar, alguém vem te ajudar. O plano espiritual tá ali, manda sempre alguém te ajudar, alguém que tá disposto. Então nós temos que estar sempre em condição de fazer o bem, de ajudar as pessoas, estar disposto. Então eu não vejo assim, eu não vejo assim: morreu, acabou. Existe algo mais, e essa certeza é tão certa como nós estamos conversando agora, a certeza da vida após a morte, da reencarnação, de ter vivido vidas passadas; é uma certeza absoluta. Eu tenho certeza! Eu sei, eu creio nisso. Não é assim: ah, será? Eu não tenho dúvida. Deixou/ a dúvida existe só em pessoas que não conhecem, que tem medo do amanhã; eu já sei o que vai nos acontecer amanhã. E eu sempre, desde molequinho, tive preparado pro pior, nunca pro melhor. Como diz aquele ditado: “nasci careca, sem dente e pelado. O que vier é lucro” (risos). Não é? Cê pode ver, é uma frase que você vê às vezes em caminhão, Kombi, carro: “nasci careca, pelado e banguela, né, sem dente. O que vier é lucro”. Então, nós temos que ter certeza da ajuda; por isso que a gente tem que procurar viver uma vida nos ensinamentos de Jesus. Porque se você vive uma vida enganando as pessoas, fazendo os outros de escada, é claro que você não vai ter uma vida legal lá na frente. E eu também não me vejo sem trabalho. Como dizem: “o meu nome é trabalho e o meu sobrenome é hora extra”.

97. E.M: (risos).

98. C.A.B: (risos). É esse o meu nome. Eu tô no centro espírita, eu quero tá fazendo, trabalhando, fazendo alguma coisa; eu quero ser útil; nós temos que ser útil. O melhor remédio contra a depressão, que nem acredita, é a vassoura. É a vassoura. Uma mulher que começa a ficar pensando nos problemas, na/ dá aquela tristeza, né, que a depressão, o stress, pode vir também, às vezes do pós-parto, né. Ou você tá assim numa situação, ou morre alguém; se você começa a bater aquela tristeza, quê que cê vai fazer? Vai ficar pensando nela? Existe um ditado budista que diz: “se você pensa nos problemas, e vai pensando, o problema vai aumentando de tamanho até ele te engolir”. Então o quê que faz? Você pode pensar nos teus problemas, mas é claro, com a finalidade de encontrar uma solução pra resolver os teus problemas. Cê não pode pensar num problema que ele nunca vai se resolver. Todo problema, por pior que seja, um dia ele será resolvido. Então se você tá triste, tá no centro, tá numa igreja ou em qualquer lugar, você é um trabalhador dali, pegue uma vassoura, vá varrendo. Os problemas desaparecem, cê tá em casa, tá triste, vai varrer; varre o quintal, varre dentro de casa, tira o pó; procure fazer alguma coisa, ouvir uma música, ou ler um livro, fazer palavras cruzadas, caça-palavra. Eu tô sempre com um livro na mão. Cê pode me ver. Às vezes eu ando lendo, andando. Eu sempre desligo a televisão, eu tô sozinho em casa, o quê que eu faço: eu desligo a televisão. Eu vou pôr um CD, ou então ligo só o rádio, ponho um CD, fico ouvindo/ agora eu gosto mais de escutar músicas orquestradas, música clássica, músicas espíritas, ou mesmo essas músicas/ que tem algumas músicas gospel que eu gosto de escutar. Então você tem que mudar o seu modo, escolher programas de televisão, programas de rádio. Às vezes eu escuto o noticiário pra saber o que se passa, pra não

ficar tão desatualizado. Mas as notícias que você ouve parece que são sempre um replay do dia anterior, do ano passado, ou do ano retrasado. São sempre as mesmas. Cê não/ então, o negócio é não dar trelas aos pensamentos menos dignos na tua mente. É isso que a gente tem que fazer. Procurar sempre alguma coisa pra fazer.

99. E.M: (risos). Obrigado.

100. C.A.B: (risos). Espero não ter te decepcionado.

101. E.M: Imagina, quê isso! Foi ótimo.

_____//_____

C., 46, Do lar.

Local: Sala do centro espírita Pascoal Tróvelle que serve de depósito para objetos antigos, e onde se realizam trabalhos de corte e costura para doação.

DATA DA ENTREVISTA (28/07/2009)

1. C.: Fui uma criança...

2. E.M: Só um momento, deixa eu... *[E.M verifica se o aparelho de áudio está realmente gravando a entrevista]*.

3. C.: ...sem novidades.

4. E.M: Pode falar.

5. C.: Entendeu? Eu fui uma criança muito feliz até os meus seis anos de idade, né. E... aí vem a parte mais difícil: aos meus sete anos eu sofri violência. Por mais ou menos um ano por um irmão que eu tive. E aí que começou tudo assim; não tinha nada de alegria, não tinha nada, tudo pra mim era ruim, porque tínhamos muitos irmãos, muitas irmãs, e eu era uma das menorzinhas e a partir daí eu fui criada, assim, meio que afastada dos outros, sabe? Assim, tipo: você é diferente. Meu pai dizia: “seu fim é ser uma prostituta”. Então eu não tenho coisa boa pra falar. Entendeu? E é uma coisa que eu não gosto de falar (risos) porque dói, dói muito voltar ao passado. E isso daí foi até os meus doze, treze anos. Eu não podia sair sozinha, eu não podia ter amigos. Era só de casa pra igreja e da igreja pra casa. Meus pais eram evangélicos né.

6. E.M: Cê morava aqui em São Paulo?

7. C.: Morávamos no sítio. Fui uma garota de sítio. Então é isso daí. Eu não gosto muito de relembrar essa época da minha vida, mas infelizmente, às vezes, eu me pego pensando nisso aí. Hoje quando eu vejo uma criança, sendo/aparece na televisão uma criança lá que foi abusada, a vontade que eu tenho é de ir lá e trucidar a pessoa que fez isso! Mas a pessoa que chegou a fazer isso daí, já não tá mais aqui, não posso ficar falando dele porque ele já foi pro outro lado *[faleceu]*. E eu não tenho muito pra falar a esse respeito. Aí quando eu tinha doze anos, eu comecei a ter crises nervosas; então eu desmaiava, do nada! Caía, desmaiava, e minha mãe levou no médico, e ninguém sabia o que era. Aquele caso da infância foi abafado, ninguém falou nada, sabe? É como se nada tivesse acontecido. E isso me gerou muitos problemas porque eu fiquei uma pessoa revoltada, muito revoltada, eu via as coisas, e eu achava que tava ficando doida. Não sei o porquê desencadeou isso daí, né. Aí escolhi o casamento como uma fuga pra sair de casa, pra provar que era virgem. Que meus pais *[falavam]*: “você não é virgem”. E na minha infância inocente, aquilo pra mim ficou confuso na minha cabeça. O que é a virgindade? Porque eu menstruei aos treze anos e não sabia o que significava aquilo. Então eu fui me virando sozinha, fui descobrindo sozinha as coisas. Então conheci um rapaz lá da própria religião deles e falei: esse é que vai me salvar. E aí começou tudo de novo (risos), aí começou os tormentos, né. No dia do meu casamento... *[olhos lacrimejam, a voz embarga]* meu pai me deixou namorar quatro meses. Ele... *[choro contido]* namorado vinha em casa, meu pai sentava de um lado, botava o rapaz no meio e botava eu do outro lado. Porque ele dizia que eu ia engravidar. Tãmanha era a desconfiança do velho crente (risos). E quatro meses de namoro ele *[pai]* me obrigou a casar. Aí eu falei: poxa, ele namorou com o meu pai e casou comigo. Eu era tão inocente, tão inocente, que o meu primeiro beijo eu vomitei; de nojo. Não sabia o que era, nunca tive contato. O único contato que eu tive foi na infância e foi um contato forçado, foi agressivo, então.../ *[suspiro]* E aí foi um casamento que não durou. Sabe assim... três meses de casado, cheguei em casa, pego ele na cama com outra mulher. E aí acabou tudo. Sonhos, fantasias tudo foi por água abaixo. Tudo de novo, né. E aí eu fui me sentindo a pior pessoa da face da terra. Mas mesmo assim fui tentando levar o casamento... até quando pude. Meus pais/ eu morava aqui em São Paulo, meus pais no interior. Meus pais só julgavam, né. “Ah! O casamento não dá certo porque é ela que não presta. É ela que não presta”. Mas eu sempre fiz tudo certinho. Da forma como eu aprendi, né. E... segurei o quanto pude. A gente foi morar pra lá, e nesse ano que a gente foi morar pra lá...

8. E.M: Aonde, no caso?

9. C.: No Paraná. A gente voltou a morar no Paraná. Aí meu pai viu que realmente ele *[marido]* era uma pessoa muito violenta. Saía com muitas mulheres, não dava atenção pra filha, e aí meu pai começou a ver tudo isso, começou a questionar. Aí eu cada dia definhando, definhando, definhando. Aí a gente voltou a morar pra São Paulo. Não deu certo ficar lá, porque o meu pai depois começou a pegar no pé dele. E a gente voltou pra São Paulo. E aqui continuou aquela vida de sempre. Aí depois veio a separação. E eu não queria dar o desquite pra ele, porque fui criada, segundo os meus pais, apanhando, passando fome, sofrendo violência, mas casou tem que ficar junto. Fui criada assim. Então eu tentava segurar o máximo que eu podia. E no dia em que ele me pediu o divórcio, o desquite, que eu não queria dar, ele me pôs

um revolver na cabeça e disse pra mim: “ou você dá ou você morre”. Eu dei o desquite pra ele. Só que o interessante, quando a gente chegou lá na frente do Juiz, pra assinar a papelada, o juiz falou pra ele: “a partir de agora ela é uma menina nova. Se ela sair daqui e quiser arrumar um namorado, esse é um problema dela. Ela é nova, a vida é dela”. Aí ele não gostou da idéia. Assinamos os papéis, tudo, voltamos pra casa. E chegando em casa ele pegou as coisas dele, e saiu. Depois ele voltou/ é até de dar risada uma coisa dessa, porque ele chegou em casa e/ “eu quero a saideira”. Porque que os homens só pensam em sexo, né? Próxima encarnação eu quero vir uma garça, vou pensar só em peixe. “E eu quero a saideira” e, mais uma vez eu fui violentada porque, eu me recusava a me deitar com ele, então foi uma coisa assim da pior espécie possível. Aí eu já tinha vinte e dois anos [*suspiro*], aí voltei pra casa dos meus pais, com a mão na frente, outra atrás e uma filha nos braços. E meu pai não me aceitou lá, porque filha separada ia estragar a moral das irmãs. E aí fui morar na casa de uma irmã. Na casa dessa minha irmã o meu cunhado me queria a todo o custo (risos).

10. E.M: Quantos anos você tinha?

11. C.: Vinte e dois anos. Aí eu fui obrigada a sair da casa da minha irmã e voltar pra São Paulo. Voltei, morei na rua por um bom tempo. Depois eu fui morar com o meu irmão. Consegui um emprego, trabalhando, tudo, e um belo dia o meu irmão vendeu tudo o que tinha, inclusive as minhas roupas. Foi embora. Me deixou na rua de novo. Aí eu fiquei na rua de novo. E aí eu não tinha pra onde correr. E fui trabalhar numa casa de família pra ter um sustento, pra ter apenas a comida pra comer e uma cama pra dormir. [*Entrevistada bebe um gole de água, agora parcialmente restabelecida de seu estado choroso*]. Aí eu conheci um cidadão, me envolvi, me apaixonei à primeira vista. Nunca tinha ouvido palavras bonitas, e naquele dia apareceu o príncipe encantado de uma única noite. E fiquei lá. Namorei ele por algum tempo, e continuei nessa casa de família, né. Desse relacionamento resultou uma outra criança, que é a minha filha do meio, minha paixão. Só que eu era uma pessoa imatura. Um relacionamento que não ia dar certo; descobri que ele era casado. Eu era muito turrona. Falei: não quero, e saí fora, sumi, assumi a criança sozinha. Aí meus pais ficaram sabendo. “Olha, ela tá passando por uma situação difícil”. Aí voltei pra casa deles. Mas a experiência não foi boa lá não. Foi voltar pra lá e aí veio todo aquele be-a-bá. Tem que seguir a igreja, não pode ter amizade com homens. Tem que usar saia lá no pé. Eu agüentei por alguns meses. Mas não dá. Tenta prender um bicho que é livre. Não dá, você não consegue! E aí fui trabalhar na casa de um médico e eu disse pra ele: doutor, o meu sonho é ser enfermeira. É uma coisa que tá dentro de mim. Ele me pôs dentro do carro, me levou pro hospital e falou pro pessoal do hospital: “eu quero que vocês treinem essa menina, porque ela vai ser uma boa enfermeira”. Lá eu fui feliz. Trabalhei cinco anos lá, cuidando dos pacientes. Mas eu aprendi a profissão [*auxiliar de enfermagem*]. Depois eu tive a oportunidade fui fazer curso, tudo. E fiquei trabalhando lá, por um bom tempo. Mas assim, meu pai me perseguia, sempre o meu pai é o vilão da história (risos), por várias vezes ele foi...

12. E.M: Isso no Paraná?

13. C.: No Paraná. Quando eu voltei pra lá. O meu pai sempre o vilão da história, porque quando eu fui trabalhar no hospital, peguei um caso de loucura lá e, como eu tinha saído lá no pé, o menino puxou a minha saia e me deixou seminua, porque o moleque tava louco né, virando tudo. E aí fui obrigada a usar calça cumprida. E aí o meu pai foi várias vezes no hospital, porque ele queria me bater, porque eu estava usando calça cumprida e o trato é que eu tinha que usar saia. Até isso é de dar risada, parece piada, mas, não é piada não. E mesmo assim eu fui enfrentando tudo, enfrentando tudo, fui estudando, trabalhando e ficando por lá. Já tinha a minha segunda filha. E foi assim uma experiência boa, quando eu passei a trabalhar no hospital, né. Então toda aquela marca escura do passado se apagou ali. E eu fiquei trabalhando lá um bom tempo. Depois achei que não dava certo, saí de lá, fui pra uma outra empresa. E me cansei também porque era muita perseguição, e eu não conseguia ser evangélica. Eu entrava na igreja e o pastor tava lá naquele blá,blá,blá. E eu falava: tudo isso é mentira (risos), não é desse jeito, é de outro jeito. Sabe? Desde pequeninha eu falava: é de outro jeito; as coisas em que eles pregavam e as coisas que eu acreditava eram diferentes. Acho que eu já era espírita e não sabia. Entendeu? E essa coisa de reencarnação né, eu sonhava muito. Era muito menina, e eu sonhava muito. Sonhava que tava voando, voando, voando mas, eu não tinha asas, eu apenas voava. E eu via pessoas que falavam comigo e essas pessoas não existiam. Entendeu? Então isso na minha infância, a minha adolescência, após a minha separação.

14. E.M: Sempre teve, essas experiências?

15. C.: Sempre tive essa experiência de alguém conversando comigo. Alguém falava pra mim: “tenha paciência, isso vai passar, tenha paciência, isso vai passar”. Mas eu nunca via a pessoa. Assim, eu via os vultos, ou acordava com alguém falando comigo, não sabia quem era. E fiquei lá um bom tempo, nessa experiência pra mim foi muito boa. E depois eu saí do hospital. Saí da empresa pra qual eu fui novamente, voltei pra São Paulo. E essa experiência eu não vou te falar [*suspiros*]. Não, essa experiência foi a pior possível da minha vida. Podemos fazer uma pausa?

16. E.M: Pode, pode sim.

17. C.: Essa experiência foi muito difícil.

18. E.M: Deixa eu verificar aqui a gravação então. *[E.M verifica o que foi gravado, se a qualidade da gravação é adequada, e então retoma a entrevista, depois de a participante tomar um copo d'água].*

19. C.: Ah! *[suspiro prolongado]* é complicado *[risos, misturados a olhos lacrimejantes]*.

20. E.M: Você não precisa falar tudo. Pode me resumir um pouquinho.

21. C.: É/ não. É resumir sim. Tá bom. Eu vou te falar uma coisa. Bom, agora você é o psicólogo e eu sou a paciente, cê não vai poder abrir a boca lá fora.

22. E.M: Tá.

23. C.: Quando eu saí da casa dos meus pais, que eu vim pra cá... eu vim pra São Bernardo. Porque aconteceu assim: eu queria ter o meu canto. E não conseguia. Então tinha todos os meus irmãos e meu pai na época, tinha a casinha do BNH. Casinha de quarto. E meu pai ajudou cada filho a conseguir a sua casa. Eu por ser uma filha, separada, ele não quis me ajudar, porque ele dizia que eu ia encher a casa de homens. Então pra ele tudo... *[choro contido]* ai... não devia ter marcado essa entrevista *[risos]*. Então *[tosse]* eu queria mostrar pro meu pai que eu conseguia vencer, né. Na empresa que eu trabalhava, conversei com o meu patrão e, ele falou pra mim: “não filha, eu vou conseguir ajudar você”. Eu era a progenitora, eu trabalhava num berçário, eu era responsável por um monte de bebês. Ali era a minha vida. Então eu consegui comprar essa casinha. Não é? Porque tinha que ter um dinheiro pra dar uma entrada. Mas eu não agüentei a perseguição dos homens da minha família. Sabe? O sobrinho, o cunhado... Eu não era uma garota linda, maravilhosa, mas eu não sei, alguma coisa eu devia ter de gostoso no meu corpo, porque todos eles queriam! Sabe? E isso era revoltante. *[suspiro]* Então foi onde eu peguei e abandonei tudo, peguei minhas duas filhas, falei pra minha irmã: cuida delas pra mim que eu vou dar um jeito na minha vida, porque ou eu faço isso ou me mato, não agüento, né. E vim pra São Paulo foi quando aconteceu um monte de coisas. E acabei voltando novamente pra lá, porque tudo o que eu tentei aqui não deu certo *[tosse]*. Aí fui tentar ficar novamente, tentar trabalhar, mas daí já não era mais a mesma coisa. Era tudo muita cobrança. Cidade do tamanho de um ovo, sabe? A galinha de granja, porque eu andava de branco. A puta. Isso machuca porque eu ouvia isso desde criança, né. Meu pai me perseguiu. E... chegou uma hora assim, que eu me senti sufocada *[a voz embargada]*. Até tentei suicídio. Não vou negar, tentei. Eu não agüentei. E um dia eu fui numa farmácia de um amigo, falei: olha, me vende essa medicação, que é pra minha mãe, que ela precisa. Como era enfermeira, foi fácil conseguir a medicação. E dentro mesmo do ônibus da empresa que eu trabalhava, eu tomei tudo. Todos os comprimidos. Não era a minha hora de morrer. Sabe? Tomei tudo, fui engolindo um a um como se tivesse chupando uma balinha. E o motorista olhou pra mim e percebeu que tinha alguma coisa errada, e me levou em casa. E falou pra minha mãe: “olha, cuida dessa menina porque ela aprontou alguma”. Eu só me lembro que eu desci do ônibus, entrei dentro de casa e me deitei. Porque até nisso eu pensava nas minhas filhas. Eu falava: poxa, se eu me mato as minhas filhas vão ficar traumatizadas. Então eu vou tomar o remédio, eu vou dormir, né, e aí elas vão achar que a mãe delas dormiu pra sempre. Tudo eu esquematizei. E realmente eu dormi por três dias. Minha amiga foi em casa me pegar pra me levar pro hospital e o meu pai não queria deixar, porque ele disse que se eu queria morrer, que eu morresse, que ele não ia deixar me tirar dali. Aí me levaram pro hospital. Fiquei lá. dormi três dias, três noites. Foram três dias apagados da minha vida. Porque eu não tenho lembranças de nada. Três dias no escuro. Não me lembro de nada. Quando eu acordei, todo mundo me apontava, todo mundo me apontava, mas ninguém perguntava: porque você fez isso, né? Eu só precisava que alguém perguntasse *[chora]*. Mostrasse interesse pela pessoa e não pelo corpo. E aí eu não agüentei a pressão, larguei tudo lá e vim embora pra São Paulo. E aqui eu fui realizar o grande sonho do meu pai: eu fui ser prostituta. Ninguém sabe disso, nem minhas filhas sabem disso. Fui estuprada, fui violentada, pra mim já não interessava mais nada, sabe? Tudo o que eu mais amava eu não tinha. Minhas filhas, os meus pais não me davam o direito. Tava na casa dele, mas se era ele que mandava. Eu não tinha o direito de sair com as meninas. Eu não tinha direito de conversar com elas. Eu não tinha direito de corrigir se tivesse errado. Então eu não tinha mais nada a perder. Então enfiei a minha vida onde meu pai queria que eu enfiasse. Dalí, muitas vezes, eu tirei dinheiro para pagar consulta da minha mãe. Muitas vezes eu tirei dinheiro pra pagar prestação da casa do meu pai. E ele sempre aceitou dinheiro. Então sempre quando eu ligava pra ele: “Ai fia, tô precisando de dinheiro pra isso. Ai fia, tô precisando de dinheiro pra aquilo. Eu mandava o dinheiro. Até hoje eu tenho as notas guardadas do banco. Eu mandava dinheiro pra ele *[voz chorosa]*. E aí ele passou a me tratar com carinho. Não aquele carinho de pai, mas aquele carinho interesseiro, sabe? “Ai, ela tá pagando as minhas contas”. E isso era revoltante pra mim. Porque eu falava: puxa vida, tudo o que eu precisava, era que ele olhasse pra mim e falasse: “filha eu te amo”. Só precisava disso e mais nada. E mesmo lá dentro era engraçado, porque muitas vezes as pessoas que iam lá, iam só pra conversar comigo. Porque apesar de tudo, eu acho que o meu mentor nunca me abandonou, sabe? Tava lá comigo. Porque muitos casamentos que estavam balançando, eu opinava. Eu falava: olha faz assim, faz assado. Manda flores para a tua esposa. Conversa com ela. Aquilo que eu queria ouvir, eu pedia que eles fizessem pra elas. E dias mais tarde, aparecia lá: “olha, eu só vim aqui te agradecer, porque você me ajudou, você fez como uma psicóloga. Eu não tinha dinheiro pra pagar um psicólogo. Você teve tempo pra mim. Eu só queria alguém pra me ouvir. Eu não queria alguém pra sexo. Eu queria alguém pra me ouvir, pra conversar

comigo”. E foi assim. Sabe? Por muito tempo, por muito tempo. E aí eu fui pegando gosto. Porque eu falava: caramba, eu tô num lugar em que as pessoas vêm aqui pra isso. Mas a maioria não. A maioria quer conversar. Sabe? A maioria quer contar os seus problemas. A sua história. E fui ficando e o tempo foi passando e eu não fui percebendo. Até que um dia falei, ôpa! hora de parar. E aí comecei a fazer novos cursos, a planejar, eu tava planejando em comprar um terreno em Mairiporã, que eu pretendia comprar uma casa e abrir um orfanato. Que era o meu sonho de infância. E aí entra esse homem na minha vida, esse meu marido atual. E eu já estava sim, com o pé na rua, eu já estava só na gerencia, só estava gerenciando [chora]. E aí entra ele me oferecendo mil e uma coisa. Mas, ele tem setenta e quatro anos. Pra mim ele não é um marido em si. Ele representava pra mim a figura paterna. Aquele pai que eu não tive, aquele pai que me dava colo. Que conversava comigo. E aí eu fui indo. Sabe? Fui indo. Aí chegou uma hora que eu falei: ah não, não quero saber disso não. Peguei e fui embora para o Paraná de novo. A gente sempre volta né, pra casa do pai. E fiquei lá dois meses. Mas, é... sempre foi um patinho feio. Sempre fui/ sabe? Aquele não era o meu mundo. Aquele fanatismo da religião não era aquilo que eu queria pra mim. Sabe? Eu sempre estive procurando. Então durante todo esse meu percurso, eu sempre estive procurando por algo. E eu não sabia o que era. Depois eu voltei aqui pra São Paulo. Fiquei sabendo que ele (pai), tinha pagado alguém pra me descobrir onde que eu morava pra me procurar. Ai minha mãe falava pra mim: “só dou as suas filhas no dia que você tiver um marido”. Ai eu juntei a fome com a vontade de comer. Eu queria as minhas filhas, pra ter as minhas filhas eu precisava de um marido. Eu já tinha fugido de vários relacionamentos porque, enquanto tivesse só na conversa, tava tudo bem. Mas partia pra outro tipo de contato, eu já saía fora. Então foi onde eu pensei: ah! então tá aí, é a oportunidade que eu tenho de ter as minhas filhas de volta. E aceitei a proposta dele [atual marido] de morar junto, tudo. Ai ele quis comprar uma casa pra mim, eu não deixei, porque eu falava: eu não quero ficar com um homem só porque ele me deu alguma coisa. Eu não deixei ele comprar a casa e fui morar com ele. Quatro meses depois descubro que tava grávida. Ai entrou o desespero. Mais um filho pra criar, né. Fui em tudo quanto é Igreja, rezei pra tudo quanto é Santo, porque eu não queria uma gravidez. Mas depois acabei aceitando, porque... eu conversava muito com o bebezinho que tava na minha barriga e um dia eu a vi, né. Então eu fiquei tranqüila, falei/ E... foi assim uma gravidez boa, mas ao mesmo tempo perturbada, porque eu era sempre sozinha. Ele nunca tava lá comigo, então ele só ia lá pra procurar sexo e ia embora. Quer dizer: eu deixei de ser de muitos pra ser de um só, mas uma puta particular [assua o nariz]. E assim que eu me sinto hoje. E o tempo foi passando e eu ia de Centro em Centro. Sabe? Fui no Candomblé. “Ah! Porque você tem uma macumba pra cima de você. Você vai perder o figado em seis meses. Você precisa me dar oitocentos reais pra fazer um trabalho”. Ai eu falei: isso não é pra mim. Isso não é verdade. Macumba existe. Mas vai me pegar por quê? Eu nunca fiz mal pra ninguém! Eu fui em outro [centro]: “Ah! Porque você tem que fazer isso e isso e isso”. Então eu ficava assim perturbada. Eu grávida e aquele homem na minha vida. Ai fui numa casa lá em Osasco e a mulher falou pra mim: “olha, você tem uma pessoa” e me falou tudo. Ai, falei dá pra acreditar. Mas assim né, tudo isso que eu conquistei, toda essa minha busca me faltava algo. Então eu ia numa Igreja, não era aquilo. Eu ia noutra, não era aquilo. Eu ia noutra não era aquilo. Aí consegui trazer minha filha pra cá. Aí a minha do meio se envolveu com drogas. Ai eu vi tudo perdido. Não podia contar pra ninguém, não podia contar com o meu marido, ninguém sabe da minha vida passada. Ninguém sabe. E aí eu vim parar aqui nesse Centro. Só que até então, o que é que acontecia. Lá na casa onde eu moro, essa casa aí, moro há seis anos. Essa casa eu via gente andando dentro de casa. Eu às vezes tava sentada na sala, de repente descia alguém às escadas e me dava um pavor, me dava um medo. Eu não sabia o que era aquilo. E eu não sabia como lidar com essa situação.

24. E.M: Isso aqui era em São Paulo?

25. C.: Agora aqui.

26. E.M: Agora?

27. C.: Agora, esses tempos agora. E... eu não sabia como agir, não sabia o que fazer. E sempre/ eu não sei se é por causa da infância, então eu pensava que era o meu irmão. Que meu irmão faleceu né, o...

28. E.M: Aquele que...

29. C.: O que me violentou. Ele faleceu. Então eu achava que era ele que tava me perturbando. E rezava, e rezava, e nada e nada e nada. Eu peguei e vim pra cá. Comecei a conversar com as meninas. Ai me explicaram, que podia a minha mediunidade tava aflorada, que eu ia ter que estudar, ter que trabalhar. Ai começou outro transtorno. Meu marido é ateu. Não acredita nessas coisas. E o reboliço tá grande lá. Comecei a estudar, deu uma amenizada. Mas quando chegou naquela hora assim: vamos treinar a mediunidade, eu fiquei com medo. Eu não vim. Porque teve tempos na minha vida que eu deixei de te falar, porque é muita coisa, que eu tive assim contatos assim com seres assim arrepiantes. Então eu só conhecia o lado escuro da mediunidade, eu não conhecia o lado bonito. Eu não conhecia aquele lado: ajuda teu próximo. Eu só conhecia aquele lado, eu vou te ferrar. Entendeu? Então eu tive muitos contatos assim. Que não foi bom. Teve uma passagem da minha vida também, quando eu estava nesse lugar, que eu cheguei em casa deprimida. E quando eu me deitei, mau deitei, eu me vi de pé e, vi o meu corpo lá na cama e, eu achei que tinha morrido. Só que na cabeceira da minha cama tinha uma senhora passando a mão na minha cabeça. Uma senhora

grandona, muito grandona pra ser real. Sabe? De lenço na cabeça, uma roupa escura, parecia mais uma italiana. E do meu lado, de pé, tinha um senhor alto, branco, cabelo encaracolado. Ele deveria ter uns quarenta anos. E eles se referiam à mim como uma pessoa que tava ali e eu era a outra pessoa. Então eles falavam: “ela tá bem agora”. Ele falava pra ela, né. E ela falava assim: “ah! Ela está bem agora. Vamos embora”. E isso eu voltava, acordava assim do nada. Mas eu não tinha dormido. Eu mal deitei e saí do corpo. E eu tive essa experiência por duas vezes. E aqui é que eu fui entender quando eu vim pra cá que eu fiz as perguntas, [tosse] é que eu fui entender um pouco a respeito da minha mediunidade e saber que é possível você sair do corpo. Sabe? Então você não precisa se matar pra você sair do corpo. Né? Se você treina direitinho, você consegue fazer isso daí. E aí que eu comecei a me interessar mais. Quando eu citei esse episódio que aconteceu na minha vida, então eles me orientaram: “não, você tem que estudar. Você tem que estudar”. E aí eu comecei a estudar e comecei a ver que as coisas mudaram. Aqueles seres que eu via lá dentro de casa, eu já conseguia falar com eles sem ter medo. Sabe? É...

30. E.M: Geralmente, vinham pra quê, no caso?

31. C.: Olha, como eu fui muito perturbada, eu tive uma infância muito/ eu tive uma vida muito complicada, eles vinham pra me perturbar. Mas acredito eu que um pouco tava dentro da minha cabeça. Eu atraía eles, né. Eu atraía. Porque eu me sentia um/ o quê que meu pai passava pra mim? Que eu era um ser inferior. Que eu não prestava, que tudo de ruim era/ eu era tudo de ruim. Então eu me achava esse tudo de ruim. Eu me achava que eu não tinha nada de bom pra oferecer. Cê entendeu? Então eu só atraía esses tudo de ruim pra dentro de minha casa. [tosse] Mas quando eu comecei a estudar aqui, eu comecei a reverter esse quadro aí. E... um belo dia eu vim: “não, vamos fazer o treinamento da mediunidade?” [pergunta dos dirigentes do centro]. E eu vim a primeira, a segunda e a terceira vez, e eu saí daqui com dúvidas. Eu falei: poxa vida, isso tudo é balela! Isso não existe. Mas quando foi na quarta vez. “Vamos fazer o treinamento?” Porque como eu sou uma médium consciente [tosse] a entidade tá falando e eu tenho impressão que sou eu que tô falando. Mas sou eu, é o meu corpo. Né? Então eu saí daqui com aquela dúvida. E naquele dia eu falei: acho que isso tudo é balela, porque olha só o jeito que ele tá falando. É ele que tá falando. Sabe? E de repente a entidade me/ foi me sufocando, me sufocando, me sufocando e eu só fiquei com a cabeça. O resto amorteceu tudo. Eu não conseguia mexer nada. E o doutrinador que estava do meu lado, tentando falar, mas a entidade não falava, não queria falar. Só queria tá ali pra mostrar pra mim que existia, que era verdade, que eu não tava enganada. E a partir desse episódio né, foi pedido pra que ele se retirasse, essa entidade de perto, porque ela tava me judiando. Eu não estava conseguindo me soltar. Não tava conseguindo dar passividade, não tava conseguindo deixar ela falar. Então a partir desse episódio é que eu falei: não, eu vou.../ agora eu quero vir. Eu precisava dessa certeza. Sabe? Porque tudo o que eu via na infância, nunca tive alguém pra me explicar o que era. O meu pai dizia que era um capeta – o meu pai é crente, né. Disse que era um diabinho que tinha vindo pra me atormentar (risos). Entendeu? Então eu fiquei confusa, muito confusa. E aí eu decidi. Eu falei: não, eu vou trabalhar. Eu vou trabalhar, eu quero vir no sábado. Eu quero conhecer. Aquela reunião que você conheceu. E a primeira vez que eu tive um contato assim mais sério com a entidade, que a entidade falou, pediu, falou o que ela queria, tal, eu saí daqui me sentindo outra pessoa. Sabe? Assim parece que aquilo tudo de ruim que me aconteceu durante a vida inteira, parece que, caiu no buraco. Eu renasci. Sabe? E isso me fez um bem tremendo assim. Sabe? Tremendo mesmo. Porque às vezes eu tô com um pensamento ruim, uma vontade de xingar alguém e parece que alguém chega pra mim assim e fala assim na minha cabeça: “você acha que isso tá certo? É certo o que você tá fazendo?” Então eu já me polício. Sabe?

32. E.M: Aquela reunião de sábado...

33. C.: É desobsessão.

34. E.M: É desobsessão, foi a primeira que você veio? Não? Você já tinha vindo outras vezes?

35. C.: Não. Eu já freqüento essa reunião já há quase um ano, há quase um ano. Mas eu já peguei entidades muito, muito pesadas. A ponto de quando elas irem embora eu ficar com o meu pescoço todo marcado. E como eu estou vindo/ mas eu estou estudando ainda. Eu estou no segundo ano do estudo da mediunidade da doutrina. Mas é que como aflorou demais e, tava de jeito que eu ia pra casa e ia um monte de gente [espíritos] comigo pra minha casa e, ficavam lá me atormentando, então eu resolvi vir. Porque eu vindo estou ajudando esses seres que estão do outro lado. Entendeu? [Tosse].

36. E.M: Aqui você freqüenta há quantos anos?

37. C.: Olha, que eu freqüento tem uns seis anos. Eu comecei o primeiro estudo, aí eu não tive coragem, eu parei, aí eu comecei este agora, que eu estou levando a sério. E eu vou te falar uma coisa: já aconteceram mil e uma coisas pra mim desistir. Sabe? Eu gosto, eu venho, quando/ cada vez que eu dou assim a passividade pra uma entidade, quando eu volto pra casa, eu volto parecendo que eu acabei de entregar o plantão do hospital e que eu estou voltando pra casa; eu me sinto uma enfermeira. A enfermeira de almas. Eu nasci pra ser enfermeira; não pude, então.../ Sabe? Então eu me sinto assim; eu volto pra casa me sentindo feliz. Sabe? Eu fiz aquilo que era pra ser feito. Acho que se eu tivesse trabalhado

esse meu lado mediúnico logo na minha infância, na minha adolescência, eu teria evitado muita coisa na minha vida. Entendeu? Muita coisa que eu não consegui evitar em decorrência – eu acredito – em decorrência disso daí. Sabe? Meu marido, imagina, eu sou casada com um ateu. Que não acredita. O primeiro contato assim, muito sério que eu tive com umas entidades, foram na minha casa, aproximadamente dois anos. Eu passei três noites sem dormir porque eu tinha medo né. Eu fui educada pra ter medo do capeta né. Então as entidades na minha cabeça eram o capeta. E eu fui educada pra isso. Então é difícil você ser educada pra uma coisa e você de repente sair pra outra. Então eu via, eu sentia. E então quando eu fechava os olhos, aí que elas falavam comigo. E aí que eu ficava com mais medo ainda. Entendeu? Meio que eu ficava com mais medo. E eu fiquei três dias e três noites, sem dormir, com essas entidades me atormentando. Elas só precisavam de oração. E eu não sabia. Eu mandava elas irem pro quinto dos infernos. Eu não sabia. Entendeu? [risos da entrevistada e do entrevistador]. Eu não sabia. Porque eu freqüentava como membro. Eu vinha aqui como membro, eu vinha aqui pra tomar passe. Entendeu? Então, coitadinhas, elas iam lá pra me pedir ajuda e eu expulsava elas, né. Então eu tava ficando cada dia mais atormentada. Ai eu liguei pra L. que é a única que sabe da história da minha vida. É uma senhora que é minha mãezona, e ela é dirigente às quartas feiras à tarde. Até se você quiser/ ela diz que não tem mediunidade. E ela falou pra mim: “C., vai pro Centro, vai estudar, C., essa mediunidade tá aflorada. Vai estudar”. Sabe? Ela foi me aconselhando, me pondo devagarzinho na linha, fazendo papel de mãe, mostrando o caminho que eu tinha que seguir de verdade. Sabe? Até eu chegar até aqui. Mas assim, o contato com as entidades é muito bom. Esse meu irmão que me prejudicou na infância, ele já veio aqui. Eu fui a um Centro há muito tempo atrás pra saber notícias dele e não conseguia. “Aí falaram pra mim: olha, ele tá num lugar muito ruim, ele tá com muito ódio”. E conforme foram falando, eu fui vendo ele. Sabe? E quando ela foi narrando, foi tecendo um filme aqui dentro da minha cabeça, eu fui vendo ele agachado, no chão, assim, com uma calça escura, uma camisa clara, mas toda em farrapos. E a partir daí eu comecei a fazer preces pra ele, que eu o perdoava pelo o que ele me fez. Porque eu resgatei um débito. Eu devo ter feito isso com alguém por isso passei por todas essas coisas, né. E que eu o perdoava, que eu liberava desse castigo. E há pouco tempo atrás ele veio aqui. Durante três reuniões ele vinha, ele falava comigo, assim só em pensamento. “A que eu mais prejudiquei é a única que me ajuda”. Os meus pais, por serem evangélico, não rezam pelos mortos, né. E eu tô sempre pedindo por ele. Sempre pedindo. Então as três primeiras vezes, ele veio falando, falando, falando, comigo.

38.E.M: Mas ele chegou a se manifestar por você ou não?

39. C.: Ele se manifestou por mim. Eu sou consciente, tem coisas que eu não lembro, mas o dirigente me passou tudo depois. Mas eu anoto tudo. Eu tenho o meu caderninho, se você quiser eu te empresto.

40. E.M: Ah! Eu gostaria. Eu gostaria sim. Seria ótimo.

41. C.: Eu te empresto o meu caderninho. Porque é assim. Esse caderninho eu venho nas reuniões. Então acontece comigo o seguinte: eu chego em casa, eu tô com tudo na mente, eu passo tudo pro caderno. Passei pro caderno, apaga e eu não consigo lembrar de mais nada. Entendeu? Então esse caderno eu, acho que vai me ser útil pra alguma coisa. Porque...

42. E.M: Pra mim também [risos].

43. C.: Porque o meu orientador espiritual, eu acho que ele tá me segurando, tá me.../ assim, ele segura pra mim o episódio, pra ter tempo d’eu registrar e depois apaga [da memória]. Depois eu não lembro. Então esse meu irmão ele já se manifestou, ele chorou muito, chorou muito, chorou muito, chorou muito. Ele só chorava. Ai ele falou o que tinha que falar. Mas ele/ tenho certeza que ele foi socorrido, porque a gente sente. Eu não sei se você tem mediunidade. Você é de família espírita, né?

44. E.M: Eu sou, mas não tenho.

45. C.: Entendeu? Mas a gente sente, porque é assim. Eu sonhei com o meu irmão – acho que a semana passada – e ele falava pra mim: “mana, eu estou bem agora. E você vai ficar bem”. Sabe? Eu acordei e estava conversando com ele. Eu não tive medo dele, como das outras vezes, que ele se aproximava e eu tinha medo. Cê entendeu? Esse meu irmão ele aparece, um outro/ olha só. Meu tio faleceu, eu tinha 6 pra 7 anos anos. Faleceu de câncer. Até então a família esqueceu, não lembra mais desse meu tio. E a semana retrasada, há uns quinze dias atrás, ele veio, sabe? Então ele narrou o seguinte: eu... “eu estava na fila”, né, e ele disse assim: “ela faz prece pra todo o mundo, que tá do lado de cá. E aí eu entrei na fila e aí chegou a minha vez e eu vim”. Então ele/ tá escrito lá, eu não consigo lembrar tudo o que ele disse né. “Que todos me esqueceram, todos me esqueceram. E foi preciso ela vir, né, aprender, pra me ajudar, que tô do lado de cá”. Olha que bonito. O bonito da mediunidade. Você saber que você ajudou alguém que você nem se lembra quem é, né. Então isso aí é uma coisa boa. Isso aí da mediunidade é uma coisa muito linda. Eu tenho tudo anotado. Eu vou passar pra você. Que daí eu não preciso ficar falando. Eu vou te emprestar o meu caderninho, só que daí você me devolve rapidinho porque eu anoto todas as reuniões.

46. E.M: Lógico, tá, tá bom.

47. C.: Tá? Essa é a estória da minha vida. Não vou contar mais nada [risos]. O que eu não queria contar, eu contei.

48. E.M: Não, mas olha, pode ficar sossegada porque tem o sigilo, viu?

49. C.: Eu espero que ninguém tenha ouvido aí fora [*abaixa o tom de voz*]

50. E.M: Não, imagina, sim, é aqui no Centro, em qualquer lugar. Isso é só pra pesquisa mesmo, viu?

51. C.: Essa história da minha vida/ é tão ruim quando você carrega um segredo na alma. Não tem coisa pior. Entendeu? [*umenta o tom de voz*]. Por outro lado, eu falo assim, a vida é minha, ninguém tem nada haver com a minha vida. Sabe? Eu sou bem espírito livre. Eu sou espírito livre. Agora é fora da entrevista. E já desligou [*o gravador*] né?

52. E.M: Não. Tá...

53. C.: Mas!!!... [risos].

54. E.M: É porque eu ainda tenho algumas perguntinhas pra te fazer.

55. C.: Ah, então faz as perguntas. Depois eu te conto. Se eu lembrar.

56. E.M: Tá. Tá... Assim, teve alguma dessas experiências assim, que você passou de mediunidade, seja antes de vir pro Centro ou depois, que mais te impactou assim, teve alguma?

57. C.: Impactou, como assim é?

58. E.M: Que foi mais forte pra você.

59. C.: Olha, a que foi forte, forte, forte... no sentido, você diz assim, de me dar medo ou me dar certeza?

60. E.M: Tanto faz. O que mais te impactou assim.

61. C.: Olha o que mais/ eu acho que foi a primeira vez. Eu não lembro qual foi a entidade, quem foi a entidade. Entendeu? É... foi aquilo que eu já disse antes. É... eu tava angustiada, angustiada, triste, vontade de chorar, não tinha motivo. E de repente essa entidade veio, chorou, falou se soltou e eu fui embora pra casa feliz. Feliz assim, livre né. Teve uma outra que veio com vontade de destruir mesmo. Sabe, assim? Esse era um dos meus inimigos de vidas passadas. Que já tá lá no hospital, fique bonzinho aí meu amiguinho. Porque é assim. Essa foi muito complicada porque eu fui fechar a janela da cozinha à noite pra dormir, e apareceu uma cara muito feia na minha janela. Fez assim, a cara horrível! E eu só olhei assim e falei: agora na minha casa tem luz. E fechei a janela. Fui pro meu quarto, abri o evangelho, fiz uma prece e fui dormir. No dia seguinte eu vim pra reunião, porque a gente tinha reunião aqui. A reunião de desobsessão. E essa entidade veio né. E ele tava muito bravo, muito, mas muito bravo mesmo, assim. Foi uma coisa horrível. E ele dizia/ me travou tudo o meu corpo. E ele dizia que ele me procurou por várias encarnações e não me encontrou. E que nessa/ aí ele falava que ele me encontrou porque nessa encarnação eu me escondi num corpo feminino. Mas ele me achou e ele veio pra me destruir. Ele disse isso com as palavras dele, tenho lá no caderninho. E aí foi doutrinado, deu muito trabalho, judiou muito de mim, mas foi embora, foi pro hospital. Eu fiquei com o meu pescoço todo manchado [risos], depois disso. Isso não está no caderno, porque eu não anotei. Entendeu? E quando ele foi embora/ no dia seguinte, tem um outro caso semelhante, mas esse está no caderno. Esse que eu estou falando não está no caderno. No dia seguinte eu lavei o rosto e, quando eu fui passar os meus cremes e, quando eu passei a mão assim tava tudo manchado. Eu falei: meu Deus, o quê que é isso? Rapidinho, eu liguei pro responsável pela reunião. Falei: olha, o meu pescoço tá assim, assim, assado! E aí ele falou assim: “não, não se preocupa não. Nossa! Você tem uma mediunidade bonita! Você tem muito ectoplasma” que não sei o quê. Eu nem sabia o que era isso, né. Mas, assim, eu me senti muito bem depois disso daí. Muita coisa assim começou a mudar. Porque essa entidade ela dizia que tentou me destruir por várias vezes. Então lembrando episódios que eu não contei, tem sentido. É... uma época eu andando na rua eu sentia que alguém me puxava. Como se fosse me jogar embaixo dos carros. Sabe? E outro alguém me puxava pra calçada. Então quer dizer, era a briga entre o bem e o mal. Alguém queria me destruir, mas alguém queria me salvar, né. Isso aconteceu por várias vezes. Então olhando por esse lado faz sentido, né. E fora outras coisas também. Mas, foi isso daí.

62. E.M: Uhum, Tá... [*E.M confere as perguntas já feitas e aquelas por fazer*]. Você acha assim, que as experiências que você teve de mediunidade, elas afetaram a maneira de você se enxergar como pessoa? Mudou a maneira de você se ver?

63. C.: Mudou pra melhor. Muito, pra muito melhor. Cê entendeu? Me fez eu enxergar que eu sou um ser único, eu sou um ser de Deus. Eu vim aqui pra aprender. Entendeu? Pra aprender com as próprias cabeçadas que eu dei, com os erros que eu dei. Aprender a fazer o bem às pessoas. Não importa se elas vão dizer um muito obrigado ou não. Entendeu? É...

me mudou no sentido/ isso daí só aperfeiçoou, porque nesse caso eu sempre fui assim. De alguém chegar pra mim e falar: me arruma uma blusa que eu tô com frio. E eu tenho duas e eu pego, dou uma e fico só com uma. Não importa se amanhã eu não vou ter outra, se aquela tá suja. Não importa. Sabe? Então aperfeiçoou esse meu lado. Sabe, de doar. Esse meu lado aperfeiçoou. E isso daí [risos], agora em casa tá a briga entre o bem e o mal. Porque eu sou assim e o meu marido é o contrário, e ele não dá nada pra ninguém. Então a gente tá brigando muito por isso. Mas isso não vem ao caso. É mais uma experiência pela qual eu tenho que passar. Né? Então é isso aí.

64. E.M: E você acha que mudou a maneira também das pessoas te verem?

65. C.: Algumas se afastaram. Tá? Por que se afastaram? Algumas pessoas ainda vêm o Espiritismo como uma coisa má. Entendeu? Então de repente você é um espírita, você é um macumbeiro. Sabe? Então algumas pessoas se afastaram sim. Principalmente as da minha rua [risos]. Mal me falam bom dia, boa tarde. Mas isso não me importa, não. Um dia eles vão acordar e vão querer, "ah, quero ir lá também", Sabe? Isso não me preocupa não.

66. E.M: Você já chegou a sofrer uma situação assim de discriminação por conta disso?

67. C.: Não. Não. Não sei o que seria uma discriminação. Por exemplo, chega um evangélico na porta da minha casa, é quer por que quer me fazer ler a bíblia. Eu não sei se isso é uma discriminação [risos]. Primeiro eu vou contar o remédio e depois/ e aí eu falo assim: olha bem, eu já tenho a minha religião. Eu já sou espírita. A pessoa fecha a bíblia e sai correndo [risos], Se isso é uma discriminação eu não sei. Mas eu sofreria discriminação pelos meus pais.

68. E.M: Ah Sei. Se eles estivessem aqui. Eles estão vivos ainda?

69. C.: Estão vivos.

70. E.M: Lá em Paraná?

71. C.: Lá no Paraná. Eu pretendo fazer uma visita pra eles. Estou enrolando porque acredito eu que eles já sabem que eu abracei a doutrina espírita. Porque é a que mais se parece/ a que mais eu me encaixo. Sabe? As coisas da doutrina espírita são as coisas que eu sempre acreditei desde pequena. As coisas que acontecem. Porque desde pequena eu nunca acreditei: morreu, foi pro céu, morreu foi pro inferno. Quem é que vai julgar se você tá apto pra ir pro céu? Não é? É o pastor? E quem é que vai julgar que o pastor está apto pra te falar isso? Falo isso porque eu já fui casada com um pastor. Ele me deixava num quarto de hotel e ia pra uma boate. Então eu falo com certeza daquilo que eu tô falando. Então eu temo sim ir pra casa dos meus pais, porque eu sei que vou chegar lá e a porta vai tá fechada pra mim. Mas isso não importa, eu os amo do mesmo jeito.

72. E.M: A relação com a sua mãe, como é que foi? [risos].

73. C.: Pouco falei dela, né?

74. E.M: É.

75. C.: Sabe por quê? Porque eu acho que é mais fácil você lembrar da dor do que lembrar do sorriso. É muito mais fácil você lembrar de uma briga do que você se lembrar de um palhaço que tava fazendo uma graça. Você é psicólogo, você sabe disso. A minha mãe era uma pessoa neutra, muito submissa, sabe? Era muito submissa. Meu pai era o sargento. Minha mãe casou aos dezessete anos. Pegou um homem viúvo com uma filha. Minha mãe veio de posses, de repente, pegou um marido arranjado que não tinha posses nenhuma. Fez ela sofrer pra caramba. Então ela aprendeu a se calar diante de tudo. Sabe? Sempre se calou diante de tudo. Então a minha mãe sempre foi neutra. A minha mãe sempre torceu pela minha felicidade. Mas, pouco podia fazer. Porque quem dava as cartas era o meu pai. Então, por isso eu falei muito pouco dela. Sabe? Porque eu quero isentar a minha mãe das mágoas. Nas mágoas só ficou o meu pai. Mas assim, eu não tenho mais mágoa do meu pai. Eu... a gente já fez as pazes. Eu já o perdoei. Sei lá! Ele fez o que ele achava que tinha que fazer. Né? Os castigos. Na época dele, uma pessoa não virgem era tida como uma pessoa qualquer, né? Então, na época dele, mesmo eu tendo sido uma criança, na cabeça dele, se todo mundo soubesse, nossa! Ia recriminar isso e aquilo. Porque o meu pai ficou preso lá no passado. Sabe? Preso há quarenta e cinco anos atrás. O meu pai não evoluiu. A cabeça dele não evoluiu. Então eu defendo a minha mãe. Eu tinha muitas mágoas do meu pai. Hoje não. A gente conversa a gente brinca. Eu, por incrível que pareça, eu sou a única filha que chega lá, arranca a camisa do meu pai, mordo as costas dele. Às vezes ele tá com dor na coluna, eu abaixo a roupa dele, até a bunda ficar de fora. E faço massagem nele. Inteirinha no corpo dele. E quando eu não faço, ele pede. Eu sou a única – somos sete meninas e oito meninos – eu sou a única que sento numa conversa particular, como eu tive com ele a duas vezes. Que sento pra conversar com ele de igual pra igual. Falo pra ele de igual pra igual. Falamos de sexo. Sabe? Explico algumas coisas pra ele. E... e ele se abre comigo. Nem meus irmãos conseguem esse feito. Então eu acho que eu evolui. Né? No meio de tanta dor eu evolui. Eu evolui. Eu aprendi. Entendeu? Como chegar ao coração dele. Achei o caminho. Né? Então... minha mãe não. A minha mãe sempre a gente foi confidente. A minha mãe, a minha mãe sempre me fala das dores dela. Essas mesmas dores que eu te passei, ela teve umas semelhantes. Entendeu? E a minha mãe se

abre comigo, não se abre com as outras filhas. Eu não tenho porque ter mágoa deles ,né. Eles fizeram o que podiam. O resto foi comigo. Eu cresci vinte e dois anos, se a minha vida entortou, a única culpada fui eu mesma. Fui eu que escolhi. Minha mãe não. Minha mãe é minha heroína. Teve dezessete filhos, todos em casa. Nunca tomou uma injeção pra parir um filho. Não sabe o que é uma cesariana. Minha mãe é uma mulher com oitenta e quatro anos. Nunca fez um exame ginecológico. Nunca. Ela coloca uma calçinha hoje, ela tira amanhã, tá limpinha. É difícil achar uma mulher assim hoje. Né? Tudo, já tá tudo estragada, tudo indo pra médico. Fazendo um monte de coisas. Minha mãe não. Minha heroína. Meu exemplo de vida.

76. E.M: E os seus filhos? Como é que são as relações com eles. São filhas, né?

77. C.: Filhas [risos]. Olha, hoje, as relações com as minhas filhas, são boas. Mas antes não eram muito não. É por causa da rebeldia, né? Eu fui uma adolescente muito assim, presa. Eu fui criada fora do mundo. Então eu não sabia, eu não tinha base pra lidar com as minhas filhas. Sabe? Eu não tinha base pra lidar com elas. Eu, não... foram assim umas meninas revoltadas. Mas depois tudo se encaixou, cada uma casou. Sempre tá na minha casa. Quando eu posso, eu vou visitar elas. Que eu não sou muito de ir na casa não. Entendeu? Não me envolvo na vida pessoal delas, porque eu acho que a boa sogra não se mete na vida dos genros. Né? Quando elas estão com problemas, sempre tento mostra o caminho certo. Sempre tento mostrar o que elas têm que fazer pra dar certo. Aquilo que eu acho que tá certo, né? E... mas somos amigas. Agora, a minha pequeninha, a minha pequeninha é o meu tudo. Não que as outras não sejam, né? É que as outras são de uma etapa da vida.

78. E.M: Diferente.

79. C.: É. E ela é de outra etapa. As outras eu não pude criar. Ficaram com a minha mãe. Eu trouxe depois. A pequeninha não. A pequeninha se você me fizer chorar ela chora junto [risos]. Então você vê o quanto ela é a minha metade, sabe? Ontem eu tive uma discussão com o pai dela por causa de besteira. Ele, né... ele me magoou. Ele falou uma coisa que não devia ter falado. E por incrível que pareça ela me abraçou e começou a chorar. Junto comigo. E ele ficou assim... Eu falei: pensa você que se eu for embora de casa minha filha fica com você? Manda ela escolher. Então a minha filhinha ela é tudo. É o meu raiozinho de sol.

80. E.M: Tá. Deixa eu te perguntar mais uma coisa. Você, no caso assim, por exemplo, você/ agora mais com relação a sua mediunidade.

81. C.: Huhum.

82. E.M: Você/ os espíritos que se comunicam com você, você tem algum mentor com o qual você se relaciona mais, que te acompanha? Não?

83. C.: Não. Todos nós – eu vou falar no geral – temos um mentor. O nosso anjo da guarda. Né? Que tá ali sempre te guiando. Oh, coisa simples. Às vezes eu tenho um determinado pensamento. Às vezes eu vou fazer uma coisa, e aquele pensamento: olha, vai dar errado. Se você fizer você vai se arrepender. E eu vou lá e faço, e quebro a cara. Não seria o meu anjo da guarda? O meu mentor?

84. E.M: Mas você o vê? Você se relaciona com ele?

85. C.: Não. Olha. Engraçado que eu não o vejo. Eu sinto a presença. Ele está fazendo umas graçinhas comigo aqui. Outro dia eu falei pra ele assim, falei: você não se mostra pra mim. Eu não sei quem é você. Você me cuida o tempo todo, mas eu não sei quem é você. Então um dia eu vi um par de olhos. Aí outro dia eu vi só um pedaço da boca. Aí eu falei: cê está brincando comigo, montar um quebra cabeça né. Mas, não importa se eu souber se o meu mentor é um homem ou uma mulher, se é bonito ou se é feio. Sabe? Eu acho que o nome, a pessoa em si, o ser em si, não importa. O importante é você saber que você tem um anjo da guarda que você confia, que você sabe que a todo e qualquer momento vai tá ali, falando com você, te intuindo nas coisas que você tem que fazer, que você não tem que fazer, no que tá certo, no que tá errado. Eu acho que o que importa mesmo é o conselho, que ele te passa. Entendeu? Ele aparecer pra mim com asas ou com uma auréola na cabeça, não vai interferir no que eu sinto. Entendeu? Na confiança que eu tenho.

86. E.M: Quando você está trabalhando, você comentou que é... como se você, daqui pra baixo, do pescoço pra baixo, você não sentisse mais nada.

87. C.: Então, isso aconteceu quando eu precisei da certeza que eu tinha uma mediunidade, né?

88. E.M: Ah tá.

89. C.: Quando eu estou trabalhando, dependendo da entidade que se aproxima, eu sinto frio ou calor. Tristeza ou alegria. Tá? Eu já tive entidade que se aproximou de mim, entidade que me faz sentir muito frio: os coitados dos andarilhos que desencarnam proveniente do frio que eles sofrem.

90. E.M: Mendigos.

91. C.: Isso, Isso daí. Um médium já conceituado, ele me explicou o seguinte: que a entidade que desencarna muito rápido ela não temo tempo de sentir frio. Por isso, diz que o corpo vai esfriando devagarzinho e, quando vai desligando o perispírito né, da matéria, então diz que vai desligando muito de vagar pra poder liberar né, o espírito. Mais eu já senti muito diferente. Eu sinto que quando vem uma entidade que é um andarilho, desencarnou proveniente da falta de cuidados, cobertor, no frio, é aquele frio, muito frio. E quando já é uma entidade que desencarnou por um outro motivo normal, outro motivo qualquer, não, já não dá todas essas crises. Quando é uma entidade que tá sofrendo, eu sinto muita tristeza. Do nada! É...

92. E.M: E você sente aquela compulsão pra falar?

93. C.: Pra falar, ou pra choro. Entendeu? Às vezes eu estou aqui concentrada e de repente passa na minha cabeça. Primeiro eu vejo um quadro, eu não sei se acontece isso com todo mundo. É eu tô aqui de olhos fechados, concentrada, né, à disposição e de repente eu vejo um quadro. Eu vejo um rosto. Ou eu vejo um quadro.

94. E.M: Isso de olhos fechados?

95. C.: É, de olhos fechados. Sabe, é muito interessante porque você tá assim ou assim – não importa onde cê tá com a mão – e de repente dentro da tua cabeça, você vê com o olho da alma. Você não vê com o olho da matéria. Se você abrir o olho você não vai ver nada, quebra a tua concentração, né. Eu, geralmente, eu vejo um quadro. É como se passasse um filme, sabe aquelas maquininhas, que você apertando um botãozinho, vai vendo um filme? Na tua infância deve ter tido. E aí assim, você vê um flash de alguma coisa. Então apaga-se o flash, e a entidade começa a falar. Você sente um impulso de abrir a boca, de falar, mas não é você que tá falando. É a entidade que tá do teu lado que tá falando e você vai captando e tá passando. Entendeu?

96. E.M: E depois como é que você fica, como você se sente?

97. C.: Não. Quando ela se retira é normal, é como se você pegasse um imã e colocasse no metal. Ele vai grudar o metal, né? E ali cê faz o que quiser. Você puxa o imã pra onde você quiser o metal vai. Né? Você tira o imã, o metal fica lá. Ele não vai pra lugar nenhum. É a mesma coisa. A entidade vem, eu falo o que ela quer falar. Muita coisa eu seguro, né? Que tem uns que vêm com vontade de xingar, você tem que segurar [risos]. Entendeu? E a entidade sai e você continua aqui. Entendeu? Geralmente quando ela sai a gente sente um impulso de dar *[puxa o ar]* aquela respirada. Assim, sabe? A gente sente aquele impulso de respirar. Não sei se pra todo mundo é igual. Algumas vêm e vai e eu não sinto nada. Só sinto a presença delas e não sinto mais nada. Outro dia eu estava de olho fechado e alguém fez assim pra mim, né, estendeu a mão e na mão tinha uma flor, a coisa mais linda. Eu tava de olhos fechados. E alguém me ofereceu aquela flor. E depois ele deixou um nome pra mim. Sabe? Pra mim escrever. E eu escrevi o nome no papel. A hora que eu me lembrei do nome rapidinho pus no papel. Era uma entidade que tinha vindo aqui, que no começo foi um dos pioneiros da droga no Brasil. Sabe? Então ele já está desencarnado, há mais de cinquenta anos terrenos. Que pra eles o tempo não existe, só pra nós aqui, né? E... essa entidade eu tive o prazer de receber essa entidade, era uma entidade trevosa, sofredora. E de repente ele recebeu tratamento, aceitou tratamento, tudo, e hoje ele tá se tornando um dos caravaneiros, tá trabalhando em prol de ajudar os espíritos do outro lado. Isso pra quem acredita, nós que acreditamos, né.

98. E.M: Não, lógico.

99. C.: Entendeu? E esse ele deixou um nome: João Luís. Você vai achar ele lá no meu caderninho. Ele é uma/ se tornou uma entidade assim.../ quando ele tomou consciência de que ele estragou muitos lares, então agora ele diz que ele quer ajudar a refazer esses lares. Mas muitos já desencarnaram, né? Mas que então ele vai trabalhar em prol de intuir as pessoas a não usar drogas. Ajudar com relação a drogas, né? Porque as drogas estão muito difíceis. E essa entidade eu acho que veio pra mim por afinidade, porque geralmente dizem que a gente recebe as que a gente tem afinidade, né? E veio pra mim por afinidade. E eu tô muito feliz porque ele de vez em quando faz contato comigo e eu o vejo sempre... quando ele era trevoso, ele tava lá com umas roupas pretas, todo esfarrapado, e agora, quando eu o vejo, nos meus flashes, ele tá sempre de terno branco, um chapéu branco na cabeça e uma gravata amarela, sabe? E ele gira num pé só. E ele fala: “olha como eu tô bonito”. Então, você como psicólogo se for olhar só pelo lado da psicologia, vai falar: “putz, essa mulher tá louca”. Sabe? Mas se você consegue se concentrar e consegue sentir a vibração, consegue ver dentro da tua mente as coisas, é um trabalho lindo pra caramba. Sabe? Eu quero morrer médium, né? [risos]. O meu marido é ateu; se ele não se converter, eu sinto muito [risos]. Mas eu não posso abrir mão daquilo que me faz feliz.

100. E.M: É. Você... essa é uma pergunta que eu queria te fazer, né, eu faço pra todos os médiuns. Se um dia você deixasse a sua mediunidade/ vamos supor que por algum motivo você fale: “olha, eu não vou mais trabalhar, não vou vir mais pro centro”. Como é que você acha que seria a sua vida?

101. C.: Atormentada como foi no passado.

102. E.M: Você voltaria ao que era antes?

103. C.: Não, eu não voltaria a passar naquele lugar. Isso não. Porque lá foi um aprendizado. Eu tinha que estar lá, pra ensinar alguma coisa e para aprender alguma coisa. Mas eu acho que voltaria a... o sofrimento, as dores, o mau humor. Aquele sentimento de rejeição... Aquele sentimento: ninguém me ama ninguém me quer. Sabe? Até por que eu tenho uma história que diz tudo isso, né? Então de repente eu deixo algo que me faz feliz, como é que eu vou me sentir? Infeliz não é? Se você deixa de fazer algo que você tá feliz; ah! Não vou mais fazer. Você vai ficar infeliz. Entendeu? Se eu tivesse que deixar por algum motivo, eu com certeza estaria infeliz. Ou então eu ia trabalhar num hospital nem que fosse de voluntária. Talvez eu ficaria feliz assim. O que me faz feliz é ajudar os outros. Se eu não posso ajudar os vivos, deixa eu ajudar os mortos, né? [risos].

104. E.M: Deixa eu te perguntar. No caso a escolha pelo que/ você trabalha nesse trabalho de desobsessão há quanto tempo, mais ou menos?

105.C.: Vai fazer um ano.

106. E.M: Um ano, né? Você foi escolhida ou você escolheu?

107. C.: Eu escolhi.

108. E.M: Você escolheu?

109. C.: Eu escolhi.

110. E.M: Tinha algum motivo pra você ter escolhido esse tipo de trabalho, não?

111. C.: Eu me encantei com o trabalho. Eu me encantei com o outro lado. Ó, uma coisa que/ Essa coisa de voar que me acontecia quando era criança, tá voltando! Cê entendeu? Então eu acho que eu estou resgatando a pureza da alma, que na minha infância eu tinha. E eu perdi. Porque só via tragédia, tragédia, tragédia. Então tudo escureceu. Então isso está voltando. Sabe? E eu me encanto com o outro lado. Claro que eu amo esse lado de cá. Mas o outro lado também é encantador. Sabe? Então, às vezes, em desdobramento [*experiência fora do corpo*] eu vou a alguns lugares que eu não preciso andar com os meus pés no chão. É incrível porque às vezes eu dou um impulso assim e eu deslizo e de repente eu me vejo em outro lugar. Sabe? E isso daí só veio aperfeiçoar aquilo que eu acreditava na minha infância. Eu gosto disso daí.

112. E.M: Tá. É, mas porque é assim, esse trabalho é um trabalho voltado mais pra... pra drogaditos, né?

113. C.: Não, não, não. O trabalho de sábado é sim para os drogados, né? Mas tem o trabalho da terça-feira. Você não veio na terça, né?

114. E.M: Ah, na terça-feira não.

115. C.: Quer vir na terça conhecer o trabalho?

116. E.M: Posso vir.

117. C.: Te convido. Hoje.

118: E.M: Hoje vai ter, né?

119. C.: Hoje vai ter. Eu te convido. Pode vir. E se você chegar antes de mim, você fala: “não, eu sou convidado da/” ou se/ quem é que vai estar aqui hoje à noite? Se a A.M estiver, tudo bem. Cê já a conhece. Se não, se estiver a M.A...

120. E.M: A A.M eu conheço, já cheguei a entrevistar.

121. C.: Então, a A.M você conhece. Foi a primeira que você entrevistou. Ela é a presidente daqui da casa. E tem o W, também, você devia entrevistar o W. Ele não é desse centro, ele é do Batuira. Mas o cara tem uma bagagem. Um outro que cê... o Z. você já fez entrevista com ele? Ele é seu amigo né?

122. E.M: É, eu conheço ele.

123. C.: E por que você não entrevistou ele?

124. E.M: É porque, na verdade, é assim, eu tenho uma ligação com ele e com a família, grande...

125. C.: Ah, então aí não pode.

126. E.M: ...então atrapalharia, né.

127. C.: Será que atrapalharia? Eu acho que é só você separar o profissional do...

128. E.M: Mas acho que ele próprio não quer. Ele mesmo já...

129. C.: Ele tem uma mediunidade muito bonita. E ele tem muito conhecimento. Eu tô engatinhando, ainda. Porque eu tô estudando. Ele já/ bom, até por que ele já tem seus sessenta [anos] e tralálá, né?

130. E.M: Ele trabalha na sessão de...

131. C.: Não, na terça-feira sou eu, a M.A, a A.M, a D. L. Que também é uma pessoa muito assim... estuda muito, né? Como eu estudo há pouco tempo, eu não tenho muita bagagem. Mais assim/ de repente estou eu lá numa reunião, e está tendo assim/ estão falando de alguma/ aquela palestra [está se referindo a uma palestra no centro a qual o pesquisador também assistiu] o moço falando, falando, falando, você veio na palestra, né? E eu tô aqui assim: poxa, mas eu já sei de tudo isso! Eu só não consigo pôr pra fora. Sabe? Aqui dentro já tá tudo registrado. Mas eu não consigo pôr pra fora ainda. Não chegou o momento. Entendeu? Não sei, eu acho que eu não respondi a sua pergunta.

132. E.M: É... a escolha desse trabalho. Mas é porque na verdade você vem nos dois. Na verdade, né?

133. C.: Eu venho nos dois, é do da terça-feira.

134. E.M: A escolha não foi por um específico. Foi pelo trabalho de desobsessão em si.

135. C.: Não, não, foi pelo trabalho.

136. E.M: Isso, entendi.

137. C.: Foi aquela coisa assim: ajudar, conseguir ajudar um ser que tá lá do outro lado. Isso é divino. Sabe? Um ser que você não pode pegar? É divino. Um ser que você não pode olhar com o olho da carne. Mas que você sabe que tá ali. Cê já assistiu [o filme] “A cidade dos anjos”?

138. E.M: Já, já assisti.

139. C.: Tem aquela parte que o homem fala assim: “eu sei que você/ eu não te conheço, eu não te vejo, mas eu sei que você está aí”. É mais ou menos parecido. Entendeu? Então eu abracei a causa pelo trabalho em si. Mas não porque tem um quadro específico, drogado ou não drogado. Entendeu? É lógico que o drogado eu sinto mais assim/ se fosse palpável eu sentiria aquela vontade de pegar no colo, de abraçar, de dar carinho. Olha, eu tô aqui. Sabe? Se eu pudesse apalpar seria essa a minha atitude. Mas como eu não posso, então eu me doo. Dôo o meu coração. E o de terça-feira é mais voltado pra toda e qualquer entidade que desencarna. Um suicida, alcoólatra, não alcoólatra, acidentado. Sabe assim? Que sofreu um acidente brusco. Já não tem uma especialidade, entendeu? São todos em geral. O trabalho da terça-feira, mas também é um trabalho muito bonito. Também às vezes vêm uns drogadinhos aí, nesse trabalho.

140. E.M: Tá. É... deixa eu ver se tem mais alguma coisa pra te perguntar. É, assim, a vida social sua, e o lazer. Eu queria saber um pouquinho o que você faz. Você tá trabalhando com o que agora?

141. C.: Não. Olha, hoje/ quando eu fui viver com esse cidadão aí, que eu já tô quase mandando ele embora. Não tô agüentando mais. Bom, minha união com ele já tá lá trás. Foi unir o útil ao agradável. Eu precisava ter as minhas filhas comigo, minha mãe só me dava se eu tivesse um marido. Ele era carente e precisava de alguém que o desse carinho. Eu precisava de um pai. Juntei tudo num pacote, aí! Só que hoje isso tá me trazendo muitos problemas, porque ele é contra tudo o que eu faço, ele é contra tudo o que eu acredito. Ele se tornou uma pessoa assim... como que eu vou te dizer? Ele criou um mundinho assim e ele entrou nesse mundinho. E ele queria que eu entrasse nesse mundinho. No começo eu até tentei entrar nesse mundinho. Só que eu estava muito infeliz. Eu estava muito amarga. Eu sou um espírito livre. Eu quero voar. E ele no começo cortou as minhas asas. Então de repente eu comecei, me tornei como se fosse uma borboleta saindo de um casulo. Comecei a esticar as minhas asas. Aqui [o centro] foi assim o meu refúgio. E a gente está tendo muito atrito por causa disso, né? Mas eu não deixo de curtir o meu lazer. Eu saio muito, mas eu só saio com a minha filha. Porque ele não gosta de sair de casa, ele não gosta de passear. Ele é um homem muito materialista. Ele não sai de casa para não ter que gastar dinheiro. Mas ganha cinco mil reais por mês. Entendeu? Ele dá tchau com a mão fechada. Então a minha vida se resume em: eu e a V.M [filha pequena]. Que se você passar na minha casa agora e pegar o caderno, você vai ter o prazer de conhecer. É uma garota linda. Minha amiga. Então a gente vai pra cinema, a gente vai pra shopping, a gente vai pra passear no horto, até no núcleo do engordador. A gente adora passear no mato, e ela gosta também. Nós vamos pescar. E tenho o meu lazer com a minha filha, porque com ele não dá pra ter. Ele discorda de tudo. Se eu gosto do vermelho ele gosta do preto. Se eu falo que eu gosto do preto ele gosta do azul. Se eu falo que gosto do azul ele já não gosta mais. Já gosta do cinza. Então, pra não ter atrito eu convido. Vamos? [Ele diz]: “não”. Então tá bom. Tô indo com a minha filha. E a gente sai nós duas. Sabe?

142. E.M: Essa filha você teve com ele?

143. C.: Com ele. Com ele. Ela é o meu raiozinho de sol. As minhas outras trabalham. Né? Então quase não tem tempo. A gente se vê muito pouco. A gente se fala muito por telefone. Então não dá muito pra conviver com elas, porque elas agora têm a vida delas. E eu tenho que respeitar. Né? Tem os maridos. Elas agora têm que viver a vida delas. Não posso ficar me envolvendo na vida delas, nem me metendo nos assuntos da vida delas. Então neste momento a minha.../estou voltada pra pequena que é quem precisa de orientação, de carinho, de atenção e de cuidados. É isso aí.

144. E.M: Tá bom. Obrigado. [risos].

145. C.: Você conseguiu um feito...

_____//_____

E, 39 anos, servidor público.

Local: uma das salas de reuniões do centro espírita Pascoal Tróvelle.

DATA DA ENTREVISTA (21/07/2009)

1. E.M: Só peço que você comece falando o seu nome, e a idade, pra eu ter como um registro.

2. E: Nome completo?

3. E.M: Pode ser o primeiro nome, só pra eu ter como registro.

4. E: Tá. E, 39 anos. A minha história de vida ela é... ela é bem simples, não é marcada por nenhum acontecimento... é... mais relevante assim. Eu nasci em Guarulhos – vou começar desde o início – nasci em Guarulhos, sou terceiro filho, é... meus pais são do interior. Somos três irmãos, né. Não tenho irmãs, só irmãos, somos em três irmãos. É... a vida bem simples, que nós passamos. Meu pai não tinha instrução, eu já tava estudando quando ele fez Mobral, a minha mãe estudou até quarta série, mas eles conseguiram aqui em São Paulo ter um imóvel, ter um lar, e... dar aos filhos aquilo que eles talvez não tiveram nas suas vidas. Então, nós tivemos oportunidade de estudar, claro que precisamos trabalhar cedo; eu, por ser o caçula, não precisei trabalhar tão cedo, eu fui trabalhar com 18 anos. Depois dos 18, né, que eu comecei o meu primeiro emprego com 19, mas os meus irmãos eles começaram mais cedo: um com 13 e outro com 15 anos. E... convivia – convivo, né – convivia com meus pais, depois eu também casei. Recentemente aí, na coisa de uns dez anos (mais ou menos) eles se separaram, né, mas aí todos já estávamos/ tinham tomado o rumo na vida. É... vivi sempre – até os 23 anos mais ou menos – vivi na mesma casa, né, que essa casa onde praticamente nasci. Estudava ao lado de casa, o primário. Da primeira à quarta série, né. Depois da quinta ao colegial, estudei numa outra escola, todas estaduais, Guarulhos. Meus amigos eram os amigos da rua, né, ou são ainda, mas a gente não tem muito contato, e da escola. Então foi uma vida assim que não teve muitas mudanças, né. A não ser a partir dos 22 pra 23, quando eu fui estudar lá perto de Pinheiros, e aí depois acabei morando por lá, trabalhando por lá, à noite. Morei um tempo sozinho, né. Depois casei (sorri). Em 96 eu casei. Já tive filhos logo cedo no casamento. E em 2003 não consegui continuar com o casamento, separei. Nos separamos, porque não fui eu só, foi uma decisão conjunta. Tenho os filhos desse casamento. Isso foi em 2003. Em 2006 eu... comecei a ter um novo relacionamento, e hoje moro com uma pessoa, né, a minha atual esposa que é a Cr.

5. E.M: Tá.

6. E: É... *[pausa mais longa]*. E o Espiritismo ele começou na minha vida bem cedo, né, com a minha mãe, ela é espírita, e... já de influência do pai dela. E... ela que em *[nome do local]*, onde eu moro, ela já procurou um... desde cedo uma casa espírita pra freqüentar. Então no começo ela morava na vila Galvão, e a casa espírita mais próxima era o centro espírita Nosso lar. Então ela começou – aqui na *[nome da rua]* – começou a freqüentar. E de forma que eu freqüentava a casa espírita já com ela, né, quando ela ia ela me levava. Tinha aquelas reuniões próprias para crianças, que era a infância, chamada de Moral Cristã, Evangelização infantil. E aí eu comecei a freqüentar essas reuniões; apareceu os convites pra... ir pra mocidade, pra fazer os estudos no centro. E assim eu fui... me interessando, e quando eu tinha uma certa idade, eu comecei a ir por conta própria ao centro. Já com...

7. E.M: Nisso você tinha quantos anos, quando começou?

8. E: Ir por conta própria, eu tinha 11 anos.

9. E.M: Antes disso, você ia com a sua mãe?

10. E: Antes eu ia sempre com ela. E com onze anos de idade eu comecei a ir sozinho, que a gente morava/ num tinha grande problema de você/ naquela época, a gente podia sair, não tinha tanto risco como é hoje, né. Hoje eu não deixo a minha filha sair sozinha, nem a mãe dela deixa, né. Mas naquela época a gente/ os pais tinham uma confiança maior no mundo, então com 11 anos eu já descia; era um caminho simples de fazer, né. Com 13 anos eu comecei a participar da mocidade espírita, e com 15 anos eu comecei o curso, né. Aí foi a convite, porque... as idades não bate com as atividades. Eu era um pouco precoce para as atividades. Mas como eu já tive interesse, estudava, eu tinha um/ talvez uma maturidade, né, então eu acabei indo participar desses grupos. E até eu começar o curso de doutrina, eu não tinha, é... consciência, né, do uso da mediunidade. Essa consciência ela veio forte quando eu estava com os meus 18 anos de idade, né. Então até essa idade eu não tinha uma consciência da minha capacidade mediúnica. Mas sabia que não era

nenhum bicho de sete cabeças, algo que eu não compreenderia, porque como... pra mim, o conhecimento espírita ele veio na infância, né, e eu continuei tendo, estudando, pra mim era uma coisa natural, a... a relação com os espíritos, né. Eu lembro que também, quando morria alguém, dificilmente eu ficava chocado com isso. Teve uma tia que veio em casa pra cuidar dos médicos, eu tinha aí uns 8 anos de idade, mais ou menos, 9, e eu lembro que no dia que ela morreu eu tava brincando na rua, né, e os meus colegas de rua falavam pra mim: “mas você, sua tinha morreu, cê tá aí brincando na rua?”. Não, mas, pra mim não tinha nenhuma – e acho que até hoje não tem – consequência muito dolorosa, a não ser a ausência da pessoa, mas como essa minha tia sofria de paralisia infantil, já naquela época eu achava que ela ia estar melhor, do que totalmente dependente como ela era. Então não tinha esse peso, né, de dor, de sofrimento, que as outras pessoas colocam nessa/ na morte, né. E também, lembro também que eu tirei nota/ uma nota... acho que eu tirei zero numa prova de história, porque – na quinta série – porque uma professora perguntou como havia surgido o Homem na Terra, né, e eu coloquei o que tá no Livro dos Espíritos, né, (risos). Eu não sabia que era pra colocar outras coisas. E... aí ele me deu zero, mas tudo bem, eu vou (risos), ele não compactuava com a minha idéia. Também não sei se ele tem alguma explicação pra origem do Homem na Terra ou se é/ ou é evolução das espécies, né, ou Adão e Eva. Eu não sei até hoje o quê que ele queria que eu colocasse.

11. E.M: (risos).

12. E: (risos). Né? Mas é discutível muito isso aí. Então o conhecimento espírita ele era natural na vida. E... na fase adulta – eu sempre digo – que esse meu envolvimento com o Centro Espírita me deu um alicerce muito grande pra fase adulta, porque eu não me envolvi só com o conhecimento, né. Todo o jovem tem um grupo, e se reúne com a turma. E a minha turma era a turma do centro, mais forte, né. Dos 13 até os meus/ até o fim da adolescência – que acaba nos 20, 21, 22 – eu tinha um grupo do centro espírita. Então a gente se reunia muito, a gente fazia as coisas juntos, a gente desenvolveu atividade com teatro, a gente saía junto, estudava junto, né. Então isso, essa relação... é... pra mim, foi muito... importante, porque eu tenho os meus irmãos de sangue, e tinha aqueles que eram – e são – os meus irmãos que freqüentavam a mocidade, que me orientavam. Eu era o mais novo também do grupo. Eu também sofri uma orientação assim por parte deles, né, e pra mim foi importante, né, porque eu era muito inibido, perdi a inibição. Algumas, é... / as atividades, por exemplo, com o teatro, me ajudaram muito no... na minha forma de me expressar, é... comecei a escrever por causa da doutrina espírita, porque a gente tinha um jornalzinho, tal, então eu comecei a exercitar a redação. Então muitas coisas da minha/ que eu tenho hoje, enquanto adulto, o início desse desenvolvimento se deu nessa fase, né, de freqüência ao centro espírita. Não posso dizer/ talvez se eu não tivesse participado... desse movimento na época, né, eu não teria tido contato com tantas coisas como eu tive. Mas eu não posso falar que todo mundo que for pro centro vai ter (risos) essas possibilidades, mas o meu caso, né...

13. E.M: Foi assim.

14. E: Foi assim. Né, então, até pra ter uma idéia, até... participar de um... de uma reunião da Sociedade... Brasileira para o Progresso da Ciência, acho que é isso, né, SBPC?

15. E.M: Isso.

16. E: É. Até uma reunião eu fui, porque o pessoal pagou a inscrição, né, pra eu ver o que tava acontecendo lá e trazer as informações. Então a gente/ eu tive uma/ fiz algumas atividades e só o fiz por causa desse envolvimento com aquelas pessoas. Música também, por exemplo, uma das pessoas tocava piano, tal, prestava conservatório, então me despertou o interesse pela música. Então eu fui e cursei três anos de conservatório, né. Então algumas coisas na minha vida eu devo à esse.../ essa orientação, né, que, talvez os meus pais, por serem mais simples, não saberiam dar, mas ali, aquelas pessoas ali, eu tive, né. De formação profissional, é... eu tentei, numa primeira vez, é... ir pra área acadêmica, mas eu desisti. Eu fui fazer Física, mas eu desisti do curso, depois que já tinha cursado uns três anos, né. Entrei meio que numa crise existencial depois disso, né. Tentei trabalhar como autônomo, fiz algumas coisas que (risos) na época eu achava que podia ser um caminho, e depois eu ingressei no/ sou servidor público, né, aqui em [nome do local] e cursei Pedagogia. No momento eu sou formado em Pedagogia, não para exercer profissionalmente alguma função em escola, ou na educação, mas por interesse pessoal mesmo, que eu fiz o curso de Pedagogia, né. E... então, acho que... é mais ou menos a minha história de vida, é mais ou menos isso. É, o peso da doutrina espírita, um aspecto da minha vida, era a de visão de mundo. Então era muito idealista, e achava/ por exemplo, o meu primeiro casamento, com a minha ex-esposa, era espírita também, achava que a gente ia casar pra vida toda, que era um casamento por afinidade, e já tinha procurado outras coisas, a não ser as afinidades que nós tínhamos, então eu achava que ia ser algo assim duradouro, e não foi, né. Então essa foi (risos) uma das grandes crises assim que eu passei na minha vida, foi essa separação que eu entrei numa depressão, né, logo após o casamento. Mas também não durou muito, né. Acho que uns seis meses depois, eu já tava me endireitando na vida. Nessa época eu fiz terapia.

17. E.M: Você se frustrou um pouco, vamos dizer assim?

18. E: É, eu tinha uma visão de mundo que o casamento não acabaria; que acontecesse o que acontecesse, é... nós conseguiríamos superar os problemas. E não foi isso que aconteceu. Eu passei por um período/ a gente pode falar que é ciúmes patológicos, e depois eu entendi, na terapia, que isso foi uma reação ao que já tava acontecendo dentro do casamento, e... e... na busca de ajuda, né, na época, eu busquei, ajuda com a terapia. A gente ia fazer uma terapia de casal, não deu certo, a gente ainda tava tentando encontrar outro caminho, e aí passamos a fazer terapia individual, e na minha terapia individual, o terapeuta foi trabalhando o desapego, né, foi me preparando (risos), como eu não sou bobo eu já entendi logo o que ia acontecer, né. Porque (nosso trato) de conversa que nós tínhamos, o meu terapeuta falava pra eu ir me desapegando, tal, e a terapeuta da minha ex-esposa, ia falando pra ela ao contrário, pra ela tentar segurar o casamento, eu falei: então já tá explicado o que tá acontecendo, né. Um não quer mais, o outro continua querendo, então a gente precisa acertar isso, né. E aí nós acertamos, né, e foi difícil por causa dos filhos, mas a gente conseguiu estabelecer ali/ ela nunca impôs nenhuma barreira, né. A barreira era eu que não tava bem, na época. Então assim que eu consegui me... estruturar emocionalmente, eu comecei a rotina. Na visita dos filhos, hoje já estabelecidos a rotina. Então pra eles é importante ter essa rotina; pra mim não é o que eu gostaria, mas é o que nós podemos fazer (risos) depois que o casamento termina, né. A relação com os filhos é que fica mais prejudicada, né, da parte daquele que não tem a guarda. Hoje tem a guarda compartilhada, mas eu não sei se vai ser o caminho não, né. Não sei ainda se vai ser. Pra gente, né.

19. E.M: Sei.

20. E: Mas, é... dentro do regime de visitas que a gente tem, eles passam comigo a cada quinze dias, dormem em casa, não necessariamente rigidamente assim, mas eles tão sempre comigo. Dentro daquilo que é possível, né.

21. E.M: Deixa só eu confirmar se tá gravando direitinho... *[E.M confere a gravação de áudio realizada até o momento para verificar se tudo fora gravado de forma audível e adequada. Tendo tomado essa precaução, retomou a entrevista]*. Tá, é... cê comentou um pouquinho dessa... dessa questão que você passou, quando você fez essa/ tentou fazer a faculdade de Física...

22. E: Huhum.

23. E.M: ...e não conseguiu, enfim. Queria que você falasse um pouquinho mais disso, como é que foi esses sentimentos, na época.

24. E: É... todo o jovem assim/ alguns não sabem o que quer mesmo, então vão ver, então, até chegar na fase adulta, ele não sabe mesmo o que quer. E em algum momento da minha vida ali, eu queria ser médico. Então quando eu fiz o... chamava o curso colegial na época, hoje é o ensino médio, né, eu terminei o ensino médio com essa vontade de ser médico, de ser médico homeopata, eu tinha bem já a graduação e a especialização já definida, só que, como fazer que era difícil (risos). Não ia pagar, porque eu não tinha dinheiro pra pagar a faculdade, né, não tinha esse regime de bolsa que hoje existe. Na época eu tinha que fazer o vestibular mesmo e passar numa faculdade pública, né. E... a primeira vez que eu prestei o vestibular, não passei nem na primeira fase. Né, eu achava que eu ia, sem fazer cursinho, sem ter feito inglês por fora, só com o ensino do colégio, eu achava que ia prestar e já ia ter um bom resultado. Mas não foi assim. Então essa eu acho que foi a minha primeira frustração foi esse vestibular que nem na primeira fase eu passei, né. Eu só tinha feito a inscrição pra Fuvest, que era a única que eu queria, tal, tava bem engatilhado (risos). Aí eu fui pondo meus pés no chão, teve a época do exército, eu peguei bolsa num cursinho, era aquele cursinho médio, fiz logo o teste e ganhei uma bolsa...

25. E.M: Cê chegou a passar pelo exército?

26. E: Servi, servi, mas era tiro de guerra, não era... é... era um regime mais leve do que o exército, né. Então eu ficava lá das seis às nove da manhã, tiro de guerra, e uma vez a cada quinze dias, mais ou menos, quatorze dias, a gente ficava de guarda, aí ficava... um dia e uma noite direto lá, né. Das seis às nove; das seis da manhã, às nove do outro dia, a gente ficava direto lá, em regime que eles chamam de guarda, né. Mas foi uma coisa mais leve. Só que você não arruma emprego também, se você não tinha, cê não arruma, né. Então eu consegui uma bolsa num cursinho, e eu fiz esse, o tiro de guerra, junto com o cursinho, né. E aí, no outro ano, eu consegui um emprego, aí fiz cursinho à noite, porque nesse ano não passei de novo, mas já melhorei, já passei da primeira fase, né. E no outro ano, prestei novamente, passei na primeira fase, mas não tinha certeza se eu ia passar na segunda, né. Aí que eu.../ deixa eu pensar, o último ano foi em

90, foi no ano do terceiro colegial, tiro de guerra... no ano seguinte/ Ah! Quando eu fui prestar pela quarta vez, que eu era insistente né, pela quarta vez, aí eu achava que eu tava nem preparado, né, eu pedi a conta no meu trabalho, né, pra me dedicar só à segunda fase, que eu achava que eu ia passar. A melhor colocação que eu tive, foi lá na Unesp, foi/ fiquei em quingentésimo e pouco. Mas tinha mais de oito mil prestando, então até que a classificação foi boa. Só que eu prestei lá na Unesp, pra Medicina, e prestei na Unicamp. E na USP, eu prestei pra Física (risos), que eu já tava começando a pensar em mudar um pouco o caminho, né. E prestei também no cursinho da Póli que tinha lá pra ver se talvez mais um ano de cursinho, né, quem sabe? E aí eu fui aprovado no cursinho da Póli, fui aprovado em Física na USP, né, e... não fui aprovado em Medicina na Unesp, nem na Unicamp. Aí eu resolvi cursar Física, né. A opção pela Física, é que numa daquelas revistas Planeta, né, eu tava lendo a respeito da Psicobiofísica. Uma coisa mais...

27. E.M: Ah, o Hernani Guimarães Andrade.

28. E: É. E também mais – como é que eu posso te falar? – esotérica, né, na época, a revista Planeta. E... tava pensando em migrar pra esse campo no futuro, né, fazer uma ponte. Só que antes de chegar nesse futuro, a gente tem que passar por um... pelo menos lá na USP, era 80% dos alunos de cálculo não tinha aprovação mesmo, só 20% que tinha aprovação. E eu não tinha essa motivação toda pra estudar, então eu ficava me dedicado a outras coisas, às matérias de educação, que eu tinha, que eu adorava, né. *[Nesse instante, uma senhora, freqüentadora do centro, adentra a sala e interrompe brevemente a entrevista para informar E. que já estava indo embora. A entrevista prossegue logo após disso].* E... *[pausa prolongada]*. Então tinha essa/ essa grau de reprovação lá, e eu fiquei nos 80% que levavam – na linguagem que eles falavam lá – levava pau todo semestre, foi ficando desmotivante (sic) pra mim, né. Embora eu já tinha/ durante seis meses, eu vivi com o dinheiro que eu tinha guardado; aí no outro semestre, logo que eu passei, eu já tinha conseguido uma escola pra dar aula com aquele regime de professor-aluno, né. Então eu trabalhava ao lado da... *[A mesma senhora interrompe uma vez mais a entrevista e logo sai].* É...

29. E.M: E aí você teve essa reprovação, né, 80%.

30. E: É, então, e eu fiquei desmotivado com a matéria, né. Eu tenho um plano ainda de pegar os livros de cálculo, porque as aulas de Física eu ia bem, de Química eu ia bem, educação eu ia bem, mas o cálculo, chegou uma hora que era pré-requisito pra cursar/ que lá você se matricula por matérias, num sistema de créditos. Só que pra você cursar uma determinada matéria, você precisa ter os pré-requisitos. E aí quando o cálculo começou a atrapalhar as minhas matrículas, né, eu resolvi não trancar, não tranquei, eu cancelei a matrícula. Mas eu tava no caminho de ser jubilado também, né, eu achava que se eu continuasse naquele ritmo/ eu fiquei três anos e meio assim, né. Sem passar em cálculo um. Hoje eles tem lá cálculo zero, não começa mais no cálculo um, (antes) era no cálculo zero. Mas foi uma experiência boa a USP, porque eu participava da vida universitária lá; não das festas, né, mas das atividades que tinha no campus, que eu ficava sabendo, e acabava participando. E também a experiência que eu tive lecionando matemática na rede estadual, também na época foi pra mim muito interessante. Eu lecionava à noite, né, alguns/ e cursava de manhã, a faculdade.

31. E.M: Sei.

32. E: E aí nesse sistema eu fiquei morando lá um tempo, né, não na USP, que eu não consegui vaga, lá no CRUSP, mas eu fiquei no... é... dividindo a casa com um colega que dava aula na mesma escola que eu, e também cursava lá, só que cursava matemática.

33. E.M: Mas essa época você tinha por volta de quantos anos?

34. E: Então, eu cheguei a 23. Eu cheguei na USP com 23, demorou um pouquinho pra eu entrar lá, né. E... e aí com... 23... em 90 e... 95, eu... cancelei a minha matrícula lá, e... porque eu tinha um [programa] de ficar aqui em *[local onde ele mora]*, foi quando eu me casei e... fui trabalhar como corretor de imóveis, trabalhei também com o meu irmão numa empresa de informática que ele tem até hoje, mas também não era...

35. E.M: Não era o que você queria?

36. E: Não era/ Até seria, se eu ganhasse dinheiro com isso. Mas eu não sirvo pra vendedor, eu não sei prestar serviço, não sei pôr preço nas coisas, né, isso daí foi uma catástrofe esses anos que eu tentei trabalhar por conta própria. E aí, no desespero, que eu tava casado, já tinha filho, né, não tava entrando dinheiro, eu me internei, na casa da minha mãe, uma época, um quarto que eu tinha lá, e... durante um mês eu só estudei, pra um concurso público, e passei, graças a Deus chamou logo, né, e... (risos) resolvi esse problema que realmente, como empreendedor, eu não/ eu ainda tenho em fazer algo como empreendedor, mas não funciona não, não tenho essa via empreendedora em mim, é... não funciona, né.

Então, já tentei com um colega meu, a gente tentou abrir uma/ porque nesse negócio de estudar pra provas, pro vestibular, eu aprendi a fazer prova. Pra isso eu aprendi a estudar pra concurso, né. Então eu tenho uma boa técnica pra estudar pra concurso, prova de testes, essas coisas, é uma maravilha. Fazer uma redação, né, não tenho nenhuma dificuldade de fazer isso aí. É... então a gente pensou uma época em abrir um cursinho, pra pessoal que vai fazer o preparatório, né, o curso preparatório pra vestibular, (gente) de primeiro grau, segundo grau, mas a gente é um fracasso. O outro meu colega também (risos), a gente não/ nós ficamos com um ano, com uma sala alugada, só gastando dinheiro com a sala, e a gente nunca entrou de fato naquilo que a gente queria, né. Então a gente, não tem a aptidão pra isso daí.

37. E.M: E o Espiritismo, nesse processo, te ajudou bastante? Você acha que, nessas dificuldades, a doutrina tava ali, pra ter dar um apoio, uma...

38. E: Então, eu nunca larguei, né, a doutrina. A gente nessa época freqüentava/ que eu entrei lá... [na USP], passei a morar pra lá, eu freqüentava um centro aqui na [nome do bairro]. (Nesse daqui). E... lá eles tinham montado uma creche, construído, e eu atuava nessas atividades. É... então às vezes/ numa época eu fui até tesoureiro, batendo os períodos, né, e uma tutora que eu tive no curso de Física, falou pra mim que eu deveria largar tudo, né, pra me dedicar só à faculdade, porque se não eu não ia conseguir, mas eu não larguei (risos), não consegui largar, então eu passava a semana lá, e já sábado de manhã eu já tinha atividade aqui, então no final de semana, era na casa espírita, praticamente. É.. agora, quanto à... à... pessoa, né, eu tive uma frustração, mas não de não passar em cálculo, por exemplo, mas isso não me abalou psicologicamente. Eu continuei otimista com relação às coisas. Eu não tive uma/ eu tive um abalo moral, psicológico, quando eu comecei a trabalhar por conta própria e não ganhava dinheiro. Mesmo assim não...

39. E.M: Não chegou a ser tão grave.

40. E: Olha, emocionalmente foi meio triste, porque às vezes eu chorava à noite, tal, eu tive uma/ mas não entrei assim num rio de depressão. Eu consegui sair da situação, né, até sem procurar ajuda externa, assim profissional. Só na minha separação que eu não conseguia sair mesmo, e aí eu fui buscar ajuda, né, que o negócio tava feio. Eu não conseguia acordar de manhã, tinha perdido o apetite, não queria comer, mas eu continuei/ eu tomava sucos, né (risos), eu me cuidava, não fiquei doente, mas eu fiquei numa situação que sem a ajuda profissional acho que eu não conseguiria lidar com aquela situação, né, então, nessas épocas, num... em que... e.../ aí cê falou do Espiritismo, né. Então, é... [pausa prolongada], na minha separação, é que eu procurei o Espiritismo como é... assistência espiritual. Nas outras épocas, eu participava das atividades espíritas, e não me sentia como um necessitado na casa espírita. Mas na minha separação eu me senti como um necessitado. E aí como eu conheço muita gente no movimento espírita, eu não quis fazer meu tratamento nos centros em que eu tinha conhecidos. Até porque eu não conseguia falar direito o que tava acontecendo. Tanto é que os meus colegas de faculdade só foram saber que eu tinha me separado, seis meses depois. Meus colegas que a gente fazia trabalho junto, eles não sabiam o que tava acontecendo comigo, porque eu não/ na verdade eu não conseguia falar sobre. E... mas nessa época da separação, eu fui/ eu procurei a Federação Espírita, era lá em São Paulo, porque como lá tem muito trabalhador, eu ia ser tratado como um alguém que chegasse lá. E... e foi o que aconteceu, né. Eu contei igual eu tô falando com você, só que nessa época, se eu fosse falar sobre eu não conseguia; eu chorava. Então foi o que aconteceu lá. Aí eu me abri com o plantonista, no atendimento fraterno deles, né, que eles chamam – acho que é plantão de orientação que eles chamam lá – e passei pelo tratamento espiritual da casa; segui lá as recomendações, fui encaminhado pra umas reuniões específicas, participei dessas reuniões que eu fui encaminhado, até vir a alta. Aí quando veio a alta, eu procurei uma casa espírita aqui em [nome do local], que eu já participava anteriormente, daquela creche, porque eu tive algumas passagens por centros; eu estive no centro Nosso lar, Casas André Luis, foi onde eu estudei, foi onde eu participei a maior parte do tempo. Aí participei de um centro que estava sendo fundado, né. Depois, quando eu casei, eu freqüentei um centro que a minha ex-esposa participava; aí quando eu separei, não tinha mais condições de participar lá, né, por mais que fala que não pode, tinha uma dor, uma mágoa, um algo que talvez vá resolver com o tempo, não sei, né, então eu passei a/ voltei pro centro que eu havia freqüentado antes de me casar; fiquei lá até o ano passado; estamos em 2009/ é, então eu fiquei lá até 2007. E aí em 2008, aqui [centro Pascoal Tróville] não tinha atividade de domingo, né, e... eu tava com uma proposta de atividade, que aqui não tinha, né. E aí o C.A.B que freqüenta aqui esse centro ele me convidou pra desenvolver isso aqui aos domingos. E eu não sei freqüentar duas casas ao mesmo tempo, né. Eu acho que quando cê tá num centro, você pode ir numa outra, tal, mas como compromisso assim de trabalho, eu acho que você deve se dedicar àquela casa que você se encontra, né. Senão você não tá em nenhuma das duas, é o que eu acho (risos). Tem um ditado que fala: “quem muito abarca, pouco aperta”.

41. E.M: (risos).

42. E: E então eu costume me dedicar...

43. E.M: Se centrar ali.

44. E: É.

45. E.M: E no caso assim, a sua mediunidade surgiu nas atividades mediúnicas, que você desenvolveu?

46. E: Então, é, ela surgiu num curso, a gente chamava de Curso de Doutrina, que antes era Escola de Médiuns, né. No André Luis, chama Curso de Doutrina, né. Eu acho aqui que aqui nessa casa eles chamam de Grupo de Estudo, né, que eu gosto mais desse termo, Grupo de Estudo. Então foi no curso de doutrina que eu participava, o primeiro e o segundo ano, não tinha qualquer atividade mediúnica, né. Era só estudo. No terceiro ano, a gente começava a/ no final do segundo ano/ no meio do segundo ano a gente começava a estudar o passe, e já podia assumir uma tarefa, quando cê já tinha algum conhecimento na área do passe, e... no terceiro ano que entrava os exercícios mediúnicos, né, que/ o quê que eram os exercícios mediúnicos? Era você destinava uma parte da reunião...

47. E.M: Pra prática.

48. E: Pra prática, né. Nessa prática a gente ficava em silêncio, né, é... não era dada assim nenhuma instrução sobre o que você deveria fazer, a não ser ficar em silêncio, e relaxar, e registrar as percepções que você estava tendo. Então foi nessa época que eu comecei a registrar as percepções. É... como eu comecei a registrar, né? Toda vez que a gente tava na prática, eu sentia – a gente fala hoje que é aproximação, né, de um espírito – mas essa aproximação ela se dava como uma aceleração do batimento cardíaco, às vezes um calor, pelo corpo, e uma compulsão, ou pra falar, ou pra escrever, né. Ou a formação de um quadro mental, porque eu não vejo nada externamente, né. Eu sou um médium consciente, e... eu classifico a minha mediunidade como intuitiva.

49. E.M: Tá.

50. E: Eu não sou médium psicógrafo, não sou médium psicofônico, não sou médium vidente; eu sou médium intuitivo. Que eu acho que é a mais consciente das mediunidades. Eu só/ na época, esses elementos que me davam a sensação, né, que algo externo tava acontecendo, porque era só ficar no momento da prática, pra eu sentir essa palpitação, esse calor, né, e essa compulsão. E quando eu não tava lá, eu não sentia isso. Então algo me dizia que era aquele momento e aquele local que tava me propiciando aquele exercício ou atividade. Eu tinha muita dúvida sobre o que eu tava fazendo. Mas, com as... comprovações/ porque apesar é.../ bom, apesar não, nós ficávamos em silêncio mas as atividades eram direcionadas. E lá, por exemplo, nós vamos trabalhar a vidência; os quadros [*mentais*] que a gente via, os alunos, né, eram muito similares. E quando nós escrevíamos, também o que se escrevia era muito similar, né. Então isso foi me dando uma certeza de que acontecia lá não era só eu, pelo menos, né, que os outros tavam participando também do exercício mediúnico. E algumas atividades que eu nunca/ por exemplo, você fazer uma poesia, vai, de umas dez estrofes, de uma mão, só, vamos falar, assim, vai; cê tá num momento lá de fazer a coisa, cê começa e termina. Então isso é uma coisa que eu consciente não fazia, né. O consciente no sentido de sem estar no – eu vou chamar de transe mediúnico – tá, porque o transe pra mim é bem sutil. Eu vou lá transe mediúnico. Eu em transe mediúnico, eu consigo fazer. Eu, sem estar no transe mediúnico, eu não consigo fazer. Se eu for escrever ou fazer qualquer coisa já meu estado, eu demoro pra fazer aquilo, não é fluente do começo ao fim; eu tenho que pensar naquilo que eu tô fazendo. E no transe mediúnico, a coisa vinha de uma vez só. É... a confirmação das experiências mediúnicas, pra mim também veio com a observação de outros médiuns. Não sei se é uma coisa válida, fora do meu espírito, mas pra mim foi. Então o fato de eu ter visto alguma coisa, ter percebido alguma coisa, e alguém ter confirmado, também me remeteu à certeza, porque eu sou muito consciente. Então pra ser meu aquilo, fica muito fácil pra eu falar que é, né. Mas essas...

51. E.M: Similaridades.

52. E: É, confirmações, os exercícios, o estudo, em grupo, né, com exercícios direcionados, me deu essa certeza que eu trago hoje. Eu faço muitas palestras, né, uma coisa que eu costumo fazer, e muitas pessoas da assistência vem depois, descrevem algum quadro que viu, né. Então eu sei que durante as palestras, muitas vezes há uma inspiração muito grande, pra aquilo que eu tô falando. Então o meu rendimento numa palestra espírita, é diferente do meu rendimento numa palestra não espírita, né. Não tem o mesmo, o mesmo rendimento. Isso eu já percebi. Eu tenho muito mais fluência numa atividade espírita, do que numa atividade não espírita. Não que lá não dê pra ter essa fluência, também dá, só que o ambiente é outro (risos).

53. E.M: Tá. Cê pode ficar mais um pouquinho?

54. E: Eu posso, eu vou esperar a Cr chegar. Ela vai vir aí, ela já/ aí quando ela chega, a gente...

55. E.M: Tá, é... como é que você acha assim que as experiências que você teve, mediúnicas, que você tem, elas/ você acha que elas afetaram de alguma forma assim a maneira de você se enxergar como pessoa, ou a maneira das outras pessoas? Qual o impacto disso assim, na sua vida assim? Em relação com você e com as pessoas?

56. E: É, eu não saio dizendo por aí que eu sou médium, que eu sou espírita, né. Eu deixo as pessoas perceberem. Quando elas percebem, aí eu falo: é verdade, eu frequento centro... então, o que difere/ como a gente/ o que alterou na minha relação, é que a gente acaba desenvolvendo uma percepção maior do ambiente; não físico, mas do ambiente espiritual. E... isso não me proíbe de frequentar nenhum local, né, mas em determinados locais eu não consigo me sentir bem, ou não consigo fazer o que as pessoas fazem naquele local, porque eu tenho uma percepção, também do ambiente espiritual. Então, vai, quando eu me separei, por exemplo, não que isso tenha fixado na minha vida, mas tem umas coisas (experiências) interessantes dessa época. Eu comecei/ eu não bebia, nunca bebi. Quando eu me separei, eu comecei a tomar cerveja com o pessoal da faculdade, né. E eu quis tomar um porre uma vez. Eu saí poucas vezes com eles, mas eu quis tomar um porre. Mas nem de porre eu consegui ficar, só fiquei bebendo com eles lá a cerveja mas não consegui o que eu queria, que era apagar a minha/ apagar, ver o quê que é, né. Eu não conseguia; continuava sendo eu, continuava vendo tudo tava acontecendo lá, sabendo que eu tinha que voltar pra minha casa, sabendo onde eu morava, né, perfeitamente lúcido das coisas; um pouco mais lerdo, né, por causa do efeito do álcool, mas lúcido. E... então é meio que improdutivo (risos) eu fazer isso aí; pra mim não funciona. Além de eu não me sentir bem no ambiente, né. Então a/ isso aí eu tentei umas duas, três vezes, depois eu já descartei, e... posso acompanhar colegas, eles beberem, e eu tomar refrigerante; o que era normalmente acontecia, né. É... A sensação do álcool não me afeta tanto, quanto a percepção do ambiente espiritual; me afeta mais, né. E... então eu prefiro/ eu tenho um policiamento maior do que eu faço. Porque isso me acarreta... uma.../ um mal estar espiritual. Se eu entro numa discussão, eu me sinto mal, mas não é um mal só interno, dentro de mim. É um mal também que eu sinto externamente isso, como se eu ficasse fraco, ficasse debilitado, entendeu? E eu acho que isso eu atribuo ao ambiente espiritual. Porque a gente acostuma; eu acredito nisso, a gente acostuma com uma vibração ao em torno, e quando você troca, seja ela – o pessoal (rotula) como pesada, como boa, não sei – mas quando você troca essa [vibração] você sente, essa troca. E é como se você tivesse andando numa labirintite espiritual, vai. Falar assim, você fica fora um pouco de área. Então essa percepção pra mim só existe, por causa da minha vivência mediúnica. Porque senão ela não existiria, como a maioria das pessoas não deve sentir essa questão que eu tô relatando.

57. E.M: Tá. Quando você tá trabalhando mediunicamente, vêm algumas sensações? Por exemplo, físicas, formigamento, ou mesmo psíquicas?

58. E: É, no início, como eu relatei, vinha, muito forte. Então calor, palpitação, era tudo muito intenso.

59. E.M: Sei.

60. E: No começo. Depois isso ficou bem sutil.

61. E.M: Chegava a sentir alguma diferença, por exemplo, no corpo, no braço?

62. E: Então, o que eu sentia de diferente era o que eu já relatei: era calor, né, palpitação no coração, e uma compulsão pra escrever ou falar. É... eu trabalhei um bom período na parte mediúnica, como médium em trabalhos de esclarecimentos de espíritos sofredores. Aí é que me veio aquela comprovação mais intensa. Porque nesses trabalhos, eu sentia ânsia de vômito, algumas vezes, e fazia todo um movimento pra colocar alguma coisa pra fora, mas não sai nada. A mesma sensação eu tive quando eu fui fazer um raio-x chamado raio-x com contraste, que me injetaram iodo na veia, e na hora que colocaram o iodo, eu quis colocar pra fora, mas como eu tava de estômago vazio, bem vazio, porque eles pedem pra não ingerir mais nada acho que 24 horas antes, não sei, não sai nada. Essa mesma sensação eu tive algumas vezes em trabalhos mediúnicos. Só que mesmo tendo alguma coisa no estômago – porque você não precisa ficar sem comer – né, às vezes a gente toma uma hora antes, um cafezinho, um leite com bolacha, tal, que vai dar fome. Fome é pior que o estômago vazio. Então a gente come alguma coisa. Então não tava vazio, igual pro exame, mas não sai nada. Você tem o mesmo movimento, tem a mesma/ o mesmo... como se fosse colocar alguma coisa pra fora, mas não sai nada. Então eu tive algumas situações dessas, na prática mediúnica, como você tá lá, e você começa a sentir/ entra num estado emocional que a entidade tá, ou de desespero, ou de raiva, ou de tristeza, e aquilo não dura, aquilo não dura muito tempo. É o tempo da comunicação mediúnica. Então essa/ então eu não sinto mais o que eu sentia no começo da comunicação, né. Que eu sentia palpitação, calor, antes de começar a comunicação. Hoje a comunicação começa bem tranqüila, e aí durante a comunicação que...

63. E.M: Que você acaba sentindo.

64. E: É. Se eu não fizer nada, por exemplo, é... eu tô lá no exercício mediúnico, aí vem na minha mente – já veio quadros, uma paisagem, ou uma palavra, né, ou alguma atividade física, né, algum movimento físico. Se eu não faço aquilo, a comunicação não vem. Porque eu não sinto mais nada. Então às vezes, é... vamos supor, acontece muito isso, eu vejo um quadro de roça, né. E... aí eu começo a descrever o que eu tô vendo. E aí eu vou lembrando de outros fatos, outros fatos, outros fatos, né. Não adianta, a comunicação ela/ começo e aí ela vem, ela vai se encadeando, como se eu não te desse início, ela também não continuaria. Então, só pra citar tem um caso uma vez interessante, de uma freira, que ela... é... na comunicação dela... nós fomos pra vida/ pra vidas passadas dessa freira. Então isso comigo nunca tinha acontecido. Mas quando eu sento lá, eu não sei o que vai acontecer. Eu não sei que comunicação virá, e nem sei quem que tá comunicando. Porque como a minha mediunidade ela é consciente demais, né. Eu não sei se é mulher, se é homem; só com a comunicação, no decorrer da comunicação que percebe.

65. E.M: Vai percebendo.

66. E: É. Deixa só eu dar um alô aqui.

67. E.M: Tá jóia. *[E. está se referindo ao seu celular, que vibra no momento da entrevista. Era sua esposa, que também seria entrevistada, e logo chegaria ao centro. Após a ligação, o diálogo prossegue]*. Da sua família só você é espírita? Cê comentou da sua mãe, né.

68. E: É, minha mãe e meu pai eles freqüentam o centro, mas, que eu saiba, eles nunca participaram de atividade mediúnica. Fizeram os cursos, que nem eu fiz...

69. E.M: Certo.

70. E: ...mas nunca participaram. O meu irmão também fez, mas também nunca participou de atividade mediúnica. E o meu outro irmão também fez, fizemos em épocas diferentes, né (risos). Mas todos fizemos. Os meus pais fizeram depois que eu já tinha feito; um dos meus irmãos fez comigo, e o outro também fez depois. Fizemos em épocas diferentes. Uma coisa que eu acho, não sei se é interessante relatar, é que, por exemplo, no dia do trabalho, às vezes eu trabalho de domingo, né, tava tendo atividade, e às vezes era intensa, tal, então/ e às vezes eu largo, tinha uma época aí que eu largava bem próximo do horário da atividade, então eu nem tava pensando muito no trabalho mediúnico, porque eu tava no meu trabalho. Mas chega na hora, há um preparo do próprio trabalho, que é uma leitura, uma prece, um estudo, então, quando chega no momento da comunicação, já tá... ela vem, né. E eu só faço isso nos grupos mediúnicos; eu não faço esse exercício fora dos grupos mediúnicos, também não tenho vontade de fazer. Mas uma coisa que eu sinto é a presença, né. Sinto uma presença espiritual, não sei descrever, não sei quem é, mas sempre sinto uma presença espiritual dando um suporte, dando um/ eu sinto! (risos). Mas sem entrar em intercâmbio mediúnico.

71. E.M: Já antes do trabalho, né?

72. E: Não, não tem nada a ver, é isso que eu tô falando. Não tem nada a ver com o trabalho. Na minha vida normal eu sinto.

73. E.M: Ah, entendi.

74. E: Eu sinto uma movimentação, mas eu não vejo rosto, não escuto, não faço nada; eu só sinto, entendeu? E nada a ver com o trabalho, não é aqueles que vão se comunicar no dia do trabalho.

75. E.M: Tá. Eu só tenho mais duas perguntas aqui, E.

76. E: Huhum.

77. E.M: Uma é com relação assim, você comentou algumas coisas dos seus pais, né, eu queria que você me falasse um pouco mais da relação com cada um deles, assim, com a sua mãe e com o seu pai.

78. E: Ah, a minha mãe é mais presente. Pelo menos comigo, né. O meu pai ele tá sempre fazendo alguma coisa, se ele não tava trabalhando, ele tava trabalhando em casa, né, então a gente não tinha muito tempo junto, né, de convívio. Convívio, convívio, não tinha. Então esse convívio era mais com a minha mãe, né. É... então hoje, como eles moram em

casa separada, eu moro um pouco mais longe, eu não tenho muita relação com o meu pai. A gente se encontra em almoço, né, em.../ quando ele precisa tá... ele já teve algumas internações, então eu estive com ele. Mas igual não tinha esse convívio quando eu era criança, hoje também não tem. É mais encontros, né, porque eu lembro da minha infância, de ficar chutando bola com o meu pai, lembro de algumas coisas que nós fazíamos juntos. Mas são poucas, eram poucas coisas. E hoje continua sendo poucas coisas, né. E com a minha mãe era uma convivência maior, né, e hoje também continua sendo uma convivência maior, então... o maior que eu digo, não é muito também não, porque eu não, não... é, como é que eu posso falar... eu sou um pouco quieto no meu canto. Entendeu? Eu sou um pouco quieto, eu não...

79. E.M: É o seu jeito?

80. E: É o meu jeito. Então eu não gosto de festa, não gosto de almoço em família, não...

81. E.M: Desses eventos assim.

82. E: Então, eu não gosto muito, então... se eu vou, eu tento ficar o mínimo que eu (risos) posso, mas eu vou (risos). Eu vou, quando dá, eu vou, né.

83. E.M: Tá. No caso o seu pai, como é que você descreveria ele, assim? Como pessoa, assim?

84. E: Como pessoa? É... eu vou falar a imagem que eu tenho dele, né. A imagem que eu tenho do meu pai, é que é uma pessoa trabalhadora, honesta, é uma pessoa com dificuldade de externar o sentimento dele, é... é uma pessoa às vezes prática com as coisas dele (risos), é... e é uma pessoa também que aprende com os erros do passado. Muita coisa que ele fazia no passado, hoje ele não faz, né. Então ele, por exemplo, com os netos, ele tem um relacionamento muito mais intenso, do que teve com os filhos, né. Então com os netos, com os nossos filhos, ele tem um relacionamento muito mais intenso. Mas não muda muito assim. Ele vai, visita, né, põe a conversa em dia, né, do que acontece, do que aconteceu, e só.

85. E.M: É fechadão.

86. E: É... é mais ou menos, não é muito fechado não. Ele fala bastante, né, (risos) mas assim, vamos supor, na minha infância, fazer alguma coisa junto com ele. Isso a gente não tinha, não tinha esse fazer junto, né. Hoje eu tento com os meus filhos, quando nós estamos juntos, eu não deixo pra outras pessoas fazerem, as coisas que eu quero fazer, ou que nós podemos fazer juntos. Então eu cozinho, mas junto. Não fico fazendo as coisas que eu acho que o meu pai fazia, minha mãe também fez muito, eu não fico fazendo as coisas e deixando o filho de lado, né. Não que eu tenha sido deixado muito de lado. Mas, de certa forma, tanto meu pai quanto a minha mãe, tinham uma preocupação muito grande com as coisas, né. Ele com o trabalho dele, quando ele não tava no trabalho, era a manutenção da casa; quando não era a manutenção da casa, eram os programas de televisão, que já tinha na minha época, tinha televisão em casa; com os meus irmãos não. Então o Silvio Santos no domingo (risos), era sagrado, o Fantástico, né. Então não tinha um fazer junto, né. E minha mãe também se preocupando muito com a questão da casa, a limpeza, o almoço; não tinha um envolvimento. Tanto é que a minha mãe achava, né, que eu não sabia cozinhar, porque ela nunca me viu cozinhando. Mas eu sei cozinhar, ela achava que eu não sabia cuidar dos meus filhos. Então ela achava tudo isso, né (risos), mas, na verdade, é que ela nunca fez junto. Sempre ela que fez, né, não dava espaço. Então uma das imagens que eu tenho deles, são em forma de queixa, mas eu não tento fazer isso, reproduzir isso com os meus filhos, eu tento fazer diferente com eles. Eu tento/ o tempo que eu tenho pra eles eu tento estar com eles assim, fazendo junto alguma coisa, né, em atividade, sempre participando, não assistindo, ou cada um numa estação, né.

87. E.M: Eu tenho uma última pergunta pra te fazer, pra gente encerrar. É... assim, é... o que você acha que seria da sua vida assim, daqui por diante, se você deixasse de lado a atividade mediúnica, a atividade que você realiza no Espiritismo? Vamos fazer assim um exercício mental assim, vamos supor que você sáísse, né. Como é que seria a sua vida, como você se vê nessa situação?

88. E: É, pode acontecer, porque, vamos supor que eu mude de trabalho e... e não tenha mais como eu pratico, né, no centro espírita, né, não ter mais condições de frequentar nos horários das reuniões, e... fixar num grupo só, né, pode acontecer. Então se acontecer, eu conviveria muito bem né... porque... como eu te falei, eu não tenho uma mediunidade ostensiva, né. Então não sinto nenhuma coação, ou nenhuma necessidade de participar do grupo, né. Eu participo como médium, cumprindo uma tarefa dentro daquele grupo, né, então, se há aquela necessidade, eu cumpro aquela tarefa, se não há aquela necessidade, eu não cumpro aquela tarefa, no grupo mediúnico. Entretanto, eu continuo sentindo, né, como pessoa, tem essa percepção que a vivência mediúnica me deu, que é a percepção da... do componente, vai,

espiritual, das nossas vidas, né. Então, em qualquer lugar que eu estou, eu consigo pesar o ambiente físico. E também o ambiente espiritual. Essa é uma consciência que eu quis explicar quando eu falei do álcool, então que, é... que esse exercício me trouxe, e esse não tem como eu...

89. E.M: Sei, é uma coisa que você nunca vai...

90. E: ... me alijar, tá comigo, né. Então, se eu, a partir do momento que falar assim: “ó, cê não vai mais dar comunicação mediúnica, não vai mais ser médium, né”. Eu não me vejo tomando essa decisão no futuro, né. Mas se acontecer, a vida segue pra mim normal. Não vou ter nenhum prejuízo com relação a isso.

91. E.M: Tá.

92. E: Agora, quem tem uma mediunidade mais ostensiva eu não sei, às vezes vai ficar meio perturbado (risos).

93. E.M: (risos). Talvez tenha problemas, né.

94. E: É, pra lidar com isso.

95. E.M: Tá. Legal. Obrigado, viu, pela sua entrevista.

_____ // _____

C.R, 32 anos, auxiliar administrativa.

Local: uma das salas de reuniões do centro espírita Paschoal Tróvelle.

DATA DA ENTREVISTA (21/07/2009)

1. C.R: É... Meu nome é C.R, tenho 32 anos e... a mediunidade pra mim não surgiu desde sempre, né. Então, é há pouco tempo até, através do estudo da doutrina espírita. E assim, da minha história de vida, se for começar desde quando eu surgi, né, nasci numa família que já tinha um filho, né, o meu irmão mais velho, e quando a minha mãe estava grávida de mim, o médico achava que eram dois, que eram gêmeos. E aí foi aquela confusão toda pra aumentar a casa, tudo. Mas era só eu mesmo. Eu brinco que ainda bem, que só era eu (risos). E assim, na minha infância é... não me dava bem com o meu irmão, a gente brigava muito, né. E eu sempre achei assim que ele era o protegido. Até porque – não sei se era por causa disso – ele tinha hemofilia, que é uma deficiência no sangue, né. E... então tinha que ter aquele cuidado todo, tal. E muitas vezes fiquei de castigo por causa dele, aí eu queria bater, não podia bater, porque senão era capaz até de matar, né. E a infância assim foi tudo tranquilo, entre aspas né. A gente morava onde os meus pais moram até hoje. Eles são vizinhos da minha avó materna. Então a minha avó que ajudou a criar a gente, cuidar da gente desde pequenos. A minha mãe sempre trabalhou, ela dava aula pra primeira série primária, eu fui aluna dela na primeira série e o meu irmão morria de ciúmes porque ele não foi. Né? E a gente sempre estudou em colégios onde ela dava aula, né, e só um ano que não aconteceu isso, que foi quando eu fui pro colegial. Aí foi o primeiro ano que eles pagaram a escola pra mim. Aí no ano seguinte, a minha mãe foi dar aula nessa escola. Aí ganhei a bolsa. Então e... o meu irmão com esse problema da hemofilia, a sétima série, a gente acabou caindo na mesma sala de aula, porque ele tinha repetido de ano. Mas ele faltou praticamente o ano todo, ele perdeu esse ano, porque ele teve problema no joelho. Aí usava muleta e ficava com problema nos braços. Aí depois foi o outro joelho, daí depois o outro, foi o ano todo assim, esse sofrimento. Aí é... a minha mãe sempre atrás de/ assim, dizem né, que a hemofilia é genética. Mas não existe nem um caso anterior na família. Aí minha mãe não se conformava. Ela descobriu quando ele tinha um ano e pouco, porque ficava roxo, né, se caía, se batia, ficava roxo. Aí que ela descobriu. Diz que ele quase morreu, uma vez, por causa de aspirina, porque aí dá mais hemorragia ainda. E aí ela não se conformava. Uma colega dela, num banco, onde ela trabalhava começou a falar, né, do Espiritismo; levou ela numa banca de livros espíritas, né. E foi onde ela começou a conhecer, então quando o meu irmão ainda era bebê. Mas assim, ela conheceu através de livros assim de romance, tal, nunca foi a fundo pra estudar. É... o primeiro contato que eu tive com o Espiritismo foi lendo aquele livro Laços Eternos, também é um romance. E engraçado que pra mim, depois de um tempo, eu fui estudar, tal. Pra mim a doutrina espírita é uma coisa muito lógica e clara. É como se eu sempre soubesse daquilo. Isso até a reencarnação explica, né, que a gente trás aquele conhecimento todo que a gente tem. E... e aí eu sei que foi o meu irmão que começou a ir. Ele já adolescente, jovem assim, ele saía. Ele nunca/ ele aprendeu com o meu pai: sai e não fala pra onde vai (risos). É, não falava. E aí depois de um tempo que a minha mãe descobriu que ele tava indo num centro espírita, tava fazendo curso, estudando. De pequeno, quando ele tinha uns oito, nove anos, ela tentou, ela levou, mas ele morria de medo. Aí não foi mais. Aí depois quando cresceu mais, ele mesmo foi sozinho. E aí começou a estudar. Depois ele que acabou levando a gente, né, pra estudar também. E o primeiro Centro Espírita onde eu fui e eu frequentei, foi a convite dele. Ele estudava no Centro André Luís de [nome do bairro], ouviu falar de uma outra casa e me chamou pra eu ir lá conhecer e eu fui. E a gente começou a ir lá, que é o Joana de Angelis na [bairro]. E ele que também levou a gente pro Instituto Evoluir que tem ali no [bairro], que é também psicologia, né, cê deve conhecer, então. Porque assim, o que aconteceu: ele, como ele começou assim a estudar, a ir atrás do Espiritismo, ele conheceu um grupo que chamava/ eles eram chamados de trio esperança, que era o Dr. Reinaldo Leite, que era advogado, o Dr. Rubens Cascadeira, que é homeopata e a Dr. Deomar, que é psicóloga. E eles tinham um programa na rádio, que tem até hoje. Mudou um pouco, mas, tem até hoje. E tinham um programa na TV. Eu não me lembro que TV passava. E ele assistia e a gente começou a ver. Eu lembro uma vez, ele queria saber, porque ele... ele sempre gostou muito de avião e tava até fazendo o curso no aeroclube de [bairro]. Mas ele morria de medo, passava mal e tudo. Ele queria saber o porquê disso. Ele tentava ligar e sempre dava ocupado. Aí um dia eu me/ (risos) eu fiquei nervosa: então me dá aqui que eu vou tentar ligar. E eu liguei e chamou e me atenderam (risos). E aí eu dei o telefone pra ele e ele perguntou, e aí o Dr. Reinaldo/ porque o Dr. Reinaldo ele era um médium que meio que hoje em dia tá meio em extinção, que vê e ouve os espíritos como eu tô vendo você aqui, né. E aí ele falou, né, que era coisa de outra vida lá do meu irmão, que tipo, tinha morrido numa guerra, alguma coisa assim, de avião, por isso esse medo todo, esse trauma todo. E aí depois daí que a gente foi começando a me inteirar um pouco mais, também. E lá nesse Centro Joana de Angelis que eu comecei a ver mais palestras, saber um pouco mais do Espiritismo mesmo, porque até então só lia alguns romances, né, não conhecia a fundo. E... e o meu irmão ele desencarnou em 2003, no mês de abril, né. E aí continuei lá nesse centro, depois de...

2. E.M: Então você foi conhecer a Doutrina Espírita, por volta de que idade, mais ou menos, assim uns?

3. C.R: Assim, de estudar mesmo... eu sou ruim de conta. Mas com... vinte e cinco, vinte e seis. Eu já conhecia antes de ler os romances, tal, mas de estudar mesmo foi por aí, vinte e cinco, vinte e seis, vinte e sete. Por aí. E aí foi lá nesse centro que eu comecei realmente a estudar, entrar num curso, estudar. E foi lá que eu conheci o E. [marido] também e fazendo os cursos com ele também. Que ele que dava lá alguns cursos, e... e aí ele também montou assim um método de estudo dos livros da doutrina espírita, das obras básicas, em vinte aulas assim. A gente/ claro, não vai se aprender tudo né, a gente vai estudar a vida inteira e não vai saber tudo. Porque Sócrates mesmo já falou né (risos), quanto mais a gente sabe mais a gente vê que não sabe. Então, assim, a proposta do estudo era você ler durante os sete dias da semana, você tem um tanto de folhas do livro pra ler, e aí você vai fazer perguntas, você vai anotar as palavras que você não sabe, você vai anotar alguma coisa que você achou interessante. E no dia lá, que a gente se reunia uma vez por semana, aí discutia-se sobre aquilo tudo que tinha sido lido. Então por isso que era possível, né, em vinte aulas. Claro, não dava pra aprender tudo, mas foi o que eu falei, foi a primeira vez que eu li o Livro dos Espíritos inteiro, de cabo a rabo, capa, contra capa, tudo, né. E isso aí depois a gente seguiu a sequência da publicação das obras. Então depois a gente estudou o Livro dos médiuns, o Evangelho, e o Céu e o inferno, aí a gente saiu de lá. Tava no começo do céu e o inferno. A gente tá retomando agora aqui, né. Mas... e aí do livro dos médiuns, quando a gente começou a estudar é... ele foi orientando o grupo, dividiu em duas partes. Quando acabava esse estudo, ele levava o outro pessoal pra desenvolvimento mediúnico. É... pra aprender sobre a mediunidade, porque tinha gente que percebia alguma coisa, outros que não percebiam, um que falava que achava que não tinha mediunidade nenhuma, que até era o meu caso também, porque eu não percebo as coisas assim. Tem pessoas que entram no ambiente e falam que sentem isso, sentem aquilo, e comigo não acontece; às vezes só. Foi aí, isso foi em 2006 a gente veio pra cá em 2008, acho que foi em 2006 isso (tá, fala do entrevistador). Então tenho pouquinho tempo né, de prática assim. E aí, nesse trabalho que ele fez com a gente, a gente vai percebendo mais as coisas. Que nem tem até no próprio livro dos médiuns, lá o Allan Kardec, ele explica, né, como. Porque ele diz, né, a mediunidade é uma faculdade que todos nós temos. Qualquer pessoa. Por isso eles falam que todos são médiuns, em maior ou menor grau. Isso pode ser desenvolvido pelo exercício.

4. E.M: No caso, no seu caso, assim, isso se manifestou de que maneira? Por exemplo, quando você vai trabalhar. Porque você trabalha aqui na casa também?

5. C.R: Sim.

6. E.M: Cê já terminou os cursos?

7. C.R: Já.

8. E.M: No caso você trabalha em que tipo de sessão? É doutrinação, obsessão...

9. C.R: então, é... já trabalhei em todas essas, né. Então, às vezes eu trabalhava/ ultimamente eu tenho trabalhado como eles falam 'conversador' [doutrinador], né, que orienta o espírito que vem dar comunicação. Mas eu já trabalhei como médium psicofônico, que é esse que dá a voz ao espírito. E também a minha facilidade maior é com a psicografia, que é a escrita. E a gente também fez os exercícios da pintura mediúnica, né. Então, assim, quando eu trabalho na psicofonia, ainda eu falo: é a minha maior dúvida. Mas acontece a mesma coisa/ com a psicografia eu vou mais rápido, mas na psicofonia eu ficava sempre naquela dúvida que quase todo médium iniciante tem, se sou eu, se são os meus pensamentos ou não. Mas é o que o E. fala, a gente tem que soltar a voz e começar a falar, né. Então eu já provei isso, porque às vezes acontece assim, pra citar um exemplo, é... uma vez que eu tava no grupo, e aí eu comecei a ficar incomodada, meio que sentir raiva assim e vontade de ir embora, né. E eu não queria falar nada, eu só queria ir embora (risos). Aí eu falei: eu não quero falar nada. Eu falei isso e aí a pessoa que tava do meu lado veio conversar. E aí foi surgindo. Então, não era eu que queria ir embora. Eu já tava percebendo. É que assim, eu não sinto muito; que nem, tem alguns médiuns que sentem no corpo físico o que o espírito tá sentindo, né, mal estar, dor, angústia né, alegria. E eu não sinto muito; são pensamentos que surgem. E aí quando eu começo a falar é que aí vem toda a história. E às vezes, na maioria das vezes, eu vejo as cenas. Assim, algumas até eu lembro até hoje desde até dos exercícios, lá no comecinho, quando a gente começou a dar as primeiras vozes, né. E eu agradeço, agradeço a Deus de eu não sentir muito no organismo, né. Porque tem pessoas, tem médiuns que sentem mesmo. Até aquela escritora, tal, médium famosa, a Ivone Pereira, né, nas biografias sobre ela, ela fala nas entrevistas que ela sentia tudo, as dores tudo, tudo. E ficava às vezes dias, dois, três dias sentindo aquilo ali. Às vezes começa a sentir antes, na hora e depois. Divaldo também tem um caso dele famoso, engraçado até. Que ele tava sentindo umas dores, tal, e aí ele falou pra uma mulher e ela falou: "isso é dor do parto". E... ele deu a comunicação depois, e depois ainda ficou uns dois, três dias sentindo aquela dor, né (risos). Então agradeço que eu não sinto isso. Então, me surgem pensamentos, aí eu fico achando que sou eu, que é da minha cabeça, mas, quando eu começo a falar, aí eu vejo que não é, e aí eu vou falando tudo e vou sentindo envolvendo. Então eu me lembro de uns exercícios lá no comecinho, é... era um homem que estava perdido numa estação do trem. Ele não

sabia o que tinha acontecido e ele via a estação do trem como se ele tivesse no trilho do trem. E a pessoa ia conversando, tal, e aí depois ele... eu até colocava a mão na testa porque estava um furo, né, ele tinha levado um tiro na testa. Mas, eu não sentia dor. Não sentia nada. Sabia/ aí a pessoa orientou, falou, tal, porque ele provavelmente morreu ali, sei lá, porque tava lá perdido, sem saber o que fazer. E...

10. E.M: E essas idéias vieram na sua cabeça, dessa pessoa, desse homem?

11. C.R: Sim. Uma outra vez também veio na minha mente as imagens, imagens. E aí eu comecei falar o que eu tava vendo. E eu via era um poço, um campo, né, um jardim assim, e um poço, e aí quando eu comecei a falar que a pessoa que tava comigo começou a conversar, aí vai tudo se desenrolando. Era um espírito de uma mulher que tinha deixado o filho cair dentro do poço. Ela era um desespero tão grande, eu sentia um desespero, uma angústia e um desespero. Porque ela falava que não tinha feito aquilo de propósito, ela tava desesperada, né. E comigo normalmente é assim que se dão as comunicações. Ou são pensamentos que começam a surgir.

12. E.M: Você vê as imagens, por exemplo?

13. C.R: Eu vejo como se fosse um filminho; algumas eu lembro depois, outras não, né. Essas duas eu me lembro bem, porque acho assim que marcou e, como diz né, que todos somos médiuns, também o médium quando ele conversa para esclarecer o espírito, às vezes ele também, ele tem alguma intuição, às vezes ele também vê. E... isso não acontece muito comigo não. No grupo tinha uma pessoa que era assim. Mas o engraçado, entre aspas, é que às vezes outros médiuns também vêem a mesma coisa, né. Ou às vezes um médium está dando uma comunicação de um determinado espírito e o outro médium vê aquilo tudo. Vê a situação toda. Muitos vêem dizendo que é um hospital né, que é um pronto socorro e, realmente vários médiuns já viram. Têm a percepção de que realmente fica bem grande, vai até lá perto do [supermercado], bem grande. Mas comigo assim, a mediunidade é...

14. E.M: Mais tranquilo?

15. C.R: É, eu estou no exercício. Então eu falo assim, eu agradeço porque eu não sinto. Então eu fico naquela dúvida, às vezes, mas a dúvida vai embora quando eu começo a falar e vejo que não sou eu mesma, né, e...

16. E.M: No caso assim é, então vamos dizer, assim, que a mediunidade/ a sua mediunidade é mais intuitiva, né?

17. C.R: sim.

18. E.M: Mas, você às vezes fala, mas você tem controle da fala? Quer dizer não é...

19. C.R: Sou, sou totalmente consciente. Eu sei o que está se passando, eu sei...

20. E.M: E as sensações que você tem, por exemplo, tem haver, por exemplo, com palpitação, que nem, eu ouço comentar que às vezes sente palpitação né é, ou calor

21. C.R: É. Alguma coisa física.

22. E.M: O quê que vem nesse sentido, assim?

23. C.R: Comigo, é isso é menos, vem mais assim, sentimento assim, uma raiva muito grande, uma angústia muito grande, a vontade de chorar, aí eu choro mesmo né. É às vezes vontade de rir. Mas, no organismo mesmo, físico, eu não sinto quase nada. No caso dessa aí que eu falei, da mulher que tinha a criança caída no poço, senti assim um tipo, vai, uma palpitação, alguma coisa, mas, é raro. Em mim isso é raro. No organismo mesmo eu não sinto praticamente nada, é por isso que eu agradeço, (risos), que é ruim né, a pessoa sente dor ou sei lá o quê. Então...

24. E.M: Você acha que as experiências que você teve de mediunidade, elas mudaram de alguma forma a maneira de você se ver como pessoa ou a maneira das outras pessoas te verem?

25. C.R: Das outras pessoas me verem eu não sei. Porque tem muita gente que nem sabe de nada disso né. Mas, da minha maneira de ver muda sim, um pouco. Porque você se põe mais no lugar do outro né. Então naquele momento você sente aquilo. Que nem eu não sinto no organismo físico, mas, eu sinto sensações o medo é... né o medo, é, a angústia, o desespero, você sente aquilo como se estivesse sendo com você né. Então você fica mais condoído, né, com

o outro, com o próximo, até mesmo quando você vê as notícias na TV e tal. Você fica mais... você se põe mais no lugar do outro. É porque a gente... e também tem a outra coisa, de você ver que a sua vida não é tão ruim assim né, que tem coisas muito piores. Tem isso também. Então...

26. E.M: Você acha que muda um pouco essa perspectiva de vida né?

27. C.R: Muda, muda sim.

28. E.M: É eu vou te fazer uma pergunta, eu acredito que não, mas, de qualquer maneira eu vou te fazer. Você nunca chegou a sofrer nenhuma discriminação por conta das experiências mediúnicas? Porque alguém discriminou por conta disso? Não?

29. C.R: Não, Assim, você diz no próprio grupo? Não.

30. E.M: Não é, não, é fora, fora principalmente?

31. C.R: Olha, ainda não. Como eu falei a maioria das pessoas que me conhecem nem sabem que eu sou médium, que eu faço nada disso. Então...

32. E.M: Você não chega nem a comentar?

33. C.R: Não, até porque né... não, ser médium não é nada de mais né, então...

34. E.M: Tá. Deixa eu ver. Bom na sua família além de você quem mais é espírita? O seu irmão você diz que já é falecido, desencarnado né.

35. C.R: A minha mãe.

36. E.M: Ela é espírita?

37. C.R: A minha mãe ela participa desse mesmo grupo que a gente.

38. E.M: Ela foi, por exemplo, de alguma outra religião antes?

39. C.R: Ela foi católica. Desde sempre ela estudou em colégio interno. Desde pequena porque a minha avó, ela era costureira. E aí ela queria, claro, dar uma boa educação né, para a minha mãe. Aí tem a minha tia, que ela é oito anos mais nova que a minha mãe. E a minha mãe estudou muitos anos no colégio interno lá em Bragança paulista. E aí ela diz que cresceu meio revoltada assim, porque só podia ver os pais uma vez por mês. Isso quando ela não aprontava alguma e não podia sair. E meus avós não tinham dinheiro pra ir, estar sempre indo lá visitar né. E ela estudava aí nesse colégio de freiras né e, era interno e só mulheres né. E ela conta das traquinagens que fazia. E eu não sei se por isso, ou sei lá por que ela também me colocou num colégio de freiras. Eu lembro que eu, no... aliás, no prezinho [*pré-escola*], como eu falei, ela dava aula e a gente estudava sempre onde ela dava aula, porque carregava junto. Então eu entrei na escola com três anos, de três para quatro anos. E ela dava aula num Colégio de freiras ali no Tremembé, o Santa Gema, nem sei se existe ainda. E... eu brinco com ela, falo: não sei por que você fez isso comigo. Porque eu detesto, sempre detestei. E aí eu saí de lá. E aí quando eu fui pra primeira série. Ela dava aula num outro colégio. Já tinha mudado aqui em Guarulhos mesmo. E aí acho, que não tinha eu não sei o que aconteceu, que ela, me colocou em outro colégio. E aí um colégio de freiras também (risos). Ah! foi o pré porque na escola onde ela foi dar aulas não tinha pré. Me colocou nesse colégio de freiras, também chamava Vergo Botas. E eu tenho assim alguns relances só dos fleches de lembranças. Mas, eu lembro que eu não gostava. E eu estava sempre de castigo lá na capelinha. Eu não sei, eu acho que eu aprontava. Devia aprontar bastante. E eu nunca gostei, nunca gostei. E aí ela era católica, mas, aquele igual brasileiro né sou, católico não praticante. Então, eu acho que ficou revoltada, não sei. Mas, quando a gente era pequeno, eu e o meu irmão, ela colocou a gente no catecismo. Eu acho que eu tinha uns nove anos, oito nove dez, nem lembro. E eu sei que eu não terminei. Eu não fui mais. E eu não fiz o catecismo, nem a primeira comunhão, nem nada dessas coisas, que tinha né. E eu me lembro que foi por conta do padre, assim. Eu não gostava do padre, não... desculpa o termo mais, pra mim era um safado. Assim, não gostava, não gostava.

40. E.M: Sei, você tinha visto alguma coisa dele?

41. C.R: não, não, mais depois, uns anos depois, que a gente ficou sabendo assim meio, né, tipo, construiu a casa dele com o dinheiro da Igreja, safado nesse sentido. Entendeu? Eu não sei, eu não ia com a cara dele não gostava. E não era nem ele que dava o catecismo, era uma mulher né. Mas, não... nunca gostei não. Minha mãe também conta que ela ficava muito de castigo porque perguntava as coisas né. Questionava. E aí: “não, é assim porque é assim”. E ficava de castigo. E ela fala que na doutrina espírita foi onde ela foi achando as respostas né, para as dúvidas que ela tinha e tudo mais. E eu como também nunca/ é... não quis mais fazer o catecismo, nem eu nem o meu irmão, ela não obrigou. Também não... mas, ela tinha, eu lembro, ela comprava livros pra gente. Livrinhos infantis a gente lia, gostava, e depois só foi mesmo com os livros espíritas, romances e depois de estudo.

42. E.M: Sei. Tá. É. A gente conversou pouco, assim, acho mais sobre a sua infância, assim, mais da relação que você tinha com os seus pais. O seu pai é vivo ainda?

43. C.R: É vivo.

44. E.M: Sua mãe também?

45. C.R: Também.

46. E.M: E eu queria que você falasse um pouquinho da relação que você tinha com cada um deles.

47. C.R: Tá. É eu sempre me achei um estranho no ninho. É eu sempre achei que eu caí de balão, ali né. Eu não sei se era por conta do meu irmão, que eles davam mais atenção pro meu irmão, por conta do problema que ele tinha da hemofilia. Eu não sei. A minha mãe conta que quando eu nasci o meu pai trabalhava no Guarujá. Ele não estava aqui quando eu nasci. Ele vinha, acho que, de fim de semana. Eu não sei. Porque eu não lembro né. Eu lembro do que ela conta, quer dizer, tento lembrar. Até o E. fica bravo comigo, porque ele fala que eu não tenho memória, não me lembro das coisas. Ah, de repente é mesmo. Ou eu que bloqueio pra não lembrar mesmo né ou, a minha memória não funciona direito. E ela conta que quando eu era pequeninha, bebê, eu estranhava ele. Quando ele chegava, eu abria o berreiro né, como se fosse um estranho. E aí foi passando e eu não me lembro assim né, disso... que ela que conta. Mas assim é, ele nunca foi um pai participativo. Assim, eu sempre tive a visão do pai acho que fora. Ele é uma pessoa muito fechada, muito calada e eu acho que herdei isso dele. Né? Eu tenho uma dificuldade grande de falar. É de mim é assim tal. Eu fiz terapia, um tempo, há uns anos atrás, lá no Evoluir, também. Algumas coisas a gente falou, começou tratar, algumas eu consegui resolver, outras não. E eu precisei parar. Bom, mas vamos lá, senão eu me perco. E assim, eu lembro que tipo não tinha aquele carinho né, aquele afeto tal, é de abraçar de beijar, né e, isso eu tinha bastante dum que seria tio meu. Uma irmã do meu pai que estava noiva e casou. E esse homem que eu chamava de tio né, ele morreu com 10 dias de casado. Né? E isso eu tinha seis anos de idade. Aí depois também, um outro, namorado de uma outra tia minha. Dessa irmã da minha mãe. Também adorava ele né. Ele tinha uma moto e tal. E aí também terminaram e foi embora. E aí na terapia né, até falei, parece que todos, os... as pessoas que eu gostava assim vai, que eu via como um pai ia embora. Porque o meu mesmo não tinha praticamente. É e com a minha mãe assim, é... ela estava sempre presente até porque a gente estava embaixo das asas dela o tempo todo. Até nas escolas que a gente estava era onde ela dava aula. Mas, assim, também nunca foi nem com um, nem com o outro, um relacionamento assim, de poder falar. Né? Conversar... é totalmente tolhido, Né? Eu acho que talvez daí também a minha dificuldade em falar, em expor o que eu penso, o que eu sinto. E até porque eu falo é, são traumas né, e às vezes, que vem até de outras vidas. Estou tentando lidar com isso de novo agora. Por conta de/ não é? Não tem como você não falar Né? O que você pensa, o que você sente. E comigo é muito forte, assim, uma questão de abandono, um sentimento de abandono. Né? Até na terapia isso foi tratado, mais não totalmente resolvido. Mas é isso. De você, por exemplo, você fala com aquela pessoa que você ama o seu pai, ou, a sua mãe, você fala o que você pensa ou, o que você sente e, você é discriminado por isso. Né? É pessoas que te amam que teoricamente deveriam te aceitar como você é. E você não tem apoio deles. Então isso é bem complicado. É...

48. E.M: Você alguma vez tentou descobrir porque que essa relação foi assim difícil? O espiritismo, por exemplo, te ajudou em algum momento? Talvez pra tentar explicar isso?

49. C.R: Não. Eu nunca fui eu por mim mesma, nunca fui atrás disso. Até eu lembro que a minha mãe comentou, quando ela foi atrás por conta do meu irmão, é aí uma vez, eu não sei quem, eu não sei onde ela foi. Eu não me lembro, eu não era nem nascida ainda. E falaram lá pra ela. Eu não sei se a pessoa era médium ou o que era. Sei que falaram que o meu irmão, tinha aquele problema por conta de uma outra vida deles. Algo assim, de um triângulo amoroso. Que o meu pai junto com a minha mãe teria provocado a morte do meu irmão. Na época. De que mataram envenenado, sei lá. Eu não lembro direito, assim da história. Mas, era lá uma coisa com eles três. E que tinham vindo mesmo pra se

reajustar aí. E aí a pessoa falou pra ela, que ela ia ter uma filha, menina e, que essa filha ia ser muito importante na vida deles. Né? E ela disse, quando né, engravidou e ia ter o meu irmão, ela dizia que queria um time de futebol. Ela queria um monte de filhos. Mas, quando ele nasceu com problema, quando ela descobriu, aí ela não queria mais, filho nenhum. E aí essa pessoa... então, talvez nem queria, né? Até não devia querer mesmo. Porque ela conta que quando engravidou de mim ela estava tomando anticoncepcional. Aí então eu vim mesmo empurrada (risos). Né? E eu não sei assim nem, você está dizendo mas, eu nunca fui atrás mesmo de saber. Que nem eu falo, eu me sentia que caiu de balão.

50. E.M: O seu irmão foi desejado? Havia um...

51. C.R: Eu acho que sim. Também não sei tipo assim, isso nunca foi conversado.

52. E.M: Mas a situação em si da doença foi uma frustração pra eles?

53. C.R: Foi. Total. Até porque, né, eles não entendiam, não compreendiam. Porque os médicos diziam que era hereditário, que passava de um pra outro. E na família realmente não há casos, não existe. Né? E assim o meu pai é daqueles que não acredita em nada. Né? Então e/ ele não acredita em nada. E não/ Também até hoje ele não aceita a morte do meu irmão. Ele... não concorda. Ele fica com raiva, não sei. Ele acha que o pessoal lá no Evoluir que ajudou ele a morrer (risos), né? Ele não entende, ele não aceita, ele acha que essa coisa toda do espiritismo que é tudo balela. Que é tudo coisa da nossa cabeça. Né? E assim, e... eu esqueci o que ia falar. É... vai falando, vai misturando... e eu esqueci o que ia falar. Não sei (risos).

54. E.M: É deixa eu te perguntar a sua vida, assim, social você trabalha com o quê?

55. C.R: Ah! Então... isso aí é outra coisa que também na terapia não resolvi, ainda. Porque é assim, é...

56. E.M: Você ainda faz terapia?

57. C.R: não. Eu parei em 2002 e não voltei. Mas assim, a minha... hoje atualmente eu trabalho, o meu pai tem uma empresa. Ele foi funcionário muitos anos e um dia ele decidiu que resolveu que ia abrir um negócio próprio. Ele trabalha com... faz parte de hidráulica e elétrica em obras. Então ele pega uma obra desde o início. Um prédio, por exemplo, pra construir e faz a fiação e a hidráulica do prédio todo, de cabo a rabo. E tem a parte dos pedreiros também, faz as lajes, tudo já com a fiação. Bom, e aí ele... eu estou lá com ele de novo. Porque esse/ esse trabalhar com família é complicado. Né? E o meu pai tem um jeito assim bem estúpido, grosso, de ser, de falar e tal. Que eu acho até que eu herdei dele um pouco disso. Eu sou um pouco assim, às vezes, estou tentando melhorar. Né? Mas, então atualmente eu estou lá com ele, assim, vou tentar contar do começo. Eu não sei nem por onde começar. Eu já trabalhei lá com eles. Nas duas vezes que eu fui pra lá foi porque, entre aspas, eu não tinha pra onde ir, eu não conseguia arrumar emprego, então eu fui pra lá. Mas, aí é que está, o não conseguir arrumar emprego (risos). É um boicote muito grande em mim, muito forte. É o meu inconsciente é poderosíssimo, (risos), é, você que está aí estudando, psicologia, sabe? Deve conhecer o livro: Complexo de Cinderela. Sou eu naquele livro, até eu tenho que pegar pra ler de novo e ver se eu dou um jeito, né? Então assim, a minha vida profissional eu não precisei trabalhar, graças a Deus. Né? É os meus pais nem queriam que eu fosse trabalhar. Então eu só estudava. Aí quando acabou o colegial eles não queriam que eu ficasse sem estudar. Mas, eu não sabia o que fazer. Né? Aí, como sempre gostei muito de inglês, aí eu resolvi que ia fazer tradutor intérprete. Né? Bom, mas, isso eu vim lembrar dez anos depois na terapia. Assim, eu sei que entrei na faculdade de administração. Porque é assim, você não vai parar de estudar, não sabe o que vai fazer, então vai fazer administração, né, porque todo mundo que não sabe o que fazer, faz administração. E aí foi uma tortura pra mim, porque o primeiro ano eu odiei, eu detestei. Não queria ir. Do meio do ano pra frente eu não fui mesmo. Só ia na aula de português, porque eu gostava. Nas outras todas eu não ia. Aí fiquei com um monte de DP. “Não, não vai parar de estudar não sei o quê”. Então vai mudar de faculdade. Fizeram [pais] eu transferir de uma faculdade pra outra. Aí eu fiz o vestibular pra garantir a vaga enquanto não saía a transferência. Saiu a transferência, daí eu entrei no segundo ano com aquelas DPs e mais um monte de adaptações, porque num ano teve uma aula que no outro não teve. Bom, e aí eu fui empurrando com a barriga. Peguei mais umas DPs. Eu levei cinco anos e meio pra conseguir me formar. Porque durante o curso eu só fiz uma DP. Aí eu me enchi e falei: vou fazer quando acabar. Então foram os quatro anos, acabou, levei mais um ano e meio pra completar as DPs. Me formei, isso foi em junho de 1999, né? E nisso eh... o meu primeiro emprego é/ assim, engraçado, os meus empregos sempre alguém arrumou pra mim. Eu nunca fui atrás. E primeiro foi um pessoal do colegial, uma amiga, tinha saído do colegial, tinha-se empregado era numa assistência médica, ali em Guarulhos, numa assistência médica, pequeno o local. Ela arrumou pra um outro amigo nosso e depois pra mim. Eu fui/ eu trabalhei lá um ano e meio. De noventa/ eu saí de lá em noventa e cinco. Eu trabalhei lá um ano e meio e nessa confusão da faculdade. Então eu estava trabalhando o dia inteiro e estudava a noite, né? E aí eu saí de lá em noventa e cinco e tinha

nascido minhas primas gêmeas. E aí eu sei que eu não fui atrás de arrumar um outro emprego. Eu fiquei meio que curtindo elas. Então eu fiquei com elas, assim, acho que assim, uns dois anos. Porque é assim, elas são filhas dessa minha tia, irmã da minha mãe. A minha avó mora vizinha da minha mãe, a minha tia, mora na mesma rua; a minha avó que cuidou dessas gêmeas também e cuida até hoje. E aí eu fiquei lá, fiquei curtindo, tal. E aí o meu tio – casado com essa minha tia – trabalhava na Ford. E aí ele arrumou para trabalhar na Ford. Era um trabalho temporário, lá em São Bernardo do Campo. Aí eu fiquei lá de julho até o fim do ano, acho. Aí fui embora, era temporário. Mas aí no começo do outro ano/ eu era terceirizada/ o rapaz dessa terceirizada me ligou, que tinha uma vaga na Ford do Ipiranga, se eu queria ir. Aí eu fui. Você tá em casa, não fazendo nada da vida e aí alguém bate na sua porta te oferecendo um emprego, e eu fui, né? E aí lá eu entrei como terceirizada, acho que em janeiro, fevereiro, foi começo do ano, em julho eu fui efetivada. Então eu deixei de ser terceirizada para ser funcionária da Ford mesmo. E já tinha gente lá oh, terceirizada, fazia tempo. E aí eu fui efetivada junto com mais umas pessoas. Fiquei lá, isso foi em noventa e acho que oito noventa e oito. Eu saí de lá em 2002, nisso houve umas mudanças, a gente mudou, voltou. Foi pra Avenida dos Bandeirantes, voltou pra São Bernardo. Mas eu era funcionária. Eu saí de lá em 2002. E foi muito engraçado, por que foi uma coisa que depois eu vim descobrir na terapia. Eu ia casar, que eu sou/ é meu segundo marido, o E., né? Eu ia casar, eu namorava, estava noiva, e já tinha uns cinco, seis anos de relacionamento. Aí resolvemos que ia casar. Então o meu casamento foi em abril de 2002. Em março de 2002, eu fiz que fiz que eu pedi as contas. E aí hoje eu paro e penso: que pessoa em sã consciência vai casar e pede as contas do trabalho, né? E eu não lembrava porque eu tinha feito isso. Eu ganhava bem. Ah! bem, não muito mas, eu ganhava, tipo, né, ah, hoje muita gente não ganha. E eu não tinha despesa com nada, sabe? Não tinha por que fazer aquilo. Fiz. Sabotei bem grande. Né? Porque meu tio que me arrumou o emprego lá. Conversou comigo, com o meu chefe. E assim eu tinha o trabalho dos sonhos. Porque eu naquele momento o meu trabalho era quase nada. Eu fazia o meu trabalho, sobrava tempo, se eu quisesse ajudar ou aprender alguma outra coisa. E eu lembro que assim, fazia e desfazia. Entendeu? Tinha o meu espaço. Bom, pedi as contas. Fui embora. Casei. Bonita. E aí casei, fiquei desempregada, o meu marido, na época, também ficou desempregado. Aí foi aquela beleza. Né? E o meu casamento durou um ano e quatro meses. Mas, aí ele já estava empregado. Eu já tinha voltado, eu tinha ido trabalhar com os meus pais. Por que ficou naquela, eu fiz várias entrevistas, várias coisas, e nada. Então, aí uma vez, chegou um dia lá que a minha mãe falou: “se você não conseguir esse, aí você vai trabalhar aqui com a gente”. Então foi isso que aconteceu. Né? E aí eu fui trabalhar lá com eles. Então era eu, e a minha mãe, lá no escritório. E o meu pai ficava nas obras, tal. E passava no escritório, às vezes, de vez em quando, de tarde e tal. E até eu falo. Né? Deus sabe o que faz. Porque quando aconteceu do meu irmão ficar doente, piorar assim e desencarnar, tal, eu estava lá no escritório. Minha mãe, quando ele foi internado num domingo, quando ele piorou mais assim, né, e isso foi domingo dia seis, foi o dia que eu estava fazendo um ano de casamento. Que eu não recebi nem um/ nem um nada assim. Bom, e ele foi internado no dia seis e eu estava lá, fiquei no escritório, falava com a minha mãe, por telefone, alguma dúvida que eu tinha, não sei o quê. E aí eu sempre fui meio assim, vai, precavida entre aspas. Então tinham muitas contas que venciam no dia dez. Aí já estava tudo lá. Estava sem fazer nada, então no dia nove, eu fiz tudo. Paguei tudo, fiz tudo o que tinha que fazer, não sei o quê. E o meu irmão morreu no dia dez. Então foi aquela confusão, aquele fuzuê. A gente soube de manhã; aí eu falo: que coisa, Né? Porque se eu tivesse deixado pra fazer as coisas, eu não ia fazer, aí ia vencer, ia danar tudo. Né? Aí eu fiquei com eles, lá no escritório ainda, né, um tempo, aí depois veio o convite pra eu voltar pra Ford. Me ligaram, se eu queria voltar. Precisavam lá, era coisa temporária de novo, mas precisavam lá, não sei o quê, aí me ligaram. Eu falei, ah, tá bom. Né? Lá com os meus pais, onde eu estava trabalhando, ganhava o salário e ia ganhar o dobro. Aí eu fui. Né? É temporário, eu vou, pelo tempo que for. Né? E isto foi acho que em 2004/ 2004 pra 2005. Por aí. É. Em 2005 foi quando eu conheci o E. Né? Aí/ e lá assim aí 2004 foi quando eu descobri na terapia, porque eu não tinha feito; lembrei do fato da faculdade, o quê que eu queria fazer. Quando eu saí do colegial. Né? E aí eu lembrei que/ eu falei: queria fazer faculdade de tradutor interprete. E aí o meu pai falou que eu ia morrer de fome, que aquilo não dava dinheiro.

58. E.M: E aí você apagou, anulou?

59. C.R: Apaguei, anulei. E assim, ele falou isso, mas, não falou mais nada. Tipo: não, faz assim ou faz assado. E eu fiquei naquela sem saber o que fazer. Eu tinha dezessete anos.

60. E.M: E aí sempre aquela coisa: dava errado e aí você voltava pra casa, voltava pra eles?

61. C.R: É. Sempre. Aí é que eu ia passar fome, ia morrer de fome. E aí foi quando eu não sabia o que fazer. E me enfiaram, na...

62. E.M: Era um certo medo? Você tinha um certo medo de enfrentar, de quebrar a cara?

63. C.R: Eu acho/ eu não sei se é isso. Eu ainda não descobri, porque ainda estou nisso.

64. E.M: Talvez uma insegurança, né? Até porque talvez isso não tenha sido construído, né, na relação com os seus pais, essa segurança: olha, você é capaz, você pode; porque isso é construído também na gente.

65. C.R: É. Uhum. E não foi. Em mim não foi. E ainda não estou conseguindo direito fazer, né? Bom, mas aí, na terapia, em 2004 quando eu lembrei disso, descobri. Aí fui atrás de saber e fazer. Aí vi que o curso não era reconhecido, de tradutor interprete. Aí falei: então vou fazer letras. Fui vendo tudo e falei: porque aí letras, eu vou poder – se quiser – poder ser professora, tem outras coisas. Fiz vestibular, passei, me matriculei, beleza. Trabalhava na Ford, terceirizada. Não era funcionária da Ford. Mas trabalhava lá. E a noite estava estudando. Conheci E., né? Aí a gente começou, fiquei meio assim, porque quando eu conheci ele estava com outra pessoa. Bom, sei que aí nos acertamos, assumimos o relacionamento e tal. E como eu trabalhava e acordava às cinco da manhã, pegava fretado. Tudo bem, ótimo, graças a Deus que era um fretado. Mas, acordava às cinco da manhã, estudava, chegava... eu dormia umas quatro horas por noite. Aí a gente começou a namorar e a gente queria ficar juntos, né, passar o tempo juntos. Então às vezes, acabava pegando no sono na casa dele. Voltava pra minha casa no meio da madrugada e aí dava aquela confusão. Eu estava morando com os meus pais de novo. Porque quando eu me separei do meu primeiro marido fazia quatro meses que o meu irmão tinha morrido. E aí, eu até pensei: eu podia ter até ficado. Porque eu morei num apartamento que era do meu pai. Eu podia ter ficado lá. Mas, eu não via sentido ficar lá sozinha e os meus pais em casa sozinhos. Aí voltei. Até porque, quando o meu irmão morreu que foi em abril, na hora, o meu pai quis que eu voltasse. E eu falei que não, ainda fiquei lá uns dias. O meu marido até ficou também um ou dois dias. Aí ele foi pro apartamento e eu fiquei lá ainda uns dias. Falei: não, né? Não posso não, tem por que. Até porque o meu primeiro marido quis que a gente morasse na casa da mãe dele, construir lá. Falei que não então, também não ia fazer ele vir, né? Bom, mas, aí já não estava tudo bem. A gente se separou em agosto. Aí eu voltei. E quando eu comecei a namorar o E., aí aquela coisa, eu voltei mas, eu era a menininha. Né? De novo. Então o meu pai começou a achar ruim, não sei o quê. Só que ele não fala pra mim. Não fala comigo. Minha mãe que manda o recado.

66. E.M: Hoje ele não concorda com o relacionamento de vocês?

67. C.R: Não. Ele não vai concordar com nenhum. Posso ter trinta, ele não vai concordar com nenhum (risos). Acho que nunca vai estar bom. Nunca... eu não sei o que se passa também. Mas, aí o que aconteceu: a gente resolveu, então decidiu ir morar juntos. Então vamos morar juntos. Então aí, beleza, resolvemos, tal. Aí o meu inconsciente é tão poderoso, eu me saboto tão bem, que no dia em que a gente pegou as chaves da casa que alugamos, eu fui mandada embora (risos) na Ford. Era terceirizada e tal. Mas, eu fui mandada embora. Eu falei: gente, ah, tipo vai, era temporário não sei o quê, eu já não estava gostando muito também. Mas, eu achei incrível. Falei: como é que pode? Tenho que funcionar pra uma coisa boa também (risos), né?

68. E.M: No caso, por exemplo, quando essas coisas aconteciam e você voltava pros seus pais. Você acha, por exemplo, que é... os seus pais, eles sempre te cobravam de alguma coisa? Havia ali uma cobrança ou uma culpabilização?

69. C.R: Aí eu não sei, viu. Eu ainda não consigo...

70. E.M: Porque a impressão que me dá quando você fala é que, de certa maneira, você se sente culpada de ter uma autonomia de vida. De poder seguir a sua vida adiante é.../ e deixar os seus pais. Não sei se é uma idéia assim: “olha, como eu já não fui desejada, já vim numa situação difícil...

71. C.R: Hum hum.

72. E.M: ...eu trouxe um problema pra eles. Então, como eu trouxe um problema pra eles eu não mereço ser feliz?”

73. C.R: É. Então, pode até ser isso. Eu não sei se é ainda não. Deve ser, porque assim, até hoje, eu dependo deles. Estou trabalhando lá. Eu praticamente não trabalho. Eu não faço nada quase, mas eu ganho um salário. Isso no começo pra mim foi muito confuso. Tanto que eu fiquei um ano lá com eles sem registrar em carteira. Porque eu voltei pra lá, mas, ninguém falou nada e eu também não falei. Entendeu? Era como se eu estivesse ali passando um tempo. Eu não encaro aquilo como um trabalho, né?

74. E.M: O relacionamento entre eles é bom ou não?

75. C.R: Ah eu acho que não. Não, é muito estranho, né? Também não vejo assim carinho, assim, é muito esquisito. Não sei. Então eu não sei. Se sempre quando acontecem as coisas eu volto, se é por conta de ser a criança que volta. Eu ainda não sei o quê que é.

76. E.M: Talvez alguma coisa que ainda os una de alguma maneira?

77. C.R: É. Eu não sei. Por que até oh essa coisa...

78. E.M: E aí aquela coisa: se você os deixa, quer dizer, essa união que não tem mais muito sentido. Então você sente responsável, e eles continuam e te prendem ali, né?

79. C.R: É. Eu não sei se é isso, (risos). Eu ainda não sei. Mas assim, é até da parte profissional assim, ah sim, lembrei do tradutor interprete. Até hoje não consigo falar inglês. Eu travo. Eu fiz aula, eu fiz curso, o meu professor até virou meu amigo. Ele é meu amigo até hoje, eu considero ele meu irmão. É.../ ele.../ eu.../ considero ele como meu irmão. Ele foi meu padrinho nesse primeiro casamento. E ele fala: “Cris, você sabe”, né? Eu fiz aula particular depois com uma moça, que também ficou minha amiga, tal. E ela falava: “Cris você sabe”. Mas, tipo, me trava, e tal. Aí eu fui fazer, uma vez, um curso lá no Evoluir. Eu fui fazer um curso que era propósito de vida. Assim, voltado pra área profissional mesmo. E aí eu falei disso, né, que eu já fiz, já estudei, eu gosto. Mas, quando é pra eu falar ou eu... eu me embanano toda, me dá um branco, não sei mais o quê que é. Eu não sei mais nada, né? E aí nesse curso ele foi falando da infância, não sei o quê, e aí que eu lembrei disso, que o meu pai falou, que eu ia morrer de fome. Que não dava dinheiro, não sei o quê. Aí depois também/ aí a terapeuta no caso era [nome] que estava lá. Ela falou: “vamos supor que você fale inglês, e receba um convite pra trabalhar lá na China”. Aí eu falei: eu não vou. Daí então talvez seja isso que você falou agora né, dos pais. Então, não sei até hoje eu estou travada nisso, no profissional, né?

80. E.M: E você acha, por exemplo, quando você está trabalhando aqui no centro, como/ com essa parte mediúnica você se sente menos travada, você se sente mais livre pra expressar certas coisas? É... você acha que a mediunidade te ajudou nesse sentido, não?

81. C.R: Não. Eu acho que não.

82. E.M: É?

83. C.R: Não. Eu acho que não. Não, eu acho que não.

84. E.M: Ela não te liberou, não te ajudou nesse aspecto?

85. C.R: Não, não.

86. E.M: Você sente que é uma coisa a parte, não tem relação, com...

87. C.R: Com as minhas neuras. Né? Eu não tenho não.

88. E.M: Não, eu não digo nem tanto nesse sentido. É num sentido assim de que é/ aqui você tem esse espaço talvez de um acolhimento, alguma coisa assim?

89. C.R: Hummm... Eu não sei se eu entendi a pergunta. Mas assim, eu me sinto bem aqui com o grupo, com o pessoal. Mas é uma relação também assim, meio, como se fosse profissional, tipo, não é uma relação assim de amizade, familiar que, se consideraria né? Familiar, isso eu tenho de fora de amigos, por exemplo. E é engraçado, é até o meu relacionamento com o E., né, agora está chegando num ponto que eu fui guardando muita coisa, por esse meu medo de falar, de me expor, o que eu penso o que eu sinto. E agora eu estou tentando retomar isso. Só que pra mim é muito difícil. Eu até estava lembrando, aí eu não conseguia falar, eu escrevia, mas, eu escrevi e não mostrei o que eu escrevi, guardei. Né? E assim, pelo que eu falei do sentimento assim do abandono. Tipo eu falava uma coisa ou fazia alguma coisa, eu dizia o que eu penso o que eu sinto e ser abandonada. Isso pelos pais e pelo homem quando é o relacionamento. Eu tinha isso também com o meu ex. marido. E esses dias, isso está voltando agora à tona, esses dias eu estava me lembrando que quando comecei, quando conheci o E. A gente começou a se falar, a conversar, nossa: a gente conversava muito. Né? Às vezes, até por telefone. Ficava horas no telefone. E aí de repente, o negócio foi ficando mais sério, e aí uma coisa, às vezes, que eu falava ali, que eu sentia um não muito bem recebida ou, uma outra coisa, que eu dizia do que eu sentia do que eu pensava, que era recebido... eu não sei explicar. Se é, como se eu fosse rechaçada do que eu penso ou do que eu sinto. E a pessoa que eu amo. Né? No caso os meus pais e ele. E é isso me dá um pavor né. E

isso na terapia foi falado, foi tratado. E tem né, lá no caso, a terapia transpessoal, que eles consideram o espírito. Consideram as outras existências as experiências que o espírito tem. Né? E até eu... essa semana que passou eu falei com o E. sobre isso. Eu não conseguia falar. Mas aí eu li o que eu tinha escrito. E aí é como se eu não tivesse falado nada. Aí ele começou a falar dos filhos dele. Por que ele tem quatro filhos do primeiro casamento. E...

90. E.M: Você leu o que você tinha escrito de uma psicografia, alguma coisa assim?

91. C.R: Não. Que eu escrevi do que eu sentia, do que eu pensava e do meu medo de falar. Daí eu li pra ele, porque ele não quis ler. Aí eu li e aí quando chegou nessa parte, do meu medo de falar, eu já estava chorando, aos prantos, mas lendo, firme e forte continuei lendo. Aquilo me deu um certo alívio mas, não passou ainda. Por que eu não falei tudo o que eu penso, tudo o que eu sinto. Então, agora é que está começando eu tentar perder, porque eu sei que não leva a nada, isso. Mas, eu sei, o meu consciente sabe disso. Aí vai lá e faz. Né? Então/ e isso em casa né, com os meus pais, nunca teve. Então, eu não sei também se é porque eu não aprendi, em casa nunca teve diálogo de nada. Entendeu? Então assim, eu lembro que quando eu era menina e fiquei menstruada, a primeira vez, sabe eu tinha medo de falar pra minha mãe. Porque não tinha conversa. Né? Muito estranho, muito estranho, um relacionamento muito esquisito. E assim, meu pai não fala praticamente, comigo assim, ele manda recado. Que nem, quando eu era jovem, eu era a ovelha negra também né, por que eu saía, ia pras baladas, tudo, amanhecia na rua, nunca fiz nada... nunca fui descabeçada. Né? Nunca me desvirtuei assim né? Nunca usei droga, nunca bebi, não gosto de nada disso, nunca fumei. Né? Mas, eu saía, saía de casa meia noite e minha mãe ficava apavorada, por que era o horário que tinha que estar chegando em casa. Né? E o meu irmão já não ele, ele ficava em casa. Até se não sei se por conta do problema dele, da hemofilia, ele também era meio recluso, meio fechado. A gente não se dava muito bem. A gente foi se dar bem assim nos dois últimos anos dele, né? E com o meu pai, nunca teve conversa, nunca, ele manda recado. Ele não sabe falar, ele não sabe como agradecer, ele não sabe, e eu acho que herdei isso dele, ou não sei, se eu aprendi isso com ele, eu não sei ainda o que é que foi. Né? Eu sei que/ E agora também a gente está numa situação assim, porque a minha mãe veio toda me contar, com dedos, que ele foi fazer uns exames, e tal, não sei o quê, e diz que está com câncer na próstata. Aí está todo mundo morrendo de medo, não sei o quê, aí ela/ mas não fala nada. Você não sabe de nada (risos). Sabe, é umas coisas assim. Muito... Que nem, quando o meu irmão... Pode falar, pode falar...

92. E.M: Deixa só eu te falar Cristiane, é, eu acho que é assim, tudo o que eu precisava da entrevista pra gravação. Eu, só vou parar aqui a gente continua conversando, tá bom?

93. C.R: Tá. Tá, tudo bem.

_____ //

Apêndice C –

Relatórios de Observação

CENTRO ESPÍRITA ISMAEL
CURSO DE EDUCAÇÃO MEDIÚNICA
PINTURA E PSICOGRAFIA

Relatório 1 / Data: 08/04/2009

Trata-se da minha primeira participação no trabalho mediúnico de pintura e psicografia do centro espírita Ismael. Após conversar com o dirigente da casa, S.G, e receber a confirmação de que poderia dar continuidade à minha pesquisa sobre mediunidade, dirigimo-nos à sala onde ocorreria a aula de pintura mediúnica. O local é bem organizado e lembra, de fato, um ateliê de pintura, ou uma sala de aula. S.G me apresentou para I.Z, e fui muito bem recepcionado por ela¹. I.Z é a responsável pelas aulas teóricas e práticas desse curso. Expliquei-lhe o motivo de estar lá e de querer participar das aulas. I.Z perguntou se minha pesquisa tinha por base o estudo da “glândula pineal”, uma referência à “teoria” do psiquiatra espírita Sérgio Felipe, que acredita ser tal glândula do cérebro uma mediadora para o fenômeno de mediunidade. Esclareci I.Z de que eu não abordaria o aspecto neurológico, mas sim o psicológico, isto é, comportamental, emocional etc. Ela então pergunta se eu sou espírita ou não, e eu lhe explico que tive uma formação espírita e que conheço os livros da codificação e de outros autores espíritas, como Chico Xavier, mas meu interesse nesse momento seria apenas de investigação psicológica e científica. I.Z salienta o fato de que, no centro Ismael, eles também procuram trabalhar bastante com o aspecto científico e por isso ela me perguntou sobre as questões neurológicas.

Em seguida, eu pergunto se estou muito atrasado quanto ao conteúdo das aulas, e me informo de que já se passou um mês desde a primeira ocasião. I.Z mostrou-se muito solícita, assim como o diretor S.G mostrara-se anteriormente, e afirmou que me passaria o conteúdo prático e teórico das aulas antecedentes se eu pudesse chegar mais cedo nas próximas vezes. Ela me mostra então o livro no qual se baseia para formular parte das aulas:

PUGLIA, C. S. C. S. CDM – Curso para dirigentes e monitores de desenvolvimento prático mediúnico. São Paulo: FEESP, 2000.

I.Z aponta o capítulo cinco do livro, referindo-se ao conceito de PACEM, uma espécie de classificação dos principais estágios pelos quais passa o desenvolvimento da mediunidade, classificação esta elaborada a partir das leituras de Kardec. I.Z se dispõe a me emprestar seu livro, dizendo ter outro com ela em casa. Depois disso, a aula começa e I.Z me apresenta aos participantes das aulas. Ao explicar a todos que sou formado em Psicologia e que estou desenvolvendo uma pesquisa sobre mediunidade, uma reação em cadeia se inicia com os participantes. Uma senhora (A) questiona: “mas você vai trabalhar também o aspecto espiritual, ou só o psicológico?” (sic). Eu explico que trabalharei o psicológico, mas sem desconsiderar a interpretação religiosa e espírita desses fenômenos. Em seguida, outra senhora (S) afirma: “você sabe que eu estava querendo muito que uma pessoa assim, um psicólogo, viesse aqui para o centro? Acho que ouviram as minhas preces, porque era justamente o que eu tinha pedido” (sic). I.Z explica a todos que minha formação religiosa inicial é espírita. (A) pergunta outra vez: “ah, mas você vai ser bonzinho conosco, não vai?” (sic). Eu respondo que sim, e digo que vim para aprender com todos eles.

¹ Pouco antes de ir embora, S.G. fez ainda um rápido comentário à I.Z, em tom de brincadeira, dizendo-lhe que, caso eu sentisse a vontade de manifestar algum espírito, que ela não hesitasse em me fornecer caneta ou lápis para pintar ou psicografar.

A aula começa com uma oração feita por I.Z e em seguida com a leitura de dona A de um dos capítulos do livro *Pai nosso* de Chico Xavier, cujo título é “Ajuda sempre”. Segue-se uma pequena discussão sobre o tema abordado. Durante esse rápido debate, tanto A quanto S fazem alusões esporádicas à minha presença, com frases do tipo: “isso é para o psicólogo resolver”, “preciso de terapia” etc. O texto fala sobre a importância de acolher e escutar alguém quando está nervoso ou passando dificuldades, ao invés de incentivar a pessoa a reclamar ou mesmo criticá-la. Após a discussão, I.Z ensina algumas técnicas básicas de desenho que serão praticadas logo depois. Ela apresenta as técnicas do desenho cego e semi-cego, e fala algo sobre controlar o nosso “lado esquerdo do cérebro”, para que ele não critique ou diga que aquilo que foi desenhado está feio, que precisa melhorar. No desenho cego, a pessoa tenta desenhar a mão esquerda sem olhar para ela. No semi-cego, conserva a imagem na mente e depois a desenha.

Após o rápido exercício, os alunos são colocados num estado de tranquilidade e relaxamento, por meio de ambientação musical e sugestões verbais de cunho espírita. Sugere-se que os médiuns entrem em contato “com esse amigo espiritual que está se apresentando à sua frente. Receba-o, abraça-o” (sic). Seguem-se mais uma série de orientações verbais e os médiuns iniciam a atividade que desejarem. Alguns se dedicam à pintura, outros à psicografia, e alguns aos dois tipos. Cada qual tem seu jeito peculiar de manifestação. Enquanto observo, faço algumas perguntas para I.Z. Ela me permite também circular pela sala e averiguar as produções de cada médium.

Nesta aula:

- R.O pinta três quadros. Sua produção é uma das melhores. Seu estilo é ágil e, por vezes, agitado. Rí bastante enquanto pinta, parece às vezes encontrar-se num estado de êxtase, semelhante ao do médium Gasparetto. I.Z afirma ver nesse seu estilo o sinal de uma mediunidade ainda não totalmente controlada, algo que não seria tanto culpa dos espíritos, mas uma característica da própria médium. R.O teria dito ficar inconsciente, mas I.Z não acredita tanto nisso. Para esta última, são muito raros os médiuns inconscientes. A maioria deles permanece consciente, embora intuem as coisas de modo distinto, quer pela visão, audição, idéia etc. Outra informação importante é que R.O realiza curso de pintura fora do contexto espírita. Aliás, ela já pinta munida de um vasto kit de pintura...

- (F) também denota uma boa produção. Pareceu-me calado e reservado. Segundo I.Z, é uma pessoa de grande humildade. Ao final da reunião, F fotografou suas próprias pinturas. Neste dia, ele realizou apenas uma pintura, a qual, na verdade, já parecia estar mais ou menos pronta, necessitando apenas de algum acabamento. I.Z esclarece que esse é um procedimento comum: é dada permissão aos médiuns continuarem uma produção que deixaram inacabada noutro dia. (F) não teria realizado curso de pintura, segundo I.Z.

- S.H fez um desenho e depois psicografou. Seu estilo é bem mais simplório, e lembra as produções de uma criança ou de qualquer adulto iniciante na prática da pintura.

- (A) fez duas pinturas. Seu estilo também é básico, mas superior ao de S.H.

- (P), segundo I.Z, é médium de psicografia mecânica (não controlaria o movimento das mãos). Fez uma pintura e depois psicografou. Algumas horas ela parecia estar cantarolando, junto com a música de fundo. Interpretou-se isso, por parte de I.Z, como a presença de vários artistas desencarnados no aposento, inclusive cantores. O que se observou é que o cantarolar de P apenas reproduzia a música de fundo que embalava a atividade.

- (S) fez dois desenhos, um colorido, e outro cheio de linhas e um círculo no meio. Disse ter se sentido mal ao fazer este último desenho. “É confuso como eu, como minha vida (sic)”.

- E.Z pareceu-me também reservada, conquanto mais falante que F. Ela desenhava escondendo o desenho, como se tivesse vergonha, ou não quisesse expô-lo aos demais, antes de estar acabado. Desenhou um homem e duas cortinas ao lado. I.Z interpretou como sendo um artista, pois havia, segundo ela, muitos artistas desencarnados nesse dia.

- I.Z, a professora, chegou a estudar desenho antes de começar a frequentar o centro espírita. Mas afirma que quando pela primeira vez chegou, embora já tivesse noções suficientes de pintura, não conseguia fazer uma linha sequer durante as reuniões mediúnicas. Prometeu-me trazer os seus desenhos iniciais para análise (cheguei a entrevistá-la posteriormente).

Os desenhos com flores se repetem com uma constância muito grande. Em geral, são vasos, ou jardins, ou qualquer outra coisa semelhante. Talvez isso tenha relação com a facilidade com que esses objetos são representáveis pictoricamente. Ou talvez haja um motivo simbólico, a ser investigado. Ao final, alguns dos presentes receberam mensagens espirituais, fizeram-se orações e tudo terminou. Alguns permaneceram lendo suas psicografias aos demais, depois da atividade. Muitos se despediram e foram embora.

CENTRO ESPÍRITA ISMAEL
CURSO DE EDUCAÇÃO MEDIÚNICA
PINTURA E PSICOGRAFIA

Relatório 2 / Data: 15/04/2009

Antes de adentrar a sala designada, passo proximamente a outra e percebo que a mesma está pouco iluminada, tendo apenas algumas luzes verdes acesas. Mais tarde, ao perguntar para I.Z sobre esse assunto, descubro que aquela é uma sala onde se efetuam passes, e o ambiente escuro daria um “clima” de maior tranquilidade (tal dado é importante, pois o emprego da cor verde, o ambiente escurecido, as sugestões verbais, os movimentos dos médiuns passistas com os braços e as mãos em baixa claridade etc. são fatores que poderiam induzir algum tipo de alteração de consciência em certas pessoas, a qual facilitaria a ocorrência de alucinações visuais, táteis e outros tipos de experiências².

Ao chegar, percebo que nem todos os participantes do curso se encontram na sala. Cumprimento I.Z, R.O e A. Explico à I.Z a razão de meu atraso (pois havíamos combinado, na semana anterior, de chegar mais cedo para que ela me passasse o conteúdo que eu perdi das aulas anteriores). Nesse ínterim, I.Z se aproxima e espontaneamente decide me relatar duas histórias suas relativas ao seu trabalho com pintura mediúnica. Na primeira delas, uma mãe, frequentadora do centro, pede que ela solicite aos “mentores espirituais” um quadro para o seu filho. I.Z pinta então a imagem de um menino com rosto parcialmente escondido. Era um quadro grande, e I.Z achou aquilo um desperdício, pintar um menino pela metade. Depois desenhou algumas flores. A mãe trouxe o garoto e o apresentou para I.Z; o menino lhe deu um beijo, e agradeceu por ela ter pintado seu amiguinho. A mãe do garoto explicou para I.Z que o menino tinha um amigo imaginário, o qual sempre se apresentava de maneira parcial para ele, como na pintura. Depois, I.Z relatou-me outra história em que havia participado da feira do livro, junto à rádio boa nova, e uma mulher lhe pediu um quadro, mas não desejava um tema floral. Acontece que I.Z estava com muita vontade de desenhar flores, era algo irresistível – atração que ela interpreta como sendo de natureza espiritual – e as fez assim mesmo. A solicitante acabou por aceitar o quadro.

Questiono I.Z acerca da constância do tema floral nos quadros, e se isso teria alguma explicação específica. Ela não soube me dizer, mas acredita que seja em decorrência de as flores inspirarem as idéias de sensibilidade, de calma, de paz.

Como ainda faltam alguns participantes, I.Z me autoriza a usar o tempo disponível para tirar algumas fotos dos quadros, o que faço imediatamente. Depois de todos chegarem (menos F e E.Z), a atividade do dia tem início. O mesmo esquema da ocasião anterior é seguido: prece inicial, leitura de um texto e sua discussão, exercício de pintura e, por fim, exercício de psicofonia ou psicopictografia. É bom lembrar que todos aprendem noções básicas de pintura nessas aulas, e alguns já possuem uma prática muito boa, como R.O, que inclusive realiza curso de pintura em outros horários do dia.

Nas ocasiões de leitura, I.Z sempre me empresta seu livro para que eu acompanhe o texto com todos. Eu não me recuso a isso, pois é uma forma de me entrosar com o grupo e de me

² I.Z forneceu-me toda uma complexa explicação espírita para a configuração do ambiente daquele modo, misturando elementos espirituais e fisiológicos em seu discurso. Falou-me da ativação da glândula da hipófise, que se daria em ambientes escuros, facilitando o desligamento do “perispírito” e permitindo maior eficácia no trabalho espiritual.

envolver com as atividades; porém, não participo diretamente dos demais exercícios; apenas observo e acompanho, de modo a manter algum distanciamento.

O exercício de psicografia / pictografia segue o mesmo princípio: os alunos são convidados a relaxarem, posicionando-se melhor na cadeira, e a respirarem profundamente. Ouvem a leitura em voz alta de algum texto “edificante” do evangelho feita por I.Z (enquanto estão de olhos fechados) e recebem a sugestão para realizar algo mediunicamente, a qual sempre vem acompanhada da orientação verbal para se perceber o “amigo espiritual” que se aproxima, que está cada vez mais perto etc. Nada há de muito interessante a acrescentar quanto às produções, a não ser que R.O estava de olhos visivelmente abertos desta vez, e já não ria como da outra ocasião, mas mantinha o jeito ágil de pintar, sempre usando as mãos e nunca o pincel.

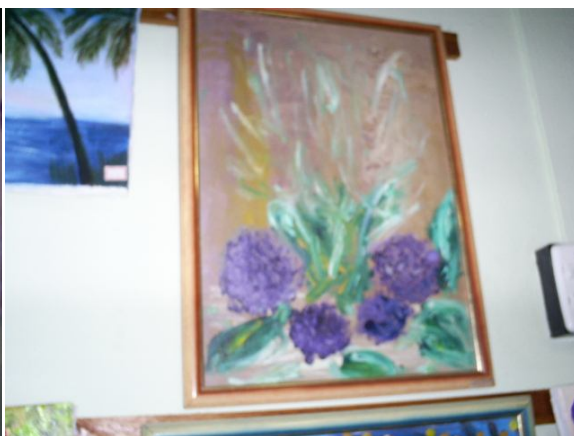
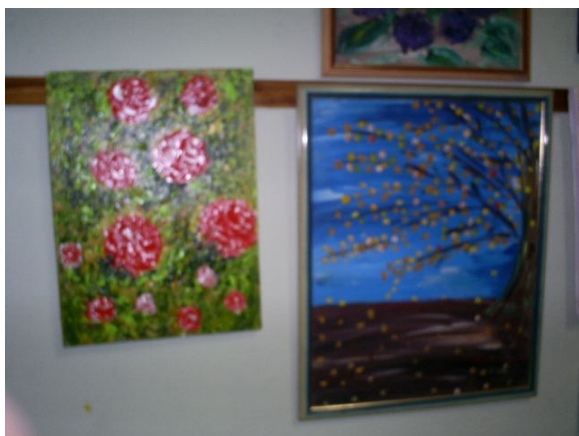
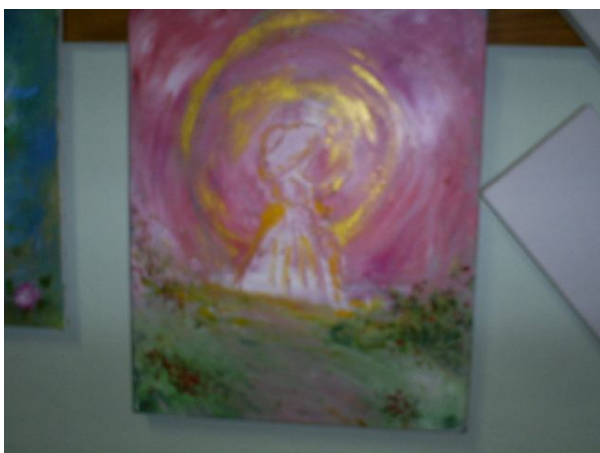
Tivemos a presença de outra aluna na aula, C.S, que se sentou entre P e S. Ela havia faltado na semana anterior. Sua produção pictórica também é bastante simples. Próximo do final da aula, F chegou para participar, mas preferiu não pintar. Outro fato interessante a ser salientado, e já observado na sessão anterior é que, geralmente, os alunos reutilizam telas já prontas para pintar novas imagens. R.O havia reaproveitado algumas telas já na reunião anterior. (A) também desfez hoje um quadro de flores espalhadas por um campo, passando a pintar outra figura por cima. Quando perguntada depois, respondeu que “eles”, isto é, os espíritos, é que haviam solicitado esse procedimento, “fazer o quê?” (sic). Outro ponto importante é que muitos simplesmente continuam telas de dias anteriores, incluindo novos elementos à pintura. Assim, os participantes têm a possibilidade de aperfeiçoar suas produções e de modificá-las à vontade e com o tempo necessário para isso, sem que necessitem cumprir com um corpo específico de regras e avaliações. Embora cada qual acabe servindo de árbitro na avaliação das produções dos demais (inclusive com dicas importantes, vindas dos mais experientes, quanto à manipulação de certos materiais ou recursos), trata-se somente de comentários ou opiniões pessoais, e não observações estritamente técnicas. Essa ausência de (ou diminuta) preocupação com os aspectos formais das produções pode ser negativo do ponto de vista do aprendizado e aperfeiçoamento prático; mas é positivo no sentido de não impor excessivos limites à manifestação dessas capacidades criativas (a não ser, é claro, no que tange ao conteúdo das imagens, de caráter prioritariamente religioso). É comum que os médiuns relatem sensações ou emoções positivas durante a atividade. Nesse sentido, o desenho parece ter mais uma função relaxante ou mesmo catártica, do que uma propriamente estética. Um exemplo disso pode ser encontrado no caso S, estudado nesta dissertação.

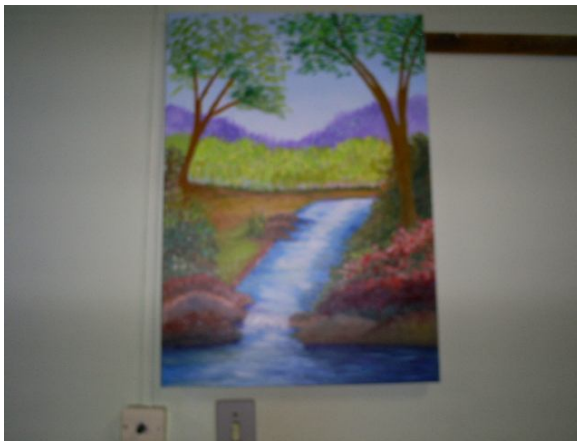
Durante a feitura dos quadros pelos alunos, I.Z me mostrou o material que havia prometido na semana anterior: uma série de desenhos que teria feito no início de seu processo de educação mediúnica no centro. Segundo ela, tais desenhos teriam sido elaborados espontaneamente, sem que ela pudesse controlar o movimento da mão ou do braço – embora não permanecesse inconsciente. Pela análise de algumas das figuras, percebi que não havia razão para desconfiar que sua afirmação fosse verdadeira, pois me pareceu um autêntico caso de “pintura automática”, inclusive com a irrupção de conteúdos inconscientes. Num dos desenhos, por exemplo, encontravam-se várias notas musicais espalhadas de modo aleatório e misturadas com traços disformes, próprios das primeiras tentativas de escrita automática. O curioso nisso tudo é que I.Z tocava piano quando criança. Segundo seu relato, ela permaneceu anos sem retomar essa atividade, e diz já não se lembrar de nada do que aprendeu. É bem possível, portanto, que as notas representem um retorno de conteúdos da infância. Interessado nesses desenhos, eu pedi para entrevistá-la. Já recolhi com ela o material dos desenhos para xerocopiar e digitalizar (cf. caso I.Z nas transcrições desta dissertação).

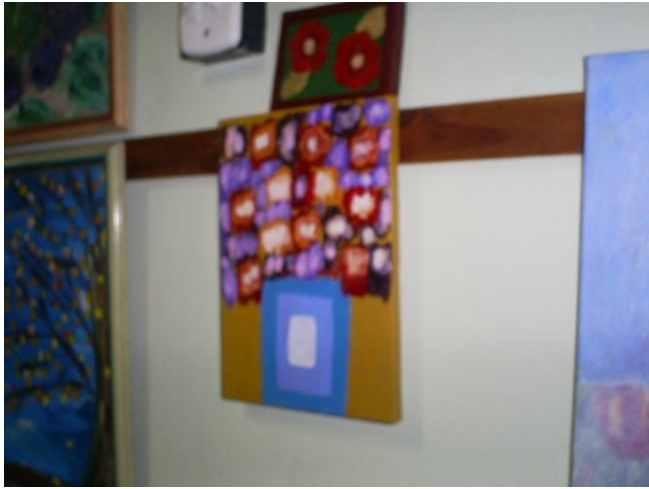
Também conversei com a médium S para marcarmos uma entrevista. O curioso no caso dela é que, ao contrário dos outros, ela realiza tanto desenhos e psicografias harmoniosos quanto confusos, e tende a atribuir suas produções confusas a ela mesma e não aos espíritos. Pensei que seu caso pudesse ser interessante de um ponto de vista psicológico. Hoje mesmo, S olhou para uma produção sua e disse: “isso está confuso, acho que esse espírito aqui está é junto comigo, pois essa é a minha confusão” (sic).

Ao final, vi uma cena que não entendi muito bem. Eu estava conversando com S, e percebi que R.O chorava. Ela parecia estar emocionada, pois teria visto uma imagem de Jesus que a deixou muito comovida. Ela também se queixava de não haver terminado o outro quadro que começou a elaborar, um vaso com flores. Após tais incidentes, fui-me embora.

A seguir, encontram-se alguns exemplos de produções dos médiuns, registradas com a câmera e posteriormente digitalizadas.







CENTRO ESPÍRITA ISMAEL
CURSO DE EDUCAÇÃO MEDIÚNICA
PINTURA E PSICOGRAFIA

Relatório 3 / Data: 29/04/2009

Na semana anterior, não havia participado da aula em decorrência de atividades acadêmicas. Desta vez, chego com antecedência, um pouco mais de meia hora antes do horário em que se inicia a aula de pintura e psicografia. Vendo que a porta da sala estava fechada, dirijo-me então à lanchonete do centro para fazer uma breve refeição antes da atividade. Lá chegando, encontrei I.Z, R.O e outra moça (V.A) a qual descobri ser, na verdade, a dirigente do próprio curso de pintura e psicografia. Após minha refeição, conversei com V.A e os demais presentes. (V.A) parecia interessada em se informar melhor acerca da pesquisa: sobre qual assunto é, como está sendo feita etc. Procurei esclarecer todas as suas perguntas. Dentre elas estava, evidentemente, “e o que você acha, de fato, da mediunidade? Você acha que os(as) médiuns são todos doidos (rindo) ou são boa gente? (sic)”. Explico que uma concepção como essa não tem fundamento para ser sustentada em relação a todos os casos de mediunidade, mas deixei claro que eu não avaliaria os médiuns de um ponto de vista clínico, não faria diagnósticos. Nessa ocasião, como em outras, o fato de salientar minha formação pessoal e familiar como espírita foi suficiente para diminuir um pouco as eventuais preocupações e questionamentos. Fizeram-me, ainda, algumas perguntas sobre minhas atividades no mestrado e perguntaram algumas coisas sobre psicologia como, por exemplo, o que é psico-oncologia (pergunta feita pela R.O). Nesse momento, V.A relata ter uma irmã que passou pela experiência do câncer; explico-lhes um pouco da atividade do psicólogo nessa área. Percebo em V.A certo desconforto, como se estivesse tímida com a minha presença; percebi isso desde que cheguei. Em dados momentos, tive a impressão de que ela parecia tentar me agradar com sua conversa sobre psicologia. Como em outras ocasiões, minha presença como representante da psicologia parece ter gerado preocupações e dúvidas que foram logo esclarecidas e acalmadas, de forma a se evitar dificuldades futuras.

Enquanto eu fazia minha refeição, um pouco antes de ir conversar com as três, sentei-me em uma das mesas próximas à lanchonete, e enquanto me alimentava, pude ouvir parte da conversa estabelecida. R.O contava-lhes, bastante entusiasmada, sobre as aulas de pintura que havia iniciado fora do centro espírita. (V.A) então comentou: “que bom, né? É bom se aperfeiçoar, porque ficar pintando só ‘florzinha’ não dá...” (sic). Esse comentário foi importante, porque tende a mostrar que a preferência das médiuns pelos temas com flores, está bastante relacionada à facilidade com que esses desenhos são representados pictoricamente (embora não se tenha descartado totalmente a hipótese de um simbolismo inconsciente por trás do emprego frequente de flores nas pinturas dessas médiuns).

No instante em que eu estava conversando com as três, chega até nós um rapazinho negro e bem magro que chamaremos, por ora, de R. Pelo que pude entender da conversa que ele teve com I.Z e V.A, o rapaz iniciou faz algum tempo o curso mediúnico, mas está ainda no começo. Todavia, diante dos “sintomas” de psicografia que teria apresentado (os quais ele descreve como a sensação de “pingos de neve” ou “pingos d’água” (sic) que caíam em sua mão), R foi direcionado para uma etapa mais avançada. O rapaz diz que preferiu esse curso porque gosta do trabalho de Chico Xavier e queria desenvolver também a psicografia, como ele. (V.A) explicou que não seria bem desse jeito, que ele teria bastante tempo para se aperfeiçoar e compreender tudo isso melhor, e que não deveria se preocupar em ser como Chico; mas tanto ela quanto I.Z aceitaram a participação

do garoto. (R) parecia ansioso para começar. Depois, durante a aula, chegou a confessar que estava “nervoso, muito nervoso (rindo)” (sic). Fiquei intrigado com o caso dele, principalmente por causa de seu interesse, sua admiração por Chico, e sua vontade de produzir algo semelhante ao que Chico produziu. De todos os presentes, o rapaz foi o que mais apresentou dificuldades para começar a produzir durante essa sessão.

A reunião iniciou como de costume. (A), (S.H) e (F) se ausentaram. A ausência de S.H se deve a uma cirurgia que ela deveria realizar, mas a qual exigiu repouso (segundo informações que ela havia passado na sessão anterior em que estive). O curioso nessa reunião foi que, antes de iniciarem, V.A deu toda uma explicação a R sobre como acontece o trabalho. Nisso, ela acabou por esclarecer algumas questões importantes. Disse que os médiuns ali são levados a controlar a manifestação das entidades espirituais, e eles não podem escrever, desenhar ou fazer qualquer outra coisa, durante a sessão, que envolva algum tipo de ofensa aos outros (palavrões, pensamentos “negativos” etc.), ainda que surjam tais vontades. As produções devem permanecer anônimas, sem assinatura do suposto autor espiritual (algo que, de todo modo, eu já havia notado). Descobri com I.Z, mais tarde, que tal medida também é empregada na Federação Espírita do Estado de São Paulo. Lá, só um dos médiuns teria a permissão para assinar os nomes dos artistas “desencarnados”. Também não são permitidas na sessão comunicações de parentes falecidos de pessoas conhecidas dos participantes ou de terceiros. Esse dado mostra que a manifestação mediúnica é fortemente condicionada em seu desenrolar pelas atividades do centro espírita, não sendo permitidas expressões que contrariem os valores cristãos (ex: comunicações que incitem o orgulho dos médiuns etc.). (R) pareceu resistir um pouco às recomendações de V.A; dizia estar nervoso e com medo de que algo o controlasse e ele não pudesse impedir tal fenômeno, mas foi logo acalmado por V.A e I.Z.

A reunião seguiu normalmente. Um novo integrante também apareceu, I.A, que havia faltado nas aulas anteriores. Ao invés do exercício de pintura, todos leram um trecho do Evangelho Segundo o Espiritismo.

Em relação às produções, é preciso dizer, tanto com base nessa sessão quanto nas anteriores, que a maioria é bastante simples e as mais elaboradas recorrem a aprendizado externo, como é o caso de R.O. Foi possível perceber que algumas psicografias são feitas e apagadas com borracha, demonstrando intervenção e deliberação aparentemente conscientes.

- I.Z e também V.A chegaram a psicografar alguns textos. A psicografia de V.A pareceu-me automática, por conta das linhas distorcidas e da rapidez com que foi feita.

- No momento das sugestões verbais, I.Z recorreu à imagem pacífica de flores, jardim, campo e sugeriu a presença de um pintor, escritor ou ‘amigo espiritual’.

- Ao final, S. afirmou que a ‘faixa vibratória’ do ambiente não estava nada boa, pois ela apresentou mal-estar. C.A desenhou frases com letras garrafais, em vermelho, em folhas A4, com modificações e ampliações do tema ‘sangue e vida’. Ela falou sobre algo como transfusão de sangue, que a população estaria necessitando de doação de sangue. Mas ela fez uma crítica à religião das testemunhas de Jeová. Afirmou que não conseguia entender: “como é que o ser humano ainda é tão inferior de ter uma religião que proíbe as pessoas de receberem esse tipo de ajuda?”(sic). Ela também chorou no momento em que V.A deu sua mensagem “psicofônica”, dizendo que aquela reunião foi de ‘socorristas’ do plano espiritual, e que houve o resgate de ‘entidades enfermas’ e sofredoras. Ela disse ter visto macas de hospital, e enquanto falava fez uma crítica à classe dos médicos, chamando a atenção para desenvolverem sua humildade e deixarem de ser orgulhosos, ao duvidarem daquilo que não conhecem.

- Enquanto isso, R fez uma psicografia bem simples, e com data errada de 2008.
- (E.Z) fica sempre ensimesmada, e não permite que se veja o que ela está produzindo até que termine a aula (ela coloca os braços por cima da folha, de modo a ocultá-la); ao final, desenhou uma bailarina.
- I.A desenhou esboços de pés (aparentemente, de humanos), uma casa de madeira, uma pessoa sentada, uma figura não identificada e outros.
- (S) desenhou figuras geométricas num fundo colorido, e psicografou algumas mensagens.
- (P) pintou flores.
- (R.O) fez uma pintura difícil de identificar, mas que envolvia cor preta e vermelha. Ela relatou sentimentos de angústia e medo frente a essa pintura.

CENTRO ESPÍRITA ISMAEL
CURSO DE EDUCAÇÃO MEDIÚNICA
PINTURA E PSICOGRAFIA

Relatório 4 / Data: 13/05/2009

Ao chegar, todos já estavam discutindo a leitura inicial. Estavam presentes hoje: (R.O), (V.A), (I.Z), (S), (F), (C.A), (P) e (A).

Aparecida estava explicando sua compreensão da leitura, quando R.O se interpôs e as duas iniciaram uma discussão um tanto acalorada. Não acompanhei a leitura do texto, pois não cheguei a tempo, mas (A) esclarecia que muitas pessoas “perdem” (sic) seus dons mediúnicos em decorrência de se envolverem com práticas como Umbanda e outras. R.O veio defender a mediunidade praticada na Umbanda, afirmando que seu pai havia sido médium nesse contexto religioso, e que ela própria já teve contato com espíritos de ‘pretos velhos’. R.O argumentara que “não podemos julgar” (sic) e que essas outras formas de prática da mediunidade devem ser aceitas pelo Espiritismo. Ela inclusive citou o fato de que vários centros de Umbanda hoje estudam as obras de Kardec. A médium (A), no entanto, não concordou, dizendo que a diferença estava no “ritualismo” (sic) da Umbanda, aspecto esse que, segundo ela, o Espiritismo não possuiria. (A) começou a achar que R.O estava levando o assunto para o lado pessoal (por conta do envolvimento de seu pai com a Umbanda) e quis deixar claro que não estava se referindo a pessoas, mas à “coisa em si” (sic), à diferença entre as duas religiões. A discussão, que começou a ficar tensa, expandiu-se para o grupo, e (V.A) e I.Z passaram a defender (A). I.Z disse para R.O “não confundir as coisas” (sic) e (V.A) disse que na Umbanda eles trabalham, por exemplo, com a manipulação de ervas, e nada disso é ensinado pelo Kardecismo. Em alguns momentos, R.O pareceu irritar-se muito, e defendeu sua visão eclética até o final. Os ânimos foram lentamente apaziguando, V.A tratou de direcionar a conversação para outro rumo, e a discussão terminou.

Para mim, todo esse debate não passou de uma reprodução atual e contextualizada de certos conflitos históricos que estão na base da formação do Espiritismo no Brasil. Trata-se do conceito de *mediunidade como ideologia*. Sabemos que o Espiritismo, para se livrar da perseguição sofrida pelas autoridades médicas, policiais e governamentais entre o fim do século XIX e começo do XX, buscou afastar-se – tanto quanto pôde – das práticas populares de ‘mediunismo’, incluindo aquelas ligadas às religiões afro-brasileiras, como a Umbanda e o Candomblé. Foi a partir daí que emergiu o conceito de “baixo espiritismo” em contraste com o Espiritismo dito kardecista, que, na sua tentativa de fazer frente às autoridades, pretendia enfatizar e insuflar cada vez mais seu caráter de ciência e filosofia, do que seu aspecto religioso ou popularesco – processo este iniciado por diversos intelectuais espíritas, em defesa de sua doutrina. Tal reviravolta contra a Umbanda, embora já não seja tão necessária nos dias atuais – sendo inclusive questionada por muitos espíritas – permanece como uma espécie de ‘complexo’ mal resolvido entre alguns adeptos da doutrina, uma antiga pendenga histórica que se tornou parte da própria identidade do movimento espírita, e a qual é reassumida a cada momento em que um indivíduo adota a condição de espírita. Ao assumir seu papel, assume toda a história desse papel, toda a ideologia por trás dele, e passa a defendê-la de possíveis ameaças. Nesse sentido, quando R.O contesta A, ela está tocando uma ferida aberta, um complexo ou memória coletiva ainda forte em muitos espíritas, e está com isso convocando-os a se posicionarem como guardiões da sua ideologia (I.Z, V.A e A). Em pouco tempo, o discurso favorável de R.O a um diálogo com a Umbanda é reprimido, é desvalorizado e cai por terra.

Outro exemplo dessa questão vem logo em seguida. Após a discussão, V.A inicia uma reflexão sobre o que é criatividade e comenta várias coisas a respeito do tema, incitando os outros a participarem. Durante todo o momento, os presentes pedem para que eu também exponha minha opinião. Percebo que para eles é bastante desagradável ter-me ali apenas como um observador, e não como um integrante do grupo também. Apesar de ser bem recebido, sinto uma considerável persecutoriedade por parte dos alunos. Na tentativa de me enturmar um pouco mais e diminuir eventuais fantasias, aceito fazer alguns comentários esparsos sobre o tema, sem me alongar demasiadamente. Não obstante, o receio permanece e após explicar o exercício do dia para todos, V.A novamente pergunta se eu gostaria de praticá-lo também, ao que respondo negativamente. C.A então diz: “e esse rapazinho, hein? Por que não quer praticar como todo mundo?” (sic). Explico que estou ali para fins de pesquisa, que estou para observar as atividades do grupo e aprender com todos eles, e não para desenvolver a mediunidade. C.A responde, sorrindo: “um espião” (sic). Em seguida, (P) questiona: “no final da pesquisa você vai nos dar um retorno?” (sic). Respondo afirmativamente, e (A) diz em voz alta: “Ave Maria!” (sic).

Tal qual no caso da Umbanda, eu também suscito sentimentos desfavoráveis por questões de natureza ideológica: sou um representante da saúde, uma figura próxima à do médico psiquiatra, antigo perseguidor dos espíritas. A relação transferencial no grupo reproduz assim, antigos conflitos ideológicos. Mas essa relação com a ciência e a saúde, como já tive a oportunidade de dizer noutras ocasiões, é uma relação paradoxal, de amor e ódio. No fundo o que desejam é que a mediunidade seja comprovada cientificamente, aceita pela Medicina e pela Psicologia como verdade. Termos neurológicos e psicológicos são frequentemente usados no decorrer das aulas – ainda que de forma leiga – e minha opinião sobre os assuntos é constantemente solicitada por todos. Durante entrevistas individuais, ou nas discussões suscitadas pelas leituras grupais, questionam-me até que ponto algumas de suas experiências não seriam apenas psicológicas, ao invés de possuírem uma origem espiritual. Tais situações apenas reforçam o fato de que os participantes esperam ouvir de mim uma corroboração de suas crenças, uma autenticação do Espiritismo por um ‘especialista’ portador de um discurso tido como ‘competente’, isto é, o discurso da saúde mental. E quando nada falo e apenas observo, estou me recusando a assumir esse papel; torno-me, desse modo, um receptáculo para muitas fantasias e conflitos inconscientes, sendo então atacado pelo grupo ou solicitado a tornar-me um deles. O grupo deseja me incorporar, para que eu perca a condição de possível ‘analista’.

Um exemplo claro disso é quando V.A, durante o momento em que todos realizam o exercício proposto, pergunta-me se eu não poderia aplicar o teste de personalidade HTP (*House-Tree-Person*) nos participantes do curso. Num primeiro instante, estranhei seu pedido, pois não imaginava como ela teria obtido conhecimento acerca desse teste, e qual era seu interesse numa atividade desse tipo. Todavia, ela fez tal solicitação esperando que eu trouxesse o material para que “cada um dos alunos analisasse o seu próprio desenho” (sic). O conhecimento que V.A possui do teste veio de suas pesquisas pela Internet, e ela afirma ter tentado aplicá-lo nela mesma. Esclareço que o teste não poderia ser aplicado dessa maneira, independentemente de como ela o teria conseguido, e que se trata de um teste próprio para realização de diagnósticos de personalidade, cujos resultados não poderiam ser divulgados tão abertamente no grupo, sem nenhum sigilo, ou avaliados isoladamente. Minha preocupação, antes de tudo, era com o uso indevido de informações sérias advindas de um instrumento como o descrito. Sugerir, não obstante, que pensaria na possibilidade de usar o teste com os participantes, individualmente, se isso viesse a ser oportuno para essa pesquisa ou para outro estudo. O importante a salientar é o quanto esse e os demais episódios mostram a repercussão que minha presença como psicólogo tem tido no grupo, e o paradoxo na aceitação, ora do papel de analista, ora de membro do grupo espírita.

Demais observações deste dia:

- Descubro que F já possuía algum contato com o campo das artes, pois é diagramador e fez publicidade, área em que as manifestações artísticas são valorizadas, de um modo ou de outro;

- O grupo tende a desvalorizar as opiniões da S, e pouca atenção lhe é dada. (V.A) tende a ouvi-la pouco quando das leituras e lhe oferece pouco espaço para argumentar, talvez porque S se utiliza de uma linguagem simples e burlesca, é brincalhona e divertida, resvalando, por vezes, em comentários jocosos que distraem a turma das questões doutrinárias³.

- Além do mais, conquanto as rivalidades entre os integrantes sejam ocultadas, elas são perceptíveis, de qualquer maneira, nos gestos, trejeitos e olhares dos participantes entre si. Quando alguém dizia algo que V.A considerasse inadequado ou comesse uma discussão mais acalorada (como entre R.O e A), ela olhava para I.Z ou para mim com um jeito de reprovação frente ao que a pessoa havia dito ou feito. Por conta dos ensinamentos da doutrina, o grupo tende a não assumir conscientemente tais conflitos, deixando de expô-los abertamente, os quais permanecem velados, latentes, e se manifestam de um modo ou de outro. Algumas vezes, podem inclusive emergir durante a realização das psicografias ou durante mensagens psicofônicas. A mediunidade passa então a assumir a função grupal de restaurar, numa linguagem adequada à doutrina, o discurso do reprimido, do não-assumido. As mensagens de C.A e S, neste dia, traziam justamente temas de crítica à postura dos médiuns na reunião – talvez por conta da tensa discussão ocorrida com R.O e A. Ao invés de se utilizar de um discurso direto e incisivo, as médiuns se comunicam pela mediunidade, expressando indiretamente o que sentem, mas atribuindo a autoria de tais produções aos espíritos. A mediunidade torna-se, dessa forma, uma substituta da linguagem convencional, apresentando-se como veículo do reprimido na relação grupal-transferencial, em uma linguagem polida, de palavras de sentido dúbio e geral, sem atinar com indivíduos específicos, sem direcionar a crítica pensada. Enfim, um meio estratégico de comunicação que se reveste de uma linguagem cordial e benevolente, na medida em que se adéqua aos preceitos doutrinários. Uma linguagem da mesmice e do apaziguamento, contrária a todo e qualquer conflito que revolucione a ordem estabelecida. Dessa forma, a discussão aberta e democrática dos conflitos, não estabelecida diretamente na relação entre os participantes, acaba sendo mediada pelos processos de mediunidade, constituindo uma curiosa estratégia de comunicação grupal.

Nota posterior: Por outro lado, tal forma de solucionar as intrigas mal resolvidas tende a não ser eficaz, e vai aos poucos minando o trabalho realizado dentro do grupo. Numa ocasião posterior, em que entrevistei a médium S pela segunda vez, após alguns dias corridos desta última sessão, encontrei com ela e I.Z conversando a respeito das reuniões do grupo na entrada do centro Ismael, e tanto uma quanto a outra se mostraram desanimadas. I.Z pretende inclusive deixar o grupo no próximo semestre. Na sessão posterior, R.O e (A) faltaram aos trabalhos, sem terem se posicionado com antecedência acerca do motivo da ausência, como é de seu costume, o que pode ter resultado dos acontecimentos calorosos desta última sessão.

- Ao final dos trabalhos, V.A insiste em afirmar que a tarefa realizada pelas médiuns não consiste apenas em “fazer desenhinhos ou pintar florzinhas” (sic), pois seria também e, principalmente, um trabalho “socorrista” (sic) de cura dos “espíritos enfermos” (sic). A interpretação que se tem do seu comentário é que, diante do fato de que as produções das médiuns nem sempre possuem evidente valor estético, o seu único valor seria terapêutico e espiritual. É aquilo que alguns espíritos chamam de “arte-cura”.

³ Nota posterior: tempos depois, em março de 2010, tive a oportunidade de reencontrar S no centro espírita Ismael. A mesma confessou que, por várias vezes, recebeu dos colegas de sala e de dirigentes do centro, a recomendação para deixar a casa e não mais participar das atividades.

- Antes do término, foi dado o aviso de que a reunião da semana que vem não será no mesmo local dessa semana, pois o Centro Espírita Ismael comprou uma nova casa, atrás da atual unidade, onde serão realizados cursos e aulas de educação mediúnica.

CENTRO ESPÍRITA ISMAEL
CURSO DE EDUCAÇÃO MEDIÚNICA
PINTURA E PSICOGRAFIA

Relatório 5 / Data: 20/05/2009

Neste dia, a reunião foi atrasada em decorrência da demora de alguns integrantes, da ausência de outros e, principalmente, da mudança de sala que está sendo feita. O grupo de psicografia e pintura já foi transferido para uma sala da nova casa, mas nem todas as adaptações necessárias foram efetuadas. Nesta reunião, os médiuns presentes tiveram de trabalhar todos numa mesma mesa, a única disponível no momento. Todavia, pretende-se que isso seja provisório.

Como eu presenciava o esforço de I.Z, (P) e R para arrumar a sala, dispus-me a contribuir na arrumação, carregando alguns objetos e auxiliando na organização do ambiente. Num primeiro instante, enquanto ajudava I.Z, pude ouvir a conversa estabelecida entre R e P. O primeiro queixava-se de sua insegurança, de não saber, algumas vezes, diferenciar se uma manifestação era sua ou se era de natureza espiritual. (P) respondia que era pelo pensamento que se faria essa distinção e que ele só saberia quando o seu pensamento parecesse não corresponder àquilo que ele estivesse refletindo numa dada circunstância – aí é que residiria a intervenção dos espíritos (um critério bastante subjetivo, portanto). Disse também a R que ele não precisava se preocupar em desenhar ou escrever verdadeiras ‘obras-primas’. Disse-lhe que no começo era assim mesmo, e disse-lhe também que os espíritos evoluídos de artistas famosos do passado poderiam vir para pintar de uma forma mais simples, por meio dos médiuns, como um exercício de ‘humildade’ e desprendimento. “O trabalho é tanto pra nós quanto pra eles; nós também estamos ajudando-os” (sic). (R) se mostrou preocupado ainda com o fato de ser fumante, pois temia que tal hábito atrapalhasse o bom andamento das atividades espirituais. P e I.Z responderam que não atrapalhava, a não ser no momento dos passes. Mas P lhe deixou algumas reflexões morais como: “se você sabe que fumar faz mal e continua fumando, você está cometendo um suicídio, mesmo que indiretamente e aos poucos” (sic). “Não é obrigado a parar agora, mas você vai se melhorando aos poucos se diminuir o fumo” (sic).

Logo depois, chegaram (C.A), (I.A) e (S). O trabalho demorou a começar, pois o grupo se pôs a contribuir com a arrumação. O texto para leitura tratava do tema morte e separação. Esse assunto parece ter mobilizado bastante os participantes, sobretudo C.A, que dizia ainda ter dificuldade em aceitar o “desencarne” (sic) de alguém muito próximo a ela, mesmo sendo espírita. Os demais também participaram da discussão, e começaram a relatar possíveis coincidências em relação ao tema de hoje com situações que lhe ocorreram durante a semana, como a morte recente de algum conhecido ou sonhos que tiveram. C.A começou novamente a estranhar meu comportamento, questionando aos demais as razões de eu permanecer calado, ao que I.Z respondeu explicando novamente o fato de eu ser um pesquisador e estar apenas observando o grupo em suas atividades. Aproveito então para esclarecer mais uma vez meu papel no grupo. Desta vez, senti que C.A realmente compreendeu o que se passava, pois me pediu desculpas e afirmou que não havia entendido o porquê de minha presença até aquele momento.

Enquanto observava o grupo pintando e psicografando, não pude deixar de perceber o quanto as atividades do curso possuem um caráter lúdico. As produções dos participantes não vão além do que muitas crianças pequenas produzem na escola; vão desde meros rabiscos a desenhos e redações simples, mas que guardam para eles uma enorme importância, suscitando prazer e bem-

estar enquanto estão sendo elaborados. Ficam felizes quando evoluem em suas produções, quando são elogiados (mesmo que prefiram atribuir a realização a um espírito) e comentam seus progressos com outros participantes. Os temas de seus desenhos também são geralmente muito simples e não esboçam maior complexidade de reflexão ou técnica, salvo para os participantes que realizam cursos de pintura fora do centro; mesmo nestes, contudo, a simplicidade dos temas persiste. S, I.Z e outras já demonstraram em entrevistas o quanto esses desenhos remetem a aspectos de suas infâncias. A maioria dessas pessoas não cursou uma graduação (embora desejassem e não pudessem, por razões financeiras ou outras) e alguns não terminaram o ensino médio. Não é de se estranhar, portanto, que a atividade de pintura mediúnica tenha a tendência de retomar capacidades e habilidades de aprendizado que esses indivíduos não desenvolveram adequadamente quando do período esperado em suas vidas. O centro espírita parece atuar assim como uma “segunda escola”, talvez cumprindo com a função de elaborar ou preencher lacunas no processo educativo, processo interrompido ou prejudicado na infância ou na adolescência (expressão também de um sistema educacional deficitário no Brasil).

No que se refere a uma análise individual dos participantes, nada tenho a acrescentar de significativo, a não ser quanto ao desempenho de (R). Neste dia, o rapaz fez duas ou três produções de desenho, sendo todos borrões ou rabiscos aparentemente sem maior propósito. Não denotava sinal algum de concentração em sua atividade, muito menos algum sinal de inconsciência; pelo contrário, estava alerta ao que se passava no ambiente e, de tempos em tempos, olhava sorrateiramente para ver o que estavam fazendo e desenhando os outros participantes à sua volta. Também se preocupava com a minha presença, verificando ora ou outra se eu o estava observando ou não. (R) parece ter vindo com o intuito de tornar-se um grande médium como Chico Xavier, tal qual afirmou da primeira vez, mas parece ainda deslocado e desconfiado. Veio com a ansiedade de manifestar rapidamente uma possível mediunidade ostensiva, como demonstra em sua conversa inicial com (P), porém, não está atingindo seu intento da forma como gostaria. Parece assustado, temeroso, e cheio de dúvidas⁴.

Nada de mais importante ocorreu que necessite ser salientado, a não ser que o assunto da discussão entre A e R, no encontro anterior, foi retomado no finalzinho do trabalho e discutido entre os médiuns, como representação de um conflito que se deve evitar no decorrer das aulas. I.Z faz questão de frisar que “o próprio plano espiritual nos solicitou mudarmos de atitude, por meio da psicografia de S” (sic), reiterando minhas hipóteses a respeito do encontro anterior.

Abaixo, foram reproduzidas algumas das fotos do grupo, tiradas por meio do celular de I.Z, com o consentimento dos participantes:

⁴ Nota posterior: num rápido encontro com (R) em março de 2010, fiquei sabendo que, após um incidente que o assustara muito, R afastara-se das sessões de pintura e psicografia durante algum tempo, e permaneceu assistindo apenas a algumas aulas do curso introdutório de mediunidade. Em particular, (S) comentou-me que R se assustara com a coincidência que se estabeleceu, durante uma das sessões, entre a psicografia de um dos participantes dos trabalhos, supostamente oriunda do médico espírita Bezerra de Menezes, e a solicitação, em outra ocasião, para que R realizasse uma cirurgia espiritual. Esses dois eventos, tidos por ele como aparentemente interligados, deixaram (R) amedrontado frente à possibilidade de tudo aquilo ser efetivamente real. Percebe-se aí como, ao mesmo tempo em que queria desenvolver sua mediunidade, (R) tinha receio de fazê-lo.



CENTRO ESPÍRITA ISMAEL
CURSO DE EDUCAÇÃO MEDIÚNICA
PINTURA E PSICOGRAFIA

Relatório 6 / Data: 17/06/2009

Trata-se do penúltimo dia de aula deste semestre. Quase todos estão presentes, com exceção de S.H (que já não frequenta há bastante tempo) e C.A. Ao chegar ao centro espírita, deparo-me com V.A, I.Z, F e R.O conversando próximos à lanchonete. Após os cumprimentos, I.Z se aproxima de mim e me mostra o seu “book” com várias fotos de pinturas de sua autoria, das quais seleciono apenas algumas (cf. produções “não mediúnicas” de I.Z, capítulo 8). Ela queria demonstrar que suas pinturas mediúnicas são diferentes das pinturas que executa deliberadamente. De fato, essas últimas produções são superiores às produções mediúnicas, demonstrando maior cuidado na elaboração, maior acabamento, rigor etc. Mesmo assim, ainda é possível encontrar nelas certos traços que parecem revelar um *continuum* frente às pinturas atribuídas a espíritos. Num dos quadros de seu “book”, há uma figura humana subindo uma espécie de montanha, enquanto segura um cajado. I.Z relata ter visto essa imagem quando em estado hipnopômico (estava acordando pela manhã) e atribuiu à imagem um significado espiritual. Seu interesse pelas artes fica ainda mais evidente nessas produções (se somado às observações de seu caso), frente à enorme quantidade de quadros já pintados por ela. Em relação a uma pintura em que fez um violino sobre uma mesa, ela explica que adora o som do violino, que ouvi-lo sendo tocado equivale a uma “fluidificação” (sic), isto é, a um passe espírita (outro pequeno exemplo de seu envolvimento com a música). Afirmou ainda que, na infância, ela preferia ter aprendido o violino, ao invés do piano.

Ao chegar até a sala de aula, vejo que o grupo improvisara mais uma mesa para a distribuição dos médiuns durante a atividade. Os momentos iniciais da sessão seguem o mesmo esquema de orações, leituras, discussões. Na parte teórica, I.Z ensinou a todos algumas noções de proporção do rosto humano, que poderiam ser incorporadas às produções mediúnicas. (F) aproveita também, nesse instante, para divulgar uma lista que fez com vários livros importantes sobre arte mediúnica, da qual recebo uma cópia.

Todavia, embora corriqueira, a sessão de hoje apresentará alguns incidentes de maior relevância. R.O produzirá uma obra bastante abstrata (veja figura 1, abaixo), e depois disso interromperá sua atividade mediúnica para sentar-se. Alega não estar se sentindo bem, e mostra sinais de mal estar.

Ao invés de suas reproduções de vasos de flores ou rostos, (F) tentará produzir também um quadro mais abstrato; enquanto pinta, seus movimentos são intensos e assustam I.Z e V.A, que procuram conversar com ele ou lhe aplicar passes, aproximando-se do mesmo⁵. F pressiona com força os tubos de tinta e faz fortes movimentos com a mão, atirando a tinta na tela. O resultado disso é que se verificam no quadro várias formas redondas e manchas, de variadas cores, reunidas num fundo colorido disforme (veja figura 2, abaixo). Ao final da sessão, quando perguntado sobre o que sentia, F. alega ter sentido “muita energia, muita força” (sic), e quis expressar essas sensações de algum modo. Via muitas cores, sobretudo, a cor amarela, que aparecia com frequência. Como os tubos de tinta eram velhos, a tinta não saía com facilidade e isso impulsionava F ainda mais para pressioná-los com força. Curiosamente, seus movimentos pareciam algumas vezes acompanhar a música de fundo disponibilizada por I.Z, um CD do violinista André Rieu que possuía algumas

⁵ Eis mais um exemplo da dificuldade dos participantes em tolerar qualquer manifestação mediúnica mais intensa e possivelmente caótica ou qualquer situação de aparente descontrole ou contestação das normas instituídas, movimentos estes que são logo absorvidos pela doutrina de modo a serem “tratados”, “doutrinados”, etc.

composições relaxantes, mas também tangos acelerados. Foi possível perceber, nesse sentido, que quando o grupo começava a acelerar mais a atividade mediúnica, pintando ou escrevendo com mais pressa, isso se fazia acompanhar quase sempre de uma aceleração rítmica da própria música, variável importante nesse processo.

Os demais médiuns não apresentaram manifestações de maior interesse este dia. Ao contrário de sessões anteriores, desta vez nenhum dos participantes questionou minha presença enquanto pesquisador. Após o término da sessão, consegui os telefones de alguns para contato frente a uma possível entrevista. (R) se mostrou mais uma vez bastante entusiasmado; desde a primeira vez em que veio, e disse que gostaria de ser como Chico Xavier, percebo que ele busca a aprovação do grupo, e busca chamar a atenção com suas eventuais 'habilidades' mediúnicas. Participar de uma entrevista parece assim representar um evento muito importante para ele.

Antes de encerrar o relatório é importante frisar que, durante a sessão, pensei num fato que imediatamente me pôs a refletir: o de que as produções dessas pessoas pouco se comparam com o trabalho de grandes médiuns, sobretudo do passado, como Hélène Smith. O que diferenciava Smith das médiuns do Ismael? Se ela produzia fenômenos ou ocorrências mais ostensivas, porque esses médiuns não conseguem? Em termos gerais, alguns dos processos básicos envolvidos no caso de Hélène Smith também se observam nesses médiuns, como uma tendência para o lúdico e a emergência de conteúdos do inconsciente – fortemente sugerida pelas entrevistas com I.Z e S, por exemplo. Seria apenas uma diferença de superdotação ou de maior permeabilidade entre os conteúdos do inconsciente e os conteúdos conscientes? Quais processos neurofisiológicos ou genéticos poderiam estar envolvidos? Essas são questões que o presente estudo não poderá responder integralmente, mas que caberão a pesquisas futuras no campo das relações entre mediunidade e psicologia.



Figura 1. Pintura de R.O nesta sessão. A data (dia 24) refere-se ao dia em que a foto foi tirada, uma semana depois da sessão, a pedido do pesquisador.



Figura 2. Pintura de F nesta sessão.

Várias pessoas foram chegando e, conforme se acomodavam, iam conversando sobre diversos assuntos. Alguns preferiam ler obras espíritas em silêncio, enquanto aguardavam. Uma música relaxante de fundo permeava a sala; geralmente, composições de música clássica ou New Age. Neste primeiro momento, o grupo estava dividido em dois tipos, pelo que pude constatar pelas conversações: *trabalhadores* (médiuns passistas ou de psicofonia) e *estagiários* (estudantes dos

cursos de educação mediúnica que estavam ali apenas para assistir e observar a atividade). Quando praticamente todos os principais membros do grupo haviam chegado, iniciou-se o trabalho de assistência com uma prece, deixando-se acesas somente as lâmpadas verdes. Em seguida, as luzes habituais são novamente ligadas, faz-se a leitura de um texto do livro “Religião dos Espíritos”, psicografado por Chico Xavier e de autoria do espírito Emmanuel, prosseguindo-se depois com a discussão grupal dessa mesma leitura. Trata-se de um texto sobre a importância do trabalho (qualquer trabalho, não só espiritual). O texto e a discussão decorrente trazem à tona diversas concepções apologéticas e naturalizadas acerca do trabalho, como a idéia de que este leva necessariamente ao desenvolvimento intelectual e enobrecimento do Homem, liberta-o de pensamentos ‘negativos’ e destrutivos, e a de que o trabalho seria resultado de uma “lei natural” (sic), à qual estariam submetidos inclusive os animais. A esse respeito, ver também Kardec (1860/1999, p. 235, “Lei do trabalho”).

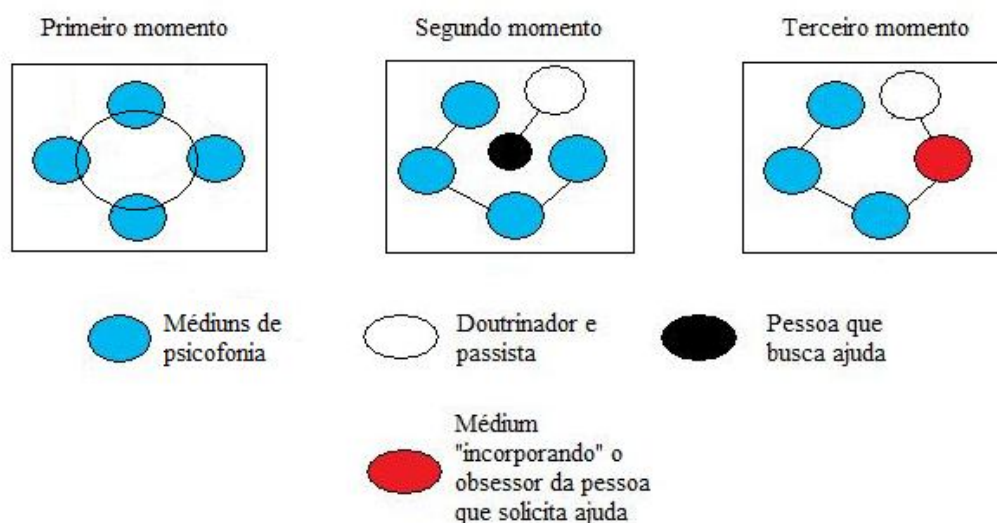
Após a discussão, o trabalho de assistência finalmente inicia. Apagam-se as luzes, deixando-se apenas as lâmpadas verdes acesas. Os trabalhadores levantam-se das cadeiras e dirigem-se aos banquinhos. Cada um dá um passe espiritual no outro, revezando-se mutuamente. T.E.R convida-me para também tomar o passe, e aceito. Um senhor negro, próximo da porta ao fundo da sala é quem me concede o passe espiritual. Depois desse processo, eu e os estagiários somos conduzidos por T.E.R a um local próximo da mesa supracitada, de onde é possível observar tudo que ocorre.

A configuração das cadeiras se altera; os médiuns formam vários grupos de cinco integrantes, os quais se sentam em círculo, deixando um banquinho no centro da roda formada. Novamente algumas preces e exortações são ditas, feitas naquele momento por médiuns do grupo, escolhidos previamente para essa tarefa. Em geral, essas preces ou exortações morais têm como objetivo: 1) relaxar os participantes, induzindo visualizações positivas – como a imagem de uma rosa, de um jardim ou de cores específicas, imagens comumente empregadas em outros tipos de reuniões mediúnicas – e sentimentos de paz, calma, leveza e sugestões acompanhadas sempre de alguma referência à presença do ‘plano espiritual’ naquele contexto; 2) promover algum tipo de reflexão doutrinária, geralmente associada aos temas de caridade, paciência/perseverança ao lidar com problemas cotidianos e necessidade de ‘reforma íntima’, no sentido, por exemplo, de libertar-se do egoísmo, do orgulho, da avareza e outros sentimentos e atitudes contrários aos preceitos espíritas. Tais temas, embora de natureza genérica e repetitiva, tendem a suscitar emoções variadas nos participantes, às vezes bastante intensas; nesta ocasião, a própria médium que realizava a prece se emocionou e teve vontade de chorar enquanto falava. Após a prece, conduziu-se outra leitura, e então o trabalho prosseguiu. Cabe lembrar que as preces e leituras constantes, acompanhadas do ambiente pouco iluminado e silencioso, e da atmosfera de concentração na tarefa religiosa, tendem a gerar um efeito realmente bastante relaxante e até propício a um estado de consciência modificado.

Num primeiro momento, os integrantes de cada roda dão-se as mãos, formando uma corrente, enquanto permanecem de olhos fechados. Abre-se a porta dos fundos, próxima da lousa. Da outra sala, surgem diversas pessoas (freqüentadores) que vieram ao centro em busca de ajuda para seus problemas pessoais, tendo sido encaminhados previamente a essa atividade. Nesse segundo momento, os solicitantes são direcionados cada qual a um dos círculos formados pelos(as) médiuns, e recebem um passe com palavras carinhosas de encorajamento e consolo (é importante salientar que há muito carinho em todo esse processo, embora os médiuns não necessariamente toquem os visitantes). Em seguida, os solicitantes voltam à sala onde estavam, e um(a) dos(as) médiuns do círculo “recebe” o obsessor espiritual daquela pessoa que obteve o passe. Inicia-se então um terceiro momento, no qual o(a) doutrinador e passista começa a doutrinizar esse espírito,

falando aos ouvidos do médium ‘incorporado’, com palavras de carinho, alento, orientação, etc. Depois disso, os solicitantes adentram novamente a sala, recebem mais um passe e vão embora pela porta de entrada – Cf. figura abaixo.

No instante da manifestação, os(as) médiuns choram muito, ou apresentam comportamentos de rebeldia frente às palavras do doutrinador, comportamentos esses atribuídos aos obsessores ou entidades espirituais que necessitam de auxílio. O objetivo da doutrinação consiste, basicamente, em acolher carinhosamente os ‘espíritos enfermos’ (sic) e orientá-los no sentido de voltarem ao mundo espiritual, de aceitarem sua condição de espíritos desencarnados, e de encaminhá-los para que o ‘plano espiritual maior’ os receba. No instante da doutrinação, são aplicados passes no médium ‘incorporado’, visando atenuar as dores e sofrimentos do espírito enfermo. Os demais médiuns, que não estão incorporando no momento, trabalham na ‘doação de energia’ (ou sustentação) para o médium atuante.



Eis alguns exemplos observados do comportamento de duas médiuns psicofônicas que estavam próximas a mim:

- A médium chora intensamente e diz que não queria causar mal/prejudicar ninguém. “Mas se eu fiz isso, então eu tenho que pagar...” (sic). A doutrinadora procura acalmar a ‘entidade espiritual’ em questão, tentando convencê-la a não se sentir culpada por qualquer coisa que tenha feito e aplica passes pelo corpo da médium;

- Noutra situação, a médium começa a tossir bastante e age como se estivesse com pigarro na garganta e dificuldade de respirar; acusa o centro de ter sido culpado por estar assim. A doutrinadora, tal qual antes, tenta esclarecer a situação, orienta o espírito, e aplica passes. O espírito vai lentamente se acalmando e a tosse diminuindo. A médium retorna ao seu estado habitual;

- Em outro instante, a mesma médium sente que está caindo e chora: “estou caindo, estou caindo...” (sic). Logo depois, afirma ainda chorosa: “quero voltar para casa, quero ver minha mãe” (sic). A doutrinadora diz tratar-se de um caso em que “faltou esclarecimento” (sic), isto é, o espírito ainda não sabe que desencarnou. Dá passes na médium e orienta;

- Em outra médium do grupo, o espírito começa a dizer que veio cobrar algo da solicitante e que já vai embora; não quer ficar ouvindo esse “trololó” (sic) da doutrinação, e afirma

que só faz as coisas se for pago. A impressão que tive foi que se tratava da personificação de um espírito que ‘atua’ em trabalhos de macumba, mandinga, etc. o qual veio exigir algo em troca da mulher que buscava ajuda. Essa entidade é mais resistente e tenaz; a doutrinação não parece ter efeito sobre ela. Após muita insistência da doutrinadora, o espírito aceita permanecer um pouco para receber passes;

- Em uma médium mais distante de mim, pude ouvir sua conversação (enquanto incorporada), dizendo em voz alta que estava com pressa e que precisava ir embora; dizia que veio até ali porque sabia que seria rápido. A doutrinadora tenta pacientar o espírito e o mesmo processo de doutrinação e aplicação de passe é efetuado;

Durante vários momentos do trabalho de assistência, as doutrinadoras mais próximas vinham até mim e aos estagiários perguntar-nos se estava tudo bem conosco, se não havíamos sentido nenhum mal estar ou incômodo de outra espécie. Ao final, quando todos os solicitantes foram atendidos, formou-se um círculo geral, agora com todos os médiuns participantes, inclusive alguns dos que estavam oferecendo assistência na outra sala em que se encontravam anteriormente os solicitantes. Ficamos todos de mãos dadas e mais uma prece é realizada. Dá-se oportunidade para que alguns dos médiuns do círculo recebam mensagens dos espíritos (novamente, de cunho doutrinário e evangélico). Agradecem-se as entidades que passaram tais mensagens e reza-se o pai nosso. Encerra-se o trabalho.

Antes de todos partirem, T.E.R faz algum comentário brincalhão para descontrair a todos e aproveita para me apresentar ao grupo, bem como apresentar os estagiários. Também este é o momento de passar avisos e datas de eventos ou atividades do centro, bem como homenagear trabalhadores(as) que farão aniversário na semana.

NOTAS E OUTRAS OBSERVAÇÕES

- Como já era de meu conhecimento, a maior parte dos que auxiliam nesses trabalhos é de mulheres. Neste trabalho em específico, os homens parecem adotar muito mais a postura de auxiliares, sustentando e amparando o trabalho mediúnico efetuado pelas mulheres. Não vi em nenhum grupo dos que se formaram na sala este dia, um médium que apresentasse manifestações tão ‘ostensivas’ quanto uma médium. Também tenho visto os homens assumirem, com frequência, tarefas administrativas, ou atividades de palestras. Contudo, cumpre observar também que nem todas as médiuns apresentaram-se disponíveis para manifestações. Algumas nada sentiram, e outras apenas choravam, sem nada dizer ou gesticular.

- É um tanto difícil saber se o que os médiuns sentem durante tal atividade reflete algum tipo de informação paranormal, e me parece mais lógico permanecer, ainda que inicialmente, no limite daquilo que a psicologia pode oferecer em termos de explicação para esses fenômenos. Até onde sei, nenhuma médium teve contato com as pessoas que solicitaram ajuda e não teriam, portanto, como saber algo da vida dessas pessoas que pudesse ser usado para construir uma personificação, mesmo inconsciente. Por outro lado, cumpre salientar que a maioria dessas manifestações é de caráter genérico demais para oferecer alguma evidência de paranormalidade, mesmo quanto à percepção extra-sensorial. O fato de as médiuns chorarem, por exemplo, nada diz de contundente sobre a suposta origem espiritual do fenômeno, o que, pelo contrário, tende a induzir uma explicação apenas psicológica. Também é comum as médiuns relatarem em entrevistas o quanto lhes parece difícil algumas vezes diferenciar quando um conteúdo expresso nas sessões é proveniente delas ou de um espírito, havendo confusão a esse respeito. No exemplo da entidade que

cobrava da solicitante, por meio da médium, um trabalho de mandinga – uma crença comum nas religiões mediúnicas brasileiras – nada há de especial também, visto que esse tipo de obsessão poderia ser atribuído a qualquer um, ou ser interpretado como uma questão mal resolvida, proveniente de outras reencarnações, por exemplo. Aliás, a plasticidade das interpretações possíveis torna ainda mais insegura a determinação de um fator supostamente paranormal. O caso da entidade que teria morrido numa queda e nada sabia sobre seu paradeiro, ou a entidade que se sentia culpada pelo que fez antes de morrer; todos esses exemplos, aparentemente específicos, podem ser interpretados pelo Espiritismo de muitas maneiras diferentes, ajustando-se eficazmente às crenças grupais e individuais, sem terem uma correspondência direta com a vida dos frequentadores que vieram em busca de auxílio. Parecem-nos, ao contrário, representações de estados emocionais dos próprios médiuns. Quando uma delas, ‘incorporada’, disse em voz alta que estava com pressa, que precisava ir embora e que veio até ali porque sabia que seria rápido, podemos nos perguntar se não seria um desejo dela mesma ir rapidamente embora da atividade. E quando outra participante chora copiosamente afirmando “quero voltar para casa, quero ver minha mãe” (sic), podemos igualmente nos perguntar se o que se dava ali não era tão somente uma forma de regressão psicológica.

- A influência do grupo é fundamental e marcante em todo o trabalho. Desde o início, todo o processo é grupal; seja quanto à aplicação dos passes, seja no revezamento das leituras, preces e reflexões, seja na doutrinação e psicofonia. Os médiuns estão sempre de mãos dadas e todos compartilham do mesmo ambiente escuro e relaxante. A desobsessão não teria sentido sem toda essa intervenção social, sem todo o compartilhamento de símbolos e sentidos, de crenças, comportamentos e experiências. O trabalho de assistência legitima as crenças espíritas em um nível bastante prático, empírico. E é importante dizer que o trabalho realizado não visa apenas os solicitantes; é um trabalho de cura para os próprios médiuns, os quais afirmam isso com frequência nas entrevistas. É um trabalho que abrange toda a comunidade médiuns-frequentadores-dirigentes.

- Outra questão importante, a ser mais bem investigada, é a maneira particular com que cada médium e participante das atividades de assistência, ou mesmo de outras atividades do centro (como os cursos de educação mediúnica), lida com suas experiências mediúnicas ou exerce seu papel dentro do grupo. Há médiuns que ‘incorporam’ com extrema facilidade, sendo também os que mais relatam experiências mediúnicas vívidas e marcantes (extrovertidos?). Outros, no entanto, têm um papel mais reservado no grupo; não se expõe da mesma forma que os ‘médiuns ostensivos’, e apresentam-se mais quietos ou deslocados (como a médium E.Z., no curso de pintura e psicografia). Estes últimos tendem, em alguns casos, a atuar como dirigentes e doutrinadores, tarefas de liderança ou administrativas / burocráticas. A própria T.E.R., dirigente dos trabalhos de assistência e dos cursos de educação, parece encaixar-se bem nessa definição.

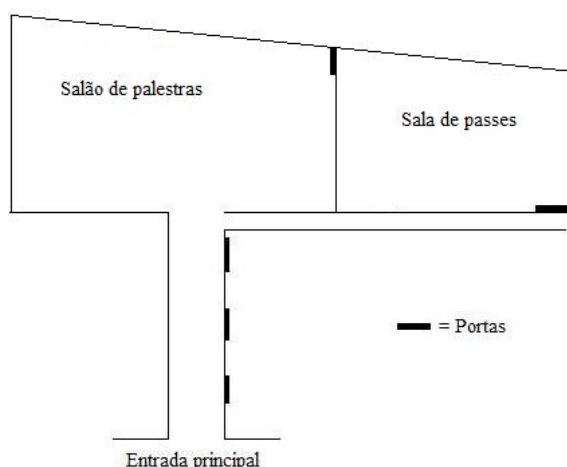
CENTRO ESPÍRITA PASCHOAL TROVÉLLE ***PALESTRA PÚBLICA***

Relatório 1 / Data: 24/06/2009

Este é o relato da primeira visita ao centro espírita Paschoal Tróvelle. O contato foi feito por meio de um dos freqüentadores do local, amigo do pesquisador, o qual o acompanhou nesta primeira visita. Neste dia, foi conduzida uma palestra pública por um importante representante do meio espírita, um psicólogo e apresentador de um programa de rádio, que falou ao público sobre suas idéias acerca do “Amor-Terapia” (sic), tema da palestra. A ida ao centro nesta ocasião foi importante para um primeiro reconhecimento do local e pelas reflexões suscitadas a partir da palestra assistida.

Ao chegar ao centro, logo me deparei com uma placa sobre a porta, contendo os seguintes dizeres: “Centro Espírita Paschoal Tróvelle. Estudos Kardecista e assistência espiritual. Fundado em 2 de fevereiro de 1943” (sic)⁶. A placa continha ainda uma referência ao fato de o centro ser vinculado a USE – União das Sociedades Espíritas. A USE – assim como a Federação Espírita – fornece determinadas diretrizes a serem seguidas pelas instituições que lhe são agregadas, e auxilia tais casas orientando em aspectos administrativos e espirituais ou enviando palestrantes de algum renome para promover apresentações e auxiliar na divulgação dos trabalhos oferecidos pela instituição – como foi o caso da palestra oferecida este dia.

O centro espírita Paschoal Tróvelle é de um modo geral, pequeno. Trata-se de uma casa antiga, embora a estrutura esteja razoavelmente preservada. Ao se adentrar a porta principal, segue-se um corredor que dá para alguns cômodos e banheiros à direita. Ao final do mesmo, há uma sala um pouco maior para palestras e, voltando-se para a direita neste ponto, chega-se a outro corredor que, segundo me foi possível observar, dá acesso a uma pequena sala à esquerda, reservada para os passes, a qual está também ligada ao salão designado para palestras. Não foi possível verificar os demais cômodos nesta visita. O desenho abaixo transmite uma Idéia geral do trajeto percorrido este dia.



⁶ Embora o nome do centro apareça na placa como “Pascoal”, no site da USE ele aparece como “Paschoal”. Utilizaremos essa segunda denominação, de modo a facilitar a identificação da instituição pela rede de internet.

Logo que cheguei, fui recepcionado por um senhor muito educado e atencioso, que explica como ocorrem os trabalhos na casa. Esclareço que conheci o local por indicação e que estou ali para assistir a palestra. Ele me encaminha então até o salão ao final do corredor. O local está cheio de pessoas, todas sentadas aguardando a vinda do palestrante. Sento-me na frente, no último lugar, próximo à parede da direita. Pouco tempo depois, o amigo que me indicara o centro também chega e senta-se ao meu lado esquerdo. A palestra é antecidida de uma oração introdutória, feita por um dos trabalhadores do centro, como em tantas outras atividades espíritas. Um fato interessante é o orador ter se referido a “Nossa senhora, mãe de Jesus” (sic) enquanto realizava a prece⁷.

A palestra se inicia por volta de 20h20min. A apresentação prende a atenção do público e o palestrante denota bastante conhecimento sobre o assunto a respeito do qual desenvolve suas idéias. Seu estilo consiste basicamente em mesclar conceitos da Psicologia com certas noções espíritas, sobretudo, provenientes de livros de Chico Xavier e Divaldo Pereira Franco. Seu discurso não deixa de ser doutrinário, mas é significativo na medida em que atenta o público para uma reflexão sobre a sua condição de espíritas e sobre o grau de adesão e comprometimento com os ensinamentos religiosos. A palestra fala sobre temas como amor próprio, auto-estima, relacionamentos amorosos e os mecanismos e distúrbios psicológicos envolvidos em outras formas de relação humana, incluindo as relações entre trabalhadores no contexto do centro espírita. Nesse sentido, o palestrante fornece questões de importante reflexão, como quando afirma que “muitos acham estar fazendo altruísmo quando auxiliam no centro espírita, mas estão na verdade em um processo de fuga” (sic). Ele descreve então, como determinados problemas emocionais podem interferir no trabalho realizado no centro e a importância de o indivíduo se amar para poder ajudar os demais. Seus argumentos são eloqüentes e bem embasados, inclusive em assuntos da psicologia, como quando aborda conceitos tais como repressão e projeção de uma maneira didática. Durante a apresentação, ele incita os participantes a pensar se suas atitudes estão sendo suficientemente pautadas nos valores cristãos e espíritas e se esse processo é conduzido não apenas no interior do centro, mas no dia-a-dia de todos. De tempos em tempos, o público manifesta uma ou outra expressão emocional, rindo de afirmações engraçadas, mostrando apreensão quando o discurso se torna mais tenso ou fazendo comentários e perguntas, denotando sempre bastante interesse.

A partir da experiência desta visita, e refletindo sobre as funções da atividade de palestra no centro espírita, pode-se chegar às seguintes constatações:

- 1) A palestra tem uma função de propiciar recursos de entendimento e reflexão que facilitem a adequação dos ensinamentos doutrinários à vida das pessoas. Em outras palavras, ela é parte integrante e essencial do processo de doutrinação e formação do papel social de espírita, servindo tanto como prelúdio (no início da conversão à doutrina) quanto como posterior função mantenedora das interpretações e ajustes feitos a partir do quadro de referência religioso;
- 2) A palestra busca promover, juntamente a outras atividades, algum impacto afetivo que leve o indivíduo, por meio de associações que faz com aspectos de sua vida, a modificar seu comportamento em favor dos preceitos morais espíritas. Em geral, as palestras espíritas possuem forte conotação moralista e apelam para imagens de

⁷ Certamente, a visão que os espíritas possuem de Nossa senhora não é a mesma dos católicos; para os espíritas, Nossa senhora é um ‘espírito mais evoluído’, e ela não teria concebido Jesus tal qual se pode apreender concretamente da Bíblia. Kardec desenvolvera toda uma série de especulações a esse respeito em seu livro “A gênese”. Tal citação, de qualquer modo, é, ainda assim, de grande interesse para uma reflexão sobre as relações entre Catolicismo popular e Espiritismo. Em diversas outras sessões, tive a oportunidade de verificar referências semelhantes, como no relatório do dia 01/08/2009.

intensidade emocional, mesmo que os seus expositores não as admitam assim. Mas essa função não é por isso pouco louvável; ela pode até mesmo ser terapêutica, sob determinado sentido, na medida em que leva o indivíduo a repensar suas atitudes e a posicionar-se frente a um sistema específico de valores, no caso, o sistema espírita. É este sistema inclusive que servirá de referencial para que o adepto avalie o grau de adequação de seu comportamento com a doutrina que segue; assim, um intuito das palestras (e também dos grupos de estudos) é reforçar (ou propiciar) a coesão entre um conjunto determinado de crenças e valores aprendidos, e sua prática na vida cotidiana.

- 3) Em resumo: a palestra objetiva a) propiciar melhores recursos de entendimento e compressão da doutrina; b) viabilizar uma maior adequação e transposição dos ensinamentos doutrinários para situações do cotidiano do adepto; c) impactar emocionalmente de modo a possibilitar uma mudança efetiva de comportamento, que pode ser, eventualmente, terapêutica; d) servir como um sistema referencial de avaliação do grau de coesão existente entre o comportamento do adepto e os valores doutrinários.

A palestra teve duração de aproximadamente uma hora e meia. Ao final, realizou-se uma prece de encerramento e os visitantes foram encaminhados para uma sala próxima do salão de palestras, para receber passes. Fui um dos primeiros a ser chamado. Dentro da sala, foram distribuídas cerca de seis cadeiras, e por trás de cada uma, ficavam as médiuns passistas. Sentei-me em uma cadeira próxima da porta de saída, onde recebi o passe. Em seguida, foi-me oferecido um pequeno copinho plástico com 'água fluidificada'. Com tais procedimentos, estava encerrado o trabalho do dia.

CENTRO ESPÍRITA PASCHOAL TRÓVELLE
REUNIÃO COM O CORPO DIRETIVO

Relatório 2 / Data: 14/07/2009

Este é o relato da segunda visita ao centro espírita Paschoal Tróvelle. Após conversar, por telefone, com um dos integrantes do corpo diretivo do centro, e esclarecer-lhe os procedimentos da pesquisa, fui convidado a participar de uma reunião da diretoria, agendada para o dia 14. A visita em questão foi curta, mas pareceu-me relevante relatar alguns de seus pormenores, em vista do fato de que, por ser um centro pequeno, o centro espírita Paschoal Tróvelle tende a propiciar um maior contato com os seus dirigentes, contato este distinto do que se observa em centros maiores, onde a elevada divisão de funções administrativas e os processos burocráticos vigentes tornam o relacionamento estabelecido com o corpo diretivo menos possível.

Neste dia, o centro encontrava-se aberto apenas para reuniões entre os dirigentes e trabalhadores. Ao chegar, dirigi-me até uma das primeiras salas do corredor de entrada, onde verifiquei algumas pessoas reunidas. Tratava-se de uma sala pequena, com uma mesa grande e antiga ao centro, e várias cadeiras espalhadas ao redor. Esclareci aos presentes o motivo de minha chegada, confirmei que se tratava da reunião em que eu deveria estar e sentei-me em uma das cadeiras, ao lado de duas senhoras. No total, havia oito pessoas participando dessa reunião. O dirigente com quem conversei ao telefone chegara alguns minutos depois de mim, juntamente com sua esposa.

Todos participaram e me fizeram perguntas sobre a pesquisa. Procurei esclarecer cada uma. Trouxe também duas cópias de um documento contendo um breve resumo do projeto, bem como o termo de consentimento livre e esclarecido para que o avaliassem. Dentre as preocupações levantadas pelos dirigentes quanto à pesquisa, pode-se citar: 1) a importância do sigilo quanto à identidade dos participantes; 2) questões relativas aos procedimentos da investigação, incluindo o objetivo do estudo, o local em que seriam realizadas as entrevistas, o modo como seria feito o recrutamento e a seleção dos participantes e como se realizariam as observações de sessões mediúnicas; 3) a minha formação religiosa e 4) esclarecimentos sobre questões relativas à minha vida acadêmica (se era um curso de pós-graduação, qual nível, qual instituição, etc.).

Em nenhum momento observei resistência por parte dos dirigentes quanto à realização da pesquisa, e todos se mostraram, desde o início, bastante esforçados em me auxiliar e propiciar as condições e os recursos necessários para que eu realize o estudo. Mesmo com relação às perguntas sobre minha formação religiosa ou sobre meu vínculo acadêmico, não notei outra preocupação que não a de verificar se eu já estava familiarizado com as idéias espíritas (e, portanto, com a interpretação dada às experiências mediúnicas pelo Espiritismo), ou se me encontrava ali na condição de um leigo, ou até mesmo se possuía outro tipo de filiação religiosa ou ideológica que não a espírita. É evidente que tais preocupações também repousam, em geral, no receio de que as experiências mediúnicas sejam mal interpretadas ou reconhecidas como um possível sinal de distúrbio mental, etc. embora tal receio não tenha sido necessariamente externalizado neste caso.

Na verdade, o que pude verificar foi um grande interesse nessa pesquisa por parte do corpo diretivo do centro, manifestado mais explicitamente por alguns dos participantes da reunião. Nesse tocante, uma das senhoras, esposa de um dos dirigentes com o qual conversei por telefone, disse-me ter achado muito interessante a proposta, além de tecer alguns comentários sobre o que já havia lido a respeito das obras de Carl Jung e os estudos que este realizara no campo da

mediunidade. Outro senhor que também participava, identificou-se com a pesquisa e comigo, ao saber que eu estudava na Universidade de São Paulo, onde sua filha realiza atualmente uma especialização. Três dos dirigentes já se disponibilizaram para me oferecer entrevistas, pois também atuam como médiuns no centro. Em dados momentos, os participantes chegaram a citar o ‘aspecto científico’ da doutrina como um fator que possivelmente auxiliaria em meus estudos. Nesse sentido, pareceu-me que a idéia de ver o centro espírita do qual fazem parte sendo incluído em uma pesquisa de cunho científico, foi motivo de certo entusiasmo, dado o interesse em me auxiliar e os comentários favoráveis à pesquisa.

Fui convidado ainda para participar de uma palestra na mesma semana, ocasião em que se aproveitará para apresentar minha pesquisa aos demais médiuns da casa. Fui também convidado para participar de uma sessão espiritual realizada aos sábados.

CENTRO ESPÍRITA PASCHOAL TRÓVELLE
PALESTRA PARA MÉDIUNS

Relatório 3 / Data: 16/07/2009

O presente relatório constitui um resumo de observações concernentes a uma palestra realizada no centro espírita Paschoal Tróvelle, cujo intuito era informar alunos do curso de educação mediúnica sobre aspectos práticos da mediunidade. Neste dia, pude conversar com alguns médiuns da casa que se disponibilizaram a participar da pesquisa, a partir da recomendação de uma integrante do corpo diretivo. Obtive os telefones dessas pessoas para contato e esclareci brevemente os objetivos da pesquisa, antes que a palestra do dia fosse iniciada. Aproveitei, após isso, para também assistir à apresentação e colher mais dados a respeito das atividades no centro. Uma das pessoas que irei entrevistar (E) é quem realizou a palestra desta noite.

O público presente na palestra era constituído, em sua maioria, por pessoas que freqüentam o centro e que realizam cursos de educação mediúnica na própria casa. Assim como no dia 24/06, o público se mostrou participante e atento à apresentação. O palestrante atua muitos anos neste centro, e antes de iniciar a palestra, faz questão de afirmar que realizou uma pesquisa minuciosa em pelo menos dez livros sobre mediunidade para organizar sua apresentação. Dentre tais livros, ele cita o “Livro dos médiuns” de Allan Kardec como a referência primordial, a base de todas as demais leituras, e enfatiza sua perspectiva de que todos os outros livros apenas desenvolveriam aspectos daquilo que já foi trabalhado nas obras Kardequianas. “Às vezes já se encontra lá de forma clara, e às vezes é preciso buscar nas entrelinhas, mas sempre é possível encontrar o mesmo conteúdo, de um modo ou de outro” (sic)*.

A palestra foi longa e versou sobre vários aspectos da prática mediúnica. Alguns pontos, no entanto, podem ser ressaltados como cruciais: 1) a importância de haver uma continuidade entre o comportamento moral do médium, dentro e fora do centro espírita (exercício de ‘reforma íntima’); 2) a assiduidade do médium em dias de reunião e nas tarefas mediúnicas; 3) o cuidado frente ao corpo físico (não comer excessivamente antes de um trabalho mediúnico, não ingerir bebida alcoólica naquele dia, buscar a libertação frente a possíveis vícios como o hábito de fumar cigarro, etc.); 4) a necessidade da vigilância no que se refere à prática de cultivar sempre bons pensamentos e sentimentos, sobretudo, em dias de reunião mediúnica; 5) a imprescindibilidade do estudo e da prática constantes, para um aperfeiçoamento cada vez maior da mediunidade.

Alguns outros temas abordados na palestra podem ser mencionados, mas são periféricos ou complementares em relação aos cinco levantados anteriormente. A mediunidade é colocada sempre como uma faculdade humana, universal, mas que se manifestaria em cada indivíduo de maneira particular; sendo assim, cada qual teria de buscar a maneira apropriada de lidar com sua faculdade mediúnica. A esse respeito, o palestrante oferece várias dicas e compartilha experiências pessoais suas com o público. Nesse sentido, outro aspecto bastante citado é a importância do controle sobre as manifestações mediúnicas (questão essa já observada quando de minha participação em atividades do centro espírita Ismael). O palestrante deixa clara a obrigação do médium de desenvolver meios para controlar sua experiência: não permitir que o espírito se manifeste gritando ou fazendo escândalos, que fale palavrões, frases obscenas ou que xingue as demais pessoas presentes, etc. Neste momento, são tecidas críticas em relação ao modo de proceder dos centros umbandistas. Aliás, em outros instantes da palestra, esse tipo de comentário é trazido à tona, embora o palestrante procure salientar que “respeitamos esse grupos, porém, não se atua dessa

maneira no Espiritismo” (sic). Pude verificar, como em outras tantas vezes, que tais comentários e discussões – por vezes acalorados – acerca das atividades mediúnicas em centros de Umbanda, são expressão da própria história do Espiritismo no Brasil, e não uma mera rivalidade entre religiões. Deve-se compreender que tais rivalidades raramente estão isentas de um motivo maior, seja atual ou antigo.

Ainda em relação ao controle das experiências, o palestrante fornece indicações sobre procedimentos específicos durante as atividades de ‘assistência espiritual’ (ou ‘doutrinação’), e as atividades de ‘desobsessão’⁸. Cada médium pode receber até três comunicações espirituais por vez. Quando essas manifestações se dão simultaneamente entre os médiuns, são tolerados até três médiuns falando juntos (no caso de mensagens psicofônicas; psicografias não se aplicam, pois podem ser realizadas em silêncio). Se mais um médium estiver participando e sentir a presença de um espírito, deve se controlar. Além desses procedimentos, o palestrante se refere a certas maneiras pelas quais o médium pode manter-se em estado de concentração ou transe, e os comportamentos dele ou do dirigente da sessão que devem ser evitados para não distraí-lo e atrapalhar a obtenção adequada das comunicações. Relata ainda o caso de médiuns tímidos que tem receio em começar a falar, e os encoraja a não agir dessa maneira, e sim a manifestar aquilo que sentem ou intuem, mas de maneira controlada. O palestrante coloca esta como uma das principais dificuldades de médiuns ‘conscientes’, isto é, que não adentram o transe profundo, e que perceberiam a atuação dos espíritos de modo menos ostensivo, por meio de sensações ou intuições bastante subjetivas.

Percebe-se, por meio de tais recomendações, o quanto a mediunidade se efetua na constante mediação entre treino e improviso, e que os meios básicos de controle das manifestações são previamente fornecidos ao longo do próprio aprendizado dos médiuns, tendo resultado, inicialmente, de um conhecimento adquirido com a prática e passado adiante, para os iniciados, como norma geral. O intuito do palestrante em preparar os alunos para as experiências que viverão no interior do centro é justamente facilitar a organização e sistematização de todo o processo, de forma que este seja seguido sempre de acordo com as expectativas de comportamento previamente demarcadas como parte do quadro de referência religioso e doutrinário. Tal sistematização pode mesmo ocasionar certa monotonia, como o próprio palestrante chega a citar durante a apresentação, em referência a determinados médiuns veteranos, que após anos trabalhando no centro, se queixam de suas comunicações mediúnicas (psicofônicas ou psicografadas) serem “muito parecidas umas com as outras” (sic)**.

Em linhas gerais, estes foram os principais conteúdos abordados na apresentação deste dia e que se mostraram de relevância para nossa análise. Cabe lembrar ainda que todas as funções da palestra espírita, enunciadas primeiramente no relatório do dia 24/06/2009, aplicam-se igualmente às observações feitas quanto à palestra de hoje.

COMENTÁRIOS

* A preocupação do palestrante em salientar a importância fundamental da obra de Kardec em relação a outras obras doutrinárias pode ser entendida como expressão de um processo

⁸ No centro espírita Paschoal Tróville, ao contrário do que se observou no centro Ismael ou na Federação Espírita, as atividades mediúnicas não se dividem em vários tipos e classificações (P3E, A3, etc.); elas se resumem a duas formas: 1) a *doutrinação* (ou *assistência espiritual*), que consiste em auxiliar espíritos sofredores e perturbados na passagem da vida de encarnados para a de desencarnados e 2) a *desobsessão*, em que o médium receberia o espírito obsessivo de uma dada pessoa que busca auxílio no centro, e este espírito obteria ali o auxílio do mundo espiritual maior e as palavras de doutrinação do ‘médium esclarecedor’ ou doutrinador. São atividades semelhantes, derivações muito próximas uma da outra, mas com pequenas distinções.

maior que se dá no meio espírita em geral. Muitos dos intelectuais espíritas – vide, por exemplo, Pires (1980, 1988) – são avessos a uma contestação das idéias contidas na codificação Kardecista, alegando que a doutrina ‘codificada’ por Kardec não precisa e não deve passar por qualquer processo de reformulação. Admitam ou não tais seguidores do Espiritismo, essa postura acaba por conferir certo dogmatismo à doutrina que seguem, o qual, curiosamente, esses mesmos intelectuais foram os primeiros a combater. Compreendida no contexto da palestra, a afirmação do palestrante é também um recurso fundamental no processo de doutrinação e manutenção das crenças espíritas, remetendo os participantes e adeptos sempre a uma referência específica de leitura, por meio da qual podem verificar a concordância de suas idéias com as da doutrina, impedindo, com isso, eventuais desvios frente à causa espírita. A atividade de leitura certamente fornece uma série de recursos para a formação de conceitos doutrinários, e para a imersão cada vez maior do adepto naquele determinado quadro de referência religioso – ver a esse respeito também o trabalho de Lewgoy (2004). Soma-se a tal argumento o fato de que, em vários momentos da apresentação, não só o palestrante como os demais dirigentes do centro convidados a prestar suas contribuições a respeito do tema enfatizavam insistentemente a leitura das obras de Kardec, bem como as de André Luiz, espírito que se manifestava pela mediunidade de Chico Xavier. As obras de Chico constituem, certamente, a segunda grande referência literária no meio espírita brasileiro, e dão o tom de muitas das idéias e práticas disseminadas em diferentes centros ao redor do país.

** Essa retenção da espontaneidade nas manifestações, e a recorrência de comunicações mais estereotipadas, podem muito bem ser entendidas como resultado da atuação de um rígido mecanismo institucional, que busca impedir eventuais desvios da norma, recaindo assim, na mera re-posição dos papéis esperados pelo grupo espírita.

CENTRO ESPÍRITA PASCHOAL TRÓVELLE
SESSÃO DE DOCTRINAÇÃO (1)

Relatório 4 / Data: 18/07/2009

O presente relatório constitui um resumo de observações concernentes a uma sessão de doutrinação conduzida no centro espírita Paschoal Tróvelle. Esta foi a minha primeira participação em uma reunião como essa neste centro. O convite havia sido realizado já na reunião que tive com o corpo diretivo, na data de 14/07, e reafirmado depois quando da terceira visita ao centro.

Como já mencionado no relatório do dia 16/07, as sessões de doutrinação (ou assistência espiritual) são designadas para auxiliar espíritos desencarnados que, por um motivo ou por outro, encontram-se ainda perturbados com o fato de sua morte e necessitariam de algum esclarecimento e apoio para compreenderem e aceitarem com mais resignação sua passagem para a vida espiritual. Neste caso, o trabalho de doutrinação realizado aos sábados, está voltado para o ‘encaminhamento’ e auxílio de entidades desencarnadas em decorrência de vícios como drogadição e alcoolismo. Essas questões todas são explicitadas por Z, um dos dirigentes dessa atividade, um pouco antes de iniciarmos a sessão do dia.

Chego ao centro pouco antes das 20h00min, horário de início da sessão. Sou recebido por Z e outros participantes dessa atividade. Sou informado de que não poderei permanecer sentado à mesa onde estarão os médiuns durante o trabalho, na hora em que a sessão efetivamente iniciar. Sou convidado, no entanto, a me sentar à mesa para participar das leituras e orações introdutórias, retirando-me depois. É-me permitido também que eu circule pela mesa após iniciada a sessão, caso queira acompanhar mais de perto as manifestações mediúnicas ocorridas com cada médium. Antes das preces e leituras preparatórias, Z me apresenta para o restante do grupo, que demonstra aceitação frente à minha presença, e se interessam pela pesquisa. Z esclarece ainda que o trabalho conduzido este dia é semelhante a um PA (Pronto Atendimento) pois os espíritos ‘incorporados’ pelos médiuns seriam encaminhados depois para uma ‘colônia espiritual’ semelhante a um hospital. A proposta é que alguns desses espíritos sejam atendidos pelos doutrinadores, que, ao conversarem com os mesmos, tentam explicar-lhes sua situação após a morte e acalmá-los, fornecendo recursos para que finalmente alcancem o apoio do ‘plano espiritual maior’.

O primeiro momento da sessão, reservado para leituras e orações é de grande importância para nossa análise, na medida em que – segundo pude observar – são justamente as discussões ocorridas nessa etapa, em relação ao texto lido, que fornecerão alguns dos conteúdos necessários para a subsequente elaboração das manifestações de espíritos por parte dos médiuns. Nas sessões de doutrinação, lê-se todas as vezes, após a prece inicial, “O livro dos Espíritos” de Allan Kardec. Neste dia, o trecho escolhido retratava o problema do bem e do mal sob a ótica espírita. O tema acaba por despertar o interesse dos participantes, que começam a levantar comentários e estabelecer discussões. Em pouco tempo, quase todos estão participando, de um modo ou de outro, relatando experiências próprias ou relacionando os assuntos em pauta com fatos do cotidiano. Z, o dirigente do trabalho, procura sempre encaminhar as discussões para aspectos relativos à atividade da noite, isto é, para a necessidade de auxiliar espíritos sofredores envolvidos, quando encarnados, na drogadição e outros vícios.

Um dos doutrinadores participantes (o qual será designado aqui como W) é um policial, segundo informações fornecidas por ele próprio. Empolgado, este integrante da mesa começa a relatar suas histórias sobre criminosos envolvidos com diferentes vícios. Suas histórias detalham

comportamentos e situações envolvendo jovens ou adultos associados ao mundo da drogadição e do crime. Ele critica a postura do governo frente a esses temas, narra casos reais e dá suas opiniões. Os demais também participam, dando exemplos de fatos ocorridos com eles e com pessoas próximas, ou trazendo histórias lidas em romances mediúnicos⁹. Mas alguns médiuns (sobretudo, aqueles que apresentaram, nesta sessão, uma mediunidade mais ostensiva – duas mulheres (C e Y) e um homem (C.A.B) – ouvem e observam atentamente os diálogos e pouco se pronunciam acerca da leitura feita. Após uma longa discussão, procede-se a uma rápida leitura de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. Sou convidado a escolher uma página qualquer e, sem seguida, leio-a em voz alta. Outra mensagem é lida também, retirada de outro livro – “Religião dos Espíritos”, de Emmanuel, psicografado por Chico Xavier. Só então a sessão propriamente dita pode ser iniciada.

Na mesa, permanecem somente oito colaboradores, alguns dos quais não atuam como médiuns. Estes trabalham apenas na doutrinação dos espíritos, ou na ‘doação’ energética para facilitar o trabalho conduzido. Apenas uma médium presente é de psicografia; os demais se comunicam por intermédio da incorporação / psicofonia. Mais algumas orações são conduzidas neste primeiro momento da sessão, já com as luzes do recinto apagadas (há apenas um pequeno foco de luz acima da mesa, proporcionado por uma lâmpada fluorescente bastante fraca), antes de se trazerem as entidades espirituais; estas orações têm como intuito, basicamente: 1) solicitar auxílio dos espíritos benfazejos para o trabalho que será realizado aquele dia; 2) solicitar auxílio para pessoas distantes, como crianças em orfanatos, idosos em asilos, mendigos, enfim, um tipo de solicitação mais genérica; 3) solicitar auxílio para si mesmo e para pessoas próximas, como parentes e amigos; 4) agradecer a Deus e a Jesus pela oportunidade de realizar esta atividade. Enquanto são feitas as orações, em ambiente escuro, (acompanhadas de música ambiente, relaxante) os integrantes da mesa e, sobretudo, os médiuns, vão denotando diversas alterações comportamentais: começam a bocejar em demasia, suspiram profundamente, murmuram palavras ininteligíveis, remexem-se de um modo estranho na cadeira, apresentando tremores ou arrepios.

Só depois de todo esse processo é que as ‘comunicações’ mediúnicas começam. Os médiuns geralmente manifestam os espíritos um de cada vez, mas há alguns casos de simultaneidade entre dois médiuns apenas. Os doutrinadores se aproximam dos médiuns incorporados e colocam uma das mãos sobre suas cabeças, dando-lhes um passe. O doutrinador ouve o que o espírito diz e procura saber qual o tipo de ajuda que necessita; em seguida, tenta conversar com ele, calmamente, tentando convencê-lo de que será tratado espiritualmente e que deve abandonar os ‘vícios da matéria’. Alguns desses espíritos são mais rebeldes e rejeitam a ajuda oferecida, embora se mostrem às vezes atraídos de alguma forma pelas palavras do doutrinador. Estes vão embora sem aceitar a doutrinação. Outros parecem apenas perdidos, desorientados, e são facilmente convencidos. Após receberem passes e adquirirem uma compreensão de sua vida após a morte, os espíritos se despedem e a manifestação cessa. Em geral, dão-se três manifestações por médium numa mesma sessão. É importante salientar que tais manifestações só se iniciam, na maioria das vezes, quando o doutrinador põe a mão sobre a cabeça do médium, como que permitindo que o espírito se manifeste (em outras palavras, todo esse processo segue uma determinada ordem que é, em parte, prevista anteriormente, como já havia sido discutido no relatório do dia 16/07). O esquema, logo abaixo, é uma representação de como os participantes se organizaram em torno da mesa durante a atividade de doutrinação. Trata-se apenas de um exemplo,

⁹ É interessante citar que os assuntos discutidos nessa sessão acabaram tocando em muitos problemas de ordem social ligados ao tema da criminalidade, como o papel do poder público na resolução de dificuldades relacionadas à proliferação de jovens drogaditos, a influência da pobreza e das questões de status na inserção ou não dos indivíduos no mundo das drogas, do álcool, etc.

um modelo estático, pois Z, um dos doutrinadores, freqüentemente levantava-se e passava a ocupar outras posições – auxiliando, por exemplo, ao doutrinador W.

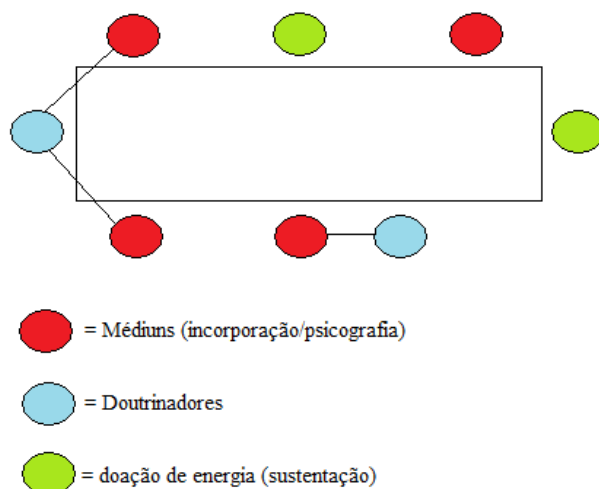


Figura 1. Representação / esquema das posições e funções ocupadas pelos participantes durante a sessão.

A seguir, são mencionadas as manifestações obtidas pelos três médiuns de incorporação presentes:

O senhor C.A.B é médium há vários anos na casa. Z informou-me que C.A.B foi padre durante muitos anos, e depois se converteu para o Espiritismo. De fato, um dos espíritos recebidos por C.A.B, denominado “Monsenhor Hans”, é a personificação de um padre, de voz muito forte, que se apresentou pouco antes do término da sessão, tido pelos participantes como um dos principais mentores espirituais desse trabalho. C.A.B manifestou ainda dois espíritos nesta sessão: o primeiro se apresentava claramente perdido, dizendo não entender o que ocorreu com ele e que agora via seu corpo no chão, como se estivesse fora dele, mas ainda se sentia vivo, e estranhava o fato de estar participando da sessão. Sobre sua morte, afirmou apenas que se lembrava de caminhar pela rua e depois não se recordava de mais nada. O doutrinador pede para que o espírito dê “dois passos pra trás” (sic), de modo a reconhecer que o corpo do qual está se utilizando não é o seu, mas de outra pessoa, e revela para o espírito que ele já faleceu: “você não está mais vivo” (sic); “não?”, responde a entidade. Nesse momento, o doutrinador tenta compreender a situação, e oferece possíveis sugestões do fato ocorrido, perguntado ao suposto espírito se ele não havia morrido durante uma luta, se havia levado um tiro, se foi atropelado enquanto andava na rua, etc. O doutrinador coloca uma das mãos próxima dos olhos do médium e diz: “está vendo agora o que lhe ocorreu? Olhe aí”. O espírito silencia por alguns segundos e depois afirma ter sido atropelado. O doutrinador sugere que ele estava alcoolizado, e o espírito confirma, embora de maneira um pouco velada, como se estivesse envergonhado. Conversa um tanto mais sobre seu incidente, tentando elucidar os fatos que teriam levado à sua morte (sempre ajudado pelo doutrinador); por fim, agradece a ajuda oferecida e é ‘encaminhado’ pelo doutrinador para receber auxílio do plano espiritual. A segunda manifestação é a de um espírito denotando um discurso intelectualizado, o qual nada fala sobre ter morrido, nem demonstra perturbação. Critica as pessoas que se envolvem no vício das drogas e os criminosos voltados para essas atividades. Essa personificação se assemelhava mais a um resíduo das conversações tidas na mesa antes do início da sessão, e o

doutrinador pouco conversou com ele, logo o encaminhando para o mundo espiritual. É importante salientar que essas manifestações se dão sem identificação e são extremamente genéricas; a entidade simplesmente começa a falar por meio do médium, não fornecendo nome ou qualquer outro dado pessoal. São, em geral, representações de pessoas perdidas, desorientadas ou revoltadas por algum motivo. Em alguns momentos, parece difícil identificar inclusive o sexo.

C, médium iniciante, recebe três entidades: a primeira é um espírito chorando, que afirma ter sido morto por meio de decapitação, por não ter condições de pagar a droga que havia encomendado de um traficante. Durante os segundos iniciais de manifestação, a médium demonstra muita dificuldade para falar; faz barulhos estranhos com a boca e o nariz, e denota respiração estertorosa. Os barulhos evoluem então para um choro baixo, em meio ao qual o espírito reconhece estar morto e desesperado. Ele se diz arrependido (mas não esclarece as razões), e parece inconsolável. Os doutrinadores tentam acalmá-lo, aplicam passes na médium e encaminham o espírito para auxílio do plano espiritual. A segunda manifestação é a de um espírito que se queixa de muitas dores, e tosse com frequência. Afirma ter se “metido em fria” (sic), por conta de seus vícios, mas aceita se redimir. Nesses termos, a doutrinação toma quase a característica de um bate-papo, em que o espírito relata suas experiências como drogadito e recebe o aval constante dos doutrinadores em prol da mudança de comportamento. Por fim, o espírito se despede dizendo que [os espíritos] darão “remédio” (sic) para ele. A terceira manifestação é a de um espírito bastante rebelde, que se diz um traficante, “chefão” (sic) do mundo das drogas. Rejeita o auxílio oferecido pelos doutrinadores e estabelece com eles um diálogo tenso em que afirma que continuará levando a cabo seus feitos, auxiliando outros traficantes na Terra. Tenta ofender os doutrinadores e faz força para falar algumas vezes, mas alega que “esse instrumento aqui [a médium] não está me deixando falar tudo o que eu quero, ela fica me impedindo” (sic). Um dos doutrinadores pede ao espírito para que ouça com atenção e aceite o que o outro doutrinador (W) lhe diz, mas a entidade retruca: “ah, mas eu tenho medo desse aí, porque ele é polícia” (sic). “Sim, mas ele é um policial digno” (sic), responde o outro doutrinador (Z). Os doutrinadores referem-se então ao nome de Jesus, mas o espírito diz não conhecer de quem estão falando: “Quem é esse Jesus? Eu não tenho chefe acima de mim, eu sou o meu único chefe” (sic). Um dos doutrinadores tenta explicar um pouco da história de Jesus e é nesse momento que o espírito dá detalhes de sua possível história de vida. Quando o doutrinador pergunta se ninguém nunca ensinou a ele quem é Jesus, a resposta é: “não tive pai nem mãe. Minha mãe me abandonou quando eu ainda era muito novo, e cresci sozinho, pela vida. Não aprendi essas coisas; quando eu tentava entrar nas igrejas, eles me colocavam pra fora” (sic). Ele reclama ainda de sua mãe tê-lo abandonado. A conversação prossegue por mais tempo até que o espírito cita o nome de outra entidade, denominada João Luiz, o qual estaria tentando lhe conduzir, naquele momento, para o auxílio do plano espiritual. O doutrinador W esclarece para o espírito que João Luiz também esteve envolvido com o mundo do tráfico de drogas quando encarnado, mas se regenerou e hoje trabalha no auxílio de espíritos necessitados. Durante esse diálogo, um dos médiuns presentes (C.A.B) afirma ter recebido mediunicamente, naquele instante, a informação de que João Luiz e o espírito assistido na sessão foram irmãos em uma reencarnação passada. Um dos doutrinadores então diz: “ah, então era este que João Luiz dizia que iria buscar das trevas? O chefão de todos os outros?” (sic). O diálogo com a entidade se encerra com esta aceitando, um tanto a contragosto, receber o “remédio” que iriam lhe oferecer e finalmente indo embora. Um dos doutrinadores aplica vários passes na médium após essa manifestação.

Y, outra médium iniciante, também apresenta três ‘comunicações’ mediúnicas. A primeira é de um espírito que diz ter vindo entregar uma “mercadoria” (sic) (droga) e que afirma não querer auxílio nenhum. Rejeita as palavras do doutrinador, embora se mostre algumas vezes atraído por elas: “você tá tentando confundir a minha cabeça, mas eu não vou voltar atrás; eu tenho

que entregar minha mercadoria e nunca falho para entregar. Se eu fizer o que você tá falando, aí é que a coisa vai ficar complicada pro meu lado, porque eles vão me pegar [referindo-se à retaliação por parte de outros espíritos obsessores]” (sic). O doutrinador tenta convencê-lo, com exortações morais, que o melhor a fazer é se libertar do vício e dessa situação, e salienta a oportunidade que os espíritos benfazejos estão lhe dando de auxiliá-lo nesse processo. Usa o argumento de que “o nosso chefe” (sic), isto é, Jesus Cristo, não faz esse tipo de retaliações com seus seguidores. Contudo, o espírito persiste em seus argumentos e não recua em seus propósitos. Ao final da manifestação, o doutrinador dá passes na médium e diz: “nem sempre podemos convencê-los, é preciso ter paciência” (sic). Em seguida, há a manifestação de uma entidade que, nas palavras da própria médium após a sessão, seria um “espírito-criança” (sic), que chora desesperadamente: “não queria ter feito aquilo, não queria!” (sic). Com este, a conversação é quase impossível, dado o grau de perturbação, e é logo encaminhado. A terceira manifestação é a de um espírito berrando: “ai, tira, tira, não, não, muita dor!” (sic). Afirmou depois ter sido espetado até morrer por não poder pagar a droga que havia solicitado.

A sessão de doutrinação teve duração de aproximadamente duas horas (considerando-se também os momentos de leitura e orações). Ao final, houve uma rápida confraternização, com a distribuição de chá e bolachas para os presentes. A médium C estava suada e alegando sentir muito calor após o trabalho, tendo inclusive tirado o casaco que usava (estava muito frio este dia). Contudo, pouco tempo depois ela já o estava utilizando novamente; as sensações decorrentes da atividade mediúcnica parecem ter passado rapidamente. Tive a oportunidade ainda de conversar com os integrantes do trabalho sobre alguns fatos observados naquela sessão. Questionei Y se ela ficava inconsciente durante as manifestações ou não, ao passo em que esta respondeu que embora fique consciente e tenha visões do espírito que se comunica e da situação em que ele se encontra, ela não consegue controlar muito os movimentos do corpo e o que vai dizer enquanto permanece incorporada. Z comenta ainda que, na primeira manifestação de Y, não pôde identificar com certeza se o “espírito comunicante” (sic) era de um desencarnado ou de um encarnado: “às vezes acontece de um encarnado em estado de inconsciência, por conta do uso de drogas, aparecer por aqui em espírito, quando na verdade ainda não desencarnou. Os espíritos superiores o encaminham para obter ajuda. Tive a impressão de que poderia ser um desses casos” (sic).

Solicito também para Z a autorização quanto à gravação em áudio de algumas das manifestações mediúnicas ocorridas durante as sessões, e recebo seu aval para assim proceder em ocasiões futuras, sem maiores problemas.

COMENTÁRIOS

O interessante a ressaltar destes casos é que eles demonstram o quanto tais manifestações dependem do constante intercâmbio médium-doutrinador. O processo não se dá de modo unilateral, como resultado apenas do comportamento da médium; ele é dialético, construído em conjunto, na própria conversação e diálogo com os doutrinadores, que tentam, de um lado, convencer pacientemente o ‘espírito’ sobre uma determinada conduta a ser tomada, e que, de outro lado, enfrentam dificuldades com esse mesmo espírito, que se recusa e resiste. Nesse processo, de conversão (ou doutrinação) e resistência à conversão, o médium parte de certas premissas para construir e personificar uma dada manifestação, e os doutrinadores (e mesmo outros médiuns) contribuem adicionando elementos específicos ao discurso estabelecido. Parece-nos assim que essas sessões de certo modo re-atualizam, dramática e constantemente, um mesmo processo inicial de

conversão ao Espiritismo, o qual se manifesta sob diferentes mecanismos institucionais de reposição identitária.

CENTRO ESPÍRITA PASCHOAL TRÓVELLE
REUNIÃO MEDIÚNICA (1)

Relatório 5 / Data: 26/07/2009

O presente relatório constitui um resumo de observações concernentes a uma reunião mediúnica conduzida no centro espírita Paschoal Tróvelle. Estas reuniões são realizadas de domingo, e envolvem tanto o trabalho de doutrinação dos espíritos, quanto o trabalho de psicografia e pintura mediúnica.

Ao chegar para o início do trabalho (por volta das 19h10min) encontrei o grupo de participantes já reunidos para a atividade da noite. A organização deste trabalho se dá da seguinte maneira: primeiramente, os participantes se reúnem (no próprio salão de palestras do centro) para uma atividade de leitura e discussões. Em seguida, cada um é chamado para receber um passe (na sala de passes ao lado do salão) enquanto os demais ouvem uma palestra proferida por um dos médiuns da casa, o senhor C.A.B. Num terceiro momento, as principais luzes são apagadas e iniciam-se as manifestações de espíritos, logo após uma prece.

O livro escolhido para a primeira parte é “O céu e o inferno ou a justiça divina segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec. Após a leitura, os participantes debatem sobre o tema. O texto lido (intitulado “Espíritos Felizes”) referia-se ao capítulo dois da segunda parte do livro supracitado, em que se discutem as manifestações de espíritos desencarnados em sessões da Sociedade Espírita de Paris (na época de Allan Kardec). Uma dessas histórias (a de um espírito chamado Bernardin) é trazida à tona pelos participantes, mobilizando uma série de elucubrações sobre a importância da riqueza e do dinheiro para a felicidade humana, sendo que se tratava do relato de um homem que teria passado por uma vida muito difícil quando “encarnado” (sobretudo, em termos financeiros, pois vivera na miséria) e que, mesmo depois de tais ‘provações’ (ou por conta delas) se apresentava feliz com sua passagem para o mundo espiritual. Os participantes da discussão se convencem de que a riqueza não é necessária para se garantir a felicidade, podendo algumas vezes ser prejudicial ao alcance daquela. Outras questões relacionadas ao assunto são levantadas, como diferenças de status socioeconômico, influência da riqueza ou da pobreza no desenvolvimento espiritual dos indivíduos, etc. Os participantes trazem opiniões e relatam fatos pessoais.

Uma das médiuns presentes (a qual chamaremos aqui pela letra K) relata possuir boas condições financeiras – “graças a Deus” (sic) – e conta que vivera durante muitos anos em um prédio no qual seus vizinhos se mostravam visivelmente preconceituosos com relação a pessoas de baixo nível socioeconômico. K, no entanto, afirma que costumava tomar café com suas empregadas ou zeladores do prédio, e os tratava sem estabelecer qualquer distinção. Todavia, em dada ocasião, ao receber uma vizinha para tomar chá, foi alertada por esta última de que estaria agindo erroneamente ao proceder daquela forma, recebendo suas empregadas ou zeladores em casa, e que isso poderia prejudicar sua imagem perante os moradores do prédio. K diz ter repreendido a vizinha, mostrando-se contrária a tal preconceito.

O relato de K mobiliza diversos comentários sobre discriminação social e avareza. Discute-se, por exemplo, até que ponto é correto poupar grandes quantidades de dinheiro, se todos nós acabaremos deixando tal fortuna após a morte. Fala-se sobre a importância da doação e outros temas. O médium que conduz a atividade (E) pergunta então se haveria alguma diferença na condição do rico e do pobre após a morte. Uma das participantes responde que “o pobre sempre sofre menos para passar para a outra vida” (sic). Os demais integrantes rejeitam prontamente esse

comentário, tentando convencê-la de que esse processo dependerá sempre do quanto o espírito está ‘preso’ ou não aos desejos materiais. K relata uma situação em que teria tentado doar alimento para um mendigo, o qual se recusou a receber ajuda, mostrando-se orgulhoso e agressivo. Outra participante (C.R) diz que: “existe muito pobre metido a besta” (sic). Os participantes acabam por chegar à conclusão de que a riqueza ou a pobreza não interferem necessariamente no estado do espírito após a morte, e que tudo dependerá de como o espírito lidava com a situação em que estava vivendo quando “encarnado”. Permanece, por outro lado, o consenso de que a riqueza pode ser algumas vezes prejudicial, como quando ela suscita a inveja e a falsa amizade por parte de outras pessoas.

No segundo momento da atividade deste dia, os participantes são convidados para o passe. Os que permanecem no salão de palestras discutem com o médium C.A.B os temas levantados por este. O assunto principal do dia é “corpo fechado” (sic), referindo-se a uma expressão muitas vezes usada em religiões afro-brasileiras para se referir a certos rituais em que os participantes buscam proteção espiritual para não fracassarem em algum objetivo ou se verem livres de possíveis influências espirituais negativas. C.A.B tenta demonstrar que a prática do corpo fechado, assim como as mandingas e outros rituais, são apenas formas de induzir a força do pensamento para se alcançar um dado objetivo. C.A.B tenta desmistificar assim o caráter mágico e ritualizado dessas práticas, colocando-as como resultado de poderes ou capacidades disponíveis a qualquer um. Este assunto acaba por encaminhar uma discussão sobre a importância de os indivíduos cultivarem bons pensamentos em relação às outras pessoas, e buscarem sempre sua própria ‘reforma íntima’. K (sempre falante) relata então um fato observado por ela em outro centro espírita, no qual disse ter presenciado uma reunião de doutrinação, em que um espírito obsessivo questionou o doutrinador, dizendo-lhe: “você está pedindo para que eu mude, para que eu melhore dos meus erros, mas você não melhora dos seus, que eu sei. Você não tem moral para exigir isso de mim” (sic). A situação teria sido constrangedora. Curiosamente, neste mesmo dia, essa médium daria ‘passividade’ a um espírito cujo comportamento foi bastante semelhante ao exemplo dado por ela.

Ao final dos passes e da palestra, inicia-se efetivamente a reunião mediúnica. As luzes mais fortes são apagadas, e o ambiente fica parcialmente escuro. Na mesa central do salão de palestras, sentam-se os médiuns de psicografia e pintura (ao todo, sete). Próximo da mesa é formado um círculo com cadeiras, em que outro grupo (de seis pessoas) se reunirá para as manifestações de psicofonia. Dois integrantes desse grupo foram doutrinadores (E e C.R) e os demais atuaram como médiuns. Antes do início da atividade é feita uma prece e a leitura de um texto. Como estava escuro, (E) denotou dificuldade para ler, e o médium C.A.B tentou ligar uma luz de celular sobre o livro para facilitar a leitura. O doutrinador E, um tanto rispidamente, recusou a ajuda, ordenando que C.A.B se concentrasse e se preparasse para a atividade mediúnica, empurrando com certa força o seu braço. Parecia temeroso de que a atividade se desorganizasse de algum modo ou que o ambiente sereno, escuro e embalado por uma música relaxante ao fundo, fosse perturbado. Ao final da prece, deu-se a sugestão de que os médiuns que se sentissem dispostos poderiam então permitir a comunicação dos espíritos. Na mesa, alguns começaram a escrever, enquanto outros iniciaram seus desenhos. A maioria se utilizou de giz. Alguns desenhavam de forma mais lenta e suave, enquanto outros batiam o giz na folha e o passavam por ela com rapidez, com que num estado de agitação.

No círculo formado pelo outro grupo, deram-se oito manifestações de incorporação / psicofonia, resumidas a seguir, não necessariamente na mesma seqüência em que ocorreram:

A médium K incorpora primeiramente um espírito em desespero, que chora muito, e se remexe com força na cadeira: “fogo, fogo, não, não, dói demais, dói muito” (sic), exclama a

entidade. A médium incorporada abraça a si mesma, tentando conter a dor. O espírito parece inconsolável, dado o estado de perturbação da médium, e o doutrinador (E) tenta acalmá-la com palavras de serenidade e sugestões do tipo: “você já está recebendo ajuda espiritual; você está num hospital agora e será auxiliado. Você está recebendo ataduras; suas mãos estão sendo enfaixadas e você já não sente tanta dor. Pode dormir agora, que assim sua dor será menor, etc.” (sic). Aos poucos, o espírito vai se tranquilizando, é encaminhado para o plano espiritual e a manifestação cessa de forma um tanto abrupta, com a médium jogando com força o corpo para frente, sem cair da cadeira. A segunda manifestação de K é a de um “senhor de escravos” (sic), um espírito proveniente do período escravocrata. “Que lugar é esse?” pergunta para a doutrinadora C.R. Esta explica que se trata de um lugar semelhante a um hospital e o espírito retruca: “hospital? Eu quero saber o que é que vocês fizeram com os meus trabalhadores. Para onde vocês levaram todos eles? Eu vim para buscá-los” (sic). “Quem é o chefe de vocês?”, ele pergunta em seguida. “Nosso chefe? Nosso chefe é Jesus”, responde a doutrinadora. “Jesus? Aquele de 2000 anos atrás? Faz tempo já, hein?” (sic). A doutrinadora explica que os ensinamentos deixados por Jesus permanecem até hoje e tenta convencer o “senhor de escravos” de que o importante é ele receber auxílio espiritual e este responde: “ajuda pra quê? Vocês não estão ajudando ninguém, muitos ainda estão indo pra lá de onde eu venho. Pelo jeito não está funcionando nada.” (sic).

A doutrinadora se vê constrangida com as investidas do espírito, e tenta esclarecer seus questionamentos e comentários irônicos, explicando-lhe aspectos da doutrina espírita. Comenta que os espíritos estão buscando aperfeiçoamento, que esse processo é gradativo, mas que muita ajuda tem sido feita assim mesmo e que aqueles que não se recuperarem terão a oportunidade de reencarnarem novamente na Terra para se redimirem, etc. Mas o senhor de escravos indaga: “então quer dizer que é assim, pode errar à vontade que depois é só reencarnar?” (sic). A doutrinadora procura novamente esclarecer a situação (agora com uma fala visivelmente alterada, embora se esforçando para manter a calma), e afirma que uma hora os espíritos se cansarão de reencarnar e de permanecer no sofrimento e irão acabar reconhecendo a necessidade de mudança, de se melhorarem, e que, enquanto isso, terão de expiar seus erros na Terra. “Então a gente vem aqui só pra sofrer, é isso?” (sic), retruca mais uma vez a entidade. “Olha, eu ainda não entendi direito essas coisas que vocês falam, preciso me informar melhor. Mas você tem sorte, porque eu sou um dos mais passivos. Tem outros aí que são bem piores, vocês tão avisados” (sic). Apesar de seus comentários ríspidos até aqui, o senhor de escravos se despede educadamente, prometendo voltar depois. Ao final da manifestação, a médium joga abruptamente seu corpo para frente da cadeira, como antes. Dessa vez, ela denota mal estar e aplica, em si mesma, vários passes*.

A médium V apresenta uma única manifestação, de um espírito alegando dor nas costas. Na verdade, a impressão que se tem é que a médium não está em transe ou alteração de consciência, mas apenas relatando sensações que lhe ocorrem naquele momento, as quais são atribuídas a espíritos. A ‘entidade’ é ‘encaminhada’ em pouco tempo para o plano espiritual pela doutrinadora, de forma a receber o ‘medicamento’ que amenize suas dores.

A médium B manifesta dois espíritos: o primeiro quer saber onde está. Permanece, durante todo o tempo, numa postura curvada, a cabeça abaixada, a voz grave e rouca, mostrando agressividade. Diz à doutrinadora que “aqui só falam besteira, vocês ficam perdendo tempo com isso!” (sic). A entidade afirma ainda, que veio para buscar ajuda para suas dores, e aceita receber ‘remédio’, cessando a manifestação logo após. Outro espírito, chorando muito, não sabe o que ocorreu com ele e se mostra em desespero: “não sei o que houve comigo, eu queria entender, por favor, eu quero entender” (sic). A doutrinadora o acolhe, com palavras doces, tranquilizando-o e o encaminhando para o plano espiritual.

O médium C.A.B, que também atua no trabalho de doutrinação recebendo espíritos que, quando encarnados, tinham envolvimento com drogas e álcool, não traz nessa sessão nenhuma manifestação muito distinta da que apresentou nas sessões de sábado. O primeiro espírito é o de um alcoólatra. Começa solicitando bebida: “meu reino por uma cana (risos)”. “Eu vim aqui porque me disseram que eu ia encontrar bebida. O que vocês têm pra me oferecer?” (sic). O doutrinador afirma: “eu tenho algo maravilhoso pra te oferecer” (sic) e tenta persuadir o espírito a abandonar seu vício, mas este parece um pouco relutante. Dá risada e brinca, dizendo que a bebida é importante para que ele se esqueça das mágoas, para que fuja do sofrimento. O doutrinador tenta lhe persuadir, a partir disso, de que o vício não é bom para ele, mas o espírito acaba aceitando ajuda apenas depois de achar que o ‘remédio’ que lhe darão é aquilo que procura: “vão me dar bebida em troca, então eu vou lá” (sic) e é encaminhado pelo doutrinador. O outro espírito demora alguns segundos para se manifestar, e após a sugestão do doutrinador “pode falar se você se sentir à vontade” (sic), a entidade responde: “só se você arranjar um baseado pra mim” (sic). O mesmo processo de convencimento e tentativa de persuasão ocorre tal qual na manifestação anterior. Desta vez, impressionado com o modo como o doutrinador o trata carinhosamente, o espírito se vê convencido a deixar o vício e reconhece que está desencarnado; após isso, é encaminhado. Por fim, a terceira manifestação de C.A.B é a de um mentor espiritual que encerra os trabalhos do dia com seus comentários. Como de costume, agradece a Deus por todo o trabalho realizado e profere algumas exortações morais. Dentre seus comentários, fala sobre “pessoas que tem azia e odores mal-cheirosos na boca” (sic) e os convida a buscar a melhora de si mesmos, de sua alimentação e de seus hábitos de vida. Exorta também “os queridos irmãos, para serem mais gentis e se acautelarem para não perder a paciência com os demais neste trabalho em que tal sentimento é tão fundamental” (sic)**.

Ao término da discussão, abre-se um espaço para comentários e discussões relativas às experiências dos participantes. A doutrinadora C.R não deixou de citar o caso do “senhor de escravos”. Os médiuns que trabalharam na mesa, psicografando ou desenhando, leram as psicografias realizadas por seu intermédio e mostraram suas produções psicopictográficas. Enquanto cada um falava sobre suas experiências, o doutrinador E fazia pontuações, orientando no sentido de ajudar os médiuns iniciantes a diferenciarem aqueles conteúdos que seriam deles, e aqueles conteúdos que seriam dos espíritos. Conforme os médiuns liam suas psicografias, estas pareciam muito repetitivas entre si no que se refere ao tema, conquanto recorressem a palavras diferentes. Esse fato foi pontuado por E, que considerou nisso um sinal de que as manifestações provavelmente não eram dos espíritos, mas dos próprios médiuns (aquele fenômeno que o Espiritismo define como animismo, isto é, a influência da alma do médium nas ‘comunicações’ mediúnicas). Algumas psicografias eram curtas e transmitiam mensagens simples, que não escapavam em nada daquilo que os médiuns poderiam fazer em seu estado corriqueiro, questão essa igualmente salientada pelo doutrinador. Parte delas envolvia temas de encorajamento e persistência quanto ao trabalho mediúnico, que E atribuiu a um chamado dos próprios espíritos para que esses médiuns não desistam e continuem em seu aperfeiçoamento mediúnico. Ele também forneceu várias sugestões de como diferenciar quando uma mensagem expressa algo particular do médium ou quando seria de origem espiritual. Afirmou que o médium deve sempre se perguntar se aquele conteúdo da mensagem não poderia ser atribuído a ele mesmo, e fez um exercício com um rapaz presente, que leu sua mensagem psicografada, atribuída a “um espírito amigo” (sic), mas que E considerou como exemplo de animismo (seria algo que o rapaz estava tentando dizer a si mesmo, mas o fez de modo involuntário). (E) também tentou ensiná-los a não controlar as manifestações, a permitir a espontaneidade, a fechar os olhos e a deixar que a mão se guie sozinha. A única mensagem admitida por E como possivelmente verídica, foi uma psicografia da médium Y que se

referia a um espírito que relatava a própria motivação de seu suicídio (de cunho passional), e os sofrimentos que continuara passando posteriormente ao seu ‘desencarne’, no mundo espiritual.***

Um fato também bastante interessante foi o de uma Médium da mesa que relatou o quanto a ausência de música num dado momento da atividade (quando o CD que tocava chegou ao fim) influenciou na confecção de um desenho seu, abstrato e colorido. A médium disse que, em resposta ao silêncio e à passividade do ambiente, ela se sentiu agitada, e começou a pintar de forma rápida, usando-se para isso de diversas cores; ela não queria, entretanto, passar uma coerência ao desenho, e sim expressar o que sentia. (Fato parecido já havia sido observado numa sessão de 17/06/2009 do centro Ismael, em que se constatou uma influência da música mais acelerada nas manifestações dos médiuns). Essa mesma médium comentou ainda da influência que uma das manifestações mediúnicas de C.A.B (a do espírito drogadito) teve em um desenho que fez do rosto de um rapaz. Ao ouvir a conversação do doutrinador com o médium naquele momento, sentiu a vontade de representar o espírito que ali estava, e fez-lhe o rosto.

Ao final da atividade, os participantes solicitaram para E que usasse música clássica e vibrante nas próximas reuniões, pois as consideram mais apropriadas e inspiradoras ao trabalho de pintura e psicografia. (E), todavia, explicou que isso seria muito difícil, frente ao fato de que a atividade de doutrinação ocorre simultaneamente, e que a música da qual necessita precisa ser bem suave, e não agitada ou emotiva demais, pois “trata-se de um trabalho socorrista, de espíritos enfermos” (sic).

COMENTÁRIOS

As discussões iniciais sobre questões econômicas, status social, trabalho, etc. (como visto também no relatório de 09/06/2009 do centro espírita Ismael e no relatório de 18/07/2009 do centro Paschoal Tróvelle) parecem reproduzir, algumas vezes, certas concepções naturalizadas acerca desses temas, mas podem promover, sob outro aspecto, uma reflexão democrática em torno de tais assuntos. Isso nos leva a crer que os centros espíritas são potenciais espaços de crítica e mobilização social. É por meio da reflexão religiosa que muitos desses indivíduos chegam a algum pensamento sobre questões de ordem social e política. O centro é também um local onde podem exercer seu papel de cidadãos, e conquanto esse potencial da instituição espírita seja eventualmente reconhecido, ele nem sempre é direcionado no sentido de uma efetiva conscientização das questões ideológicas e naturalizadas por trás do discurso dos participantes. Em geral, a possibilidade de que um debate como tal vá mais adiante e adentre possíveis práticas transformadoras, é vista com ressalvas por muitos espíritas, que temem, com isso, um desvio das questões espirituais (Pires, 1980). Esta discussão, no entanto, poderia ser de eficácia para uma transformação do pensamento assistencialista observado nos centros espíritas, em prol da adoção de atividades sociais mais amplas. De qualquer maneira, o potencial para tais implantações já se encontra disponível no seio de muitas reuniões mediúnicas.

*O caso relatado acima, do ‘senhor de escravos’, retoma as reflexões discutidas no relatório do dia 18/07/2009 sobre o quanto o intercâmbio médium-doutrinador determina a própria configuração das manifestações, como que num processo dialético. Mas outra hipótese vem a se somar no tocante a esse caso e a outros tantos observados. Considerando a função compensatória dos processos inconscientes, levantada por Flournoy e Jung, pode-se muito bem considerar estas manifestações de resistência e combate à doutrina espírita, tantas vezes registrada no seio das próprias reuniões mediúnicas, não somente como simples personificações, mas como

representações de dúvidas e inquietações dos próprios médiuns frente à doutrina, as quais, inicialmente reprimidas, emergem sem maiores impedimentos na sessão, sob a *persona* de um espírito zombeteiro. Flournoy (1911/2007) cita alguns casos curiosos no tocante às manifestações mediúnicas, ao se referir aos processos de “incubação” inconsciente. É natural que uma pessoa como K, cujo discurso consciente se mostra o tempo todo favorável à doutrina espírita, carregue dentro de si incertezas que ela tende a reprimir, pela incompatibilidade com sua adesão unilateral e apaixonada às crenças doutrinárias. Impedidas de evolverem conscientemente, tais tendências contrárias obteriam um escoadouro em suas irrupções mediúnicas, dramatizadas de modo específico (histórias de senhores de escravo desencarnados que continuam ‘presos’ à vida terrena são comuns em muitos romances mediúnicos). Nada há de ilógico nessa hipótese, visto que nenhum religioso está isento de dúvidas quanto à sua fé, e o modo como cada qual lida com esse tipo de tendências, pode determinar as mais variadas formas de comportamentos e mecanismos de defesa, sobretudo num contexto que incita a estimulação de estados alterados de consciência. Além do que, o processo de doutrinação estaria a serviço, possivelmente, não só de uma tentativa de legitimação das crenças do grupo pela manifestação ‘objetiva’ de espíritos, como também de um mecanismo de preservação e re-posição institucional, que, por meio de retroalimentação, identifica os possíveis complexos desviantes e os ‘doutrina’ adequadamente, diminuindo com isso eventuais contestações diretas.

Há ainda outro aspecto não menos relevante, que é a relação de mando e dominação presente no discurso do ‘senhor de escravos’ frente aos seus ‘trabalhadores’. O conteúdo dessa manifestação é bastante curioso em termos psicodinâmicos e psicossociais, se pensarmos que a médium se definiu logo no início da sessão, como pessoa não-preconceituosa e de boa condição financeira, que inclusive tomava café com suas empregadas e zeladores...

**Em um relatório anterior (13/05/2009, centro Ismael) levantei a hipótese de que a mediunidade pode servir, algumas vezes, como veículo do reprimido na relação grupal-transferencial, assumindo a função de restaurar, numa linguagem por vezes polida, cordial e benevolente, adequada à doutrina, o discurso do reprimido, do não-assumido. Ela atuaria nesses casos como um meio estratégico de comunicação adaptado aos preceitos doutrinários. Uma linguagem do apaziguamento, contrária a todo e qualquer conflito que revolucione a ordem estabelecida. Dessa forma, a discussão aberta e democrática dos conflitos, não estabelecida diretamente na relação entre os participantes, acaba sendo mediada pelos processos de mediunidade, constituindo uma peculiar estratégia de comunicação grupal. As mensagens finais do mentor espiritual de C.A.B poderiam muito bem se enquadrar nesta perspectiva. Ao invés de o indivíduo expressar a outro aquilo que efetivamente pensa ou sente de seus hábitos de vida ou de seu mau-hálito, prefere dizê-lo resguardando-se sob o manto da mediunidade, ao deslocar a responsabilidade para um ‘outro’ imaginário (um espírito). O mesmo se poderia afirmar sobre as exortações quanto à necessidade de gentileza e paciência: referem-se, provavelmente, ao modo ríspido com que o doutrinador E se dirigira pouco antes frente ao próprio médium C.A.B, durante a leitura que precedeu o início da reunião mediúnica. Sem lhe dizer diretamente o que sentia de seu comportamento, C.A.B falou à E pela voz dos espíritos.

***Embora os espíritas estabeleçam uma distinção entre processos ‘anímicos’ e espirituais, como no exemplo acima, os critérios a que recorrem estão longe de serem suficientes em termos psicológicos. Sabemos que não basta a um indivíduo simplesmente perguntar a si mesmo sobre a origem ou não de algo que diz ou escreve, pois sempre haverá processos inconscientes que lhe escaparão quase inteiramente da consciência, os quais só são descobertos mediante rigorosa e prolongada análise. A sugestão de ser mais espontâneo e permitir que a mão seja automaticamente guiada também não impedem, em qualquer sentido, que o inconsciente do médium se manifeste: pelo contrário, sabe-se que o automatismo gráfico é um excelente disparador de processos

inconscientes do indivíduo, como já havia constatado há tempos Muhl (1930). Além do mais, facilitar a emergência de automatismos motores ou viabilizar a alteração de consciência, não implica na natureza espiritual da experiência: a correlação ‘estado alterado = experiência religiosa’ não é o que sempre se observa a respeito desses estados (Tart, 2000). Por sua vez, o fato de uma mensagem psicográfica conter histórias ou relatos de indivíduos supostamente desencarnados, como o suicida manifestado pela médium Y, não indica necessariamente que tal personificação deva ser entendida como prova cabal de sua origem espiritual. Mas as indicações fornecidas por E. são interessantes, na medida em que nos fornecem um exemplo de como essas experiências são ensinadas, compartilhadas e praticadas no contexto dos centros espíritas.

CENTRO ESPÍRITA PASCHOAL TRÓVELLE
SESSÃO DE DOCTRINAÇÃO (2)

Relatório 6 / Data: 01/08/2009

O presente relatório retrata em detalhes as manifestações mediúnicas ocorridas durante uma sessão de doutrinação assistida por mim. Nesta ocasião, permitiu-se a gravação de parte da sessão – o momento em que o trabalho mediúnico efetivamente teve início – a qual será transcrita e analisada no decorrer deste relatório. Pouca coisa em relação às hipóteses previamente levantadas – e que constam dos relatórios anteriores – pode ser tida como nova informação. O que se observará, na verdade, é a corroboração de algumas das hipóteses erigidas, com base numa descrição mais minuciosa das manifestações mediúnicas, facilitada pela transcrição do registro de áudio da sessão.

Cumprе lembrar que, em decorrência de se ter verificado, em alguns momentos, a manifestação de espíritos por dois médiuns simultaneamente, a gravação teve obrigatoriamente que se restringir a uma ou outra dessas manifestações. É preciso ter em mente que a cada ‘comunicação’ temos a voz do médium e a voz do doutrinador. Com dois médiuns atuando ao mesmo tempo, temos quatro vozes ressoando no mesmo instante e se embaralhando mutuamente. Embora tenha sido possível captar relativamente bem, em dados momentos, o áudio das duas conversações médium-doutrinador, em outros, todavia, a gravação não ficou suficientemente compreensível. Por conta disso, tomou-se o cuidado de apontar essas ocorrências ao longo da transcrição, procedimento esse acompanhado de uma explicação breve sobre os possíveis diálogos paralelos não registrados adequadamente. Para simplificar o processo de transcrição, adotou-se o procedimento de escolher um dentre os muitos diálogos que ocorriam e que foram registrados. Não nos foi possível transcrever tudo, por razões de brevidade; a intenção foi apenas a de ilustrar, com alguns exemplos, como se dá a interação entre doutrinadores e médiuns nas sessões espíritas (havendo necessidade, os pesquisadores interessados podem solicitar ao autor deste trabalho os originais das gravações). O momento de leitura e discussão de textos, preliminar à sessão propriamente dita, não foi gravado, por considerarmos desnecessária sua descrição detalhada, conquanto seja encontrado a seguir um resumo de seus principais aspectos. Sua transcrição, por outro lado, seria praticamente inviável, dado que várias pessoas participam ao mesmo tempo das discussões estabelecidas, observando-se entrecruzamento constante de vozes.

Neste dia, havia a presença de mais duas pessoas em relação ao trabalho do dia 18/07: o esposo de uma das médiuns de psicografia e outra participante. Como de costume, realizou-se uma prece introdutória, acompanhada, logo em seguida, de leituras e discussões sobre trechos do Livro dos Espíritos e do Evangelho Segundo o Espiritismo. O primeiro tema abordado nesta semana foi a questão do sacrifício de animais e seres humanos em rituais religiosos. Depois, adentrou-se um pouco no assunto das guerras santas e, por fim, na “lei do trabalho”, parte essa que já inaugurava o início de um novo capítulo para leitura. Nas discussões sobre guerras santas, os participantes levantaram vários exemplos históricos, demonstrando erudição e interesse nessas questões, sobretudo, o doutrinador Z. Mas embora os assuntos lidos divergissem um pouco dos temas próprios a esse trabalho de doutrinação, os presentes buscavam sempre relacioná-los, de um modo ou de outro, às questões concernentes à drogadição, alcoolismo e outros vícios. Novamente, tal qual na sessão anteriormente relatada (18/07), as duas principais médiuns de psicofonia (C e Y) se mostraram caladas e atentas à conversação. Após a leitura de um trecho do Evangelho Segundo o Espiritismo pelo médium C.A.B, deu-se início à sessão mediúnica com as orações de duas participantes. As luzes mais fortes estavam agora apagadas, o ambiente escuro, e ao fundo, uma

música New Age. Enquanto as orações são conduzidas, os participantes vão se ajeitando em suas cadeiras, e alguns já demonstram sinais de relaxamento, ao bocejarem frequentemente ou ao se posicionarem de modo mais confortável à mesa. Outras alterações comportamentais também são observadas: alguns suspiram de modo profundo, outros começam a murmurar palavras inapreensíveis ou se remexem de modo estranho na cadeira, apresentando tremores ou arrepios. Preparo meu gravador e permaneço em pé; Z, no entanto, afirma: “pode sentar E.M, tem bastante tempo ainda” (sic). O muito tempo a que se refere é o das orações iniciais, depois das quais eu me levanto e passo a circular em volta da mesa, observando cada médium. A participante que introduz as “vibrações” (sic) emprega uma voz suave e monótona, em ritmo lento, marcado pela constante repetição de súplicas¹⁰ a Jesus ou Maria de Nazaré. Transcrevo a seguir o conteúdo das orações para que se tenha uma idéia geral dos assuntos abordados.

“Vamos ouvindo a música... serenando os nossos pensamentos. Elevando o pensamento até Deus nosso pai, nosso criador. Jesus, nosso mestre, amigo, irmão maior. Maria de Nazaré, doce mãe de Jesus, mãe de toda humanidade. Vamos unindo nossas auras, nos confraternizando, sentindo um imenso sentimento de gratidão, por esse momento, por essa oportunidade. E do tanto que temos recebido, queremos também doar. Queremos pedir a Jesus... que, nesse instante, envolva todo o nosso planeta... na sua aura bendita e iluminada. Que abençoe toda humanidade, encarnada e desencarnada. Jesus querido, mestre amado, nós te pedimos, por todos os enfermos, do corpo ou da alma. Permita senhor, que os médicos espirituais possam nesse instante visitar os hospitais, as clínicas, os pronto-socorros, os centros cirúrgicos... ou mesmo os lares, senhor, onde irmãos nossos padecem de dores, de aflições. Que possam ser amparados; possam ser auxiliados. Nós te pedimos senhor, pelos nossos irmãos idosos, nos asilos ou nos lares. Que possam também ser confortados, ser amparados. Abençoa, Jesus, todos os lares da Terra, principalmente, o lar desajustado. Pedimos também senhor por aqueles que não tem lar, que dormem pelas calçadas, que perambulam pelas ruas. Que a sua benção, senhor, a sua luz possa alcançar todas essas criaturas. Pra que eles possam receber, senhor, o amparo, tanto no plano físico quanto no mundo espiritual. Nós pedimos, Jesus, pelas nossas crianças e pelos nossos jovens; todos eles senhor, desde aquele que tem o conforto material mas que tem a carência afetiva, até aquele que nada tem, senhor. Aquele que tá pelos cruzamentos; aquele muitas vezes envolvido com vícios, com o crime. Permita, Jesus querido, que os trabalhadores trabalhem em favor assim da infância e da juventude, as equipes espirituais possam nesse instante visitar as escolas, as creches, os orfanatos. Possa abençoar, senhor, toda criatura que tem a guarda de uma criança, pra que possa ser inspirada, possa ser, assim, fortalecida. Pra que possa, senhor, conduzir esses nossos irmãozinhos pra dias melhores. Abençoa, senhor, todo projeto em favor da infância e da juventude. Que as crianças tenham a oportunidade de ouvir falar em seu nome, em seus ensinamentos. Abençoa, senhor. Jesus misericordioso, nós te pedimos, pelo nosso jovem envolvido com os vícios. Que nesse instante, senhor, as falanges socorristas possam alcançá-los, onde quer que estejam essas criaturinhas, senhor. Que possam ser amparados, possam ser ajudados. Abençoa, senhor, todos aqueles que estão também trabalhando a fim de auxiliá-los. Nós pedimos nesse instante sua benção, e a benção da nossa mãe santíssima, Maria de Nazaré. Que suas mãos benditas e misericordiosas, possam,

¹⁰ Não se deve olvidar aqui o papel significativo que certas características da oração e do ambiente ao redor dos médiuns possuem frente à possível indução de estados alterados de consciência, sobretudo, naqueles mais susceptíveis. Primeiro, as luzes apagadas e o ambiente escuro. Segundo, a música relaxante de fundo, a voz suave, monótona e repetitiva da oradora. Terceiro, a concentração voltada para os assuntos e questões religiosas. Não é de se estranhar que antes da sessão mediúnica propriamente dita, todo esse processo seja levado a cabo, pois ele prepara psiquicamente os participantes para as manifestações que ocorrerão. Sabe-se que o isolamento sensorial, o relaxamento, a repetição e a monotonia são elementos que, quando devidamente combinados, propiciam o estado de transe, bem como visualizações e outras formas de automatismo psicológico ou motor (Facioli, 2006).

nesse instante, amparar, socorrer, todos aqueles que estão necessitados. E que esses nossos irmãos que trabalham, senhor, na recuperação dessas criaturas, possam receber a força do alto, o amparo do alto, tanto aqui no plano físico quanto no plano espiritual. Abençoa, senhor, protege e ampara essas criaturas. Pedimos pelas mães, por aquelas que oram, que pedem pelos seus filhos, senhor. Que essas mães, nesse instante, possam ser, amparadas, fortalecidas, inspiradas, pra que possam buscar o socorro necessário, sejam encarnadas ou desencarnadas. Que bênçãos de paz, de amor, de misericórdia, de força, possam nesse instante, senhor, socorrer e amparar. Fortalecer todos os que necessitam. Pedimos, senhor, por todos esses nomes que se encontram sobre essa mesa¹¹. Que nesse instante, todos esses nossos irmãos, possam receber, senhor, o auxílio que necessitam. Que os lares possam ser visitados, que os nossos irmãos possam ser alcançados... e amparados. Que a nossa prece, senhor, [ouve-se a tosse alta de alguém na gravação] possa ser unida a tantas outras, onde houver um irmão pedindo bênçãos, pedindo amparo, pedindo força, que os seus mensageiros possam se fazer presentes. Que a sua bondade e a sua misericórdia, senhor, alcance todos os que necessitam da proteção e do amparo. Pai nosso que estais nos céus; santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso reino, seja feita, senhor, a vossa vontade, na Terra, como ela é feita no céu; o pão nosso de cada dia, dá-nos hoje; perdoa, senhor, as nossas ofensas, assim como nós perdoamos toda ofensa recebida; não nos deixe, senhor, cairmos em tentações, mas livra-nos do mal; porque a vós pertence o reino, o poder, a glória, a vida eterna”. Que assim seja [os demais participantes repetem a frase final. Outra médium então dá continuidade às orações].

“Unidos em pensamento, rogamos ao pai, bênçãos de luz sobre o nosso ambiente. Para que possamos lembrar todas as perguntas e respostas que estudamos essa noite, que lemos. O quanto a humanidade é ainda é... /evoluímos, mas ainda o quanto necessitamos de evolução espiritual, de compreensão, de amor, realmente, entre os homens. E sabemos que o amor é a força maior; que possa existir na humanidade terrestre, como Jesus veio nos demonstrar, através do seu amor tão grande, que a capacidade de perdoarmos e de nos ajudarmos mutuamente, é a maior riqueza de todas as riquezas, de todas as oferendas que podemos oferecer ao pai. Então que nesse instante, nessa noite, nós realmente tenhamos amor suficiente em nossos corações, para receber os nossos irmãos necessitados que foram trazidos até nós. E que eles realmente possam receber o esclarecimento, o amparo, o amor que eles necessitam. Pra serem ajudados, auxiliados, pra compreenderem, pra buscarem um novo rumo, na jornada espiritual. Senhor, que as vossas bênçãos de luz possam cair sobre todos nós, que possamos, unidos, sermos realmente instrumentos úteis, embora saibamos que somos pessoas cheias de problemas, de dificuldades; que necessitamos também muito de aprendizado. Necessitamos de pôr em prático aquilo que aprendemos, que estudamos, e que muitas vezes não conseguimos praticar; a maior parte das vezes, não praticamos. Que nesse instante nós saibamos, senhor, realmente nos unir em pensamento, em sentimento, e que possamos formar um elo de amor, juntamente com a equipe espiritual dessa casa, desse trabalho. Que eles possam estar conosco, nos auxiliando, todos os nossos irmãos que aqui estão, que foram trazidos, possam realmente saírem da aqui bem melhor do que quando chegaram. Abençoa a nossa.../ nosso trabalho, nossa pretensão, senhor, de sermos úteis. Que possamos nos despojar das nossas dificuldades, das nossas imperfeições, pelo menos por alguns momentos, e sermos realmente irmãos em sentimento, em fraternidade, senhor. Que os nossos amigos espirituais, na equipe trabalhadora desta noite, deste trabalho, junto aos jovens, junto às pessoas carentes, que desencarnaram de uma forma trágica, envolvida com drogas. Que realmente esses que foram trazidos até nós, possam realmente, senhor, receber tudo que vieram buscar. Que a vossa paz

¹¹ A oradora está se referindo a recortes de papel dispostos na mesa nos quais os participantes da sessão colocam os nomes de familiares, amigos e outras pessoas a quem desejam auxiliar espiritualmente.

esteja com todos nós, encarnados e desencarnados, senhor. E se faça nessa noite segundo a vossa vontade. Pai nosso que estais no céu; santificado seja o vosso santo e bendito nome; venha nós [tosse] o vosso reino de glória; seja feita a vossa vontade, assim na Terra como nos outros mundos; o pão nosso de cada dia nos daí hoje, senhor; perdoe as nossas ofensas na medida em que... sabemos perdoar aqueles nos ofendem; não nos deixeis cair em tentação; livra-nos de todos os males; pois tu és o reino, o poder, a glória, e a vida eterna, senhor. Louvado seja o nosso senhor Jesus Cristo”.

[O doutrinador Z. levanta-se; ouve-se o barulho de cadeiras arrastando. E.M também se levanta para gravar as vozes dos médiuns de perto. Ouve-se Z lhe dizendo na gravação: “isso, pode assumir aí”. Z. aproxima-se da médium Y, posiciona uma de suas mãos um pouco acima de sua cabeça, e inicia um diálogo]:

Médium Y: (com a voz baixa, rouca) Quem mandou me buscar? Quem mandou me buscar, quem me trouxe aqui pra esse lugar?

Z: Seja bem vindo!

Y: Eu sou dono do pedaço lá.

Z: É?

Y: Eu mando em tudo. Eu falei que eu não queria vir aqui, eu avisei todo mundo!

Z: (Você avisou) que você não queria vir?

Y: Eu falei que eu sou o dono de lá! Eu sou o dono, eu mando.

Z: Sim.

Y: Eu mando e todos têm que me obedecer!

Z: Sei.

Y: Eu já falei, eu já avisei.

Z: Sim, nós entendemos.

Y: Aí falaram que eu não podia tá fazendo aquilo. Eu faço que é pra impor. Eu imponho mesmo, o medo. Eu aterrorizo, porque eu quero que todo mundo me obedeça.

Z: Sei, sei. Claro, nós entendemos isso, não é? Você é o chefe...

Y: Eu o matei! Eu o matei, eu mato quantas vezes for preciso.

Z: Sei, sei, sei.

Y: Eu acabo com todos eles.

Z: Então, mas você poderia explicar a razão disso tudo, colega?

Y: Porque eu quero ter poder. Eu quero que todos me obedeçam.

Z: Sim. Nós entendemos, nós entendemos, todos (querem) poder, né.

Y: Eu mando em todos, são todos meus escravos.

Z: Cê teve uma vida fácil?

Y: (silêncio).

Z: Não teve, né?

Y: Eu não quero saber da minha vida, o que eu quero saber é que agora quem comanda sou eu. Eu comando, eu comando, eu tenho poder; eu mando e todos têm que me obedecer, porque se não me obedecer, eu torturo mesmo.

Z: A gente entende isso.

Y: Eu torturo.

Z: Eu sei. Mas a gente gostaria de conhecer um pouco da sua história, da sua vida. Cê poderia contar pra gente?

Y: Não, não quero falar.

Z: Por quê?

Y: Não quero falar, porque eu não quero lembrar de nada.

Z: Você deve ter tido uma vida muito difícil...

Y: Não, nem quero me lembrar de nada.

Z: ...pra ter tanta revolta, né? Eu tenho certeza de que você teve muito poucas oportunidades, né. A sociedade não te...

Y: Mas hoje eu tenho oportunidade. Hoje eu tenho.

Z: Só que hoje você está sacrificando pessoas também, né, pra ter a tua oportunidade. O que aconteceu com você, né, hoje você tá impondo aos outros. Não era uma espécie de vingança isso também?

Y: Ai, Ai! Eu não quero saber dessas histórias. É por isso que eu falei que eu não queria vir aqui. Eu falei porque eu já sabia que vinham essas histórias. De... de eu pensar, de eu repensar, de eu ver o que eu tô fazendo, de olhar minha vida, de olhar quando eu era criança, de olhar minha infância. Eu já ouvi isso tudo.

Z: Eu sei, eu tenho certeza disso. Mas é uma verdade: você é um homem, um espírito imortal, não é? Você é uma alma imortal.

Y: Eu sei, eu mato todo mundo (risos). Eu mato, (eu mato).

Z: Mas, no entanto, não aconteceu isso. Eles continuam vivos, né. Você continua vivo. Só que deve ter havido alguma coisa muito importante na sua existência, e que fez assim ficar tão revoltado contra as coisas, com a sociedade, pra fazer agora eles escravos da sua vontade, né? Inclusive, você sabe que continua sendo um crime a gente tirar a vida...

Y: Eu não quero nem lembrar disso. Apaga isso da minha memória, eu não quero lembrar essa cena. É por isso que eu fiquei assim? O que fizeram com a minha mãe? *[A médium começa a chorar]*. Eu era criança. Ahhh! Minha mãe, minha mãe! Eu não quero mais ver, eu não quero mais ver isso, eu não quero mais ver isso. Não me mostra, não me mostra. Eu não quero mais. E depois era a única que me protegia, era minha mãe. Olha o que fizeram com ela! Olha o que fizeram com a minha mãe!

Estou ficando com sono (voz de outra médium) Paralelamente

Um soninho gostoso (voz de outro doutrinador) Paralelamente

Z: É verdade. É o ódio que tá destruindo você. Esse ódio é por isso, né?

Y: Eu quero ter paz. Eu não quero ver mais isso!

Z: Você vai ter paz.

Y: Não quero ter mais essa visão.

Z: Então, você vai ter paz.

Y: Eu não quero ver mais a minha mãe desse jeito. Eu não quero ver mais a minha mãe nessas condições. Eu não quero nunca mais ver a minha mãe assim...

Z: E vai estar bem. Porque sabe, há pessoas aqui que te amam. Que estimam e querem o teu bem. Não fique com o seu coração assim, tão empedrado.

Y: Ai, eu estou vendo a minha mãe!

Z: Então (aiiii...aiiii....suspira a medium), isto.

Y: Ai Ai...ai... mãe, mãe, mãe, mãe...

Z: Isto olha aí.

Y: Você não tá mais daquele jeito, mãe. (desespero, choro)

Z: Graças à oração.

Y: Você não está mais daquele jeito, mãe. (desespero, choro)

Z: Não.

Y: Mãe, mãe, perdão mãe, ah eu não quis, mãe, eu só quis me vingar (choro, murmúrios)

Z: Está vendo, filho, como Deus é bom? Olha aí. A sua mãe está aí. Te ama da mesma maneira. E você vai ficar bem agora, viu?

Y: (chora, balbucia algo...). Eu precisei tanto de você. Mãe, eu sofri tanto. Por que você foi embora? (Choro).

Z: Agora vai estar tudo bem, Viu? O amor supera tudo. Viu, filho? Todo o ódio.

Y: (chora, balbucia algo...) Alguém me ajuda...

Z: Agora você vai ser encaminhado para um lugar muito bom. Viu? Você será tratado com respeito e carinho. Vai recuperar todo o amor que tem dentro do seu coração pra dar. Vai substituir todo esse rancor, ódio, essa má querência contra a sociedade. Vai um dia ser um legítimo trabalhador defensor do bem.

Y: (balbucia algo).

Z: Não, agora não. Filho.

Em nome de Jesus, sempre Jesus, Graças... (outro doutrinador fala, paralelamente).

Y: Eu posso ir embora agora? Ai...

Z: Agora você não pode mais. [...] Mas, veja como Deus é bom. Não acabou tudo. Você continua existindo, os seus amigos e até mesmo aqueles que não foram bons com você, tudo vai se ajustar. É questão de tempo, temos um longo caminho, uma longa estrada pra percorrer. Viu? Siga com esses amigos que vão te ajudar, agora.

Y: (Balbucia algo). Tem os meus homens que me esperam lá. O que é que eu faço agora?

Z: Não. Agora você vai seguir a minha orientação, não mais, a minha orientação. Aqueles que conhecem profundamente a tua história. Vão te ajudar agora. Siga as orientações agora, que eles vão te ajudar direitinho. Viu? O que você vai ter que fazer.

Y: (chora, balbucia algo).

Z: Adormeça. Descanse, relaxe um pouco. Está bom?

Y: Aiiii...

Z: Fique em paz.

Médium C.A.B (recebendo um mentor espiritual):

E aí foi cumprido mais um auxilio da equipe de mãe Maria. Esse foi um quadro trazido para servir de exemplo. Quando chega a hora do socorro, ele é encaminhado aqui. Para vocês verem o quanto o erro, a vingança, o ódio, o orgulho, a incompreensão, a interpretação errada de uma situação. Foi pedido pra equipe de mãe Maria, eis que foi executado o serviço desses irmãos serem encaminhados para as escolas doutrinárias do espaço. Lá eles estarão sendo atendidos e serão encaminhados imediatamente para uma nova reencarnação de reajuste. Que a paz de Deus reine em todos vocês. Agora e sempre.

Médium C: (ouve-se a respiração ofegante, estertorosa). Não, me deixa eu aqui, eu só quero fazer o meu trabalho. (ouve-se a respiração ofegante).

Doutrinador W: Seja bem vindo em nome de Jesus.

C: Eu só quero fazer o meu trabalho.

W: E qual que é o seu trabalho? Hein?

C: Não precisava ter me segurado aqui.

W: E qual que é o seu trabalho? Hein?

C: Você não trabalha? Eu também trabalho.

W: Então. Tudo bem.

C: Se eu não trabalhar eles me castigam.

W: Mas, não vai te castigar mais.

C: Mas eles me castigam. (não vai te castigar mais, fala do orientador). Eu tenho que trabalhar senão eles me castigam.

W: Não vai, não, não, não, não. Vamos.

C: Não tenho ninguém pra me defender.

W: Temos nós. Tem Jesus.

C: Eu sou só o meu defensor.

W: Não. Nada é disso. Você tá desesperado.

C: Mas lógico! Se eu não faço o meu trabalho eles me pegam.

W: Mas não vai pegar mais você. Você já não pertence mais àquela cúpula, daqueles malvados lá, que usavam você. Viu?

C: E como você sabe pra me falar isso?

W: Porque eu sei.

C: Se eles são tão maus...

W: Não é mais. Você não vai mais cair nas garras deles. Sabia?

C: Hummmm....

W: Não. Você já foi recorrido. Você tá aqui conosco. Né? Daqui você vai pra um lugar melhor. Você não vai mais ter acesso com esse pessoal aí. Aliás, eles também vão ser socorridos. Dentro da medida do possível, o nosso irmão João Luiz, a equipe dele, vai recorrer todo esse pessoal aí. Viu?

C: É esse João Luiz foi um também que me ajudou a ficar assim.

W: Isso. Foi um dos perigosos. Mas, hoje tá do nosso lado.

C: É ele está falando isso. Mas, será que eu posso acreditar nele?

W: Por que não? Se não acredita nele, acredita em mim. Ou acredita em Jesus, evidentemente.

C: Esse é o único que dá pra acreditar.

W: Perfeito. Então acredita nele. Você quer ver só?

C: ahhhhh...

W: Vamos pedir a Jesus, que vai te mostrar algo, que você vai gostar. Amigo Jesus, mostra meu amigo e senhor de nossas vidas. Oh! Amado senhor, que o teu amor chega até a nossa irmã, aclara sua mente, seu espírito, que não possa ver só o lado negativo e nebuloso...

C: Mas aqui é um hospital?

W: Olha aí. Está vendo aí. Abra a visão.

C: Mas aqui é um hospital?

W: Sim. É então, ué! Um pronto socorro. Um hospital. Como você queira.

C: Então eu morri?

W: Não. Você tá falando comigo. Como é que você morreu?

C: Então não entendo mais nada.

W: Não, morreu aquela matéria lá. Aquele corpo que você tinha. Você praticamente autodestruíu aquele corpo. Né? Tomando essas drogas violentas que você tomou. Entendeu?

C: É.

W: Hoje não, hoje você é um espírito já. E daqui pra frente você vai ser recolhido. O João Luiz não veio te buscar?

C: É. Foi.

W: É bonzinho. É com ele mesmo.

C: É? Mas, e agora, o que é que eu vou fazer? Então?

W: Conversa com esse irmão que tá atrás de você... conversa aí.

(Paralelamente, a médium Y recebe outra entidade): Eu tô preso aqui faz tempo... eu tava trabalhando... eu sou policial, eu tava trabalhando e aí eu me infiltrei lá comprar droga e eles

descobriram. É. Me torturaram, e aí eu entendi que ia morrer. Eles me prenderam e eu fiquei preso até agora e ninguém vinha me socorrer, me libertar e ninguém vinha me ajudar, eu tinha muita coisa pra contar. Tanta muamba que tava pra chegar que eu descobri. Eu descobri caminhões que vinham... eu descobri onde eles estavam escondendo a droga... etc.

C: Ele tá falando pra mim que ele quer resgatar o tempo perdido? Mas que tempo perdido?

W: Você não perdeu o seu tempo? O que você fez de bom?

C: Eu?

W: É? Nada.

C: Não tive oportunidade.

W: Ah! Ao invés de você se/ cê afundou nessas drogas danadas... Entendeu?

C: Eu tinha sete anos quando eu comecei. Eu cheirava cola, depois eu fumei maconha, depois eu cheirei cocaína. E depois eu fui pra outra mais pesada.

W: Então. O que você fez?

C: Eu tinha que vender a droga pra eu poder ganhar alguma coisa.

W: É isso mesmo. É por isso que o nosso irmão João Luíz, né, nosso grande e querido amigo João Luiz, que hoje tá do nosso lado, que trabalhou desse lado, nisso por onde você estava, hoje tá (consumado), tá resgatando todos vocês, entendeu? (...)

C: Eu tô entendendo.

W: Aí é que tá. Agora você vai recuperar o tempo perdido, o tempo que você gastou nessas porcarias que não levou a nada. Agora você vai com o nosso irmão...

C: Ele tá falando que eu tenho que estudar.

W: Estudar. Você vai entrar no tratamento e dar uma purificação nesse corpo seu espiritual. Tirando esses resíduos espirituais dessa droga que fez toda essa maldade com o teu corpo. Entendeu? Então, por isso que cê tá no hospital.

C: Então isso significa que eu tenho uma segunda chance.

W: Você tem sempre chance. Deus nos dá sempre chance. Deus não nos abandona nunca. Nós é que abandonamos Deus. O Supremo criador do Universo. Entendeu? Nós é que se distanciamos desse Mestre amado Jesus que permitiu a sua vinda aqui na Terra. É por isso. Está bem? Vai com o nosso amigo. É isso aí. Não tem, não tem...

C: Ele tá falando pra mim que eu vou ficar bom.

W: E como vai ficar, vai ficar ótimo! E digo mais, além de você ficar bom, você vai ser um dos soldados defensores de todos esses irmãos da droga. Vai ajudar o nosso irmão/ aliás você vai participar da equipe do nosso irmão João Luíz e da equipe desses aí que foram te buscar. Tá certo?

C: É. isso que ele tá me falando.

W: É isso aí. Está bom?

C: Eu nunca aprendi a fazer nada.

W: Agora você vai aprender. Sabe por quê? Porque você vai ser um soldado valoroso de Jesus. Por que você vai ser? Porque você traz o seu conhecimento no espírito. Aquele que você possa...

C: Ele tá falando aqui pra mim que ele tá pegando aqueles que ele prejudicou...

W: Perfeitamente. Certo então?

C: ...pra formar uma caravana pra sair buscando nas ruas.

W: É isso aí. É isso que vai acontecer.

C: Ah, se eu puder ser útil e aprender, né?

W: Mas, você...

C: Primeiro eu tenho que aprender. Nunca aprendi nada na vida.

W: Cê vai aprender, cê vai se melhorar, cê vai se fortificar espiritualmente, pra acompanhar esse pessoal aí. Tá bem? Olha aí. Olha o nosso irmão...

C: Ele tá me chamando.

W: Isso, ele tá te chamando agora, tá estendendo a mão. Vai com ele agora, em nome de Jesus, sempre.

C: Muito obrigado, viu moço.

W: Ah! Agradeça a Jesus. Não a mim.

C: Obrigado mesmo. Eu tava sofrendo tanto...

W: Não, você já deixou de sofrer. Chega né. Basta disso.

C: Eu vou ir agora. Porque ele diz que tem muita gente pra atender.

W: É verdade. Vai com Deus.

(Ouve-se a médium suspirando profundamente).

(Seguem-se outros diálogos semelhantes. O mentor espiritual de C.A.B “monsieur Hans” tece algumas exortações morais e espirituais. São feitas as últimas preces e a sessão termina).

Ao final, distribuiu-se chá com biscoitos para os participantes, e todos puderam discutir um pouco de suas vivências mediúnicas durante a sessão. A médium Y narrou a visão que teve em sonho um dia antes e que a acompanhou durante todo o dia, a qual serviu de base para uma de suas manifestações (nessa visão, ela presenciava o momento de ‘desencarne’ de um dos espíritos que teria ‘recebido’ na sessão). Z, o dirigente e doutrinador deste trabalho, salientou tal fato como interessante, visto que, segundo ele, o plano espiritual já estaria preparando a médium, no decorrer do dia, para entrar em contato com aquele espírito. A médium de psicografia lê uma mensagem que recebeu, a qual dizia respeito também a um dos espíritos que se manifestara por Y.¹²

¹² Esses pequenos detalhes são importantes na medida em que mostram como essas experiências vão sendo preparadas e formuladas no inconsciente, mesmo antes do início da sessão, como parte da vida onírica do indivíduo. Mostram também as repercussões de uma dada manifestação mediúnica sobre outras, e o quanto o fenômeno é construído grupalmente, da interação entre médiuns e entre médium-doutrinador.

CENTRO ESPÍRITA PASCHOAL TRÓVELLE
REUNIÃO MEDIÚNICA (2)

Relatório 7 / Data: 09/08/2009

O presente relatório retrata as manifestações mediúnicas ocorridas durante uma reunião assistida por mim. Nesta ocasião, permitiu-se a gravação de parte da sessão – o momento em que o trabalho mediúnico efetivamente teve início – a qual será transcrita e analisada no decorrer deste relatório. Como dito em relação às observações feitas no relatório de 01/08/2009, pouca coisa frente às hipóteses previamente levantadas – e que constam dos relatórios anteriores – pode ser tida como nova informação. O que se tentará, na verdade, é a demonstração de algumas das hipóteses erigidas, com base numa descrição mais minuciosa das manifestações mediúnicas, facilitada pela transcrição do registro de áudio da sessão. Ao longo da análise, um ou outro aspecto relevante dos trechos da gravação será apontado e discutido.

Seguindo-se as considerações feitas anteriormente no relatório de 01/08/2009, cumpre lembrar que, em decorrência de se ter verificado, em alguns momentos, a manifestação de espíritos por dois médiuns simultaneamente, a gravação teve obrigatoriamente que se restringir a uma ou outra dessas manifestações. É preciso ter em mente que a cada ‘comunicação’ temos a voz do médium em transe e a voz do doutrinador. Com dois médiuns atuando ao mesmo tempo, temos quatro vozes ressoando no mesmo instante e se embaralhando mutuamente. Embora tenha sido possível captar relativamente bem, em dados momentos, o áudio das duas conversações médium-doutrinador, em outros, todavia, a gravação não ficou suficientemente compreensível. Por conta disso, tomou-se o cuidado de apontar essas ocorrências ao longo da transcrição, procedimento esse acompanhado de uma explicação breve sobre os possíveis diálogos paralelos não registrados adequadamente. Para simplificar o processo de transcrição, adotou-se o procedimento de escolher um dentre os muitos diálogos que ocorriam e que foram registrados. Não nos foi possível transcrever tudo, por razões de brevidade; a intenção foi apenas a de ilustrar, com alguns exemplos, como se dá a interação entre doutrinadores e médiuns nas sessões espíritas (havendo necessidade, os pesquisadores interessados podem solicitar ao autor deste trabalho os originais das gravações). O momento de leitura e discussão de textos, preliminar à sessão propriamente dita, não foi gravado, por considerarmos desnecessária sua descrição detalhada, conquanto seja encontrado a seguir um resumo de seus principais aspectos. Sua transcrição, por outro lado, seria praticamente inviável, dado que várias pessoas participam ao mesmo tempo das discussões estabelecidas, observando-se entrecruzamento constante de vozes.

A sessão deste dia foi um pouco diferenciada da sessão de 26/07/2009 no que tange à seqüência das atividades. Ao invés da leitura inicial de “O céu e o inferno” de Allan Kardec, a reunião foi iniciada com uma palestra, a qual ocorreu simultaneamente à atividade de passe. Como havia um número maior de pessoas presentes, os passes se alongaram mais do que o esperado, assim como a palestra. Com isso, a leitura de textos não ocorreu, e a reunião mediúnica, propriamente dita, teve início logo após as atividades descritas.

A palestra inicial foi conduzida por uma participante que não conheci em minha primeira visita ao trabalho de domingo. Além de palestrante, tal integrante do grupo – à qual chamaremos aqui de Z. E. – atuou também como doutrinadora durante a reunião mediúnica. Em sua apresentação, Z.E comentou sobre vários assuntos, não parecendo se restringir a nenhum tópico em específico. Iniciou contando um pouco sobre a história do Espiritismo, desde as irmãs Fox até as

investigações de Kardec. Falou sobre todo o processo de ‘codificação’ da doutrina, ensejado por ele, e sobre algumas de suas obras básicas, sobretudo, “O Livro dos Espíritos”. Durante todo o seu discurso, Z.E enfatizava com veemência o alegado ‘aspecto científico’ da doutrina, deixando claro, em diversos momentos da palestra, que todo o ensinamento espírita é muito mais científico do que religioso. Parecia inclusive desvincular o Espiritismo do meio religioso, ao afirmar que a religião, do ponto de vista espírita, deve ser entendida como *religare*, como re-ligação ao divino, isto é, um conceito mais filosófico / teológico do que religioso no sentido popular.

Sua apresentação foi recheada de frases como: “Kardec era um cientista, e estudou os fenômenos espíritas cientificamente”; “a codificação não veio de uma intuição sua, mas do seu trabalho de investigação científica, pois ele era cientista e educador”; (sic), etc. No seu discurso, observou-se ainda uma tentativa de demonstrar a superioridade do conhecimento espírita: “o Espiritismo é muito complexo, e nós estamos sempre aprendendo; quanto mais sabemos, chegamos à conclusão de que há bem mais a ser aprendido. Por isso, não é simples entender; é preciso estudar muito, etc.” (sic). Relata que, sendo professora de Geografia, teve de estudar áreas científicas das quais não gosta – como a Física quântica e a Química – para entender melhor o Espiritismo. Insiste sempre no aspecto científico da doutrina e relembra uma afirmação de Kardec, segundo o qual, se a Ciência viesse a contrariar o Espiritismo em algum ponto, que os Espíritas ficassem ao lado da ciência. Em vários momentos, é ajudada pela médium K, que contribui em favor de suas assertivas, complementando ou exemplificando suas colocações¹³.

A palestra traz ainda a discussão de outras questões como, por exemplo, a distinção entre o Espiritismo e outras formas de religião mediúnica. Z.E procura sempre deixar claro que Espiritismo não é a mesma coisa que Umbanda ou Candomblé, embora defenda o direito dessas religiões de professarem suas crenças, e a necessidade de que outras pessoas ou grupos as respeitem. Os demais participantes adentram também esse debate, expondo cada qual sua perspectiva. A esse respeito, observou-se tanto uma tendência a rechaçar negativamente outras religiões mediúnicas, quanto uma tendência a suavizar ou amortecer tais críticas, estabelecendo gradações ou diferenças as mais variadas. A médium B, por exemplo, tenta diferenciar a “umbanda branca, mais evoluída” (sic), – cujos rituais não envolveriam a presença de bebida alcoólica, fumo, velas, imagens e outros apetrechos – de uma Umbanda “menos evoluída” (sic), que envolveria os elementos citados antes, em seus rituais. Mesmo tendo defendido inicialmente a necessidade de os espíritas respeitarem religiões mediúnicas como a Umbanda e o Candomblé, Z reconhece nos tais apetrechos e rituais empregados por aquelas, nada mais que “muletas” (sic), objetos desnecessários à evocação dos espíritos, mas que ainda serviriam como recurso supersticioso para certas pessoas se comunicarem com o mundo espiritual. O médium C, que também participava deste trabalho, afirmou uma postura mais extremada; para ele, tais práticas, independentemente de como são

¹³ Pode-se levantar como uma hipótese que a minha presença este dia, sabida de antemão pela palestrante, teve alguma influência sobre a maneira com que os temas foram abordados na palestra. Pelo que pude saber ao término da reunião mediúnica, Z ouvira falar de mim por intermédio de Cr, e fora avisada de que eu estaria no centro na condição de pesquisador de Psicologia. Nesse sentido, é bem possível que o caráter enfático e veemente do discurso com relação à cientificidade da doutrina espírita – não observado da mesma forma em outras ocasiões – tenha se apresentado assim – seguindo a categoria da *mediunidade como ideologia* – enquanto exemplo da reprodução atual de uma antiga rixa ideológica, expressão da própria história do Espiritismo em seu confronto com o saber médico e psiquiátrico. Mas há outro elemento, bem próximo ao anterior e não menos importante a ser considerado, que é o da legitimidade conferida às crenças espíritas, por meio do apelo a um discurso científico. Trata-se, como salientei antes (Maraldi, 2008) de uma história de amor e ódio frente ao saber científico, pois que, ao mesmo tempo em que os espíritas tendem a colocar sua doutrina como um conhecimento espiritual superior diante da ‘ciência atual’, idealizam essa mesma ciência, estabelecendo-a como seu norte. Precisam dela para obter legitimação, mas não desejam aceitar plenamente tal vínculo de submissão, situação essa que parece reproduzir sempre os mesmos argumentos de oposição e confronto com as teorias científicas ditas ‘materialistas’.

conduzidas, resultam de “ignorância, falta de conhecimento. O Espiritismo é que é o consolador prometido por Jesus” (sic). Os participantes Cr e E entrevistaram, neste momento, tentando convencer C de que não seria bem isso, que a escolha religiosa não determina a salvação de ninguém no plano espiritual, que é preciso ter outra mentalidade a esse respeito, que ele estaria apresentando preconceito, etc. Nesse sentido, alguns pareciam se posicionar mais favoravelmente à Umbanda e ao Candomblé – conquanto exibissem restrições – enquanto outros mantinham posições mais unilaterais a esse respeito.

O doutrinador E também salientou sua opinião de que o Espiritismo ainda sofre discriminação, e que, desse ponto de vista, “deveríamos respeitar essas outras religiões, assim como gostaríamos de ser respeitados” (sic). Ele cita o caso de um rapaz que visitou certa vez o centro, o qual, levado pela idéia de que realizavam ali algum tipo de “macumba” (sic), mostrou-se o tempo todo receoso e atento. Não quis participar das atividades propostas, mas insistiu na idéia de observar de longe, para se certificar se o que lá ocorria era mesmo aquilo que imaginava. Com o tempo, foi se acostumando e passou a participar das sessões, sem maiores restrições.

De um modo geral, este foi um resumo dos principais aspectos observados no momento de leitura e discussão da presente sessão. Após isso, houve a realização de duas preces e o início da sessão mediúnica em si. Tentar-se-á transcrevê-la parcialmente a seguir. Pularemos a parte das orações para seguirmos diretamente aos diálogos com os médiuns.

(A médium K joga o corpo para frente com força e mantém a cabeça inclinada para baixo. Depois disso, manifesta respiração estertorosa por algum tempo, parece raivosa).

(Paralelamente, na mesa em que estão os médiuns psicógrafos, um dos membros realiza uma oração, a qual pode ser ouvida ao fundo da gravação. Outra médium próxima a nós recebe uma entidade que diz: “Vão continuar com essa gracinha aqui, é? Querem me manter preso aqui... aiii, que ódio!! Não adianta ninguém me perseguir, que eu vou perseguir também. Se eu tô nessa escuridão é por culpa de vocês, eu odeio vocês, eu odeio... etc. etc.” A doutrinadora começa a conversar com ela. Por sua vez, o diálogo com a médium K prossegue).

Doutrinador E: Pode falar.

Médium K: Por que me trouxeram aqui? Eu não gosto desse lugar!

E: Irmão, você nunca veio aqui?

K: Não! Eu pedi pra não me (trazerem). Insistiram. Me trouxeram amarrada. O quê que é isso? Onde fica minha liberdade?

E: Então você conhece aqui o lugar?

K: Não. Eu já ouvi falar, mas eu não quero saber desse lugar.

E: Em que lugar você estava? Que local?

K: Um lugar bem melhor pra mim. Tem meus amigos lá. Aqui cês só falam em Deus, em Jesus. Cês vivem na mentira. Que Deus é esse? Hum? Que Deus é esse que permite tudo, que permite (cometer) atrocidades? *(Escuta-se, ao fundo, a outra médium rindo e caçoando da doutrinadora que com ela conversa)*. Que Deus, que pai é esse que vocês dizem pai? Pai? Que permite...

E: Você mesmo...

K: ...tanta violência...

E: Você mesmo tá dando a resposta, porque...

K: Por que isso?

E: ...um pai/ um pai permite muitas vezes que o seu filho erre, ou o filho erra sem o pai perceber, mas...

K: Então por que o pai não ensina? O pai não ensina nada.

E: Nós aprendemos.

K: Não tô vendo ninguém aprender; continua tudo a mesma coisa.

E: Toda ação nossa corresponde uma reação. Se nós agimos plantando o mal, nós vamos colher esse mal mais pra frente.

K: E por que a gente planta mal? Porque a gente foi educado mal.

E: É possível.

K: Hum.

E: É possível. Agora, os bons espíritos nos dizem que para fazer o mal basta não fazermos nada. Continuar sempre na mesma/ agindo da mesma forma, muitas vezes. E pra fazer o bem é necessário esforço; e se hoje nós estamos aqui reunidos é porque nós achamos que, de alguma forma, essa nossa reunião ajuda/ nos ajuda a praticar o bem. A sermos mais... respeitosos com as pessoas, com os outros...

K: E vocês seguem isso?

E: Nós tentamos. Se você quiser nos acompanhar, nós não servimos de exemplo pra ninguém, porque nós somos imperfeitos...

K: O que eu vejo por aí não é nada disso que cê tá falando.

E: Nós somos imperfeitos. Se você quiser nos acompanhar, você vai ver que o nosso sentimento é sincero.

K: Isso pode até ser, pode ser a minoria, mas o que eu vejo por aí não é isso não. Eu não acredito muito não nessas coisas.

(Paralelamente, a médium diz para outra doutrinadora: “vocês estão me amarrando”. A doutrinadora responde: “mas quem está te amarrando? Você está se sentindo amarrado. Você não está amarrado. Você é um filho de Deus perfeito, você não está amarrado. Sinta-se livre e liberto. Sinta-se livre para ouvir o que esses irmãos estão lhe dizendo. Ouça. Você está livre para ouvir, para decidir o que você quer fazer. Você tem o livre-arbítrio” etc. etc.).

E: Você já ouviu falar em Jesus?

K: Já ouvi e pra mim não é nada! É um ser como outro qualquer que passou por aqui e deixou um monte de (coisas), mas... pra mim não serve.

E: É verdade.

K: O que eu vejo aí... se ele deixou tanto exemplo, porque ninguém segue o exemplo dele? Por que isso? Por que/ Nunca vi tanta violência, tanta maldade.

(Paralelamente, ouve-se a outra médium dizendo: “eu quero ir embora, eu quero ir embora. Eu não quero escutar, eu não quero ouvir, eu não vou viver aqui, eu não quero ser bonzinho. Não é isso que eu quero” etc. etc.)

K: E aí eles querem que eu mude o meu pensamento, porque eu tô numa revolta comigo mesmo. Disseram “você tem oportunidade de ir até lá, de esclarecer”. Eu não tô me esclarecendo em nada.

E: Porque é difícil eu falar que você está errado. Você está realmente colocando argumentos sérios.

K: Existem muitas pessoas revoltadas.

E: Existem. Cê tá falando a verdade, cê não tá mentindo. E poucos entenderam a mensagem de Jesus.

K: No dia a dia é tudo diferente. Sabe, porque falar é muito bom falar. Mas na hora de agir, todo mundo age diferente. Cadê a caridade? Onde existe essa caridade que eu nunca vi? Cadê o respeito ao próximo que vocês falam tanto, e ninguém faz isso?

E: Será que não faz?

K: Então são essas coisas/ pode até uma minoria fazer, mas 99% não fazem.

E: E você está aonde, na maioria ou nos outros que tentam fazer?

K: Eu estou na maioria, eu sou sincero com você. A maioria que não/ porque eu ainda não aceitei isso tudo, eu não acredito, cê entendeu? Ninguém me convenceu na minha maneira de pensar.

E: Você quer ser convencido?

K: Eu quero que alguém esclareça e que me convença realmente pra que eu possa tomar alguma atitude de querer mudar o meu rumo. Mas até agora não vejo nada. Uns falam uma coisa, quando eu vejo, fazem outra coisa. É uma falsidade, duas caras agora, como que é isso? Igual, isso aí, lá no meu meio, eu tô tão acostumado com isso, pra mim isso é normal. Mas de acordo com esses aí que falam, falam/ agora, vocês/ eu não conheço vocês. Cê tá me falando isso; não te conheço, pode até ser.

E: Muitos...

K: Cê tem que me mostrar, (pra eu acreditar).

E: Nós seguimos os ensinamentos de Jesus. Muitos não acreditaram naquilo que Jesus falava também. Diziam que de um filho de carpinteiro não poderia vir nada de bom.

K: Não acreditam até hoje.

(Paralelamente, a doutrinadora diz a outra médium: “Boa noite... boa noite, irmão”. Trata-se de outra manifestação. A médium está com o corpo envergado para frente, assim como a médium K. Ela parece rir e chorar, não se consegue identificar qual a reação. A doutrinadora pergunta: “você está feliz ou triste?” Resposta: “feliz, eu já tive aqui” e dá risada. A doutrinadora pensa se tratar de uma mulher, e diz: “aaahh, que surpresa, seja bem vinda em nome de Jesus”. A médium retruca: “bem vindo!”. Doutrinadora: “ah, é bem vindo?” (risos da médium). “Eu sempre achei que era bem vinda, eu me enganei. Me perdoe. Você está bem? (“tô bem”, risos da médium). Continua bem, continua feliz, né? (mais risos). Continua feliz, graças a Deus. (“Eu gosto muito daqui”). Obrigado por você ter vindo. Você está desempenhando o seu papel? (“Você está contente? Está?”). Sim! Está aprendendo? (“Estou”). Graças a Deus. (“Eu gosto de ouvir vocês falarem essas palavras bonitas aí”). Mas nós ficamos muito felizes com a sua presença, que Deus te proteja e continue te orientando, tá?” Etc. etc.)

E: Mas ele falava, Jesus falava: “vinde a mim todos vós e eu vos aliviarei”. Muitos que julgavam sua vida perdida, uma vida sem alegria, uma vida vazia, buscaram Jesus, e se sentiram (renovados). Essa experiência não dá pra acontecer (ninguém) *(Este último trecho foi de difícil compreensão na gravação)*. Se você quiser provar um pouco do que existe desse outro lado da vida/ como a maioria, se você quiser provar um pouco do que existe com a minoria, nós passamos também por sofrimentos, por dificuldades, mas se você quiser desfrutar um pouco do que existe aqui, eu peço que você fique conosco, que você conheça realmente, pra depois (julgar). Que você conheça a beleza de uma prece. Não é porque ela é bonita, mas porque nos faz bem à alma, nos eleva. Até quando nós nos sentimos mal ou com medo daquilo que fizemos de errado, a prece nos ajuda. No sentido de mostrar que nós vamos tentar novamente e vamos corrigir aquele engano, aquele erro cometido. Nós vamos (prosseguir) tentando. Muitas vezes nós tentamos, mas nós estamos sempre tentando acertar. Você não gostaria de ficar conosco e conhecer melhor esse trabalho, conhecer melhor as pessoas? As pessoas que estão trabalhando conosco e também do seu lado?

K: Não sei se vai valer à pena. No fundo, no fundo, eu até gostaria de me inteirar mais das coisas, mas, já tive outras experiências.

E: Eu não posso te prometer nada. O que eu posso te dizer, é que, pra mim, vale à pena, e pra aqueles que te trouxeram aqui hoje, também vale à pena. Agora, se pra você vai valer a pena é uma experiência que você vai ter. Eu não posso prometer nada...

K: Sabe, eu tô cansado; eu sou sincero em dizer, eu tô cansado de perambular por aí, como diz, macaco de galho em galho. Eu tô assim: igual macaco de galho em galho, procurando resposta pra minhas dúvidas, pras minhas incertezas, e cada vez eu fico mais indignado... não consegui até hoje.

E: Então faça o que convir pra você. Você não está amarrado, você está livre...

K: Agora não estou.

E: Se quiser ir embora pode ir embora, se quiser ficar, pode ficar. Mas eu vou fazer um apelo pra você: que fique conosco, permaneça conosco, pra conhecer esse trabalho, conhecer aos nossos trabalhadores, e você vai ver que essa minoria que você fala ela existe em maior número. É que o mal, muitas vezes, se sobrepõe nas nossas vidas... etc. etc. *[A conversa prossegue em ritmo semelhante até que o 'espírito' acaba por reconhecer que "eu preciso acreditar, eu preciso acreditar em alguma coisa" e aceita receber a ajuda do plano espiritual, encerrando a manifestação. Chega a pedir desculpas ao doutrinador pela resistência que apresentara, e agradece por tudo].*

Doutrinadora Z.E: Boa noite... boa noite. Como você está?

Médium C.A.B: *[voz baixa, quase rouca]* Como eu poderia estar? Estou aqui para (buscar) ajuda. Se eu estou aqui, é porque estou necessitado. Preciso de ajuda. Vim procurar ajuda. E aqui eu vou ter ajuda.

Z.E: Que bom irmão. Graças a Deus. Tem e terá mesmo. Terá mesmo. Você está num pronto socorro, ou numa casa de oração, e nós estamos aqui pra ajudá-lo...

C.A.B: Eu observei tudo aqui já, já vi pessoas de maca, já vi aparelhagem aqui, e... me disseram que eu seria encaminhado pra um hospital, porque eu estou necessitado.

Z.E: Você já está num hospital. Você está deitado numa cama, confortavelmente; tem médicos e enfermeiras ao seu redor; você está tomando medicamento, pra que você possa dormir, relaxar, e ficar fisicamente fortalecido. Fique tranquilo, que você está sendo cuidado.

C.A.B: Isso que me interessa no momento. É receber ajuda.

Z.E: Você está tomando medicamento; não se esqueça disso. Engole direitinho, procure uma posição confortável, pra que você possa descansar. Como se sente agora?

C.A.B: É... mais aliviado. Disseram que depois que eu me recuperar, eu iria estudar.

Z.E: Graças a Deus, vai mesmo. Pra você obter informações e se ajudar a si mesmo. O mais importante é nós termos esclarecimento pra nos ajudarmos. Durma tranquilamente, pra você ficar fortalecido. Que uma grande luz te proteja, e vai com Jesus.

C.A.B: Obrigado.

Outra manifestação

Z.E: Como você está? O que aconteceu?

C.R: (Chora baixo). Não sei, eu acho que eu levei uma pancada na cabeça; tem um buraco aqui. Tem um buraco grande aqui na minha cabeça (chora). Não consigo enxergar direito. Não sei onde eu tô.

Z.E: Irmão, não fique apavorado. Não fique tão triste... tenta ir se acalmando...

C.R: Eu não sei quem fez isso comigo. Por que fez isso comigo?

Z.E: Mas isso não tem problema, você está aqui pra ser orientado ou esclarecido. Então, você...

C.R: (chorando). Eu não incomodava ninguém. Tava quieto no meu canto. Não incomodava ninguém.

Z.E: Mas não fique triste por isso. Tem uma passagem de Jesus que ele diz: "dá a outra face". Não é da maneira literalmente que eu estou dizendo isso, mas eu quero dizer pra você não guardar ressentimento, embora você estivesse quietinha no seu canto. Tá? Você já não está mais nesse escuro... etc. etc.

Ao longo da sessão, seguem-se outras manifestações parecidas: alguém perdido, vagando pelas ruas depois de morto, sem conseguir falar com os transeuntes; alcoólatras, usuários de drogas e traficantes assassinados; pessoas manifestando ódio, chorando desesperadas etc. Ao final, o mentor espiritual de C.A.B, monsenhor Hans, vem fazer seus comentários e exortações morais, encerrando a reunião mediúnica. O doutrinador E. ainda pergunta se mais alguém se sente “envolvido” (sic) por algum espírito. Como nenhum médium se manifesta, são feitas as últimas orações. Logo após, ligam-se as luzes e todos relatam e discutem suas impressões sobre a reunião de hoje. O doutrinador E., responsável pela reunião, faz os primeiros comentários. Ele aponta a necessidade de mais “conversadores” (sic) nos encontros, isto é, há mais médiuns psicofônicos do que doutrinadores, e por isso se torna difícil dar continuidade ao trabalho. A médium K e a doutrinadora Z.E sugerem algumas pessoas de seu conhecimento. Os médiuns da mesa lêem suas psicografias. O doutrinador E. faz seus comentários em relação a cada uma delas, apontando o desenvolvimento mediúnico conquistado pelos participantes ou a necessidade de aperfeiçoamento. Em relação a uma das psicografias, ele ressalta o avanço do médium com base no fato de que agora “a psicografia tem começo, meio e fim”. Nesse sentido, o médium está aperfeiçoando sua própria escrita e redação. O médium também relata que ainda tem dificuldade em diferenciar quando é ele ou o espírito que escreve; refere-se a uma mistura de conteúdos dele com “intuições e espasmos” (sic) que acredita serem dos espíritos.

Os participantes mostram suas pinturas e relatam as sensações que apresentaram durante a sessão: como vontade de ir embora do centro / impaciência; vontade de gritar; mal-estar ou bem-estar repentino; dores súbitas em determinadas partes do corpo; desespero etc. A todas essas sensações sentidas como estranhas aos indivíduos, o doutrinador E. atribui causas espirituais: concentração de fluidos no ambiente que facilitariam a comunicação com os espíritos; características do espírito após a morte etc. Uma interpretação ligada a causas *internas* aparece, no entanto, no desenvolvimento mediúnico dos participantes, no esforço por aperfeiçoamento, no controle de seus hábitos alimentares antes da sessão etc. No caso de uma médium que alegava sentir muitas dores em um dos olhos durante a sessão (mas que já sentia dores antes), o doutrinador E. chegou a recomendar que procurasse um médico, para averiguar se não existiria algum problema físico, ao invés de espiritual. A médium continuou a insistir por um tempo, contudo, na interpretação espiritual do mal-estar que teve¹⁴. Foram observados também exemplos de interpenetração / continuidade, em que a experiência de um médium servia de base para experiências de outros médiuns (uma mensagem psicofônica que culmina num desenho mediúnico por parte de outro médium etc.). Os participantes discutem as implicações morais e espirituais de suas mensagens psicografadas, geralmente de caráter moralizador e encorajador. Os desenhos variam em termos de conteúdo, e são todos de um aspecto muito simples. Alguns, por serem mais abstratos, não parecem representar figura específica alguma. Ainda assim, os participantes tentam fornecer interpretações de caráter espiritual. Em um desenho em que havia mistura de cores, o doutrinador E. diz reconhecer certa “harmonia” (sic) e por isso o desenho talvez indicasse algo

¹⁴ Podemos perceber assim como a interpretação paranormal dada a essas sensações é empregada quando há falta de conhecimento suficiente sobre o funcionamento do corpo, e quando o reconhecimento de um problema físico pode ser angustiante ou preocupante para o indivíduo. A atribuição paranormal tenta suprir a lacuna cognitiva e emocional decorrente da dicotomia que caracteriza, de um lado, a consciência que se tem de existir e de ser indivíduo e, de outro lado, a inconsciência frente ao próprio corpo e aos processos mentais subjacentes ao comportamento observável. Todo ser humano desconhece uma série de coisas que se passa em seu organismo e em sua vida mental; esse desconhecimento é angustiante justamente por favorecer o sentimento de insegurança e a percepção da ausência de controle efetivo sobre si mesmo. A crença paranormal se inscreve nessa lacuna, tentando preenchê-la mediante uma ‘fisiologia espiritual’, mais acessível e maleável. Ela se insere na lacuna entre o Ego e o inconsciente, incluindo-se aí o próprio corpo como dimensão parcialmente inconsciente ao Ego.

positivo. Os demais participantes também sugerem explicações para as figuras, compondo em conjunto o processo interpretativo.

Há também um aspecto de enfrentamento do luto em algumas dessas produções. Uma das participantes presentes, mãe da médium C.R., diz ter sentido a presença do filho falecido durante a sessão, após ouvir uma música de que ele gostava muito quando vivo. Ela e a médium C.R. choram nesse momento, e C.R. confirma ter sentido também a presença do irmão. O desenho feito pela mãe era a figura de um girassol, pois o filho não gostava de flores, e tinha “pavor” (sic) de girassol.

Apêndice D –

Modelo do termo de

Consentimento Livre e

Esclarecido



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Aceito participar como voluntário(a) na pesquisa **Metamorfoses do espírito: usos e sentidos das crenças e experiências paranormais na construção da identidade de médiuns espíritas**. Após ler e me esclarecer sobre as informações a seguir, no caso de fazer parte do estudo, assinarei este documento que está em duas vias; uma delas é minha e a outra do pesquisador. Minha participação nesta pesquisa, porém, não é obrigatória. A qualquer momento posso desistir de participar e retirar meu consentimento. Minha recusa não trará nenhum prejuízo em minha relação com o pesquisador ou com a instituição. Em caso de dúvida, posso procurar o pesquisador Everton de Oliveira Maraldi, telefone: 2242-2417. Endereço: Rua José de Alcântara Machado Filho, nº 30, Jardim Guapira, São Paulo. Posso procurar também o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da USP: Av Prof. Mello Moraes, 1721, Bloco G, sala 22, Cidade Universitária – São Paulo, SP– fone; (11) 3097-0529.

Assinatura do pesquisador: _____

Assinatura do participante da pesquisa: _____

Informações sobre a pesquisa

Ao longo da história, todas as principais tradições culturais ao redor do mundo têm relatado experiências envolvendo algum tipo de fenômeno considerado paranormal. A autenticidade desses eventos, contudo, permanece ainda um assunto bastante controverso nos meios científicos e acadêmicos. Para a grande maioria dos cientistas, esses fenômenos são considerados inexplicáveis pela ciência atual. Entretanto, o estudo das funções psicológicas e sociais das crenças e experiências tidas como paranormais representa um esforço legítimo por parte de qualquer estudioso da Psicologia e demais ciências sociais.

A presente pesquisa apóia-se no campo da Psicologia Social e propõe como objetivo geral, investigar os usos e sentidos das crenças e experiências paranormais na construção da identidade de indivíduos maiores de 18 anos, pertencentes à doutrina espírita. O único requisito para a participação na pesquisa é que os médiuns colaboradores sejam pessoas que exerçam semanalmente atividades mediúnicas e que possuam algum engajamento e comprometimento com essas atividades, ao contrário de pessoas cujo vínculo com a instituição é meramente esporádico. Não há exigência de que os participantes tenham muitos anos de prática mediúnica; na verdade, é até interessante para a pesquisa que haja uma diversidade na amostra, podendo participar tanto indivíduos que já possuem uma longa trajetória como médiuns, quanto indivíduos que ainda se encontram nos primeiros anos de tarefa mediúnica. Não se estabelecerá limites também quanto a diferenças de gênero ou idade, sendo o critério da diversidade aplicado aqui da mesma forma.

A metodologia a ser utilizada neste estudo consiste numa das mais importantes modalidades de pesquisa qualitativa, chamada *História de Vida*. Este método consiste na realização de entrevistas prolongadas, visando construir um quadro, o mais completo possível, de toda a história de vida da pessoa. Para a realização destas entrevistas, o único material a ser utilizado é um gravador de áudio, que facilitará a coleta de dados, cabendo a mim a aprovação ou não do uso desta forma de registro. Posteriormente, o relato gravado será transcrito e analisado com base na fundamentação teórica, e o material de áudio proveniente dessas entrevistas será arquivado pelo pesquisador, caso se façam necessárias análises posteriores dos originais, tendo eu o direito de acesso a esse material. É possível também que, ao final da pesquisa, no momento da devolutiva dos resultados, seja repassado para mim um CD contendo esses

arquivos, conforme solicitação prévia ao pesquisador. No caso de psicografias, desenhos mediúnicos, e outros materiais cedidos por mim ao pesquisador, será feita uma cópia digitalizada, e os originais serão devolvidos o mais brevemente possível. Não serão recolhidos materiais que eu não queira emprestar para o pesquisador.

A presente pesquisa não envolve a utilização de métodos que venham causar danos ou trazer riscos à minha pessoa e não envolve a utilização de métodos alternativos. Será preservado o sigilo, quanto aos dados confidenciais, sendo as informações obtidas usadas apenas para fins de pesquisa, havendo a possibilidade de publicação dos resultados em revista científica, com o anonimato assegurado. Meu nome será indicado por meio das iniciais, para evitar quaisquer constrangimentos futuros. Durante o andamento das atividades, eu terei o total direito de abandonar a pesquisa, caso manifeste essa vontade, sem que sofra alguma penalidade ou consequência por isso. É garantido o esclarecimento de eventuais dúvidas sobre a metodologia, antes e durante o curso da pesquisa. Após o término da presente pesquisa, receberei uma devolutiva dos resultados e das análises efetuadas.

Não é necessário considerar medidas de proteção de riscos ou previsão de ressarcimento dos gastos, já que esta pesquisa não envolve prejuízo financeiro a mim. As entrevistas poderão ser realizadas no centro espírita que frequento (desde que haja permissão da instituição), ou mesmo em minha residência, ou outro local que me seja acessível, tal como for acordado com o pesquisador, em horário marcado previamente, com a minha anuência e sem maiores impedimentos às minhas atividades diárias. Não receberei remuneração por participar deste estudo, mas estou ciente de que minha contribuição pessoal poderá ser de grande valia para a expansão do conhecimento científico acerca da mediunidade e das experiências paranormais.

Consentimento da participação da pessoa como voluntário(a)

Eu, _____,

RG ou CPF: _____ abaixo assinado, concordo em participar do estudo "Metamorfoses do Espírito: usos e sentidos das crenças e experiências paranormais na construção da identidade de médiuns espíritas". Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador Everton de Oliveira Maraldi sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade ou prejuízo.

Local _____. Data ____ / ____ / ____.

Assinatura do(a) participante:

Assinatura do pesquisador:
